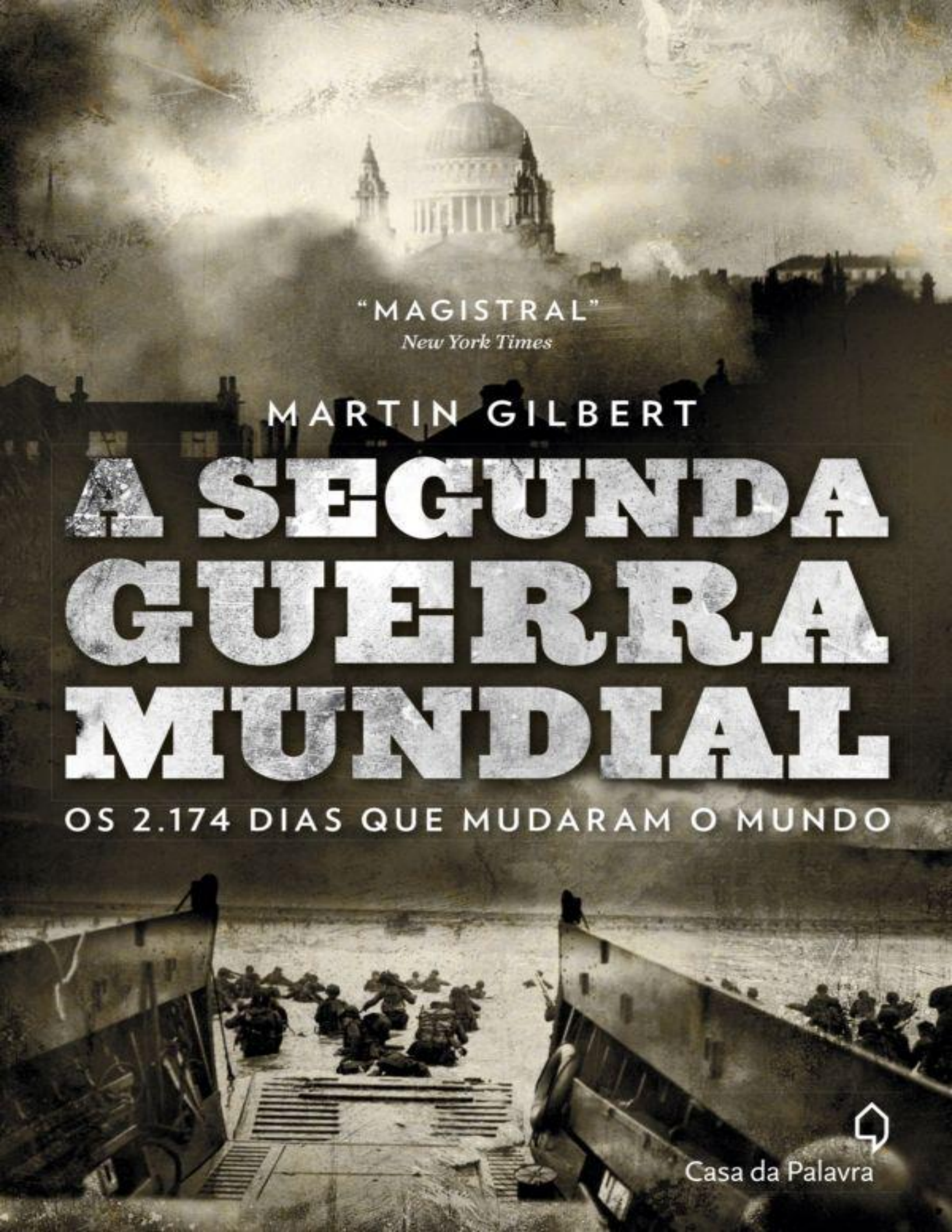




"MAGISTRAL"

New York Times

MARTIN GILBERT

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

OS 2.174 DIAS QUE MUDARAM O MUNDO



Casa da Palavra



Ficha Técnica

The Second World War Copyright © 1989 by Martin Gilbert

Copyright © 2014 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Copidesque: Elisa Nogueira, Vicente Saul Moreira dos Santos

Revisão: Tiago Ramos

Capa: Sérgio Campante

Fotos de capa: © Robert Sargent / Getty Images
© Time & Life Pictures / Getty Images

NOTA DOS TRADUTORES

Os tradutores agradecem a João Freire o esclarecimento de alguns problemas e dúvidas surgidos ao longo deste trabalho.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
G393s

Gilbert, Martin

A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo / Martin Gilbert; tradução Ana Luísa Faria, Miguel Serras
Pereira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

Tradução de: *Second world war*

Inclui bibliografia e índice

ISBN 9788577344666

1. Guerra Mundial, 1939-1945 – História. I. Título.

14-12572 CDD: 940.53

CDU: 94(100)'1939/1945'

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, 1001 – Rio de Janeiro – RJ – 20030-070

21.2222 3167 21.2224 7461

divulga@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

A invasão da Polônia pela Alemanha

Setembro de 1939

A Segunda Guerra Mundial foi um dos conflitos mais devastadores da história da humanidade: mais de 46 milhões de militares e de civis morreram, muitos em circunstâncias de crueldade prolongada e terrível. Nos 2.174 dias de guerra entre o ataque da Alemanha à Polônia em setembro de 1939 e a rendição do Japão em agosto de 1945, a esmagadora maioria daqueles que morreram, quer na frente de batalha quer na retaguarda, tinha nomes e rostos obscuros, exceto para as poucas pessoas que os conheciam ou os amavam – mas, em casos que talvez também atinjam uma cifra de milhões, foram eliminados até mesmo aqueles que em anos posteriores poderiam ter recordado uma vítima. Não foram apenas 46 milhões de vidas aniquiladas, mas a vida e a vitalidade vibrantes que haviam recebido como herança e que poderiam ter deixado aos seus descendentes: uma herança de trabalho e de alegria, de luta e de criatividade, de saber, de esperanças e de felicidade que ninguém receberia ou transmitiria.

Inevitavelmente, e porque foram quem mais sofreu com a guerra, essas milhões de vítimas preenchem boa parte destas páginas. Por mais que muitas possam ser – e são – nomeadas, o legado mais amargo da guerra é a tragédia de homens, mulheres e crianças anônimos. Há coragem, também, nestas páginas: a coragem dos soldados, dos marinheiros e dos aviadores, a coragem dos guerrilheiros, dos resistentes e daqueles que, famintos, nus e sem forças ou armas, foram enviados para a morte.

Quem foi a primeira vítima de uma guerra que faria mais de quarenta milhões delas? Um prisioneiro desconhecido jogado num dos campos de concentração de Adolf Hitler, provavelmente um criminoso comum. Numa tentativa de apresentar a Alemanha como vítima inocente de uma

agressão polonesa, vestiram-lhe um uniforme polonês e levaram-no para a cidade alemã de Gleiwitz, na fronteira, onde a Gestapo o assassinou na noite de 31 de agosto de 1939, numa estranha encenação de um “ataque polonês” à estação de rádio local. Na manhã seguinte, quando as tropas alemãs entraram na Polônia, Hitler apresentou, como um dos motivos para justificar a invasão, “o ataque ao retransmissor de Gleiwitz por tropas polonesas”.

O episódio de Gleiwitz, numa homenagem ao chefe da SS que colaborou com sua preparação, recebeu o nome de operação Himler. Nessa mesma noite de 31 de agosto, a União Soviética, que menos de uma semana antes se aliou à Alemanha, conseguiu finalmente derrotar os japoneses na fronteira com a Mongólia, quando as forças comandadas pelo general Zhukov venceram as últimas resistências do 6º exército japonês em Khalkhin Gol. Enquanto terminava uma guerra, iniciava-se outra, que entrou para a história com o nome de Segunda Guerra Mundial.

A ofensiva alemã de 1º de setembro de 1939 na Polônia não repetiu as táticas da Primeira Guerra Mundial, em que as unidades de infantaria avançavam até ficarem encurraladas numa linha de trincheiras para então organizarem uma série de ataques contra um inimigo firmemente instalado. O método adotado por Hitler foi a Blitzkrieg – guerra-relâmpago. Primeiro, e sem qualquer aviso, uma série de ataques aéreos destruíram, ainda no solo, boa parte da força aérea do país agredido. Depois, os bombardeiros visaram as comunicações rodoviárias e ferroviárias, os quartéis, os depósitos de munições e os centros urbanos, lançando confusão e pânico. Num terceiro momento, os bombardeiros de mergulho localizaram colunas de tropas em marcha e bombardearam-nas enquanto os aviões de combate metralhavam os refugiados civis que procuravam fugir dos soldados invasores, lançando caos nas estradas e impedindo o avanço da defesa polonesa.

A Blitzkrieg veio inicialmente do céu, depois chegou por terra; primeiro, em ondas sucessivas de infantaria motorizada, de tanques ligeiros e de autometralhadoras que avançaram tão longe quanto possível. Em seguida, tanques pesados penetraram as zonas rurais mais remotas, flanqueando as cidades e os pontos fortificados. Por fim, depois de tantos estragos e de tanto território percorrido, a infantaria – soldados

que avançavam a pé –, fortemente apoiada pela artilharia, avançou para ocupar as áreas já invadidas, para debelar as resistências que subsistissem e para fazer a ligação com as unidades motorizadas do assalto inicial.



A invasão alemã da Polônia, 1º de setembro de 1939: panorâmica de uma posição polonesa atingida, tirada de um bombardeiro alemão.

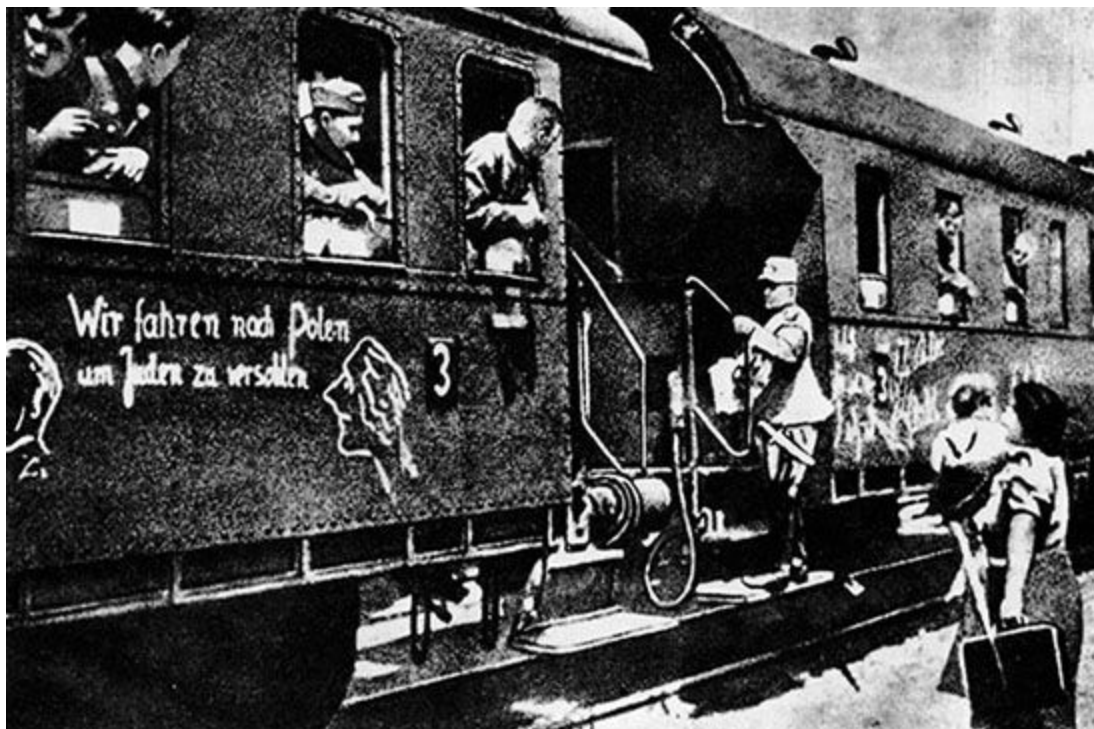


A INVASÃO ALEMÃ À POLÔNIA, SETEMBRO DE 1939.

Vinte e quatro horas após o ataque alemão à Polônia, um comunicado oficial do governo polonês relatou que 130 cidadãos, entre eles doze soldados, haviam sido mortos em ataques aéreos a Varsóvia, a Gdynia e a várias outras cidades. “Dois bombardeiros alemães foram abatidos e os quatro ocupantes, miraculosamente ilesos, foram presos”, dizia o comunicado, “quando uma formação de 41 aviões alemães surgiu sobre a zona leste de Varsóvia na tarde de sexta-feira. A população assistiu a uma emocionante batalha aérea sobre o coração da cidade. Várias casas foram incendiadas e o hospital para crianças judias deficientes foi bombardeado e destruído”.

Na manhã de 2 de setembro, aviões alemães bombardearam a estação da estrada de ferro na cidade de Kolo, onde estava parado um trem de refugiados civis evacuados das cidades fronteiriças de Jarocin e Krotoszyn; 111 deles morreram no ataque.

O objetivo de Hitler ao invadir a Polônia não era apenas recuperar os territórios perdidos em 1918, mas sujeitar o país ao jugo alemão. Para esse fim, ordenou que três regimentos da SS com a insígnia da caveira avançassem no encalço das tropas de infantaria para impor as chamadas “medidas de polícia e de segurança” na retaguarda das linhas alemãs. O comandante desses três regimentos, Theodor Eicke, explicou aos seus oficiais, reunidos numa das bases da SS – o campo de concentração de Oranienburg – nesse primeiro dia da guerra, em que consistiam tais medidas. Para proteger o Terceiro Reich, explicou Eicke, a SS teria de “encarcerar ou aniquilar” todos os inimigos do nazismo, tarefa que representava um desafio até mesmo para a “severidade absoluta e inflexível” que o trabalho nos campos de concentração ensinara aos regimentos da caveira.



Tropas alemãs a caminho da frente polonesa. O slogan inscrito no vagão diz:
“Vamos para a Polônia esmagar os judeus.”

Essas palavras tão premonitórias se traduziram em atos: uma semana depois da invasão da Polônia pela Alemanha, 24 mil oficiais e homens dos regimentos da caveira estavam prontos para iniciar sua tarefa. Num dos vagões de trem utilizados pelas tropas alemãs rumo ao leste, alguém escreveu com tinta branca: “Vamos para a Polônia espancar os judeus.” Não seriam só os judeus, mas os poloneses, as vítimas desse combate na retaguarda da guerra. Dois dias após Eicke dar suas instruções aos regimentos da caveira, Heinrich Himmler incumbiu o general da SS, Udo von Woyrsch, a levar a cabo a “supressão radical da insurreição polaca incipiente nas zonas recém-ocupadas da Alta Silésia”. A palavra “radical” era um eufemismo para “implacável”.

Aldeias inteiras foram incendiadas e reduzidas a pó. Em Truskolasy, em 3 de setembro, 55 camponeses poloneses foram cercados e abatidos a tiro, incluindo uma criança de dois anos. Em Wieruszow, vinte judeus foram reunidos na praça do mercado, entre os quais Israel Lewi, um homem de 64 anos. Quando sua filha, Liebe Lewi, correu para junto do pai, um alemão mandou-a abrir a boca por demonstrar “falta de respeito” e disparou-lhe uma bala. Liebe Lewi caiu morta no chão. Os vinte judeus foram executados em seguida.

Nas semanas que se seguiram, atrocidades semelhantes eram vulgares e frequentes, praticadas numa escala sem precedentes. Enquanto os soldados lutavam em batalhas, civis eram massacrados.

Na tarde de 3 de setembro, bombardeiros alemães atacaram a indefesa cidade de Sulejov, onde se encontrava uma pacífica população de 6.500 poloneses e judeus e uns três mil refugiados. Em poucos instantes, o centro da cidade estava ardendo em chamas. Quando milhares de pessoas correram para os bosques próximos em busca de abrigo, os aviões alemães, em voo rasante, dispararam com suas metralhadoras. “Enquanto corríamos para os bosques”, lembrou o jovem Ben Helfgott, “as pessoas caíam, com as roupas em chamas. Nessa noite, o céu estava vermelho, refletindo a cidade que ardia”.

Em 3 de setembro, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha. “O objetivo imediato do alto-comando alemão”, disse Hitler aos seus comandantes, “continua sendo a conclusão rápida e vitoriosa das operações contra a Polônia”. Às nove horas dessa noite, no entanto, um submarino alemão, o U-30, comandado por Julius Lemp, torpedeou o

paquete britânico *Athenia*, que foi tomado por um navio da armada. O *Athenia*, que seguia de Liverpool para Montreal, partira antes da declaração de guerra britânica, tendo 1.103 passageiros a bordo. Entre os 112 passageiros que perderam a vida nessa noite, 28 eram cidadãos dos Estados Unidos, mas o presidente americano, Franklin Roosevelt, foi enfático em sua comunicação daquele dia ao povo americano: “Que nenhum homem ou mulher diga, imprudente ou enganosamente, que a América enviará suas tropas para os campos europeus. Neste preciso momento é preparada uma proclamação da neutralidade americana.”

Confiante numa vitória rápida, Hitler saiu de Berlim em seu trem especial, o *Amerika*, na noite de 3 de setembro, onde passaria as duas semanas seguintes, acompanhando os episódios da guerra e recebendo felicitações pelo seu primeiro triunfo militar. O governo britânico, entretanto, pusera em ação seu plano aéreo ocidental no 14, que consistia em lançar na Alemanha panfletos de propaganda antinazista. Na mesma noite, dez aviões atravessaram o mar do Norte e a fronteira alemã transportando treze toneladas de panfletos que seriam soltos sobre o Ruhr: seis milhões de folhas de papel em que se dizia aos alemães: “Seus chefes condenaram vocês aos massacres, às misérias e às privações de uma guerra que não podem ter a menor esperança de ganhar.”

O primeiro bombardeamento da Alemanha por aviões britânicos aconteceu em 4 de setembro, enquanto as tropas alemãs continuavam a avançar pelo território polonês sob a proteção de uma força aérea bastante superior. Nesse dia, dez bombardeiros Blenheim atacaram navios e instalações navais alemães em Wilhelmshaven. Os navios não sofreram estragos irreparáveis, mas cinco bombardeiros foram abatidos por antiaéreos alemães. Entre os mortos britânicos estava o tenente H. B. Lightoller, filho do oficial superior britânico que sobrevivera ao naufrágio do *Titanic* antes da Primeira Guerra Mundial.

Na Grã-Bretanha, a notícia do ataque aos navios de guerra alemães levantou o moral da população. “Até vimos roupas penduradas numa corda”, disse aos ouvintes da rádio o tenente da força aérea que conduziu o ataque. “Quando sobrevoamos o navio”, acrescentou, “vimos os membros da tripulação correndo apressadamente para seus postos. Lançamos nossas bombas. O segundo piloto, que vinha atrás de mim, viu

duas delas acertarem o alvo”. Tanto o tenente quanto o piloto que fizera o reconhecimento foram condecorados com a Cruz de Fogo Distinto.

Os pilotos britânicos foram ordenados a não pôr em risco a vida das populações civis alemãs. Nesse momento da guerra, tais ordens pareciam não apenas morais, mas possíveis. Os comandantes alemães não deram ordens semelhantes. “Explodiu em toda parte uma guerrilha brutal”, escreveu, em 4 de setembro, o chefe dos serviços de manutenção, Eduard Wagner, “e estamos esmagando-os impiedosamente. Não vamos voltar atrás. Já criamos tribunais de exceção, que funcionam em sessões contínuas. Quanto mais forte a repressão, mais depressa teremos paz”. Essa repressão veio por terra e por ar; ao entrar em Piotrkow, em 5 de setembro, os alemães queimaram dúzias de casas de judeus e abateram aqueles que conseguiram fugir dos locais incendiados. Entrando numa casa que escapara das chamas, os soldados tiraram dali seis judeus e ordenaram-lhes que corressem; cinco foram abatidos, e o sexto, Reb Bunem Lebel, morreu em consequência dos ferimentos.

Muitas aldeias foram incendiadas na Polônia naquela semana: milhares de pessoas sucumbiram nos incêndios ou foram mortas enquanto fugiam. Duas guerras espalhavam-se simultaneamente: a frente de batalha com homens armados e os ataques às outrora imunes vilas e aldeias. E outra guerra começara no mar, cujo curso seria tumultuoso e não respeitaria quaisquer limites. Nesse 5 de setembro, os submarinos alemães afundaram cinco navios mercantes desarmados – quatro britânicos e um francês. Os britânicos não demoraram a responder: o HMS *Ajax*, em ação nesse dia, afundou dois navios mercantes alemães “de acordo com as leis da guerra”, como o primeiro lorde do mar, Winston Churchill, comunicou aos seus colegas do Gabinete de Guerra. Os navios mercantes não tinham parado quando intimados a fazê-lo pelos britânicos.

Todos os dias se registravam novos casos de desrespeito e de desprezo pelas leis de guerra por parte dos alemães. Em 6 de setembro, num campo próximo à aldeia polonesa de Mrocza, os alemães abateram dezenove oficiais poloneses que haviam rendido-se após um combate tenaz contra uma unidade alemã blindada. Outros prisioneiros de guerra poloneses foram trancados na casinhola de um chefe de estação de estrada de ferro, que os alemães incendiaram. Todos os prisioneiros morreram. Daí em diante, os prisioneiros de guerra já não sabiam se as

leis consagradas para conflitos armados, tais como haviam sido estipuladas pelas sucessivas convenções de Genebra, seriam ou não aplicadas: as leis que pautavam a atuação dos nazistas eram completamente divergentes daquelas que foram pouco a pouco elaboradas ao longo do século anterior.



Soldados alemães entram na cidade polonesa de Gdynia, setembro de 1939.

Para os judeus, anunciavam-se os horrores mais extremos, a serem perpetrados por esse conquistador que gabava-se do fato de que os judeus seriam sua principal vítima. Discursando em Berlim sete meses antes do início da guerra, Hitler declarou que, caso o conflito explodisse, “o resultado não seria a bolchevização da terra, com a consequente vitória do gueto judeu, mas o aniquilamento da raça judaica na Europa”. Seis dias de guerra haviam mostrado que o massacre dos judeus seria parte integrante da conquista alemã. Num gesto desafiador, o Dr. Chaim Weizmann, velho político e promotor do Movimento Sionista, escreveu ao primeiro-ministro britânico, Neville Chamberlain, dizendo que os judeus combateriam ao lado das democracias contra a Alemanha nazista; a carta foi publicada no *Times* em 6 de setembro. Nesse dia, Hitler foi conduzido num automóvel de seu trem especial até o campo de batalha de Tucheler Heide, onde um corpo de tropas polonesas fora cercado. Enquanto observava a batalha, recebeu uma mensagem informando-o de que as forças alemãs haviam entrado na cidade de Cracóvia, no sul da Polônia.

A guerra tinha uma semana de duração; Cracóvia, uma importante cidade, com mais de 250 mil habitantes, estava sob o controle dos alemães. No dia seguinte, 7 de setembro, o chefe da SS, Reinhard Heydrich, anunciou aos comandantes das forças especiais de Eicke que se preparavam para avançar no encalço dos soldados da infantaria: “A classe dirigente polonesa deve ser, tanto quanto possível, neutralizada. As classes inferiores, ou o que delas restar, não terão direito a medidas especiais, mas deverão ser subjugadas de uma maneira ou de outra.” Eicke dirigiu pessoalmente o trabalho dessas unidades, a partir do quartel-general instalado no trem de Hitler, onde, em 7 de setembro, o Führer disse ao comandante-chefe do exército, o general Brauchitsch, que suas forças “deveriam abster-se de interferir” nas implacáveis operações da SS. No dia seguinte, um batalhão da SS executou 33 civis poloneses na aldeia de Ksiazki – execuções semelhantes se tornariam prática cotidiana.

Os colaboradores mais próximos a Hitler rapidamente compreenderam quais eram suas intenções. Em 9 de setembro, o coronel Eduard Wagner discutiu o futuro da Polônia com o chefe do estado-maior do exército, o general Halder. “É intenção do Führer e de Göring”, escreveu Wagner em

seu diário, “destruir e exterminar a nação polonesa. Mais do que isso, não pode sequer ser objeto de alusões por escrito”.

A Grã-Bretanha e a França não encontraram grandes oportunidades para levar a cabo ações militares que se traduzissem em auxílio substancial à Polônia. Em 7 de setembro, várias unidades militares francesas atravessaram a fronteira alemã em três pontos, nas imediações de Saarlouis, Saarbrücken e Zweibrücken, mas não houve confrontos sérios. A frente ocidental permaneceu tranquila. Em Londres, uma Comissão de Forças Terrestres, especialmente criada pelo Ministério da Guerra, debateu a escala do futuro esforço militar da Grã-Bretanha. Em sua primeira reunião, em 7 de setembro, Churchill propôs a criação de um exército com vinte divisões até março de 1940. “Temos de ocupar nosso lugar nas linhas”, disse ele, “se queremos manter coesa a Aliança e ganhar a guerra”. Em seu relatório datado do dia seguinte, a Comissão de Forças Terrestres previa, como base para o planejamento militar britânico, que a guerra durasse “pelo menos três anos”. As primeiras vinte divisões deveriam ser criadas nos doze meses seguintes, junto com outras 35 divisões até ao fim de 1941. Entretanto, o esforço de guerra britânico teria um cunho essencialmente defensivo: o dia 7 de setembro assistiu à inauguração das duas primeiras carreiras de navios mercantes escoltados por contratorpedeiros, partindo uma do estuário do Tâmesa e do canal da Mancha e a outra, de Liverpool, ambas para o Atlântico.

Nesse dia, junto da cidade polonesa de Lodz, uma região industrial a oeste do país, decorria um último esforço das tropas para conter o avanço alemão. As unidades de combate da SS registraram que à tarde, em Pabianice, “os poloneses lançaram ainda outro contra-ataque. Irromperam sobre os corpos de seus camaradas caídos. Não avançavam com a cabeça baixa como homens que afrontam chuva intensa – e, em geral, a infantaria avança assim –, mas com a cabeça levantada como nadadores sobre as ondas. Não hesitavam”.

Dentro da Alemanha, aqueles que se opuseram aos excessos do nazismo anteriores à guerra não foram menos críticos em relação à invasão da Polônia, mas a ameaça de internamento num campo de concentração era um poderoso dissuasor das críticas públicas. Antes, milhares de alemães já haviam fugido à tirania. Mesmo após o início da guerra tais fugas continuavam possíveis, embora fossem perigosas. Em 9

de setembro, um dos mais destacados juristas alemães, Gerhard Leibholz, conseguiu fugir com a mulher e as duas filhas atravessando a fronteira suíça. A mulher de Leibholz era irmã gêmea de Dietrich Bonhoeffer, pastor cujos sermões haviam sido extremamente diretos na denúncia do racismo e da brutalidade. Como o pai de Leibholz era judeu, este precisaria usar, em virtude de uma lei recentemente promulgada, um passaporte carimbado com um “J”. Foi esse o fato que impeliu sua decisão de fugir.

Leibholz teve sorte: no dia de sua fuga, 630 prisioneiros políticos tchecos foram transportados da Boêmia para o campo de concentração de Dachau, ao norte de Munique. Poucos sobreviveriam às duras condições de trabalho e ao tratamento brutal.

Na Polônia, a fuga era praticamente impossível. A velocidade da ofensiva alemã encurralou militares e civis. No setor de Poznan, dezenove divisões polonesas – quase o mesmo número de efetivos que a Grã-Bretanha planejava ter a postos em março de 1940 – foram cercadas; na batalha que se seguiu, junto ao rio Bzura, 170 mil soldados poloneses foram feitos prisioneiros.

Por trás das linhas, as atrocidades continuavam. Em Bedzin, em 8 de setembro, centenas de judeus foram levados para uma sinagoga que foi incendiada. Duzentos morreram queimados. No dia seguinte, os alemães acusaram cinicamente os poloneses por esse crime, prenderam determinado número de reféns e executaram trinta deles numa das principais praças públicas.

Em 10 de setembro, o general Halder anotava em seu diário que um grupo da SS, após obrigar cinquenta judeus a trabalharem o dia inteiro na reparação de uma ponte, empurraram-nos para o interior de uma sinagoga onde foram fuzilados. “Estamos transmitindo ordens impiedosas, que eu mesmo redigi hoje”, escreveu o coronel Wagner em seu diário, em 11 de setembro. “Não há nada como a pena de morte! Nos territórios ocupados não há outra solução.”

Uma das testemunhas oculares desse massacre de civis foi o almirante Canaris, chefe dos serviços de contraespionagem alemães. Em 10 de setembro, deslocou-se à frente de combate para observar o exército alemão em ação. Em todos os locais por onde passava, seus subordinados dos serviços secretos falavam-lhe de “uma orgia de massacres” e

relatavam que os civis poloneses eram obrigados a cavar enormes sepulturas antes de serem alinhados à beira das valas e ceifados à metralhadora. Em 12 de setembro, Canaris dirigiu-se ao trem onde estava instalado o quartel-general de Hitler e, em seguida, a Ilnau, na Alta Silésia, para protestar. Encontrou-se, primeiro, com o general Wilhelm Keitel, chefe do alto-comando das forças armadas. “Informaram-me”, disse Canaris a Keitel, “que estão sendo planejadas execuções em massa na Polônia e que certos membros da nobreza polonesa e bispos e padres da Igreja Católica foram designados como alvos de extermínio”.

Keitel insistiu com Canaris, tentando que ele não fosse adiante naquela questão. “Se eu fosse você”, disse, “não me meteria no assunto. Essa ‘coisa’ foi decidida pelo Führer em pessoa”. Keitel acrescentou que, a partir desse momento, todos os comandos militares alemães na Polônia teriam um chefe civil, além do chefe militar, encarregado daquilo que Keitel chamou de programa de “extermínio racial”. Alguns momentos mais tarde, Canaris encontrou-se com Hitler, mas nada disse. Abalado por tudo o que soubera, regressou a Berlim menos firme em sua lealdade a Hitler. Um opositor de Hitler desde 1933, Carl Goerdeler, antigo presidente da Câmara em Leipzig, contou a outro adversário do nazismo que Canaris regressara da Polônia “extremamente abatido” pela “brutalidade” com que a Alemanha conduzia a guerra.

Aquilo que Keitel chamou “programa de extermínio racial” seus executores deram um nome diferente. Em 13 de setembro, dia seguinte à visita de Canaris ao trem de Hitler, uma das divisões SS com a insígnia da caveira, a Brandenburg, iniciou o que designou como “medidas de limpeza e de segurança”, que incluíam, segundo o relatório da própria divisão, a prisão e o fuzilamento de grande número de “elementos suspeitos, saqueadores, judeus e poloneses”, muitos deles mortos “quando tentavam fugir”. Em menos de duas semanas, a divisão Brandenburg deixara um rasto de assassinatos em mais de treze vilas e aldeias polonesas.

O foco dos combates deslocava-se para Varsóvia, onde os bombardeiros alemães atacavam com ferocidade considerável. Com efeito, um dos tópicos do protesto de Canaris a Keitel foi a “devastação” da capital polonesa. Em 14 de setembro, os bombardeamentos foram particularmente intensos. Para os 393 mil judeus de Varsóvia, um terço

da população da cidade, esse era um dia santo e, em geral, festivo, o ano-novo judeu. “Precisamente quando as sinagogas estavam cheias”, anotou em seu diário uma testemunha ocular, “Nalewki, o bairro judeu de Varsóvia, começou a ser bombardeado. O resultado desse ataque aéreo foi sangrento”. Nesse dia, as forças alemãs entravam na cidade de Przemyśl, no sul da Polônia, onde dezessete mil habitantes, um terço de seu total, eram judeus. Quarenta e três entre os mais destacados cidadãos judeus foram presos, brutalmente espancados e abatidos; entre eles, Asscher Gitter, cujo filho, como tantos outros, emigrara para os Estados Unidos na esperança de que um dia seu pai o seguisse. Nesse dia, na cidade de Sieradz, cinco judeus e dois poloneses foram mortos; em Czystochowa, a administração civil alemã ordenou que todas as propriedades industriais e comerciais de judeus fossem entregues a “arianos”, quer o dono tivesse fugido da cidade ou não; em Piotrków, foi promulgada uma postura que proibia os judeus de permanecerem na rua depois das dezessete horas; Getzel Frenkel, de 27 anos, ao regressar à sua casa às 17h05, foi assassinado com um tiro por não respeitar a ordem.

O exército polonês, embora lutasse tenazmente, continuava a recuar enquanto eram bombardeadas as vias de comunicação por onde batia em retirada para o leste do país. Um oficial polonês recorda que em 14 de setembro, nas imediações de Przemyśl, após sua divisão de infantaria ter atravessado o rio San, a aviação alemã “atacava-nos com frequência. Não havia abrigos em parte nenhuma; nada à nossa volta a não ser aquela malfadada planície. Os soldados saíam da estrada e procuravam refúgio nas valas dos campos, mas a sorte dos cavalos ainda era pior. Após um ataque, contamos 35 cavalos mortos”. A marcha para leste, escrevia o oficial, “não parecia a marcha de um exército, mas a caminhada de um povo bíblico, afugentado pela ira dos céus, perdendo-se no deserto”. Na manhã seguinte, em Jarosław, Hitler assistiu à travessia do rio San pelas forças alemãs, que perseguiam, muito perto, as tropas polonesas.

Os generais de Hitler, uma vez que o exército polonês fora desbaratado, propuseram que Varsóvia, cercada, fosse deixada sem abastecimentos até que se rendesse, mas Hitler rejeitou a ideia de um cerco de longa, ou mesmo de curta, duração. A capital polonesa era, insistia ele, uma fortaleza e devia ser bombardeada até a rendição.



Prisioneiros de guerra poloneses capturados pelos alemães em setembro de 1939.

O exército polonês, em seu esforço para escapar aos incessantes avanços e ataques aéreos alemães, alimentava a esperança de reagrupar-se na região oriental do país, mais precisamente nas imediações de Lvov, a mais importante cidade do leste da Galícia. Porém, nas primeiras horas de 17 de setembro, essas esperanças foram esmagadas. Desconhecida pelos poloneses e até mesmo pelos generais de Hitler, uma cláusula secreta do Pacto de Não Agressão Germano-Soviético, assinado em 23 de agosto de 1939, traçava, no território polonês, uma linha de demarcação a partir da qual o controle estava a cargo dos soviéticos. Nesse 17 de setembro, o ministro das Relações Exteriores soviético Vyacheslav Molotov, numa declaração feita em Moscou, anunciou que o governo polonês não mais existia. Consequentemente, dizia, as tropas soviéticas receberam a ordem de ocupar o leste da Polônia. Os poloneses, tão desesperadamente empenhados em fugir à ofensiva alemã, não poderiam resistir.

Duas colunas do exército soviético aproximavam-se, entretanto, da linha de demarcação. Cento e sessenta quilômetros antes de alcançarem-na, encontraram tropas alemãs que, à custa de um esforço considerável, haviam conseguido penetrar as regiões orientais da Polônia. Esses alemães retiraram-se, entregando aos russos os militares poloneses que fizeram prisioneiros. Em Lvov, foi um general soviético quem ordenou que as tropas polonesas depusessem as armas. Assim fizeram, sendo imediatamente cercados pelo Exército Vermelho e conduzidos para o cativeiro. Milhares de outros poloneses foram capturados pelas forças russas durante seu avanço e muitos se renderam aos russos para não correr o risco de cair nas mãos dos alemães. Em Varsóvia, o combate prosseguia, com baixas significativas entre os civis, pois as bombas caíam constantemente. Nessa noite, no oceano Atlântico, os britânicos sofreram seu primeiro revés naval: a perda de 518 marinheiros do porta-aviões *Courageous*, torpedeado na costa irlandesa pelo submarino alemão U-29, comandado por Otto Schuhart. Para o chefe da marinha alemã, almirante Doenitz, foi, como escreveu em seu diário, “um magnífico sucesso”. Para Churchill, como primeiro lorde do mar, era um sombrio aviso acerca dos perigos da guerra no mar; Churchill tivera oportunidades de ver, na Primeira Guerra Mundial, como os submarinos

alemães quase conseguiram cortar os abastecimentos britânicos de alimentos e de matérias-primas.

Na Grã-Bretanha, a sorte da Polônia afligia quem havia verificado a impotência dos dois aliados ocidentais em assumir uma contrainiciativa séria. “Pobres diabos!”, escrevia um inglês, em 18 de setembro, a um amigo na América, “são magníficos combatentes e parece-me que todos aqui temos a sensação incômoda de que, uma vez que somos seus aliados, deveríamos – custe o que custar – lançar uma ofensiva esmagadora na frente ocidental para desviar a atenção dos alemães. Imagino que só não o fizemos porque nem nós nem a França temos ao nosso dispor equipamento suficiente”. Os alemães estavam confiantes de que nenhum movimento de tropas britânicas ou francesas evitaria sua vitória iminente. Em 18 de setembro, os ouvintes de rádio britânicos escutaram pela primeira vez a voz anasalada de William Joyce, em pouco tempo apelidado de lorde Haw-Haw, falando, a partir de Berlim, aos seus compatriotas para dizer-lhes que a guerra estava perdida – menos de um mês após ter renovado seu passaporte britânico. Alguns quilômetros ao norte de Berlim, no campo de concentração de Sachsenhausen, o verdadeiro rosto do nazismo revelou-se naquele dia, quando Lothar Erdman, um distinto jornalista e sindicalista alemão do regime anterior a 1933, tendo corajosamente protestado contra os maus-tratos infligidos aos outros prisioneiros, foi brutalmente espancado, sofrendo graves lesões internas que o mataram.

Em Varsóvia, os defensores poloneses recusavam-se a aceitar a lógica da força alemã. Um médico polonês, juntando-se a um grupo de homens que buscava medicamentos, encontrou alguns no porão de uma farmácia que se encontrava sob o fogo da artilharia alemã. Ali estava também um espião alemão, que vivia na Polônia havia doze anos. Apanharam-no com um emissor de rádio em miniatura, enviando mensagens para o quartel-general das tropas alemãs. “Depois de breves formalidades”, escreve o médico, “o despachamos ‘com os nossos cumprimentos ao Hindenburg’”.

Dezenove de setembro foi o décimo dia em que Varsóvia se encontrava sob o fogo de artilharia. Havia morrido tantos poloneses que os parques públicos foram utilizados como cemitérios. Tenazmente, as forças de defesa combatiam para conservar em seu poder o perímetro da cidade.

Vários tanques alemães foram imobilizados ao tentarem penetrar cedo demais nos subúrbios. Tropas alemãs que avançaram muito foram capturadas, mas os bombardeamentos eram incessantes. “Hoje, pela manhã”, escreveu um policial polonês em seu diário naquele dia, “um bombardeiro alemão largou uma bomba que caiu numa casa, não muito longe de meu quartel, que eu havia transformado em prisão provisória para noventa e poucos alemães capturados nos combates da última noite. Vinte e sete morreram”.

Enquanto Varsóvia tremia e sangrava debaixo das bombas, as primeiras tropas britânicas, um corpo do exército, desembarcaram na França, mas não estava prevista qualquer ação de caráter militar. A frente ocidental permaneceu firmemente na defensiva. Ao norte de Varsóvia, Hitler entrou triunfalmente na cidade livre de Danzigue, que fora separada da Alemanha por exigência das potências vitoriosas ao final da Primeira Guerra Mundial. A multidão que o acolheu demonstrou alegria histórica. “Foi assim em toda parte”, explicou a um membro recente da comitiva de Hitler o chefe do estado-maior adjunto do exército, Rudolf Schmundt, “no Reno, em Viena, nos Sudetos e em Memel. E ainda duvida da missão do Führer?”

Dirigindo-se aos habitantes de Danzigue em 19 de setembro, Hitler falou de “Deus Todo-Poderoso, que agora deu às nossas armas sua bênção”. Disse também, misteriosamente, numa ameaça velada à França e à Grã-Bretanha: “Poderá chegar muito em breve o momento de usarmos uma arma que não poderá ser utilizada para nos atacar.”

De Danzigue, Hitler mudou-se para um hotel na estância de veraneio de Zoppot, onde apresentou a um grupo que incluía seu médico particular, Dr. Karl Brandt, o chefe de sua chancelaria, Philipp Bouler, e o chefe dos oficiais médicos do Reich, Dr. Leonardo Conti, seu plano de extermínio dos loucos no interior do território alemão. A pureza do sangue germânico precisava ser salvaguardada. O Dr. Conti levantou algumas dúvidas quanto a saber se, do ponto de vista médico, haveria base científica para afirmar que a eutanásia poderia ter consequências eugênicas favoráveis, mas o único objeto de uma discussão séria foi o método mais rápido e menos doloroso para eliminar os pacientes.

Datando sua ordem de 1º de setembro, Hitler delegou então, em Bouler e Brandt, “a plena responsabilidade de conferirem poderes alargados a certos médicos para darem àqueles que são, por todos os critérios humanos, doentes incuráveis, uma morte misericordiosa depois da avaliação mais ponderada possível de seu estado de saúde”.

O centro operacional do programa de eutanásia seria uma casa nos subúrbios de Berlim, em Tiergartenstrasse, no número quatro, morada que deu nome à organização, a partir daí conhecida por T4, comandada por Werner Heyde, professor de neurologia e psiquiatria da Universidade de Würzburg, de 37 anos, que se inscrevera no Partido Nazista no momento de sua vitória política, em 1933. Os manicômios começaram então a ser analisados para que fossem selecionados aqueles a quem era possível dar “uma morte misericordiosa”. Nas palavras de um especialista nazista em eutanásia, o Dr. Pfannmüller: “É para mim intolerável a ideia de que a nata, a fina flor de nossa juventude, perca a vida na frente de guerra para garantir uma existência segura, nos manicômios, a débeis mentais e a elementos insociais.”

Desde os primeiros dias da operação T4, prestou-se atenção especial às crianças de tenra idade, principalmente aos recém-nascidos. Em Görden, próximo de Brandenburg, uma instituição pediátrica estatal criou um Departamento Psiquiátrico Especial para a Infância, aonde eram enviadas e onde eram mortas crianças vindas de toda a Alemanha. Um de seus objetivos, recordou mais tarde um médico que trabalhou na instituição, era “pôr os recém-nascidos para dormir o mais depressa possível”, de modo a evitar a criação de “laços mais fortes entre as mães e seus filhos”.

O programa de eutanásia engrenara. Em Görden e em seis outras instituições espalhadas pela Alemanha, os alemães considerados loucos começaram a ser mortos. Dezenas de milhares viriam a perecer como vítimas da perversão da ciência médica.

Na Polônia, a força especial da SS continuava sua tarefa de extermínio dos judeus, em cada vez mais cidades e vilas, à medida que caíam nas mãos dos alemães. Em 20 de setembro, a seção operacional do 14º exército alemão comunicou que reinava certo mal-estar entre as tropas “devido às medidas francamente ilegais” tomadas, na zona ocupada por esse exército, pela força especial comandada pelo general Von Woyrsch.

As tropas regulares ficavam especialmente indignadas por os elementos da SS “darem provas de sua coragem contra civis indefesos” em vez de combaterem na frente de batalha. O marechal Von Rundstedt declarou imediatamente que a força especial de Von Woyrsch não seria tolerada na zona de guerra e que as medidas antijudaicas iniciadas na zona de Katowice deveriam ser contidas.

A crise que surgira entre as tropas regulares, profissionais, e seus concorrentes SS não poderia ser sanada, contudo planos mais ambiciosos estavam em preparação. Em 21 de setembro, Reinhard Heydrich convocou os comandantes de todas as unidades SS que estavam na Polônia para uma reunião emergencial em Berlim. Os comandantes que não puderam comparecer receberam um resumo secreto da discussão. O “objetivo final” da política alemã em relação aos judeus deveria, afirmava Heydrich, permanecer “estritamente secreto” e somente seria alcançado após “um longo período”. Entretanto, e como pré-requisito desse “objetivo final”, os judeus poloneses deveriam ser reunidos num número limitado de grandes cidades. Todos os judeus, e em especial aqueles da Polônia ocidental, que deveria ficar “completamente livre de judeus”, seriam deportados para tais grandes cidades. Todas as terras de lavoura pertencentes aos judeus seriam confiscadas e “entregues aos cuidados” de alemães residentes na região ou até de camponeses poloneses. Uma vez deportados, os judeus ficariam confinados a um bairro e proibidos de circular em outras partes. Em cada cidade, seria criado um conselho formado por anciãos judeus que assegurasse o bom cumprimento das ordens alemãs relativas à movimentação dos judeus. Em caso de “sabotagem dessas instruções”, os conselhos deveriam ser ameaçados com “as mais severas represálias”.

O plano de Heydrich para recriar no século XX a concepção medieval de guetos seria simplesmente o primeiro passo em direção àquilo que ele e seus colegas das SS chamavam de “a solução final da questão judaica”. Esse plano, todavia, não levou à suspensão dos massacres realizados pela força especial, que haviam suscitado protestos por parte do exército alemão; em 22 de setembro, dia seguinte à conferência organizada por Heydrich, a divisão Brandenburg chegou a Wloclawek, onde iniciou uma “ação judaica” que se prolongou por quatro dias. As lojas dos judeus foram saqueadas, as sinagogas, destruídas com explosivos, e dezenas de

elementos dessa comunidade, capturados e mortos. Ainda com a “ação” em curso, Eicke ordenou que seu comandante enviasse dois batalhões para Bydgoszcz, onde seria levada a cabo uma nova “ação” contra intelectuais poloneses e dirigentes do município. Como resultado dessas instruções, oitocentos poloneses foram fuzilados em 23 e 24 de setembro, menos de três semanas depois dos primeiros massacres na cidade.

O primeiro dia dessa nova matança em Bydgoszcz era também a data mais santa do calendário judaico, o Dia da Reconciliação. Para mostrarem seu desprezo pelos judeus e pelos poloneses, as autoridades alemãs de Piotrkow mandaram que milhares de prisioneiros de guerra poloneses, entre os quais se contavam muitos judeus, entrassem na sala principal da escola religiosa judaica e, vedando-lhes o acesso aos banheiros, obrigaram-nos a fazer ali mesmo suas necessidades. Deram-lhes, depois, xales de oração, as cortinas da Arca da Aliança e os resguardos ricamente bordados dos rolos da lei judaica e mandaram que limpassem os excrementos com esses objetos sagrados.

No mesmo dia dessa ordem repugnante e pueril, outra, transmitida a partir de Berlim a todos os navios de guerra alemães, intensificou a guerra no mar: era um decreto do almirantado ditando que todos os navios mercantes britânicos ou franceses que usassem o rádio após serem detidos por um submarino alemão fossem afundados ou aprisionados.

As tropas alemãs e soviéticas encontravam-se ao longo de toda a linha de demarcação fixada um mês antes por Ribbentrop e Molotov. Na cidade de Varsóvia, na vila de Modlin e na península de Hei, próxima a Danzigue, os poloneses ainda se recusavam a render-se. “O bombardeamento implacável continua”, anotou um oficial polonês em seu diário em 25 de setembro. “Até agora as ameaças alemãs não surtiram efeito. O povo de Varsóvia orgulha-se por não se intimidar.” Os habitantes da cidade estavam à beira da inanição. “Assisti hoje a uma cena reveladora”, acrescentava o oficial. “Um cavalo foi atingido por uma bomba e caiu na rua. Quando, uma hora mais tarde, passei pelo mesmo lugar, restava apenas o esqueleto. A carne fora arrancada pelas pessoas que viviam nas imediações.”

Em 25 de setembro, os alemães lançaram a operação Litoral, um ataque aéreo a Varsóvia utilizando quatrocentos bombardeiros regulares

e de mergulho e aviões de ataque ao solo, apoiados por trinta trimotores para transporte. Esses, ao lançar um total de 72 toneladas de bombas incendiárias sobre a capital polonesa, originaram incêndios de grande extensão, terríveis devastações e elevado número de perdas humanas. A mulher de um oficial polonês, Jadwiga Sosnkowska, que mais tarde fugiu para o Ocidente, recordou, um ano depois, “aquela noite horrível” em que procurara ajudar num dos hospitais da cidade. “Na mesa de operações que eu auxiliava, as tragédias se apresentavam uma após a outra. Uma das vítimas foi uma moça de 16 anos, com uma esplêndida cabeleira dourada, o rosto delicado como uma flor e lindos olhos azul-safira cheios de lágrimas. Suas pernas eram, até os joelhos, uma massa sangrenta em que não se conseguia distinguir carne e osso; ambas precisaram ser amputadas acima do joelho. Antes que o cirurgião começasse a operação, inclinei-me para aquela criança inocente para dar-lhe um beijo na testa, para pousar minha mão impotente em sua cabeça dourada. Morreu tranquilamente na manhã seguinte, como uma flor colhida por mão impiedosa.”

Na mesma noite, lembrou Jadwiga Sosnkowska, “morreu na mesma mesa de operações, nas mãos do cirurgião, uma jovem futura mãe, de 19 anos, que tivera os intestinos dilacerados pela explosão de uma bomba. Estava a poucos dias do parto. Nunca soubemos quem eram seu marido e sua família e enterramos a mulher desconhecida numa vala comum, com os soldados mortos em combate”.

Os habitantes de Varsóvia chegavam ao fim de sua resistência. Nem mesmo a determinação de 140 mil soldados podia fazer com que aguentassem por muito mais tempo. Circulavam boatos fantasiosos, o último refúgio dos desesperados. Alguns diziam que um general polonês estava a caminho, desde o leste do país, liderando tropas soviéticas. Outros afirmavam que viram aviões soviéticos, com a foice e o martelo, combatendo, acima da cidade, a aviação alemã. Na realidade, a insígnia que distingue os aviões soviéticos não é a foice e o martelo, mas uma estrela vermelha com cinco pontas. Esse pormenor era, todavia, irrelevante, diante da difusão dos boatos de auxílio iminente.

Mas não era auxílio, e sim uma ofensiva redobrada, o que estava para chegar. Na manhã de 26 de setembro, o general Brauchitsch mandou que o 8º exército alemão avançasse. Nessa noite, o comandante da guarnição

polonesa pediu uma trégua, mas Brauchitsch recusou: só aceitaria a rendição total. A cidade continuou a lutar. Nesse dia, em Berlim, numa reunião cercada pelo maior sigilo, cientistas alemães debatiam como aproveitar a energia proveniente da fissão nuclear e, para eles, era evidente que seria possível obter uma força explosiva considerável. Precisaria ser fabricado um “queimador de urânio”. Precisariam ser destiladas quantidades consideráveis de água, o que implicaria despesas vultosas. Entusiasmado com a perspectiva de uma arma de potência decisiva, o Ministério da Guerra alemão resolveu patrocinar as necessárias e complexas experiências: estariam ao dispor dos cientistas todos os fundos necessários.

Às 14h de 27 de setembro, Varsóvia rendeu-se: 140 mil soldados poloneses, mais de 36 mil deles estavam feridos e foram capturados. Nos três dias seguintes, os alemães sequer tentaram entrar na cidade. “Eles têm medo”, escreveu em seu diário um oficial polonês, “de mandar os soldados entrar numa cidade que não tem água nem luz e que está cheia de doentes, de feridos e de mortos”.

Centenas de militares e de civis feridos, que poderiam ter sido salvos com assistência médica, morreram, mas não estava nos planos alemães prestar auxílio aos poloneses; no dia da rendição de Varsóvia, Heydrich pôde escrever num relatório, com evidente satisfação: “das classes superiores polonesas, nos territórios ocupados, está presente, no máximo, três por cento.” Uma vez mais, as palavras camuflavam a realidade: “presente” significava “vivo”. Milhares – considerou-se até dezenas de milhares – de professores, médicos, padres, proprietários rurais, homens de negócios e cidadãos notáveis haviam sido capturados e mortos. Os nomes de alguns lugares onde eles foram presos, torturados e mortos se transformariam em sinônimos de morte e de tortura: Stutthof, próximo a Danzig; o campo de Smukala, próximo de Bydgoszcz; a fábrica de lubrificantes de Torun, o Forte VII de Poznan e o campo de Soldau, na Prússia Oriental. Numa diocese no oeste da Polônia, dois terços entre os 690 padres foram presos, tendo sido 214 fuzilados imediatamente. A Polônia convertera-se na primeira vítima de uma nova barbárie dentro da

guerra: a luta desigual entre os vencedores militares e os prisioneiros civis.

A Polônia derrotada

Outubro de 1939

Em Londres e em Paris, a queda de Varsóvia constituiu um profundo choque, suscitando uma onda de simpatia pelo povo polonês, um enorme espanto diante da rapidez do avanço alemão, indignação pela conivência soviética com a divisão de um estado que um mês antes era independente, certa vergonha por não ajudarem, ou terem podido ajudar, a resistência polonesa, e, principalmente, receio de que os protagonistas da “guerra-relâmpago” virassem suas armas e suas táticas contra o Ocidente. Tal receio era, na Grã-Bretanha, reforçado pela suspeita de que agentes alemães estavam infiltrados em muitas áreas da vida britânica para informarem a Alemanha acerca dos preparativos militares e para sabotar o esforço de guerra britânico.

Sem o conhecimento do público, porém, a quase totalidade desses agentes havia sido presa no início da guerra; triunfo confidencial, pouco ou nada louvado, dos serviços secretos britânicos – até os alemães ignoravam essa perda. E não foi a única derrota que sofreram no mundo clandestino da espionagem, pois em 28 de setembro de 1939, dia seguinte à rendição de Varsóvia, os serviços secretos alemães caíram numa armadilha impressionante. Artur Owens, galês que os serviços secretos alemães julgavam ser um de seus agentes, viajou da Grã-Bretanha para a Holanda para encontrar-se com seus superiores alemães e conseguiu convencê-los de que criara, no País de Gales, uma importante rede de agentes alemães, precisando, agora, de instruções e de dinheiro. Recebeu ambos e voltou na mesma noite à Grã-Bretanha. Assim teve início o sistema conhecido por seus autores britânicos como “Sistema de Enganos” ou “Sistema XX”,¹ na linguagem cifrada da espionagem de guerra. Esse processo iludiria inteiramente os alemães;

duas semanas mais tarde, Owens voltou à Holanda com mais um suposto recruta para a rede de espionagem alemã. Era Gwilym Williams, inspetor da polícia reformado de Swansea e, até então, membro ativo do Movimento Nacionalista Galês. Os alemães novamente deixaram-se enganar. Não apenas confiaram a Williams, a quem designaram como agente A-3551, uma série de tarefas de sabotagem que mais tarde foram induzidos a acreditar que ele realmente efetuara, como deram-lhe a casa de um dos muito raros e genuínos agentes alemães na Grã-Bretanha não localizados pelos serviços secretos britânicos. Era o agente A-3725, que também entraria no “Sistema de Enganos”, com o nome “Charlie”. No final do ano, essa falsa rede de espionagem enviava mensagens quase cotidianas para a sede dos serviços secretos alemães, em Hamburgo, recrutava agentes fictícios e preparava uma falsa operação de sabotagem, o plano “Guy Fawkes”, que consistia em envenenar os reservatórios do País de Gales que forneciam água às fábricas de munições e de aeronáutica na zona industrial de Midlands.

Enquanto Arthur Owens levava a cabo sua missão na Holanda, o ministro das Relações Exteriores alemão, Joachim von Ribbentrop, seguia para Moscou, onde, em dois dias de negociações, aceitou, em nome da Alemanha, a zona polonesa a leste do rio Vístula – área que compreendia as regiões mais povoadas e industrializadas do país – ao mesmo tempo em que reconheceu a soberania da União Soviética no leste da Polônia (no que era uma exigência inesperada dos soviéticos) e sobre a Lituânia. O tratado que determinava essa nova divisão da Polônia foi assinado às cinco horas da manhã de 29 de setembro e denominado, sem referência aos estados lituano e polonês que assim desapareciam, “Pacto de Não Agressão Germano-Soviético”. O próprio Stálin desenhou a nova fronteira no mapa, que, em seguida, assinou. Em contrapartida por Lvov, com seus poços de petróleo, estar no lado soviético, Stálin comprometeu-se a fornecer à Alemanha trezentas mil toneladas de petróleo por ano.

Quanto a correções no traçado da fronteira, Stálin aceitou recuar da linha do rio Vístula para o rio Bug, o que significava que as tropas alemãs que haviam chegado ao Bug e se retirado até o Vístula para permitir que o Exército Vermelho ocupasse a região regressariam novamente ao Bug. Vinte e dois milhões de poloneses estavam, portanto,

sujeitos ao domínio alemão. Em 29 de setembro, enquanto Ribbentrop regressava a Berlim, a União Soviética assinava um tratado de auxílio mútuo com o pequeno estado báltico da Estônia, que dava aos russos o direito de ocupar as bases navais da Estônia em Narva, Baltiski, Haapsalu e Pärnū. Seis dias depois, um tratado similar foi assinado com a Letônia; onze dias depois, com a Lituânia. Stálin não queria que existisse um vácuo entre as fronteiras soviéticas fixadas nos anos seguintes à Primeira Guerra Mundial, quando o bolchevismo ainda era fraco, e o agora triunfante colosso nazista, cuja fronteira oriental recortava boa parte daquilo que outrora foi território do czar russo. Do mesmo modo, naturalmente, não agradava a Hitler dar ao seu Reich de mil anos uma fronteira oriental mal defendida. Numa diretiva ultrassecreta de 30 de setembro, ele deu instruções no sentido de que as fronteiras polonesas “sejam constantemente reforçadas e consolidadas, de forma a constituírem uma linha de segurança militar voltada para leste” e de que “as guarnições necessárias para esse fim estejam preparadas para transpor a fronteira política do Reich”.

¹ A palavra inglesa *double-cross* (XX), que significa “enganar”, “lograr”, pode também ser traduzida, literalmente, como “duas cruzes”, daí a abreviatura cifrada. (N. do T.)



A POLÔNIA PARTILHADA, OUTUBRO DE 1939.

A diretiva também aumentou a escala da atividade alemã no Ocidente. A “guerra do mar”, decretava Hitler, deveria ser efetuada “tanto contra a França como contra a Inglaterra”. Os navios de guerra e mercantes “claramente identificados como hostis” podiam, a partir de então, ser atacados sem aviso prévio, assim como os navios que navegassem sem iluminação nas águas costeiras britânicas e os navios mercantes que utilizassem o rádio depois de detidos – sendo estes alvo de canhoneio. O afundamento de tais navios mercantes, determinava o comando naval alemão, “deve ser justificado no diário de bordo como se houvesse sido confundido com um navio de guerra ou com um cruzador auxiliar”.

O afundamento de navios mercantes britânicos era cada vez mais frequente. No dia em que essa diretiva de Hitler foi lançada, o couraçado de bolso alemão *Admiral Graf Spee* afundou o navio mercante britânico *Clement*, elevando as perdas dos aliados no domínio da marinha mercante para um total de 185 mil toneladas em menos de um mês.

Em 30 de setembro, um general polonês, Wladyslaw Sikorski, criou um governo exilado para seu país, instalado em Paris. A cidade de Varsóvia ainda esperava, como nos três dias anteriores, a chegada do exército alemão. “Havia tantos cadáveres por enterrar”, recordava Jadwiga Sosnkowska, “e não havia comida nem medicamentos. Foram dias tristíssimos, que ficarão para sempre em minha memória como aqueles de maior solidariedade e compaixão fraterna entre uma comunidade inteira”. E não apenas boas ações: “um mar de bondade”, acrescenta ela, “brotava dos corações humanos, ansiosos por salvar, por ajudar, por consolar. Os muros da cidade haviam caído, mas os habitantes de Varsóvia continuavam em pé, com a cabeça erguida”.

Em 1º de outubro, o exército alemão preparou-se para ocupar Varsóvia. Antes, porém, exigiu doze reféns – dez cristãos e dois judeus – que responderiam com suas vidas por quaisquer distúrbios que ocorressem enquanto as tropas avançassem. Ao entrarem na cidade, os alemães instalaram cozinhas de campanha e distribuíram gratuitamente sopa e pão à população faminta. Centenas de pessoas foram até lá. Imediatamente, operadores de câmara alemães montaram seus equipamentos e filmaram as tropas alemãs trazendo alimentos aos poloneses famintos. Terminadas as filmagens, desapareceram tanto os operadores de câmara quanto as cozinhas de campanha.

Nesse dia, os últimos soldados poloneses ainda em ação na península de Hel viram-se obrigados a render-se. Três contratorpedeiros e três submarinos poloneses conseguiram escapar ao bloqueio naval alemão e chegar a portos ingleses. A guerra no leste havia terminado: 694 mil soldados poloneses haviam sido capturados pelos alemães enquanto 217 mil estavam em mãos russas. Mais de sessenta mil soldados poloneses haviam morrido em combate, junto com 25 mil civis em três semanas de bombardeamentos aéreos e de artilharia, especialmente em Varsóvia. Os alemães, obrigados, apesar de sua tática de “guerra-relâmpago”, a lutar contra um inimigo tenaz, perderam catorze mil homens.

Na noite de 1º de outubro, os bombardeiros britânicos sobrevoaram Berlim. Largaram sobre a cidade, em vez de bombas, panfletos que diziam aos alemães que, enquanto eram obrigados a ir para a guerra recebendo “rações de fome”, seus chefes mandaram para fora do país enormes somas de dinheiro. Até Himmler, declarava o panfleto, “que vela como um lince para que nenhum alemão passe pela fronteira com mais de dez marcos, enviou clandestinamente para outros países 527.500 marcos”. Ao fim daquele primeiro mês de guerra haviam sido impressos 97 milhões de panfletos, entre os quais 31 milhões já haviam sido distribuídos. Uma piada popular na época dizia que um aviador fora repreendido por ter largado um maço de panfletos ainda atado, como um grande tijolo: “Que diabo! Você poderia ter matado alguém!” O ceticismo do público quanto à eficácia dos panfletos fez com que muitos deles – 39 milhões ao todo – fossem reciclados em vez de distribuídos pela aviação. Os críticos diziam que aquilo não era uma guerra séria, mas uma “guerra de confete”. Ainda assim, a operação prosseguiu.

Na Polônia ocupada pelos alemães, uma guerra cruel seguia, apesar da derrota polonesa. Em 4 de outubro, em Berlim, Hitler assinou uma anistia secreta a favor dos homens das SS que as autoridades militares haviam prendido sob a acusação de brutalidade contra a população civil. No dia seguinte, Hitler voou para Varsóvia, onde presidiu um desfile de tropas comemorativo da vitória. Voltando ao aeroporto, disse aos jornalistas estrangeiros presentes: “Olhem bem para Varsóvia. Eu posso tratar qualquer outra cidade europeia da mesma maneira.”

Quando as fotografias dos estragos causados pelos bombardeamentos em Varsóvia foram reproduzidas nos jornais em todo o mundo, muita gente discutiu, efetivamente, se Paris e Londres também seriam alvo de semelhante devastação. Foi, aliás, o próprio Hitler quem, discursando em Berlim em 6 de outubro, declarou: “Por que manter essa guerra no Ocidente? Pela restauração da Polônia? A Polônia do Tratado de Versalhes nunca mais existirá.” E, além da Polônia, que outro motivo havia para a guerra? Todas as questões importantes poderiam ser resolvidas à mesa de negociações.

Mas as negociações de Hitler eram direcionadas a França e a Grã-Bretanha; a Polônia havia sido excluída. No leste, o terror, e apenas ele, estava na ordem do dia. Em 8 de outubro, dois dias após as tranquilizadoras palavras de Hitler em Berlim, um grupo de vinte a trinta poloneses da aldeia de Swiecie foi conduzido para um cemitério judaico por um destacamento da SS. O grupo incluía várias crianças, de idades entre 2 e 8 anos. Foram todos fuzilados. Cerca de 150 soldados alemães assistiram à execução. Três queixaram-se ao oficial-médico. Este, indignado, escreveu uma carta a Hitler. Não muito tempo depois, Hitler recebeu um novo protesto, do general Blaskowitz, contra tais execuções. O relatório foi apresentado a Hitler pelo seu ajudante de ordens, o capitão Gerhard Engel. “A princípio, ele reagiu com bastante calma”, conta Engel, “mas depois se lançou em mais uma longa fala furiosa contra as ‘ideias pueris’ que reinavam nos altos-comandos militares – não se pode fazer guerra com os métodos do Exército de Salvação”.

No mesmo dia, Hitler assinou um decreto anexando as regiões fronteiriças polonesas à Silésia e à Prússia Oriental e criando, a partir do território da Polônia, três novas províncias do Reich alemão: Grande Prússia Oriental, Danzigue-Prússia Ocidental e Posen. Quatro dias mais tarde, o que restava da Polônia ocupada pelos alemães, incluindo Varsóvia, foi constituído em um governo-geral, tendo como capital Cracóvia. Varsóvia foi diminuída de capital para cidade de província. O governador-geral escolhido por Hitler foi o conselheiro jurídico do Partido Nazista Dr. Hans Frank. Entre suas tarefas estava “restaurar” a ordem pública, mas a descrição que o próprio Frank fez de suas

incumbências foi mais explícita. “A Polônia será tratada como uma colônia”, escreveu ele, e “os poloneses se converterão nos escravos do Grande Império Alemão”.



Forças de ocupação alemãs na Polônia, outubro de 1939.

Em 9 de outubro, em Berlim, Hitler recebeu a visita de um homem de negócios sueco, Birger Dahlerus, que havia efetuado várias viagens de avião entre Londres e Berlim, via Suécia, e que trazia uma proposta, originalmente de Goering, de paz negociada entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. Quatro dias antes, em Londres, Dahlerus encontrara-se com o secretário de estado das Relações Exteriores, o lorde Halifax, e naquele momento comunicava a Hitler que a Grã-Bretanha exigia a restauração do Estado polonês, a destruição imediata de todas as armas ofensivas e um plebiscito na Alemanha sobre determinados aspectos da política externa de Hitler. No dia seguinte, Dahlerus encontrou-se novamente com Hitler, por duas vezes, e somente na segunda ocasião teve conhecimento das condições que a Alemanha impunha à Grã-Bretanha: o reconhecimento do direito alemão de consolidar sua nova fronteira com a Rússia e a devolução à Alemanha de suas colônias anteriores à Primeira Guerra Mundial ou de “territórios de substituição apropriados”. Entre as duas reuniões com Dahlerus, Hitler enviou uma nova diretiva ao general Keitel, chefe do estado-maior das forças armadas alemãs, e aos chefes dos estados-maiores do exército, da marinha e da força aérea, lançando o caso “Amarelo”, código para uma ofensiva contra a França e a Grã-Bretanha.

A diretiva de Hitler dava indicações bastante pormenorizadas sobre a ofensiva, que deveria ser aplicada “com o máximo possível de força”, através de Luxemburgo, Bélgica e Holanda. O propósito de entrar na França pelo norte consistia em derrotar “tantas unidades quantas fosse possível” do exército francês e, “ao mesmo tempo, ganhar o máximo de território na Holanda, na Bélgica e no norte da França, que será base para o prosseguimento da guerra aérea e naval contra a Inglaterra”. Assim também seria criada uma “vasta área de proteção” da zona do Ruhr, economicamente vital para a Alemanha.



A GRANDE ALEMANHA, NOVEMBRO DE 1939.

“Guerra contra a Inglaterra”: essas palavras eram arrepiantes, pois implicavam um conflito longo e difícil. Igualmente arrepiantes, mas por outros motivos, eram os formulários enviados naquele mesmo dia pelo chefe da chancelaria de Hitler a todos os hospitais e médicos, pedindo-lhes, alegadamente para fins estatísticos, que listassem todos os seus doentes senis, loucos considerados perigosos ou que tivessem sangue não germânico. Numa série de reuniões secretas, três assessores decidiam enviar ou não para a morte cada um desses doentes. O ministro da Justiça de Hitler, Kurt Lammers, propôs que o processo fosse consagrado em lei, como parte integrante do direito alemão. A proposta foi recusada por Hitler. Já não era apenas nos institutos de eutanásia que a Alemanha iniciava sua matança de doentes mentais. Na Polónia ocupada, em Piasnica, não muito longe de Danzigue, milhares de “deficientes” foram mortos até o fim do ano. Junto com poloneses e judeus, 1.200 alemães, enviados por instituições psiquiátricas do país, pereceram em Piasnica.

Na manhã de 10 de outubro, Hitler recebeu sete entre seus principais comandantes militares na chancelaria, o mesmo edifício de onde partiram, no dia anterior, os formulários para o censo relativos ao programa de eutanásia. Aos comandantes militares, ele falou sobre os motivos para a guerra no Ocidente, lendo-lhes um memorando em que definia o objetivo de guerra alemã, “a destruição do poder e da capacidade das potências ocidentais em se oporem, no futuro, à consolidação do Estado e aos posteriores avanços do povo alemão na Europa”.

Era o tratado com a Rússia, explicou Hitler, o que lhe permitia atacar a Grã-Bretanha e a França, pois garantia que a guerra decorreria numa única frente, mas o tempo não estava a favor da Alemanha. “Nenhum pacto ou tratado”, avisou Hitler, “pode garantir uma neutralidade duradoura da Rússia soviética”. Tornava-se necessário fazer “uma pronta demonstração de força” e os planos precisavam ser feitos imediatamente. A ofensiva não podia começar “demasiado cedo”, mas deveria acontecer “em todo o caso, se for possível, neste outono”.

Nos quinze dias desde que os cientistas alemães reunidos em Berlim informaram às autoridades militares sobre a possibilidade de usar a fissão nuclear para criar uma bomba de enorme potência destruidora, um economista americano, amigo de Albert Einstein, tentava uma audiência

particular com Roosevelt, que aconteceu em 11 de outubro. O economista, Alexander Sachs, trazia consigo uma carta de Einstein cujo conteúdo explicou ao presidente. A energia atômica permitiria que um homem lançasse pelos ares seus vizinhos numa escala até então impensada e impensável.

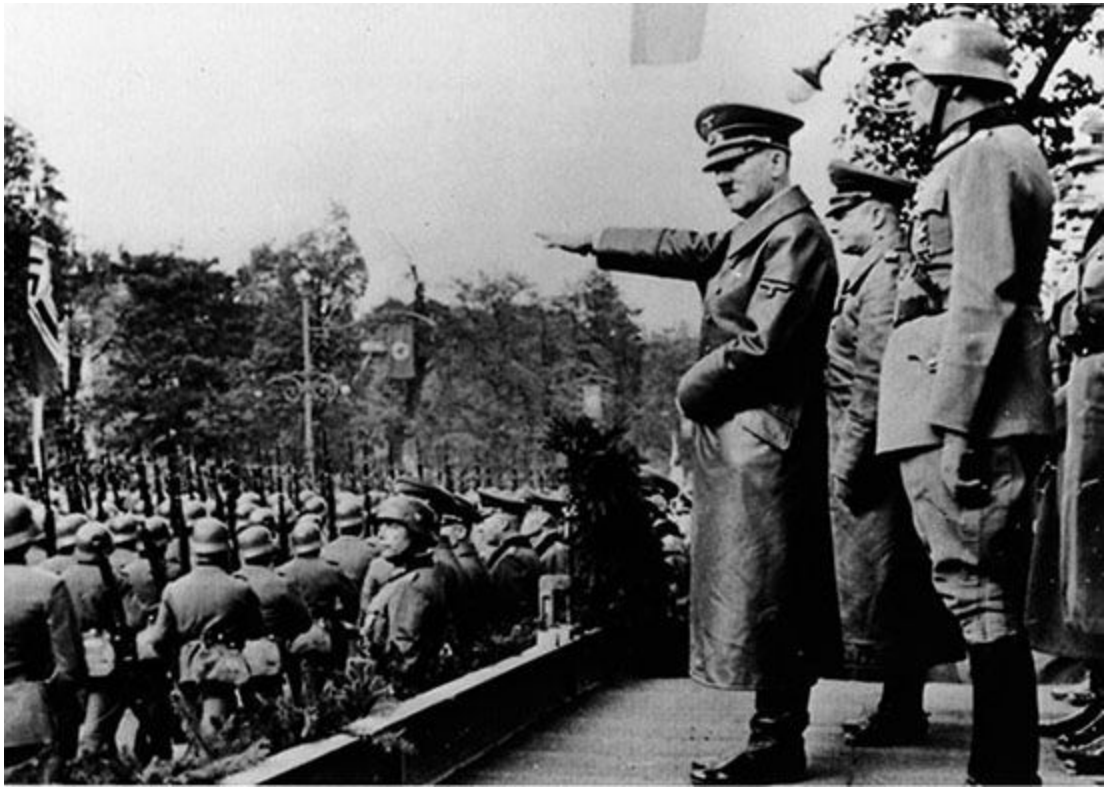
“Isso exige providências”, foi o comentário de Roosevelt. Dez dias depois, uma comissão consultiva sobre o urânio reunia-se pela primeira vez, em Washington, marcando o empenho ativo da América em investigar a nova forma de energia. Einstein, que na qualidade de judeu se vira obrigado a fugir da Alemanha em 1933, abriu caminho para a descoberta de uma arma de guerra revolucionária, mas cinco anos decorreriam antes que ela estivesse pronta para ser utilizada. A potência destruidora das armas já existentes, contudo, continuava a fazer-se sentir. Na noite de 13 de outubro, um submarino alemão, o U-47, comandado por Günther Prien, ultrapassou a linha de defesa britânica em Scapa Flow e, nas primeiras horas de 14 de outubro, com três torpedos, afundou o navio de guerra *Royal Oak*, ancorado no porto, junto com 833 marinheiros.

Dois dias depois, dois bombardeiros alemães sobrevoaram, sem escolta, a costa oriental da Escócia e foram abatidos por aviões de combate. Três entre os oito tripulantes afogaram-se. Era a primeira vez que pilotos da força aérea britânica destruíam aviões inimigos sobre território nacional. Um mês mais tarde, no espaço aéreo francês, um jovem neozelandês, o oficial-piloto E. J. Kain, abateu um bombardeiro alemão à altitude então recorde para um combate aéreo: 27 mil pés. Contudo, tais sucessos não podiam compensar a tragédia do *Royal Oak*.

Na Polônia, os alemães continuavam a perseguir firmemente seus objetivos. Em 16 de outubro, todos os poloneses da cidade e do porto de Gdynia receberam ordem de evacuação e outras expulsões em massa ocorreram em várias cidades e vilas da zona anexada pela Alemanha. Os poloneses expulsos precisaram encontrar um lugar para viver em outros pontos da Polônia destruída pela guerra e em regiões já afetadas por graves carências de alimentos. E, no entanto, eram autorizados a levar somente os objetos que pudessem arrumar em malas ou em trouxas. Foram obrigados a deixar para trás suas casas, seus bens e, na maioria dos casos, seus meios de subsistência. As execuções continuavam,

muitas vezes acompanhadas pelas mais perversas torturas mentais e físicas. Em 17 de outubro, o padre Pawlowski, de 70 anos, pároco de Chocz, foi preso pela Gestapo e acusado por posse ilegal de armas. Na busca realizada em sua residência foram encontradas duas caixas de cartuchos, únicos vestígios da predileção do padre pela caça de perdizes. Pawlowski foi espancado de tal maneira que seu rosto ficou irreconhecível. Levaram-no para a vila mais próxima, Kalisz, onde um poste de execução havia sido instalado na praça principal. Então os homens da Gestapo obrigaram vários judeus a atar o padre ao poste, a desamarrá-lo depois de fuzilado, a beijar-lhe os pés e a enterrá-lo no cemitério judeu.

Nesse mesmo dia, um decreto do Conselho de Ministros para a Defesa do Reich dava às divisões da SS autonomia judicial em relação ao exército alemão. Doravante, os homens da SS não poderiam ser julgados por tribunais marciais do exército, apenas por seus superiores. Também nesse dia, o exército perdeu seu controle administrativo sobre a Polônia; numa reunião na chancelaria, em que estiveram presentes Heinrich Himmler e o general Keitel, Hitler anunciou que o governo polonês estava nas mãos de Hans Frank, para a região do governo-geral, de Albert Forster, para Danzig e Prússia Ocidental, e de Artur Greiser, para a província de Posen, a quem competiria evitar a futura emergência de movimentos favoráveis à independência do país. O objetivo era que a Polônia se tornasse um país tão pobre que todos os poloneses quisessem trabalhar para a Alemanha. Dentro de dez anos, Danzig, Prússia Ocidental e Posen seriam convertidas em “puras e florescentes províncias germânicas”.



Hitler passa em revista as suas tropas em Varsóvia, 5 de outubro de 1939.

Nessa noite, o general Keitel falou sobre esses planos a um coronel do exército recém-chegado à chancelaria. “Os métodos a empregar”, comentou Keitel, “são inaceitáveis para todos os que ocupam nossos postos de chefia”, e que começavam agora, um pouco por toda a parte, a ser afastados. Numa nova diretiva sobre a orientação da guerra, enviada a Keitel em 18 de outubro, Hitler autorizava os submarinos alemães a atacarem navios de passageiros “em trem ou que naveguem sem luzes”.

Um movimento forçado e maciço de povos era iniciado no leste da Europa. Na zona oriental da Polônia, ocupada pela Rússia, os alemães cujos antepassados aí se radicaram dois séculos antes foram obrigados, sem compreenderem bem por que, a transpor a fronteira soviético-germânica e viver na Polônia ocidental. Judeus cujos antepassados, não havia menos tempo, instalaram-se na cidade tchecoslovaca – agora alemã – de Moravska Ostrava foram metidos em vagões de trens, sob a vigilância de tropas da SS, deportados para o governo-geral, e despejados a leste de Lublin, numa “reserva para judeus” onde em breve chegariam também os judeus deportados dos portos do Báltico, de Viena e até aqueles encontrados nas docas de Hamburgo quando se preparavam para embarcar para os Estados Unidos. Outros judeus, especialmente aqueles que viviam em Chelú, Pultusk e Ostrow, fugiram da Polônia ocupada pelos alemães para a zona soviética, atravessando o Bug, onde, para seu grande espanto, encontraram judeus poloneses em fuga para o Ocidente, ansiosos por escaparem aos perigos do jugo comunista e esperando que, como acontecera na Primeira Guerra Mundial, o jugo alemão fosse menos pesado.

Com o inesperado domínio da União Soviética sobre os estados bálticos, os alemães dessa região, com raízes que remontavam a centenas de anos, foram os perplexos beneficiários da nova cooperação soviético-germânica: eles também se viram inesperadamente deslocados, chegando os primeiros alemães da Estônia a Danzigue em 20 de outubro. Dois dias depois, os alemães começaram a deportar poloneses de Poznan, a maior cidade da Polônia ocidental, que tinha uma população de mais de 250 mil habitantes. A década de preparação das “províncias puras e germânicas” havia começado.

O mundo esperava o próximo gesto de Hitler, não sabendo se ele voltaria ou não a atacar. Alguns viam em sua proposta de paz, lançada em 6 de outubro, um sinal de esperança; outros alarmaram-se com uma passagem do discurso em que Hitler declarava: “O destino decidirá. Uma coisa é certa: no curso da história nunca houve dois vencedores, mas muitas vezes houve apenas vencidos.” Num discurso secreto pronunciado apenas para os funcionários superiores do Partido Nazista em 21 de outubro, Hitler garantia aos seus seguidores que, assim que dominasse a Grã-Bretanha e a França, viraria suas atenções para o leste “e mostraria quem mandava na região”. As tropas russas, dizia ele, estavam pouco treinadas e equipadas. E, depois de cuidar do leste, “se ocuparia em devolver à Alemanha seu antigo esplendor”.

A Ordem Nova começava já a ser instaurada na Polônia ocupada. Em 25 de outubro, no primeiro número da gazeta oficial do governo-geral, Hans Frank anunciava que todos os judeus do sexo masculino entre 14 e 60 anos seriam “obrigados a trabalhar” em projetos controlados pelo governo. Alguns se deslocariam diariamente, em brigadas de trabalho, para executar tarefas nas imediações das cidades; outros seriam levados para campos de trabalho, caso as obras fossem mais distantes. Até o fim do ano, foram criados 28 campos de trabalho na região de Lublin, 21 na região de Kielce, catorze nas imediações de Varsóvia, doze nas imediações de Cracóvia e dez nas imediações de Rzeszow. As condições eram duras. E, no entanto, o salário insignificante era um modo de sobrevivência para muitos judeus que, expulsos das cidades e das vilas onde moraram e trabalharam durante toda a vida, não poderiam subsistir de outro modo.

Um cartaz afixado nas ruas de Torun, em 27 de outubro, e redigido pelo chefe local da Polícia do Estado, foi característico da Ordem Nova na Polônia. Seus dez itens davam instruções aos cidadãos poloneses, cujo “comportamento atrevido” precisaria mudar. Todos deveriam “deixar as ruas livres” para os alemães: “As ruas pertencem aos conquistadores, não aos conquistados.” Nas lojas e no mercado, os representantes da autoridade alemã e os cidadãos poloneses etnicamente alemães seriam servidos em primeiro lugar: “Os conquistados virão depois.” Os cidadãos poloneses do sexo masculino deveriam tirar o chapéu às “personalidades importantes do Estado, do Partido e das forças armadas” e todos ficavam

proibidos de utilizar a saudação “Heil Hitler!”. “Quem molestar ou dirigir a palavra às mulheres e moças alemãs receberá castigo exemplar. As polonesas que dirigirem a palavra ou incomodarem indivíduos de raça alemã serão enviadas para bordéis.”

A seriedade desses regulamentos era esclarecida no último parágrafo: “Os poloneses que não tenham compreendido que são os conquistados e que nós somos os conquistadores e que ajam contrariamente às normas acima indicadas expõem-se aos mais severos castigos.”

Os poloneses, como os judeus, eram agora um povo subjugado, mas, para a ideologia nazista, não bastava conquistar – era preciso criar uma nova raça, baseada na noção espúria da superioridade étnica “ariana”. Em 28 de outubro, Himmler transmitiu à SS uma “ordem de procriação” que proclamava como “sublime tarefa das mulheres e das moças alemãs de bom sangue, agindo não por frivolidade, mas em virtude de um profundo sentido moral, tornarem-se mães de filhos dos soldados que partem para o combate”.

Para garantir que uma raça de “super-homens” fosse criada de forma sistemática, Himmler estabeleceu coudelarias humanas, com o nome de Lebensborn, onde jovens alemãs, selecionadas por suas características “nórdicas” supostamente perfeitas, procriariam com homens da SS – os filhos eram criados em lares, onde recebiam cuidados e privilégios especiais.

A criação da raça “superior” e a destruição da raça “inferior” corriam em paralelo. Para muitos oficiais do exército alemão, no entanto, o tratamento à raça “inferior” assumia formas inaceitáveis. O general Blaskowitz, no protesto que enviou à chancelaria de Hitler, contra tais maus-tratos, descreveu um incidente na vila polonesa de Turek em 30 de outubro, em que vários judeus “foram agrupados dentro da sinagoga e obrigados a engatinhar entre os bancos e a cantar enquanto os homens da SS batiam em seus corpos com chicotes. Foram, então, obrigados a baixar as calças para serem chicoteados nas nádegas. Um dos judeus, cujo medo fizera com que sujasse as calças, foi intimado a espalhar seus excrementos no rosto de outros judeus”.

Ninguém sabia qual seria o futuro desses judeus. O ministro da Propaganda de Hitler, Josef Goebbels, visitando a cidade de Lodz em 2 de novembro, escreveu a propósito dos duzentos mil judeus na cidade: “É

indescritível. Eles já não são pessoas, mas animais. Não se trata, portanto, de uma tarefa humanitária, mas cirúrgica. Aqui deve ser feita uma incisão radical. De outro modo, a Europa será arruinada pela doença judaica.” “Por trás de todos os inimigos da supremacia alemã”, declarou, nesse dia, uma revista anticomunista, “estão aqueles que exigem que sejamos cercados – os inimigos mais antigos do povo alemão e de todas as nações saudáveis em ascensão: os judeus”.

Uma semana depois, os alemães iniciaram a expulsão de todos os quarenta mil judeus que viviam nas regiões da Polônia anexadas à Alemanha. Grande parte das famílias era obrigada a deixar seus lares de um dia para o outro, abandonando todas as suas propriedades, lojas e empresas e todos os seus bens, salvo aqueles que podiam ser empilhados num carrinho ou arrumados numa mala. Todos foram enviados para a zona do governo-geral.

Em 3 de novembro, foi a vez de 96 professores poloneses da cidade de Rypin serem convocados pela Gestapo, presos e fuzilados; alguns nas próprias escolas, outros em bosques próximos.

Em 28 de outubro, um bombardeiro alemão em missão de reconhecimento naval foi atingido e derrubado na Escócia, perto da aldeia de Humble. Foi o primeiro avião germânico abatido em solo britânico. Dois membros da tripulação, Gottlieb Kowalke e Bruno Reimann, morreram, e os outros dois, o comandante Rolf Niehoff e o piloto Kurt Lehmkuhl, foram capturados e passaram os seis anos seguintes como prisioneiros de guerra na Inglaterra e no Canadá.

No Ocidente, multiplicavam-se os preparativos contra uma eventual ameaça alemã. Em 27 de outubro, um eminente militar canadense, o brigadeiro H. D. G. Crerar, desembarcou na Inglaterra para instalar um quartel-general canadense em Londres. Em 3 de novembro, em Washington, a pedido do presidente Roosevelt, o Congresso revogou a determinação do Ato de Neutralidade que proibia, desde 1937, o envio de armas americanas para países beligerantes e a concessão de crédito econômico àqueles que quisessem comprar tais armas. Eram, assim, anuladas as duas barreiras à aquisição de armas pelos ingleses e pelos franceses, sendo pouco depois criada em Washington uma junta anglo-

francesa para a compra de armamento, encabeçada por um industrial canadense de origem britânica, Arthur Purvis, que, ao estourar a Primeira Guerra Mundial, tendo 24 anos, foi enviado pela Grã-Bretanha aos Estados Unidos para comprar todas as reservas disponíveis de acetona, cuja escassez limitava severamente a fabricação de explosivos. O regresso de Purvis à América marcou uma fase importante na busca anglo-francesa por armas e munições com as quais enfrentar uma eventual ofensiva militar alemã.

Dois dias depois, Hitler, após criticar violentamente o general Brauchitsch pelo espírito “derrotista” do estado-maior alemão, marcou para 12 de novembro o ataque à França, à Bélgica e à Holanda. Dois dias mais tarde, no entanto, consentiu um adiamento. Os argumentos apresentados por Brauchitsch na chancelaria, que tanto indignaram Hitler, eram irrefutáveis. O exército não estava preparado. A umidade do inverno dificultava o avanço dos tanques e a brevidade dos dias oferecia poucas horas de luz para que a força aérea alemã voasse. Mais importante, a força aérea precisaria de cinco dias consecutivos de bom tempo para destruir as aeronaves francesas, o que era um elemento crucial para o sucesso da “guerra-relâmpago”. No entanto, as previsões meteorológicas de 7 de novembro eram demasiado negativas para se avançar com segurança.

Ironicamente, a Grã-Bretanha e a França tomaram conhecimento da data da invasão, 12 de novembro, por intermédio de fontes diferentes: o general Oster, lugar-tenente do almirante Canaris nos serviços secretos, que em 7 de novembro comunicou a data da ofensiva ao coronel Jacobus Sas, adido militar holandês em Berlim; e Paul Thümmel, também membro dos serviços secretos do almirante Canaris, que, como agente A-54, transmitiu a mesma data e os mesmos dados aos serviços secretos do Ocidente através do governo tchecoslovaco exilado, sediado em Londres. Desde 1936, Thümmel transmitia informações acerca dos planos militares alemães aos serviços secretos tchecoslovacos. Nenhum outro aparelho militar tinha espiões tão bem colocados, estando no próprio centro nevrálgico das operações.

Hitler poderia facilmente alterar a data da ofensiva, como faria várias vezes, mas a Ordem Nova imposta à Polónia não tolerava adiamentos. Em 5 de novembro, data em que Hitler decidiu atacar o Ocidente, todos

os 167 professores e assistentes da Universidade de Cracóvia foram presos pela Gestapo e enviados para o campo de concentração de Sachsenhausen, ao norte de Berlim, onde dezessete morreram em consequência das torturas a que foram sujeitos. Entre eles, estavam o professor Ignatius Chranowski, o mais destacado historiador da literatura polonesa na época, o professor Michael Siedlecki, eminente zoólogo e antigo reitor da Universidade de Vilna, e o professor Stanislas Estreicher, professor de Jurisprudência da Europa Ocidental, que recusara a proposta alemã para tornar-se presidente de um protetorado polonês fantoche. Os três homens tinham mais de 70 anos.

Hitler, depois de adiada a ofensiva contra o Ocidente, deslocou-se, em 8 de novembro, de Berlim para Munique, onde comemoraria o décimo sexto aniversário de seu Putsch da Cervejaria de 1923, quando conduziu seus adeptos numa marcha fracassada que tomara o poder na capital da Baviera. Seu discurso comemorativo consistiu numa denúncia “da inveja e do ódio” que a Grã-Bretanha nutria pela Alemanha. Sob o regime nazista, afirmava Hitler, a Alemanha fizera mais em seis anos do que a Grã-Bretanha em vários séculos.

Apressado para regressar a Berlim para uma reunião com seus generais acerca de uma nova data para a ofensiva no Ocidente, Hitler deixou a cervejaria antes do previsto. Oito minutos depois, explodiu uma bomba alocada no pilar situado atrás da tribuna onde discursara. Sete pessoas morreram e mais de sessenta ficaram feridas. Hitler já estava no trem a caminho de Berlim quando recebeu a notícia do atentado. “Agora estou absolutamente satisfeito”, observou ele. “O fato de abandonar a cervejaria mais cedo do que o previsto corrobora que está nas intenções da Providência permitir que eu alcance meus objetivos.”

O autor da tentativa de assassinato foi preso na mesma noite em Konstanz enquanto tentava atravessar a fronteira germano-suíça. Chamava-se Johann Georg Elser e era um relojoeiro de 36 anos saído havia pouco do campo de concentração de Dachau, próximo a Munique, onde estivera preso como simpatizante comunista. Seria agora enviado para Sachsenhausen como “preso especial de Hitler”.

Na catedral católica de Munique, o cardeal Michael von Faulhaber, arcebispo da cidade, celebrou uma missa solene pela forma “milagrosa” como Hitler conseguira escapar ao atentado, mas em 9 de novembro,

pouco depois de seu regresso a Berlim, Hitler também pôde comemorar um milagre muito mais prosaico – o rapto, por homens da SS, de dois agentes secretos britânicos na Holanda, que foram atraídos a Venlo, na fronteira germano-holandesa. O plano foi orientado por Alfred Naujocks, de 28 anos, o mesmo indivíduo que encabeçara a encenação do “assalto polonês” à estação de rádio de Gleiwitz na véspera da invasão à Polônia. O objetivo do incidente de Venlo, além de descobrir o máximo possível sobre as técnicas e os planos dos serviços secretos britânicos, era dar aos alemães um pretexto para invadirem a Holanda; ou seja, ao autorizarem a presença de agentes britânicos em seu território, os holandeses haviam abandonado sua neutralidade.

Hitler apreciou devidamente o valor desse rapto espetacular, concedendo a um de seus organizadores, Helmut Knochen, especialista na imprensa dos refugiados na França, na Bélgica e na Holanda e doutorado em literatura inglesa pela Universidade de Göttingen, a cruz de ferro de Primeira e Segunda Classe. Os dois agentes britânicos, o capitão Best e o major Stevens, ficaram presos em Sachsenhausen e em Dachau. Um membro dos serviços secretos holandeses, tenente Dirk Klop, que os acompanhara até a fronteira, foi baleado e capturado, morrendo em consequência dos ferimentos, naquele mesmo dia, em Düsseldorf.

No campo de concentração de Buchenwald, também em 9 de novembro, foram executados 21 judeus que haviam sido obrigados a trabalhar nas pedreiras do campo. O mais novo, Walter Abusch, tinha apenas 17 anos, e o mais velho, Theodor Kriesshaber, 55 anos.

Em 11 de novembro seria comemorado o dia da Independência da Polônia. Dois dias antes, em Lodz, os alemães haviam reunido na rua certo número de judeus, intimando-os a demolir o monumento ao herói nacional polonês Kosciuszko. Os judeus eram velhos e o monumento, sólido, de forma que nem as coronhadas conseguiram acelerar o trabalho. O monumento foi, portanto, destruído com cargas de dinamite. No dia da Independência, os alemães comemoraram sua vitória desfilando diante das ruínas. Nesse mesmo dia, outrora festivo para a Polônia, os alemães transferiram 350 poloneses de um campo de trabalho próximo de Gdynia

para o pátio de uma prisão na vila de Wejherowo. Ali, ordenaram-lhes que cavassem uma série de covas fundas. Dividindo-os em grupos, alinharam os homens do primeiro grupo à beira de uma cova, fuzilando-os enquanto os outros eram obrigados a assistir. À medida que os grupos restantes foram conduzidos para a beira das covas, começaram a ouvir-se gritos de “Viva a Polônia!”.

Tais atrocidades tornavam-se comuns em toda a Polônia ocupada pelos alemães. Em 8 de novembro, na estância termal de Ciechocinek, um grupo de cinquenta oficiais poloneses, prisioneiros de guerra, foi obrigado a percorrer as ruas da vila com os braços erguidos. Em seguida, todos foram fuzilados. Em Varsóvia, no dia seguinte, foram presos cerca de mil intelectuais poloneses – escritores, jornalistas, artistas. Em Lodz, agentes da Gestapo disfarçados de policiais nacionais abordavam as mulheres judias nas ruas da cidade, mandavam-nas abrir a boca e cuspiam nelas.

A expulsão de poloneses e de judeus das zonas anexadas pela Alemanha avançava com rapidez considerável e à custa de grandes sofrimentos. Ao todo, foram expulsos da província de Posen, então designada como Warthegau, 120 mil poloneses, em sua grande maioria camponeses; 35 mil foram tirados de Danzigue e da Prússia Ocidental e quinze mil foram removidos da Alta Silésia Oriental. “Eu fui designado pelo Führer”, declarou Albert Forster, em Bydgoszcz, em 27 de novembro, “como depositário da causa alemã neste país, com a ordem expressa de germanizar esse território completamente. Minha tarefa consistirá, pois, em fazer todo o possível para eliminar, no decurso dos próximos anos, todas as manifestações de polonismo, sejam quais forem”.

Uma das zonas de realojamento para os judeus foi a província de Lublin, onde, em 9 de novembro, Odilo Globocnik foi nomeado chefe das SS e da polícia. Antissemita notório e virulento nos anos anteriores à guerra, quando desempenhava as funções de vice-presidente do Partido Nazista austríaco, Globocnik ajudara a preparar a anexação pelas forças de Hitler e o controle nazista sobre o país.

No governo-geral, eram tomadas medidas que ultrapassavam em severidade ou, melhor, em selvageria, os espancamentos e os massacres desordenados dos seis anos de “combate” nazista anteriores à guerra.

Em 15 de novembro, a sinagoga principal de Lodz foi incendiada; por ordem dos alemães, bombeiros poloneses foram chamados para impedir que o fogo se propagasse para os edifícios vizinhos. Em Varsóvia, no dia seguinte, um edital alemão anunciava secamente a execução de quinze poloneses, um deles judeu. Em Lublin, novo quartel-general de Odilo Globocnik, os livros da academia talmúdica local foram levados para a praça do mercado e queimados. “Foi motivo de orgulho”, relatou mais tarde uma testemunha ocular alemã, “a destruição da academia talmúdica, conhecida como a mais importante da Polônia”. A fogueira durou 24 horas. “Os judeus de Lublin”, recordou o alemão, “reuniram-se à sua volta e choraram amargamente. Chamamos, então, a banda militar, e com gritos de alegria os soldados abafaram os lamentos dos judeus”.

“Somos realmente gado aos olhos dos nazistas”, registrou em seu diário, em 18 de novembro, o pedagogo de Varsóvia Chaim Kaplan. “Quando vigiam trabalhadores judeus, têm sempre um chicote nas mãos. E espancam impiedosamente sem olhar a quem.” Em 19 de novembro, Hitler foi informado por Himmler, como atestam os apontamentos deste, sobre a “execução de 380 judeus em Ostro”.

Tomavam-se medidas em todo o governo-geral para isolar judeus e poloneses. Entre os que foram expulsos das regiões anexadas pela Alemanha, estavam os judeus da pequena vila de Sierpc. Quando chegaram a Varsóvia com suas pobres trouxas, os habitantes da cidade puderam verificar que, além dos sofrimentos envolvidos na expulsão, os judeus haviam sido especialmente humilhados antes de deixar Sierpc: todos foram obrigados a coser um distintivo amarelo na lapela do casaco e a escrever ali a palavra “Judeu”. Em 17 de novembro, Chaim Kaplan registrou que, quando os judeus de Varsóvia viam o distintivo, “seus rostos se enchiam de vergonha”. Ele, porém, defendia que todos deveriam revidar acrescentando as palavras “com orgulho”. No entanto, quando sugeriu a um dos judeus de Sierpc que fizesse tal coisa, “ele respondeu, como quem sabe o que está dizendo, que o conquistador dá a tais atitudes o nome de ‘sabotagem’ e condena os culpados à morte”.

Em 23 de novembro, Hans Frank anunciava, em Cracóvia, que todos os judeus com mais de 10 anos de idade e residentes na zona do governo-geral deveriam usar uma braçadeira branca de dez centímetros de largura, “marcada com a estrela de Sião, na manga direita da roupa e do sobretudo”. Em Varsóvia, a estrela seria azul. “Os transgressores”, avisava Frank, seriam presos. Castigos muito piores já eram, no entanto, infligidos aos judeus de Varsóvia. Na véspera do anúncio de Frank, os 53 judeus residentes no número nove da rua Nalewski foram executados como represália à morte de um policial polonês, cujo assassino vivia naquele prédio. Os alemães propuseram poupar as vidas dos 53 indivíduos mediante o pagamento de um resgate, mas, quando os representantes do conselho judaico de Varsóvia reuniram o dinheiro e o levaram à Gestapo, disseram-lhes que os judeus já haviam sido fuzilados. O dinheiro não foi devolvido.

Essa execução constituiu o primeiro massacre de judeus em Varsóvia. “Semeou-se o pânico entre a população judaica”, recordou, mais tarde, um judeu. Entre as pessoas executadas na represália, estava Samuel Zamkowy, de 45 anos, um dos mais famosos ginecologistas de Varsóvia.

Alguns elementos do exército alemão horrorizavam-se com o que se passava: em 23 de novembro, o general Petzel, comandante da região militar de Warthegau, redigiu um relatório que o general Blaskowitz enviou posteriormente a Hitler, em que dizia que, em quase “todas as localidades mais importantes”, a SS e a Gestapo “realizam execuções públicas”. Mais ainda, acrescentava Petzel: “A escolha das vítimas é absolutamente arbitrária e o modo como as execuções são conduzidas, em muitos casos, é repugnante.”

Em 25 de novembro, dois funcionários do Departamento de Política Racial em Berlim, Eberhard Wetzel e Gerhard Hecht, enviaram aos líderes nazistas, entre eles Himmler, suas sugestões sobre o futuro dos poloneses. “Os cuidados médicos sob nossa responsabilidade”, escreveram eles, “devem ser reduzidos à prevenção do alastramento de epidemias ao território do Reich”. Todas as medidas que servissem para limitar a taxa de nascimento de poloneses deviam ser promovidas. Quanto aos judeus, escreviam: “Somos indiferentes no que diz respeito ao destino higiênico dos judeus.”

Em seus planos para obrigar a Grã-Bretanha e a França a submeterem-se, Hitler lançara uma arma desconhecida na guerra naval: uma mina magnética, cujo imã a impelia para o casco metálico de qualquer navio que passasse nas imediações. Em 14 de novembro, em Londres, Churchill descreveu ao Gabinete de Guerra esse novo engenho, que começava a causar estragos na marinha mercante britânica e francesa. Um submarino alemão posicionara uma linha de minas magnéticas num ponto vital da circulação marítima britânica, diante do estuário do Tâmisa. Um lança-minas britânico, o *HMS Adventure*, deflagrara uma mina, sofrendo estragos consideráveis. Doze marinheiros morreram.

Os peritos navais britânicos trabalhavam 24 horas por dia na busca por um meio para resistir àquilo que Churchill designava, no segredo do Gabinete de Guerra, como “uma séria ameaça que pode muito bem ser a ‘arma secreta’ de Hitler”. Este, entretanto, estava profundamente embrenhado em seus planos para uma guerra total no Ocidente; em 15 de novembro, discutiu-os com o general Rommel, cujas capacidades militares mostraram-se patentes na campanha da Polônia. “O Führer está absolutamente decidido a avançar”, anotou Rommel. “O atentado de Munique só fortaleceu sua resolução. É maravilhoso poder testemunhar tudo o que está acontecendo.”

Cinco dias após a discussão com Rommel, Hitler transmitiu uma nova diretiva aos chefes dos estados-maiores do exército, da marinha e da força aérea, com instruções pormenorizadas sobre os ataques a serem preparados contra a Bélgica e a Holanda. “Onde não oferecerem resistência”, escrevia Hitler a propósito da Holanda, “a invasão tomará a forma de uma ocupação pacífica”. A marinha cuidaria do bloqueio naval das costas holandesa e belga.

Entretanto, a mesma marinha continuava causando estragos ao longo da costa oriental da Grã-Bretanha, lançando minas magnéticas por avião e afundando indiscriminadamente navios da marinha mercante; em 19 de novembro, entre os cinco navios afundados, dois eram britânicos, um francês, um sueco e um italiano. Em 20 de novembro, até um navio-varredor, o *Mastiff*, foi destruído por uma mina magnética durante uma operação de dragagem. Porém, em 22 de novembro, um golpe de sorte favoreceu as comunicações por mar da Grã-Bretanha: uma mina magnética lançada por avião caíra num terreno lamacento próximo a

Shoeburyness, mantendo-se intacta. Recuperada na noite seguinte, foi desmontada e seu segredo foi descoberto. Naquele dia, o almirantado iniciava sua busca por um antídoto.

Hitler não soube da recuperação da mina magnética. Em 23 de novembro, falou aos seus generais sobre o próximo ataque à Bélgica, à Holanda e à França. A Grã-Bretanha, em contrapartida, “poderia ser obrigada a submeter-se mediante o uso de submarinos e minas”.

O discurso de Hitler era uma afirmação confiante sobre a iminência de uma vitória no Ocidente caso a oportunidade fosse rapidamente aproveitada. “Pela primeira vez na história, só precisamos lutar numa frente. A outra está aberta, mas ninguém pode dizer com segurança por quanto tempo continuará assim.” Para Hitler, a própria vida não importava. “Conduzi o povo alemão a grandes feitos, muito embora sejamos objeto de ódio do mundo exterior”, disse ele, decidido a viver de forma a “não se envergonhar” caso viesse a morrer. “Sairei vitorioso desta luta ou cairei nela”, concluiu. “Nunca sobreviverei à derrota de meu povo.”

Eram palavras ameaçadoras, belicosas. “O Führer falou com muita dureza”, escreveu Rommel no dia seguinte, “mas essa dureza parece-me indispensável, pois quanto mais falo com meus camaradas menos vejo fé e convicção naquilo que fazem”.

No mar, a confiança de Hitler ainda parecia plenamente justificada. Em 24 de novembro, o cruzador alemão *Scharnhorst* afundou o navio mercante armado britânico *Rawalpindi* após um tiroteio que durou apenas catorze minutos. Afogaram-se, ao todo, 270 tripulantes militares e civis britânicos; houve 38 sobreviventes, sendo que 27 foram recolhidos pelos alemães.

Em 28 de novembro, como represália por terem sido minadas as águas territoriais britânicas, o governo britânico decretou um bloqueio a todas as exportações alemãs por via marítima. No dia seguinte, Hitler lançou uma nova diretiva de guerra, a nona, que começava assim: “Em nossa luta contra as potências ocidentais, a Inglaterra provou ser a animadora do espírito de combate e a principal inimiga. Sua derrota é essencial para uma vitória definitiva.” O meio mais eficaz para assegurar essa vitória era “mutilar a economia britânica em pontos decisivos”. Quando o exército alemão tivesse derrotado no campo de batalha as tropas anglo-

francesas e dominado o setor da costa fronteiro à Inglaterra, a suprema tarefa da marinha e da força aérea alemãs consistiria em “levar a guerra” à indústria inglesa, o que seria feito através do bloqueio naval, da colocação de minas no mar e do bombardeamento aéreo de portos e de centros industriais.

A colocação de minas ao longo da costa britânica processava-se já numa escala considerável e começava a aumentar o número de voos de reconhecimento sobre a Grã-Bretanha. Em Londres, o Ministério da Guerra perguntou ao organismo encarregado de interpretar as movimentações do inimigo, a Comissão Conjunta de Serviços Secretos, o que significava toda essa atividade. A comissão respondeu, em 30 de novembro, que era impossível fazer mais do que simples conjecturas acerca do seu sentido.

Guerra na Finlândia

Novembro de 1939

Na manhã de 30 de novembro de 1939, o Exército Vermelho lançou uma ofensiva militar maciça através da fronteira soviético-finlandesa. Para os povos da Europa Ocidental, que estavam em guerra havia quase três meses, parecia certo que a Finlândia sucumbiria em pouco tempo; 26 divisões soviéticas, totalizando cerca de 465 mil homens, lançaram-se contra nove divisões finlandesas, num total de 130 mil homens. No mesmo momento, mil aviões soviéticos entravam em ação contra 150 aviões finlandeses, todos antigos. Tal era a confiança do alto-comando soviético numa vitória rápida que boa parte das tropas atacantes vestia uniformes de verão, apesar do iminente início do inverno.



A guerra russo-finlandesa; uma igreja em Helsinque arde após um ataque aéreo russo, 30 de novembro de 1939.



A GUERRA RUSSO-FINLANDESA, NOVEMBRO DE 1939.

A força aérea de Stálin fez em Helsinque o que as aeronaves de Hitler fizeram meses antes em Varsóvia. No primeiro dia de guerra, em consequência de um ataque aéreo soviético, 61 finlandeses morreram na capital. Os hospitais encheram-se de feridos. “Trouxeram uma mulher moribunda”, escreveu, mais tarde, um jornalista britânico, “com um bebê morto nos braços. Uma moça de 12 anos, Dolores Sundberg, teve ambas as pernas esmagadas e reduzidas a cotos sangrentos, morrendo na mesa de operações”.

Esse ataque aéreo – e as fotografias dos estragos que causou, difundidas por toda a Finlândia nas semanas seguintes – convenceu os finlandeses da necessidade de resistir. “Em todas as frentes que depois visitei”, lembrou Geoffrey Cox, o jornalista britânico, “eram inúmeros os homens que falavam com raiva dessa tarde. Vi jornais e fotografias das ruas de Helsinque incendiadas, junto com casas de camponeses e apartamentos de operários em todas as regiões do país. A resistência férrea do moral finlandês no decurso dessa guerra deveu-se, não em pequena medida, ao ataque aéreo a Helsinque”.

Em 2 de dezembro, a agência de notícias soviética Tass anunciava a criação de um “governo popular da Finlândia”, mas, nas fronteiras, a resistência finlandesa era impressionante. Pequenas unidades militares conseguiam deslocar-se rapidamente em bicicletas ou esquis pelos estreitos caminhos florestais. Os defensores lançavam garrafas cheias de gasolina, com um trapo incendiado no gargalo, dentro dos tanques soviéticos: essa bomba incendiária tão simples, mas com efeito tão eficazmente devastador, em breve recebeu o nome de “coquetel Molotov”.

O ataque da Rússia à Finlândia ocupou momentaneamente a primeira página dos jornais em todo o mundo. Na Grã-Bretanha, na França, nos Estados Unidos e até na Alemanha, esse pequeno país que lutava contra uma ofensiva tão maciça suscitava admiração. Porém, não obstante a diversão das atenções provocada pela nova guerra, as atrocidades que a velha guerra inaugurara não se atenuavam. Na primeira semana de dezembro, todos os doentes poloneses do hospital psiquiátrico de Stralsund haviam sido levados para o campo de Stutthof, próximo de Danzigue, e fuzilados. Seus corpos foram queimados por prisioneiros poloneses, fuzilados após terminarem a sinistra tarefa. Na nova fronteira

germano-soviética, em Chelm, na zona do governo-geral, os doentes do manicômio local foram fuzilados em massa por tropas da SS; os que tentaram fugir foram perseguidos e capturados ainda nos jardins e nos pátios do local.

Os indivíduos que orientavam essas matanças não eram militares, mas médicos. Em 2 de dezembro, seguindo queixas apresentadas ao Ministério da Justiça do Reich contra dois cirurgiões pertencentes às SS, Dr. Karl Genzken e Dr. Edwin Jung, por realizarem, em Oranienburg, experiências de esterilização em criminosos profissionais, o diretor-geral dos campos de concentração, Richard Glucks, registrou em carta ao general Wolff, principal colaborador de Himmler, que as experiências eram plenamente justificadas, tendo em vista a natureza perigosa dos criminosos envolvidos, e que os dois médicos não podiam ser interpelados pelo Ministério da Justiça, pois haviam sido transferidos para a divisão da caveira e estavam em serviço “na frente”. É certo que não ocorriam combates naquela frente havia mais de dois meses. O Dr. Genzken em breve deixaria o leste da Polônia para assumir funções no Serviço de Inspeção Médica das Waffen SS, que mais tarde dirigiria.

O trabalho da SS na Polônia foi discutido em 5 de dezembro, em Berlim, por Hitler e Goebbels, que regressara daquele país. “Falo-lhe de minha viagem”, escreveu Goebbels em seu diário.

Ele escuta com toda a atenção e partilha meu ponto de vista acerca da questão judaica e polonesa. Precisamos liquidar o perigo judeu, mas ele voltará dentro de algumas gerações. Não há panaceia que resolva o problema. A aristocracia polonesa merece ser destruída – não tem quaisquer ligações com o povo, que julga existir apenas para sua própria conveniência.

Hans Frank, que regressara a Berlim na companhia de Goebbels, esteve presente no encontro. “Ele tem muitíssimo a fazer”, comentava Goebbels, “e arquiteta uma série de novos planos”. Dois dias depois, Hitler promulgou um novo decreto, intitulado “Noite e nevoeiro”, autorizando a captura de “pessoas que pusessem em risco a segurança alemã”. Os indivíduos capturados não deviam ser executados imediatamente, mas “desaparecer, sem deixar vestígios, na noite e no nevoeiro”. Nas listas dos campos de concentração, as iniciais alemãs

“NN” – *Nacht und Nebel* – junto ao nome de um preso passariam a significar execução.

A nova política não conteve, todavia, as execuções públicas com objetivos de intimidação e de dissuasão. Em 8 de dezembro, 31 poloneses, sendo seis judeus, foram fuzilados em Varsóvia. O pretexto invocado foi que teriam praticado “atos de sabotagem”. “Já não temos forças para chorar”, escreveu em seu diário Chaim Kaplan; “o choro constante, ininterrupto, acaba por conduzir ao silêncio. No princípio, há gritos; depois, gemidos; e, por fim, um suspiro mudo que sequer deixa eco”.

Na Finlândia, o Exército Vermelho prosseguia seu avanço ao longo de uma frente de 1.300 quilômetros, desde o oceano Ártico até o golfo da Finlândia. Ao norte, o porto de Petsamo foi tomado, mas em Nautsi, no limite da estrada norueguesa do Ártico, o avanço soviético foi contido, como aconteceu em Khumo e em Ilomantsi. Três ataques navais lançados contra cidades portuárias do sul, Turku, Hanko e Porvoo, foram repelidos.



A guerra russo-finlandesa; soldados finlandeses abandonam sua trincheira com a explosão de um projétil russo nas proximidades.

Os alemães, que captavam as mensagens navais britânicas e sabiam que após o desastre de Scapa Flow Lock Eve era usada como base naval, minaram a entrada da baía.

A luta da Finlândia para repelir o ataque soviético suscitou uma grande onda de solidariedade na Grã-Bretanha e na França. Em 7 de dezembro, o primeiro-ministro britânico, Neville Chamberlain, anunciou a venda de trinta aviões de guerra à Finlândia. Quatro dias mais tarde, em Genebra, a Liga das Nações iniciou um debate urgente, que terminou com a expulsão da União Soviética da liga e com um apelo para que fosse dado aos finlandeses todo o auxílio possível. Edouard Daladier, primeiro-ministro francês, enumerou posteriormente o material de guerra que a França enviou à Finlândia: 145 aviões, 496 peças de artilharia pesada, cinco mil metralhadoras, duzentas mil granadas de mão, quatrocentas mil espingardas e vinte milhões de peças de munição. Voluntários britânicos, franceses e italianos ofereceram-se para participar do combate e dirigiram-se para Helsinque.

Em 12 de dezembro, as tropas finlandesas, a leste da vila de Suomussalmi, combateram um contingente soviético muito superior numericamente. Sem artilharia nem armas antitanque, os finlandeses conseguiram, ainda assim, manter sua posição durante cinco dias enquanto a temperatura chegava muito abaixo de zero grau. Os reforços soviéticos comandados pelo general Vinogradov, engarrafados numa estreita estrada de terra batida, ladeada por um arvoredado denso, foram atacados, num duro combate corpo a corpo, por tropas finlandesas decididas a não se deixarem vencer. E esse não foi o único ponto do front em que os tanques do Exército Vermelho não conseguiram avançar frente às minas e aos coquetéis Molotov finlandeses; os finlandeses chegaram a usar ramos de árvores para arrancar os trilhos dos tanques.

Acompanhando a evolução da batalha da Finlândia, com sincera admiração pelos finlandeses, Hitler ocupava-se com a preparação de sua própria batalha no Ocidente e, naquele dia, ordenou um aumento substancial da produção alemã de munição para artilharia – em quase cem por cento –, de minas navais e de submarinos. Porém, o curso da guerra no mar nem sempre foi favorável ao Führer: no Atlântico sul, em 13 de dezembro, o couraçado de bolso alemão *Graf Spee*, tendo afundado três navios mercantes britânicos em cinco dias, foi perseguido por três

cruzadores daquela nacionalidade, o *Achilles*, o *Ajax* e o *Exeter* e, após ser atingido mais de cinquenta vezes, procurou refúgio nas águas territoriais uruguaias. Quatro dias mais tarde, foi afundado pelo próprio comandante, Hans Langsdorff, que se suicidou, dois dias depois, num quarto de hotel em Montevideu.

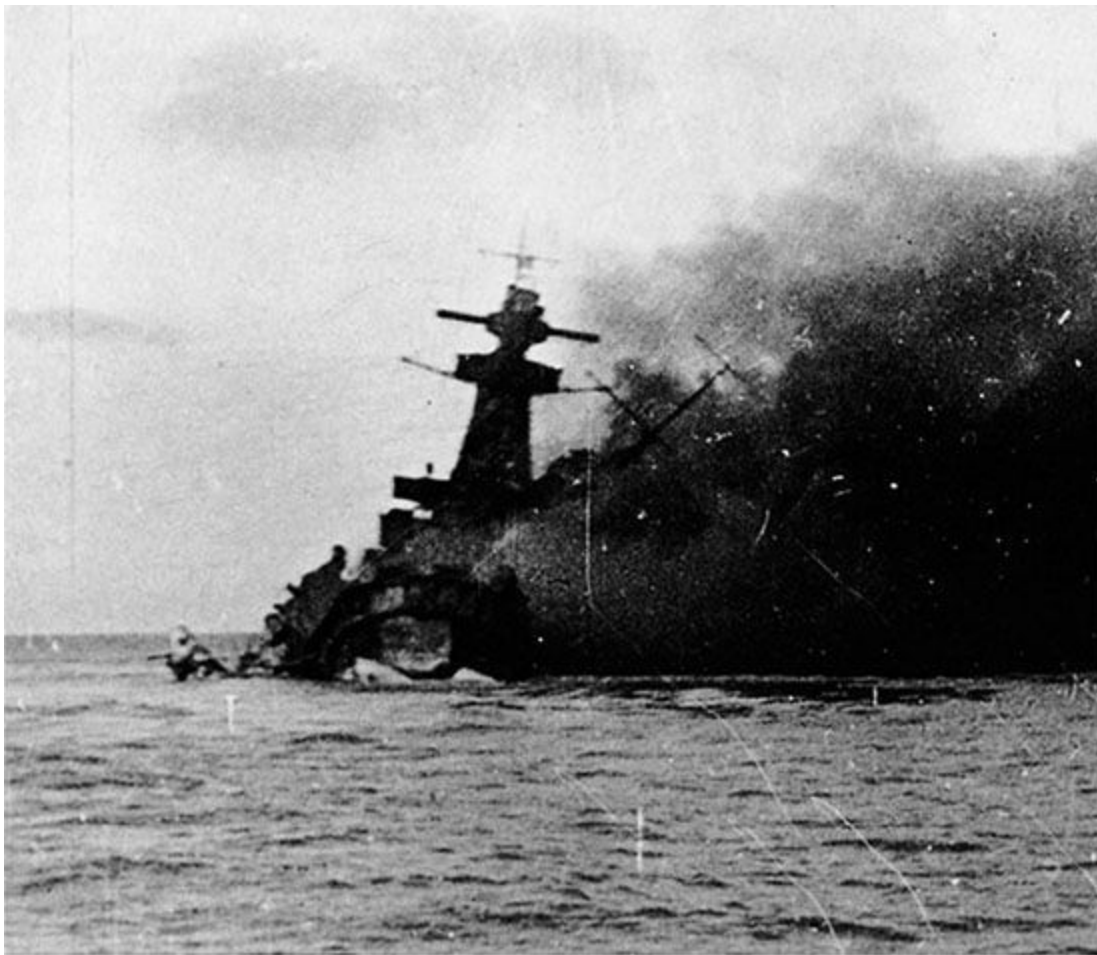
A opinião pública britânica, ainda perplexa por não ter sido possível salvar a Polônia e bastante cética quanto à eficácia da “guerra de confete” – o número de panfletos impressos chegava a 118,5 milhões –, regozijou-se com a vitória naval. Na Polônia ocupada pelos alemães, todavia, o flagelo da tirania era sentido cada vez mais duramente. Em 11 de dezembro, todos os judeus residentes no interior das fronteiras do governo-geral ficavam sujeitos a dois anos de trabalhos forçados, com possibilidade de prorrogação “se os propósitos educativos não forem alcançados”. As tarefas – drenagem de pântanos, pavimentação de estradas e construção de fortificações ao longo da nova fronteira com a União Soviética – eram duramente vigiadas. Em 14 de dezembro, foi dito aos 1.500 judeus deportados de Poznan para o governo-geral que poderiam levar consigo toda a bagagem que quisessem, carregada em vagões especiais para mercadorias. Quando o trem dos deportados partiu, os vagões de mercadorias ficaram para trás, e aos judeus restou apenas a roupa que tinham no corpo.

Ninguém sabia qual seria o destino dos judeus no governo-geral, sequer os alemães. “Não podemos fuzilar 2,5 milhões de judeus”, escreveu Hans Frank em seu diário, em 19 de dezembro, “nem podemos envenená-los. Devemos, no entanto, tomar providências que, de uma ou de outra forma, conduzam ao seu extermínio – o que não deixaremos de fazer”.

A guerra no mar prosseguia; em 17 de dezembro, cinco paquetes convertidos em navios de transporte de tropas, escoltados por um cruzador, um couraçado e um porta-aviões, aportaram ilesos na Grã-Bretanha após a travessia do Atlântico. A bordo, vinham 7.500 canadenses, todos voluntários na guerra contra a Alemanha. Dois dias após sua chegada, a marinha alemã lançou ao mar o cruzador *Atlantis*, de 7.860 toneladas, convertido a partir de um cargueiro. Ao longo de três

meses e meio, o navio seria preparado para uma missão dramática, cuja natureza era evidente para quem assistiu à construção de um compartimento especial com capacidade para 92 minas magnéticas – foram-lhe ainda adaptados seis canhões camuflados, de seis polegadas, e duas peças de artilharia antiaérea. Ao *Atlantis* seria confiada a tarefa de afundar ou capturar navios mercantes aliados. Para facilitar a tarefa, o navio levaria várias bandeiras nacionais, induzindo ao erro as tripulações dos navios mercantes com os quais cruzasse; entre essas bandeiras estavam a britânica, a holandesa e a norueguesa.

O *Atlantis* seria um corsário bem-sucedido, entre os mais mortíferos das forças alemãs, mas sua “arma secreta” estava prestes a perder seu poder aterrador. Em 19 de dezembro, o almirantado britânico pôde comunicar ao Gabinete de Guerra que fora concebido um dispositivo para a desmagnetização de navios, que consistia em envolver o casco do navio num cabo enrolado em espiral. Uma vez desmagnetizado, o navio não atrairia minas magnéticas. Não querendo revelar aos alemães esse sucesso, Churchill instruiu que quando um navio fosse afundado por uma mina normal “anunciassem, sempre que possível, que fora afundado por minas magnéticas”. E telegrafou ao presidente Roosevelt, mostrando uma compreensível sensação de triunfo: “Parece-me que conseguimos apanhá-los pelo rabo.”



A guerra no mar; o couraçado alemão *Graf Spee* é destruído pela marinha de guerra inglesa, 17 de dezembro de 1939.

Em 22 de dezembro, Stálin comemorou seu sexagésimo aniversário. Entre os telegramas que recebeu, um havia sido assinado por Hitler. Dois dias depois, Hitler deixou Berlim; em Munique, conversando com Else Brückman, que lhe dera seu apoio vinte anos antes, afirmou que nos oito meses seguintes obrigaria a Inglaterra a submeter-se, usando, para tal, minas magnéticas. Deslocando-se para a frente ocidental, Hitler pôde atravessar a fronteira francesa em Spicheren, ponto onde os alemães rechaçaram os franceses durante as escaramuças de setembro.

Enquanto Hitler inspecionava suas unidades militares do Ocidente, juntando-se às comemorações de Natal das tropas, sua dominação no leste dava um novo passo rumo à barbárie. Na pequena vila polonesa de Wawer, na margem do rio Vístula oposta à Varsóvia, dois soldados alemães haviam sido mortos por dois criminosos poloneses que tentavam escapar à prisão. Duas horas mais tarde, 170 homens e rapazes foram apanhados em Wawer e na aldeia vizinha, Anin. Os alemães perguntaram a uma mulher quem de sua família ela preferia que fosse levado: seu pai, seu irmão ou seu filho. Os homens reunidos foram levados para um túnel ferroviário perto da vila, onde precisaram passar várias horas com mãos erguidas. Foram, então, trazidos para o exterior, em grupos de dez, e fuzilados. Os últimos dez não foram executados a seguir aos outros: primeiro foram obrigados a cavar covas para sepultar seus companheiros assassinados. Entre os mortos estava um rapaz de doze anos, Stefanek Dankowski, e dois cidadãos americanos – um homem chamado Szczgiel e seu filho de 16 anos.

Enquanto a Polícia e a Gestapo consolidavam seu domínio cruel sobre a Polônia, o exército de Stálin enfrentava um inimigo mais fraco que, contudo, persistia na tentativa de não apenas conservar suas posições, mas expulsar os russos da Finlândia. Simultaneamente ao massacre de Wawer acontecia um contra-ataque finlandês em Suomussalmi, que, ao fim de quatro dias com temperaturas inferiores a 35 graus negativos, obrigou a 163a divisão soviética e a 54a divisão do general Vinogradov a transporem novamente a fronteira russa. Mais de 1.500 militares soviéticos foram enterrados pelos finlandeses, enquanto outros 25 mil foram sepultados pela neve, mortos em combate ou pelo frio. O general Vinogradov foi executado por seu fracasso.

Para as tropas finlandesas dos setores restantes na frente, a vitória de Suomussalmi foi um estímulo poderoso. O coronel Hjalmar Siilasvuo, que comandara os defensores, foi promovido a general e enviado para enfrentar outra divisão russa, encurralada nas florestas de Kuhmo. Depois da guerra, ele escreveria a propósito dos defensores de Suomussalmi: “Eles mostraram ao povo o caminho da glória, um caminho cheio de asperezas, é verdade, mas o único possível.”

Voltando a Berlim, Hitler deparou-se com uma carta, expedida na Suíça em 28 de dezembro por Fritz Thyssen, o industrial que tão energicamente o apoiara entre 1932 e 1935, mas que, já em 1937, protestara contra a perseguição ao cristianismo na Alemanha e, em 1938, contra a perseguição aos judeus. “Agora”, escrevia ele, “o senhor concluiu um pacto com o comunismo. Seu ministro da Propaganda chega ao atrevimento de afirmar que os bons alemães que votaram no Führer, adversários professos do comunismo, são, essencialmente, idênticos a esses abomináveis anarquistas que arrastaram a Rússia para uma tragédia e que você mesmo descreveu, em outros tempos, como ‘sangrentos criminosos’!”. ”.



A drôle de guerre; tropas alemãs celebram o Natal num abrigo subterrâneo na Frente Oeste, 25 de dezembro de 1939.

A citação era extraída do livro de Hitler, *Mein Kampf*, publicado pela primeira vez em 1925, mas Hitler não pensava em romper seu pacto com Stálin até, pelo menos, conseguir subjugar a Grã-Bretanha, nem em moderar sua atitude em relação aos judeus. “O mundo judaico-capitalista”, declarou em 30 de dezembro, em sua mensagem de Ano-Novo ao povo alemão, “não sobreviverá ao século XX”. Para os judeus da Polônia ocupada pela Alemanha, isso parecia tudo, menos uma profecia vã. Na primeira semana de janeiro de 1940, setenta judeus morriam diariamente por fome apenas em Varsóvia. Em 2 de janeiro, numa tentativa para ocultar a ordem de grandeza dessas mortes, o governo-geral proibiu a divulgação de necrologias.

Em todo o seu território, as populações eram submetidas a um severo toque de recolher. Em Varsóvia, os judeus precisavam voltar às suas casas às oito horas da noite. Aqueles que estivessem na rua, ainda que portassem um passe especial, podiam ser fuzilados. Para os poloneses, o início de janeiro trouxe uma nova tragédia, na escala dos fuzilamentos ocorridos em Wawer em meados de dezembro. Numa das estações de trem de Varsóvia chegou uma série de vagões de gado selados, onde haviam sido enfiados, treze dias antes, dois mil prisioneiros de guerra poloneses, transferidos de um campo de concentração na Prússia Oriental. Quando os vagões foram abertos, 211 militares mortos, por causa do frio, os sobreviventes estavam emaciados e vários morreram nas horas seguintes. Outros não resistiram àquela provação e enlouqueceram. Na mesma semana, em 7 de janeiro, na estação de Plaszow, nos arredores de Cracóvia, foram encontrados 28 cadáveres num vagão de gado proveniente do Warthegau, que transportava poloneses expulsos dessa província anexada pela Alemanha. Na estação de Debica, trinta crianças foram encontradas mortas de frio num vagão.

A guerra de Hitler propagava-se de leste para oeste; o caso “Amarelo” apenas esperava alguns dias de clima estável para ser relançado. Os preparativos para derrotar a Grã-Bretanha prosseguiram firmemente. Em 3 de janeiro, o departamento naval dos serviços secretos alemães recebeu um relatório de uma agente nos Estados Unidos, Marie Koedel, acerca do material militar comprado pela Grã-Bretanha e que era carregado nas docas de Hamilton, no Brooklyn, dos navios que o transportariam e da data de largada. Marie Koedel conseguiu até mesmo recrutar como

agente um marinheiro britânico que penetrara clandestinamente num dos navios, que foi mais tarde desmascarado, capturado, trazido novamente para a Inglaterra e enforcado. As informações que forneceu, no entanto, juntamente com aquelas enviadas por Marie Koedel, deram aos alemães uma ideia bastante exata das operações britânicas nesse campo. Parte considerável da informação recolhida pelos alemães veio também da cuidadosa leitura de publicações da imprensa norte-americana.

Ao longo das costas norueguesas, os navios mercantes alemães desprezavam a neutralidade desse país e transportavam o minério de ferro sueco, vital para o esforço de guerra alemão, até os portos do mar do Norte. Em 6 de janeiro, o secretário de estado das Relações Estrangeiras, lorde Halifax, advertiu o governo norueguês sobre a intenção britânica de minar suas águas territoriais para forçar os navios alemães a navegarem ao largo, onde podiam ser atacados. O governo norueguês registrou o aviso, mas as minas não foram colocadas e os cargueiros alemães mantiveram suas viagens sem ser molestados. Dois dias depois, não sabendo por quanto tempo poderia receber abastecimentos vindos do outro lado do Atlântico, o governo britânico agravou o racionamento de gêneros alimentícios, até então limitado à carne, à manteiga e ao açúcar. Porém, uma sensação de confiança, ou pelo menos de ausência de perigo, reinava na Grã-Bretanha; nesse dia, 8 de janeiro, assistiu-se ao regresso a Londres de 316.192 crianças, quase metade daquelas que haviam sido evacuadas para o campo no início da guerra.

Um homem que receava seriamente um ataque alemão à Grã-Bretanha era o ditador italiano Benito Mussolini. No mesmo 8 de janeiro, o embaixador italiano em Berlim entregou a Hitler uma carta de Mussolini perguntando-lhe se valeria a pena “arriscar tudo – incluindo o regime – e sacrificar a fina flor das gerações alemãs apenas para apressar a queda de um fruto que necessariamente cairá e será colhido por nós, que representamos as novas forças da Europa”. As “grandes democracias”, acrescentava Mussolini, “trazem em si os germes de sua própria decadência”.

Hitler não respondeu. Mussolini não insistiu nos protestos. Dois dias depois, na tarde de 10 de janeiro, numa reunião com os comandos militares, Hitler marcou para 17 de janeiro sua ofensiva no Ocidente. O

bombardeamento intensivo das bases aéreas francesas começaria em 14 de janeiro. Dois milhões de soldados alemães estavam a postos ao longo das fronteiras com Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França e eram previstos dez a doze dias de bom clima. O caso “Amarelo” podia avançar. Contudo, no dia seguinte, Hitler foi informado de algo que poderia atrapalhar seus planos: um avião da força aérea alemã atravessara inadvertidamente a fronteira belga e aterrissara emergencialmente junto à cidade belga de Mechelen-sur-Meuse. Um dos tripulantes, o major Helmut Reinberger, trazia numa pasta os planos do ataque aéreo à Bélgica e, enquanto tentava queimá-los, foi capturado por soldados belgas. “São essas coisas que podem fazer com que percamos a guerra!”, foi o franco comentário de Hitler ao saber sobre o incidente. Nessa tarde, todavia, confirmou que a invasão do Ocidente teria início, conforme o planejado, em 17 de janeiro.

Como consequência imediata da captura do major Reinberger, Hitler enviou uma ordem, em 11 de janeiro, a ser afixada em todos os quartéis e comandos militares, ditando que “ninguém – nenhum organismo ou oficial – está autorizado a saber mais acerca de assuntos secretos do que aquilo que for absolutamente indispensável para fins oficiais”. Não foi, no entanto, uma quebra das normas de segurança, mas a possibilidade de nevoeiro, que levou Hitler, na tarde de 13 de janeiro, a ordenar um adiamento da ofensiva por três dias. Na mesma noite, porém, ficou claro, em Berlim, que os exércitos holandês e belga começavam a mobilizar tropas para a fronteira e o subchefe dos serviços secretos alemães comunicou os pormenores da ofensiva iminente ao adido militar holandês em Berlim, major Sas, que, por sua vez, comunicou-os ao seu homólogo belga, o coronel Goethals – este transmitiu-os a Bruxelas numa mensagem codificada. Como os serviços secretos alemães conheciam os códigos belgas, essa fuga de informação deve ter sido detectada em Berlim na manhã de 14 de janeiro. Mesmo assim, parece ter sido o agravamento do clima, mais do que o receio quanto a uma resistência informada sobre o encadeamento das operações, o que convenceu Hitler, na tarde de 16 de janeiro, pouco antes do início dos ataques aéreos adiados, a suspender uma vez mais a ofensiva. “Se não pudermos contar com pelo menos oito dias de bom tempo, com boa

visibilidade”, disse Hitler aos seus colaboradores, “precisaremos esperar pela primavera”.

A guerra no Ocidente fora novamente adiada; entretanto, na Finlândia, os estrategistas soviéticos haviam optado por um novo método: o bombardeamento intensivo de nós viários e ferroviários, das bases militares e dos portos, na esperança de lançarem, no fim do mês, um ataque vitorioso. Somente no dia 14 de janeiro, 35 vilas e aldeias foram bombardeadas. O auxílio material que viria do Ocidente, prometido nos primeiros dias de dezembro, começava a chegar à Finlândia em quantidades apreciáveis, junto com voluntários. Apesar dos veementes protestos soviéticos, o governo sueco atendeu, em 13 de janeiro, ao pedido britânico para que deixasse os voluntários passarem por seu território, determinando que estes viajariam sem armas ou uniformes e que não eram membros de nenhum dos exércitos aliados.



A Linha Siegfried, 14 de janeiro de 1940; o general Von Brauchitsch, chefe supremo do exército alemão, numa operação de inspeção.

O governo britânico aguardava, inquieto, alguma indicação sobre o momento em que os alemães lançariam seu golpe contra o Ocidente. Até então, haviam contado apenas com viagens apressadas de homens como o coronel Oster, que desejava alertar o Ocidente para os perigos que corria, ou com a sorte, que vez por outra dava-lhes acesso a documentos como aqueles encontrados com o major Reinberger, para descobrir datas e outros pormenores, quase sempre em cima da hora. No entanto, em janeiro, os serviços secretos conquistaram uma notável proeza que mais tarde modificaria seu modo de funcionamento. Nesse mês, em Paris, decifrou-se uma mensagem transmitida no sistema de chaves mais secreto das comunicações alemãs: o sistema Enigma.

Esse desenvolvimento crucial não resultou apenas dos esforços britânicos; durante muitos meses, os criptógrafos franceses estiveram igualmente ativos nessa batalha contra o relógio. Ambos, porém, estavam em dívida com o trabalho pioneiro realizado durante mais de uma década por matemáticos poloneses, pois fora sobretudo um deles, Marian Rejewski, quem, ainda antes da guerra e ajudado pelo material obtido por um agente secreto francês, Asché, conseguira dar o passo decisivo para a decifração.

A decifração de janeiro de 1940 resultou de um trabalho metódico e não trouxe benefícios imediatos à causa aliada. A chave quebrada após prodigiosos esforços pertencia a um sistema empregado pelo exército alemão em 28 de outubro, mais de dois meses antes, e ainda se passariam quase nove meses até que a primeira de uma série de chaves desse sistema, utilizada pela força aérea alemã, pudesse ser regularmente decifrada, às vezes quase simultaneamente ao envio da mensagem de Berlim para os comandantes militares no terreno de operações. O êxito de 17 de janeiro, porém, teria, a seu tempo, uma profunda influência na orientação da guerra, em notório detrimento de Hitler.

O terror alemão no leste da Europa, em contrapartida, podia ser tudo, menos secreto. Os pormenores de todas as atrocidades eram divulgados no Ocidente num intervalo de poucos dias, os diplomatas dos países neutros ainda em Berlim eram bem informados e os editais afixados por toda a parte na Polônia davam ampla publicidade às atividades alemãs.

As execuções em massa transformaram-se no método para dominar a população polonesa e simultaneamente destruir os alemães considerados

indignos de sobreviver. Em 9 de janeiro, o comandante das SS e da Polícia de Danzig e Prússia Ocidental, Dr. Hildebrandt, informou Himmler de que as duas unidades de choque à sua disposição haviam eliminado “cerca de quatro mil doentes incuráveis dos hospitais psiquiátricos poloneses”, assim como mais de dois mil doentes mentais alemães de um hospital da Pomerânia.

O anúncio público das represálias era um elemento do regime de terror. Em 18 de janeiro, após a captura de Andrzej Kott, dirigente de uma associação de jovens clandestina em Varsóvia, cuja família havia muito se convertera do judaísmo ao catolicismo, a Gestapo prendeu 255 judeus ao acaso, levou-os para os bosques de Palmiry, nos arredores da cidade, e fuzilou-os. Quatro dias depois, quando se estimava que o número de civis poloneses mortos desde o início da guerra chegasse a quinze mil, o papa declarou no Vaticano, num discurso transmitido por rádio, que: “O horror e os excessos imperdoáveis cometidos contra um povo indefeso e sem lar foram confirmados pelos depoimentos irrefutáveis de muitas testemunhas oculares.”

Entre elas estavam oficiais do exército alemão; no dia do discurso do papa, o general Friedrich Mieth, comandante do 1º exército alemão, disse aos seus oficiais reunidos: “A SS realizou execuções em massa sem os devidos julgamentos” – execuções que “manchavam”, acrescentou, a honra do exército alemão.

Quando soube das palavras de Mieth, Hitler demitiu-o.

Em 25 de janeiro, em seu quartel-general em Cracóvia, Hans Frank promulgou um decreto para a remodelação da economia polonesa dentro do governo-geral, “no sentido de reforçar imediatamente o potencial militar do Reich”. A Polônia deveria, doravante, fornecer à Alemanha madeira, matérias-primas, produtos químicos e até mão de obra conforme fosse necessário. Um dos parágrafos do decreto autorizava a “preparação e o transporte para o Reich de não menos do que um milhão de trabalhadores agrícolas e industriais de ambos os sexos, incluindo aproximadamente 750 mil trabalhadores agrícolas, sendo cinquenta por cento, pelo menos, mulheres – de modo a salvaguardar a produção do Reich e a suprir a falta de mão de obra industrial”.

Assim, o sistema de trabalho escravo, já aplicado aos judeus, era agora alargado aos poloneses, tal como fora aos tchecos. “Cem mil operários

tchecos”, declarou Churchill num discurso em Manchester, em 27 de janeiro, “já haviam sido reduzidos à escravidão e levados para a Alemanha para trabalhar até a morte”. Contudo, o que acontecia aos tchecos “era pouco se o compararmos com as atrocidades que, no próprio instante em que aqui discurso, são perpetradas sobre os poloneses”. A partir dos “relatos vergonhosos” das execuções em massa na Polônia, afirmou Churchill, “podemos imaginar como seria nosso destino se caíssemos nas garras deles, mas podemos também extrair a força e a inspiração para prosseguirmos em nosso caminho e não nos determos nem repousarmos até ser alcançada a liberdade e ser feita a justiça”.

Em 30 de janeiro, três dias após o discurso de Churchill, Reinhard Heydrich criava em Berlim um novo departamento governamental, o IV-D-4, encarregado de cumprir os planos de deportação dos judeus das regiões anexadas da Polônia ocidental e de orientar todas as futuras deportações, quaisquer que fossem sua origem e seu destino.



ESCANDINÁVIA, 1940.

Em 29 de janeiro, perante a persistente resistência militar finlandesa, o governo soviético iniciou negociações secretas na Suécia, dispondo-se a abandonar o “Governo Popular da Finlândia”, composto por elementos nomeados pelos comunistas, e a dialogar com o governo do primeiro-ministro Ryti. A partir daí, tornou-se patente que seria possível chegar a um compromisso e que a guerra, por mais feroz que continuasse a ser no front, tinha agora a ver não com a introdução do comunismo na Finlândia, mas com questões relativas a fronteiras e fortalezas. Tratava-se de tentativa soviética para obter uma linha de costa mais extensa no golfo da Finlândia, que protegesse Leningrado, controle da entrada do golfo e maior controle territorial na Carélia.

Estava aberto o caminho para a paz. Dois dias depois, foi anunciado, em Helsinque, que 377 civis finlandeses haviam perecido em consequência dos ataques soviéticos desde o início da guerra, dois meses antes.

Apesar das conversações secretas, a guerra russo-finlandesa continuou. Em 1º de fevereiro, sob o comando do general Timoschenko, o Exército Vermelho lançou uma grande ofensiva contra a principal linha de defesa finlandesa, a Mannerheim, mas, apesar de ataques simultâneos de carros de assalto, de infantaria e da aviação, a linha resistiu; em 3 de fevereiro, tornava-se claro que a União Soviética não conseguiria uma vitória rápida. Dois dias depois, os primeiros-ministros francês e britânico, encontrando-se em Paris numa reunião do Conselho Supremo da Guerra, decidiram intervir militarmente na Finlândia, enviando um corpo expedicionário composto por pelo menos três divisões. “Não podemos permitir”, disse Neville Chamberlain, “que a Finlândia desapareça do mapa”. Concordou-se também que os aliados tomariam conta das minas de ferro suecas de Gällivare. O ideal seria atingir esse objetivo desembarcando um contingente em Narvik, que passaria da Suécia à Finlândia, integrado no auxílio britânico a este país, como disse o próprio Neville Chamberlain, numa ação que “mataria dois coelhos com uma cajadada”. Por fim, decidiu-se iniciar o auxílio militar à Finlândia com um desembarque em três portos noruegueses – Stavanger, Bergen e Trondheim –, operação a ser realizada pela força Stratford e iniciada em 20 de março. Somente se comesçassem nessa data, explicou Chamberlain

ao Gabinete de Guerra em 7 de fevereiro, poderiam a Grã-Bretanha e a França “ter certeza de que se antecipavam aos alemães”.

Três dias mais tarde, quando as forças soviéticas atacaram a linha Mannerheim com tal ímpeto que conseguiram abrir uma brecha, tornou-se duvidoso se tal ajuda chegaria ou não a tempo, mas, num supremo esforço marcial, ao fim de 48 horas os finlandeses haviam recuado em ordem para uma segunda linha defensiva, que resistiu. A trégua, no entanto, não duraria muito. Em 13 de fevereiro, uma nova ofensiva soviética abriu outra brecha, de oitocentos metros, na segunda linha. As tropas finlandesas enviadas para cobri-la, oriundas de um dos melhores regimentos do país, a Cavalaria Ligeira de Tavast, foram dizimadas. Ondas após ondas de tropas soviéticas aproveitavam agora a abertura; era a tática, concebida pelo ministro da Defesa soviético, marechal Veroshilov, da “ofensiva crescente”. Num comunicado na noite de 13 de fevereiro, o alto-comando finlandês reconheceu a perda de “algumas de nossas posições mais avançadas”. Geoffrey Cox, o jornalista britânico que acompanhava desde o início de dezembro o exército finlandês, recordou, mais tarde: “Foi o primeiro entre os boletins de uma derrota gradual, que a partir daí chegariam regularmente, dia após dia, até o fim da guerra.”

O peso dos números revelava-se decisivo. Em 16 de fevereiro, as tropas finlandesas estavam exaustas e haviam gasto todas as reservas. Já não era possível um contra-ataque sério. E o Exército Vermelho ainda tinha muitos homens para enviar para o combate.

Esse dia de luto na Finlândia foi, para a Grã-Bretanha, um dia de regozijo, pois, no fiorde de Jösing, a tripulação de um contratorpedeiro britânico, o *Cossack*, violando a neutralidade norueguesa, abordara um navio de abastecimento alemão que se refugiara naquelas águas territoriais. O navio alemão era o *Altmark*; em seu porão estavam presos 299 marinheiros da armada e da marinha mercante britânicas, capturados no Atlântico sul. Houve um breve combate, em que morreram quatro marinheiros alemães, e os prisioneiros de guerra britânicos foram libertados.

Como recompensa por essa proeza, o comandante do *Cossack*, Philip Vian, recebeu uma cruz Victoria. Os propagandistas alemães denunciaram a violação da neutralidade norueguesa por parte dos

ingleses, mas Hitler pensava que a história somente levava em conta êxitos e fracassos; ninguém pergunta ao vencedor se a razão estava ou não do lado dele. O governo britânico, em resposta ao protesto formal da Noruega pela violação de suas águas territoriais, declarou que a própria violara o direito internacional ao permitir que suas águas fossem usadas pelos alemães para transportarem prisioneiros britânicos para a Alemanha.

A maior violação do direito internacional nesse mês não ocorreu, porém, num fiorde norueguês. Em 2 de fevereiro, na Polônia, o general Ulex, comandante-chefe do Setor Sul da fronteira, escrevera uma carta de protesto ao seu superior, o general Blaskowitz: “O recente reforço do recurso à violência por parte da Polícia revela uma ausência quase inacreditável de qualidades humanas e morais; quase se justifica o uso da palavra ‘bestialidade’.” O general Ulex prosseguia: “A única solução que vejo para essa situação revoltante, que mancha a honra de todo o povo alemão, é demitir, em bloco, todas as formações policiais, juntamente com os respectivos comandantes, dispersando as respectivas unidades.”

Blaskowitz elaborou, então, uma lista de crimes da SS, descrevendo em detalhes 33 incidentes envolvendo assassinatos e violações de poloneses e de judeus e pilhagem de bens de cidadãos, judeus ou não. Quanto à atitude dos oficiais do exército alemão e de seus subordinados em relação às SS, registrava Blaskowitz, em 6 de fevereiro, que oscilava “entre a repugnância e o ódio. Todo militar sente aversão e repulsa por esses crimes cometidos na Polônia por cidadãos do Reich e representantes de nosso Estado”.

Irritado com as acusações, Hans Frank deslocou-se para Berlim, em 13 de fevereiro, para pedir a Hitler que demitisse Blaskowitz. Dois dias depois, Blaskowitz reiterava suas acusações numa carta endereçada ao general Brauchitsch. Seus protestos foram inúteis: incidentes como aqueles continuaram a repetir-se diariamente contra as pessoas nas ruas e os alistados nos grupos de trabalho forçado. “Continuam as humilhações e as torturas infligidas aos trabalhadores judeus”, relatava o *Manchester Guardian* em sua edição de 18 de fevereiro, “que são obrigados pelos guardas nazistas a dançar, a cantar e a despir-se enquanto trabalham e são até mesmo forçados a espancar-se mutuamente”.

Não apenas os judeus poloneses, mas todos desta nacionalidade, seriam sujeitos às maiores crueldades. Em 21 de fevereiro, Richard Gluecks, chefe do serviço de inspeção dos campos de concentração alemães, enviava a Himmler uma carta que originaria algumas das mais pavorosas torturas inventadas pelo homem. Nesse dia, Gluecks comunicava a Himmler que encontrara o local adequado para um novo campo de “quarentena”, onde poderiam ser presos, punidos e obrigados a trabalhar os poloneses culpados por atos de rebelião ou de desobediência. Tratava-se do antigo quartel de um regimento de cavalaria austro-húngaro, um conjunto de edifícios imponentes, firmes, nas imediações da vila de Oswiecim, que desde a anexação pelo Reich alemão era novamente designada segundo seu nome alemão: Auschwitz.

Não se pretendia utilizar Auschwitz como local para o encarceramento de judeus; seu objetivo inicial era ser um campo de trabalho para poloneses. Iniciaram-se imediatamente as obras para transformar o quartel num campo de concentração e as diligências para encontrar nos campos já existentes funcionários adequados para administrar e aplicar um regime que, desde o início, pretendia-se que fosse da maior severidade.

O campo de batalha escandinavo

Inverno de 1939-1940

Hitler pretendia conquistar a Grã-Bretanha, ou pelo menos submetê-la, antes de direcionar seus exércitos contra a Rússia. Stálin desejava prolongar a neutralidade soviética enquanto fosse possível. Em agosto de 1939, assinara seu pacto com Hitler, que não só lhe poupava o envolvimento no conflito germano-polonês em defesa da Polônia como lhe dera uma fatia substancial deste território. Na sequência da vitória alemã sobre a Polônia, Stálin conseguira ainda proteger-se contra um eventual ataque alemão afirmando o domínio soviético sobre Lituânia, Letônia e Estônia, onde adquiriu bases militares, garantindo que o mar Báltico não fosse usado contra ele – ou ao menos não tão facilmente como poderia ser caso a União Soviética não controlasse tais países. No final de novembro, Stálin tentara instalar na Finlândia um governo comunista, mas a tentativa fracassara; agora esforçava-se por conquistar ao menos uma faixa do território finlandês que o serviria em seus propósitos defensivos.

Teria Stálin previsto um ataque alemão à União Soviética? Em 15 de novembro de 1939, ele aprovara uma decisão do supremo conselho militar do Exército Vermelho no sentido de reduzir, em mais de um terço, os efetivos permanentes das zonas fortificadas da fronteira. Seis dias depois, comparecera a uma sessão do conselho que decidiu pelo desmantelamento, o mais depressa possível, de todas as unidades blindadas do exército soviético, de acordo com a opinião do general Kulik, para quem a cavalaria desempenharia papel de destaque na guerra. Foram, sem dúvida, decisões que diminuíram a capacidade defensiva soviética, no entanto, ao mesmo tempo, Stálin procurava obter um máximo de concessões vindas de Hitler; um acordo comercial assinado

em Moscou em 11 de fevereiro estipulava que a União Soviética receberia, em troca de petróleo e de produtos agrícolas, bens manufaturados, armas, os planos de aperfeiçoamentos em matéria de armamento naval e protótipos dos modelos mais recentes de aviões, de peças de artilharia antiaérea, de bombas e de tanques.

Hitler aceitou as exigências de Stálin; não queria fazer nada que levasse Stálin a quebrar a sua neutralidade durante a ofensiva no Ocidente – até mesmo os planos do mais moderno couraçado da Alemanha, o *Bismarck*, foram entregues. Hitler ainda acreditava que seria possível, no tempo certo, conquistar a Rússia, mas não estava menos convencido de que seria impossível vencer no Ocidente se não tivesse a garantia de uma guerra limitada a uma única frente. Apesar de tudo, havia perigos mesmo no Ocidente. Um deles, de que Hitler nada soube, teve sua origem no afundamento, pelo navio-varredor HMS *Gleaner*, em 12 de fevereiro, de um submarino alemão, o U-33, em que, depois de estabilizado a cinquenta metros de profundidade, foram recuperados três rotores do sistema Enigma. Era mais um passo na lenta decifração do mais secreto sistema de comunicações da Alemanha em tempo de guerra. Infelizmente para a Grã-Bretanha, e felizmente para Hitler, as três chaves navais do sistema Enigma não puderam ser quebradas, mas deram aos criptoanalistas britânicos de Bletchley, ao norte de Londres, uma importante noção dos processos utilizados pelos alemães. As três chaves recuperadas receberam os codinomes “Golfinho”, “Lúcio” e “Ostra” e foram desenvolvidos sérios esforços para decifrá-las. O codinome “Golfinho”, que era usado pelos navios de superfície alemães, foi rapidamente quebrado, fornecendo uma vantagem momentânea.

Pela perícia demonstrada no afundamento do submarino e na recuperação dos preciosos rotores Enigma, o comandante do *Gleaner*, capitão-tenente Hugh Price, foi condecorado com a Ordem de Serviços Distintos.

Enquanto os serviços secretos britânicos tentavam descobrir a chave para decodificar as mais secretas mensagens alemãs – que captavam, mas não conseguiam ler –, os soviéticos mantinham sob forte vigilância a vulnerável fronteira soviética com a China, ocupada pelo Japão. Todos os cálculos de Stálin acerca do momento e da maneira como atuar no

Ocidente, caso fosse indispensável, precisavam considerar o que se passava ali, pois a força e as intenções japonesas eram parte importante da equação da política externa soviética.

Os serviços secretos soviéticos tinham a sorte de contar com a colaboração de um jornalista alemão situado em Tóquio, Richard Sorge, que, mesmo sendo agente soviético, tinha estreitas ligações com a embaixada da Alemanha. A equipe da embaixada e até o próprio embaixador recorriam muitas vezes a Sorge por opiniões e comentários; em setembro de 1939, a embaixada nomeara-o diretor de seu boletim informativo diário. Em 16 de fevereiro, Sorge pôde enviar a Moscou uma lista detalhada da produção japonesa de munições, aviões e caminhões, com um relatório sobre as fábricas onde eram feitos, e da produção de ferro e de aço. Sob o codinome “Ramsay”, Sorge permitiu que Stálin avaliasse corretamente os perigos que ameaçavam o mais distante, embora não menos vulnerável, de seus flancos.

Através dos serviços secretos alemães, Hitler tomou conhecimento de uma ameaça bem menos remota para a Alemanha: os ingleses e os franceses planejavam desembarcar um contingente militar em Stavanger, Bergen e Trondheim, como fora decidido em 5 de fevereiro. No estado-maior do exército, em Zossen, próximo de Berlim, uma unidade especial sob a supervisão de Hitler, chefiada por um capitão da marinha, Theodor Krancke, começou a preparar uma contraofensiva, concebendo um plano que consistia em desembarcar tropas alemãs em seis pontos: não apenas Stavanger, Bergen e Trondheim, mas também Arendal, Kristiansand e Oslo, a capital. Em 21 de fevereiro, Hitler nomeou o general Nikolaus von Falkenhorst como comandante da invasão; trabalhando com a unidade do capitão Krancke, ele ampliou os planos para que incluíssem uma invasão à Dinamarca, o que garantiria as vias de comunicação entre Alemanha e Noruega.

Estava preparada uma nova guerra; os homens da marinha, do exército e da força aérea britânicas e alemãs haviam iniciado os treinos. Às tropas britânicas que se preparavam para ir para França foi dito que seu destino seria outro, com novas condições, incluindo neve e gelo, e que os treinos deveriam, portanto, mudar.

Na noite de 24 de fevereiro, um desses numerosos jovens em treino, o oficial-piloto Reginald Whitmarsh, de 20 anos, descolou-se do

aeródromo de Croydon num bombardeiro Blenheim para seu primeiro voo solo noturno. O avião quase não levantou do solo, colidindo com uma casa próxima à pista. Whitmarsh morreu no acidente. Morreram também as ocupantes da casa, Doris Bridge e sua filha de 5 anos, Jill. Ao comentar o caso, o juiz de instrução afirmou que Whitmarsh morreria “tão galante e corajosamente” quanto se estivesse em combate.

Os pilotos britânicos levantaram voo em 25 de fevereiro, primeiro de seis dias de uma missão intensiva sobre Berlim, Bremen, Kiel, Lubeck, Colônia e Hamburgo, constituindo a maior campanha de lançamento de panfletos em toda a guerra. Os folhetos, conhecidos na aeronáutica como “bombas brancas”, pretendiam prevenir as populações contra os malefícios do nazismo; na Polônia, porém, tais avisos não eram necessários. Uma testemunha ocular presente em Katowice em 27 de fevereiro, cujas palavras conseguiram chegar ao Ocidente, onde foram divulgadas pelo governo polonês exilado, referia-se a “execuções em massa” nas imediações do parque municipal da cidade. “Entre as vítimas havia vários padres. Seus olhos eram vendados com lenços. Depois de cada descarga do pelotão, os mesmos lenços, por mais sujos de sangue que estivessem, eram usados para vendar os olhos de outros condenados. Um dos padres não morreu e tentou levantar-se. Foi então morto à coronhada.”

Tais execuções em nada serviam para os objetivos militares da Alemanha; no final de fevereiro, numa tentativa para empregar de maneira plena e eficaz a mão de obra agora ao dispor da Alemanha, decidiu-se, em Berlim, encontrar alguém em que se centralizasse a chefia dos trabalhadores de todas as fábricas de munições do Reich, incluindo os tchecos e poloneses nos territórios conquistados. O homem escolhido para o cargo foi o Dr. Fritz Todt; o sistema que ele criaria, conhecido como Organização Todt, seria o maior empregador da Alemanha, enviando homens e mulheres para as regiões industriais do Reich onde era necessário compensar faltas ou corrigir estrangulamentos na produção de munições; ao mesmo tempo, Todt garantia a utilização mais econômica possível de matérias-primas e de metais, difíceis de conseguir.

A organização no lado dos aliados não era tão eficaz. Até mesmo a força Stratford, corpo expedicionário prometido à Finlândia e que

deveria atuar a partir de 20 de março, chegava “demasiado tarde” para ajudar esse país, como disse ao lorde Halifax o representante da Finlândia em Londres em 1º de março. Nesse mesmo dia, os chefes dos estados-maiores britânicos avisaram que a operação militar prevista para a força expedicionária redundaria num fracasso – bastaria uma “ligeira” oposição da Suécia, o que agora parecia provável, para impossibilitar à força franco-britânica chegar à Finlândia em tempo útil ou mesmo atingir, no caminho, as minas de ferro de Gällivare “antes que ali chegasse uma força alemã”. Em 4 de março, a operação Stratford foi abandonada. Um elemento do Gabinete da Guerra britânico ficou extremamente aliviado: Churchill estava convencido de que o envolvimento britânico na guerra russo-finlandesa “não podia ser encarado como uma diversão proveitosa, uma vez que não estavam implicadas tropas alemãs”. Mesmo os futuros envios de aviões para a Finlândia “deixariam o país mais fraco para o combate contra os alemães”.

Os planos da Alemanha para ocupar a Noruega e a Dinamarca aproximaram-se ainda mais da conclusão em 1º de março, quando Hitler enviou uma diretiva pormenorizada, “Exercício Weser”, em cujo primeiro parágrafo explicava que essa nova operação de guerra “se antecipará a uma ação inglesa contra a Escandinávia, protegendo nossos abastecimentos de minério de ferro sueco e proporcionando à marinha e à força aérea uma base alargada para as operações contra a Inglaterra”. A inferioridade numérica dos alemães, acrescentava Hitler, “será compensada pela capacidade de execução e pelo efeito surpresa”. A campanha deveria ter um “caráter de ocupação pacífica, visando proteger, pela força das armas, a neutralidade dos países nórdicos”, mas qualquer manifestação de resistência norueguesa ou dinamarquesa seria “reprimida por todos os meios disponíveis”.

A campanha da Noruega, concluía Hitler, seria o “empreendimento mais ousado e mais importante de toda a história militar”.

Em 4 de março, as forças soviéticas lançaram uma ofensiva maciça contra a cidade finlandesa de Viipuri. O gelo, que prejudicara os movimentos anteriores por ser demasiado fino, tornara-se duro e espesso,

permitindo-lhes atacar sobre as águas. Uma coluna soviética percorreu 54 quilômetros de gelo, atacando o litoral finlandês entre Helsinque e Viipuri, na retaguarda das tropas que defendiam a cidade. A artilharia soviética posicionou-se ao longo da costa, bombardeando as linhas defensivas de Viipuri a partir do gelo, em ataques que, junto com os bombardeios soviéticos, prosseguiram durante a noite. Então, na manhã de 5 de março, o governo soviético anunciou que estava “mais uma vez” disposto a negociar a paz com a Finlândia. O governo finlandês, não podendo resistir à nova ofensiva militar, aceitou. Pouco depois do meio-dia de 7 de março, o primeiro-ministro sueco, Risto Ryti, aterrissou em Moscou para iniciar as conversações de paz, mas a batalha continuava em Viipuri. Em 9 de março, enquanto Ryti ainda estava em Moscou, um comunicado emitido em Helsinque reconhecia que a segunda linha defensiva finlandesa também fora rompida. “Nestes últimos e amargos dias de luta”, recordava Geoffrey Cox, “os combates foram mais intensos do que em qualquer outro momento da guerra”.

Enquanto as negociações de paz russo-finlandesas prosseguiram em Moscou, os preparativos alemães para a invasão à Noruega prosseguiram. Depois de abandonados os planos anglo-franceses de socorro à Finlândia, não havia, a partir de 4 de março, qualquer operação de guerra britânica ou francesa em perspectiva. “Aqueles que se dão conta da situação política e militar”, registrava Chaim Kaplan em seu diário em 7 de março, em Varsóvia, “andam por aí como se estivessem de luto. Não há qualquer motivo para esperarmos uma ação decisiva na próxima primavera, e a falta de uma decisão nesse sentido significa que nosso infortúnio durará muito tempo”. Em 8 de março, na Cracóvia, um operário polonês que um membro da Gestapo ouviu cantarolar o hino nacional, “A Polônia ainda não pereceu”, foi abatido em plena rua.

A incapacidade da Grã-Bretanha em tomar qualquer iniciativa ficou patente em 8 de março, quando os chefes dos estados-maiores britânicos revelaram, num relatório secreto, que entre as 352 peças de artilharia antiaérea previstas para a Força Expedicionária Britânica na França somente 152 chegaram ao seu destino. Entre as 48 peças antiaéreas ligeiras de que o comando avançado da força aérea britânica em território francês necessitava para se proteger contra um eventual contra-ataque alemão nenhuma chegara ao seu destino. Para a defesa da própria

Grã-Bretanha, os armamentos planejados não haviam sido, pura e simplesmente, produzidos e entre as 1.860 peças de artilharia antiaérea consideradas o mínimo indispensável à defesa aérea da Grã-Bretanha apenas 108 estavam a postos – concentrando-se, necessariamente, em torno das bases navais e das estações de radar, deixando as fábricas de aeronáutica “e outros pontos de importância vital desprotegidos contra o tipo de ataque a que eram mais suscetíveis”.

A atividade da força aérea britânica, em contrapartida, continuava restrita ao lançamento de panfletos. Quando tais operações foram efetuadas sobre o Rur, entre 5 e 7 de março, um dos pilotos comunicou que se via, “mesmo longe, o brilho dos altos-fornos”. Em 9 de março, foram lançados panfletos sobre Praga e, no mesmo dia, H. Hardwood, um inglês furioso, escrevia na revista *Times and Tide*:

A Finlândia está *in extremis*; o estertor da agonia polonesa ecoa em toda a Europa. Em ambos os casos, a fraqueza da aviação foi o fator decisivo. Há, sem dúvida, muitas e boas razões que nos impedem de ajudar esses países, mas serão motivo para somar à impotência o escárnio? Se não podemos arriscar nossos pilotos e nossa gasolina, nem mesmo quando se tratam de objetivos vitais, que pretexto justifica que nossos aviões sobrevoem 2.200 quilômetros de território inimigo para largar panfletos?

O Gabinete de Guerra britânico, contudo, estava prestes a lançar sua primeira operação militar na guerra e decidiu-se num momento em que o subsecretário de Estado do presidente Roosevelt, Sumner Welles, visitava Roma, Berlim, Paris e Londres em busca de uma fórmula para conter a guerra antes que esta adquirisse maiores proporções. Welles encontrara-se com Hitler em Berlim e chegou a Londres em 10 de março, mas, antes que pudesse apresentar suas propostas de paz a Neville Chamberlain, o Gabinete de Guerra decidiu enviar um contingente militar britânico para o porto norueguês de Narvik, apreendendo 1,5 milhão de toneladas de minério de ferro que estavam à espera de serem transportadas para a Alemanha e preparando-se para transpor a fronteira sueca e ocupar as jazidas de ferro de Gällivare. Além dessa operação em Narvik, que recebeu o codinome Wilfred, forças britânicas desembarcariam em três outros portos noruegueses – Trondheim, Stavanger e Bergen –, para prevenir um contra-ataque alemão.

Algumas horas mais tarde, quando Sumner Welles explicou a Chamberlain e a Halifax seu plano de paz, insistindo em que este implicaria um desarmamento progressivo dos beligerantes, os ministros britânicos responderam que “não se podia confiar em Hitler e que, mesmo ocorrendo um desarmamento considerável, a Alemanha poderia facilmente dominar um país fraco como, por exemplo, a Romênia”. A Grã-Bretanha poderia, quando muito, disseram os ministros, “comprometer-se formalmente perante os Estados Unidos a não atacar a Alemanha”, mas precisaria manter sua liberdade quanto a cumprir “suas obrigações de auxílio a terceiros que venham a ser vítimas de agressões alemãs”.

No dia seguinte a esta declaração, o Gabinete de Guerra britânico autorizou um desembarque militar em Narvik. Quando chegasse a notícia de que o desembarque fora bem-sucedido, um segundo contingente desembarcaria em Trondheim e outros ficariam a postos para atacar Stavanger e Bergen. Também ficou decidido, na reunião de 12 de março, que não deveria comunicar-se ao governo norueguês “nossa intenção de desembarcar um contingente em Narvik” até que os navios chegassem ao porto.

A decisão britânica por essa iniciativa militar, com a qual se esperava privar os alemães de seus fornecimentos essenciais de minério de ferro, foi seguida, no dia posterior, pela assinatura, em Moscou, de um tratado russo-finlandês. Terminara uma guerra na Escandinávia. Outra, ao que parecia, estava para começar. Porém, assim que chegou a Londres a notícia da assinatura do tratado, o Gabinete de Guerra reconsiderou sua decisão e, na manhã de 14 de março, resolveu abandonar o plano relativo a Narvik. Churchill protestou vigorosamente, mas em vão. O único efeito de semelhante ação, afirmou Lord Hallifax aos seus colegas, “seria atirar os suecos e os noruegueses nos braços dos alemães”. A operação Wilfried estava acabada.



Março de 1940; numa base aérea da Inglaterra, maços de panfletos são empilhados para serem lançados sobre a Alemanha.

A Finlândia pagou um preço alto pela paz, cedendo à Rússia grandes extensões de território ao longo da costa do Báltico e ao norte e arrendando-lhes, por trinta anos, a península de Hanko. Mais de 27 mil militares finlandeses haviam morrido. Segundo Molotov, a guerra russo-finlandesa fizera 58 mil baixas no lado russo, mas os finlandeses julgam que o número verdadeiro chega, pelo menos, a 75 mil e, possivelmente, ao dobro.

Durante três meses e meio, as tropas soviéticas foram postas à prova num conflito feroz; apesar das perdas, deram mostras de perícia, tenacidade e coragem. Não obstante os reveses iniciais, conseguiram aproveitar os rigores do inverno e, principalmente, puderam contar com reservas substanciais de homens, muito superiores em relação ao adversário. Frequentemente repelidas, sempre renovaram os ataques. “Terminou mais uma guerra da história”, escreveu Geoffrey Cox, sentado, nesse 13 de março, à mesa de uma pequena cafeteria finlandesa enquanto a rádio anunciava o fim das hostilidades. “Lá fora, o relógio da estação, iluminado pela primeira vez desde 29 de novembro, brilha contra a escuridão do céu, sinal do século XX para indicar que a paz chegou.”

Para o povo da Polônia, não havia sequer perspectivas de paz. No momento em que as armas soviéticas e finlandesas se calavam no extremo oriental do Báltico, nos portos de Stettin e de Schneidemühl, em seu extremo ocidental eram deportados judeus alemães, em vagões de mercadorias selados, para a província de Lublin. As deportações terminaram em 12 de março. Numa caminhada de catorze horas a partir de Lublin, em direção leste, 72 entre os 1.200 deportados de Stettin morreram por causa do frio.

Na noite de 15 de março, dois bombardeiros britânicos atravessaram todo o norte da Europa em direção a Varsóvia, largando entre seis e sete milhões de panfletos sobre a antiga capital polonesa. Como a viagem era longa e consumia muito combustível, estava previsto que ambos os bombardeiros regressariam não à Grã-Bretanha, mas a bases aéreas francesas. Um deles aterrisou por engano na Alemanha, mas, cercado por camponeses atônitos, conseguiu decolar novamente e chegar à França na manhã seguinte. Nesse dia, os alemães mostraram-se mais agressivos, mandando quinze bombardeiros para atacar os navios da frota britânica

ancorados em Scapa Flow, atingindo o HMS *Norfolk* e matando três oficiais. Uma bomba, caindo em terra, matou um civil que assistia ao ataque aéreo à porta de casa. “O país mostrou-se bastante indignado”, disse Churchill ao Gabinete de Guerra dois dias mais tarde, “por apenas largamos panfletos enquanto os alemães jogavam bombas”.

Foi rapidamente preparada uma represália, e, em 19 de março, cinquenta bombardeiros britânicos sobrevoaram o mar do Norte objetivando acertar a base aérea alemã de Hornum, na ilha de Sylt. Quarenta e um aviões atacantes afirmaram ter atingido o alvo, mas um voo de reconhecimento britânico confirmou as declarações alemãs de que o ataque não causara estragos. Um navegador britânico, cujo entusiasmo excedeu suas capacidades, conduziu seu piloto para a ilha errada, no mar errado e diante do inimigo errado, sendo as bombas lançadas sobre a ilha dinamarquesa de Bornholm, no mar Báltico. Felizmente para as relações anglo-dinamarquesas, não houve vítimas ou estragos.

Na Alemanha, um pequeno grupo de diplomatas, eclesiásticos e militares retomara os debates iniciados quando, em 1938, Hitler ameaçara invadir a Tchecoslováquia, procurando um meio de evitar a guerra aberta com a Grã-Bretanha. Em 16 de março, um desses diplomatas, Ulrich von Hassell, encorajado pelo antigo presidente da câmara de Leipzig, Carl Goerdeler, discutiu possíveis iniciativas de paz com dois oficiais superiores das forças armadas alemãs: o general Ludwig Beck e o coronel Oster. Aparentemente, o papa mostrara interesse em que se iniciasse negociações que conduzissem à “descentralização” da Alemanha e a um “plebiscito” na Áustria, contanto que aqueles que os promovessem estivessem dispostos a defender “uma mudança de regime e um reconhecimento da moral cristã”.

As conversas foram infrutíferas: a angústia dos sinceros, mas pequenos, grupos da oposição contrastava violentamente com a preparação e consolidação das operações de guerra. No dia seguinte, o Dr. Fritz Todt foi formalmente designado para o cargo de ministro do Reich para o setor de armamento e munições, inaugurando uma nova era de eficiência industrial e de exploração do trabalho escravo.

Em 18 de março, Hitler encontrou-se com Mussolini em Brenner, na fronteira entre a Áustria e a Itália. O ditador italiano ansiava por um adiamento de três ou quatro meses na ofensiva alemã no Ocidente. Hitler recusou-se a alterar seus planos. Assim que a França fosse derrotada, dizia ele, a Grã-Bretanha negociaria. Na França, nascia um novo espírito de desafio. Dois dias depois do encontro de Hitler com Mussolini, o governo de Daladier caiu. Paul Reynaud foi nomeado primeiro-ministro e imediatamente propôs a reativação dos planos para uma operação anglo-francesa em águas territoriais norueguesas, argumentando, num memorando secreto endereçado ao Gabinete de Guerra britânico, que a retaliação alemã esperada daria à Grã-Bretanha e à França uma oportunidade para se apossarem das jazidas suecas de minério de ferro. Reynaud foi ainda mais longe: a Grã-Bretanha e a França, afirmava ele, deveriam impedir que a Rússia fornecesse petróleo à Alemanha bombardeando suas jazidas no Cáucaso.

A proposta de Reynaud foi bem recebida pelos chefes dos estados-maiores britânicos que, em 26 de março, comunicaram ao Gabinete de Guerra que examinavam a possibilidade de “interromper a circulação do minério de ferro de Gällivare mediante determinadas operações navais” – estas, explicavam, implicariam uma “violação das águas territoriais norueguesas e suecas”. Na tarde seguinte, seus esforços tornaram-se repentinamente mais urgentes quando chegou às mãos do diretor dos serviços secretos da aeronáutica, em Londres, um relatório com a informação de que, segundo fontes dos serviços secretos suecos, os alemães “concentravam aviões e navios para um conjunto de operações que tais serviços secretos julgam poder consistir na ocupação dos aeródromos e portos noruegueses”.

Tudo estava a postos para a reativação do plano anglo-francês relativo a uma operação contra Narvik. Em 28 de março, Paul Reynaud deslocou-se para Londres, onde teria uma reunião do Conselho Supremo da Guerra.

Neville Chamberlain estava animado por um espírito de combate. Para “alimentarem a coragem e a determinação de seus povos”, afirmou, “e para impressionarem os países neutros, os aliados deveriam tomar medidas ativas”. Sua primeira proposta consistia em lançar “imediatamente” minas navais no Reno; a segunda, em tomar “todas as

medidas possíveis para evitar que a Alemanha se abasteça de minério de ferro na Suécia”. Seria uma “operação naval relativamente simples”, explicava Chamberlain, consistindo em “bloquear a rota, num ponto qualquer, com um campo de minas, o que obrigaria os navios de carga a desviarem-se para alto-mar, onde seriam capturados pela esquadra britânica”. Chamberlain propôs também, como Reynaud, um ataque às jazidas petrolíferas soviéticas de Baku, no Cáucaso, para privar a Alemanha dos “fornecimentos de petróleo de que estava grandemente necessitada”.

Todas as três propostas foram aprovadas, bem como o respectivo calendário. O reconhecimento aéreo de Baku começaria em 30 de março; as minas seriam lançadas no Reno, de paraquedas, em 4 de abril; e os campos de minas seriam instalados nas águas territoriais norueguesas em 5 de abril. Além disso, caso a Alemanha invadisse a Bélgica, as tropas britânicas e francesas avançariam pelo território belga até a fronteira alemã “sem aguardarem convite formal para tal”.

As decisões mantiveram-se secretas, mas, num comunicado publicado nesse mesmo dia, foi anunciado que os governos francês e inglês resolveram “não entabular negociações nem assinar armistícios ou tratados de paz a não ser por acordo mútuo”.

A guerra no mar decorria desde setembro de 1939, com sérias perdas para a marinha mercante aliada. Em 31 de março, o navio corsário *Atlantis* estava pronto para partir numa viagem de saque em que afundaria 22 navios mercantes, num total de 145.697 toneladas. No dia de sua largada, submarinos alemães já haviam afundado, junto à costa da Grã-Bretanha, um total de 753.803 toneladas em navios aliados, além de 281.154 toneladas afundadas por minas e outras 36.189 por ataques aéreos. Tudo isso com uma perda total de apenas dezoito submarinos alemães. Em Berlim, as esperanças do círculo de oposição de que fazia parte Ulrich von Hassell voltavam-se para um membro importante do estado-maior alemão, o general Halder, com cuja adesão julgavam poder contar. Em 2 de abril, Hassell conversou com Carl Goerdeler, que contatara Halder. Os resultados haviam sido, no entanto, pouco encorajadores; Halder recusava-se, “naquele momento”, a hipótese de

participar de quaisquer ações. A Inglaterra e a França, dizia, “declararam-nos guerra, e agora é preciso fazê-la”.

A oposição alemã punha suas esperanças na pouca vontade que os generais e os coronéis manifestavam quanto a entrar numa guerra contra a Grã-Bretanha – que estavam convencidos de que não poderiam ganhar. Porém, a tirania que reinava até nas mais altas esferas do regime nazista já havia conseguido minar toda a resistência e nunca repousava. Em 2 de abril, dia em que Von Hassell soube sobre a abordagem infrutífera ao general Halder, um membro eminente do Partido Social-Democrata alemão, Ernst Heilmann, agonizava no campo de concentração de Buchenwald. De ascendência judaica, Heilmann fora deputado do Reichstag alemão entre 1928 e 1933, quando foi preso e transferido entre vários campos de concentração, incluindo Dachau. Continuamente submetido a maus-tratos, chegou, em certa ocasião, a ser atacado por cães que lhe mutilaram os braços e as mãos. Morreu em 3 de abril, em Buchenwald. O relatório médico do campo, elemento da meticulosa burocracia do totalitarismo, designava sua morte como “um caso nítido de debilidade e velhice”.

Heilmann tinha 59 anos.

* * *

Em 2 de abril, Hitler ordenou que a invasão da Noruega tivesse início cinco dias mais tarde. Como acontecera em novembro, um dos primeiros a comunicar a data da ofensiva ao Ocidente foi o coronel Oster, que, na tarde de 3 de abril, informou o adido militar holandês, coronel Jacobus Sas, sobre a decisão. Sas transmitiu a informação aos adidos militares dinamarquês e norueguês. O dinamarquês entrou imediatamente em contato com Copenhague, mas Oslo não foi informada; o adido norueguês, como Sas mais tarde descobriu, trabalhava para os alemães.

Na madrugada de 3 de abril, três navios de abastecimentos alemães, camuflados como cargueiros portadores de carvão, partiram da costa alemã do Báltico com destino a Narvik, 1.600 quilômetros ao norte. O carvão que transportavam era autêntico; abaixo dele, no entanto, estavam escondidas grandes quantidades de munição e de artilharia. Dois mil homens haviam embarcado em dez contratorpedeiros, prontos a partir

para o norte quando a ordem chegasse. Outras tropas deveriam, ao mesmo tempo, desembarcar em Trondheim, Stavanger, Kristiansand, Bergen e Oslo. O plano alemão mantivera sua escala e seus objetivos.

O plano britânico, reduzido a uma operação de lançamento de minas ao longo da costa norueguesa e cujo início estava marcado para 5 de abril, seria colocado em prática com consciência de que se preparava uma operação alemã de dimensões muito maiores; com efeito, embora os britânicos ainda não estivessem plenamente convencidos, os alemães chegariam quatro dias depois. Os relatórios dos serviços secretos britânicos acerca da Noruega e da Suécia afirmavam, no entanto, na manhã de 3 de abril, que “um número substancial” de soldados alemães estava embarcado nos portos de Stettin e de Swinemünde, além de outro “importante contingente de tropas” pronto para embarcar em Rostock.

Apesar desses indícios, Neville Chamberlain declarou em 5 de abril, num discurso público, que “Hitler já havia perdido o trem”. Nesse dia, uma força naval britânica partiu de Scapa Flow rumo às águas territoriais norueguesas, onde colocaria minas. Dividiu-se em duas seções – uma instalaria minas na costa norte da Noruega e outra, ao longo da costa sul. Por uma cruel ironia, a data fixada pelo Conselho Supremo da Guerra para a colocação das minas, 5 de abril, foi tomada como data de partida da força naval, não como a data para a operação propriamente dita. Durante o dia 6 de abril, as duas seções da força britânica navegaram no mar do Norte, rumo ao leste, iniciando uma travessia que duraria três dias. Nessa noite, enquanto os navios britânicos ainda estavam a 48 horas das águas territoriais norueguesas, um piloto britânico do Comando de Bombardeiros, em voo de reconhecimento, citou uma “intensa movimentação de navios e um cais brilhantemente iluminado” no porto alemão de Eckernförde, próximo de Kiel. Um pouco mais tarde, às 23h35, outro voo de reconhecimento britânico avistou um navio alemão de grandes dimensões, “possivelmente um cruzador”, navegando a 32 quilômetros ao norte de Heligoland.

Longe do mar do Norte, numa obscuridade que nem os relatórios dos serviços de informação nem a perícia dos pilotos de reconhecimento poderiam dissipar, um acontecimento deixava suas marcas na

demonologia da guerra. A partir de 5 de abril e ao longo de quase seis semanas, pequenos grupos de oficiais poloneses que se renderam ao Exército Vermelho em setembro de 1939 e estiveram desde então em campos para prisioneiros de guerra na Rússia foram conduzidos da aldeia de Kozielski para a cidade mais próxima, Smolensk. Ao todo, cinco mil homens iniciaram essa viagem, deixando Kozielski em grupos de sessenta a trezentos indivíduos. Nenhum chegaria a Smolensk. Em vez disso, ainda envergando seus uniformes militares, muitas vezes com as mãos atadas atrás das costas, foram levados para um pequeno bosque próximo da aldeia de Katyn e abatidos com um tiro na nuca. Três anos se passariam antes que seus corpos fossem descobertos. Nunca se soube ao certo o que foi feito com os outros dez mil oficiais poloneses também capturados por forças soviéticas em setembro de 1939.

Em 7 de abril, um domingo, as duas forças britânicas cumpriam seu último dia de viagem através do mar do Norte, prontas para minar as águas territoriais norueguesas; entretanto, os navios alemães também deixavam seus portos no Báltico e rumavam ao norte, levando no porão um verdadeiro exército a desembarcar em solo norueguês. Quando as primeiras notícias sobre o fato chegaram ao almirantado, em Londres, não receberam crédito. Um relatório dos serviços secretos dinamarqueses – baseado, com toda a probabilidade, no que o coronel Oster dissera ao coronel Sas e este comunicara ao seu homólogo dinamarquês em Berlim – revelava que Hitler ordenara “o transporte discreto de uma divisão em dez navios, que deveria desembarcar em Narvik”, ocupando a Dinamarca. A data para a chegada a Narvik era 8 de abril. “Todas essas informações”, concluiu o departamento de informações do almirantado britânico, “são de valor duvidoso e é possível que não passem de mais uma jogada na guerra de nervos”.

Quando, algumas horas mais tarde, chegou a Londres a notícia da movimentação de tropas alemãs por mar, ordenou-se o regresso da força naval britânica encarregada de instalar as minas na costa sul da Noruega. Se não fosse dada essa ordem, a força britânica cruzaria com os navios de guerra alemães. A força que seguia para o norte prosseguiu seu caminho.

Em 8 de abril, tendo atingido, conforme o planejado, as águas territoriais norueguesas, começou-se a instalar as minas. Enquanto isso, a frota invasora alemã navegava, sem obstáculos, rumo aos seus diversos objetivos. Nas primeiras horas de 9 de abril, os navios alemães chegaram às imediações de Trondheim, Bergen e Stavanger; ao nascer do dia, foram detectados mais quatro navios de guerra à entrada do fiorde de Oslo. Em Narvik, como fora corretamente anunciado pelo relatório tão pouco considerado dos serviços secretos dinamarqueses, dez contratorpedeiros alemães desembarcaram dois mil soldados alemães. O comandante local das forças norueguesas apoiava Vidkun Quisling, antigo ministro das Relações Exteriores e chefe de um grupo fascista, que ordenou que sua guarnição não oferecesse resistência ao desembarque alemão. A notícia, quando chegou ao Gabinete de Guerra em Londres, suscitou particular desalento; com efeito, os planos britânicos abandonados previam um desembarque em Narvik em 20 de março, quase três semanas antes.

Em Bergen, Kristiansand, Trondheim e Copenhague, assim como em Narvik, as tropas alemãs desembarcaram nas primeiras horas de 9 de abril. O monarca dinamarquês, Cristiano X, sabendo que seu exército não poderia resistir, decretou um cessar-fogo imediato, mas o comandante-chefe das forças dinamarquesas, general Pryor, recusou-se a transmitir a ordem. Às 6h45, transmitiu-a, em seu lugar, o ajudante de ordens do rei. A Dinamarca tornava-se, assim, a segunda conquista militar de Hitler.

Algumas horas mais tarde, o representante da Alemanha em Oslo entregou ao governo uma nota exigindo a sujeição do país à administração alemã. “Em caso de recusa, toda a resistência será esmagada.” A exigência foi recusada. Duas horas depois, enquanto tropas paraquedistas alemãs aterrissavam, o governo norueguês evacuou a capital, transferindo-a para Hamar, 112 quilômetros ao norte.



Oslo, 9 de abril de 1940; tropas alemãs entram na Noruega.

Nessa tarde, Reynaud e Daladier deslocaram-se para uma reunião do Conselho Supremo da Guerra em Londres, em que se decidiu enviar à Noruega “contingentes substanciais” que chegariam aos “portos do litoral norueguês” e pedir que o governo belga autorizasse a entrada de tropas francesas e britânicas. Os belgas, porém, recusaram-se: queriam “manter uma política de absoluta neutralidade”.

Ao fim dessa tarde, Reynaud e Daladier regressaram a Paris. Em Oslo, o general Von Falkenhorst telegrafou a Hitler, informando que “Noruega e Dinamarca ocupadas conforme instruções”. Hitler estava eufórico, dizendo a Alfred Rosenberg: “Agora Quisling poderá ter seu governo em Oslo.” E, com efeito, Quisling tornou-se primeiro-ministro do país que tanto desejava governar segundo o código fascista. No entanto, nem tudo correu bem para a nova Noruega e para as forças invasoras. Em 10 de abril, para a grande fúria de Hitler, cinco contratorpedeiros britânicos entraram no porto de Narvik e afundaram dois contratorpedeiros alemães. Todavia, um navio britânico também foi afundado, outro foi encalhado e morreu o oficial responsável pelo ataque, o comandante Warburton-Lee.

As tropas norueguesas leais ao rei, que se recusavam a aceitar a sujeição de Quisling ao jugo alemão, reagruparam-se como puderam e prepararam-se para combater; milhares de jovens noruegueses juntaram-se às unidades que se posicionaram nas estreitas e sinuosas estradas montanhosas ainda cobertas pela neve do inverno. Entre os voluntários estava Eiliv Hauge, empregado de escritório; sua primeira experiência de combate aconteceu em 11 de abril, quando uma coluna de caminhões alemães cheios de soldados se dirigiu para o interior do país, aproximando-se de sua unidade. Os noruegueses haviam bloqueado a estrada com troncos de árvores. Quando os alemães começaram a descer dos caminhões, abriu-se fogo contra eles. Em poucos minutos, recordou Hauge, quatro caminhões estavam em chamas. A estrada ficou cheia de alemães mortos e feridos. Foram hasteadas bandeiras brancas pedindo trégua, mas em vão. “Atingindo vergonhosamente a maioria”, como escreveu o historiador desse episódio, “Hauge e seus camaradas dispararam também sobre esses, até restarem duzentos alemães caídos em silêncio na neve”.

Essa unidade norueguesa em combate pela primeira vez e as unidades britânicas estacionadas na França ofereciam um estranho combate. “Não há o que fazer no front ocidental”, escreveu Ronald Cartland, oficial e deputado, em carta aos seus familiares datada de 12 de abril. “Voltamos a uma guerra relativamente pacífica. A ‘Season’ está conosco. Ofereço até almoços ‘chiques’ e janto fora duas vezes por semana com outras baterias!”

Em Londres, o Gabinete de Guerra decidiu, nesse mesmo dia, desembarcar um contingente militar em Narvik, desalojar os alemães, estabelecer contato com as tropas norueguesas das imediações e passar – mediante a sanção do Gabinete de Guerra, a ser dada no momento próprio – à Suécia para destruir os depósitos de minério de ferro de Gällivare, objetivo do plano inicial abandonado. No dia seguinte, antes que pudesse ocorrer tal desembarque, os navios de guerra britânicos voltaram à baía de Narvik e, numa segunda operação, afundaram os oito contratorpedeiros alemães restantes, além de desembarcarem tropas em dois outros portos noruegueses, Aandalsnes, ao sul de Trondheim, e Namsos, ao norte. Hitler, alarmado ante essa evolução adversa dos acontecimentos, ordenou a evacuação de Narvik.

Para os ingleses, no entanto, o clima ruim era um obstáculo tão duro quanto os alemães. As tropas britânicas em Namsos comunicaram, em 15 de abril, que a cidade estava debaixo de uma camada de quatro pés de neve, sem qualquer abrigo contra um eventual ataque aéreo. Um contingente britânico de seiscentos homens, preparado para atravessar o mar do Norte e desembarcar em Alesund, vira-se retido pelos fortes ventos que sopraram ao largo da costa escocesa durante todo o dia. Na zona de Narvik, onde as tropas britânicas desembarcaram em Harstad, Salangen e Bogen, a neve espessa e uma temperatura noturna de 32 graus negativos traziam a ameaça de ulcerações e de amputações. Em Namsos, a artilharia alemã não permitiu que o comandante militar britânico, general Carton de Wiart, desembarcasse do hidroavião que o trouxera da Grã-Bretanha. Ao largo de Narvik, o contratorpedeiro *Kimbertey* sofrera algumas baixas causadas pela artilharia alemã entrincheirada na costa. Em 16 de abril, um plano aprovado pelo Gabinete de Guerra para tomar os fortes de Trondheim, utilizando um efetivo de mil canadenses então presente na Grã-Bretanha, precisou ser adiado por ao menos seis dias

após os chefes do estado-maior comunicarem que o ataque, tal como fora planejado, “custaria muitas vidas”. Começa a existir indícios, escreveu nessa noite, em seu diário, um dos secretários de estado adjuntos de Neville Chamberlain, de que os noruegueses “perderiam o alento a menos que recebam em breve uma garantia de auxílio substancial”.

Um conflito – não apenas de exércitos, mas de vontades – estourara ao longo de todo o litoral norueguês. Em 17 de abril, oito dias após suas tropas desembarcarem em tantos pontos diferentes, numa vitória aparentemente fácil, Hitler emitiu a seguinte ordem: “Aguentem tanto quanto puderem.” Mais de treze mil britânicos estavam em terra ao norte de Narvik e ao norte e ao sul de Trondheim. Em todas as zonas de operação participaram tropas francesas, unidades da Legião Estrangeira e unidades navais polonesas, em ação pela segunda vez em nove meses. Contra elas, a força aérea alemã virou seus bombardeiros de mergulho, que tiveram efeitos tão devastadores sobre as concentrações e os movimentos de tropas durante a “guerra-relâmpago” na Polônia. O alto-comando alemão dispunha de preciosa vantagem na batalha norueguesa por conseguir ler mais de trinta por cento das mensagens da marinha britânica no mar do Norte e naquela zona; com isso, foram localizados e perseguidos muitos navios que, de outro modo, poderiam atuar sem interferências.

Contudo, os serviços secretos ingleses não estavam completamente às escuras no que dizia respeito às operações do exército e da força aérea alemães. Em 15 de abril, a escola de cifras e sinais de Bletchley decifrara a chave Enigma, relativamente simples, introduzida nas comunicações para a campanha da Noruega. O número de mensagens enviadas utilizando esse código, e por conseguinte decifradas em Bletchley, era substancial, sendo a maior parte descodificada poucas horas depois, às vezes menos de uma hora após sua emissão pelos postos de rádio alemães. Mensagens relativas não apenas à força aérea e ao exército, mas também à marinha, e portanto pertencente à competência dos outros dois serviços, começaram a ser decifradas diariamente a partir daquela data. Uma massa de informações, não apenas acerca da organização e dos abastecimentos alemães, mas referentes às suas intenções, chegava, assim, a Bletchley, mas aparentemente as autoridades dos serviços secretos estavam muitíssimo mal preparadas para utilizarem aquilo que

Churchill chamaria os “ovos de ouro”. Nem a escola de Bletchley, concluem os historiadores dos serviços secretos britânicos, nem o departamento governamental de que a escola dependia, “estavam equipados para utilizar eficazmente as mensagens decifradas”. Ainda não fora concebido meio seguro para transmitir as preciosas informações aos comandantes militares no terreno de operações ou sequer para explicá-lhes o valor incomparável dessas indicações acerca das operações e dos planos do inimigo.

A decifração da chave Enigma norueguesa, uma vitória da criptografia, não teria, assim, qualquer influência na evolução dessa campanha. Com seu fim, a chave seria abandonada e somente passado quase um ano surgiria uma nova oportunidade para ler tão rápida e completamente as mensagens alemãs. Na guerra dos serviços secretos, foi a Alemanha, não a Grã-Bretanha, quem saiu vencedora na Noruega.

As operações em terra também não corriam da melhor forma para a Grã-Bretanha; ao longo de vários dias, a partir de 17 de abril, o plano do Gabinete de Guerra para efetuar um desembarque em Narvik deparou-se com a oposição enérgica do comandante militar britânico de Harstad, o general Mackesy: “Não há um único oficial ou soldado sob minhas ordens”, telegrafou para Londres em 21 de abril, “que não se envergonhará de si próprio e de seu país se milhares de homens, mulheres e crianças norueguesas forem submetidos ao bombardeamento proposto”. Essa oposição foi decisiva e o plano foi abandonado. Com ele, também foi abandonado o plano, já adiado anteriormente, para tomar Trondheim utilizando parte substancial das tropas que deveriam ter expulsado os alemães de Narvik. Hitler, tão desanimado em 12 de abril, estava, pouco mais de uma semana depois, eufórico; no seu quinquagésimo primeiro aniversário, em 20 de abril, ordenou a criação de um novo regimento SS, o “Norland”, em que lutariam, ao lado dos alemães, noruegueses e dinamarqueses. “Quem sabe”, escreveu o general Rommel numa carta particular datada de 21 de abril, “se existirá outro alemão com tanto gênio para a chefia militar e com uma perícia comparável no manejo das ferramentas da chefia política?”.



Tripulações dos *Spitfires* ingleses correm para suas aeronaves; a foto foi publicada no *Picture Post* em 20 de abril de 1940.

A argúcia política de Hitler ficou patente em 24 de abril, quando nomeou um funcionário do Partido Nazista alemão, Joseph Terboven, para tirar das mãos de Vidkun Quisling o controle efetivo sobre a Noruega. Ao fim de apenas quinze dias, o homem cujo nome seria sinônimo de traição em seu país foi varrido do poder que tão fugazmente detivera.

Na Polônia, torturas e mortes prosseguiram sem esmorecimento. Em 14 de abril, 220 poloneses, incluindo muitas mulheres e crianças, foram presos em várias aldeias e vilarejos perto de Serokomla e fuzilados. Em Stutthof, na noite de 23 de abril, às primeiras horas da festa da Páscoa judaica, em que se celebra a libertação do cativeiro no Egito, todos os judeus do campo foram obrigados a correr, deitar-se no chão, levantar-se outra vez e recomeçar a correr, sem interrupção. Os mais lentos eram espancados até a morte pelo guarda, que usava a coronha de sua arma. Um judeu, ao narrar essa tentativa de comemoração da Páscoa, contou ainda que os SS atrelaram um escultor judeu a um carro cheio de areia e obrigaram-no a correr, puxando o carro, enquanto o chicoteavam. Quando ele sucumbiu à dor e ao cansaço, viraram o carro sobre ele, sepultando-o sob a areia. Ele conseguiu libertar-se, rastejando, mas os alemães, entre gargalhadas, atiraram-no dentro da água e enforcaram-no. A corda era muito fina e partiu-se. Trouxeram, então, uma jovem judia grávida e, escarnecendo de suas vítimas, enforcaram os dois com a mesma corda.

A matança de judeus tornara-se motivo de riso e de zombaria, mas a perseguição aos poloneses não seria menos terrível. Em 29 de abril, um jovem SS de 39 anos, Rudolf Oess, chegou ao recém-criado campo de Auschwitz com mais cinco elementos. Avaliando as dimensões do campo e a natureza das penalidades e dos trabalhos forçados, pediram que fossem enviados, a partir de Sachsenhausen, mais trinta alemães, em sua maioria criminosos condenados, para desempenharem as funções de chefes dos alojamentos no novo campo.

Em 1º de maio, as autoridades alemãs na Polônia ordenaram a criação de um gueto “fechado” na cidade industrial de Lodz, onde viviam mais de 160 mil judeus que já não poderiam sair de uma zona limitada e sobrepovoada. Entre os 31.721 apartamentos da zona que lhes foi reservada, quase todos com uma única divisão, apenas 725 tinham água

corrente. Naquele mesmo dia, a polícia alemã recebeu ordens para abater sem aviso qualquer judeu que se aproximasse da vedação de arame farpado que rodeava o gueto.

Alguns alemães, perturbados pelo desenrolar dos acontecimentos, apresentavam protestos aos superiores. No fim de abril, o diretor da polícia de Berlim, conde Wolf Heinrich von Helldorf, um dos mais destacados e entusiásticos seguidores de Hitler, ouviu de seu adjunto, Canstein, um relato pormenorizado de uma visita à Cracóvia. O conde Helldorf encontrou-se, então, com o coronel Oster para falar-lhe sobre as impressões do adjunto, que encontrara o chefe das SS na Cracóvia num estado “próximo à histeria”, pois nem ele nem seus homens eram capazes de cumprir as ordens que recebiam sem se embriagarem. Ninguém que executasse tarefas como aquelas que eles executavam, disse Helldorf a Oster, podia regressar às suas casas e viver normalmente.

Oster perguntou a Helldorf como estava a moral em Berlim, ao que o diretor da polícia respondeu que apenas 35 a 40% da população era a favor da guerra.

Nos três últimos dias de abril de 1940, as tropas britânicas e francesas prepararam-se para sair de seus precários pontos de apoio no território norueguês. Em 29 de abril, o comandante militar norueguês, general Ruge, cujas tropas haviam participado de uma série de ações de retaguarda no sul do país, preveniu o general britânico, que se preparava para sair de Andalsnes, de que, caso os noruegueses não pudessem contar com “uma maior intervenção dos aliados”, aconselharia o governo a entabular negociações de paz. O general britânico foi autorizado pelo Gabinete de Guerra, em Londres, a responder que, embora as forças aliadas estivessem em retirada no centro da Noruega, os contingentes ao norte de Namsos seriam reforçados, “como medida preliminar a um contra-ataque em direção ao sul”. No dia em que essa resposta foi transmitida aos noruegueses, reuniram-se os contingentes alemães que haviam partido de Oslo e de Trondheim em 10 de abril. “É mais do que uma batalha ganha”, comentou Hitler, “é uma campanha inteira!”.

Hitler já não precisava preocupar-se com alterações de última hora nos planos aliados para o norte da Noruega; em 30 de abril, ordenou que o exército alemão estivesse a postos para o “Caso Amarelo” contra o

Ocidente, pronto a entrar em ação num prazo de 24 horas em qualquer dia a partir de 5 de maio.

Os ingleses, não sabendo ao certo onde seria desferido o golpe seguinte, retiraram quase uma divisão inteira da França em 2 de maio, receando que os planos de Hitler incluíssem um desembarque na Grã-Bretanha. As mensagens Enigma enviadas de Berlim para os comandantes-chefes alemães, que teriam revelado tudo, não puderam ser decifradas. O êxito da decifração do Enigma na Noruega, tão inesperado que não houve sequer como explorá-lo, não se repetiria no caso da França e do canal da Mancha a tempo de influenciar uma retirada inglesa para a costa.

Enquanto as tropas alemãs se preparavam para iniciar as hostilidades no Ocidente, decorria o último ato do drama nórdico. Em 4 de maio, um contratorpedeiro polonês, o *Grom*, foi atingido por bombas alemãs na entrada de Rombaksfjord e partido em dois; 56 marinheiros poloneses morreram. Enquanto os navios de guerra britânicos se aproximavam para socorrê-los, os alemães abriram fogo de metralhadora na costa contra os feridos que tentavam manter-se à tona. O navio de guerra britânico *Resolution* veio salvar esses homens. Quando todos estavam a bordo, a banda do navio tocou o hino polonês, “Enquanto formos vivos, a Polônia não perecerá!”. Um dos sobreviventes recordou mais tarde: “Tínhamos os olhos molhados, mas nossos corações batiam com uma nova sensação de força, com uma promessa de vida.”

Ao largo de Namsos, a marinha britânica, chegando para evacuar as tropas desembarcadas, encontrou a cidade em chamas. O primeiro navio a chegar à doca foi o contratorpedeiro *Kelly*, comandado pelo lorde Louis Mountbatten, bisneto da rainha Vitória, que recolheu 229 franceses, conduziu-os para um navio de transporte de tropas que aguardava ao largo e voltou para evacuar mais homens. No ar, os alemães, informados sobre toda a movimentação naval britânica graças à decifração das mensagens transmitidas entre navios, bombardearam ininterruptamente a força de evacuação. Um contratorpedeiro francês, o *Bison*, foi atingido e explodido. O contratorpedeiro britânico *Afridi*, que se preparava para recolher sobreviventes, também foi atingido e afundou. O *Kelly*, mais afortunado, ao menos abateu um dos bombardeiros de mergulho alemães.

“Que festival”, foi o comentário de Mountbatten, “mas, ao mesmo tempo, que sorte não ter sido ainda pior!”.

Como acontecera em novembro, o clima obrigou uma série de pequenos adiamentos, embora apenas até 8 de maio. Também como em novembro, a notícia dos planos para uma ofensiva, bem como dos sucessivos adiamentos, foi transmitida pelo coronel Oster ao adido militar holandês em Berlim, coronel Sas. Entre aqueles que se opunham ao movimento, estava o general Beck; este, com o apoio de Oster, enviou a Roma um advogado católico, o Dr. Joseph Müller, alegadamente numa missão dos serviços secretos, para prevenir o Vaticano, e através dele os aliados, das intenções de Hitler.



Narvik; navios de guerra aliados queimam, enquanto os alemães completam sua conquista da Noruega.

Com o consentimento do papa, a informação trazida pelo Dr. Müller foi transmitida em código, pelo rádio, aos núncios de Bruxelas e de Haia. As mensagens, porém, foram captadas pelos serviços de escuta alemães e decifradas. Canaris foi imediatamente incumbido de investigar o vazamento da informação, sendo ele próprio a fonte. Com aquilo que alguém descreveu como “um golpe de gênio somente igualado pelo humor com que foi conduzido”, Canaris ordenou ao Dr. Müller, que chegara de Roma, que voltasse para investigar de que modo a data da invasão pôde ser descoberta. Hitler, ignorando que o chefe de seus próprios serviços secretos o traía, não desistiu de avançar; não havia aviso prévio que pudesse reduzir a esmagadora superioridade do ataque por ele concebido. Em 7 de maio, Hitler viu, já decodificados, dois telegramas que o embaixador belga no Vaticano enviara a Bruxelas, mas não se desviou do caminho traçado. Nem era preciso: no dia seguinte, num resumo secreto da situação elaborado pelo Ministério da Guerra em Londres, afirmava-se que “ainda não havia indícios” de que uma invasão da Bélgica ou da França estivesse iminente, embora fosse esperada uma ação inimiga “no futuro próximo”. As disposições tomadas pela Alemanha, prevenia o relatório, permitiriam que atacasse a Holanda “a qualquer momento, num prazo muito curto a partir do momento em que fosse dada a ordem”.

Ao largo da costa holandesa, vários navios lançavam minas para evitar um futuro esforço naval britânico em auxílio à Holanda. Em 9 de maio, o contratorpedeiro *Kelly*, regressado da Noruega, estava entre os navios de guerra britânicos que procuravam lança-minas alemães. Atacado por um submarino alemão, sofreu grandes estragos, mas sobreviveu. Vinte e sete tripulantes morreram. O comandante, lorde Louis Mountbatten, conseguiu trazê-lo ao porto, atravessando o mar do Norte, permitindo ao *Kelly* voltar a navegar e participar de novos combates.

Nas primeiras horas da manhã de 9 de maio, tendo recebido informações meteorológicas favoráveis, Hitler fixou para o dia seguinte o início de sua ofensiva ocidental. Todos os dados eram favoráveis a esse alargamento do teatro de guerra. Em Londres, dois dias antes, a Aeronáutica comunicara ao Gabinete de Guerra que, à escala estimada

para se efetuarem operações aéreas ativas no território francês, as reservas de gasolina e de combustível para a aviação “não durariam mais do que dez a onze semanas”. Durante 9 de maio, os comandantes-chefes de Hitler estudaram uma grande quantidade de valiosos dados fornecidos pelos serviços secretos, extraídos em parte de documentos britânicos capturados na Noruega – em que se fazia referência à ordem de batalha dos ingleses na França – e em parte das mensagens codificadas transmitidas entre o Ministério da Guerra em Paris e as forças francesas estacionadas ao longo da fronteira. Através dessas mensagens, captadas por rádio e rapidamente decodificadas, o alto-comando alemão conheceu a disposição, as dimensões e as características das forças aliadas com que se defrontaria, unidade a unidade, o plano de avanço em direção ao rio Dyle quando começasse a ofensiva alemã e que os franceses não poderiam lançar uma contraofensiva eficaz contra o flanco da principal linha de avanço alemã.

Na tarde daquele dia, Hitler deixou Berlim. Por motivos de segurança, foi comunicado até aos colaboradores mais próximos que seguiria para Oslo. Nessa noite, quando seu trem especial chegou a Hanover, a senha “Danzigue” foi transmitida aos comandantes militares no terreno: a ofensiva começaria. O trem dirigiu-se para oeste. Em 10 de maio, pouco antes de amanhecer, chegou a Euskirchen, uma pequena aldeia alemã a menos de cinquenta quilômetros da fronteira belga. Uma hora mais tarde, começava aquela que era, até então, a mais ambiciosa, mais ousada e mais arriscada ofensiva de Hitler.

A ofensiva alemã no Ocidente

Maio de 1940

Na alvorada de 10 de maio de 1940, as forças alemãs entraram na Bélgica e na Holanda; 136 divisões, contra metade desse número em divisões aliadas. Para os britânicos e os franceses, em consequência da posição de estrita neutralidade que a Bélgica fizera questão de manter, o primeiro movimento precisaria ser transpor a fronteira francesa e atravessar a Bélgica em direção à linha do rio Dyle. Enquanto os aliados avançavam, 2.500 aviões alemães atacaram os aeródromos da Bélgica, Holanda, França e Luxemburgo, destruindo muitos aparelhos no solo. Comandadas pelo general Kurt Student, tropas alemãs aerotransportadas, num total de dezesseis mil homens, a ponta de lança da ofensiva alemã contra a Holanda, foram lançadas de paraquedas em Rotterdam, Leyden e Haia. Cem soldados alemães, aterrissando silenciosamente em planadores ao nascer do dia, haviam posicionado-se nas pontes do canal Albert.

A defesa do canal era assegurada, principalmente, pela fortaleza belga de Eben-Emael. Durante seis meses, um grupo de elite de paraquedistas alemães treinara para tomá-la. Cinquenta e cinco desses homens aterrissaram no forte no instante em que se iniciou a ofensiva alemã, mas, durante todo o dia, os defensores belgas, protegidos por bastiões maciços, resistiram a cargas explosivas e a uma potência de fogo considerável.

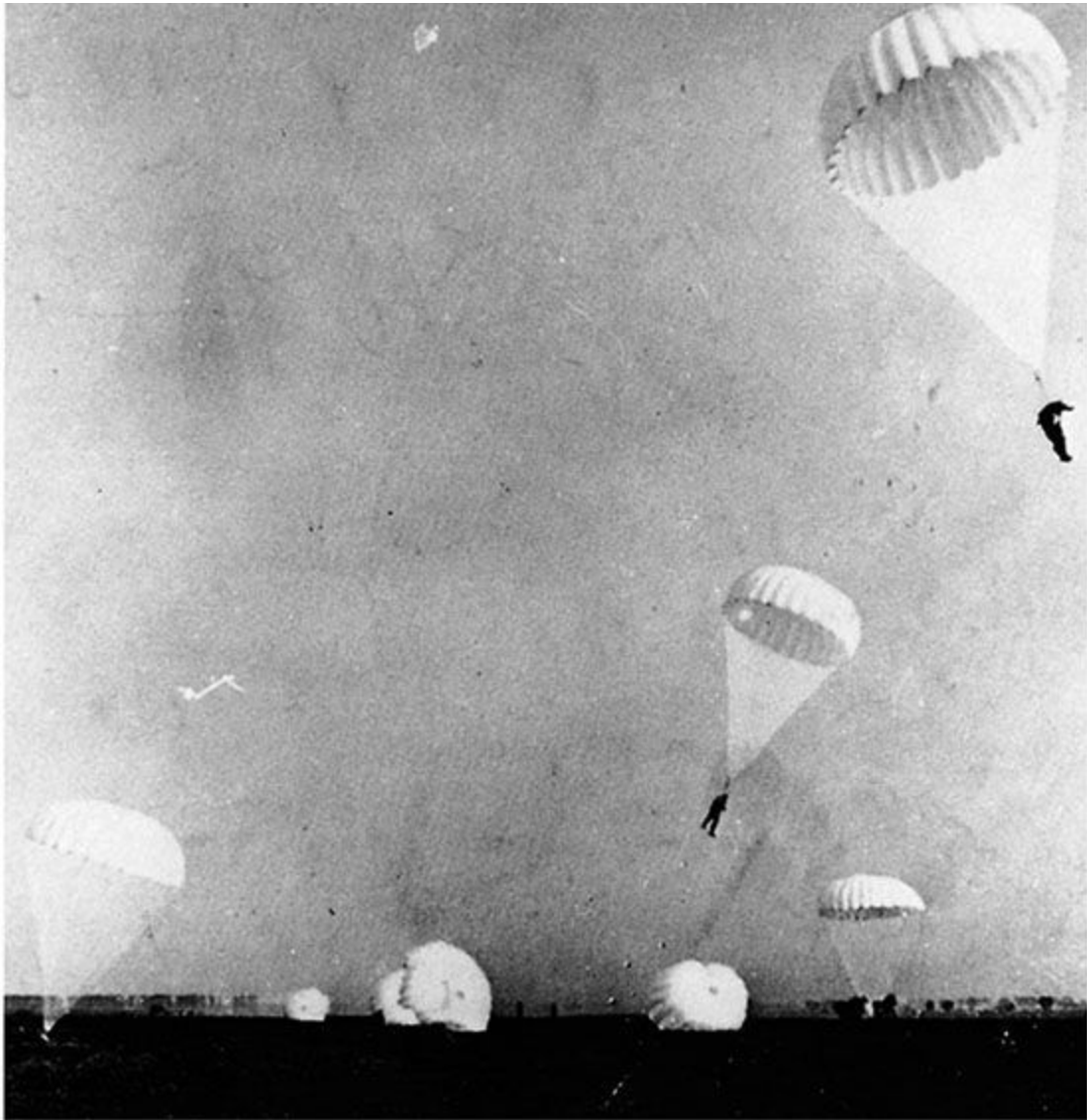
Nessa manhã, às 7h, chegou a Londres um pedido de socorro por parte dos governos holandês e belga. O governo britânico ordenou imediatamente que fossem lançadas minas no Reno, decisão tomada mais de um mês antes, mas nunca colocada em prática. Uma hora depois, soube-se em Londres que a aviação alemã lançara minas no Escalda, que

suas tropas entraram em Luxemburgo e que a cidade francesa de Nancy fora bombardeada, tendo morrido dezesseis civis.

O governo britânico autorizou, então, a operação XD, que visava destruir as instalações portuárias holandesas e belgas na embocadura do Escalda, caso os alemães ali chegassem. Pouco depois das 16h, Hitler recebeu a informação de que a 4a Divisão Panzer atravessara o rio Meuse. Meia hora mais tarde, em Londres, Neville Chamberlain anunciava ao seu Gabinete de Guerra que, nessa nova emergência, tornava-se indispensável formar um governo de coligação, integrando os partidos da oposição, Liberal e Trabalhista, no círculo responsável pela condução da guerra. Os dirigentes do Partido Trabalhista, porém, recusaram-se a participar de um governo encabeçado por Chamberlain; para os trabalhistas era ele o principal responsável pela pouca preparação da Grã-Bretanha para a guerra, embora, em abril de 1939, houvessem votado contra a mobilização.

Com essa recusa, Chamberlain não tinha opção senão demitir-se. No cargo de primeiro-ministro, sucedeu-lhe Winston Churchill, o mais destacado crítico de sua política anterior à guerra e um homem que os dirigentes trabalhistas acreditavam ter força de vontade e capacidade para conduzir energicamente a guerra. Formou-se um novo governo, em que estavam presentes membros de todos os partidos políticos; Churchill ocupou também o cargo de ministro da Defesa, encabeçando uma comissão constituída pelos chefes do estado-maior, que se encarregaria de tomar, dia a dia e, se necessário, hora a hora, as decisões estratégicas mais importantes.

Ronald Cartland, um dos vários deputados conservadores em serviço militar na frente ocidental, encantou-se com as notícias vindas de Londres. “Winston – a nossa esperança – talvez ainda consiga salvar a civilização”, foi seu comentário numa carta à família. A unidade de Cartland avançara nesse dia para a Bélgica. “Uma multidão de gente evacuada”, escreveu ele, “sinto pena dos belgas, é a segunda vez, em 25 anos, que isto lhes acontece, mas eles são muito corajosos e resolutos”.



Holanda, 10 de maio de 1940: tropas paraquedistas alemãs pousam em um campo.



Holanda, 10 de maio de 1940: tropas paraquedistas alemãs se preparam para avançar.

A superior potência de fogo dos alemães era uma arma eficaz contra a determinação belga; pouco antes do meio-dia de 11 de maio, os defensores do forte Eben-Emael apresentaram sua rendição. Vinte e três entre setecentos defensores haviam morrido. Dos 55 atacantes alemães, morreram seis. Hitler, absolutamente eufórico ao saber da tomada do forte, condecorou pessoalmente todos os sobreviventes com a cruz de ferro – a primeira naquela campanha, porém, foi concedida a um oficial SS, o capitão Krass, do regimento Leibstandarte, que na manhã daquele dia atravessou o rio Ljssel, na Holanda, com uma pequena patrulha, percorrendo, incrivelmente, 64 quilômetros de território holandês e trazendo cem soldados holandeses que ele e seu pequeno grupo de homens capturaram no caminho.

O ex-Kaiser alemão vivia na cidade holandesa de Apeldoorn desde 1919, quando o governo se recusara a extraditá-lo para a Grã-Bretanha para ser julgado como criminoso de guerra. Agora, um dos primeiros atos do governo de Churchill era perguntar-lhe se queria refugiar-se na Grã-Bretanha para fugir aos nazistas. O ex-Kaiser declinou a oferta e, algumas horas depois, Apeldoorn foi tomada.



A INVASÃO ALEMã DA EUROPA OCIDENTAL, MAIO DE 1940.

Não somente da Holanda e da Bélgica os aliados recebiam notícias sobre os êxitos alemães; na manhã de 11 de maio, soube-se em Londres que a base aliada de Harstad, ao norte de Narvik, era severamente bombardeada pela aviação alemã enquanto um contingente alemão, aproveitando o pacto germano-soviético, era transportado por trem de Leningrado para Murmansk, o que talvez fizesse parte de um plano de ataque ao norte da Noruega, abrindo uma segunda frente. O instinto de Churchill, ao saber dessas novidades em seu primeiro dia como primeiro-ministro, levou-o a propor a retirada das tropas de Harstad para Mosjøen, uma das pequenas guarnições britânicas que ainda resistia, mas os chefes do estado-maior argumentaram que, tendo em vista a “luta de vida ou de morte em curso na frente ocidental”, não havia tropas suficientes para manter as posições de Mösjoen ou de Bodo, que Churchill também pretendia reforçar. Como viria a acontecer vezes sem conta, quando as sugestões de Churchill se deparavam com a oposição dos seus chefes de estado-maior, os planos foram abandonados, pois, ao contrário de Hitler, o primeiro-ministro britânico não tinha poderes para se impor aos seus principais conselheiros estratégicos. Podia, no entanto, apoiar suas recomendações com considerável vigor e insistir em sua rápida implementação; em seu primeiro dia na chefia do governo, forças britânicas ocuparam a Islândia dinamarquesa, uma importante posição que não deveria cair nas mãos dos alemães, agora senhores da Dinamarca. Tornava-se necessário desenvolver suas capacidades como base naval e aérea tão rapidamente quanto possível.

Ao mesmo tempo, os comandantes alemães rivalizavam uns com os outros para ver quem avançaria mais. “Tudo esplêndido até agora”, escreveu à sua mulher o general Rommel, comandante da 7ª Divisão Panzer, e acrescentou: “Vou muito à frente dos meus vizinhos.” Em 12 de maio, na Holanda, depois de uma caminhada de 160 quilômetros, o 18º exército alemão reuniu-se aos paraquedistas lançados dois dias antes. Nessa noite, o Gabinete de Guerra britânico recebeu a informação de que haviam sido perdidos 36 aviões britânicos em dois dias de combates.

No dia seguinte, as tropas de Rommel atravessaram o Meuse em Dinant, e, mais ao sul, as tropas do general Guderian atravessaram o Meuse próximo a Sedan, assinalando a primeira importante violação da fronteira francesa. Às cinco horas da madrugada do dia 13, o rei George

VI, que pernoitava no palácio de Buckingham, foi acordado por um sargento da polícia que desejava comunicar-lhe que a rainha Wilhemina, da Holanda, desejava falar com ele. “Eu não acreditei”, escreveu o rei em seu diário, “mas fui ao telefone e era ela. Pediu-me encarecidamente que enviasse aviões para defender a Holanda. Eu transmiti a mensagem aos responsáveis competentes e fui-me deitar outra vez”. O rei comentava: “Não é sempre que se recebe um telefonema a essa hora, ainda mais vindo de uma rainha, mas nos tempos que correm tudo pode acontecer, até coisas bem piores.”

A rainha, avisada de que os alemães poderiam raptá-la e usá-la como refém, partiu de Haia para Rotterdam, onde embarcou num contratorpedeiro britânico, o *Hereward*. Sua intenção era reunir-se às unidades das suas forças armadas que ainda resistiam à ofensiva, na Zelândia. Um intenso bombardeamento alemão impediu, porém, seu desembarque; a rainha atravessou, então, o mar do Norte, rumo a Harwich, decidida a solicitar uma vez mais o apoio da força aérea britânica. Em Harwich, no entanto, foi-lhe explicado que a situação da Holanda era desesperadora. Nessa noite, o rei George VI recebeu-a, em Londres, na estação de Liverpool Street. “Eu não a conhecia”, registrou o rei em seu diário. “Ela disse-me que, ao partir de Haia, sua intenção não era deixar a Holanda, mas que a força das circunstâncias a trouxera até aqui. Estava, como é natural, bastante transtornada.”

Nessa tarde, Churchill disse aos membros de seu novo governo: “Não tenho o que oferecer além de sangue, esforço, lágrimas e suor.” Repetiu essas palavras algumas horas depois na Câmara dos Comuns, dizendo aos deputados: “Perguntam-me qual é minha política. Eu vos digo. É promover a guerra no mar, na terra e no ar, com toda a nossa energia e com toda a força que Deus nos der, promover a guerra contra uma tirania monstruosa, nunca ultrapassada no negro e deplorável catálogo dos crimes humanos. É essa a nossa política.”

No tocante ao objetivo da Grã-Bretanha, Churchill não foi menos enfático: “É a vitória, a vitória a qualquer preço, a vitória contra todos os terrores, a vitória por mais longo e difícil que seja o caminho, pois sem vitória não há sobrevivência possível.”

Nessa noite, numa reunião do Gabinete de Guerra, Churchill soube que, enquanto o estado-maior da força aérea estimava que seriam necessárias

sessenta esquadrilhas de caças para uma “defesa conveniente” da Grã-Bretanha, haviam apenas 39 disponíveis. As zonas de intervenção aliada eram raras e dispersas. Nessa noite, centenas de minas aéreas foram lançadas no Reno, interrompendo a circulação de barcas nas imediações de Karlsruhe e de Mainz. Por essa operação, foram concedidas duas cruzes e dezessete medalhas de Serviços Distintos. Na Noruega, ainda mais longe da batalha decisiva, um contingente francês comandado pelo general Bethouart desembarcou junto à pequena aldeia de pescadores de Bjerkvik, a cinquenta quilômetros de Narvik por estrada. “Espero que evacuem Narvik o mais cedo possível”, telegrafou Churchill em 14 de maio ao comandante britânico, lorde Cork, “e depois avancem para o sul com o máximo de energia”. Era uma esperança tênue, mas, após a Legião Estrangeira francesa ter ocupado Bjerkvik, em 15 de maio, fazendo setenta prisioneiros, Churchill recusava-se a abandoná-la.

Na manhã de 14 de maio, deparando-se com uma resistência mais enérgica do que esperava por parte dos holandeses, Hitler incluiu nas diretivas para o dia uma ordem no sentido de esmagá-la. “Esta resistência deve ser rapidamente esmagada”, dizia a ordem. Parte da aviação alemã foi imediatamente desviada da fronteira belga “para facilitar a conquista rápida da fortaleza Holanda”. Seu alvo era a ponte do Reno em Rotterdam. Muitas bombas, errando o alvo, caíram no centro da cidade; 814 civis morreram. Os boatos e a propaganda aliada multiplicaram esse número, falando em 25 mil e até trinta mil mortos. A realidade já era suficientemente dura. O boato apavorou mais ainda os franceses e os belgas, que ainda não haviam sido vítimas de bombardeamentos.

Ao meio-dia, uma grave notícia chegou aos comandantes aliados. Próximo de Sedan, os alemães haviam alargado substancialmente a dianteira inicialmente criada por Guderian. Tornava-se possível para os alemães, com uma parte substancial das forças francesas e britânicas imobilizada na Bélgica, utilizar essa dianteira como base para uma operação de cerco pela retaguarda aos exércitos aliados, avançando pelas Ardenas num amplo semicírculo em direção aos portos da Mancha. Era esse, com efeito, o plano de Hitler. “A evolução da ofensiva até essa data”, dizia na diretiva emitida naquele dia, “mostra que o inimigo não

compreendeu em tempo útil a ideia em que se baseiam nossas operações”.

Seramente alarmado, o alto-comando francês pediu à Grã-Bretanha o máximo apoio aéreo no setor de Sedan, que foi prontamente concedido. Foram enviados, ao todo, 71 bombardeiros britânicos para o setor sul. Atacando as pontes de barcas e as colunas de tropas alemãs em ondas sucessivas, foram severamente maltratados pelos caças alemães e pela artilharia antiaérea no solo. Ao cair da noite, haviam-se perdido quarenta aviões britânicos. O piloto de um desses aviões, tenente Parkinson, conseguiu alcançar as linhas francesas, embora gravemente ferido. Mais tarde, fugindo da França, voltaria ao posto de piloto; numa operação de aprovisionamento à Resistência Francesa, foi novamente abatido e morreu.



Holanda, 14 de maio de 1940: Roterdã em chamas após um ataque alemão.

A incapacidade dos bombardeiros britânicos para deter a ofensiva alemã em Sedan foi acompanhada pela inaptidão das tropas francesas em manterem suas posições. O cerco pela retaguarda havia começado; em menos de um mês, isolaria do combate decisivo a Força Expedicionária Britânica e deixaria Paris vulnerável a um avanço rápido. Os britânicos e os franceses precisavam ainda, em 14 de maio, terminar sua retirada da Noruega. No mesmo dia, a base britânica de Harstad foi atacada com bombas incendiárias, destruindo dois navios aliados. Um terceiro navio, o vapor polonês *Chrobry*, transportava ao sul, para Bodö, um batalhão de guardas irlandeses – quatrocentos homens ao todo – quando foi atacado; as vinte baixas incluíram o comandante e todos os oficiais superiores.

Houve um lampejo de boas notícias para os aliados naquele dia, quando Arthur Purvis, chefe da missão anglo-francesa para a compra de armamento em Washington, comunicou que, entre os cem caças em construção nos Estados Unidos, a Grã-Bretanha seria autorizada a comprar 81, e, entre os restantes 524 aparelhos encomendados, 324 estariam prontos a ser entregues “dentro de dois ou três meses”.

O desvio de tantos aviões para a Grã-Bretanha representava, explicava Purvis, “um verdadeiro sacrifício por parte dos Estados Unidos, pois muitas esquadrilhas não poderiam, assim, receber o respectivo complemento de aviões modernos”. A decisão, vital para a Grã-Bretanha, ao menos a longo prazo, era atribuída por ele à “boa vontade” de Roosevelt e de seu secretário de Tesouro, Morgenthau, que chegara a “garantir enfaticamente” que as novas encomendas feitas pela força aérea dos Estados Unidos não interfeririam, de modo algum, nas encomendas britânicas já aceitas.

Tais concessões, relevantes apenas a longo prazo, eram secretas. Em 14 de maio, os receios aliados concentravam-se na Holanda e nas Ardenas. As tropas aerotransportadas do general Student haviam entrado em Roterdam e negociavam a rendição da cidade. Antes de concluir as negociações, Student superintendeu pessoalmente seus homens enquanto desarmavam um grande grupo de soldados holandeses. Um contingente das SS, ao chegar e ver tantos militares holandeses armados, abriu fogo. Student foi atingido na cabeça. Não fosse a perícia de um cirurgião holandês que o operou nessa noite, o general teria, quase certamente, sucumbido.

Os franceses começavam a entrar em pânico. Pouco depois das sete horas de 15 de maio, Paul Reynaud telefonou a Winston Churchill para comunicar-lhe sobre o fracasso do contra-ataque francês às forças alemãs que haviam rompido suas linhas em Sedan; assim, “estava aberto o caminho para Paris” e “a batalha estava perdida”. Reynaud falou em “renunciar ao combate”. Churchill fez o que pôde para acalmar o primeiro-ministro francês, que não deveria deixar-se influenciar por mensagens “ditadas pelo pânico”. Contudo, Churchill não alimentava ilusões acerca da gravidade da situação. “Os pequenos países”, afirmava num telegrama enviado a Roosevelt naquele dia, “são pura e simplesmente esmagados, um a um, como palitos de fósforo”. Quanto à Grã-Bretanha, Churchill acrescentou: “Contamos ser atacados, também nós, num futuro próximo, pela aviação, por paraquedistas e por tropas aerotransportadas; estamos nos preparando para tal eventualidade.”

A confiança de Churchill espelhava-se no moral das tropas britânicas na França. Ronald Cartland, escrevendo à sua mãe em 15 de maio, pouco antes de sua unidade retirar-se da linha do Escalda, mostrou um humor combativo, embora sombrio: “Acabaremos por vencer, mas antes todos precisamos contar com horrores e atribulações. Não podemos evitá-los.” Mais ao sul, no ponto onde Rommel atravessara o Meuse, um grupo de blindados franceses, na aldeia de Denée, tentou, de maneira desesperada, deter o avanço alemão. Enquanto os tanques eram destruídos um após outro, os alemães mantinham fogo constante, tendo sido o comandante de uma companhia, o capitão Gilbert, morto por uma rajada de metralhadora, com a maior parte de sua equipe, ao sair de seu tanque, que se incendiara após ser atingido pela artilharia alemã. Ao cair da noite, 65 tanques franceses haviam sido destruídos e 24 franceses estavam mortos. Venderam caro suas vidas, destruindo ao menos trinta homens das divisões Panzer de Rommel. Um comandante de companhia francês, o capitão Jacques Lehoux, morto com a explosão de seu tanque, recebeu postumamente o grau de cavaleiro da Legião de Honra. Seu principal adversário, o major Friedrich Filzinger, foi recompensado com a cruz de Cavaleiro; três semanas mais tarde, recebeu-a diretamente das mãos de Hitler.



Bélgica, 15 de maio de 1940: tropas alemãs passam por uma cidade belga a caminho de Bruxelas.

Na tarde daquele dia, tropas britânicas ainda desembarcaram no porto holandês de IJmuiden, numa última tentativa de reforçar a resistência holandesa. Enquanto o desembarque decorria, seis caminhonetes vindas de Amsterdã chegaram ao porto trazendo duzentos judeus, principalmente crianças, ao cuidado de uma holandesa, Geertruida Wijsmuller. Muitas eram crianças judias alemãs que conseguiram chegar à Holanda antes da guerra e agora precisavam novamente seguir em frente. “Às 19h, partimos”, relatou, mais tarde, um dos garotos, Harry Jacobi. “Quando já estávamos longe da costa, olhamos para trás e vimos uma enorme coluna de fumaça negra, saída dos reservatórios de petróleo que foram incendiados para não caírem nas mãos dos alemães. Às 21h, chegou a notícia, captada pelo rádio do navio, de que a Holanda capitulara.”

Hitler dominava, assim, mais um país europeu. Na Holanda, os avós de Harry Jacobi, para quem não houvera espaço nas caminhonetes apinhadas, estariam entre as vinte mil vítimas. Nessa noite, pela primeira vez desde que o exército alemão lançara sua ofensiva no Ocidente cinco dias antes, um grupo de bombardeiros britânicos atacou alvos industriais alemães no Ruhr. Partiram, ao todo, 78 bombardeiros. Todos regressaram intactos, embora dezesseis não houvessem conseguido localizar os respectivos alvos. Vinte e quatro atingiram refinarias ou reservatórios de petróleo, que as tripulações dos aviões viram incendiar-se ao virarem-se para regressar à base.

Não podendo quebrar a neutralidade americana com o envio à Grã-Bretanha de aviões prontos para voar, o presidente Roosevelt sugeriu, na noite de 15 de maio, uma forma para contornar seu próprio Ato de Neutralidade, que consistia em voar com os aviões até o lado americano da fronteira com o Canadá, “empurrá-los” para o outro lado e pilotá-los dali à Terra Nova, onde poderiam, enfim, ser embarcados. “Sabemos já”, comunicou a Londres Arthur Purvis, “que esse método é legal e exequível”.

Ao longo do dia seguinte, a ofensiva alemã prosseguiu; Rommel avançou oitenta quilômetros pelo território francês e Guderian a 96 quilômetros ao leste de Sedan. O general Gamelin ordenou que as forças francesas abandonassem a Bélgica. Churchill, precipitando-se para Paris, ordenou que se iniciasse imediatamente a operação XD. Na Antuérpia,

parte integrante desse plano de destruição, dois tenentes britânicos, Cadzow e Wells, despejaram no Escalda 150 mil toneladas de combustível.

Chegando a Paris nessa tarde, Churchill propôs, com insistência, que as tropas aliadas procurassem defender a linha Antuérpia-Namur. “Já perdemos Namur”, foi o comentário de Reynaud. Os franceses, encabeçados por Gamelin, pediram que fossem enviadas à França mais seis esquadrilhas de caças, além de quatro já enviadas e de outras quatro que o Gabinete de Guerra aceitara ceder naquela manhã. Porém, Churchill argumentou que a defesa aérea do território britânico já estava ameaçada e que somente dispunha de 39 esquadrilhas para sua defesa, tendo cedido quatro à França. A insistência do pedido francês levou-o a apresentar o pedido, por telegrama, ao seu Gabinete de Guerra. “Não seria nada bom, historicamente”, inquietava-se Churchill, “se não atendêssemos aos pedidos e fosse resultado a ruína da França”. Além disso, não se devia subestimar “as dificuldades crescentes” da ofensiva alemã, “caso seja alvo de um enérgico contra-ataque”.



Holanda, 16 de maio de 1940: tropas alemãs na margem do rio Maas, em Maastricht.

Nessa noite, o Gabinete de Guerra autorizou que mais três esquadrilhas britânicas, com base na Grã-Bretanha, “atuassem na França entre a madrugada e o meio-dia”, sendo substituídas, “durante a tarde”, por mais três esquadrilhas – deste modo ficariam, pelo menos, livres do perigo de serem atacadas no solo enquanto estivessem nas bases aéreas francesas.

Em Paris, o receio quanto à chegada iminente dos alemães suscitara uma onda de pânico. Maços de documentos oficiais, atirados pelas janelas do Ministério das Relações Exteriores, foram queimados nos jardins. Contudo, não era em direção a Paris que avançavam os tanques Panzer de Guderian, que seguiam para noroeste e, ao meio-dia de 17 de maio, haviam chegado ao rio Oise, não muito longe de St. Quentin. Enfrentando-os, mas sem conseguir detê-los, estavam os tanques da 4ª Divisão Blindada, comandada por um dos pioneiros da guerra blindada, o coronel De Gaulle. Como recompensa pela bravura que demonstrou, foi promovido a general.

O sucesso dos alemães ultrapassava suas próprias expectativas em todos os setores da frente. Em 17 de maio, tropas do 6º exército do general Von Reichnau entraram em Bruxelas, a quinta capital a ser ocupada pelos alemães no período de cinco meses. Recuando de Bruxelas em direção à costa da Mancha, a 3ª Divisão britânica, comandada pelo general Bernard Montgomery, posicionou-se na linha do rio Dendre. Somente no quartel-general de Hitler parecia existir ainda uma sombra de dúvida. “Dia bastante desagradável!”, registrou em seu diário o general Halder. “O Führer está extremamente nervoso. Desconfia de seu próprio sucesso e tem medo de correr riscos; penso que preferia sinceramente que não continuássemos a avançar.”

O nervosismo de Hitler era, no entanto, injustificado. Em 18 de maio, os comandantes de suas divisões Panzer continuaram a avançar com a mesma rapidez, chegando Rommel a Cambrai e sendo St. Quentin ocupada por Guderian. Um dos altos comandantes franceses, o general Giraud, ao entrar em Le Cateau com o que restava de seu 9º exército, foi capturado pelos alemães – sem que soubesse, eles haviam chegado à cidade algumas horas antes. Nesse dia, o principal porto da Bélgica, Antuérpia, caiu em mãos alemãs. “Não preciso chamar-lhe a atenção para a gravidade do que aconteceu”, telegrafou Churchill a Roosevelt. “Estamos decididos a perseverar até o fim, seja qual for o resultado da

grande batalha em curso na França. Devemos, em todo o caso, contar com um ataque ao nosso território em breve, seguindo o modelo holandês, e esperamos conseguir dar conta do recado.”

O “modelo holandês” consistia na utilização de tropas paraquedistas que tomariam posse dos pontos vitais. Foi para proteger a Grã-Bretanha contra o “grande número” de soldados alemães que poderiam ser aerotransportados para a ilha, “precedidos por paraquedistas”, que Churchill e os chefes do estado-maior encararam, em 18 de maio, a possibilidade de transportar para a metrópole, o mais rapidamente possível, as tropas britânicas destacadas para territórios tão longínquos quanto a Palestina e a Índia.

Em Paris, temendo uma rebelião, o novo ministro do Interior, Georges Mandel, iniciou nesse dia uma batida policial maciça contra todos os indivíduos considerados suspeitos. “Houve muitas prisões em plena rua”, recordou, no fim do mês, um empresário canadense. “O trânsito é severamente controlado. Policiais armados com baionetas param os transeuntes e pedem-lhes que se identifiquem.”

Enquanto a batalha da França prosseguia, o moral dos ingleses se elevava, graças à convicção de que os bombardeamentos da região do Ruhr, iniciados em 15 de maio e retomados nas três noites seguintes, haviam sido bem-sucedidos. Porém, quando o jornalista americano William Shirer percorreu o Ruhr em 19 de maio, viu “muito poucos estragos”. Quanto à população alemã, cujo moral a BBC afirmara ter sofrido “um efeito mortífero” com os bombardeamentos, Shirer encontrou-a, “especialmente as mulheres, nas pontes sobre as estradas principais, saudando as tropas que partem para a Bélgica e para a França”. O único sinal da presença da força aérea britânica que pôde detectar foi um grande bombardeiro britânico, nas imediações de Hanover, “caído no meio de um campo, a uns cem metros da autoestrada”.

Nesse dia, na França, a divisão da caveira das SS entrou em ação pela primeira vez ao receber a ordem de prestar auxílio à 7ª Divisão Panzer, comandada por Rommel, nos arredores de Cambrai. Os adversários eram tropas marroquinas que defendiam tenazmente pequenas aldeias da região. As tropas combateram com igual furor, matando duzentos marroquinos e perdendo apenas dezesseis homens das SS. Nessa noite,

Churchill falou ao povo britânico através do rádio, pela primeira vez desde que ocupara o cargo de primeiro-ministro. “Este”, afirmou ele, “é um dos períodos mais terríveis da longa história da França e da Grã-Bretanha. É também, sem dúvida, o mais sublime”. Esses povos, lado a lado, “avançaram para socorrer não apenas a Europa, mas a humanidade inteira, contra a tirania mais iníqua e inimiga do espírito que já escureceu e manchou as páginas da história”. Atrás dos exércitos e frotas da Grã-Bretanha e da França, ocupava as fileiras “um grupo de países destruídos e de raças ameaçadas: os tchecos, os poloneses, os noruegueses, os dinamarqueses, os holandeses, os belgas – sobre os quais descera uma longa noite da barbárie, sem o brilho sequer de uma estrela de esperança, a menos que vençamos, como precisamos vencer; como venceremos”.



Londres, 18 de maio de 1940: soldados se preparam para o combate com as tropas paraquedistas alemãs.

De que modo a Grã-Bretanha e a França poderiam vencer a guerra era algo, nesse momento, pouco claro. Elas, não a Alemanha, pareciam prestes a sucumbir. Ainda na manhã de 19 de maio, como o avanço alemão ameaçava abrir uma brecha entre as forças francesas e britânicas ao norte e ao sul do rio Somme, Churchill ordenou que o almirantado britânico reunisse “um grande número de navios de guerra” pronto a dirigir-se “para os portos e baías da costa francesa”. Tornou-se claro, de repente, que era preciso, sem perda de tempo, planejar-se para a eventualidade de ser necessário “retirar a Força Expedicionária Britânica da França”. Nesse dia, fizeram-se ainda planos para reforçar a segurança dos aeroportos com “colunas móveis”, caso fossem lançados paraquedistas sobre o território britânico. Até Londres era considerada um alvo possível; em 20 de maio, Churchill aprovou um plano de proteção das repartições governamentais de Whitehall e do próprio número dez da Downing Street, incluindo metralhadoras ligeiras e barreiras de arame farpado nas ruas e nas estradas.

Nessa noite, colunas de blindados alemães, passando por Amiens, avançaram até Abbeville, isolando a Força Expedicionária Britânica em relação à maior parte do exército francês e de suas próprias bases e fontes de abastecimento na França ocidental. Centenas de milhares de militares britânicos, franceses e belgas estavam encurralados, de costas para o mar. Hitler entusiasmou-se. O general Jodl, presente na ocasião, registrou que Hitler “faz referências elogiosas ao exército alemão e aos seus chefes; ocupa-se do tratado de paz, que se baseará na devolução dos territórios roubados ao longo dos últimos quatrocentos anos ao povo alemão (...)”. Hitler faria os franceses “pagarem” pelos termos do acordo de paz imposto aos alemães em 1918, conduzindo suas próprias negociações de paz no mesmo ponto da floresta de Compiègne. Quanto à Grã-Bretanha, “os ingleses podem ficar em paz assim que nos devolverem nossas colônias”.

Hitler, em sua euforia, pensava adiantadamente nos termos do tratado de paz, mas, em terra, continuavam as sangrentas operações de guerra; nessa noite, próximo de Beauvais, dois alemães foram mortos numa zona onde seus aviões haviam metralhado refugiados franceses e belgas que procuravam fugir para o Sul. Ambos estavam desarmados. Ao vê-los na beira da estrada, rodeados por uma multidão de civis, um soldado francês

aproximou-se, puxou a pistola e mirou a cabeça de um dos alemães, matando-o instantaneamente. O avião morto era o sargento Wilhelm Ross, de 23 anos; enterrado no mesmo local, esteve entre os 1.597 alemães “mortos em combate” naquela semana na região de Beauvais. Outro militar alemão a morrer em 20 de maio, em consequência de ferimentos recebidos em combate, foi o príncipe Wilhelm von Hohenzollern, neto do ex-Kaiser e herdeiro do trono imperial alemão. O próprio ex-Kaiser, exilado na Holanda desde 1918, recusara a oferta de Churchill para refugiar-se na Grã-Bretanha e preferiu ficar na Holanda, sendo seu local de exílio devastado, e então guardado, pelos mesmos exércitos que ele lançara contra a França e a Bélgica em 1914.

Em 21 de maio, as tropas alemãs atingiram Le Crotoy, uma pequena povoação marítima da Mancha, na foz do rio Somme, cortando as forças aliadas no norte da França e abrindo caminho para que os alemães pressionassem os britânicos em direção às costas do mar do Norte e ali os destruíssem. Esse perigo iminente levou a uma contraofensiva britânica comandada pelo general Martel, com 58 tanques, que lançou pânico sobre a 7ª Divisão Panzer de Rommel. Morreram 89 homens de Rommel – ou seja, quatro vezes as baixas que a divisão sofrera em sua ofensiva através da França. A divisão da caveira, mais uma vez enviada em socorro de Rommel, destruiu 22 tanques, mas perdeu 39 homens. Somente a chegada dos bombardeiros de mergulho evitou perdas mais graves.

Pela primeira vez em onze dias de batalha, as tropas alemãs viam-se obrigadas a recuar – e não apenas as tropas, mas os valiosos Panzers, dos quais tanta coisa dependia. Hitler, não querendo que os tanques sofressem ainda mais e receando que os britânicos estivessem dispostos a combater na França até o último homem, ordenou uma pausa no avanço para os portos da Mancha.

No Leste, a guerra contra os doentes mentais ganhou nova feição naquela data, quando uma “unidade especial” foi enviada a Soldau para matar mais de 1.500 pessoas transferidas de vários hospitais da Prússia Oriental. A eliminação dos doentes foi realizada em dezoito dias; terminadas as execuções, a unidade especial comunicou a Berlim que os doentes haviam sido “eficazmente evacuados”.

Na frente ocidental, os britânicos e os franceses planejavam uma contraofensiva para reunir novamente suas forças, separadas pela ponta de lança alemã, comprometendo-se o general Weygand, autor do plano, a atacar os alemães pelo sul. Nessa noite, na Grã-Bretanha, o chefe do grupo fascista britânico, Sir Oswald Mosley, e 35 outros membros destacados, foram presos; ao longo da semana seguinte, o mesmo aconteceria a mais 346 seguidores.

Vinte e dois de maio foi uma data importante para a decifração britânica das mais secretas transmissões alemãs por rádio, pois foi completamente quebrada a chave Enigma, utilizada pela força aérea alemã.

A partir daí, os serviços de informação em Bletchley podiam ler, diariamente, todas as mensagens da força aérea alemã enviadas entre o quartel-general e as operações em terra.

Entre as mais importantes dessas mensagens estavam aquelas entre a força aérea e o exército, que forneciam dados preciosos sobre a posição e as intenções das forças em terra.

O “fluxo de informações sobre as operações militares”, escreveram os historiadores oficiais dos serviços secretos britânicos, era “decifrado, traduzido, corrigido e interpretado” ao ritmo de mil mensagens por dia, enviadas por telegrafia ou correio especial para Whitehall. A partir de 24 de maio, os pontos mais importantes eram transmitidos diretamente de Bletchley para os quartéis-generais da Força Expedicionária Britânica e da força aérea. Para evitar que os alemães soubessem que seu mais secreto método de comunicação havia sido decifrado, foi utilizado um código especial, transmitido através de uma unidade móvel especial dos serviços secretos, que auxiliava os comandantes-chefe na interpretação do material e aconselhava-os quanto ao melhor modo de explorá-lo.



DUNQUERQUE, MAIO DE 1940.

A decifração do código Enigma forneceu aos comandantes militares britânicos, então no auge de seus esforços, um panorama valioso das atividades e das intenções da força aérea alemã. Infelizmente, subsistiam vários inconvenientes e ainda não havia experiência suficiente para suprimi-los. “Além do enorme volume de informações”, dizem-nos os historiadores do sistema Enigma, “os textos eram cheios de termos obscuros – abreviaturas das designações de unidades e de equipamentos, referências a quadrículas de mapas, nomes geográficos e de pessoas, *pro forma*, calão dos serviços e outras referências”, para não falar nas dificuldades muitas vezes provocadas pela má interceptação ou por alterações textuais derivadas do envio das mensagens no calor da batalha. Uma importante dificuldade dos primeiros tempos de decodificação, nesse mês de maio, decorria de tanto o quartel-general da força aérea alemã, em suas instruções, quanto os comandantes nas operações em terra, em suas respostas, referirem-se com frequência a uma série de mapas do estado-maior britânico, na escala 1:50.000, que havia muito não eram usados pelo exército britânico. Não conseguindo obter uma coleção desses mapas, os decifradores de Bletchley viram-se obrigados a reconstituí-los a partir das referências alemãs, processo extraordinariamente laborioso. Apesar das dificuldades, informações eram produzidas e teriam valor incalculável se o exército britânico não estivesse numa retirada precipitada.

Porém, se as forças britânicas em retirada em direção ao mar foram poupadas de uma ofensiva alemã imediata, não foi em consequência de qualquer golpe dos serviços secretos, mas simplesmente porque os alemães, tendo separado os exércitos aliados, encararam as tropas estacionadas em Flandres como alvo secundário em relação àquelas que recuavam em direção a Paris. Além disso, os alemães não tinham noção exata do número de homens encurralados nesse setor da costa; as estimativas alemãs em 23 de maio apontavam para apenas cem mil homens, um quarto do número real. Ainda além, o general sobre quem cairia a principal responsabilidade na ofensiva, Ewald von Kleist, assistira, nas duas semanas anteriores, à destruição de quase quinze por cento de seus meios de transporte, acolhendo favoravelmente a pausa decretada por Hitler. Também não parecia possível que as tropas britânicas fossem evacuadas por mar.

Göering assegurara a Hitler que esse movimento seria impedido pela força aérea alemã. Não havia, por conseguinte, urgência em atacar com força esses homens que, em 21 de maio, revelavam-se capazes de um contra-ataque tão enérgico e tão devastador. Em 23 de maio, portanto, às 18h, o general Rundstedt, por iniciativa própria, transmitiu ao 4º exército alemão a ordem de “não avançar” no dia seguinte.

Desconhecendo a ordem de Rundstedt, o exército britânico continuou à espera da contraofensiva francesa a partir do Sul, conforme o planejado. Às 22h dessa noite, Churchill encontrou-se com o rei no palácio de Buckingham. “Disse-me”, registrou o rei em seu diário, “que, se o plano francês concebido por Weygand não tivesse resultados, precisaria ordenar o regresso à Inglaterra da FEB², numa operação que significaria a perda de toda a artilharia, tanques, munições e abastecimentos enviados para a França”. “Ao fim de dez dias”, escrevia para sua mãe Ronald Cartland, da Força Expedicionária Britânica, “voltamos ao ponto de onde partimos. Estranha guerra esta!”.

“O dia inteiro em movimento, claro”, escrevia à sua mulher o general Rommel, em 24 de maio. “Mas, pelas minhas estimativas, a guerra, daqui a quinze dias, estará ganha.” Hitler, visitando nesse dia o quartel-general de Von Rundstedt, previu que a guerra estaria terminada em seis semanas. Estaria, então, aberto o caminho para um acordo com a Grã-Bretanha. Hitler e Rundstedt discutiram em seguida o destino das tropas britânicas encurraladas na costa da Mancha e concordaram que o perímetro cercado podia ser alvo de ataques aéreos, mas Rundstedt propôs que seus tanques não avançassem além do canal ao sul de Dunquerque, para poupar as forças blindadas para as operações contra os franceses. Hitler concordou. Pouco depois do meio-dia, uma segunda ordem de paragem foi transmitida ao 4º exército, em nome de Hitler. Todos os ataques ao perímetro de Dunquerque deviam ser imediatamente “interrompidos”.

Um dos efeitos da segunda ordem de parada foi que a divisão da caveira, para reforçar as linhas alemãs, precisou efetuar uma pequena retirada, atravessando um canal. Os britânicos, ao detectarem a manobra, iniciaram um intenso fogo de barragem de artilharia, em que foram mortos 42 homens.

Quando, ao fim da tarde, o general Halder autorizou que Rundstedt atacasse Dunquerque, este recusou-se a fazê-lo, respondendo que: “As unidades motorizadas precisam recompor-se antes.” “Ao contrário do que se esperava”, registrou alguns dias mais tarde o ajudante de ordens de Hitler, “o Führer deu grande liberdade de decisão a Rundstedt”. Porém, era uma decisão restrita a suspender por pouco tempo a ofensiva para recobrar forças e esperar a chegada de reforços. O objetivo alemão continuava a ser uma vitória militar. “O próximo objetivo de nossas operações”, declarou Hitler numa diretiva datada de 24 de maio, “é aniquilar as forças francesas, inglesas e belgas que estão cercadas em Artois e em Flandres mediante uma ofensiva concêntrica de nosso flanco norte e uma rápida ocupação deste setor da costa da Mancha”.

Enquanto o exército alemão parava, iniciou-se a evacuação britânica; em 24 de maio, mil homens embarcaram em Boulogne, mas duzentos não puderam ser evacuados antes que as tropas alemãs entrassem no porto, na manhã seguinte. Ao largo de Dunquerque, o ataque aéreo que Hitler autorizara teve início imediato; naquele dia, um navio francês, o *Chacal*, foi afundado. Ao largo de Calais, onde uma guarnição britânica estava isolada, o contratorpedeiro *Wessex* também foi afundado e o contratorpedeiro polonês *Bzura* sofreu graves estragos enquanto bombardeavam posições alemãs na costa.

O governo britânico começou, então, a planejar a evacuação das tropas britânicas em Dunquerque. Ao leste da península, todavia, os alemães haviam aberto uma brecha entre as forças britânicas e belgas que defendiam a linha entre Menin e Ypres. “Soldados!”, disse Leopoldo, rei da Bélgica, numa exortação às suas tropas em 25 de maio: “A grande batalha que esperávamos já começou. Será uma batalha dura. Lutaremos com toda a nossa força e energia suprema.” A batalha acontecia, acrescentou o rei, “no terreno onde enfrentamos vitoriosamente o invasor em 1914”.

Os soldados belgas, em resposta ao apelo, resistiram, mas seus contra-ataques, visando fechar a brecha, embora empreendidos com vigor notável, foram repelidos. Felizmente para os britânicos, um automóvel do estado-maior alemão capturado em 25 de maio continha um documento que pormenorizava o plano alemão para aproveitar a brecha nas linhas aliadas. Graças a essa informação oportuna, o comandante-

chefe britânico, lorde Gort, pôde ordenar que avançassem para a brecha duas divisões que se preparavam para atacar em outro ponto, em direção ao sul, rompendo o cerco alemão de acordo com o plano Weygand para os britânicos. Porém, somente abandonando a esperança possivelmente falsa de abrir uma brecha ao sul, nas linhas inimigas, seria possível defender o perímetro que permitia uma evacuação por mar. Nesse dia, após a discussão de Hitler com Rundstedt, a força aérea alemã lançou todos os aviões disponíveis num ataque às instalações portuárias de Zeebrugge, Blankenberge, Ostende, Nieuport e Dunquerque. Ignorando que Dunquerque seria o principal porto de embarque das tropas, os mais severos bombardeamentos tiveram Ostende como alvo.

Apesar da pausa ordenada por Hitler, uma pequena unidade de combate da divisão da caveira, comandada pelo capitão Harrer, atravessou novamente o canal. Ao avistar um motociclista britânico que avançava em sua direção, um dos homens abriu fogo, derrubando o soldado de sua moto. Os alemães aproximaram-se, então, encontrando-o na vala da berma, ferido no ombro. Ajudando-o a levantar-se, tentaram, sem sucesso, entabular uma conversa com ele. O capitão Harrer perguntou-lhe, num inglês hesitante, se falava francês. Ao ver que o soldado não respondia, Harrer puxou a pistola e abateu-o com um tiro à queima-roupa.

[2](#) Força Expedicionária Britânica. (N. do T.)

Dunquerque

Maio de 1940

Em 26 de maio, Hitler compreendeu ter cometido um erro grave ao aprovar a ordem de parada dois dias antes. Até aí, não se sabia que a Força Expedicionária Britânica se preparava para uma evacuação. Nessa manhã, porém, os aviões de reconhecimento alemães comunicaram que havia treze navios de guerra e nove navios para transporte de tropas no porto de Dunquerque. “Isso quer dizer, provavelmente”, concluía o Serviço de Informações do exército alemão, “que as tropas da Força Expedicionária Britânica já começaram a ser embarcadas”. Às 13h30, Hitler convocou os comandantes-chefe do exército e aprovou, segundo as anotações do general Jodl, “uma ofensiva de unidades blindadas e de divisões de infantaria partindo do Oeste em direção a Tournai-Cassel-Dunquerque”. A ordem foi transmitida por telefone a partir do quartel-general de Hitler às 15h30. Passadas três horas e meia, às 19h, uma transmissão por rádio em códigos do almirantado, de Londres para o vice-almirante Bertram Ramsay, em Dover, informava-o de que devia “dar início à operação Dínamo”.

“Dínamo” era o codinome escolhido para a evacuação, por Dunquerque, de tantos soldados quantos fosse possível. Esperava-se evacuar 45 mil homens nos dois dias considerados como o prazo máximo. Conforme combinado entre Hitler e Rundstedt, a força aérea alemã atacou com todo o seu poder para impossibilitar a evacuação, mas os pilotos do Comando da Aviação de Combate, britânicos, canadenses e poloneses, estavam igualmente decididos a manter o céu sobre as imediações das praias tão desimpedido quanto possível. Nos nove dias de evacuação, 176 aviões alemães foram abatidos na zona da costa, contra

106 aparelhos britânicos perdidos. A batalha nos céus ajudou a evitar uma catástrofe.

O combate de tropas britânicas em ações de retaguarda na periferia de todo o perímetro de Dunquerque também contribuiu para o sucesso da evacuação, e o mesmo aconteceu com as tropas cercadas em Calais. Comandadas pelo brigadeiro Nicholson, as tropas britânicas ali, sem quartel, travavam um combate com os alemães. Haviam chegado navios para evacuá-las, mas, pouco antes da meia-noite de 26 de maio, Nicholson recebeu um telegrama do Ministério da Guerra em Londres: “Evacuação não será (repete-se: não será) efetuada; navios destinados a esse fim devem regressar a Dover.” Cada hora a mais de resistência em Calais, declarava a mensagem, tinha a “maior utilidade” para a Força Expedicionária Britânica.

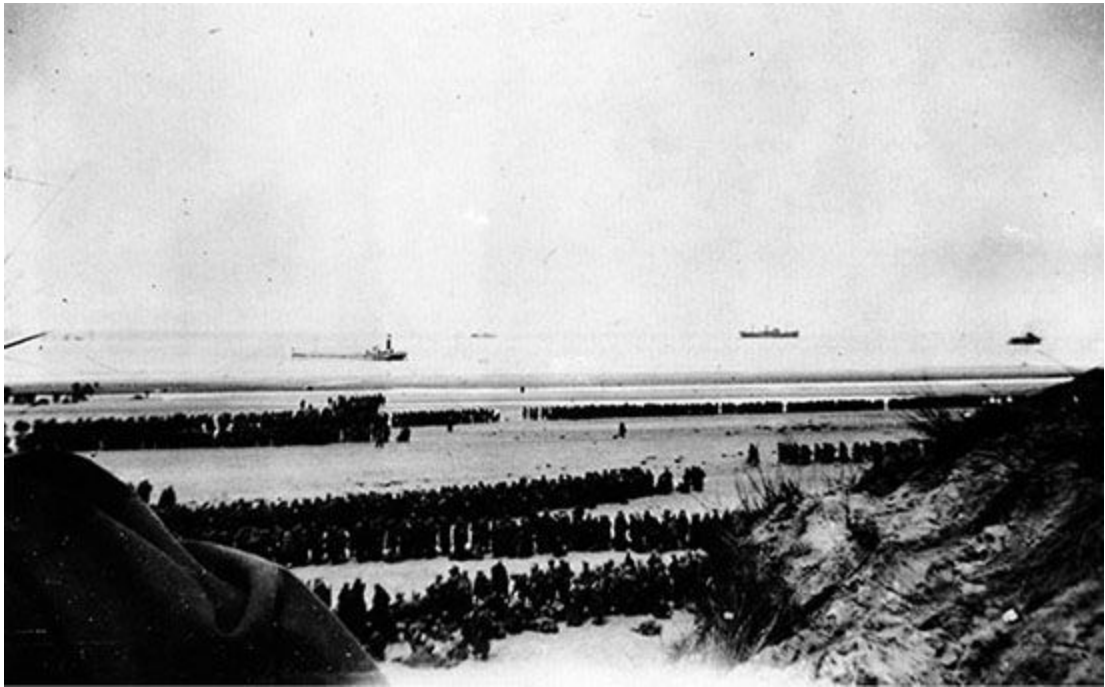
Naquela noite, o presidente Roosevelt fez um apelo, por rádio, à Cruz Vermelha americana. “Hoje”, disse ele, “nas estradas outrora pacíficas da Bélgica e da França, há milhões de pessoas em movimento, fugindo de suas casas para escapar das bombas, granadas e metralhadoras, sem abrigo e quase sem alimentos. Vagueiam ao acaso, sem saber qual será o fim de seu caminho”. Algumas horas depois desse discurso, o exército belga enviou para a batalha suas últimas reservas, consistindo em apenas três regimentos. Porém, apesar de sua tenacidade, não conseguiram fechar, sequer estreitar, a brecha entre as forças britânicas e belgas; próximo de Thielt, oito quilômetros da linha da frente não eram defendidos, e a estrada para Bruges estava aberta. “O anel de fogo fecha-se à nossa volta”, escreveu em seu diário, em 27 de maio, o general Michiels.

Milhares de refugiados, misturados à população local, fogem por uma estreita faixa de terra inteiramente exposta ao fogo de artilharia e aos bombardeamentos aéreos. Nossos últimos meios de resistência cedem sob o peso de uma superioridade esmagadora; já não podemos esperar qualquer apoio ou qualquer solução que não seja a destruição total.

No perímetro de Dunquerque, a oitenta quilômetros do porto, o dia 27 de maio assistiu a uma luta feroz entre a divisão da caveira e um conjunto de tropas britânicas decididas a não ceder. Numa quinta

próxima de Le Paradis, 99 homens do regimento britânico Norfolk sustiveram o avanço de uma companhia das forças SS até esgotarem as munições. O comandante, major Lisle Ryder, apelou, uma última vez, por apoio de artilharia, mas disseram-lhe que era impossível. No estábulo onde se refugiaram, os britânicos decidiram, por votação, que seria melhor renderem-se. Ataram uma toalha branca a uma espingarda e saíram em fila apenas para serem recebidos por um fogo cerrado de metralhadoras. Cinco minutos depois, tentaram render-se novamente; dessa vez, os alemães apareceram, gritando, felizes, e acenando com as espingardas. Um oficial que falava inglês mandou-os atravessar a estrada para o campo adjacente, onde precisaram ajoelhar-se. Depois, em grupos de cinco, os alemães mandaram que se levantassem, para que fossem revistados, e formaram um monte com as máscaras de gás, os capacetes e os cigarros que recolhiam dos ingleses. Quem se recusava a colaborar era agredido com coronhadas.

Os prisioneiros foram conduzidos para a estrada, onde esperaram, por algum tempo, que passasse uma coluna motorizada alemã em sentido oeste; em seguida, foram levados para um campo onde havia um grande celeiro feito de tijolos, com uma vala ao longo de uma das paredes. Duas metralhadoras estavam instaladas diante do celeiro. Quando os primeiros homens da coluna de prisioneiros, obrigados a entrar vala, chegaram ao extremo oposto do celeiro, foi dada a ordem de fogo.



Dunquerque, 27 de maio de 1940: tropas inglesas aguardam a evacuação.

Terminado o tiroteio, os soldados alemães receberam ordens para preparar as baionetas e avançar. E assim fizeram, matando, a tiro de pistola ou com as baionetas, os ingleses apenas feridos. Depois, ouviu-se um apito, e os soldados alemães saíram da vala. Noventa e sete militares britânicos haviam morrido. Por incrível que pareça, houve dois sobreviventes; os soldados Albert Pooley e William O'Callaghan, caídos entre os cadáveres.

Nessa noite, sob chuva intensa, conseguiram sair da vala, rastejando. Depois de alguns dias serem ajudados por uma camponesa francesa, madame Duquenne-Creeton, que fez o possível para tratar as feridas, entregaram-se aos alemães e foram novamente feitos prisioneiros. Pooley estava tão gravemente ferido na perna que mais tarde foi repatriado, via Sudão, numa troca de feridos graves em abril de 1943. Seu relato foi acolhido com certo ceticismo; somente no fim da guerra, quando O'Callaghan regressou à Grã-Bretanha, esclareceu-se a veracidade do episódio a tal ponto que o testemunho conjunto dos dois homens foi decisivo no julgamento, condenação à morte e enforcamento, por um tribunal militar britânico em Hamburgo, do oficial que dera a ordem de fogo, o capitão SS Fritz Knochlein.

Em 27 de maio, estando em curso a operação “Dínamo”, as praias de Dunquerque encontravam-se apinhadas de tropas à espera de barcos que as transportassem para os navios. Nesse dia, foram destruídos cinquenta aviões alemães, contra uma perda de catorze aviões britânicos, no céu de Dunquerque. No entanto, os ataques alemães tinham tal envergadura que boa parte das tropas amaldiçoou a força aérea britânica por não fazer mais para protegê-las. Entre as centenas de embarcações vindas de todos os portos e estâncias de veraneio do sul da Grã-Bretanha estava, nesse dia, o *Mona's Isle*, um antigo vapor turístico requisitado a prestar serviço como navio de abordagem. Bombardeado ao chegar em alto-mar, morreram quarenta militares evacuados.

No mesmo dia, com o objetivo de dificultar uma eventual aterrissagem de paraquedistas alemães na Grã-Bretanha, deram-se ordens para que fossem lavrados os campos no leste da Inglaterra e espalhados obstáculos adequados em outros locais possivelmente escolhidos para aterrissagem.

Ao mesmo tempo, os bombardeiros britânicos, numa nova iniciativa, sobrevoaram o Ruhr para largar suas bombas sobre a refinaria alemã de Gelsenkirchen. Às 23h, os bombardeiros ainda sobrevoavam o mar do Norte quando a Força Expedicionária Britânica recebeu a notícia de que, tendo a frente belga cedido aos incessantes bombardeamentos aéreos e de artilharia, Leopoldo, o rei dos belgas, pedira um armistício. E, com efeito, o rei mandara, às 17h, um emissário atravessar as linhas alemãs, que voltara cinco horas mais tarde com a informação de que os alemães exigiam rendição incondicional. Depois de consultar seu estado-maior, o rei aceitou. Às 4h de 28 de maio, o cessar-fogo entrou em vigor. A Bélgica resistira corajosamente durante dezoito dias.

Em Paris, o governo belga, já exilado, repudiou esse ato do rei, mas o exército belga havia sido esmagado no campo de batalha. Na Câmara dos Comuns, Churchill avisou que o momento não era o mais adequado para julgar os atos do rei Leopoldo. “Sejam quais forem nossos sentimentos quanto aos fatos que até agora conhecemos”, disse ele, “devemos recordar que a consciência de fraternidade entre os muitos povos que caíram sob o agressor e aqueles que continuam a enfrentá-lo tem um papel a desempenhar em dias melhores do que aqueles que agora atravessamos”.

Churchill referiu-se, a seguir, à situação das tropas britânicas que saíam de Dunquerque, que era, afirmou, “extremamente grave”. A rendição do exército belga “agrava seriamente os perigos a que estariam sujeitas”. As tropas, entretanto, combatiam “com a maior disciplina e tenacidade”. No entanto, a Câmara dos Comuns devia preparar-se para receber “notícias graves e sombrias”. Nada que acontecesse em Dunquerque, acrescentou Churchill, “poderia, em caso algum, libertar-nos de nosso dever de defender a causa mundial a que nos devotamos; nem deveria destruir nossa confiança na capacidade de avançar, como em tantos outros momentos de nossa história, entre o luto e a desgraça, até a derrota final dos inimigos”.

Nas 24 horas anteriores, catorze mil homens haviam efetuado, sem problemas, a travessia entre Dunquerque e Dover. Entretanto, enquanto prosseguia a evacuação, as tropas aliadas no norte da Noruega continuavam a avançar; nas primeiras horas de 28 de maio, ocorreu a tão esperada, mas agora quase despercebida, entrada em Narvik.

Durante a batalha final pela posse desse porto, morreram 150 soldados britânicos, franceses, noruegueses e poloneses. Os combatentes de Narvik ignoravam que, no momento da tomada da cidade, o Gabinete de Guerra britânico havia autorizado a evacuação da mesma, na operação Alfabeta. O ataque fora autorizado quatro dias antes, em 24 de maio, com a data de evacuação fixada para, no máximo, 8 de junho. A mesma reunião do Gabinete de Guerra autorizara a evacuação de Bodö em 31 de maio. De toda a campanha norueguesa restaria uma derradeira operação, proposta por Churchill em 24 de maio, que recebera o codinome “Paul” e consistia em lançar minas nas imediações do porto sueco de Lulea para vedar aos navios alemães, carregados de minério de ferro, uma passagem fácil pelo mar Báltico, agora que o gelo havia derretido. “A operação Paul é indispensável”, disse Churchill, dez dias depois, ao seu principal conselheiro militar, o general Ismay, e acrescentou: “Veja se consegue que nenhum argumento de neutralidade impeça-a.”

Em 28 de maio, mais 25 mil homens foram evacuados de Dunquerque. O *Brighton Belle*, vapor de rodas provenientes de uma estância de veraneio que transportava tropas, ao colidir com os destroços de outra embarcação, esteve entre os quatro navios a afundar nesse dia. Defendendo o perímetro ameaçado, as tropas britânicas conseguiram até, durante algum tempo, isolar o comandante das forças SS, Sepp Dietrich, que se viu obrigado a passar boa parte daquele dia escondido numa vala. Na aldeia de Wormhout, a apenas 27 quilômetros de Dunquerque, 45 homens do regimento britânico Warwickshire resistiam teimosamente ao assalto do regimento Leibstandarte. Por fim, esgotadas as munições, os britânicos, como seus camaradas em Le Paradis na véspera, renderam-se. O soldado Alfred Toombs recordou mais tarde que a seguir à rendição um homem de seu regimento, o soldado Gould, ferido em combate, foi abatido por um guarda das forças SS, “embora estivesse caído no chão”. Outro ferido, “caído na estrada, também foi abatido”. Os prisioneiros de guerra restantes, desarmados, foram conduzidos para um campo onde vieram encontrar-lhes outros quarenta homens capturados nesse dia – todos feridos, exceto um. Foram, depois, levados para um grande palheiro que os soldados das SS vigiavam.

“Reparei”, recordou o soldado Toombs, “que tinham insígnias na lapela que pareciam relâmpagos bifurcados”.

Um dos guardas chamou quatro homens e abateu-os. O prisioneiro mais graduado, capitão Allen, saiu imediatamente para protestar e também foi abatido. Os prisioneiros de guerra foram recuados para o fundo do celeiro. Dois guardas alemães lançaram granadas ali dentro e os guardas restantes abriram fogo de metralhadora ao redor do palheiro. Nesse momento, o soldado Toombs conseguiu fugir; muitos presos que o imitaram foram abatidos. Toombs e quatro outros homens sobreviveram, mas 45 camaradas seus haviam sido mortos. Nesse dia, algumas horas mais tarde, foram mortos mais 25 prisioneiros de guerra e outros 35 prisioneiros britânicos, após se renderem. Foi o capitão Wilhelm Mohnke, oficial das forças SS, quem ordenou os massacres de Wormhout. Tendo-lhe sido pedidas instruções sobre o tratamento a dar aos prisioneiros, ele respondera, segundo recordou Carl Kummert, um cabo, que “todos deviam ser abatidos”.

Muitos elementos das SS que participaram nos massacres de Le Paradis e de Wormhout haviam estado em ação em setembro, na campanha da Polônia. Eles sabiam quais ações podiam ser praticadas sob uma máscara de sigilo e com a aprovação de seus superiores. No dia dos massacres de Wormhout, Himmler retocou um documento aprovado por Hitler que visava reduzir maciçamente a população nas zonas conquistadas no Leste, prevendo que a população daquilo que outrora fora a Polônia, com suas diversas raças, fosse “dividida no maior número possível de parcelas e fragmentos”. Em seguida, os “elementos racialmente válidos” seriam “extraídos dessa miscelânea”, e o refugo seria deixado a “vegetar”. Se essas medidas fossem praticadas com continuidade, escrevia Himmler, a população do governo-geral, nos dez anos seguintes, “ficará necessariamente reduzida a seres humanos inferiores”; seria, então, uma “força de trabalho acéfala”, que poderia fornecer à Alemanha um contingente anual de eventuais trabalhadores. As crianças “racialmente válidas” seriam levadas para a Alemanha e “germanizadas”; as restantes seriam deliberadamente obrigadas a vegetar, recebendo instrução primária suficiente apenas para aprenderem “a contar até, no máximo, quinhentos, a escrever o nome, a saber que

Deus manda que obedeçam aos alemães e a serem honradas, diligentes e corajosas”.

Ainda em 28 de maio, Himmler registrou que o próprio Hitler ordenara que se fizesse apenas um “número limitado” de cópias desse documento, “que não se destinava a ser divulgado e devia ser considerado ultrassecreto”. Os chefes das forças SS deviam recebê-lo das mãos de um oficial, que aguardaria o fim da leitura, pediria uma declaração escrita de que o leitor tomara conhecimento do conteúdo e retornaria com o documento.

Em Dunquerque, a evacuação prosseguiu durante o dia 29 de maio. Às primeiras horas da madrugada, o contratorpedeiro *Grafton* foi atacado por dois torpedeiros a motor alemães enquanto recolhia sobreviventes de um naufrágio; 35 oficiais morreram. Algumas horas mais tarde, houve mais uma batalha desigual, quando o vapor de rodas HMS *Waverley*, transformado algum tempo antes em navio-varredor e levando a bordo seiscentos soldados, foi atacado em sua viagem de regresso por doze bombardeiros de mergulho alemães. A única peça de artilharia antiaérea foi reforçada pelo tiroteio maciço das espingardas, mas, ao fim de trinta minutos de um ataque aéreo insistente, o *Waverley* desapareceu sob as ondas. Mais de trezentos dos homens a bordo afogaram-se. “Nestes dias sombrios”, escreveu Churchill a todos os ministros e aos funcionários públicos mais importantes em 29 de maio, “o primeiro-ministro ficará muito grato se todos os seus colegas do governo, bem como os altos funcionários, mantiverem um moral elevado nos círculos em que se movimentam, sem minimizarem a gravidade dos acontecimentos, mas mostrando-se confiantes em nossa capacidade e determinação inflexível em prosseguir a guerra até quebrar a vontade do inimigo de sujeitar a Europa inteira ao seu domínio”.

Naquele dia, 43.310 homens já haviam sido evacuados de Dunquerque. Hitler, reunindo-se em Cambrai com seus comandantes do exército, comunicou-lhes que decidira “avançar imediatamente com as forças blindadas numa ofensiva em direção sul, para ajustar contas com os franceses”. “Talvez a França desista do combate, que agora é

absolutamente desesperador”, escreveu à sua mulher o general Rommel. “Se não, nós a esmagaremos até o último recanto.”

Para o exército britânico, era evidente que a saga de Dunquerque chegava ao fim. Após quatro dias de evacuação, os alemães aproximavam-se e seus ataques aéreos tornavam-se mais intensos. Às primeiras horas de 30 de maio o número de homens evacuados subiu para oitenta mil, mas as condições nas praias eram, como Churchill comunicou naquela manhã ao Gabinete de Guerra, “bastante difíceis”. Às 14h, Churchill instruiu lorde Gort a, quando sua força de combate no perímetro de Dunquerque estivesse reduzida ao equivalente de três divisões, delegar o comando a outro oficial e regressar à Inglaterra. O sucessor de Gort receberia ordens para manter a defesa do perímetro, mas, acrescentava Churchill, “quando, a seu ver, não for possível uma resistência organizada nem puderem ser causados estragos relevantes nas linhas inimigas, ficará autorizado, após consultar o comandante-chefe francês, a capitular formalmente para evitar mortes inúteis”.

“A capitular formalmente...” Eram palavras ominosas. Menos de três semanas se haviam passado desde que o exército de Gort se internara em território belga para fechar a porta ao avanço alemão através daquela fronteira. Agora, como escreveu um historiador sobre a evacuação de Dunquerque, essa porta “batia na cara da França, desfazendo-se em pedaços”.

Entre os defensores do perímetro de Dunquerque que morreram em 30 de maio estava Ronald Cartland, membro do parlamento britânico. “O modo de vida pelo qual lutou”, escreveu Winston Churchill seis meses depois, “prevalecerá e persistirá graças à luta e ao sacrifício de homens como ele”.

Em Dunquerque, navios franceses juntavam-se aos ingleses na tarefa de evacuação. Em 30 de maio, o contratorpedeiro francês *Bourrasque*, esbarrando numa mina em seu regresso a Dover, afundou; cerca de 150 homens que recolhera na praia morreram afogados. Um pouco mais tarde, o contratorpedeiro britânico *Wakefield* foi atacado por bombardeiros de mergulho alemães e também afundou. Nessa manhã, apesar dos bombardeamentos aéreos, quatro mil homens foram evacuados em apenas uma hora. Por insistência especial de Churchill, as tropas francesas e britânicas eram evacuadas lado a lado. O número total

de tropas britânicas e francesas evacuadas ao longo do dia seguinte foi de 68.104.



Dunkerque, 30 de maio de 1940: soldados franceses salvos do mar por um barco inglês.

Apesar da rendição belga, muitos de seus barcos de pesca juntaram-se à armada de pequenas embarcações; em 31 de maio, o *Lydie Suzanne* trouxe 105 homens para Dover; o *Zwaluw*, 58; o *Cor Jésus*, 274; o *Jonge Jan*, 270; e o *A5*, 234.

Nesse dia, em Paris, numa reunião do Conselho Supremo da Guerra, Paul Reynaud pediu a Churchill que enviasse mais tropas para a França, para se reunirem às forças que ainda defendiam a linha do Somme. Churchill respondeu que não dispunha dessas para serem enviadas imediatamente e que alguma força precisava ficar no Reino Unido para responder a uma eventual invasão por ar ou por mar. As defesas da Grã-Bretanha contra uma invasão estavam debilitadas em consequência da batalha da França. Entre as 39 esquadrilhas originalmente consideradas como o indispensável à defesa aérea da Grã-Bretanha, dez haviam sido enviadas para a França “e muito pouco resta”. Quanto às tropas, restavam apenas três divisões no território britânico, e mesmo essas não estavam devidamente equipadas. As outras catorze divisões ainda estavam em treino, equipadas apenas com espingardas, “e, por conseguinte, totalmente despreparadas para a guerra moderna”. Ainda assim, duas divisões britânicas encontravam-se no oeste da França, prontas a colaborar na defesa de Paris, e uma força de catorze mil australianos deveria chegar à Grã-Bretanha em 12 de junho; embora ainda não estivessem completamente treinados ou equipados, eram homens “da melhor qualidade”.

Decidido a persuadir os franceses a não capitularem, Churchill afirmou sua convicção de que a Grã-Bretanha e a França “não podiam fazer outra coisa senão lutar até a vitória”. Mesmo que um dos países fosse vencido, o outro não podia abandonar o combate. “O governo britânico estava disposto a conduzir a guerra a partir do Novo Mundo se, por alguma catástrofe, a Inglaterra também fosse devastada.” Era preciso não esquecer, disse Churchill, que, se a Alemanha derrotasse um aliado, ou ambos, “ficariam para sempre reduzidos ao estatuto de vassalos ou de escravos”.

Em suas conversas com os dirigentes franceses em 31 de maio, Churchill insistiu na disposição dos Estados Unidos “em dar um auxílio substancial”. Mesmo que não entrassem na guerra, os últimos acontecimentos haviam “mobilizado” os americanos. Os franceses

deviam, portanto, encomendar à América “grandes quantidades” de aço e de outros produtos essenciais. Mesmo que a Grã-Bretanha e a França não pudessem pagar esses fornecimentos, “a América continuaria a entregá-los”. Na véspera, em Washington, Artur Purvis adquirira um importante arsenal, com quinhentos morteiros, quinhentas peças de campanha, “alguns milhares” de peças antiaéreas, dez mil metralhadoras, 25 mil espingardas automáticas, quinhentas mil espingardas Lee Enfield e cem milhões de cartuchos. Ainda naquele dia, poucas horas depois do regresso de Churchill a Londres, Purvis pôde comunicar mais um êxito: o general Marshall mostrara-se “disposto a contornar” a legislação que garantia a neutralidade dos Estados Unidos e, declarando que uma quantidade substancial de munições americanas era “excedente”, a pô-la à disposição da Grã-Bretanha. Purvis garantira também a “prioridade” da Grã-Bretanha na compra de quinze mil toneladas do novo explosivo, trinitrotolueno, TNT.

Entre as pessoas com quem Churchill se encontrou em Paris estava o marechal Pétain, o “herói de Verdun” e da determinação francesa em resistir aos alemães, custasse o que custasse, durante a Primeira Guerra Mundial. Porém, quando outro francês presente, Roland de Margerie, falou em continuar a lutar no norte de África francês caso a França fosse derrotada, a expressão de Pétain, recordou Churchill mais tarde, tornou-se “sombria e distante, dando-me a sensação de que ele encarava a hipótese de uma paz em separado”.

Nessa noite, o general Gort abandonou Dunquerque e regressou à Inglaterra, deixando o general Alexander como superintendente da última fase da evacuação. Somente vinte mil soldados britânicos e sessenta mil soldados franceses ainda esperavam para embarcar. Em 1º de junho, porém, várias unidades alemãs chegaram suficientemente próximo de Dunquerque para bombardearem as praias com sua artilharia. No ar, os bombardeiros de mergulho alemães intensificaram seu ataque; em poucas horas, três contratorpedeiros britânicos e um francês foram destruídos, assim como dois navios de transporte de tropas, um navio-varredor e uma canhoneira. Nesse dia, apesar dos bombardeamentos aéreos e terrestres, 64.229 homens foram transportados.

Entre as embarcações que trouxeram tropas à Inglaterra esteve o iate *Sundowner*, pilotado por seu proprietário, um capitão de fragata

reformado, C. H. Lightoller, o oficial do Titanic cujo filho mais novo fora um dos primeiros pilotos mortos em combate. Lightoller recordou mais tarde como, antes da guerra, seu filho “em diversas ocasiões deu-me muitas informações úteis acerca das táticas de ataque, defesa e esquiva (para as quais parecia ser especialmente dotado), e atribuo, em grande medida, o sucesso de nossa travessia, sem uma única baixa, ao seu auxílio inconsciente”. O comandante Lightoller, acompanhado pelo filho mais velho e por um batedor da marinha, trouxera 130 homens.

Para a Grã-Bretanha, a questão mais premente quando se aproximavam do fim da evacuação de Dunquerque era saber se os alemães tentariam uma invasão imediata ao país, possivelmente nos dias seguintes. O exército britânico estava mais fraco do que nunca, com suas duas melhores divisões no oeste da França. O número de esquadrilhas disponíveis da força aérea britânica fora reduzido a menos do que o mínimo para resistir ao invasor. A angústia da opinião pública, que não sabia se Hitler atacaria ou não imediatamente a Grã-Bretanha não era, no entanto, partilhada pelos vinte homens que conduziam a política britânica.

Desde 22 de maio – havia, portanto, nove dias –, os serviços secretos britânicos conseguiam, como resultado dos esforços de centenas de decifradores do código Enigma, em Bletchley, ler as diretivas mais secretas da força aérea alemã poucos dias, e às vezes poucas horas, depois de emitidas na França. A situação não apenas dava aos britânicos acesso aos pormenores das operações como esclareceu, segundo comunicaram os serviços secretos em 1º de junho, que a grande prioridade dos alemães era a derrota da França. Antes de sua queda, a invasão da Grã-Bretanha era improvável; não havia, pura e simplesmente, planos ou preparativos para ela. Se existissem, a decifração os teria revelado, mas nenhuma mensagem se referia à movimentação de aviões indispensável caso Hitler quisesse valer-se do êxito em Dunquerque para atacar a Grã-Bretanha.

A confiança de Churchill aparece numa mensagem que enviou em 1º de junho ao diretor da National Gallery, que sugerira que os quadros mais valiosos fossem enviados para o Canadá. “Não”, escreveu Churchill, “guarde-os nos subterrâneos e nas caves. Não mandaremos nenhum quadro embora. Vamos vencê-los”. Nesse dia, Hitler confiou aos seus

generais, em Bruxelas, que estacionara suas divisões blindadas nos arredores de Dunquerque, porque “não podia dar-se ao luxo” de desperdiçar seus esforços. “Estou preocupado”, disse ele, “com a ideia de que o inimigo possa lançar uma ofensiva a partir do Somme e varrer a força blindada enfraquecida, quem sabe chegando até Dunquerque”.

Como os serviços secretos britânicos deduziram, todo o esforço militar de Hitler se concentrava no avanço para sul do Somme, em direção a Paris. Para ajudar os franceses a enfrentarem essa ameaça, Churchill prometeu a Reynaud que tantos quanto fosse possível transportar entre os dezesseis mil britânicos, franceses e poloneses prestes a serem evacuados de Narvik seriam enviados, depois de concentrados na Escócia, diretamente para a frente Somme-Aisne. Para apressar essa transferência, Churchill concordara em antecipar em seis dias – para 2 de junho, portanto – a evacuação de Narvik. No dia seguinte, baseando-se nas mensagens Enigma decodificadas, os chefes dos estados-maiores britânicos concordaram em enviar reforços para a França, embora a Grã-Bretanha estivesse, como disseram, “perigosamente exposta a um ataque aéreo e/ou invasão maciços”.

À meia-noite de 2 de junho, os últimos três mil britânicos e franceses foram evacuados de Dunquerque, elevando esse total para 338.226 homens em sete dias. Era quase exatamente o triplo do número de homens evacuados da península de Gallipoli em finais de 1915. Ao todo, 222 navios de guerra e 665 embarcações civis colaboraram no transporte até a costa britânica. Perderam-se seis contratorpedeiros e 24 embarcações de guerra menores. Trinta e oito contratorpedeiros britânicos, que não foram concebidos para transportar quantidades tão grandes de homens, evacuaram 91.624. Os navios-varredores evacuaram 30.942. Trinta barcos a motor holandeses transportaram 20.284. Os contratorpedeiros franceses transportaram 7.623. Centenas de navios mercantes, navios de transporte de tropas e corvetas evacuaram dezenas de milhares de pessoas, mas, de certo modo, a proeza mais importante coube às pequenas embarcações: traineiras, navios costeiros, rebocadores, batéis, salva-vidas, barcos de pesca, embarcações fluviais, vapores de rodas e mais de seiscentos barcos de recreio com pequenas dimensões, que no conjunto transportaram mais de oitenta mil homens em grupos que variavam de seis a duzentos.

O sucesso da operação de evacuação não foi menos decisivo do que uma vitória naval. Foi também nos céus de Dunquerque que a força aérea britânica venceu aquilo que certamente constituiu a primeira vitória relevante da força aérea aliada; entre 25 de maio e 5 de junho, foram destruídos 394 aviões alemães contra uma perda de apenas 114 – uma superioridade de mais de três para um e um presságio do resultado dos futuros combates aéreos. Esses sucessos tinham, no entanto, uma contrapartida sombria: 34 mil militares britânicos foram feitos prisioneiros de guerra.

Embarcados os últimos três mil homens, juntamente com 71 peças de artilharia pesada e 595 veículos, o general Alexander, acompanhado pelo comandante naval de Dunquerque, o capitão de mar e guerra Tennant, passou em revista o porto e a linha costeira num rápido barco a motor para verificar se não sobrara nenhum soldado a evacuar. Tendo comprovado que ninguém ficara para trás, voltaram à doca e embarcaram na Grã-Bretanha. Nesse dia, Hitler falou aos seus generais, em Charleville, sobre sua admiração pelo domínio da Grã-Bretanha na Índia. “Ele fez notar”, escreveu um dos generais em seu diário, “que, sem uma marinha equivalente à britânica, não poderíamos conservar por muito tempo as colônias inglesas. Assim sendo, torna-se fácil encontrar uma base para o acordo de paz com a Grã-Bretanha. A França, em contrapartida, deve ser esmagada: ela pagará a fatura”.

Os pensamentos de Hitler começavam a voltar-se para o Leste. “Agora que a Grã-Bretanha está presumivelmente disposta a chegar a um acordo de paz”, disse ele, em Charleville, ao general Rundstedt, “vou iniciar o ajuste de contas final com o bolchevismo”.

A batalha da França

Junho de 1940

Com suas forças no perímetro de Dunquerque prestes a libertarem-se para se associarem ao avanço para o Sul, Hitler iniciou a etapa mais ambiciosa da guerra até então, querendo aquilo que o Kaiser não conseguira nos quatro anos de combates incessantes entre 1914 e 1918: a captura de Paris. “Chamado à presença do Führer”, escreveu o general Rommel à mulher em 2 de junho de 1940. “Estamos em esplêndida forma.”



Dunkerque, 3 de junho de 1940: soldados franceses e ingleses feitos prisioneiros dos alemães.

Em 13 de junho, a força aérea alemã bombardeou Paris. No total, foram mortas 254 pessoas, entre as quais 195 eram civis e as restantes, militares. Entre os mortos encontravam-se muitas crianças que procuraram refúgio num ônibus atingido. Somente valendo-se da ameaça de castigos severos, Georges Mandel, ministro do Interior, conseguiu evitar uma fuga maciça dos funcionários públicos residentes na capital. Em Berlim, o almirante Fricke, chefe do departamento operacional da marinha, enviou uma circular sobre a estratégia a adotar quando a guerra chegasse ao fim. Os povos dos países ocidentais ocupados pelos alemães – Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica e França – deviam tornar-se “política, econômica e militarmente dependentes, em absoluto, da Alemanha”. Quanto à França, seria tão destruída econômica e militarmente e sua população ficaria tão reduzida, que nunca mais poderia recompor-se para apoiar os estados menores.

A confiança dos alemães era compreensível, mas, para as nações derrotadas, essa não era a única maneira a ver as coisas. Em 3 de junho, foi comunicado ao Gabinete de Guerra britânico que o rei Haakon, da Noruega, enquanto se preparava para partir de seu país, exilando-se na Inglaterra, “estava convencido de que os aliados ganhariam a guerra”.

No dia seguinte, os britânicos avaliaram sua capacidade para combater uma força invasora, caso a França caísse e os alemães decidissem, afinal, atravessar o canal da Mancha. Havia apenas quinhentas peças de artilharia no território britânico, sendo algumas verdadeiras relíquias. O Gabinete de Guerra soube naquele dia que, entre 19 de maio e 1º de junho, haviam sido produzidos 453 aviões de todos os tipos, mas foram perdidos 436. Foram fabricados 39 Spitfire, e perdidos 75. O número de aviões na ativa em 2 de junho era 504. Se os alemães lançassem um ataque aéreo contra a Grã-Bretanha, comunicou ao Gabinete de Guerra o chefe do Comando da Aviação de Combate, Sir Hugh Dowding, “não se poderia garantir superioridade aérea durante mais de 48 horas”. Diga-se, de passagem, que Dowding não fazia parte do grupo de pessoas que sabiam sobre as mensagens Enigma decifradas, que esclareciam que não haveria uma invasão antes da queda da França.

De qualquer forma, os britânicos haviam sido obrigados a deixar uma grande quantidade de armamentos no perímetro de Dunquerque: 475 tanques, 38 mil veículos, doze mil peças motorizadas, oito mil telefones

de campanha, 1.855 rádios, quatrocentas peças de artilharia antitanque, mil peças de artilharia pesada, oito mil metralhadoras ligeiras e noventa mil espingardas, além de impressionantes sete mil toneladas de munições. Havia menos de seiscentas mil espingardas e doze mil metralhadoras ligeiras na Grã-Bretanha e seriam precisos três a seis meses para compensar as perdas.

Na tarde de 4 de junho, Churchill falou na Câmara dos Comuns a deputados satisfeitos com o êxito da evacuação de Dunquerque, mas compreensivelmente receosos sobre o futuro:

Ainda que vastas regiões da Europa e muitos Estados antigos e famosos tenham caído ou caiam nas garras da Gestapo e de todo o odioso aparelho de dominação nazista, não fraquejaremos, não esmoreceremos. Iremos até o fim. Lutaremos na França, lutaremos nos mares e nos oceanos, lutaremos no ar com cada vez mais força e confiança, defenderemos nossa ilha custe o que custar.

Dirigindo-se aos milhões de britânicos que não viam como a Grã-Bretanha poderia resistir a uma invasão alemã, Churchill declarou:

Lutaremos nas praias, lutaremos nas pistas de aviação, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nos montes; não nos renderemos nunca, e – embora eu me recuse a crer em semelhante eventualidade –, mesmo que essa ilha ou grande parte dela esteja subjugada e faminta, nosso império ultramarino, protegido e guardado pela armada britânica, prosseguirá o combate até que, quando Deus permitir, o Novo Mundo venha com toda a sua força e todo o seu peso socorrer e libertar o Velho Mundo.

As palavras de Churchill encorajavam seus compatriotas; nos momentos de maior dúvida e angústia, ele dissera que “não nos renderemos nunca”. Quem o ouvia falar sentia-se fortalecido, capaz de enfrentar o futuro com uma sensação de orgulho e de unidade nacional. “Lutaremos na França...”: essas três palavras não eram uma promessa vaga, mas uma realidade imediata; 224.318 soldados britânicos foram evacuados de Dunquerque, mas 136 mil permaneciam na França ocidental, prontos a lançar-se na batalha. E outros viriam, após a retirada da Noruega; os primeiros 4.500 soldados das forças aliadas foram evacuados de Narvik sem problemas, na noite de 3 de junho. Havia ainda

duzentos mil soldados poloneses na França – o que restara do exército que enfrentara os alemães nove meses antes junto aos homens que conseguiram fugir atravessando a Romênia.

Na tarde de 4 de junho, Hitler, tendo transferido seu quartel-general para uma aldeia em território belga, Brûly-de-Pesche, junto à fronteira francesa, mandou que 143 divisões alemãs avançassem numa frente de 225 quilômetros. Enfrentavam-nas 65 divisões francesas. Às 4h de 5 de junho começou a batalha. Enquanto as forças alemãs abriam sua ofensiva para o Sul com intenso bombardeamento aéreo e fogo de artilharia ao longo da linha do Somme e do Aisne, o general Weygand lançou um apelo às tropas francesas que tentariam resistir ao embate. “Que a ideia do sofrimento de nosso país vos inspire na firme resolução de resistir”, disse ele. “O destino da nação e o futuro de nossos filhos depende de vossa determinação.” Nesse dia, procurando obter a colaboração dos militares mais habilitados para dirigir as operações, Paul Reynaud nomeou o recém-promovido general De Gaulle para o cargo de subsecretário de Estado da Guerra.

As tropas britânicas também participaram dos combates de 5 de junho, no flanco direito das linhas francesas, entre Abbeville e o mar. Essas tropas, “embora tenham lutado com enorme tenacidade”, como diz a história oficial britânica, foram rechaçadas e virtualmente esmagadas em consequência do número crescente de baixas, da falta de munições e “da superioridade numérica do inimigo”. Tal foi, apesar de um sem-número de atos heroicos, o destino comum de toda a frente aliada.

Nesse mesmo dia, no front em Chantilly, um dos melhores pilotos de combate alemães, Werner Molders, viu-se obrigado a abandonar seu Messerschmitt em chamas. Saltando de paraquedas, descobriu que estava no lado alemão da frente de combate. Regressando imediatamente à luta, terminaria o ano com um *palmarès* de 68 aviões franceses e britânicos abatidos, tornando-se o primeiro piloto alemão a receber a cobiçada cruz de Cavaleiro em seus três graus: Folhas de Carvalho, Espadas e, o mais raramente atribuído, Diamantes.

Em Londres, com as mensagens Enigma corretamente decifradas e interpretadas, já não se temia uma invasão iminente, e Churchill decidiu colocar à disposição de Reynaud, para a batalha da França, duas esquadrilhas de aviões de combate e quatro esquadrilhas de

bombardeiros, satisfazendo também seu pedido no sentido de que mais efetivos britânicos fossem enviados para a França; a 52ª Divisão iniciaria a travessia do canal da Mancha no dia seguinte. Churchill pretendia ainda que fossem empreendidas ações imediatas contra as forças que ocupavam certos setores da costa da Mancha, pedindo aos peritos que preparassem operações “com tropas especialmente treinadas dos regimentos de caçadores, capazes de instaurar um reinado de terror nessas costas” e até mesmo desembarcassem tanques na França para “penetrar profundamente nas regiões do interior, cortando uma via de comunicação de vital importância, e regressar ao ponto de partida, deixando atrás de si um rastro de cadáveres alemães”.

As “melhores” tropas alemãs, argumentava Churchill, estariam ocupadas com o ataque a Paris, abandonando as “tropas regulares” ao longo da costa da Mancha entre o Somme e Dunquerque. A vida dessas tropas, escreveu ele, “deve ser transformada num intenso tormento”.

Em 6 de junho, os alemães romperam as linhas francesas em vários pontos. Pairava no ar o odor de uma vitória total. “Depois da guerra”, escreveu triunfantemente Goebbels em seu diário, “resolveremos rapidamente o problema dos judeus”. No dia seguinte, o rei Haakon e seu governo embarcaram, em Tromsø, no cruzador britânico *Devonshire*, rumo a Londres. Antes da partida, o rei comunicou por rádio ao povo norueguês que estavam suspensas todas as operações militares; a 6ª Divisão vira-se obrigada a capitular e o chefe da Defesa, general Otto Ruge, fora feito prisioneiro. “Quando as ordens chegaram ao nosso conhecimento”, escreveu, mais tarde, o coronel Munthe-Kaas, “foi como se as unidades ficassem paralisadas. O espírito dos homens encheu-se de desgosto profundo e de enorme raiva. Alguns choravam. Todas aquelas batalhas, toda aquela resistência, todos aqueles combates vitoriosos para nada haviam servido”. “Todas as nossas esperanças se desvaneceriam”, lembrou um jovem soldado norueguês, “e o povo sentiu que fora abandonado por seus chefes e por seus aliados”.



A BATALHA DA FRANÇA, JUNHO DE 1940.

Em outro ponto do mapa, esses aliados empenhavam-se em outro combate, em que se viam igualmente esmagados pela superioridade numérica inimiga. Para tentar reduzir o apoio aéreo britânico à França, os alemães enviaram, em 5 e 6 de junho, cerca de cem bombardeiros para o espaço aéreo da Grã-Bretanha. Contudo, o governo britânico, incitado por Churchill, reforçou substancialmente o apoio aéreo à França no último dia, e novamente em 7 de junho, elevando para 144 aviões de combate, o equivalente de doze esquadrilhas, sua contribuição à batalha aérea da França e praticando, no dia 6, mais de cem investidas para bombardear alvos indicados pelo alto-comando francês. Mais duas esquadrilhas de combate seriam enviadas para a França no dia 8, juntamente com 24 balões de barragem, e respectivas tripulações, para a defesa de Paris.

À medida que os alemães avançavam, sua euforia aumentava. “Em nosso avanço ao longo da estrada principal Dieppe-Paris”, registrou Rommel em 7 de junho, “passamos por um soldado alemão ao volante de um trator francês que trazia um tanque atrelado; seu rosto estava radiante, cheio de alegria por seu sucesso”. O próprio Rommel não estava menos satisfeito. “Os prisioneiros e o material capturado hoje”, escreveu ele, “foram imensos e continuam a crescer de hora para hora. Nossas perdas foram insignificantes”. Porém, no dia seguinte, alarmado com a “resistência extremamente tenaz” que os franceses ofereciam ao norte de Paris, Hitler transmitiu a Diretiva No 14, detendo o avanço no triângulo Château Thierry-Metz-Belfort e transferindo as tropas que pretendia utilizar nessa zona para a frente em Paris.

Na Noruega, a evacuação de Narvik chegava ao último dia. No decurso dos derradeiros esforços navais britânicos, o porta-aviões *Glorious* e dois contratorpedeiros, o *Ardent* e o *Acasta*, foram afundados e 1.515 homens morreram afogados. Houve apenas 43 sobreviventes: quarenta no *Glorious*, dois no *Ardent* e um, o marinheiro Carter, no *Acasta*. No entanto, como puderam ser evacuados os últimos entre os 25 mil homens que haviam sido desembarcados na Noruega, misturava-se à tristeza uma sensação de alívio profundo.

Com o *Glorious*, afundavam-se duas esquadrilhas completas, com exceção de dois pilotos. No mesmo dia 8, Paul Reynaud suplicou a Churchill que enviasse mais duas, ou mesmo três, esquadrilhas à França,

que se juntassem às cinco esquadrilhas britânicas estacionadas em território francês. Porém, quando se reuniu nessa tarde, o Gabinete de Guerra recebeu a notícia de que duas entre as cinco esquadrilhas haviam perdido dez entre seus dezoito aviões naquele dia. Churchill procurou, então, ponderar o pedido de Reynaud. “Podemos encarar essa batalha como decisiva para a França e para nós”, disse ele, “e nela empenhar todos os nossos aviões de combate, numa tentativa de salvar a situação e alcançar a vitória. Nesse caso, se falharmos, seremos obrigados a nos render”. A alternativa consistiria em “reconhecer que, embora a presente batalha terrestre tenha grande importância, nunca será, aconteça o que acontecer, decisiva para a Grã-Bretanha. Se terminar com uma derrota e a França se vir forçada a submeter-se, poderemos prosseguir a luta com esperanças de chegar a uma vitória final, contanto que não enfraqueçamos demais a defesa aérea do país; mas, se desperdiçarmos nossas defesas, a guerra estará perdida, mesmo que consigamos estabilizar a frente na França, uma vez que a Alemanha terá as mãos livres para virar sua força aérea contra nós, e estaremos à sua mercê”.

Não se tratava de alcançar um equilíbrio ótimo entre as necessidades e as forças da Grã-Bretanha e do continente: tratava-se de garantir a sobrevivência. “Uma coisa é certa”, disse Churchill aos colegas, “se esse país for derrotado, a guerra estará perdida tanto para a França quanto para nós, enquanto, se estivermos numa posição de força, poderemos vencer a guerra e, ao fazê-lo, devolver a França ao seu lugar”.

O Gabinete de Guerra aceitou unanimemente a argumentação de Churchill. Não seriam enviados mais aviões de combate para a França. E, no dia seguinte, enquanto as tropas alemãs avançavam para Rouen, mais de onze mil militares franceses e britânicos reuniam-se no porto de Le Havre para serem evacuados para a Grã-Bretanha. Outras tropas francesas, completamente isoladas do corpo principal do exército, recuaram até Saint Valery-en-Caux, onde, em 10 de junho, a 51ª Divisão britânica, comandada pelo general Fortune, empreendia uma ação desesperada contra forças alemãs muito superiores em número. O comandante francês convidou Fortune, insistentemente, a apresentar com ele a rendição de suas unidades, mas ele recusou. Em dado momento, quando as tropas britânicas do regimento Gordon Highlander se preparavam para abrir fogo contra os tanques alemães que avançavam,

soldados franceses colocaram-se à frente dos Highlander, portando bandeiras brancas e impedindo que abrissem fogo.

Ao longo desse dia, continuaram as evacuações por mar, a partir de Le Havre, Cherbourg e St. Valery-en-Caux. Mais ao leste, os franceses se viram obrigados a bater em retirada, atravessando o Sena, e recuavam desordenadamente em direção ao Loire. Reynaud sugeriu que as tropas se preparassem para uma batalha derradeira na Bretanha, ideia que contava com o apoio de De Gaulle, mas Weygand chegara à conclusão de que a derrota era iminente e queria que suas forças se rendessem.

Nessa tarde, como se quisesse demonstrar que a França estava próxima da derrota, Mussolini declarou guerra não apenas a ela, mas à Grã-Bretanha. Hitler comentou: “No princípio, foram demasiado covardes para participar. Agora estão cheios de pressa para conseguirem sua parte dos despojos.”

Em Londres, todos os italianos entre 16 e 70 anos que viviam na Inglaterra havia menos de vinte anos foram capturados e internados em prisões, num total de 4.100 indivíduos, entre os quais muitos gerentes, chefes de cozinha e garçons dos principais hotéis e restaurantes da cidade. Em Washington, Roosevelt disse, por rádio, ao povo americano: “Nesse décimo dia de junho de 1940, a mão que segurava o punhal cravou-o nas costas do vizinho.” O presidente fez ainda uma promessa à França e à Grã-Bretanha: “Ofereceremos”, disse ele, “aos opositores da força os recursos materiais dessa nação. Não nos atrasaremos nem nos esquivaremos. Todos os sinais e indícios apontam para a necessidade de agir com rapidez: avancemos a todo o vapor”.

Infelizmente para a Grã-Bretanha e a França, apenas os alemães avançavam a todo o vapor. “O panorama do mar, com as falésias aqui e lá”, escreveu Rommel sobre sua chegada ao litoral da Mancha em 10 de junho, “entusiasmou-nos e comoveu-nos, assim como a ideia de que chegávamos à costa da França. Saímos de nossas viaturas e atravessamos a praia de seixos até chegar à beira da água, que veio salpicar-nos as botas”.

Para os britânicos, as operações de evacuação dominavam, uma vez mais, a atividade naval. Naquele dia, o capitão-tenente Peter Scott, filho do explorador do Ártico, Roberto Falern Scott, que morrera em sua tentativa de alcançar o polo sul do planeta em 1912, conduziu o

contratorpedeiro HMS *Broke* até St. Valery-en-Caux para evacuar tantos homens da 51ª Divisão quanto pudesse. Desembarcando apenas 45 minutos antes do momento em que precisaria levantar ferro, conseguiu reunir 120 militares, estando 95 feridos, e evacuá-los a salvo.

A declaração de guerra da Itália abria vastas zonas de guerra. Na África Oriental, a Itália dominava a Eritreia e a Etiópia recém-conquistada; a Grã-Bretanha era sua vizinha na Somália britânica e na África Oriental britânica. No norte da África, a Itália possuía a Líbia, cuja fronteira com o Egito estava a menos de 725 quilômetros do canal de Suez, via de comunicação vital para o império britânico. Em 11 de junho, como que para mostrar que a declaração de guerra à Grã-Bretanha devia ser levada a sério, a força aérea italiana bombardeou Port Sudan e Aden e realizou oito ataques consecutivos à ilha britânica de Malta, no Mediterrâneo.

Os governos britânico e francês, alertados por seus respectivos serviços secretos com mais de uma semana de antecedência acerca da probabilidade de uma declaração de guerra italiana, haviam planejado, já em 3 de junho, bombardear alvos militares italianos assim que a guerra estourasse. Na noite de 11 de junho, bombardeiros britânicos decolaram de suas bases na Grã-Bretanha, atravessando a França, para bombardear seus alvos em Gênova e em Turim. Também foi efetuado, a partir da África Oriental britânica, um pequeno ataque aéreo a uma base militar italiana na Eritreia. A guerra chegara à África. E ao oceano Pacífico. Menos de 48 horas depois da declaração de guerra italiana, não apenas à Grã-Bretanha e à França, mas aos seus respectivos impérios, o navio mercante armado australiano, *Manoora*, navegando nas imediações da ilha de Nauru, avistou e perseguiu um navio mercante italiano, o *Romolo*. Esses tripulantes, não podendo se defender e não querendo render-se, preferiram afundar o próprio navio.

Não era, no entanto, a África ou o Pacífico o fulcro da guerra nesse 11 de junho em que as forças alemãs ocuparam Reims e o governo francês abandonou Paris, seguindo para o Loire. Churchill partiu num avião para averiguar pessoalmente o que a França pretendia fazer e encontrou o governo francês em Briare, junto ao rio Loire. Ali, foi informado pelo general Georges sobre o enorme número de baixas francesas desde o

reatar da ofensiva alemã, em 5 de junho. Entre as 103 divisões aliadas da frente, 35 haviam sido completamente aniquiladas. Muitas outras estavam reduzidas a “dois batalhões e meia dúzia de peças de artilharia”. As posições aliadas atuais “eram defendidas apenas por uma frágil barreira de divisões exaustas e enfraquecidas, sem quaisquer reservas na retaguarda”.

Churchill propôs aos franceses transformar Paris numa fortaleza, combatendo em todas as ruas. Uma grande cidade, dizia ele, se tenazmente defendida, “pode absorver exércitos enormes”. Ao ouvir a sugestão, recordou uma testemunha ocular britânica, “os franceses esfriaram visivelmente”. Transformar Paris “numa cidade de ruínas”, retorquiu o marechal Pétain, “não resolverá nosso problema”. As tropas francesas, disse Reynaud, “estavam desgastadas pela falta de sono e abaladas pela ação dos bombardeiros inimigos. Não havia qualquer esperança de obter reforços”.

Uma vez mais, Reynaud apelou para um reforço aéreo britânico, mas Churchill reafirmou que não havia aviões disponíveis. Enviar mais aviões de combate para a França, onde seis a oito esquadrilhas britânicas participavam diariamente dos combates, poderia, disse o primeiro-ministro, “destruir a última esperança aliada sobre quebrar a espinha dorsal do poderio alemão”. Embora a queda da França abrisse “as mais negras perspectivas para o futuro”, acrescentou ele, “estava certo de que, mesmo assim, a Alemanha seria derrotada”.

Embora ainda se discutisse um plano para defender a Bretanha – plano que alguns generais, incluindo De Gaulle, estavam dispostos a ponderar –, tornava-se claro que os recursos militares que permitiriam uma resistência bem-sucedida estavam praticamente no fim. Churchill falou, então, sobre o dia em que a França também estaria ocupada pelos alemães, dizendo a Reynaud e aos seus colegas: “É possível que os nazistas dominem a Europa, mas será uma Europa em revolta e não há dúvida de que um regime cujas vitórias se devem principalmente às suas máquinas um dia cairá. As máquinas vencerão as máquinas.”

Essa perspectiva, a longo prazo, era um fraco consolo para os franceses. Nessa noite, enquanto Churchill se preparava para dormir em Briare, o marechal Pétain comunicou a Reynaud “que seria necessário pedir um armistício”.

“As máquinas vencerão as máquinas”: as palavras de Churchill não representavam apenas sua vontade. Nessa noite, enquanto ele dormia na França, os primeiros fornecimentos militares dos Estados Unidos para a Grã-Bretanha e para a França eram carregados nas docas militares de Raritan, Nova Jersey. Seiscentas carruagens de mercadorias levaram a preciosa carga até as docas: eram os fornecimentos autorizados por Roosevelt dez dias antes, incluindo novecentos canhões e oitenta mil metralhadoras. Havia ainda quinhentas mil espingardas, fabricadas em 1917 e em 1918 e conservadas num banho de gordura, com 250 balas para cada uma. Em Londres, antes de partir para a França, Churchill aprovava um plano para a fabricação de material de guerra em que quinhentos a seiscentos carros de assalto pesados estariam prontos para entrar em ação no final de março de 1941. “As máquinas vencerão as máquinas.”

Nesse mesmo dia, a milhares de quilômetros da derrota da França, o exército norueguês era finalmente desmobilizado e desarmado, regressando os soldados para suas casas. Alguns, decididos a juntar-se aos aliados, conseguiram abandonar o país nos últimos navios de guerra britânicos que rumavam a oeste, atravessando mais uma vez o mar do Norte ou transpondo a fronteira sueca. Um deles, Theodor Broch, presidente da Câmara da infortunada Narvik, recordou:

Era uma terra rude, a nossa, mas nunca parecera tão maravilhosa, tão desejável. Nossos dirigentes já haviam sido levados para o estrangeiro. Nossos navios haviam afundado ou fugido. Havia homens novos como eu ao longo de toda a fronteira. Outros milhares nos seguiriam. Precisávamos partir para aprender a única arte que negligenciamos. Havíamos construído boas casas nas montanhas, mas esquecêramos de protegê-las devidamente. Agora os estrangeiros haviam tomado conta de nossa terra. Pilhariam e despojariam tudo antes que regressássemos. Mas não poderiam corromper o país. O mar, os fiordes e as montanhas – a isso, só nós sabíamos dar vida. Voltaríamos. As montanhas podiam esperar por nós.

A manhã de 12 de junho trouxe outro revés para a causa aliada; em St. Valéry-en-Caux, na costa da Mancha, 46 mil militares franceses e britânicos comandados pelo general Ihler, incluindo oito mil britânicos comandados pelo general Fortune, apresentaram sua rendição a Rommel.

A artilharia alemã, visando diretamente as praias, impedira que fossem evacuados por mar mais de 3.321 britânicos e franceses; não haveria uma segunda Dunquerque. “Foram feitos prisioneiros nada mais, nada menos, do que doze generais”, escreveu Rommel, “entre os quais quatro comandantes de divisão”. Um tenente da força aérea alemã, que uma hora antes era prisioneiro de guerra, foi encarregado de vigiar os generais capturados e seus estados-maiores. “Ele ficou visivelmente encantado com a inversão dos papéis.”

Nessa noite, o general Weygand telefonou ao governador militar de Paris, general Hering, ordenando-lhe que declarasse a cidade aberta. A capital francesa não seria palco de combates, ao contrário do que desejava Churchill. Nem tanques, nem barricadas, nem atiradores emboscados desafiariam as tropas que chegassem. Os alemães aceitaram a proposta com a condição de que os franceses suspendessem toda a atividade militar num amplo círculo de localidades suburbanas. O general Hering assentiu. Os alemães atravessariam, sem qualquer oposição, Saint-Germain, Versalhes, Juvisy, Saint-Maur e Meaux.

A Grã-Bretanha não pensava, porém, em abandonar a França ao seu destino. Conforme Churchill prometera a Reynaud, tropas britânicas encaminhavam-se naquele dia, incluindo aquelas evacuadas de Narvik, junto com novos contingentes de canadenses. Em 12 de junho, quando o comandante interino dessas forças, general Brooke, chegou a França, Churchill, ainda em Briare, pôde comunicar a Reynaud que os reforços começavam a posicionar-se na zona de Le Mans. Ao mesmo tempo, cem bombardeiros britânicos, partindo de suas bases na Grã-Bretanha, atacavam as linhas de comunicação alemãs, visando alvos apontados pelos franceses. Além disso, cinquenta aviões de combate e setenta bombardeiros britânicos continuavam a empreender operações contra as forças alemãs em marcha a partir de bases em território francês.

Nessa tarde, Churchill regressou à Inglaterra. Voando a oito mil pés de altitude, viu o porto de Le Havre arder, estando a cidade sob fogo alemão. Le Havre seria o palco de mais uma evacuação: às primeiras horas da manhã de 13 de junho, 2.222 homens foram trazidos de volta à Grã-Bretanha enquanto outros 8.837 foram transportados por mar para

Cherbourg, onde se preparavam para voltar ao combate na linha do Loire, ao lado das tropas francesas. Mas os franceses ainda combateriam por muito tempo? Em Londres, Churchill disse aos membros de seu Gabinete de Guerra que os ministros franceses “havia sido extremamente atenciosos e dignos, mas era evidente que a França chegava ao fim da resistência organizada”.

Num último esforço para animar a determinação francesa, Churchill voltou à França no dia seguinte. O governo estava, então, em Tours. Era “demasiado tarde”, disse Reynaud, para organizar um reduto na Bretanha. Já não havia esperança quanto a “uma vitória rápida”. A França dera “seu melhor, sua juventude, seu sangue; mais, não poderia fazer”. Tinha, pois, o direito de concluir uma paz em separado com a Alemanha.

Churchill insistiu que Reynaud explorasse ainda mais uma possível fonte de esperança, apelando diretamente para Roosevelt “nos termos mais veementes que fosse possível” no sentido da participação americana na guerra. “Uma promessa firme da América”, disse Churchill, representaria “um fator novo importantíssimo” a favor da França. Reynaud concordou em tentar, e, num telegrama enviado a Roosevelt, instou os Estados Unidos a “lançar na balança o peso do poderio americano, para salvar a França, a guarda avançada da democracia”. Em seu telegrama, Reynaud pedia a Roosevelt “que declare a guerra, se puder, mas que, em todo o caso, à falta de uma força expedicionária, envie-nos todo o tipo de auxílio possível”. Se a força expedicionária viesse, então, com o “pleno apoio da América”, a Grã-Bretanha e a França conseguiriam “caminhar para a vitória”.

Nesse dia, como que para contrariar o apelo de Reynaud, Hitler concedeu uma entrevista exclusiva a Karl von Wiegand, correspondente da Hearst Press, insistindo na ausência de quaisquer objetivos territoriais alemães na América do Norte ou do Sul.

A determinação de Reynaud em manter o combate, caso a resposta de Roosevelt fosse favorável, não era partilhada por seus colegas. Após o regresso de Churchill à Grã-Bretanha, Weygand reiterou seu apelo no sentido do armistício. Um grupo de ministros, encabeçado por Mandel, queria transferir o governo para o norte da África francês e, a partir daí, prosseguir a luta. Algumas horas mais tarde, com as tropas alemãs cada

vez mais próximas de Paris, o governo mudou-se mais para sul, para Bordeaux, onde recebeu a resposta de Roosevelt. O governo americano, dizia ele, fazia “tudo o que estava ao seu alcance para colocar à disposição dos governos aliados o material de que tão urgentemente necessitam e propunha-se a redobrar os esforços para fazer ainda mais”.

A mensagem não era, nitidamente, uma declaração de guerra, mas sua publicação poderia, ao menos, encorajar os franceses a prosseguir o combate. Roosevelt estava disposto a autorizar a divulgação da mensagem, mas o secretário de Estado, Cordell Hull, opôs-se. O governo britânico fez o que pôde para convencer Cordell Hull. “Parecia-nos claro”, escreveu o lorde Halifax num telegrama enviado ao embaixador britânico na França, então em Bordeaux, “que não era possível que o presidente tenha enviado semelhante mensagem e não quisesse que fosse tornada pública, sendo que seu conteúdo parecia bastante próximo de uma declaração de guerra definitiva”.

Churchill ainda esperava que a resposta americana convencesse os franceses a prosseguir na luta. Se a França resistisse, telegrafou ele a Reynaud no fim de 13 de junho, “ocorreria inevitavelmente” uma declaração de guerra americana e, com ela, uma “oportunidade soberana para criar uma aliança econômica e marítima mundial fatal para a supremacia nazista”.

Porém, tal aliança não ocorreria em breve. Em 14 de junho, outras potências uniam seus esforços. Nesse dia, a União Soviética apresentou um ultimato ao governo da Lituânia, intimando-o a autorizar que suas forças ocupassem o país. A Lituânia cedeu. Dois dias depois, Letônia e a Estônia sofriam destino idêntico. Entretanto, Roosevelt confirmou que seu telegrama a Reynaud não podia ser divulgado. A mensagem chegou a Londres na madrugada daquele dia. Os Estados Unidos, comentou um dos secretários de Estado de Churchill, “demoraram-se, militar e industrialmente falando. Podem ser-nos úteis daqui a um ano, mas, por enquanto, vamos vivendo uma hora de cada vez”.

As tropas alemãs entraram em Paris no preciso momento em que a desanimadora negativa de Roosevelt chegava a Londres. Às 6h30 de 14 de junho, muitas viaturas militares alemãs haviam chegado à praça da Concórdia e um posto de comando alemão estava instalado no hotel Crillon. Dois milhões de parisienses haviam fugido da cidade; os

setecentos mil que restavam acordaram ao som dos alto-falantes alemães anunciando a imposição de um toque de recolher obrigatório a partir das 20h. Nessa manhã, uma grande bandeira com a suástica foi pendurada no arco do Triunfo e, às 9h45 em ponto, num desfile encabeçado por uma banda militar, os soldados alemães do 4º exército do general Von Kluge desceram o Champs-Élysées, numa imitação deliberada da marcha da vitória francesa em novembro de 1918.

Setenta e cinco minutos mais tarde, às 11h, o chefe da polícia de Paris, Roger Langeron, foi chamado à presença do comandante alemão e intimado a entregar os arquivos da polícia relativos a todos os ativistas políticos. Para a grande irritação do comandante, Langeron explicou que os arquivos haviam sido retirados de Paris.

As comemorações alemãs prosseguiram, assim como a instalação do sistema aplicado pela Gestapo, resumido a espionagens, informadores, prisões e terror. Nessa manhã, chegaram a Paris os primeiros vinte funcionários, chefiados pelo coronel Helmut Knochen, de 33 anos, que ganhara renome com a bem-sucedida operação de rapto dos capitães Payne e Best, na fronteira holandesa, em novembro anterior.



A QUEDA DA FRANÇA, JUNHO DE 1940.

Nesse momento de triunfo alemão, um oficial inglês, o conde de Suffolk, com sua secretária, Srta. Morden e seu motorista, Fred Hards, encontravam-se numa missão especial na França, a pedido do governo britânico. Entre seus objetivos estava localizar e transportar para a Inglaterra uma leva de 1,13 milhão de quilos de diamantes industriais, essenciais para a fabricação de máquinas-ferramentas e algumas destas, raras e específicas, para a produção de armamentos. A tarefa incluía ainda, porém, o transporte para a Grã-Bretanha de três cientistas nucleares – Francis Perrin, Hans von Halban e Lew Kowarski – e, com eles, 26 bidões contendo a reserva mundial de água pesada, fator essencial na pesquisa nuclear necessária à construção da bomba atômica.

A missão foi desempenhada com sucesso. Em 14 de junho, em Bordeaux, o conde, o motorista, a secretária, os cientistas, a água pesada, os diamantes e as máquinas-ferramentas embarcavam num transporte de carvão, o *Broompark*, que os esperava. Chegaram a Falmouth sãos e salvos quatro dias depois.

Outros não conseguiram escapar. Em meio à invasão, um indivíduo de 56 anos suicidou-se em seu apartamento em Paris. O judeu austríaco Ernst Weiss era romancista, foi médico do exército austro-húngaro na Primeira Guerra Mundial, aluno de Freud e amigo de Kafka. Em março de 1938, quando Hitler anexara a Áustria, fugira de Viena para Praga. Em março de 1939, quando as forças alemãs entraram na Tchecoslováquia, fugira para Paris. Agora, sentia que não havia esperança. Mil e seiscentos quilômetros ao leste, os alemães procediam à deportação de 728 poloneses, até então presos em Tarnow, para o novo campo de concentração de Auschwitz. Alguns haviam sido presos por tentar fugir do governo-geral para a Eslováquia, ao sul. Outros por serem figuras destacadas de suas comunidades, padres ou professores. Três entre estes eram judeus; dois advogados e o diretor da escola hebraica de Tarnow – nenhum judeu sobreviveria às torturas do campo e, entre os poloneses, sobreviveriam apenas 134. Quando o trem de passageiros que os levava para Auschwitz passou por Cracóvia, os deportados ouviram um funcionário da estrada de ferro anunciar pelos alto-falantes, excitadíssimo, a queda de Paris.

Enquanto os habitantes da capital francesa observavam seus conquistadores alemães, os habitantes de Rennes, na França Ocidental,

surpreendiam-se ao verem tropas australianas desfilarem pelas ruas da cidade, que haviam desembarcado em Brest pela manhã e procuravam avançar para o front o mais rapidamente possível. “Somos aclamados em toda a parte”, registrou um oficial. “Nossos rapazes estão inchados, mais parecem cartuchos de dinamite prestes a rebentar.” Prosseguindo a viagem de trem, chegaram a Laval ao cair da noite. Ao instalarem-se para passar a noite, viram as longas filas de automóveis e de carroças, carregados de colchões e cobertores, estacionados à beira da estrada ou avançando rumo à costa.

Em 15 de junho, as tropas alemãs tomaram Verdun, a fortaleza que resistira a todas as ofensivas alemãs em 1916 e cuja defesa tenaz granjeara tão grande fama ao marechal Pétain. Na França Ocidental, as tropas canadenses que no dia anterior chegaram a Laval iniciaram os preparativos para entrar em ação contra os alemães, que se encontravam a pouco mais de trinta quilômetros. Porém, receberam ordens para apanhar o trem para St. Malo, na costa, onde, às 17h, embarcaram num navio britânico, o vapor *Biarritz*, rumo a Southampton. Suas únicas baixas foram seis homens que se perderam na viagem de ida e volta até Laval.

Naquele dia, em Bordeaux, Reynaud disse ao embaixador britânico que, se a América não decidisse entrar na guerra “muito em breve”, a França não poderia prosseguir na luta nem a partir do norte da África. Assim que recebeu o recado, Churchill telegrafou a Roosevelt para reforçar o pedido de Reynaud. “Quando falo sobre a entrada dos Estados Unidos na guerra”, explicava Churchill, “não penso, evidentemente, em termos de uma força expedicionária, o que sei estar fora de cogitação. O que tenho em mente é o tremendo efeito moral que essa decisão por parte da América poderá vir a ter, não apenas na França, mas sobre todos os países democráticos, e, no sentido oposto, sobre os povos alemão e italiano”.

O telegrama foi enviado de Londres para Washington às 22h45 de 15 de junho. Não foi mais eficaz do que os anteriores. Roosevelt não tinha a menor intenção de entrar na guerra, quaisquer que fossem as palavras utilizadas para formular ou para encobrir o problema. Além disso, os fatos palpáveis não permitiam ter grande confiança em que a França continuaria combatendo por muito tempo. Paris havia caído. Verdun

havia caído. Naquele dia, entre os 261 aviões de combate enviados para França nos dez dias anteriores, 75 aeronaves foram abatidas ou destruídas no solo por bombardeiros alemães. Outras 120 estavam avariadas ou não tinham combustível para voltar à Grã-Bretanha, tendo sido incendiadas nas bases aéreas francesas para evitar que os alemães as capturassem. Sessenta e seis regressaram à Grã-Bretanha. Em dez dias, a força aérea britânica perdera um quarto de seus aviões de combate.

Em 16 de junho, os alemães entraram em Dijon. Enquanto o governo francês estava reunido em Bordeaux para analisar a nova crise, um contingente do exército alemão, até então imóvel, atravessou o Reno em Colmar. Na reunião do Gabinete, Pétain, em sua qualidade de vice-primeiro-ministro, exigiu um armistício imediato, ameaçando demitir-se caso os colegas recusassem. Reynaud, desesperado, pediu à Grã-Bretanha que desvinculasse a França de seu compromisso quanto a não assinar uma paz em separado. Os britânicos não podiam fazer outra coisa senão aceitar. Assim fizeram, com a condição de que os navios da marinha francesa “partissem imediatamente rumo aos portos britânicos”. Nenhuma promessa foi feita nesse sentido. Num último recurso, o governo britânico propôs à França a criação de uma “União Anglo-Francesa”, que pudesse continuar na guerra mesmo que a França fosse esmagada. Unidos, os dois países somente poderiam ser derrotados se a Grã-Bretanha também caísse. Reynaud mostrou-se favorável a esse plano, mas seus colegas não se entusiasmaram. Por conseguinte, Reynaud demitiu-se.

Ao fim da tarde, o marechal Pétain formava um novo governo. Seu primeiro ato, às 23h desse dia, foi pedir um armistício aos alemães.

Ao fim da manhã seguinte, em seu quartel-general de Brûly-de-Pesche, Hitler soube que o governo francês pedira um armistício. Contentíssimo, levantou um joelho num pulo de alegria, movimento captado por seu operador de câmara oficial, Walter Frentz, mas que John Grierson, produtor de documentários a serviço do exército canadense, viria a “truncar”, repetindo a imagem numa série de fotogramas para dar a impressão de que Hitler dançava.

As negociações para um armistício iniciaram-se quase imediatamente; no entanto, Hitler preveniu-se, ordenando às suas tropas que continuassem a avançar para oeste, para tomar Cherbourg e Brest, e que

conquistassem igualmente Strasbourg, cidade que a Alemanha conquistara em 1871 e que a França recuperara em 1918.

O principal receio de Hitler, enquanto prosseguiram as negociações ao longo daquele dia, era de que os franceses se vissem aliciados pela Grã-Bretanha, ou impelidos pela dureza das condições de paz que ele próprio lhes impunha, a prosseguir a guerra no norte da África. Para evitar esse perigo, Hitler estava disposto a aceitar a sobrevivência da França como potência; desse modo, o governo francês continuaria a exercer soberania sobre suas colônias ultramarinas, que, de outro modo, poderiam juntar-se a um governo sediado no norte da África ou serem tomadas pela Grã-Bretanha. Para dar à soberania do governo francês uma aparência real, Hitler precisaria manter uma parte da França desocupada, que ficaria sob a administração direta de um primeiro-ministro e de um gabinete franceses. Hitler estava disposto a tudo isso, embora Paris precisasse obrigatoriamente estar na zona ocupada pelos alemães.

Ao meio-dia de 17 de junho, Pétain falou por rádio aos franceses, comunicando-lhes que estavam em curso negociações para um armistício. “Graças a Deus, agora ficamos por nossa conta”, foi o comentário de Tubby Mermagen, comandante de uma esquadrilha de combate britânica. “Ele exprimiu um sentimento comum a todos nós”, recordou mais tarde um de seus pilotos, Douglas Bader. Nessa tarde, Churchill, também por rádio, disse ao povo britânico:

O que possa ter acontecido na França não modifica em nada a nossa atitude e os nossos propósitos. Faremos o que for possível para estarmos à altura desta enorme honra. Defenderemos nossa ilha e, com o auxílio do império britânico, continuaremos a lutar, invictos, até que a maldição de Hitler não pese mais sobre as cabeças da humanidade inteira. Estamos certos de que tudo acabará bem.

Nessa noite, bombardeiros britânicos atacaram a refinaria alemã de petróleo de Leuna, ao sul de Leipzig, no coração da Alemanha.

Ao longo de 17 de junho, as tropas britânicas foram evacuadas da França; a operação Ariel, nome dado à nova evacuação, teve quase a mesma dimensão da operação Dínamo em Dunquerque, embora sem o mesmo risco de assalto iminente a partir de terra. De Cherbourg foram evacuados 30.630 homens; de St. Malo, 21.474 canadenses; de Brest,

32.582 homens do exército e da força aérea; de St. Nazaire e Nantes, 57.235; de La Pallice, 2.303 bretões e poloneses, e, de mais uma dúzia de portos da metade sul da costa atlântica da França, 19 mil homens, em sua maioria poloneses.

Nos oito dias entre 16 e 24 de junho, 163.225 homens chegaram sãos e salvos aos portos. Houve, no entanto, um navio cujos passageiros não foram tão afortunados. Em 17 de junho, o vapor *Lancastria* recolheu cinco mil militares e civis no porto de St. Nazaire, mas ao deixar o porto, rumo à Inglaterra, foi atingido por um bombardeiro alemão e afundou. Quase três mil homens morreram afogados.

Churchill, ao saber sobre os pormenores do desastre, proibiu a publicação imediata da notícia, preocupado com seu efeito sobre o moral da população. “Era minha intenção autorizar a divulgação da notícia alguns dias mais tarde”, recordaria ele no fim da guerra, “mas os acontecimentos sucederam-se com tanta rapidez que esqueci a suspensão da proibição e passou bastante tempo antes que esse desastre horrível chegasse ao conhecimento público”. Somente seis semanas mais tarde, após os fatos serem conhecidos nos Estados Unidos, o governo britânico autorizou a divulgação da notícia.

As tropas britânicas, polonesas, canadenses e francesas que abandonaram a França na operação Ariel tinham fortes motivos para acreditar que seu regresso à Grã-Bretanha seria seguido por uma invasão alemã à vulnerável ilha. Hitler, porém, ainda não concebera esse plano. “No que diz respeito a um desembarque na Grã-Bretanha”, comunicou o alto-comando ao quartel-general da marinha alemã em 17 de junho, “o Führer não manifestou, por enquanto, quaisquer intenções nesse sentido, dado que está consciente das dificuldades que semelhante operação envolve. Até agora, portanto, as forças armadas não executaram qualquer trabalho preparatório”.

Nessa noite, como na anterior, os bombardeiros britânicos levantaram voo rumo a alvos no território alemão, consistindo a missão em atacar “fábricas de aeronáutica e de alumínio, refinarias de petróleo e vias de comunicação” em toda a região do Ruhr. Contudo, a confiança e a determinação que tais ataques revelavam não podiam mascarar a grave realidade da França, onde, nas cinco semanas decorridas desde 10 de

maio, 959 aviões haviam sido destruídos e 1.192 pilotos e tripulantes, abatidos.

Ao meio-dia de 18 de junho, Hitler encontrou-se com Mussolini em Munique. Para a grande surpresa do italiano, o Führer apresentou “grandes reservas”, como registrou em seu diário o conde Ciano, ministro italiano das Relações Exteriores, “ao ponto de vista de que seria desejável destruir o império britânico, que considera, ainda hoje, como um importante fator de equilíbrio mundial”. Apesar das objeções de Mussolini, Hitler defendeu as propostas apresentadas por Ribbentrop, mas ditadas por ele próprio, oferecendo à França condições de paz relativamente suaves. “Hitler é o jogador que consegue levar a banca à glória”, escreveu Ciano, “e quer levantar-se da mesa de jogo sem arriscar mais nada”.

Hitler confiava no abalo profundo que a resistência francesa havia sofrido. Em Bordeaux, o ministro francês das Relações Exteriores, Paul Baudoin, e o ministro da marinha, almirante Darlan, garantiram ao embaixador britânico que a armada francesa seria salva ou afundada, para não cair, em caso algum, nas mãos inimigas. Essas palavras corajosas encobriam a total incapacidade para colocá-las em prática. Igualmente corajosas – e igualmente ocas na aparência, salvo na determinação – foram as palavras do general De Gaulle difundidas por rádio a partir de Londres às 18h. O governo francês, disse ele, “alegando uma derrota de nossos exércitos”, entabulava negociações com os alemães visando o fim das hostilidades. “Mas terá sido dita a última palavra? Devemos abandonar toda a esperança? Será definitiva nossa derrota? – Não!”

De Gaulle prosseguiu, garantindo aos ouvintes “que a causa da França não está perdida. Os mesmos fatores que precipitaram nossa derrota podem, um dia, conduzir-nos à vitória. Porque a França não está só! Não está só! Há um vasto império atrás dela e pode unir-se em causa ao império britânico, que domina os mares e prosseguirá a luta”. Tal como a Grã-Bretanha, acrescentou De Gaulle, a França podia “utilizar sem reservas os imensos recursos industriais dos Estados Unidos”. O resultado do conflito, assegurava De Gaulle, não fora decidido com a batalha da França. “Trata-se de uma guerra mundial.” Houve erros, mas a verdade era que “continua a existir no mundo tudo aquilo de que

necessitamos para esmagar nossos inimigos. Hoje somos esmagados pelo peso enorme das forças mecanizadas lançadas contra nós, mas podemos prever um futuro em que forças ainda mais importantes nos darão a vitória. Os destinos do mundo se jogarão nisso”.

Após esse eco enérgico das palavras pronunciadas por Churchill em Briare em 11 de junho – “as máquinas vencerão as máquinas” –, De Gaulle lançou um apelo a todos os oficiais franceses, “que estejam atualmente ou venham a estar, em território britânico, com ou sem suas armas”, assim como a todos os engenheiros e trabalhadores qualificados franceses, “para entrarem em contato [com ele]. Aconteça o que acontecer, a chama da resistência não pode, e não vai, morrer”.

Um general de brigada exilado, de 49 anos, desafiava, assim, a autoridade de um marechal da França. Muitos ouviram suas palavras com respeitosa incredulidade, mas não por acaso elas estão hoje inscritas numa placa fixada na parede da casa onde foram pronunciadas.

Ao longo de 18 de junho, as forças alemãs continuaram a entrar em território francês, decididas a delimitar uma zona ocupada não através de negociações, mas de fatos militares; ao cair da noite, haviam ocupado Cherbourg. “Passamos por maus bocados”, escreveu Rommel à mulher, “e o inimigo, a princípio, era de vinte a quarenta vezes superior em número. Além disso, tinham vinte a 35 pontos fortificados preparados para combate e muitas baterias dispersas. Mesmo assim, arregaçamos as mangas e conseguimos cumprir as ordens especiais do Führer, que nos mandavam tomar Cherbourg rapidamente”. Outros comandantes alemães foram igualmente bem-sucedidos. Vannes, Rennes, Briare, Le Mans, Nevers e Colmar foram outras cidades ocupadas nesse dia, enquanto, como que num sonoro desafio, os bombardeiros britânicos atingiam alvos militares em Hamburgo e em Bremen.

Em 19 de junho, os britânicos iniciaram a evacuação das ilhas do canal da Mancha, tão próximas ao litoral e que cairiam inevitavelmente nas mãos dos alemães após a queda da França. Ao todo, foram evacuados 22.656 cidadãos britânicos em cinco dias. Também nesse dia, enquanto as forças alemãs entravam em Nantes e em Brest e aproximavam-se de St. Nazaire, um oficial da marinha francesa, o capitão de mar e guerra Ronach, conseguiu tirar o couraçado *Jean Bart* da doca seca de St. Nazaire, onde era preparado para combater, e levá-lo para Casablanca, no

Marrocos francês. No campo de batalha, trinta militares marroquinos foram vítimas da selvajaria de uma unidade das forças SS em ação entre Dijon e Lyon; ao desalojá-los de uma posição de retaguarda, os nazistas recusaram-se a fazê-los prisioneiros, considerando os marroquinos racialmente inferiores, e mataram até aqueles que propuseram render-se.



Floresta de Compiègne, 20 de junho de 1940: delegados franceses são conduzidos para as negociações do armistício.

Em 20 de junho, uma delegação francesa composta por um diplomata, um general do exército, um general da força aérea e um almirante deslocou-se a Rethondes, na floresta de Compiègne, para conduzir as negociações do armistício com os alemães. Nesse dia, Hitler disse ao almirante Raeder que entre as vantagens da derrota da França estava o fato de que a Alemanha poderia enviar todos os seus judeus e os judeus poloneses para a ilha francesa de Madagascar, no oceano Índico.

Na manhã de 21 de junho, enquanto os negociadores de Rethondes prosseguiam em suas conversações, as últimas tropas alemãs chegavam ao seu ponto máximo de avanço. De Rennes, Rommel escreveu à mulher: “A guerra foi se transformando gradualmente numa volta relâmpago à França. Em poucos dias, estará completamente terminada. O povo daqui sente-se aliviado por tudo terminar tão tranquilamente.” Porém, as coisas não se passavam de maneira propriamente tranquila nas imediações de Villefranche, onde um pelotão da divisão da caveira combatia tropas francesas e marroquinas. Um comunicado da divisão registrou que o resultado foram “25 prisioneiros franceses e 44 negros mortos”.

Longe do campo de batalha, numa clareira ensolarada da floresta de Compiègne, o dia assistiu à humilhação final do governo francês. Hitler apresentou os termos do armistício aos plenipotenciários franceses na mesma carruagem em que os alemães assinaram a rendição no final da Primeira Guerra Mundial e que desde então era um orgulhoso troféu da vitória. Até serem trazidos de Bordeaux, os negociadores franceses conheciam o local escolhido para as conversações. E agora, às 15h de 21 de junho, viam-se confrontados por um Hitler triunfante e silencioso enquanto o general Keitel lia-lhes o preâmbulo dos termos do armistício no vagão do trem. Ao fim de dez minutos, Hitler partiu; Keitel disse aos quatro franceses presentes que o documento não estava sujeito a discussão. Sessenta por cento do território metropolitano francês ficaria sob ocupação alemã. Na zona não ocupada, seria instalado um governo responsável pela administração do império colonial. A frota francesa não seria autorizada a escapar ao controle do governo. Os 1,538 milhão de prisioneiros de guerra franceses ficariam nas mãos dos alemães.

Tendo Hitler abandonado a cena do triunfo francês de 1918 e de sua atual humilhação, os negociadores franceses continuaram a argumentar; entretanto, vários elementos do governo Reynaud que haviam nutrido a

esperança de resistir no norte de África, incluindo Georges Mandel, navegavam rumo a Casablanca. Nesse dia, vindos da França também por mar, o presidente e os ministros do governo polonês no exílio chegaram a Southampton; num gesto de apoio, o rei George VI foi à estação Paddington, em Londres, receber-lhes em seu novo local de exílio.

As negociações em Compiègne prosseguiram durante o dia seguinte, quando o exército italiano, avançando ao longo da Riviera francesa, ocupou Menton. Às 18h, o general Keitel, irritado com os adiamentos que os negociadores tentavam conseguir, disse-lhes: “Se não chegarmos a acordo em uma hora, as negociações serão interrompidas e a delegação será novamente conduzida além das linhas francesas.” Os negociadores telefonaram, então, ao governo francês em Bordeaux, pedindo instruções, e receberam ordem para assinar o documento. Às 18h50, o armistício era uma realidade. A França era a sexta nação que, em menos de nove meses, sucumbia perante a Alemanha.

Os ex-ministros franceses que esperavam manter uma França soberana no norte da África receberam a notícia do armistício ainda a bordo do navio que os transportava, ao longo da costa do Atlântico, para Casablanca. Do litoral do mar do Norte, o navio corsário alemão *Pinguin* partiu, em 22 de junho, para a “Sibéria”, codinome para um ponto no oceano Índico entre a ilha Maurício e a Austrália, onde, com três outros corsários, encontrariam-se com navios de abastecimento que lhes forneceria alimentos, munições e combustível para sua missão de afundar navios mercantes britânicos.

Hitler, o senhor da Polônia, da Noruega, da Dinamarca, da Holanda, da Bélgica e, agora, da França, não esquecera sua vontade de subjugar a Grã-Bretanha, mas tinha em Churchill um adversário igualmente determinado.

“O governo de Sua Majestade acredita”, declarou Churchill nessa noite, “que, aconteça o que acontecer, poderá conduzir a guerra onde quer que ela se declare, nos mares, no ar e em terra, até um desfecho vitorioso”.



Hitler em Paris, 23 de junho de 1940: com soldados alemães no aeroporto de Le Bourget.

Era evidente que a Grã-Bretanha pretendia manter o combate; o mesmo jornal que em 23 de junho trouxe na primeira página o título “Franceses assinam armistício” apresentou na última página a manchete “RAF bombardeia Berlim, afunda navios e incendeia reservatório de petróleo”. Nessa noite, a primeira de um conjunto especial de “companhias de combate”, constituídas por voluntários, realizou uma série de ataques surpresa no litoral francês entre Calais e Boulougne. Não encontrou resistência e regressou a Inglaterra sem problemas.

Às 3h30 desse dia, Hitler deixou seu quartel-general de Brûly-de-Pesche e deslocou-se até o aeródromo de Le Bourget, nos arredores de Paris. Seria sua primeira e única visita à capital francesa. Chegando à cidade às 5h45, passeou rapidamente num automóvel, passando pelos monumentos mais notáveis, incluindo a Ópera, cuja arquitetura ele admirara quando estudante, e o túmulo de Napoleão. “Esse”, disse Hitler à sua comitiva após sair do túmulo, “foi o maior e mais extraordinário momento de toda a minha vida”. Ordenou, então, que os restos mortais do filho de Napoleão, o duque de Reichstadt, sepultado em Viena, fossem trasladados para Paris para repousarem ao lado dos restos mortais do pai. “Agradeço ao destino”, disse Hitler a um de seus acompanhantes, “por ter visto essa cidade, cuja aura sempre me inquietou”.



Hitler em Paris, em frente à Torre Eiffel, 23 de junho de 1940.

Durante sua volta por Paris, Hitler ordenou a destruição de dois monumentos comemorativos da Primeira Grande Guerra: a estátua do general Mangin, um dos vencedores de 1918, e o memorial de Edith Cavell, a enfermeira britânica morta em 1915, em Bruxelas, por um pelotão de fuzilamento alemão. A ordem foi executada. Abandonando Paris às 7h45, voltou ao aeroporto, ordenou ao piloto que sobrevoasse várias vezes a cidade e regressou ao seu quartel-general. “Poder ver Paris era o sonho da minha vida”, disse ele ao amigo arquiteto Albert Speer. “Não sei dizer o quanto estou feliz por ter realizado esse desejo.”

Dezesseis meses mais tarde, ao recordar sua visita a Paris, Hitler disse ao general Von Kluge: “O primeiro vendedor de jornais que me reconheceu olhou-me com a boca aberta.” O homem vendia o *Le Matin*. Ao ver uma quantidade de carros aproximar-se, correu em direção aos clientes em potencial, tentando meter-lhes nas mãos o jornal e apregoando: “*Le Matin! Le Matin!*” De repente, ao ver quem estava no carro, bateu em retirada e desapareceu.

De volta a Brûly-de-Pesche, Hitler pediu a Albert Speer que redigisse um decreto “ordenando o reatar pleno das obras” dos novos edifícios públicos e monumentos projetados por ele para Berlim, sob a orientação de Hitler. Todos os empreendimentos haviam sido suspensos no início da guerra, em setembro de 1939. Agora as obras deviam recomeçar. “Não é verdade que Paris é bela?”, disse Hitler a Speer, “pois Berlim deverá tornar-se ainda mais bela. No passado, perguntei-me muitas vezes se precisaria ou não destruir Paris. Porém, quando terminarmos nossa obra em Berlim, Paris não passará de uma sombra. Para que destruí-la, então?”.

A nova Berlim deveria estar pronta em 1950. Essa “proeza”, disse Hitler a Speer, seria “o passo mais importante para a preservação de nossa vitória”

A agonia francesa e a determinação inglesa

Junho-julho de 1940

Em 24 de junho de 1940, o primeiro navio transportando reclusos alemães e italianos deixou a Grã-Bretanha rumo ao Canadá. Churchill e seu governo estavam decididos a não permitir que uma quinta coluna se formasse em território britânico. Muitos enviados para o outro lado do Atlântico eram refugiados judeus fugidos do regime nazista, que tinham encontrado abrigo entre os britânicos, mas a gravidade da situação não permitia que se perdesse tempo separando indivíduos inofensivos dos perigosos. Mais ao sul, no mesmo oceano, os ex-ministros franceses chegaram a Casablanca apenas para receber a notícia de que o governador-geral do Marrocos, general Nogues, que uma semana antes apelara para a continuação da guerra a partir do norte da África, aceitara o armistício. Em Londres, o general De Gaulle anunciou a criação de uma comissão nacional francesa para reunir todos os compatriotas que quisessem continuar a combater; aparentemente uma voz perdida no deserto.

O futuro, mesmo para a Grã-Bretanha, apresentava-se sombrio. “Eu, pessoalmente, nunca entabularei quaisquer negociações de paz com Hitler”, disse Churchill, naquele dia, ao primeiro-ministro canadense, “mas, obviamente, não posso falar em nome de um futuro governo, que, caso os Estados Unidos nos abandonem e acabemos derrotados em nosso território, pode muito bem ser uma espécie de governo Quisling, pronto a aceitar a suserania e a proteção dos alemães”.

Na Holanda, o governador-geral alemão, Seyss-Inquart, suspendeu o parlamento; onze dias mais tarde, decretou que era um crime legalmente punível ouvir as emissões de rádio britânicas. Na onda de vitória alemã, tais ordens pareciam naturais, irresistíveis. Quando, às primeiras horas

de 25 de junho, o armistício franco-germânico entrou formalmente em vigor, os custos da derrota eram evidentemente brutais: haviam morrido 92 mil militares franceses, 7.500 belgas e 2.900 holandeses. Os britânicos, que agora temiam uma invasão, haviam perdido 3.500 homens. Os alemães, senhores da Europa desde o cabo Norte até os Pirineus e desde as ilhas da Mancha até o rio Bug, haviam perdido 45 mil homens nessa terceira campanha vitoriosa em menos de dez meses. “O armistício entrou finalmente em vigor”, escreveu Rommel à mulher. “Estamos a menos de 320 quilômetros da fronteira espanhola, onde esperamos chegar em breve, de modo a termos toda a costa do Atlântico nas mãos. Como tudo foi maravilhoso!”

Ao longo de toda a agonia da França, os Estados Unidos preservaram uma neutralidade tenaz. Em 26 de junho, o governo da Turquia, ansioso por não se ver envolvido num conflito que ameaçava alargar-se, anunciou sua “não beligerância”. A União Soviética, não esquecendo suas perdas territoriais no final da Primeira Guerra Mundial e consciente da atual capacidade de Hitler para empreender ações-relâmpago em todas as direções, exigiu à Romênia a cessão da província da Bessarábia e da Bukovina do Norte. Hitler, desejoso de não agitar nem alarmar o seu aliado soviético, pressionou o governo romeno a aceitar as exigências soviéticas. No dia seguinte, os romenos cederam.

Hitler permaneceu em seu quartel-general de Brûly-de-Pesche durante todo o dia 25 de junho. Mais uma vez, o que passava por sua cabeça era o futuro arquitetônico do Reich. “Berlim deve ser reconstruída assim que possível”, escreveu ele, “de modo a refletir a dignidade da capital de um poderoso Reich e a dar permanência à grandiosidade de nossa vitória”. O mesmo se aplicava, escreveu, quanto à reconstrução de Munique, de Linz e de Hamburgo e à sede do partido em Nuremberg. Todos os funcionários do Reich, dos governos locais e do Partido Nazista devem apoiar o inspetor-geral da construção de Berlim “na implementação de sua tarefa”. Abandonando Brûly-de-Pesche no dia seguinte, Hitler passou o dia visitando os pontos da Frente Ocidental onde estivera durante seu serviço militar na Primeira Guerra Mundial, levando consigo dois antigos camaradas. Juntos, encontraram a casa onde se alojaram, na retaguarda da linha de combate. Em dado momento, Hitler subiu por uma encosta coberta de vegetação cerrada em busca de um muro de cimento

atrás do qual se abrigara nessa época remota. O muro continuava lá. Sua passagem de automóvel por Lille, porém, provocou um incidente desagradável que ele relembriaria dezesseis meses mais tarde numa conversa com o general Kluge. “Ainda tenho na cabeça”, disse Hitler, “a imagem daquela mulher de Lille que me viu através da janela e exclamou: ‘O demônio!’.”

O trabalho desse “demônio” não tinha fim. Em 26 de junho, enquanto Hitler visitava seus velhos fantasmas, a polícia alemã e a Gestapo abatiam escritores, políticos e líderes civis poloneses na floresta de Palmiry. Entre os mortos estava Mieczyslaw Niedzialkowski, chefe do Partido Socialista polonês, diretor do jornal socialista *Robotnik* e deputado do parlamento.

Na França ocupada, os alemães instalaram, no dia seguinte, dois emissores de rádio, em Brest e em Cherbourg, para emitir feixes de ondas que orientariam os bombardeiros alemães enviados para atacar alvos em território britânico e servirem-se de seu sistema de comunicação mais secreto, o Enigma, para transmitir tais instruções relativas à instalação desses dois emissores; por conseguinte, os britânicos souberam sobre os emissores no mesmo dia. Na Grã-Bretanha, persistia ainda certa sensação de alívio pelo fato de o país enfrentar, agora sozinho, o inimigo. “Pessoalmente”, escreveu à sua mãe, a rainha Mary, o rei George VI em 27 de junho, “estou mais satisfeito agora que não temos aliados com quem somos obrigados a mostrar-nos amáveis e a quem precisamos sempre paparicar”.

Chegou da Itália, no dia seguinte, a notícia de que o marechal Italo Balbo, governador da Líbia, morrera ao sobrevoar Tobruk: regressando à base após um voo de reconhecimento, fora abatido por engano por um canhão antiaéreo italiano.

Nessa data, as mensagens Enigma alertaram os Serviços Secretos britânicos para o fato de que a maior parte dos bombardeiros de longo alcance alemães, terminada sua missão em França, estariam novamente à disposição a partir de 8 de julho. Uma ofensiva à Grã-Bretanha tornava-se, assim, uma possibilidade iminente. Em 30 de junho, contingentes alemães desembarcaram em solo britânico, nas ilhas de Jersey e Guernsey, ao largo da costa francesa e não encontraram resistência. Nesse dia, na longínqua Bessarábia, forças soviéticas aerotransportadas

aterraram perto do porto de Izmail e também não encontraram resistência.

Os alemães, senhores de um território tão vasto, não tardaram em planejar o melhor modo de explorá-lo. Em 30 de junho, Hitler transmitiu instruções às autoridades militares alemãs em Paris “para tomarem todas as obras de arte, quer fossem propriedade do Estado, quer estivessem nas mãos de particulares judeus”. Não se tratava, explicou Hitler, de expropriar, “mas de transferi-las para nossa custódia, como penhor para eventuais negociações de paz”. Não apenas foram saqueados museus como as principais coleções particulares e os armazéns dos grandes negociantes de arte judeus.

Uma questão muito diferente também foi considerada por Hitler nesse dia, quando Himmler apresentou-lhe um plano no sentido de povoar as regiões anexadas da Polônia com indivíduos de “boa raça germânica”. A proposta era que um oitavo da população polonesa dessas zonas fosse transferida para a Alemanha como “racialmente aceitável” enquanto os restantes fossem expulsos para a zona do governo-geral. Os militares e as forças SS alemães, ao fim de dois e quatro anos de serviço militar respectivamente, seriam enviados às zonas anexadas para trabalhar na terra durante oito anos e, em seguida, casarem-se e tomarem posse de uma propriedade rural. Os poloneses do governo-geral forneceria a força de trabalho para essas explorações e aqueles que tivessem relações sexuais com seus senhores alemães seriam condenados à morte ou a longos aprisionamentos. “O Führer deu-me razão em todos os pontos”, registrou Himmler.

No dia seguinte, o Ministério do Interior anunciou que na instituição psiquiátrica de Görden, “sob a orientação de especialistas, todas as possibilidades terapêuticas serão administradas de acordo com os mais recentes conhecimentos na matéria”. Protegido por essa inócua declaração, o assassinato de crianças consideradas débeis mentais foi iniciado sem delongas, de acordo com o programa de eutanásia T4. A morte geralmente ocorria nas 24 horas seguintes à chegada da criança a Görden. Segundo uma norma estipulada pelo Dr. Viktor Brack, chefe do departamento de eutanásia da chancelaria de Hitler, a morte precisava ser administrada por um médico.

Alguns pacientes eram mortos por meio de injeções, quatro ou seis por vez, mas, com frequência cada vez maior, foi utilizado gás, sendo os doentes levados em grupos de dezoito ou vinte para falsos “balneários” onde ficavam sentados em bancos enquanto o gás circulava em canalizações. O Dr. Irmfried Eberl, chefe do serviço de eutanásia de Brandenburg, aperfeiçoou essa técnica e tanto o Dr. Brack quanto o médico pessoal de Hitler, Dr. Brandt, aprovaram o novo sistema. Aqueles que seriam mortos precisavam trazer um atestado que comprovasse a presença de determinados parâmetros: deficiência mental, esquizofrenia, hospitalização prolongada ou incapacidade completa para o trabalho. Os doentes mentais judeus não precisavam preencher esses requisitos. Mesmo antes do anúncio do Ministério do Interior ocorreram em Brandenburg os primeiros assassinatos de judeus por gás, quando duzentos homens, mulheres e crianças foram trazidos em seis ônibus desde um hospital psiquiátrico de Berlim.

Enquanto Hitler e Himmler discutiam a pureza da raça e suas equipes tomavam as medidas indispensáveis para garanti-la, o governo britânico continuava a preparar-se para o bombardeamento aéreo que considerava inevitável, senão iminente. Em 30 de junho, o navio mercante *Cameronia* partiu de Nova York rumo a Glasgow carregando dezesseis aviões americanos destinados à Grã-Bretanha. No dia seguinte, como prova da determinação britânica em novamente levar a guerra contra Hitler à Europa continental, os ministros e os altos funcionários do governo estudaram uma proposta para a criação de uma organização que controlasse todas as atividades subversivas, de sabotagem e de propaganda clandestina nos países inimigos, ocupados pelo inimigo ou neutros. Assim nasceu o Departamento de Operações Especiais, conhecido por suas iniciais em inglês, SOE; Churchill deu-lhe uma divisa e um objetivo quando disse ao seu primeiro chefe, o deputado trabalhista Hugh Dalton: “Lancem fogo à Europa!”

Em 2 de julho, o marechal Pétain transferiu seu governo de Bordeaux, onde se formara nos derradeiros momentos da retirada francesa, para Vichy, escolhida como capital da “zona não ocupada”. Entre os ministros de Pétain estava o almirante Darlan, que, enquanto chefe do estado-maior da armada sob o governo Reynaud, mostrara-se decidido a não permitir que a frota francesa caísse nas mãos dos alemães, mas que, na qualidade

de ministro da marinha do governo que assinara o armistício, parecia igualmente decidido a não violar tais termos enviando a mesma frota para águas neutras ou britânicas. Temendo que a armada francesa fosse tomada pelos alemães e utilizada como parte de uma frota invasora, o governo britânico lançou a operação Catapult, que consistia em mandar para a base naval francesa de Mers-el-Kebir, próximo a Oran, uma força naval que partiria de Gibraltar, com o intuito de convencer o comandante naval francês a colocar seus navios além do alcance dos alemães ou a afundá-los.

Antes que esse encontro de forças navais ocorresse nas imediações de Oran, a desgraça atingiu uma parte dos presos que a Grã-Bretanha enviara para o Canadá; o antigo e luxuoso transatlântico *Blue Star Arandora Star* em que seguiam foi torpedeado ao largo da costa irlandesa, o que resultou na perda de 714 vidas. Muitos afogados eram cidadãos alemães e italianos. Entre os primeiros contavam-se vários refugiados judeus que ainda eram, tecnicamente, estrangeiros inimigos, e mais de cem homens da marinha mercante alemã capturados no mar. Afogaram-se também 37 guardas e quatro tripulantes do navio, assim como um antigo espião alemão, o No 3.528 da lista dos serviços secretos alemães. Seu irmão, que usava o codinome “Charlie” e fora o espião No 3.527, aceitara trabalhar para os ingleses, mas, mostrando-se menos disposto a colaborar do que seu irmão, o No 3.528 fora incluído na categoria “A” composta por estrangeiros, preso e enviado para o outro lado do Atlântico. Um contratorpedeiro canadense recolheu os 868 passageiros restantes. Churchill, ao ler um relatório sobre o naufrágio do navio, que se referia a diversos esforços de salvamento, escreveu: “O caso do corajoso alemão que, dizem, salvou tantas vidas levanta a questão do tratamento especial que deveria receber, sendo concedida a ele a liberdade condicional, por exemplo.” Infelizmente, faltavam dados que permitissem determinar sua identidade.

O submarino cujos torpedos afundaram o *Arandora Star* era comandado por Günther Prein, que afundara o *Royal Oak*, mas, apesar de seu êxito, navios transportando prisioneiros continuaram a atravessar o Atlântico. Em 2 de julho, era a vez de um outro vapor, o *Ettrick*, partir rumo ao Canadá e chegar sem percalços. A bordo viajava um físico alemão refugiado, de 29 anos, Klaus Fuchs, que voltaria à Grã-Bretanha

seis meses depois para prosseguir seu trabalho sobre os segredos da física atômica; mais tarde comunicaria esses segredos à União Soviética, a cuja causa já estava amarrado quando embarcou no *Ettrick* a caminho do Canadá.

Nessa data, Hitler ordenou ao exército, à marinha e à força aérea que preparassem um plano detalhado para a invasão da Grã-Bretanha. Não fixou uma data, mas afirmou que um desembarque era possível “desde que a superioridade aérea fosse garantida e outras condições indispensáveis fossem preenchidas”. A superioridade aérea não podia ser dada como certa; a cada semana assistia-se a um aumento do fluxo de armamento dos Estados Unidos para a Grã-Bretanha. Em 3 de julho, o *Britannic* partiu de Nova York para a Grã-Bretanha, transportando no porão mais de dez milhões de cartuchos de espingarda, cinquenta mil espingardas e cem canhões de campanha, seguido, seis dias mais tarde, pelo *Western Prince*. Ambos fizeram a travessia sem problemas. Os serviços secretos britânicos estavam a par das intenções de Hitler; nesse dia, os chefes dos estados-maiores britânicos concluíram que a tentativa de invasão seria precedida por uma importante batalha aérea.

Não foi, no entanto, uma ação alemã, mas britânica, que dominou a primeira semana de julho, pois a operação Catapult da Grã-Bretanha visava capturar, ou ao menos neutralizar, todos os navios de guerra franceses, onde estivessem, evitando que fossem tomados pelos alemães. A maior concentração desses navios encontrava-se em Mers-el-Kebir; muitos haviam fugido de diversos portos da França continental para escapar à captura. Os britânicos deram quatro alternativas aos navios de Mers-el-Kebir: navegar rumo aos portos britânicos “e combater conosco” ou entregar os navios a tripulações britânicas, desmilitarizá-los ou afundá-los. Os franceses recusaram todas as hipóteses. A Grã-Bretanha propôs-lhes, então, levar os navios para as Antilhas francesas, onde poderiam ser desarmados ou entregues aos Estados Unidos até o fim da guerra. Os franceses recusaram-se novamente, ao que a força naval britânica que cercava Mers-el-Kebir respondeu com fogo. O bombardeamento durou cinco minutos. Quando terminou, mais de 1.250

marinheiros franceses, duas semanas antes aliados da Grã-Bretanha, estavam mortos.

Nesse bombardeamento, os franceses perderam o cruzador Dunkirk e os couraçados *Provence* e *Bretagne*, mas um segundo cruzador, o *Strasbourg*, e o porta-aviões *Commandant Teste*, junto com cinco contratorpedeiros, conseguiram avançar, romper o cerco e atravessar o Mediterrâneo rumo a Toulon.

Também em 3 de julho, todos os navios franceses ancorados em portos britânicos foram abordados e capturados sem um único tiro, exceto no caso do submarino *Surcouf*, em que, devido a um mal-entendido, um marinheiro francês foi atingido mortalmente por um disparo.



Soldados alemães em treino para a invasão da Grã-Bretanha, julho de 1940.

As mortes em Mers-el-Kebir revoltaram extremamente a França. Quanto ao julgamento desse ato, Churchill afirmou na Câmara dos Comuns, em 4 de julho: “Deixo-o, sem receio, ao cuidado do parlamento. Deixo-o também ao cuidado da nação e dos Estados Unidos. Deixo-o ao cuidado do mundo e da história.” Foi a ação britânica em Oran, confiou seis meses mais tarde a Churchill um emissário americano, que convenceu Roosevelt de que a Grã-Bretanha tinha força de vontade suficiente para prosseguir na luta, mesmo sozinha.

Em 5 de julho, dois dias depois da operação de Mers-el-Kebir, o governo do marechal Pétain, em Vichy, cortava relações diplomáticas com a Grã-Bretanha. No sudeste europeu, a Romênia, despojada pela Rússia de sua província oriental da Bessarábia, juntou-se ao eixo germano-italiano. No extremo Oriente, o Japão pedira ao governo de Pétain a concessão de bases na Indochina francesa e, enquanto as negociações ainda estavam em curso, ocupara vários pontos estratégicos ao longo da costa. Reagindo à ocupação, o congresso americano aprovou, nesse dia, o Ato de Controle das Exportações, proibindo o envio para o Japão, sem licença especial, de peças de aviões, minérios e produtos químicos. A essa medida seguiu-se, três semanas mais tarde, a criação de um sistema de licenças de exportação para esse país no que dizia respeito a combustível para a Aeronáutica, lubrificantes, ferro e aço. A simples existência de territórios sob administração do governo de Vichy no extremo Oriente abria a perspectiva de uma guerra no Pacífico, uma região onde dois estados europeus, a França e a Holanda, possuíam importantes, e agora praticamente indefensáveis, territórios coloniais cobiçados pelo Japão e onde corsários alemães começavam a afundar sistematicamente navios mercantes britânicos.

O governo britânico, cujas responsabilidades imperiais compreendiam Birmânia, Malásia e Hong Kong, enfrentava a exigência japonesa de que a via birmanesa, principal rota terrestre de fornecimento de armas à China, fosse cortada. Em 6 de julho, o embaixador britânico no Japão recebeu instruções para resistir a tal exigência, argumentando que se tratava de uma medida discriminatória contra a China. O embaixador respondeu, no entanto, que, se a via não fosse cortada, havia perigo efetivo de um ataque por parte dos japoneses. A exigência foi cumprida, embora, graças à insistência britânica, por apenas três meses. Todavia,

esse ato de apaziguamento testemunhava a incapacidade da Grã-Bretanha em se opor a um terceiro inimigo.

As mais altas esferas da política britânica receberam notícias encorajadoras nesse dia, quando se tornou claro, após um exame atento das mensagens Enigma emitidas pela força aérea alemã, que o número de bombardeiros na primeira linha não era tão grande quanto se julgava. Os serviços secretos haviam calculado que os alemães poderiam lançar 2.500 bombardeiros contra a Grã-Bretanha, com capacidade de bombardeio de 4.800 toneladas por dia. As mensagens Enigma revelaram que o número real era 1.250 bombardeiros, com capacidade diária de 1.800 toneladas de bombas.

* * *

A Grã-Bretanha não pretendia servir como mero alvo para esse método de guerra; dois dias depois de saber que a potência de bombardeio alemã fora superestimada, Churchill refletiu sobre a evolução ulterior da guerra. Se Hitler “for repellido aqui, ou não tentar a invasão, recuará para leste e não poderemos detê-lo. Porém, algo o trará de volta e o derrubará: uma ofensiva absolutamente devastadora e mortífera, praticada por bombardeiros pesados, de nosso país contra a pátria nazista”.

A Alemanha, entretanto, atravessava um período de regozijo. Em 6 de julho, Hitler voltou a Berlim pela primeira vez desde o início da guerra no Ocidente. Um milhão de bandeiras com a suástica foram distribuídas gratuitamente à enorme multidão que o festejaria. Todos os estados contra os quais os exércitos de Hitler marcharam em 10 de maio se renderam. Restava apenas a Grã-Bretanha por conquistar, que estava aparentemente indefesa. No momento em que a comitiva de Hitler desfilava em triunfo pelas ruas de Berlim, os bombardeiros alemães iniciavam seus ataques à Grã-Bretanha; bombas de grande potência lançadas sobre Aldershot mataram três soldados do Royal Canadian, corpo do exército canadense.

A opinião pública britânica chocou-se com essa vulnerabilidade da população pacífica e mesmo dos militares que podiam morrer em combate estando longe do campo de batalha. Porém, outro campo de batalha, distante da Grã-Bretanha, começava a chamar a atenção do

público britânico: no mesmo 6 de julho, na sequência de um reconhecimento aéreo fotográfico bem-sucedido, um grupo de aviões britânicos, com base num porta-aviões, atacou vários alvos navais italianos no porto líbio de Tobruk. No dia seguinte, o almirante francês que comandava os navios da armada ancorados no porto egípcio de Alexandria aceitou neutralizá-los, conforme exigiam os britânicos; não haveria um segundo Mers-el-Kebir no Mediterrâneo. Nos portos atlânticos de Casablanca e de Dacar, no entanto, as autoridades navais francesas permaneceram leais a Vichy. Consequentemente, os torpedeiros e a aviação britânica atacaram os couraçados *Richelieu* e *Jean Bart*, impossibilitando, durante meses, sua participação em quaisquer operações.

Aos combates em terra sucediam-se, quase exclusivamente, os combates no mar. Em 9 de julho, uma força naval britânica defrontou-se com uma formação italiana ao largo da Calábria. Levantando voo do porta-aviões *Eagle*, os aviões ingleses dominaram os céus enquanto o combate decorria, terminando quando o navio-almirante italiano, o couraçado *Giulio Cesare*, sofreu graves estragos infligidos pelo britânico, o *Warspite*, e viu-se obrigado a procurar refúgio no porto de Messina. Também nessa data, o corsário alemão *Komet* partiu rumo ao norte e, com o auxílio dos quebra-gelos soviéticos, completou a passagem para desembocar, através do estreito de Bering, no Pacífico Norte; ele afundaria seis navios mercantes antes de regressar à Alemanha.

Por um breve lapso de tempo, Hitler ocupou-se com outros assuntos que não a guerra. Em 9 de julho, em seu retiro nas montanhas em Obersalzberg, fez uma série de esboços a lápis para a nova ópera de Linz, como parte de seu plano para transformar essa província onde vivera quando jovem numa cidade de primeira grandeza. Contudo, no mesmo dia em que assim desenhava, um pastor protestante alemão, Paul-Gehrad Braune, administrador de uma instituição hospitalar em Berlim, escrevia-lhe um protesto contra o programa de eutanásia, que constituía um “plano em larga escala para exterminar milhares de seres humanos” – semelhante matança “minaria gravemente os fundamentos morais da nação inteira” e era “simplesmente indigna” de instituições consagradas à cura de doentes. Aquilo, acrescentava, havia abrangido até pessoas

“lúcidas e responsáveis” e punha em perigo “a ética do povo em seu conjunto”. Braune concluía com uma pergunta: “A quem, senão aos indefesos, a lei deve proporcionar sua proteção?”

Braune foi informado, pelo chefe da chancelaria de Hitler, Hans Lammers, de que o programa de eutanásia não podia ser interrompido. Um mês mais tarde, seria preso. A ordem de prisão, assinada por Heydrich, acusava-o de “sabotar, de forma irresponsável, medidas tomadas pelo regime”. Encerrado durante dez semanas na prisão da Gestapo em Berlim, foi libertado com a condição de não empreender outras ações contrárias à política do governo ou do Partido Nazista.

Em 10 de julho, uma formação com 120 bombardeiros e aviões de combate alemães atacou um comboio de navios ingleses no canal da Mancha. Ao mesmo tempo, setenta aviões alemães bombardeavam instalações portuárias no sul do País de Gales. Os britânicos tinham apenas seiscentos aviões de combate operacionais para enfrentar esses atacantes; era urgente tomar medidas para elevar esse número até mil unidades, consideradas o mínimo para a segurança. Pediu-se até mesmo à população em geral que contribuísse para esse objetivo prioritário enviando todo o alumínio que encontrassem para o Ministério da Produção de Aviões, que declarou naquele dia:

Transformaremos suas panelas e frigideiras em aviões Spitfire e Hurricane, Blenheim e Wellington. Todos que tiverem em casa panelas e frigideiras, chaleiras, aspiradores, alfinetes de chapéu, cabides, fôrmas de sapatos, acessórios de banheiro e ornamentos domésticos, cigarreiras ou quaisquer outros objetos total ou parcialmente feitos de alumínio deverão entregá-los imediatamente (...)

Num esforço para conservar o moral britânico e incomodar os alemães, as companhias especiais britânicas organizaram, em 14 de julho, um assalto à ilha de Guernsey, na Mancha, onde estavam estacionados 469 alemães. Com o codinome “Ambassador”, a operação conseguiu causar alguns estragos, mas um entre os comandos afogou-se e dois foram feitos prisioneiros. “Evitaremos, doravante, fiascos tolos como o que ocorreu em Guernsey”, comentou Churchill.

Esse 14 de julho, dia da tomada da Bastilha na França, foi um momento de luto nacional e de séria reflexão. Em Londres, o general De Gaulle e outros chefes de um novo movimento, França Livre, depuseram coroas de flores no cenotáfio e comprometeram-se a lutar até a libertação da França. “Um ano atrás, em Paris”, disse Churchill numa comunicação por rádio transmitida para Grã-Bretanha e França, “assisti, nos Champs-Élysées, à imponente parada dos exércitos da França e do império francês. Quem sabe o que os próximos anos trarão?”. Há “um número enorme de pessoas”, disse Churchill, não apenas na Grã-Bretanha, mas em todos os países, “que combaterão lealmente nessa guerra, mas cujos nomes nunca serão conhecidos, cujos feitos nunca serão lembrados. Essa é uma guerra do Soldado Desconhecido, mas se todos nos esforçarmos, sem fraquejar em nossa fé nem no cumprimento do dever, nossa época será libertada da sombria maldição de Hitler”.

Dois dias após o discurso de Churchill, Hitler ordenou, numa diretiva, a invasão da Grã-Bretanha, operação que teria o codinome Sea Lion (leão-marinho, em português). Em 5 de agosto, começaria uma ofensiva aérea que teria como principal objetivo impedir que a força aérea britânica “lançasse algum ataque consistente contra a travessia alemã”. Quanto a esta, propriamente dita, Hitler não fixara uma data, embora houvesse pedido que os “preparativos” estivessem feitos até meados de agosto.

Ataques aéreos e perigo eram aspectos presentes na vida cotidiana da Grã-Bretanha, especialmente à noite. Nos primeiros dezessete dias de julho, morreram 194 civis britânicos. Em 19 de julho, três dias depois da diretiva Sea Lion, Hitler referiu-se, em Berlim, aos termos de sua “proposta de paz” à Grã-Bretanha. “Se a luta continuar”, preveniu Hitler, “só poderá terminar com o aniquilamento de um de nós. O Sr. Churchill julga que será a Alemanha. Eu sei que será a Grã-Bretanha”. E declarou ainda: “Não sou o vencido que pede misericórdia. Falo em minha qualidade de vencedor. Não vejo motivo para essa guerra continuar. Gostaríamos de evitar o sacrifício de milhões de vidas.” “É possível”, acrescentou Hitler, “que o Sr. Churchill ignore mais uma vez esta declaração minha, dizendo que é simplesmente ditada pelo medo e pelas dúvidas quanto à vitória. Nesse caso, terei, pelo menos, ficado em paz

com minha consciência em relação a todas as coisas que virão a acontecer”.

Não apenas Churchill, mas Roosevelt também rejeitou a proposta de Hitler. Havia apenas uma maneira de lidar com um país totalitário, retorquiu Roosevelt ainda nesse dia, que era “a resistência, não o apaziguamento”. Também em 19 de julho, Roosevelt assinou o Ato de Expansão da Armada nos Dois Oceanos, autorizando um reforço substancial da Força Naval americana no Pacífico e no Atlântico. Além de 358 navios de guerra em serviço e 130 unidades em construção, o Ato previa mais sete couraçados, dezoito porta-aviões, 27 cruzadores, 42 submarinos e 115 contratorpedeiros.

Embora somente a Grã-Bretanha estivesse em guerra com a Alemanha, a noção de que se tratava de um conflito global impunha-se às nações do mundo ocidental: o encerramento da via birmanesa e a expansão da armada americana eram sinais claros dessa circunstância, assim como a anexação formal, pela União Soviética, em 21 de julho, dos três estados bálticos, Estônia, Letônia e Lituânia. A ação de Stálin fora ainda mais oportuna do que ele julgava, pois, nesse mesmo dia, Hitler chamou seus comandantes militares a Obersalzberg e comunicou-lhes sua intenção de invadir a União Soviética.

Não se tratava de um mero devaneio sem consequências; no dia seguinte, Hitler instruiu o general Halder para que iniciasse o planejamento detalhado da invasão, e uma equipe de trabalho especial, encabeçada pelo general Erich Marcks, prepararia um plano a ser submetido à apreciação de Hitler duas semanas depois. Aos militares que convocara a Obersalzberg, Hitler falou também sobre a invasão à Grã-Bretanha, mas com nítida falta de entusiasmo, declarando que sem superioridade aérea não poderia haver desembarques; no entanto, se a primeira onda destes não ocorresse até meados de setembro, o mau tempo impediria que a força aérea alemã fornecesse cobertura aérea adequada às tropas terrestres. “Se não houver certeza de que poderemos completar todos os preparativos até o início de setembro”, preveniu Hitler, “precisaremos pensar em outros planos”.

Era claro que a Grã-Bretanha não pretendia renunciar ao combate. “Nunca quisemos a guerra”, declarou, em 22 de julho, o secretário de Estado das Relações Exteriores, lorde Halifax, em resposta à “proposta

de paz” apresentada por Hitler três dias antes, “e é evidente que ninguém aqui deseja que a guerra continue por um único dia além do necessário, mas não deixaremos de lutar até que a liberdade nossa e dos outros esteja fora de perigo”. Nesse dia, em Tóquio, um novo governo assumia as funções, chefiado pelo príncipe Fumimaro Konoye, que imediatamente pressionou a França de Vichy no sentido de que lhe cedesse bases militares na Indochina francesa, prevenindo que não excluía o emprego de força, caso fosse necessário, para alcançar seu objetivo. Este era, declarou o governo nove dias depois, “instaurar uma Ordem Nova no Oriente asiático”.

A ética da Ordem Nova do príncipe Konoye, tal como no Reich de Mil Anos de Hitler, consistia numa “raça de senhores” para quem os fins sempre justificavam os meios. Os fins eram a supremacia, a disciplina, a unanimidade; os meios eram tão brutais quanto as circunstâncias ditassem. Quando, portanto, na noite de 24 de julho, um torpedeiro alemão avistou um famoso vapor da marinha mercante francesa, o *Meknes*, que partira de Southampton com 1.179 homens a bordo para repatriá-los e levava um holofote apontado ao pavilhão francês, assim como casco e vigias iluminados, atacou-o imediatamente. Quando o comandante do *Meknes* mandou parar o navio, tocou a sirene para prevenir os alemães e transmitiu em código Morse, com sinais luminosos, o nome e a nacionalidade do navio a única resposta que obteve foi um torpedo. O *Meknes* foi afundado; 383 marinheiros franceses morreram afogados.

Não apenas De Gaulle hasteava o estandarte da resistência na Grã-Bretanha. Em 23 de julho, fora criado ali um governo tchecoslovaco provisório. Dois dias depois, Churchill autorizou as forças polonesas em seu país, catorze mil homens ao todo, a receberem “diretamente espingardas americanas”, à medida que chegavam. As forças estrangeiras restantes em treinamento militar na Grã-Bretanha consistiam em quatro mil tchecos, três mil alemães antinazistas, dois mil franceses, mil holandeses, mil noruegueses e quinhentos belgas. A principal necessidade da Grã-Bretanha, porém, continuava a ser os aviões. Em 25 de julho, Churchill recebeu a notícia da assinatura em Washington, na véspera, de um acordo determinando que os aviões americanos seriam distribuídos considerando não apenas suas necessidades, mas também as

britânicas; assim, entre os 33 mil aviões que naquele momento eram fabricados nos Estados Unidos, 19.092 ficariam para a força aérea americana e 14.375 seriam entregues à Grã-Bretanha. Cotas semelhantes eram negociadas em matéria de espingardas, tanques, canhões, artilharia antitanque e munições. Esses acordos cobririam as necessidades previstas pela Grã-Bretanha até o final de 1941.

Para os povos da Polônia ocupada pelos alemães, a tirania não abrandava. Dois mil judeus, enviados da vila de Radom para a fronteira germano-soviética para cavar valas antitanques, morreram após poucos meses em consequência de maus-tratos. Em 26 de julho, nas pedreiras do campo de concentração de Mauthausen, próximo a Linz, o Dr. Edmund Bursche, antigo reitor da Faculdade de Teologia Protestante da Universidade de Varsóvia, morreu, exausto, devido ao trabalho implacável e aos espancamentos. Tinha 79 anos.

As mortes dos judeus de Radom, ou do professor Bursche, permaneceram secretas, mas outros aspectos da Ordem Nova alemã recebiam ampla publicidade. Numa análise publicada em livro, acerca das leis alemãs sobre a esterilização, Ernst Rudin, professor de psiquiatria na Universidade de Munique e pioneiro da “ciência racial” nazista, elogiava a direção política de Hitler por ter a coragem para romper com “o terror dos tipos humanos inferiores” através de “medidas de higiene racial”.

Era fácil impor a nova política racial aos países conquistados. Tornava-se, no entanto, mais difícil alargar as zonas de conquista. Em 29 de julho, o quartel-general da marinha alemã comunicou a Hitler que um desembarque na costa da Grã-Bretanha não seria possível antes da segunda metade de setembro, e que, mesmo então, não estariam em condições de defender-se de um contra-ataque enérgico a partir do mar. “É impossível”, escreveu o almirante Schiewind, chefe do estado-maior da marinha, “aceitar a responsabilidade por tal operação durante o ano corrente”.

Não apenas a ofensiva no Ocidente suscitava hesitação nos militares. Também em 29 de julho, o general Jodl informou ao chefe da seção de planejamento do estado-maior do exército alemão, coronel Walter

Warlimont, sobre o plano de Hitler para atacar a Rússia “assim que possível”. Jodl indicou maio de 1941 como data provável. Warlimont e outros oficiais do departamento de planejamento protestaram, dizendo que repetiam a guerra em duas frentes que levaram a Alemanha à derrota em 1918, mas Jodl deu-lhes uma resposta que não admitia argumentos: “Meus senhores, isso não é assunto para discussão: é uma decisão do Führer!”



A EUROPA DA NORUEGA AO EGITO, VERÃO DE 1940.

Em 21 de julho, quinze navios partiram de vários portos americanos transportando armas e equipamentos destinados à Grã-Bretanha. Enquanto decorria sua lenta travessia, Hitler convocou a Obersalzberg os chefes do alto-comando das forças armadas, da marinha e do exército para discutirem a invasão. O almirante Raeder, comandante-chefe da marinha, que chegara de Berlim por avião, sugeriu um adiamento da operação Sea Lion de 13 para, ao menos, 19 de setembro, mas, em seguida, exprimiu sua preferência por uma data mais longínqua, maio de 1941. Neste mês, observou Raeder, a Alemanha teria dois novos couraçados, o *Tirpitz* e o *Bismarck*, que se somariam aos dois de que dispunha. Haveria, também, muito mais navios de guerra de pequenas dimensões.

Hitler não podia contestar facilmente os argumentos do almirante Raeder. Ainda assim, insistiu em sua resolução anterior. A invasão ocorreria em 15 de setembro, afirmou, contanto que uma semana de bombardeamento aéreo sobre o sul da Inglaterra conseguisse causar estragos relevantes à marinha e à força aérea britânicas e aos portos mais importantes. “Se não for assim”, disse, “será adiada até maio de 1941”.

O almirante Raeder regressou a Berlim no mesmo dia. O general Brauchitsch e o general Halder, que vieram diretamente da sede do estado-maior em Fontainebleau, continuaram com o chefe. Aos dois homens, Hitler revelou que seu espírito era ocupado pelos planos de invasão à Rússia. Até o futuro da Grã-Bretanha dependia, em grande medida, de seus planos para o Leste. Se a Rússia for “esmagada”, disse Hitler aos generais, “a última esperança da Inglaterra desaparecerá, e a Alemanha será senhora da Europa e dos Balcãs”.

Hitler explicou, então, a Halder e a Brauchitsch que tal invasão poderia acontecer na primavera de 1941. “Quanto mais cedo esmagarmos a Rússia, melhor”, disse ele. E acrescentou: “A operação somente terá sentido se destruirmos com um só golpe os centros vitais do Estado. Não basta conquistar mais territórios.” Cento e vinte divisões alemãs, entre as 180 que se previa existirem a essa altura, lançariam uma ofensiva tripla, avançando sobre Kiev, sobre Moscou – passando pelos estados bálticos e reunindo-se à primeira – e sobre as jazidas de petróleo de Baku.

Em 31 de julho, enquanto Hitler apresentava aos comandantes militares o plano de invasão da Rússia, os britânicos davam um pequeno

passo para garantir sua posição no Mediterrâneo ao lançar a operação *Hurry*, em que o porta-aviões *Argus* partiu de Gibraltar rumo a um ponto ao largo da Sardenha, onde os doze aviões de combate que transportava levantaram voo e percorreram os 320 quilômetros até Malta, ilha britânica que era alvo de persistentes ataques aéreos italianos. A operação teve êxito quase absoluto, perturbada apenas pelo abatimento de um entre os doze pilotos, o tenente Keeble, num duelo com um avião inimigo. Seu adversário italiano também morreu no combate. Na Alemanha, na Grã-Bretanha, na França, até o armistício, e no Mediterrâneo, durante junho e julho de 1940, haviam morrido em combate 526 pilotos britânicos.

Hitler transmitiu uma nova diretiva relacionada àquilo que dissera ao almirante Raeder; ou seja, que uma ofensiva aérea bem-sucedida era pré-requisito essencial para o desembarque alemão na Grã-Bretanha. Datada de 1º de agosto, a diretiva ordenava uma “intensificação da guerra aérea” a partir do dia 5 daquele mês, que seria o “Dia da Águia” – os serviços secretos britânicos descobriram esse codinome, mas não seu significado. Os ataques visariam “principalmente a aviação e suas respectivas instalações no solo e rede de abastecimento, mas também a indústria aeronáutica, incluindo as fábricas de equipamentos antiaéreos”. Nesse dia, quando um piloto alemão comunicou a Göring que os aviões Spitfire britânicos com que se deparara no espaço aéreo inglês eram tão bons quanto os modelos alemães, Göring respondeu: “Se assim for, precisarei mandar fuzilar meu inspetor-geral da força aérea.” Este, exímio piloto da Primeira Guerra Mundial, Ernst Udet, que estava presente, sorriu educadamente, mas não esqueceu o insulto. Ofensa menos eficaz foi difundida por rádio, em 2 de agosto, por William Joyce, alcunhado como “lorde Haw-Haw” por seus ouvintes britânicos, devido ao forte sotaque. “A gloriosa força aérea britânica”, disse ele nessa noite na rádio Bremen, “estava tão ocupada largando bombas sobre campos e cemitérios alemães que não lhe sobrou tempo para a batalha da França”.

Os britânicos não estavam dispostos a deixar-se insultar ou vencer pela persuasão. Quando, em 2 de agosto, o rei Gustaf, da Suécia, ofereceu secretamente seus serviços de mediador a Hitler e ao rei George VI para

estabelecer contatos entre os dois países visando uma paz negociada, o rei britânico registrou em seu diário: “Até que a Alemanha esteja preparada para conviver pacificamente com seus vizinhos europeus, representará sempre uma ameaça. Precisamos ver-nos livres de seu espírito agressivo, de seus engenhos de guerra e das pessoas que foram ensinadas a servir-se deles.”

No dia seguinte, um grande contingente de tropas canadenses chegou à Grã-Bretanha, entre eles muitos cidadãos norte-americanos que se alistaram como voluntários. Em 4 de agosto, chegou mais um destacamento de tropas australianas. Dois dias depois, um contingente de pilotos e de tripulantes da força aérea vindos da Rodésia do Sul. As novidades não eram boas para os planos de invasão de Hitler, se é que continuava convencido de que sua força aérea conseguiria realmente criar as condições necessárias para um desembarque que não se deparasse com uma forte oposição a partir do ar. Em 5 de agosto, a ofensiva contra os alvos da força aérea britânica foi adiada devido ao mau tempo e foi submetido à apreciação de Hitler um plano visivelmente mais caro ao Führer, relacionado à Rússia e delineado pelo general Erich Marcks.

O plano previa um avanço das tropas alemãs até a linha Arcangel-Gorki-Rostov³ em que participariam 147 divisões, tendo Leningrado, Moscou e Kiev-Rostov como primeiros objetivos; 44 divisões seriam mantidas em reserva. A surpresa e a velocidade seriam a chave da vitória, que o general Marcks considerava possível alcançar nove a dezessete semanas após o início da ofensiva.

Em 8 de agosto, três dias após receber o plano de Marcks, Hitler ordenou ao coronel Warlimont que preparasse as zonas da Prússia Oriental e da Polônia ocupada de onde a ofensiva partiria: o mais importante era não fazer qualquer coisa que despertasse as suspeitas de Stálin, que, por sua vez, seria levado a crer que as tropas eram deslocadas para leste para fugirem ao alcance dos bombardeiros britânicos.

³ Ver mapa na página 252.



Pilotos de guerra alemães num aeroporto na França, à espera de serem enviados para a Inglaterra, agosto de 1940.

Ainda antes da ofensiva aérea prevista pela diretiva de Hitler de 1º de agosto, os combates sobre o território britânico sucediam-se diariamente, assim como o bombardeamento, pela aviação britânica, de alvos industriais alemães, especialmente no Ruhr. Em 8 de agosto, um tenente da força aérea polonesa foi abatido. “O desgraçado”, escreveu outro piloto polonês, “nunca mais verá a Polônia. Não estará presente em sua esquadrilha quando, um dia, com a ajuda de Deus, ela voltar ao aeródromo de Deblin. Bom, mas não foi o primeiro a morrer e, com certeza, não será o último”.

No dia seguinte, trezentos aviões alemães sobrevoaram o sudoeste da Inglaterra e a costa da Mancha. Tinham ordens para atacar as estações de radar de Portland e de Weymouth. No confronto com os aviões britânicos enviados para interceptá-los, dezoito entre estes foram abatidos. Em 11 e 12 de agosto, houve novos ataques a estações de radar. Eram os últimos preliminares à ofensiva principal: em 13 de agosto, com as defesas de radar da Grã-Bretanha ainda, ao menos em grande medida, intactas, a força aérea alemã lançou o “Dia da Águia”, quando onda após onda de aviões alemães, 1.485 ao todo, procuraram atingir as bases aéreas e as fábricas de aeronáutica que agora precisavam ser destruídas, e rapidamente, para proceder-se à invasão.

A batalha da Inglaterra

Agosto-setembro de 1940

O “**Dia da Águia**”, 13 de agosto de 1940, foi o início da quarta campanha militar alemã em menos de um ano, mas, ao contrário das três ofensivas anteriores, contra a Polônia, a Escandinávia, a França e os Países Baixos, essa ofensiva aérea não incluía quaisquer operações em terra. Desde o primeiro dia, os alemães surpreenderam-se com a perícia dos pilotos britânicos que enfrentavam. Entre os 1.485 aviões que atravessaram nesse dia o canal da Mancha, 45 foram abatidos, contra apenas treze aviões britânicos perdidos. Quase todos os tripulantes alemães que saltaram com paraquedas ou fizeram aterrissagens de emergência morreram ou foram capturados; entre os pilotos britânicos morreram apenas sete, tendo o restante conseguido chegar em segurança ao solo britânico. No segundo dia, o mau tempo limitou a quinhentos o número de aviões atacantes. Mesmo assim, 75 – ou seja, um número ainda maior do que na véspera – foram abatidos, contra 34 aviões britânicos. O mesmo aconteceu no terceiro dia, com setenta baixas alemãs contra 27 britânicas. Em três dias de combates aéreos, os alemães perderam 190 aparelhos. Porém, nos primeiros dez dias da ofensiva alemã, cem aviões britânicos foram destruídos no solo.

Enquanto a batalha da Grã-Bretanha prosseguia nos céus do sul da Inglaterra, os dirigentes políticos britânicos puderam saber exatamente o que estava em jogo nessa batalha, pois, em 14 de agosto, na sequência de um exame atento das mensagens Enigma, a Comissão Conjunta dos Serviços de Informações concluiu, sem grande margem para dúvidas, que as autoridades alemãs não tomaram, nem tomariam, uma decisão definitiva quanto à invasão “enquanto não conhecessem o resultado da presente luta pela supremacia aérea”.

Também nesse dia, a ilha assediada recebeu boas notícias vindas do outro lado do Atlântico, pois Roosevelt concordou em ceder à Grã-Bretanha cinquenta contratorpedeiros americanos em troca da utilização, pela frota americana, das bases britânicas no Caribe e no Atlântico Ocidental. Ironicamente, nesse dia o general Halder registrou em seu diário que o exército alemão procurava uma localidade na Prússia Oriental que pudesse servir como quartel-general para Hitler durante a invasão à Rússia.

Se 14 de agosto foi um dia de alívio para a Grã-Bretanha, no seguinte a força aérea alemã sujeitou sua força e sua tática à prova decisiva. Se aquele ataque fosse bem-sucedido, talvez ainda fosse possível lançar uma ofensiva antes das tempestades de outono. Em 15 de agosto, 520 bombardeiros e 1.270 aviões de combate alemães atravessaram a Mancha entre 11h30 e 18h30.



Um caça alemão abatido no sul da Inglaterra, agosto de 1940.

Setenta e cinco aviões alemães foram abatidos, contra uma perda britânica de 34 unidades. Era impossível aguentar por muito tempo tal proporção de baixas, mas, no dia seguinte, um ataque igualmente enérgico deparou-se com resistência idêntica, embora tenha conseguido destruir 47 aviões britânicos no solo de Brize Norton e treze em outras bases aéreas no sul da Inglaterra; o general Ismay, observando a evolução da batalha tal como era acompanhada a partir da sala de operações da seção No 11 do Comando da Aviação de Combate, recordou: “Durante toda a tarde, os combates foram intensos e, a dado momento, todas as esquadrilhas do grupo, sem exceção, encontravam-se no ar; não tínhamos reservas e a mesa do mapa mostrava novas ondas de atacantes a aproximarem-se da costa. Eu estava apavorado.”

Nesse dia, a oeste, o tenente da força aérea Eric James Nicolson, em patrulha num Hurricane sobre Southampton, foi atacado por três caças alemães. Com o avião atingido, estando ferido e a cabine dominada pelas chamas, ele atacou e derrubou um Messerschmidt antes de abandonar o avião. Permanecer por mais quatro minutos no avião causou-lhe graves queimaduras no rosto, no pescoço e nas pernas. Por essa ação, foi-lhe atribuída a cruz Victoria, sendo o único piloto a receber a mais alta condecoração por bravura durante a batalha da Inglaterra e durante toda a guerra. Uma placa assinala o local onde Nicolson, ferido, aterrissou com o paraquedas.

Em 17 de agosto, os alemães foram obrigados a reduzir a potência da ofensiva; alguns de seus aviões de combate, do modelo Stuka, revelaram-se vulneráveis demais e foram retirados das operações. Nessa noite, os bombardeiros britânicos atravessaram a Mancha e o mar do Norte no sentido oposto ao dos atacantes diurnos, bombardeando novamente refinarias de petróleo e fábricas de munições. Nesse dia, computou-se secretamente todas as baixas britânicas desde o primeiro dia de guerra: haviam morrido 8.266 marinheiros, 4.400 soldados e, como vítimas dos ataques aéreos alemães, 729 civis. O número de pilotos e de tripulantes mortos ou desaparecidos era 3.851. Sobre os ombros dos pilotos que restavam recaía o peso de mais um esforço alemão, realizado em 18 de agosto, para quebrar as defesas aéreas britânicas. Contudo, as perdas alemãs tornaram a ser importantes: 71 aviões abatidos contra 27 no lado britânico. Essa noite, como escreveu mais tarde um dos ases do ar

britânicos, Douglas Bader, “Göering reservou para dar repouso aos seus pilotos, lamber as feridas e avaliar os custos do ataque, que chegavam a 367 aviões destruídos”.

Não foram enviados aviões para atacar a Grã-Bretanha em 19 de agosto. “Eles estão cometendo um erro grave”, disse Churchill a um membro de seu secretariado, “em nos dar essa trégua”. No dia seguinte, na Câmara dos Comuns, o primeiro-ministro disse que a gratidão “de todos os lares de nossa ilha, de nosso império e, afinal, do mundo inteiro, exceto das moradas dos culpados, vai para os aviadores britânicos que, sem se intimidar por sua inferioridade numérica, incansáveis em seu desafio constante frente a um perigo mortal, mudam a maré da guerra com suas proezas e sua dedicação”. E acrescentou: “Nunca, no campo dos conflitos humanos, tantos deveram tanto a tão poucos.”

Nos cinco dias de intensos ataques aéreos entre 13 e 18 de agosto, Hitler não conseguira satisfazer a condição necessária à invasão; a saber, o aniquilamento da força aérea britânica. Churchill anunciava que os bombardeiros britânicos continuariam a alvejar as indústrias militares e as vias de comunicação alemãs, assim como as bases aéreas e os depósitos militares de onde partiam os ataques à Grã-Bretanha, que seriam bombardeados “com intensidade crescente até o fim da guerra, que em um ano poderá atingir proporções nunca sonhadas”. O bombardeamento da Alemanha, afirmou, era “o mais seguro”, senão o mais curto, “entre todos os caminhos para a vitória”.

Churchill não sabia que Hitler se preparava para uma ofensiva contra a Rússia, ainda que conhecesse essa probabilidade, mas queria que Hitler soubesse que a Grã-Bretanha não cruzaria os braços. “Mesmo que as legiões nazistas cheguem, triunfantes, ao mar Negro”, disse ele em seu discurso de 20 de agosto, “ou mesmo ao mar Cáspio, mesmo que Hitler esteja às portas da Índia, o avanço em nada adiantará se toda a organização econômica e científica do poderio militar alemão estiver esmagada, pulverizada, em seu território nacional”.



A BATALHA DA INGLATERRA E A BLITZ, AGOSTO-SETEMBRO DE 1940.

Aproveitando que a Grã-Bretanha se encontrava absorvida pela ofensiva aérea alemã, um contingente italiano ocupou Berbera, capital da Somália britânica em 19 de agosto. No dia seguinte, bombardeiros italianos atacaram Gibraltar. Eram meras alfinetadas, completamente eclipsadas por um fato muito mais importante: uma missão americana composta por três entre os principais membros do estado-maior chegou a Londres com a incumbência de coordenar, ao mais alto nível, as políticas inglesa e americana. O almirante Ghormley, o brigadeiro Strong e o general Emmons puderam imediatamente comprovar a falsidade de um recente relatório enviado a Roosevelt pelo embaixador americano em Londres, Joseph P. Kennedy, que falava sobre o “efeito devastador dos ataques aéreos alemães sobre os portos, os campos e a indústria de armamentos da Inglaterra”.

Alegadamente incumbidos de uma tarefa relativamente pouco importante, que consistia em discutir a padronização dos armamentos, os três americanos entabularam, na realidade, as primeiras conversações entre os estados-maiores da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos – um país beligerante e um país neutro, mas ambos unidos num propósito cada vez mais firme. Não apenas seus assuntos militares, navais e aéreos se interligavam cada vez mais intimamente como, no domínio dos serviços de informação, havia uma crescente consciência sobre a necessidade de partilhar os dados conhecidos. Como se confirmasse a observação de Churchill acerca dos “nazistas triunfantes no mar Negro”, Paul Thummel, oficial dos serviços secretos alemães e agente secreto britânico conhecido por A-54, comunicou, em 22 de agosto, ter sabido por outro oficial do estado-maior alemão que o departamento dos serviços secretos que tinha a seu cargo a zona russa sofrera, desde junho, expansão considerável, que as atividades de contraespionagem na Rússia seriam intensificadas e, na Romênia, reforçadas por especialistas nas regiões do sul da Ucrânia, da Crimeia e do Cáucaso.

A possibilidade de que a Alemanha invadissem a Rússia não podia, no entanto, suprimir os perigos presentes; em 23 de agosto, a força aérea alemã lançou sua quarta ofensiva maciça desde o “Dia da Águia”, dessa vez contra as fábricas britânicas de aeronáutica e os reservatórios de petróleo. Um grupo de cerca de doze bombardeiros, desviando-se da rota, largou suas bombas sobre Londres. Nove civis morreram. No dia

seguinte, numa experiência concebida para deter as forças invasoras antes que pudessem desembarcar, despejou-se gasolina no mar através de doze canos, cada um ao ritmo de uma tonelada por hora, e deitou-se fogo sobre o combustível, criando na praia e no mar uma barreira de chamas que nenhum invasor poderia vencer. Para animar o moral da população, deu-se à experiência publicidade considerável, mas seus autores perceberam que, quando o vento mudava, as colunas de fumaça negra e espessa eram empurradas para a praia, cegando e sufocando os potenciais defensores.

Ao fim da tarde de 25 de agosto, um grupo de bombardeiros britânicos atacou várias fábricas de armamento ao norte de Berlim; alguns pilotos, desorientados pelas nuvens baixas, desviaram-se da rota, como acontecera duas noites antes com os bombardeiros alemães que lançaram suas bombas sobre centro de Londres. “A concentração de artilharia antiaérea”, registrou em seu diário William Shirer, “era a maior que eu havia visto. Era um espetáculo magnífico e, ao mesmo tempo, terrível. E estranhamente ineficaz. Nenhum avião foi abatido nem sequer detectado pelos projetores, que percorriam freneticamente o céu noturno em todas as direções”.

Nessa noite, nenhum civil alemão morreu, mas os panfletos largados pelos bombardeiros avisavam aos poucos berlinenses que puderam apanhá-los de que “a guerra que Hitler iniciou continuará e durará enquanto Hitler durar”.

A 26 de agosto, foi lançado um novo ataque aéreo alemão contra os aeródromos britânicos no sul da Inglaterra; porém, pela primeira vez, todas as formações, exceto uma, foram rechaçadas pela eficaz interceptação dos aviões de combate britânicos. No dia seguinte, decifradores ingleses das mensagens Enigma puderam concluir, com segurança, que “do sucesso dessa operação dependerá a decisão relativa à invasão”. A questão não era apenas determinar a data da invasão, mas saber se os alemães invadiriam ou não a Grã-Bretanha.

Na noite de 28 de agosto, no decurso de um novo ataque aéreo a Berlim, que mais uma vez visava apenas alvos militares, morreram dez civis alemães. Na estrada que conduzia ao aeroporto de Tempelhof, registrou em seu diário William Shirer, “caíram no meio da calçada duas bombas de 45 quilogramas, arrancando uma perna de um vigilante da

defesa antiaérea, que estava à entrada de sua casa, e matando quatro homens e duas mulheres que assistiam imprudentemente ao bombardeamento no vão de uma porta”.

A força aérea alemã estava decidida a persistir em sua tentativa de destruição do poderio aéreo britânico. Em 30 de agosto, deu-se uma nova ofensiva de oitocentos aviões alemães contra os novecentos de comando operacional da aviação de combate no sul da Inglaterra. Sobre Biggin Hill, um entre os principais aeródromos atacados, dezessete aviões alemães foram abatidos, contra um único britânico, cujo piloto, saltando com o paraquedas, sobreviveu e voltou ao combate. Nessa noite, como se para demonstrar que a pressão da ofensiva não abrandaria, os bombardeiros alemães lançaram bombas incendiárias sobre Londres. Atravessando o canal da Mancha no sentido oposto, os aviões britânicos atacaram alvos militares em Berlim. “Os ingleses deram-nos uma boa surra ontem à noite”, registrou William Shirer, “e até os funcionários alemães admitem que os estragos foram maiores do que nunca. Um amigo visitou-me para dizer que a grande fábrica da Siemens havia sido atingida”.

Quando o final de agosto chegou, a batalha aérea da Grã-Bretanha durava duas semanas e meia e continuava sendo o principal foco das preocupações da opinião pública britânica e das esperanças entusiásticas dos alemães. Contudo, um perigo mais remoto estava constantemente presente no espírito dos membros do Gabinete de Guerra britânico: a vulnerabilidade de suas forças no Egito, que enfrentavam, havia mais de um mês, um exército italiano hostil estacionado na Líbia e que podia, a qualquer momento, passar à ofensiva. Para reforçar a posição britânica, embora com algum risco para a defesa terrestre da Grã-Bretanha, a marinha iniciou em 30 de agosto a operação Hats, enviando o couraçado *Valiant*, o porta-aviões *Illustrious* e vários outros navios de guerra de um extremo para o outro do Mediterrâneo, de Gibraltar para Alexandria, com aviões, armamento e munições. A viagem de seis dias completou-se sem qualquer interferência por parte das forças navais ou aéreas italianas.

No último dia do mês, deu-se uma nova ofensiva aérea alemã contra as bases operacionais da aviação de combate britânica; três aeródromos foram atacados e 39 aviões alemães foram abatidos. Nos dois dias seguintes, Biggin Hill foi novamente atacado. Houve também um

bombardeamento noturno a Londres em 2 de setembro, com o que coincidiu a divulgação da notícia de que haviam morrido 1.075 civis nos ataques aéreos ao longo do mês anterior. Melhor notícia referiu-se, no mesmo dia, à assinatura do acordo anglo-americano acerca das bases navais e dos contratorpedeiros; quatro dias mais tarde, os primeiros seis contratorpedeiros americanos foram entregues à Grã-Bretanha em Halifax, na Nova Escócia.

Em 3 de setembro, primeiro aniversário da declaração de guerra britânica à Alemanha, quatro espiões – um alemão e três holandeses – foram desembarcados no litoral sul da Grã-Bretanha com a missão de obter informações acerca das defesas costeiras e dos efetivos e movimentos do exército e da força aérea. Os quatro foram pegos poucas horas após desembarcarem, julgados em novembro e, três, enforcados em dezembro. O quarto homem, um holandês, continuou preso até o fim da guerra; a seguir, cumpriu uma pena de prisão na Holanda.

No dia seguinte, num discurso pronunciado em Berlim, Hitler anunciou a um público constituído principalmente por enfermeiras e por assistentes sociais que: “Quando eles declaram que intensificarão os ataques às nossas cidades, respondemos que vamos arrasar completamente suas cidades.” E acrescentou: “Virá o dia em que um acabará por ceder, e não será a Alemanha nacional-socialista a fazê-lo.” William Shirer, que assistiu ao discurso, escreveu em seu diário: “Embora tenha passado a maior parte do serão com uma expressão sombria e carregada de ódio, Hitler também teve seus momentos de humor e de animação.” Seus ouvintes acharam “muito divertido” quando disse que: “Na Inglaterra, andam todos cheios de curiosidade e não fazem outra coisa senão perguntar: ‘Por que ele não chega?’ Tenham calma. Tenham calma. Ele está chegando! Está chegando!”

No interrogatório a que foram submetidos, os quatro espiões que desembarcaram na Grã-Bretanha em 3 de setembro confirmaram seu papel de vanguarda das tropas invasoras, que, segundo afirmaram, podiam chegar a qualquer momento. Em 5 de setembro, a Unidade de Reconhecimento Fotográfico britânica registrou um aumento do número de barcas no porto de Ostende. No dia seguinte, o bombardeamento das instalações portuárias no litoral sul da Grã-Bretanha levou ao lançamento do alerta de invasão “Amarelo”: “Invasão provável nos próximos três

dias.” Os britânicos ignoravam que tais indícios não tinham significado ou eram deliberadamente enganadores; com efeito, novas divisões alemãs se puseram em movimento naquele dia, rumo à zona anexada da Polônia e à fronteira soviética, onde 35 divisões, sendo seis blindadas, encontravam-se reunidas. Os britânicos ignoravam igualmente que o general Halder pedira precisões a Hitler acerca do calendário de invasão. “A decisão do Führer sobre efetuar um desembarque na Inglaterra”, disse Raeder ao seu subordinado imediato, “ainda não é firme, muito longe disso, uma vez que o Führer tem a convicção de que a Inglaterra será derrotada sem que seja necessário um desembarque”. Hitler não tinha “qualquer intenção de ordenar o desembarque”, acrescentou Halder, “se o risco da operação fosse demasiado grande”.

Para garantir essa “derrota da Inglaterra”, e após atacar durante mais de três semanas as bases aéreas e os postos de comando britânicos, Hitler ordenava, agora, uma série de bombardeamentos tomando por alvo a cidade de Londres. Pouco antes das 16h de 7 de setembro, trezentos bombardeiros, escoltados por seiscentos aviões de combate, chegaram em duas ondas, com o objetivo de bombardear as docas de Londres. Na mesma tarde, enquanto os serviços secretos britânicos se esforçavam para interpretar o sentido do deslocamento de um grande número de barcas para bases avançadas do canal da Mancha, do cancelamento de todas as licenças no exército alemão para o dia seguinte e das respostas dos quatro espiões capturados aos interrogatórios – cuja tarefa consistiria, segundo se julgava, em transmitir informações sobre a movimentação de todas as formações de reserva britânicas para o quadrilátero Oxford-Ipswich-Londres-Reading – parecia tornar-se subitamente claro que a invasão era iminente. A dedução foi comunicada aos chefes do estado-maior às 17h30.

Enquanto os chefes do estado-maior discutiam tão sombria perspectiva, os bombardeiros alemães mantinham seu ataque maciço, numa ofensiva enfrentada por todos os aviões que restavam na força de combate britânica. “Combates aéreos durante toda a tarde sobre nossas cabeças”, registrou em seu diário um oficial canadense. “A dado momento, contei 24 paraquedas descendo ao mesmo tempo.”

Nessas tarde e noite, foram jogadas sobre Londres 337 toneladas de bombas. As docas eram o alvo principal, mas muitas caíram em zonas

residenciais mais próximas. Morreram 448 civis. Os bombardeiros, ao visarem o porto, lançavam bombas em algumas entre as ruas mais pobres e povoadas de Londres, cujos prédios e barracos eram mais vulneráveis do que a maioria dos edifícios ao impacto das bombas e aos incêndios subsequentes. Nem todas as mortes foram, porém, causadas pelas bombas; um avião de combate britânico, abatido quando, por seu turno, abatia um bombardeiro alemão, caiu, após seu piloto saltar com o paraquedas, sobre um abrigo aéreo familiar. Os três ocupantes do abrigo morreram imediatamente.

Às 20h07, quando o bombardeamento estava no auge, transmitiu-se a todas as unidades do território britânico o codinome “Cromwell”. O código era claro: a invasão começaria.

Por toda a parte, os sinos das igrejas tocaram, como sinal de que a invasão era iminente. Todas as forças defensivas deviam estar preparadas para uma “ação imediata”. “Ninguém pode sair do quartel”, escreveu Tony Foster em seu diário. “Espera-se que a invasão ocorra amanhã. Estamos prontos para avançar em uma hora.”



A Batalha da Inglaterra: rastros de fumaça da batalha no céu de Londres, 6 de setembro de 1940.

Durante a manhã de 8 de setembro, esperava-se a invasão alemã de um momento para o outro. Porém, não estava marcado, sequer previsto para breve, qualquer movimento. Tudo dependia do resultado final de uma nova batalha aérea: o bombardeamento direto da capital. No entanto, a força aérea alemã, não tendo conseguido aniquilar a aviação de combate britânica nas três semanas seguintes ao “Dia da Águia”, sofria consideravelmente com a capacidade revelada pelos pilotos britânicos em enfrentar as sucessivas ondas de bombardeiros e as respectivas escoltas. Naquele dia, quando duzentos bombardeiros alemães atacaram as centrais elétricas e as comunicações ferroviárias de Londres, foram abatidos 88 aviões alemães contra apenas 21 britânicos. Nessa tarde, Churchill foi levado para um abrigo aéreo no East End, em Londres, onde quarenta pessoas haviam morrido na noite anterior. “Foi bom ter vindo, Winnie”, diziam os sobreviventes apinhados à volta dele. “Já contávamos que viesse. Nós aguentamos. Pague-lhes na mesma moeda!”

Os pilotos de combate poloneses, tchecos e canadenses estavam tão ansiosos para varrer dos céus o inimigo quanto seus camaradas britânicos. Em 9 de setembro, quando chegaram ao litoral da Grã-Bretanha, quatrocentos aviões alemães defrontaram-se com mais de duzentos aviões de combate britânicos; na batalha aérea, 28 aviões alemães foram abatidos contra dezenove aviões de combate britânicos, mas os londrinos, cujas casas eram bombardeadas, viviam numa grande ansiedade quanto ao desenlace da batalha. “Na zona das docas”, dizia um relatório do Serviço de Informações do Interior, “a população dá sinais claros de esgotamento nervoso em consequência das provações constantes a que é sujeita”. Nesse dia, o rei George VI foi informado sobre o momento difícil por que passava o East End e resolveu visitar imediatamente o cenário da devastação, garantindo às vítimas abaladas por duas noites consecutivas de terror que podiam contar com a solidariedade de todos os seus compatriotas.

A Blitz londrina, como ficou conhecida, prosseguiu em 10 de setembro. “A tensão aumenta em toda a parte”, declarava um relatório do Serviço de Informações do Interior, “e, quando se ouve a sirene, as pessoas correm desesperadamente, muito pálidas, para o abrigo mais próximo”. Ao meio-dia, foi comunicado ao Gabinete de Guerra que o bombardeamento nas duas noites anteriores havia sido “totalmente

indiscriminado”. E ficou decidido que, como medida de retaliação, os bombardeiros britânicos enviados à Alemanha receberiam instruções para “não regressarem à base com as respectivas bombas mesmo que não localizassem os alvos que tinham ordens para atacar”. As bombas deviam ser largadas em qualquer lugar. Nessa noite, os bombardeiros britânicos atacaram Berlim com força e uma das bombas caiu no jardim de Josef Goebbels.

Em 11 de setembro, numa nova inflexão das suas ambições do Ocidente para o Leste, Hitler decidiu enviar para a Romênia missões do exército e da força aérea. Sua tarefa consistiria em proteger os poços e as refinarias de petróleo romenos e em preparar seus recursos para serem utilizados em futuras operações contra a Rússia. Cinco dias antes, o rei Carol abdicara a favor de seu filho, entregando o poder efetivo ao marechal Antonescu, cujas simpatias pró-germânicas eram conhecidas e cujo desejo por recuperar a província oriental da Bessarábia só podia ser satisfeito mediante uma aliança com a Alemanha.

Não apenas o porto de Londres, mas também de Liverpool, de Swansea e de Bristol foram alvo de bombardeamentos alemães na noite de 12 de setembro. Um dos bombardeiros, em seu voo de regresso, caiu sobre uma casa de Newport. Quando a casa se incendiou, uma moça judia de 14 anos, Myrtle Phillips, ficou presa entre as chamas. Seu irmão Malcolm, de 17 anos, entrou na casa para salvá-la. Ambos pereceram. O pai, um pacifista convicto, visitou, no hospital da cidade, o piloto alemão, único sobrevivente de uma tripulação de quatro homens, para assegurar-lhe que a morte trágica dos filhos não fora culpa sua, mas parte das muitas injustiças horríveis da guerra.

Em 13 de setembro, os italianos atravessaram a fronteira da Líbia com o Egito, ocupando Sollum. A Grã-Bretanha era ameaçada em duas frentes. Porém, no dia seguinte, Hitler explicou aos seus comandantes militares que as condições prévias para uma invasão da Grã-Bretanha “ainda não estavam reunidas”. O bombardeamento de Londres devia prosseguir. “Se oito milhões de habitantes enlouquecerem”, comentou Hitler, “podemos ser levados a uma catástrofe. Se tivermos bom tempo e conseguirmos neutralizar a força aérea inimiga, até uma invasão em pequena escala pode operar maravilhas”.

Não era, no entanto, a força aérea britânica, mas a alemã, que era “neutralizada”. Em 12 de setembro, Churchill declarou: “Não há dúvida de que Herr Hitler está gastando seus aviões de combate a um ritmo extremamente rápido e, se assim continuar durante muitas semanas, desgastará e destruirá uma parte vital de sua força aérea.” Três dias depois, a força aérea alemã lançava uma ofensiva maciça, de 230 bombardeiros e setecentos aviões de combate, contra Londres, Southampton, Bristol, Cardiff, Liverpool e Manchester. Da força atacante, 56 aviões foram abatidos, contra apenas 23 britânicos.

Um dos aviões alemães caiu no pátio da estação de trem de Victoria. Seu piloto, Robert Zehbe, caiu em Kennington. Gravemente ferido, foi atacado por civis desesperados, mas salvo pelas autoridades. Morreu, mais tarde, em consequência dos ferimentos. Embora 1.419 civis britânicos houvessem morrido em consequência dos bombardeamentos na segunda semana de agosto, sendo 1.286 em Londres, o desgaste aéreo de que Churchill falara convertia num autêntico pesadelo aos planos de Hitler para o Ocidente. No dia seguinte, no âmbito do plano britânico para destruir o maior número possível das barcas a postos para a invasão, um grupo de pilotos poloneses atacou o porto de Boulogne. “Nossos rapazes mergulharam como desvairados”, escreveu em seu diário um tenente da força aérea polonesa, “destruindo completamente a doca No 6 junto com dúzias de barcos preparados para a invasão”.

Em 17 de setembro, Hitler adiou “para mais tarde” a invasão da Grã-Bretanha, dizendo ao seu ajudante de ordens da marinha, tenente Karl von Puttkammer: “Conquistamos a França à custa de trinta mil baixas. Na noite da travessia do canal da Mancha, poderíamos perder muitos outros homens – e o êxito não está garantido.” A Blitz prosseguiria, mas a batalha da Grã-Bretanha estava, para todos os efeitos, perdida. Os britânicos continuariam sofrendo, mas não sucumbiriam. O bramido dos tanques Panzer alemães, o silvo dos bombardeiros de mergulho e a marcha dos soldados alemães – que haviam levado os horrores da conquista e o flagelo da ocupação a Polônia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França – não chegariam à Grã-Bretanha.

“A guerra está ganha!” (Hitler)

Outubro de 1940

O fracasso do plano de Hitler para debilitar a força aérea britânica a ponto de possibilitar uma invasão não pôs termo ao conflito entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, nem à sua dureza. Em 17 de setembro, data da verdadeira derrota de Hitler nos céus, 77 crianças britânicas, e 217 adultos, afogaram-se quando o navio que os levava para o Canadá, o *City of Benares*, foi torpedeado em pleno Atlântico. Uma das crianças, Colin Ryder-Richardson, de 11 anos, fez o possível por salvar sua ama. “Não conseguia largá-la quando ela morreu”, recordou ele mais tarde, “e outras pessoas tiveram de tirá-la de meus braços”. O rapaz recebeu o King’s Award for Bravery, nunca antes concedido a uma pessoa tão nova. Foi também recompensada a coragem de vários membros da tripulação e de acompanhantes civis, entre os quais o hospedeiro George Purvis, que salvou quatro crianças e uma de suas acompanhantes, Mary Cornish, que, juntamente com outros 46 adultos e seis crianças, ficou à deriva durante oito dias num bote salva-vidas até serem recolhidos por outro navio.

Na guerra de espionagem, os alemães saíam-se bastante mal. Em 19 de setembro, seu agente galês, Arthur Owens, que na realidade trabalhava para os britânicos desde o início da guerra, um ano antes, começou a transmitir uma série de relatórios em que recomendava alvos para os bombardeiros alemães. As mensagens haviam sido preparadas pelo serviço de informações da Aeronáutica. Nesse dia, os alemães lançaram de paraquedas um novo agente, Wulf Schmidt. Preso, sujeito a interrogatório, persuadido a mudar sua lealdade e recebendo o codinome Tate, Schmidt enviaria, em duas semanas, sua primeira mensagem como agente duplo. Os alemães consideraram a espionagem de Schmidt e seu

trabalho como “pagador” dos outros espiões – todos eles agentes duplos – tão proveitoso que ele recebeu a cruz de ferro de Primeira Classe.

Eram inúmeras as proezas dignas de distinção: em 21 de setembro, um oficial canadense, o tenente J. M. S. Patton, sem qualquer conhecimento sobre o assunto, removeu pessoalmente uma bomba da fábrica onde caíra, recebendo pela tarefa a cruz George. Seu compatriota, capitão D. W. Cunningham, que o ajudou a carregar a bomba num caminhão para longe dali, recebeu a medalha George. Nos quarenta dias decorridos desde o “Dia da Águia”, haviam sido lançadas sobre a Grã-Bretanha quinze mil toneladas de bombas.

A Grã-Bretanha e a França estavam prestes a lançar sua primeira ofensiva. Em 23 de setembro, forças combinadas francesas e britânicas levaram a cabo a operação Menace, que objetivava a ocupação, que se esperava ser pacífica, do porto de Dacar, controlado por Vichy, como primeiro passo para conquistar a África Ocidental francesa para a causa da França Livre. Contrariando as expectativas dos atacantes, as autoridades nomeadas por Vichy não apenas recusaram-se a transferir sua lealdade para De Gaulle como abriram fogo contra os navios britânicos. A guarnição de Dacar tinha ao seu dispor uma arma formidável, o couraçado *Richelieu*, que abriu fogo com seus canhões de quinze polegadas nunca antes usados em combate. Após atingirem dois navios de guerra britânicos, o cruzador *Cumberland* e o couraçado *Resolution*, a operação foi cancelada. Insistir no desembarque, explicou Churchill a Roosevelt, “significaria amarrar-nos a um compromisso excessivo, se considerarmos o que já temos em mãos”.

Na semana que terminou a 26 de setembro, como a Blitz prosseguiu apesar das pesadas baixas infligidas à força aérea alemã, morreram mais de 1.500 civis britânicos, sendo 1.300 moradores de Londres; o total de baixas civis naquele mês ascendia a 6.954.

Na Europa ocupada pelos alemães, o sofrimento da população não conhecia trégua, pois os incidentes de terror sucediam-se quase diariamente. Em 19 de setembro, centenas de poloneses haviam sido presos em Varsóvia e enviados para trabalhos forçados, que significavam uma morte quase certa – parte seguiu para as pedreiras de Mauthausen, parte para as celas de Auschwitz. No dia seguinte, um oficial da SS, Philip Schmitt, recebia seus primeiros quinze presos belgas num novo

campo penal, Fort Breedonk, num subúrbio ao sul da Antuérpia. Em 22 de setembro, em Poznan, capital da região anexada da Polônia Ocidental, o *Gauleiter* Arthur Greiser comunicou a todos os funcionários alemães sob a sua autoridade: “É preciso que as relações com os poloneses sejam estritamente limitadas às necessidades surgidas no domínio da economia e dos serviços.” Todo alemão que mantiver relações alheias ao trabalho desses poloneses “será colocado sob prisão preventiva”. As polonesas que tiverem relações sexuais com um membro da comunidade alemã “poderão ser enviadas para bordéis”. “Sabemos”, escreveu William Shirer em seu diário nesse dia, “que Himmler mandou enforcar sem julgamento pelo menos um polonês por ter relações sexuais com uma mulher alemã”.

A produção das propriedades rurais polonesas devia ser colocada, antes de tudo o mais, à disposição dos alemães; quando os agricultores se recusavam a obedecer, os castigos eram drásticos. Em 30 de setembro, um edital afixado em Sochaczew comunicava aos habitantes do lugar que “o moleiro Niedzinski desrespeitou o regulamento que obriga a fornecer alimentos ao governo-geral, pelo que seu moinho de Kuklowka, próximo de Radziejowice, foi incendiado”.

O isolamento dos judeus se alastrava não apenas na Polônia, mas em toda a Europa. Havia sido introduzidas, em 10 de agosto, medidas antijudaicas na Romênia. Em 27 do mesmo mês, o governo do marechal Pétain revogara um decreto anterior à guerra que proibia todos os incitamentos ao ódio racial. Em Luxemburgo, em 5 de setembro, as autoridades alemãs puseram em vigor as Leis de Nuremberg, de 1935, transformando os judeus em cidadãos de segunda categoria, e expropriaram todas as 355 empresas que pertenciam aos mesmos. Para os não judeus, a noite de 24 de setembro foi marcada pela primeira exibição do filme *Jud Süß*, cuja produção Goebbels acompanhara com grande interesse. O filme, distorcendo deliberada e grosseiramente um episódio histórico, apresentava os judeus como duplamente perigosos: primeiro, havia os judeus do gueto, fisicamente repugnantes, com seus sotaques “semitas” grotescos, que podiam ser facilmente reconhecidos; depois, havia outros, muito mais perigosos, sofisticados e influentes, como o judeu Süß, para quem nenhuma infâmia era demasiada se servisse à sua ambição por dinheiro e poder.

Impregnada de ódio, essa versão nazista de um episódio histórico foi exibida nos cinemas de toda a Alemanha e da Europa ocupada, bem como em sessões especiais destinadas à Juventude Hitleriana. Em 30 de setembro, Himmler ordenou pessoalmente que todos os membros da polícia e da SS vissem o filme durante o inverno. Até o mundo do cinema e do espetáculo via-se obrigado a servir ao ódio racial.

O fator econômico era um componente da política de terror nazista: as casas, os negócios, as propriedades e mesmo os objetos pessoais das vítimas eram transformados em lucro. Em 23 de setembro, em sua qualidade de dirigente da SS, Himmler assinou um decreto ordenando que “todos os dentes e próteses dentárias de ouro fossem retirados dos internados nos campos”. Do cumprimento da ordem, conhecida como operação Dente, foi encarregado o tenente-coronel da SS Hermann Pook. Quando chegavam aos campos de concentração, os internados eram examinados em busca de ouro nos dentes. Se algum era encontrado, fazia-se uma pequena tatuagem na parte superior do braço esquerdo para fácil identificação no necrotério. Ao mesmo tempo, era preenchida uma ficha com a localização da prótese e de seu eventual peso em ouro. Milhões dessas fichas foram recuperadas pelos aliados no fim da guerra.

O ouro recolhido na operação Dente era enviado para o banco central do Reich e creditado ao Departamento Econômico e Administrativo da SS, que também dirigia o trabalho escravo em pedreiras, serrações e fábricas têxteis por toda a Europa ocupada.

Os britânicos bombardeavam Berlim quase todas as noites. Em 24 de setembro, William Shirer registrou que o ataque aéreo na noite anterior havia atingido “algumas fábricas importantes ao norte da cidade, uma extensa fábrica de gás” e dois grandes depósitos das estradas de ferro. O Dr. Goebbels, que jantava no hotel Adlon com o ministro das Relações Exteriores espanhol e uma grande comitiva de dignitários, teve de terminar o encontro no abrigo do hotel. No dia seguinte, o ataque foi ainda mais intenso e prolongado: cinco horas de bombardeamento. “Os britânicos deviam repetir os ataques todas as noites”, escreveu Shirer. “Não importa que pouco seja destruído. Os estragos de ontem à noite não foram grandes. Mas o efeito psicológico foi tremendo.”

Enquanto sua capital era bombardeada, os alemães impunham sua vontade em outro ponto do mapa. Em 25 de setembro, o administrador alemão da Noruega, comissário Terboven, passando por cima dos noruegueses com quem negociava a formação de um conselho de Estado, demitiu o conselho administrativo então em vigor e nomeou um novo governo formado por simpatizantes nazistas. Quase em seguida foi criada uma “Frente Norueguesa”, que pretendia ser um amplo foco de resistência, cobrindo todo o território nacional. “A primeira impressão”, escreveu um norueguês, “de ressentimento, tristeza e amargura por aquelas negociações vergonhosas, deu lugar a uma libertadora sensação de alívio. Respirávamos um ar mais puro porque, pelo menos, a situação clareara: a resistência era o único caminho a seguir, por mais longo e difícil que fosse”.

No extremo Oriente, houve, na última semana de setembro, uma intensificação das divergências entre as forças em confronto. Em 25 de setembro, os Estados Unidos anunciaram um novo empréstimo à China; os americanos continuariam, portanto, a apoiar o general Chiang Kai-Chek em sua luta contra o Japão. No dia seguinte, ampliaram as licenças de exportação para o Japão a todos os tipos de ferro e de aço usados. Em 27 de setembro, a Alemanha, a Itália e o Japão firmavam o Pacto Tripartite, estendendo até o extremo Oriente o eixo Roma-Berlim, defendendo a criação de uma Nova Ordem na Europa e na Ásia e obrigando cada parte a prestar auxílio às restantes se fosse atacada por uma potência não envolvida na guerra na Europa: ou seja, pelos Estados Unidos. Em 8 de outubro, a Grã-Bretanha reabriu a rota da Birmânia por onde a China recebia boa parte de seus abastecimentos.

A partir de 27 de setembro, os judeus da zona ocupada da França foram obrigados a usar carteiras de identidade com uma marca especial e, caso possuíssem lojas, a pôr na vitrine um cartaz amarelo e preto com os dizeres “Loja judaica”. No dia seguinte, foram retiradas das livrarias francesas as obras de 842 autores, incluindo escritores e emigrados judeus e patriotas franceses. No final do mês, chegou a Paris Theo Dannecker, de 27 anos. Sua missão consistia em criar um departamento

judaico dos Serviços Centrais de Segurança de Berlim, diretamente dependente de seu superior na capital, Adolf Eichmann. Os judeus eram obrigados a registrar-se, por ordem alfabética, nas estações de polícia francesas, onde tinham de declarar seu endereço, sua nacionalidade e sua profissão. Henri Bergson, que morreria meses depois, escreveu em sua ficha: “Acadêmico. Filósofo. Prêmio Nobel. Judeu.”

Em 30 de setembro, três agentes alemães, dois homens e uma mulher, desembarcaram na costa da Escócia para ser capturados nas 48 horas seguintes e levados a tribunal. Os dois homens, Karl Drugge e Robert Petter, foram enforcados. Porém, em outros lugares, o outono e o inverno de 1940 foram um tempo de importantes êxitos alemães. Em outubro, doze submarinos alemães, atuando em “matilhas” a partir da região ocupada do litoral atlântico francês, já livres dos perigos do mar do Norte e do canal da Mancha, afundaram 32 navios mercantes aliados. Mais tarde, os alemães designariam o período como “o ano da abundância”.

Em 1º de outubro, o exército alemão iniciou a operação Otto, um programa de construção e melhoramento das rodovias e ferrovias que conduziam à fronteira soviética. Na margem ocidental do rio Bug foi instalada uma “linha Otto”, utilizando o trabalho forçado de judeus de várias cidades da Polônia e da Eslovênia, levados para o local. Um entre os campos criados como base de trabalho para a “linha Otto” ficava em Belzec, uma aldeia polonesa na fronteira leste da Grande Alemanha.

Em outubro de 1940, Alfred Rosenberg criou, nos países ocupados, uma força para transportar para a Alemanha objetos culturais valiosos. Mais de cinco mil telas, incluindo obras de Rembrandt, Rubens, Goya, Gainsborough e Fragonard, foram retiradas de museus e de casas particulares, junto com milhares de porcelanas, bronzes, moedas antigas, ícones e móveis dos séculos XVII e XVIII. Em Frankfurt, Rosenberg criou um Instituto de Investigação da Questão Judaica, declarando, no discurso inaugural: “A Alemanha somente dará por resolvida a Questão Judaica quando o último judeu houver abandonado o espaço vital alemão.” Entretanto, os “bens judaicos sem dono” podiam ser distribuídos livremente, como, por exemplo, centenas de casas e de lojas na França, na Bélgica e na Holanda.

Em 3 de outubro, os 150 mil judeus de Varsóvia que não viviam nas zonas predominantemente judaicas receberam ordens para se mudar para o bairro judeu, que deveria ser cercado com muros, forçando quatrocentos mil judeus a viverem no espaço já superpopuloso quando ali residiam 250 mil. Os judeus obrigados à mudança só poderiam levar consigo o que fossem capazes de carregar nas costas ou em carrinhos de mão. Os outros pertences – móveis mais pesados, utensílios, fornos de cozinha e de aquecimento, os objetos das lojas, o gado – teriam de ser abandonados. Mais de cem mil poloneses que viviam na área designada como gueto viam-se também obrigados a mudar de casa e a abandonar todos os bens que não pudessem levar.

“Reinava uma melancolia negra”, escreveu em seu diário o historiador Ringelblum, que vivia no bairro judeu, quando foi divulgada a ordem de mudança. “A dona da casa” – uma senhora polonesa católica – “vive aqui há 37 anos e, agora, tem de deixar para trás sua mobília. Milhares de estabelecimentos cristãos declararão falência”. No dia seguinte, os judeus dos subúrbios de Praga, bairro de Varsóvia, na margem oposta do rio Vístula, foram expulsos de suas casas e receberam ordem para se instalar no novo gueto. “Hoje foi um dia pavoroso”, escreveu Ringelblum, “a imagem daqueles judeus a carregarem seus velhos trapos e roupas de cama causava uma impressão horrível. Embora proibidos, alguns judeus levaram mobílias”.

“A guerra está ganha!”, disse Hitler a Mussolini quando se encontraram em Brenner, em 4 de outubro. “É apenas uma questão de tempo.” O povo britânico estava submetido a “uma tensão desumana”; apenas a esperança do auxílio americano e russo mantinha-os na guerra. No dia seguinte, não resistindo à perda de 433 aviões de combate desde o “Dia da Águia”, 13 de agosto, Hitler ordenou a suspensão dos ataques diurnos à Grã-Bretanha, inaugurando um período de ataques aéreos exclusivamente noturno. Centenas de milhares de londrinos dormiam, por questão de segurança, nas estações e nos túneis mais fundos do metrô; um túnel com quase dois quilômetros de comprimento, que ligava as estações Bethnal Green e Liverpool, dava abrigo a cerca de quatro mil pessoas. Centenas de milhares de crianças foram removidas de Londres para o campo; em meados de outubro, esse número atingia 489 mil.

Em 7 de outubro, as tropas alemãs entraram na Romênia; mais um passo para a conquista dos objetivos de Hitler, que pretendia criar uma frente oriental contínua contra a Rússia. Cinco dias depois, o Führer ordenou que a operação Sealion fosse abandonada, exceto como manobra para afastar a atenção russa dos preparativos para a guerra contra eles.

Os prisioneiros de guerra britânicos em território francês buscavam meios para fugir. Em 10 de outubro, um jovem oficial subalterno, Jimmy Langley, capturado em Dunquerque com graves ferimentos na cabeça e em um braço, fugiu de um hospital em Lille enquanto ainda sofria com uma infecção resultante da amputação do braço esquerdo. Uma família francesa que vivia a cerca de 1,5 quilômetro do hospital acolheu-o, dando-lhe roupas e abrigo por uma noite. Algumas semanas depois, estava em Marselha, na França de Vichy, regressando daí para a Grã-Bretanha.

Langley desempenharia em breve um destacado papel, dirigindo de Londres o difícil trabalho de fuga, evasão e regresso à Grã-Bretanha de centenas de prisioneiros de guerra e aviadores. O trabalho não consistia apenas no salvamento: cada soldado, marinheiro ou aviador que regressava trazia conhecimentos e informações preciosos acerca das forças terrestres, navais e aéreas alemãs e da vida civil na Grande Alemanha.

Para os aviadores abatidos no combate aéreo sobre a Grã-Bretanha e que sofriam sérias queimaduras, foi criada uma unidade especial em East Grinstead, chefiada pelo cirurgião plástico neozelandês Archibald McIndoe, onde embarcavam no longo, doloroso e desfigurante processo de recuperação, que seria impossível sem o esforço e a dedicação dessa equipe. Em cinco anos e meio, foram tratados em East Grinstead 4.500 aviadores, entre os quais duzentos necessitaram de reconstrução total da face e das mãos.



A *Blitz* de Londres: a estação de metrô de Balham após um bombardeio alemão, 15 de outubro de 1940.

Em 12 de outubro, o presidente Roosevelt discursou em Dayton, Ohio. “Nosso caminho é claro”, disse ele. “A decisão está tomada. Continuaremos a reforçar nossas defesas e nossos armamentos. Continuaremos a auxiliar aqueles que resistem à agressão e que mantêm os agressores afastados de nossa costa.” Em Lashio, na Birmânia, com a reabertura do caminho por onde a China recebia abastecimentos, cinco mil chineses haviam, na véspera, carregado vinte milhões de dólares em combustível antidetonante, asas de avião, canos de espingarda e algodão cru em dois mil caminhões americanos. Embora Roosevelt não fizesse qualquer referência ao fato em seu discurso, era evidente que a China não seria abandonada.

Sobre a Blitz, Roosevelt disse aos seus ouvintes: “Os homens e as mulheres da Grã-Bretanha mostraram como as pessoas livres defendem o que sabem ser justo. Sua defesa heroica ficará marcada para sempre na história da humanidade. Será o testemunho eterno de que a democracia, quando posta à prova, sabe mostrar de que é feita.” Hitler tinha uma opinião diferente: “Os britânicos podem proclamar o que quiserem”, disse ele a um ministro italiano que visitava a Alemanha, em 14 de outubro, “mas a situação em Londres é certamente horrível”. Nesse dia, à hora de almoço em Londres, os atores de uma companhia de teatro que estreará um espetáculo na véspera, mas cujos camarins haviam sido bombardeados durante a noite, vestiram-se no palco para sua segunda atuação. O espetáculo durava uma hora e era uma seleção de cenas das peças de Shakespeare. “Shakespeare vence Hitler” foi a manchete na primeira página do *Daily Express* naquele dia.

Hitler não acreditava que o houvessem vencido. Na conversa com o visitante italiano, disse: “Vamos esperar e ver como Londres estará daqui a dois ou três meses. Se não posso invadir o país, posso, pelo menos, destruir toda a sua indústria!” Na noite seguinte, o mais intenso ataque aéreo até então representou um duro golpe sobre os habitantes de Londres. Houve cerca de novecentos incêndios. Dezenas de abrigos foram atingidos. Uma bomba abriu um grande buraco no teto da estação de Balham; entre as seiscentas pessoas ali abrigadas, 64 morreram soterradas em terra e cascalho. Das 20h às 5h, choveram bombas. Quando o novo dia chegou, haviam morrido quatrocentos londrinos.

Na noite seguinte, de 16 de outubro, os bombardeiros britânicos atacaram a base naval alemã de Kiel. O governo britânico decidira que, se o mau tempo impossibilitasse o ataque a alvos específicos, os bombardeiros deveriam largar suas bombas sobre grandes cidades como Berlim e que a população deveria ser informada sobre essa nova opção para que a opinião pública não fosse perturbada pela ideia de falta de eficácia nos bombardeamentos.

Nos Estados Unidos, 16 de outubro foi o primeiro dia de inscrições sob a Lei de Treinamento Militar Seletivo, quando se inscreveram mais de dezesseis milhões de homens. “Estamos mobilizando nossos cidadãos”, declarou Roosevelt numa comunicação por rádio, “como um apelo para que homens, mulheres, bens e dinheiro contribuam para a eficácia de nossa defesa”.

Um exemplo inesperado da eficácia da defesa americana surgiu no próprio dia em que Roosevelt dizia essas palavras, com a detenção de George Armstrong, marinheiro mercante britânico que abandonara seu navio em Boston, fora ao consulado alemão em Nova York e regressara ao porto para obter informações acerca dos navios que se preparavam para atravessar o Atlântico. Capturado antes de iniciar sua missão, foi deportado para a Grã-Bretanha e tornou-se o primeiro cidadão britânico a ser julgado por espionagem desde o início da guerra. Foi considerado culpado e enforcado.

A missão não concretizada de Armstrong chamou a atenção para os perigos da travessia do Atlântico por navios mercantes. No dia seguinte à prisão de Armstrong, seis submarinos alemães, reunidos numa “matilha”, atacaram e afundaram vinte embarcações de um comboio de codinome SC 7 – numa abreviatura para “comboio lento” –, que transportava, em 35 navios, material de guerra saído de Sidney, Nova Escócia, para a Grã-Bretanha. No dia seguinte, os mesmos seis submarinos atacaram um segundo comboio, o HX 79 – abreviatura proveniente de Halifax –, de 49 navios, afundando doze. Em dois dias, haviam sido destruídas 152 mil toneladas em navios. Entre os comandantes de submarinos responsáveis por tal devastação estavam Gunther Prien, que havia afundado o *Royal Oak*, e Heinrich Bleichrodt, cujos torpedos afundaram o *City of Benares* quase um mês antes. Enquanto os submarinos vitoriosos regressavam à base em Lorient, na costa atlântica francesa, os bombardeiros alemães

efetuavam seu centésimo ataque aéreo, visando a cidade portuária de Liverpool, uma das portas da Grã-Bretanha para o Atlântico.

Dali partiu o transatlântico *Empress of Britain*, com destino ao Canadá, na terceira semana de outubro. Vítima de um ataque aéreo quando estava a 240 quilômetros da costa irlandesa, perdeu cinquenta tripulantes e passageiros. Os sobreviventes foram recolhidos por outro navio, sendo o transatlântico rebocado para a Grã-Bretanha. Contudo, foi torpedeado ainda nesse dia por um submarino alemão e afundou.

Nem todos os submarinos alemães conseguiam, porém, fugir ilesos do teatro de suas depredações; quatro dias depois do afundamento dos comboios SC 7 e HX 79, um submarino alemão, o U-32, foi obrigado, mediante o uso de cargas explosivas de profundidade, a vir à tona. Seu comandante, Hans Jenisch, foi o primeiro ás no uso dos submarinos alemães a ser capturado. Tanto ele quanto sua tripulação foram submetidos a interrogatório. “Os prisioneiros eram nazistas fanáticos”, registrou em seu relatório o inquiridor britânico, “e odiavam intensamente os ingleses, o que não era tão evidente em casos anteriores. São partidários de uma guerra total e mostram-se dispostos a desconsiderar a violência agressora, as atrocidades, as violações de tratados e outros crimes, considerando-os necessários ao controle da Europa pela raça germânica”.

Os êxitos alemães em 1940, acrescentava o autor do relatório, “parecem ter arraigado em seus espíritos a ideia de que Hitler é não apenas um deus, mas o único Deus”.

Na Europa ocupada, a tirania era cada vez mais apertada. Em 20 de outubro, Arthur Greiser disse aos seus funcionários na província de Wartheland, no leste da Alemanha, que “o polonês não pode ser senão um elemento servil” e reiterou seu apelo “à firmeza; mostrai-vos inflexíveis, sempre inflexíveis”. Dois dias depois, mais de cinco mil judeus alemães das províncias ocidentais de Baden, Saar e Palatinado foram transportados em trem para campos de concentração nos Pirineus franceses. Todos os seus bens, incluindo casas, empresas e pertences, foram apreendidos pelos alemães nas vilas e aldeias onde os antepassados desses judeus radicaram-se havia séculos. O maior campo de concentração ficava em Gurs. “Em Berlim, tínhamos informações muito más sobre esse campo, ainda piores do que aquelas que chegavam

da Polônia”, recordou, mais tarde, um pastor protestante alemão. “Não havia medicamentos nem instalações sanitárias.”

O pastor Grüber protestou em voz alta. Por este ato de coragem, foi preso e enviado para o campo de concentração de Sachsenhausen.

À medida que chegavam à Grã-Bretanha notícias sobre as deportações, os campos de concentração e as perseguições, reforçava-se a vontade de não ceder aos incessantes bombardeamentos alemães, que, na semana finda em 16 de outubro, vitimaram 1.567 pessoas, sendo 1.388 residentes em Londres. Em 21 de outubro, Churchill falou, por rádio, ao povo francês: “Nós nos esforçamos para aniquilar a vida e a alma de Hitler e do hitlerismo. Nós nos esforçamos somente para isso, sempre para isso. Até o fim. Das outras nações, nada ambicionamos a não ser seu respeito.” Churchill concluiu o discurso com palavras que um ouvinte francês comparou às gotas de sangue de uma transfusão: “Boa noite, então: durmam para ganhar forças para a manhã. Porque a manhã virá. Sua luz brilhará mais viva para os corajosos e os dedicados, misericordiosa para aqueles que sofrem pela causa, gloriosa sobre os túmulos dos heróis. Assim brilhará a aurora.”

Na terceira semana de outubro, Hitler partiu para a França em seu comboio, o *Amerika*. Em 22 de outubro, encontrou-se com Pierre Laval, vice-primeiro-ministro da França de Vichy, em Montoire, ansioso para que concordasse em promover uma política mais ativa contra a Grã-Bretanha, cuja derrota garantia ser inevitável. Laval assegurou-lhe que desejava a derrota do país que manchara a honra da França em Mers-el-Kebir e em Dacar. No dia seguinte, Hitler prosseguiu viagem até a fronteira de Hendaya, onde se encontrou com o caudilho espanhol general Franco. Porém, apesar da insistência de Hitler, Franco recusou-se a firmar uma aliança com a Alemanha ou, como Hitler pedia-lhe, a permitir que as tropas alemãs passassem pela Espanha para atacar Gibraltar. Esse ataque, disse Hitler a Franco, poderia ocorrer em 10 de janeiro. Em seguida, entregaria Gibraltar à Espanha. Franco não se convenceu; ao fim de nove horas de discussão, persistia em sua recusa a unir os destinos da Espanha e da Alemanha. “Preferia que me arrancassem três ou quatro dentes”, disse Hitler a Mussolini, “a passar outra vez por aquilo”.

Franco regressou a Madri, e Hitler, a Montoire, furioso por o espanhol não se juntar ao Eixo e negar-lhe os meios para atacar Gibraltar. Em Montoire, encontrou-se com o general Pétain, com quem também insistiu na necessidade de uma colaboração mais íntima e “o mais eficaz possível na luta contra a Grã-Bretanha, a partir de hoje”. Pétain, como Franco, refugiou-se em evasivas. Hitler considerou-o, no entanto, uma figura digna, elogiando-o como um homem “que apenas quer o melhor para seu país”. Embora o fato pudesse valer-lhe o regresso à França de mais de 1,5 milhão de prisioneiros de guerra, Pétain recusou-se a declarar guerra contra a Grã-Bretanha e esquivou-se ao pedido de Hitler para que a França de Vichy tomasse medidas para expulsar De Gaulle e as forças da França Livre de suas bases na África Equatorial francesa.

Foi então que, em 27 de outubro, De Gaulle anunciou a criação de um Conselho de Defesa do Império. Todas as possessões francesas ainda fiéis a Vichy eram convidadas a aderir. Num enérgico apelo aos franceses espalhados pelo mundo, De Gaulle declarou: “Chamo à guerra, quero dizer, ao combate ou ao sacrifício, todos os homens e mulheres dos territórios franceses que mobilizei.” Em “estreita união” com os aliados da França, essa parte do “patrimônio nacional” que se encontrava nas mãos da França Livre “seria defendida” enquanto em outros locais a tarefa consistiria em “atacar o inimigo sempre que possível, mobilizar todos os nossos recursos militares, econômicos e morais, manter a ordem pública e fazer reinar a justiça”.

Essa Declaração de Brazzaville, como tornou-se conhecida, causou uma impressão muito favorável em Churchill. Certamente, como Churchill escreveu, alguns dias mais tarde, ao seu ministro das Relações Exteriores, teria “um grande efeito no espírito dos franceses, em virtude de seu objetivo e de sua lógica. Mostra um De Gaulle muito diferente de um militar comum”. Se o governo de Vichy viesse a bombardear Gibraltar, garantiu Churchill a De Gaulle duas semanas mais tarde, ou a tomar qualquer iniciativa de agressão, “bombardearemos Vichy e perseguiremos seu governo onde quer que se refugie”.

Não era, no entanto, a França de Pétain, mas a Itália de Mussolini, que estava às vésperas de uma ação militar.

Em 28 de outubro de 1940, as forças italianas invadiram a Grécia. Em menos de catorze meses, nove países haviam sido vítimas de agressão

sem aviso prévio: Polônia, Finlândia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, França e, agora, Grécia. Uma vez mais, militares e civis seriam expostos a bombardeamentos aéreos. Uma vez mais, combatentes e refugiados sofreriam igualmente a devastação e a desgraça da guerra.

A notícia da invasão chegou a Hitler quando se encontrava em seu trem entre Munique e Florença, onde Mussolini o saudou em alemão com as palavras: “Führer, estamos em marcha!” Hitler estava furioso, encarando o ataque à Grécia como um enorme erro estratégico. Faria mais sentido, em sua opinião, prosseguir na ofensiva no Egito e tomar a base naval britânica de Alexandria ou investir na ilha de Creta, no Mediterrâneo, mas a Itália embrenhara-se num país montanhoso, defrontando um inimigo tenaz enquanto deixava seu flanco líbio à mercê de um contra-ataque britânico.

Os Estados Unidos, aparentemente, ainda não estavam decididos a interferir diretamente nas operações militares. Em 30 de outubro, dois dias depois da invasão italiana à Grécia, Roosevelt, em campanha que visava a reeleição, afirmou, num discurso pronunciado em Boston: “Eu já disse antes, mas vou repetir até a exaustão: nossos rapazes não serão mandados para nenhuma guerra longínqua.”

A “guerra longínqua” já era dupla, com uma terceira frente em remota perspectiva; no terceiro dia da ofensiva na Grécia, as tropas italianas não conseguiram avançar tanto quanto esperavam e viram-se obrigadas, em consequência das más condições atmosféricas, a desistir de seu plano de desembarque em Corfu; no espaço aéreo britânico, o mês de outubro assistira à morte de 6.334 civis, entre os quais 643 menores de 16 anos; e, no leste da Europa, como Churchill disse aos seus altos comandantes em 31 de outubro, os alemães “fatalmente voltariam seus olhos para o mar Cáspio e para o troféu que eram as jazidas de petróleo de Baku”.

A previsão de Churchill não era fantasista; no dia em que a proferiu, o governador alemão de Wartheland, Arthur Greiser, almoçou com Hitler e com Martin Bormann na chancelaria de Berlim e manifestou seu descontentamento por os olhares do povo alemão estarem voltados para o Ocidente, não para o Leste. O espaço de que a Alemanha necessitava para seu empreendimento de expansão e de colonização existia apenas no

Leste. “O Führer afirmou que essa opinião era absolutamente correta”, anotou Bormann.

Os serviços secretos britânicos, baseando-se, entre outros dados, nas mensagens do sistema Enigma, confirmaram as previsões de Churchill e os desejos de Greiser. Em 31 de outubro, os serviços de informações militares comunicaram que era colocado em prática um vasto programa de motorização no exército alemão e um movimento contínuo de divisões alemãs da Europa Ocidental para a Polônia e que se encontravam estacionadas setenta divisões alemãs no leste e no sudeste da Europa. O número de divisões motorizadas também aumentava; na primavera, todas teriam completado seu período de treinos. Os serviços de informações militares ignoravam, porém, se essas forças se destinavam a uma ofensiva contra a Rússia ou contra o Oriente Médio.

Quatro dias antes da invasão da Grécia, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos concluíram um acordo secreto que dava ao governo britânico bastante confiança na possibilidade de, a longo prazo, voltar contra a Alemanha a maré da invasão, provavelmente durante o ano de 1942. Nos termos desse acordo, assinado em 24 de outubro, a administração dos Estados Unidos comprometia-se a “equipar e a assegurar a manutenção” de dez novas divisões britânicas, com armamento que era naquele momento produzido, a tempo para a “campanha de 1942”. Os Estados Unidos prometiam “garantir a prioridade” de todo o material necessário para a manutenção dessas divisões no campo de batalha. “Isso é esplêndido”, foi o comentário de Churchill ao ouvir a notícia. Foi-lhe também comunicado, em 28 de outubro, que a encomenda de material militar a apresentar aos Estados Unidos incluía 78 milhões de balas para espingardas, 78 milhões de cartuchos para metralhadoras Thompson, mais de 2,5 milhões de galões de explosivos e 250 motores de avião. Para instar Roosevelt a aprovar as encomendas e a apressar o envio, Churchill telegrafou-lhe, em 27 de outubro, dizendo: “A Causa Mundial está em suas mãos.”



A INVASÃO ITALIANA À GRÉCIA, OUTUBRO DE 1940.

Os planos da Grã-Bretanha para levar a guerra terrestre à Alemanha em 1942 eram um indício da determinação de seus dirigentes e de seu povo a não aceitar a hegemonia alemã na Europa, mas o furor dos ataques aéreos alemães não diminuía. Em 28 de outubro, mais de 450 aviões atacaram alvos estratégicos em todo o sul da Inglaterra. Vinte e oito foram abatidos, contra apenas sete aviões de combate britânicos, mas os estragos causados foram consideráveis. Em Londres, cinquenta pessoas abrigadas sob uma ponte da estrada de ferro e outras dezoito, protegidas na cripta de uma igreja, morreram no bombardeamento. Em 1º de novembro, num aviso de que a guerra aérea continuaria a ser levada às capitais dos inimigos, os bombardeiros britânicos atingiram alvos militares em Berlim e em Roma. Churchill, ainda assim, não estava satisfeito, pois escreveu ao chefe do estado-maior da força aérea: “A quantidade de bombas lançadas na Alemanha é irrisória.”

A Grã-Bretanha, então, enviou à Grécia o auxílio que pôde dispensar-lhe, incluindo uma esquadrilha de quinze aviões que se encontrava estacionada no Egito, para defender Alexandria e o canal de Suez contra um eventual ataque italiano, cujas forças estavam entrincheiradas em Sidi Barrani, em pleno território egípcio, a pouco menos de cem quilômetros da fronteira. “Se a Grécia fosse esmagada”, disse Churchill ao seu Gabinete de Guerra em 4 de novembro, “todos diriam que, apesar de nossas garantias, permitimos o aniquilamento de mais um pequeno aliado”.

A Grã-Bretanha dera sua garantia de auxílio à Grécia em abril de 1939. Não havia, no entanto, quase nenhum equipamento militar disponível. Um pequeno contingente militar britânico, alguns canhões antiaéreos e uma bateria de defesa costeira estavam a caminho, mas seria o esforço dos gregos que impediria o avanço italiano. Em 4 de novembro, uma semana depois do início da ofensiva, um contra-ataque das forças gregas repeliu os italianos quase até o ponto de partida.

A noite de 3 de novembro foi a primeira, desde 7 de setembro, em que Londres não era objeto de um ataque aéreo. A força aérea alemã aproximava-se da exaustão. Nos três meses anteriores, 2.433 aviões alemães haviam sido abatidos na Grã-Bretanha, acarretando a morte de

mais de seis mil aviadores alemães. Essas perdas eram particularmente inaceitáveis considerando a intenção de Hitler de atacar a Rússia.

O Führer disse ao general Halder, em 4 de novembro: “Temos de fazer tudo para estar a postos para o derradeiro ajuste de contas.” Alguns elementos do alto-comando alemão pretendiam avançar pelos estreitos de Bósforo e de Dardanelos, através da Turquia, até a Síria, que estava sob o controle de Vichy. “Só poderemos avançar até os estreitos”, disse a Halder, “quando derrotarmos a Rússia”.

A “nova ordem da tirania” (Roosevelt)

Inverno de 1940-1941

Em 5 de novembro de 1940, Franklin D. Roosevelt foi reeleito presidente dos Estados Unidos. “É uma sonora bofetada em Hitler, em Ribbentrop e em todo o regime nazista”, escreveu William Shirer em seu diário em Berlim. Esse regime estava, todavia, decidido a cortar a linha de abastecimento transatlântica da Grã-Bretanha enquanto os Estados Unidos permanecessem neutros e seus navios de guerra se mantivessem numa atitude passiva. No dia da reeleição de Roosevelt, um comboio de 37 navios, o HX 84, proveniente de Halifax, na Nova Escócia, rumo à Grã-Bretanha, foi atacado no meio do Atlântico pelo couraçado de bolso alemão *Admiral von Scheer*.

Um antigo navio de passageiros australiano escoltava o comboio, o *Jervis Bay*, convertido em navio mercante armado; ordenando que o comboio se dispersasse, seu comandante, Stephen Fogarty Fegen, aceitou o desafio desigual, mas que daria tempo ao comboio. Fegen, um irlandês de Tipperary, dirigia o combate mesmo após um grande estilhaço de bomba arrancar-lhe quase todo o braço esquerdo. Viria, aliás, a morrer pouco depois. Após 25 minutos de luta, o *Jervis Bay* afundou; 189 tripulantes e oficiais morreram afogados. O comandante Krancke, do *Admiral von Scheer*, sequer tentou recolher os 65 sobreviventes agarrados aos destroços do navio. Algumas horas depois, ainda nessa noite, Sven Olander, o capitão do navio mercante sueco *Stureholm*, voltou para recolhê-los, colocando em grande risco seu próprio barco. Graças à ordem para dispersar dada pelo comandante Fegen, somente cinco navios mercantes do comboio foram atingidos por Krancke e afundaram. Nos cinco meses seguintes, este limitaria sua obra de destruição aos navios mercantes que viajavam sem escolta, afundando

mais onze. O comandante Fegen recebeu postumamente a cruz Victoria, “pelo valor demonstrado ao enfrentar um inimigo esmagadoramente superior e ao dar sua vida para salvar os muitos navios que era seu dever proteger”.

Para a população da Grã-Bretanha, cada ataque a comboios de abastecimento parecia abrir caminho para uma eventual invasão alemã à ilha. Na realidade, as ordens de Hitler para que fossem abandonados todos os preparativos para tal invasão estavam sendo cumpridas, e, em 6 de novembro, foi transmitida uma mensagem no sistema Enigma, a partir do quartel-general do 16º exército alemão, ordenando que parte do material utilizado para equipar as barcas de invasão à Bélgica e ao norte da França fosse “novamente armazenado”, deixando para trás apenas o necessário para os “exercícios”.

A mensagem foi recebida simultaneamente pelos destinatários e pelo Serviço de Decifração de Sinais britânico. Uma tradução da interceptação foi enviada às 31 pessoas “a serem informadas” ao fim da tarde de 6 de novembro. Não restavam dúvidas: os planos militares de Hitler não incluíam, por um bom tempo, a invasão à Grã-Bretanha.

Os homens que conduziam a política britânica receberam mais uma boa notícia no dia seguinte, quando o chefe da missão britânica para a compra de armamentos em Washington, Arthur Purvis, discutiu pessoalmente com Roosevelt, escassas 48 horas após sua reeleição, a questão do material de que a Grã-Bretanha necessitaria para ter um exército de 55 divisões operando em meados de 1942. Seria impossível constituir um conjunto de tal dimensão sem auxílio substancial dos Estados Unidos; Roosevelt, com a confiança que somente uma vitória presidencial pode oferecer, disse a Purvis que sua “proposta” consistia em pôr à disposição do Reino Unido armas e munições “que correspondessem a cinquenta por cento da produção” e em ajudar a compensar as depredações causadas pelos submarinos alemães reparando, para a marinha britânica, setenta “navios de guerra” que não eram utilizados desde o fim da Primeira Guerra Mundial e construindo trezentos navios mercantes novos. Para que a Grã-Bretanha pudesse arcar com o custo dessas aquisições, Roosevelt disse que os Estados Unidos pagariam a construção dos navios, “arrendando-os” à Grã-Bretanha num sistema que poderia estender-se à compra de outros armamentos.

Da ideia de construir e arrendar nasceu a solução que permitiu à Grã-Bretanha adquirir armas americanas mesmo após esgotar seu crédito e suas reservas de ouro: o Lend-Lease. Através desse método – e com a consciência de que Roosevelt não só se mostrava receptivo, mas até inventivo, quanto às necessidades da Grã-Bretanha –, o governo britânico podia prosseguir em seu esforço de guerra com uma confiança muito maior do que se estivesse realmente “só”.

Em 7 de novembro, bombardeiros britânicos atacaram a fábrica de armamento Krupp, em Essen. No mesmo dia, a operação “Coat” levou cinco navios de guerra britânicos, capitaneados pelo couraçado *Barham*, a abandonar Gibraltar, atravessando todo o Mediterrâneo com destino ao Egito, para reforçar as forças navais ali estacionadas. A viagem deu-se sem problemas. Em 8 de novembro, Hitler teve de antecipar em uma hora seu discurso em Munique, pelo aniversário de sua tentativa de tomada de poder na Baviera, para evitar que suas palavras fossem interrompidas por um bombardeio britânico. Na tarde seguinte, um piloto que sobrevoara Munique naquela noite disse à BBC: “A noite estava tão clara que víamos nitidamente as casas e as ruas. Era uma noite ideal, a noite dos sonhos de qualquer tripulante de bombardeiro. Provavelmente sobrevoamos e estudamos nosso alvo por uns vinte minutos.” O objetivo do ataque era um encontro de estradas de ferro. “Eu via”, continuou o piloto, “aquelas coberturas grandes e escuras dos vagões cada vez mais próximos. E o artilheiro à frente disparava foguetes luminosos, o que considerei um belíssimo esforço...”.

Na frente greco-italiana, o comandante da divisão Julia ouvia, nessa noite, uma emissão da BBC anunciar que a divisão Alpina italiana, que ocupava posição contígua à sua, “será esmagada por três divisões gregas”. Ao ouvi-lo, ordenou imediatamente que seus homens recuassem até a fronteira italiana. Dois dias depois, em 11 de novembro, 24 torpedeiros, levantando voo do porta-aviões *Illustrious* no mar Jônico, a 270 quilômetros da costa italiana, levaram a cabo a operação “Judgement”, atacando a frota italiana ancorada no porto de Tarento. O couraçado italiano *Duilio* foi afundado, e dois outros, bem como dois cruzadores, sofreram graves estragos.

Nessa noite, quatro navios mercantes italianos foram afundados por navios de guerra britânicos no estreito de Otranto. Entre os 25 aviões

abatidos nesse dia na Grã-Bretanha, treze eram bombardeiros italianos. “Os italianos caíram muito rápido do céu”, escreveu em seu diário o rei George VI. “Não quero ser vingativo, mas a notícia agradou-me.”

Sem que o rei soubesse, 11 de novembro foi um dia negro também para os britânicos, que, no oceano Índico, tiveram seu vapor *Automedon* atacado pelo navio alemão *Atlantis*. Não apenas morreram o comandante do *Automedon* e muitos oficiais e tripulantes quando 28 projéteis atingiram a ponte mas também foi encontrado intacto, na ponte do navio, um pacote cuidadosamente selado e pesado pronto a ser lançado ao mar em caso de perigo. O embrulho continha documentos secretos, inclusive um exemplar do livro de códigos da marinha mercante britânica, válido a partir de 1º de janeiro, e um parecer dos chefes do estado-maior afirmando que, em caso de guerra com o Japão, seria impossível defender Hong Kong, Malásia ou Cingapura. Imediatamente transportado para a embaixada alemã no Japão, o parecer foi transmitido em código para Berlim, onde o adido naval japonês tomou conhecimento de seu conteúdo. O caso do *Automedon* foi um importante êxito para os serviços secretos alemães, além de chamar a atenção do Japão para a vulnerabilidade do sudeste asiático britânico.

Não apenas esses segredos, mas a vitória naval britânica em Tarento, deram segurança e inspiração aos japoneses. O êxito no emprego de torpedos aéreos foi imediatamente notado em Tóquio, e o almirante Isoroku Yamamoto, comandante-chefe da armada japonesa, viu aí um meio para aniquilar o poderio naval americano, atacando, em Pearl Harbor, uma frota ancorada. O projeto recebeu o nome de operação Z e, a partir do dia seguinte, sua preparação teve prioridade sobre todos os outros planos navais. Um americano também registrou a importância do papel desempenhado pelos torpedos aéreos na vitória em Tarento. “O êxito do ataque aéreo britânico a um conjunto de navios ancorados”, escreveu o secretário de Estado da marinha, Frank Knox, “convida-nos a tomar imediatamente medidas preventivas que protejam Pearl Harbor contra um ataque de surpresa, caso venha a estourar a guerra entre os Estados Unidos e o Japão”. O “maior perigo”, acrescentava Knox, “residirá no torpedeamento aéreo”.

* * *

Em 11 de novembro, no campo de concentração de Dachau, ao norte de Munique e no coração da Baviera, ocorreu a primeira execução em massa oficial. As vítimas foram 55 intelectuais poloneses que haviam sido deportados de Cracóvia para a Alemanha. Nessa manhã, em Paris, foram depostas coroas de flores no túmulo do Soldado Desconhecido enquanto grupos de moradores reuniram-se nas ruas para relembrar os mortos em ambas as guerras. No começo da tarde, os alemães dispersaram os manifestantes, prendendo 123 pessoas, entre as quais noventa alunos de escola primária. Nos confrontos, quatro pessoas ficaram feridas. “Em breve”, dissera Churchill em sua comunicação ao povo francês, difundida por rádio três semanas antes, “poderão ajudar o braço que combate por vocês, e devem fazê-lo”. Contudo, o momento ainda não havia chegado. Dois dias depois, as forças da França Livre na África Central entraram em Libreville; 48 horas depois, todo o Gabão havia sido tomado de Vichy por De Gaulle.

Hitler concluía, entretanto, que a invasão à Grã-Bretanha era praticamente impossível. Em 12 de novembro, na diretiva no 18, sugeriu aos seus comandantes militares a operação Felix, que pretendia obrigar a Espanha a entrar na guerra ao lado da Alemanha. Felix visava, em primeiro lugar, a conquista de Gibraltar e, depois, a utilização das ilhas Canárias espanholas, da ilha portuguesa da Madeira e de certos pontos do Marrocos espanhol como bases para “expulsar os britânicos do Mediterrâneo Ocidental”. Quanto à Rússia, a nova diretiva dizia que “todos os preparativos relativos ao Leste, para os quais foram dadas ordens verbais, prosseguirão sem alterações” e haveria novas diretivas “sobre a questão assim que o plano operacional de base do exército for submetido à minha consideração e aprovado”.

Essa indicação clara de que a invasão à Rússia continuava sendo o principal objetivo de Hitler coincidiu com a visita a Berlim do ministro soviético das Relações Exteriores, Vyacheslav Molotov. Em um encontro com Hitler em 12 de novembro, Molotov quis saber qual seria o lugar da Rússia na Nova Ordem criada pelo Pacto Tripartite e como se encontrava a questão da Romênia e dos Bálcãs no que dizia respeito aos interesses russos. Hitler não respondeu, limitando-se a declarar a Molotov que a discussão precisava ser interrompida, pois “de outro modo, seremos interrompidos pelo alerta de ataque aéreo”.

Em 13 de novembro, Molotov prosseguiu as conversações com Ribbentrop, que propôs que a União Soviética se associasse ao Pacto Tripartite. Molotov não demonstrou grande entusiasmo pela adesão ao Eixo, referindo-se às derrotas italianas na Grécia e em Tarento e dizendo que “os alemães davam como certo, cedo demais, que a guerra na Europa estava ganha”. O embaraço de Ribbentrop aumentou quando os bombardeiros britânicos voltaram a atacar Berlim, interrompendo o jantar comemorativo oferecido pela embaixada soviética e obrigando ambos a prosseguir as negociações no abrigo aéreo particular de Ribbentrop. Para tornar as coisas ainda piores, Molotov disse que “não lamentava a ocorrência do alerta do ataque aéreo”, pois dava a oportunidade para uma discussão “exaustiva”. Quando Ribbentrop insistiu em afirmar que a Grã-Bretanha estava derrotada e que seu império seria, por conseguinte, repartido entre as potências do Eixo, às quais a Rússia deveria, pois, aliar-se, Molotov comentou agressivamente: “Se é assim, por que estamos sentados nesse abrigo? E de quem são as bombas que caem tão perto que as ouvimos?”

Foi, porém, outra fala de Molotov que convenceu Hitler quanto às dificuldades crescentes que as ambições soviéticas trariam caso o pacto Molotov-Ribbentrop de agosto de 1939 permanecesse como a base da política alemã; a dado momento da discussão no abrigo, Molotov chegou a afirmar a Ribbentrop que a Rússia nunca abdicaria de seus interesses nos acessos ocidentais do Báltico: as águas do Kattegat e do Skagerrak, entre a Dinamarca e a Noruega, outrora sob controle dinamarquês e, naquele momento, sob controle alemão.

Hitler ficou indignado, mas a verdade é que seus planos de guerra contra a Rússia prosseguiram sem interrupção. Em 13 de novembro, quando Goering o avisou que a força aérea alemã talvez não tivesse força para destruir o poderio industrial russo, Hitler disse-lhe que as necessidades a longo prazo da guerra contra a Grã-Bretanha tornavam essencial o controle dos campos de petróleo no Cáucaso. A guerra contra a Rússia podia ser ganha em poucos meses. Goering devia preparar sua força aérea para iniciar a ofensiva em 1º de maio.

Os serviços secretos britânicos conheciam o plano e já sabiam que a Alemanha planejava motorizar um terço de todas as suas divisões, chegando a setenta unidades motorizadas e blindadas, e que investia nas

divisões de paraquedistas e motorizadas, além de planos no sentido de elevar para dezoito o número de divisões alemãs estacionadas na Romênia, número muito superior ao necessário para treinar o exército do país e proteger os campos de petróleo em Ploesti.

E não apenas os serviços secretos britânicos conheciam os preparativos de Hitler contra a Rússia; em 18 de novembro, Richard Sorge, espião de Stálin em Tóquio, com muitos contatos na embaixada alemã no Japão, enviou para Moscou as primeiras mensagens sobre os preparativos alemães para a abertura de uma frente oriental.

Hitler não vira graça no “belíssimo esforço” britânico ao bombardear Berlim durante a comemoração de 8 de novembro. Em 14 de novembro, quando quinhentos bombardeiros alemães se preparavam mais uma vez para atravessar o mar do Norte, foram informados de que “nem Hitler nem Goering estavam dispostos a permitir que um ataque contra a capital do movimento passasse impune”.

O alvo daquele dia era Coventry, onde 27 essenciais fábricas de material de guerra foram atingidas num ataque de grande êxito, interrompendo a produção durante muitos meses. Durante o bombardeamento, um grande número de incêndios destruiu boa parte do centro da cidade. Ao todo, sessenta mil edifícios, de um conjunto de 75 mil, foram destruídos ou sofreram graves estragos, e 568 homens, mulheres e crianças morreram. Mais de quatrocentas vítimas estavam tão queimadas que não puderam ser identificadas e seriam, assim, enterradas numa vala comum.

No centro de Coventry, uma área superior a 1,6 quilômetro quadrado estava em ruínas, originando um novo verbo na língua alemã, *koventrieren* – “coventrar”, ou seja, aniquilar, arrasar por completo. Na Aeronáutica, em Londres, o marechal Harris, que mais tarde a chefiaria o Comando de Bombardeiros, comentou, algum tempo depois, que o ataque alemão a Coventry ensinara aos britânicos o “princípio” de atear “tantos incêndios ao mesmo tempo” que nenhum serviço de combate poderia controlá-los. Entretanto, os ataques aéreos alemães continuaram, noite após noite; na semana seguinte, em consequência de bombardeamentos à escala de Coventry, houve 484 vítimas civis em

Londres e 228 mortes em Birmingham. O número total de civis britânicos mortos em novembro elevou-se a 4.588. No dia do ataque a Coventry, vinte soldados haviam morrido ao norte de Londres na explosão de uma mina lançada de paraquedas, uma arma que, flutuando ao sabor do vento, não podia ser dirigida contra qualquer alvo específico.

A resposta britânica foi imediata. Em 16 de novembro, dois dias depois de Coventry, houve um ataque contra Hamburgo; embora a nebulosidade e o gelo tornassem impossível um ataque preciso contra alvos militares, as bombas foram lançadas, matando 223 civis alemães.

Para os italianos, a campanha na Grécia revelava-se um fiasco. Em 15 de novembro, as forças gregas romperam a frente italiana, fazendo numerosos prisioneiros. Em Menton, cidade francesa junto à fronteira com a Itália, apareceram cartazes com os dizeres “Estão em território francês. Gregos, não avancem mais!”. Para ajudar ainda mais os defensores, estavam a caminho reforços aéreos e de artilharia provenientes da Grã-Bretanha, incluindo vinte aviões de combate e 24 canhões. Em 18 de novembro, em Obersalzberg, Hitler exprimiu ao conde Ciano seu desagrado quanto ao fracasso da campanha na Grécia. Se, a pretexto dessa guerra, os britânicos adquirissem uma base aérea em Atenas, poderiam a partir daí, preveniu Hitler, bombardear os poços de petróleo romenos em Ploesti. Para evitar semelhante desenlace, a Alemanha era obrigada a intervir, mas não poderia fazê-lo antes de meados de março.

Os italianos limitaram-se a transformar a Grécia numa potência beligerante, o que era ainda mais grave tratando-se de uma potência aliada da Grã-Bretanha. Em seu encontro com Ciano e, no mesmo dia, em conversa com o ministro das Relações Exteriores espanhol, Serrano Suner, Hitler insistiu na urgente necessidade de fechar o Mediterrâneo, isolando os britânicos no Egito e em Malta e impedindo-os de utilizar o mar como base para atacar o território italiano. Para tal, a Espanha teria de atacar Gibraltar, fechando seu estreito.

Em 19 de novembro, Suner disse a Hitler que a Espanha precisava de quatrocentas mil toneladas de cereais antes de declarar guerra à Grã-Bretanha. Hitler percebeu que se tratava apenas uma manobra dilatória para evitar um compromisso definitivo. Entretanto, a Grã-Bretanha mantinha seus bombardeamentos regulares, visando alvos industriais em

Hamburgo, em 15 de novembro, e uma fábrica de armamento em Pilsen, na Tchecoslováquia, quatro dias depois, além de atacar, a partir do Egito, as bases italianas na Líbia, incluindo Benghazi, em 21 de novembro. No dia seguinte, as forças gregas, continuando a avançar, entraram em Koritsa, 24 quilômetros além da fronteira albanesa, capturando dois mil soldados italianos, 135 peças de artilharia e seiscentas metralhadoras, quantidade de armamento muito superior àquela que a Grã-Bretanha pudera fornecer.

O presidente grego, general Metaxas, eufórico com a passagem pela fronteira albanesa, disse ao seu povo: “Nós combatemos não apenas por nossa sobrevivência, mas pela libertação dos outros povos balcânicos e da Albânia.” Com sua invasão à Grécia, agora tão ignominiosamente repelida, Mussolini suscitara a primeira derrota do Eixo, mas, em outros lugares, todos os indícios apontavam para uma vitória dele; em 23 de novembro, a Romênia assinou o Pacto Tripartite. Na noite da ofensiva grega, os bombardeiros alemães atacaram, com força, o porto britânico de Southampton.

Em 24 de novembro, a Eslováquia subscreveu o Pacto Tripartite, e, durante a noite, os bombardeiros alemães voltaram a atacar a Grã-Bretanha enquanto uma força de bombardeiros italianos, partindo da Líbia, atacava a base naval britânica em Alexandria. Em 25 de novembro, porém, mesmo deparando-se com uma importante força naval italiana, três navios mercantes rápidos da Grã-Bretanha efetuaram sem percalços a viagem de Gibraltar a Alexandria e Malta durante a operação Collar, que visava levar aos dois destinos material de guerra essencial; era a primeira vez que um conjunto de navios mercantes, confrontando-se com navios de guerra, atravessava com êxito aquilo que Mussolini chamava, orgulhosamente, de “lago italiano”. Dois dias depois, enquanto os navios mercantes se aproximavam de seus destinos, um navio de guerra britânico danificou um cruzador e dois contratorpedeiros italianos num combate próximo de Sardenha.

Na Europa ocupada, as autoridades alemãs trabalhavam sem descanso para impor sua vontade à população. No gueto de Varsóvia, Emanuel Ringelblum escreveu em seu diário: “Hoje, 19 de novembro, um cristão

que atirava um saco de pão por cima do muro foi morto a tiro.” Na Holanda, em 27 de novembro, em seguida a protestos de professores e estudantes da Universidade de Delft contra as leis antijudaicas, a instituição foi fechada pelos alemães e os estudantes estavam proibidos de inscreverem-se em outro estabelecimento. No dia seguinte, o Ministério da Propaganda, em Berlim, enviou um memorando ao embaixador alemão em Paris, Otto Abenz: “O resultado de nossa vitória deverá ser o aniquilamento da hegemonia francesa, em matéria de propaganda cultural, na Europa e no mundo.” Todo o apoio dado à cultura francesa seria um “crime” contra a nação alemã. Também em Berlim, no mesmo dia, estreou um segundo filme antissemita, *O judeu eterno*. Propondo-se a denunciar o papel destrutivo dos judeus na história mundial, o filme justapunha cenas de judeus e ratazanas; tal como estas, explicava o filme, os judeus eram portadores de doenças, “seres imundos, ávidos por dinheiro, desprovidos de quaisquer valores elevados, corruptores do mundo”.

Tal era a ideologia nazista; no dia de estreia do filme, o principal ideólogo nazista em Paris instalava sua “força especial” encarregada da pilhagem de obras de arte francesas, escolhendo como quartel-general a casa de um judeu que conseguira fugir para o estrangeiro e tomando quatro grandes armazéns, incluindo uma cave pertencente a outro judeu, para guardar as obras roubadas.

Uma vingança diária pelos poloneses capturados ocorria nos céus da Grã-Bretanha conforme pilotos poloneses da força aérea britânica mantinham uma contínua ofensiva aos bombardeiros alemães. Em 28 de novembro, um piloto, o sargento Zigmund Klein, caiu no canal da Mancha e desapareceu. O relatório oficial britânico disse: “Tudo indica termos perdido um galante piloto e aliado.”

No Atlântico, um grupo de quatro submarinos alemães afundou onze navios mercantes e um cruzador mercante armado em 1º de dezembro. Nesse mês, no Pacífico, dois corsários alemães afundaram cinco navios mercantes australianos e bombardearam uma fábrica de fosfato e as instalações de carga e descarga na ilha de Nauru, mas as ideias de Hitler estavam voltadas para a Rússia; numa conferência que durou quatro

horas com seus comandantes, em 5 de dezembro, o Führer referiu-se, com algum pormenor, ao plano e à condução da ofensiva, insistindo na importância de capturar Leningrado e Stalingrado, os “locais da origem do bolchevismo”, e não tanto Moscou, que o marechal Brauchitsch dizia ser o centro nevrálgico das comunicações e da produção soviética de munição. “Moscou não é tão importante”, insistiu Hitler. Somente depois de tomada Leningrado os exércitos deveriam avançar sobre Moscou. “A hegemonia sobre a Europa”, declarou Hitler, “será decidida na batalha contra a Rússia”. A derrota da União Soviética contribuiria para subjugar a Grã-Bretanha.

Independentemente da estratégia a adotar, todos os presentes na conferência concordaram que os russos seriam facilmente derrotados. “O Exército Vermelho não tem chefes”, disse o general Halder na reunião. O soldado russo era “estúpido”. O Exército Vermelho era inferior ao alemão em armamento, como fora o exército francês. Por não possuírem artilharia de campo, os russos deixavam o caminho livre para os tanques Panzer alemães. Os russos não tinham senão unidades fracas para opor aos blindados alemães. O exército nazista fragmentaria as forças russas, “estrangulando”, depois, cada setor isolado.

“Sem chefes”, “estúpido”, “estrangular”: eram palavras confiantes pronunciadas nesse 5 de dezembro. Os russos haviam sido relegados à categoria de povo inferior, sem horizontes, cujo desequilíbrio interno se espelhava em seu exército. No dia seguinte, o general Jodl confiou ao seu adjunto, general Warlimont, a elaboração de um plano detalhado para a invasão à Rússia; inicialmente designada como operação Fritz, Hitler mudou rapidamente esse nome para Barbarossa.

O imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Frederico Barbarossa – Barba Ruiva –, avançara para leste com seu exército em 1190 para tirar a Terra Santa dos infiéis. Seus descendentes recorriam a métodos tão odiosos quanto aqueles que ele poderia ter empregado há 750 anos, antes que o verniz da civilização cristã atenuasse, ou pelo menos reprimisse momentaneamente, os mais baixos instintos da humanidade. “Há casos”, escreveu Chaim Kaplan em seu diário em 6 de dezembro, em Varsóvia, “em que os judeus corajosos são abatidos diante de sua família inteira, e os assassinos não são incriminados, pois valem-se do pretexto de que o ‘porco judeu’ amaldiçoou o Führer e de que era,

portanto, seu dever vingar a honra de Hitler”. Quatro dias depois, também em Varsóvia, Emanuel Ringelblum contou em seu diário como, em 9 de dezembro, um soldado alemão “saltou de um automóvel em movimento e bateu na cabeça de um rapaz com uma barra de ferro. O rapaz morreu”.

Desde 13 de setembro, forças italianas se encontravam em solo egípcio, ocupando uma faixa de litoral desértico entre Sullum e Sidi Barrani, numa potencial ameaça à Alexandria e ao canal de Suez.

Trabalhando no Cairo, os criptógrafos do exército britânico haviam decodificado as cifras utilizadas por todas as formações italianas até o nível de brigada, tanto para as comunicações táticas quanto entre os serviços de informações. Na primeira semana de dezembro, os britânicos sabiam exatamente onde essas forças eram mais poderosas ou mais fracas. Com base nessas informações, foi elaborado um plano para atacar as posições italianas em 9 de dezembro. Duas noites antes, uma operação de patrulha realizada por uma unidade blindada examinou detalhes de uma clareira em determinado campo minado italiano.

Em 9 de dezembro teve início a ofensiva britânica. Duas divisões, num total de 36 mil homens, entre os quais metade eram indianos, atacaram sete divisões italianas. Setenta e cinco mil italianos foram esmagados à custa de menos de cem baixas britânicas. O exército italiano, após sua primeira incursão séria no deserto líbio, batia em retirada.

Essa importante derrota foi seguida, poucas horas depois, por uma vital derrota alemã no Ocidente. Em 10 de dezembro, tendo Franco recusado novamente os apelos de Hitler para permitir que tropas alemãs atravessassem a Espanha e tomassem Gibraltar, o Führer viu-se obrigado a cancelar, por uma diretiva, a operação “Felix”. A resposta de Franco era ainda mais irritante por vir acompanhada pelo compromisso de entrar na guerra “quando a Inglaterra estivesse prestes a ser vencida”. Hitler, então, delineou seus planos no sentido de evitar futuras derrotas, incluindo em sua diretiva no 19, de 10 de dezembro, a operação Attila de ocupação total, em devido tempo, da França de Vichy como modo de garantir o controle da base naval de Toulon e dos aeródromos franceses no Mediterrâneo. A guerra, que seis meses antes parecia confinada ao

norte da Europa, alastrara-se, graças às iniciativas italianas, para o Mediterrâneo.

Nesse dezembro, a guerra nos ares intensificou-se ainda mais, com bombardeiros britânicos voando em direção leste, e os alemães, em sentido contrário, quase todas as noites, em busca de uma missão idêntica: aniquilar a capacidade e a vontade bélica do inimigo. Em 7 de dezembro, os bombardeiros britânicos visaram a cidade industrial de Düsseldorf. Em 12 de dezembro, os alemães bombardearam o centro siderúrgico de Sheffield. Nesse dia, o Gabinete de Guerra britânico, associando-se à indignação popular causada pela destruição de Coventry e sabendo que os alemães lançavam minas em paraquedas indiscriminadamente, autorizou “o máximo possível de destruição numa cidade a determinar”. A cidade escolhida foi Mannheim. Quatro dias depois, foi bombardeada, mas com menos precisão do que fora Coventry, tendo apenas 23 vítimas civis. Ironicamente, o dia do bombardeamento a Mannheim foi também aquele em que um relatório secreto do governo britânico aconselhava o Comando de Bombardeiros a priorizar alvos petrolíferos; uma diretiva nesse sentido foi transmitida em 13 de janeiro de 1941.

A crueldade dos bombardeamentos só era igualada, em ambos os lados do mar do Norte, pela coragem daqueles que tinham como missão ajudar as vítimas. Em 13 de dezembro, ao tentarem desarmar uma bomba no leste de Londres, dois peritos morreram, o capitão M. F. Blaney e o tenente James. A explosão matou também um sargento, um cabo de lanceiros, cinco sapadores e um superintendente da polícia, que assistiam às operações do outro lado da estrada. Por sua coragem, o capitão Blaney recebeu postumamente a cruz George.

Em 13 de dezembro, decidido a colocar em prática seus planos contra a Rússia e a não permitir que fossem minados pelas derrotas italianas no Mediterrâneo, Hitler despachou a diretiva no 20, em que ordenava um reforço dos efetivos estacionados na Romênia de modo a permitir a ocupação do norte da Grécia. Era a operação Marita, que, nos termos delineados por Hitler, incluía a conquista das bases britânicas nas ilhas

gregas. Terminada a operação, sublinhou Hitler, “as forças nela empenhadas seriam retiradas” para uma “nova utilização”.

Tal “utilização” seria a operação Barbarossa de invasão à Rússia, país onde, em 16 de dezembro, o marechal Voroshilov ordenou a preparação de uma defesa terrestre da base naval de Sebastopol. Os preparativos de Hitler, porém, efetuavam-se em escala muito maior; em 18 de dezembro, na diretiva no 21 transmitida aos principais comandantes militares, ordenava-lhes que se preparassem “para esmagar a Rússia numa campanha rápida”. Tais preparativos deveriam ser iniciados imediatamente e concluídos até 15 de maio de 1941. Tanto a Finlândia quanto a Romênia estavam dispostas a combater ao lado dos alemães. “É decisivo, porém”, preveniu Hitler, “que a intenção de atacar não se torne evidente”.

Nessa diretiva, o Führer expunha, em onze páginas de descrição pormenorizada, os papéis que o exército, a marinha e a força aérea desempenhariam, as linhas de ataque e a sequência de objetivos – em primeiro lugar, Leningrado; depois, Kiev e Moscou. O “objetivo final”, explicava ele, era “erigir uma barreira contra a Rússia asiática na linha Volga-Arcangel”.

Para Hitler e para os nazistas, a palavra “asiático” era sinônimo de “bárbaro”. Na Alemanha, porém, muitas pessoas, entre as quais médicos e padres, começavam a classificar como bárbaro o programa de eutanásia. Alguns protestos por escrito chegaram às mãos de Hitler; outros circulavam clandestinamente. Irritado, Heinrich Himmler disse ao Dr. Brack e ao Dr. Bouhler, em 19 de dezembro: “Se a operação T4 houvesse sido confiada à SS, as coisas ocorreriam de outra forma. Quando o Führer nos incumbe de uma tarefa, sabemos realizá-la corretamente, sem suscitar um alarido inútil por parte das pessoas.”

O “alarido inútil” obrigaria Hitler a abandonar, em breve, seu programa de eutanásia, embora num momento em que já haviam sido mortos cinquenta mil “deficientes”, incluindo milhares de crianças. Contudo, Himmler e os homens da SS teriam sua cobiçada tarefa menos de seis meses depois.

No norte da África, as forças britânicas chegavam à fronteira líbia em 17 de dezembro. “Seu primeiro objetivo”, indicava Churchill num telegrama enviado ao comandante-chefe, “será maltratar o exército italiano, desalojando-o, até onde for possível, do litoral africano”. Na Noruega, em 21 de dezembro, todos os membros do Supremo Tribunal, incluindo o presidente, apresentaram sua demissão, recusando-se a administrar uma justiça ditada pelos alemães. Dois dias depois, em Paris, os alemães executaram um engenheiro civil, Jacques Bonsergent, enquanto visitava a cidade para o casamento de um amigo. Ele fora preso inadvertidamente na manifestação ocorrida em 11 de novembro e maltratado por soldados alemães.

No dia da execução, Hitler estava na França, revistando suas unidades militares estacionadas no canal da Mancha. Seu comboio, o *Amerika*, encontrava-se em Bolonha e teve de ser enfiado num túnel quando os bombardeiros britânicos começaram a atacar instalações militares alemãs nas imediações. Duas noites antes, haviam atacado Berlim, matando 45 civis. “Ainda assim, as baixas são consideráveis”, comentou Goebbels, em seu diário, em 24 de dezembro.

Ao longo da semana que precedeu o Natal, chegaram a Varsóvia centenas de telegramas que comunicavam a morte de maridos, pais ou filhos deportados para campos de concentração. A maior parte das mortes ocorrera em Auschwitz.

No mundo dos serviços secretos, vários fatos nada agradáveis aos interessados foram descobertos no final de dezembro. Em 28 desse mês, o Comando de Bombardeiros britânico soube que os repetidos ataques contra as instalações petrolíferas alemãs não haviam sido eficazes, embora houvessem ocorrido nada menos do que 28 ataques aéreos a tais alvos nos últimos sete meses. Ainda nesse dia, em Tóquio, o espião soviético Richard Sorge comunicou a Moscou que estava sendo formado, em Leipzig, um novo exército de reserva com quarenta divisões. Em 30 de dezembro, os serviços secretos britânicos, baseando-se principalmente na decifração de mensagens no sistema Enigma, calcularam com precisão a dimensão das forças alemãs acumuladas na Romênia e na Bulgária para um ataque à Grécia. Outra fonte, “que se demonstrara

digna de crédito”, indicou o início de março como data fixada para a ofensiva alemã.

No dia anterior, o presidente Roosevelt falara por rádio ao povo americano: “Os povos da Europa que lutam em defesa própria”, disse, “não nos pedem que combatamos em seu lugar. Pedem-nos os instrumentos de guerra, os aviões, os tanques, os canhões, os navios de carga, que permitirão que lutem por sua liberdade e por nossa segurança”. Roosevelt acrescentou: “Temos de ser o grande arsenal da democracia.” Nessa noite, na Grã-Bretanha, os alemães soltaram bombas incendiárias sobre Londres numa escala até então inédita, ateando um sem-número de incêndios em ambas as margens do Tâmis. Muitos edifícios famosos, incluindo o Guildhall, e oito igrejas foram destruídos ou muito danificados. A vigilância dos bombeiros permitiu evitar que a catedral de St. Paul fosse devorada pelas chamas, mas uma maré excepcionalmente baixa dificultou o combate ao fogo. O ataque elevou o total de baixas civis em dezembro para 3.793.

O novo ano de 1941 iniciou-se com um importante ataque britânico ao baluarte italiano de Bardia, na fronteira líbia. As tropas britânicas e australianas começaram a avançar em 1º de janeiro, acobertadas por um enérgico bombardeamento naval. Entre os navios empenhados na operação estava o couraçado *Valiant*, e, a bordo dele, o tenente Philip Mountbatten, de 19 anos, filho do príncipe Andrew, da Grécia, e sobrinho de lorde Louis Mountbatten. “A operação foi espetacular”, escreveu ele em seu diário. Em 5 de janeiro, caía a fortaleza de Bardia e, com ela, 35.949 prisioneiros italianos. Fugindo para oeste, o comandante italiano, general Bergonzoli, conseguiu chegar a Tobruk com alguns milhares de homens.

Enquanto se preparavam para repelir os italianos ainda mais para oeste, os britânicos ainda enviavam reforços para a Grécia. O *Valiant*, levando o tenente Mountbatten, escoltou, com outros navios, as tropas britânicas transportadas para a ilha de Creta. Em 4 de janeiro, encorajado pela vitória e pelo auxílio britânico, o exército grego avançara no interior da Albânia, lançando suas treze divisões contra dezesseis divisões italianas. Dois dias depois, os britânicos lançavam a operação Excess,

enviando três navios mercantes, escoltados por cinco navios de guerra, de Gibraltar para Atenas, carregados com material militar. Os navios chegaram incólumes à Grécia.

Paralelamente, em 6 de janeiro, o presidente Roosevelt falava em Washington sobre as “quatro liberdades humanas essenciais” nas quais o mundo futuro deveria assentar-se – liberdade de pensamento e expressão, liberdade para adorar a Deus, libertação da miséria e libertação do medo –, “o que, traduzido em termos mundiais, significa uma redução dos armamentos a tal ponto que nenhuma nação esteja em condições de empreender atos de agressão física contra países vizinhos em nenhuma região”.

Esse tipo de mundo, acrescentava Roosevelt, seria “a verdadeira antítese da autodenominada Nova Ordem da tirania, que os ditadores tentam criar à força de bombas”. Na mesma semana, uma destas caía na estação de metrô Bank, em Londres, matando 111 pessoas refugiadas na aparente segurança dos túneis mais fundos. No Mediterrâneo, os bombardeiros alemães, baseados na Sicília, atacaram, em 10 de janeiro, um comboio de navios que partira de Gibraltar para Malta. Dois navios mercantes afundaram, o porta-aviões *Illustrious* sofreu vários estragos e o cruzador *Southampton* ficou tão danificado que os britânicos se viram obrigados a afundá-lo. Era a primeira operação aérea alemã no Mediterrâneo, num momento em que os italianos recuavam em toda parte.

Em 7 de janeiro, as forças britânicas e australianas em território italiano na Líbia iniciavam sua marcha em direção a Tobruk. No dia seguinte, também em território italiano, na Albânia, os gregos atacavam a guarnição de Klissura, capturada em 10 de janeiro, dia em que a lei Lend-Lease foi apresentada ao Congresso americano.

Os sucessos gregos e britânicos levaram Hitler a emitir, em 11 de janeiro, a diretiva no 22, em que finalmente reconhecia que precisaria auxiliar Mussolini se não quisesse enfrentar graves problemas no sul da Europa. “A Trípolitânia deve ser defendida”, escreveu Hitler, “e o perigo na frente albanesa precisa ser eliminado”. Serão, pois, enviadas para Trípoli tropas alemãs enquanto a aviação “continuará a operar a partir da Sicília”, atacando forças navais e comunicações marítimas britânicas. As tropas alemãs deviam preparar-se também para entrar na Albânia, de

modo a permitir que o exército italiano “passe à ofensiva em data ulterior”.

A nova diretiva colocava a Grã-Bretanha e a Alemanha em confronto direto na região do Mediterrâneo. Transmitida no dia imediato ao bombardeamento do *Illustrious*, foi seguida, 24 horas depois, por um ataque britânico por aviões vindos de Malta contra a base aérea alemã na Sicília. Numa tentativa para fortalecer sua posição nessas zonas até então dominadas pelos italianos, Hitler convidou, em 13 de janeiro, o rei Boris, da Bulgária, a ir a Berlim, insistindo que a Bulgária se juntasse ao Eixo, abrisse suas fronteiras às tropas alemãs para a ofensiva contra a Grécia e tivesse um papel ativo nas operações militares. Tal como o general Franco, o rei declinou a proposta.

No mesmo dia, numa conferência com seus comandantes militares em Moscou, Stálin referiu-se à possibilidade de uma guerra em duas frentes, contra Japão e Alemanha. A Rússia deveria preparar-se para essa eventualidade. A guerra em perspectiva se daria em manobras rápidas. As unidades de infantaria deveriam, portanto, diminuir em tamanho e aumentar em mobilidade. A guerra, quando viesse, seria maciça; era essencial conservar superioridade global de, pelo menos, dois para um sobre o potencial inimigo, para conseguir romper suas linhas. Tornava-se necessário, para tanto, criar unidades motorizadas que pudessem deslocar-se rapidamente, equipadas com armas automáticas, e que exigiriam uma organização diferente no tocante ao abastecimento e às grandes reservas de produtos, que “devem confluir para a frente a partir de todas as regiões do país”. Era preciso preparar também reservas substanciais de alimentos. A decisão do governo czarista sobre acumular grandes reservas de biscoitos, por exemplo, fora “sensata”, segundo Stálin, que explicou aos seus generais: “um gole de chá e um biscoito são uma refeição quente”.

No dia dessa reunião de Stálin com seus generais em que ficaram claramente definidas as tarefas com que teriam de se defrontar na eventualidade de uma guerra, um entre seus mais bem-sucedidos espíões, Leopold Trepper, instalava sua rede em Paris sob o disfarce de uma empresa de importação e exportação. Trepper, judeu nascido nas províncias polonesas do império dos czares, congregava à sua volta um pequeno grupo de comunistas, sendo muitos judeus, incluindo Hillel

Katz, também natural da Polônia e que havia sido expulso da Palestina pelos britânicos devido às suas atividades comunistas. No decurso de seu trabalho de “importação e exportação”, Trepper travou relações com Ludwig Kainz, um engenheiro que trabalhava para a Organização Todt. Por esse intermédio, conheceu os preparativos alemães ao longo da fronteira germano-soviética, conseguindo transmitir essas informações imediatamente, via rádio, para Moscou.

Desde os últimos meses de 1940, o embaixador americano na Grã-Bretanha, Joseph Kennedy, enviava relatórios para Washington alertando para a iminência da derrota britânica e para o efeito devastador que a Blitz causava não só nos edifícios como no moral dos cidadãos. Procurando descobrir se a Grã-Bretanha estaria realmente em condições de manter a guerra, não se limitando a receber as armas americanas para mais tarde entregá-las aos alemães, Roosevelt enviara ao país um emissário pessoal, Harry Hopkins. “As pessoas aqui são espantosas, a começar por Churchill”, escreveu Hopkins ao presidente em 14 de janeiro, “e, se é possível obter uma vitória à custa de coragem, o resultado só pode ser um. Porém, precisam desesperadamente de nossa ajuda e estou certo de que o senhor presidente não permitirá que nenhum obstáculo nos impeça de proporcionar esse auxílio”.

Nessa carta, Hopkins referia-se à observação de Churchill de que a presença de bombardeiros alemães no Mediterrâneo “dificulta a tarefa da Armada”; dois dias depois, mais de setenta bombardeiros de mergulho alemães, partindo de sua base na Sicília, atacaram o porto maltês de Valetta, numa tentativa para afundar o já danificado porta-aviões *Illustrious*, conhecido na marinha por “HMS Pimenteiro”. No decurso do ataque, o porto sofreu estragos consideráveis. Além disso, duzentos edifícios públicos e particulares de Valetta foram destruídos e mais de cinquenta civis morreram. Nesse primeiro ataque de uma série que os malteses chamaram “Blitz do *Illustrious*”, dez aviões atacantes foram abatidos. Contudo, a ofensiva alemã não chegara ao fim: dois dias depois, num ataque surpresa contra o aeródromo de Luga, realizado por 85 bombardeiros de mergulho, seis bombardeiros britânicos foram destruídos no solo e o próprio aeródromo foi inutilizado. Ainda assim, o *Illustrious* escapou quase ileso e pôde, antes do fim do mês, trocar os perigos de Malta pela segurança do Egito.

A batalha da Inglaterra durara menos de dois meses. A batalha de Malta duraria mais de dois anos. Sob contínuo bombardeamento aéreo, essa população chamou sua provação de “Segundo Cerco”, tendo o primeiro ocorrido em 1565.

Em 17 de janeiro, quando chegou a Londres a notícia do primeiro dia da batalha de Malta, Harry Hopkins participava de um banquete em Glasgow, em que era o convidado de honra. “Imagino que deve querer saber”, disse ele a Churchill, nessa noite, “o que vou dizer ao presidente Roosevelt quando regressar”. Churchill queria, é claro. A resposta foi uma citação do Livro de Rute: “Para onde fores, eu irei; e onde morares, eu morarei; o teu povo será o meu povo e o teu Deus, o meu Deus.” Depois, Hopkins acrescentou, muito calmamente: “Até as últimas consequências.”

Ao longo desse inverno, o jugo da tirania que ocupava a Europa tornou-se cada vez mais pesado. Em 10 de janeiro, todos os judeus holandeses foram obrigados a preencher uma ficha de registro, um ato simples, pacífico e burocrático que, todavia, não pressagiava nada que pudesse ser bom. Em 13 de janeiro, na cidade alemã de Brandenburg, o jornal local noticiava a condenação à prisão, por quinze a dezoito meses, de três mulheres alemãs que deram comida e cigarros a prisioneiros de guerra poloneses.

Em 20 de janeiro, o Serviço de Segurança alemão compilou uma série de relatórios acerca das reações do público à exibição do filme *O judeu eterno*. Segundo os dados, houve, em Munique, “uma reação imediata de alívio e de aplausos entusiásticos no momento em que o Führer aparece e anuncia em seu discurso que a nova guerra trará o aniquilamento total da raça judaica”. Para muitas pessoas, comentava o relatório, “a natureza repugnante do material exibido e, em especial, as cenas de assassinato ritual, são repetidamente referidas em conversas como o principal motivo para não assistirem ao filme”. Segundo os relatórios da Alemanha Ocidental e de Breslau, muitas pessoas foram vistas “saindo do cinema, indignadas” no meio do filme, fazendo afirmações como: “Já vimos o *Jud Süß* e estamos fartos da sujeira dos judeus.”

Em Paris, a Gestapo prendeu, em 21 de janeiro, Roger Langeron, que os alemães haviam nomeado chefe da polícia no início da ocupação, sete meses antes. Langeron já não se mostrava disposto a servi-los; seu patriotismo sobrepusera-se aos aliciamentos e às ameaças alemãs. Nesse dia, na Romênia, o ódio antissemita dos legionários da Guarda de Ferro levou a uma caça a judeus em plena rua. Milhares foram capturados e brutalmente espancados; 120 pessoas morreram. Muitos judeus foram assassinados em matadouros de gado, “de acordo com as práticas dos próprios judeus para a matança de animais”, dizia um relatório. Eram as mesmas “práticas” que o filme *O judeu eterno* mostrava e caricaturava.

Na Noruega, graças à colaboração de informantes nativos, os alemães prenderam vários membros de uma organização de resistência centrada na cidade de Haugesund; em fevereiro, dez jovens presos foram condenados à prisão “perpétua”, escapando à pena de morte após quatro, entre eles, removerem e desativarem várias bombas a explodir. Em Paris, Rudolf Hilferding, destacado membro do Partido Social-Democrata alemão no período entre as guerras e duas vezes ministro das Finanças na República de Weimar, morreu na prisão, em 11 de fevereiro, em consequência de maus-tratos infligidos pela Gestapo. Como socialista e judeu, fugira da Alemanha para a Dinamarca em 1933, e, depois, para a Suíça, acabando por instalar-se no sul da França em 1938, mas nunca deixara de alertar o mundo, como fez no Programa de Praga de 1934, com seu partido no exílio, sobre o perigo que os dirigentes da Alemanha nazista representavam. Agora, seria somado ao rol das vítimas desse regime. A polícia da França de Vichy, depois de garantir-lhe imunidade, conduziu-o à fronteira da zona ocupada e entregou-o à Gestapo.

Nos guetos judeus fechados e vigiados, espalhados por toda a Polônia, os alemães restringiam a tal ponto o abastecimento de alimentos que centenas de pessoas morriam por inanição todos os meses. Em Varsóvia, em janeiro de 1941, o número de vítimas da fome atingiu dois mil. O índice de fevereiro foi igualmente elevado. “Quase todos os dias”, escreveu Emanuel Ringelblum em seu diário, em 28 de fevereiro, “pessoas caem mortas ou desacordadas no meio da rua. Já não nos impressiona”.

A capacidade das autoridades alemãs ocupantes para tiranizar a população através da fome, do medo e do terror não conhecia limites. Em

seu diário, Ringelblum contou também o caso de um grupo de judeus deportado para Varsóvia. Numa pausa durante a viagem, um guarda alemão atirou na neve uma criança de três anos. “A mãe pulou do vagão e tentou salvar a criança. O guarda ameaçou-a com o revólver. A mãe disse que sua vida, sem o filho, não tinha valor. Então os alemães ameaçaram matar todos os judeus no vagão. A mãe chegou à Varsóvia e, aqui, enlouqueceu.”

Ao fim de quinhentos dias de guerra, a loucura dessa mulher era um testemunho da vitória não apenas dos exércitos, mas do mal.

A guerra se alastra

Janeiro-março de 1941

Em 19 de janeiro de 1941, uma nova frente de combate era aberta, com o lançamento de uma ofensiva britânica contra os italianos na Eritreia, na Somália e na Abissínia. O dia fora escolhido porque os serviços secretos britânicos haviam decifrado instruções italianas que ordenavam a retirada, nessa semana, das tropas em Kassala, localidade do Sudão anglo-egípcio ocupada no verão de 1940.

Durante cinco meses, cerca de trinta mil britânicos haviam avançado, em três direções convergentes, rumo à longínqua capital etíope de Adis Abeba. Desde o primeiro dia da campanha, todas as instruções militares italianas foram captadas por atentos ouvidos britânicos. As diretivas operacionais enviadas ou recebidas pelo vice-rei italiano acerca das movimentações e de problemas militares cotidianos eram escutadas pelo inimigo e utilizadas para frustrar planos ou explorar fraquezas reveladas.

No primeiro dia da ofensiva britânica, um Mussolini bem mais modesto chegava a Obersalzberg como convidado de Hitler. No segundo dia de sua visita, as forças britânicas entravam em Kassala e, na Cirenaica, as forças australianas atacavam Tobruk, que havia sido isolada pela 7a Divisão Blindada britânica. Hitler concordou imediatamente, como previra na diretiva transmitida aos seus comandantes militares, em enviar uma força alemã para Trípoli. Foi escolhida, para tal, a 15a Divisão Blindada, sob o comando de Rommel. Já não era sem tempo, pois, em 22 de janeiro, as forças britânicas e australianas que cercavam Tobruk entraram finalmente na cidade, fazendo prisioneiros 25 mil soldados italianos.

Foram dias animadores para a Grã-Bretanha. Em 23 de janeiro, na operação Rubble, cinco navios mercantes noruegueses conseguiram fugir

do porto sueco de Gothenburg, passar pelo estreito Skaggerak, juntar-se a uma força naval britânica e, apesar de enérgicos ataques aéreos alemães, chegar ilesos a Scapa Flow. Porém, os alemães possuíam duas armas formidáveis na guerra naval, os cruzadores *Gneisenau* e *Scharnhorst*. Também em 23 de janeiro, os dois navios, que atravessaram o mar do Norte, por pouco não encontraram a força naval britânica que escoltava os navios da operação Rubble; ao chegarem ao Atlântico, iniciaram uma série de ataques que tiveram como resultado o afundamento de 22 navios mercantes.

A vulnerabilidade dos navios e das instalações portuárias no Pacífico foi levantada em 24 de janeiro. Nesse dia, o secretário da marinha dos Estados Unidos, Frank Knox, escreveu ao seu colega na secretaria de Defesa apontando que “se a guerra com o Japão se desencadear, é admissível que as hostilidades se iniciem com um ataque surpresa à esquadra ou à base naval de Pearl Harbor”. Knox alertava para “as possibilidades inerentes de um grande desastre”.

Foi a vez de os alemães se regozijarem quando um de seus pilotos de combate, Franz von Werra, cujo avião havia sido abatido no sul da Inglaterra, em junho de 1940, e que fora feito prisioneiro, apareceu em Nova York, fato que recebeu estrondosa publicidade. Duas semanas antes, Von Werra abandonara a Grã-Bretanha, com mais de mil prisioneiros de guerra alemães, a bordo do *Duchess of York*, com destino aos campos de prisioneiros de guerra no Canadá. Entre os oito homens fugidos do comboio que transportava os prisioneiros através do território canadenses, Von Werra foi o único a ter êxito. Enquanto se encontrava em Nova York, Hitler condecorou-o com a cruz de ferro por uma anterior, e ainda não comprovada, proeza de aviação. Durante três meses, o Canadá procurou obter a extradição de Von Werra; depois, enquanto prosseguia a contenda legal, foi anunciado que ele regressara à Alemanha, passando por México, Panamá, Brasil e Espanha.

Em 27 de janeiro, quando a fuga de Von Werra era ainda a grande notícia em Nova York, reuniu-se em Washington, com a autorização de Churchill e de Roosevelt, um grupo de oficiais superiores britânicos e americanos, a fim de determinar “os melhores métodos para que as forças armadas dos Estados Unidos e da Commonwealth britânica, juntamente com seus atuais aliados, pudessem derrotar a Alemanha e

suas potências aliadas caso os Estados Unidos se vissem obrigados a entrar na guerra”. Essas conversações americano-britânicas, designadas pelo codinome ABC, chegaram a encarar a possibilidade de colocar suas tropas sob um “comando único no campo de batalha, em casos de operações conjuntas de caráter estratégico ou tático”.

No entanto, um domínio de operações conjuntas não teve de esperar até que os Estados Unidos entrassem na guerra. Enquanto decorriam as negociações de Washington, seis americanos, incluindo o major Abraham Sinkov e o capitão Leo Rosten, do Serviço de Decifração de Sinais, atravessavam o Atlântico com uma bagagem preciosa: o sistema de códigos Púrpura, o equivalente japonês ao Enigma alemão. Com essa máquina, os americanos, e agora os ingleses, podiam ler parte das mensagens secretas de caráter diplomático, consular e naval. Tal como as mensagens Enigma, as informações enviadas pelo sistema Púrpura foram decifradas em Bletchley. Esses decifradores tiveram ainda dois outros êxitos nesse inverno, no âmbito do sistema Enigma, quebrando uma chave secreta dos serviços de informações alemães e, em seguida, a chave Enigma utilizada pelas ferrovias alemães em suas comunicações militares.

Os alemães não tiveram resultados comparáveis aos anglo-americanos no que se refere à decifração de códigos, conseguindo grande parte de suas informações através de agentes individuais e do método muito mais falível de recolhimento de indicadores locais e táticos. Em 28 de janeiro, Waldemar Othmer – que tinha origem alemã, mas vivia nos Estados Unidos desde os dez anos – passou aos serviços secretos germânicos dados sobre vendas navais à Inglaterra. Sob a designação “agente A.2018”, Othmer enviou-lhes regularmente relatórios sobre os preparativos navais americanos na costa leste.

O bombardeamento à Grã-Bretanha continuou durante janeiro, mês em que morreram 1.500 civis, mas o clima não era de desespero. Em 30 de janeiro, o emissário de Roosevelt, Henry Hopkins, almoçou com o rei George VI e a rainha Elizabeth no palácio de Buckingham. No início do encontro, houve um alerta de ataque aéreo, mas a refeição não foi interrompida. Quando chegou o momento do café e do vinho do porto, no entanto, uma campainha tocou e o rei disse: “Temos de ir para o abrigo.” A conversa prosseguiu, com a rainha explicando a Hopkins que “a única

coisa que valia era o moral e a determinação da grande massa do povo britânico”.

“O ambiente é muito mais alegre do que há um ano, não parece a você?”, escreveu à sua mulher o secretário particular de Churchill, Eric Seal, em 25 de janeiro. “Sentimos realmente que estamos mantendo a guerra e que não estamos tão mal desde que a França caiu.”

Em 27 de janeiro, na Eritreia, a 4a Divisão indiana entrou na cidade de Agordat. Dois dias depois, no deserto líbio, as tropas italianas evacuaram Derna. “Estou convencido”, declarou Hitler num discurso em Berlim, em 30 de janeiro, “de que 1941 será o ano crucial da grande Nova Ordem na Europa”. Os esforços de sua espionagem sofreram, no entanto, um novo revés no dia seguinte, quando um espião alemão, Josef Jakobs, lançado de paraquedas na Grã-Bretanha portando um transmissor de rádio, fraturou tão gravemente a perna ao aterrissar que teve de disparar um tiro para obter ajuda. Foi imediatamente preso. Devido à perna partida, estava sentado numa cadeira quando o pelotão de fuzilamento o executou seis meses mais tarde.

Os generais de Hitler confiavam no sucesso de suas intenções contra a Rússia. Em 2 de fevereiro, o Conselho de Guerra alemão discutiu um relatório, feito pelo general Halder, que estimava que cerca de 211 divisões e formações soviéticas enfrentariam 190 unidades do Eixo. O fato, dizia Halder, dava à União Soviética superioridade numérica substancial, mas não as vantagens técnica e estratégica necessárias para evitar a derrota. Ao discutirem esses fatores com Hitler, em 3 de fevereiro, Halder e Brauchitsch viram grande ceticismo no Führer quanto ao número de homens russos. O domínio soviético era tão odiado, argumentava Hitler, especialmente pelos russos mais jovens, que o próprio país cederia ao impacto do primeiro ataque alemão vitorioso.

Hitler refutou também as preocupações do general Halder quanto à superioridade russa em blindados, após o general afirmar que, apesar de muitos tanques soviéticos serem modelos obsoletos, “não podemos excluir completamente a hipótese de uma surpresa desagradável”. Hitler estava convencido de que os tanques inimigos tinham blindagem demasiado frágil para representar uma ameaça séria. E não considerou

justificadas as inquietações de Halder no tocante às enormes reservas humanas e de munições da Rússia.

Confiança era a palavra de ordem de Hitler, baseada em seu desprezo pela natureza inferior dos eslavos. Os preparativos para a operação Barbarossa prosseguiriam, com a transferência de mais forças alemãs da fronteira ocidental para a oriental em meados de março.

No norte da África, as forças de Mussolini ainda eram repelidas para oeste; em 5 de fevereiro, enquanto os britânicos atacavam Beda Fomm, Hitler escreveu ao ditador italiano exprimindo seu desagrado com a evolução da campanha e oferecendo-se para enviar mais tropas, desde que o que restasse do exército italiano oferecesse maior resistência e não recuasse até Trípoli. Porém, as forças britânicas e australianas não davam aos italianos um instante de trégua e, portanto, a retirada prosseguiu. Em 6 de fevereiro, as tropas australianas entraram em Benghazi, destruindo oitenta tanques e capturando sete generais, incluindo Bergonzoli.

Para Hitler, a retirada italiana e o fracasso da campanha na Grécia foram o primeiro sinal de perigo, com a perda do flanco sul do Eixo. No dia da queda de Benghazi, Hitler disse a Rommel, convocado a Berlim, que todas as unidades mecanizadas alemãs na Líbia ficariam sob seu comando. Sua missão seria defender a Tripolitânia, evitando que os britânicos chegassem à Tunísia. “Minha cabeça dá voltas ao pensar em tudo o que pode dar errado”, escreveu Rommel nessa noite. “Passarão meses antes que as coisas comecem a surtir efeito!”

Também em 6 de fevereiro, Hitler emitiu sua diretiva no 23, ordenando a intensificação das operações contra a economia de guerra britânica. Multiplicando os afundamentos de navios mercantes, escreveu Hitler, a Alemanha “poderá aniquilar a resistência britânica num futuro próximo”. Ao mesmo tempo, os ataques aéreos repetidos a fábricas de armamento “deverão causar queda considerável na produção”. Porém, preveniu Hitler, as operações contra a Inglaterra tiveram “menor efeito” “no moral e na resistência do povo inglês”.

Hitler pretendia, agora, que a guerra se concentrasse e se intensificasse no mar. “O afundamento de navios mercantes é mais importante do que os ataques a navios de guerra”, escreveu ele. Mediante a redução da tonelagem disponível à Grã-Bretanha, “não apenas se reforçará o

bloqueio, que é decisivo para a evolução da guerra, como serão evitadas operações inimigas na Europa e na África”.

Evitar tais operações, porém, não seria fácil; em 7 de fevereiro, as forças italianas em Beda Fomm apresentaram sua rendição e foram capturados mais vinte mil soldados italianos, duzentas peças de artilharia e 120 tanques, contra nove mortos e quinze feridos no lado britânico. No dia seguinte, em Washington, a Câmara dos Representantes aprovou a lei Lend-Lease por 260 votos a 165. Uma barreira importante havia sido ultrapassada, mas ela ainda precisaria passar pelo Senado e ser promulgada pelo presidente. “Parece certo”, disse Churchill num discurso transmitido por rádio, em 9 de fevereiro, “que o governo e o povo dos Estados Unidos pretendem fornecer-nos tudo o que necessitamos para alcançar a vitória”. Não eram dos dois milhões de homens que a América enviara para o outro lado do oceano “na última guerra” que a Grã-Bretanha precisava, por mais “valiosos” que fossem os exércitos formados no novo mundo, mas de armas e de munições. “Deem-nos as ferramentas”, concluiu Churchill, “e nós daremos conta do recado”.

A lei Lend-Lease ainda não estava em vigor, mas a diretiva de Hitler contra a marinha mercante britânica era posta em prática e sentida como a grave ameaça que pretendia ser. “Herr Hitler fará todo o possível”, avisou Churchill em seu discurso de 9 de fevereiro, “para destruir nossos navios e reduzir o volume de abastecimentos americanos às nossas ilhas. Tendo conquistado a França e a Noruega, seus dedos ávidos estendem-se em direção ao oceano, em ambos os lados de nosso território”. Enquanto Churchill discursava, o HG 53, comboio de navios britânicos proveniente de Gibraltar e com destino à metrópole, perdeu dois navios num confronto com um submarino e outros seis em combate contra os aviões que o comandante do submarino, Oernh, convocara para a batalha desigual. No dia seguinte, Oernh afundou mais um navio mercante. Ainda nesse mês, em dois outros ataques de “matilhas” de submarinos e aviões contra comboios, foram afundados 21 navios.

Em 10 de fevereiro, os britânicos realizaram seu primeiro ataque com tropas aerotransportadas naquele ano, na operação Colossus, lançando 38 paraquedistas sobre o viaduto de Tragind, no sul da Itália. Os paraquedistas atingiram o viaduto, mas os danos causados foram

rapidamente reparados, e os 38 homens foram capturados. Era, no entanto, um revés relativamente pouco importante se comparado a uma informação que o diretor dos serviços de informações militares transmitiu à Comissão de Defesa em Londres, em 11 de fevereiro: o volume dos efetivos alemães estacionados na Romênia, 23 divisões a que provavelmente se somariam doze num futuro próximo, revelava, sem grande margem para dúvidas, que a Alemanha planejava garantir a capitulação da Grécia não por meios diplomáticos, mas militares. Informada, a Comissão de Defesa transmitiu instruções ao comandante-chefe das forças britânicas no Oriente Médio para que desse prioridade, sobre o avanço contínuo em direção a Trípoli, aos preparativos para auxiliar militarmente a Grécia. A defesa de um aliado era mais importante do que a derrota de um inimigo – e tratava-se de um país cuja derrota deixaria, efetivamente, a Palestina, o Egito e o canal de Suez ao alcance da força aérea e do exército alemães.

Em 12 de fevereiro, Rommel chegou a Trípoli para fortalecer a resistência italiana. Desde o início da ofensiva britânica, três meses antes, vinte mil italianos haviam morrido ou ferido-se, e 130 mil foram feitos prisioneiros. As perdas britânicas e australianas, em contrapartida, eram incrivelmente baixas: quinhentos mortos e 1.400 feridos. Haveria, porém, uma pausa: no dia da chegada de Rommel ao norte da África, em consequência do desvio das forças britânicas para a Grécia, somente uma esquadrilha de aviões de combate estava disponível na Cirenaica.

Durante mais de um mês, a frente do deserto líbio manteve-se parada, pois o combate na Grécia decidiria o futuro da Alemanha no Mediterrâneo. Contudo, Hitler não conseguiu convencer o primeiro-ministro iugoslavo, Dragisa Cvetkovic, a aliar-se ao Eixo, ouvindo sua recusa em 14 de fevereiro. Em Roma, dois dias antes, Mussolini também fracassara em sua tentativa de que o general Franco reconsiderasse sua posição de neutralidade.

O fracasso da tentativa alemã em obter auxílio iugoslavo contra a Grécia foi relevante; enquanto ocorriam as conversações infrutíferas entre Hitler e o primeiro-ministro iugoslavo, Roosevelt enviava mensagens de apoio ao presidente da Turquia, Ismet İnönü, e ao príncipe regente da Iugoslávia, Paul. A iniciativa de Roosevelt foi motivada pela informação chegada a Washington por um oficial americano, coronel

Donovan, que, após uma viagem pelos Bálcãs e pelo Oriente Médio, afirmava que a Grã-Bretanha poderia derrotar os exércitos alemães na Grécia sob a condição de que Turquia, Iugoslávia e, se possível, Bulgária colaborassem com as forças anglo-gregas.

Em 16 de fevereiro, comemorou-se o quinquagésimo aniversário de Hans Günther, o mais destacado ideólogo do racismo nazista, que recebeu a medalha Goethe e teve sua obra elogiada por Alfred Rosenberg como “da maior importância” para salvaguarda e o desenvolvimento da filosofia nazista. Fora Günther quem, em seu livro sobre a etnologia do povo alemão, editado pela primeira vez em 1929, apontara aqueles a quem chamava judeus “não europeus” como um “fermento desintegrador” da cultura nórdica.

No dia seguinte, os resultados de seus ensinamentos eram patentes, embora apenas para alguns indivíduos, no forte Breendonk, na Bélgica, onde um judeu alemão idoso e asmático não conseguiu, em dado momento de seu segundo dia no campo, continuar a empurrar um carrinho de mão e, contrariando os regulamentos, parou para descansar. O chefe do alojamento mandou prendê-lo numa cela; ao cair da noite, o homem estava morto. Seis dias depois, na Holanda, quando estouraram em Amsterdã greves de protesto contra a prisão de cerca de quatrocentos judeus, o chefe da SS no país, Hans Albin Rauter, ordenou que suas forças e a polícia alemã abrissem fogo contra os grevistas – onze morreram. Os judeus, 389 ao todo, foram deportados para Buchenwald, onde 25 morreram fuzilados ou em consequência de maus-tratos. Dois meses depois, os restantes seriam enviados para as pedreiras do campo de Mauthausen; no outono seguinte já não havia sobreviventes.

Os poloneses, judeus ou não, sofriam cruelmente à medida que a pressão nazista aumentava; em 22 de fevereiro, foi anunciado que uma polonesa, Pelagia Bernatowicz, fora condenada à morte por ouvir, na vila de Grudziadz, uma emissão da BBC em língua polonesa.

Na União Soviética, os generais esforçavam-se para acelerar o ritmo dos preparativos. Em 18 de fevereiro, o general D. G. Pavlov, comandante da zona militar ocidental, enviou um telegrama a Stálin, a Molotov e ao marechal Timoshenko, pedindo a concessão de fundos

substanciais para a construção de estradas. “Estou convencido”, avisava Pavlov, “de que o teatro de guerra ocidental precisará ser impreterivelmente organizado durante 1941. Por conseguinte, será impossível prolongar os trabalhos de construção por vários anos”. Em resposta ao pedido, Stálin disse que, embora as exigências fossem “legítimas”, “não estamos em condições de satisfazê-las”. Uma semana depois, em 25 de fevereiro, o novo chefe do estado-maior das forças armadas soviéticas, general Zhukov, transmitiu uma diretiva secreta em que designava a Alemanha como inimigo provável e ordenava que se procedessem aos “devidos preparativos” nas regiões fronteiriças. No dia seguinte, a frota soviética no Báltico recebeu ordens sobre a eventualidade de uma guerra contra a Alemanha. Os campos minados deveriam desempenhar um importante papel nos planos de defesa; infelizmente para a sua rápida instalação, havia uma grande falta de minas e de dragas-mina para criar obstáculos às represálias alemãs.

As reuniões do estado-maior em 25 e 26 de fevereiro, em Moscou, apontavam a escala das medidas defensivas necessárias e as dificuldades que impediam que fossem inteiramente postas em prática. A pedido de Zhukov, decidiu-se pela organização de vinte novos corpos mecanizados no exército soviético e pela criação de muitos outros regimentos da força aérea, equipados com aparelhos novos e com o apoio e a manutenção em terra necessários. Como fora, porém, dito a Pavlov a respeito da construção de estradas, o problema era a enorme falta de matérias-primas de todos os tipos. Além disso, ainda não existiam instalações satisfatórias em terra para a força aérea; entre mais de mil aeródromos, apenas duzentos se encontravam operacionais.

Não restavam dúvidas, em Moscou, quanto ao perigo da guerra. Os voos de reconhecimento alemães na zona do Báltico eram quase cotidianos. Hitler insistia em afirmar que se tratava de uma manobra para indicar aos britânicos que não ocupavam o próximo lugar na lista dos países a invadir, mas os Serviços de Segurança do Estado Soviético já haviam recebido a informação – talvez através de Sorge, talvez através de Trepper – de que a ofensiva alemã contra a Grã-Bretanha fora adiada indefinidamente –, ou seja, até o fim da guerra contra a Rússia.

Com o deserto líbio tranquilo e os preparativos para a invasão à Rússia prosseguindo sob um véu de sigilo, o grande esforço de guerra alemão

acontecia no Atlântico. Em 22 de fevereiro, a mil quilômetros de Newfoundland, o vice-almirante Lütjens, comandante-chefe da armada alemã, viajando a bordo do *Gneisenau* e acompanhado pelo *Scharnhorst*, avistou um grupo de navios mercantes aliados que viajava sem escolta. Cinco foram afundados. O almirante Lütjens, então, atravessou o Atlântico em sentido inverso, rumo ao arquipélago de Cabo Verde e à costa africana.

O êxito dos ataques alemães aos comboios aliados devia-se parcialmente ao trabalho de espões nos portos e nas docas do litoral atlântico. As informações recolhidas eram transmitidas à Alemanha através de seu adido naval em Washington, prova viva de que as relações diplomáticas entre Alemanha e Estados Unidos ainda se mantinham após mais de treze meses desde a invasão à Polônia. Uma entre essas mensagens, por exemplo, comunicava a Berlim uma “concentração de navios, em 25 de fevereiro, duzentas milhas marítimas a leste da ilha Sable, com treze cargueiros, quatro navios-tanques, cem mil toneladas de peças de aviação, peças de máquinas, motores de caminhões, munições e produtos químicos; possivelmente, o número do comboio é HX 114”.

Por uma ironia da espionagem em tempos de guerra, a mensagem, transmitida através do Atlântico num código secreto de rádio, foi captada e decifrada ao mesmo tempo em Berlim e em Bletchley, permitindo ao almirantado britânico tomar medidas para escapar aos alemães. A espionagem à maneira antiga fora derrotada pela decifração de sinais e o agente, pela escuta das ondas de rádio.

Em consequência de um relatório enviado pelo secretário de Estado das Relações Exteriores britânico, Anthony Eden, seus chefes de estado-maior aconselharam o envio para a Grécia de uma força expedicionária de cem mil homens. A decisão foi aprovada por Churchill e por seu Gabinete de Guerra e tinha como objetivo criar uma “frente balcânica” que compreendesse Grécia, Iugoslávia e Romênia, de modo a evitar o avanço dos alemães para sul e a permitir que os bombardeiros britânicos atacassem mais energicamente a principal fonte de abastecimento de petróleo da Alemanha, a jazida romena de Ploesti. Em 28 de fevereiro, naquilo que era um passo decisivo para a invasão da Grécia a partir do

leste, os engenheiros militares alemães lançaram três pontes sobre o Danúbio, entre Romênia e Bulgária. No dia seguinte, as primeiras unidades entravam na Bulgária e, em Viena, Hitler assistiu à assinatura, pelo rei Boris, da Bulgária, do tratado de adesão ao Eixo.

Enquanto o rei aceitava a presença de tropas alemãs em seu território, na iminência de um ataque contra a Grécia, o embaixador americano em Moscou recebia instruções para tentar uma reunião com Molotov em que lhe transmitisse, “oralmente e confidencialmente”, a seguinte mensagem: “O governo dos Estados Unidos, em seus esforços para se manter a par do desenvolvimento da situação mundial, obteve informações, que considera autênticas, indicando claramente que a Alemanha pretende atacar a União Soviética.”

Antes que o embaixador pudesse transmitir a mensagem, ela foi confiada pelo subsecretário de Estado americano, Sumner Welles, ao embaixador soviético em Washington, Umanskii. Sem que os americanos ou russos soubessem, Hitler discutiu com o general Jodl, em 3 de março, a natureza da futura administração, pelos alemães, das zonas ocupadas da Rússia. A “*intelligentsia* judeu-bolchevique”, afirmou Jodl, “deve ser eliminada”.

Passariam-se quase quatro meses antes que esse plano de extermínio em massa pudesse entrar em vigor, mas o espírito que o animava estava em ação havia um ano e meio, e não conhecia descanso. Também em 3 de março, um judeu alemão, que procurara refúgio na Holanda, foi executado em Amsterdã por um pelotão de fuzilamento por ter acidentalmente salpicado um grupo de soldados alemães com um pulverizador em sua cafeteria. Ninguém se machucara, mas Cahn tinha de ser “castigado”, e foi a primeira pessoa a ser fuzilada na Holanda desde a ocupação alemã em maio do ano anterior. Dois dias depois, um comunista holandês foi detido quando distribuía panfletos convocando uma segunda greve e também foi fuzilado nas 24 horas seguintes.

Nessa semana, foi enviado aos altos-comandos militares um decreto especial ordenado por Hitler. Conhecido como “Decreto dos Comissários”, afirmava cruamente: “A guerra contra a Rússia não pode ser cavalheiresca. Trata-se de uma luta de ideologias e de diferenças raciais, que deverá ser travada com dureza inédita, sem misericórdia e sem tréguas.”

O novo decreto prevenia os oficiais de que teriam de “libertar-se das ideias antiquadas que pudessem ter” e afirmava:

Eu sei que a necessidade de uma guerra desse tipo está além de vossa compreensão, senhores generais, mas faço questão de que minhas ordens sejam executadas sem protestos. Os comissários defendem pontos de vista diametralmente opostos ao nacional-socialismo. Por conseguinte, devem ser eliminados. Todo militar alemão que viole o direito internacional será perdoado. A Rússia não participou da Convenção de Haia e, por isso, não tem quaisquer de seus direitos.

Redigido por Hitler, o “Decreto dos Comissários” bastou para conduzir às mortes brutais de centenas de milhares de inocentes, sem direito de apelo ou remorso por parte dos responsáveis.

Em 4 de março, os britânicos lançaram a operação Claymore contra as ilhas Lofoten, próximas à costa norueguesa, no círculo polar Ártico. Para o público geral, foi um episódio de audácia planejado para animar o moral britânico; uma traineira armada alemã, *Krebs*, ficou bastante danificada, e foram mortos catorze marinheiros alemães, capturados 25 combatentes e destruídas as reservas locais de petróleo, que serviam à Alemanha. Porém, o objetivo da operação era capturar o sistema de códigos Enigma, cuja decodificação parecia praticamente impossível.

Uma chave do sistema seguia a bordo do *Krebs*, mas seu comandante, tenente Hans Kumpfing, lançou-a ao mar antes de morrer. Não pôde, todavia, destruir outros elementos das mensagens Enigma, incluindo documentos de codificação que, ao fim de três semanas de trabalho intenso em Bletchley, permitiram aos serviços secretos britânicos captar e decifrar todas as comunicações alemãs em águas nacionais, durante a última semana de abril e boa parte de maio, com apenas um atraso de três a sete dias.

Restaria aos noruegueses sofrer as consequências do ataque às ilhas Lofoten, quando Jan Terboven criou imediatamente, como escreveu Goebbels em seu diário cinco dias depois, “um tribunal punitivo do maior rigor”. As propriedades rurais dos “sabotadores” seriam incendiadas e reféns seriam capturados. “Esse Terboven é ótimo”,

acrescentava Goebbels. “Com ele, não é preciso rodeio; ele sabe o que é necessário fazer.”

Em 5 de março, os britânicos lançaram sua segunda operação em dois dias, a Lustre, consistindo na transferência de forças britânicas para a Grécia, apesar dos ataques aéreos italianos com base em Rodas e nas ilhas do Dodecaneso. De três em três dias, partia do Egito um comboio de navios; ao todo, foram afundados 25, mas foram perdidos sete, no Pireu e em Volos, já depois do desembarque das tropas. Um total de 60.364 homens atravessou o Mediterrâneo Oriental dessa maneira; quatro divisões completas, sendo duas blindadas. Enquanto as tropas desembarcavam, os planos de Hitler para invadir a Grécia eram praticamente concluídos, acreditando que os reforços britânicos poderiam ser facilmente esmagados e repelidos. Suas energias se concentravam na campanha russa. Contudo, o sigilo que pedira aos seus comandantes não pôde ser mantido. Sem que Hitler soubesse, Richard Sorge pôde enviar de Tóquio aos seus chefes em Moscou, em 5 de março, o microfilme de um telegrama de Ribbentrop ao embaixador alemão no Japão, indicando meados de junho como data provável para o ataque contra a Rússia.

Ironicamente, apesar de revelar-se correta, a data apontada por Sorge fora apenas prevista por ele, sem grande fundamentação; a verdadeira data seria fixada somente mais de um mês depois.

Na Holanda, em 6 de março, os alemães condenaram à morte dezoito elementos da resistência holandesa, que foram executados uma semana depois. Os homens cantaram durante todo o trajeto até o local de execução, no meio das dunas, alternando salmos e seu hino nacional. Para mostrar aos povos cativos que não haviam sido esquecidos, a aviação britânica lançou sobre a Holanda mais de quatro mil toneladas de chá holandês vindo da Batávia, em pacotes de cinquenta gramas. Cada pacote trazia a seguinte mensagem: “Saudações por parte das Índias Holandesas Livres. Coragem! A Holanda se reerguerá!”

Na Polônia, após o assassinato por patriotas, a 7 de março, de um ator de Varsóvia, Igo Sym, que se declarara de raça germânica, foram feitos 160 reféns. Como os assassinos não se entregaram, dezessete reféns

foram fuzilados pelos alemães, entre os quais dois antigos professores da Universidade de Varsóvia, Kopec, biólogo, e seu filho, Zakrzewski, eminente historiador.

Também na Polônia, ou naquilo que fora a Polônia até setembro de 1939, poderia ser punido com morte, a partir de então, quem simplesmente cantasse o hino nacional. Em 14 de março, o jornal alemão de Poznan anunciou que dois poloneses haviam sido condenados à morte por esse “crime”: Edward Lembicz, um seleiro de 37 anos, e Jan Mikolajczk, um carroceiro de 25.

A pilhagem oficial continuava por toda a Europa ocupada e, por vezes, em escala considerável. Em fevereiro e março de 1941, nas quatro visitas que fez a Paris, Goering retirou 53 obras de arte de coleções particulares de judeus, incluindo obras de Goya, Rembrandt, Teniers, Rubens, Boucher e Frans Hals. Quando um funcionário alemão levantou objeções legais, Goering respondeu: “O mais alto jurista do Estado sou eu.”

No que diz respeito à guerra naval, o dia 7 de março assistiu ao afundamento do submarino alemão U-47, com toda a sua tripulação e seu comandante, Günther Prien, cuja perícia transformara o *Royal Oak* numa das primeiras vítimas da guerra, mas sua morte foi eclipsada, na noite seguinte, pela aprovação pelo Senado dos Estados Unidos da lei Lend-Lease, por sessenta votos a 31. Segundo a lei, tanto a Grã-Bretanha quanto a Grécia receberiam auxílio militar imediato. Era, disse Roosevelt seis dias mais tarde, “o fim do compromisso com a tirania”.

Na Grécia, entretanto, eram enviados às pressas, no dia seguinte, reforços para a frente albanesa, pois os italianos haviam lançado uma ofensiva para expulsar pelo menos os gregos do território albanês; porém, ao fim de cinco dias de batalha, o avanço italiano seria detido e as tropas permaneceriam com a posse de Klissura.

Os britânicos não tiveram a mesma sorte: os alemães voltavam a lançar pesados ataques aéreos contra Londres e algumas outras cidades, vitimando milhares de civis. A guerra no mar mantinha seus custos; em 15 de março, os navios de guerra do almirante Lütjens, o *Scharnhorst* e o *Gneisenau*, iniciaram uma caçada a navios mercantes que durou dois dias, período em que afundaram dezesseis.

O afundamento de navios no Atlântico ameaçava seriamente a sobrevivência da Grã-Bretanha, portanto as represálias eram constantes.

Não apenas Günther Prien e seu U-47 foram afundados naquele mês, mas três outros submarinos. Dois entre os mais hábeis comandantes de submarinos alemães, “ases” na destruição de navios mercantes, foram igualmente vítimas da defesa vigilante durante esse mês de março, com o afogamento do capitão Joachim Schepke e a captura do capitão Otto Kretschmer.

Outro êxito britânico, ainda nesse mês, foi um fato aparentemente pouco relevante, mas que teria grande importância no futuro. Na noite de 15 de março, o Departamento de Operações Especiais, SOE, enviou cinco militares franceses que estavam na Grã-Bretanha para seu país, onde foram lançados de paraquedas nas imediações de Vannes, durante a noite, juntamente com dois caixotes de armas pouco volumosas e uma barricada especialmente concebida para bloquear uma estrada. Com o codinome Savannah, a missão consistia em explodir uma caminhonete utilizada para transportar os pilotos da força aérea alemã para o aeroporto da cidade. Na realidade, os pilotos alemães já não se deslocavam assim, mas em carros, em grupos de dois ou três, e, portanto, a missão não pôde ser executada. Aqueles que quiseram regressar à Grã-Bretanha foram recolhidos três semanas depois, por um submarino.

Embora não houvesse alcançado seu objetivo, a operação Savannah tivera um êxito considerável: mostrara, como escreveu o historiador oficial do SOE na França, “que agentes subversivos podiam ser lançados discretamente na França ocupada, movimentando-se sem maiores problemas, sendo bem recebidos por uma população francesa solidária e – com tempo, coragem, algumas dificuldades e alguma sorte – podendo ser retirados do território francês”.

O chefe da operação, Georges Berge, trouxe à Inglaterra informações importantes sobre as condições de vida na França ocupada, incluindo dados relativos ao toque de recolher obrigatório, às senhas de racionamento e aos documentos de identificação, que seriam preciosas para os agentes que em breve seguiriam seus passos.

Em 17 de março, no âmbito dos preparativos para a invasão à Rússia, Hitler deslocou para Cracóvia as unidades blindadas dos exércitos ao Sul. Os britânicos descobriram a movimentação através de mensagens no

sistema Enigma. No mesmo dia, quando a aviação alemã sobrevoou o porto soviético de Libava, no mar Báltico, o comandante naval russo, almirante Kuznetsov, ordenou que os aviões fossem abatidos. No entanto, Stálin interveio, mandando que o almirante revogasse a ordem, e, quando um avião de reconhecimento alemão fez uma aterrissagem forçada diante do porto de Libau, os soviéticos acolheram o piloto, ofereceram-lhe um jantar, rebocaram e reabasteceram o avião e o enviaram à Alemanha. Stálin não queria provocações. Os comandantes militares das regiões fronteiriças receberam instruções específicas para não disparar contra os aviões alemães que atravessassem a fronteira. Prudência era a palavra de ordem de Stálin, que estava decidido a dar tempo ao tempo. Ele tinha, no entanto, todos os motivos para se alarmar; em 20 de março, Summer Welles falou, em Washington, ao embaixador Umanskii sobre uma série de mensagens divulgadas pelo governo grego e emanadas de missões diplomáticas suecas em Berlim, Bucareste e Helsinque, que confirmavam as intenções alemãs de atacar a União Soviética.

Restava saber a data. Porém, quanto a esse ponto, o chefe do Departamento de Informações do estado-maior soviético, general Golikov, apresentou, em 20 de março, um relatório com uma descrição bastante exata do plano de ataque alemão em três frentes, com o nome dos respectivos comandantes, concluído com o seguinte comentário: “A provável data para o início da ofensiva contra a União Soviética é 20 de maio.” Em sua conclusão, todavia, Golikov afirmou: “Os rumores e os documentos anunciando que a guerra contra a URSS é inevitável nesta primavera devem ser encarados como informações enganosas provenientes dos serviços secretos ingleses ou, talvez, alemãs.”

O que tais rumores e documentos veiculavam não era, no entanto, desinformação, mas o verdadeiro plano de ataque. Estavam em curso importantes movimentações de tropas desde a região central da Alemanha para o sul da Polônia. E não apenas Hitler planejava ampliar o âmbito da guerra; em 22 de março, um agente japonês no Havaí, Nagai Kita, recebeu instruções no sentido de obter informações acerca do movimento de entrada e saída de navios americanos em Pearl Harbor. Deveria obter tais dados, diziam-lhe, “mesmo que fosse preciso pagar”. As informações de Kita foram interceptadas pelo Serviço de Decifração de Sinais americano e decifradas, mas não alarmaram as autoridades.

A conquista alemã da Iugoslávia e da Grécia

Abril de 1941

Quando as forças alemãs concluíram seu avanço no território búlgaro, até a fronteira oriental da Grécia, e o rei Boris aceitou comprometer-se com o Eixo, a situação da Grécia transformou-se num perigo iminente. Em 18 de março de 1941, os serviços secretos britânicos concluíram que o príncipe Paul, regente da Iugoslávia, havia, como o rei Boris, comprometido-se com os alemães, expondo a fronteira norte da Grécia. Os diplomatas britânicos na Iugoslávia foram, por conseguinte, autorizados a fazer todo o possível para derrubar o governo pró-alemão no país, mesmo que isso significasse apoiar atividades subversivas.

Em 20 de março, o príncipe Paul perguntou aos membros de seu gabinete se estariam dispostos a aceitar a exigência de Hitler para que a Iugoslávia se juntasse ao Eixo e a permitir o livre trânsito de tropas alemãs até a fronteira grega. Quatro ministros preferiram demitir-se. Cinco dias depois, em Viena, o primeiro-ministro iugoslavo, Cvetkovic, assinou a adesão de seu país ao Pacto Tripartite. Na presença não apenas de Hitler, mas do embaixador japonês em Berlim, general Oshima, a Iugoslávia tornou-se membro do cada vez maior Eixo.

A notícia coincidiu com outros dois golpes à causa aliada. Naquele mesmo dia, seis torpedeiros italianos a motor, comandados pelo tenente Luigi Faggioni, entraram na baía de Suda, em Creta, onde um comboio naval britânico chegara com reforços e armas. Ali, danificaram gravemente o cruzador britânico *York*. Ao mesmo tempo, o general Rommel, que num ataque surpresa retomara o forte de El Agheila, no deserto líbio, decidiu, contrariamente às instruções recebidas e dos protestos italianos, lançar-se numa ofensiva em grande escala. As forças britânicas que o enfrentavam estavam desfalcadas em homens, munições

e aviões em consequência do auxílio à Grécia, uma prioridade. “Tenho de segurar as tropas para impedir que avancem ainda mais depressa”, escreveu Rommel à mulher, em 26 de fevereiro. “Já ocuparam uma nova posição, 32 quilômetros a leste. Haverá alguns rostos aflitos entre nossos amigos italianos.”

Esses, contudo, tinham outros motivos para alarme. Em 27 de março, após doze dias de duros combates, suas forças na Eritreia foram desalojadas de Keren. Ao mesmo tempo, grande parte de suas forças navais navegava junto ao cabo Matapan, no extremo sul da Grécia, ignorando que uma enorme força britânica, alertada pela decifração de transmissões via rádio, avançava ao seu encontro. Na batalha que se seguiu, primeiro próxima a Matapan e, depois, junto à ilha de Gaudó, ao sul de Creta, os italianos perderam cinco entre seus oito cruzadores e três entre seus treze contratorpedeiros. Cerca de 2.400 marinheiros italianos morreram afogados. O custo para os britânicos foram dois aviões da marinha. Entre os que participaram do combate encontrava-se o tenente Philip Mountbatten, filho do príncipe Andrew, da Grécia; pelo modo certo como apontou os projetores do *Valiant* para dois cruzadores italianos, mereceu uma menção especial nos relatórios.

A batalha de Matapan afastava a marinha italiana da luta que se iniciava nos mares Adriático, Jônico e Egeu. Ao longo de 26 de março, houve manifestações em muitas cidades e vilas iugoslavas contra a assinatura do Pacto Tripartite; sindicatos, camponeses, Igreja e exército uniram-se nessa causa comum. Às primeiras horas da madrugada de 27 de março, o governo de Cvetkovic foi derrubado e o príncipe regente, substituído pelo herdeiro do trono, o rei Peter, de 17 anos. O novo governo, encabeçado pelo chefe do estado-maior da força aérea, general Dusan Simovic, denunciou imediatamente a adesão do país ao Pacto Tripartite. Quarenta e oito horas após garantir seu acesso ao norte da Grécia, Hitler perdia-o. Irritado, disse aos seus comandantes que estava decidido “a esmagar a Iugoslávia militarmente e enquanto Estado”. A ofensiva deveria começar o mais depressa possível. “Do ponto de vista político”, explicou, “é especialmente importante que a guerra contra a Iugoslávia apresente a maior dureza e que a destruição militar seja empreendida à maneira da Blitzkrieg”.

Mais uma vez, a “guerra-relâmpago” destruiria um inimigo e amedrontaria outro. A Turquia, diante de tal exemplo, decidiria por conservar sua neutralidade. Ainda nessa manhã, num encontro de quinze minutos, Hitler ofereceu ao representante húngaro a província iugoslava de Barát em troca de auxílio. “Isso não é uma simples promessa”, disse Hitler, “pois não prometo mais do que posso garantir”. Ao ministro da Bulgária, numa reunião de cinco minutos, ofereceu a província iugoslava da Macedônia e a Macedônia grega, que teria sido a recompensa da Iugoslávia caso se aliasse ao Eixo. “Uma tempestade”, disse Hitler ao representante búlgaro, “se abaterá sobre a Iugoslávia com tal rapidez que deixará esses senhores estarecidos!”.

Em 27 de março, seiscentos aviões alemães foram transferidos de bases aéreas em todo o litoral do canal da Mancha, da Sicília e da Líbia para estações romenas e búlgaras. Com sua chegada, o número de máquinas prontas a atacar, quer a Iugoslávia quer a Grécia, elevou-se a mil; Belgrado, a capital iugoslava, estava particularmente vulnerável. Nessa noite, Hitler assinou sua diretiva de guerra no 25. A Iugoslávia e a Grécia seriam atacadas simultaneamente. A invasão da Rússia era adiada de maio para junho.

A Iugoslávia enfrentaria todo o furor de Hitler. Mesmo que o país fizesse “declarações iniciais de lealdade”, escreveu Hitler em sua diretiva, “deverá ser considerado inimigo e derrotado o mais depressa possível”. Entretanto, as tensões internas deviam ser fomentadas através da concessão de garantias políticas aos croatas. Assim que houvesse um número suficiente de aviões a postos e o clima permitisse, “as bases terrestres da força aérea iugoslava e a cidade de Belgrado serão destruídas por um bombardeamento aéreo contínuo, dia e noite”.

Já não havia dúvidas sobre o que semelhante ataque representava; em 28 de março, foi anunciado que 28.859 civis britânicos haviam morrido em sete meses de bombardeamentos aéreos, estando mais 40.166 gravemente feridos. Somente em março de 1941, morreram 4.259 civis, entre os quais 598 menores de 16 anos. No mar, os afundamentos de navios pelos submarinos alemães continuavam. “As solicitações que temos de enfrentar com nossos recursos navais”, dizia Churchill, num telegrama enviado a Harry Hopkins, em 28 de março, “são grandes demais para que possamos formar escoltas adequadas, o que conduz a

uma sucessão de pesadas e desastrosas baixas infligidas ao nosso volumoso tráfego marítimo e aos nossos comboios de navios de carga. Não dispomos, pura e simplesmente, de navios suficientes para escoltá-los e para participar, ao mesmo tempo, dos combates”.

O afundamento de navios mercantes por submarinos alemães era uma preocupação cotidiana para a população e para os governantes britânicos, mas, do ponto de vista final da guerra, a última semana de março foi marcada por dois acontecimentos secretos de grande relevância para os aliados ocidentais e para aqueles que os apoiavam ou desejavam sua vitória. Em 27 de março, as negociações militares anglo-americanas levaram à aprovação um Plano Básico de Guerra no 1, que tinha em vista “o conflito contra as potências do Eixo”. Bastante vasto, o plano determinava em pormenores quais seriam as posições das forças terrestres, navais e aéreas de ambos os países após uma eventual entrada em combate por parte dos americanos. Também conhecido como Plano de Defesa no 1, visava, em primeiro lugar, a derrota da Alemanha e, depois, a derrota do Japão.

Teve igual importância para a derrota do Japão, como seria demonstrado mais tarde, outro desenvolvimento secreto ocorrido nessa semana. Em 28 de março, um grupo de cientistas ocidentais descobriu um componente essencial ao processo de fissão nuclear e à criação de uma bomba atômica. Em 1789, um elemento recém-descoberto recebera o nome urânio, baseado no planeta Urano. O novo elemento, em 1941, homenagearia Plutão, um planeta descoberto apenas onze anos antes, e se chamaria plutônio.

Em 30 de março, Hitler dirigiu-se a duzentos comandantes militares e respectivas equipes em Berlim. A invasão à Rússia, disse ele, começaria em 22 de junho. “Temos a oportunidade de esmagar a Rússia enquanto nossa retaguarda não corre riscos. Tal oportunidade não se repetirá tão cedo. Eu trairia o futuro do povo alemão se não a aproveitasse agora!” Hitler explicou aos seus comandantes o “Decreto dos Comissários”. No Leste, a crueldade seria uma prova de “respeito pelo futuro”. Todos os comissários russos, identificados pela estrela vermelha e pela foice e pelo martelo amarelos que usavam na manga do casaco, eram criminosos

e deviam ser liquidados. “Nossa tarefa não é assegurar a sobrevivência desses criminosos.”

Percebendo que muitos oficiais presentes estavam chocados, Hitler disse-lhes: “Eu sei que a necessidade de empreender uma guerra dessa natureza ultrapassa sua compreensão, senhores generais, mas não posso, nem quero, alterar minhas ordens e faço questão de que sejam cumpridas num espírito de obediência absoluta e incondicional.”

Nos campos de concentração, em contrapartida, não era necessário intimidar os subordinados a cumprirem ordens; no final de março, soube-se, no Ocidente, através do governo polonês exilado, que mais de três mil cidadãos seus haviam sido assassinados em Auschwitz ou morreram por fome e frio nos dez meses anteriores.

Em 30 de março, no deserto líbio, Rommel avançava pela Cirenaica, de onde os britânicos tão recentemente haviam expulsado os italianos. Mais a leste, no Iraque, um general antibritânico, Rashid Ali, tomou o poder em 2 de abril, cortando imediatamente o oleoduto que carregava o petróleo de seu país até o Mediterrâneo. Hitler, muito satisfeito com o golpe nas posições britânicas no Oriente Médio, ordenou que a França de Vichy enviasse armamento que estava na Síria para Bagdá e que peritos militares alemães fossem enviados ao Iraque para ajudar Rashid Ali a conservar-se no poder.

Somente no leste da África, onde dominavam completamente as comunicações secretas da força aérea italiana, as forças britânicas continuaram a avançar sem interrupção; em 2 de abril, cinco contratorpedeiros foram atacados, no trajeto entre Massawa e Port Sudan, por uma esquadrilha de aviões torpedeiros. Quatro foram afundados.

Desde 26 de março, na Rússia, nos termos da ordem nº 008130, a região militar a oeste tinha instruções para se manter “a postos para o combate” até 15 de junho. Foram também transmitidas prescrições urgentes aos comandantes das zonas militares do Báltico, do Ocidente e de Kiev no sentido de reforçarem suas respectivas fortificações fronteiriças. Num esforço maciço para compensar negligências passadas, 58 mil homens

trabalhavam nas fortificações da região do Báltico, 35 mil o faziam na região a oeste do país e 43 mil, na região de Kiev. As obras foram prejudicadas, no entanto, pela falta de cimento, madeira e ferro, e, naquilo que se pretendia uma linha defensiva ininterrupta, havia diversas aberturas de oito a oitenta quilômetros. Uma entre as mais graves falhas ficava na “zona fortificada” de Grodno. Fizeram-se planos para torná-la menos perigosa através da construção de dois “pontos de apoio”, que ainda não estavam prontos na terceira semana de junho.

Também no final de março, dada a insistência de Timoshenko e de Zhukov, Stálin concordou em transferir quinhentos mil homens para as regiões militares fronteiriças, de modo a reforçar as divisões de infantaria ali estacionadas; alguns dias depois, aprovou o envio de mais trezentos mil homens para as zonas fortificadas, entre os quais especialistas em artilharia, engenheiros, peritos em transmissões, defensores aéreos e elementos de logística da força aérea. Seu treinamento e a organização de uma estratégia defensiva deveria começar em março e estar concluído em outubro, mas era cada vez mais evidente que o tempo tornava-se escasso: na primeira semana de abril, Richard Sorge enviou uma mensagem por rádio para Moscou, estando em Tóquio, em que afirmava, citando seu mais importante contato no país: “Segundo o embaixador alemão, seu estado-maior terminou todos os preparativos para a guerra. Nos círculos de Himmler e no estado-maior geral, há um forte desejo por iniciar a guerra contra a União Soviética.” Desta vez, Sorge não indicava uma data provável.

Himmler, com efeito, treinava suas forças SS com uma intensidade inédita até mesmo nesses círculos militares. Entre janeiro e abril, dez homens morreram acidentalmente nos treinos e dezesseis ficaram feridos. Seus homens esperavam ser utilizados em breve, na ocupação da França de Vichy, a operação Attila, mas Hitler adiara esse projeto. Em 3 de abril, Himmler convocou a Berlim os comandantes da SS e ordenou-lhes que se preparassem para combater na Grécia. Ao mesmo tempo, sem interrupção causada pela questão balcânica, as forças especiais continuavam a preparar-se para sua tarefa na Rússia. No dia seguinte o exército alemão que lutava em território grego aceitou dar às forças especiais total liberdade de ação na retaguarda, autorizando-as explicitamente a “tomar medidas executivas que afetem a população

civil”. Estas “medidas” seriam nada menos do que massacres. Porém, faltavam ainda dois meses e meio para tal, tempo mais do que suficiente para elaborar planos e treinar as tropas.

Em 3 de abril, as forças germano-italianas de Rommel obrigaram os britânicos a evacuar Benghazi. “Já alcançamos nosso primeiro objetivo”, escreveu ele à mulher, “que só contávamos para o fim de maio. Os ingleses tropeçam uns nos outros na pressa para fugir”. Nesse dia, na Hungria, o primeiro-ministro, conde Pal Teleki, suicidou-se por sentir que a decisão do regente húngaro, almirante Horthy, sobre associar-se à Alemanha na invasão à Grécia manchava a honra da nação. Em sua diretiva de guerra no 26, Hitler, também em 3 de abril, confirmava que a Hungria estava disposta a participar não apenas da ocupação da província iugoslava de Barat, mas “de outras operações visando a destruição do inimigo”. A Bulgária “recuperaria” a Macedônia. A Romênia se limitaria a “vigiar as fronteiras com a Iugoslávia e a Rússia”. Os italianos também avançariam contra a Iugoslávia, mas somente quando o ataque alemão “surtisse efeito”.

Em 4 de abril, enquanto as tropas alemãs faziam os preparativos finais para a ofensiva balcânica, os homens de Rommel entravam em Benghazi, onde já não havia britânicos. No mesmo dia, o corsário alemão *Thor*, camuflado como navio mercante, afundou o *Voltaire*, navio mercante armado da Grã-Bretanha. Nos primeiros seis meses de 1941, esses navios-chamarizes alemães afundariam 38 navios mercantes enquanto navios de guerra como o *Penguin* afundaram 37.

No campo de concentração de Sachsenhausen, médicos alemães prosseguiam em suas experiências de eutanásia com o uso de gás, utilizando os prisioneiros do campo como cobaias. “Nosso trabalho aqui é muito interessante”, escreveu um médico, que recolhia material para “um grande número de novas experiências”.

Em 5 de abril, no norte da África, Rommel ordenou que seu exército continuasse a avançar para leste, apesar das hesitações italianas. “Partimos às 4h”, escreveu ele à mulher, acrescentando: “Estão acontecendo coisas na África. Esperemos que nosso grande golpe seja

bem-sucedido.” Na África Oriental italiana, a humilhação final chegou nesse dia, quando o vice-rei italiano da Etiópia, o duque de Aosta, viu-se obrigado a ordenar a evacuação da capital, Adis Abeba. Em Moscou, Stálin passou boa parte da noite de 5 de abril com o representante iugoslavo na capital, Gabrilovich, prometendo-lhe que, caso a Iugoslávia viesse a ser atacada, poderia contar com a boa vontade da União Soviética, “baseada nas relações amigáveis entre os dois países”. “E se os alemães, descontentes, virarem-se contra a Rússia?”, perguntou Gabrilovich. “Eles que venham!”, foi a resposta confiante de Stálin.

Quatro horas mais tarde, às 5h de 6 de abril, a força aérea alemã lançou a operação Castigo de bombardeamento a Belgrado. A batalha da Iugoslávia havia começado.

Muito rapidamente, e com grande brutalidade, a Iugoslávia foi atacada e vencida. No bombardeamento a Belgrado, cujo principal objetivo era causar pânico e confusão, morreram dezessete mil civis: o mais elevado número num bombardeamento em vinte meses de guerra. Como acontecera em Varsóvia, em setembro de 1939, em Roterdã, em maio de 1940, e em Belgrado, em abril de 1941, uma população civil praticamente indefesa, surpreendida pelo ataque e acrescida de muitos iugoslavos que foram à capital celebrar o domingo de Ramos, foi alvo de um dia inteiro de bombardeamento aéreo. Ao mesmo tempo, todos os aeródromos iugoslavos eram bombardeados, destruindo a maior parte dos seiscentos aviões do país.

Vários exércitos alemães se puseram em marcha em 6 de abril, partindo da Áustria e da Hungria para Belgrado, e da Bulgária para Nis, Skoplje, Monastir e, por último, para a Grécia, onde um exército atacou a cidade portuária de Salônica. No mesmo dia, a força aérea alemã bombardeou o porto grego de Pireu. Foram afundados seis navios aliados, com carregamentos de natureza militar, antes que o porto fosse devastado pela explosão de um navio mercante britânico, o *Clan Fraser*, que levava duzentas toneladas de explosivos. A explosão afundou mais dez navios.

Os italianos, ansiosos por vingarem a humilhação de sua invasão fracassada à Grécia, prepararam-se, mais uma vez, para avançar a partir da Albânia enquanto aguardavam ordens para invadir, a partir do Norte, o litoral da Dalmácia iugoslava. Os húngaros também estavam a postos

para atacar. Vinte e oito divisões iugoslavas enfrentavam mais de cinquenta divisões do Eixo, que dispunham de mais forças blindadas e de uma esmagadora superioridade aérea. Nessa noite, com a esperança de retardar o transporte ferroviário de tropas alemãs desde a Bulgária para a frente de batalha, seis bombardeiros britânicos, partindo de bases na Grécia, atacaram as estações de trem em Sófia, capital da Bulgária. Porém, os eventuais efeitos da incursão foram anulados pelo afundamento, no Mediterrâneo Oriental, do *Northern Prince*, navio mercante que trazia as matérias-primas de que o exército necessitava urgentemente para a fabricação de explosivos.

Enquanto a Iugoslávia caminhava para a derrota e a desintegração, os exércitos italianos na Eritreia foram definitiva e totalmente vencidos, com a rendição de Massawa. Entre os treze mil homens empenhados na defesa do território, mais de três mil morreram. No norte da África, em contrapartida, as forças germano-italianas sob o comando de Rommel completavam a reconquista da Cirenaica: “Depois de uma longa caminhada pelo deserto”, escreveu Rommel à mulher em 10 de abril, “cheguei, na noite de anteontem, à beira-mar. É maravilhoso conseguir essa vitória sobre os britânicos”. Menos de um ano se passara desde que Rommel chegara ao mar em outro triunfo – em Les Petites Dalles, na costa do canal da Mancha.

Stálin, acompanhando atentamente o movimento das tropas alemãs, que haviam entrado na cidade iugoslava de Nis e avançavam para Belgrado, aprovou, em 8 de abril, uma diretiva endereçada pelo estado-maior soviético às regiões militares especiais a oeste e em Kiev, ordenando a manutenção e o reforço das zonas fortificadas na fronteira. As indispensáveis obras de consolidação da linha defensiva começariam em 1º de maio.

Na noite de 8 de abril, os bombardeiros alemães voltaram a atacar as fábricas britânicas de aeronáutica na região de Coventry, causando danos consideráveis a três. Também nessa noite, as forças alemãs ocuparam Salônica, e, no dia seguinte, o comandante grego da região, general Bakopoulos, recebeu ordem do Comando Supremo nacional para entregar ao inimigo seus setenta mil soldados. Na chancelaria de Hitler em Berlim, o diplomata alemão notou que todos tinham um “excelente humor”.

O dia seguinte assinalava o primeiro aniversário da invasão alemã à Noruega. Em Oslo, houve manifestações silenciosas nas ruas, nas escolas e nos locais de trabalho. Como represália ao ataque a Belgrado, os bombardeiros britânicos lançaram bombas explosivas e incendiárias sobre o centro de Berlim, destruindo vários edifícios públicos. Hitler teve de passar algumas horas da noite em seu abrigo antiaéreo.



IUGOSLÁVIA E GRÉCIA, ABRIL DE 1941.

Na Grã-Bretanha, o choque da invasão simultânea à Grécia e à Iugoslávia foi enfrentado com firmeza. Quando a batalha do Atlântico fosse ganha, disse Churchill, em 9 de abril, na Câmara dos Comuns, e a Grã-Bretanha pudesse receber “um fluxo constante dos abastecimentos americanos que são preparados para nós”, por mais longe que Hitler pudesse ir “e pelas muitas milhões de pessoas que possa reduzir à miséria, deve estar certo de que, brandindo a espada da justiça, nós o perseguiremos até o fim”.

Em 9 de abril, no setor norte da fronteira grega, uma patrulha britânica atravessou a fronteira com a Iugoslávia, junto a Monastir, deparando-se com grupos de soldados iugoslavos que buscavam refúgio na Grécia. A patrulha regressou com a notícia de que toda a resistência iugoslava no Sul cessara. A neve que caía nas montanhas e a chuva nos vales impossibilitaram qualquer missão de reconhecimento aéreo.

Em 10 de abril, a Força Expedicionária Britânica na Grécia iniciou sua retirada da frente de Salônica. Na Iugoslávia, Zagreb caiu nas mãos do exército alemão, dando ao dirigente nacionalista croata Ante Pavelic a oportunidade para declarar a independência da Croácia. No norte da África, as forças Australianas estacionadas em Tobruk, junto com as unidades de apoio da artilharia britânicas, num total de 24 mil homens, foram cercadas e isoladas de seus companheiros em retirada. Nesse dia, Goebbels encontrou-se com um Hitler “transbordante de alegria”, mas dois acontecimentos na mesma data agiram como um presságio que quase passou despercebido em Berlim. No Atlântico, como o primeiro gesto hostil dos Estados Unidos contra a Alemanha desde o início da guerra, o contratorpedeiro americano *Niblack* lançou bombas de profundidade contra um submarino alemão responsável pelo afundamento de um cargueiro holandês. E, em Moscou, foi promulgado um decreto que criava um serviço logístico independente para a força aérea, determinando as zonas onde seriam instaladas as bases aéreas e os batalhões de apoio ao solo. Foram criados também corpos especiais de aviões de combate, para reforçar a defesa aérea de Moscou e de Leningrado. Tardamente, com lentidão e com uma terrível falta de recursos, a União Soviética despertava para o perigo.

Hitler, com a vitória sobre a Iugoslávia garantida, deslocou-se de Berlim à pequena aldeia de Mönichenkirchen, no sul da Áustria, para

estar o mais perto possível de suas tropas sem abandonar o território alemão. Ao longo de duas semanas, instalado em seu comboio *Amerika*, acompanhou a evolução da campanha nos Bálcãs. Entre aqueles que o visitaram no comboio estava Franz von Werra, enfim regressado à Alemanha após sua evasão, em janeiro, de um comboio de prisioneiros de guerra no Canadá.

Com a Iugoslávia em apuros, tanto a Itália quanto a Hungria avançaram, em 11 de abril, para apoderarem-se de sua parte nos despojos, entrando os italianos na capital eslovena de Ljubljana e os húngaros, na localidade mais importante da província de Banat, Novi Sad. Os italianos escolheram a mesma data para entrar na Grécia, transpondo a fronteira albanesa e ocupando as mesmas regiões de onde, pouco antes, foram tão ignominiosamente expulsos. No dia seguinte, enquanto outro grupo de unidades italianas iniciava seu avanço ao longo do litoral da Dalmácia, ocupando a ilha de Ugljan, várias unidades motorizadas alemãs chegavam aos arredores de Belgrado.

Novamente, um momento de triunfo alemão ocorria simultaneamente a um fato pouco notado, mas que teria grande importância no futuro da guerra: a ocupação da Groenlândia pelos Estados Unidos. Era mais um passo na política americana de apoio à Grã-Bretanha no Atlântico, mediante a partilha de bases navais e a ampliação das zonas patrulhadas. Nesse mesmo dia, Roosevelt disse a Churchill que os Estados Unidos estenderiam sua zona de segurança e as áreas patrulhadas no Atlântico até o meridiano 25.



Hitler em Mönichkirchen, parabenizando heróis da campanha iugoslava. Abril de 1941.
Ao fundo, o seu trem *Amerika*.

Mesmo assim, a situação da Grã-Bretanha continuava difícil: nos três dias anteriores a 10 de abril haviam sido afundadas 31 mil toneladas em navios mercantes. Os bombardeamentos alemães redobravam sua intensidade; em 12 de abril, Churchill visitou Bristol e, com o embaixador americano Gilbert Winant, percorreu o centro da cidade, devastado por um ataque aéreo na noite anterior. No entanto, o moral britânico não cedia. “As pessoas ainda eram retiradas dos escombros”, escreveu a Churchill o general Ismay, cinco anos depois, “mas não se via qualquer sinal de desânimo. Apenas eficiência e determinação. Num centro de repouso que V. Ex.a visitou, estava uma pobre mulher a soluçar desesperadamente, pois perdera todos os seus bens, mas, quando V. Ex.a entrou, ela tirou o lenço dos olhos e pôs-se a acenar com ele, gritando “hurra, hurra”, com todo o entusiasmo”.

Nesse 12 de abril, na Grécia, as tropas australianas também haviam cedido à superior potência de fogo alemã em seu avanço contra a linha Aliakhmon. Belgrado foi ocupada no dia seguinte, como a oitava capital europeia a ser conquistada pelos exércitos alemães em dezoito meses. Segundo o relato de uma testemunha, o primeiro civil iugoslavo a ser morto a sangue-frio na capital, ainda nesse dia, foi um alfaiate judeu que, ao ver passar as tropas alemãs, cuspiu em direção à coluna militar, gritando: “Vocês todos perecerão!”

Em Moscou, no dia da queda de Belgrado, esforçando-se para não ser apunhalado pelas costas como foram a França e a Iugoslávia, Stálin assinou um pacto de neutralidade com o Japão, válido por cinco anos. O acordo oferecia vantagens para ambas as partes: Stálin podia concentrar-se na defesa contra a ameaça alemã, a oeste, e o Japão podia desviar suas atenções para o sudeste asiático e para o Pacífico. Na estação ferroviária de Kazan, em Moscou, Stálin fez uma de suas raras aparições em público para se despedir do ministro japonês das Relações Exteriores, Yosuke Matuoka, a quem disse: “Somos ambos asiáticos.” Porém, procurou também, no cais da estação, o embaixador alemão, dizendo-lhe: “Temos de continuar amigos, e vocês devem fazer todo o possível para que assim seja.” E, em seguida, voltando-se para um oficial que nunca vira antes, o adido militar alemão coronel Krebs, após verificar se ele era efetivamente alemão, disse, muito alto, para que todos os presentes o ouvissem: “Nós seremos seus amigos – aconteça o que acontecer!”

No dia seguinte, Stálin aprovou uma diretiva do estado-maior, determinando que as plataformas para canhões nas zonas fortificadas fossem “imediatamente colocadas em posições de combate” e que as respectivas regiões militares estivessem “a postos”. Mesmo que parte do equipamento faltasse, era “absolutamente indispensável” que as portas blindadas fossem montadas e que o armamento instalado recebesse os “devidos cuidados de manutenção”. O novo decreto previa a instalação de cerca de 2.300 plataformas de artilharia, mas a falta de matérias-primas era tão grave que sequer mil estavam prontas ou equipadas na terceira semana de junho.

Nas regiões ocupadas pelas tropas húngaras no norte da Iugoslávia, 14 de abril assinalou uma intensificação do terror contra civis na nova zona de conquista, pois destacamentos armados húngaros capturaram quinhentos judeus e sérvios e fuzilaram-nos ou mataram-nos com baionetas.

Enquanto os exércitos alemães atravessavam a linha Aliakhmon em diversos pontos e alguns grupos de soldados gregos, desmoralizados ante a iminência da catástrofe, disparavam em seus próprios oficiais, Hitler mantinha os preparativos para seus planos no Leste. Em 15 de abril, os soviéticos descobriram que um avião alemão, obrigado a aterrisar próximo a Rovno, quase 160 quilômetros além da fronteira soviética, transportava uma máquina fotográfica, uma película já utilizada e um detalhado mapa topográfico da região.

Toda a Europa estava implicada numa ou em outra forma de guerra. Em 16 de abril, enquanto o comandante-chefe das forças gregas, marechal Papagos, dispunha-se a apresentar rendição e pedia aos britânicos que retirassem as suas tropas do território grego “para salvar o país da devastação”, Londres era vítima de um entre os mais severos e indiscriminados bombardeamentos, como retaliação pelo deliberado ataque ao centro cívico de Berlim, uma semana antes. Morreram, ao todo, 2.300 civis, e, com eles, mais de quarenta soldados, aviadores e marinheiros canadenses em licença na capital. Numa batalha aérea sobre o sul da Inglaterra, em que esquadrilhas de combate procuraram abater os atacantes alemães, dois pilotos poloneses perderam a vida, o tenente Mieczyslaw Waskiewicz e o tenente Boguslaw Mierzwa.

Em 17 de abril, o governo iugoslavo assinou sua rendição em Belgrado. Haviam sido feitos prisioneiros seis mil oficiais e 335 mil soldados. Uma vez mais, a esmagadora superioridade militar alemã, tanto em termos numéricos quanto em potência de fogo e em apoio aéreo, revelou-se irresistível mesmo para os defensores mais resolutos. No dia seguinte, na Grécia, os alemães tomaram os últimos bastiões da linha Aliakhmon, ocupados por tropas aliadas da Nova Zelândia. Desesperado não apenas com o avanço dos alemães, mas com os crescentes sinais de derrotismo e de deslealdade nos círculos governamentais gregos, o primeiro-ministro da Grécia, Alexander Koryzis, após o rei se recusar a aceitar sua demissão, beijou a mão do monarca, regressou à sua casa e suicidou-se com um tiro.

A rápida derrota da Grécia refletiu-se de maneiras diferentes no comportamento de dois homens cujos exércitos ainda não estavam em confronto. Em Moscou, Stálin aprovou uma nova diretiva do estado-maior soviético, reforçando substancialmente os efetivos designados para a defesa da fronteira. Em Mönichkirchen, Hitler, em seu comboio, debateu com seu arquiteto Albert Speer a data para a conclusão das obras dos novos edifícios governamentais no centro de Berlim.

Foi também em 18 de abril que uma brigada britânica desembarcou em Basra, no golfo Pérsico, para derrubar o governo pró-alemão que o general Rashid Ali criara em Bagdá. Duas semanas mais tarde, nove mil iraquianos atacaram uma força britânica de 2.250 homens. Os britânicos conseguiram resistir.



A EVACUAÇÃO DE ÁTICA, ABRIL DE 1941.

No dia seguinte, na Grécia, as tropas britânicas recuaram para os portos ao Sul, principalmente Nauplia, Kalamata e Monemvasia, preparando-se para embarcar rumo a Creta; sua evacuação somente foi possível graças à enérgica defesa das Termópilas por unidades britânicas, australianas e neozelandesas. No norte da África, uma importante força de comandos britânicos que desembarcara no mesmo dia em Bardia, numa tentativa de socorrer as tropas cercadas em Tobruk, foi repelida. Sabendo, através de mensagens Enigma, que as forças de Rommel seriam reforçadas por uma divisão blindada alemã, Churchill e seus chefes de estado-maior decidiram, em 21 de abril, enviar mais tanques para o Egito. Era a operação Tiger, um movimento arrojado e arriscado, que a ameaça alemã de invasão à Inglaterra não conseguiria conter.

Em 20 de abril, dia do quinquagésimo segundo aniversário de Hitler, um soldado alemão, o cabo Rohland, foi atingido a tiro e ferido mortalmente numa estação do metrô de Paris. Como represália, o governador alemão da Grande Paris, Otto von Stuepnagel, oficial do exército que apoiava Hitler desde antes de 1933, ordenou a execução de 22 reféns civis. Essas mortes foram anunciadas por cartazes vermelhos espalhados por toda a capital.

Em 23 de abril, o exército grego rendeu-se aos invasores alemães e italianos. Foram mortos milhares de soldados nacionais, assim como mais de novecentos britânicos, australianos e neozelandeses. Numa cena que se repetiu por todo o território grego, certo major de artilharia recebeu ordem para entregar sua bateria, mas foi mais sensível à tragédia que se abateria sobre seu país. Como explicou o relatório oficial do exército grego: “O major de artilharia Versis, quando os alemães ordenaram que entregasse sua bateria, reuniu os canhões e, após a continência, deu um tiro na cabeça enquanto seus artilheiros cantavam o hino nacional.”

A operação Demon de evacuação das tropas britânicas, australianas, neozelandesas e polonesas em território grego teve início em 24 de abril e prosseguiu durante seis dias. Foram evacuados 50.732 homens, de oito pequenos portos. A maioria foi transportada, sob forte escolta naval, para

a ilha de Creta. Não houve tempo, no entanto, para trazer também o armamento pesado, os caminhões e os aviões. Ao mesmo tempo que começava a evacuação, tropas paraquedistas alemãs ocupavam as ilhas de Limnos, Thasos e Samotrácia, enquanto a Bulgária, ansiosa por anexar o litoral da Trácia, invadia a já esmagada Grécia pelo Norte.

Apesar da capitulação da Iugoslávia e da Grécia, Hitler continuava em seu comboio em Mönichkirchen, onde recebeu, em 24 de abril, a visita do regente húngaro, almirante Horthy, que o preveniu contra os múltiplos perigos quanto à invasão à Grã-Bretanha. “Em contrapartida, se as riquezas inesgotáveis da Rússia caírem em mãos alemãs, serão suas para toda a eternidade.” Sem que Horthy o soubesse, iniciou-se, nesse dia, a transferência de uma unidade da força aérea alemã que estava no canal da Mancha para a Polônia. Por ironia, os britânicos tiveram conhecimento da movimentação através das mensagens Enigma.

Em 25 de abril, as tropas britânicas, australianas e neozelandesas encarregadas da defesa das Termópilas para possibilitar a evacuação foram repelidas para os portos de Rafina, Mégara e Porto Rafti, onde, por sua vez, embarcaram. No mesmo dia, com a Grécia aos seus pés, Hitler emitiu sua diretiva no 28, lançando a operação Mercury, ou seja, a invasão à Creta.

A queda de Creta e a guerra na África

Abril-maio de 1941

Em Moscou, Stálin fez o possível, ao longo de abril, para acelerar os preparativos soviéticos. Na terceira semana do mês, o adido militar britânico em Budapeste, viajando num trem para Moscou, avistara sete trens de tropas na estrada de ferro entre Lvov e Kiev, “entre os quais quatro transportavam tanques e equipamentos mecanizados, e os outros três, tropas”. Esse relatório, transmitido para Londres via rádio, foi interceptado pelos alemães e mostrado a Hitler em 25 de abril. Nesse dia, Stálin telefonou ao romancista judeu russo Ilya Ehrenburg para dizer-lhe que seu romance acerca da queda de Paris em junho de 1940, acontecimento que presenciara, podia ser publicado. Stálin entrevistaria pessoalmente para que a censura aprovasse a publicação; o romance havia sido rejeitado nos tempos áureos do Pacto de Não-Agressão Nazi-Soviético, como antialemão. “Trabalharemos juntos”, comentou Stálin. Ehrenburg compreendeu imediatamente que tal telefonema só poderia significar uma coisa: Stálin preparava-se para entrar em guerra com a Alemanha. No dia seguinte, ordenaria ao general Zhukov que criasse cinco brigadas móveis de artilharia antitanque e um corpo de tropas aerotransportadas, tudo até 1º de junho. Em 25 de maio, chegaria também, do extremo Oriente soviético, um comando do Corpo de Atiradores.

No norte da África, o mesmo dia assistiu aos preparativos de Rommel para avançar ainda mais. “A batalha pela posse do Egito e do canal se torna séria”, escreveu ele à mulher, “e nosso inimigo, bastante duro, está resistindo com a maior energia”. Na mesma data, que para a Grã-Bretanha, e principalmente para a Austrália, marcava o início dos desembarques em Gallipoli em 1915, um navio mercante armado

britânico, o *Fidelity*, depôs, no Étang du Canet, na costa ocidental da França, um polonês, Bitner, e um maltês, E. V. H. Rizzo, que trabalhariam na França ocupada. Desembarcou também um médico belga, Albert-Marie Guérisset, que, sob o nome e a patente de capitão-tenente Patrick O’Leary, criaria uma organização para a evasão de prisioneiros de guerra aliados, conhecida por aqueles que a ela recorriam como “linha Pat”, que ajudaria cerca de seiscentos prisioneiros fugidos a chegarem aos seus destinos; entre esses não apenas aviadores e militares dos países aliados, mas muitos franceses e belgas que pretendiam abandonar a Europa ocupada para se juntar às forças ultramarinas de seus respectivos países.

Em 26 de abril, Hitler partiu de Mönichkirchen para uma visita às regiões recém-anexadas no norte da Iugoslávia e à mais importante cidade da zona, Maribor, agora rebatizada como Marburg. Na mesma noite, voltou à cidade austríaca de Graz. “O Führer está muito feliz”, escreveu em seu diário Walther Hewel, “uma recepção verdadeiramente fanática”. Nessa noite, próximos à costa grega, os setecentos sobreviventes de um navio de tropas bombardeado foram novamente atingidos por bombardeiros de mergulho quando estavam a bordo dos dois contratorpedeiros que os recolheram, e 650 entre eles morreram. No dia seguinte, quando as tropas alemãs entraram em Atenas, já era conhecido o número de baixas na batalha da Grécia. Os gregos haviam perdido 15.700 homens; os italianos, 13.755; a Força Expedicionária Britânica, 3.712; e os alemães, 2.232, num total de mortos em combate superior a 35 mil. Ainda nessa noite, soube-se, em Berlim, que as forças de Rommel haviam entrado no Egito, capturando Sollum, enquanto no Atlântico haviam sido afundados ainda mais navios mercantes, junto com um cruzador. “Tempos difíceis para Londres”, escreveu Goebbels em seu diário. “Que continuem! John Bull vai se ajoelhar!”

Outro inimigo de John Bull atacou em 28 de abril, quando Rashid Ali, que tomara o poder no Iraque em 2 de abril, cercou a base aérea e a guarnição britânica de Habbaniya, encurralando 2.200 militares e nove mil civis. As forças não tinham artilharia, contando com apenas 82 aviões de treino e já obsoletos na base. “Situação grave”, comunicou, no dia seguinte, o comandante da base. “Embaixador convencido de que

atitude iraquiana não é blefe e pode significar uma promessa concreta de apoio por parte do Eixo.”

Em Berlim, Ribbentrop insistira para que Hitler enviasse aviões e tropas para o Iraque, mas, preocupado em destruir as forças britânicas estacionadas em Creta, o Führer não quis dispersar seus recursos militares. Num discurso endereçado a novecentos cadetes, em 29 de abril, Hitler declarou: “Se me perguntarem: ‘Führer, quanto tempo vai durar a guerra?’, só posso responder: ‘O tempo que for preciso para sairmos vitoriosos! Aconteça o que acontecer!’” Como nacional-socialista em luta pelo poder, a palavra “capitulação” era algo que ele “nunca havia conhecido”. E era uma palavra que nunca conheceria enquanto chefe do povo alemão e comandante supremo das forças armadas.

Não apenas a superioridade militar, mas a sorte parecia estar com o Eixo. Quando Hans Thomsen, representante da Alemanha em Washington, telegrafou para Berlim, em 29 de abril, comunicando que uma “fonte de absoluta confiança” revelara a ele que os americanos haviam quebrado o sistema de comunicação mais secreto dos japoneses, as mensagens Mágica enviadas pelos embaixadores japoneses no mundo inteiro, incluindo em Berlim, nem os alemães, nem os japoneses quiseram crer que houvesse sido possível decifrar um código tão sofisticado e tão bem guardado.

No Atlântico, os êxitos dos submarinos alemães eram constantes. Em abril, a tonelagem de navios mercantes afundados atingira as 394.107 toneladas, além de 187.054 toneladas que haviam afundado nos portos gregos durante as operações de evacuação. Em 30 de abril, o *Nerissa*, navio de transporte de tropas, foi torpedeado, causando a morte de 73 militares canadenses, os únicos a perder a vida no trajeto por mar entre Canadá e Grã-Bretanha em toda a duração da guerra. Nessa noite, um ataque aéreo alemão a Plymouth elevou para 6.065 o número de baixas civis em abril. “Tempos difíceis”, escreveu Churchill a um colega ao regressar de uma visita ao cenário devastado de Plymouth, “mas a vitória final compensará tudo!”.

Enquanto se preparava para um ataque alemão, Stálin fez todo o possível para não provocar a Alemanha. Durante abril, as remessas de matérias-primas para o país de Hitler atingiram o volume mais elevado

desde a assinatura do Pacto de Não-Agressão Nazi-Soviético em agosto de 1939: 208 mil toneladas de cereais, noventa mil toneladas de combustível, 8.300 toneladas de algodão, 6.340 toneladas de cobre, estanho, níquel e outros metais e quatro mil toneladas de borracha – que fora adquirida pela Rússia no ultramar, chegara nos portos do extremo Oriente e foi transportada para a Alemanha no expresso transiberiano. No desfile de 1º de maio em Moscou, Stálin ofereceu o lugar de honra ao seu lado, no palanque sobre o túmulo de Lênin, ao recém-nomeado embaixador soviético em Berlim, Vladimir Dekanozov. Nesse dia, o boletim informativo do estado-maior soviético, enviado aos comandantes das regiões militares especiais ao longo da fronteira, afirmava, sem rodeios: “Ao longo de março e abril, o comando militar alemão transferiu aceleradamente tropas em sua frente ocidental e nas regiões centrais da Alemanha para as fronteiras da União Soviética.” Tal concentração de forças era particularmente visível na região de Memel, ao sul da base naval de Libau, a mais ocidental da União Soviética. A distância entre esses dois portos era de apenas 96 quilômetros.

Em 2 de maio, como se quisesse sublinhar a iminência de perigo, Richard Sorge comunicou aos seus superiores soviéticos, estando em Tóquio, que Hitler estava “decidido a iniciar a guerra e a destruir a URSS para transformar sua zona europeia numa base de produção de cereais e matérias-primas”. Sorge acrescentava: “Hitler tomará uma decisão quanto ao início da guerra ainda em maio.”

A confiança de Hitler foi reafirmada num discurso de 4 de maio, pronunciado em Berlim. “Nessa era judaico-capitalista”, declarou ele, “o estado nacional-socialista ergue-se como um sólido monumento ao bom senso. E sobreviverá por mil anos”. Paralelamente, no gueto de Varsóvia, como aconteceu todos os dias ao longo dessa primavera, mais de setenta judeus morreram de fome. No gueto de Lodz, menor, mas igualmente isolado, morreram cerca de trinta pessoas; entre janeiro e junho de 1941, dezoito mil judeus morreram por fome em ambos os guetos.

Em 5 de maio, o ditador romeno, marechal Antonescu, comunicou aos alemães não apenas que havia um avanço para oeste de tropas soviéticas e uma concentração de forças em torno de Kiev e de Odessa, mas que as

fábricas da região de Moscou “receberam ordens para transferir seus equipamentos para o interior do país”.



Creta; barcos de guerra ingleses atacados pela aviação alemã, na baía de Suda, maio de 1941.

Medidas e contramedidas já não eram disfarçadas. O movimento de tropas alemãs ao longo do rio Bug, próximo a Lvov, era tão óbvio que, na primeira semana de maio, o comandante da guarda fronteira pediu autorização a Moscou para evacuar as famílias de seus homens. A autorização foi recusada e o comandante, repreendido por “difundir pânico”. Stálin, em contrapartida, estava decidido a não demonstrar tal sentimento: num discurso endereçado aos diplomados das academias militares soviéticas, em 5 de maio, disse estar convencido de que o exército, a marinha e a força aérea se encontravam suficientemente bem organizados e equipados para combater com êxito “o mais moderno exército”. Porém, na tradução do discurso transmitida pelo serviço de informações da força aérea britânica nove dias mais tarde, Stálin avisava que a Alemanha estava empenhada numa tentativa para se apoderar da Europa inteira e que a Rússia precisava estar pronta para qualquer emergência.

“Espera-se que a guerra comece após as plantações da primavera”, disse a Stálin um elemento de seus serviços secretos, nesse 5 de maio. Somente os combates em Creta justificariam um adiamento; também nessa data, as mensagens Enigma decifradas na Grã-Bretanha confirmaram que Creta era o objetivo imediato de Hitler.



Prisioneiros de guerra ingleses em Creta, maio de 1941. Ficariam detidos primeiro em Creta e depois na Alemanha, durante quatro anos.

Enquanto as forças britânicas, sob comando do general neozelandês Freyberg, preparavam, o mais rapidamente possível, a defesa de Creta, outra notícia trouxe à Grã-Bretanha certo alívio após o desastre grego. Em 5 de maio, o imperador da Abissínia, Haile Selassie, entrara em sua capital, exatamente cinco anos após os italianos conquistarem a cidade. Também nesse dia, o major P. A. Cohen, que estivera entre as centenas de militares britânicos encurralados na Grécia, chegou a Creta num caíque, levando consigo 120 australianos evadidos. Enquanto alguns escapavam à Europa ocupada, outros entravam nela. No mesmo dia, entre o maior sigilo, 32 quilômetros ao norte de Châteauroux, na França de Vichy, desceu de paraquedas Georges Bégué, um francês trabalhando para o Departamento de Operações Especiais britânicas e que objetivava montar uma estação de rádio clandestina. Quatro dias depois, era a vez de Pierre de Vomécourt, que chefiaria o primeiro grupo do Departamento de Operações Especiais, integrado também por seus dois irmãos, que viviam na França. Georges Bégué, conhecido por George Noble e, mais tarde, por “George One”, assegurou ao grupo contatos por rádio com Londres.

Enquanto Malta era bombardeada pela aviação alemã e italiana, uma segunda operação Tiger, em 6 de maio, levou treze navios mercantes rápidos da Grã-Bretanha a transpor o estreito de Gibraltar e a atravessar o Mediterrâneo rumo ao Egito. Sete navios levavam abastecimento e combustível a Malta, chegando ao seu destino sem incidentes. No porão dos cinco navios restantes, havia 295 tanques e cinquenta aviões de combate, de que as forças britânicas no Egito necessitavam urgentemente. Durante a viagem, um navio foi afundado. Os outros quatro, com 238 tanques e 43 aviões de combate, chegaram ao Egito.

No Pacífico, os britânicos tiveram novo êxito em 8 de maio, quando o corsário alemão *Pinguin*, que havia afundado 28 navios mercantes em dez meses, foi afundado pelo cruzador britânico *Cornwall*. No mesmo dia, o submarino alemão U-110 foi capturado no Atlântico; seu comandante, Julius Lemp, fora responsável pelo afundamento do navio de passageiros *Athenia* nos primeiros dias da guerra. A bordo do submarino, os britânicos encontraram um importante material de codificação, que aumentaria consideravelmente a capacidade britânica de

leitura de mensagens navais transmitidas no sistema Enigma até o final de junho. Ao ser rebocado para a Islândia, o submarino afundou; toda a tripulação morreu, incluindo Lemp. Na semana anterior, o submarino afundara nove navios mercantes aliados.

Em 6 de maio, Stálin substituiu Molotov no cargo de primeiro-ministro. O embaixador alemão em Moscou, Von Schulenburg, sublinhou, num despacho enviado a Berlim, a “extraordinária importância” dessa decisão, que, dizia ele, derivava “da dimensão e da rapidez dos êxitos militares alemães na Iugoslávia e na Grécia e da consciência de que exigiam o abandono da política diplomática anterior, que conduzira a um afastamento em relação à Alemanha”. As resoluções de Stálin não foram, porém, no sentido de estabelecer pontes entre seu país e a Alemanha, mas para erguer uma barreira contra ela, transferindo várias reservas dos Urais e do Volga para as imediações do rio Dnieper, para o Dvina ocidental e para as zonas fronteiriças.

Em 9 de maio, as mensagens da força aérea alemã enviadas no código Enigma revelaram aos serviços secretos britânicos que as tropas alemãs que se concentravam junto às fronteiras soviéticas teriam atingido suas respectivas posições até 20 de maio. Em 10 de maio, dentro dos prazos previstos, o exército alemão deu por concluída a operação Otto, iniciada em 1º de outubro de 1940, que objetivava desenvolver e melhorar as comunicações ferroviárias e rodoviárias entre a Europa Central e Oriental e a fronteira soviética.

Num esforço para que Stálin acreditasse que era a Grã-Bretanha, não a Rússia, o alvo de seus planos de invasão e que as tropas alemãs somente eram transferidas para leste como proteção aos bombardeamentos britânicos, Hitler lançou-se numa nova ofensiva aérea contra a Grã-Bretanha. Todas as noites, nas duas primeiras semanas de maio, as cidades e os portos da Inglaterra foram bombardeados pela aviação. Em dada ocasião, na noite de 8 de maio, os emissores de rádio britânicos conseguiram modificar o feixe de ondas que levavam os bombardeiros alemães para seus alvos, e, por conseguinte, 235 bombas de elevada potência, que deveriam ser lançadas sobre uma fábrica de motores de aviões em Derby, caíram em campos desertos a mais de trinta

quilômetros do alvo. Num ataque aéreo a Clydeside, todavia, morreram 57 civis e, nas docas de Liverpool, foram afundados treze navios em quatro noites de bombardeamento. “Sinto que lutamos pela vida e sobrevivemos dia a dia e hora a hora”, disse Churchill na Câmara dos Comuns, em 7 de maio, “mas tenham certeza de que Herr Hitler também tem seus problemas”.

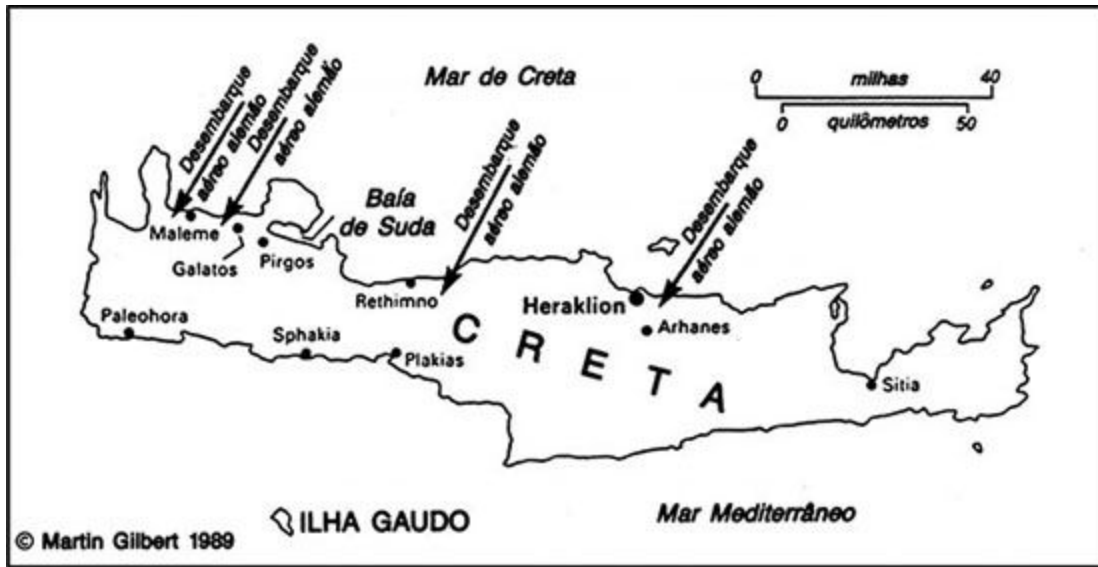
Nessa noite, num ataque aéreo a Humberside, 23 aviões alemães foram abatidos pelas aeronaves de combate e pela artilharia antiaérea britânica, mas os problemas de Hitler não eram mensuráveis, nessa semana, em termos de aviões perdidos, pois em 10 de maio, sem que ninguém esperasse, o segundo homem do Partido Nazista, Rudolf Hess, camarada e confidente de Hitler havia quase vinte anos, atravessou o mar do Norte num dramático e arriscado voo solitário e lançou-se de paraquedas em território britânico.

Hess afirmou ter sido enviado para negociar a paz entre a Grã-Bretanha e a Alemanha e nada revelou sobre os planos de Hitler para invadir a União Soviética. Pelo contrário, disse repetidamente, nos interrogatórios que não tinham “o menor fundamento os boatos difundidos de que Hitler planeja atacar em breve a Rússia”. Um comunicado oficial dos nazistas afirmou que Hess fora vítima de “uma perturbação mental”, opinião compartilhada pelos que o interrogaram na Grã-Bretanha. Na mesma noite, em mais um ataque aéreo maciço, Londres foi bombardeada, com graves danos ao edifício do Parlamento – a sala de debates da Câmara dos Comuns foi completamente destruída. Na manhã seguinte, verificou-se que cerca de um terço das ruas no centro de Londres estava intransitável e que 1.436 civis haviam morrido, número superior às baixas de qualquer ataque aéreo contra a Grã-Bretanha.

A incursão de 10 de maio foi a última da Blitz “Primavera” de 1941. Nessa manhã, os londrinos, cheios de uma apreensão que não sentiam tão intensamente desde dezembro, ignoravam que Hitler tinha um novo destino para seus bombardeiros. O tempo das manobras para enganar o inimigo havia terminado e chegava o tempo da ação.

Desde 17 de abril, a Iugoslávia não existia como estado independente; na Sérvia ocupada pelos alemães, na Dalmácia ocupada pelos italianos, na Macedônia ocupada pelos búlgaros, no Barato ocupado pelos romenos e na Croácia proclamada independente, as perseguições e a tirania se

faziam sentir. Sérvios e judeus foram as principais vítimas, bem como democratas e liberais; para todos eles, os trabalhos forçados em campos de concentração e os massacres indiscriminados tornaram-se parte dos riscos cotidianos sob a ocupação. Em 7 de maio, fugindo da capital croata Zagreb para o Sul, um comunista de 49 anos, veterano da Guerra Civil Espanhola, estabeleceu em Belgrado um núcleo de resistência comunista. Conhecido por Stálin sob o nome “Valter”, chamava-se, na realidade, Josip Broz, e seu nome de guerra na Iugoslávia ocupada e dividida passou a ser Tito.



CRETA, MAIO DE 1941.

Quatro dias depois, um antigo oficial do exército iugoslavo, coronel Draza Mihailovic, instalou um foco de resistência no planalto de Ravna Gora, na Sérvia Ocidental. Muitos entre seus seguidores eram chetniks, homens outrora utilizados pelo rei Aleksandar, da Iugoslávia, para intimidar seus opositores políticos.

As forças de Mihailovic, como os homens de Tito, combateriam tenazmente os alemães e tornariam ingovernável boa parte da Sérvia e da Bósnia. No entanto, Mihailovic era também um feroz adversário das aspirações nacionais sérvias, que combateu a tal ponto que, ao fim de dois anos, os britânicos transferiram seu apoio militar para os comunistas; mas, em maio de 1941, as duas forças ainda não passavam de uma aspiração no espírito dos respectivos chefes.

Na segunda semana de maio, Hitler enviou dois bombardeiros para ajudar Rashid Ali em sua rebelião contra os britânicos. No dia 12, um oficial da força aérea alemã, major Axel von Blomberg, chegou a Bagdá, onde deveria atuar como agente de ligação junto a Rashid Ali, sobrevoou a capital enquanto decorria um combate entre aviões britânicos e iraquianos e foi morto por uma bala britânica perdida.

No mesmo dia, o embaixador japonês em Bagdá enviou um relatório para Tóquio, afirmando que a resistência de Rashid Ali ainda poderia durar de três a oito dias. Se, no entanto, mais forças britânicas avançassem da Palestina e de Basra, estava convencido de que o exército iraquiano fraquejaria mais cedo, abandonando a capital. A mensagem, captada e decifrada pelos serviços secretos britânicos, foi transmitida por Churchill ao comandante-chefe das forças no Oriente Médio. No dia seguinte, uma nova força especial, composta por tropas da Legião Árabe e da Força Fronteiriça transjordana, atravessou a fronteira para o Iraque. “Acha que a Legião Árabe combaterá?”, perguntou ao comandante da Legião, major Glubb, o comandante militar na Palestina, general Wilson. “A Legião Árabe combate qualquer inimigo”, respondeu Glubb. Cinco dias depois, uma coluna de suas tropas chegou a Habbaniya, depois de percorrer 480 quilômetros no deserto. Contudo, um esquadrão da Força Fronteiriça transjordana amotinou-se durante o trajeto, afirmando que

“nada tinham contra os iraquianos” e que os britânicos “obrigavam outros a combater por eles”.

Havia muitos meses que a mortalidade resultante dos bombardeamentos alemães era reduzida, graças ao trabalho dedicado e perigoso dos esquadrões antibombas, que, por sua vez, tinha uma elevada taxa de mortalidade. Um esquadrão era constituído pelo conde de Suffolk – que, em junho de 1940, trouxera a água pesada e os cientistas nucleares da França –, por sua secretária, Srta. Morden e por seu motorista, Fred Hands, que eram conhecidos no universo dos sapadores como a “Santíssima Trindade”. Em 12 de maio, em Erith, Kent, enquanto tentavam desarmar sua trigésima quinta bomba, ela explodiu e matou-os. O conde recebeu, postumamente, uma cruz George.

Na Europa, os planos alemães contra comunistas e outros civis russos davam um passo decisivo, com a instrução, por parte do exército alemão, de que os altos funcionários e os chefes políticos “deveriam ser eliminados”. O general Jodl anotou à margem da instrução: “Podemos contar com futuras represálias aos pilotos alemães. Por conseguinte, é melhor organizar toda a operação como já se tratasse de uma represália.”

Em Poznan, na Polônia anexada pela Alemanha, o periódico local anunciou, em 14 de maio, que os poloneses Stanislaw Weclas, Leon Pawlowski e Stanislaw Wencel haviam sido condenados à morte por uma suposta conspiração antialemã. “Todos aqueles que acreditam na possibilidade de resistência”, declarava a instrução, “serão destruídos”.

Em 14 de maio, os alemães iniciaram o bombardeamento maciço a Malta. Ignorando que os britânicos sabiam, pela interceptação de mensagens Enigma, que Creta era o verdadeiro alvo da invasão, procuraram transmitir a impressão de que seu próximo esforço militar se dirigiria contra Malta. O bombardeamento foi extremamente feroz, tendo sido abatidos 62 aviões alemães e quinze aviões italianos, mas os britânicos perderam sessenta aviões de combate, metade ainda no solo, que não poderiam ser facilmente repostos.

No dia seguinte, nove dias após saberem, por mensagens Enigma, que as forças de Rommel na fronteira egípcia estavam exaustas e precisavam

de tempo para descansar e se reorganizar, os britânicos lançaram a operação Brevity, contra as posições alemãs mais avançadas, obrigando a uma retirada das tropas estacionadas no desfiladeiro de Halfaya. Rommel, porém, num esforço extraordinário, atacou, com força, duas semanas depois. Os britânicos, conhecendo antecipadamente a potência e a direção exatas da ofensiva, recuaram, evitando um confronto inútil.

Enquanto Hitler ordenava que o bombardeamento aéreo a Creta fosse iniciado, preparando a invasão marcada para daí a cinco dias, Richard Sorge, em Tóquio, enviava aos seus chefes em Moscou uma mensagem de rádio em que indicava a data da invasão à Rússia pelos alemães – entre 20 e 22 de junho. Na mesma semana, reforços soviéticos do norte do Cáucaso e do extremo Oriente soviético foram ordenados a posicionar-se no Ocidente, entre Kraslava e Kremenchug. Tão urgente era a transferência que os homens foram levados sem armas ou equipamentos.

As necessidades dos pilotos alemães na frente oriental foram o argumento utilizado pelo Dr. Sigmund Rascher, cirurgião da força aérea alemã, numa carta dirigida a Himmler em 15 de maio, solicitando autorização para usar internados do campo de concentração de Dachau em testes atmosféricos. O Dr. Rascher explicava que as experiências eram necessárias para definir os limites da necessidade de oxigênio por parte dos pilotos alemães e sua resistência à pressão atmosférica. Rascher lamentava que até então não houvesse sido possível realizar experiências com seres humanos, por serem muito perigosas e por não atraírem voluntários. Dois ou três “criminosos” de Dachau seriam o bastante, dizia ele. Himmler aprovou o pedido.

Em 19 de maio, após a destruição de 29 aviões de combate britânicos na ilha de Creta, seis restantes foram transferidos para o Egito, com a ideia de que não fazia sentido sacrificá-los diante da esmagadora superioridade aérea alemã. Na manhã seguinte, às 5h30, foi lançado um violento ataque contra os dois principais aeródromos, em Maleme e em Heraklion: noventa minutos depois, num segundo ataque, ambos os aeródromos foram completamente neutralizados. Então, enquanto o

segundo grupo de bombardeiros regressava à Grécia, a primeira leva de forças aerotransportadas, comandada pelo general Kurt Student, voava rumo à ilha em 493 aviões de transporte. Somente sete aviões foram abatidos pela artilharia antiaérea.

No primeiro dia de combate, as forças que defendiam Creta, 32 mil britânicos, australianos e neozelandeses e dez mil gregos, conseguiram, apesar de um segundo lançamento de paraquedistas durante a tarde, conservar suas posições nas bases aéreas de Maleme e de Heraklion. Dois comboios de tropas alemãs, partindo de Pireu e de Salônica, foram bastante maltratados pelas forças navais britânicas, vendo-se o segundo obrigado a regressar ao porto. Ao cair da noite, era possível dizer que a invasão havia fracassado. Com efeito, entre os três comandantes de regimento das tropas aerotransportadas, o general Süssman, cujo planador caíra, morrera e o general Meindl estava gravemente ferido. Durante a noite, porém, os alemães conseguiram capturar a base aérea de Maleme, podendo receber reforços de tropas e de armamentos na tarde do dia 21; por sua atuação numa última tentativa, fracassada, para reconquistar o aeródromo, o segundo-tenente Charles Upham recebeu a cruz Victoria. Duas outras cruzes foram atribuídas na batalha de Creta: ao sargento neozelandês Clive Hulme, que, tendo recebido a notícia de que um irmão seu morrera em combate, matou sozinho trinta alemães, e ao marinheiro inglês Alfred Sephton, que, apesar de ferido por uma rajada de metralhadora quando seu navio, o *Coventry*, procurava socorrer o navio-hospital *Aba*, atacado de maneira selvagem por um grupo de bombardeiros de mergulho, dirigiu as operações da bateria antiaérea de seu navio até conseguir repelir os aviões atacantes. O tenente Upham ganharia uma segunda cruz Victoria no deserto líbio, tornando-se o único militar da Grã-Bretanha e da Commonwealth a receber duas vezes essa condecoração no decurso da Segunda Guerra Mundial.



Sepultura de guerra inglesa em Creta; o tenente Simson foi morto em 20 de maio de 1941.



Duas sepulturas de guerra alemãs em Creta; Theo Klier e Wilhelm Eiting foram mortos em 22 de maio de 1941.

Porém, nem a bravura de alguns indivíduos, nem a coragem tenaz das tropas, podia resistir à esmagadora superioridade aérea, e depois também terrestre, das forças alemãs. Em 22 de maio, bombardeiros de mergulho alemães afundaram os cruzadores *Fiji* e *Gloucester* e quatro contratorpedeiros. Vários sobreviventes do *Gloucester* foram metralhados por aviões enquanto o navio afundava. O comandante, Henry Aubrey Rowley, estava entre os mortos. Quatro semanas depois, seu corpo foi recuperado na costa próxima a Mersa Matruh. O almirante Cunningham comentou: “Foi um demorado regresso a casa.”

Entre os contratorpedeiros danificados, mas não destruídos, contava-se o *Valiant*, que levava o tenente Philip Mountbatten; em determinado momento, segundo o que registrou no diário de bordo, o navio chegou a ser atacado por catorze bombardeiros de mergulho. “Todas as bombas caíram muito perto”, foi seu comentário lacônico. O tio do tenente Mountbatten, lorde Louis Mountbatten, não teve a mesma sorte; em 23 de maio, seu contratorpedeiro, o *Kelly*, foi atacado por 24 bombardeiros de mergulho e afundado. Embora ainda se encontrasse na ponte quando o navio se virou, conseguiu afastar-se a nado, orientando, pouco depois, as operações de salvamento.

Com os combates no auge, tanto em terra quanto no mar, os alemães reforçaram seus efetivos em Creta com tropas de montanha. Parecia, especialmente a Berlim, que tudo estava perdido para os britânicos, não apenas em Creta, mas em todo o Mediterrâneo Oriental, caso Hitler resolvesse tirar partido de seus êxitos. Contudo, em 23 de maio, enquanto ainda decorria a batalha de Creta, Hitler emitiu sua diretiva no 30, em que deixava claro que a decisão de lançar ou não uma ofensiva com o objetivo de “desalojar os britânicos de suas posições” entre o Mediterrâneo e o golfo Pérsico, ou no canal de Suez, “somente será tomada depois da operação Barbarossa”.

Enquanto a batalha de Creta entrava em suas derradeiras 48 horas, os britânicos viviam um desastre naval no longínquo Atlântico. Em 18 de maio, o couraçado *Bismarck*, comandado pelo almirante Lütjens, e o cruzador *Prinz Eugen* haviam partido com destino ao Atlântico norte. Seis dias depois, o *Bismarck* afundava o couraçado britânico *Hood*, restando apenas três sobreviventes de sua tripulação de 2.500 homens. No mesmo dia, orientado por mensagens de rádio interceptadas, um

submarino britânico afundou o navio italiano *Conte Rosso*, que levava 1.500 soldados a bordo como reforços destinados à Líbia.

Em Creta, os defensores britânicos continuaram, ao longo do dia 25, a resistir ao avanço alemão, contra-atacando com nada menos do que 25 cargas de baioneta. Nesse dia, o rei Jorge dos helenos, que saíra de Atenas para Creta, partiu novamente, com seus ministros, para o Egito. Em 27 de maio, nas imediações de Pírgos, tropas australianas e neozelandesas conseguiram, por algum tempo, que os alemães recuassem, mas era evidente que a batalha de Creta estava perdida. Várias unidades haviam esgotado suas munições. Nesse dia, o general Freyberg estabeleceu o plano para evacuação da ilha, operação que começou no fim da tarde.



O couraçado de guerra *Bismarck*, em chamas, 27 de maio de 1941.

Enquanto as notícias do desastre em Creta consternavam a opinião pública britânica, a notícia de que o couraçado alemão *Bismarck* era atacado no Atlântico por um círculo de navios de guerra britânicos levantava, um pouco, o moral da população. Danificado e em chamas, sem poder fugir ou combater, o navio, que era o orgulho da marinha alemã, foi afundado por ordem de seu comandante, o almirante Lütjens. Cem homens foram recolhidos por dois navios britânicos, o *Dorsetshire* e o *Maori*, mas um alerta indicando a aproximação de submarinos alemães levou os dois comandantes a abandonarem o salvamento e a fugir a toda velocidade. Centenas de marinheiros alemães, tentando desesperadamente agarrar-se ao casco dos navios pelos quais esperavam ser salvos, foram despedaçados pelas hélices.

Ao todo, afogaram-se 2.300 marinheiros alemães; Lütjens afogou-se com seu navio. “Combateu com todo o brio, sem a menor hipótese de vencer”, escreveu, no relatório oficial da operação, o comandante naval britânico, almirante Tovey, “numa atitude digna dos velhos tempos da marinha imperial alemã. É pena que, ‘por motivos políticos’, esse fato não possa ser tornado público”. A perda do *Bismarck* foi recebida em Berlim com ceticismo. “Desânimo geral”, escreveu Walter Hewel em seu diário. “Führer mais melancólico do que nunca.”

Hitler tinha outros motivos para estar melancólico, pois, também em 27 de maio, Roosevelt, numa de suas “Conversas à Lareira” transmitidas por rádio, anunciava que as bases navais dos Estados Unidos “estão agora ajudando a garantir a entrega dos abastecimentos necessários à Grã-Bretanha” e que seriam tomadas “todas as medidas restantes” indispensáveis para assegurar tais entregas. “A entrega de abastecimentos que fazem falta à Grã-Bretanha é imperativa”, declarou. “É uma coisa que pode ser feita. Que deve ser feita. E que vai ser feita”, disse o presidente, acrescentando uma frase que inspiraria todos os combatentes e povos oprimidos da Europa Ocidental: “A única coisa que precisamos temer é o próprio medo.”

Num telegrama de agradecimento, o rei George VI declarou que o anúncio de Roosevelt “encorajou-nos muitíssimo e incitará, tenho certeza, esforços ainda maiores até a vitória da liberdade estar, enfim, garantida”.

“Estar enfim garantida”; em Creta, o embarque das tropas britânicas começaria na noite seguinte, 28 de maio, e se prolongaria até a noite de 1º de junho. Enquanto os britânicos deixavam os pequenos portos de Sphakia, Paleohora e Plakias, no sudeste da ilha, os italianos, uma vez mais “correndo em auxílio dos vencedores”, como fora dito sobre eles em 1915, desembarcaram 2.700 homens em Sitia, próximo ao extremo noroeste da ilha.

Enquanto a evacuação prosseguia, os bombardeiros alemães afundaram o cruzador antiaéreo *Calcutta* e danificaram vários navios de guerra. Quando o navio-almirante *Orion* foi bombardeado e afundado, em 29 maio, levava 1.090 passageiros a bordo, entre os quais morreram 262.

Em cinco noites, dezessete mil homens foram evacuados de Creta, principalmente por praias desabrigadas, aproveitando as poucas horas de escuridão. Cinco mil homens, separados de suas respectivas unidades e espalhados pela ilha, foram deixados para trás. Os alemães haviam perdido 1.990 homens mortos em combate. As baixas das tropas britânicas e da Commonwealth foram 1.742. Outros 2.265 marinheiros morreram afogados.

Em 27 de maio, enquanto as tropas britânicas em Creta preparavam a evacuação, Rommel tomou o desfiladeiro de Halfaya. Suas tropas, tendo capturado três mil prisioneiros e 123 canhões, encontravam-se no mesmo ponto onde, tempos antes, estiveram os italianos, às portas do Egito. No mesmo dia, em Bir Hakeim, no deserto líbio, uma força da Legião Estrangeira francesa, junto com soldados da França Livre (entre os quais bretões, taitianos, argelinos, marroquinos, libaneses, cambojanos e homens naturais das ilhas Maurício, de Madagascar e do Chade), todos cercados havia mais de uma semana, foram atacados por tropas italianas. Os atacantes foram repelidos. “Disseram-nos que poderíamos esmagar vocês em quinze minutos”, confiou aos seus captores o comandante da ofensiva, coronel Prestissimo, aprisionado durante o combate. Os franceses, compreensivelmente, ganharam certa confiança, tanto que, nos dias seguintes, no deserto em torno de Bir Hakeim, um jovem capitão francês, Pierre Messmer – que seria primeiro-ministro da França no pós-

guerra —, conteve o avanço de quinze tanques alemães que esperavam ser bem-sucedidos onde os italianos haviam fracassado.

A “esplendorosa coragem” dos defensores de Bir Hakeim, como considerou um historiador, ainda será lembrada e homenageada na França por muitos anos. Porém, ao fim de quinze dias, o cerco chegava ao fim, com uma retirada maciça dos franceses para a retaguarda das linhas britânicas, e mais um posto avançado em pleno deserto caía nas mãos de Rommel. Na retirada, morreram 72 soldados franceses, mas 2.500 conseguiram salvar-se.

Os britânicos estavam novamente no Egito, tendo perdido todos os territórios conquistados na Líbia, o que recolocava na ordem do dia a questão da defesa do canal de Suez. Felizmente para eles, a retirada da Líbia coincidiu com a rendição de Rashid Ali no Iraque. Nem a Alemanha nem a Itália puderam enviar mais aviões em seu auxílio, devido à falta de combustível, o que os britânicos descobriram, em 28 de maio, através de mensagens de rádio italianas. Dois dias depois, o prefeito de Bagdá e os oficiais do exército fiéis a Rashid Ali, que ainda dominavam a capital, pediram um armistício. A vitória britânica foi, no entanto, sombreada três dias depois, quando um grupo de apoiadores de Rashid Ali assolou o bairro judeu de Bagdá, pilhando casas e lojas e matando moradores; quando o saque terminou, haviam sido mortos mais de 150 judeus.

Os últimos onze dias de maio haviam mostrado o caleidoscópio da guerra em toda a sua complexidade: uma derrota para a Grã-Bretanha em Creta, uma derrota para a Alemanha no mar, uma vitória sua no deserto líbio, o esmagamento de uma rebelião pró-Eixo no Iraque e um massacre de judeus. Na Europa ocupada pelos alemães, os mesmos onze dias trouxeram manifestações do lado mais sombrio do nazismo. Desde 10 de maio, eram tomadas diversas medidas, tanto na França ocupada quanto na Bélgica, para deter a migração de judeus para Portugal, país neutro, e de lá para os Estados Unidos. Embora difícil, essa migração tirara, nos doze meses anteriores, milhares de judeus residentes nos territórios controlados pelos alemães. Agora, Walter Schellenberg, agindo em nome de Heydrich, enviava uma circular a todas as seções da Polícia de Segurança alemã e a todos os consulados alemães, informando-os de que a emigração de judeus ficava proibida, “tendo em vista a iminente

solução final da questão judaica”. Quanto à natureza dessa “solução final”, Schellenberg nada adiantava, mas era óbvio que ela não incluía a partida de judeus para países neutros ou para outros onde estivessem a salvo.

Uma ideia mais clara acerca do que seria a “solução final” fora dada por Himmler, no final de maio, a 120 chefes de forças armadas especiais reunidos na Escola de Polícia de Fronteiras em Pretsch, junto ao rio Elba, e que haviam sido escolhidos para comandar três mil homens armados que seguiriam os exércitos alemães à medida que avançassem pelo território russo. A primeira tarefa, explicou Himmler, era treiná-los “para a campanha de aniquilamento visando o inimigo racial”. Em 1º de junho, numa nova reunião, dessa vez com Heydrich, foi dito aos comandantes das forças especiais que os “judeus do Leste” eram o “reservatório intelectual do bolchevismo” e que, por conseguinte, deviam, “na opinião do Führer”, ser eliminados.



A ALEMANHA E O ORIENTE MÉDIO. O PLANO ALEMÃO DE 11 DE JUNHO DE 1941.

De todos os cantos da Europa ocupada eram transferidas tropas para o Leste. Em 3 de junho, a divisão da caveira da SS abandonou Bordeaux, atravessando toda a França e a Alemanha numa viagem de quatro dias e quatro noites com destino a Marienwerder, na Prússia Oriental. Ao todo, entre janeiro e junho de 1941, dezessete mil comboios transportaram tropas alemãs para as fronteiras da Rússia – mais de cem comboios por dia.

Enquanto Hitler se preparava para invadir a Rússia, morria, exilado na Holanda, o último alemão a empreender uma guerra no Leste: o antigo Kaiser, Wilhelm II, que os holandeses se recusaram a entregar aos aliados, em 1919, por “crimes de guerra”. Em maio de 1940, o ex-imperador declinara a oferta de Churchill para se refugiar na Inglaterra; em junho de 1940, recusara a proposta de Hitler para regressar à Alemanha como simples cidadão e viver numa antiga propriedade real da Prússia. Sua guerra contra seu primo, o czar russo, levava à ruína ambos os impérios; Hitler, a pouco mais de duas semanas da invasão à Rússia, acreditava que nesse novo confronto somente a Rússia sairia destruída.

Em 6 de junho, dois dias após a morte do Kaiser, Hitler ordenou ao general Brauchitsch que transmitisse a todos os comandantes o “Decreto dos Comissários”. Dois dias depois, as primeiras unidades de infantaria alemã desembarcaram na Finlândia, onde o general Mannerheim aceitara participar do novo conflito. No dia 11, numa discussão com o dirigente romeno, marechal Antonescu, Hitler disse que não pedia um auxílio ativo, esperando apenas “que a Romênia, em seu próprio interesse, faça tudo para facilitar a resolução favorável deste conflito”. Antonescu, que, ao contrário dos húngaros, italianos e búlgaros, nada ganhara com a conquista alemã da Grécia, aceitou imediatamente esse convite à recuperação do território perdido e à aquisição de novos territórios a Leste.

Às 2h de 8 de junho, forças britânicas e da França Livre entraram na Síria e no Líbano. Era a operação Exporter, que visava desalojar as guarnições francesas leais a Vichy e hastear a bandeira da França Livre em Beirute e em Damasco. Os 45 mil defensores das praças-fortes, sob o comando do general Dentz, resistiram energicamente durante mais de

cinco semanas. Entre os feridos nos primeiros dias de combates, estava um voluntário judeu da Palestina, Moshe Dayan, de 26 anos, que perdeu um olho. Nas três primeiras semanas, que decidiram o desenlace da batalha, participaram na ofensiva dezoito mil australianos, nove mil britânicos, cinco mil elementos das forças francesas livres, dois mil indianos e centenas de judeus palestinos. Em 9 de julho, as tropas britânicas entraram na cidade portuária libanesa de Tiro.

Faltavam menos de duas semanas para a invasão à Rússia pelos alemães; em 9 de junho, o general Halder visitou o 4º exército alemão para discutir uma série de medidas especiais para um “ataque de surpresa” – emprego de artilharia, cortinas de fumaça, deslocamentos rápidos e evacuação de civis poloneses da zona de operações. Em 10 de junho – 751º aniversário do afogamento do imperador Frederico Barbarossa em 1190, quando, de acordo com a lenda, um Frederico morto iniciou sua espera por uma chamada de seus compatriotas para novamente conduzi-los à glória –, os alemães lançaram a operação Warzburg, um programa de dez dias de lançamento de minas no Báltico para evitar que a frota russa ali estacionada fugisse para o mar do Norte. No dia seguinte, na diretiva no 32, Hitler apresentava seus planos para o exército, a marinha e a força aérea alemães “depois da destruição das forças armadas soviéticas”.

Os planos de Hitler eram vastos. A operação “Isabella” garantiria o domínio do litoral atlântico de Espanha e Portugal. Os britânicos seriam desalojados de Gibraltar, com ou sem a ajuda espanhola. A Turquia e o Irã seriam alvo de fortes pressões para contribuir direta ou indiretamente com “a luta contra a Inglaterra”. Os britânicos seriam expulsos da Palestina e do canal de Suez através de “ofensivas convergentes” lançadas a partir da Líbia, atravessando o Egito, e a partir da Bulgária e da Turquia. Entretanto, “é importante que Tobruk seja eliminada, num assalto que ficava marcado para novembro”. Caso a “queda da União Soviética” criasse as “condições necessárias”, também seriam feitos os preparativos para o envio de uma força expedicionária alemã da Transcaucásia contra o Iraque. Utilizando os árabes, seria possível, “no caso de importantes operações militares alemães”, “tornar mais precária”

a situação dos britânicos no Oriente Médio se “as forças britânicas precisarem, no momento certo, concentrar suas atenções em focos de revolta ou em confrontos civis”.

Além desses planos para o Mediterrâneo e para o Oriente Médio, havia outro objetivo em mente, escreveu Hitler: o “cerco à Inglaterra” deveria recommençar com toda a intensidade, mobilizando os efetivos da marinha e da força aérea, após a conclusão da campanha a leste.

A diretiva esclarecia o que estava em jogo na guerra da Alemanha contra a Rússia. Nessa noite, como se quisesse escarnecer dessas perspectivas para o futuro, os bombardeiros britânicos atacaram alvos industriais no Ruhr, no Reno e nos portos alemães do mar do Norte, em incursões que continuaram durante vinte noites consecutivas. Na França, agentes das operações especiais britânicas prosseguiram em seu trabalho de criação de linhas de evasão para prisioneiros de guerra, estabelecendo, ao mesmo tempo, contato com os franceses que se recusavam a suportar passivamente a ocupação alemã. “Ajudaremos e mobilizaremos para a resistência e a revolta os povos de todos os países conquistados”, disse Churchill, por rádio, ao povo britânico, em 12 de junho. “Anularemos ou perturbaremos todos os esforços de Hitler para sistematizar e consolidar seu domínio. Não lhe daremos paz, descanso, trégua ou diálogo.”

Em 14 de junho, enquanto Hitler e seus generais terminavam seus planos para a invasão à Rússia, dali a apenas oito dias, Roosevelt dava mais um passo para proporcionar à Grã-Bretanha auxílio substancial, congelando os bens de todas as empresas italianas e alemãs nos Estados Unidos. Aceitou, também, a solicitação de Churchill para que os Estados Unidos tomassem a seu cargo a defesa da Islândia, sob tutela britânica desde a derrota da Dinamarca, em abril de 1940. Quantidades substanciais de armamento americano viajavam para o Egito, em 74 navios mercantes, entre os quais trinta ostentavam o pavilhão norte-americano. O carregamento incluía duzentos tanques produzidos para o exército dos Estados Unidos.



A máquina alemã de código Enigma, na qual as comunicações militares alemãs mais secretas, incluindo ordens para as linhas de frente, eram enviadas. Estas mensagens cifradas eram interceptadas nos centros de escuta ingleses e enviadas para Bletcheley Park, próximo de Londres, onde eram decifradas e o seu conteúdo comunicado aos estrategistas ingleses e aos comandantes de campo. Foi através de uma mensagem Enigma que o *Bismarck* foi localizado.

Dois dias depois do discurso de Churchill, um herói do verão de 1940, John Mungo Park, piloto de um avião Spitfire, morreu em combate no espaço aéreo francês. Não era apenas aos países ocupados pelos alemães que a Grã-Bretanha oferecia seu apoio. Em 13 de junho, numa tentativa séria para mostrar à União Soviética que não seria abandonada à sua sorte no combate contra Hitler, Churchill propôs a Stálin o envio de uma missão militar britânica caso se concretizasse a invasão alemã. Aparentemente, porém, Stálin considerou a proposta uma provocação, parte de um plano britânico para incitá-lo à guerra contra a Alemanha. Desconfiança idêntica parece ter dominado sua reação quando Churchill deu-lhe dados variados acerca das divisões alemãs concentradas junto à fronteira soviética – as informações haviam sido extraídas das ultrassecretas mensagens Enigma. Também em 13 de junho, o almirante Kuznetsov, comissário da marinha soviética, em reunião com Stálin no Kremlin, não conseguiu levá-lo a preocupar-se com as recentes movimentações da marinha alemã nem fazê-lo aceder ao pedido de que as forças navais soviéticas fossem preparadas para reagir.

Entre as mais importantes mensagens decifradas pelos serviços de informações britânicos em Bletchley, em 14 de junho, encontravam-se ordens alemãs relacionadas à chegada a Kirkness, na Noruega, próxima à fronteira norte com a União Soviética, de um destacado correspondente de guerra. Nesse dia, Timoshenko e Zhukov também estiveram no Kremlin e depararam-se com um Stálin aparentemente pouco preocupado com a concentração das tropas alemãs. Quando sublinharam que, segundo os relatórios dos serviços secretos soviéticos, as divisões alemãs junto às fronteiras estavam “equipadas e armadas como em tempo de guerra”, o comentário de Stálin foi: “Não se pode acreditar em tudo o que dizem os serviços secretos.” A reunião foi interrompida por um telefonema do principal homem do Partido Comunista na Ucrânia, Nikita Khrushchev. “Stálin atendeu o telefonema”, lembrou, mais tarde, Zhukov. “Por suas respostas, concluímos que a chamada dizia respeito a questões agrícolas. ‘Ótimo’, disse Stálin, sorrindo. Era evidente que Khrushchev comunicara-lhe, nos termos mais animadores, a perspectiva de uma colheita excepcional para aquele ano.”

“Saímos do Kremlin”, acrescentou Zhukov, “extremamente desanimados”, mas, para os serviços secretos alemães, os movimentos

das tropas soviéticas não eram boas novidades – os efetivos transferidos no último mês para a Rússia europeia elevavam as forças soviéticas a 150 divisões de infantaria, sete divisões blindadas e 38 brigadas blindadas.

Nesse 14 de junho, na Prússia Oriental, o comandante da divisão da caveira da SS, general Eicke, comunicou aos comandantes de seus regimentos e batalhões o conteúdo do “Decreto dos Comissários”. A próxima guerra com a Rússia, explicou Eicke, deveria ser encarada como um combate ideológico, uma luta de vida ou morte entre o nacional-socialismo e o “judaico-bolchevismo”. Os comissários políticos nas unidades do Exército Vermelho deveriam “ser executados imediatamente após sua rendição ou captura, sob quaisquer circunstâncias”. A divisão deveria mostrar-se “fanática e impiedosa”. A Rússia não assinara a Convenção de Genebra, portanto “não podemos esperar que seus exércitos combatam de maneira civilizada”. Os homens da divisão da caveira teriam, pois, de lutar “sem dó nem piedade”. A guerra no Leste era um confronto “de que dependia o destino do povo alemão”.

O fanatismo de Hitler havia sido comunicado aos homens incumbidos de colocá-lo em prática. No mesmo dia, numa última reunião com seus comandantes militares, Hitler preveniu-os de que os efetivos russos os ultrapassavam em número, mas que a organização, o equipamento e a experiência dos alemães eram superiores. Ao mesmo tempo, incitou-os a não subestimarem o Exército Vermelho e disse-lhes, ainda, como em sua diretiva lançada três dias antes: “O inimigo principal continua a ser a Grã-Bretanha, que continuará a combater enquanto houver algum sentido...”

Em 15 de junho, as forças britânicas no Egito lançaram a operação Battleaxe, uma tentativa para obrigar Rommel a recuar para o território líbio e, se possível, para libertar Tobruk. “Naturalmente, atribuo grande importância a esse empreendimento”, disse Churchill, por telegrama, a Roosevelt, na véspera do ataque. No entanto, a operação seria gravemente prejudicada pela inferioridade do equipamento britânico e, após um avanço inicial, não conseguiu progredir efetivamente contra os tanques e os blindados de Rommel. Os serviços secretos britânicos haviam avaliado corretamente o momento e a escala do contra-ataque alemão: as forças britânicas, pura e simplesmente, não tinham

capacidade para enfrentá-lo. Em quatro dias de combates, a Grã-Bretanha perdeu 122 soldados e uma centena de tanques.

No dia em que foi lançada, no Egito, a operação Battleaxe, todos os comandantes alemães, no Leste, de acordo com ordens recebidas na véspera, ultimaram os preparativos para o ataque. Esperavam apenas um entre dois códigos: “Altona”, para adiamento ou cancelamento, ou “Dortmund”, para o lançamento da ofensiva. No mesmo dia, o comandante militar soviético de Kiev, general Kirponos, convencido de que a guerra era iminente, enviou por um mensageiro uma carta a Stálin, pedindo-lhe autorização para evacuar trezentos mil civis soviéticos da região fronteira ao longo do rio Bug e para instalar barreiras antitanque. Stálin respondeu, como a vários outros pedidos parecidos naquela semana: “Isso seria um gesto de provocação. Não faça nada.”

Em 15 de junho, o comando alemão emitiu uma lista de objetivos a bombardear, que deviam ser destruídos nas primeiras horas do ataque: entre eles, estavam os postos de comunicação e os centros de escuta das regiões ocupadas na Polônia e em Kobryn, Volkovysk, Lida e Baranowice, assim como mais ao leste, em Slutsk, Minsk, Mogilev, Orsha e Smolensk.

Em Berlim, nesse dia, circulava um boato fantástico de que “era iminente um entendimento com a Rússia”, como registrou em seu diário o diplomata Ulrich von Hassell, ou de que “Stálin está chegando” etc. Porém, em Londres, para Churchill, que acompanhava dia a dia as mensagens de rádio Enigma, a iminente e maciça ofensiva militar contra a Rússia era clara. “De acordo com todas as fontes de que disponho, incluindo algumas em que tenho a maior confiança”, telegrafou Churchill a Roosevelt, em 15 de junho, “parece ser iminente uma grande ofensiva alemã contra a Rússia. Não apenas estão dispostos junto à fronteira, da Finlândia à Romênia, os principais exércitos alemães, como continuam a chegar contingentes da força aérea e blindados”. Caso a nova guerra estoure, acrescentava Churchill, “daremos, é claro, todo o nosso apoio aos russos, assim como todo o auxílio que pudermos dispensar-lhes, obedecendo ao princípio de que Hitler é o inimigo a abater”.



ALEMANHA E RÚSSIA ANTES DA GUERRA.

Num apelo ao povo americano, transmitido por rádio na noite seguinte, Churchill procurou expor seus presságios e alertar para a gravidade da situação. “A cada mês”, afirmou, “aumentam a duração e os perigos da jornada a ser feita. Unidos, resistimos. Divididos, acabaremos por cair. Divididos, voltará a era das trevas. Unidos, podemos salvar e conduzir o mundo”.

Nos Estados Unidos, dois dias depois do discurso de Churchill por rádio, Roosevelt recebeu o coronel William J. Donovan, a quem nomeou coordenador de Informações, tendo as funções de recolher e de analisar todos os dados que dissessem respeito à segurança nacional, relacioná-los e torná-los disponíveis para o presidente. Donovan também foi encarregado da condução de assuntos especiais e da propaganda subversiva.

Em 16 de junho, o último navio de guerra alemão abandonava as águas soviéticas do mar Negro. Dos vinte engenheiros alemães que ainda em maio trabalhavam em Leningrado, o último partira no dia anterior. Esses indícios de uma ofensiva alemã iminente foram detectados por observadores da marinha soviética e comunicados ao comandante da frota do Báltico, almirante Tributs. Em 17 de junho, em grande sigilo, todos os comandantes de exército, marinha e força aérea alemães receberam, por rádio, o código “Warzburg”: o ataque à Rússia deveria começar às 3h de domingo, 22 de junho. No dia seguinte, em Bialystok, as tropas fronteiriças soviéticas foram postas em estado de alerta.

Os chefes e os ideólogos alemães confiavam na vitória; em 18 de junho, Alfred Rosenberg concluiu seu plano de divisão da região russa do Cáucaso em cinco “comissariados gerais” sob administração alemã – Geórgia, Azerbaijão, Cáucaso do Norte, Krasnodar e Ordzhonikidze – e em dois “comissariados principais”, de menor importância – na Armênia e na zona de Kalmyk. Por tal meio, segundo Rosenberg, a Alemanha controlaria um eixo Berlim-Tiblisi inteiramente favorável, formando uma barreira permanente contra um futuro ressurgimento da potência russa.

No âmbito dos preparativos para o combate iminente, a SS promulgou regulamentos especiais, criando um fundo social para órfãos e viúvas dos homens da SS mortos em combate. Mas o Exército Vermelho perceberia que a ofensiva era iminente? Em 19 de junho, o ministro da Defesa

soviético, marechal Timoshenko, ordenou a camuflagem de bases aéreas, instalações e unidades militares mais próximas da fronteira, muitas ainda perfeitamente visíveis a partir do solo e do ar. Na mesma noite, numa chamada telefônica de Leningrado para Moscou, o almirante Tributs, após comunicar a partida, em 16 de junho, do último navio de guerra alemão em águas territoriais soviéticas, obteve autorização do almirante Kuznetsov, ministro da Marinha, para colocar a frota do Báltico em estado de “Alerta no 2”, provendo combustível a todos os navios de guerra soviéticos e mantendo a postos as respectivas tripulações. Em Leningrado, porém, o dia 19 marcou a partida para férias na estância de Sochi, no mar Negro, do secretário do Comitê Regional do Partido Comunista, Andrei Jdanov, principal homem do partido na cidade e membro do Conselho Militar de Stálin. Enquanto Jdanov partia, o almirante Kuznetsov colocava em estado de “Alerta no 2” a frota soviética do mar Negro.



A invasão da Rússia pelos alemães, 22 de junho de 1941.

No Oriente Médio, as primeiras horas de 21 de junho assinalaram a rendição das forças de Vichy em Damasco frente à expedição anglo-francesa. Hitler perdia, assim, sua oportunidade para atacar facilmente a Palestina e o canal de Suez. Nessa noite, próximo a Buraki, um grupo de soldados alemães em missão de reconhecimento tentou romper as linhas soviéticas. Entre eles, três morreram e dois foram capturados. Às 2h40, o chefe do estado-maior da região militar do Ocidente, general Klimovskikh, comunicou a Moscou que “aviões alemães carregados com bombas” haviam violado as fronteiras na véspera e, ameaça ainda mais grave, que, segundo o relatório de um comandante, as barricadas de arame farpado que se avistavam junto à fronteira nas estradas de Augustovo e de Siena, embora permanecessem em suas posições durante o dia, “são retiradas ao cair da noite”. O general Klimovskikh acrescentava: “Na floresta, ouvem-se sons de motores.”

Às 4h, o comandante de um submarino da marinha comunicou ter avistado um comboio de 32 navios alemães de transporte de tropas próximo ao farol de Bengtsher, na entrada do golfo da Finlândia. O almirante Tributs foi devidamente informado e alarmou-se. Dez horas depois, Stálin telefonou para o comandante da região militar de Moscou, general Tiulenev, para dizer-lhe que “a situação é delicada” e ordenar que “colocasse setenta por cento dos efetivos da defesa antiaérea de Moscou a postos para o combate”. Pouco depois, instruções idênticas foram comunicadas a Nikita Khrushchev, em Kiev. Uma vez mais, foi Stálin quem telefonou.

Na tarde de 21 de junho, Hitler escreveu a Mussolini, dizendo-lhe que havia tomado “a mais difícil decisão da [sua] vida”.

Nessa noite, nas instalações do comando do general Rokossovsky, em Novgorod Volynsky, realizou-se um concerto para todos os comandantes de unidade. Foi-lhes ordenado que regressassem às suas unidades somente “depois do concerto”.

Pouco depois das 21h, o chefe de estado-maior da região militar de Kiev, general Purkayer, telefonou ao marechal Zhukov em Moscou para comunicar-lhe que um sargento alemão “procurou nossos guardas na fronteira para dizer que as tropas alemãs avançavam para posições de ataque e que a ofensiva começaria na manhã de 22 de junho”. O desertor

era Alfred Liskof, que se entregara em Vladimir-Volynsky, cidade ucraniana fronteiriça.

Zhukov telefonou imediatamente a Stálin, que o convocou para o Kremlin, juntamente com Timoshenko. “Os generais alemães podem ter enviado esse vira-casacas para provocar um conflito”, disse-lhes Stálin. “Não”, respondeu Timoshenko, “achamos que ele está dizendo a verdade”. “O que faremos?”, perguntou Stálin, ao que Timoshenko respondeu: “É preciso transmitir imediatamente uma diretiva que coloque em estado de alerta todas as tropas nas regiões de fronteira.”

Stálin ainda hesitava. “É muito cedo para uma diretiva como essa – talvez a questão ainda possa ser resolvida pacificamente.” Concordou, porém, em enviar uma diretiva a todos os conselhos militares nas regiões de fronteira, prevenindo-os de que “um ataque alemão repentino é possível”. Stálin acrescentava, no entanto, que as tropas soviéticas não deviam “deixar-se incitar ao combate por provocações alemãs”. A diretiva, assinada nessa noite por Timoshenko e Zhukov, ordenava que os bastiões das zonas fortificadas fossem “secretamente guarnecidos de homens” às primeiras horas de 22 de junho, que todos os aviões fossem dispersados pelos aeródromos “antes da alvorada” de 22 de junho, que “todas as unidades” ficassem em estado de alerta e que fossem feitos preparativos “para o blecaute das cidades e de outros alvos”.

Trinta minutos depois da meia-noite, na primeira hora de 22 de junho, Zhukov comunicou a Stálin que sua diretiva havia sido transmitida a todas as regiões de fronteira enquanto Hitler, após o jantar com Albert Speer e com o almirante Raeder, falava sobre seus planos para a criação de uma base naval alemã na costa norueguesa, próxima a Trondheim. Seria o maior porto em toda a Alemanha e, junto a ele, seria construída uma cidade para cerca de 250 mil alemães. A cidade seria incorporada à Grande Alemanha. Hitler pôs, então, um disco no gramofone, executando para seus convidados alguns compassos de “Os Prelúdios”, de Liszt. “No futuro próximo, vocês ouvirão muitas vezes esses acordes”, disse ele, “pois será nossa fanfarra de vitória na campanha da Rússia”. Seus planos para construções monumentais em Berlim, Linz e outras cidades, disse-lhes Hitler, seriam selados “com sangue”, através de uma nova guerra. A Rússia, até mesmo do ponto de vista arquitetônico, traria vantagens.

“Buscaremos por lá nosso granito e nosso mármore”, explicou Hitler,
“nas quantidades que quisermos”.



A LINHA VOLGA-ARCANGEL E O EIXO BERLIM-TIBLISI.

Enquanto a diretiva que lançava o alerta seguia de Moscou para as forças fronteiriças, o expresso Berlim-Moscou atravessava a ponte ferroviária sobre o rio Bug e entrava em Brest-Litovsk, na fronteira soviética. Pouco depois, dois comboios provenientes de Kobryn atravessaram o Bug na direção oposta: o expresso normal Moscou-Berlim e, seguindo-o imediatamente, um comboio de mercadorias que transportava cereais soviéticos para os silos da Alemanha.

A vida seguia seu curso habitual. Num ponto mais meridional da fronteira, o comandante de um corpo de exército alemão comunicou aos seus superiores que a pequena cidade soviética à sua frente estava manifestamente tranquila. “Sokal não tem as luzes apagadas”, disse ele. “Os russos colocaram homens nas guaritas, que continuam iluminadas. Aparentemente não têm suspeitas.” Em Novgorod-Volynsky, o general soviético Konstantin Rokossovsky era convidado de honra para um concerto em seu quartel-general. Ao receber a diretiva vinda de Moscou, ordenou aos comandantes que regressassem às respectivas unidades “no fim do concerto”. Na residência dos oficiais em Kiev, o general Pavlov, comandante da região militar do Ocidente, assistia a uma comédia ucraniana. Ao ser informado de que “a situação na fronteira parecia alarmante”, resolveu, de qualquer maneira, ver a peça até o fim.

Não era um concerto nem uma peça, mas um baile, o evento marcado para essa noite de sábado na cidade fronteira de Siemiatycze, em que estavam, como era habitual havia algumas semanas, os elementos da patrulha fronteira do lado alemão e um grande número de judeus. Às 4h, o baile ainda não terminara. Os minutos sucediam-se em canções roucas e em danças rodopiantes. “De repente”, registrou um historiador do episódio, “começaram a cair bombas. O salão de baile ficou sem luz. Em pânico e tropeçando uns nos outros, no escuro, todos correram para suas casas”.

Às primeiras horas de 22 de junho, quando as forças alemãs se encontravam na fronteira soviética, prontas para a invasão, 2,5 milhões de soldados soviéticos enfrentavam 3,2 milhões de alemães. As reservas soviéticas, disponíveis para a defesa de Moscou, de Leningrado e das regiões industriais da bacia do Donetz e dos Urais, eram de 2,2 milhões de homens. Esses números, porém, eram enganadores: somente trinta por cento das tropas soviéticas estavam equipadas com armas automáticas e

apenas vinte por cento dos aviões soviéticos, e nove por cento dos tanques, eram modelos modernos.

Senhor de oito capitais europeias – Varsóvia, Copenhague, Oslo, Haia, Bruxelas, Paris, Belgrado e Atenas –, dominando a Europa desde o frio ártico até as quentes praias da ilha de Creta, com seus exércitos vitoriosos ainda mais a sul, na fronteira do Egito, Hitler voltava suas atenções e tropas para Moscou. Porém, embora não estivesse longe o dia em que as torres do Kremlin seriam visíveis através dos binóculos dos comandantes alemães na primeira linha, Moscou nunca seria sua, e a marcha sobre a cidade, a grande derrota de Napoleão, conduziria, entre o sofrimento e a devastação, à derrocada de todos os seus planos e à queda do Reich.



Tropas alemãs em movimento ao longo de uma estrada na Rússia, cruzando com prisioneiros de guerra russos.

A invasão da União Soviética pela Alemanha

Junho de 1941

Passavam quinze minutos das quatro horas da manhã de 22 de junho de 1941. Começou, nesse momento, a invasão alemã à União Soviética. Nas primeiras horas da guerra, os bombardeiros alemães atacaram 66 aeródromos soviéticos, destruindo muitos aviões. Ao mesmo tempo, cinco cidades soviéticas previamente escolhidas eram sujeitas a bombardeamentos aéreos: Kovno, Minsk, Rovno, Odessa e Sebastopol. Outro grupo de bombardeiros atacou, em Libava, uma entre as principais bases navais soviéticas do Báltico. Então, enquanto a população soviética despertava ao som das bombas, o exército alemão iniciava seu avanço ao longo de uma frente de 1.500 quilômetros.

Vinte e um de junho teve a noite mais curta do ano e marcou exatamente um ano desde a rendição da França em Compiègne e 129 anos desde que Napoleão atravessara o rio Neman, contando obter uma vitória rápida contra Moscou. Às sete horas, Goebbels leu por rádio uma proclamação de Hitler. “Sobrecarregado pelo peso dos preparativos”, declarava, “condenado a meses de silêncio, posso finalmente falar com toda a franqueza: Povo alemão! Neste momento, está em curso uma marcha que, por suas dimensões, iguala-se às maiores que o mundo alguma vez assistiu. Decidi colocar novamente o destino e o futuro do Reich e de nosso povo nas mãos de nossos soldados. Que Deus nos auxilie, especialmente nesse combate!”.

Quinze minutos depois, com a aprovação de Stálin, Zhukov emitiu uma diretiva em que autorizava as tropas soviéticas a “atacar o inimigo e destruí-lo” onde quer que as fronteiras fossem violadas, sem, contudo, transpor a fronteira alemã. Seriam organizados ataques aéreos contra as posições alemãs, nomeadamente em Königsberg e em Memel, mas as

incursões não deveriam ultrapassar 150 quilômetros além das linhas inimigas. Molotov faria uma comunicação ao país, por rádio, ao meio-dia.

Alimentaria Stálin ainda a esperança de negociar um acordo ou um cessar-fogo? “Os russos pediram ao Japão”, registrou, em seu diário, o general Halder, “que servisse como intermediário no tocante às relações políticas e econômicas entre a Rússia e a Alemanha, e estão em contato permanente, via rádio, com o Ministério das Relações Exteriores alemão”. “Somente quando se tornou evidente que era impossível deter a ofensiva inimiga mediante ações de caráter diplomático”, escreveu um historiador soviético, Karasev, “o governo anunciou à população o ataque por parte da Alemanha e a entrada em guerra da União Soviética – ao meio-dia de 22 de junho”.

Nada podia deter o avanço dos exércitos alemães. Nesse dia, ao sul de Kovno, em Alytus, uma ponte de importância vital foi tomada, e a linha do rio Neman foi transposta pelos alemães sem que encontrassem qualquer resistência por parte dos soviéticos. Algumas unidades russas, registrou o general Halder, “foram capturadas completamente desprevenidas nos quartéis; os aviões estavam nas bases, ainda cobertos; e as unidades mais avançadas, ao serem atacadas por nossas tropas, perguntavam ao alto-comando o que deviam fazer”. Às 21h15, Timoshenko emitiu sua terceira diretiva em menos de 24 horas, ordenando que todas as forças fronteiriças soviéticas passassem à ofensiva e avançassem entre oitenta e 120 quilômetros além da fronteira alemã.

A maré da guerra, porém, já não podia ser mudada por uma simples diretiva. Ao cair da noite em 22 de junho, os alemães haviam aberto uma brecha entre a frente noroeste e a frente ocidental soviética, mas nem todos os observadores viam na ofensiva alemã um fato trágico. Quando, às 16h, a notícia do ataque alemão à Rússia foi transmitida através dos alto-falantes alemães instalados em Varsóvia, os judeus do gueto, conforme um deles, Alexander Donat, recordou mais tarde “Com a Rússia do nosso lado”, sentiam eles, “a vitória é certa, e o fim de Hitler está próximo”.

A confiança desses judeus encurralados e famintos tinha uma curiosa contrapartida no clima que reinava em Berlim. “Temos de vencer, e

depressa”, escreveu Goebbels em seu diário, em 23 de junho. “Nota-se que a população está levemente desanimada. A nação quer a paz, se bem que não à custa de uma derrota, mas cada novo teatro de operações que se inaugura traz consigo inquietação e receio.”

Hitler, trocando Berlim por um novo quartel-general, a Toca do Lobo, próximo a Rastenburg, na Prússia Oriental, disse ao general Jodl: “Basta-nos arrombar a porta a pontapé para que o edifício inteiro se desfaça, tão podre ele está.” No entanto, nem mesmo a confiança de Hitler era isenta de reservas. “No início de cada campanha”, disse ele a um membro de seu estado-maior algumas horas mais tarde, “abre-se uma porta para um quarto escuro, onde nada se vê. Nunca se sabe o que estará escondido”.

Ao meio-dia de 22 de junho, a força aérea alemã já havia destruído mais de mil aviões soviéticos no solo ou em combate: um quarto de todos os efetivos aéreos russos. Nesse dia, tanto a Itália quanto a Romênia declararam guerra à União Soviética.

Ao cair da noite, haviam sido tomadas as cidades de Kobryn e de Pruzhany, situadas na zona fortificada. No dia seguinte, em Moscou, foi criado um conselho de evacuação, composto por três elementos, entre os quais Alexei Kosygin, que organizaria o desmantelamento, a transferência e a reconstrução de mais de 1.500 fábricas de armamento e de outras unidades industriais da Rússia Ocidental e da Ucrânia para locais seguros ao leste. Além dos Urais, longe de qualquer combate provável, ou mesmo possível, em cidades distantes como Sverdlovsk, Kurgan e Chelyabinsk, na Sibéria e nas cidades do Cazaquistão, a União Soviética, neste momento de desorganização e de fraqueza, começava a reconstituir as bases de um maciço potencial de guerra.



A GUERRA SE ALAISTRANDO, JUNHO DE 1941.

Nos primeiros dias do ataque alemão já era claro que essa não seria apenas uma guerra entre exércitos. A partir dos *bunkers* à volta da aldeia fronteiriça de Slochy Annopolskie, uma unidade do exército alemão, depois de finalmente derrotar os defensores soviéticos, incendiou o lugar e matou seus habitantes. Em 25 de junho, o general Lemelsen, comandante do 47º Corpo Panzer, protestou com seus oficiais subordinados contra o que definiu como “fuzilamento sem sentido de prisioneiros de guerra e de civis”. Os protestos foram ignorados.

Lemelsen renovou-os cinco dias depois, numa ordem em que dizia que, apesar de suas instruções antecedentes, “continuam a ser observados fuzilamentos de prisioneiros de guerra e de desertores, que são realizados de maneira irresponsável e criminosa, sem qualquer sentido. Isso é assassinato! O exército alemão está numa guerra contra o bolchevismo, não contra os povos russos”. No entanto, o general Lemelsen continuava a aplicar a ordem de Hitler para que aqueles identificados como comissários políticos e guerrilheiros “fossem separados e fuzilados”. Somente por esse meio, explicava, o povo russo poderia ser libertado “da opressão de grupos judaicos e criminosos”.

A última semana de junho foi assinalada por constantes reveses para os soviéticos nos campos de batalha. No dia 25, morreram em combate dois generais, Khatsikilevich e Nikitin. Várias localidades de importância estratégica foram perdidas nesse dia, incluindo os nós ferroviários de Baronovichi e de Lida, no norte, e de Dubno, no centro. Goebbels, ainda assim, mostrava-se cauteloso. “Procuro evitar a divulgação de grandes mapas da Rússia”, registrava ele em seu diário. “As enormes áreas envolvidas podem assustar a opinião pública.”

Desde os primeiros dias da ofensiva alemã, os judeus foram escolhidos como principais vítimas de aniquilamento. Quando, em 25 de junho, as forças alemãs entraram em Lutsk e encontraram um médico judeu, Benjamim From, a operar uma mulher cristã no hospital, ordenaram-lhe que interrompesse a família.

Na manhã seguinte, as forças alemãs chegaram à cidade de Dvinsk, tomando as pontes rodoviária e ferroviária sobre o rio Dvina. Era uma proeza equivalente à captura do forte Eben-Emael, na Bélgica, pouco mais de um ano antes. O exército alemão ultrapassara em trezentos quilômetros a fronteira soviética. Ainda nesse dia, a Finlândia declarou

guerra à União Soviética enquanto, em Verona, Mussolini revistava uma divisão italiana pronta para partir e combater ao lado dos alemães na Rússia. Nessa noite, voltando a Moscou após uma visita ao quartel-general do exército do sudoeste, em Ternopol, Zhukov convenceu Stálin a aprovar um plano defensivo de emergência na linha Drissa-Polotsk-Vitebsk-Orsha-Mogilev-Mozyr e numa linha ainda mais ao leste, o eixo Smolensk-Roslavl-Gomei. Uma rápida olhada no mapa mostra como Zhukov e Stálin perceberam que suas forças ainda teriam muito a recuar. “Não sabíamos onde deter o inimigo”, recordou, mais tarde, Zhukov, “a partir de que linha lançar uma contraofensiva ou de quais forças poderíamos dispor”. Nesse dia, também em Moscou, Lavrenti Beria, Comissário do Povo para Assuntos Internos (NKVD), ordenou às suas organizações locais que formassem unidades especiais de defesa, conhecidas como “Batalhões de Destruição”, para guardar importantes instalações na retaguarda, evitando sabotagem, e para conter os ataques de paraquedistas alemães. Esses batalhões, compostos por cem a duzentos homens, incluíam principalmente indivíduos demasiado velhos ou fisicamente inaptos para se alistarem no Exército Vermelho.

Em 27 de junho, todas as obras em Leningrado foram suspensas, sendo trinta mil trabalhadores da construção civil transferidos, com seus respectivos meios de trabalho, para fora da cidade, na direção de Luga, para abrirem valas antitanque e construírem bastiões reforçados por blocos de cimento. Paralelamente, o general Mannerheim lançava um apelo ao povo finlandês, incitando-o a participar da “guerra santa” contra a Rússia, que, porém, começava a revelar-se uma guerra difícil até para o regimento da caveira da SS, que, nesse dia, foi surpreendido por uma série de contra-ataques russos com tanques e, depois, quando os tanques ficaram inutilizados, a pé. As tropas da SS também temiam os muitos grupos de soldados que, ao verem-se isolados, longe da frente de combate, preferiam combater até a morte a renderem-se. Foram dadas ordens para que tais combatentes fossem tratados com a maior dureza; os soldados que os alemães encontravam passaram a ser geralmente fuzilados, mesmo quando não ofereciam resistência.

Além dos combatentes do exército soviético, em breve entrariam em cena, na retaguarda das linhas alemãs, grupos organizados de resistentes soviéticos. Em 27 de junho, Nikita Khrushchev deu instruções para a

criação, em Kamenets-Poldolsk, de pequenos destacamentos de dez a vinte homens. Cerca de outros 140 grupos foram rapidamente organizados pelas autoridades locais do Partido Comunista nas regiões de Lvov, Ternopol, Stanislav, Chernovtsy e Rovno, num total que rondava dois mil homens. Uma vez organizados, os grupos foram enviados, através das linhas alemãs, para territórios ocupados pelo inimigo.

No mesmo dia, a Hungria declarou guerra à União Soviética, seguida pela Albânia, um dia mais tarde. A União Soviética estava em guerra contra cinco estados: Alemanha, Finlândia, Romênia, Hungria e Albânia. Em Bletchley, os criptógrafos britânicos decifraram a chave Enigma que o exército alemão estava utilizando na frente oriental. Conhecida como Abutre, ela forneceu aos britânicos a possibilidade de ler, dia a dia, ordens operacionais alemãs. No dia seguinte, Churchill instruiu que essas preciosas informações fossem comunicadas a Stálin, embora sua fonte fosse mantida em segredo. Um oficial do Serviço de Informações, Cecil Barclay, que estava a par do trabalho efetuado em Bletchley e exercia funções na embaixada britânica em Moscou, foi incumbido de comunicar os avanços e as intenções dos alemães ao chefe do serviço militar de informações soviético.

Mesmo bem informados, Stálin e seus generais não dispunham de recursos para se opor ao avanço alemão ou à sua selvajaria. Em 27 de junho, duas forças Panzer, reunindo-se a leste de Minsk, encurralaram e atacaram trezentos mil soldados russos, sendo cinquenta mil na própria cidade de Minsk. Na batalha, morreram dezenas de milhares de homens. Quase todos os outros foram feitos prisioneiros, cujo destino seria horrendo: espancados, famintos, privados de assistência médica, sem abrigos dignos e fuzilados, se vacilassem nas intermináveis marchas forçadas, poucos ainda estavam vivos um ano depois. O destino desses 250 mil russos, privados de direitos básicos de todos os prisioneiros de guerra, se estenderia aos vários outros milhões capturados nos dois anos seguintes.



A INVASÃO ALEMÃ À RÚSSIA, 22 DE JUNHO DE 1941.

No mesmo dia, na aldeia de Nieswiesz, um jovem judeu, Shalom Cholawski, assistiu, horrorizado, a um soldado alemão que esmurrava um prisioneiro soviético. “O prisioneiro”, recordou Shalom Cholawski, “um indivíduo baixo, de feições mongólicas, não sabia porque o alemão o escolhera como vítima nem o que o havia enfurecido. Deixou-se ficar onde estava, sem resistir às pancadas. De repente, levantou a mão e, com um ímpeto terrível, bateu em cheio e com toda a força no rosto do adversário. O sangue escorreu pelo rosto do alemão. Olharam-se fixamente por um instante; um a espumar de raiva, o outro muito calmo. Vários alemães empurraram brutalmente o homem para trás do muro. Uma salva de tiros ecoou no ar”.

Num esforço para contrariar os efeitos do rápido avanço alemão sobre o moral russo foram afixados em Leningrado, em 28 de junho, cartazes com o retrato do desertor alemão Alfred Liskof e a legenda: “Um clima de desânimo impera entre os soldados alemães.” No entanto, o avanço desses soldados alemães e o aumento de seu número de aliados eram contínuos. No dia seguinte, tropas alemãs vindas da Noruega e tropas finlandesas atacaram os russos na Carélia. Na frente de Minsk, as unidades alemãs haviam percorrido – em menos de uma semana de guerra – um terço do caminho entre a fronteira alemã e Moscou.

O Exército Vermelho não se encontrava, porém, inteiramente desprovido de recursos ou, à falta destes, de coragem e de engenho. Em 29 de junho, a divisão da cavalaria da SS foi surpreendida pela chegada de aviões de combate soviéticos, que, atacando as posições alemãs, mataram dez homens. O general Halder, após estudar os relatórios enviados desde todos os pontos do campo de batalha, registrou em seu diário: “As informações da frente confirmam que os russos combatem geralmente até o último homem.” O general Ott comunicava-lhe que, na zona de Grodno, os russos “resistem tenazmente”. Na zona de Lvov, “o inimigo recua lentamente, disputando com dureza todas as posições”. Aqui, acrescentava Halder, “pode-se observar, pela primeira vez, a destruição maciça de pontes por parte do inimigo”. O soldado russo, afirmava o jornal do Partido Nazista, *Völkischer Beobachter*, “ultrapassa nossos adversários do Ocidente em seu desprezo pela morte. A

capacidade de resistência e o fatalismo levam-no a não arredar pé até ir pelos ares com sua trincheira ou cair no combate corpo a corpo”.

Também em 29 de junho, Moscou transmitiu uma nova diretiva geral. Antes que o Exército Vermelho se retirasse de determinada cidade, ordenava explicitamente a diretiva, deveriam ser evacuados desde veículos a alimentos, “não deixando ao inimigo uma única locomotiva, um único caminhão, um único pedaço de pão ou um litro que seja de combustível”. O gado deveria ser transportado para a retaguarda, e todos os alimentos e combustível que não pudessem ser transportados “devem, sem exceção, ser destruídos”. Era a política da terra queimada; o decreto regulamentava ainda a atividade dos resistentes na zona ocupada pelos alemães, consistindo em “destruir pontes e estradas de ferro, sabotar comunicações inimigas por telégrafo e por telefone, e explodir depósitos de munição”. Nesse dia, as autoridades de Leningrado iniciaram a evacuação de 212.219 crianças, principalmente para Yaroslavl, no Volga.

À medida que as forças alemãs avançavam pelas antigas províncias a leste da Polônia, o primeiro presidente do país, Ignacy Jan Paderewsky, morria nos Estados Unidos, com oitenta anos. Roosevelt ofereceu imediatamente o cemitério de Arlington para repouso do corpo “até que a Polônia fosse libertada”. O caixão de cedro de Paderewski, montado sobre rodas para sua posterior viagem à Polônia, ainda está em Arlington, 47 anos depois.

Na noite de 29 de junho, Lvov, capital da Galícia Oriental, caiu em mãos alemãs naquilo que um historiador chamou de “um pesadelo de massacres e de caos”, que começou com a morte de três mil presos políticos ucranianos pelo NKVD. Mal as tropas russas se retiraram, algumas delas custosamente, pois a cidade estava cercada, os nacionalistas ucranianos começaram a massacrar judeus no meio da rua. Mais ao Sul, na cidade de Jassy, soldados romenos mataram, num acesso de violência, cerca de 250 judeus enquanto outros 1.194 morreram num vagão selado que efetuava uma viagem de oito dias rumo ao sul, com destino à vila de Kalarash.

Não eram os primeiros judeus massacrados sob a cobertura das operações da guerra. Três dias antes, passadas menos de 48 horas desde a

entrada das tropas alemãs em Kovno, os habitantes lituanos da cidade voltaram-se contra os mais de 35 mil judeus residentes dali, matando mais de mil.

Em 30 de junho, na região de Borisov, na margem leste do rio Beresina, Jakov Kreiser, general soviético judeu de 36 anos, liderando uma divisão motorizada de infantaria, resistiu durante dois dias à ofensiva dos tanques de Guderian. Entretanto, reforços soviéticos avançavam o mais depressa possível para a linha Drissa-Mozyr. Mais tarde, como recompensa por seu feito, Kreiser receberia a cobiçada distinção de Herói da União Soviética. Ao sul de Borisov, no entanto, após tomarem a vila de Bobruisk, as forças alemãs estabeleceram uma posição avançada além do Beresina.

Cada cidade soviética, vila e aldeia homenagearia seus heróis e suas vítimas dessas primeiras semanas de guerra. Leningrado, por exemplo, ainda recorda seu primeiro escritor caído em combate, Lev Kantorovitch, membro de um destacamento de fronteira, morto nas imediações de Enso em 30 de junho. Enquanto grande número de russos morria em combate, a aplicação do “Decreto dos Comissários” fazia com que muitos outros fossem, todos os dias, abatidos a sangue-frio. Também em 30 de junho, o cadete da SS Peter Neumann, de 21 anos, recebeu ordens de seu tenente para abater dois comissários que sua unidade capturara numa pequena aldeia às portas de Lvov. Quando Neumann hesitou, a tarefa foi entregue ao cabo da SS Libesis, “um alegre camponês do Tirol”, recordaria Neumann, “que ganhara duas vezes a cruz de ferro em combate”; “tranquilamente, descontraidamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, Libesis abordou os comissários. ‘Você é um Comissário do Povo?’, perguntou, num russo rudimentar. ‘Sou. Por quê?’, ambos responderam.” Libesis tirou a pistola do coldre, “mirou sucessivamente suas cabeças raspadas” e matou os dois homens. “De um momento para o outro”, recordou Neumann, “não havia mais Comissários do Povo”.

Ao abrigo dos êxitos, as matanças alemãs e de seus colaboradores se procediam. Não só os lituanos e os ucranianos matavam judeus; na Noruega, Jan Terboven ordenou que fossem presos todos os judeus de Tromsø e das províncias do Norte, que foram deportados para a

Alemanha. Outros, presos em Trondheim, foram fuzilados. Na Holanda, em 30 de junho, mais trezentos jovens judeus foram presos e deportados para as pedreiras de Mauthausen. “Seguiram o mesmo caminho pedregoso”, recordou uma testemunha holandesa da deportação. “Nenhum sobreviveu.”

Na mesma data, os australianos perdiam seu primeiro navio de guerra, destruído por uma ação inimiga; o *Waterhen* foi atingido pelos bombardeiros de mergulho alemães quando se preparava para abastecer Tobruk, que estava cercada. A perda logo foi vingada, porém, quando o cruzador *Sydney*, da marinha imperial australiana, afundou o cruzador italiano *Bartolomeo Colleoni*.

Ainda em 30 de junho, o general Kirponos ordenou a retirada soviética do posto avançado em Lvov para uma linha defensiva mais recuada: Korosten-Novograd-Shepetovka-Starokonstantinov-Proskurov. A linha foi ocupada em 9 de julho, enquanto chegavam a ela reforços de retaguarda.

Apesar das enormes baixas, a frente soviética não se desintegrara. Muito longe do principal teatro de guerra, no Norte, os alemães lançaram, em 1º de julho, duas operações: Raposa Prateada, contra o porto soviético ártico de Murmansk, e Armadilha para Salmões, contra a linha de trem entre Kandalashka e Belomorsk. Ao mesmo tempo, o exército finlandês avançava para leste a partir do centro do país. Enviando, o mais depressa possível, reforços para o Norte, os russos conseguiram sustar o avanço inimigo: as tropas alemãs não estavam treinadas para uma guerra na floresta, os altos-comandos alemão e finlandês não conseguiam entender a tenacidade da resistência russa, tal como acontecera na Rússia Ocidental, surpreendeu os adversários.

Na Rússia Ocidental, um contra-ataque a leste de Slonim abria uma brecha nas forças alemãs que cercavam duas brigadas de tanques já muito maltratadas, permitindo a fuga do que delas restava.

Nessa noite, um trem composto por 22 vagões de mercadorias e dois vagões para passageiros partiu de Leningrado rumo ao leste; nele seguiam, sob o olhar vigilante do historiador da arte Vladimir Levinson-

Lessing, alguns entre os mais preciosos tesouros do Ermitage, a *Sagrada Família* e o *Regresso do filho pródigo*, de Rembrandt, duas madonas de Leonardo da Vinci, outras duas de Rafael, quadros de Ticiano, Giorgione, Rubens, Murillo, Van Dyck, Velasquez e El Greco, a Vênus de mármore adquirida por Pedro, o Grande, a estátua de Rastrelli representando esse imperador, a Palas Atena do museu e sua esplêndida coleção de diamantes, pedras preciosas, joias da coroa e antigas peças de ourivesaria.

Mais perto da frente, em Mogilev, dois marechais soviéticos, Voroshilov e Shaposhnikov, deram instruções aos que ficariam para trás à medida que os alemães avançassem, organizando grupos de resistentes. “Explodam brigadas”, ordenaram os marechais; “destruam caminhões isolados que transportem oficiais e soldados. Aproveitem todas as oportunidades para atrasar o movimento das reservas inimigas em direção à frente. Explodam os trens inimigos, carregados com tropas, equipamento ou armas. Dinamitem as bases militares e os depósitos de armamento”.

Ainda em 1º de julho, os alemães entraram em Riga. Em Berlim, Ribbentrop instou os japoneses a atacarem a União Soviética pelo extremo Oriente. Os japoneses negaram-se; a recusa, bem como a decisão japonesa sobre atacar a Indochina francesa, foi comunicada a Moscou por Richard Sorge, em 6 de julho. As tropas soviéticas no extremo Oriente poderiam, pois, continuar a reforçar os exércitos na frente ocidental. A contribuição era urgentemente necessária; em 2 de julho, o exército romeno, após se limitar, durante onze dias, a assistir ao avanço das forças alemãs, atacou ao sul, com a intenção de tomar a cidade ucraniana de Vinnitsa.

Essa ofensiva tornava ainda mais premente a evacuação das fábricas no sul da Rússia e decidiu-se transferir a fábrica de chapa blindada localizada em Mariupol para a longínqua Manitogorsk. No dia seguinte, o Comitê para a Defesa do Estado, em Moscou, ordenou a transferência, para leste, de mais 36 fábricas de armamento de vários pontos da Rússia Ocidental, incluindo Moscou, Leningrado e Tula. De Kiev e de Kharkov também foram retiradas várias unidades de produção e maquinaria essencial.

Em 3 de julho, Stálin falou ao povo russo por rádio, pela primeira vez desde a invasão alemã doze dias antes. “Uma grave ameaça pesa sobre nosso país”, avisou, dizendo, em seguida, aos seus ouvintes: “Os tribunais militares julgarão sumariamente quem fraquejar em sua tarefa de defesa, quer por medo quer por traição, sem olhar cargos ou patentes.”

O discurso apelava veementemente não para o comunismo, mas para o patriotismo do povo soviético. Stálin dirigiu-se aos ouvintes tratando-os não apenas por “camaradas” e “cidadãos”, mas por “irmãos e irmãs” e “meus amigos”. Em dado momento, incitou à formação de unidades de resistência em território ocupado, “para fomentar em toda a parte a guerrilha, para destruir pontes e estradas, para danificar as linhas de telefone e de telégrafo, para incendiar florestas, armazéns, transportes”. O inimigo “e todos os seus cúmplices” deviam ser “perseguidos e aniquilados em toda a parte”.

Os alemães não perceberam a tempestade que tais incitamentos fariam desabar sobre eles. “Não será exagero dizer”, escreveu em 3 de julho, em seu diário, o general Halder, “que a campanha contra a Rússia foi ganha em catorze dias”. A crueldade da batalha, na retaguarda, começava a exceder todos os massacres de civis dessa ou de qualquer outra guerra, daquele século ou do conjunto da história. Em 4 de julho, uma das forças especiais de Himmler foi responsável pela morte de 463 judeus de Kovno; dois dias depois, foram mortos mais 2.514. Em Tarnopol, haviam sido mortos seiscentos judeus e, em Zborov, outros tantos. Em Vilna, foram fuzilados, em 4 de julho, 54 judeus, além de 93 no dia seguinte.

A partir de 5 de julho, o papel desempenhado pelos lituanos nestes massacres aumentou, graças às indicações transmitidas desde o quartel-general de Hitler na Prússia Oriental por um oficial do exército alemão. Em Kovno, segundo um relatório das forças especiais, 2.500 judeus haviam sido mortos por lituanos antes que os alemães ocupassem a cidade. A resposta do ajudante de ordens de Hitler, coronel Schmudt, foi que os soldados alemães não deveriam envolver-se nessas “questões políticas” e que a situação dos judeus fazia parte de uma “necessária operação de limpeza”. O próprio Hitler confiava na vitória e, nesse dia, falou aos seus colaboradores sobre um projeto para tornar acessíveis aos alemães, mediante a construção de uma via rápida, “as belezas da Crimeia”: “Será para nós, alemães, uma espécie de Riviera.” E também a

Croácia, dizia ele, seria “um paraíso turístico para nós”. Na Rússia, “por enquanto”, bastava que a nova fronteira leste estivesse além dos Urais. “O que importa”, explicou Hitler, “é que o bolchevismo seja exterminado. Em caso de necessidade, retomaremos a ofensiva onde houver centros de resistência”. Moscou, por sua vez, “como centro da doutrina, deve desaparecer da face da Terra assim que seus tesouros forem capturados”.

Todos aqueles empenhados em evitar semelhante desenlace redobram seus esforços em julho. Em Londres, fizeram-se planos para o envio de auxílio militar e médico substancial à União Soviética, desviando para seus portos parte do auxílio americano a caminho da Grã-Bretanha. Os ataques aéreos à Alemanha prosseguiram, apesar de notória melhoria em suas defesas aéreas; no bombardeamento a Bremen, em 4 de julho, cinco entre os doze aviões atacantes foram abatidos. Pela coragem que demonstrou ao insistir no ataque apesar dos perigos e ao retornar com os sobreviventes, o piloto que encabeçou a incursão, o australiano Hughie Edwards, recebeu a cruz Victoria. Quase dois mil quilômetros ao sul, em 5 de julho, o resistente comunista iugoslavo Josef Tito enviou um estudante montenegrino, Milovan Djilas, à sua província natal para organizar a resistência contra as forças de ocupação alemãs. Tito disse a Djilas: “Fuzile quem vacilar ou demonstrar falta de coragem ou de disciplina!”

Dois dias depois, na aldeia sérvia de Bela Crkva, houve o primeiro choque armado entre um pequeno destacamento comunista e a polícia alemã. Dois policiais foram mortos.

Os projetos de resistência ganhavam terreno, pouco a pouco, em muitos países, mas a ofensiva alemã contra a Rússia atemorizou todos os povos cativos. Em 6 de julho, na frente de Leningrado, as tropas alemãs chegaram a Tartu, a menos de 320 quilômetros da antiga capital imperial. Porém, no alto-comando alemão, a persistente capacidade russa de contra-ataque causava certo alarme. No quartel-general, “todos”, escrevia Halder em seu diário, “disputam a honra de contar as histórias mais arrepiantes sobre a potência das forças russas”. No mesmo dia, duas divisões alemãs foram repelidas de Zhlobin. Uma tentativa de divisões Panzer para tomar Rogachev fora rechaçada e havia indícios de que chegariam a Briansk e a Orel reforços soviéticos substanciais.

No início de julho, os serviços secretos britânicos souberam, através de mensagens Enigma do exército alemão, que estes haviam decifrado certos códigos da força aérea russa, utilizados na região de Leningrado, e liam regularmente as mensagens da marinha russa no Báltico. A informação foi transmitida à missão militar britânica em Moscou, em 7 de julho, com a recomendação de que os russos fossem alertados para essa brecha em sua segurança. No mesmo dia, no Atlântico, mais um passo foi dado em prol da segurança da Grã-Bretanha, quando os Estados Unidos lançaram a operação Índigo de desembarque de uma brigada de fuzileiros navais na Islândia. Perante o povo americano, Roosevelt justificou a ação com base na necessidade de defender o hemisfério ocidental, mas, para a navegação transatlântica britânica, era um importante apoio ao tráfego marítimo próximo ao território nacional. O próprio Roosevelt apontou, quatro dias depois, num mapa arrancado da revista *National Geographic*, a recente extensão da zona do Atlântico patrulhada pelos americanos, que chegava a uma distância mínima de 650 quilômetros do litoral norte da Escócia.

O apoio americano à Grã-Bretanha permitia aos britânicos reforçarem seu apoio à Rússia. Em 7 de julho, dia em que os fuzileiros americanos desembarcaram na Islândia, Churchill escreveu a Stálin dizendo que a Grã-Bretanha faria “tudo em seu auxílio, tanto quanto permitam o tempo, a geografia e nossos recursos crescentes” e explicando que os bombardeamentos britânicos à Alemanha, recentemente intensificados, prosseguiriam: “Assim esperamos obrigar Hitler a devolver ao Ocidente parte de seu potencial aéreo, reduzindo gradualmente a pressão que exerce sobre a Rússia.” No dia de envio desse telegrama, Churchill instruiu o chefe de estado-maior da força aérea para empregar os recursos aéreos britânicos na “devastação das cidades alemãs”, de modo a desviar a aviação germânica da frente russa.

* * *

Em 8 de julho, as forças alemãs entraram em Pskov, a escassos trezentos quilômetros de Leningrado, e, após suas duras palavras cinco dias antes, Stálin demitiu o general Korbokov de seu posto de comando; acusado de “permitir a destruição de seu exército pelos alemães”, Korbokov foi

fuzilado. No dia da tomada de Pskov, o general Halder registrava em seu diário, encontrando-se no quartel-general de Hitler: “Führer firmemente decidido a arrasar Moscou e Leningrado e a exterminar completamente as respectivas populações, que, de outro modo, teríamos de alimentar durante o inverno.”

Hitler parecia ter bons motivos para se sentir confiante e para fazer tais afirmações belicosas: em 9 de julho, comunicaram-lhe que 287.704 soldados soviéticos haviam sido feitos prisioneiros e que 2.585 tanques soviéticos foram destruídos no posto avançado de Minsk, onde as operações de “limpeza” chegavam ao fim. Porém, formavam-se, em todas as zonas conquistadas pelas tropas alemães, unidades de resistentes; algumas, como a liderada pelo coronel Nichiporovich, eram criadas a partir dos restos de unidades do exército quase completamente aniquiladas. Ao norte, enquanto o Exército Vermelho recuava pela estrada entre Pskov e Luga, um comandante da resistência, Dudin, tendo gasto dez dias recolhendo 123 espingardas e duas metralhadoras ligeiras de unidades soviéticas em retirada, entrou em contato, como mais tarde relatou, “com um destacamento de resistentes, refugiando-me na floresta com a população”. Em 9 de julho, Dudin realizou sua primeira ação na retaguarda das linhas alemãs; dois meses depois, havia destruído mais de vinte caminhões e matado 120 alemães, “sem contar aqueles que o Exército Vermelho liquidou com base em informações fornecidas por nós”.

Informações eram um fator-chave para garantir a sobrevivência. Em 9 de julho, um grupo de criptonistas britânicos quebrou a chave Enigma utilizada pelo exército alemão para dirigir suas operações em terra e ar na frente oriental, mas tais dados nem sempre podiam compensar a falta de armamento. No dia seguinte, quando a primeira divisão de voluntários deixou Leningrado rumo à frente, que recuava a cada dia, não havia espingardas para todos. Embora cada homem houvesse recebido granadas de mão e coquetéis Molotov, muitos, sem espingarda, usavam chuços, pás, machados ou mesmo facões. Nesse dia, em Korosten, um maciço contra-ataque soviético pela defesa de Kiev foi contido e rechaçado. “Ele tem uma confiança infinita na vitória”, escreveu Walther Hewel, referindo-se a Hitler, em 10 de julho. “As tarefas atuais nada são, diz ele,

se comparadas aos anos de luta, principalmente porque nosso exército é o maior e o melhor do mundo.”

Hitler falou-lhe também acerca dos judeus: “Fui eu”, disse, “quem descobriu serem os judeus o bacilo e o fermento responsável por toda a corrupção da sociedade. E provei que as nações podem sobreviver sem eles; que a economia, a cultura, a arte e tudo o mais podem existir sem os judeus e até melhorar. Foi meu mais duro golpe contra eles”.

Os judeus, contudo, eram diariamente vítimas de golpes muito mais duros. Em 7 de julho, segundo relatou onze dias mais tarde uma força especial, 1.150 judeus foram fuzilados em Dvinsk, “sem cerimônia e enterrados em sepulturas previamente preparadas”. Em Lvov, sete mil judeus foram “capturados e abatidos”. Em Dobromil, foram mortos 132. Em Lutsk, trezentos morreram em 30 de junho e outros 1.160 em 2 de julho. Em Tarnopol, foram mortos 180 judeus. Em Zolochev, “o número dos judeus liquidados deve estar entre três e cinco centenas”.

Tais relatórios eram compilados de tantos em tantos dias; se fossem impressos na íntegra, constituiriam um volume tão grande quanto a presente obra, uma vez que as vítimas escolhidas para execução não eram apenas judeus, mas funcionários soviéticos e dignitários locais. Os prisioneiros de guerra soviéticos ainda eram alvo de uma barbárie deliberada; em 10 de julho, chegaram a Berlim informações sobre as terríveis condições de vida no recém-inaugurado campo de concentração para prisioneiros de guerra de Maly Trostenets, nos arredores de Minsk, onde centenas de soldados soviéticos morriam diariamente de doenças, de fome e em consequência da brutalidade dos guardas.

O Exército Vermelho estava decidido a defender, quilômetro a quilômetro, a estrada para Moscou. “O comando inimigo age capazmente”, escreveu em seu diário o general Halder, em 11 de julho. “O inimigo luta com grande tenacidade e fanatismo.” No dia seguinte, a Grã-Bretanha e a União Soviética assinaram um pacto de “auxílio mútuo” contra a Alemanha, comprometendo-se a não aceitar uma paz separada. Ao mesmo tempo, os bombardeamentos britânicos à Alemanha recomeçaram com intensidade renovada em 14 de julho, dia em que Hanover foi bombardeada; nos nove dias seguintes, a cidade foi alvo de

mais dois ataques aéreos, assim como Hamburgo, Frankfurt e Mannheim, enquanto Berlim foi bombardeada apenas uma vez. “Só nas últimas semanas”, declarou Churchill num discurso transmitido por rádio em 14 de julho, “lançamos em território alemão cerca de metade do volume de bombas lançadas pelos alemães sobre nossas cidades em toda a guerra, mas é apenas o começo...”.

No mesmo dia, o serviço de informações britânico enviou uma mensagem ultrassecreta para sua missão militar em Moscou, que deveria ser imediatamente transmitida aos responsáveis russos, descrevendo, com base em mensagens Enigma, as disposições e a ordem de batalha das forças alemãs. Dois dias depois, a pedido de Churchill, foi transmitido à missão militar em Moscou um parecer acerca das intenções alemãs para as regiões de Smolensk e do Dnieper, junto com a notícia, também extraída de instruções alemãs, de que sua força aérea fora ordenada a dificultar a retirada dos russos através de ataques às estradas de ferro que conduziam à retaguarda.

A capacidade russa para retirar a tempo suas tropas preocupava o alto-comando alemão, que ansiava por destruí-las, mas a confiança de Hitler não esmoreceu. Em 14 de julho, num suplemento à sua diretiva no 32, um plano para futuras reduções das forças militares, navais e aéreas começava com as seguintes palavras: “Nosso domínio militar do continente europeu após a derrota da Rússia...”

Nesse dia, em Orsha, um oficial da artilharia soviética, capitão Flerov, utilizava pela primeira vez um novo lançador de foguetes múltiplo, o Katyusha, que disparava 320 foguetes em 25 segundos. A arma causaria grandes estragos às forças alemãs nos meses seguintes. A tirania nazista, contudo, continuava triunfante; na mesma data, Martin Gauger, funcionário público alemão que se recusara a jurar fidelidade a Hitler em 1933 e fugira para a Holanda, atravessando o Reno a nado, poucas horas antes de os alemães entrarem no país em 1940, morria em Buchenwald. Ao mesmo tempo, na cidade de Drohobycz, na Galícia, o sargento da SS Felix Landau, um entre os instigadores, em 1934, do assassinato do chanceler austríaco Dr. Dolfuss, descrevia em seu diário os momentos que precederam um massacre de judeus numa floresta nos arredores:

Ordenamos aos prisioneiros que cavassem as sepulturas. Só dois choraram; os outros deram mostras de coragem. O que estarão pensando? Acho que todos ainda alimentam a esperança de não ser fuzilados. Não sinto qualquer compaixão. É assim que as coisas são e como têm de ser.

Terror no Leste

Julho-agosto de 1941

No dia 15 de julho de 1941, um espião alemão, Juan Pujol Garcia, enviou sua primeira carta, a partir da Grã-Bretanha, para seus chefes. Garcia chefiava uma fictícia rede de espiões que ele próprio recrutara, incluindo uma aeromoça holandesa, um censor do Ministério da Informação, uma datilógrafa do gabinete do Conselho de Ministros, um soldado americano alocado em Londres e um fascista galês. Nenhum era verdadeiro, e o próprio Garcia, conhecido pelos alemães como Arabel, era, na verdade, agente duplo britânico sob o nome Garbo, que enviava à Alemanha relatórios inteiramente espúrios e recrutava agentes imaginários.

O sucesso de Garbo na tentativa de iludir os alemães quanto aos preparativos e às intenções militares britânicas era considerável. No dia em que enviava sua carta, uma comissão do governo britânico, num relatório ultrassecreto, concluía que “a ideia de uma bomba de urânio é praticável e pode ter consequências decisivas na guerra. Recomenda-se que esse trabalho prossiga como prioridade e com os crescentes meios necessários à obtenção da bomba no menor intervalo de tempo possível”.

A urgência nesse projeto anglo-americano devia-se à convicção aliada de que os alemães trabalhavam num projeto similar, que poderia conduzir à destruição de todas as cidades britânicas.

Em meados de julho de 1941, no entanto, não a Alemanha, mas a Rússia, parecia à beira da derrota. Em 16 de julho, dia seguinte ao relatório da comissão Maud, as forças alemãs começaram a cercar Smolensk, cidade a meio caminho entre Minsk e Moscou e no centro da segunda linha defensiva, traçada apenas três semanas antes. Em seu quartel-general, Hitler rejubilava. “A princípio”, disse ele a um pequeno

círculo de confidentes, incluindo o general Keitel e Alfred Rosenberg, “repartiremos nosso bolo segundo nossas necessidades, de modo a poder, em primeiro lugar, dominá-lo, em segundo lugar, administrá-lo e, em terceiro lugar, explorá-lo”. Nunca mais deverá surgir “qualquer potência militar a Ocidente dos Urais, nem que tenhamos de combater durante cem anos”. Quanto às críticas aos massacres realizados na retaguarda das linhas alemãs, Hitler mostrou-se igualmente peremptório: “Os russos”, disse, “deram ordens para que se organizasse uma guerra de resistência na retaguarda de nossas linhas. Essas ações de guerrilha apresentam algumas vantagens: permitem-nos exterminar quem quer que se oponha a nós”. Nesse dia, uma ordem de serviço vinda do exército alemão, emitida pelo quartel-general, associava a instituição a essa nova atitude implacável. “A indispensável pacificação rápida do país”, dizia a ordem, “somente será conseguida se toda e qualquer ameaça por parte da população civil hostil for duramente reprimida. A piedade e a brandura são sinais de fraqueza e constituem um perigo evidente”. Era preciso fazer todo o possível por promover “a difusão do terror, que é o único meio para eliminar a vontade de resistir da população”.



Rússia, julho de 1941; a cidade de Smolensk em ruínas, enquanto as tropas alemãs se preparam para invadi-la.

Em 17 de julho, Hitler deu a Himmler plenos poderes em matéria de “segurança e policiamento dos territórios recém-ocupados”. Os massacres de judeus eram cotidianos, tratados rotineiramente nos relatórios das forças especiais à medida que avançavam de vila em vila e de aldeia em aldeia. Os Relatórios da Situação Operacional na URSS, como os pelotões de execução chamavam-lhes, eram regularmente compilados em Berlim e enviados para cerca de sessenta departamentos e respectivos funcionários da administração alemã. O relatório no 26, datado de 18 de julho, indicava que 3.302 judeus haviam sido “liquidados” no antigo estado da Lituânia por uma força policial sediada em Tilsit. Em Pskov, haviam sido mortos oitenta judeus. No dia anterior, setecentos judeus foram transportados de Vilna para a estância de férias de Ponar, nas imediações da cidade, onde todos foram fuzilados. Em 18 de julho, 53 judeus foram fuzilados em Mariampole.

Os pelotões de execução atuavam contra judeus e russos. Três dias depois do massacre em Mariampole, um grupo de 45 judeus foi obrigado a cavar uma fossa, sendo, então, amarrados uns aos outros e atirados ali dentro. Os homens da SS ordenaram que trinta russos brancos cobrissem com terra os judeus ainda vivos. Os russos recusaram-se, ao que os alemães responderam metralhando judeus e russos e matando todos os 75 homens.

Na retaguarda das linhas alemãs, as forças especiais assassinavam impunemente civis desarmados e amedrontados, mas, na frente, seu exército via-se confrontado por uma resistência muito mais tenaz do que fora levado a crer. Através das mensagens Enigma do próprio exército alemão, os serviços secretos britânicos souberam desse fato; os alemães estavam assustados com o número de baixas sofridas, planejavam diminuir o ritmo da ofensiva e não conseguiam fornecer cobertura aérea suficiente às formações Panzer na frente e às posições estratégicas na retaguarda. Em 17 de julho, Churchill recomendou expressamente que tais informações fossem comunicadas a Stálin.

Também chegaram à Grã-Bretanha dados – através de mensagens ultrassecretas da polícia alemã igualmente transmitidas pelo sistema de códigos Enigma – acerca dos massacres, comunicados e decifrados a partir de 18 de julho, de “judeus”, “bandidos judeus”, “bolcheviques judeus” e “soldados russos”.

Hitler inquietava-se tanto quanto seus generais com a capacidade russa de retirar e de reorganizar suas forças. “O objetivo das próximas operações”, escreveu em sua diretiva no 33, em 19 de julho, “deverá evitar que forças inimigas de dimensões consideráveis possam recuar para os confins da Rússia, aniquilando-as até o último homem”. O almirante Canaris, ao regressar de uma visita ao quartel-general de Hitler, teria dito, em 20 de julho, segundo um entre seus colaboradores, que o ambiente em Rastenburg era “de grande agitação, uma vez que se torna cada vez mais evidente que a campanha russa não segue conforme o previsto”. Multiplicavam-se os indícios, acrescentava Canaris, “de que esta guerra não provocará uma desagregação interna, mas um reforço do bolchevismo”. No mesmo dia, Stálin ordenou que todas as unidades do Exército Vermelho fossem “expurgadas dos elementos indignos de confiança”.

O povo russo não precisava de expurgos para conservar sua vontade de lutar e de sobreviver. Ainda em 20 de julho, na véspera da visita de Hitler ao quartel-general da frente norte, quando exigiu que Leningrado fosse “liquidada rapidamente”, um segundo carregamento de tesouros do Ermitage foi assegurado na cidade de Sverdlovsk, nos Urais. Nesse dia, na zona de Polotsk-Vitebsk, que um mês antes era parte da primeira linha de defesa russa, mas ficara muito atrás da frente de combate, uma divisão de infantaria alemã incumbida de passar um pente fino o triângulo Polotsk-Vitebsk-Nevel descreveu a região como “resistente” e comunicou que as estradas eram minadas diariamente.

Vinte de julho assinalou também a partida do primeiro navio de guerra britânico, um lança-minas, que atravessou o mar do Norte rumo ao porto soviético de Arcangel com um carregamento de material de guerra. Três dias depois, uma importante força naval britânica, composta por dois porta-aviões, dois cruzadores e seis contratorpedeiros, partiu de Scapa Flow para atacar, a pedido de Stálin, os navios alemães que transportavam material de guerra desde o porto norueguês de Kirkenes para Petsamo, base das operações contra a região de Murmansk, controlada pelos finlandeses. Esses seriam os primeiros navios de uma série de forças navais britânicas enviadas em auxílio da Rússia pelas águas do ártico, além do cabo Norte, naquilo que o embaixador soviético

em Londres, Ivan Maisky, chamaria de “uma saga nórdica de heroísmo, bravura e resistência”.

No dia seguinte, os alemães lançaram seu primeiro ataque aéreo contra Moscou; ao ver entrarem em ação as defesas antiaéreas da cidade, o jornalista ocidental Alexander Werth descreveu-as como “autênticos fogos de artifício – projéteis luminosos, holofotes, granadas e foguetes de todos os tipos, brancos, vermelhos e verdes; o barulho era ensurdecedor; nunca vi nada assim em Londres”. Houve um segundo ataque aéreo na noite seguinte.



Verão de 1941; soldados alemães fatigados descansam ao lado de um tanque.



A FRENTE ORIENTAL, AGOSTO DE 1941.

Na fronteira germano-soviética, a guarnição de Brest-Litovsk, cercada a centenas de quilômetros da frente de combate, resistira durante trinta dias aos bombardeiros e à artilharia alemã. Em 23 de julho, após os alemães dispararem seu novo morteiro Karl, que lançava um projétil de mais de duas toneladas, a guarnição rendeu-se. A coragem de seus defensores era motivo de orgulho para os russos, que procuravam manter suas posições na frente, muito mais ao leste, ou para aqueles que combatiam em território ocupado. Foi essa guerra de resistência o que surpreendeu os alemães. Nesse dia, num adendo à sua diretiva no 33, Hitler sublinhava que os comandantes militares de todas as zonas de retaguarda deveriam “ser considerados responsáveis, junto com as tropas de que dispunham, pela pacificação das respectivas regiões” e “esforçar-se por manter a ordem”, “não mediante pedidos de reforços, mas com o emprego dos métodos draconianos mais apropriados”.

Um relatório da SS, que enumerava as execuções na vila lituana de Kedainiai em 23 de julho, esclarecia até que ponto tais métodos podiam ser draconianos: “83 judeus, doze judias, catorze comunistas russos, quinze comunistas lituanos, um comissário russo.”

O filme *Target for Tonight*, cujo tema central era uma incursão de bombardeamento à Alemanha, foi apresentado à imprensa em 23 de julho. O impacto foi imediato. Produzido por Harry Watt e com a participação de um piloto real, o comandante de esquadrilha Pickard, o filme estimulou imensamente o moral britânico, e seu título tornou-se uma expressão-chave na rádio e nos palcos.

No dia seguinte, o Comando de Bombardeiros britânico lançou a operação Sunrise contra os cruzadores alemães *Scharnhorst*, *Gneisenau* e *Prinz Eugen*, então em Brest e em La Pallice. O ataque foi um fracasso; os britânicos perderam dezessete aviões e não conseguiram causar nos navios senão estragos insignificantes. No mesmo dia, no extremo Oriente, após a decisão tomada em Tóquio no início de julho de não avançar contra a Rússia, mas contra o sudeste asiático, 125 mil soldados japoneses entraram na Indochina. Cinco dias depois, haviam ocupado a base naval de Cam Rahn, a escassos 1.300 quilômetros da capital filipina Manila e a igual distância da base britânica de Cingapura. As autoridades

de Vichy haviam autorizado a entrada de quarenta mil japoneses na Indochina, mas não dispunham de meios para garantir o cumprimento do acordo. Dois dias depois, em 26 de julho, num gesto de condenação e de retaliação, Roosevelt apreendeu todos os bens japoneses nos Estados Unidos; atitude idêntica foi tomada pelo império britânico e pelas Índias Holandesas, privando o Japão, repentinamente, de três quartos do volume de seu comércio externo e de noventa por cento de suas importações de petróleo. Os recursos petrolíferos no país seriam suficientes, no máximo, para três anos. Ao mesmo tempo, o canal do Panamá foi fechado aos navios japoneses, e o general Douglas MacArthur assumiu o comando das forças americanas no extremo Oriente e das forças filipinas, que agora tinham à frente os japoneses na Indochina francesa, do outro lado do mar da China. Entretanto, as forças japonesas entravam em Saigon, mais uma vez com o relutante assentimento das autoridades de Vichy.

Em 26 de julho, no Mediterrâneo, torpedeiros italianos a motor lançaram, no Grande Porto de Malta, torpedos pilotados, conhecidos entre os italianos como “porcos”. Antes que pudessem atingir seus respectivos alvos, foram avistados e atacados; quinze homens morreram e os restantes foram feitos prisioneiros. Contudo, nem todas as mortes nesse dia deram-se em combate. Na frente russa, uma força do NKVD capturou mil desertores de um único regimento; 45 entre eles foram fuzilados, sendo sete na presença de seus camaradas. No mesmo dia, em Lvov, os ucranianos iniciavam uma orgia de massacres contra os judeus da cidade, que prosseguiu durante três dias e matou pelo menos dois mil judeus.

Em outros pontos da região russa conquistada, os planos alemães para os judeus começavam a modificar-se. Após os primeiros massacres de milhares de pessoas, foram criados guetos, onde deveriam ser encerrados os sobreviventes da matança. Em 27 de julho, o novo comissário do Reich para os estados bálticos e a Rússia branca, Heinrich Lohse, recebeu as seguintes instruções: os residentes nos guetos sob sua autoridade deveriam receber somente “a quantidade de alimento que a população restante puder dispensar e, em caso algum, mais do que o indispensável para assegurar a sobrevivência”. Essas rações mínimas deviam ser ministradas “até entrarem em vigor as medidas mais intensivas da ‘Solução Final’”.

Em Vilna, os massacres prosseguiram mesmo após a criação do gueto na estância vizinha de Ponar, cujo nome somou-se ao léxico terrível dos locais associados à brutalidade e à morte: Sachsenhausen, Buchenwald, Mauthausen e tantos outros, em número crescente. Em 27 de julho, um jornalista polonês, W. Sakowicz, que residia em Ponar e foi morto nos últimos dias da ocupação de Vilna pelos alemães, escreveu em seu diário: “Quase todos os dias, há fuzilamentos. Será que isso nunca terminará? Os executores vendem as roupas dos mortos. O resto é enfiado em sacos, num barracão junto à estrada, que são levados para a cidade.” Duzentas a trezentas pessoas, acrescentava Sakowicz, “são trazidas quase todos os dias. E nunca ninguém regressa...”.

Em Belgrado, após quatro ataques com bombas contra viaturas militares, os alemães atuaram para evitar novos atos de resistência. Ninguém havia morrido nos atentados, mas, em 27 de julho, os ocupantes reuniram 1.200 judeus, levaram-nos para um campo nos arredores da cidade, dividiram-nos por profissões e declararam como “refém” uma em cada dez pessoas. Os 120 escolhidos foram fuzilados.

Somente nessa data os alemães completaram o cerco a Smolensk, cortando as comunicações russas em Vyazma, fazendo mais de cem mil prisioneiros e lendo a todos os oficiais e soldados soviéticos uma ordem que condenava à morte nove oficiais superiores – entre esses, os generais Pavlov, Klimovskikh e Korobkov. O general Pyadyshev, que organizara a linha de defesa de Luga para proteger Leningrado, foi também fuzilado, mas em segredo.

Ao mesmo tempo, os bombardeiros alemães regressavam de Moscou pela quinta noite consecutiva. “O Kremlin é um monte de ruínas fumegantes”, declarou Goebbels. Na verdade, apenas uma bomba caíra a alguns metros da entrada para os escritórios subterrâneos do Kremlin, provocando uma funda cratera.

Em 28 de julho, o Exército Vermelho viu-se obrigado a abandonar Kingisepp, a menos de 120 quilômetros de Leningrado. Para construir infraestruturas defensivas, trinta mil habitantes de Leningrado foram levados para a região, com pás e picaretas, sob a palavra de ordem “Para Kingisepp; para as trincheiras”. Cerca de cem mil foram enviados para a

zona de Gatchina. Na retaguarda dos alemães, a atividade dos resistentes procurava realizar o maior número possível de manobras de diversão. Na recém-ocupada região de Vyazma, a missão no 1 confiava a uma unidade de resistentes deliberadamente deixada para trás certo número de tarefas: destruir os depósitos alemães de alimentos, combustíveis e material de guerra e as ferrovias Smolensk-Vyazma e Vyazma-Bryansk, descarrilhando trens; impedir a utilização do aeroporto de Vyazma pelos alemães mediante a destruição de aviões e de combustível; matar “militares alemães de patente mais ou menos elevada”; entregar ao Exército Vermelho todos os documentos que contivessem “informações importantes acerca do inimigo” e organizar dois ou três “grupos de diversão” para “tarefas especiais”.

Em 28 de julho, dia em que os resistentes de Vyazma receberam suas instruções, Himmler autorizou, por uma ordem, que as unidades da SS combatendo com o exército alemão realizassem “ações de limpeza” contra aldeias “compostas por elementos racialmente inferiores” ou suspeitas de auxiliar resistentes. Nesse caso, os suspeitos deviam ser executados imediatamente e a aldeia, “incendiada”.

Na vila de Drohobycz, duas semanas depois do primeiro massacre de judeus, o sargento da SS Felix Landau escrevia em seu diário: “Numa curva da estrada, vemos alguns cadáveres de judeus cobertos com areia. Olhamos uns para os outros, admirados. Um judeu vivo levanta-se no meio dos cadáveres. Despachamos o sobrevivente com dois ou três tiros. Reunimos oitocentos judeus e vamos fuzilá-los amanhã.”

A enormidade dos crimes e a amplidão das áreas ocupadas pela Alemanha haviam criado certo mal-estar num pequeno núcleo de oficiais superiores, que receavam que suas grandiosas esperanças de vitória fossem ameaçadas por um eventual impasse ou mesmo por uma derrota. “Nunca alguém conseguiu derrotar e conquistar a Rússia”, dissera o almirante Canaris na presença do tenente Fabian von Schlabrendorff, oficial subordinado ao general Henning von Trescow e seu familiar. Foi Trescow quem, em finais de julho de 1941, em serviço no grupo de exércitos do centro, buscou o apoio do marechal Von Kluge para uma tentativa de prender e deter Hitler, mas esse, embora Hitler o tenha demitido do comando em 1938, não se deixou convencer.

Em 29 de julho, foi criada uma nova linha defensiva soviética, entre Rzhev e Vyazma, para proteger Moscou. No mesmo dia, em Moscou, Harry Hopkins anunciou a Stálin que o auxílio militar americano estava a caminho: duzentos aviões de combate seriam transportados por mar até Arcangel, mas, explicou Hopkins, já estava em Moscou “um entre os melhores especialistas na utilização destes aviões, o tenente Alison”.

O envio de auxílio militar por mar somente era possível porque, nesse final de julho, os criptógrafos britânicos em Bletchley liam todas as instruções transmitidas aos submarinos alemães, “continuamente e com pouca ou nenhuma demora”; nesse mês, o número de navios mercantes aliados afundados, que em maio fora superior a noventa, diminuiu para menos de trinta unidades. Um mês antes, fora também violado um sistema de comunicação semelhante ao Enigma, com a decifração da chave utilizada pela marinha italiana, a C38m, fornecendo à Grã-Bretanha informações sobre todo o movimento de navios de tropas e de abastecimento entre a Itália e o norte da África.

As dificuldades italianas teriam, como consequência, um empenho alemão cada vez maior na frente do deserto líbio, mas, em finais de julho de 1941, o triunfo da Alemanha no Leste foi o fato mais notório. Em 30 de julho, segundo registrou um oficial do estado-maior alemão, general Von Waldau, os alemães haviam feito 799.910 prisioneiros na Rússia e destruído 12.025 tanques. Ao mesmo tempo, a execução do “Decreto dos Comissários” e o massacre de judeus prosseguiram sem trégua, acompanhando o avanço dos alemães pelo interior da Ucrânia. No mesmo dia, as forças especiais de Himmler enviaram seu quadragésimo Relatório da Situação Operacional na URSS para Berlim. Em Zhitomir, haviam sido fuzilados 180 “comunistas e judeus”; em Proskurov, 146 judeus, assim como em Vinnitsa; em Berdichev, 148; em Shepetkov, dezessete; em Chorostkov, trinta. O relatório acrescentava: “Na última localidade, 110 judeus foram linchados pela população.” Em Ponar, nos arredores de Vilna, o jornalista polonês Sakowicz escrevia em seu diário: “Fuziladas cerca de 150 pessoas, principalmente velhos. Os executores queixaram-se de cansaço por seu ‘trabalho’ e de que os ombros doíam de tanto disparar. E, com esse motivo, não mataram os feridos, que foram enterrados ainda vivos.”

Em sua diretiva no 34, emitida em Rastenburg em 30 de julho, Hitler ordenava que as tropas soviéticas a noroeste de Kiev “fossem forçadas a travar combate a oeste do Dnieper e aniquiladas”. Na mesma diretiva, porém, recomendava cautela e entrincheiramento em toda a parte, numa tentativa de concentrar com maior eficácia os esforços militares. O grupo de exércitos do centro devia “passar à defensiva”. Unidades blindadas deviam ser retiradas da linha da frente para uma “rápida recuperação”. Na frente finlandesa permaneceriam somente forças “suficientes para a defesa e para aparentar capacidade de promover operações ofensivas ulteriores”.

Em 31 de julho, na capital da Bessarábia, Kishinev, chegou ao fim o primeiro massacre de civis na guerra com um número de vítimas de cinco algarismos; após catorze dias de matança, a quantidade de judeus assassinados elevava-se a dez mil. Nesse dia, em Berlim, o marechal Goering enviou a Reinhard Heydrich uma carta, “de acordo com instruções do Führer”, ordenando-lhe que realizasse “todos os preparativos necessários no domínio da organização, bem como os preparativos concretos, para uma solução geral do problema judaico na zona europeia de influência alemã”.

Por trás da frase verbosa e confusa havia um plano de assassinato prestes a ser posto em prática.

“A maior fraqueza de Hitler”, disse Stálin a Harry Hopkins, em 31 de julho, “reside no enorme número de povos oprimidos que o odeiam e no comportamento imoral de seu governo”. Tais povos, acrescentou Stálin, “como muitos outros milhões de indivíduos nas nações ainda por conquistar, têm apenas uma fonte onde buscar o encorajamento e a força moral de que precisam para resistir a Hitler: os Estados Unidos”.



Julho de 1941; um piloto de guerra inglês anotou no seu avião os 26 caças inimigos por ele abatidos. O tenente de voo Eric Stanley-Lock pintou também um V de vitória no seu avião.

* * *

No campo de concentração de Auschwitz, em finais de julho, um prisioneiro polonês fugiu de sua equipe de trabalho. Como represália, foram escolhidos, ao acaso, dez homens entre os seiscentos prisioneiros em seu alojamento para serem trancados numa cela onde morreriam de fome. Após a seleção, um padre católico polonês, Maximilian Kolbe, prisioneiro no campo, abordou o comandante e pediu para substituir um entre os escolhidos. “Estou sozinho no mundo”, disse Kolbe, “e aquele homem, Francis Gajowniczek, tem uma família para quem viver”. “Aceito”, disse o comandante, afastando-se. O padre Kolbe foi o último a morrer. Trinta anos depois, a cerimônia de beatificação de Kolbe contou com a presença de Francis Gajowniczek e de sua mulher.

Na mesma semana, um oficial do exército alemão, major Rosler, foi surpreendido em seu quartel por uma “rajada selvagem” de tiros de espingarda. Procurando a origem do ruído, subiu num talude, onde pôde presenciar “uma cena tão barbaramente horrível que seu efeito sobre um espectador desprevenido era, ao mesmo tempo, arrasador e repugnante”. Rosler viu uma cova cheia de corpos de judeus mortos e moribundos. À beira da cova, estavam vários soldados alemães, alguns em calções de banho devido ao calor, e civis locais, que observavam a cena com curiosidade. Alguns levaram as mulheres e os filhos para assistirem ao espetáculo. Na cova, recordou Rosler, “encontrava-se, entre muitos outros, um velho de barbas brancas com uma bengala na mão esquerda. Como esse homem, por sua respiração entrecortada, ainda dava sinais de vida, ordenei que um policial o matasse. Ele respondeu, com um sorriso: ‘Dei-lhe sete tiros no estômago. Ele pode acabar de morrer sozinho.’”

Cinco meses depois, Rosler apresentou um protesto aos seus superiores. “Não consigo conceber”, escreveu ele, “as decisões legais em que tais execuções possam basear-se. Tudo o que acontece aqui me parece absolutamente incompatível com nossas noções de educação e de moral”.

Em 1º de agosto, em Minsk, Himmler, ao presenciar uma execução, teve o “azar”, como recordou seu principal oficial de ligação, general Karl Wolff, “de ter o casaco, e julgo que também o rosto, sujos com os

miolos de uma ou outra pessoa morta com um tiro na cabeça; Himmler ficou muito pálido, quase verde; não chegou a vomitar, mas estava agoniado, virou as costas, cambaleou e tive de correr até ele e ampará-lo, afastando-o da sepultura”.

Na sequência, Himmler disse aos homens encarregados dos fuzilamentos que deviam mostrar-se “duros e firmes”, mas pediu ao chefe da Polícia Criminal alemã, Arthur Nebe – que tinha a patente de general da SS e que, desde 22 de junho, liderava a força especial de execução B, encarregada das operações na Rússia branca –, que encontrasse um novo método de massacre. No fim da guerra, foi encontrado no apartamento de Nebe, em Berlim, um filme amador onde se via uma câmara de gás alimentada pela fumaça do escapamento de um caminhão.

Uma nova política em matéria de massacres estava prestes a surgir. Em Auschwitz, nesse agosto, o comandante adjunto do campo, capitão Karl Fritsch, realizou experiências de execução com gás, empregando um pesticida comum, o ácido cianídrico, comercializado na Alemanha sob o nome Zyklon-B. As vítimas escolhidas para a experiência foram prisioneiros de guerra russos.

Em sua forma comercial, o Zyklon-B continha um cheiro tóxico, destinado a alertar os utilizadores. O elemento irritante fora retirado para não criar alarme ou pânico entre aqueles contra quem era usado, e, em cada lata, um rótulo avisava àqueles que trabalhavam com câmaras de gás de que aquelas latas eram “sem irritante”.

Em 2 de agosto, o Exército Vermelho, que efetuava havia cinquenta dias uma retirada quase contínua, iniciou uma batalha entre blindados, por 28 dias, para desalojar os alemães na fortaleza de Yelnya; ainda que os russos de Yelnya fossem, em outubro, cercados e aniquilados, seu êxito em agosto – a primeira vitória do Exército Vermelho sobre os alemães – deu grande alento ao moral. Ao visitar o centro coordenador de seus exércitos em Borisov, em 4 de agosto, Hitler disse a dois comandantes, marechal Von Bock e general Guderian: “Se eu soubesse que eles tinham tantos tanques, pensaria duas vezes antes de ordenar a invasão.”

Em 6 de agosto, Hitler voou de Borisov a Berdichev para visitar o quartel-general de outro grupo de exércitos. Com ele, viajou Walther Hewel, que registrou em seu diário: “Igreja do mosteiro arruinada. Caixões abertos, execuções, cidade horrível. Muitos judeus, vivendas antigas, solo fértil. Muito calor.” Hitler regressou ao seu quartel-general em Rastenburg. No dia seguinte, o comandante da polícia alemã no setor central, Von dem Bach, comunicou ao quartel-general da SS em Berlim que suas unidades haviam realizado trinta mil execuções desde sua chegada à Rússia. A Brigada de Cavalaria da SS também enviou, nesse dia, um relatório para Berlim, comunicando que efetuara, até a data, 7.819 “execuções” na zona de Minsk. Para garantir o máximo sigilo, ambos os relatórios foram enviados no sistema de cifras Enigma. Assim, puderam ser lidos pelos serviços secretos britânicos. É provável que Hitler também tenha lido esses relatórios; cinco dias antes, o chefe da Gestapo, Heinrich Müller, escrevera, de Berlim, aos comandantes das quatro forças especiais, incluindo o general Nebe da força especial B, sublinhando que “o Führer deve ser continuamente informado, a partir de Berlim, acerca do trabalho das forças especiais no Leste”.

O trabalho dessas forças era ininterrupto e muito vasto. O Relatório da Situação Operacional na URSS no 43, enviado a Berlim em 5 de agosto, mencionava medidas tomadas em 29 vilas “e em outras pequenas localidades” onde as unidades haviam “neutralizado” indivíduos das seguintes categorias: “Funcionários do partido bolchevique, agentes do NKVD, ativistas intelectuais judeus, criminosos, saqueadores, resistentes etc.” Não era, porém, tão fácil erradicar os resistentes. As autoridades alemãs de Vitebsk comunicaram, em 8 de agosto, que tais resistentes atuavam em grupos muito pequenos ou até individualmente, pelo que “não podiam ser eliminados” através das operações militares ou policiais habituais.

Em direção a Leningrado, Moscou e Kiev

Setembro de 1941

Em 8 de agosto de 1941, enquanto militares e civis soviéticos evacuavam o porto de Odessa, no mar Negro, uma ordem chegou de Moscou: “Seja qual for a situação na frente terrestre, Odessa não deve render-se.” Três dias depois, data do primeiro encontro entre Churchill e Roosevelt como chefes dos respectivos países, em Newfoundland, a força aérea soviética realizou seu primeiro ataque aéreo a Berlim. Hitler, entretanto, suspendeu a ofensiva contra Moscou e declarou “concluída” a operação contra Leningrado.

Em 12 de agosto, em sua diretiva no 34, ele apontava como objetivo imediato a ocupação da Crimeia, da região industrial de Kharkov e das minas de carvão na bacia do Donetz. Uma vez ocupada a Crimeia, “será encarada a hipótese” de uma ofensiva em direção a Batum, transpondo o estreito de Kerch. Era “urgentemente necessário”, acrescentava Hitler, “que as bases aéreas inimigas de onde partem os ataques a Berlim sejam destruídas”.

A bordo de um navio, em Placentia Bay, Newfoundland, Churchill e Roosevelt concordaram, após ouvirem Hopkins narrar seus encontros com Stálin, em conceder à Rússia auxílio imediato “em escala gigantesca”. Churchill também preparou uma declaração, que Roosevelt aceitou publicar em seu nome, afirmando que “qualquer nova intromissão” do Japão no sudoeste do Pacífico “obrigaria o governo dos Estados Unidos a exercer represálias, ainda que estas possam conduzir à guerra entre os Estados Unidos e o Japão”.

Em suas conversas, Churchill e Roosevelt decidiram emitir um documento público, a Carta do Atlântico, que esclarece o propósito anglo-americano de defender um mundo em que não houvesse, em

consequência da guerra, “engrandecimentos territoriais ou de outra natureza” nem alterações de fronteiras “que não decorram da vontade livremente expressa dos povos em causa”. Numa seção dedicada aos territórios sujeitos à ocupação alemã, italiana ou japonesa, a Carta do Atlântico garantia que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos “desejam ver devolvidos, aos que deles foram privados pela força, os direitos soberanos e o governo independente”.

Tais palavras de encorajamento foram divulgadas em 12 de agosto. No dia seguinte, em Paris, ocorreram confrontos entre manifestantes e policiais franceses e alemães. Sete dias depois, dois manifestantes foram fuzilados: Henri Gautherot e Samuel Tyszelman. Ambos eram comunistas. Tyszelman era judeu.

* * *

Na intenção de prestar auxílio à Rússia, Churchill e Roosevelt haviam autorizado, quando reunidos em Placentia Bay, o envio imediato de uma missão militar anglo-americana para Moscou, onde as necessidades soviéticas seriam avaliadas, tendo em conta os níveis de produção americanos. Arthur Purvis, que tanto fizera, um ano antes nos Estados Unidos, para adquirir material de guerra por conta da Grã-Bretanha, seria um entre os principais membros da missão. Purvis, no entanto, foi vítima de um acidente e morreu quando o avião que o transportava de Placentia Bay para a Grã-Bretanha caiu logo após a decolagem.

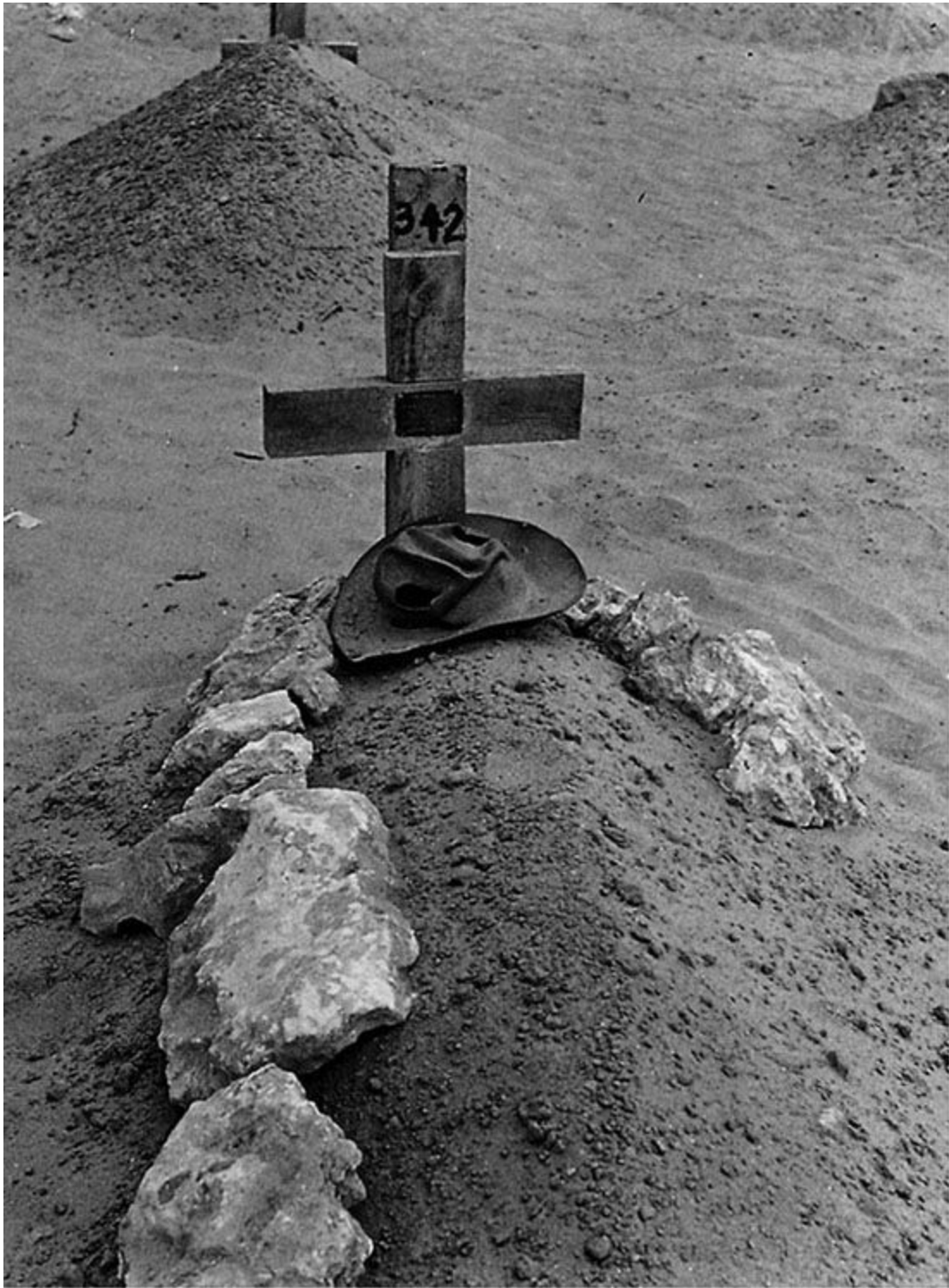
A importância da missão foi acentuada por seus dois chefes, lorde Beaverbrook pela Grã-Bretanha e Averell Harriman pelos Estados Unidos. Ambos dominavam os problemas de produção e de abastecimentos; fora Beaverbrook quem, no verão de 1940, como ministro da Produção Aeronáutica, assegurara a produção do número máximo de aviões de combate no menor intervalo de tempo possível. Enquanto a frente russa “subsistir”, explicou Churchill ao seu Gabinete de Guerra ao regressar a Londres, “talvez tenhamos de fazer alguns sacrifícios” no tocante aos abastecimentos enviados pelos Estados Unidos para a Grã-Bretanha, dizendo também que “achara por bem” prevenir Roosevelt “de que não responderia pelas consequências caso a Rússia se visse obrigada a pedir a paz e, digamos, na primavera do

próximo ano a Grã-Bretanha perdesse a esperança de ver os Estados Unidos entrarem na guerra”.

Em 12 de agosto, enquanto Churchill estava ainda reunido com Roosevelt em Newfoundland, duas esquadrilhas de combate britânicas, num total de quarenta aviões, sob o comando do major Ramsbottom Isherwood, deixaram a Grã-Bretanha a bordo do HMS *Argus*, rumo a Murmansk e a Arcangel. Três semanas mais tarde, no seu primeiro reencontro com aviões de combate alemães em território soviético, três dos cinco atacantes foram abatidos. Antes que os aviões britânicos chegassem a Murmansk, dois submarinos britânicos, o *Tigris* e o *Trident*, conseguiram aportar na base naval de Plyarnoe, na baía de Kola, onde começaram a participar em operações contra navios de transporte de tropas alemães e contra a navegação costeira junto ao litoral norte da Noruega e da Finlândia.

Nas regiões russas conquistadas, não havia quaisquer dúvidas quanto às intenções e aos métodos da potência conquistadora. Em 13 de agosto, como recordou o Dr. Moses Brauns, médico judeu de Kovno, três judeus famintos compraram alguns quilos de batatas vendidas por um lituano numa rua próxima ao gueto. Os alemães puniram esse ato desesperado capturando e fuzilando 28 judeus escolhidos ao acaso. Dois dias depois, na localidade vizinha de Rokiskis, teve início uma orgia de massacres, que durou dois dias e fuzilou 3.200 judeus, juntamente com “cinco comunistas lituanos, um polonês e um resistente”, segundo constava no relatório da força especial. Em Stavitski, próximo à fronteira germano-soviética, foram fuzilados seiscentos judeus nesse dia. Também em 15 de agosto, em Minsk, Heinrich Lohse promulgou um decreto para toda a Rússia ocupada, ordenando que os judeus passassem a usar dois distintivos amarelos – no peito e nas costas – e proibindo-os de circular nos passeios, de utilizar transportes coletivos e de frequentar jardins públicos, parques infantis, teatros, cinemas, bibliotecas ou museus e limitando o abastecimento alimentar dos guetos àquilo que fosse considerado “excedente” em relação às necessidades locais. Todos os judeus saudáveis deveriam ser integrados a equipes de trabalho encarregadas de executar tarefas indicadas pelas autoridades ocupantes,

como a construção de estradas e de pontes e a reparação dos estragos causados pelos bombardeamentos.



O deserto ocidental: sepultura de um soldado australiano, 13 de agosto de 1941.

No dia de promulgação desse decreto, que sujeitava os judeus da Rússia ocupada a uma rede de proibições e a um isolamento quase absoluto, Richard Sorge, em Tóquio, conseguiu enviar uma mensagem de rádio para Moscou, comunicando que o governo japonês confirmara sua relutância em entrar na guerra contra a Rússia. Uma guerra contra a Rússia “antes do inverno”, haviam concluído as autoridades, “seria um peso excessivo para a economia japonesa”. Era uma informação mais do que oportuna; nessa data, 105 bombardeiros alemães atacavam a estação de trem de Chudovo, na ferrovia Leningrado-Moscou.

Em 18 de agosto, os russos evacuaram o porto de Nikolayev, no mar Negro. No quartel-general de Hitler, Von Brauchitsch propôs que a ofensiva contra Moscou fosse retomada. A proposta não foi aceita. Os principais objetivos alemães, insistia Hitler, deviam ser a Crimeia, as zonas industriais no sul da Rússia e o Cáucaso. Ao norte, devia intensificar-se a pressão sobre Leningrado. Moscou podia esperar. Porém, segundo confiou a Goebbels, esperava estar “além” de Moscou quando o inverno se instalasse.

Goebbels viera a Rastenburg expressamente para tratar duas questões. A primeira relacionava-se aos protestos crescentes na Alemanha contra o programa de eutanásia. Em 3 de agosto, em Münster, o bispo da cidade, conde Clemens von Galen, denunciara, no púlpito, as mortes por eutanásia. O país vivia um mal-estar cada vez maior. Cedendo a esse sentimento, Hitler ordenou a suspensão do programa de eutanásia, e a ordem foi transmitida ao Dr. Back em 24 de agosto.

A segunda questão levantada por Goebbels era uma “tarefa” para Himmler. Quando os soldados alemães regressassem ao país no fim da guerra, insistiu ele, “não devem encontrar judeus à sua espera”. Havia 76 mil judeus em Berlim. Hitler concordou, segundo Goebbels escreveu em seu diário, “que, na primeira oportunidade, os judeus de Berlim seriam deportados para o Leste, onde lidaremos com eles num ambiente bastante mais duro”.

Hitler lembrava sua “profecia” de janeiro de 1939, quando disse que se os judeus “conseguirem, uma vez mais, provocar uma guerra mundial”, o combate terminaria com a destruição desse povo. Ele estava convencido,

registrou Goebbels em seu diário, de que tal profecia “se realiza”. Goebbels acrescentava: “Ela se realiza ao longo dessas semanas e meses de forma tão terrivelmente sistemática que se torna quase assustadora. No Leste, os judeus precisarão prestar contas...”

No dia do encontro em Rastenburg, algumas dessas “contas” já eram “cobradas”. Em Kovno, a meros duzentos quilômetros de Rastenburg, um lituano a serviço das autoridades alemãs ordenou que 534 escritores, intelectuais, professores e estudantes judeus se apresentassem às portas do gueto para “trabalhar nos arquivos da cidade”. Muitos se ofereceram para uma tarefa que não parecia demasiado pesada e que, talvez, se revelasse interessante. Entre os voluntários, estava Robert Stenda, que fora maestro da orquestra da ópera de Kovno. “Eles viram na convocação uma promessa de dinheiro e de melhor alimentação”, recordou Joseph Kagan, jovem judeu de Kovno e amigo de Stenda, “e, talvez, de melhores condições para suas famílias”. Os judeus partiram. Kagan, desconfiando do chefe lituano, dada sua reputação de crueldade, não foi. “Nessa noite, os parentes esperaram pelo regresso deles”, escreveu Kagan. “Esperaram durante todo o dia seguinte e o posterior. A fina flor da juventude do gueto nunca voltou.” Todos haviam sido levados, no dia da seleção, para um antigo forte ao redor da cidade, onde foram fuzilados.

A leste de Kovno, os combates continuavam; em 18 de agosto, enquanto 534 judeus de Kovno caminhavam para a morte sem qualquer suspeita, um jovem oficial alemão, tenente Kurt Waldheim, que combatia ininterruptamente havia quase duas semanas, recebeu a insígnia da Carga de Cavalaria, como recompensa por sua coragem. “Para o bem do povo alemão”, disse Hitler ao receber seus visitantes em Rastenburg, em 19 de agosto, “devemos desejar que haja uma guerra de quinze em quinze ou de vinte em vinte anos. Um exército que tenha como único objetivo preservar a paz só serve para os soldados brincarem – vejam os exemplos da Suécia e da Suíça”.



O deserto ocidental: tropas britânicas se rendem, 15 de agosto de 1941.

Escolhendo pessoalmente o estilo em que deviam ser celebradas suas vitórias, Hitler indicou a Albert Speer, em 20 de agosto, que, no monumental centro da nova Berlim, fossem colocadas trinta peças de artilharia capturadas aos soviéticos entre a estação sul remodelada e o Arco do Triunfo ainda por erigir. Todos os tanques soviéticos capturados e com “dimensões excepcionais” seriam colocados diante dos edifícios públicos mais importantes. Tanto as peças de artilharia quanto os tanques seriam colocados em pedestais de granito.

Nessa noite, as unidades alemãs avançadas chegaram a Krasnogvardeisk, a apenas quarenta quilômetros de Leningrado. No dia seguinte, tomaram Chudovo, cortando a ferrovia entre Leningrado e Moscou. Entretanto, enquanto se iniciava o cerco a Leningrado, as tropas australianas cercadas em Tobruk, tendo sofrido 832 baixas, abandonavam a cidade e voltavam ao Egito, sendo substituídas por unidades britânicas. Depois de tudo o que os australianos haviam sofrido na Grécia e em Creta, os respectivos comandantes e os políticos do outro lado do globo insistiram em que tivessem uma trégua; em Tobruk, sete mil homens haviam sido feitos prisioneiros.

Em 20 de agosto, tropas italianas ocuparam a cidade de Gaspic e a ilha de Pag, na costa dalmática da Iugoslávia. Em ambos os locais, encontraram provas de assassinatos em massa de sérvios e de judeus, praticados pelos fascistas ustashi. Em Pag, foram exumados 791 corpos, entre os quais 293 mulheres e 91 crianças. No campo, em Jadovno, a dezoito quilômetros de Gaspic, foram assassinados pelo menos 3.500 judeus e sérvios desde meados de julho, alguns espancados até a morte enquanto desempenhavam trabalhos forçados e outros, fuzilados.

Nas primeiras horas de 21 de agosto, na cidade iugoslava de Sabac, judeus e sérvios foram massacrados nas ruas como represália a um ataque a uma patrulha alemã. Outros judeus receberam ordem para pendurar os cadáveres nos postes de iluminação. “Como se pode enforcar um morto? E quem arranjará coragem para tal?”, perguntaria Mara Jovanovic, lembrando essa manhã terrível. “Passava-se um nó corredio pelo pescoço da vítima enquanto o restante da corda se embebia em sangue. As pessoas afastavam-se o mais depressa possível, com a cabeça curvada...” No dia seguinte, os judeus receberam ordem para retirar os cadáveres dos postes e reuni-los em caminhões de lixo. “Não havia quem

não chorasse”, lembrava Mara Janovic, “não apenas pelos mortos levados nos caminhões, mas pelos vivos que os acompanhavam”.

Também em 21 de agosto, em Paris, um comunista de 22 anos, Pierre Georges, que mais tarde adotaria o codinome Fabien, matou a tiro um jovem cadete alemão numa estação do metrô. Era o primeiro ato violento contra um alemão desde a ocupação da cidade, mais de um ano antes. Mais de 150 franceses foram capturados e fuzilados a título de represália.

Nesse agosto, os serviços de informações britânicos tiveram vários êxitos, conquistando um conhecimento parcial das formas de dominação alemãs no Leste, entre eles a interceptação de uma mensagem enviada por rádio pelo embaixador japonês em Berlim, que se referia a uma conversa com Hitler em que este garantia que “no caso de um confronto entre o Japão e os Estados Unidos, a Alemanha entraria imediatamente em guerra contra os Estados Unidos”. Uma transcrição do telegrama foi imediatamente enviada a Roosevelt. Outro sucesso consistiu na interceptação de dezessete mensagens enviadas do Leste pela polícia alemã, no sistema Enigma, durante a semana que teve início em 23 de agosto; essas mensagens forneciam dados acerca da execução de judeus, em grupos entre 61 e 4.200 indivíduos; “regiões inteiras estão sendo despovoadas”, revelou Churchill, por rádio, ao povo britânico, em 24 de agosto.

Milhares e milhares, literalmente milhares e milhares, de execuções a sangue-frio estão sendo perpetradas pela polícia alemã entre os patriotas russos que defendem sua terra natal. Desde a invasão da Europa pelos mongóis, no século XVI, não se assiste a uma carnificina metódica e impiedosa de tamanha dimensão ou sequer comparável.

Churchill não podia referir-se especificamente aos judeus: se o fizesse, revelaria aos alemães que os serviços secretos britânicos interceptavam suas mensagens mais secretas. Contudo, deixou claro que os alemães executavam “as mais terríveis crueldades”, dizendo aos seus ouvintes: “Estamos na presença de um crime inominável.”

Em 25 de agosto, forças britânicas e indianas lançaram a operação Countenance, de ocupação da região petrolífera no sul do Irã, enquanto

tropas soviéticas entravam no país pela fronteira norte. No mesmo dia, os embaixadores britânico e soviético em Teerã, agindo em harmonia, apresentaram um ultimato ao governo iraniano, intimando-o a aceitar a “proteção” dos dois aliados. Três dias depois, após protestar contra a “agressão” anglo-soviética, o xá Reza Pahlavi abdicou a favor do filho. Em outra iniciativa anglo-soviética, também lançada em 25 de agosto, a operação Gauntlet, comandos britânicos, canadenses e noruegueses desembarcaram na ilha de Spitzbergen, no oceano Ártico, destruindo depósitos de carvão, maquinaria de minas e reservas de petróleo para impedir que os alemães os utilizassem; além disso, dois mil civis russos foram evacuados para Arcangel, ao sul, a bordo do *Empress of Canada*. Também foram evacuados de Spitzbergen cinquenta oficiais franceses que, capturados pelos alemães em maio de 1940 e levados para um campo de concentração na Prússia Oriental, conseguiram fugir para a Rússia, na esperança de unir-se às forças da França Livre, mas foram internados em Spitzbergen. Agora estavam novamente livres e podiam voltar ao combate.

Em 26 de agosto, as forças alemãs estacionadas na Ucrânia tomaram a cidade industrial de Dnepropetrovsk. Muitas fábricas, porém, haviam sido transferidas para os Urais, deixando para trás apenas edifícios vazios. Nesse dia, Hitler recebeu a visita de Mussolini, a quem mostrou o campo de batalha de Brest-Litovsk, a cidadela reduzida a escombros por seu morteiro Fritz. Nas imediações de Velikiye Luki, os russos lançaram um contra-ataque, mas foram repelidos em menos de 24 horas.

Em Moscou, no dia seguinte, os russos publicaram o número de baixas causadas pelos 24 ataques aéreos alemães à capital desde 20 de julho: haviam morrido, ao todo, 750 moscovitas. Nessa noite, em Leningrado, a poetisa Vera Inber recordou, por rádio, as palavras de Alexander Herzen, escritor do século XIX, que dissera: “As histórias do incêndio de Moscou, da batalha de Brodino, da batalha de Berezina e da queda de Paris foram os contos de fadas de minha infância, minha *Iliada* e a minha *Odisseia*.” Nos dias atuais, disse Vera Inber aos seus ouvintes, a Rússia criava para as gerações vindouras novas odisseias, novas iliadas. Nessa noite, os russos iniciaram a evacuação por mar de 23 mil militares e

civis, a partir do porto de Talin, no Báltico. Nessa Dunquerque do Báltico, o almirante Tributa comandou uma frota de evacuação de 190 navios, que teve de percorrer 150 milhas marítimas entre duas costas ocupadas pelos alemães. Dos 29 grandes navios de transporte de tropas, 25 foram afundados, matando mais de cinco mil militares e civis. O heroísmo dos marinheiros transformou-se em lenda; entre 35 tripulantes de um navio de transporte de tropas, o *Cazaquistão*, somente sete sobreviveram, recebendo a Ordem da Bandeira Vermelha. O comandante do navio, capitão de mar e guerra Vyacheslav Kaliteyev, em contrapartida, acusado de abandonar, sem motivo, seu navio num momento crucial, foi condenado por deserção sob fogo inimigo e por covardia, sendo executado por um pelotão de fuzilamento.

Enquanto a evacuação prosseguia ao longo de 28 de agosto, os russos destruíam, na Ucrânia, a barragem de Zaporozhye, no rio Dnieper, para evitar que os alemães utilizassem sua energia hidroelétrica. Nesse dia, Hitler e Mussolini deslocaram-se de avião, sobrevoando a região conquistada da Ucrânia, até o quartel-general de Von Rustedt, em Uman. Trezentos e vinte quilômetros a ocidente, e quase na rota de voo a partir de Rastenburg, 23 mil judeus eram assassinados em Kamenets Podolsk, deportados pelo governo húngaro. As autoridades civis alemãs exigiram seu regresso ao local de partida, alegando “não poder comportá-los”. O governo húngaro recusou. Então, um general da SS, Franz Jaeckeln, garantiu às autoridades alemãs que poderia “completar a liquidação daqueles judeus até 1º de setembro”. Conduzidos até uma série de crateras criadas por bombas nos arredores da cidade e obrigados a despir-se, os judeus foram ceifados à metralhadora. Muitos, gravemente feridos, morreram sob o peso dos corpos ou foram “executados” a tiros de pistola. Em 29 de agosto, a missão estava cumprida, dois dias antes do prazo fixado por Jaeckeln. O Relatório da Situação Operacional na URSS no 80 indicava o número exato de indivíduos fuzilados “em três dias”: 23.600.

O número de mortos no Leste assumia proporções inéditas: dez mil russos que seriam evacuados afogaram-se em Talin e 23 mil judeus húngaros foram assassinados em Kamenets Podolsk num intervalo de três dias. Porém, essas não foram as únicas mortes nesse período de agosto. Nos mesmos três dias, milhares de soldados alemães e russos

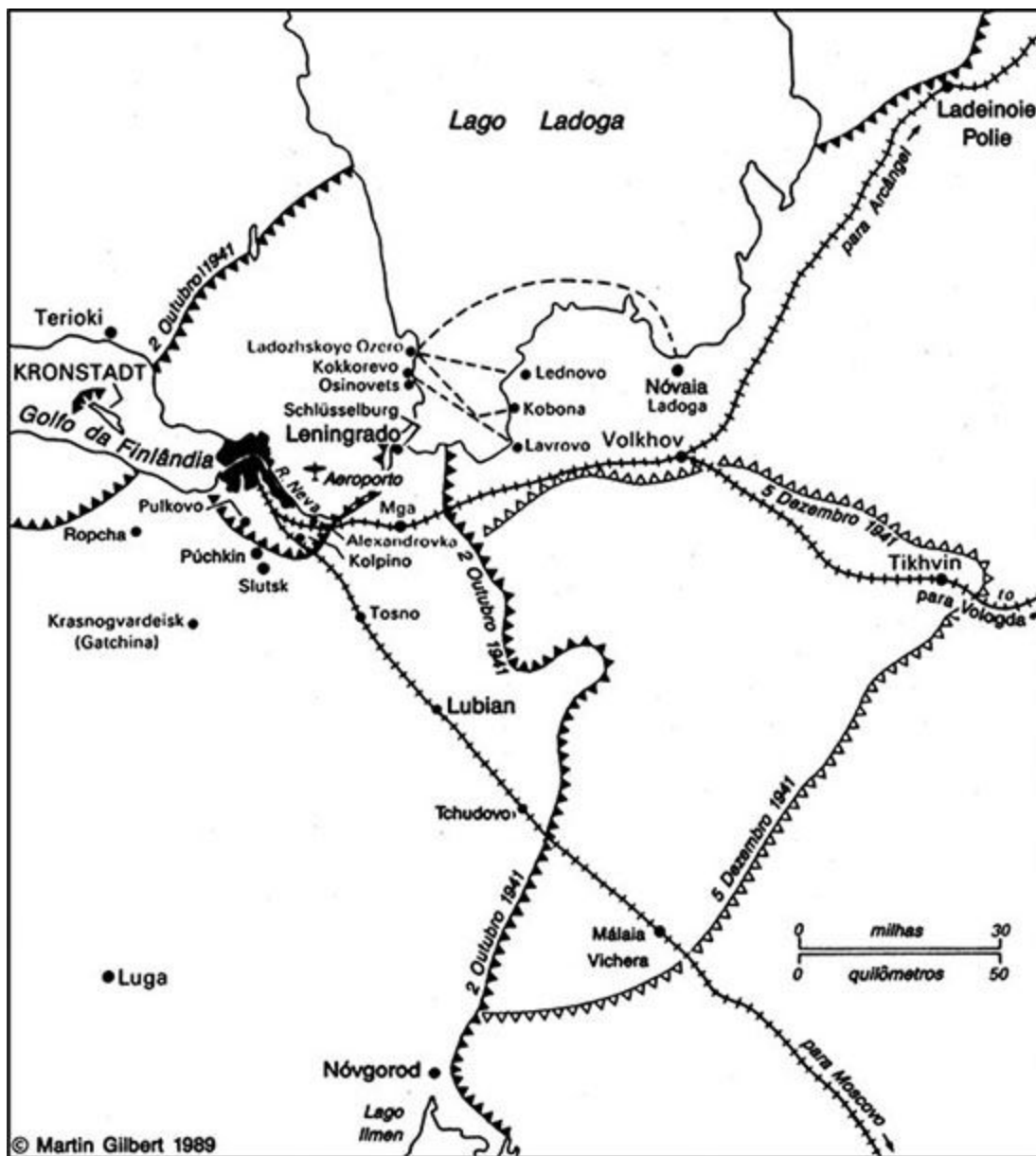
morreram em combate. Nunca poderá ser compilada uma lista de todos os mortos. Todavia, em seus relatórios meticulosos, os alemães garantiam a transmissão às autoridades de Berlim, para efeitos de arquivamento, de um registro claro e preciso dos massacres. Em Kedainiai, na Lituânia, a força especial destacada para a região registrou em sua estatística, somente em 28 de agosto, “710 homens judeus, 767 mulheres judias, 599 crianças judias”: mais 2.076 vítimas de uma guerra desigual longe do campo de batalha. Além disso, o cancelamento do programa de eutanásia não conteve as execuções por meio de gás; em 28 de agosto, o Dr. Horst Schumann, diretor do centro de eutanásia de Grafeck, visitou Auschwitz, onde participou na seleção de 575 homens, em sua maioria prisioneiros de guerra russos, que seriam enviados para o centro de experiências médicas de Sonnenstein. Nenhum sobreviveu.

No dia dessa visita, o padre Bernard Lichtenburg, preboste da catedral católica de Santa Edwiges, em Berlim, desconhecendo que o programa oficial de eutanásia fora suspenso naquele dia, escreveu uma carta de protesto ao chefe dos serviços médicos do Reich, Dr. Leonardo Conti. “Eu, como ser humano, como cristão, como padre e como alemão, exijo que o chefe dos serviços médicos do Reich responda pelos crimes perpetrados por sua ordem e com seu consentimento, que atrairão a vingança do Senhor sobre a cabeça do povo alemão.” Lichtenburg foi preso e condenado a dois anos de prisão. Embora tenha sobrevivido à pena, morreu ainda preso, após ser transferido para o campo de concentração de Dachau. No decurso das “ações” de eutanásia, sob o codinome T4, mais de oitenta mil doentes mentais e dez mil prisioneiros dos campos de concentração foram gaseados entre setembro de 1939 e agosto de 1941 – uma média de quase quatro mil por mês e de mais de cem por dia.

Em 29 de agosto, as forças finlandesas, avançando do Norte em direção a Leningrado, recuperaram Viipuri, que seu país se vira obrigado a ceder à União Soviética no início de 1940. No entanto, não avançaram mais. Apesar da pressão alemã, o governo finlandês decidira não ir até a região de Leningrado além da fronteira anterior à guerra. Porém, a leste, várias unidades progrediam em direção às margens do lago Onega, ameaçando

cortar as comunicações russas entre o Báltico e o mar Branco. No dia seguinte, 30 de agosto, as forças alemãs ocuparam a aldeia de Mga, cortando a última ligação ferroviária entre Leningrado e o resto da Rússia, mas foram expulsas dali apenas um dia depois.

Em desespero, à falta de outro armamento com que defender Leningrado, a artilharia naval da esquadra do Neva entrou em ação contra as posições alemãs em Gatchina. No dia seguinte, foram disparadas mais de 340 descargas. Muitas peças de artilharia naval foram retiradas dos navios e instaladas em terra. Até as baterias do cruzador *Aurora*, já com quarenta anos de idade e que haviam disparado cargas de pólvora seca contra o palácio de Inverno em novembro de 1917, levando aquilo que restava do governo provisório a render-se aos bolcheviques, foram desmontadas e instaladas nas colinas de Pulkovo.



O CERCO A LENINGRADO, OUTUBRO DE 1941 A JANEIRO DE 1944.

Na ocupada Vilna, o dia 31 de agosto assinalou uma “ação” dos alemães contra os judeus da cidade. Uma testemunha ocular, Aba Kovner, viu dois soldados arrastarem uma mulher pelos cabelos. No ataque, ela deixou uma trouxa cair ao chão: era seu bebê. Um soldado abaixou-se, “pegou a criança, atirou-a ao ar e agarrou-a pela perna. A mulher rastejou pelo chão, agarrou-se à bota do soldado e pediu misericórdia, mas o homem pegou o menino e bateu com sua cabeça contra a parede, uma, duas, três vezes, até esmagá-lo”.

Nessa noite, segundo as exatas estatísticas alemãs, 2.019 mulheres judias, 864 homens judeus e 817 crianças foram transportados em caminhões para as valas de Ponar, onde foram fuzilados. O Relatório da Situação Operacional na URSS chamava a esse procedimento de “tratamento especial”.

Em 1º de setembro, os alemães tomaram novamente Mga. Leningrado ficava, assim, privada de comunicação ferroviária com o resto da Rússia. Ao longo do mês anterior, fora executado um plano maciço para a evacuação das fábricas, em que o equipamento de 92 fábricas foi retirado da cidade por ferrovias, em 282 trens; nesse processo, as duas maiores unidades de produção de blindados pesados foram instaladas a quase dois mil quilômetros a leste, em Chelyabinsk e em Sverdlovsk. Em 3 de setembro, o marechal Keitel garantiu ao marechal Von Leeb, comandante das forças que se preparavam para atacar Leningrado, que Hitler não punha quaisquer objeções ao bombardeamento da cidade, quer por artilharia, quer por aviação.

Passavam-se dois anos desde a invasão da Polônia pelos alemães, em 1939. Ao leste, completavam setenta dias desde a invasão alemã à União Soviética. A vitoriosa máquina de guerra alemã destruíra tudo a que se propunha: intelectuais poloneses, prisioneiros de guerra soviéticos, resistentes iugoslavos ou franceses; todos sentiam o peso de um poderio superior. Os judeus, dispersos por muitas nações, gozando de poucas simpatias, foram escolhidos como vítimas de massacres, torturas e humilhações. Na Alemanha, a partir de 1º de setembro, todos os judeus ainda residentes no país, incluindo os 76 mil moradores de Berlim, viram-se obrigados a usar, pregada na roupa, uma estrela de Davi

amarela. Dois dias depois, numa nova experiência para encontrar o método mais eficaz para os assassinatos em massa, evitando horrores publicamente visíveis e fuzilamentos muitas vezes desmoralizantes para os próprios executores, seiscentos prisioneiros de guerra soviéticos e trezentos judeus foram deportados para Auschwitz e gaseados com ácido cianídrico. A experiência, tal como aquela que a precedera, foi considerada um sucesso.

Em 4 de setembro, o contratorpedeiro americano *Greer* foi atacado por um submarino alemão na costa da Islândia, que atribuíra erradamente ao *Greer* as cargas de profundidade lançadas contra ele por um avião britânico. O navio conseguiu, no entanto, chegar são e salvo à Islândia. “Doravante”, declarou Roosevelt, “se algum navio de guerra alemão ou italiano entrar nessas águas, terá de assumir os riscos”. Com essa declaração, instaurou-se um estado de guerra não declarada entre Estados Unidos e Alemanha no Atlântico norte. Ironicamente, dois dias depois do ataque ao *Greer*, um navio mercante americano, *Steel Seafarer*, que se dirigia para o Egito, foi afundado por um avião alemão no mar Vermelho, 350 quilômetros a sul do canal de Suez.

Na frente oriental, as forças soviéticas tomaram Yelnya em 6 de setembro, na maior contraofensiva empreendida desde o início da guerra germano-soviética, dez semanas antes. Para a frente de Moscou, o avanço representava um alívio considerável. Hitler abandonava, entretanto, a estratégia que tão enfaticamente delineara em 12 de agosto, declarando na diretiva no 35, emitida em Rastenburg, que as condições tornavam-se favoráveis a uma operação “decisiva” na frente central. A nova ofensiva, contra Moscou, receberia o codinome Tufão.

Em 8 de setembro, quando a operação Tufão ainda se encontrava em preparação, as forças alemãs tomaram Schlüsselburg, junto ao lago Ladoga. Ao mesmo tempo, os finlandeses cortavam a estrada de ferro Leningrado-Murmansk em Lodeinoe Pole: Leningrado estava cercada. No mesmo dia, os bombardeiros alemães lançaram mais de seiscentas bombas incendiárias sobre a cidade, destruindo centenas de toneladas de carne, farinha, açúcar, toucinho e manteiga nos armazéns Badayev, que ocupavam uma superfície de quatro acres.

Muito longe de Leningrado, em direção sudeste, começaram em 8 de setembro, na região do Volga, as deportações dos seiscentos mil indivíduos de raça alemã radicados na região havia duzentos anos. Com as forças alemãs preparadas para entrarem em Kiev, Stálin receava eventuais sabotagens e perturbações e, por isso, tomou a medida draconiana de deportar um povo inteiro. A partir daí, cerca de cem vilas e aldeias, de Marxstadt a Strassbourg, perderiam seus habitantes de língua alemã.

Em 9 de setembro, o comandante soviético da frente sudoeste, marechal Budyonny, pediu autorização a Stálin para abandonar Kiev, ouvindo uma recusa. Nesse dia, no Atlântico norte, uma “matilha” de dezesseis submarinos atacou um comboio de 65 navios mercantes a caminho da Grã-Bretanha, escoltados por corvetas canadenses de Sidney, Cape Breton. Na batalha que se seguiu, quinze navios mercantes foram afundados, mas não antes que um submarino atacante, o U-501, fosse obrigado a vir à superfície para escapar às cargas de profundidade lançadas por duas corvetas canadenses, *Chambly* e *Moosejaw*, ambas em viagem de treino quando receberam a notícia do combate. Pouco depois desse êxito, a corveta *Chambly* foi bombardeada pela aviação alemã; enquanto afundava, um tripulante, Stoker Brown, foi sorvido pelo alçapão da torre de comando e desapareceu como mais uma vítima da guerra no mar.

O comboio de navios mercantes foi atacado mais uma vez antes de chegar ao seu destino, mas não sofreu outras baixas, conseguindo até afundar um atacante, o submarino U-207.



A FRENTE ORIENTAL, SETEMBRO E OUTUBRO DE 1941.

* * *

Em 9 de setembro, os criptógrafos britânicos em Bletchley decifraram as instruções alemãs para a operação Tufão enquanto o marechal Von Leeb lançou seu ataque contra Leningrado. À medida que os alemães se aproximavam dos subúrbios da cidade, os canhões do cruzador *Máximo Gorki* e dos couraçados *Revolução de Outubro* e *Marat* atacavam com fogo cerrado as posições atacantes avançadas. Uma divisão da SS, que havia participado, em maio, do lançamento de paraquedistas em Creta, recebeu ordem para atravessar o rio Neva e atacar Leningrado pelo norte. Não dispondo de pontes de barcas suficientes, não conseguiu realizar a manobra com sucesso.

Em 10 de setembro, enquanto as forças alemãs no norte atacavam Leningrado e as unidades de centro davam os últimos retoques em seus planos para uma dupla ofensiva contra Moscou, Hitler alterava novamente as prioridades: o principal objetivo passava a ser o cerco às forças russas que continuavam a resistir tenazmente no centro da Ucrânia. Não foi fácil cumprir a nova ordem, pois as tropas russas ainda combateram por duas semanas para tentar abrir brechas na ratoeira que ameaçava fechar-se sobre elas. Por volta de 16 de setembro, a armadilha estava fechada, o que levou à captura de seiscentos mil soldados russos. Os alemães retomaram sua marcha sobre Moscou, mas as duas semanas de atraso deixavam-nos ainda mais à mercê daquilo que era a grande preocupação expressa abertamente no quartel-general alemão: a aproximação do inverno. “Encaminhamo-nos para uma campanha de inverno”, escrevera o general Waldau em seu diário, em 9 de setembro, véspera da mudança de planos, acrescentando: “A prova decisiva desta guerra começou agora. Continuo a confiar em nossa vitória final.”

Ainda em 10 de setembro, Hitler levou o regente húngaro, almirante Horthy, à vila de Marienburg, na Prússia Oriental. “Nós não temos seu problema judaico”, disse Hitler ao dirigente húngaro. Não lhe disse, porém, o destino concreto dos judeus sob jugo alemão. No dia seguinte, o Relatório da Situação Operacional na URSS no 80 registrava que, na vila

de Korosten, 238 judeus “foram presos, conduzidos para um edifício especial e fuzilados pela milícia ucraniana”. Na vizinha Fastov, “todos os habitantes judeus” entre doze e sessenta anos foram fuzilados, “somando 262 cabeças”, que elevavam o “número total de execuções” dessa força especial ao longo de agosto para “7.152 pessoas”.

“Nós não temos seu problema judaico”: enquanto Hitler dizia tais palavras ao almirante Horthy, um governante a serviço de Hitler, Jan Terboven, proclamava o estado de emergência em Oslo. Teve início, imediatamente, a prisão em massa de dirigentes sindicais. Jornalistas e diretores de jornais foram demitidos. Nessa noite, anunciou-se a Oslo, por rádio, que o conselheiro jurídico da união dos sindicatos, Hansteen, e o principal gerente de uma fábrica de vagões de trem, Rolf Wickstrom, haviam sido condenados à morte por um tribunal marcial e executados. No mesmo dia, na capital eslovaca de Bratislava, o governo, seguindo o exemplo alemão, promulgou um *Codex Judaicum*, privando os 135 mil judeus eslovacos de seus direitos jurídicos.

Também nessa noite, os bombardeiros alemães voltaram a atacar Leningrado. A fábrica de laticínios foi atingida, tendo sido destruídas toneladas de manteiga. O principal estaleiro naval sofreu grandes estragos e deflagraram cerca de oitenta incêndios. Na manhã seguinte, mais de duzentos habitantes de Leningrado estavam mortos. Não haviam sido lançadas apenas bombas normais, mas de ação retardada, jogadas em paraquedas, o que constituiu um tormento a mais para a cidade.

Em 11 de setembro, o marechal Budyonny apelou novamente a Stálin por uma autorização para “uma retirada geral” de Kiev, apoiado pelo principal homem do Partido Comunista na cidade, Nikita Khrushchev. Poucas horas depois, era demitido de suas funções. Num telefonema para o general Kirponos, em Kiev, Stálin ordenou ao comando militar da cidade: “Parem, de uma vez por todas, de procurar novas linhas para onde recuar e procurem maneiras de resistir, apenas de resistir.”

Stálin e seus generais esforçavam-se para conservar aquilo que restava da Rússia Ocidental, mais de um terço estava nas mãos dos alemães. Nos Estados Unidos, o major Albert C. Wedemeyer, que estagiara entre 1936 e 1938 na Escola de Altos Estudos Militares em Berlim, previu, em 11 de setembro, que a Alemanha ocuparia todo o território russo a ocidente da

“linha mar Branco-Moscou-rio Volga (inclusive), até 1º de julho de 1942, deixando a Rússia praticamente reduzida à impotência”.

Em 12 de setembro, os primeiros flocos de neve caíram sobre a frente russa. Todavia, derreteram-se em pouco tempo. No mesmo dia, com sua ofensiva contra Moscou, a operação Tufão, solicitando o máximo de reforços blindados, Hitler ordenou a suspensão do assalto a Leningrado. A cidade deveria ser obrigada a render-se por causa da fome. Cinco divisões blindadas, duas divisões motorizadas e boa parte do apoio aéreo do exército de Von Leeb deviam abandonar a frente de Leningrado no intervalo de uma semana. Von Leeb protestou. As trinta divisões soviéticas encurraladas na cidade estavam à beira da destruição. As tripulações dos blindados alemães mais próximos já distinguiam as torres douradas do edifício do almirantado.

Hitler recusou-se a modificar sua decisão. A leste de Kiev, suas tropas, comandadas por Von Kleist e Guderian, haviam encerrado cinquenta divisões russas numa enorme ratoeira. Kiev e Moscou eram os troféus que Hitler cobiçava. Essa mudança de planos foi comunicada a Stálin por seus agentes da “Orquestra Vermelha” em Paris, encabeçados por Leopold Trepper. O alto-comando soviético pôde, portanto, ajustar seus planos defensivos de modo a resistir a esses assaltos reforçados.

No dia em que Hitler ordenou a transferência de suas forças blindadas da frente de Leningrado para Moscou, houve uma reunião preparatória em seu quartel-general, em Rastenburg, que abriu com as seguintes palavras: “As figuras políticas de maior destaque e os dirigentes políticos devem ser eliminados.” A “luta contra o bolchevismo”, explicou o general Keitel aos seus comandantes, “exige medidas duras e enérgicas, essencialmente contra os judeus, os principais portadores do bolchevismo”. No mesmo 12 de setembro, os espiões britânicos em Bletchley decifraram uma mensagem de um regimento da polícia alemã comunicando que “liquidara” 1.255 judeus na zona de Ovruch “de acordo com as práticas da guerra”.

Ainda em 12 de setembro, duas esquadrilhas da unidade Wing da força aérea britânica entraram em ação na Rússia. De sua base em Vianga, 27 quilômetros a nordeste de Murmansk, foram abatidos três aviões

alemães, tendo-se perdido apenas um. Por suas atividades na Rússia num período tão desesperado, o comandante da unidade Wing, H. N. G. Ramsbottom-Isherwood, e três aviadores seus receberam a Ordem de Lênin, sendo os únicos membros das forças aliadas honrados com essa condecoração.

A defesa de Leningrado passava a ser dirigida pelo marechal Zhukov, que, em 14 de setembro, ordenou uma contraofensiva contra as posições alemãs em Schusselberg. Quando o comandante da região, general Scherbakov, respondeu que tal ação “era absolutamente impossível”, foi demitido de seu posto, junto com seu comissário político, Chukhov. Ao saber sobre as deserções no setor Slutsk-Kolpino do cerco, Stálin ordenou pessoalmente a “destruição impiedosa” de todos os que atuavam como “auxiliares” dos alemães. A ordem no 0098 comunicou aos defensores de Leningrado tais execuções. Dois outros postos avançados de defesa da cidade caíram em 16 de setembro – a vila de Pushkin e o terminal ferroviário da cidade em Alexandrovská –, mas o perímetro defensivo resistia. As tropas alemãs nunca desfilariam pelas avenidas da cidade.

Com a suspensão do assalto alemão a Leningrado, o aeroporto da cidade, a norte do Neva, onde Zhukov aterrissara em 11 de setembro, continuava em mãos soviéticas. A partir de 13 de setembro, e durante dez semanas, Leningrado recebeu por essa via seis mil toneladas de abastecimentos de alta prioridade: 1.660 toneladas de armas e de munições e 4.325 toneladas de alimentos. A fé de Hitler na vitória sobre a Rússia não fora, no entanto, abalada; em 15 de setembro, Von Weizsacker escreveu em seu diário, referindo-se ao estado de espírito do chefe: “Está sendo elaborado um projeto de autoestrada até a península da Crimeia. Especula-se sobre como Stálin partirá. Se recuar para a Ásia, talvez seja concedido a ele um tratado de paz.” Foi precisamente nesse período, em meados de setembro, recordou Albert Speer, que Hitler ordenou “um aumento considerável” nas aquisições de granito da Suécia, Noruega e Finlândia para os edifícios monumentais planejados para Berlim e para Nuremberg.

Em Paris, a mais ocidental das capitais sob o domínio de Hitler, o dia 16 de setembro assistiu à execução de dez reféns, em sua maioria judeus, como retaliação pelos ataques de elementos da resistência francesa a caminhões e edifícios alemães. Nesse dia, o embaixador alemão em Paris, Otto Abetz, esteve em Rastenburg, onde Hitler falou-lhe sobre seus planos para o Leste. Leningrado seria arrasada; ela era o “ninho envenenado” de onde era “cuspidor”, havia tanto tempo, o veneno asiático. Os asiáticos e os bolcheviques deviam ser escoraçados da Europa, concluindo “250 anos de pestilência asiática”. Os Urais seriam a nova fronteira e, a leste, estaria a “Índia” alemã. As minas de ouro de Krivoi Rog, por si só, produziriam um milhão de toneladas de minério aurífero por mês. Nessa Nova Ordem autossuficiente, a França, garantiu Hitler a Abetz, também teria seu lugar, mas teria de contribuir para a derrota da Grã-Bretanha.

Ao mesmo tempo, um jovem oficial do exército alemão, tenente Erwin Bingel, encontrava-se em Uman em 16 de setembro, onde, como relatou quatro anos mais tarde, viu elementos da SS e das milícias ucranianas assassinar centenas de judeus, levados para um local nos arredores da cidade, enfileirados, obrigados a despir-se e ceifados com rajadas de metralhadora. “Nem as mulheres com filhos de duas ou três semanas ao peito”, recordou Bingel, “foram poupadas dessa horrível provação, assim como as mães não foram poupadas do espetáculo de ver os filhos agarrados pelas perninhas e mortos a pauladas ou coronhadas, sendo atirados para o monte de cadáveres empilhados na vala...”.

Dois homens do tenente Bingel sofreram um “grave esgotamento nervoso” em consequência do que viram. Dois outros foram condenados a um ano de detenção numa prisão militar por fotografar a ação. Os dois relatórios da Situação Operacional na URSS naquela semana – no 86, de 17 de setembro, e no 88, do dia 19; o no 87 nunca foi encontrado – apresentavam as estatísticas dos massacres incessantes: 229 judeus mortos em Khmelnik; 600 em Vinnitsa; 105 em Krivoy Rog, junto com 39 funcionários comunistas; 511 em Pilva e em Staraya Sinyava; cinquenta em Tartu, junto com 455 comunistas locais; 1.107 judeus adultos e 561 “adolescentes”, estes assassinados pela milícia ucraniana, em Radomyshl; 627 homens judeus e 875 judias “de mais de 12 anos” em Berdichev e 544 “alienados” retirados do manicômio de Dvinsk “com

a colaboração da unidade de autodefesa da Letônia”. Dez doentes, considerados “parcialmente curados”, foram esterilizados e postos em liberdade. “Na sequência”, concluía o relatório, “o manicômio deixou de existir”.

Em 16 de setembro, enquanto Hitler se exprimia tão confiantemente em Rastenburg, o primeiro comboio transatlântico escoltado por navios de guerra americanos, o HX 150, deixava Halifax, na Nova Escócia. No dia seguinte, no norte da Rússia, a esquadra da força aérea britânica participou nos combates pela primeira vez. Nesse dia, o último assalto de Von Leeb a Leningrado não conseguiu vencer as defesas da cidade e teve início o envio de suas forças blindadas para a frente de Moscou. “Nossas forças sofrerão um desgaste contínuo às portas de Leningrado”, registrou em seu diário um inquieto general Halder, em 18 de setembro, “onde o inimigo concentrou forças importantes e uma grande quantidade de material, e a situação continuará difícil até que a fome comece a atuar como nossa aliada”.

Em 17 de setembro, Hitler manifestou novamente seu otimismo, falando aos seus convidados sobre a futura ocupação da Rússia. A Crimeia forneceria à Alemanha seus cítricos, algodão e borracha. “Abasteceremos todas as regiões da Europa com os cereais de que necessitarem.” Os russos seriam privados de instrução: “Encontraremos neles a força humana indispensável ao trabalho na terra.” Os colonos e administradores alemães na Rússia teriam de constituir “uma sociedade fechada, como uma fortaleza. O mais insignificante entre nossos moços de estrebria terá de ser superior a qualquer nativo”.



Na Iugoslávia ocupada, uma vítima do terror nazista é pendurada numa das principais ruas de Belgrado, como exemplo contra ações de resistência.

As forças alemãs encontravam-se às portas de Kiev, terceira cidade atacada na União Soviética, a seguir a Moscou e Leningrado. Em 16 de setembro, após quatro dias de apelos urgentes do general Kirponos a Stálin, dizendo que era demasiado tarde para retirar suas tropas da cidade e dos arredores, o marechal Timoshenko autorizara a retirada de Kiev. Passariam ainda, no entanto, outras 48 horas antes que Stálin confirmasse a ordem. Em 18 de setembro, dia em que teve início a tardia retirada, a primeira coluna de mil homens, comandada pelo general Kirponos, foi alvo de uma emboscada, ficando cercada. Atingido por estilhaços de mina na cabeça e no peito, Kirponos morreu em menos de dois minutos. Seus exércitos lutaram com bravura para escapar à ratoeira. Embora quinze mil homens tenham conseguido salvar-se, os alemães fizeram mais de quinhentos mil prisioneiros. Para o Exército Vermelho, era uma quebra grave, maciça, de sua força de combate, mas os alemães tinham bons motivos para estar preocupados; nessa semana, Berlim anunciou que 86 mil militares alemães haviam morrido em combate desde a invasão à Rússia três meses antes.

Em breve, tal quantidade seria mais do que duplicada. Nesse setembro, a recuperação das forças de Tito na Iugoslávia ocupada aumentaria as preocupações dos círculos militares alemães. Às primeiras horas de 17 de setembro, de um submarino britânico, com base em Malta, desembarcava na costa da Dalmácia, próximo a Petrovac, um agente britânico, o coronel D. T. Hudson, que imediatamente entrou em contato com Tito e Mihailovic, comandante de Cetnik.

Uma semana depois, os homens da resistência de Tito, setenta mil ao todo, com poucas armas e quase sem munição, capturaram a cidade de Uzice, onde se situava uma fábrica de espingardas que produzia quatrocentas armas por dia, e mantiveram-na durante dois meses. A resistência na Iugoslávia, tal como na Rússia, começava a perturbar e a imobilizar um número crescente de tropas alemãs.

A União Soviética contra a parede

Setembro-outubro de 1941

Em 19 de setembro de 1941, as forças alemãs entraram em Kiev enquanto Leningrado era alvo do maior bombardeamento aéreo e de artilharia desde o início da guerra, quando 276 bombardeiros alemães conseguiram romper as defesas antiaéreas da cidade. Mais de mil habitantes morreram, incluindo muitos já feridos, que se encontravam num hospital atingido. Dois dias depois, 180 bombardeiros atacaram a ilha de Kronstadt, o mais importante núcleo de defesa de Leningrado; a cidade e seu estaleiro naval sofreram graves estragos.

De Londres, por ordem de Churchill, os serviços secretos britânicos enviaram a Stálin, entre 20 e 25 de setembro, uma série de avisos baseados na decifração de mensagens secretas alemãs captadas na frente oriental, transmitidas no código Abutre, sobre as intenções e os movimentos de tropas alemãs na frente de Moscou, incluindo pormenores sobre a concentração de forças aéreas e terrestres na zona de Smolensk. Para a Grã-Bretanha, em contrapartida, o final da segunda semana de setembro trouxe más notícias quanto à guerra no mar. Em 20 de setembro, um comboio de navios mercantes com destino a Gibraltar perdeu cinco entre seus 27 elementos num ataque dos submarinos alemães. O moral das tripulações recompôs-se momentaneamente quando um avião alemão, que sobrevoava o comboio e transmitia por rádio, aos comandantes dos submarinos, indicações sobre a localização dos navios, foi abatido por um navio de guerra pertencente à escolta. Porém, um navio mercante, o Walmer Castle, ao abandonar o comboio para socorrer os sobreviventes de outros dois navios torpedeados, foi bombardeado pela aviação e afundado. Depois, já em 21 de setembro, os submarinos alemães desapareceram de repente: haviam detectado um

novo alvo, um comboio naval proveniente de Serra Leoa e com destino à Grã-Bretanha. Em três noites consecutivas, nove entre os 27 navios foram ao fundo.

Na frente oriental, as unidades da SS combatiam ao lado de formações do exército alemão. Por vezes sua brutalidade era particularmente evidente, como aconteceu em 23 de setembro, na floresta de Krasnaia, quando, em represália pelo assassinato de três sentinelas da SS, todos os habitantes de uma aldeia foram alinhados e abatidos à metralhadora. Outras vezes, evidenciava-se a coragem de elementos da SS, como em 24 de setembro, em Lushno, quando um cabo, Fritz Christen, tendo sido mortos todos os soldados de sua bateria, continuou em seu posto, inutilizando treze tanques soviéticos; primeiro elemento da divisão da caveira a receber a cruz de ferro de Primeira Classe, com a tão cobiçada cruz de Cavaleiro, ele seria transportado de avião a Rastenburg para ser pessoalmente condecorado por Hitler. A barbárie e a coragem avançavam de mãos dadas.

No extremo Oriente, os japoneses faziam planos para iniciar sua guerra contra os Estados Unidos com um arrojado ataque à base naval americana de Pearl Harbor, em pleno Pacífico. Em 24 de setembro, o cônsul japonês no Havaí, Nagao Kita, foi ordenado a dividir Pearl Harbor em cinco zonas e a comunicar ao Japão o número exato de navios de guerra ancorados em cada uma. O serviço de informações americano no Havaí interceptou a mensagem, mas, não dispondo de meios para decifrá-la, enviou-a a Washington por avião da Pan Am. Havia apenas um voo por semana, mas o seguinte, que deveria ser em 26 de setembro, foi cancelado devido ao mau tempo. A transcrição da mensagem interceptada foi, conseqüentemente, enviada por mar, chegando a Washington em 6 de outubro. A falta de pessoal nos serviços de decifração e o fato de que a mensagem não fora transmitida no sistema de códigos mais secreto causaram um atraso de mais três dias; porém, mesmo com a mensagem finalmente decifrada, os americanos consideraram tratar-se simplesmente de uma missão de espionagem rotineira, como tantas outras, confiadas aos agentes japoneses em Manila, Panamá e Seattle.

Stálin, entretanto, continuava tendo acesso às mensagens Enigma e Abutre, com as quais os alemães comunicavam seus planos e posições mais secretos. Somente outro russo sabia sobre elas: o chefe do estado-maior soviético, marechal Shaposhnikov. Mesmo quando os russos revelavam incredulidade ante o conteúdo das mensagens, o oficial de ligação da missão militar britânica tinha instruções para manter o mais absoluto sigilo quanto à origem das interceptações, dizendo que os dados provinham de um oficial do Ministério da Guerra alemão.

Em 25 de setembro, as forças alemãs lançaram sua ofensiva no Sul, que Hitler desejava concluir antes do iminente ataque a Moscou, para o qual se reagrupavam as unidades blindadas transferidas da frente de Leningrado. Porém, essa dupla incursão em direção a Kharkov e à Crimeia, que Hitler esperava ser realizada com bastante rapidez, seria contida e frustrada por uma enérgica defesa soviética. Um novo e poderoso tanque, o T-34, começava a dominar os combates. Em 26 de setembro, a divisão da caveira da SS se viu pela primeira vez obrigada a pôr em ação seus “pelotões de destruição de tanques” para atacar os T-34, nos quais a até então devastadora artilharia antitanque alemã não conseguia causar estragos. Os pelotões eram compostos por dois oficiais e dez homens, que, transportando em mochilas explosivos, minas, granadas e bombas, precisavam aproximar-se a pé de todos os tanques russos que conseguissem penetrar as linhas defensivas alemãs e destruí-los ou inutilizá-los o mais depressa possível.

Nessa data, um capitão da SS, Max Seela, demonstrou o que podia ser feito quando destruiu o primeiro entre um grupo de sete tanques russos que alcançara as posições alemãs, rastejando sozinho até junto dele, colocando duas mochilas cheias de explosivos na torre blindada e fazendo-os explodir com uma granada. Avançou, em seguida, com seu pelotão, para destruir os outros seis tanques soviéticos. À medida que os elementos das respectivas tripulações tentavam fugir dos blindados em chamas, os homens da SS abatiam-nos um a um.

Não apenas no campo de batalha, mas nos mais remotos pontos da retaguarda, a crueldade se apresentava como característica cotidiana da guerra no Leste; nesse mesmo 26 de setembro, apenas porque um policial lituano, ao patrulhar uma rua do gueto de Kovno, julgou ouvir um tiro, 1.800 judeus residentes na mesma rua – homens, mulheres e crianças –

foram presos, metidos em caminhões, levados para um antigo forte nos arredores da cidade e abatidos. No dia seguinte, sem que a menor provocação o justificasse, 3.446 judeus da pequena cidade lituana de Eisishkes, incluindo mais de oitocentas crianças, foram levados até valas propositadamente abertas no cemitério judaico e abatidos à metralhadora.

A escala dos assassinatos realizados pelas forças especiais ultrapassava os números de quaisquer outros massacres de que há memória: no final de setembro, em dois dias consecutivos, 33.771 judeus foram assassinados na ravina de Babi Yar, nos arredores de Kiev, junto com outros 35.782 “judeus e comunistas”, segundo o mesmo Relatório da Situação Operacional na URSS, no 101, de 2 de outubro, nas cidades de Nikolayev e Kherson à margem do mar Negro.

Em 27 de setembro, as forças alemãs capturaram Perekop, isolando a Crimeia do sul da Rússia. Nesse dia, no estaleiro de Baltimore, os Estados Unidos lançaram ao mar um navio mercante de dez mil toneladas, o *Patrick Henry*, primeiro de uma sequência de milhares de navios estandardizados, produzidos em série, que seriam conhecidos como Navios da Liberdade e que, por seu enorme número, compensariam as perdas infligidas à Grã-Bretanha nos incessantes ataques dos submarinos alemães.

Um entre esses navios, o *Robert E. Peary*, foi construído no extraordinário tempo de quatro dias, devido à pré-fabricação de muitas partes antes da montagem final.

Em 28 de setembro, o primeiro comboio naval britânico de abastecimentos destinados à Rússia, o PQ 1, partiu da Islândia rumo a Arcangel. Dois dias depois, Churchill anunciou, na Câmara dos Comuns, que todos os tanques produzidos pela Grã-Bretanha na última semana seriam enviados para a Rússia. Grandes quantidades de alumínio, borracha e cobre, pedidas por Stálin, já haviam sido enviadas. Em 2 de outubro, enquanto as forças alemãs lançavam contra Moscou a operação Tufão, Churchill lia as mensagens secretas que forneciam os pormenores da ofensiva. “Estão prevenindo os russos quanto às concentrações de

tropas em curso?”, perguntou ele ao chefe de seus serviços secretos, acrescentando: “Mostre-me as últimas cinco mensagens que enviou...”

Em Moscou, a missão anglo-americana encabeçada por lorde Beaverbrook e por Averell Harriman averiguava as necessidades de Stálin e fazia o possível para satisfazer seus pedidos. Foram os americanos, por exemplo, que puderam fornecer sua encomenda de quatrocentas toneladas de arame farpado por mês. Em 30 de setembro, lorde Beaverbrook aceitou enviar à Rússia todo o quinhão britânico das remessas que chegariam dos Estados Unidos: 1.800 aviões de combate, 2.250 tanques, quinhentas peças de artilharia antitanque, 23 mil metralhadoras, 25 mil toneladas de cobre, 27 mil toneladas de borracha e 250 mil capotes militares.

Os compromissos materiais britânicos com a Rússia eram enormes e cobriam todos os aspectos das guerras naval, aérea e terrestre. Os russos receberiam, em nove remessas mensais, 1.800 Spitfire e Hurricane britânicos, 900 aviões de combate e 900 bombardeiros americanos. À marinha soviética seriam fornecidos 150 detectores de submarinos Asdic, 1.500 canhões navais, três mil metralhadoras antiaéreas e oito contratorpedeiros “antes do final de 1941”. Para o Exército Vermelho, a lista de fornecimentos também era impressionante, privando a Grã-Bretanha e a América de boa parte do material de guerra de que necessitavam e incluindo mil tanques por mês, junto com “o devido complemento de acessórios e de peças sobressalentes”, trezentos canhões antiaéreos, trezentos canhões antitanque e dois mil blindados por mês, com o respectivo armamento antitanque.

Entre as outras necessidades soviéticas que os governos britânico e americano se comprometeram a satisfazer estavam mil toneladas de alumínio por mês, treze mil toneladas mensais de barras de aço para obuses, quantidades substanciais de cobre, estanho, chumbo, latão, níquel e cobalto, diamantes industriais, peças para máquinas, borracha, lã e juta. Aos soldados do Exército Vermelho, a Grã-Bretanha forneceria imediatamente três milhões de pares de botas militares, seguidos por mais quatrocentos pares por mês, enviando os americanos, além disso, duzentos mil pares mensais de calçados militares. Todos os meses seria fornecido mais de um milhão de metros de tecido para fardas.

Outras comissões anglo-americanas em Moscou haviam, entretanto, planejado o envio para a Rússia de vinte mil toneladas mensais de derivados de petróleo, incluindo lubrificantes para motores de aviões, navios para transportar carregamentos de mais de quinhentas mil toneladas de alimento por mês, petróleo, material de guerra e auxílio médico variado e em grandes quantidades, incluindo mais de dez milhões de agulhas e quinhentos mil pares de luvas cirúrgicas.

O material médico enviado à Rússia incluía também vinte mil bisturis e quinze mil serras para amputações, cem aparelhos portáteis de raios X, quatro toneladas de anestésicos locais, mais de um milhão de doses dos recém-descobertos antibióticos (incluindo o M&B 693), sedativos, estimulantes cardíacos e cerebrais, oitocentos mil fórceps (inclusive para operações ortopédicas), instrumentos para operações no cérebro e nos olhos e um milhão de metros de tecido impermeável para curativos.

Não apenas Churchill, mas sua mulher, Clementine, esforçou-se para fornecer à Rússia o material de guerra e o auxílio médico necessários para o país resistir à renovada ofensiva alemã; Clementine Churchill lançou um apelo pelo Auxílio à Rússia, que encontrou enorme eco entre a população, especialmente entre os operários das fábricas, em quem o apelo “despertou”, como recordaria um funcionário da administração, “um sentimento de solidariedade popular para com a valorosa resistência dos russos”. Em menos de um mês, a campanha obteve dinheiro suficiente para enviar à Rússia 53 mesas de operação de emergência, com o respectivo equipamento, trinta aparelhos de transfusão sanguínea, setenta mil agulhas cirúrgicas, um milhão de doses de fenacetina (substância analgésica) e sete toneladas de algodão hidrófilo.

Enquanto os fornecimentos se encaminhavam para a Rússia, a evacuação dos recursos soviéticos para leste, o mais longe possível do alcance alemão, estava quase concluída; na última semana de setembro, 1.360 unidades de produção da indústria pesada da Rússia Ocidental já haviam sido transferidas para os Urais, para a Sibéria Ocidental, para o Volga, para o Cazaquistão e para a Ásia Central. Ao mesmo tempo que toda essa maquinaria essencial ao esforço de guerra se deslocava em cerca de 1,5 milhão de vagões de mercadorias, a estrada de ferro transportava também 2,5 milhões de soldados em sentido oposto, rumo ao Ocidente e à frente de batalha. Era uma proeza considerável. Em 29 de

setembro, o governo soviético ordenou a evacuação, para além dos Urais, da mais importante fábrica de maquinaria russa, que ficava em Kramatorsk, a sudoeste de Kharkov. Apesar dos incessantes bombardeamentos aéreos alemães, tudo esteve a postos para a evacuação em cinco dias.

Também em 29 de setembro, em Leningrado, fizeram-se planos para fixar as prioridades das atividades de resistência em toda a região da cidade, incluindo a sabotagem das baterias que formavam o cerco e as incursões noturnas nos quartéis e nas pistas de aterrissagem alemães. Porém, no dia seguinte, um novo golpe impediu uma eventual libertação da cidade em pouco tempo, quando as tropas finlandesas avançaram até as posições soviéticas em Petrozavodsk, no lago Onega.

Enquanto cientistas britânicos e americanos trabalhavam no projeto da bomba atômica, um deles, Klaus Fuchs, que emigrara da Alemanha para a Grã-Bretanha como refugiado em 1933 e era um comunista convicto, transmitia os segredos do Tube Alloys – codinome para o projeto – ao seu contato na embaixada soviética em Londres, Simon Davidovitch Kremer, membro da equipe do adido militar. No fim de 1941, seu contato passou a ser outra refugiada judia alemã, Ruth Kuczinsky, que usava o codinome Sonya e cujo marido era parte da força aérea britânica.

Em 3 de outubro, o resultado das pesquisas britânicas foi comunicado ao professor Conant, nos Estados Unidos, e, seis dias mais tarde, por seu intermédio, a Roosevelt – e, sem dúvida, através de Fuchs, a Stálin: o núcleo explosivo de uma bomba atômica, pesando apenas onze a doze quilos, podia provocar a mesma explosão que 1.800 toneladas de TNT. Seriam necessárias, porém, quantias imensas para construir a bomba.

Enquanto Fuchs prevenia a Rússia sobre os progressos ocidentais no domínio da bomba atômica, os alemães lançavam a operação Tufão. “Começa hoje”, declarou Hitler num comunicado difundido por rádio, em 2 de outubro, “a última grande batalha da guerra”. A Alemanha teria inteiramente em suas mãos, em breve, “as três maiores regiões industriais dos bolcheviques”. “Estão finalmente reunidas as condições prévias necessárias ao derradeiro e terrível golpe que, antes do início do inverno, conduzirá à destruição do inimigo.”

Cerca de dois mil tanques avançaram, nesse dia, contra o exército russo. Na retaguarda das linhas alemãs, a data foi marcada pelo massacre em Zagare, com rajadas de metralhadora, de “633 homens, 1.017 mulheres e 496 crianças”, todos judeus, sendo 150 abatidos enquanto tentavam resistir ao transporte forçado para fora da cidade; na povoação próxima de Butrimonys, foram mortos mais 976 judeus, onde a força especial alemã organizou um “espetáculo” e colocou bancadas no local de execução para que os lituanos pudessem assisti-las “nas melhores condições”.

Durante dez dias, o exército alemão avançou continuamente na estrada para Moscou; à medida que se aproximavam da capital, os camponeses russos incendiavam as colheitas já ceifadas, espantavam o gado e dinamitavam as construções mais importantes de suas aldeias. Era a política de terra queimada que infligiam a si próprios; nada seria deixado aos alemães a não ser o solo enegrecido.

Em Paris, como num eco das explosões na frente oriental, o chefe da SS, Helmut Knochen, ordenou, em 2 de outubro, a destruição de sete sinagogas. Seis foram dinamitadas nessa noite; a sétima, onde o detonador falhara, foi destruída no dia seguinte “por motivos de segurança”.

Na frente oriental, os alemães pareciam, de um momento para o outro, haver quebrado a resistência inimiga. Em 3 de outubro, Orei foi tomada tão depressa que os russos não puderam destruir as fábricas que restavam na cidade. Hitler, regressando com seu comboio a Berlim, por apenas uma tarde, disse à enorme multidão reunida no Sportspalast: “Há 48 horas, tiveram início operações militares de dimensões gigantescas, que levarão à destruição do inimigo no Leste. O inimigo foi abalado e nunca conseguirá recobrar as forças.”

Hitler voltou a Rastenburg em 4 de outubro. Nesse dia, em Kovno, a menos de duzentos quilômetros, todos os doentes, médicos e enfermeiros do hospital do gueto, bem como as crianças do orfanato anexo, foram trancados no edifício, que os alemães incendiaram. Aqueles que conseguiram escapar do prédio em chamas foram abatidos a tiro. Três dias depois, em Rovno, teve início o massacre de mais de 1.700 judeus.

Com os exércitos alemães em Vyazma e em Briansk, na frente central, e avançando além de Dnepropetrovsk no Sul, os generais alemães

estavam eufóricos. “Está em curso a operação contra Moscou”, escreveu o chefe da Manutenção Militar, Eduard Wagner, numa carta particular datada de 5 de outubro. “Temos a impressão de que será muito breve a grande derrota final e que hoje mesmo o Kremlin deve começar a fazer as malas.” Quanto ao critério militar de Hitler, Wagner acrescentou: “Desta vez, ele está intervindo – e pode dizer-se que de maneira decisiva – na operação e, até agora, teve razão em tudo. A grande vitória no Sul é obra exclusivamente sua.”

Em 6 de outubro, no setor sul, as forças alemãs entraram em Berdyansk, fazendo mais de cem mil prisioneiros de guerra. Nesse dia, ao norte, caiu a segunda nevasca do inverno. Em 7 de outubro, nevou no quartel-general de Hitler.

Em 4 de outubro, e novamente em 6 de outubro, Stálin foi informado, diretamente por Churchill, sobre o calendário dos comboios navais que seriam enviados para Arcangel. Em 12 de outubro, chegariam ao seu destino vinte tanques pesados e 193 aviões de combate. Em 19 de outubro, seriam cem aviões de combate, 140 tanques pesados, duzentos blindados ligeiros, duzentas armas antitanque e cinquenta canhões de grande calibre. Em 22 de outubro, por sua vez, seriam duzentos aviões de combate e duzentos tanques pesados. Cada comboio levaria dezessete dias a efetuar a viagem, contornando o cabo Norte e enfrentando o mau tempo do Ártico e os ataques aéreos alemães.

Em 8 de outubro, no sul da Rússia, Mariupol caiu em mãos alemãs; as tropas de Hitler haviam chegado ao mar de Azov. “Em termos militares”, disse, no dia seguinte, aos jornalistas estrangeiros em Berlim, o assessor de imprensa de Hitler, Otto Dietrich, “a Rússia soviética foi derrotada”. No entanto, a resistência soviética não fora vencida nem haviam sido neutralizados os tanques T-34. E, na transmissão internacional da BBC, uma voz murmurava, em alemão, após se ouvir sete segundos passarem no relógio: “De sete em sete segundos, morre um alemão na Rússia. Será seu marido? Será seu filho? Será seu irmão?”

Em 10 de outubro, Stálin retirou o general Zhukov de Leningrado, quando foram registradas na cidade as primeiras mortes por fome, para entregar-lhe o comando de uma recém-formada frente ocidental e para

deter o avanço dos alemães sobre Moscou. O conselheiro político de Zhukov era Nikolai Bulganin. Nessa tarde, em seu quartel-general de Rastenburg, Hitler disse aos que estavam com ele: “A lei da vida prescreve uma matança ininterrupta, de modo a que sobrevivam os melhores.” Não se tratava de uma mera reflexão; no mesmo dia, o marechal Walter von Reichenau, comandante do 6º exército alemão, emitiu uma diretiva em que declarava: “O objetivo essencial da campanha contra o sistema judaico-bolchevique é o aniquilamento total dos alicerces de seu poder e o extermínio das influências asiáticas na região europeia.” Este objetivo, explicava Reichenau, “impõe às tropas tarefas que ultrapassam a rotina limitada da guerra convencional”, de modo que o soldado alemão “deve estar plenamente persuadido da necessidade de castigar severa, mas legitimamente, a sub-humanidade judaica”.

O espírito da diretiva de Reichenau foi amplamente emulado; em 12 de outubro, na vila iugoslava de Zasavica, centenas de judeus e de ciganos foram assassinados – os ciganos também faziam parte da “sub-humanidade”. Em seu Relatório da Situação Operacional na URSS no 120, datado de 21 de outubro, as forças especiais em ação na Sérvia executaram, “a título de exemplo”, 2.200 sérvios e judeus, em represália ao assalto a um trem nas imediações de Topola, em que 22 militares alemães perderam a vida, e ainda 1.738 habitantes de Kraljevo e “mais dezenove mulheres comunistas”. Ao sul, na Grécia, duas aldeias próximas ao estuário do Strymen, que “comprovadamente” auxiliavam resistentes gregos, foram incendiadas e “todos os habitantes do sexo masculino, no total de 202, foram fuzilados”.

Os primeiros dias de outubro foram objeto do Relatório da Situação Operacional na URSS no 124, compilado em Berlim no dia 25 desse mês. Entre as execuções de outubro nele registradas, contavam-se 627 judeus “liquidados” em Shklov, 812 “elementos racial e mentalmente inferiores” e três mil judeus assassinados no gueto de Vitebsk.

Em 12 de outubro, as tropas russas viram-se obrigadas a abandonar Bryansk e Vyazma. Oito exércitos seus foram cercados e destruídos, com 648.196 homens feitos prisioneiros. Nesse dia, os alemães tomaram

Kaluga, 160 quilômetros a sudoeste de Moscou. “Esplêndidas notícias vindas da Rússia”, escreveu Rommel, no deserto líbio, em carta à sua mulher. “Após a conclusão das grandes batalhas”, vaticinava, “podemos esperar que o avanço para leste se processe rapidamente, eliminando toda e qualquer possibilidade de que o inimigo reúna novas forças de dimensões substanciais”. Dois dias depois, 144 quilômetros a noroeste de Moscou, a pequena cidade de Kalinin caiu em mãos alemãs. Nesse dia, foi lançada a primeira ofensiva contra a resistência soviética, a operação Karlsbad, na região entre Minsk e Smolensk, onde os resistentes ameaçavam cortar essa fundamental via de abastecimento à frente de batalha.

Não apenas a primeira operação antirresistência deu trabalho aos alemães nesse 14 de outubro, pois, enquanto caíam em Leningrado os primeiros flocos de neve, a temperatura em toda a zona central da frente desceu abaixo de zero. “A previsão do tempo não é uma ciência que se possa aprender mecanicamente”, disse Hitler aos que o rodeavam em Rastenburg. No dia seguinte, o diário de um regimento da divisão da caveira registrou a primeira nevasca substancial, com 25 centímetros de neve.

Em toda a frente oriental, uma mistura de neve derretida e de chuva intensa criou uma lama espessa e viscosa, que retardou e, em alguns casos, impediu o avanço dos tanques alemães; em contrapartida, os tanques soviéticos T-34, com suas lagartas mais largas, estavam mais bem-preparados para se movimentar no mesmo terreno.

Em Odessa, as autoridades soviéticas iniciaram a evacuação final de tropas e de equipamentos. Já haviam embarcado 86 mil homens; agora, numa noite, trinta navios de transporte de tropas partiam rumo a Sebastopol, levando 35 mil homens. Mais de mil caminhões, quatrocentos canhões e vinte mil toneladas de munições haviam sido evacuados em 192 carregamentos. Foi uma Talin sem sangue, uma terceira Dunquerque.

Também em 15 de outubro, todos os departamentos governamentais e missões diplomáticas foram ordenados a preparar-se para a evacuação. Seriam transferidos para a cidade de Kuibyshev, no Volga. Nos acessos a Moscou, 56 pontes foram minadas, prontas a ser destruídas antes que os alemães pudessem transpô-las. Dentro da própria cidade, mais dezesseis

pontes foram minadas, para serem destruídas “aos primeiros sinais de aproximação do inimigo”.

Enquanto Hitler via Moscou quase ao alcance das mãos, seus subordinados iniciavam a deportação de vinte mil judeus e de cinco mil ciganos das cidades alemãs para o gueto de Lodz, já um cenário de fome e de penúria, onde, apenas no mês anterior, cem pessoas haviam morrido de fome. Em Varsóvia, onde o número de mortos por dia era duas vezes maior, os alemães estipularam, em 15 de outubro, uma “pena de morte” para os judeus que saíssem do gueto sem autorização e, num aviso igualmente severo aos poloneses, para toda e qualquer pessoa “que ofereça, deliberadamente, abrigo a esses judeus”.

As ameaças eram terríveis, mas o tirano começava a mostrar-se imprudente em suas provocações. Quando um comboio transatlântico proveniente de Sidney, o *Cape Breton*, foi atacado por submarinos alemães, em 16 de outubro, e cinco contratorpedeiros americanos partiram de bases na Islândia em seu auxílio, um submarino disparou seus torpedos contra um contratorpedeiro, o *Kearney*, que sofreu graves estragos, matando vinte marinheiros americanos.

“O torpedo de Hitler visava a todos os americanos, sem exceção”, disse Roosevelt ao povo americano em seu discurso durante o Dia da Marinha, onze dias mais tarde, mas o presidente ainda não estava pronto para declarar guerra à Alemanha. Na data do torpedeamento do *Kearney*, o governo do príncipe Konoye, em Tóquio, via-se obrigado a apresentar sua demissão, dando lugar a uma administração encabeçada pelo general Hideki Tojo, seu ministro da Guerra. Para aqueles que desejavam desafiar os Estados Unidos no campo de batalha, Tojo era a escolha ideal. Para Stálin, entretanto, a ameaça japonesa chegara ao fim, na primeira semana de outubro, quando soube, através de Richard Sorge, em Tóquio, que o governo japonês decidira não empreender qualquer ofensiva contra as fronteiras soviéticas, pelo menos até a primavera de 1942. Stálin ordenara imediatamente que mais tropas fossem enviadas para a defesa de Moscou, reduzindo à metade o número de divisões no extremo Oriente. Ao todo, foram transferidas para o Ocidente mais de oito divisões, com mil tanques e mil aviões. Uma entre as primeiras divisões a serem transferidas foi enviada, assim que chegou a Moscou, para o

campo de batalha de Borodino, próximo a Mozhaïsk, embora somente metade dos respectivos regimentos estivesse reunida naquele momento.

Nas duas semanas seguintes à decisão de evacuar os departamentos governamentais e as fábricas de armamento de Moscou, duzentos trens deixaram a cidade em direção ao Volga e aos Urais; oitenta mil caminhões tomaram o mesmo rumo, evacuando quase quinhentas fábricas. Uma fábrica de armamentos para a infantaria precisou, por si só, de doze trens.

Outros trens estiveram em movimento nesse dia, partindo não de Moscou, mas de diversas cidades da Alemanha, transportando judeus deportados para o gueto de Lodz. Um trem, levando 512 judeus, vinha de Luxemburgo. Outros cinco, com cinco mil judeus deportados, vinham de Viena; outros cinco, com igual número de passageiros, haviam saído de Praga, e mais quatro, com 4.187 judeus, de Berlim. Os judeus de Colônia, Frankfurt, Hamburgo e Düsseldorf viajaram para o gueto em quatro trens. Os deportados partilhariam, daí em diante, o destino dos judeus de Lodz.

Para os alemães, um novo inimigo ganhava relevância a partir de 16 de outubro. Um piloto recém-chegado a Rastenburg comunicou que todo o interior estava coberto por quinze centímetros de neve. “A chuva e a neve dissolveram nossos sonhos mais dourados”, registrou em seu diário o general Hoffman von Waldau, vice-chefe do estado-maior da força aérea alemã. “Tudo está atolado num pântano sem fundo. A temperatura desce até zero graus, a neve cai até atingir trinta centímetros de profundidade e, depois, chove em cima da neve.”

Na noite de 17 de outubro, Hitler não parecia muito preocupado com o tempo. Rhzev, Belgorod, Stalino e Taganrog – a menos de quinhentos quilômetros do Volga – haviam sido tomadas por seus exércitos. No Sul, o general Von Manstein entrara na Crimeia. Nessa noite, Hitler falou aos convidados reunidos em Rastenburg, entre os quais o Dr. Todt, sobre seus planos para a construção de autoestradas até a Crimeia e o Cáucaso. “Ao longo dessas estradas, serão criadas cidades alemãs, e nossos colonos poderão instalar-se à sua volta.” Hitler previa a instalação de dois ou três milhões desses colonos, não apenas alemães, mas também escandinavos e até “gente dos países ocidentais e da América”. Quanto aos habitantes

das regiões colonizadas, “teremos de seleccioná-los cuidadosamente. O judeu, esse destruidor, será eliminado”.

Enquanto Hitler dizia essas palavras na privacidade de seu quartel-general, o ultrassecreto Relatório da Situação Operacional na URSS no 117 era compilado em Berlim, incluindo dados acerca da maneira como haviam sido “limpas de judeus” as zonas de Nikolayev ocupadas pelas forças especiais, com a execução, nas duas primeiras semanas de outubro, de 4.091 judeus e de 46 comunistas, “elevando o total para 40.699”. Aos judeus da Europa Ocidental ocupada pelos alemães, em contrapartida, não seriam mais permitidas fugas legais, como alguns conseguiram empreender, através do neutro Portugal. Em 18 de outubro, Himmler telefonou a Reinhard Heydrich, recém-nomeado Protetor da Boêmia e Morávia, dizendo-lhe: “Nada de judeus emigrando para além-Atlântico.”

Não apenas contra judeus, mas contra resistentes, as forças especiais realizavam diariamente novas ações. O Relatório da Situação Operacional na URSS no 116, enviado a partir de Berlim em 17 de outubro, continha dados acerca da atividade da resistência e dos esforços para combatê-la na região de Kransnogvardeisk. Também num esforço de combate aos atos de sabotagem, “dez pessoas tiveram de ser fuziladas em Slutsk”. Em 18 de outubro, entre Smolensk e Vyazma, a única estrada praticável no sentido leste-oeste com acesso a Moscou foi armadilhada com explosivos potentes, que, detonados por controle remoto, abriram na estrada crateras de quase dez metros de largura e de mais de dois metros de profundidade.

Próximas a Moscou, Mozhaisk ardia, e tanto Maloyraslavets quanto Tarusa haviam sido ocupadas, constituindo uma nova ameaça, pelo sul.

Na própria Moscou, os trabalhadores formavam grupos para abrir trincheiras antitanque nos arredores da cidade. Uma entre eles, Olga Sapozhnikova, escreveu mais tarde: “Éramos uma multidão e foi-nos ordenado que cavássemos trincheiras. Estávamos todos muito calmos, mas estupefatos, e não conseguíamos trabalhar. No primeiro dia, fomos metralhados por um Fritz que nos sobrevoou. Foram mortas onze moças e quatro ficaram feridas.”

A vala antitanque cavada por Olga Sapozhnikova e pelas companheiras situava-se entre a cidade e Kuntsevo. Outra, com mais de seis

quilômetros de comprimento, foi aberta em Naro-Fominsk.

Em 18 de outubro as autoridades japonesas prenderam, em Tóquio, Richard Sorge. Chegava ao fim, três dias depois de tranquilizar Stálin quanto à vulnerabilidade russa a um eventual ataque no extremo Oriente, uma extraordinária e bem-sucedida saga de espionagem no próprio centro da atividade diplomática alemã em Tóquio. Foram igualmente presos 35 elementos da rede que Sorge conseguira criar, incluindo seus quatro principais confidentes, sendo dois japoneses.

O espião de Stálin no extremo Oriente dera provas de sua dedicação ao comunismo e à causa da sobrevivência da Rússia. Em 19 de outubro, Stálin proclamou o estado de sítio e emitiu a seguinte ordem do dia: “Moscou será defendida até o último homem.” Em Leningrado, desafiando os esforços alemães para obrigar a cidade a render-se, o professor Iosif Orbeli, diretor do Ermitage, obteve autorização para dispensar da frente de batalha, por algumas horas, seis entre os mais destacados orientistas da cidade, comemorando, com sua colaboração, o oitavo centenário do nascimento de Nizami, poeta nacional do Azerbaijão.

Em 20 de outubro, quinhentos mil russos de ambos os sexos foram mobilizados em Moscou para abrir oito mil quilômetros de trincheiras e de valas antitanque em volta da cidade. Ao mesmo tempo, foram instalados trezentos quilômetros de arame farpado. Os alemães estavam a apenas cem quilômetros da capital soviética. Já haviam ocupado 1,6 milhão de quilômetros quadrados de território russo, com uma população de 65 milhões de habitantes. Haviam capturado mais de três milhões de soldados soviéticos. “A imagem de um pesadelo”, escreveu em seu diário, em 20 de outubro, o general Von Bock, “dezenas de milhares de prisioneiros de guerra russos, marchando quase sem guardas a caminho de Smolensk. Quase mortas de cansaço, as pobres criaturas continuam a andar”. “As colunas de prisioneiros russos nas estradas”, comentou nesse dia o coronel Lahousen, assistente do almirante Canaris, “parecem rebanhos de animais descerebrados”. O 6º exército, do general Reichenau, acrescentou Lahousen, “deu ordem para abater a tiro todos os prisioneiros que não consigam andar. Lamentavelmente, isso é feito à

beira da estrada, até mesmo dentro das aldeias, de forma que a população local presencia os incidentes”.

Em Londres, ao saber que os exércitos alemães estavam a cem quilômetros de Moscou, Churchill e seus chefes de estado-maior decidiram que os tanques fornecidos aos russos deveriam ser acompanhados por sobressalentes para três meses, “sejam quais forem os sacrifícios necessários”.

Em 21 de outubro, na frente russa, os 2.500 técnicos da fábrica de maquinaria pesada de Kramatorsk, a sudoeste de Kharkov, estavam prontos para seguir com sua fábrica para leste, após três semanas de esforços incríveis para desmontar as máquinas e carregá-las em trens. Completada a tarefa, as tropas alemãs estavam a apenas onze quilômetros dali. Os técnicos não conseguiram encontrar um trem onde viajar e foram obrigados a caminhar trinta quilômetros até a estação mais próxima em funcionamento.

Paralelamente, haviam começado, na Iugoslávia, três massacres sérvios, perpetrados pelos fascistas ustashi. Em Kragujevac, foram mortos 2.300 homens e rapazes, incluindo classes inteiras de estudantes. Em Kraljeva, foram mortos sete mil e, em Macva, seis mil homens, mulheres e crianças.

Na França, os alemães fuzilavam cinquenta reféns em Nantes, em represália pelo assassinato, na véspera, do comandante militar da região, tenente-coronel Hötz. Também nesse dia, em Rastenburg, a conversa de Hitler ainda era sobre os judeus. “Ao exterminarmos essa peste”, disse aos seus confidentes, “prestaremos à humanidade um serviço de que nossos soldados não fazem a menor ideia”.



Voluntárias russas deixam Moscou para escavarem valas antitanques na linha de frente.

Ignorando o serviço que prestava à “humanidade”, o exército alemão colaborou com as forças especiais e com o exército romeno no cumprimento literal da diretiva lançada pelo general Reichenau em 10 de outubro, em que ordenava “o extermínio das influências asiáticas na região europeia”. Em Odessa, menos de 24 horas depois do comentário de Hitler, teve início o massacre de 25 mil judeus, metade trancada pelos alemães em quatro grandes armazéns, sendo três incendiados. Quem não morreu como vítima das chamas e procurou fugir através de buracos no telhado ou pelas janelas encontrou, à sua espera, uma chuva de granadas de mão e rajadas de metralhadora. O quarto armazém, onde haviam sido reunidos apenas homens, foi destruído pela artilharia.

Hitler não se deixava perturbar por tais ocorrências. Na noite de 21 de outubro, toda a sua conversa incidiu sobre o futuro arquitetônico de Berlim. “Nada será demasiado bom para embelezar Berlim. Quem entrar na chancelaria do Reich deve ter a impressão de visitar o senhor do mundo. Para chegar, será preciso atravessar avenidas amplas, onde ficarão o Arco do Triunfo, o panteão do exército, a praça do Povo – coisas que deixem qualquer um boquiaberto!” A nova Berlim seria construída em granito: “O granito garantirá que nossos monumentos durem para sempre.”

“Decidindo o destino da Europa” (Hitler)

Novembro de 1941

Em 22 de outubro de 1941, realizaram-se, por todo o Japão, exercícios de defesa aérea enquanto Tóquio viveu sua primeira experiência de blecaute. Nesse dia, um avião de reconhecimento japonês, desarmado, partiu de uma base aérea na Indochina para sobrevoar a península da Malásia; em seu relatório, o piloto aconselhou os aeródromos britânicos de Kota Baru e de Alor Star como primeiros alvos da invasão. Os preparativos para o ataque a Pearl Harbor prosseguiram; uma mensagem enviada de Tóquio em 24 de setembro, pedindo ao agente Kita informações sobre a localização de porta-aviões americanos na base, foi decifrada em Washington em 9 de outubro, mas não causou alarme.

Em 24 de outubro, forças alemãs entraram em Kharkov, a segunda maior cidade da Ucrânia. Em Vilna, 3.700 judeus, entre os quais 885 crianças, foram perseguidos pelas ruas do gueto e levados para Ponar, onde seriam fuzilados. Centenas de pessoas, escondidas em caves para escapar à ronda, foram arrastadas para a rua e abatidas.

“Da tribuna do Reichstag”, disse Hitler, nessa noite, aos seus hóspedes em Rastenburg, “profetizei à judiaria que, caso a guerra se revelasse inevitável, o judeu desapareceria da Europa”. Hitler acrescentou:

Sobre a consciência dessa raça de criminosos pesam dois milhões de mortos da Primeira Guerra Mundial e, agora, outros milhares. Não me venham dizer que mesmo assim não temos o direito de mandá-los para as zonas pantanosas da Rússia! E nossas tropas? Quem se preocupa com elas? Não é má ideia circular um boato que atribui a nós um plano de extermínio dos judeus. O terror é salutar.

Em Berlim, o burocrata Adolf Eichmann, encarregado da emigração judaica, aprovou uma proposta apresentada por Heinrich Lohse, na semana anterior, para que os judeus que seriam deportados para Riga, vindos de Berlim, Viena e outras regiões do Reich, incluindo Luxemburgo, fossem mortos por gaseamento no interior de caminhões. A decisão sobre exterminá-los dessa forma foi redigida, no mesmo 25 de outubro, pelo juiz Alfred Wetzel, conselheiro para assuntos judaicos no Ministério dos Territórios Ocupados do Leste; o juiz lembrou que o Dr. Viktor Brack, funcionário da chancelaria de Hitler cujo programa de eutanásia fora recentemente suspenso, havia “coordenado o fornecimento de instrumentos e de material para matar pessoas por meio de gás tóxico”. Para “colaborar com a instalação dos edifícios e das fábricas de gás necessários”, o Dr. Brack estava disposto a enviar a Riga seu especialista em química, Dr. Kallmeyer. O objetivo, explicava o juiz Wetzel, era “evitar incidentes como aqueles ocorridos durante os fuzilamentos de judeus em Vilna”, quando as execuções “foram realizadas à vista de todos”. O “novo processo garante que incidentes semelhantes não sejam possíveis”.

A partir daí, foi posto em prática um plano para matar judeus longe dos olhares da população local e sem obrigar dezenas de unidades do exército ou das forças especiais a abater mulheres e crianças a sangue-frio e a disparar novamente quando as primeiras salvas não faziam mais do que feri-las. Uma experiência de gaseamento foi realizada na pequena cidade de Kalisz, na Polônia Ocidental, durante quatro dias, a partir de 27 de outubro; ao todo, 290 judeus foram retirados de um lar para idosos e colocados em vans fechadas, sob pretexto de transferência para outra cidade. O escapamento fora ligado ao interior do veículo. Enquanto se afastava, lenta e cautelosamente, em direção a um bosque nas imediações da cidade, todos os ocupantes morriam asfixiados.

Quando terminou a última viagem, os 290 judeus estavam mortos, e foi apresentada à comunidade judaica de Kalisz a cobrança pelo “transporte”.

Já era tempo, sem dúvida, para pôr em prática um novo método de assassinato em massa, se queriam evitar os incidentes desagradáveis e mesmo os protestos. Enquanto as vans de Kalisz efetuavam suas viagens entre a cidade e a floresta, chegavam a Berlim dois novos indícios do

caráter pouco satisfatório dos massacres realizados pelas forças especiais. O primeiro foi uma carta de uma jovem alemã católica, Margarete Sommer, escrita em 27 de outubro ao cardeal Bertram acerca de um massacre perpetrado nesse dia em Kovno, quando foram assassinados, no 9º forte da cidade, oito mil judeus locais e outros mil trazidos em trens da Alemanha. Do conjunto de vítimas, segundo o relatório da força especial encarregada das execuções, 4.273 eram crianças. “Os judeus foram obrigados a despir-se”, escreveu Sommer, “numa temperatura de provavelmente 18 graus negativos, e a entrar em ‘sepulturas’ previamente abertas por prisioneiros de guerra russos. Foram, depois, abatidos a rajadas de metralhadora; a seguir, os alemães lançaram granadas dentro das valas. Sem sequer verificar se todos estavam mortos, os homens da força especial mandaram tapar as valas”.

O segundo indício contra a natureza dos massacres realizados pelas forças especiais a chegar a Berlim foi um protesto do comissário civil alemão do território de Slutsk, Dr. Carl, que transmitiu, por telefone e por carta, as declarações das tropas alemãs em Slutsk a propósito de uma perseguição em 27 de outubro. Judeus e russos brancos haviam sido “espancados à paulada e à coronhada” em plena rua, anéis eram arrancados “com a maior brutalidade” e, em várias ruas, “os cadáveres dos judeus abatidos” formavam “pilhas enormes”. A ação, acrescentou Carl, “estava no limite do sadismo”, e toda a cidade se convertera num “cenário de horror”.

O destinatário da carta do Dr. Carl, Wilhelm Kube, comissário geral da Rússia branca, comunicou-a ao ministro dos Territórios Ocupados do Leste, Alfred Rosenberg, em Berlim. “Não é possível manter a paz e a ordem na Rússia branca com esses métodos”, escreveu Kube. “Enterrar pessoas gravemente feridas, que em seguida conseguem sair das sepulturas, é um ato de tal bestialidade”, afirmava, “que o incidente deve ser imediatamente comunicado ao Führer e ao marechal do Reich”.



Na Rússia, as tropas alemãs avançavam. 28 de outubro de 1941.

Os planos para os massacres por gaseamento assegurariam que a maior parte das futuras execuções fosse realizada sob o maior sigilo, através de métodos que exigiriam a presença de menos pessoas e em circunstâncias que reduziriam ao mínimo as manifestações de repúdio ou as denúncias. Antecipando a entrada em vigor desses métodos, era negada aos judeus com passaportes estrangeiros autorização para emigrar, mesmo para regiões submetidas à influência alemã. Ao recusar o pedido de uma judia, Lily Satzkis, para emigrar da Alemanha nazista para a França de Vichy, Adolf Eichmann comentou, em 28 de outubro: “Tendo em vista a solução final do problema judaico na Europa, já próxima, temos de evitar a emigração de judeus para as regiões não ocupadas da França.”

Um terceiro protesto foi formulado também em 28 de outubro, no quartel-general de Von Bock, em Smolensk. Como o coronel Lahousen escreveu em seu diário, foi levantada, numa reunião com um oficial dos serviços secretos, a questão do fuzilamento dos judeus em Borisov, antigo quartel-general de Von Bock. “Sete mil judeus foram liquidados”, registrou Lahousen, “como se fossem ‘sardinhas enlatadas’. As cenas daí resultantes são indescritíveis” – muitas vezes os próprios executores “não conseguiam continuar e, para aguentar, consumiam grandes quantidades de álcool”.

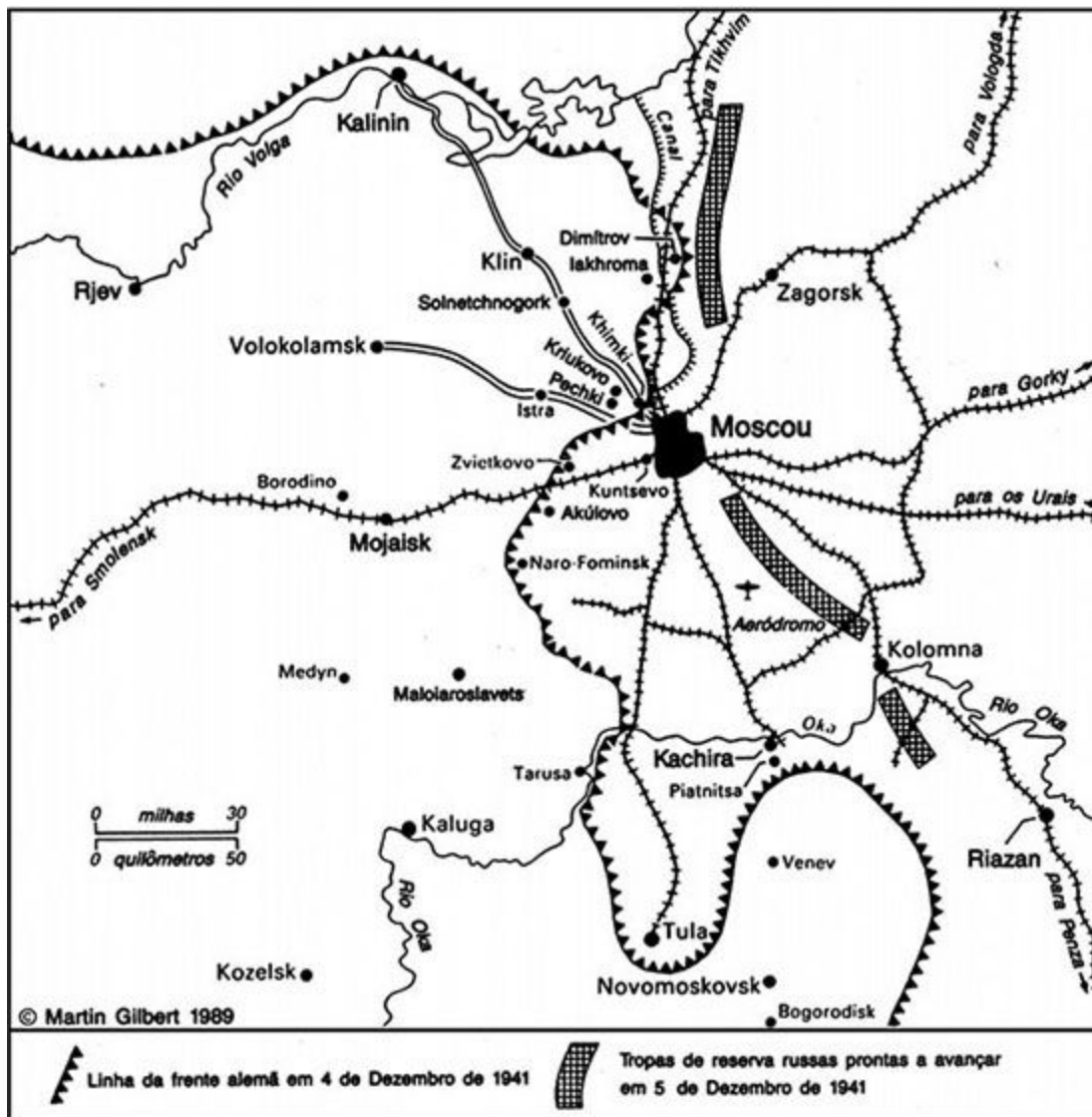
Em 25 de outubro, uma grande quantidade de neve caiu sobre a frente de Moscou. No dia seguinte, em Minsk, os alemães realizaram o primeiro enforcamento público, com a intenção de desencorajar atividades de resistência. Três resistentes foram executados – Kirill Trus, Volodya Scherbatseyvitch e Maria Bruskina, sendo esta uma judia de 17 anos, que trabalhara como enfermeira num hospital de campanha para oficiais russos capturados pelos alemães na batalha de Minsk. Seu “crime” consistia em introduzir no hospital documentos falsos e roupas civis, permitindo a fuga de vários prisioneiros de guerra.

Em 28 de outubro, os alemães chegaram a Volokolamsk, 120 quilômetros a noroeste da capital. No dia seguinte, próximo a Dorodino, entraram em ação as primeiras tropas soviéticas transferidas às pressas do extremo Oriente. Mesmo assim, os alemães acreditavam na vitória: “Estamos convencidos de que acabaremos rapidamente com Moscou”,

comentou o general Eduard Wagner em 29 de outubro. Era evidente que não havia perigo de uma intervenção por parte dos Estados Unidos. Nesse dia, no Atlântico, o contratorpedeiro americano *Reuben James*, que escoltava o comboio HX 156 proveniente de Halifax, Nova Escócia, foi torpedeado e afundado por um submarino alemão; 115 tripulantes, incluindo todos os oficiais, morreram afogados.

Pela segunda vez em duas semanas, Roosevelt não tomou qualquer atitude. Estava determinado a não ser arrastado para a guerra, mas igualmente decidido a auxiliar os países que lutavam contra a Alemanha. Em 30 de outubro, telegrafou a Stálin, comunicando-lhe que dera seu aval à concessão de um bilhão de dólares como auxílio à Rússia, sob a lei Lend-Lease, com isenção de juros e começando o reembolso apenas cinco anos após o fim da guerra.

Em 31 de outubro, a força aérea alemã realizou 45 ataques aéreos a Moscou. Em Leningrado, os russos concluíram a evacuação aérea de 17.614 operários das fábricas de armamento e de 8.590 oficiais feridos do exército, da marinha e da força aérea. Na retaguarda das linhas alemãs, nesse último dia de outubro, duzentos judeus foram fuzilados em Kletsk por tentarem comprar alimentos de não judeus residentes nas imediações do gueto, e, nos estados bálticos ocupados, o general da SS Erich Bach-Zelewski comunicou orgulhosamente a Berlim, no Relatório sobre os Territórios Ocupados no Leste no 6: “Hoje, podemos dizer que não há judeus na Estônia.”



A BATALHA POR MOSCOU, INVERNO DE 1941.

No sul da Rússia, as forças especiais estavam igualmente convencidas da eficácia de seu trabalho; em 31 de outubro, em Poltava, iniciou-se um período de seis dias de execuções, quando foram mortas 740 pessoas, discriminadas no Relatório da Situação Operacional na URSS no 143 como “três funcionários políticos, um sabotador, 137 judeus, 599 doentes mentais”. Os duzentos doentes restantes, internados no hospital psiquiátrico de Poltava, considerados “curáveis”, foram enviados como operários para uma fábrica de instrumentos agrícolas. Após as execuções, o hospital psiquiátrico foi transformado num hospital de campanha, e a “roupa íntima, o vestuário e os utensílios domésticos” dos antigos pacientes foram postos à disposição do novo hospital.

* * *

Em 30 de outubro, o almirante Canaris visitou Hitler em Rastenburg. Quando perguntado sobre o tempo na frente, respondeu numa palavra: “Mau!” Em Rastenburg, o solo passou o dia 1º de novembro coberto de neve. Hitler não desanimou. “Se a Rússia for vencida”, disse ele aos seus convidados em 2 de novembro, “a Europa se estenderá para leste até os limites da colonização alemã. Nos territórios orientais, substituirei as designações eslavas por nomes alemães. A Crimeia, por exemplo, poderá chamar-se Gothenland”. Em 3 de novembro, numa nova medida de germanização, a catedral da Assunção em Kiev foi dinamitada.

A leste de Leningrado, o exército alemão cortava a ligação ferroviária a Vologda e avançava até Tikhvin, centro de abastecimento aéreo a Leningrado. No mesmo dia, em Tóquio, a ordem ultrassecreta no 1 para a Frota Conjunta foi transmitida a todos os comandantes implicados: Pearl Harbor deveria ser atacado dentro de 34 dias. Em simultâneo, seriam alvo de outros ataques a Malásia britânica, as Índias Orientais holandesas e a base americana nas Filipinas.

No dia seguinte, o general MacArthur, comandante das forças americanas e filipinas, recebeu uma carta do general Marshall, escrita em Washington. “Teremos tudo o que pedimos”, exclamava, encantado, seu chefe de estado-maior. Porém, uma leitura atenta da carta revelava que os tanques, canhões e soldados que MacArthur solicitara, embora aprovados, somente estariam nos respectivos postos em abril de 1942.

Em 4 de novembro, a canhoneira soviética *Konstruktor*, que transportava refugiados, em sua maioria mulheres e crianças, de uma margem para a outra do Ladoga, foi atingida por um bombardeiro de mergulho alemão, matando 170 refugiados e 34 tripulantes. Em 6 de novembro, no vigésimo quarto aniversário da revolução bolchevique, Stálin discursou, em Moscou, para um grupo de funcionários do Partido, reunido no suntuoso átrio de mármore da estação de metrô Maiakovsky. Os alemães eram “homens com moral de bestas”, afirmou. “Se querem uma guerra de extermínio, é o que terão.”

Na mesma data, os aviões de guerra japoneses, decolando de porta-aviões, efetuaram um treino de 320 quilômetros contra o equivalente japonês a Pearl Harbor, a baía de Kagoshima. Os métodos de ataque adotados seriam utilizados no dia da ofensiva propriamente dita.

Em 7 de novembro, Stálin esteve na praça Vermelha, onde, do alto do mausoléu de Lênin, passou em revista suas tropas, incitando-as, em seu discurso, a fazerem tudo para defender a “santa Rússia”. Os soldados saíram da praça Vermelha pela rua Gorki, seguindo para a frente de combate. O solo endurecera durante a noite, possibilitando o avanço dos tanques alemães, finalmente a salvo da lama pegajosa que tudo invadia e impregnava e que constituía um obstáculo tão grande ao seu avanço nas duas últimas semanas de outubro.

Enquanto Stálin via seus soldados abandonarem a praça Vermelha rumo à frente, no final da parada em 7 de novembro, Roosevelt alargava o âmbito da lei de Lend-Lease no que dizia respeito à União Soviética, que, entretanto, já havia recebido quantidades consideráveis de armamento americano e britânico fabricado nos Estados Unidos. Por sua parte, os britânicos retomavam seus enérgicos ataques contra a Alemanha; nas incursões de 7 de novembro, contra Berlim, Colônia e Mannheim, perderam-se 37 entre os quatrocentos aviões atacantes, devido a condições atmosféricas excepcionalmente más.

Havia dias que os alemães lançavam em Leningrado não bombas, mas panfletos, aconselhando os habitantes a preparar-se para o dia 7 de novembro. “Tomem banho e vistam seus trajes brancos. Comam suas

últimas refeições. Deitem-se nos caixões e preparem-se para morrer. Em 7 de novembro, o céu estará azul – colorido pelas explosões das bombas alemãs.”

Tal como as bombas britânicas caíam em Berlim, as bombas alemãs caíam em Leningrado, enquanto na retaguarda das linhas alemãs, nos arredores de Minsk, na Rússia branca, doze mil judeus eram massacrados em fossas. Três dias depois, chegou a Minsk um trem com mil judeus vindos de Hamburgo. “Sentiam-se”, recordou uma testemunha ocular, “como pioneiros trazidos para colonizar o Leste”. Poucos sobreviveriam aos massacres dos meses seguintes; os seis mil judeus de Frankfurt, de Bremen e do Reno que se juntaram a eles ainda nesse mês não tiveram melhor sorte.

“Por mais que a guerra dure”, disse Hitler nas comemorações anuais do Putsch da Cervejaria em Munique, em 8 de novembro, “o último batalhão em campo será alemão”. E acrescentou, em tom de triunfo: “Estamos decidindo o destino da Europa para os próximos mil anos.” Nesse dia, no Mediterrâneo, um comboio naval ítalo-germânico, transportando combustível para a força aérea alemã e uma grande remessa de veículos motorizados para o exército de Rommel no norte da África, foi atacado por dois cruzadores ligeiros e dois contratorpedeiros. Os sete navios de abastecimento foram afundados. As respectivas cargas, sua data de partida, a composição da escolta e a rota que seguiriam no Mediterrâneo foram reveladas à marinha britânica pela interceptação regular e corrente das mensagens navais italianas.

Na Rússia, a pequena cidade de Tikhvin, a leste de Leningrado, por onde chegava boa parte dos abastecimentos, caiu em mãos alemãs. O cerco a Leningrado estava completo. Em 9 de novembro, na Crimeia, as forças alemãs ocuparam Yalta. Na Iugoslávia, o general Mihailovic e suas forças chetnik revelavam sua intenção de aniquilar Tito e seus resistentes comunistas antes de um ataque aos alemães, que ganhavam, assim, um inesperado e não intencionado aliado.

Em território britânico, num êxito contra o Eixo, dois agentes noruegueses – que supostamente trabalhavam para os alemães sob os codinomes Jack e O. K. e que haviam desembarcado na Escócia, vindos da Noruega, em 7 de abril de 1941, aceitando imediatamente trabalhar para a Grã-Bretanha – “organizaram” uma ação de sabotagem num

armazém do Ministério da Alimentação em Wealdstone, nos arredores de Londres. “Bomba incendiária em armazém de alimentos”, anunciou um jornal. “Provável origem criminosa do incêndio de um armazém de alimentos”, declarou outro. Para o coronel Lahousen, fora um êxito de “Jack” e “O. K.”, mas, para os britânicos, tratava-se de uma prova de que seu sistema de agentes duplos continuava a funcionar, graças, nesse caso, a “Mutt” e a “Jeff”.

Na mesma noite, em Leningrado, a orquestra sinfônica da Rádio, dirigida por Karl Eliasberg, transmitiu, da sala de concertos da cidade, a “Nona Sinfonia” de Beethoven. A apresentação foi transmitida ao vivo para Londres. “Tocamos, sem interrupção, duas partes da sinfonia”, recordou Eliasberg. “Quando começou a terceira, ouvimos o apito das sirenes e, quase imediatamente, o impacto das bombas que caíam por perto e as rajadas da artilharia antiaérea. Todo o edifício estremecia. Com esse acompanhamento, a orquestra executou a sinfonia até o fim. Depois, o locutor despediu-se, desejando boa-noite aos ouvintes na Grã-Bretanha.”



Outubro de 1941; russos mortos numa das principais ruas de Leningrado após um dos primeiros bombardeios alemães sobre a cidade.

Em 12 de novembro, a temperatura na frente de Moscou desceu a doze graus negativos. Muitos soldados alemães encontraram nas ulcerações provocadas pelo frio um inimigo inesperado e mutilante. Hitler, em Berlim, continuava a falar sobre o que aconteceria após a vitória sobre a Rússia. “Daremos aos nativos tudo de que precisam: comida em abundância e bebida de má qualidade. Se não trabalharem, vão para campos de concentração e serão privados de álcool.” Das laranjas ao algodão, acrescentava Hitler, “tudo por ser produzido naquele país”.

Hitler tinha motivos para estar bem-humorado nessa semana; no mar, em 13 de novembro, o submarino alemão U-81, comandado pelo tenente Guggenberger, torpedeou, próximo a Gibraltar, o porta-aviões britânico *Ark Royal*. O navio afundou no dia seguinte. A data também foi importante para a causa britânica, pois o Congresso americano aprovou, por uma margem que um historiador qualificou como “assustadoramente estreita” – 212 votos contra 194 –, uma emenda ao Ato de Neutralidade, permitindo não apenas que todos os navios mercantes americanos viajassem armados, mas que navegassem nas zonas de guerra. “Isso representa um grande auxílio a nós”, escreveu, em seu diário, o rei George VI, dois dias depois, “embora, ao que parece, o presidente tenha precisado enviar uma mensagem especial ao Congresso para conseguir tal aprovação”.

De tantos em tantos dias, eram enviados a cerca de trinta altos funcionários alemães, a partir de Berlim, exemplares dos Relatórios da Situação Operacional na URSS. O relatório no 133, despachado em 14 de novembro, foi recebido por sessenta pessoas e continha dados pormenorizados acerca de alguns massacres de judeus realizados em outubro: novecentos em Mstislavl; 2.200 em Gorki, a noroeste de Mogilev; e 3.726 “de ambos os sexos e de todas as idades” em Mogilev. “Ninguém sofre mais cruelmente do que os judeus os crimes nefandos perpetrados por Hitler e pelo seu torpe regime sobre os corpos e os espíritos dos homens”, escreveu Churchill nesse dia, num comunicado publicado no centenário do jornal *Jewish Chronicle*, de Londres.

Graças à interceptação de pelo menos dezessete mensagens da polícia alemã, enviadas no sistema de códigos Enigma, Churchill estava

informado de parte, senão de todos os recentes massacres, e, por conseguinte, acrescentava: “O judeu sofreu o impacto da primeira ofensiva nazista contra as cidadelas da liberdade e da dignidade humana. Suportou, e ainda suporta, um fardo aparentemente superior a toda a capacidade de resistência, mas não permitiu que isso vencesse sua coragem: nunca perdeu a vontade de resistir.”

Os Relatórios da Situação Operacional na URSS enumeravam mais de cem exemplos de resistência por parte dos judeus nesse outono e inverno e continham variados dados sobre sua participação em ações de guerrilha. O relatório de 14 de novembro, por exemplo, falava da prisão e da execução de 55 resistentes em Mogilev, entre os quais 22 judeus “que trabalhavam com zelo fanático para fortalecer a organização”. Também em Mogilev, segundo o relatório, seis judeus e uma judia – Fania Leikina – “foram liquidados por se recusar a usar o distintivo judeu e por fazer inflamada propaganda contra a Alemanha”.

Os homens que realizavam essas execuções e liquidações, quer no campo de batalha, quer nos campos de concentração, não podiam aspirar a uma cruz de ferro, mas seus superiores queriam que fossem recompensados. Aparentemente, a cruz de Trabalhos de Guerra seria uma condecoração apropriada. Em 14 de novembro, o comandante do campo de concentração de Gross-Rosen solicitou uma lista dos “motivos” válidos para a atribuição de tal cruz, querendo saber se contavam as “execuções”, isto é, “ações especiais”, ou tarefas mais “rotineiras”. Seis dias depois, recebeu uma resposta do inspetor dos campos de concentração, o tenente-coronel da SS Liebehenschel. Entre os “motivos” a considerar, aconselhava, “deve estar o ‘cumprimento de missões de guerra de importância vital’”, e acrescentava que “a palavra ‘execução’ não deve, em caso algum, ser utilizada”.

Um entre os indivíduos mais envolvidos nas execuções, Heinrich Lohse, comissário do Reich para a região de Ostland, no Báltico, tomara, no início de novembro, a iniciativa de suspender os massacres em curso em Liepaja. Interrogado por seus superiores quanto aos motivos, respondeu, em 15 de novembro, que “o modo como as execuções eram realizadas não tinha justificativa possível”. Seu protesto não tinha motivos de ordem moral, mas econômica: era destruída muita mão de obra útil à economia de guerra. Pretendiam, perguntava Lohse, que os

judeus fossem liquidados “independentemente de idade, sexo e fatores econômicos”? A resposta enviada a Lohse pelo ministro dos Territórios do Leste, Alfred Rosenberg, foi que as exigências de caráter econômico “deveriam ser ignoradas”.

Os morais extremos do nazismo ficaram patentes quando, nessa data, Himmler emitiu um decreto, em nome de Hitler, ditando que qualquer homem da SS ou da polícia “envolvido em comportamento indecente com outro homem ou que se deixasse aliciar para fins indecentes seria condenado à morte e executado”.

Na frente de batalha, o dia 15 de novembro foi assinalado por uma queixa do general Eicke, da divisão da caveira, que dizia que muitos alemães étnicos da divisão – indivíduos de língua e cultura alemã que viviam em zonas exteriores ao território alemão de 1938 – automutilavam-se para não ser obrigados a combater por mais tempo e que eram numerosos os incidentes provocados por essa covardia. Contudo, a pressão da batalha começava a afetar os próprios alemães; desde que entrara em território russo, dezoito semanas antes, sua divisão sofrera 8.993 baixas; ou seja, metade de seus efetivos iniciais. No dia seguinte, registraram-se em toda a frente oriental condições atmosféricas especialmente difíceis; na região de Moscou, os regimentos de esquiadores russos entraram em ação pela primeira vez.

As forças alemãs estavam no limite de sua capacidade; numa mensagem da força aérea, enviada no sistema Enigma em 16 de novembro e lida pelos decifradores de Bletchley, um oficial encarregado da ligação com as tropas alemãs na região de Kursk queixava-se, dizendo que havia duas semanas que não aparecia na zona um único avião de combate alemão. No dia seguinte, Ernst Udet, o “ás” da aviação de combate da Primeira Guerra Mundial, que desde 1939 ocupava o cargo de diretor-geral de equipamentos da força aérea alemã, suicidou-se, em parte devido aos fracassos da força na frente oriental.

Outro “ás” da aviação da Primeira Guerra Mundial, Werber Molders, esteve no enterro de Udet, deslocando-se expressamente da Crimeia, onde dirigia as operações da força aérea. No voo de regresso, o nevoeiro

e a chuva obrigaram-no a tentar uma aterrissagem de emergência em Breslau, a que não sobreviveu.

Nem nesse momento crítico de batalha os dirigentes nazistas conseguiam libertar-se de sua obsessão relativa aos judeus. Em 16 de novembro, Goebbels escreveu na revista *Das Reich*: “Os judeus quiseram a guerra, e agora a têm.” Porém, acrescentou que “está também cumprindo-se a profecia que o Führer fez no Reichstag alemão em 30 de janeiro de 1939, segundo o que, caso os judeus do meio financeiro conseguissem atirar novamente o mundo à guerra, o resultado não seria a bolchevização e a consequente vitória da judiaria, mas o aniquilamento da raça judaica na Europa. Estamos assistindo a esse processo, mediante o que se cumpre para a judiaria um destino duro, contudo mais do que merecido. A compaixão ou os escrúpulos seriam aqui inteiramente deslocados”.

Em 17 de novembro, Himmler telefonou a Heydrich, em Praga, para discutir aquilo a que suas notas chamaram “a eliminação dos judeus”. No mesmo dia, oito judeus de Varsóvia foram executados por tentar sair do gueto em busca de comida. Um entre eles, uma jovem que ainda não completara 18 anos, pediu, poucos momentos antes de seu fuzilamento, que dissessem à sua família que ela havia sido enviada para um campo de concentração e que não a veriam por algum tempo. Outra moça “dirigiu-se a Deus”, registrou o diarista Chaim Kaplan, “implorando-lhe que aceitasse seu sacrifício como expiação em nome de todo o seu povo, permitindo que fosse ela a última vítima”.

Outro diarista do gueto, Emanuel Ringelblum, escreveu que, durante a execução dos oito judeus, um grupo de oficiais da SS assistiu à cena, “fumando calmamente seus cigarros e comportando-se com o maior cinismo”.

Os limites da conquista alemã

Dezembro de 1941

Na frente oriental, a posição dos alemães, tão impressionante no mapa, piorava a cada dia. A partir de meados de novembro de 1941, o frio era tanto que as sentinelas que adormeciam acidentalmente em seus postos eram encontradas mortas, congeladas, na manhã seguinte. Os russos estavam mais habituados a sobreviver em temperaturas tão baixas. Além disso, defendiam sua pátria e sua capital. Em 17 de novembro, próximo de Volokolamsk, um soldado raso, Efim Diskin, único sobrevivente de sua bateria antitanque e também gravemente ferido, destruiu cinco tanques alemães com sua única arma. Mais tarde, recebeu o galardão de Herói da União Soviética.

Os russos não somente lutavam com uma tenacidade que surpreendia os opositores alemães, como recebiam reforços regularmente. Em 18 de novembro, as tropas alemãs que atacavam Venev foram, por sua vez, atacadas por uma divisão siberiana e por uma brigada de blindados, ambas recém-chegadas do extremo Oriente junto com um complemento substancial de tanques T-34. O frio era tanto que as armas automáticas alemãs disparavam apenas tiros isolados. À medida que as tropas siberianas avançavam, com seus camuflados brancos, “o pânico”, assinalou um relatório do exército alemão, “chegou até Bogorodisk. Foi a primeira vez que isso aconteceu na campanha russa e um aviso de que a capacidade de combate de nossa infantaria chega ao fim, já não se podendo esperar que seja bem-sucedida em missões mais difíceis”.

Dezoito de novembro foi marcado também pelo lançamento da operação britânica Crusader no norte da África. Alertadas pelas mensagens Enigma dos alemães para as fraquezas e para a disposição das forças de Rommel, tropas britânicas, australianas e de outros países da

Commonwealth atacaram as linhas inimigas. Após um primeiro momento, em que Rommel conseguiu defender suas posições, as linhas foram flanqueadas, obrigando-o a retirar-se para El Agheila, ponto de onde partira, oito meses antes, sua ofensiva contra o Egito. No extremo Oriente, em contrapartida, as forças da Commonwealth registravam uma derrota naval, quando o *Kormoran*, um cargueiro alemão adaptado como navio de guerra, afundou o cruzador ligeiro australiano *Sydney* na costa da Austrália. Nenhum entre os 645 oficiais e tripulantes do *Sydney* se salvou. O *Kormoran* também afundou, mas salvou-se a maior parte da tripulação.

Os russos começavam a preparar-se para uma ofensiva de grande envergadura, com o intento de salvar Moscou. Muito habilmente, conseguiram ocultar dos pilotos de reconhecimento e dos serviços secretos alemães o avanço de suas reservas. O “inimigo”, comentou o general Halder em seu diário, em 18 de novembro, “não tem forças na retaguarda e, provavelmente, está numa situação ainda pior do que nós”. Quem vivia uma “situação” muito pior do que todos os combatentes que se defrontavam nos campos gelados da Rússia ou nas dunas da Líbia eram os três milhões de homens do Exército Vermelho, ou talvez ainda mais, capturados pelos alemães ao longo dos cinco meses anteriores. O destino de sete mil homens como esses foi descrito pelo comandante de um regimento da artilharia alemã, que os viu no campo de concentração. As janelas do edifício onde viviam, escreveu ele, “têm vários metros de altura e de largura e não têm resguardo de qualquer espécie. O edifício também não tem portas. Os prisioneiros vivem, assim, praticamente ao ar livre, e, todos os dias, morrem de frio às centenas, para não falar naqueles que sucumbem à exaustão”.

Em 20 de novembro, os alemães tomaram Rostov-do-Don, a menos de dezesseis quilômetros dos contrafortes ocidentais do Cáucaso. Também nesse dia, numa ordem transmitida a todos os seus homens, o general Von Manstein declarou: “Os judeus são os mediadores entre o inimigo em nossa retaguarda e aquilo que ainda resta do exército e dos dirigentes vermelhos.” O soldado alemão no Leste, em sua luta contra os bolcheviques, era “portador de uma ideologia nacional implacável” e devia, por conseguinte, “compreender a necessidade de uma vingança severa, mas justa, contra a judiaria sub-humana”.

Nove dias depois, 4.500 judeus eram assassinados no porto de Kerch, na Crimeia; duas semanas depois, 14.300 judeus foram mortos em Sebastopol. Os massacres foram presenciados por centenas de pessoas e pormenorizadamente descritos nos Relatórios da Situação Operacional na URSS, distribuídos para altos funcionários e oficiais superiores alemães em trinta a sessenta exemplares. Muito mais secretas eram as experiências de gaseamento, quase em fase operacional. “Falei por telefone com o Dr. Heyde”, escreveu à sua mulher, em 20 de novembro, um entre os peritos em “eutanásia” do campo de concentração de Buchenwald, Dr. Fritz Meinecke, “e disse-lhe que eu poderia resolver tudo sozinho; por isso, hoje ninguém ajudou-me”; quanto à “composição dos doentes”, acrescentou Meinecke, “prefiro não escrever nada aqui”.

Em 21 de novembro, Albert Speer pediu a Hitler trinta mil prisioneiros de guerra russos para trabalharem na construção dos novos e monumentais edifícios da cidade. Hitler concordou. As obras, disse ele, poderiam começar antes do fim da guerra. Entre os projetos que Speer mostrou a Hitler, havia um grande edifício para a chancelaria e um gabinete para o marechal do Reich, Gøring. Hitler desenhou para Speer, a tinta, numa folha pautada, um Monumento da Libertação a construir em Linz, no Danúbio, próximo ao seu local de nascimento. A obra, um imponente arco, seria o elemento mais destacado de um estádio com capacidade para milhares de espectadores.

O cerco a Leningrado, onde a fome aumentava, continuava. Em 22 de novembro, uma coluna de sessenta caminhões, comandada pelo major Porchunov, seguindo os trilhos deixados na véspera por cavalos e trenós, atravessou as águas geladas do Ladoga carregando 33 toneladas de farinha para a cidade assediada. Um condutor, Ivan Maximov, recordou como as coisas se passaram:

Eu seguia nessa coluna. O lago estava envolto numa noite escura e em ventania. Ainda não havia neve, e aquela extensão de gelo, sulcada por riscos negros, parecia mar aberto. Tenho de reconhecer que senti o coração apertado por um medo pavoroso. Tremiam-me as mãos, com certeza devido à tensão e à fraqueza – havia quatro dias que

comíamos apenas um biscoito (...), mas nossa coluna chegara de Leningrado, onde havíamos visto pessoas morrerem de fome. A salvação estava ali, na margem oriental. E sabíamos que precisávamos chegar ali a qualquer custo.

Um caminhão e seu condutor perderam-se na travessia, caindo por um buraco no gelo e desaparecendo nas águas. Nos sete dias seguintes, efetuaram-se outras seis travessias, levando para a cidade oitocentas toneladas de farinha e combustível. Porém, nesses dias, mais quarenta caminhões afundaram. Na estrada que conduzia à margem do lago, os bombardeamentos alemães fizeram algumas baixas, assim como a neve; em três dias, 350 caminhões foram abandonados nos montes de neve que o vento acumulava nas imediações de Novaya Ladoga. Os russos dispunham, ao todo, de 3.500 caminhões, embora mais de mil estivessem sempre avariados, à espera de reparação. Ainda assim, haviam aberto uma via de abastecimento à cidade, embora precária e incapaz de reduzir substancialmente o número diário de mortes por inanição; durante novembro, não menos do que quatrocentas pessoas morriam de fome diariamente.



Tropas soviéticas, sob o olhar atento de Stálin, preparam-se para a defesa de Moscou.

Esta foto mostra a apresentação da bandeira dos Guardas à Primeira Divisão de Infantaria Motorizada dos Guardas de Moscou, em 22 de novembro de 1941. No dia seguinte, tropas alemãs chegaram a uma aldeia situada apenas a trinta milhas de Moscou.

A fome no gueto da Varsóvia ocupada pelos alemães também era uma presença constante, à qual sucumbiam diariamente duas centenas de judeus. “Nas ruas”, registrou em seu diário Mary Berg, em 22 de novembro, “os cadáveres humanos congelados são um espetáculo cada vez mais frequente”. Às vezes, escreveu, via-se uma mãe “embalar o filho morto de frio, tentando aquecer o pequeno corpo inanimado. Outras vezes é uma criança que se aninha contra a mãe, pensando que ela está dormindo e tentando acordá-la, quando, na realidade, está morta”.

O governo japonês escondia seus preparativos para a guerra atrás de uma onda de negociações com Washington e Londres. “Eu não alimento grandes esperanças”, telegrafou Churchill a Roosevelt em 20 de novembro, “e devemos estar preparados para a eventualidade de ter problemas sérios, possivelmente muito em breve”. Dois dias depois, sob um cerrado véu de segredo e enquanto prosseguiam, em Washington, as negociações entre americanos, britânicos, holandeses e australianos sobre o último documento dos japoneses, procederam à operação Z; ou seja, ao agrupamento da 1ª Frota Aérea japonesa na baía de Takan, nas ilhas Curilas. Era uma força impressionante, embora permanecesse oculta: seis porta-aviões, um cruzador ligeiro e nove contratorpedeiros, apoiados por dois couraçados, dois cruzadores pesados e três submarinos de reconhecimento.

Enquanto tais forças navais se reuniam no Pacífico Norte, do outro lado do globo, no Atlântico Sul, o mesmo dia marcou o fim da carreira do corsário alemão *Atlantic*. O mais eficaz entre os corsários alemães desde o início da guerra, com mais de 140 mil toneladas de navios mercantes aliados em seu *palmarès*, foi atacado e afundado pelo cruzador britânico *Devonshire* enquanto reabastecia um submarino alemão.

Na frente de Moscou, as forças alemãs avançaram, em 23 de novembro, até 48 quilômetros da capital, alcançando a aldeia de Istra, um centro de peregrinação da Rússia ortodoxa, conhecido pelos crentes como Nova Jerusalém. No dia seguinte, as cidades de Klin e de Solnechnogorsk foram tomadas pelos alemães, abrindo-se, assim, a principal autoestrada de Moscou para o norte.

No extremo Oriente, uma sensação de perigo iminente impunha-se aos conselheiros anglo-americanos; tropas canadenses estavam a caminho de Hong Kong e, em 24 de novembro, as autoridades de Washington informavam a todos os comandantes militares no Pacífico que deveriam contar com a possibilidade de um “movimento agressivo em qualquer direção, incluindo um eventual ataque contra as Filipinas ou Guam”. Não se fazia qualquer referência a Pearl Harbor.

Para inverter a maré da guerra no norte da África, os alemães enviaram dois navios, o *Maritza* e o *Procida*, para Benghazi, transportando o combustível decisivo para as ações da força aérea alemã. Uma mensagem Enigma, decifrada em Bletchley em 24 de novembro, comunicava que tais navios estavam a caminho. Churchill insistiu para que fosse realizada uma operação com base nos dados da mensagem interceptada. Vinte e quatro horas depois, ambos os navios estavam afundados. Uma nova mensagem Enigma, decifrada no dia seguinte, revelava que, em consequência do afundamento das embarcações, o abastecimento de combustível à força aérea estava “seriamente ameaçado”. O comandante-chefe britânico, general Auchinleck, exortou suas tropas: “Ataquem e avancem, com todos os meios de que possam dispor e por toda a parte.” Churchill telegrafou, no mesmo dia, a Auchinleck: “Um ataque com força contra o inimigo, envolvendo todas as unidades, o estrangulará.”

Enquanto as forças britânicas se esforçavam para aproveitar as informações recebidas através de seus serviços secretos sobre as fraquezas de Rommel, um submarino alemão, U-331, comandado pelo tenente Von Tiesenhausen, afundava o couraçado britânico *Barham* na costa de Solum, afogando 868 homens. Dois dias depois, a corveta australiana *Parramatta* foi torpedeada na costa de Tobruk, matando 138 homens.

Em Berlim, celebrou-se, em 25 de novembro, o quinto aniversário do Pacto Anticomintern. Um número considerável de estados estava associado ao objetivo de derrotar a Rússia comunista: Alemanha, Itália, Japão, Hungria, Espanha, Bulgária, Croácia, Dinamarca, Finlândia, Romênia e Eslováquia.

No mesmo dia, os defensores russos ao sul da capital foram repelidos, através de Venev, até a aldeia de Piatnitsa, a apenas seis quilômetros da ponte do rio Oka, em Kashira. Ao norte de Moscou, unidades avançadas alemãs atravessaram o canal Volga-Moscou em Yakhroma e em Dimitrov, ameaçando um cerco à capital. Após a queda da aldeia de Peshki, ao leste de Istra, e de uma nova retirada soviética para Kryukovo, o comandante soviético, general Rokossovski, ordenou: “Kryukovo é o ponto final de retirada. Não é possível recuar mais. Não há para onde recuar.”

Se Stálin estava preocupado, Hitler também; seu ajudante de ordens, major Engel, anotou num diário, após uma longa conversa durante a noite:

O Führer justificou sua grande inquietação quanto ao inverno russo e às condições atmosféricas; diz ele que começamos com um mês de atraso. O ideal teria sido obrigar Leningrado a render-se, ocupar o sul e, depois, caso fosse necessário, capturar Moscou numa tenaz empreitada a partir do sul e do norte, continuando a avançar pelo centro.”

Engel acrescentava: “O tempo é agora seu maior pesadelo.

No território alemão, as experiências de gaseamento prosseguiram; em 25 de novembro, no campo de concentração de Buchenwald, o Dr. Fritz Meinecke recebia, conforme escreveu em carta à mulher, “a segunda remessa de 1.200 judeus”, mas, explicava, “não tivemos de ‘examiná-los’”. Não era necessário qualquer exame médico, apenas o registro, nas respectivas fichas, de sua iminente liquidação. Os 1.200 judeus foram enviados para uma clínica em Bernburg, a 160 quilômetros do campo, e gaseados. Um novo contingente de 1.500 judeus, vindos de Berlim, de Munique e de Frankfurt, fora deportado dias antes para Kovno, acreditando que estavam a caminho de um campo de trabalho. Porém, fecharam-nos durante três dias em celas subterrâneas do nono forte da cidade, sem comer ou beber, passando frio entre as paredes cobertas de gelo e à mercê de ventos glaciais; depois, em 25 de novembro, levaram-nos, gelados e famintos, para uma série de valas previamente abertas, ordenando-lhes que se despirsem. Em suas malas, foram encontrados folhetos em que os judeus eram instados a preparar-se para um inverno “difícil”. “Eles não queriam despir-se”, contou, mais tarde, a um judeu

de Kovno, o Dr. Aharon Peretz, “e resistiram aos alemães”. Era, contudo, uma luta desigual, desesperada, e todos foram fuzilados; a força especial registrou, com sua precisão costumeira, o número de judeus mortos naquele dia: “1.159 homens, 1.600 mulheres, 175 crianças”. Quatro dias depois, foram “693 homens, 1.155 mulheres, 152 crianças”, designados como “colonos de Viena e de Breslau”; o número total de vítimas, nas duas “ações”, aproximava-se de seis milhares.

Em 25 de novembro, o almirante Stark informou ao homólogo Kimmel que, em Washington, nem Roosevelt nem Cordell Hull se surpreenderiam se os japoneses lançassem um ataque “surpresa”. Um ataque às Filipinas seria “muito embaraçoso”. Stark calculava que os japoneses atacariam a estrada da Birmânia.

O almirante Kimmel, comandante da base de Oahu, no Pacífico, de que Pearl Harbor fazia parte, discutia, nesse momento, com o general Short, a hipótese do deslocamento de navios de guerra de Pearl Harbor para reforçar as ilhas Wake e Midway. “O exército pode auxiliar a marinha?”, perguntava Kimmel a Short. Porém, ao que parece, o exército não tinha artilharia antiaérea disponível.

Os serviços secretos americanos sabiam, através da interceptação de uma mensagem diplomática japonesa, que 25 de novembro fora fixado como término das negociações. Se não se chegasse a um acordo, dizia a mensagem, “as coisas começarão a suceder automaticamente”. Não se explicava que “coisas” eram essas, mas, na data estipulada, foram avistados, na costa de Formosa, a caminho da Malásia, navios japoneses de transporte de tropas. No dia seguinte, sem conhecimento dos americanos, a 1ª Frota Aérea japonesa partiu das ilhas Curilas, seguindo uma rota sinuosa no Pacífico Norte e abstendo-se de quaisquer comunicações por rádio.

Enquanto a frota prosseguia, afinal, em seu trajeto até Pearl Harbor, os Estados Unidos comunicavam aos negociadores japoneses em Washington os termos para um acordo: o Japão deveria abandonar os territórios ocupados na China e na Indochina, desistir de seu apoio ao governo fantoche chinês de Nanquim e desligar-se do Eixo.

Em 27 de novembro, Roosevelt e seus conselheiros concluíram que o Japão estava decidido a entrar na guerra. “Ação hostil possível a qualquer momento”, telegrafou o Departamento da Guerra, em Washington, ao general MacArthur, nas Filipinas. “Se as hostilidades não puderem ser evitadas”, prosseguia o telegrama, “os Estados Unidos pretendem que o Japão cometa o primeiro ato de guerra aberta”. No mesmo dia, o almirante Stark, chefe das operações navais do Comando Supremo dos Estados Unidos, enviou a todos os comandantes da frota americana na Ásia e no Pacífico um “aviso de estado de guerra”.



PEARL HARBOR, DEZEMBRO DE 1941.

Na frente de Moscou, as forças soviéticas conseguiram, em 27 de novembro, deter o avanço alemão e, em certos pontos, obrigá-los a recuar três ou quatro quilômetros. “Fizemos prisioneiros”, comunicou Zhukov a Stálin. As operações da resistência soviética também eram contínuas. Nessa noite, uma unidade da divisão da caveira foi atacada em seu quartel, ao sul do lago Ilmen, por um grupo de guerrilheiros que incendiou seus edifícios e viaturas e matou quatro alemães, deixando para trás doze homens gravemente feridos e um acampamento em chamas.

“Surgiram novas forças na direção do rio Oka”, registrou o general Halder. Também a noroeste de Moscou “o inimigo aparentemente avança com novas forças”. Os reforços soviéticos não tinham grandes dimensões, acrescentava Halder, “mas chegavam numa sucessão interminável, retardando, dia após dia, nossas tropas exaustas”.

Em 28 de novembro, os alemães foram obrigados a abandonar Rostov-do-Don – era seu primeiro revés sério na frente oriental. No triângulo Zagorsk-Dimitrov-Yakhroma, concentravam-se doze batalhões de reserva de esquiadores, enfrentando os alemães que haviam cortado a estrada Moscou-Kalinin em Klin; mais ao sul, ainda que os alemães houvessem bombardeado as linhas da estrada de ferro, o 10º exército soviético avançou de Shilovo para Ryazan. “Prosseguem motivações inimigas a partir do Sul em direção a Ryazan”, escreveu em seu diário, no dia seguinte, o general Halder.

Em Berlim, Hitler soube, em 28 de novembro, que o cerco a Tobruk fora quebrado e que Rommel recuava. No mesmo dia, recebeu o mufti de Jerusalém, Haj Amin el-Husseini, que lhe disse que “o mundo árabe estava firmemente convencido da vitória alemã, não só em virtude de seu grande exército, de seus bravos soldados e dos brilhantes estrategistas ao seu dispor, mas porque Alá nunca concederia a vitória a uma causa injusta”. Como resposta, Hitler lembrou ao mufti que a Alemanha declarara guerra aos judeus. Tal atitude, disse ele, “implicava naturalmente uma firme oposição ao estabelecimento de uma pátria judaica na Palestina”. A Alemanha estava “decidida”, acrescentou Hitler, “a desafiar uma a uma as nações europeias para que resolvam a questão judaica, e, quando chegar o momento, endereçar o mesmo apelo aos povos não europeus”.

Hitler disse ao mufti que, após alcançar “a passagem do Cáucaso para o sul”, ofereceria ao mundo árabe “sua garantia pessoal de que era chegado o momento da libertação. A partir daí, o único objetivo da Alemanha na região seria exterminar os judeus que residiam sob proteção britânica nos territórios árabes”.

A marcha em direção ao Cáucaso encontrava-se, ao menos temporariamente, suspensa. Na sequência da perda de Rostov-do-Don, os alemães viram-se obrigados, em 29 de novembro, a evacuar Taganrog. No mesmo dia, na retaguarda das linhas alemãs, entre seus esforços para sustentar o número crescente de ataques da resistência, os alemães enforcaram uma soviética de 18 anos, Zoia Kosmodemianskaya. “Ela incendiou casas”, dizia o letreiro pendurado ao seu pescoço durante o caminho para o local da execução. Suas últimas palavras foram dirigidas a um soldado alemão que a acompanhava: “Vocês não podem enforcar todos nós: somos 190 milhões.”

As dificuldades de Hitler eram consideráveis. Nessa data, o Dr. Todt, recém-chegado da frente russa, disse-lhe, sem rodeios: “Dada a supremacia industrial e armamentista das potências anglo-saxônicas, não podemos ganhar militarmente esta guerra.” Nesse dia, no sul da Rússia, os alemães viram-se obrigados, na sequência de uma série de ataques do Exército Vermelho, incluindo assaltos repetidos a campos minados e baterias alemãs, a recuar para a outra margem do rio Mius. Foram enviados para o sul, às pressas, reforços alemães estacionados em Kharkov; reservas que deixavam, assim, de poder ser utilizadas contra Moscou. “Ficam proibidas tais retiradas covardes”, telegrafou Hitler ao marechal Von Kleist.

Independentemente dos problemas que os alemães encontravam na Rússia, os massacres de judeus prosseguiram. Em 29 de novembro, mil judeus alemães, deportados dois dias antes da capital, chegaram a Riga. Passaram a noite trancados em vagões e, às 8h15 de 30 de novembro, foram levados para a floresta de Rumbuli, nas imediações da cidade, e fuzilados. Algumas horas mais tarde, às 13h30, Himmler telefonou a Heydrich, a partir do quartel-general de Hitler em Rastenburg, para dizer-lhe que os deportados daquele comboio não deveriam ser “liquidados”. No entanto, era tarde demais: Heydrich respondeu que todos os judeus haviam sido fuzilados naquela manhã.

Durante o mês seguinte, chegariam a Riga mais dezenove trens com judeus alemães, que não seriam levados para Rumbuli, mas para o gueto de Riga, onde seriam obrigados a trabalhar para os alemães. Conseguira-se lugar para eles no gueto mediante o transporte de nove mil judeus para Rumbuli, na manhã de 30 de novembro, entre um cenário de terror e de crueldade absolutos; todos foram mortos numa “ação de fuzilamento”, como a designava o Relatório da Situação Operacional na URSS no 151. Mais 2.600 judeus de Riga foram assassinados em Rumbuli alguns dias depois.

Os judeus velhos, doentes ou debilitados, que não conseguiam caminhar os oito quilômetros que separavam o gueto em Riga e a floresta de Rumbuli, eram abatidos quando tropeçavam, caíam ou sentavam-se no chão em virtude do cansaço; entre os que assim foram mortos, estava o decano dos historiadores judeus, Simon Dubnov. Segundo uma testemunha, suas últimas palavras teriam sido uma exortação aos compatriotas judeus: “Escrevam e recordem!”

Também em 30 de novembro, dia de uma entre as “ações de fuzilamento” em Riga, os primeiros deportados judeus de Praga, formados por mil pessoas – entre mulheres, crianças e velhos – chegaram ao novo campo de concentração alemão de Theresienstadt. Ali, nos edifícios e alojamentos adaptados de uma fortaleza do século XVIII, arrancados de suas casas e privados de tudo exceto seus objetos mais pessoais, apinhados e mal alimentados, viriam juntar-se a eles, nas semanas seguintes, quase todos os últimos judeus de Viena, de Berlim e de uma dúzia de outras cidades da Alemanha e da antiga Tchecoslováquia. Ninguém seria massacrado no campo de Theresienstadt, mas 32 mil judeus morreriam ali por fome e por doenças.

Em Leningrado, durante novembro, onze mil habitantes haviam morrido de fome e outros 522 em consequência dos bombardeamentos alemães diários. Com a ocupação de Volkhov, a única via de abastecimento à cidade era a travessia do Ladoga por caminhão. Em 1º de dezembro, o cerco a Leningrado entrou em seu nonagésimo segundo dia, quando Vera Inber assistiu a uma cena que nunca vira antes: um cadáver transportado num trenó infantil. Em vez de colocarem-no num caixão, simplesmente

embrulharam o corpo num lençol. Nesse dezembro, as mortes por fome subiram de quatrocentas para mais de quinhentas por dia.

As estatísticas de mortalidade eram assustadoras; em 1º de dezembro, em Buchenwald, o Dr. Fritz Meinecke registrou que, mesmo iniciando com trinta minutos de atraso o preenchimento dos formulários de envio de judeus para Bernburg e para a morte por gaseamento, “foi batido um recorde. Consegui preencher 230 formulários, atingindo um total de 1.192”. No mesmo dia, o coronel da SS Karl Jaeger comunicou a Berlim que sua força especial havia “cumprido a missão de resolver o problema judaico na Lituânia”. Tal “missão” ultrapassava em muito as dimensões do “recorde” do Dr. Meinecke; ao todo, informava Jaeger, as unidades de sua força especial haviam executado, desde junho, 229.052 judeus na Letônia e na Lituânia e outros mil na Estônia. “Restavam” apenas, explicava o coronel, os judeus dos guetos de Vilna, Kovno e Siauliai, utilizados como mão de obra em fábricas alemãs e em outros tipos de trabalho.

Nessa noite, em conversa com Walther Hewel, Hitler declarou: “É provável que muitos judeus não tenham consciência do poder destruidor que representam. Agora, quem destrói a vida corre o risco de morrer. É esse o segredo do que está acontecendo aos judeus.”

Ainda em 1º de dezembro, os alemães fizeram uma tentativa desesperada para abrir uma brecha na defesa de Moscou, mas o círculo defensivo resistiu e, no início da manhã seguinte, muitos soldados alemães, não podendo enfrentar um segundo dia de frio e de combates, gritaram que não podiam continuar. Havia uma nova linha de defesa soviética, em que se agrupavam para um contra-ataque maciço, enquanto as tropas da frente de Moscou resistiam tenazmente, 59 divisões de infantaria e dezessete de cavalaria, num vasto arco entre Vytegra e Astracã, passando por Kostroma, Gorki e Saratov.

Os reforços soviéticos ocupavam suas posições, mas os alemães sequer sabiam de sua existência. “Impressão geral”, registrou o general Halder em 2 de dezembro, “de que a defesa inimiga chegou ao seu limite. Não dispõe de reforços”. Nesse dia, numa tempestade de neve que reduziu a visibilidade a uma distância máxima de quinze metros, ou menos, um

batalhão de reconhecimento alemão conseguiu avançar até Khimki, à beira dos subúrbios ao norte de Moscou e a escassos dezenove quilômetros do Kremlin, mas um grupo de trabalhadores russos, armado às pressas na cidade e enviado para o local, repeliu a unidade.

Durante o dia, a dez quilômetros ao sul da autoestrada Moscou-Mozhaisk, tanques alemães tentaram chegar à capital através da aldeia de Akulovo e, em pouco tempo, viram as altas torres do Kremlin. Porém, 24 horas depois, foram afastados da aldeia. A defesa de Moscou não pôde ser rompida.

No Sul, os alemães haviam sido obrigados a recuar até Mariupol. No entanto, não apenas haviam consolidado suas posições na Crimeia como haviam assassinado indiscriminadamente judeus e prisioneiros de guerra russos, registrando meticulosamente o total de vítimas judias: 17.645, além de 2.504 judeus de Krimchak. O Relatório da Situação Operacional na URSS no 150 enumerou também “824 ciganos e 212 comunistas e resistentes”, todos fuzilados, e concluiu, sem discriminar a composição do número restante de vítimas: “No conjunto, foram executadas 75.881 pessoas.” O número de soldados soviéticos executados nesses dias não foi registrado.

Em 1º de dezembro, enquanto os navios japoneses de transporte de tropas atravessavam o sul do mar da China, partindo da Formosa, fora declarado, na Malásia, estado de emergência. No dia seguinte, a 1ª Frota Aérea japonesa, ainda rumando para norte pelas águas do Pacífico para enganar o inimigo, recebeu uma ordem em código: “Subir ao monte Niitaka.” Pearl Harbor era agora seu alvo. No mesmo dia, Tóquio enviou um telegrama ao consulado japonês no Havaí, perguntando se Pearl Harbor estava protegido por balões de barragem e se eram usadas redes contra torpedos. Os homens que decodificaram o telegrama em Washington consideraram tratar-se de um inquérito rotineiro.

Ainda em 2 de dezembro, um couraçado britânico, o *Prince of Wales*, chegou a Cingapura, juntamente com o cruzador *Repulse* e quatro contratorpedeiros. Um terceiro navio, o porta-aviões *Indomitable*, cuja esquadrilha de nove novos aviões Hurricane teria assegurado a proteção aérea do couraçado e de seus acompanhantes, não se encontrava com

eles, pois havia encalhado nas Antilhas e suas reparações somente estariam concluídas ao fim de 25 dias.

Numa coincidência inacreditável, os navios britânicos recém-chegados a Cingapura haviam recebido o codinome Força Z enquanto o deslocamento da 1ª Frota Aérea japonesa em direção a Pearl Harbor fora batizada como operação Z.

Em 3 de dezembro, os serviços secretos japoneses receberam um relatório pormenorizado do cônsul no Havaí acerca dos navios de guerra americanos atracados em Pearl Harbor, incluindo os couraçados *Oklahoma* e *Nevada* e o porta-aviões *Enterprise*. Ao atingir um ponto situado a dois mil quilômetros a noroeste do Havaí, a 1ª Frota Aérea do Japão inflectiu o rumo para sudeste, em direção ao seu alvo adormecido.

Entre 16 de novembro e 4 de dezembro, 85 mil alemães morreram na frente de Moscou – a mesma quantidade de tropas mortas em toda a frente oriental de meados de junho a meados de novembro. Porém, foi obedecida a ordem dada por Hitler sobre não recuar, e, com a chegada de cem novas divisões russas, mais trinta mil soldados alemães morreram ao sul de Moscou, onde o ângulo de Tula, ao sul, ameaçava a capital. Apesar de perdas tão grandes, a linha alemã manteve-se; Hitler, enganado por tão rápida progressão, ainda via no mapa uma linha alemã cheia de ameaças para a capital russa.



A FRENTE ORIENTAL, DEZEMBRO DE 1941.

Em 3 de dezembro, os russos foram finalmente forçados a evacuar sua guarnição de Hanko, a base naval finlandesa que haviam ocupado em 1940 e que, desde 29 de junho, estava cercada por finlandeses. No dia seguinte, os alemães lançaram um ataque ao sul de Moscou, entre Tula e Venev, num novo esforço para abrir caminho para a capital. Nessa noite, porém, a temperatura desceu até incríveis 35°C negativos, e, na manhã seguinte, os tanques não arrancavam, nem as armas disparavam, enquanto as ulcerações causadas pelo frio tornavam-se um tormento para milhares de homens cujas botas não haviam sido concebidas, ao contrário dos calçados russos, para frio tão intenso.

Entretanto, três exércitos russos, recém-chegados da retaguarda e não detectados pelos serviços secretos alemães, preparavam-se para lançar uma ofensiva. Avançando com seus tanques em número superior aos alemães, impelidos pelo desejo de libertar a capital da ameaça de conquista e mais bem equipados contra o frio cortante, às 3h de 5 de dezembro os soldados russos começaram a rechaçar os alemães, aproveitando uma nevasca em que uma camada de neve de mais de um metro de espessura cobriu o solo. Participaram dos combates 88 divisões russas, contra 77 alemãs, ao longo de uma frente de oitocentos quilômetros entre Kalinin, no Norte, e Yelets, no Sul.

Os alemães esperaram derrotar a Rússia antes da chegada do inverno e, por isso, não estavam equipados para combater sob essas condições. Nem mesmo uma ordem, de última hora, para a requisição, na Alemanha, de casacos de pele femininos conseguiria evitar o terrível efeito do frio intenso naqueles primeiros dias de dezembro.

Contra-atacando a partir do norte, as forças soviéticas atravessaram o congelado Volga num ponto próximo de Kalinin. Ao sul, atravessando o canal de Moscou, vindos do leste, expulsaram os alemães de Yakhroma, libertando a estrada de ferro em direção ao norte.

Apesar da ordem de Hitler para que seus exércitos mantivessem as posições a todo custo, as divisões foram sendo repelidas lenta e difícil, mas inexoravelmente, por dois a oito quilômetros, e, ao norte de Moscou, onde a ameaça havia sido mais grave, por dezessete quilômetros. Nesse dia, a Grã-Bretanha declarou guerra aos três parceiros de Hitler na luta contra a Rússia: Finlândia, Hungria e Romênia. Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Canadá fizeram o mesmo.

O espectro de um fracasso alemão na captura de Moscou não comprometia a impiedosa tirania na retaguarda. Em 4 de dezembro, fora publicado em Berlim um decreto para que poloneses e judeus que sabotassem, desobedecessem ou incitassem outros à desobediência de “quaisquer ordens ou decretos emitidos pelas autoridades alemãs” fossem punidos com morte. Em 5 de dezembro, Himmler assinou uma carta em que ordenava a criação, entre presos dos campos de concentração, de uma reserva de cinco mil mestres de obras e de dez mil pedreiros, “antes de concluída a paz”. “Esses trabalhadores são necessários”, explicava Himmler, “pois o Führer ordenou que a companhia Deutsche Erd und Steinwerke, sob a responsabilidade da SS, assegure a entrega de pelo menos cem mil metros cúbicos de granito por ano, quantidade maior do que as jamais produzidas pelo conjunto de pedreiras do antigo Reich”.

Tais planos não ajudavam as tripulações dos blindados alemães bombardeadas por todo o ímpeto da ofensiva soviética. Para descongelar os motores, os alemães tinham de manter acesas, às vezes durante quatro horas, fogueiras criadas em covas abertas debaixo dos tanques, além de seu armamento antitanque se revelar inútil no confronto com os tanques soviéticos T-34.

Na manhã de 6 de dezembro, um sábado, reuniu-se em Washington uma recém-criada subcomissão governamental. Com o codinome S-1, era sua missão avaliar, nos seis meses seguintes, se os Estados Unidos poderiam produzir uma bomba atômica e, em caso afirmativo, quando e a quais custos. Pouco depois do meio-dia, no departamento criptográfico da marinha, também em Washington, uma funcionária, a Sra. Dorothy Edgers, traduziu uma mensagem diplomática enviada de Tóquio, quatro dias antes, para o cônsul-geral Kita, em Honolulu, no código Magia que os americanos havia muito conheciam, dizendo-o que daí em diante deveria enviar relatórios regulares acerca de toda a movimentação de navios, dos ancoradouros e das redes contra torpedos em Pearl Harbor. Alarmada, a Sra. Edgers traduziu outras mensagens interceptadas, que tinham teor semelhante. Então, às 15h, apresentou o resultado de seu trabalho ao chefe da seção de tradução, tenente-coronel Alvin Kramer.

Depois de criticar alguns pontos das traduções de sua subordinada, Kramer disse-lhe: “Voltaremos a esse assunto na segunda-feira.”

Segunda-feira seria 8 de dezembro. Quando chegou, já não valia a pena examinar as mensagens decifradas. No dia 7, os japoneses atacaram, num intervalo de sete horas, Malásia, Pearl Harbor, Filipinas e Hong Kong. O limite para uma guerra global havia sido cruzado.

O Japão ataca

Dezembro de 1941

Às 7h55 de 7 de dezembro de 1941, horário do Havaí, 360 bombardeiros e aviões de combate japoneses atacaram os navios de guerra americanos atracados em Pearl Harbor. Quatro couraçados foram destruídos pelo bombardeamento ou afundaram nos ancoradouros. Outros quatro ficaram danificados e onze navios de guerra foram afundados ou inutilizados.

Não se limitando aos navios de guerra americanos, os atacantes japoneses bombardearam as bases aéreas de Pearl Harbor, destruindo 188 aviões americanos. Quando as aeronaves japonesas voltaram aos porta-aviões da 1a Frota Aérea, deixaram atrás de si 2.330 americanos mortos ou moribundos, entre os quais 1.177 tripulantes do couraçado *Arizona*. Quando Roosevelt comunicou a Churchill, em segredo, o número real de baixas, explicando que eram “muito maior do que o divulgado pela imprensa”, o comentário do primeiro-ministro foi: “Que holocausto!”



Pearl Harbor, 7 de dezembro de 1941. A fumaça sobe dos barcos de guerra americanos atingidos, enquanto estilhaços da artilharia antiaérea americana explodem no céu.

Os japoneses tinham perdido 29 aviões e cinco submarinos pequenos no ataque; 64 homens haviam morrido, e um outro, o guarda-marinha Kazua Sakamaki, cujo submarino encalhara na ilha, tornou-se o primeiro prisioneiro japonês na Segunda Guerra Mundial. Quando teve conhecimento do número de baixas, o choque da opinião pública norte-americana foi enorme; entre nove couraçados americanos preparados para participar em ações ofensivas ou defensivas no Pacífico, apenas dois poderiam combater. Os dez couraçados japoneses eram, agora, senhores do Pacífico.



O IMPÉRIO JAPONÊS E A IMINÊNCIA DA GUERRA. DEZEMBRO DE 1941.

No entanto, verificaram-se muitos atos de heroísmo entre os desprevenidos defensores americanos; na base naval de Kanehoe, o chefe da seção de munições da força aérea, John Finn, estava deitado quando começou o ataque japonês. Precipitando-se para a base aérea, conseguiu instalar uma metralhadora atrás de um hangar e, sob o fogo cerrado dos japoneses, começou a disparar. “Embora gravemente ferido várias vezes”, registrava a sua citação para uma medalha de Honra, “continuou a manobrar sua arma e a ripostar vigorosamente ao inimigo, com efeitos visíveis no tiroteio e nos bombardeamentos inimigos, sem qualquer preocupação com sua segurança pessoal”.

O ataque a Pearl Harbor não foi um ato de guerra isolado. Três outras ilhas do Pacífico foram bombardeadas no mesmo dia: Guam, Wake e Midway, cujos aeródromos ficaram bastante danificados, enquanto, no outro lado do mar da China, a 2ª Frota Aérea japonesa escoltava um comboio de navios de transporte de tropas desde a Indochina até a península da Malásia. Ao mesmo tempo, em Cingapura, os ataques aéreos japoneses provocaram a morte de 61 civis, e, em Hong Kong, destruíram sete entre os oito aviões alinhados no aeroporto de Kai Tak.

Por volta de meia-noite de 7 de dezembro, horário da Europa Central, Hitler, em seu quartel-general de Rastenburg, na Prússia Oriental, soube do ataque japonês a Pearl Harbor. “Agora é impossível perdermos a guerra”, disse a Walther Hewel, explicando-se: “Temos um aliado que, em três mil anos, nunca foi derrotado.” Algumas horas antes, Hitler reconhecera a necessidade de abandonar suas posições mais avançadas na frente russa, cuja defesa se tornara impossível. Os russos haviam lançado um ataque maciço contra Tikhvin, na frente de Leningrado, enquanto as tropas alemãs se preparavam para recuar para a linha Kursk-Orel-Medyn-Rzhev na região de Moscou, cuja coesão seria assegurada por uma série de bastiões defendidos. A batalha pela capital terminara.



O PRIMEIRO CAMPO DE EXTERMÍNIO, OS LOCAIS DE MASSACRES E A FRENTE ORIENTAL. DEZEMBRO DE 1941.

No momento em que Hitler se regozijava com a entrada do Japão na guerra e aceitava a impossibilidade, ao menos momentânea, de tomar Moscou, os planos nazistas num domínio bem diferente começavam a concretizar-se. Nessa mesma noite de 7 de dezembro, um grupo de setecentos judeus da vila de Kolo, precisamente 320 quilômetros a sudoeste de Rastenburg, era transportado em caminhões para a aldeia de Chelmno, onde, na manhã seguinte, oitenta, entre eles, foram transferidos para um veículo especial, que arrancou em direção a uma clareira na floresta vizinha. Ao fim do trajeto, estavam mortos, gaseados pelo escapamento canalizado para o interior do veículo. Os cadáveres foram jogados numa vala. Ao fim de oito ou nove viagens, os setecentos judeus estavam mortos.



A frente russa, 7 de dezembro de 1941: retirada de soldados alemães de Moscou.

Daí em diante, dia após dia, seriam trazidos para Chelmno, e gaseados, judeus de todas as vilas e aldeias da região. Convencidos de que trabalhariam na agricultura ou em fábricas no “Leste”, centenas, às vezes mil judeus, eram diariamente levados para a morte. Quando havia judeus velhos ou doentes nos veículos, os alemães recomendavam ao motorista que conduzisse “devagar e com cuidado”. Ninguém jamais sobreviveu a essas viagens; ao todo, elas consumiriam 360 mil vidas, eliminando completamente os judeus de mais de duzentas comunidades. Tudo isso sem que as vítimas compreendessem o que estava acontecendo; tudo isso evitando os massacres testemunhados pela população; tudo isso feito às escondidas, numa remota floresta da Polônia ocupada, longe de olhares inquiridores e de protestos. Fora criado um novo método de massacre; Chelmno foi o primeiro, mas não o último, local onde tal método foi posto em prática.

Na manhã de 8 de dezembro, era evidente a escala da agressão japonesa. A esquadra americana estacionada em Pearl Harbor fora quase aniquilada. Tropas japonesas haviam desembarcado na Malásia. Nas Filipinas, um ataque aéreo contra a ilha de Luzon causara a destruição de 86 entre os 160 aviões americanos na ilha, contra apenas sete aviões de combate japoneses abatidos; o desembarque na ilha de Bataan fora igualmente bem-sucedido. No litoral da China, as tropas japonesas capturaram as guarnições americanas de Xangai e de Tientsin – na primeira, a tripulação da canhoeira americana *Wake*, depois de uma tentativa de afundar o navio, rendeu-se. “Ontem”, declarou Roosevelt numa mensagem ao Congresso, “dia 7 de dezembro de 1941, uma data que marcará para sempre a história da infâmia, os Estados Unidos da América foram súbita e deliberadamente atacados por forças aéreas e navais do império do Japão”. Roosevelt acrescentava: “Por maior que seja o tempo necessário para rechaçar essa invasão premeditada, o povo americano, empregando legitimamente sua força, alcançará uma vitória absoluta.”



Os barcos de combate americanos *West Virginia* e *Tennessee* queimam em Pearl Harbor, 7 de dezembro de 1941.



Um bombardeiro americano destruído em Hickham Field, Pearl Harbor, 7 de dezembro de 1941.



Enterro em Pearl Harbor; a cerimônia acontece em uma das muitas valas comuns.



Sepultura de um dos mortos não identificados em Pearl Harbor.

Em 8 de dezembro, Hitler emitiu, estando em Rastenburg, sua diretiva no 39: as forças alemãs na Rússia deveriam “abandonar imediatamente todas as principais operações ofensivas e passar à defensiva”. No mesmo dia, deixou-se claro ao mais alto nível que, nos pontos de onde as tropas alemãs precisassem recuar, todas as aldeias e edifícios deveriam ser destruídos; “no interesse das operações militares”, comunicou o marechal Keitel em 8 de dezembro, por telefone, aos exércitos do Norte, “não deverá respeitar-se, de qualquer maneira, a situação da população”. Tratavam-se, explicou o marechal, de instruções ditadas pelo próprio Hitler.

Para os russos, 8 de dezembro foi marcado por dois êxitos: a reconquista de Tikhvin, com o que se esperava melhorar, ainda que até certo ponto, a situação de Leningrado em matéria de abastecimento, e a produção dos primeiros 25 tanques T-34 pela fábrica de Kharkov, agora instalada nos Urais. Havia menos de dez semanas que o último grupo de engenheiros abandonara Kharkov em direção ao leste.

Na retaguarda das linhas alemãs na Rússia, a resistência soviética continuava a atacar as linhas de abastecimento dos alemães, obrigando-os a deslocar tropas para realizar operações especiais contra a guerrilha. Entretanto, os britânicos continuavam a enviar agentes para a França ocupada, que deveriam ajudar a organizar a resistência e assegurar a manutenção das linhas de evasão para a Espanha de pilotos e prisioneiros de guerra aliados. Em 8 de dezembro, no entanto, um desertor do exército britânico a serviço dos alemães desde Dunquerque, sargento Harold Cole, ajudou o ocupante a destruir uma importante linha de evasão; graças a essa traição, foram presas e fuziladas cinquenta pessoas que contribuíram para o funcionamento da organização.

No mesmo dia, depois do desembarque das tropas japonesas no norte da Malásia, Winston Churchill comunicou aos japoneses: “Nossos dois países se encontram em guerra.” As únicas nações envolvidas no conflito e que ainda não haviam declarado guerra uma à outra eram a Alemanha e os Estados Unidos. Entre o furacão do Pacífico, os duros confrontos na Rússia e o prosseguimento dos combates no norte da África, as duas nações continuavam em paz uma com a outra. Hitler foi informado, ao regressar a Berlim em 9 de dezembro, de que Roosevelt faria o que pudesse para evitar a guerra no Atlântico, que obrigaria os Estados

Unidos a travar combate em dois oceanos. Nesse dia, foi comunicado à marinha alemã que poderia empreender operações contra navios americanos, mesmo na Zona de Segurança Pan-Americana.

Para os Estados Unidos, qualquer tipo de atividade contra o Japão devia ser explorado em caráter de urgência. Em 8 de dezembro, um capitão da força aérea americana, Claire L. Chennault, conselheiro do governo chinês desde julho de 1937, transferiu suas três esquadrilhas, então baseadas em Toungoo, na Birmânia, para a cidade chinesa de Kunming, do outro lado das montanhas. Promovido à patente de coronel nesse dia, Chennault deveria demonstrar, visível e cabalmente, a capacidade dos Estados Unidos na defesa da China contra novas investidas japonesas.

As conquistas do Japão eram impressionantes; em 9 de dezembro, suas tropas ocuparam Bangcoc, capital da Tailândia, e realizaram dois desembarques na Malásia, nas cidades costeiras de Singora e de Patani. No meio do Pacífico, suas tropas desembarcaram nas ilhas de Tarawa e de Makin, no arquipélago das Gilbertas.

No gueto de Varsóvia, a notícia da guerra entre os Estados Unidos e o Japão deixou todos bastante animados. “Grande parte das pessoas pensa que a guerra não vai durar muito”, escreveu Mary Berg em seu diário, em 9 de dezembro, “e que a vitória dos aliados é certa”. A entrada da América na guerra, acrescentava ela, “trouxe às centenas de milhares de desalentados judeus do gueto um sopro de esperança”.

Para os aliados, tal “esperança” ainda era remota. Em 10 de dezembro, 84 torpedeiros japoneses localizaram, por acaso, e afundaram o couraçado britânico *Prince of Wales* e o seu gêmeo, o *Repulse*. Afogaram-se, ao todo, 840 oficiais e marinheiros; 1.285 sobreviventes foram recolhidos. Os dois navios de guerra, que representavam praticamente toda a defesa naval malaia, preparavam-se, conforme decisão de última hora de seu comandante, para atacar uma força naval japonesa que iniciara um desembarque de tropas em Kuantan.

Ao fim de três dias de guerra, os japoneses eram donos da parte sul do mar da China e do oceano Pacífico. Em seu ataque contra os navios de guerra britânicos, somente quatro entre os 84 aviões atacantes haviam sido abatidos. Nesse dia, a 2.400 quilômetros, nas Filipinas, dois mil

soldados japoneses desembarcaram no extremo norte de Luzon e outros dois mil fizeram o mesmo em Vigan, na costa oeste.



O MAR DO SUL DA CHINA. DEZEMBRO DE 1941.

Na Alemanha, três dias após o ataque a Pearl Harbor, era dado um novo passo na prática de assassinatos em massa. Tratava-se de uma ordem, emitida por Himmler, para que juntas médicas visitassem todos os campos de concentração e “separassem” todos os incapacitados para trabalhar, doentes “ou psicopatas”. Os selecionados – sendo que os doentes não foram examinados, e sim identificados por seus documentos – deveriam ser enviados para o centro de câmaras de monóxido de carbono mais próximo e mortos. Onze médicos alemães, liderados por dois professores de medicina, Heyde e Nitsche, cumpriram a ordem; como resultado, foram mortas dezenas de milhares de internados em campos de concentração.

Em 11 de dezembro, a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos. Foi, talvez, o ato mais irrefletido, e certamente o mais decisivo, em toda a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos, ainda neutros na Europa, viam-se arrastados para uma luta no Pacífico, onde estariam em franca inferioridade. O Atlântico e os combates no continente europeu ficavam do outro lado do globo. Hitler, com sua declaração de guerra, trouxe os Estados Unidos novamente ao Atlântico e à Europa, agora como potência beligerante; seus navios de guerra, em primeiro lugar, seus aviões, em segundo, e, finalmente, suas forças armadas constituiriam, a seu tempo, a maior contribuição do Ocidente para a derrota de Hitler e de seu sistema. “A entrada dos Estados Unidos na guerra”, telegrafou Churchill, no dia seguinte, a Anthony Eden – então a caminho da Rússia –, “compensa tudo o mais e, com tempo e paciência, levará à vitória certa”.



Ataque aéreo japonês a Hong Kong, 11 de dezembro de 1941.

No Pacífico, os americanos mostravam que possuíam recursos e vontade para reagir. Na ilha de Wake, onde bombardeiros japoneses mataram 23 homens em 7 de dezembro, e mais 21 no dia seguinte, a frota japonesa, que chegara para se apoderar da ilha em 11 de dezembro, foi confrontada por uma defesa inicial tão efetiva que dois contratorpedeiros japoneses, o *Hayate* e o *Kisaragi*, foram afundados, levando consigo 5.350 soldados e marinheiros. Durante o ataque, foram abatidos três bombardeiros japoneses.

Wake resistiu durante dezesseis dias. A ilha só se rendeu após morrerem cem entre os 1.600 americanos na ilha, metade composta por civis.

Em 11 de dezembro, as tropas soviéticas já haviam retomado, em menos de seis dias, quatrocentas vilas e aldeias, incluindo Istra, Stalinogorsk e Rogachev; nesse dia, registraram-se os maiores êxitos desde o início da contraofensiva. “Com o lançamento da campanha contra a Rússia”, disse Churchill à Câmara dos Comuns, “podemos ver, após menos de seis meses de combates, que Hitler cometeu um entre os grandes erros da História”.

No extremo Oriente, os japoneses, no momento de seu triunfo, tiveram uma prova da capacidade de resistência dos americanos não apenas na ilha de Wake, mas também em Guam, onde 5.400 soldados japoneses atacaram 430 marinheiros americanos. Embora a proporção fosse maior do que dez para um, os americanos repeliram os atacantes durante mais de nove horas antes de se verem obrigados a render-se; morreram dezessete americanos e um japonês.

Em 12 de dezembro, na batalha da Malásia, seiscentos civis morreram sob um ataque aéreo contra Penang, no lado ocidental da península. Ao norte, os britânicos evacuaram Victoria Point, localidade birmanesa mais próxima à fronteira com a Tailândia. No dia seguinte, as forças japonesas entraram na cidade de Alor Star, no norte da Malásia; ali, em conversa com o major Iwaichi Fujiwara, do estado-maior imperial japonês, um prisioneiro de guerra sikh, major Mohan Singh, concordou em criar uma unidade especial para indianos, birmaneses e outros que não desejassem o regresso dos britânicos nem dos franceses. O slogan que os japoneses

sugeriram para a unidade foi: “A Ásia para os asiáticos”. Poucas semanas depois, o major Singh aceitaria chefiar um exército nacional indiano contra os britânicos.

Em 14 de dezembro, enquanto as tropas japonesas continuavam a desembarcar nas Filipinas, bombardeiros americanos atacaram os navios de transporte de tropas. Uma aeronave atacante, pilotada pelo capitão Hewitt T. Wheless, atrasou-se em relação as restantes devido a uma avaria do motor. O capitão decidiu, ainda assim, prosseguir em sua missão. Ao chegar ao alvo, já atingido pelos outros bombardeiros, seu avião foi atacado por dezoito aeronaves de combate japonesas. Wheless conseguiu lançar suas bombas e inflectir a rota para regressar à base, mas foi perseguido pelos aviões ao longo de 120 quilômetros. Na luta, que matou o operador de rádio do bombardeiro e aleijou um artilheiro, foram abatidos onze aviões japoneses. Wheless foi condecorado com a cruz de Serviços Distintos. Ele era, nas palavras de Roosevelt, “um jovem modesto, orgulhoso do comportamento de sua tripulação num dos combates mais duros que um bombardeiro já vivenciou”.

Na Polônia ocupada, o veículo fechado que saía de Chelmno efetuava suas curtas viagens diariamente desde 7 de dezembro. Três dias depois, mais de mil judeus, de seis pequenas aldeias próximas ao local das execuções, foram transportados para Chelmno a partir de Kowale Panskie, onde haviam sido reunidos; em Chelmno, passaram a noite numa igreja e, em seguida, foram gaseados. Em 14 de dezembro, os 975 judeus da aldeia de Dabie efetuaram a mesma curta, mas fatal, viagem. Em Varsóvia, segundo o relato de Emanuel Ringelblum, um policial alemão “começou, de repente, a disparar contra o cortejo fúnebre de um judeu”. Duas pessoas caíram mortas. “Os judeus não têm paz”, escrevia Ringelblum, “nem quando acompanham seus mortos ao repouso eterno”. No dia seguinte, em Paris, quarenta judeus poloneses foram mortos pela Gestapo por participar de atos de resistência. Entre as vítimas contavam-se quatro judeus naturais de Varsóvia.

Como os gaseamentos em Chelmno se revelaram eficazes, rápidos e secretos, Heydrich marcou uma conferência em Berlim, no início de janeiro, para discutir o “futuro” dos judeus na Europa. “Acham eles que

serão instalados em belas propriedades rurais nos estados do Báltico?”, perguntou Hans Frank, chefe do governo-geral, aos seus altos funcionários em 16 de dezembro, acrescentando: “Disseram-nos em Berlim: para quê tanto trabalho? Não precisamos deles, nem em Ostland nem nos territórios do Leste. Liquidem-nos!”

Frank não objetava a esse “futuro” dos judeus poloneses. “Eu, aos judeus, não peço nada”, disse ele aos seus subordinados, “a não ser que desapareçam”. Era necessário, disse ele, tomar “medidas que, de uma maneira ou outra, conduzam ao extermínio, em conjugação com medidas em larga escala que são debatidas no Reich”.

A conferência de janeiro revelaria quais seriam essas “medidas em larga escala”.

Em 15 de dezembro, o Exército Vermelho expulsou as forças alemãs que estavam em Klin. Na frente de Leningrado, o marechal Leeb pediu autorização para uma retirada geral dos exércitos do norte. Hitler recusou-se a concedê-la; nessa noite, na viagem entre Berlim e Rastenburg em seu comboio *Amerika*, redigiu sua primeira ordem de suspensão de retiradas na frente russa. “Qualquer retirada em grande escala de seções importantes do exército”, avisava, “por motivo de mobilidade limitada, equipamento de inverno insuficiente ou nenhuma preparação das posições da retaguarda, terá inevitavelmente as mais graves consequências”.

Em 16 de dezembro, os russos reconquistaram Kalinin. No norte da África, Rommel retirava-se do cerco a Tobruk; numa semana de combates, havia perdido 38 mil soldados, contra dezoito mil baixas no lado britânico. No extremo Oriente, as forças japonesas desembarcaram em Miri, Sarawak, e em Seria, Brunei: não apenas novos territórios, mas jazidas de petróleo, estavam agora ao seu alcance.

Em Hong Kong, depois de uma semana de bombardeamento aéreo, enviados japoneses munidos de salvo-conduto atravessaram as águas do porto levando uma mensagem para o governador britânico, Sir Mark Young, em que se explicava que, sendo a resistência absolutamente inútil, restava à guarnição apenas render-se. Os emissários foram expulsos. “O governador e comandante-chefe de Hong Kong”, respondeu

pessoalmente Sir Mark, “recusa-se terminantemente a negociar a rendição de Hong Kong e aproveita a oportunidade para comunicar ao general Sakai e ao vice-almirante Masaichi Nimi que não receberá mais mensagens de sua parte sobre esse assunto”.

No dia seguinte, dezoito de dezembro, sob intenso fogo de barragem, as tropas japonesas desembarcaram na ilha de Hong Kong. “Os japoneses estão ocupando todas as ilhas, umas atrás das outras”, disse Hitler a Himmler, nessa noite, em Rastenburg, acrescentando: “E conquistarão também a Austrália. A raça branca vai desaparecer daquele lugar.”

Ao preparar o desembarque em Hong Kong, o comandante japonês da primeira leva de tropas, coronel Tanaka, disse ao seu regimento que não seriam feitos prisioneiros. A ordem foi cumprida. Capturando uma bateria antiaérea manobrada por voluntários, os soldados japoneses amarraram os vinte sobreviventes uns aos outros e trespassaram-nos com baionetas. Num posto de primeiros socorros da marinha britânica, ninguém ofereceu resistência quando os japoneses chegaram. Todos foram levados para uma colina, onde os soldados japoneses mataram a tiro ou a golpes de baioneta oito canadenses, quatro soldados do posto e três maqueiros.

O sargento-ajudante J. R. Osborn, veterano da Primeira Guerra Mundial, salvou um grupo em que se encontravam alguns soldados canadenses aprisionados em Hong Kong. Ao ver uma granada japonesa entre seus camaradas e sem poder atirá-la para longe, Osborn gritou um alerta e atirou-se sobre ela no momento em que explodia. Seu sacrifício salvou ao menos seis soldados. Após a guerra, quando os prisioneiros retornaram e contaram sobre a ação de Osborn, foi-lhe atribuída uma cruz Victoria.

Em 19 de dezembro, o coronel Chennault, na China, enviou seus aviões de combate para interceptar dez aviões japoneses que efetuavam uma incursão de bombardeamentos entre Hanói e Kunming. Foi a primeira missão dos “Tigres Voadores” de Chennault, como eram conhecidos. Nove aviões japoneses foram abatidos.

No Mediterrâneo, os britânicos sofriam um revés conforme torpedos italianos tripulados, que os britânicos chamavam *chariots*, penetravam no porto de Alexandria e danificavam seriamente dois navios, o *Queen*

Elizabeth e o *Valiant*. Esse ataque proporcionou aos italianos uma supremacia temporária em termos de navios de guerra pesados.

A declaração de guerra feita por Hitler aos Estados Unidos ainda não levava a qualquer confronto direto entre as duas potências, mas, após a Alemanha, Romênia e Bulgária declararam guerra aos Estados Unidos.

Na retaguarda das linhas alemãs na Rússia, as forças especiais mantinham suas execuções em massa, sem esperar pela nova técnica de gaseamento. O Relatório da Situação Operacional na URSS no 148, enviado de Berlim em 19 de dezembro, registrava, entre dezenas de execuções coletivas, o massacre de 5.281 judeus em Bobruisk, de 1.013 judeus e judias de Partichi, que “tiveram atitude hostil para com os alemães e relações estreitas com a resistência” e de 835 judeus “de ambos os sexos”, em Rudnya, “porque auxiliavam constantemente os resistentes, espalhavam propaganda subversiva, recusavam-se a trabalhar e não usavam os distintivos judaicos”. Em Vitebsk, os alemães decidiram “evacuar” o gueto que haviam criado. “Nesse processo”, registrava o relatório, “foi abatido um total de 4.090 judeus, de ambos os sexos”. O texto também fornecia dados sobre o fuzilamento de dezesseis “crianças russas e judias doentes mentais” em Shumyachi. “Boa parte”, explicava o relatório, “estava, havia semanas, deitada entre os próprios excrementos. Todas tinham graves eczemas. O médico-chefe do hospital militar de Shumyachi, convocado para dar seu parecer, declarou que o lar das crianças e seus ocupantes eram um foco epidêmico de primeiro grau, motivo mais do que suficiente para seu fuzilamento”.

Em 20 de dezembro, os japoneses desembarcaram na ilha de Mindanao, no arquipélago das Filipinas, e começaram a convertê-la numa grande base fortificada. Na frente russa, Volokolamsk foi tomada aos alemães; à beira da estrada, as tropas russas encontraram oito cadáveres gelados de membros das juventudes comunistas de Moscou, que ainda pendiam de forcas. Havia sido capturados e executados em seis semanas, durante uma missão para estabelecer contato com a resistência. Todos receberam, a título póstumo, a Ordem de Lênin.

Enquanto suas tropas recuavam, Hitler disse ao general Halder: “A vontade de resistir precisa ser inculcada em cada uma de nossas unidades!” Era mais fácil dizer do que fazer; segundo os números soviéticos, haviam morrido 55 mil soldados alemães na batalha de Moscou, agora definitivamente concluída. Contudo, a crueldade da campanha continuava a mostrar-se em toda parte. Em 21 de dezembro, nas imediações de Minsk, milhares de prisioneiros de guerra soviéticos morreram de frio numa marcha forçada em campo aberto. Em Vilna, centenas de prisioneiros de guerra, em sua maioria seminus, muitos sem botas, foram obrigados a limpar a neve das linhas de trem. Uma mulher judia, apiedando-se daqueles homens, ofereceu a um russo um pedaço de pão. Um guarda alemão viu a cena e abateu, em um ato contínuo, a judia e o russo.

Na Europa Ocidental e no Mediterrâneo, as principais operações em meados de dezembro concentraram-se no domínio da guerra naval. No Atlântico, numa batalha que durou seis dias e seis noites, travada após o ataque de nove submarinos alemães ao comboio HG 76, que navegava de Gibraltar para a Grã-Bretanha, quatro atacantes foram destruídos ou obrigados a afundar-se, incluindo o mais famoso “ás” da frota de submarinos alemães, o U-567, comandado pelo capitão Endrass, que desapareceu sem deixar rastro.

Somente um, entre 32 navios mercantes aliados, foi afundado. “A seguir”, escreveu o almirante Donitz, “tendo em vista o balanço pouco satisfatório relativo aos últimos dois meses, o estado-maior expressiu majoritariamente a opinião de que já não havia condições de combater o sistema de comboios navais”.

O sistema de comboios navais não era, porém, o único problema com que se defrontavam os alemães no Ocidente. Em 22 de dezembro, em Washington, Churchill e Roosevelt decidiram criar um estado-maior anglo-americano para coordenar as estratégias dos dois países contra a Alemanha e o Japão e para preparar uma invasão a ser realizada pelas forças anglo-americanas de determinadas regiões da Europa ocupada. Embora a situação militar fosse, naquele momento, adversa aos aliados, essa unidade de comando e a vontade de realizar ações ofensivas seriam

um fator decisivo na evolução de uma política de guerra conjunta. Entretanto, era preciso suportar os reveses; em 23 de dezembro, os japoneses voltaram à ilha de Wake com uma força de dois mil marinheiros, apoiados por aviação e por dois porta-aviões. Na dura batalha que se seguiu, 820 japoneses morreram. Os americanos perderam 120 homens antes de serem esmagados. A força naval que viria em socorro, enviada da tão maltratada Pearl Harbor, encontrava-se a 680 quilômetros da ilha quando os japoneses desembarcaram. No mesmo dia, dez mil soldados japoneses desembarcaram em Luzon.

Em Hong Kong, os defensores ainda resistiam na véspera do Natal; nesse dia, foram capturados, amarrados e abatidos a tiro ou a golpes de baioneta mais 53 militares britânicos e canadenses. No dia de Natal, os feridos canadenses de um pelotão que se rendera foram assassinados, bem como dois médicos e sete enfermeiras – entre as quais quatro eram chinesas – que cuidavam dos feridos no hospital de emergência do St. Stephen's College. Os feridos, em número superior a cinquenta, foram mortos em suas camas.

Na noite de 24 de dezembro, o general MacArthur partiu de Manila para a ilha fortificada de Corregidor. Manila, numa tentativa para salvar seus habitantes de se verem em pleno campo de batalha, foi declarada cidade aberta. Os japoneses, no entanto, continuaram a bombardeá-la. Nessa noite, a aviação japonesa bombardeou a capital birmanesa de Rangum, destruindo muitos aviões aliados estacionados. Enquanto prosseguia o bombardeamento e o uso de metralhadoras, os “Tigres Voadores” de Chennault, que também se encontravam no aeródromo, conseguiram levantar voo em segurança e abater seis aviões japoneses como resposta pela perda de duas aeronaves.

Nos estados bálticos ocupados, a data ficou marcada por uma nova ordem, emitida pelo governador civil alemão, Heinrich Lohse, que dizia que os ciganos constituíam “um duplo perigo”: eram portadores de doenças, “em especial o tifo” e “elementos duvidosos que não trabalhavam proveitosamente”. Além disso, prejudicavam a causa alemã, alimentando notícias “hostis”. “Por isso, determino”, acrescentava Lohse, “que sejam submetidos ao mesmo tratamento que os judeus”.

Nesse inverno, os prisioneiros de guerra soviéticos também eram assassinados a uma escala pavorosa. Num campo instalado pelos alemães

em Hola, na Polônia, cem mil soldados soviéticos foram reunidos em local aberto e privados de comida. Em desespero, abriram buracos para abrigar-se contra o vento e a neve e comeram ervas e raízes. Qualquer camponês flagrado fornecendo comida aos prisioneiros era abatido. No final de dezembro, os prisioneiros de guerra haviam morrido, além de outros sete mil abatidos nas proximidades, em Biala Podlaska.

Em 25 de dezembro, Hong Kong rendeu-se – era a primeira possessão britânica a submeter-se à insígnia do Sol Nascente; onze mil soldados britânicos foram feitos prisioneiros.

No dia de Natal, morreram de fome, em Leningrado, 3.700 pessoas. A reconquista de Tikhvin significava, porém, que mais abastecimentos começariam agora a chegar à cidade, transportados em trens até a margem oriental do Ladoga e em caminhões sobre o gelo. No dia seguinte, os alemães na frente moscovita evacuaram Kaluga enquanto, ao sul, três mil homens haviam sido desembarcados, durante a noite de 25 de dezembro, na península de Kerch, com o intuito de criar uma nova frente na Crimeia e diminuir a pressão sobre Sebastopol, que continuava a resistir ao cerco alemão. Seis dias mais tarde, numa nova série de desembarques, quarenta mil soldados russos foram deixados em Feodosiya: estava criada uma “frente da Crimeia”.

No norte da Noruega, os britânicos lançaram a operação Archery em 27 de dezembro, consistindo numa série de incursões realizadas por comandos contra as bases alemãs na região, a começar pelo porto de Maloy; cinco navios mercantes, com capacidade total de dezesseis mil toneladas, foram afundados. Hitler, irritado com a dimensão e o caráter inesperado do ataque, propôs-se a transformar todo o litoral do mar do Norte, do canal da Mancha e do Atlântico sob seu controle numa fortaleza inexpugnável: a Fortaleza Europa. Ignorando quais poderiam ser os próximos alvos de um ataque aliado, e perante a inevitabilidade da participação americana, Hitler ordenou a construção de fortificações costeiras desde a fronteira entre a Noruega e a Finlândia, além do círculo polar Ártico, até a fronteira entre a França e a Espanha, no golfo de Biscaia.



Hong Kong rende-se, 25 de dezembro de 1941.

Em 27 de dezembro, houve outra alteração nos planos alemães; o Dr. Todt, em conversa com Albert Speer, insistiu em que as condições dos transportes e das comunicações na Rússia, de onde retornava, eram tão más, e o “desalento e desespero” dos soldados alemães tão grandes, que os planos de construção de monumentos grandiosos teriam de deixar de ser prioridade, para que fosse dado melhor destino à mão de obra especializada, até que as estradas da Ucrânia estivessem reparadas. O pessoal e os operários ainda “frivolamente ocupados”, como Speer escreveu, que trabalhavam nas autoestradas da Alemanha, precisariam ser enviados para a Rússia para reparar e construir as estradas sem as quais nem abastecimentos nem homens podiam chegar à frente em tempo útil. Todt disse a Speer que vira “trens-hospitais imobilizados, onde os feridos morreram de frio, e testemunhara o estado miserável das tropas em aldeias e em lugares isolados pela neve e pelo frio”.

Speer dispôs-se a fazer o possível para ajudar Todt na construção de estradas no Leste, mas registrou que o médico estava convencido “de que nós, além de fisicamente incapazes de suportar condições tão duras, estamos psicologicamente condenados à destruição na Rússia”. Hitler, no entanto, quando se encontrou com Todt em Rastenburg, dois dias depois, calculou confiantemente em 2,5 milhões de indivíduos “a força de trabalho russa disponível”. Com tais efetivos, disse ele, “conseguiremos produzir as ferramentas de que precisamos”.

Em toda a Europa ocupada, a fé na derrota alemã era alimentada pelas mensagens de encorajamento difundidas pela rádio britânica, pelas notícias de que Hitler estava em guerra contra os Estados Unidos e pelo envio constante de homens que estabelecessem contato com as forças de resistência na retaguarda das linhas alemãs. Em 28 de dezembro, os britânicos colocaram em prática a operação Anthropoid, lançando, em paraquedas, dois tchecos, Jan Kubis e Josef Gabcik, nas imediações de Pilsen. Sua missão era entrar em contato com o movimento de guerrilha tcheco e organizar todos os atos de resistência possíveis.

No extremo Oriente, a aviação japonesa atacou a ilha fortificada de Corregidor em 30 de dezembro, para onde se deslocaram, quatro dias antes, MacArthur e o quartel-general dos Estados Unidos nas Filipinas. No dia seguinte, a evacuação das tropas americanas e filipinas em Manila chegou ao fim. No norte e no centro da Malásia, apesar de um

esforço corajoso das tropas indianas para sustentar o avanço dos japoneses em Kampar e em Kuantan, respectivamente nos lados ocidental e oriental da península, os britânicos já haviam abandonado às forças japonesas, cuja superioridade era esmagadora, a maior parte de um vasto território que produzia 38 por cento da borracha e 58 por cento do estanho do mundo inteiro.

Nesse fim de ano, Hitler disse ao seu círculo de amigos e de confidentes em Rastenburg: “Esperemos que 1942 me seja tão favorável quanto 1941.” E, em sua mensagem de Ano-Novo ao povo alemão, declarou: “Aquele que combate pela vida de uma nação, pelo seu pão de cada dia e pelo seu futuro, vencerá, mas aquele que, nesta guerra, com seu ódio judeu, procura destruir nações inteiras, será derrotado.”

Em 31 de dezembro, no intervalo de suas negociações em Washington, Churchill encontrava-se em Ottawa. Inquirido sobre a Iugoslávia, numa conferência de imprensa, disse: “Lutam com o maior vigor e em grande escala, mas temos poucas notícias sobre o que se passa. É terrível. Guerrilha e atrocidades medonhas cometidas pelos alemães e pelos italianos. Toda espécie de tortura.” E Churchill acrescentou, sobre a luta travada além das linhas alemãs, na Iugoslávia: “O povo consegue manter hasteada a bandeira da liberdade.”

Na União Soviética, a luta pela sobrevivência chegara a um ponto crucial; o último dia do ano assinalou a reconquista de mais uma pequena cidade do setor de Moscou, Kozielski. Na península de Kerch, os desembarques ocorridos dois dias antes, em Feodosiya, haviam proporcionado aos russos um importante ponto de apoio; as temperaturas eram tão baixas – 20oC negativos – que, conforme escreveu um historiador, “os feridos morriam inexoravelmente, como blocos de gelo”. No entanto, os desembarques foram um golpe rude sobre os alemães, que tiveram de suspender suas operações contra Sebastopol para deter o avanço russo nessa nova frente.

Em pouco mais de sete meses de combate na Rússia, haviam morrido nada menos do que duzentos mil soldados alemães, quer em combate quer em consequência de ferimentos; no frio terrível, até uma ferida e uma hemorragia relativamente pouco importantes podiam provocar

estado de choque e morte. Num único dia, em finais de dezembro, mais de catorze mil soldados alemães precisaram ser amputados devido às ulcerações do frio. Outros 62 mil casos de ulceração foram classificados como “moderados”: não implicando amputação, mas incapacitando os homens a voltarem ao combate.

Através das águas do Ártico, chegavam a Arcangel abastecimentos britânicos para a Rússia: 750 tanques, oitocentos aviões de combate, 1.400 viaturas e cem mil toneladas de provisões até o fim do ano. Insuficientes em relação às necessidades soviéticas, esses fornecimentos não só eram úteis como representavam um penhor daquilo que estava por vir e um compromisso de apoio regular.

Porém, a grande realidade da guerra era o sofrimento e o desespero cotidianos. Leningrado, onde três a quatro mil pessoas morriam de fome todos os dias, mesmo com a ração diária de pão para os trabalhadores aumentada de 225 para trezentos gramas, era o verdadeiro rosto do que passara a significar uma guerra global.

“A morte apanhava as pessoas nas mais diversas circunstâncias”, recordou um funcionário da cidade.

Em plena rua, caíam para não mais se levantar; em suas casas, adormeciam e não acordavam; nas fábricas, perdiam os sentidos enquanto faziam seu trabalho. Não havia meios de transporte, e o cadáver geralmente era colocado num trenó puxado por dois ou três familiares; muitas vezes, sucumbindo ao cansaço no longo percurso que conduzia ao cemitério, abandonavam o corpo no meio do caminho, deixando o problema às autoridades.

Contudo, em Leningrado, como em tantos pontos da Europa e da Ásia dilacerados pela guerra, as “autoridades” não tinham, normalmente, capacidade para controlar o sofrimento, a doença ou sequer o enterro dos mortos. Nesse inverno, um habitante de Leningrado, deslocando-se de automóvel até o cemitério de Piskarevsky, no subúrbio noroeste da cidade, registrou suas impressões sobre o trajeto:

À saída da cidade, onde havia pequenas casinhas de um andar, vi hortas e pomares e, depois, um monte gigantesco e disforme. Aproximei-me. Em ambos os lados da estrada havia pilhas tão grandes de cadáveres que não sobrava espaço para passarem dois

carros ao mesmo tempo. Só podia passar um carro de cada vez, sem espaço para retornar.

Centenas de pessoas, arrastando o corpo de um ente querido ou de um vizinho, mal tinham forças para enterrá-lo. “Não era raro”, escreveu um historiador, “que aqueles que puxavam o trenó caíssem ao lado do cadáver, mortos, sem uma palavra, sem um gemido, sem um grito”. “Transportar para o cemitério um morto”, registrou em seu diário, em 29 de dezembro, o escritor Luknitsky, “é uma tarefa tão laboriosa que rouba aos sobreviventes os últimos restos de força; e os vivos, ao cumprirem seu dever para com os mortos, ficam às portas da morte”.

No final de 1941 a morte e sua iminência eram coisa banal em dois continentes e em dois oceanos, mas seu espectro ainda alastraria muito e, durante mais três anos, continuaria a exercer a sua ação devastadora.

“Já não estamos sós” (Churchill)

Ano-Novo de 1942

O ano de 1942 não começou bem para os aliados. Na península de Kerch, as forças alemãs repeliram os paraquedistas russos que haviam desembarcado nesse extremo leste da Crimeia. Nas Filipinas, as tropas americanas e locais continuavam a recuar em direção à península de Bataan. Na Malásia, as forças japonesas, avançando cada vez mais para o Sul, ocuparam Kuantan. Na Europa ocupada, 1942 foi proclamado “Ano do Serviço no Leste e na Pátria”; foram enviados para a Polônia e para a Ucrânia Ocidental dezoito mil dirigentes da Juventude Hitleriana alemã. Sua tarefa consistia em formar núcleos para uma futura colonização alemã no Leste. Ao longo do ano, centenas de jovens voluntários holandeses, noruegueses, dinamarqueses e flamengos se juntariam a eles: esses “Voluntários da Juventude Germânica no Leste” deviam constituir, igualmente, um núcleo para a Nova Ordem, que poderia ser simbolizada pelo desaparecimento, em 1º de janeiro de 1942, da sinagoga de Zagreb, orgulho para os doze mil judeus da capital croata demolida, pedra a pedra, ao longo de quatro meses.

Nesse 1º de janeiro, verificaram-se também vários atos de desafio ao agressor, sendo o mais notório uma declaração aprovada por 26 nações, em que os signatários se comprometiam a empregar todos os seus recursos na guerra contra o Eixo e a não aceitar uma paz em separado. Designando-se como “Nações Unidas” e encabeçados por Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética, os 26 países declaravam que o objetivo de seu combate e de sua unidade era “garantir a vida, a liberdade, a independência e a liberdade religiosa e defender os direitos humanos e a justiça”. No gueto de Vilna, 150 jovens judeus reuniram-se não para chorar os sessenta mil judeus assassinados na cidade, mas para

proclamar, em nome dos vinte mil ainda vivos, embora cercados por guaritas e arame farpado: “Hitler planeja exterminar todos os judeus da Europa, e os lituanos foram escolhidos como as primeiras vítimas, mas não deixaremos que nos conduzam ao matadouro como se fôssemos ovelha!”

O poder nazista era colossal. Somente muito devagar era possível dar seguimento a essas atitudes de desafio, mesmo às mais insignificantes, como a tomada em 1º de janeiro pelo antigo prefeito da cidade francesa de Chartres, Jean Moulin, lançado de paraquedas na França. Sua missão consistia em unir os diferentes e dispersos grupos de resistência, subordinando-os a uma linha de ação conjunta. Conhecido como “Max”, Moulin levava consigo, escondida no fundo falso de uma caixa de fósforos, uma calorosa mensagem do general De Gaulle para os chefes da resistência.

No Ártico, o capitão Robert Sherbrooke, no comando de uma força britânica de contratorpedeiros, repeliu um ininterrupto ataque alemão efetuado pelo *Liitzow* e pelo cruzador *Admiral Hipper* contra um comboio que se dirigia à Rússia. Durante o combate, Sherbrooke foi atingido na face e perdeu um olho, mas continuou a dirigir a defesa, e com tanta eficácia que nenhum navio mercante foi perdido ou danificado. Sherbrooke recebeu a cruz Victoria por sua coragem e audácia.

No Ano-Novo de 1942, forças japonesas desembarcadas em Bornéu atacaram a ilha de Labuan. Como escreveu posteriormente o residente britânico, Hugh Humphrey, foi um dia de que não se esqueceria facilmente, “pois, por sabotar o esforço de guerra japonês destruindo os estoques de combustível na ilha, fui repetidamente agredido por um oficial japonês, que usava sua espada (dentro da alça protetora) para me bater, e então exibido para o público durante 24 horas, numa gaiola improvisada...”. Humphrey seria prisioneiro dos japoneses até o fim da guerra.

Em Bletchley, onde 1.500 eruditos e universitários britânicos se dedicavam à decifração e à análise das mensagens Enigma, o primeiro dia de janeiro trouxe um enorme êxito: a decifração de quatro chaves

desse sistema; a chave Rosa, utilizada pelo alto-comando da força aérea alemã no envio de suas mensagens mais secretas, e as chaves Moscardo, Zangão e Vespa, utilizadas por três corpos da força aérea alemã. No dia seguinte, foi quebrada uma quinta chave: designada em Bletchley como Papagaio de Papel, era usada para transmitir mensagens sobre abastecimento entre Berlim e a frente oriental.

Nesta, em 2 de janeiro, Hitler emitiu uma ordem que proibia seu 9º exército, recém-evacuado de Kalinin, de efetuar novas retiradas. Não deveria ser abandonada “nem uma polegada de terreno”. Contudo, as instruções dadas ao inimigo não dissuadiam o Exército Vermelho de seus repetidos ataques; no mesmo dia, o 39º exército russo abriu uma brecha na frente alemã a noroeste de Rhzev. Tais vitórias eram coadjuvadas pelos crescentes esforços da resistência russa na retaguarda. “Temos observado repetidamente”, comunicava o 2º exército Panzer, em 2 de janeiro, “que o inimigo está corretamente informado sobre os pontos fracos de nossa frente e que escolhe, muitas vezes, as linhas de separação entre os diversos corpos como alvo para os ataques”. Os civis russos, com efeito, passavam através das linhas alemãs até as divisões russas, transmitindo informações acerca do que viam. “O movimento dos habitantes da região entre as frentes”, concluía o relatório, “deve, por conseguinte, ser evitado por todos os meios”.

Em Washington, Churchill e Roosevelt presidiram, ainda em 2 de janeiro, uma reunião cuja principal decisão se tornaria mais importante, no devido tempo, do que as questões táticas: um aumento impressionante no programa de fabricação de armamentos americanos. No lugar dos 12.750 aviões operacionais fixados pelos estados-maiores de ambos os países poucas semanas antes, deveriam ser fabricadas 45 mil unidades até o fim de 1943. No lugar dos 15.450 tanques, também seriam fabricadas 45 mil. Por fim, em vez das 262 mil metralhadoras, seriam produzidas quinhentas mil. A fabricação dos armamentos restantes foi aumentada, em média, em setenta por cento.

Esses planos indicavam, a longo prazo, uma derrota do Eixo, mas, em janeiro de 1942, não era claro se haveria um “longo prazo”. Em 2 de janeiro, forças japonesas entraram em Manila, capital das Filipinas. Em

3 de janeiro, o planejamento do exército americano comunicou ao general Marshall que não havia forças suficientes para enviar uma expedição de socorro às Filipinas. Nesse dia, as forças japonesas somaram às suas conquistas a ilha de Labuan e desembarcaram no continente em Brunei. No dia seguinte, enquanto a ofensiva prosseguia nas Filipinas e na Malásia, os aviões japoneses atacaram Rabaul, base estratégica do arquipélago de Bismarck, guardada por 1.400 soldados britânicos.

Na Europa ocupada, o Conselho das Igrejas da Holanda protestou corajosamente, em 5 de janeiro, contra aquilo que designou como “ilegalidade absoluta” no tratamento alemão aos judeus, mas as rondas em busca de vítimas a serem enviadas para campos de trabalhos forçados e a expulsão de judeus de diversas cidades e aldeias para Amsterdã continuaram. O dia também ficou marcado pela evasão de dois oficiais dos exércitos aliados, o inglês Airey Neave e o holandês Tony Luteyn, que escaparam do campo de prisioneiros de guerra de Colditz; poucos dias depois, estavam seguros em solo suíço. Chegando a Gibraltar em 5 de janeiro, outro inglês, Donald Darling, codinome Sunday, organizou uma linha secreta de comunicação com a França, permitindo que os prisioneiros de guerra evadidos viajassem de Marselha para Barcelona e, dali, para Gibraltar ou Lisboa. “Sunday” recebeu, nessa missão, auxílio substancial de “Monday”, um antigo diplomata britânico em Berlim, Michael Creswell, que, estabelecendo sua base de operações na Espanha, atravessava sempre que necessário os Pirineus para coordenar as linhas de evasão na França.

Na França ocupada, a resistência era intermitente, mas reforçava-se. Em 7 de janeiro, um policial francês que guardava uma garagem do exército alemão foi morto a tiro. Muitos franceses receavam que tais atos de desafio fossem fúteis, servindo apenas para provocar represálias e uma ocupação ainda mais dura. No entanto, a vontade de atacar o inimigo, e de chamar atenção para os ataques, era muito forte, sobrepondo-se à precaução e ao medo.

Em 7 de janeiro, os alemães iniciaram sua segunda ofensiva antiguerrilha na Iugoslávia, empurrando as forças de Tito da cidade de Olovo, para

onde haviam sido impelidas menos de seis semanas antes, para Foca, oitenta quilômetros ao sul. Porém, apesar de obrigados a fugir e sofrendo pesadas baixas, os guerrilheiros mantinham-se determinados a lutar.

Na frente oriental, o dia foi marcado pelo lançamento de uma ofensiva soviética a norte de Novgorod. Os combates ocorreram, em boa parte, num pântano gelado. Milhares de soldados alemães não estavam em condições de lutar, devido às ulcerações causadas pelo frio. As amputações, até mesmo duplas, eram frequentes. Dada a escassez de cobertores, os feridos morriam de frio nos hospitais de campanha; todas as noites, a temperatura descia aos quarenta graus negativos. Ao fim de quatro dias de combate, o comandante das forças alemãs, marechal Von Leeb, pediu autorização para abandonar a zona de Demyansk, mais exposta aos ataques do inimigo. Hitler recusou o pedido, o que culminou em cem mil soldados alemães capturados. Von Leeb apresentou sua demissão e não mais teria qualquer papel ativo na guerra.

Enquanto o Exército Vermelho obrigava os alemães a recuarem quilômetro após quilômetro, os japoneses varriam tudo em seu caminho com ofensivas maciças. Em 10 de janeiro, os britânicos viram-se obrigados a abandonar Port Swettenham e Kuala Lumpur, na Malásia. Nas Filipinas, Bataan estava sob o fogo cerrado dos japoneses, num ataque precedido por um lançamento de panfletos que convidavam os defensores à rendição. No Bornéu holandês, um contingente japonês substancial, apoiado por dois cruzadores e por oito contratorpedeiros, desembarcou em Tarakan; a ilha, com suas jazidas de petróleo, caiu nas mãos dos atacantes em menos de 24 horas. Também conquistada em 11 de janeiro por tropas paraquedistas japonesas, foi a cidade de Manado, nas Celebes holandesas, base aérea fundamental para a continuação da ofensiva em direção sul. Somente após a conquista de Manado os japoneses declararam guerra às Índias Orientais Holandesas.

Com grande rapidez, e entre as maiores crueldades contra seus prisioneiros, o exército japonês, apoiado por poderosos navios de guerra, avançava de ilha em ilha. Um militar aliado que se rendesse poderia ser feito prisioneiro ou ficar preso durante apenas algumas horas, sendo morto a golpes de baioneta. A total ausência de escrúpulos, que se instalava tão depressa no sudeste asiático, tornara-se banal na frente oriental havia mais de seis meses. Em 12 de janeiro, em Kiev, tiveram

início as execuções, que se prolongariam por doze dias, daquilo que o Relatório da Situação Operacional na URSS no 173 designava como “104 funcionários políticos, 75 sabotadores e ladrões e cerca de oito mil judeus”. Em Kovno, cinco mil judeus foram transportados em trens da Alemanha e da Áustria para a antiga capital lituana, levados para o forte norte e abatidos. Em Odessa, começou, no mesmo dia, a deportação de 19.582 judeus – em sua maioria mulheres, crianças e velhos – para campos de concentração na região de Góla. Foram transportados em vagões para gado. Aqueles que morreram no trem, que se contavam em dezenas, foram retirados dos vagões na estação de Berezovka, empilhados, regados com combustível e incendiados diante de suas famílias. Testemunhas oculares recordaram que algumas pessoas queimadas nas piras não estavam totalmente mortas. Dezoito meses mais tarde, mais de quinze mil entre tais deportados estariam mortos, vítimas da fome, do frio, de doenças e das sucessivas execuções em massa.



A FRENTE ORIENTAL. MARÇO DE 1942.

Doze de janeiro assinalou também uma extensão da guerra no mar, quando o navio mercante britânico *Cyclops* foi torpedeado na costa leste dos Estados Unidos enquanto navegava, isolado e sem escolta, em sua rota costeira habitual. O afundamento marcou o início da operação Rufar de Tambores, uma nova fase, absolutamente desastrosa para os aliados, da guerra no mar. As cidades da costa leste estavam iluminadas, assim como as estâncias de veraneio, permitindo aos submarinos alemães emergir ao fim da tarde e ver seus alvos desenhados contra a luz das localidades costeiras. A guerra chegara aos Estados Unidos – mas manteve-se apenas no mar e, por isso, não pôde causar transtornos a maior parte da população.

Ao fim do mês, haviam sido afundados 46 navios mercantes aliados: um total de 196.243 toneladas de navios e de abastecimentos.

Os dados relativos aos massacres na Polônia ocupada pelos alemães e na Rússia ocidental chegavam ao conhecimento dos governos ocidentais e dos governos exilados de países onde a tirania atingia seu auge; tais informações, naturalmente, causaram horror entre os responsáveis. Em 13 de janeiro, os representantes de nove países ocupados, reunidos em Londres, assinaram uma declaração de que os culpados por “crimes de guerra” seriam punidos ao fim do conflito. Entre os signatários, estavam o general Sikorski, pela Polônia, e o general De Gaulle, pela França. Entre os “principais objetivos”, declaravam, estava “a punição, pelas vias da justiça organizada, dos culpados ou dos responsáveis por esses crimes, quer os tenham ordenado, perpetrado ou participado de qualquer forma”.

Não se passava um dia sem que fossem perpetrados crimes contra civis indefesos; em 14 de janeiro, dia seguinte à declaração assinada em Londres, 807 judeus foram alinhados à beira de uma vala na aldeia de Usachi, na Rússia branca, e fuzilados. Enquanto dezenas estavam mortalmente feridos e agonizavam no meio do sangue e dos cadáveres, muitos camponeses que assistiram à execução desceram à vala para arrancar todo o ouro que pudessem dos dentes de mortos e moribundos. Nesse dia, outros 925 judeus foram assassinados em Kublich, aldeia vizinha, onde os camponeses também revistaram os cadáveres em busca de ouro.

Os pensamentos de Hitler naquela semana não estavam somente na Rússia: “Tenho de fazer alguma coisa por Königsberg”, disse ele aos seus convidados em 15 de janeiro. “Construirei um museu onde reuniremos tudo o que trouxermos da Rússia, uma ópera magnífica e uma biblioteca.” Hitler pretendia ainda edificar um “novo museu germânico” em Nuremberg e uma nova cidade em Trondheim, na costa da Noruega.

Em 15 de janeiro, os japoneses criaram uma cabeça de ponte na península de Bataan. “Uma ajuda virá dos Estados Unidos”, garantiu o general MacArthur aos seus homens, que agora combatiam pela sobrevivência. “Já foram enviados milhares de homens e centenas de aviões”, afirmou ele. Contudo, a verdade era que não estavam a caminho quaisquer reforços e, ainda que viessem, estando a baía de Manila bloqueada pelos japoneses, teriam grande dificuldade para chegar, considerando a hipótese favorável de atravessarem o Pacífico sem sofrer danos graves. As únicas tropas americanas a caminho de uma nova zona de guerra eram os quatro mil homens da 34ª Divisão, do general Russell P. Hartle, que, tendo concluído a travessia do Atlântico, foram os primeiros de sua nacionalidade a chegar a Grã-Bretanha.

Na madrugada de 17 de janeiro, Churchill regressava dos Estados Unidos ao seu país num hidroavião que se desviou ligeiramente de sua rota, passando a escassos cinco ou seis minutos de voo das baterias antiaéreas alemãs em Brest. O erro foi corrigido, mas, ao inflectir bruscamente para o norte, o hidroavião foi percebido pelos operadores de radar britânicos como um “bombardeiro inimigo” proveniente de Brest. Seis aviões foram imediatamente enviados, com ordem para abater o intruso. Felizmente, como Churchill comentou mais tarde, “eles falharam em sua missão”.

Menos feliz, nesse dia, foi o contratorpedeiro britânico *Matabele*, que escoltava um comboio naval de Murmansk e foi torpedeado e afundado; no incidente, morreram 247 oficiais e marinheiros.

Na frente oriental, o Exército Vermelho adotava uma tática nova e decisiva: a partir de 18 de janeiro, e durante seis dias, foram lançados na retaguarda das linhas alemãs, a sudeste e sudoeste de Vyazma, 1.643 paraquedistas soviéticos. Associando-se às unidades da resistência,

atacaram e destruíram as linhas de comunicações e de abastecimento alemãs, obrigando contingentes substanciais do exército alemão a consagrar-se a atividades antiguerrilha. Em 20 de janeiro, no setor central da frente, as tropas soviéticas reconquistaram o posto avançado alemão de Mozhaisk, deixando Moscou ainda mais protegida contra um ataque direto. No mesmo dia, os alemães registraram vários ataques da resistência a sentinelas alemãs de guarda nas estradas de ferro, até em locais tão distantes quanto a linha Minsk-Baranovichi.

Em 20 de janeiro, no subúrbio berlinense de Wannsee, um grupo de oficiais superiores alemães reuniu-se para debater a necessidade de envolver o maior número possível de judeus europeus na rede de deportação e de extermínio. Entre os alemães presentes, sob os auspícios de Heydrich, estavam o recém-nomeado secretário de Estado do Ministério da Justiça do Reich, Roland Freisler, e um destacado funcionário nazista do Ministério das Relações Exteriores, Martin Luther, cuja missão consistia em convencer os governos da Europa a colaborar naquilo a que com eufemismo chamava de “Solução Final da Questão Judaica”. O objetivo, explicou Heydrich, era “fazer desaparecer”, em sua totalidade, os onze milhões de judeus na Europa. Para encontrá-los, a Europa seria “passada a pente fino, de leste a oeste”. O representante do governo-geral, Dr. Joseph Buhler, tinha “apenas um favor a pedir”: que a “questão judaica” no território do governo-geral “fosse resolvida o mais rapidamente possível”. Outro participante, Wilhelm Stuckart, que participara na preparação das leis de Nuremberg em 1935 – que convertiam os judeus em cidadãos de segunda classe e párias, propôs a “esterilização obrigatória” de todos os “não arianos” e a dissolução de todos os casamentos “mistos”. No entanto, o modelo adotado seria o veículo de gaseamento empregado em Chelmno; desde a segunda semana de dezembro, mais de mil judeus e muitos ciganos eram arrancados diariamente de suas casas e aldeias na Polônia Ocidental, metidos em veículos e mortos no trajeto entre a igreja de Chelmno e um bosque nas imediações. Nos meses que se seguiram à conferência de Wannsee, a prática se espalharia e seriam criadas câmaras de gás, onde também era empregado o escapamento de motores a diesel, em três campos mais longínquos: Belzec, Sobibor e Treblinka. Embora distantes, eram próximos de uma ferrovia, por onde quase todos os deportados

chegariam à morte. Somente um punhado, necessário para as tarefas servis nos campos de extermínio, era poupado. Não havia qualquer “seleção” de homens ou de mulheres aptos para o trabalho em fábricas ou em atividades agrícolas – todos os que chegavam, homens e rapazes, mulheres e moças, crianças e velhos, doentes e sãos, eram aniquilados.



A PENÍNSULA DE BATAAN. JANEIRO A MAIO DE 1942.

A morte por gaseamento e por assassinatos sistemáticos era a solução “final” em oposição a outras “soluções”, como emigração ou trabalhos forçados. Para garantir o bom funcionamento do sistema, o caráter organizado das deportações e a divulgação de informações tranquilizadoras acerca do destino a dar aos judeus, Heydrich escolheu um oficial superior, Adolf Eichmann, que velasse pelo cumprimento das resoluções de Wannsee. Quando a conferência chegou ao fim, recordaria Eichmann, “sentamo-nos juntos como bons camaradas. Não para falarmos sobre trabalho, mas para descansar daquelas longas horas de esforço”.

Em 20 de janeiro, dia da conferência de Wannsee, um jovem judeu, Yakow Grojanowski, que conseguira fugir da equipe de trabalho obrigada a enterrar os cadáveres em Chelmo quando os veículos de gaseamento chegavam à floresta, chegava à aldeia vizinha de Grabow. Procurando o rabino local, Grojanowski, disse-lhe: “Rabino, não pense que estou louco e que perdi a razão. Sou um judeu do mundo inferior. Eles estão matando toda a nação de Israel. Eu já enterrei todos os judeus de uma cidade, meus pais, irmãos, minha família inteira.”

Para os aliados ocidentais, eram más as notícias vindas de todas as frentes no início da terceira semana de janeiro. Em Cingapura, cinco aviões Hurricane britânicos foram abatidos, em 21 de janeiro, pelos aviões de combate Zero da força japonesa. No norte da África, Rommel passou à ofensiva, obrigando os britânicos a recuarem no deserto até meio caminho entre Benghazi e Tobruk. “Nossos adversários continuam a fugir como se um enxame os perseguisse”, escreveu Rommel, no dia seguinte, à mulher. Nas Filipinas, MacArthur ordenava uma retirada na península de Bataan, desde a linha Mauban-Abucay até a estrada Pilar-Bagac, mas, nessa noite, os japoneses lançaram uma série de ataques anfíbios a sul de Bagac. Na Malásia, os bombardeiros japoneses atacaram Cingapura, causando grande número de baixas e vultosos estragos. Um contingente de tropas australianas, não podendo utilizar a estrada – que estava bloqueada pelos japoneses em Parit Sulong –, tentou abrir caminho pela selva e pelos pântanos até as linhas britânicas. Antes de partir, os australianos deixaram seus feridos à beira da estrada,

“aninhados ao pé das árvores, fumando calmamente e sem receio”. Capturados pelos japoneses, foram conduzidos a uma cabana próxima e mortos a tiro ou a golpes de baioneta. Em Rabaul, na Nova Guiné, seis mil japoneses atacaram uma guarnição australiana de mil homens; uma vez mais, os australianos foram, em sua maioria, aprisionados e mortos.

Em 23 de janeiro, as forças japonesas prepararam-se para desembarcar em Kieta, nas ilhas Salomão, em Balikpapan, na ilha de Bornéu, e em Kendari, nas Celebes, o que constituía um vasto âmbito geográfico.

Na Europa ocupada, desenhava-se um novo modelo de guerra e de resistência. Em 23 de janeiro, em Novi Sad, no Danúbio, um grupo de soldados húngaros conduziu 550 judeus e 292 sérvios até o rio gelado, bombardeando o gelo até que se partisse e provocando a morte por afogamento dos judeus e sérvios. No mesmo dia, em Viena, um grupo de jovens judeus reuniu-se para criar uma organização de sabotagem às instalações militares alemãs na região. Perguntou-se: “Onde podemos arranjar nossa primeira pistola?” Na manhã seguinte, recordou outro elemento do grupo, “acariciamos ternamente o aço sagrado de nossa primeira pistola”.

Os planos de Hitler não previam a resistência ou a sobrevivência de judeus. Nesse dia, Hitler disse à sua comitiva, na presença de Himmler: “Temos de agir radicalmente. Quando se arranca um dente, o melhor é fazê-lo com um só puxão, pois a dor passa mais rapidamente. O judeu precisa desaparecer da Europa.” Se os judeus “batem as botas” durante a viagem, comentou Hitler, “não posso fazer nada, mas, caso se recusem a ir voluntariamente, não vejo outra solução se não o extermínio”.

Para não chocar seus ouvintes com a palavra “extermínio”, Hitler acrescentou, em termos que não davam margem para qualquer mal-entendido: “Por que eu daria aos judeus e aos prisioneiros de guerra tratamentos diferentes?”

O soldado russo sabia que seu cativo equivalia à morte e estava a par dos massacres cotidianos de civis soviéticos em todas as regiões ocupadas. Lutava, portanto, com tenacidade, para repelir o invasor e para evitar a captura. Em 23 de janeiro, Kholm foi reconquistada e Rhzev quase foi cercada. Ao sul, as tropas russas estavam a postos para abrir

uma brecha nas linhas alemãs, próxima a Izyum, numa tentativa de isolar os alemães em Kharkov através de uma ofensiva em direção ao sul.

No teatro do Pacífico, as forças invasoras japonesas, prestes a desembarcarem em Balikpapan, viram-se alvo de um enérgico ataque por quatro contratorpedeiros e por um grupo de submarinos americanos. Quatro entre os dezesseis navios de transporte de tropas foram afundados, sem quaisquer baixas no lado americano. Era a primeira vitória naval dos Estados Unidos, insuficiente, porém, para evitar a ocupação de Balikpapan. No mesmo 24 de janeiro, as tropas japonesas de Bataan, nas Filipinas, desembarcaram no cabo Longoskawayan, ao sul de toda a linha defensiva americana. O general MacArthur comunicou a Washington que “todas as possibilidades de manobra” estavam esgotadas, mas acrescentou: “Pretendo combater até a destruição total.” Para os soldados, essas palavras heroicas mascaravam um destino sombrio, que resumiram no estilo incisivo dos combatentes:

Somos os desgraçados combatentes de Bataan:

Nem mãe, nem pai, nem Tio Sam,

Nem tias, nem tios, nem sobrinhos, nem sobrinhas,

Nem aviões, nem espingardas, nem artilharia,

Nem ninguém para se importar.

Em 25 de janeiro, as tropas americanas e filipinas continuaram a recuar para o sul, atingindo seu objetivo, a estrada Pilar-Bagac, no dia seguinte. Contudo, os japoneses não davam descanso e, em 24 horas, estavam prontos para continuar o ataque. A densidade da selva dificultava os preparativos defensivos, embora os montes Samat e Mariveles, com 1.430 metros de altitude, fornecessem excelentes pontos de observação. O tempo, porém, estava contra os defensores, pois os japoneses, utilizando, com perícia, barcas de desembarque, ultrapassaram a linha de defesa americana e enviaram tropas de Subic Bay e de Moron para o cabo Caibobo, oito quilômetros ao sul de Bagac.

No entanto, os americanos não estavam desprevenidos nem lhes faltava tenacidade, podendo infligir baixas pesadas à força de desembarque com

um barco rápido de patrulha. Ao sul, nos cabos Canas e Quinauan, dois novos desembarques japoneses foram contidos com tanto sucesso que foram obrigados a desistir de suas esperanças de uma rápida conquista de Bataan e obrigados a recuar para uma linha mais defensiva entre Bagac e Orion enquanto chamavam reforços que estavam em Manila e pediam a Tóquio que enviasse, com urgência, mais tropas.

Na Nova Guiné, as tropas japonesas desembarcaram em Lee. Entretanto, contingentes do exército americano continuavam a atravessar o Atlântico para, no devido tempo, participarem da guerra na Europa. Em 26 de janeiro, suscitando um protesto enérgico do primeiro-ministro irlandês, Eamon de Valera, as primeiras tropas americanas desembarcaram no Ulster. Ainda demorariam trinta meses para que essas tropas desembarcassem na Europa, entretanto, o sofrimento do continente não conhecia trégua. Em 26 de janeiro, na Iugoslávia ocupada, centenas de mulheres e de crianças judias foram obrigadas a percorrer a pé, na neve, o trajeto entre Ruma e Zemun. “A morte branca fez sua colheita”, recordou uma testemunha. “As crianças congelavam no colo das mães, que tentavam aquecê-las. As mães enterravam, às pressas, os filhos na neve, esperando que alguém os enterrasse decentemente quando a primavera chegasse. A mulher de Kurt Hilkevec perdeu os três filhos no trajeto. O menor, nascido em Sabac, morreu nos seus braços.” O destino desse cortejo de horrores era o campo de concentração de Sajmiste, onde foram mortos, em maio, quase todos os sobreviventes da caminhada.

No segundo dia da marcha mortal para Zemun, Hitler atacou novamente os judeus na presença de seus convidados. “Os judeus têm de fazer as malas e desaparecer da Europa”, insistiu. “Que sigam para a Rússia. No que diz respeito aos judeus, não tenho sentimentos de piedade. Serão sempre o fermento que lança uns povos contra outros.” Hitler acrescentou: “E terão de sair da Suíça e da Suécia; são mais perigosos nos lugares onde existem em pequeno número. Ponham cinco mil judeus na Suécia e, em pouco tempo, ocuparão todos os cargos importantes no país.” Era “óbvio” que não bastava expulsar os judeus da Alemanha. “Não podemos permitir que tenham bases para onde se retirar às nossas portas. Queremos eliminar o perigo de infiltrações.” Nesse dia, o general Eisenhower criticava, em seu diário, a política americana de

“distribuir fornecimentos em quantidades ínfimas pelo mundo inteiro, sem que nenhum teatro de operações recebesse o suficiente” e defendia a opinião de que “temos de vencer na Europa”.

A Europa não respirava; em 28 de janeiro, na cidade de Feodosia, Crimeia, foram capturados e mortos 36 resistentes russos. Em Dzhankoy, 141 “indivíduos suspeitos”, como a Gestapo chamava-lhes, foram presos: “Setenta e seis já foram interrogados e fuzilados”, explicou o relatório nove dias mais tarde.



Tropas japonesas invadem a Birmânia, 31 de janeiro de 1942. A bandeira britânica está hasteada na ponte ferroviária que marca a fronteira entre a Birmânia e a Tailândia.

No extremo Oriente, as tropas japonesas desembarcaram, em 28 de janeiro, na ilha de Russell, a leste da Nova Guiné. O território australiano ficava em perigo iminente. No norte da África, as forças de Rommel ocuparam Benghazi no dia seguinte. O Egito estava, mais uma vez, ameaçado. Contudo, a maré da guerra mudava dia após dia: em 29 de janeiro, em Bataan, as tropas americanas e filipinas conseguiram destruir a cabeça de ponte japonesa no cabo Longoskawayan. A sudoeste de Kaluga, as forças russas infligiram pesadas baixas aos alemães, reconquistando Sukhichi. No mesmo dia, a Grã-Bretanha e a União Soviética assinaram uma aliança com o Irã, concordando que contingentes russos e britânicos permaneceriam no país até seis meses depois da guerra. O “corredor persa”, sob controle anglo-soviético, seria a principal rota de fornecimento de material de guerra entre o Ocidente e a Rússia. Por sua vez, o xá comprometia-se a “não adotar, em suas relações com países estrangeiros, qualquer atitude inconsistente com a aliança”.

Em 30 de janeiro, Hitler comemorou o nono aniversário de sua ascensão ao poder na Alemanha. Dirigindo-se a uma multidão entusiástica, no Palácio de Esportes em Berlim, declarou: “A guerra não acabará como os judeus imaginam – ou seja, com o extermínio dos arianos –, pelo contrário, o resultado desta guerra será o aniquilamento completo dos judeus.” Em breve, chegaria a hora, avisava Hitler, “em que o mais perverso inimigo universal de todos os tempos desaparecerá ao menos pelos próximos mil anos”. No dia seguinte, o Relatório da Situação Operacional na URSS no 170, enviado de Berlim a mais de sessenta destinatários, registrava, com a indicação de documento “ultrassecreto”, que nos seis dias anteriores, na Crimeia, haviam sido “fuziladas 3.601 pessoas: 3.268 judeus, 152 comunistas e agentes da NKVD, 84 resistentes e 79 bandidos, sabotadores e elementos insociais. Total até a data: 85.201”.

As estatísticas de mortes durante a Segunda Guerra Mundial nunca poderão ser completadas. Nesse 31 de janeiro, verificou-se que mais de duzentos mil habitantes haviam morrido de fome e de frio em Leningrado desde o início do cerco, cinco meses antes.

As águas congeladas do lago Ladoga representavam, no entanto, um caminho de esperança. Embora a viagem chegasse a durar sete horas durante as tempestades de neve, o tempo habitual do trajeto fora reduzido para 2,5 horas, ou mesmo a apenas duas horas; nos três meses que se seguiram a 22 de janeiro – dia em que o caminho mais curto se tornou praticável – foram evacuadas da cidade 554.186 pessoas, incluindo 35.713 soldados feridos. Entre as tropas do Eixo, que nesse inverno enfrentaram os russos em Leningrado, contavam-se mil holandeses, membros de uma legião de voluntários. Todos eles prestariam serviço na frente durante mais de um ano, junto com uma unidade da Cruz Vermelha holandesa, uma companhia especial de propaganda e cinquenta fotógrafos e operadores de câmara.

Na retaguarda das linhas inimigas, a resistência soviética perturbava as manobras alemãs; em 31 de janeiro, um relatório alemão assinalava que, na zona de Yelnya-Dorogobuzh, “o movimento de guerrilha começa a dominar a situação”. Não só ocorriam diariamente ataques e emboscadas, como se dizia que fora criado nas imediações de Yelnya, para a resistência, um hospital de campanha.



Tropas japonesas celebram a vitória na Malásia, 31 de janeiro de 1942.

No último dia de janeiro de 1942, as tropas britânicas remanescentes abandonaram a península malaia, seguindo para a ilha de Cingapura, onde tropas britânicas, australianas, indianas, canadenses e malaias aguardavam a ofensiva japonesa. Os bombardeamentos começaram imediatamente. Em Bataan, tal como em Cingapura, iniciava-se um cerco em que a superioridade japonesa em números e em potência de fogo não deixava prever um desenlace favorável aos aliados. Porém, 4.500 quilômetros a leste de Bataan, no meio do Pacífico, porta-aviões americanos lançavam sua primeira operação ofensiva na guerra, empreendendo ataques aéreos contra as bases japonesas de Kwajalein, Wotje e Maloelap, nas ilhas Marshall. No decurso da operação, o porta-aviões *Enterprise* foi danificado por um bombardeiro suicida japonês.

No Timor Holandês, enquanto as tropas australianas se rendiam, um grupo de centenas de comandos embrenhou-se na selva, onde manteve, durante onze meses, o ataque aos japoneses, até ser evacuado para local seguro; nesses período, os comandos mataram 1.500 japoneses, sofrendo apenas quarenta baixas. Em contrapartida, o destino dos australianos que se renderam foi terrível; dez soldados, capturados em 1º de fevereiro em Sowacoad, na ilha de Amboina, foram mortos a golpes de baioneta porque, como explicou o comandante da força japonesa, “certamente atrasariam” seu avanço rumo ao encontro das tropas restantes desembarcadas na ilha. Em outros pontos da mesma ilha ocorreriam atos de igual selvageria; quando foi tomado o principal porto de Amboina e sua pequena guarnição de 809 australianos rendeu-se, 426 homens, entre eles, foram mortos a golpes de baioneta ou por fome ou por torturas como prisioneiros de guerra. Em 4 de fevereiro, mais trinta prisioneiros de guerra australianos foram levados para Sowacoad e mortos a golpes de baioneta ou decapitados. “Foram conduzidos, um a um, para o local de execução”, recordou seu executor, tenente Nakagawa, “e obrigados a ajoelhar-se, com os olhos vendados”. Os homens de Nakagawa “saíam, então, das fileiras, um por vez, para decapitar os prisioneiros de guerra com uma espada ou para trespassar-lhes o peito com uma baioneta”.

Em 5 de fevereiro, foram mortos, da mesma forma, trinta prisioneiros australianos e holandeses. Em Tol, na ilha de Rabaul, 150 prisioneiros de guerra americanos haviam sido massacrados no dia anterior. A Ásia competia com a Europa em matéria de terror; em 1º de fevereiro, na

Rússia ocupada, os últimos 38 judeus e ciganos de Loknia foram assassinados; três dias depois, era a vez de todos os cem judeus de Rakov, cidade próxima a de Minsk.

Em 1º de fevereiro, os serviços secretos britânicos sofreram seu mais sério revés em toda a guerra. O comando de submarinos alemão, no âmbito de um programa de segurança interna, modificou seus códigos Enigma de tal forma que nenhuma outra mensagem pôde ser decifrada até o fim do ano. De um momento para o outro, apagava-se a preciosa luz do conhecimento prévio sobre o deslocamento de submarinos alemães no Atlântico e no Mediterrâneo. Ao mesmo tempo, os códigos britânicos, através dos quais se efetuava a maior parte das comunicações aliadas sobre comboios no Atlântico norte foram decifrados pelo serviço de informações da marinha alemã. Na guerra de cifras, a Grã-Bretanha perdeu, repentina e decisivamente, a vantagem no domínio naval, mas, no mesmo mês, foram quebrados mais dois códigos Enigma do exército alemão – o GGG, usado para enviar as mensagens dos serviços secretos alemães entre Berlim e os agentes na região de Gibraltar, e o Laranja II, o código de comunicação entre Berlim e as divisões da SS no terreno, que combatiam como parte integrante do exército alemão na frente oriental.

Para essas divisões da SS, cuja maior parte se encontrava na frente oriental, e para todas as unidades alemãs que enfrentavam os russos ou estavam na retaguarda de suas linhas, fevereiro de 1942 foi marcado por um aumento considerável da atividade de resistência. “Uma vez que não temos uma frente contínua”, assinalava um relatório do exército alemão no primeiro dia do mês, “tornam-se possíveis todos os tipos de contatos entre nosso lado e os russos, e o inimigo aproveita abundantemente essas idas e vindas. Novos grupos de resistentes infiltraram-se em nossas zonas enquanto os russos lançam paraquedistas para liderá-los. Em fevereiro de 1942, a 2a Brigada de Resistência em Leningrado recebeu, por paraquedas, uma pequena prensa que lhe permitiu imprimir seu próprio jornal, o *People's Avenger*.

Os atos de vingança eram quase diários. “Montamos uma emboscada na aldeia de Bereski”, registrou em seu diário, em 4 de fevereiro, o

jovem Vyacheslav Balakin, de 18 anos. “Abatemos três alemães a sangue-frio. Eu feri um. Outro foi capturado. Eu capturei um isqueiro, uma caneta de tinta permanente, um anel de ouro, dois cachimbos, tabaco e um pente. O moral está *gut*.”

Cinco dias depois, esse grupo matou um “traidor”. Algumas horas depois, fizeram “o mesmo com a mulher dele. Lamentamos que deixe três filhos órfãos, mas a guerra é a guerra! Quando se trata de traidores, não há lugar para considerações humanitárias”. Nessa noite, uma “expedição punitiva” alemã chegou à região de Balakin. Dois camponeses russos foram mortos.

Próximo a Kiev, segundo o Relatório da Situação Operacional na URSS no 164, de 4 de fevereiro, foram abatidos sessenta russos, incluindo vários resistentes. Cinco dias depois, os alemães lançaram a operação Malária contra os resistentes soviéticos que atuavam na região de Osipovich. Nas áreas da retaguarda, as unidades alemães que se viam obrigadas a combater as atividades de resistência inventaram a seguinte canção sarcástica:

Russos à frente

Russos atrás

E entre uns e outros

O tiroteio.

A resistência contra os alemães começava a intensificar-se também na Iugoslávia; em 5 de fevereiro, na operação Disclaim, uma missão britânica foi lançada, em paraquedas, num local próximo a Sarajevo, para estabelecer contato com as forças de resistência. Contudo, o balanço dos massacres continuava largamente a favor dos alemães; na cidade de Dnepropetrovsk, no sul da Rússia, por exemplo, nas quatro semanas que precederam 6 de fevereiro, um relatório da Situação Operacional da URSS compilado em Berlim registrou que “dezessete criminosos de direito comum, 103 comunistas, dezesseis resistentes e cerca de 350 judeus foram fuzilados por ordem do Tribunal Sumário. Foram liquidados quatrocentos doentes do hospital psiquiátrico de Igrin e 320 doentes da unidade de Vasilkovska” – um total de 1.206 pessoas.

O chefe da Gestapo na Lituânia, coronel Karl Jaeger, informou a Berlim que, nos sete meses anteriores, suas unidades especiais haviam matado 138.272 judeus, entre os quais 34.464 crianças. De acordo com as meticulosas estatísticas de Jaeger, haviam morrido também 1.064 comunistas russos, 56 guerrilheiros soviéticos, 44 poloneses, 28 prisioneiros de guerra russos, cinco ciganos e um armênio. Arrancados de suas casas na cidade polonesa de Sierpc em 6 de fevereiro, quinhentos judeus foram abatidos numa caminhada em direção à cidade vizinha de Miawe. Durante esse mês, morreram de fome em Varsóvia 4.618 judeus. Da aldeia de Sompolno foram levados para Chelmno, e gaseados, cerca de mil judeus.

Os gaseamentos, destruidores tão radicais da vida humana, eram encarados por certos nazistas como úteis para fins “científicos”. Em 9 de fevereiro, o antropólogo e médico alemão Auguste Hirt, diretor do Instituto de Anatomia recém-criado na Universidade de Strasbourg, escreveu a Heinrich Himmler:

Mediante o exame de crânios de comissários judeu-bolcheviques – que representam o protótipo repulsivo, mas característico, do indivíduo sub-humano –, teremos oportunidade de obter dados científicos palpáveis. O melhor método, em termos práticos, consiste em capturar vivos esses indivíduos. A seguir à morte induzida do judeu, a cabeça, que não deverá ser danificada, deve ser separada do corpo e expedida numa lata hermeticamente selada, cheia de um líquido conservante.

Himmler deu a Hirt a autorização necessária; daí em diante, Hirt serviu-se de crânios de judeus assassinados em seu trabalho médico-científico. Passado mais de um ano, Adolf Eichmann foi informado de que haviam sido mortas, para uso de seu esqueleto, 115 pessoas: 79 judeus, trinta judias, quatro russos da Ásia Central e dois poloneses. Em 10 de fevereiro, numa nova extensão do código criminal nazista, tornou-se sujeito à pena de morte todo indivíduo alemão do sexo masculino que tivesse relações sexuais com qualquer indivíduo do mesmo sexo.

Numa tentativa de centralizar e acelerar o esforço de guerra alemão, o ministro do Armamento e da Produção de Guerra, Fritz Todt, presidiu, em 6 de fevereiro, a primeira reunião de uma comissão coordenadora de

todos os ministérios implicados na concepção, fabricação e distribuição de armamentos. No dia seguinte, voou para Rastenburg, onde comunicaria a Hitler o que ficara decidido: um aumento de 55 por cento na produção alemã de armamentos. Em 8 de fevereiro, Todt embarcou no avião que deveria levá-lo novamente a Berlim. A aeronave caiu logo após a decolagem, matando-o. Hitler abalou-se com a morte de um homem que tão bem servira a ele e à Alemanha e cuja organização utilizava centenas de milhares de trabalhadores escravos. Nessa semana, o arquiteto de Hitler, Albert Speer, então com 36 anos, sucedeu a Todt e, igualmente, não demonstrou quaisquer escrúpulos em explorar o trabalho de franceses, holandeses, belgas, dinamarqueses, poloneses e de mais de uma dezena de outros povos cativos. Em memória de Todt, a bateria de artilharia naval inaugurada pelos almirantes Raeder e Doenitz em Haringzelles, na costa do canal da Mancha, em 10 de fevereiro, protegida por maciças torres de cimento armado, recebeu o nome de “bateria Todt”.

No norte da África, o exército alemão ainda obrigava os britânicos a recuarem para o Egito: “Recuperamos a Cirenaica”, escreveu Rommel à mulher, em 4 de fevereiro. “Tudo se passou num abrir e fechar de olhos.” No extremo Oriente, os japoneses atacaram um comboio de navios de transporte de tropas que levava soldados indianos a Cingapura; o navio mais lento do grupo, o *Empress of Asia*, foi afundado, com a perda de numerosas vidas. Nesse dia, a artilharia pesada japonesa entrou em ação contra as defesas de Cingapura. A cidade, declarou, em 7 de fevereiro, o general Percival, dispunha-se a resistir até o último homem.

Em 8 de fevereiro, cinco mil japoneses atravessaram o estreito de Johore, que separa a Malásia da ilha de Cingapura. Durante sete dias, os britânicos lutaram contra um inimigo superior numericamente e em armamentos. Os panfletos lançados sobre a cidade em 11 de fevereiro, apelando à rendição, foram deliberadamente ignorados. Enquanto a guarnição de Cingapura resistia com teimosia, os alemães levaram a cabo a operação Cerebus, enviando, do porto de Brest para o mar do Norte, através do canal da Mancha, os couraçados *Scharnhorst* e *Gneisenau* e o cruzador *Prinz Eugen*. A opinião pública britânica abalou-se com esse “Golpe da Mancha”, como ficou conhecida a operação, e com a perda de dez aviões enviados para interceptar os navios de guerra. Contudo, nos círculos mais restritos da política de guerra, o alívio foi

imediatamente quando as mensagens Enigma revelaram que os três navios haviam sofrido estragos relativamente sérios durante a incursão. “Isso os deixará fora de combate por seis meses, pelo menos”, disse Churchill a Roosevelt, “e, durante esses meses, nossa marinha receberá reforços substanciais”.

Não era, porém, a força dos aliados, mas sua fraqueza, o que alimentava, dia após dia, o noticiário da guerra. Em 13 de fevereiro, os japoneses destruíram a mais importante defesa de Cingapura – seus maciços canhões de 38 centímetros, voltados para o mar –, e ocuparam, no sudeste de Bornéu, o porto de Bandjermasan. Em 14 de fevereiro, foi lançado em Palembang, na ilha de Sumatra, um contingente de paraquedistas japoneses. No dia seguinte, Cingapura rendeu-se; 32 mil soldados indianos, dezesseis mil britânicos e catorze mil australianos foram feitos prisioneiros. Mais da metade morreria no cativeiro.

A queda de Cingapura – considerada a “Gibraltar do Oriente” – foi um golpe duro sobre a Grã-Bretanha. “É o momento”, disse Churchill ao povo britânico, numa comunicação difundida por rádio em 15 de fevereiro, “de demonstrarmos a calma e a compostura, combinadas com a mais absoluta determinação, que há pouco conseguiram arrancar-nos das foices da morte”. O “único perigo real”, declarou Churchill, seria “um enfraquecimento de nossa determinação e, por conseguinte, de nossa unidade: esse seria o crime mortal”. Para quem fosse culpado, ou induzisse outros a esse crime, “o melhor destino ainda seria atarem-lhe uma pedra ao pescoço e atirarem-no ao mar”.

Churchill incitou seus ouvintes a não se desesperarem. “Devemos nos recordar”, disse, “de que já não estamos sozinhos. Estamos entre uma imensa multidão. Três quartos da raça humana marcham ao nosso lado. Todo o futuro da humanidade pode depender de nossa ação e nossa conduta”. Até aqui, acrescentou Churchill, “não fraquejamos. Não vamos fraquejar agora. Avançaremos juntos, com a máxima firmeza, até o meio da tempestade e conseguiremos vencê-la”.



A artilharia naval inglesa dispara uma salva de tiros em Cingapura.
As armas estavam estrategicamente colocadas para defenderem o posto.
Os japoneses destruíram-nas num ataque aéreo em 13 de fevereiro de 1942.

Guerra total

Fevereiro-abril de 1942

Em 14 de fevereiro de 1942, véspera da conquista de Cingapura pelos japoneses, Hitler esteve em Berlim, no funeral do Dr. Todt, quando, em conversa particular com o Dr. Goebbels, tratou sobre o destino a dar aos judeus que ainda sobreviviam na Europa. “O Führer exprimiu, mais uma vez, sua determinação em expurgar a Europa de judeus”, registrou Goebbels em seu diário. “Não se deve ter sentimentalismos e escrúpulos.” Os judeus “mereceram a catástrofe que se abate sobre eles. Sua destruição avança junto com a destruição de nossos inimigos. Temos de apressar esse processo com a mais fria determinação”. Na cidade de Simferopol, na Crimeia, a “fria determinação” tivera como resultado, segundo o Relatório da Situação Operacional na URSS no 170, o massacre de dez mil judeus entre 9 de janeiro e 15 de fevereiro.

Nessa data, em Berlim, Hitler exortou os oficiais da SS formados naquele ano a “deter a maré vermelha e salvar a civilização”. Começando em 16 de fevereiro, e durante doze dias, massacres na Crimeia resultaram na morte, comunicada oficialmente a partir de Berlim, de 1.515 indivíduos, “sendo 729 judeus, 271 comunistas, 74 resistentes e 421 ciganos, elementos insociais e sabotadores”.

No extremo Oriente, verificavam-se massacres idênticos. Em 16 de fevereiro, na costa da Malásia, 65 enfermeiras do exército australiano e 25 soldados ingleses renderam-se aos japoneses. Os soldados foram levados até a praia e mortos a tiro ou a golpes de baioneta; somente dois, entre eles, sobreviveram. As enfermeiras receberam ordens para entrar no mar; quando se encontravam na água, foram abatidas a rajadas de metralhadora. A irmã Vivien Bullwinkel, unicamente, sobreviveu. Dois dias depois, na ilha de Cingapura, foi capturado, numa incursão, um

primeiro grupo de cinco mil civis chineses, em sua maioria membros destacados da comunidade chinesa da ilha. Passadas duas semanas, todos estavam mortos. Muitos, com as mãos atadas atrás das costas, haviam sido decapitados.

Ainda em 16 de fevereiro, cinco entre os maiores submarinos alemães, cada um pesando mil toneladas, foram enviados através do Atlântico para o Caribe. Suas instruções eram atacar navios mercantes aliados ao longo da costa americana, de Trinidad a Nova York. Frequentemente, as silhuetas negras de suas vítimas surgiam contra as luzes brilhantes das cidades costeiras, reduzindo a perícia de um ataque naval a pouco mais que exercícios de pontaria.



Soldados britânicos feitos prisioneiros em Cingapura, 16 de fevereiro de 1942.
Ao fundo veem-se os soldados japoneses.

Na frente oriental, o Exército Vermelho fez um novo esforço para obrigar os alemães na zona de Rzhev a recuar, lançando uma ofensiva em 17 de fevereiro. Além do ataque frontal, 7.373 soldados foram lançados de paraquedas na retaguarda das linhas alemãs; em consequência do nevoeiro, mais de 25 por cento caíram nas posições alemãs, onde foram imediatamente feitos prisioneiros. As forças alemãs, apesar de pesadas baixas e de uma temperatura que desceu aos -52°C, mantiveram suas posições. Um regimento da SS chegou ao fim da batalha com apenas 35 entre seus dois mil homens.

Para “dar lugar” aos soldados alemães feridos e evacuados da frente oriental, os hospitais psiquiátricos que ainda subsistiam no território alemão foram “esvaziados”. O método utilizado era a eutanásia, por gaseamento ou injeção letal. Em 19 de fevereiro, o governo britânico recebeu um relatório sobre o assunto, enviado desde a Suécia por um especialista sueco em eutanásia recém-regressado de uma visita à Alemanha, que se referia, entre outros casos, a um hospital “onde 1.200 pessoas foram eliminadas por envenenamento”.

No mesmo dia, no extremo Oriente, os bombardeiros japoneses atacaram o porto australiano de Darwin, onde os dezessete navios ancorados foram afundados, incluindo o contratorpedeiro americano *Peary*. Na batalha aérea sobre o porto, foram abatidos 22 aviões australianos e americanos, contra apenas cinco aeronaves japonesas. O número de baixas aliadas foi 240, mas a Austrália nunca mais foi atacada. Como represália por essa incursão, a aviação americana, partindo de porta-aviões, atacou Wake e a ilha Marcus.

Na ilha de Amboina, o tenente Nakagawa ordenou, em 20 de fevereiro, a execução de mais 120 prisioneiros de guerra australianos. Todos tiveram os olhos vendados e foram obrigados a ajoelhar-se, sendo mortos com espadas ou baionetas. “Tudo aconteceu entre 18h e 21h30”, recordou Nakagawa. “Muitos corpos foram enterrados num buraco, mas, como não era suficientemente grande, usamos também um abrigo cavado na terra.”

Na mesma data, o presidente Quezon, das Filipinas, saiu de Luzon num submarino americano. No dia seguinte, o presidente Roosevelt ordenou ao general MacArthur que abandonasse as Filipinas e transferisse seu quartel-general para a Austrália. Em 23 de fevereiro, o estado-maior aliado foi evacuado de Java para a Austrália enquanto seis bombardeiros

americanos atacavam, pela primeira vez, forças japonesas ocupantes, em Rabaub, na Nova Bretanha. “Nós, americanos, fomos obrigados a ceder terreno”, declarou Roosevelt, “mas vamos recuperá-lo. Nós e as Nações Unidas estamos empenhados na destruição do militarismo alemão e japonês. Nossa força aumenta de dia para dia. Em breve, seremos nós, não nossos inimigos, a passar à ofensiva; nós, não eles, quem vencerá as derradeiras batalhas; nós, não eles, quem fará a paz definitiva”.

Os aliados, apesar de reveses cotidianos no extremo Oriente, procuravam tomar a iniciativa sempre que possível. Em 23 de fevereiro, na costa da Noruega, um submarino britânico, *Trident*, torpedeou o cruzador alemão *Prinz Eugen* menos de duas semanas após sua participação no bem-sucedido “Golpe da Mancha”. Embora o navio não tenha sido afundado, morreram cinquenta homens, entre tripulantes e trabalhadores da organização Todt a caminho de seus trabalhos forçados. Na frente oriental, as atividades das unidades de resistência soviética continuavam a inquietar o alto-comando alemão. “A área a leste do Dnieper”, comunicou, em 20 de fevereiro, um oficial de divisão Panzer, “está infestada por resistentes bem armados sob comando único. As estradas são constantemente minadas. Toda a população masculina é recrutada e treinada em campos especiais. Ao que parece, os resistentes são constantemente reforçados por tropas aerotransportadas”. O “ultrassecreto” Relatório da Situação Operacional na URSS de 23 de fevereiro confirma a descrição. A leste de Minsk, referia-se o relatório, havia um acampamento de guerrilheiros composto por quatrocentos a quinhentos homens. Entre as armas de que dispunham contavam-se metralhadoras pesadas e artilharia antitanque. Em outra aldeia a leste de Minsk, base de atividades de cerca de 150 resistentes, “organizou-se um baile”. Na região de Cherven, havia mais cinco acampamentos de guerrilheiros. “Os resistentes têm ordens rigorosas para não tomar a iniciativa”, assinalava o relatório, “limitando-se a acatar e a destruir grupos de alemães que realizassem buscas”.

Os resistentes soviéticos também haviam criado uma vasta zona de operações na retaguarda das linhas alemãs a leste de Smolensk; numa área de mais de 120 quilômetros por quase oitenta quilômetros,

utilizavam tropas regulares e aerotransportadas para atrapalhar os movimentos alemães em direção leste e no eixo norte-sul: era um obstáculo formidável à manutenção das posições alemãs e ao seu moral.

No setor norte da frente, após uma batalha de dez dias, as forças russas cercaram e isolaram, em 24 de fevereiro, um corpo do exército alemão a sudoeste de Staraya Russa. Porém, como a situação no extremo Oriente piorava cada vez mais, a notícia de tais vitórias, tão importantes para a frente oriental, não era suficiente para animar os aliados no Ocidente. Nesse dia, Churchill escreveu desalentadamente ao rei George VI: “Birmânia, Ceilão, Calcutá e Madras, na Índia, e uma parte da Austrália, podem cair nas mãos do inimigo.” No dia seguinte, o comandante-chefe das forças britânicas do extremo Oriente, general Wavell, retirou-se de Java, e, em 26 de fevereiro, o porta-hidroaviões americano *Langley* foi afundado pela aviação japonesa, junto com todos os seus 32 aviões. Era pouco consolador saber que no mesmo dia havia sido afundado o primeiro entre os navios de guerra japoneses presentes no ataque a Pearl Harbor – o submarino I-23.

Em 27 de fevereiro, no mar de Java, uma força especial aliada, comandada por um almirante holandês, Karel Doorman, procurou interceptar a frota invasora japonesa a caminho de Java. Numa batalha de sete horas, o cruzador *De Ruyter*, navio-almirante, foi afundado, levando seu comandante, Doorman. Também foram afundados na batalha o cruzador holandês *Java* e dois contratorpedeiros britânicos, o *Electra* e o *Júpiter*. Em contrapartida, somente um navio de transporte de tropas japonês foi afundado. Os cruzadores *Houston*, americano, e *Perth*, australiano, conseguiram fugir da zona de batalha, mas foram perseguidos e afundados na noite seguinte.

Afogaram-se, somente no cruzador *Perth*, 352 marinheiros; entre os sobreviventes socorridos por navios japoneses, 105 morreriam como prisioneiros de guerra. Em 1º de março, foram afundados mais três navios de guerra aliados – o cruzador britânico *Exeter*, um entre os vencedores da batalha do rio da Prata em dezembro de 1939; o contratorpedeiro britânico *Encounter* e o contratorpedeiro americano *Pope*. Destino idêntico teve a corveta australiana *Yarra*, da qual 138 marinheiros morreram afogados. Os japoneses, senhores do mar de Java, avançaram para a conquista da ilha.

Em 27 de fevereiro, enquanto decorria a batalha no mar de Java, os britânicos, atravessando o canal da Mancha, lançaram a operação Biting, realizada por tropas paraquedistas que deveriam capturar componentes essenciais do equipamento de radar alemão alocado na estação de Bruneval, próximo de Le Havre. A incursão foi um sucesso: não apenas o referido equipamento foi capturado como dois prisioneiros alemães, incluindo um operador de radar. Dois paraquedistas e seis alemães morreram no assalto. Para os britânicos, a incursão dava novo alento ao moral abalado e provava a eficácia de suas tropas aerotransportadas, mas o extremo Oriente, onde a catástrofe parecia iminente, continuava a dominar o noticiário. “Não posso me animar quando penso no futuro”, escreveu em seu diário o rei George VI, em 28 de fevereiro. “Tudo pode acontecer e será estupendo se conseguirmos ter sorte em algum lado.” Nesse dia, as tropas japonesas desembarcaram em Java e, de seu quartel-general em Berlim, o nacionalista indiano e líder bengali Subhas Chandras Bose proclamou por rádio o anseio de liberdade dos indianos e sua consequente disponibilidade para cooperar com a Alemanha. “Em Londres”, registrou Goebbels em seu diário, “o apelo de Bose suscitou uma raiva incontida. Ainda bem que seu paradeiro não é conhecido. No último instante, consegui evitar que o Ministério das Relações Exteriores o revelasse prematuramente”.

Java não podia ser salva; em 28 de fevereiro, o *Sea Witch* transportou para Tjilatjap 22 aviões ainda encaixotados, mas era tarde para montá-los; os holandeses, para evitar que caíssem nas mãos dos japoneses, afundaram os aviões no porto. No Atlântico, a ofensiva dos submarinos alemães, na operação Rufar de Tambores, alcançou, em fevereiro, êxito ainda maior do que no mês anterior, afundando 65 navios mercantes aliados na costa leste dos Estados Unidos. Em Leningrado, que continuava, para todos os efeitos, cercada, mais de cem mil pessoas haviam morrido de fome.

Em 1º de março, o marechal de campo Fedor von Bock, recentemente nomeado comandante do corpo de exércitos Sul, informou a Hitler que, apesar de pesadas baixas em batalha, os russos conseguiriam reunir tropas de reserva suficientes para opor-se à ofensiva alemã da primavera e poderiam armar novos exércitos a leste de Moscou. As baixas alemãs também eram importantes; nesse dia, o general Halder calculou em

202.257 o número de alemães mortos na frente oriental, tendo 725.642 sido feridos, 112.617 incapacitados por ulcerações causadas pelo frio e cerca de quatrocentos mil feitos prisioneiros.

Ainda que numerosas, essas baixas não eram comparáveis ao número de civis que haviam massacrado. Em 2 de março, foram retirados do gueto de Minsk, e assassinados, pelo menos cinco mil judeus. Na Polônia anexada pela Alemanha, novecentos judeus foram levados de Krosniewice para Chelmno, onde morreram nos veículos de gaseamento; no dia seguinte, foram gaseados 3.200 judeus na localidade vizinha de Zychlin enquanto no gueto de Baranovichi os alemães buscaram, em 4 de março, três mil judeus a serem abatidos: mais de doze mil pessoas haviam sido exterminadas em 48 horas. Quanto à operação Malária, realizada nesse mês contra a resistência, seu comandante, general Jackeln, pôde comunicar a Berlim resultados positivos: “388 resistentes mortos, 1.274 indivíduos suspeitos fuzilados e 8.350 judeus liquidados.”

Os judeus eram ainda utilizados em experiências médicas. Em março, o Dr. Rascher realizou aquilo a que deu o nome de “experiência terminal” sobre “um judeu saudável de 37 anos”. O homem foi colocado vivo numa câmara, onde o Dr. Rascher simulou as condições de uma altitude de doze mil metros. O sofrimento do judeu foi meticulosamente registrado: ele começou a transpirar e a mover a cabeça, sentiu câimbras e falta de ar e, finalmente, espumando pela boca, perdeu os sentidos e morreu.

O caso, comunicou o Dr. Rascher a Himmler, era “o primeiro do gênero”. As “ações acima descritas”, explicava Rascher, “terão interesse científico particular, pois foram registradas, até o último instante, num eletrocardiograma”.

O Dr. Rascher realizou duzentas experiências semelhantes. Segundo se julga, cerca de oitenta vítimas morreram durante as experiências. Em seu relatório de 24 páginas remetido a Himmler, ele chegava à conclusão de que era impossível voar sem proteção especial contra a pressão e sem oxigênio quando acima de doze mil metros de altitude.

O soldado australiano Colin F. Brien estava entre os mais de cinquenta soldados que, tendo sido capturados pelos japoneses em 1º de março, foram conduzidos a uma vala rasa e recém-cavada. “Mandaram-me

sentar”, contou ele mais tarde, “com os joelhos, pernas e pés dentro da cova. Amarraram minhas mãos atrás das costas. Vendaram meus olhos com uma pequena toalha e então (...) a camisa estava desabotoada e puxada para trás, expondo a zona inferior do pescoço. Inclinaram minha cabeça para a frente e, segundos depois, senti uma pesada sensação de explosão na base do pescoço. Percebi que estava vivo, mas fingi que estava morto e deixei-me cair para a direita; depois, perdi a consciência”.

Brien sobreviveu. Recapturado, os atônitos japoneses puseram-no num hospital e, depois, num campo para prisioneiros de guerra, onde, como um historiador desse episódio escreveu, “sobreviveu à guerra, para variar”. Mais tarde, foi testemunha dessa execução no tribunal de crimes de guerra em Tóquio.

Em 3 de março, nove aviões de combate japoneses atacaram a pequena cidade de Broome, no oeste da Austrália. Num ataque que durou quinze minutos contra o porta-hidroaviões utilizado para trazer tropas e refugiados de Java, foram destruídos 23 aviões australianos, americanos, holandeses e britânicos e morreram cerca de setenta pessoas, muitos refugiados de Java recém-chegados a Broome. Um bombardeiro americano, que conseguira levantar voo no início da incursão japonesa, foi abatido próximo à costa. De seus 33 ocupantes somente um sobreviveu.

Na costa de Java, 25 navios de guerra japoneses atacaram três navios britânicos saídos da Batávia em 3 de março, que transportavam refugiados para a Austrália. Os três navios foram afundados. Vinte e seis pessoas conseguiram sobreviver em dois barcos salva-vidas. Os navios japoneses passaram por eles não para atacar, mas para saudarem sua bravura, e, em seguida, afastaram-se. Os 26 homens ficaram no mar, sem água nem alimentos. A água da chuva e a carne crua de três aves marinhas ajudaram-nos a sobreviver. Ao chegarem à costa de Java, somente dezoito estavam vivos. Seis, entre eles, morreram ao tentar chegar à praia em mar bravo. Os doze sobreviventes foram feitos prisioneiros.

Na noite de 3 de março, mais de duzentos bombardeiros britânicos atacaram a fábrica da Renault em Billancourt. Entre os três mil operários

franceses, somente cinco morreram, mas algumas bombas acertaram casas situadas ao redor da fábrica e mataram cerca de quinhentos franceses, incluindo muitas famílias inteiras. Os alemães esperavam explorar tais mortes em seu proveito, mas um entre seus informantes franceses comunicou às autoridades militares: “De modo geral, se medirem a opinião pública, verão que a indignação não é suficientemente grande.” No dia seguinte, um guarda alemão foi abatido numa rua de Paris. Vinte comunistas franceses foram fuzilados a título de represália. “Foi o método que propus”, registrou Goebbels em seu diário, acrescentando: “Se for rigorosamente aplicado, levará a resultados palpáveis.”

Na cidade crimeia de Feodosiya, iniciou-se, em 5 de março, três limpezas antiguerrilha, que, em três semanas, levaram à morte mais de duas mil pessoas, entre as quais, de acordo com o relatório no 184, 678 eram judias, 359 comunistas, 153 guerrilheiras e 810 elementos insociais, ciganos, doentes mentais e sabotadores.

No Leste, os pelotões de execução alemães não tinham descanso. Em 6 de março, em Klinsky, trinta ciganos e 270 judeus foram levados, num caminhão, até uma vala na saída da cidade, obrigados a despir-se e abatidos. “A situação está agora propícia para a resolução definitiva da questão judaica”, escreveu Goebbels, no dia seguinte, em seu diário. “As gerações futuras já não terão a mesma força de vontade ou a mesma consciência aguda sobre o problema. Por isso, fazemos bem em proceder radical e consistentemente. A tarefa de que nos incumbimos”, acrescentou Goebbels, “representará uma vantagem e um dom para nossos descendentes”.

Havia, no entanto, quem protestasse contra a perseguição aos judeus. Em 7 de março, em Zagreb, o arcebispo Stepinac escreveu ao ministro do Interior da Croácia acerca de rumores “segundo os quais é iminente a prisão em massa de judeus, que serão enviados para campos de concentração”. Se tais rumores eram fundamentados, escreveu Stepinac, “tomo a liberdade de apelar para V. Ex.a no sentido de que impeça, em virtude de sua autoridade, um ataque ilegal a cidadãos que não são culpados de coisa alguma”. O apelo foi infrutífero.

Em 5 de março, os holandeses anunciaram a evacuação da Batávia; Java já não podia resistir ao ataque contínuo dos japoneses. Na Birmânia, as forças japonesas entraram em Pegu, a escassos 64 quilômetros da capital, Rangum. No dia seguinte, após tropas indianas fracassarem em sua tentativa de retomar a estrada Rangum-Pegu, o general Alexander – o último homem a abandonar Dunquerque em junho de 1940 – ordenou a evacuação da capital. Em 7 de março, a cidade foi evacuada. No mesmo dia, em Java, os holandeses apresentavam sua rendição; cem mil militares holandeses, britânicos e americanos foram aprisionados. Suas provações estavam apenas começando.

Ao todo, 8.500 soldados holandeses morreriam em cativeiro, cerca de 25 por cento daqueles que haviam sido aprisionados. Entre oitenta mil civis holandeses colocados em campos, morreriam 10.500. Muitos outros soldados e civis morreram escondidos em ilhas remotas, à espera de salvamento ou construindo barcos com os quais objetivavam conseguir auxílio em outras ilhas. Em 7 de março, na ilha de Tjebia – conhecida como a “ilha da febre” –, na costa de Sumatra, o primeiro entre dezenove ingleses que haviam chegado à ilha por barco, fugidos de Cingapura, morreu de doença e de insolação. Era o comandante Frampton, membro dos quadros navais de Cingapura. Três dias depois, morreu outro membro do grupo, o ex-comandante do corpo de aviação do extremo Oriente, vice-marechal aviador C. W. Pulford. O mesmo aconteceu ao ex-comandante da base naval de Cingapura, contra-almirante E. J. Spooner, antes que os extenuados soldados, marinheiros e aviadores conseguissem preparar um barco que pudesse navegar. Os homens que finalmente conseguiram deixar a ilha foram capturados por um submarino japonês e aprisionados.

As forças japonesas voltaram-se, então, para a Nova Guiné, ocupando Lae e Salamaua em 8 de março. Dois dias depois, desembarcavam em Buka, pertencente ao arquipélago das ilhas Salomão. Em 11 de março, com Luzon quase inteiramente sob controle japonês, o general MacArthur partiu, num torpedeiro a motor, para Mindanao, a primeira escala de sua viagem através de um verdadeiro campo minado. Passadas 35 horas, chegou a Mindanao, ao término de uma viagem de novecentos quilômetros através de águas controladas pelos japoneses. Depois, deixando para trás as Filipinas, voou para a Austrália, dizendo aos

repórteres que o esperavam no aeroporto ao sul de Darwin: “Consegui chegar aqui e conseguirei voltar ao lugar de onde parti.”

Em 7 de março, o navio de guerra *Tirpitz* zarpou de Trondheim com três cruzadores. Falhou, porém, em seu objetivo, que era atingir o comboio do Ártico, ao mesmo tempo que a esquadra metropolitana britânica falhava em sua primeira tentativa para interceptá-lo. Três dias mais tarde, após decifrações de mensagens Enigma o localizarem, os aviões do *Victorious* atacaram-no, mas sem sucesso. A mera existência do *Tirpitz* em águas árticas constituía um perigo grave e contínuo para os comboios em direção à Rússia, pois tinha potência suficiente para atacar qualquer comboio e afundar todos os seus navios. E, mesmo identificado e localizado, nada garantia que seria possível afundá-lo.

Em 12 de março, dez paraquedistas soviéticos foram lançados em local próximo a Birzai, na Lituânia, onde foram avistados, caçados e abatidos, tendo todo o seu equipamento capturado, incluindo um transmissor de rádio. Tais reveses não conseguiam, porém, desencorajar o envio de novas unidades de guerrilheiros para a retaguarda das linhas alemães.

Em 13 de março, a guerra alemã contra os judeus entrou numa nova fase, ainda mais cruel. Até então existia apenas um local, Chelmno, para onde os judeus eram deportados com o exclusivo objetivo de serem mortos assim que chegassem. Agora, o segundo desses campos, Belzec, no extremo leste do governo-geral estava pronto. Aos primeiros seis mil judeus deportados para o local, oriundos da cidade de Mielec, no sul da Polônia, foi dito que eram deslocados para trabalhar. Contudo, seu destino era a morte. Três dias depois, seguiram-se 1.600 judeus de Lublin; no final do ano, teriam sido expulsos de suas casas, deportados em comboios e assassinados judeus de mais de duzentas comunidades na região de Lublin e na Galícia Ocidental e Oriental: um total de 360 mil vítimas. Foram também gaseados em Belzec, como o recorda o memorial de pedra erigido no campo, 1.500 poloneses deportados para o campo “por auxiliarem judeus”.

Enquanto partia o primeiro entre muitos comboios que transportariam diariamente judeus para Belzec, as mensagens Enigma revelavam um aumento significativo no tráfego ferroviário alemão e na construção de

aeródromos na Ucrânia, especialmente na região ao sul de Kharkov. Em 14 de março, a Comissão Conjunta dos Serviços Secretos do Gabinete de Guerra concluiu que a próxima grande ofensiva alemã aconteceria no setor sul da frente russa. Novas mensagens Enigma revelaram que tal movimento estava marcado para 15 de maio. Churchill, sabendo quão desapontados ficaram os russos ao saber que não seria possível realizar naquele verão um desembarque anglo-americano no norte da Europa, propôs-se a apoiar Stálin com uma ofensiva maciça de bombardeamentos a alvos industriais alemães, com o objetivo, que explicou em Washington aos representantes do estado-maior, de “aliviar a pressão exercida sobre a Rússia mediante a ofensiva aérea mais enérgica possível contra a Alemanha, tendo em conta outras exigências que nosso potencial aéreo também precisa satisfazer”.

A ofensiva começou na noite de 8 de março, com uma incursão de 211 bombardeiros contra a cidade de Essen. Apesar dos foguetes luminosos e das bombas incendiárias lançadas no início do ataque, os estragos causados foram insignificantes. Algumas noites depois, toda a força britânica atacou a cidade errada, Hamborn, a treze quilômetros de Essen, depois de um bombardeiro atingido pelo inimigo lançar suas bombas incendiárias de sinalização. Em outra ocasião, incêndios foram propositadamente ateados para servir como chamariz em Rheinburg, a 32 quilômetros de Essen, e desviar grande parte das tripulações. Esses reveses não enfraqueceram a intenção britânica nem a determinação do Comando de Bombardeiros sobre atingir com precisão e eficácia o território alemão. A promessa de Hitler, feita num discurso em 15 de março, em Berlim, de que a Rússia seria “definitivamente derrotada” no verão seguinte, reforçava ainda mais a vontade de Churchill de dar ao país o máximo apoio aéreo, que Stálin, embora não muito dado a amabilidades, apreciou e agradeceu.



Hitler se encontra com soldados feridos, em Berlim, 15 de março de 1942.
Num discurso nesse dia, previu que a Rússia seria “definitivamente derrotada”.

Os exércitos de Stálin não pretendiam esperar a ofensiva de Hitler, e as forças soviéticas na retaguarda das linhas alemãs não afrouxaram seus ataques, muito pelo contrário. “A atividade de resistência intensificou-se substancialmente nas últimas semanas”, registrou Goebbels em seu diário, em 16 de março. “Eles empreendem uma guerrilha muito bem organizada.” Para combatê-los, havia sido criado, dois dias antes, em Bobruisk, um destacamento aéreo especial, incumbido de bombardear acampamentos resistentes e detectar, a partir do ar, os movimentos de unidades de guerrilheiros. O destacamento deveria entrar em ação no âmbito da operação Munique, uma ofensiva antiguerrilha cujo início estava marcado para a terceira semana de março. Mais longe da frente de combate, em Kovno, 24 judeus encontrados fora do gueto em 17 de março, tentando comprar comida aos lituanos, foram abatidos pela Gestapo. Nesse dia, em Ilja, ao norte de Minsk, novecentos judeus foram presos e fuzilados, apesar de uma corajosa tentativa de resistência coletiva.

A operação Munique foi lançada em 19 de março. Com o apoio do recém-criado destacamento aéreo, as tropas alemãs atacaram as bases da resistência na região de Yelnya-Dorogobuzh. Numa ofensiva do mesmo gênero, na zona de Bobruisk, que recebeu o codinome de operação Bamberg, foram incendiadas várias aldeias russas e massacrados seus habitantes, em expedições que, embora ferozmente punitivas e fazendo mais de 3.500 vítimas, serviram apenas para intensificar o ódio ao ocupante e a determinação em esconder e auxiliar os guerrilheiros, que quase sempre conseguiam escapar às armadilhas e voltar ao combate. Por mais energicamente que os alemães atacassem, os resistentes respondiam, constantemente reforçados por homens e por armas lançados em paraquedas. “Temos indícios”, comunicou o 3º exército Panzer no final de março, “de que o movimento de guerrilha na região de Velikiye Luki, Vitebsk, Rudnya e Velizh, está sendo organizado em grande escala. Os efetivos da resistência em ação são reforçados por unidades do exército regular” – homens treinados no uso de armas pesadas, de peças de artilharia e de armamento antitanque. Reforço idêntico aos efetivos da resistência soviética foi percebido nas imediações de Polotsk.



GUERRILHEIROS SOVIÉTICOS, 1942.

O primeiro dia da operação Munique foi também a data de lançamento de uma diretiva para o exército alemão na Sérvia e na Croácia, sublinhando que fossem destruídos todos os locais que pudessem ter sido utilizados pela resistência iugoslava em suas ações. “A deportação de populações para campos de concentração também poderá ser útil”, acrescentava a diretiva. Quando não fosse possível “prender ou capturar” os resistentes, “poderão ser adotadas medidas de retaliação de caráter mais geral, como, por exemplo, o fuzilamento de homens das povoações vizinhas”. O fuzilamento deveria ser efetuado, explicava a diretiva, “de acordo com uma proporção fixa; por exemplo, cem sérvios por cada alemão morto, e cinquenta sérvios por cada alemão ferido”.

Esses atos de retaliação seguiriam os mesmos princípios em todas as regiões submetidas à ocupação alemã. Em 20 de março, na vila polonesa de Zgierz, cem moradores foram retirados de um campo de trabalho para serem fuzilados; os seis mil habitantes de Zgierz e das aldeias circundantes foram conduzidos até a praça central e obrigados a assistir à execução. Nesse dia, em Rastenburg, Hitler conversou acerca dos judeus com seu convidado, Dr. Goebbels. “Nesse ponto, o Führer continua tão inflexível quanto sempre”, registrou Goebbels em seu diário. “Os judeus precisam desaparecer da Europa; se necessário, mediante a utilização dos métodos mais brutais.”

Em 21 de março, Hitler autorizou Fritz Sauckel, seu plenipotenciário geral para a mobilização de mão de obra, a obter, pelos meios que fossem necessários, a força de trabalho indispensável para que a indústria de guerra alemã funcionasse no limite máximo de sua capacidade produtiva. Poderiam ser trazidos trabalhadores de todos os países ocupados; poderiam ser apanhados em rondas no meio da rua, se fosse o caso. No entanto, nem todos os judeus puderam beneficiar-se desse decreto. Da Galícia Oriental continuaram, durante o resto do ano, a ser deportados judeus para Belzec e para a morte, incluindo mil judeus de Tarnopol, em 25 de março, e seis mil judeus de Stanislaw, seis dias mais tarde. Saíram também da Alemanha judeus mandados para Belzec e para seu aniquilamento imediato; em 24 de março, foram deportados 42 judeus de Julich, 320 judeus de Wurzburg e 224 judeus de Furth. Nenhum deles sobreviveu.

Com o decreto de 31 de março, no entanto, um novo critério de deportação seria aplicado: a seleção entre “aptos” e “inaptos” para o trabalho. Enquanto em Chelmno e em Belzec, e em breve também em Treblinka e em Sobibor, todos os deportados continuariam a ser mortos, independentemente de sua aptidão para o trabalho, num novo campo, Birkenau, anexo a Auschwitz, passou a haver uma “seleção” conforme as levadas chegavam. Indivíduos saudáveis, homens e mulheres, eram enviados para os alojamentos de Birkenau como força de trabalho – cruelmente tratada, é certo – utilizada em fábricas e nos campos. Velhos, doentes e crianças eram enviados, no intervalo de poucas horas, para câmaras de gás especialmente construídas.

A primeira deportação de judeus para Auschwitz ocorreu em 26 de março, data em que 999 judias da Eslováquia chegaram ao campo e foram enviadas para os alojamentos. Chegou, no dia seguinte, um grupo de judeus franceses; os ocupantes de um trem “especial”, que partiu de Paris com 1.112 deportados. Um deportado francês, Georges Rieff, conseguiu pular do trem e fugir. Entre os restantes, mais da metade foi gaseada pouco após chegar. Os “selecionados” para o trabalho tiveram mais sorte, mas apenas a curto prazo; somente 21 entre eles estavam vivos cinco meses depois.



CAMPOS DE EXTERMÍNIO, DEPORTAÇÕES, INCURSÕES AÉREAS E REPRESÁLIAS, 1942.

Por toda a Europa, os judeus eram capturados para deportação, reunidos em campos e enviados em trens para Auschwitz. As condições em tais campos de detenção provisória já eram bastante cruéis e desmoralizadoras, enfraquecendo a força física e a vontade de viver. Em Westerbork, na Holanda, em Malines, na Bélgica, e em Drancy, nos arredores de Paris, isolamento, fome e indignidades constantes eram tudo o que possuíam dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças arrancados de seus lares e subitamente privados de tudo, exceto seus mais patéticos pertences pessoais. No sul da França, os campos de detenção provisória eram, se possível, ainda mais desagradáveis e debilitantes do que no norte. Em Gurs, Noé e Récébédou, nos Pirineus, em Rivesaltes, próximo à costa mediterrânica, e em Milles, na Provença, os rigores cotidianos constituíam um sombrio prelúdio às incertezas da deportação e de suas infernais consequências; nesses cinco campos, antes da deportação, morreram 1.864 pessoas, às quais faltou ajuda médica rudimentar ou esperança espiritual.

Em Berlim, o destino dos deportados não constituía segredo; até o envio dos judeus para a morte em Belzec era do conhecimento de um círculo relativamente restrito de dirigentes. “Começando por Lublin”, registrou Goebbels em seu diário, em 21 de março, “os judeus sob a alçada do governo-geral estão sendo evacuados para leste. O procedimento é bastante bárbaro e não deve ser descrito aqui com pormenores. Não restará grande coisa dos judeus. Cerca de sessenta por cento terão de ser liquidados; somente cerca de quarenta por cento poderão ser utilizados em trabalhos forçados”. O antigo *Gauleiter* de Viena, encarregado de aplicar tais medidas, fazia-o, comentou Goebbels, “com uma circunspecção considerável e de forma a não atrair muita atenção”. A mesma entrada no diário de Goebbels prosseguia assim:

Embora a sentença atualmente aplicada aos judeus seja bárbara, merecem-na plenamente. A profecia que o Führer fez, por iniciarem uma nova guerra mundial, cumpre-se da maneira mais terrível. Não devemos ser sentimentais nesse domínio. Se não combatêssemos os judeus, eles nos destruiriam. É uma luta de vida ou morte entre a raça ariana e o bacilo judaico.

“Nenhum outro governo”, assinalou orgulhosamente Goebbels, “e nenhum outro regime teriam força para uma solução tão global. Aqui, mais uma vez, o Führer é o firme campeão de uma solução radical, tornada necessária pelas condições existentes e, por conseguinte, inexorável.”

Em 23 de março, forças japonesas ocuparam as ilhas Andaman, na baía de Bengala, antiga colônia penal previamente evacuada por sua guarnição britânica e gorkha. No Mediterrâneo, uma tentativa britânica para abastecer Malta viu-se malsucedida quando uma força naval italiana afundou quatro navios mercantes que transportavam combustível para a ilha sitiada; entre as 26 mil toneladas de gasolina transportadas pelo comboio, somente cinco mil puderam ser salvas. Foi possível enviar apenas cinco aviões de combate para enfrentarem um ataque de duzentas aeronaves; mais tarde, quando 47 aviões Spitfire chegaram à ilha a título de reforços, trinta foram destruídos num ataque aéreo alemão.

Às primeiras horas de 28 de março, elementos da marinha e dos comandos britânicos executaram a operação Chariot, um ataque contra uma doca seca alemã em St. Nazaire. Como era o único estaleiro com capacidade para reparar o único couraçado moderno da marinha alemã, o *Tirpitz*, sua destruição dificultaria seriamente a utilização do navio em incursões no Atlântico. Durante o ataque, danificou-se seriamente a doca e foram mortos quatrocentos alemães, muitos por seu próprio fogo cruzado. Entre os 611 britânicos envolvidos no ataque, 205 morreram e grande parte foi feita prisioneira; foram mortos, igualmente, 185 marinheiros britânicos. Quatro cruzeiros Victoria, sendo duas póstumas, foram atribuídas aos participantes da ação, que inutilizou a doca seca durante o restante da guerra. No pânico desencadeado pelo ataque, os alemães dispararam contra os trabalhadores civis do porto, franceses, matando trezentos homens; o número de mortos nesse dia foi superior a mil.

Enquanto decorria o ataque a St. Nazaire, Hitler, em Rastenburg, informava seu estado-maior sobre as tarefas que constituiriam a campanha de verão contra a Rússia, concentradas na operação Azul. Primeiro, deveria ser tomada a cidade de Voronezh, sobre o Don, e, em

seguida, Stalingrado, no Volga. Ao sul, as montanhas do Cáucaso deveriam ser alcançadas no início de setembro. Derrotadas as forças russas, seria construída uma muralha oriental, separando o que restasse dessas forças, que poderiam ser atacadas quando se tornassem demasiado fortes.

Também em 28 de março, numa tentativa para fixar no extremo Oriente tantas tropas russas quanto possível durante a ofensiva em preparação, Joachim von Ribbentrop insistiu com o embaixador japonês em Berlim, conde Oshima, no sentido de garantir um ataque contra a Rússia simultâneo à ofensiva alemã. O estado-maior alemão, para encorajar tal ataque, enviaria ao seu homólogo japonês uma proposta concreta para uma investida contra Vladivostok e em direção ao lago Baikal.

Foi a proposta apresentada por Ribbentrop ao Japão em 28 de março. Todavia, os japoneses não fizeram qualquer movimento.

Nessa data de lançamento, com paraquedas, do primeiro abastecimento para agentes britânicos na França, as forças aéreas estiveram especialmente ativas nos céus europeus. O lançamento, em Blyes, foi bem-sucedido. Nessa noite, 234 bombardeiros britânicos saíram de suas bases para atacar o porto báltico alemão de Lübeck. “O principal objetivo do ataque”, lembraria o comandante da operação, Sir Arthur Harris, “era descobrir em que medida uma primeira leva de aviões poderia conduzir um segundo grupo até um alvo por meio de uma conflagração; ordenei trinta minutos de intervalo entre as duas levadas de bombardeiros para permitir que os incêndios se instalassem”. Harris acrescentou, explicando a escolha do alvo: “Lübeck não era um objetivo fundamental, mas pareceu-me preferível destruir uma cidade industrial de relativa importância a falhar na tentativa de destruição de uma grande cidade industrial.” Além disso, “queria que as tripulações sentissem o cheiro de sangue, como se diz na caça a raposas, para saborearem o gosto da vitória, para variar”.



A FRENTE ORIENTAL. MAIO DE 1942.

Dois mil edifícios de Lübeck foram totalmente destruídos e 312 civis foram mortos. Entre os 191 bombardeiros que atacaram a cidade, doze foram abatidos. Quinze mil alemães perderam suas casas. “O domingo foi consideravelmente estragado”, registrou Goebbels em seu diário, “por um ataque aéreo excepcionalmente intenso da força aérea britânica contra Lübeck”. Oitenta por cento da cidade medieval “está perdida”.

Enquanto Goebbels pensava na destruição de Lübeck, os britânicos enfrentavam um revés no envio de material de guerra para a Rússia, uma vez que, na manhã de 29 de março, quatro navios, afastados de sua escolta de contratorpedeiros por uma violenta tempestade, foram atacados e afundados pelo inimigo. Nos combates subsequentes entre as escoltas, em que também participaram contratorpedeiros russos e submarinos alemães, o frio era tão intenso que a espuma do mar que salpicava os navios congelava na superfície dos canhões. Ainda assim, foram afundados dois submarinos alemães.

Esse março assistiu às maiores perdas dos aliados na guerra marítima; 273 navios mercantes foram afundados, incluindo 95 no Atlântico norte e 98 no extremo Oriente, num total de 834.184 toneladas. Também no extremo Oriente, em 31 de março, os japoneses atingiram seu máximo ponto de conquista ao sul: o território australiano de Christmas Island, no sul de Java, onde a guarnição britânica composta por uma centena de homens se rendeu. Embora a ilha fosse uma importante fonte de fosfato, era tão pequena e rochosa que não poderia servir sequer para a construção de um aeródromo; por conseguinte, os japoneses evacuaram o local ao fim de quatro dias.

Em 1º de abril de 1942, dezenove navios mercantes do comboio PQ13 partiram da Islândia para a Rússia: cinco foram afundados e o navio principal, o cruzador *Trinidad*, danificado por torpedos alemães. No mesmo dia, durante a operação Performance, dez navios mercantes noruegueses tentaram sair do porto sueco de Gotenborg; cinco foram afundados pelos alemães antes de passarem pelo estreito de Skagerrak, um foi demasiado danificado para prosseguir viagem, dois tiveram de voltar e somente outros dois chegaram a salvo à Grã-Bretanha.

Ainda nesse dia, deu-se a operação japonesa C, utilizando cinco porta-aviões que haviam participado do ataque a Pearl Harbor; os navios cruzaram o oceano Índico, reabasteceram-se no atol de Addu, nas ilhas Maldivas, e permitiram o bombardeamento a Colombo, capital de Ceilão, quatro dias mais tarde, afundando dois cruzadores britânicos, o *Dorsetshire* e o *Cornwall*, o cruzador mercante armado *Hector* e o contratorpedeiro *Tenedos*; morreram afogados mais de quinhentos homens. Houve mais trezentas mortes quando o porta-aviões *Hermes* e o contratorpedeiro *Vampire* foram bombardeados e afundados em Trincomales. Durante a mesma operação, 23 navios mercantes foram afundados na baía de Bengala, somando 112 mil toneladas. Durante os ataques a Ceilão e a Trincomales, 36 aviões japoneses foram abatidos, mas a operação causou alarme em Calcutá e parecia prenunciar novos e espetaculares ataques japoneses.

Em 3 de abril, bombardeiros japoneses atacaram a cidade birmanesa de Mandalay; duas mil pessoas morreram em meio às chamas que tomaram grande parte da cidade. No mesmo dia, tropas japonesas desencadearam um assalto contra unidades americanas que ainda se encontravam na península de Bataan. De seu quartel-general na Austrália, o general MacArthur ordenou um contra-ataque, mas seus homens em Bataan eram vítimas de malária, disenteria, fome e escassez de munição.

A capacidade japonesa para empreender ataques tornou-se evidente em 6 de abril, quando suas bombas atingiram duas localidades na região urbana de Madras, Coconada e Vizegupatam, na costa da Índia, enquanto, mais de 7.240 quilômetros a leste, suas tropas desembarcavam em Lorengau, nas ilhas do Almirantado, a menos de 1.300 quilômetros do cabo York na Austrália.

Na Europa de Hitler, a tirania estendia seus tentáculos dia a dia. Em 3 de abril, a deportação de 129 judeus de Augsburg para Belzec assinalou a destruição final de um centro de implantação e de cultura judaicas existente havia mais de setecentos anos. Paralelamente, 1.200 judeus da cidade de Tlumacz, na Galícia Oriental, eram deportados para Belzec, seguidos, no dia seguinte, por mais 1.500 judeus da cidade vizinha de Horodenka.

De seu quartel-general em Rastenburg, na Prússia Oriental, Hitler decidiu, com Himmler, durante o jantar de 5 de abril, que crianças “germânicas” dos territórios ocupados poderiam ser separadas de seus pais e educadas em escolas nazistas especiais. “Se quisermos impedir que o sangue germânico seja absorvido pela classe dominante desses países”, explicou Himmler, “e mais tarde se vire contra nós, devemos submeter gradualmente todos os preciosos elementos germânicos dessas regiões à influência de tais escolas”.

Himmler pretendia incluir em tais escolas especiais crianças holandesas, flamengas e francesas de origem “germânica”, mas a oposição à ideologia nazista ainda era grande. Enquanto Himmler apresentava a Hitler seu projeto para as escolas “germânicas”, a grande maioria do clero luterano norueguês publicava uma declaração e insistia na soberania de Deus acima de todas as ideologias; a declaração foi lida nos púlpitos de toda a Noruega, e 654, entre os 699 ministros de culto noruegueses, resignaram sua condição de funcionários públicos, reiterando sua missão eclesiástica. Na Alemanha, o teólogo protestante Karl Friedrich Stellbrink foi detido em 7 de abril, com três sacerdotes católicos, por se atrever a criticar o regime nazista; passados sete meses, os quatro sacerdotes foram executados.

* * *

Numa nova tentativa de evitar o envio de aviões alemães para a frente oriental, os britânicos iniciaram, em 8 de abril, uma série de ataques contra instalações aéreas e militares alemãs, localizadas ao longo do canal da Mancha. Muitas unidades aéreas foram inutilizadas, mas a força aérea britânica perdeu 259 aeronaves, contra 58 aviões de combate alemães abatidos. De qualquer forma, os alemães viram-se obrigados a impor restrições de voo sobre a Rússia.

Em 8 de abril, enquanto as forças japonesas intensificavam seu ataque contra os americanos e os filipinos encurralados em Bataan, dois mil defensores conseguiram escapar para Corregidor. Os 76 mil restantes, entre os quais doze mil americanos, renderam-se aos japoneses em 9 de

abril e foram imediatamente encaminhados de Balanga para Camp O'Donnell, a cem quilômetros dali, em condições tão brutais que mais de seiscentos americanos, e pelo menos cinco mil filipinos, morreram no trajeto, conhecido mais tarde como Marcha da Morte. Muitos mortos foram espancados ou sofreram golpes de baioneta quando, fracos demais para continuar, tropeçavam e caíam. Outros foram arrancados das fileiras e espancados, torturados e mortos. Mais de sessenta mil filipinos e ao menos mil americanos morreram por fome, doença ou maus-tratos nas primeiras semanas de internamento no campo para prisioneiros de guerra.

Na ilha-fortaleza de Corregidor, o general Wainright resistia, à frente de treze mil homens, ao forte e contínuo fogo de artilharia. Na Índia, o líder do Partido do Congresso, Jawaharlal Nehru, alarmou-se com as afirmações japonesas de que seu avanço era libertador e de que, no devido momento, chegaria à Índia. “Entristece-me”, declarou Nehru em 12 de abril, “que algum indiano possa falar em libertação japonesa da Índia”. Nesse dia, enquanto a Marcha da Morte continuava ao largo de Bataan, soldados japoneses desfaziam-se de cerca de quatrocentos de seus prisioneiros filipinos, ferindo-os mortalmente com suas espadas.

Enquanto os australianos observavam, apreensivos, os avanços japoneses no extremo Oriente e no Pacífico, suas tropas atuavam no deserto líbio, defendendo Tobruk contra o cerco alemão. Em 13 de abril, os alemães desencadearam um ataque contra a fortaleza, infiltrando-se entre duas posições australianas e atacando um ponto vital da defesa. Entre os defensores, o cabo Jack Edmondson, um agricultor australiano de 27 anos, contribuiu decisivamente contra a infiltração inimiga embora gravemente ferido no estômago e na garganta. Pouco depois, morria, vítima dos ferimentos. Foi condecorado, a título póstumo, recebendo uma cruz Victoria, a primeira conquistada pela Austrália durante a guerra.



Bataan, Filipinas. Soldados americanos feitos prisioneiros depois da conquista japonesa da península de Bataan, em 9 de abril de 1942.

Em 14 de abril, o comando conjunto constituído pelos chefes de estado-maior britânicos e americanos chegou finalmente à conclusão de que nenhuma ação aliada de auxílio à Rússia era possível na Europa em 1942, exceto pequenos ataques isolados. Em um desses ataques, realizado três dias antes, dois comandos britânicos conseguiram infiltrar-se no porto de Bordeaux, explodindo um navio-tanque. Outros assaltos de maior dimensão estavam sendo planejados, mas naquele ano não seria aberta, ainda que em novos termos, uma segunda frente europeia. O centro das atenções russas, durante abril, era Leningrado, que, no dia 15, atingiu seu 248º dia de cerco. Nesse dia, os ônibus elétricos voltaram a circular, após vários meses. Um prisioneiro de guerra alemão, o cabo Falkenhorst, disse aos guardas que perdera a fé em Hitler ao ouvir, pela manhã, o som das campainhas dos ônibus. Porém, abril assistiu também a 102.497 mortes por inanição em Leningrado, a taxa mais alta desde o início do cerco, embora as sepulturas contadas contivessem alguns milhares de cadáveres enterrados no gelo ao longo dos meses de inverno.

Em 7 de abril, entrou em funcionamento um terceiro campo de extermínio, para onde foram enviados por trem 2.500 judeus presos a sudeste de Varsóvia, na cidade medieval de Zamosc, aos quais foi dito que seguiam para “destino desconhecido”. O campo situava-se nas imediações da aldeia de Sobibor e seguia a esteira de Chelmno e Belzec. Todos os judeus para lá conduzidos seriam gaseados poucas horas após a chegada, com exceção de algumas centenas, escolhidos para trabalhos forçados. Entre os 2.500 judeus de Zamosc, apenas um, Moshe Shklarek, foi escolhido para trabalhar. Todos os outros foram gaseados. No final do ano, mais de 250 mil judeus haviam sido transportados para Sobibor e assassinados; a maior parte das vítimas era oriunda do centro da Polônia, mas algumas vinham do Ocidente, de lugares tão distantes quanto a Holanda, a quase 1.300 quilômetros.

As matanças em Sobibor foram mantidas estritamente em segredo e até a enganadora terminologia relativa aos campos de morte se tornou mais obscura. Em 10 de abril, o secretário pessoal de Himmler informou o inspetor de estatísticas do Reich de que “nenhuma menção deve ser feita sobre o ‘tratamento especial’ aos judeus”, que seria chamado de “transporte dos judeus para o leste da Rússia”.

Nenhum sigilo semelhante mascarava os esforços dos aliados ocidentais: em 17 de abril, doze bombardeiros britânicos desencadearam, à luz do dia, um ataque ousado e de baixa altitude contra fábricas de motores a diesel em Augsburg. Sete bombardeiros foram abatidos, mas o ataque, penetrando o interior da Alemanha a uma altitude de voo de apenas 150 metros, entusiasmou a opinião pública britânica; o comandante da operação, John Dering Nettleton, um sul-africano, recebeu a cruz Victoria. Um ano depois, foi morto em combate durante incursão noturna sobre Turim.

Também em 17 de abril, o general Henri Giraud escapou ao cativeiro alemão; capturado em junho de 1940, fugira de uma prisão de segurança em Königstein, na Saxônia, descendo pelas muralhas, saltando num trem em movimento e alcançando a fronteira francesa. Para a população francesa, entrando em seu terceiro ano de ocupação, a fuga de Giraud atuou como um estímulo moral de tal importância que Himmler ordenou à Gestapo que tentasse “encontrar e assassinar Giraud”; o general, contudo, conseguiu sair da França num submarino britânico, chegando são e salvo ao norte da África. Graças à audaciosa fuga, foi-lhe atribuída uma Médaille Militaire. Segundo Goebbels, a fuga de Giraud mergulhou Hitler, durante várias semanas, numa “raiva sombria”.

Os americanos também tiveram o que celebrar na terceira semana de abril, embora somente tivessem conhecimento desse êxito na segunda semana de maio. Em 18 de abril, secretamente, dezesseis bombardeiros americanos, comandados pelo tenente-coronel James H. Doolittle, desencadearam um ataque contra o território japonês. Partindo do porta-aviões americano *Hornet*, ao incursão de Doolittle percorreu 1.340 quilômetros sobre o Pacífico para bombardear instalações de fábricas petrolíferas e navais em Tóquio, Kove, Yokoshama, Nagoya e Yokosuka, onde o porta-aviões *Ryuho* se encontrava atracado. Não podendo voltar ao ponto de partida, demasiado distante, os bombardeiros aterrissaram na China.

Um bombardeiro caiu em território soviético, perto de Vladivostok, e seu piloto foi capturado pelos russos. Dois outros bombardeiros aterrissaram emergencialmente em território sob controle japonês; entre os oito tripulantes capturados, três foram executados. Irados com o ataque aéreo, que demonstrava que o coração do império do Sol Nascente

não era invulnerável, os japoneses ocuparam a província chinesa de Chekiang, com o intuito de prevenir novos ataques do mesmo gênero.

Na Rússia sob ocupação alemã, o mesmo dia, data tão afortunada para os americanos, assistiu à destruição de uma força de resistentes soviéticos em Dorogobuzh; seu comandante, coronel Yefremov, após ser gravemente ferido nas costas, incapaz de combater ao lado de seus homens e não querendo ser feito prisioneiro, encostou o cano da pistola numa das têmporas. “Rapazes”, disse ele, “é o meu fim, mas vocês continuarão a lutar”. E disparou. Seus homens continuaram a combater e, embora quase vencidos, não se renderam. Alguns, tendo alcançado a linha da frente mais próxima, voltaram a atacar os alemães por trás de suas linhas.

Vinte e um de abril foi o primeiro dia em que navegaram no Atlântico vários submarinos-tanque alemães – armas sem capacidade ofensiva, mas carregadas de abastecimentos, peças sobressalentes e setecentas toneladas de combustível cada um, estando seiscentas disponíveis para reabastecer catorze submarinos de combate. Auxiliados por essa fonte independente de abastecimento, afastados de suas bases na costa francesa, 32 submarinos operavam na linha costeira dos Estados Unidos, no golfo do México e no mar do Caribe, afundando navios mercantes aliados em sua rota norte, em direção aos comboios atlânticos.

Atrás das linhas japonesas, os prisioneiros de guerra aliados eram confrontados por uma selvageria de que não havia memória e para a qual não estavam preparados; em 22 de abril, num campo de prisioneiros de guerra em Bandung, um médico australiano, o coronel Edward Dunlop, registrou em seu diário o destino de três prisioneiros holandeses capturados durante uma tentativa de fuga: “Amarrados a postes e atacados à baioneta até a morte, como se fossem porcos, diante de seus camaradas.” Perguntados se tinham um último pedido, segundo conta Dunlop, “o primeiro pediu que a venda que cobria seus olhos fosse retirada e disse, com firmeza: ‘Vida longa à rainha’, ao que todos imitaram”. Um oficial holandês que fraquejara ao assistir à cena foi “severamente admoestado” por um oficial japonês.

Em 20 de abril, britânicos e americanos empreenderam uma operação conjunta, sob o nome Calendar, destinada a entregar a Malta 47 aviões de combate, que foram transportados para o Mediterrâneo no porta-aviões americano *Wasp*, voando, depois, uma distância de 1.126 quilômetros até Malta. Porém, uma vez na ilha, antes que fossem abrigados ou sequer reabastecidos, 37 aviões foram destruídos por um ataque aéreo alemão. Mussolini insistia, com os alemães, para que fosse colocada em prática a operação C3, consistindo na ocupação de Malta, mas Hitler, no auge de sua segunda ofensiva russa decisiva, recusou-se a fazê-lo.

Enquanto preparavam um segundo plano para levar reforços a Malta por via aérea, os britânicos efetuaram um pequeno ataque à costa francesa, em 22 de abril. Tratou-se da operação Abercrombie, que enviava quinze comandos britânicos e outros quinze comandos canadenses, através do canal da Mancha, até a praia de Hardelot, ensaiando um ataque mais substancial planejado para agosto. “Infelizmente”, escreveu um cronista militar, “essa pequena iniciativa foi mais um fracasso para os canadenses. A embarcação que os transportava não conseguiu colocá-los em terra e, embora sob fogo alemão, não chegaram a participar na operação”. Entretanto, desde que o comitê técnico “Tube Alloys”, responsável pela investigação e espionagem relativas à bomba atômica, recomendara que se tentasse parar a produção alemã de água pesada na Noruega, era planejada outra operação britânica altamente secreta. A água pesada era um componente essencial à fabricação da bomba atômica; em virtude de “experiências recentes”, segundo informava o comitê, parecia que o plutônio poderia ser utilizado para a construção da bomba, num processo mais simples.

O departamento de Operações Especiais tinha, assim, a nova tarefa de planejar a destruição da fábrica de água pesada alemã situada em Vermork. Enquanto eram estudados os respectivos planos, intensificava-se a guerra com bombas explosivas e incendiárias pesadas. Em 23 de abril, como retaliação pelo bombardeamento a Lübeck, 45 bombardeiros alemães atacaram Exeter. Tendo falhado, sessenta bombardeiros voltaram a agir na noite seguinte enquanto 150 bombardeiros alemães atacavam Bath. Os bombardeiros britânicos, voando em sentido inverso, atacaram Rostock, no Báltico. Os bombardeamentos alemães, contudo, dirigidos contra os centros medievais das cidades e, por isso, conhecidos como

incursões Baedeker, causavam os maiores desgastes morais; em Bath, foram mortos quatrocentos civis. Norwich foi alvo em 27 e 28 de abril, junto com York no último dia, onde um importante prédio datado do século XV foi destruído. Após os primeiros cinco dias de tais incursões, 938 civis britânicos estavam mortos. Os departamentos governamentais implicados, disse Churchill ao seu Gabinete de Guerra em 27 de abril, “deviam fazer todo o possível para que não fosse dada publicidade desproporcional aos ataques. Nossos ataques à Alemanha estão causando estragos muito maiores e é importante evitar a impressão de que os alemães conseguem vingar-se em medida igual”. As perdas da força aérea inimiga durante seus ataques eram, de fato, demasiado pesadas para que os alemães mantivessem tais ações por muito tempo; particularmente destrutivas para o potencial aéreo alemão eram as perdas de instrutores trazidos da reserva de unidades de treinamento para ajudar a dirigir os ataques aéreos.

Hitler, ao regressar para Berlim em 26 de abril, saído de Rastenburg, irritou-se especialmente com o ataque a Rostock, que destruiu setenta por cento das casas no centro antigo da cidade e afetou gravemente a fábrica de aviões Heinkel. Ao analisar, com Goebbels, o bombardeamento a Rostock e os ataques de retaliação, Hitler disse ao seu ministro da Propaganda, em 27 de abril, que “repetiria os ataques aéreos noite após noite até que os ingleses ficassem doentes e esgotados pelo terror”. Goebbels registrou: “Ele está absolutamente de acordo com minha ideia de que os centros culturais, de saúde e civis devem ser os alvos atuais. Não há outro modo para chamar os ingleses à razão. Pertencem a uma espécie de seres humanos com os quais só podemos falar após arrebentar-lhes os dentes.”

Os maiores receios de Churchill na última semana de abril não eram, porém, sobre a Grã-Bretanha, mas sobre Malta. Em 4 de abril, pediu que Roosevelt autorizasse que o porta-aviões americano *Wasp* realizasse uma segunda operação de transporte de reforços aéreos. “Sem esse auxílio”, avisava Churchill, “receio que Malta será esmagada”. Na perspectiva de Churchill, a defesa de Malta significava, ao mesmo tempo, “enfraquecer a força aérea inimiga e contribuir eficazmente para o auxílio à Rússia”. Era sobre a Rússia, também, que Hitler falava, em 26 de abril, ao dirigir-se ao Reichstag, em Berlim. O inverno russo de 1941 fora

excepcionalmente severo, disse Hitler, considerado o pior nos últimos 140 anos, com temperaturas atingindo cinquenta graus centígrados negativos, mas, com a chegada da primavera, previam-se “grandes vitórias” para as forças alemãs.

O discurso do Führer continha mais do que promessas, centrando-se num apelo à “obediência a uma única ideia: a luta pela vitória”. Em palavras duras, cheias de ameaças, Hitler preveniu seus ouvintes: “Não deixem que ninguém fale sobre seus direitos adquiridos e merecidos. Façam com que todos compreendam que, daqui em diante, há apenas deveres.”

A expansão da resistência e do terror

Verão de 1942

Em 27 de abril de 1942, os bombardeiros britânicos voltaram a atacar Rostock, no Báltico. “Setenta por cento da cidade foi destruída”, registrou Goebbels em seu diário. “Foram evacuadas mais de cem mil pessoas.” De fato, acrescentava ele, houve “pânico” na cidade. O ataque aéreo americano contra Tóquio foi igualmente objeto de atenção e de especulações, mas não fora sequer reconhecido pelos Estados Unidos. “O Japão diz”, disse Roosevelt ao povo americano em sua “Conversa à Lareira” de 28 de abril, “que lançaram-se bombas sobre Tóquio e sobre outros importantes centros industriais de guerra. Se é verdade”, acrescentava Roosevelt, “trata-se da primeira vez, na História, que o Japão se vê submetido a semelhantes humilhações”.

Contudo, não foram humilhações, mas vitórias, os resultados obtidos pela máquina de guerra japonesa no final de abril. No dia 29, suas forças apoderaram-se de Lashio, ponto terminal na estrada da Birmânia, usada para levar os abastecimentos americanos e ingleses à China. No dia 27, enquanto a pressão japonesa sobre a Birmânia se intensificava, o general Stillwell pediu autorização, uma vez que sua posição na China se tornava insustentável, para retirar-se para a Índia, levando consigo os cem mil chineses sob seu comando; Washington autorizou a retirada no dia 30. Quatro dias mais tarde, os britânicos eram obrigados a abandonar o porto de Akyab, no golfo de Bengala, a menos de 1.600 quilômetros da fronteira da Índia.

Na Europa ocupada, a resistência manifestava-se por toda a parte, mas continuava sendo implacavelmente reprimida. No porto pesqueiro norueguês de Taelvag, dois alemães e um norueguês foram mortos quando um grupo de resistentes foi surpreendido; como retaliação, todas

as casas e barcos de pesca da aldeia foram destruídos e seus 26 homens entre 16 e 65 anos foram enviados para campos de concentração na Alemanha, nos quais, em sua maioria, morreram. Ao mesmo tempo, os alemães mataram dezoito jovens noruegueses presos em Alesund dois meses antes, quando tentavam fugir para Inglaterra por barco. “Espero que essas execuções mudem a atitude da população norueguesa”, escreveu Goebbels em seu diário, em 5 de maio. “Se não quiserem aprender a amar-nos, ao menos precisarão aprender a temer-nos.”

Em maio de 1942, os alemães lançaram a operação Olympus contra os resistentes gregos, mas os camponeses, muitas vezes vítimas diretas das represálias alemãs, ajudaram os resistentes com provisões e indicações de esconderijos e de saídas de emergência. Em 1º de maio, na Rússia sob ocupação alemã, resistentes desfraldaram 45 bandeiras vermelhas, ligadas a minas que deflagrariam assim que alguém as tocasse. Em outros lugares, comemorações de 1º de maio foram realizadas com as populações locais, que executaram danças regionais e entoaram canções patrióticas. Houve também manifestações antialemãs generalizadas na França. Contudo, o terror cotidiano não diminuía. Nesse dia, o governador alemão de Warthegau, Arthur Greiser, escreveu a Himmler, propondo que os poloneses tuberculosos fossem enviados a Chelmno para receberem “tratamento especial”. Nesse maio, mais de dezenove mil judeus foram gaseados em Chelmno, assim como mais de seis mil em Auschwitz, cinco mil em Belzec e 36 mil em Sobibor. Na Rússia ocupada, cinco mil judeus de Dubno, considerados “não produtivos” em termos do esforço de guerra alemão, foram tirados da cidade e mortos a tiros de carabina e de metralhadora: em outros pontos, trinta mil judeus foram mortos no mesmo período; num único mês, portanto, foram abatidos mais de 130 mil judeus.

A justiça da causa aliada parecia necessitar de reafirmação, especialmente pelo fato de os governos envolvidos saberem que não haveria, em 1942, qualquer invasão à Europa; em 2 de maio, o Departamento da Guerra americano criou uma comissão especial de cinema, encarregando a sete roteiristas de Hollywood a preparação de uma série de filmes sob o título *Por que estamos em guerra?*, destinada a explicar as origens e a evolução da guerra. A primeira obra, *Prelúdio de uma guerra*, realizada por Frank Capra, estava pronta um ano depois.

Em 2 de maio, alertadas pela leitura diária de mensagens japonesas codificadas, as forças navais americanas interceptaram uma esquadra japonesa que escoltava duas forças invasoras presentes no mar de Coral; uma entre tais forças tinha como destino Tulagi, nas ilhas Salomão; a outra encaminhava-se para Port Moresby, na costa sul da Nova Guiné, a menos de oitocentos quilômetros da Austrália. Durante quatro dias, travaram-se diversos combates, com destaque para a atuação de porta-aviões. Foram abatidos setenta aviões japoneses e 66 aeronaves americanas; número de perdas quase igual nessa primeira batalha aeronaval da história: não foi disparado um único tiro entre navios, tendo sido todo o combate travado entre porta-aviões, aviões e barcos. Durante a batalha, o porta-aviões americano *Lexington* foi tão severamente atingido por ataques aéreos que teve de ser afundado; de sua tripulação, 216 homens foram mortos por bombas japonesas e torpedos aéreos. Os japoneses perderam seu porta-aviões ligeiro *Shoho*. Se o critério fosse o afundamento de navios, a vitória seria japonesa, mas o país foi forçado, devido às suas perdas nos combates aéreos e à diminuição de seu número de pilotos experientes, a conter sua expansão para sul. A Austrália estava a salvo.

O tenente da marinha americana John James Powers foi um herói da batalha do mar de Coral. Quatro meses mais tarde, Roosevelt contaria, num discurso transmitido por rádio, como, no terceiro dia de combate, Powers dissera aos seus camaradas: “Lembrem-se de que as pessoas em casa contam conosco. Vou acertar o alvo nem que eu precise colocar a bomba no convés inimigo.” Descendo de 2.400 metros, Powers largou sua bomba a menos de sessenta metros do porta-aviões, o que destruiu sua aeronave. “A marinha recomendou”, disse Roosevelt, “o tenente James Powers, de Nova York, morto em combate, para receber a medalha de Honra. Concedo-lha nesse momento”.

Em 5 de maio, enquanto a batalha do mar de Coral entrava em seu terceiro dia, outras forças japonesas desembarcavam em Corregidor, nas Filipinas. A ação fora preparada anteriormente e precedida por bombardeamentos de artilharia especialmente intensos, culminando no lançamento de dezesseis mil morteiros durante as 24 horas anteriores. Na

manhã seguinte, após ser informado de que cerca de oitocentos homens seus haviam morrido, o general Wainwright enviou uma mensagem de rendição aos japoneses, transmitindo sua decisão, por rádio, a Roosevelt, em Washington, e a MacArthur, na Austrália. Os japoneses perderam 1.200 homens durante seu assalto anfíbio inicial contra a ilha-fortaleza. Em Manila, os japoneses procuravam líderes filipinos que servissem sob suas ordens. O ministro da Justiça filipino, José Abad Santos, recusou-se a fazê-lo e foi executado no dia seguinte.

A mais de oito mil quilômetros a Ocidente das Filipinas, 7 de maio assistiu ao auge da operação Ironclad, um desembarque britânico no porto de Diego Suarez, em Madagascar, destinado a tomar dos japoneses uma base que garantia a consolidação de suas posições no oceano Índico. As tropas da França de Vichy, abandonando o porto, resistiriam, contudo, a uma tentativa posterior de avanço britânico, obrigando que fossem adotados planos para retomar a operação no outono.

Não se passava um dia sem uma iniciativa bélica por terra, mar ou ar. Em 4 de maio, alemães e italianos desencadearam a operação Trio contra resistentes iugoslavos. Uma divisão alemã, três divisões italianas e várias unidades croatas percorreram campos e aldeias para capturar resistentes e reféns. Em Plevije, os italianos mataram 32 reféns; outros seriam mortos três dias mais tarde, em Cajnice. Expulsos de sua base em Foca, os resistentes deslocaram-se para Bihac, mais de 320 quilômetros ao norte.

Na Rússia ocupada, a primeira semana de maio assistiu à captura e à tortura do resistente Isai Pavlovich Kazinets, que, durante longos meses, organizara ações de sabotagem e de reconhecimento na região de Minsk e estabelecera contato com a organização clandestina do gueto de Minsk. Kazinets, judeu, apesar de brutalmente torturado, não entregou ninguém. Foi enforcado em 7 de maio. Vinte e três anos mais tarde, seria nomeado Herói da União Soviética.

Os alemães iniciavam a fase preliminar de sua ofensiva de verão contra a Rússia, desencadeando, em 8 de maio, na Crimeia, um assalto contra a península de Kerch e contra a cidade portuária de Sebastopol, já cercada. Os ataques dos bombardeiros de mergulho contra Kerch devastaram os defensores; 170 mil soldados russos foram aprisionados. Porém, Sebastopol suportou o ataque durante mais de um mês. Pela

coragem coletiva de seus defensores, receberia o título de Cidade Heroica. Igualmente cercada, a ilha de Malta foi beneficiária, em 9 de maio, de uma segunda tentativa para garantir aos seus defensores apoio aéreo adequado. Tratou-se da operação Bowery, em que dois porta-aviões, o *Eagle*, britânico, e o *Wasp*, americano, transportaram 62 caças até cerca de 1.100 quilômetros de Malta. Todos os aviões chegaram à ilha e foram reabastecidos com tanta rapidez que puderam decolar novamente ao fim de apenas 35 minutos; seis foram reabastecidos e decolaram num intervalo de apenas nove minutos. No mesmo dia, houve nove ataques aéreos alemães e italianos à ilha, todos interceptados com êxito. A chegada, em boas condições, de 62 aviões de combate assinalava o ponto de virada na luta de Malta pela supremacia nos céus da ilha. O moral foi ainda reforçado quando o lança-minas britânico *Welshman* conseguiu cruzar o Mediterrâneo a partir de Gibraltar, transportando 340 toneladas de abastecimentos.

Na noite de 9 de maio, os britânicos obtiveram novo êxito na guerra de sabotagens clandestinas, quando três agentes franceses, lançados de paraquedas na França três dias antes, explodiram o principal transmissor da rádio Paris, situado próximo a Melun, inutilizando-o por duas semanas.

A partir de 10 de maio, operando dois dias por semana até o fim do ano, um novo campo de extermínio entrou em funcionamento na Rússia. Situado nas imediações de Minsk, junto à aldeia de Maly Trostenets, obrigou prisioneiros de guerra russos e judeus a construir alojamentos para seiscentos trabalhadores escravos e para os guardas alemães e ucranianos. A Maly Trostenets chegavam, em trens, dezenas de milhares de judeus vindos da Alemanha, da Áustria e da Tchecoslováquia. Da estação, eram conduzidos ao campo, através da aldeia, em grandes furgões, que funcionavam como câmaras de gás móveis, de modo que, à chegada ao campo, todos os ocupantes estavam mortos. Os cadáveres eram removidos, como em Chelmno, por uma unidade especial composta por prisioneiros, que os enterravam em valas profundas.

A existência do campo de Maly Trostenets era mantida em estrito segredo. Embora centenas de milhares de judeus fossem tirados de toda a

Europa Ocidental e morressem ali, até o nome do campo era desconhecido entre os que, nas capitais aliadas, tentavam manter-se a par do destino das vítimas de Hitler.

* * *

O cansaço causado pela guerra provocava uma abundância de esperanças e de boatos por todo o globo. No gueto de Varsóvia, dizia-se, em 8 de maio, que o Exército Vermelho reconquistara Smolensk e Kharkov, que 43 mil alemães haviam sido mortos no lago Ilmen, ao sul de Leningrado, que Mussolini fora destituído e que Roosevelt intimara o povo alemão a render-se até 15 de maio. No dia 11, num campo de prisioneiros de guerra em Bandung, australianos, britânicos e holandeses discutiram “notícias”, descritas pelo coronel Dunlop como “uma extraordinária mistura de asneiras”, que diziam que a Hungria, a Romênia e a Bulgária haviam se rendido aos russos, que os alemães haviam saído da Holanda e que Anthony Eden, em discurso, “apresentara à Alemanha o ultimato para uma rendição completa”. Uma notícia autêntica, conhecida publicamente no Ocidente em 10 de maio, referia-se ao ataque aéreo de Doolittle contra Tóquio. No dia seguinte, a tripulação que aterrissara emergencialmente em Vladivostok e fora capturada pelos russos conseguiu fugir de uma aldeia nos Urais até a fronteira; uma vez na Pérsia, um cônsul britânico conduziria os homens até Quetta, cidade fronteiriça indiana.

“Esperamos terminar a guerra esse ano”, escreveu, confiante, o general Rommel à sua mulher, no deserto líbio, em 12 de maio. E acrescentou: “A guerra já dura quase três anos.” Nesse dia, na frente oriental, o Exército Vermelho surpreendeu as forças alemãs ao sul de Kharkov com um ataque, obrigando-os a adiar seus planos ofensivos programados para maio. Em seu quartel-general de Rastenburg, os pensamentos de Hitler, como fazia Rommel, concentravam-se na vitória e na paz do pós-guerra: nesse dia, profetizando o futuro de seu império, Hitler falou sobre seu projeto para uma galeria de arte a ser construída em Linz, traçando o esquema de um grande edifício no topo de uma colina sobre o Danúbio, com um amplo átrio de acolhimento, terraços e pavilhões e, ao lado do prédio principal, um “jardim arquitetônico”.

Em 13 de maio, as tropas russas foram obrigadas a retirar-se da península de Kerch. Ao sul de Kharkov, porém, continuavam a avançar. Em Leningrado, os mortos por fome, embora não tão numerosos quanto em abril, ainda eram vários milhares por dia. Nessa data, Tania Savicheva, uma jovem que vivera na cidade durante o cerco, registrou em sua caderneta, sob a letra M: “Mãe, 13 de maio, 7h30 da manhã, 1942. Os Savichev estão. Todos. Sobrou apenas Tania.” Outras páginas revelavam: “Zheny, morta em 28 de dezembro”, “Avó, morta em 25 de janeiro”, “Leka, morta em 17 de março”, “Tio Vasya, morto em 13 de abril” e “Tio Lyosha, morto em 10 de maio”.

Evacuada para Gorki, Tania morreria por causa de uma disenteria crônica no verão de 1943.

Em 14 de maio, o cruzador *Trinidad* foi afundado a oeste da ilha do Urso, na rota para a Rússia. Morreram oitenta marinheiros, entre os quais vinte feridos salvos do cruzador *Edinburgh*, afundado na mesma viagem duas semanas antes. No entanto, mais de cem barcos mercantes conseguiram chegar a Murmansk nesse mês, com carregamentos destinados à frente russa. Em 17 de maio, os alemães desencadearam sua segunda ofensiva em 1942 nessa frente, atacando o bojo oeste das linhas russas em Izyum, a sudeste de Kharkov; Izyum caiu em mãos alemãs no dia seguinte, desfazendo um obstáculo no caminho de sua principal ofensiva contra Stalingrado e capturando 214 mil soldados e 1.200 tanques soviéticos.

Durante maio, folhetos antinazistas começaram a aparecer nas ruas de Berlim e vários objetos expostos numa mostra antissoviética foram incendiados. Vinte e sete pessoas foram presas após tais atos de desafio. Tratava-se de um grupo de judeus liderado por Herbert Baum, comunista alemão. Entre os membros do grupo, havia duas irmãs, Alice e Hella Hirsch, de 19 e 22 anos respectivamente, e a irmã de Baum, Marianne. Todos os membros do grupo foram mortos. Igualmente condenado à morte em 18 de maio, na prisão de Wandsworth, em Londres, foi um cidadão de Gibraltar, José Key, detido no Rochado dez semanas antes por transmitir aos alemães informações acerca do movimento de navios e de aviões aliados.

Na Birmânia, o comandante-chefe britânico, general Alexander, conduziu suas tropas através da fronteira com a Índia, pela região de Imphal. As forças chinesas na Birmânia, lideradas pelo general Chiang Kai-Shek, recuaram para a estrada entre Myitkyina e Fort Hertz; em breve, também passariam à Índia, chegando à região de Ledo. No interior da China, um médico australiano, tenente-coronel Lindsay Ride, que escapara havia pouco ao cativeiro japonês, foi formalmente designado, em 16 de maio, representante da organização de fuga M19, pertencente aos serviços de informações britânicos. O coronel Ride não só ajudou a organizar o regresso à Índia de prisioneiros de guerra que conseguiam escapar das mãos japonesas como dispensou cuidados médicos a dezenas de milhares de chineses, numa área onde o exército nacional não dispunha de quaisquer serviços de saúde. De sua base em Kweilin, Ride enviava, duas vezes por dia, relatórios meteorológicos de valor inestimável para as forças aéreas aliadas que sobrevoavam a China; a mesma coisa fazia o exército polonês clandestino, cujos relatórios favoreciam as ações de bombardeamento britânicas contra a Alemanha.

Os reveses alemães eram contínuos; em 19 de maio, os bombardeiros britânicos desferiram um pesado ataque aéreo contra Mannheim. No mesmo dia, enquanto os alemães mantinham sua contraofensiva na frente oriental contra o Exército Vermelho, resistentes soviéticos, como Goebbels registrou em seu diário, “destruíram os trilhos de estradas de ferro na frente central entre Bryansk e Rosslavl em cinco pontos – mais uma prova de sua atividade extremamente agressiva”. Ao sul da mesma região, tropas húngaras combatiam “sob grandes dificuldades”. Goebbels explicava: “Precisam conquistar aldeia a aldeia e pacificá-las, num processo que não se mostra exatamente construtivo. Quando os húngaros dizem que ‘pacificaram’ uma aldeia, geralmente não deixaram nela um único habitante. Por conseguinte, dificilmente poderemos instalar qualquer produção agrícola nessas regiões.”

A “pacificação” era igualmente brutal em pontos mais avançados das linhas alemãs. Em 20 de maio, no distrito de Nowy Targ, no sul da Polônia, um polonês foi abatido pela Gestapo por dar comida a dois judeus, também abatidos. No dia seguinte, 4.300 judeus foram deportados da antiga cidade de Chelm para o campo de extermínio de Sobibor, a menos de quarenta quilômetros, onde foram imediatamente

gaseados. Também nesse dia, mais de dois mil judeus foram levados de suas casas na cidade voliniana de Korzec e assassinados em campos vizinhos enquanto a empresa I. G. Farben instalava uma fábrica em Monowitz, ao lado de Auschwitz, destinada à produção de petróleo e de borracha sintéticos; sua principal mão de obra eram os judeus deportados para Auschwitz, separados de suas famílias e enviados não para câmaras de gás, mas para os alojamentos de trabalhadores forçados. Aí, após tatuados com um número de identificação no antebraço, tornavam-se escravos da indústria alemã. Centenas de milhares de judeus trabalharam em Monowitz; dezenas de milhares foram vítimas do trabalho incessante, da falta de alimentos e da brutalidade incomparável de seus guardas.

Em muitas ocasiões, os judeus eram deportados para “destino desconhecido”, sobre o qual nunca se saberia qualquer coisa. Em 22 de maio, o alvo foram oitenta jovens judeus, de ambos os sexos, que viviam e trabalhavam numa propriedade rural, preparando-se para se dedicarem a atividades agrícolas na Palestina. A Gestapo obrigou-os a partir. Disseram-lhes que seu destino era “uma região fria”. Por isso, poderiam levar consigo dois cobertores, artigos de higiene e comida. Os jovens judeus nunca mais foram vistos nem houve notícias. Três semanas antes, 2.100 judeus de Dortmund haviam sido enviados para Sobibor e Belzec, onde foram gaseados; talvez tenha acontecido o mesmo aos jovens pioneiros, talvez tenham sido transportados para ainda mais longe, para Maly Trostenets.

Em 23 de maio, os serviços secretos britânicos enviaram ao alto-comando soviético pormenores precisos, recolhidos em mensagens Enigma, sobre a localização e a intensidade previstas para a principal ofensiva alemã durante o verão. Os alemães, por sua vez, continuamente atacados por resistentes soviéticos atrás de suas linhas, lançaram a operação Hanover para tentar remover os guerrilheiros da área da estrada de ferro Bryansk-Vyazama: durante seis dias, a partir de 24 de maio, 45 mil soldados, acompanhados por unidades Panzer e SS, perseguiram um número de resistentes calculado em vinte mil homens, tendo capturado e matado milhares deles.

Auxílios à Rússia continuavam sendo enviados através do Ártico, mas as dificuldades e os imprevistos eram enormes. Em 26 de maio, 260 aviões alemães atacaram o comboio naval PQ 16, sob as 24 horas de sol no Ártico que tornavam mais fácil a identificação dos alvos. Sete navios mercantes foram afundados e muitos marinheiros morreram afogados. Enquanto os navios restantes e suas escoltas continuavam em seu caminho para Murmansk e Arcangel, ainda que danificados, o ministro soviético das Relações Exteriores, Vyacheslav Molotov, encontrava-se em Londres, onde assinou uma aliança por vinte anos entre a Grã-Bretanha e a União Soviética, garantindo “assistência e apoio militar e de outra natureza mútuos na guerra contra a Alemanha e contra todos os outros estados a ela associados nos atos de agressão verificados na Europa”. Ambas as partes concordaram em não negociar qualquer armistício com a Alemanha ou com seus aliados “exceto por mútuo consentimento”.

O dia da assinatura do Tratado Anglo-Soviético marcou a nova ofensiva de Rommel no deserto líbio. Em Bir Acheim, bastião ocupado pelas forças da França Livre, entre as quais havia muitos homens da Legião Estrangeira, os ataques alemães de infantaria, tanques e aviões precisaram de duas semanas para desalojar os defensores. Por outro lado, Rommel atacava as linhas britânicas, decidido a tomar Tobruk e a seguir em direção à fronteira egípcia.



Praga, 27 de maio de 1942. O carro no qual o general da SS Heydrich viajava quando foi vítima de uma emboscada de patriotas tchecos. Heydrich morreu oito dias depois.

Em 27 de maio, segundo dia do ataque lançado por Rommel, enquanto as forças alemãs na Rússia perseguiram os resistentes e reforçavam sua linha de frente nas proximidades de Kharkov, Reinhard Heydrich foi vítima de uma emboscada em Praga, onde foi gravemente ferido por um grupo de patriotas tchecos, entre os quais Jan Kubis e Josef Gabcik, vindos da Grã-Bretanha e lançados de paraquedas na Tchecoslováquia ocupada. “Não teremos problemas”, registrou Goebbels em seu diário, em 28 de maio, “para esmagar essa tentativa de semear o caos no protetorado e nos territórios ocupados”. Goebbels acrescentava: “Minha campanha contra os judeus em Berlim será conduzida em termos semelhantes. Tenho uma lista de reféns. Haverá numerosas prisões.”

Para Goebbels, o atentado contra Heydrich era uma oportunidade que não poderia ser perdida. “Dez judeus num campo de concentração ou debaixo da terra”, escreveu ele, “serão preferíveis a um que ande à solta. Não é momento para sermos sentimentais”. Também não houve “sentimentalismos”, nesse dia, na Polônia ocupada, onde mais de duzentos poloneses foram levados de Varsóvia para a aldeia de Magdalenka e abatidos; contavam-se, entre eles, três mulheres transportadas em macas do hospital-prisão de Pawiak e outras quinze reencaminhadas para a Polônia desde o campo de concentração de Ravensbruck.

Em 29 de maio, Hitler, num breve regresso de Rastenburg a Berlim, concordou com Goebbels em que todos os judeus deveriam ser imediatamente afastados de Berlim. Na mesma data, foi ordenado aos judeus de Paris que usassem uma estrela amarela cosida ao lado esquerdo da roupa. “A estrela amarela pode assustar alguns católicos”, escreveu um jornal colaboracionista, mas “se limita a renovar a mais pura tradição do catolicismo”.

Não apenas as estrelas amarelas, mas a deportação e a morte, cresciam em ritmo acelerado desde o atentado que ferira Heydrich. Na aldeia voliniana de Radziwillow, três mil judeus foram detidos para ser massacrados. Um grupo de jovens, entre os quais Asher Czerkaski, organizou uma fuga. Enquanto escapavam, 1.500 judeus foram abatidos. Os outros estiveram momentaneamente a salvo numa floresta vizinha, mas a maior parte seria capturada e assassinada pelos alemães.

Ainda em Berlim, Hitler disse a Goebbels, em 30 de maio, de acordo com o registrado em seu diário, “que deviam ser abandonadas todas as restrições legais e que a segurança do Reich devia ser colocada acima dos interesses de indivíduos dos quais pouca coisa boa podemos esperar”. Na mesma data, numa missão organizada pelo almirante Canaris e por seus serviços secretos, o pastor Dietrich Bonhoeffer foi levado para a Suécia num avião, onde teve uma reunião secreta com um clérigo britânico, o bispo Bell de Chichester, a quem falou sobre os crimes que estavam sendo cometidos em seu país, garantindo-lhe que crescia, na Alemanha, a resistência a esses atos diabólicos.

Paralelamente, Hitler falava, em Berlim, a um grupo recém-formado de oficiais alemães:

Não duvido, nem por um segundo, de que venceremos. O destino não me conduziu em vão, transformando-me de soldado desconhecido em Führer da nação alemã e do exército alemão. O destino não fez tanto para rir de mim e para me fazer perder no último instante o que foi conseguido depois de uma luta tão dura.

Mil anos antes, Carlos Magno recorrera a duras medidas para criar um império germânico; naquele momento, dizia Hiler, o exército alemão deveria recorrer a duras medidas no Leste para conquistar o espaço necessário à sobrevivência e ao florescimento do novo império germânico.

Contudo, os russos, apesar de todas as suas perdas, recobravam o vigor e organizavam sua resistência. Enquanto Hitler falava aos jovens oficiais era criado um quartel-general do Movimento de Resistência, que coordenaria as operações russas atrás das linhas alemãs e melhoraria os esforços militares e psicológicos. Na mesma noite, os alemães sofreram um golpe físico e psicológico vindo do Ocidente, com o lançamento da operação britânica Millennium, em que mais de mil bombardeiros atacaram Colônia. Nessa primeira ofensiva a mobilizar tal quantidade de bombardeiros, 1.455 toneladas de bombas foram despejadas em noventa minutos; 39 bombardeiros foram abatidos pelos aviões de combate alemães e pelas baterias antiaéreas e dois foram destruídos por uma colisão no ar.



Chelm, Polônia, 28 de maio de 1942; execução de quatro judeus.

O principal alvo eram as indústrias químicas e de ferramentas, efetivamente atingidas. Mais de catorze mil casas foram destruídas, deixando 45 mil pessoas sem casa e 469 mortos. “É claro”, escreveu Hermann Göring em seu diário, “que os efeitos dos bombardeamentos são terríveis quando pensamos em casos individuais, mas precisamos aceitá-los”.

“Espero que tenha gostado de nosso ataque a Colônia”, telegrafou Churchill a Roosevelt no dia seguinte. “Há muitos outros em preparação...”

As repercussões foram consideráveis. No gueto de Varsóvia, os judeus regozijaram-se. “Colônia foi um pagamento adiantado”, registrou Ringelblum em seu diário, alguns meses mais tarde, “da vingança à Alemanha de Hitler pelos milhões de judeus assassinados. Assim, a população europeia atormentada considerou o ataque aéreo uma espécie de ato pessoal de vingança”. E continuou, referindo-se a si: “Agora, vejo-me mais bem-disposto, sentindo que, mesmo que precise perecer nas mãos deles, minha morte está paga.”

Depois de visitar Hitler no quartel-general de Rastenburg, três dias após o bombardeamento a Colônia, Albert Speer observou que a emoção causada pelo bombardeamento aéreo não morrera. Nem a Grã-Bretanha permitiria que morresse. “Essa prova do poder crescente dos bombardeiros britânicos”, disse Churchill a “Bomber” Harris, “é também o anúncio do que a Alemanha receberá, cidade após cidade, de hoje em diante”. Somente William Joyce, “lorde Haw-Haw”, falando através rádio de Berlim, em suas regulares tentativas para quebrar o moral britânico, transformaria Colônia numa ameaça à Grã-Bretanha. “O Sr. Churchill gaba-se desse ataque, apresentando-o como o inferno prestes a abater-se sobre a Alemanha”, declarou Joyce. Depois, acrescentou: “A atitude dos alemães é a seguinte: ‘Deem-nos mais inferno, tanto quanto possam, e nós cobraremos a vocês com os devidos juros.’”

No interior da Alemanha e da Europa ocupada, eram as sequelas do atentado contra Heydrich que levavam à cobrança de “juros”. “Heydrich está em situação crítica”, registrou Goebbels em seu diário, em 31 de maio. “Toda uma multidão de judeus”, observava, “foi abatida no campo de concentração de Sachsenhausen. Quanto mais membros dessa raça miserável forem eliminados, melhor estará a segurança do Reich”. Dois

dias mais tarde, mil judeus foram deportados de Viena, por trem, para Minsk; o mais provável é que tenham sido levados para Maly Trostenets e mortos. Em dia 3 de junho, 110 judeus foram capturados em Varsóvia, levados para uma prisão próxima ao gueto e assassinados. Entre as vítimas havia várias mulheres, incluindo duas grávidas. Três dias depois, Adolf Eichmann ordenou a deportação de 450 judeus da região de Coblença, insistindo em que fossem incluídos os pacientes internados num hospital psiquiátrico de uma pequena cidade vizinha. Para manter o sigilo e a incerteza acerca de seus verdadeiros atos, o gabinete de Eichmann insistia em que as palavras “deportação para o Leste” não fossem utilizadas para descrever esses movimentos, devendo falar-se simplesmente em “pessoas que emigraram para outro lado”.



Mulheres judias sendo deportadas para o Leste, e para suas mortes.

Na noite de 31 de maio, a guerra passou pela cidade australiana de Sidney, quando dois submarinos anões japoneses, penetrando além das defesas do porto, lançaram seus torpedos contra o cruzador americano *Chicago*. Falharam o alvo, atingindo o navio australiano *Kuttabul*, um *ferry* adaptado às novas necessidades. Vinte marinheiros morreram quando o navio afundou. Os quatro tripulantes dos submarinos japoneses morreram, tendo dois cometido suicídio; os quatro corpos foram cremados em Sidney com honras militares e as cinzas voltaram para o Japão. No mesmo dia, a mais de 9.650 quilômetros a Ocidente, outros submarinos anões japoneses, atingindo Madagascar, afundaram o navio mercante britânico *British Loyalty* no porto de Diego Suarez e danificaram o navio de guerra *Ramillies*. Todos os tripulantes dos submarinos foram mortos; como em Sidney, tratava-se de uma missão suicida.

O dia fechou também o quinto mês de ataques de submarinos alemães à costa leste dos Estados Unidos. Foi o mês mais pesado em perdas americanas: 111 navios mercantes afundados elevavam para 377 o total de afundamentos desde o início do ano, mais de cem ocorridos entre Nova York e Miami. A guerra no mar, porém, assumiu um rumo favorável aos Estados Unidos na primeira semana de junho, quando, alertados pela decifração de mensagens navais japonesas, navios de guerra americanos interceptaram um ataque naval à ilha de Midway. A força japonesa tinha dimensões formidáveis: 86 navios de guerra, entre os quais quatro porta-aviões. Por quatro vezes, a aviação americana atacou os navios japoneses em vão, enquanto eram abatidos 65 aviões seus. Contudo, o quinto ataque, realizado com 54 bombardeiros de mergulho na manhã de 5 de junho, teve êxito. Três porta-aviões japoneses, *Akagi*, *Kaga* e *Soryu*, foram afundados. Na mesma tarde, o último porta-aviões, *Hiryu*, foi destruído, mas não antes que seus aviões danificassem gravemente o porta-aviões *Yorktown*, que seria afundado por um submarino japonês no dia seguinte.

Para os japoneses, a batalha de Midway foi um desastre, onde perderam também um cruzador, 332 aviões e 3.500 homens. As perdas americanas resumiram-se a um porta-aviões, um contratorpedeiro, 150 aviões e 307 homens. Na mesma semana, os japoneses desembarcaram 1.800 homens em Kiska e em Attu, as duas ilhas americanas mais

próximas dentro da cadeia das Aleutas. O objetivo era afastar as forças navais americanas de Midway, mas, como o intuito fora conhecido graças a informações dos serviços secretos, o plano falhou.

Os americanos regozijaram-se com sua vitória, cujo sabor foi acentuado pelo fato de que três porta-aviões japoneses afundados estavam entre os cinco participantes no ataque a Pearl Harbor.

Os aliados tiveram menos sorte no Atlântico. Nas quatro semanas que se seguiram a 1º de junho, como consequência do uso de submarinos especiais para abastecimento, os submarinos alemães afundaram 121 navios mercantes aliados na costa leste americana. No final de junho, os britânicos conseguiram afundar todos os cinco navios desse tipo, através da interceptação de mensagens Enigma enviadas pela marinha alemã. Após enérgicos protestos da Grã-Bretanha à Espanha, outros dois navios alemães de abastecimento, o *Charlotte Schliemann* e o *Corrientes*, ancorados em Las Palmas, nas ilhas Canárias, desde setembro de 1939, foram forçados a abandonar a segurança das águas espanholas e, mais tarde, afundados.

Notícias sobre os campos de extermínio na Polônia ocupada foram publicadas em 1º de junho de 1942, quando um jornal clandestino de Varsóvia, órgão do partido socialista polonês, *Liberty Barricade*, difundiu um relatório pormenorizado acerca dos gaseamentos realizados em Chelmno. As informações haviam sido fornecidas por Emanuel Ringelblum, que, por sua vez, recebera-as de um jovem judeu, Yakov Grojanowski, que fugira de Chelmno em janeiro após ser forçado a participar do enterro dos cadáveres de judeus gaseados nos veículos. “Chegaram-nos notícias horríveis”, começava o artigo, “acerca do massacre de judeus”. Seis meses e três semanas após tornar-se um campo de extermínio, Chelmno era identificado por seu nome. Os gaseamentos verificados em outros lugares, como Belzec e Sobibor, e nos furgões de Belgrado e de Riga, eram ainda desconhecidos no Ocidente.



Soldados japoneses ocupam a ilha americana de Attu, nas ilhas Aleutas, próxima ao Alasca, em junho de 1942. Os 25 soldados americanos mortos durante o ataque japonês haviam chegado a Attu no dia anterior.

Para os alemães implicados, o problema era de ordem tecnológica. Numa nota oficial datada de 5 de junho, um alto funcionário de Berlim indicava pormenores relativos a “modificações técnicas de veículos especiais postos em serviço”. A nota explicava que, desde dezembro de 1941, estava em curso a “utilização de três veículos” e que “97 mil pessoas haviam sido ‘tratadas’ sem que fosse registrada qualquer deficiência nos referidos veículos”. E o funcionário acrescentava: “A explosão ocorrida em Chelmno deve ser considerada um caso isolado, resultante de uma deficiência técnica. Foram enviadas instruções especiais para os centros de produção, a fim de evitar acidentes semelhantes.”

Na Rússia ocupada, a operação Canto do Pássaro era iniciada em 5 de junho, com 5.500 soldados alemães a atacar uma força de resistentes composta por 2.500 homens. Em quatro semanas de ação, morreram 1.193 resistentes, enquanto os alemães sofreram 58 baixas. No entanto, um relatório militar alemão exprimia descontentamento com os resultados obtidos. “Os guerrilheiros”, queixava-se um oficial responsável, “continuam a aplicar sua velha tática de fuga, com retiradas para as florestas ou movimentações em grupos maiores nas zonas ao sul e a sudoeste da estrada Roslav-Bryansk e na zona de Kletnya”. Embora não se tivesse conhecimento de ataques ocorridos nas regiões “pacificadas”, o mesmo oficial escrevia que “continuavam a ser colocadas minas” e que vários veículos alemães eram danificados. No prazo de dois meses, os resistentes soviéticos estariam novamente na área de ataque da operação Canto do Pássaro.

Em 8 de junho, quando a operação ainda estava em seus primeiros dias, três judeus, entre os quais a jovem Vítka Kempner, saíram do gueto de Vilna para sua primeira missão de sabotagem. O alvo era um comboio militar alemão, e a missão foi cumprida com êxito. “Foi pelos ares!” eram as palavras difundidas pelo gueto, inculcando um sentimento de força, senão de esperança. As represálias, porém, foram duras: 22 famílias foram presas pela Gestapo, levadas para Ponar e mortas.

Quatro dias antes, Reinhard Heydrich morrera, vítima dos ferimentos recebidos; em seu funeral, realizado em Berlim em 9 de junho, Himmler declarou aos homens enlutados da SS que era um “dever sagrado” vingarem a morte de Heydrich “e destruírem, com maior determinação

ainda, os inimigos da pátria, implacavelmente e sem piedade”. No dia seguinte, foram detidos e fuzilados os 199 homens da aldeia tchecoslovaca de Lidice, quase dez quilômetros a noroeste de Praga. As 88 crianças da aldeia e suas sessenta mães foram mandadas para Ravensbruck, Mauthausen e Auschwitz, onde seriam mortas. Numa segunda aldeia, Lezaky, foram mortos dezessete homens e dezesseis mulheres, com catorze crianças enviadas para campos de concentração. Duas, entre elas, sobreviveram à guerra – num total de 394 vítimas.

As matanças em Lidice e em Lezaky não foram o fim da operação vingativamente designada pela SS como Heydrich. Em 10 de junho, mil judeus foram deportados de Praga “para leste”. O único sobrevivente foi um homem que conseguiu saltar do trem a tempo. Parece ter havido também um sobrevivente em outros dois trens, que transportavam, cada um, em 12 e 13 de junho, mil deportados do gueto “modelo” de Theresienstadt “para destino desconhecido a leste”. Os trens provavelmente se dirigiram a Minsk e, depois, a Maly Trostenets, onde os veículos de gaseamento funcionavam sem descanso.

Uma manchete do *Times* em 10 de junho falava em “Carnificina na Polônia”. Não se tratava de uma referência à operação Heydrich, que se concentrava na Tchecoslováquia, mas a um discurso feito no dia anterior pelo general Sikorski, em Londres, dando informações concretas acerca do assassinato em massa de judeus e poloneses ao longo dos doze meses anteriores. “Realizaram-se, esse ano, massacres de dezenas de milhares de judeus”, disse o general. “As pessoas são mortas por inanição nos guetos. Realizam-se execuções em massa e até vítimas de tifo são assassinadas.” Quanto aos poloneses, Sikorski acrescentou: “Para esmagar a resistência oferecida pelos ferroviários da Alta Silésia, foram armadas forças em dezoito cidades da região. Intelectuais, ferroviários e operários são enforcados, e todas as crianças são reunidas para presenciar esse cruel espetáculo.”

Somente “o aviso de que a punição virá”, continuava Sikorski, “e a aplicação de represálias onde sejam possíveis poderão deter os assassinos alemães e salvar, de um aniquilamento inevitável, centenas de milhares de vítimas inocentes”. Porém, em 12 de junho, dois dias após a publicação do discurso de Sikorski, dez poloneses, acusados de atos de sabotagem numa fundição de aço na cidade silesiana de Dabrowa

Gornicza, foram enforcados à esquina de uma rua e seus corpos, deixados pendurados à vista de todos como aviso a futuros sabotadores.

Até no interior do exército alemão havia quem falasse contra as atrocidades cometidas na frente oriental, como Michael Kitzelmann, jovem oficial de 25 anos, que conquistara uma cruz de ferro de Segunda Classe por bravura no comando de uma companhia. “Se esses criminosos vencerem”, declarou Kitzelmann, “perderei toda a vontade de viver”. Preso e julgado em tribunal marcial, Kitzelmann foi fuzilado em Orel, por um pelotão, em 11 de junho.

Três dias depois, Himmler dirigiu-se aos oficiais da divisão “Das Reich” para explicar-lhes porque seriam as tropas da SS, não o exército regular, que precisariam vencer a guerra racial. “O soldado alemão”, disse Himmler, “atuou muitas vezes sob a égide de concepções ultrapassadas e consideradas indiscutíveis e levou-as consigo para o campo de batalha em 1939”. No exato momento em que “o inimigo foi feito prisioneiro”, explicava Himmler, “essa noção errônea do que é a guerra revelou-se sem margem para dúvidas. Assim, por exemplo, pensou-se que era preciso dizer que até um judeu era um ser humano, não podendo, por conseguinte, ser maltratado. Ou, no caso de uma judia – ainda que capturada enquanto auxiliava resistentes – que ninguém a poderia tocar; tratava-se, de qualquer forma, de uma senhora”. Himmler acrescentou: “E, para essas cabeças cheias de tolices, excessivamente refinadas, civilizadas e decadentes, o mesmo valeria para essa campanha no Leste, que envolve toda a nação alemã.”

Orgulhosamente, Himmler concluiu:

Nós, homens da SS, somos menos tolhidos – pode-se dizer até que praticamente não somos tolhidos – por semelhantes asneiras. Após uma década de educação racial, nós, todo o corpo da SS, combatemos nessa guerra como campeões inabaláveis de nosso povo alemão. Não podemos poupar nem nosso sangue nem o sangue estrangeiro: assim quer a nação...

Em 13 de junho, em Peenemünde, cientistas alemães testaram um foguete de doze toneladas, dotado de uma tonelada de explosivos na parte mais alta e destinado a ser lançado, no devido tempo, contra a Grã-Bretanha. Para assistir ao teste, 35 oficiais superiores vieram de Berlim,

entre os quais o secretário de Estado para assuntos aeronáuticos, major de campo Milch, e o ministro do Armamento, Albert Speer.

Esperava-se que o engenho, conhecido entre os alemães como “A4” e entre os aliados, mais tarde, como “V2”, tivesse alcance de mais de 320 quilômetros. No entanto, o primeiro teste foi um fracasso; apesar de lançado com êxito, o foguete despencou a menos de dois quilômetros de distância, deixando cientistas e oficiais profundamente decepcionados. A partir de então, as pesquisas foram intensificadas.

No norte da África, as forças de Rommel continuavam seu avanço em direção à fronteira egípcia. “A batalha é favorável a nós. Destruímos cerca de quatrocentos tanques. Nossas perdas são suportáveis”, escreveu à mulher em 1º de junho. No dia 5, Rommel pôde anunciar que fizera quatro mil prisioneiros e, seis dias mais tarde, que penetrara a fortaleza de Bir Hacheim, defendida pelos franceses.

À medida que Rommel se aproximava da fronteira egípcia, a importância do país como base aliada tornava-se mais evidente pela ação de bombardeiros americanos que, com base no delta do Nilo, voaram quase 1.500 quilômetros, em 12 de junho, para bombardear os campos petrolíferos romenos de Ploesti, tão fundamentais para o abastecimento das forças alemãs. Contudo, ao largo da costa egípcia, a operação Vigorous britânica, destinada a levar abastecimentos a Malta, sofreu graves dificuldades nessa semana, com o afundamento do cruzador britânico *Hermione* em 16 de junho enquanto o contratorpedeiro britânico *Hasty* e o australiano *Nestor* eram tão duramente atingidos que precisaram ser afundados.

Ainda foram afundados pelos italianos, antes do fim da ação três contratorpedeiros britânicos: *Airedale*, *Bedouin* e *Oakley*, este emprestado à marinha polonesa, rebatizado como *Kujawiak* e tripulado por marinheiros poloneses. Embora o cruzador pesado italiano *Trento* também tivesse sido afundado durante os combates, a operação constituiu uma séria derrota tática para os britânicos, um mau agouro.

Em terra, Rommel prosseguia em sua marcha para o Ocidente. “A resistência inimiga cedeu”, lembraria ele, mais tarde, “e as tropas britânicas eram vencidas umas atrás das outras. Seus homens mostravam

o desânimo no rosto”. “Ganhamos a batalha”, anunciou Rommel, em 15 de junho, à mulher, numa carta, “e o inimigo está se desfazendo. Agora, atacamos os restos de suas forças. Não preciso falar a você de minha satisfação”.

* * *

Em 16 de junho, os sete tchecoslovacos que haviam assassinado Heydrich foram encontrados pelos alemães numa igreja em Praga, onde estavam escondidos havia duas semanas, pretendendo fugir em 19 de junho e voltar à Inglaterra. Recusando-se à rendição, resistiram aos captores e mataram catorze alemães. Jan Kubis, o paraquedista tchecoslovaco que viera da Grã-Bretanha e lançara a granada que atingira mortalmente Heydrich, foi ferido durante o tiroteio e morreu no hospital. Josef Gabčík morreu durante o combate, assim como outros dois paraquedistas e três membros da resistência tchecoslovaca interna. Haviam sido traídos por um compatriota, Karel Kurda, que informara à Gestapo sobre o esconderijo: Kurda, como os quatro paraquedistas, fora treinado na Grã-Bretanha.

A perda e a traição não foram as únicas desgraças sofridas pelos serviços secretos britânicos em junho. Muito mais grave foi a captura, pelos alemães, de um agente lançado de paraquedas sobre a Holanda. Servindo-se do transmissor do agente, os alemães contataram Londres. Quando era claro que o embuste não fora descoberto, a contraespionagem alemã organizou a operação Polo Norte, formando comitês de recepção para agentes, operadores de rádio e fornecimentos britânicos, incluindo quantidades consideráveis de armamento destinados à resistência holandesa. Graças à operação, os alemães capturaram mais de cinquenta holandeses enviados pela Inglaterra em paraquedas; 47 foram comprovadamente executados.

Os serviços secretos soviéticos também sofreram um revés em junho, com a detenção, em Bruxelas, de Johann Wenzel, operador treinado pelos russos da organização de resistência Orquestra Vermelha. Preso, Wenzel aceitou colaborar com os alemães; como resultado, centenas de agentes soviéticos foram presos e executados na Europa Ocidental. Tais fatos foram mantidos em sigilo e, assim, cinco aparelhos de transmissão da

Orquestra Vermelha continuaram a ser utilizados pelos alemães para desinformar a Rússia ao longo dos nove meses seguintes.

Apesar dos reveses sofridos pelos aliados, houve três êxitos britânicos, em junho, na esfera da espionagem: primeiro, a decifração de mais duas chaves do código Enigma usado pela força aérea alemã na frente oriental, o Mosquito, em 8 de junho, e o Texugo, no dia 16; em segundo lugar, a queda, em solo britânico, da versão mais moderna de um Focke-Wulf 190 de combate alemão que, quase intacto, permitiu que a engenharia aeronáutica britânica produzisse seu Hawker Fury, capaz de combater o aparelho inimigo; em terceiro lugar, o bem-sucedido trabalho de “Garbo”, codinome do espanhol Juan Pujol Garcia, que os alemães julgavam trabalhar para eles, mas que, como agente britânico, fornecia-lhes falsos dados militares, tecendo, ao mesmo tempo, uma rede de agentes imaginários que veiculava falsas informações para a Alemanha. No fim da guerra, “Garbo” recebeu a condecoração britânica MBE, depois de, sob seu pseudônimo alemão Arabel, receber a cruz de ferro de Segunda Classe, atribuída pelos alemães que tão bem conseguira enganar.

Em quatro momentos distintos de junho, saíram de Paris levadas de mil judeus deportados para Auschwitz. Entretanto, era interrompido o extermínio de judeus na Rússia ocupada e continuavam as deportações do sul da Polônia para Belzec e Sobibor. Mais de 52 mil judeus eslovacos também foram deportados para Auschwitz, elevando o total de judeus mortos em junho para mais de 150 mil. “A destruição de comunidades judaicas continua”, escreveu Richard Lichtheim, representante judaico na Suíça, em 15 de junho, para um amigo em Nova York. E acrescentava: “Toda Europa espera ansiosamente o dia em que os países aliados libertarão esse continente torturado.”



Rendição de soldados ingleses em Tobruk, a fortaleza do deserto líbio, devastada em 21 de junho de 1942.

A segunda e a terceira semanas de junho não trouxeram a libertação, mas novos recuos da causa aliada quando, forte após forte, os alemães quebraram as defesas soviéticas de Sebastopol. No dia 13, caíra o forte Stálin; no dia 17, o Sibéria. O maior, forte Máximo Gorki, caiu em 18 de junho, após os alemães utilizarem lança-chamas para vencer ou queimar até a morte os determinados defensores da posição. Em 20 de junho, caiu o forte Lênin. Contudo, os últimos grupos de resistência de Sebastopol não se entregaram e somente foram vencidas em 3 de julho.

Ao mesmo tempo, no norte da África, Rommel empurrara os britânicos além de Bardia, na fronteira entre Egito e Líbia, e, às 5h30 de 20 de junho, iniciava-se o assalto à fortaleza cercada de Tobruk. Nessa noite, às 19 horas, os primeiros tanques alemães entravam em Tobruk. Treze horas depois, às 8h de 21 de junho, o general sul-africano Klopper, comandante da guarnição, mandou seus oficiais hastearem a bandeira branca de rendição.

Entregavam-se, assim, a Rommel trinta mil homens, junto com dois mil veículos operacionais, duas mil toneladas de petróleo e cinco mil toneladas de provisões. Nessa noite, ao saber sobre a vitória em Tobruk, Hitler concedeu a Rommel o bastão de marechal. “Sigo para o Suez”, foi a réplica oficial de Rommel. Mais tarde, todavia, escreveria à mulher: “Teria sido melhor que ele me desse mais uma divisão.”

Churchill estava em Washington, com Roosevelt, quando recebeu a notícia da queda de Tobruk. “A derrota é uma coisa e a vergonha, outra”, comentou mais tarde. O silêncio que se sucedeu à notícia foi quebrado não por Churchill, mas por Roosevelt, que perguntou: “O que podemos fazer para ajudar?”

Vitórias do Eixo

Julho de 1942

A forte resistência russa em Sebastopol, embora quase quebrada em 22 de junho de 1942, forçou os alemães a adiarem sua ofensiva de verão; a aviação necessária não poderia ser transferida de Sebastopol para Kursk durante mais quatro ou cinco dias. No mesmo dia, os britânicos recuaram através da fronteira egípcia para Mersa Matruh, a menos de trezentos quilômetros de Alexandria. Na costa oeste dos Estados Unidos, um submarino japonês atingiu um depósito militar em Fort Stevens, Oregon, no estuário do rio Colúmbia. Era o primeiro ataque de uma potência estrangeira ao território continental americano desde os ataques britânicos ocorridos durante a guerra de 1812, mas os estragos causados não foram relevantes e o ataque não se repetiria.

Em Berlim, Adolf Eichmann informava seus subordinados sobre o plano da operação Heydrich: num “primeiro momento”, quarenta mil judeus seriam deportados da França, assim como da Holanda, e dez mil judeus seriam expulsos da Bélgica. Seriam enviados a Auschwitz à razão de mil por dia – ou seja, um trem por dia. “Não houve objeções às medidas”, observou Eichmann, “por parte do Ministério das Relações Estrangeiras...”

Na Polônia ocupada, o programa de eutanásia foi subitamente incrementado quando, em 23 de junho, o primeiro grupo de poloneses e de judeus poloneses internados em instituições de sanidade mental foi deportado para Auschwitz.

No extremo Oriente, os japoneses construíam uma ligação ferroviária entre Birmânia e Tailândia, utilizando prisioneiros de guerra britânicos, australianos e holandeses; em 23 de junho, um contingente de trezentos prisioneiros britânicos chegou à base de Ban Pong, na Tailândia, com

ordens para construir um campo para si e outro para seus guardas japoneses. Três meses mais tarde, três mil prisioneiros de guerra australianos eram enviados para um campo em Thanbyuzayat, onde iniciariam a construção de uma ferrovia a partir do terminal birmanês; a obra, em breve, seria conhecida como “Estrada de ferro da Morte”.

Para aliviar o perigo a que os britânicos estavam expostos no Egito, Roosevelt desviou uma força de aviões de combate ligeiros, que se encontrava na Florida, de seu destino anterior, a China, enviando-a ao Egito. Do mesmo modo, quarenta bombardeiros Hurricane, que estavam em Baara, a caminho da Rússia, e dez aviões americanos na Índia, que se destinavam à China, foram mandados para o Egito. Uma centena de obuses e trezentos tanques foram mandados num comboio naval, via cabo da Boa Esperança, para o Suez. Os motores dos tanques haviam sido expedidos à parte e, quando o navio que os transportava foi afundado junto às Bermudas por um submarino alemão, Roosevelt e o general Marshall ordenaram imediatamente que mais trezentos motores fossem enviados no navio mais rapidamente disponível, de modo a alcançarem o comboio com destino ao Suez.

Na última semana de junho, enquanto o auxílio americano estava a caminho do Egito, Rommel atacou novamente, com a operação Aida, empurrando os britânicos para El Alamein e fazendo seis mil prisioneiros. Rommel estava a apenas 96 quilômetros de Alexandria, mas faltava-lhe combustível e via-se impedido, momentaneamente, de avançar. Mussolini, ansioso por mostrar-se conquistador e vencedor, voou para Cirenaica e preparou-se para uma entrada triunfal no Cairo enquanto os judeus, na vizinha Palestina, encorajados pelos britânicos, preparavam em torno de Haifa a defesa da região. Doris May, uma anglo-católica amiga dos dirigentes sionistas, escreveu, em 25 de junho: “Caberá, ainda, aos nossos poucos homens malpreparados e mal-equipados erguer a única resistência efetiva ao avanço inimigo e quebrar as presas que tentam devorá-los. Eu esperava que a Terra de Israel fosse poupada, mas não parece provável que assim seja.”

Os judeus da Palestina sabiam o que os esperava caso sofressem uma ocupação alemã. Ainda em 25 de junho, a Gestapo ordenou a prisão e a deportação “para o Leste” de 22 mil judeus da região de Paris. No dia seguinte, a BBC difundiu, a partir de Londres, um relatório acerca dos

judeus poloneses, calculando em setecentos mil o número de vítimas assassinadas. A informação chegara de Varsóvia através de uma rede polonesa clandestina que, por sua vez, recebera-a de Emanuel Ringelblum e seus amigos. “Nossas penas e tribulações, nossa dedicação e nosso terror constante não foram em vão”, escreveu Ringelblum nessa noite. “Infligimos um duro golpe ao inimigo.” Embora as notícias difundidas não contivessem a matança perpetrada pelos alemães, continuava Ringelblum, “revelamos seu plano satânico para aniquilar os judeus poloneses, que gostariam de realizar no mais completo silêncio. Intrinsecamente em seus projetos e mostramos seu jogo. E, se a Inglaterra cumprir sua palavra e desencadear os formidáveis ataques que ameaçou, talvez nos salvemos”.

Na noite anterior, num fato ainda ignorado por Ringelblum, 1.600 bombardeiros britânicos lançaram um ataque contra o porto alemão de Bremen, no mar do Norte. Quarenta e nove aviões foram abatidos, numa perda que muitos consideravam quase proibitiva. Quanto à eficácia do ataque, a nebulosidade quase impossibilitara a identificação dos alvos.

A despeito do bombardeamento a Bremen e das notícias difundidas por rádio, a deportação de judeus continuou, e em ritmo acelerado. “Foi você, Reichsführer”, lembrou Odilo Globocnik a Himmler em 26 de junho, “quem, certa vez, mencionou ter a impressão de que a tarefa devia ser feita o mais depressa possível, mesmo que por razões de sigilo”.

O terror também desempenhou sua parte; em 27 de junho, o administrador alemão do distrito de Przemysl, Dr. Heinisch, publicou as seguintes instruções oficiais:

Todos os ucranianos ou poloneses que tentem, por quaisquer meios, impedir a campanha de deportação dos judeus serão abatidos. Todos os ucranianos ou poloneses descobertos num bairro judeu pilhando casas serão abatidos. Todos os ucranianos ou poloneses que tentarem ajudar ou esconder um judeu serão abatidos.

No mês que se seguiu a essas ordens, 24 mil judeus da Galícia Ocidental atravessaram Przemysl num trem, em direção ao Leste. Eram provenientes de doze vilas e aldeias sob jurisdição do Dr. Heinisch. Foram transportados para Belzec e mortos.

Em 26 de junho, no auge de sua principal ofensiva de verão, as tropas alemãs recapturaram Rostov-do-Don. No mesmo dia, em Rastenburg, Hitler condecorou o comandante da divisão da caveira, general Eicke, adicionando as Folhas de Carvalho à sua cruz de Cavaleiro por sua bravura no bolsão de Demyansk ao longo do inverno anterior; onze oficiais e soldados de Eicke receberam a cruz de Cavaleiro por atos de bravura. Contudo, Eicke insistiu, ao falar com Hitler, em que seus homens se encontravam enfraquecidos devido aos combates travados, sofrendo grande escassez de armas e veículos e desejando ser transferidos para França.

Foi concedida uma licença ao general Eicke. Dois dias após sua visita a Rastenburg, o exército alemão lançava a operação Azul, a muito esperada ofensiva para o verão. No mesmo dia, como se não houvesse guerra no Leste, 966 judeus foram enviados em trens desde Paris, atravessando França, Alemanha e Silésia, rumo a Auschwitz. Um entre eles, Adolf Ziffer, que por ironia do destino nascera em Belzec, em 1904, foi, no último momento, riscado da lista de deportados, tendo sido escrito sobre seu nome: “Abatido quando tentava fugir.”

Nos últimos três dias de junho, a ofensiva alemã contra a Rússia obrigou o Exército Vermelho a recuar através do setor sul. No norte da África, Rommel, com apenas 55 tanques ainda operacionais, parara em El Alamein, onde tropas sul-africanas, neozelandesas, britânicas e indianas, reabastecidas diariamente pelo auxílio americano, permaneciam atrás de uma linha fortificada. Mussolini, frustrado seu desfile triunfal pelo Cairo, voltou para a Itália.

No extremo Oriente, uma força australiana atacou a base japonesa de Salamaua, na Nova Guiné, num pequeno gesto de desafio que em muito contribuiu para reavivar o moral dos aliados na região. Alguns dias mais tarde, um ataque semelhante foi desferido contra a base de reabastecimento japonesa de Lae. Porém, como tantas vezes aconteceu na guerra, o triunfo e o desastre caminhavam juntos, e, em 1º de julho, ao largo de Luzon, 849 prisioneiros de guerra, capturados pelos japoneses havia seis meses em Rabaul, morreram afogados quando o navio japonês

que os transportava através do Pacífico foi afundado por um submarino americano.

A guerra no mar não tinha trégua; no começo de julho, os aliados foram informados de que 124 navios mercantes haviam sido afundados no Atlântico norte durante o mês anterior, perda que constituía o recorde mensal da guerra no mar; entre os carregamentos afundados contavam-se os primeiros trezentos motores de tanque que os americanos enviavam ao Suez para auxiliar a defesa aliada contra Rommel.

O papel assumido pelas mulheres nas tarefas mais perigosas da guerra foi evidenciado duas vezes durante julho de 1942: primeiro por Yvonne Rudellat, agente britânica nascida na França, que desembarcou na Riviera francesa, seguiu até Tours e organizou uma rede de fuga para aviadores aliados, e depois por Polina Gelman, judia licenciada em História pela Universidade de Moscou, que, como copilota de uma força de bombardeiros, partiu na primeira de muitas centenas de missões dirigidas contra os quartéis-generais, trens, veículos e depósitos alemães. Chegou a fazer oito ataques numa noite e, mais tarde, recebeu o título de Herói da União Soviética.

Os soldados e aviadores soviéticos capturados eram submetidos a um terror desconhecido pelos prisioneiros de guerra que os alemães faziam no norte da África. No sexto forte de Kovno, os registros alemães mostram o número exato de 7.708 prisioneiros soviéticos enterrados em valas. Em 1º de julho, mais algumas dezenas de milhares de soldados soviéticos foram feitos prisioneiros quando, por fim, depois de uma entre as mais encarniçadas defesas da guerra, as tropas alemãs entraram nas últimas fortalezas de Sebastopol. Na data, para celebrar a vitória, Hitler promoveu a marechal o general Manstein. Dois dias mais tarde, após voar de seu quartel-general em Rastenburg para o alojamento do general Bock em Poltava, Hitler garantiu-lhe que o Exército Vermelho gastara suas últimas reservas.

A confiança de Hitler na vitória foi devidamente acompanhada pela implacabilidade de suas tropas contra atividades de resistência. Em 3 de julho, o exército alemão desencadeou, na Iugoslávia, seu assalto final contra os guerrilheiros na região de Kozana. Em uma semana, foram

mortos dois mil resistentes e apenas 150 alemães. No entanto, não somente contra os guerrilheiros se virava a fúria alemã: dezenas de milhares de camponeses foram detidos e mortos ou deportados para servirem como mão de obra escrava. A escala de deportações era tal, calculada em mais de sessenta mil vítimas, que foi preciso fazer quadros estatísticos especiais para determinar quantos vagões e trens seriam necessários. Um entre os oficiais que contribuíram para a elaboração dessas estatísticas foi o tenente Kurt Waldheim; em 22 de julho, seria um entre os cinco oficiais alemães aos quais o dirigente croata Ante Pavelic entregaria a medalha de prata da Coroa do rei Zvonimir, com Folhas de Carvalho, pela participação na campanha contra os resistentes.



Parte dos 30 mil soldados soviéticos feitos prisioneiros pelos alemães em Sebastopol, em julho de 1942.

Na Polônia ocupada, o dia 3 de julho assistiu ao assassinato, pelos alemães, de 93 ciganos, incluindo mulheres, velhos e crianças, da aldeia de Szczurowa, perto de Cracóvia. No dia seguinte, na cidade voliniana de Lutsk, quatro mil judeus foram tirados de suas casas, levados para os arredores da cidade e abatidos.

Quatro de julho de 1942 assinalava o 166º aniversário da independência dos Estados Unidos. Nesse dia, pela primeira vez, a aviação americana – com seis aparelhos – participou, com uma formação de bombardeiros britânicos, de um ataque a bases aéreas alemãs na Holanda. Porém, também em 4 de julho, as altas esferas britânicas e americanas ligadas à condução da guerra tomavam conhecimento sobre o início de um entre os mais sérios reveses ocorridos em toda a guerra: o ataque desferido, durante a noite, contra os navios mercantes do comboio PQ 17, que seguia a caminho da Rússia com sua preciosa carga. O comboio saíra da Islândia em 27 de junho, com 22 navios mercantes americanos, oito britânicos, dois soviéticos, dois panamenhos e um holandês, além de uma escolta de seis contratorpedeiros, quinze navios de guerra e três pequenos navios de passageiros, destinados a recolher a tripulação de navios mercantes que pudessem ser torpedeados. O comboio, de dimensões consideráveis, fora localizado por submarinos e aviões alemães em 1º de julho, e, na manhã do dia 4, na primeira fase de um bem planejado ataque inimigo sob o codinome Salto de Cavalo, os torpedos de um bombardeiro aéreo Heinkel afundaram quatro navios mercantes. Receando a chegada de três poderosos navios de guerra alemães – *Tirpitz*, *Scheen* e *Hipper* –, que se encontravam em Altenfiord, o comboio recebeu ordens para dispersar-se.

Hitler, enervando-se quanto ao destino de três dos seus melhores navios, ordenaria que regressassem a Altenfiord no dia seguinte, dez horas depois de partirem em direção ao comboio naval aliado. Contudo, os submarinos e aviões alemães massacraram os navios aliados dispersos, afundando dezenove entre eles e permitindo que apenas onze chegassem a Arcangel. Das 156.492 toneladas de carga, 99.316 foram afundadas, incluindo 430 entre os 594 tanques a bordo, 210 entre os 297 aviões e 3.350 entre os 4246 veículos; além de 153 homens afogados. Se

o comboio não houvesse recebido ordens para dispersar, o *Tirpitz* poderia ter continuado a atuar e todos os navios mercantes seriam afundados.

Ao seguir para leste, o PQ 17 cruzou com um comboio naval que regressava da Rússia para a Islândia, o PQ 13. Devido a um erro de navegação, este, quando se encontrava ao largo da Islândia, em 6 de julho, entrou num campo de minas britânico. Foram afundados seis navios, incluindo o navio-varredor britânico *Niger*, que levou muitas vidas, e o barco russo *Rodina*, que transportava esposas e outros familiares de diplomatas soviéticos alocados em Londres.

Na frente oriental, o mesmo dia presenciou o desencadear de mais um ataque alemão contra resistentes soviéticos. Tratava-se da operação Flor do Pântano, contra os numerosos grupos guerrilheiros na região de Dorogobuzh, reforçados, na primeira parte do ano, por homens aerotransportados e por material de artilharia. A operação era uma dispersão de esforços e saía cara ao exército alemão; no sul, em 7 de julho, a despeito da conquista de Voronezh, o 6º exército alemão não pôde, perante o forte contra-ataque russo, continuar a progredir em direção leste. Assim, seria enviado para sul, ao longo da margem direita do Don, com o intuito de atacar Stalingrado.

Hitler ainda confiava que poderia derrotar a Rússia em 1942; seus subordinados, protegidos pela cortina de fumaça da guerra e das vitórias, acreditavam que poderiam prosseguir livremente em sua política racial. Em 7 de julho, enquanto a batalha recrudesceu em Voronezh, Heinrich Himmler presidia, em Berlim, uma conferência para apenas três homens: o comandante que inspecionava os campos de concentração, general da SS Richard Glueks, o diretor hospitalar, professor universitário e general da SS Gebhardt, e um destacado ginecologista alemão, o professor Karl Clauberg. Como resultado, decidiu-se iniciar experiências médicas de “grande dimensão”, utilizando as judias de Auschwitz. As experiências e o recolhimento de dados seriam feitos de maneira que as mulheres soubessem o que acontecia. Foi igualmente decidido averiguar com um especialista em radiologia, o professor Hohlfelder, a possibilidade de castrar homens por meio de raios X.

Himmler preveniu os participantes da reunião sobre seu alto sigilo. Todos os envolvidos nas questões debatidas eram obrigados a guardar segredo. Três dias mais tarde, em Auschwitz, foram retiradas dos

alojamentos e transferidas para o setor hospitalar com mulheres, que seriam esterilizadas e submetidas a experiências.

Enganos e dissimulação continuavam sendo elementos essenciais na política nazista em relação aos judeus. Em 11 de julho, Martin Bormann, chefe da chancelaria do Partido Nazista, informou os chefes da SS, “por ordem do Führer”, que, a partir daquele momento, “qualquer discussão pública sobre o problema judaico deveria evitar a mais ínfima menção à futura Solução Final. No entanto, podia-se mencionar o fato de que todos os judeus encontrados eram internados e destacados compulsivamente para trabalhos forçados premeditados”.

Dois dias após a conferência em Berlim, Himmler encontrava-se em Rastenburg, onde Hitler e ele discutiram o que fariam com os alemães no sul do Tirol italiano após vencida a guerra. Concordaram em que o melhor seria reinstalar esses cidadãos de língua alemã na Crimeia. O esquema não parecia distante ou fantasioso, pois, em 10 de julho, suas tropas se apoderaram de Rossoch e chegaram à margem oriental do Don. No dia seguinte, conquistavam Lisichansk, no rio Donetz. A intensidade do ataque no sul era crescente.

Cada vez mais confiante na vitória, Hitler emitiu, em 11 de julho, uma diretiva referente à organização da operação Blücher, que consistia num ataque a partir da Crimeia e passava pelo estreito de Kerch em direção ao Cáucaso. No dia seguinte, Stálin nomeou o marechal Timoshenko como comandante da nova frente, encarregada da defesa de Stalingrado.

Da Grã-Bretanha, tentando fornecer aos russos informações que lhes permitissem antecipar os avanços alemães, foram enviadas a Moscou diversas mensagens transmitidas pelos alemães no código Enigma; entre outras, havia informações concretas sobre a linha de defesa que os alemães pretendiam implantar na região de Voronezh enquanto suas tropas progredissem entre o Donetz e o Don. No dia seguinte, Londres enviou a Moscou dados sobre os objetivos atribuídos a três exércitos alemães que se preparavam para entrar em ação.

* * *

No extremo Oriente, forças australianas, avançando a partir de Porty Moresby, chegavam, em 12 de julho, a Kokoda, onde tentariam impedir que os japoneses continuassem a progredir na Nova Guiné, decididos a impedir que ocupassem a cidade costeira de Buna, ao norte: o plano que fixara esses objetivos recebera o codinome operação Providence. Ao mesmo tempo, as tropas americanas começavam seus preparativos para invadir as ilhas Salomão. No Mediterrâneo, os britânicos souberam, em 13 de julho, que os defensores de Malta tinham abatido 693 aviões alemães e italianos ao longo das últimas seis semanas, enquanto outros 190 aparelhos inimigos haviam sido destruídos pela aviação britânica com base na ilha.

No norte da África, as forças britânicas começavam a contrariar, com eficácia, o avanço de Rommel; não conquistaram grandes extensões de terra, mas infligiram perdas pesadas às forças alemãs que atacavam Ruweisat Ridge e, desse modo, puseram fim às esperanças de Rommel quanto a entrar no Cairo e em Alexandria. “Minhas expectativas quanto ao ataque realizado ontem frustraram-se amargamente”, escreveu Rommel à mulher em 14 de julho. “Não tivemos o menor êxito.” Porém, acrescentava que a batalha na frente oriental “continua com força esplêndida, o que nos dá coragem para persistirmos”.

Com efeito, os progressos alemães na frente oriental eram ininterruptos; em 15 de julho, o Exército Vermelho era obrigado a abandonar Millerovo, na ferrovia Voronezh-Rostov, e Kamensk, junto ao Donetz. No mesmo dia, na Grã-Bretanha, criptógrafos descobriram a chave Enigma utilizada pelas forças antiaéreas alemãs na frente oriental; o código recebera o nome Doninha e seria utilizado até o fim da guerra. Sua importância era considerável. As forças que o utilizavam atacavam tanto aeronaves quanto tanques com seus canhões de 88 milímetros, que se mostraram um entre os mais poderosos armamentos alemães antitanque.

Sem que os serviços secretos britânicos soubessem, partiram da Holanda, em 15 de julho, os primeiros dois mil judeus holandeses enviados para Auschwitz. A partida dos deportados foi percebida, mas não se conhecia seu destino. Os alemães disseram-lhes que seriam mandados para “trabalhar para a Alemanha”. Na manhã seguinte, enquanto os deportados ainda se encontravam a caminho, em sua viagem

de três dias até Auschwitz, Hitler, que acreditava que a vitória na Rússia seria breve, transferiu seu quartel-general da Toca do Lobo, em Rastenburg, para um novo local, Lobisomem, em Vinnitsa. Apesar das “moscas e mosquitos” que tanto o irritavam, Hitler ficaria em Vinnitsa durante mais de dois meses. Em seu primeiro dia lá, recebeu a visita de Himmler, vindo de seu quartel-general em Zhitomir, 130 quilômetros ao norte. Os dois homens discutiram a questão do Cáucaso, que, mais uma vez, parecia ao alcance dos alemães. “A ideia do Führer”, escreveu Himmler no dia seguinte, “é que não devemos incorporar esse território de modo visível, mas apenas garantir militarmente o controle das fontes petrolíferas e das fronteiras”.



A OFENSIVA ALEMÃ. JULHO A NOVEMBRO DE 1942.

No dia seguinte, Himmler voou ao leste da Alta Silésia e ao campo de concentração de Auschwitz. Os dois mil judeus holandeses deportados eram recém-chegados. Himmler pôde assistir à saída dos judeus do trem e à seleção dos 1.551 escolhidos, que seriam tatuados no antebraço e enviados para os alojamentos de Birkenau, e dos 449 outros, em sua maior parte velhos, crianças e doentes, que seriam gaseados imediatamente. Viu também os cadáveres serem lançados às valas e a limpeza da câmara de gás, pronta para receber, depois, um novo grupo de deportados.

Nessa noite, Himmler foi o convidado de honra na recepção para os chefes da guarnição da SS em Auschwitz. No dia seguinte, visitou o campo “original” de Auschwitz, de caráter punitivo e destinado a prisioneiros poloneses, e pediu para assistir a alguns espancamentos, a fim de “verificar seus efeitos”. Ao término de sua visita, insistiu na expansão do número de alojamentos em Birkenau e no crescimento da indústria de armamentos no campo, utilizando a mão de obra dos prisioneiros. Antes de se despedir, promoveu o comandante do campo, Rudolf Hess, ao posto de major da SS. Mais tarde, em 19 de julho, ordenaria a “limpeza total” da população judia da zona do governo-geral, devendo ser “realizada por completo até 31 de dezembro”.

As ordens de Himmler foram cumpridas. A partir de 22 de julho, cinco mil judeus eram recolhidos por dia no gueto de Varsóvia e enviados em trens para um campo junto à aldeia de Treblinka, onde todos, exceto uma pequena quantidade de homens necessários ao serviço no campo, eram gaseados. Durante as primeiras sete semanas dessas deportações, foram levados para Treblinka e mortos 265 mil judeus, constituindo a maior matança numa comunidade isolada, de judeus ou não judeus, durante a Segunda Guerra Mundial. O primeiro comandante em Treblinka foi um médico alemão, o Dr. Eberl, de 32 anos. Na qualidade de um entre os primeiros participantes do programa alemão de eutanásia, havia sido responsável pelo assassinato de dezoito mil pacientes no intervalo de dezoito meses. Agora, auxiliado por guardas da SS e ucranianos, orientou os primeiros meses da nova operação de extermínio até ser demitido por ineficiência; o fato de não conseguir desfazer-se dos cadáveres com a necessária rapidez foi motivo de pânico entre os deportados que chegavam em trens a Treblinka.

Enquanto começavam os gaseamentos em Treblinka e os habitantes do gueto de Varsóvia eram encaminhados, sem saberem, para a morte, continuavam a ser assassinados, em Belzec, outros judeus da Galícia; entretanto, Auschwitz recebia quase diariamente trens vindos da França, da Bélgica – a partir de 4 de agosto –, de Luxemburgo e da Holanda, mas não da Croácia sob ocupação italiana, tendo, na última semana de julho, o Ministério das Relações Exteriores alemão sido informado de que o chefe do estado-maior italiano da região, com seu quartel-general em Mostar, declarara que “não podia aprovar a reinstalação de judeus, uma vez que garantira tratamento igual a todos os habitantes de Mostar”.



TERROR NO LESTE. JULHO DE 1942.

Na Rússia ocupada, o extermínio dos judeus continuava, sem causar protestos, com matanças realizadas não através da deportação para campos de extermínio distantes, mas em terrenos abertos e valas situados nas imediações das aldeias; mil judeus foram mortos assim em Bereza Kartuska, em 15 de julho, assim como seiscentos judeus em Szarkowszczyzna, no dia 18, embora cerca de outros novecentos tenham conseguido fugir para florestas vizinhas.

Em 20 de julho, os alemães lançaram mais uma ação antiguerrilha na Rússia branca, a operação Águia, dirigida contra resistentes da região de Chechivichi. No mesmo dia, na aldeia de Kletsk, centenas de judeus prestes a serem mortos incendiaram seu gueto e fugiram. A maior parte, entre eles, foi ceifada pelas metralhadoras alemãs. Outros, conseguindo alcançar a floresta, juntaram-se aos resistentes, cujo líder, Moshe Fish, morreria em combate contra os alemães seis meses mais tarde. No dia seguinte à revolta em Kletsk, os judeus da vizinha Niesvzh também tentaram contrariar seu destino e foram quase todos mortos, embora um dirigente do grupo, Shalom Cholawski, tenha conseguido esconder-se na floresta e fundar um “acampamento de famílias” judias fugidas aos massacres diários realizados pelos alemães. O grupo, além de auxiliar fugitivos perseguidos, originou uma força de guerrilha que atacaria as linhas de comunicação alemãs.

Na noite de 21 de julho, no norte da Nova Guiné, os japoneses anteciparam-se aos australianos com o desembarque de mil homens em Buna e Gona. Depois, dirigiram-se para sul, pela trilha de Kokoda, através de um terreno montanhoso irregular. Os australianos, surpreendidos pela dimensão das forças japonesas e pelas dificuldades do terreno acidentado, foram obrigados a retroceder para Port Moresby. Na Birmânia e na Tailândia, prisioneiros de guerra aliados continuavam a trabalhar na construção da estrada de ferro através da selva. “Terceira morte nos últimos dias”, registrou o coronel Dunlop em seu diário, em 23 de julho, enquanto tentava tratar os corpos maltratados com recursos médicos reduzidos ao mínimo. Quinze mil prisioneiros de guerra morreriam na construção da estrada de ferro, cujo destino foi recordado não apenas por um diarista como Dunlop, mas por um artista como Ray

Parkin, encorajado pelo primeiro. “Espero que se trate de um registro verídico”, escreveu Dunlop acerca da obra de Parkin, “do modo como o espírito humano consegue erguer-se acima da futilidade, do nada e do desespero, porque realmente fomos deixados sem nada”.

Nessa noite, os prisioneiros representaram *Júlio César*, de Shakespeare, “com trajes modernos”, notou Dunlop, acrescentando: “Grande simpatia por parte dos espectadores, sem sombra de frivolidade.”

Em 23 de julho, a cidade de Rostov-do-Don foi mais uma vez ocupada pelos alemães. No mesmo dia, Hitler emitiu sua Diretiva no 45, ordenando a conquista da costa oriental do mar Negro até Batum, na fronteira turca, e a captura dos campos de petróleo russos em Maikop, Grozny e Baku, no mar Cáspio. Stalingrado, no Volga, também devia ser ocupada e, de acordo com a diretiva, depois de edificada uma linha de defesa alemã ao longo do Don, seria a vez de Leningrado. Tratava-se de um plano ambicioso, que alarmou os generais de Hitler, mas que seria mantido contra todas as críticas. A decisão russa de enviar três exércitos de reserva para a defesa de Stalingrado conteve o plano, pois a tenacidade da resistência forçaria Hitler a transferir homens e material de guerra em uso na rápida ofensiva em curso no Cáucaso para a batalha por Stalingrado. Apesar de tomarem Rostov, os alemães não conseguiram repetir seus êxitos de 1941, quando centenas de milhares de soldados soviéticos foram feitos prisioneiros sem que houvesse qualquer grande batalha. Em Rostov, a despeito de perdas pesadas, grande parte das tropas soviéticas não se deixou capturar, mantendo-se em condições de retomar o combate. Porém, com várias unidades do exército alemão a apenas 160 quilômetros de Stalingrado, em 25 de julho, não era uma conclusão fria e lógica pensar que a cidade poderia resistir ao ataque alemão. No mesmo dia, de qualquer forma, para reforçar o moral dos cidadãos de Leningrado, milhares de prisioneiros de guerra alemães foram obrigados a desfilar pela cidade – “os únicos alemães”, como escreveu um historiador, “a penetrarem no centro de Leningrado”.

Em 27 de julho, o exército alemão atravessou o rio Don, ao sul de Rostov, e entrou em Bataisk. No dia seguinte, Stálin emitiu sua ordem no

227:

Os criadores de pânico e os covardes devem ser liquidados imediatamente. Nem um passo de recuo seria dado sem ordens do quartel-general! Comandantes, comissários e agentes políticos que abandonarem a posição sem ordem do comando supremo serão considerados traidores à pátria e tratados como tal.

Por acaso, o dia da ordem de Stálin foi o dia em que, atrás das linhas alemãs, na região de Leningrado, resistentes e camponeses russos mataram Adolf Beck, oficial alemão responsável pela administração econômica dos territórios ocupados e pelo envio de produtos agrícolas russos para a Alemanha ou para o exército alemão, e incendiaram os armazéns e os celeiros sob controle inimigo. A morte de Beck e a destruição de grandes quantidades de abastecimentos destinados à Alemanha seriam um forte impulso para os resistentes das regiões de Don e de Pskov. “Russos!”, declarava o panfleto da resistência, que anunciava a morte de Beck, “destruam as propriedades onde se escondem os homens responsáveis por nossos males. Acabaremos com os senhores da terra alemães! Não trabalhem para eles, mas matem-nos: esse é o dever de todos os patriotas soviéticos. Expulsem os alemães da pátria dos soviets!”.

No gueto de Varsóvia, assistiu-se, em 28 de julho, à criação de uma Organização de Combate Judaica – um grupo determinado a resistir, conforme possível, às ininterruptas deportações para Treblinka. Contudo, no dia seguinte, os alemães montaram uma cruel armadilha para o gueto, oferecendo aos famintos judeus de Varsóvia – somente no último mês haviam morrido de fome ali mais de quatro mil habitantes – a entrega gratuita de três quilos de pão e de um quilo de geleia para cada família que partisse voluntariamente para “o Leste”. Para muitos, a oferta era irresistível. Houve milhares de voluntários. Todos receberam o pão e a geleia oferecidos. E todos foram deportados para Treblinka e para a morte.

Em 29 de julho, na Nova Guiné, após quatro dias de combates ferozes na selva, os japoneses tomaram Kokoda aos australianos. No mesmo dia, os alemães chegavam a Proletarskaya, às portas do Cáucaso. Stálin lançava,

entretanto, uma nova ordem militar, destinada a direcionar ações bem-sucedidas no terreno de combate: a ordem de Suvorov, que ganhara o nome do general de Catarina, a Grande, que, em 1799, cruzara os Alpes. Uma segunda ordem militar, criada no mesmo dia, destinava-se a premiar comandos de regimentos, batalhões, companhias e pelotões que demonstrassem coragem pessoal e qualidades de chefia durante a batalha; essa ordem recebeu o nome do herói medieval Alexandre Nevski, que repelira a invasão teutônica.

Ao mesmo tempo, porém, as forças alemãs pressionavam o Cáucaso, chegando a Salsk em 1º de agosto e cortando a ferrovia entre o mar Negro e Stalingrado; outras unidades alemãs, adiantando-se às tropas, chegavam às margens do rio Kuban.

Os britânicos e os americanos, sem poderem abrir uma segunda frente na Europa em 1942, decidiram atacar as costas do Marrocos e da Argélia, sob controle da França de Vichy – na chamada operação Torch–, procedendo, ao mesmo tempo, à destruição das forças alemãs e italianas ainda em vantagem no deserto líbio. Esperava-se que as operações não apenas tivessem resultados no norte da África, proporcionando condições para um ataque ao território continental da Itália, mas obrigassem os alemães a deslocar grandes forças de sua frente oriental. Em 1º de agosto, Churchill preparava-se para voar a Moscou, onde encontraria Stálin e poderia comunicar-lhe pessoalmente suas decisões e seus planos. “As condições para um encontro feliz”, disse Churchill ao rei George VI, “são, na realidade, magras, mas talvez eu possa tornar a situação menos crítica”.

Com o objetivo de enganar os alemães quanto aos verdadeiros pontos de desembarque da operação Torch, uma seção do secretariado do Gabinete de Guerra britânico, enganadoramente designada Seção de Controle de Londres, chefiada pelo coronel John Bevan, apresentou, em 1º de agosto, uma série de planos de guerra destinados a iludir os alemães e a desviar suas forças dos pontos decisivos. Foram montadas três armadilhas principais: a operação Sole, contra Narvik e Trondheim, a operação Overthrow, contra Calais e Borgonha, e a operação Kennecott, contra o sul da Itália, Grécia e Creta.

Dando falsos comandos militares e enviando mensagens secretas forjadas relativas a movimentos e ações em preparação, Bevan e sua

equipe deixaram o estado-maior alemão na incerteza quanto ao destino efetivo das forças anglo-americanas que, entretanto, eram reunidas e treinadas na Escócia para um futuro ataque anfíbio em grande escala. Bevan conseguiu montar outros dois embustes, anunciando, quando chegavam a Gibraltar os dois comandantes da operação Torch, general Eisenhower e almirante Cunningham, que o primeiro fora “chamado a Washington” e o segundo “colocado no extremo Oriente”.

A possibilidade de tais planos contribuírem para auxiliar a defesa da Rússia dependia inteiramente da maior ou menor rapidez da progressão alemã; em 3 de agosto, as forças alemãs que se encaminhavam para o Cáucaso chegavam a Stavropol; na frente de Stalingrado, atravessando o Don em Tsimlyansky, os alemães avançavam para Kotelnikovo, a menos de 160 quilômetros a sudoeste de Stalingrado. Os êxitos alemães ameaçavam não apenas a Rússia, mas a Grã-Bretanha. No dia seguinte, a caminho da Rússia, Churchill parou no Cairo, onde soube, pelo chefe pelo estado-maior imperial, general Brooke, que, se as forças alemãs tivessem êxito em sua incursão no Cáucaso e conseguissem criar uma “séria ameaça” no golfo Pérsico, seria necessário, segundo previa o general, pensar em abandonar o Egito e o norte da África, deslocando as forças britânicas para o golfo. A ação seria necessária, explicou Brooke, porque, caso perdesse os poços de petróleo em Abadan e em Bahrein, a Grã-Bretanha sofreria uma redução de vinte por cento em sua capacidade militar.

Em 5 de agosto, enquanto Churchill ainda estava no Cairo, as forças alemãs atravessaram o rio Kuban em Kropotkin e seguiram na região de Armavir; a ameaça que pesava sobre os poços de petróleo do Cáucaso tornava-se gravíssima. No Atlântico, a ameaça mantinha-se sobre os comboios navais de provisões e de armamentos; no mesmo dia, um comboio de 36 navios, que regressava à Grã-Bretanha, foi atacado por submarinos alemães quando próximo a Newfoundland. Um submarino foi afundado pela escolta do comboio, mas, tendo o ataque prosseguido, foram torpedeados cinco navios mercantes no intervalo de três minutos. Mais tarde, durante o combate, foi afundado outro submarino alemão, mas o mesmo aconteceu a mais seis navios mercantes aliados.

Os alemães, utilizando trabalho escravo, haviam construído maciços abrigos de cimento para seus submarinos em quatro portos da costa

atlântica francesa: Lorient, Brest, St. Nazaire e La Pallice. Era uma entre as principais realizações da organização Todt, naquele momento dirigida por Albert Speer. Também em 5 de agosto um submarino japonês aportou nos abrigos de Lorient, o que diz muito sobre o grau de eficácia e de versatilidade do poder submarino do Eixo. Seis semanas mais tarde, o mesmo submarino estava novamente em águas malaias, onde seria afundado.

Entre as tropas que combatiam com os alemães na frente oriental, havia algumas unidades de voluntários vindos da França, da Bélgica e da Holanda. Em 6 de agosto, o comandante das forças em que se integrava a unidade holandesa, general Kraus, escreveu a Hermann Goering : “Temos milhares de holandeses nos regimentos do Leste. Na semana passada, um regimento holandês foi atacado. Os homens fizeram mais de mil prisioneiros e foram premiados com 25 cruzeiros de ferro.” Na mesma semana, mais de mil judeus holandeses foram deportados para Auschwitz, seguidos por outros 987, em 7 de agosto, e por mais 559, três dias depois; destes, mais da metade foram gaseados quando chegaram ao campo. Os outros foram enviados para os alojamentos em Birkenau, transformados em mão de obra escrava. Também em 7 de agosto, data do início da segunda deportação, Goering presidiu uma reunião destinada à análise do Plano Quadrienal de Produção Industrial. O trabalho escravo era um elemento essencial ao plano, mas, como mostram os registros da reunião, havia zonas que já não poderiam enviar mão de obra judaica. Na Rússia branca, por exemplo, foi dito durante a reunião: “Restam poucos judeus vivos. Dezenas de milhares foram eliminados.”

Na mesma data, Klaus Fuchs, cientista alemão exilado, passou a ser cidadão britânico, prestando juramento de lealdade à coroa Britânica. Nesse período, trabalhava no centro do projeto Tube Alloys, dentro das investigações anglo-americanas sobre a bomba atômica. Ao mesmo tempo, porém, Fuchs comunicava à União Soviética pormenores secretos do trabalho em curso. No momento em que sua luta contra a Alemanha era mais intensa, os aliados continuavam atentos às divisões ideológicas e de objetivos que os opuseram antes da guerra e que dominariam suas

relações depois da vitória sobre a Alemanha. Até numa altura em que a vitória estava longe, os olhos que deveriam se concentrar nos meios para assegurá-la continuavam a antever os possíveis conflitos do pós-guerra.

Guadalcanal, Dieppe e El Alamein

Agosto-setembro de 1942

Em 7 de agosto de 1942, os americanos lançaram a operação Watchtower, a primeira contraofensiva aliada no Pacífico, iniciada com o desembarque de dezesseis mil americanos em Guadalcanal, nas ilhas Salomão. No desembarque, foram afundados quatro cruzadores pesados aliados – os navios de guerra americanos *Quincy*, *Astoria* e *Vincennes* e o australiano *Camberra*, causando mais de mil mortes – 370 homens do *Quincy*, 332 homens do *Vincennes*, 216 homens do *Astoria* e 84 homens do *Camberra*. Em terra, porém, os americanos, muitas vezes em ferozes combates corpo a corpo, repeliram todos os esforços japoneses; ao fim de duas semanas, o aeroporto da ilha estava sob controle americano, embora os japoneses, recebendo reforços, não houvessem sido expulsos da ilha. Em um mês de luta, foram mortos nove mil soldados japoneses, contra 1.600 perdas americanas. Entre os 250 soldados japoneses que constituíam a guarnição no momento do primeiro assalto americano, somente três foram feitos prisioneiros; em todas as ocasiões, os japoneses combatiam até a morte ou suicidavam-se no último momento para não serem capturados.

Ao mesmo tempo que se dava o desembarque em Guadalcanal, os fuzileiros americanos combatiam em outras quatro ilhas menores: Florida, Tulagi, Gavutu e Tanambogo. Mais uma vez, a tenacidade dos defensores japoneses impressionou os vencedores. “Nunca ouvira nem lera nada sobre essa maneira de lutar”, escreveu o general Alexander A. Vandergrift ao Comando da Marinha, em Washington, e continuou, observando: “São homens que se recusam a render-se. Os feridos esperam que alguém se aproxime deles para examiná-los e explodem uma granada de mão que mata a ele e ao inimigo.”

Em 9 de agosto, terceiro dia da batalha de Guadalcanal, as forças alemãs no Cáucaso chegaram aos campos petrolíferos de Maikop, mas as forças soviéticas destruíram os poços antes de sua retirada e Hitler não conseguiu o cobiçado petróleo. No mesmo dia, em Krasnodar, os alemães depararam-se com instalações petrolíferas igualmente arrasadas. Atrás das linhas, porém, não tinham impedimentos em sua política de destruição. No mesmo dia, uma freira católica, Edith Stein, filha convertida de um negociante de madeira judeu de Breslau, deportada para Auschwitz por ter sangue judeu, esteve entre as centenas de judeus holandeses executados nas câmaras de gás. Sob seu nome religioso de irmã Benedita, foi declarada mártir da Igreja católica e, 45 anos mais tarde, canonizada.

No dia seguinte, um telegrama de Gerhart Riegner, secretário do Congresso Mundial de Judeus, em Genebra, alertava os judeus em Londres e Nova York para a escala e as intenções do assassinato de seu povo. Chegaram a Genebra relatórios, escreveu Riegner, “afirmando que, no quartel-general do Führer, foi apresentado e encontra-se em apreciação um plano para que todos os judeus de países ocupados ou controlados pelos alemães, num total de 3,5 a quatro milhões, sejam, depois de deportados e concentrados no Leste, exterminados de uma só vez, na solução final ao problema judaico na Europa”.

Aparentemente, a mensagem enviada por Riegner fora emitida por alguém que não apenas estava a par da visita de Himmler a Auschwitz, em 16 de julho, como conhecia sua ordem de 19 de julho, segundo a qual o governo-geral deveria efetuar a “limpeza total” da população judaica até o final do ano.

Um entre os indivíduos envolvidos na transmissão da mensagem para o Ocidente era um industrial alemão, Eduard Schulte, cuja empresa, Giesche, era dona da vila onde Himmler fora recebido após sua visita a Auschwitz. Outro, na própria Suíça, era o Dr. Chaim Posner, sionista polonês que passou a informação para Jerusalém e para os serviços secretos britânicos.

Sem que os destinatários do telegrama o soubessem, o “plano” de assassinato em massa não era apenas “apreciado”, mas praticado, enquanto continuavam a ser deportados para Auschwitz judeus da França, Holanda, Bélgica e de algumas cidades polonesas, bem como de

Varsóvia para Treblinka e do centro e do sul da Polônia para Chelmno, Sobibor e Belzec. Ao mesmo tempo, mais de 87 mil judeus eram assassinados na Volhynia e mais de nove mil na Rússia branca, onde, nas cidades de Mir e Zdzieciol, quinhentos judeus haviam escapado das mãos da Gestapo, refugiando-se nas florestas e juntando-se aos resistentes soviéticos. Contudo, as possibilidades de resistência eram mínimas ou inexistentes, sobretudo para quem era deportado após ouvir, sem que houvesse razões para duvidar, que seu destino seriam campos de trabalho no Leste.

Em 10 de agosto, data em que Edith Stein foi gaseada em Auschwitz, um trem chegou a Maly Trostenets, campo próximo a Minsk, cujo nome era ignorado no Ocidente. Desse trem, onde vinham mil judeus do gueto de Theresienstadt a caminho “do Leste”, quarenta homens foram deixados em Minsk para servir num campo de trabalho. Os 960 deportados restante, na chegada a Maly Trostenets, receberam ordens para descer do trem e entrar em furgões para a última etapa de sua viagem. Os veículos seguiram para a floresta. Eram câmaras de gás; no final do trajeto, as portas foram abertas e os corpos foram lançados em valas abertas.

Entre os mil judeus mandados de Theresienstadt para Maly Trostenets numa deportação ocorrida duas semanas depois, somente 22 entre os mais jovens foram selecionados como mão de obra para a atividade agrícola da SS. Os restantes foram enfiados em furgões e mortos. Entre os escolhidos, dois sobreviveram ao trabalho pesado e ao sadismo de seus senhores, tendo fugido em maio de 1943 para se juntar aos resistentes. Um, entre esses, foi morto em combate. O outro sobreviveu à guerra: o único sobrevivente no grupo inicial de mil judeus.

Dia a dia, ao longo do mês de agosto, continuaram as deportações de Varsóvia para Treblinka e a eliminação dos deportados. “Tive muito prazer em saber”, escreveu o general da SS Karl Wolff ao administrador do Ministério dos Transportes alemão, em 13 de agosto, “que, nos últimos catorze dias, segue diariamente um trem com cinco mil passageiros do Povo Eleito para Treblinka e estamos até em condições de completar esse deslocamento em massa num ritmo acelerado”.

Em 10 de agosto, em mais uma tentativa de enviar reforços à Malta, que recebera o codinome operação Pedestal, um comboio naval britânico partiu de Gibraltar em direção à ilha. Porém, a partir do dia seguinte, foi alvo de um ataque alemão e italiano, em que o porta-aviões *Eagle* e o contratorpedeiro *Foresight* foram afundados por um submarino alemão. O resto do comboio regressou apressadamente a Gibraltar, mas, durante a rota, um submarino italiano afundou o navio de guerra antiaéreo *Cairo* enquanto um torpedeiro italiano afundava o cruzador *Manchester*. Cinco navios mercantes que carregavam fornecimentos para Malta também foram afundados. Outros cinco chegaram à ilha. Contudo, tratava-se um desastre naval para a Grã-Bretanha, que não chegava a ser compensado pela notícia do afundamento nas ilhas Salomão, no dia anterior, do cruzador pesado japonês *Kako*.

Com um desastre naval britânico pesando como último dado em seu balanço, Churchill encontrou-se com Stálin em Moscou, em 12 de agosto, explicando-lhe que não haveria segunda frente na Europa durante aquele ano, mas um desembarque no norte da África francês. Ao ouvir as notícias de Churchill, de acordo com um intérprete, “o rosto de Stálin se fechou”. “Por que os britânicos”, perguntou ele, “têm tanto medo dos alemães?”. No entanto, após explicarem melhor o plano de ataque no norte da África, Stálin compreendeu rapidamente seu alcance estratégico: abrir caminho para um ataque anglo-americano contra a Itália no começo de 1943, de modo a, nas palavras de Churchill, “ameaçar o centro da Europa de Hitler”. Churchill disse ainda, sobre a guerra aérea contra a Alemanha, que “esperamos destruir quase todas as casas de quase todas as cidades alemãs”. Para Stálin, esse ataque “não seria mau”, aconselhando Churchill a lançar as novas bombas britânicas de quatro toneladas “de paraquedas, para que não se enterrem no solo”.

Em 13 de agosto, enquanto Churchill ainda estava em Moscou, forças alemãs atingiram a cidade de Elista, 250 quilômetros ao sul de Stalingrado, e, num fato ainda mais perigoso para a União Soviética, a 250 quilômetros do mar Cáspio. No mesmo dia, a cidade caucasiana de Mineralniye Vody caiu em poder dos alemães. Em seu quartel-general de Vinnitsa, Hitler pensava não apenas na Rússia, mas na segunda frente que certamente seria aberta mais cedo ou mais tarde na Europa; ao falar com seu ministro do Armamento, Albert Speer, Hitler referiu-se, nesse dia, à

necessidade de construir uma “muralha atlântica” de fortificações contra qualquer tentativa de desembarque anglo-americano; a muralha deveria consistir em quinze mil *bunkers* de cimento, dispostos em intervalos de 45 e noventa metros, e ser feita sem se importar com os custos. “Nosso bem mais caro”, explicou Hitler, “é o homem alemão. O sangue que essas fortificações pouparão vale bilhões!”.

O Ocidente precisava ser defendido, mas era no Leste que tanto o perigo quanto as conquistas se destacavam; em 14 de agosto, os alemães lançaram a operação Griffon contra os resistentes soviéticos que atuavam na zona de Orsha e Vitbesk, ameaçando quebrar as linhas de comunicação alemãs ao longo da “estrada de Moscou”, que ia de Brest-Litovsk a Smolensko, passando por Minsk. No mesmo dia, sem que Hitler soubesse nem jamais viesse a descobrir, os serviços secretos britânicos descobriram a principal chave do código Enigma, utilizada pela SS; conhecida pelos decifradores britânicos em Bletchley como Quince, a chave foi lida ininterruptamente até o fim da guerra. Somente a chave Enigma usada pela Gestapo e conhecida como TGD continuaria indecifrável.

Na manhã de 15 de agosto, os alemães, com seus êxitos no Cáucaso a afligirem cada vez mais os aliados, intensificaram o ataque contra Stalingrado. Em Moscou, Stálin pediu a Churchill o envio de no mínimo vinte mil caminhões por mês; segundo explicou, a produção russa era apenas de duas mil unidades por mês. Churchill concordou em satisfazer essas exigências. Por outro lado, recebeu boas notícias no mesmo dia: apesar das severas perdas registradas pela operação Pedestal na escolta naval britânica a caminho de Malta, o navio-tanque *Ohio* conseguira chegar à ilha com dez mil toneladas de petróleo. A embarcação fora tão danificada na rota que chegou a ser considerada “totalmente perdida”, mas seu petróleo salvou o dia de sua chegada à ilha – e muitos outros.

Em 11 de agosto, autoridades alemãs começaram a enviar da França para seu país franceses que trabalhariam pelo esforço de guerra alemão. Quatro dias mais tarde, um novo campo de trabalho era aberto nas minas de carvão em Jawiszowice, próximo a Auschwitz. Não apenas franceses e, mais tarde, belgas foram enviados para essas minas, mas judeus vindos

dos alojamentos de Birkenau. Milhares de homens morreram sob as horríveis condições de trabalho em Jawiszowice. Na Holanda, os sentimentos antialemães haviam levado a uma tentativa de explosão, em Roterdã, de um trem com soldados alemães. O atentado falhou, mas, no dia 15, os alemães mataram cinco reféns civis num ato de dissuasão de novas manobras de sabotagem. No campo de batalha, as forças da Alemanha pareciam imbatíveis; em 17 de agosto, chegavam ao topo das montanhas caucasianas, ocupando Kislovodsk e preparando-se para escalar, numa demonstração atlética, senão militar, os 5.486 metros do monte Elbruz.

No mesmo dia, enquanto tropas alemãs descansavam nas povoações do alto Cáucaso, o moral dos americanos viu-se estimulado por um audacioso desembarque dos fuzileiros navais no atol de Makin, ocupado pelos japoneses três dias depois do ataque a Pearl Harbor. Trinta fuzileiros perderam a vida naquilo que o general Holland M. Smith chamaria de um “gesto de loucura”, levando os japoneses a fortificarem as ilhas Gilbertas e dificultando sua conquista posterior. Os americanos retiraram-se do atol alguns dias depois. Nove fuzileiros que, por engano, ficaram foram capturados, levados para Kwajalein e, por fim, decapitados.

Outro ataque aliado se seguiu ao desembarque em Makin, passadas 48 horas, quando tropas especiais britânicas e canadenses agiram, em 19 de agosto, contra o porto francês de Dieppe, a apenas 120 quilômetros da França através do canal da Mancha.

Cinco mil canadenses e mil britânicos participaram do ataque, além de cinquenta comandos americanos e de 24 soldados da França Livre. O ataque, sob o codinome Jubilee, fora planejado como uma operação rápida. Seu objetivo era experimentar técnicas de desembarque visando a uma invasão ao norte da Europa. Um comando britânico, capitão Pat Porteous, e um oficial canadense, tenente-coronel Merritt receberam cruzes Victoria por sua coragem. Uma outra cruz Victoria foi atribuída a um capelão canadense, John Foote, que por várias horas, sob fogo, cuidou de feridos caídos na praia. Chegado o momento de evacuá-los, o capitão Foote carregou-os até o barco, mas não tentou embarcar, preferindo ficar, como prisioneiro de guerra, e auxiliar os feridos.

Sem que os alemães o soubessem, um aviador britânico Jack Nissenthall, que participou do ataque, saqueou uma estação de radar alemã próxima ao local, levando consigo informações cruciais para a inteligência britânica.

Contudo, as baixas aliadas foram elevadas em Dieppe; mais de mil atacantes foram mortos, e dois mil foram feitos prisioneiros, enquanto todos os veículos e grande parte do material tiveram de ser abandonados na praia. “É a primeira vez”, escarneceria Hitler, “que os britânicos têm o cuidado de atravessar o mar e oferecer ao inimigo um conjunto completo de armamentos”. Mais tarde, contudo, Hitler avisaria aos seus generais: “Temos de entender que não fomos os únicos a aprender uma lição em Dieppe. Os britânicos também tiraram suas conclusões. Precisamos contar com uma modalidade de ataque completamente diferente, num lugar muito diferente.”

Vinte bombardeiros de mergulho e 23 caças alemães foram destruídos, obrigando a aviação alemã a enfraquecer um pouco sua pressão sobre a frente oriental para a reforçar a defesa no noroeste da Europa. Assim, a lição de Dieppe, como diria o almirante Mountbatten no Gabinete de Guerra, no dia seguinte, era “inestimável” no que se referia ao planejamento da futura invasão através do canal da Mancha; muitos anos mais tarde, Mountbatten diria que o ataque de Dieppe “deu aos aliados o segredo da vitória, de valor incalculável”.

Durante o ataque em Dieppe, era morto, na França, o primeiro soldado americano, tenente Edwin V. Loustalot.

Para os canadenses, Dieppe fora, porém, um desastre: morreram 907 homens seus e outros 1.874 foram feitos prisioneiros. Os alemães perderam 345 homens, além de quatro prisioneiros de guerra, que os atacantes levaram para a Grã-Bretanha.

Em 19 de agosto, enquanto suas forças aproximavam-se de Stalingrado e avançavam no Cáucaso, os alemães foram atacados na região de Leningrado, numa tentativa russa para quebrar o cerco à cidade. Nesse dia, o dirigente nazista Martin Bormann escrevia acerca dos russos e poloneses utilizados, às centenas de milhares, como escravos da Alemanha: “Os eslavos são feitos para trabalhar para nós. Se não

precisarmos deles, morrerão. A fertilidade eslava é indesejável.” No mesmo dia, a bandeira com a suástica foi hasteada no monte Elbruz, provocando um comentário irado por parte de Hitler, que afirmou que a ambição de seu exército deveria ser derrotar os russos, não escalar montanhas. A 257 quilômetros do monte Elbruz está Grozny, a principal cidade do Cáucaso; Hitler estava consciente sobre perigos que poderia encontrar no caminho até lá.

Ainda em 19 de agosto, na Europa ocupada, iniciou-se a deportação para Treblinka, e a consequente morte, de todos os doentes mentais de um hospital psiquiátrico em Otwock, próximo a Varsóvia, formando outras centenas de vítimas de uma política racial que não queria que judeus ou doentes mentais sobrevivessem para ver o triunfo do Reich. Atrás das linhas alemãs, a resistência se mantinha, dando lugar a represálias ferozes. Em 22 de agosto, numa aldeia na região de Bialystok, os homens da Gestapo e da SS reuniram todos os homens da aldeia e selecionaram dez entre eles, que foram imediatamente torturados e abatidos. No mesmo dia, na região vizinha de Slonim, depois do que um relatório da Gestapo chamaria de “luta armada com duração de seis horas”, duzentos guerrilheiros e aldeões, “sendo metade judeus”, foram abatidos enquanto eram destruídos dois acampamentos da resistência. Ciganos eram igualmente perseguidos. Dois dias depois da ação em Slonim, todas as tropas alemãs na Rússia foram avisadas, por homens do exército, de que muitos bandos de ciganos vagueavam pelo país, podendo “prestar grandes serviços aos guerrilheiros, fornecendo-lhes mantimentos etc.”. Se apenas uma fração dos ciganos for castigada, acrescentavam, “a atitude dos restantes será ainda mais hostil em relação às forças alemãs e mais favorável em relação aos resistentes”. Portanto, era “necessário exterminar impiedosamente todos os bandos”.

Em 23 de agosto, em Izbushensky, na grande curva descrita pelo Don, seiscentos soldados italianos da cavalaria de Savoia atacaram dois mil russos armados com morteiros e metralhadoras. Os italianos, usando sabres e granadas de mão, expulsaram os russos. Foi o último ataque de cavalaria bem-sucedido durante a guerra. Mais tarde, ainda no mesmo dia, algumas forças do exército alemão atingiram a margem ocidental do

Volga, a norte de Rynok, subúrbio ao norte de Stalingrado. Seiscentos bombardeiros alemães, no que se esperava que fosse o prelúdio da queda da cidade, atacaram alvos industriais e zonas de habitação; cerca de quarenta mil pessoas morreram e foram destruídos três quartos da cidade.



Tropas alemãs com soldados canadenses mortos e um tanque inglês, na praia de Dieppe, após a operação aliada de 19 de agosto de 1942.

A cidade de Stalingrado, centro de comunicações por ferrovia e por rio e eixo da indústria e do comércio – como símbolo da velha Rússia comercial e da moderna Rússia industrializada –, ficava na fronteira entre a Rússia europeia e asiática. A cidade, apesar dos bombardeamentos durante o ano anterior, mantinha-se como símbolo não somente da realização soviética como da capacidade do país para lutar e sobreviver.

Em 24 de agosto, estando em chamas, Stalingrado preparava-se para defender-se enquanto os americanos obtinham outra vitória naval sobre os japoneses no Pacífico, afundando o porta-aviões *Ryujo*, um cruzador ligeiro, um contratorpedeiro e um navio carregado com tropas e infligindo ao inimigo um elevado número de baixas. Foram igualmente destruídos noventa aviões, contra a perda de vinte unidades americanas. No dia seguinte, os navios japoneses que levavam reforços para Guadalcanal foram atacados e obrigados a retroceder. Outras de suas forças, desembarcando no dia seguinte junto a Rabi, no extremo sudeste da Nova Guiné, foram atacadas por australianos e, apesar dos reforços japoneses que receberiam, obrigadas a retirar-se ao fim de duas semanas. Era a primeira derrota japonesa em terra firme. No entanto, seu avanço de Burna para Port Moresby mantinha-se, forçando os australianos a recuarem ao longo da trilha de Kokoda enquanto, no Pacífico, a despeito dos últimos revezes navais, o Japão continuava a ocupar a ilha Ocean, a oeste das ilhas Gilbertas.

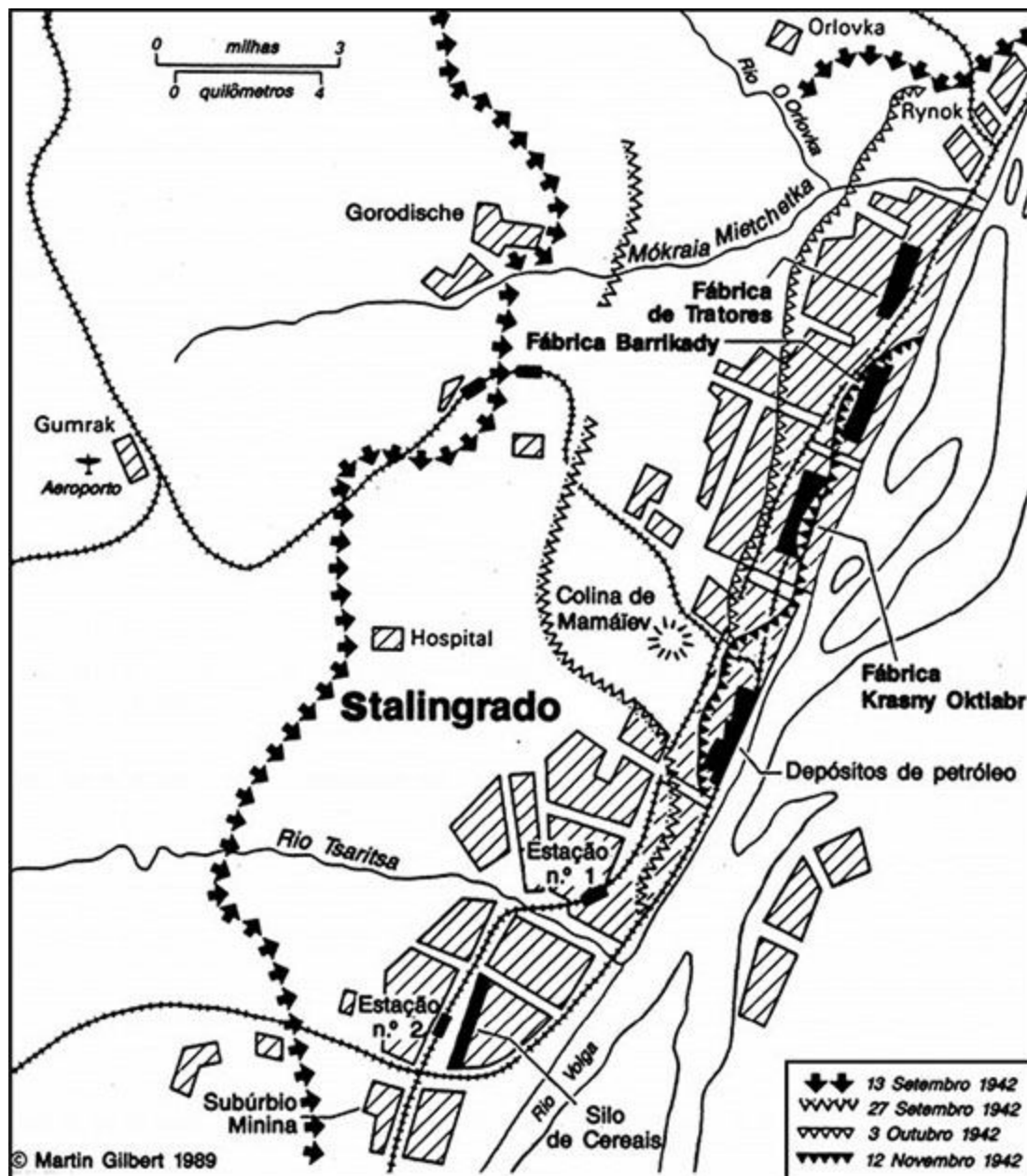
Em 27 de agosto, os alemães atacaram os judeus da zona não ocupada da França. As autoridades de Vichy colaboraram com a operação, mas muitos franceses e padres católicos deram abrigo aos perseguidos, exortando os paroquianos a fazerem o mesmo. No dia seguinte, os alemães ordenaram a detenção de todos os padres que houvessem abrigado judeus. Leva após leva, somavam-se novas vítimas aos trens que seguiam para Auschwitz; nesse dia, os milhares de deportados saídos de Paris incluíam 150 crianças e adolescentes com menos de 15 anos. No dia em que esse trem chegou a Auschwitz, um novo médico alemão, Dr. Johan Kremer, que chegara ao campo na noite anterior e seria instalado na casa dos oficiais da SS junto à estação, registrou em seu diário: “Clima tropical, 28 graus centígrados à sombra, poeira e um sem-fim de moscas! Excelente comida. Essa noite, por exemplo, tivemos fígados de

ganso em conserva por quarenta centavos de marco, com tomates recheados, salada etc.” A água do campo, acrescentava Kremer, estava contaminada, “por isso, bebemos água mineral, distribuída gratuitamente”.

Dois dias mais tarde, o Dr. Kremer escrevia: “Presente, pela primeira vez, numa ação especial ocorrida às três horas da manhã. Por comparação, o inferno de Dante parece quase uma comédia. É justificadamente que se chama Auschwitz de campo de extermínio!” Kremer assistiu ao gaseamento dos judeus mencionados, vindos de Paris, entre os quais setenta meninos e 78 meninas com menos de 15 anos. Muitas dessas crianças haviam sido deportadas sem os pais, entre elas Helène Goldenberg, que tinha nove anos, e sua irmã Lotty, que tinha apenas cinco anos.

A crueldade dessas deportações, a caça explícita aos judeus e o conhecimento de que as crianças eram separadas dos pais causavam repulsa tão generalizada que, a partir de 29 de agosto, o governo suíço não mais recusou os refugiados judeus que conseguiam atravessar a fronteira da França para a Suíça. No dia seguinte, em todas as igrejas de sua diocese, o bispo Theas de Montauban mandou que fosse lido um protesto seu contra “as dolorosas e por vezes horríveis” deportações que eram realizadas “com a mais bárbara selvageria”.

Por toda a França de Vichy, havia quem continuasse a esconder judeus ou quem, como o comandante militar da região de Lyon, general St. Vincent, se recusasse a colaborar com sua deportação. No entanto, a polícia de Vichy revelava-se muito ativa: em 5 de setembro, 9.872 judeus, a maior parte nascida em outros países, foram capturados e enviados para Paris, onde seriam deportados para Auschwitz assim que houvesse trens disponíveis.



STALINGRADO CERCADA. SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1942.

Em 30 de agosto, no deserto líbio, Rommel desencadeou um ataque que esperava prosseguir até a tomada do Cairo. “A decisão de atacar hoje”, explicou a um colega, “é a mais séria que tomei em minha vida. Ou o exército na Rússia consegue chegar a Grozny e nós, aqui na África, conseguimos chegar ao canal de Suez ou...”, terminando a fala com um gesto de desânimo.

Sem que Rommel soubesse, os britânicos conheciam suas intenções. Tendo acesso às mensagens Enigma, encontravam-se a par de seu plano de ataque. E mais: graças ao conhecimento desse código alemão e do código italiano C 38m, sabiam também o horário preciso, as rotas e as cargas de cada barco encarregado de fornecer petróleo e munição a Rommel. Na posse desses dados, os britânicos haviam atacado e afundado, em 28 de agosto, três navios carregados com petróleo, incluindo o *Dielpi*, com suas 2.200 toneladas de combustível para avião; no dia 30, um quarto barco, o *San Andrea*, carregando também combustível, foi igualmente atacado e afundado.

“Rommel iniciou o ataque para o qual estivemos nos preparando”, telegrafou Churchill a Roosevelt e a Stálin na manhã de 31 de agosto. Após 48 horas, afligido por problemas de combustível e confrontado pela resistência decidida de britânicos, neozelandeses, australianos, sul-africanos e indianos, Rommel viu-se obrigado a retirar-se de Alam Halfa, diante de El Alamein. O comandante das forças opostas era o general Montgomery, que obtinha, assim, sua primeira vitória no deserto.

No Cáucaso, conforme Rommel receara, o avanço alemão era muito lento; seus homens nunca chegariam a Grozny, embora estivessem a cerca de apenas cinquenta quilômetros. Porém, enquanto Rommel mantinha suas inúteis tentativas de ataque em Alan Halfa, todas as atenções se voltavam não para o Cáucaso, mas para Stalingrado. Em 31 de agosto, depois de uma conferência no quartel-general de Hitler em Vinnitsa, o general Halder registrou em seu diário: “O Führer ordenou que, após a entrada na cidade, toda a população masculina fosse eliminada, uma vez que Stalingrado tem um milhão de habitantes, todos eles comunistas e, por isso, extremamente perigosos.” Quanto à

população feminina, observou Halder, Hitler disse que seria “transferida”, mas não explicou para onde.

Em 2 de setembro, enquanto começava a batalha de Stalingrado, o exército alemão era obrigado a lançar a operação Mar do Norte contra os resistentes soviéticos que atuavam na região de Mogilev, ameaçando as principais linhas alemãs de contato e de abastecimento através de Smolensk. Cada uma dessas operações ocupava forças alemãs que, de outra forma, poderiam ser utilizadas nas batalhas principais.

Os homens capturados pelos aliados ficavam na Grã-Bretanha ou eram embarcados, atravessando o Atlântico, para o Canadá; nenhum deles morreu como vítima de maus-tratos ou foi executado. Os prisioneiros de guerra dos campos japoneses, contudo, viviam uma situação quase insuportável. Em 2 de setembro, em Cingapura, depois de dois prisioneiros australianos e dois prisioneiros britânicos terem fugido e sido recapturados, o oficial japonês responsável pelo campo de concentração, general Shempei Fukuei, ordenou que os quatro fossem abatidos não pelos japoneses, mas por quatro sikhs indianos, também prisioneiros de guerra.

A execução foi pontualmente cumprida, matando o cabo Rodney Breavington e o soldado Victor Gale, da Austrália, e os soldados Harold Waters e Eric Fletcher, da Grã-Bretanha.

Na noite de 3 de setembro, doze comandos britânicos desembarcaram no farol alemão utilizado como estação de transmissão. Os sete alemães que constituíam a guarnição foram capturados, junto com o livro de códigos. O equipamento de transmissão foi destruído. Quatro semanas mais tarde, numa reunião com Von Rundstedt, Gøering e Speer, Hitler debochou das afirmações dos três, que garantiram que a “muralha atlântica” era impenetrável. “Sobretudo”, disse ele, “estou grato aos ingleses por provarem, com suas tentativas de desembarque, que tenho razão. É uma prova contra os que pensam que vejo fantasmas, contra os que dizem: ‘Então, quando é que os ingleses chegarão? Não acontece nada na costa... Todos os dias nadamos e ainda não vimos um único inglês!’.”

Em 3 de setembro, com as tropas alemãs na margem ocidental do Volga, além de Rynok, o subúrbio mais a norte de Stalingrado, Stálin

telegrafou ao marechal Zhukov: “Leve as tropas para o norte e o noroeste de Stalingrado, atacando imediatamente o inimigo e aliviando os habitantes. Não pode ser tolerada qualquer demora. Neste momento, é o mesmo que um crime.” No dia seguinte, enquanto Zhukov reagrupava suas forças para um contra-ataque, como fora-lhe indicado, mil bombardeiros alemães atacaram a cidade. Também em 4 de setembro, 32 bombardeiros britânicos e australianos voaram da Grã-Bretanha para o norte da Rússia, para participarem, a partir de bases aéreas soviéticas, da proteção dos comboios navais do Ártico. Nove entre esses aviões nunca chegaram ao seu destino, por falta de combustível, por se verem obrigados a aterrissar na Suécia ou, no caso de uma aeronave, por ter sido abatida por engano, pelos russos, ao aproximar-se da costa. Neste caso, mesmo após o avião cair na água, a tripulação continuou a ser atacada pelos russos, até seus gritos de “Angliski!” serem, por fim, compreendidos.

Um bombardeiro foi danificado pelo fogo antiaéreo de um patrulheiro alemão. Obrigada a aterrissar na costa norueguesa, a tripulação não teve tempo para destruir os documentos secretos que trazia, relativos ao comboio naval PQ 18, cuja viagem seria em breve. Uma semana mais tarde, o comboio foi atacado, como o PQ 17 fora em junho, por uma força alemã de aviões e submarinos. Entre os quarenta navios mercantes do comboio, treze foram afundados, bem como dois navios de guerra da escolta, o contra torpedeiro *Somali* e o navio-varredor *Leda*. Contudo, os alemães perderam quatro entre seus submarinos e 41 aviões.

Em 5 de setembro, as primeiras tropas soviéticas contra-atacaram as forças alemãs no Volga, mas foram repelidas. No dia seguinte, chegavam à cidade reforços aéreos soviéticos. Um assalto alemão maciço foi travado no dia 7. “Milhões de soldados alemães”, disse Roosevelt no mesmo dia ao povo americano, por rádio, “parecem condenados a passar mais um inverno cruel e amargo na frente russa”. No quartel-general de Vinnitsa, Hitler tinha ainda outro problema: receber a visita de Erich Koch, o alemão encarregado, desde o início de agosto, de dirigir o processo de extermínio de setenta mil judeus da região de Rovno. Na mesma data, as tropas alemãs consolidavam sua posição no alto Cáucaso e 1.800 judeus da vila montanhosa de Kislovodsk recebiam instruções para se preparar para uma viagem de dois dias, que os levaria para

“colonizar alguns distritos pouco populosos da Ucrânia”. Foram levados não para a longínqua Ucrânia, mas para a vizinha cidade termal de Mineralnye Vody, onde, depois de obrigados a percorrer quatro quilômetros até uma vala antitanque, foram abatidos junto com mais dois mil judeus de Essentuki e trezentos judeus de Pystigorsk. Enquanto ocorriam essas matanças, o comandante-chefe da frente no Cáucaso, marechal Wilhelm List, era censurado por Hitler por não conseguir avançar mais rapidamente e, então, demitido.

Em 8 de setembro, como Churchill prometera a Stálin em Moscou precisamente três semanas antes, bombardeiros britânicos atacaram outra cidade alemã, Düsseldorf, com renovada intensidade. Entre as bombas lançadas, várias pesavam duas toneladas e ficariam conhecidas como “arrasa quarteirão”. No mesmo dia, um pequeno avião japonês, decolando de um submarino, soltou bombas incendiárias perto de Brookings, Oregon, incendiando uma floresta. Foi o único ataque japonês, durante a guerra, contra um local no “interior” dos Estados Unidos. Dois dias depois, um ataque aéreo americano, lançado a partir de bases recentemente instaladas em Adak, nas ilhas Aleutas, voltou-se contra as forças japonesas que ocupavam a ilha Kiska, a quatrocentos quilômetros dali.

Em 12 de setembro, os britânicos realizaram um novo ataque relâmpago contra a costa francesa, desembarcando dez homens em Port-en-Bessin, um pequeno porto da Normandia. Os atacantes mataram os sete alemães que encontraram no porto, mas o tiroteio alertou outros soldados inimigos e, quando voltavam para seu barco, todos os comandos, exceto um, foram mortos. Um homem, chamado Hayes, conseguiu escapar a nado ao longo da costa e foi auxiliado por uma família francesa, que o ajudaria a contatar a resistência, que, por sua vez, promoveu sua passagem pela fronteira espanhola, mas Hayes foi pego pela polícia do general Franco e enviado à França, onde seria interrogado pela Gestapo e executado em Paris.

No mar, assistia-se ao afundamento do navio britânico *Laconia*, de transporte de tropas, pelo submarino alemão U-156, comandado pelo capitão Hartenstein. A bordo, mais de 1.500 prisioneiros de guerra

italianos seguiam para o Canadá, além de 180 guardas poloneses e 811 britânicos, membros da tripulação ou passageiros. Ao descobrir que pusera em risco a vida de tantos soldados italianos, que lutavam desesperadamente para sobreviver ao naufrágio, Hartenstein emitiu uma série de sinais, comprometendo-se a não atacar qualquer navio que viesse em socorro daqueles homens. Dois navios de guerra britânicos e um francês precipitaram-se para o local, mas, enquanto socorriam os naufragos, um avião americano, que vinha da base na ilha da Ascensão, recentemente implantada no Atlântico sul, bombardeou o submarino alemão. Como resultado, o almirante Dönitz publicou uma ordem a todos os navios alemães: “Devem cessar imediatamente todas as tentativas de salvamento de tripulações de navios afundados.”

Mais de mil homens foram salvos no naufrágio do *Laconia*, mas mais de 1.400 morreram afogados. Hartenstein, que fizera o que pôde para salvar os sobreviventes, foi afundado seis meses mais tarde, com seu submarino, quando atacado por um avião da marinha americana a leste de Barbados.

Duas operações britânicas foram lançadas em 13 de setembro: a *Bluebottle*, durante a qual o navio da marinha britânica *Tarana*, navegando ao longo do golfo de Biscaia, recolheu alguns prisioneiros de guerra britânicos numa praia perto de Perpignan e a operação *Agreement*, durante a qual, com menos êxito, tropas britânicas atacaram Tobruk ao mesmo tempo, por terra e por mar, tentando destruir armazéns, depósitos e instalações portuárias do Eixo. Durante o ataque, foram afundados três navios de guerra britânicos – os contratorpedeiros *Sikh* e *Zulu* e o navio equipado com fogo antiaéreo *Coventry* –, tendo morrido centenas de homens. Nessa noite, os bombardeiros britânicos fizeram seu centésimo ataque aéreo durante a guerra – contra o porto de Bremen, no mar do Norte. Ironicamente, no mesmo dia a muito bombardeada ilha britânica de Malta foi recompensada por bravura com a cruz George, uma condecoração habitualmente atribuída a indivíduos. Na mesma data, os alemães intensificaram seu assalto contra Stalingrado, tentando atingir o centro da cidade. Ao anoitecer, os alemães haviam entrado no subúrbio

de Minina, ao sul, e preparavam-se para expulsar os defensores russos de Mamaiev Kurgan.

Em 14 de setembro, o diário de guerra do 62º exército alemão registrou o ritmo, embora não a ferocidade, do fluxo e do refluxo da luta pelo centro de Stalingrado. Às oito horas da manhã: “Estação nas mãos do inimigo.” Às 8h40: “Estação reconquistada.” Os alemães estavam tão próximos da margem do Volga que podiam afundar os navios que transportavam refugiados e feridos através do rio; quando um destes, o *Borodino*, foi afundado, morreram centenas de soldados feridos. Quando o vapor *Iosif Stálin* foi afundado, morreram afogados mais de mil civis. Às 9h40: “Estação tomada novamente pelo inimigo.” Às 13h20: “A estação é nossa.”

No mesmo dia, no extremo Oriente, as forças japonesas, pressionando em direção sul ao longo da trilha de Kokoda, Nova Guiné, obrigaram os australianos a retroceder para Imita, o último monte na cadeia das ilhas, a apenas cinquenta quilômetros de Port Moresby. Mas, nesse último reduto, os japoneses foram detidos por um corajoso contra-ataque.

Em 15 de setembro, submarinos japoneses, nas Novas Hébridas, afundaram o porta-aviões *Wasp*, que desempenhara papel tão importante na defesa de Malta, e danificaram gravemente o navio de batalha *North Carolina*. No mesmo dia, enquanto prosseguiam os combates na ilha de Guadalcanal, as forças americanas, tendo repellido um ataque japonês, foram reabastecidas e aumentariam seu controle sobre o território da ilha. Ainda nesse dia, chegaram a Port Moresby, vindas da Austrália, as primeiras forças americanas, reforçando a defesa australiana.

A hegemonia do Sol Nascente chegara ao fim.

Enquanto a batalha de Stalingrado se transformava em lutas de rua e em corpo a corpo, os alemães lançavam suas duas maiores operações antiguerrilha na Rússia. A Triângulo e a Quadrângulo, na região de Bryansk, onde a estrada de ferro até Kharkov fora repetidamente cortada na zona de Lokot. Ao longo de duas semanas de ação, foram mortos ou feitos prisioneiros 2.244 guerrilheiros soviéticos, mas vários milhares escaparam às armadilhas preparadas, reagruparam-se um pouco mais ao norte, em Navlya, e voltaram ao combate, reforçados por contingentes

lançados de paraquedas algumas semanas depois. No sul, outro grupo de 120 guerrilheiros foi lançado de paraquedas atrás das linhas alemãs, na região ao norte de Novorossiisk, para substituir um grupo que os alemães haviam destruído quase que completamente. O dirigente do segundo grupo, Slavin, era considerado judeu pelos alemães, fato que contribuiu para aumentar sua fúria destruidora.

Em 18 de setembro, fuzileiros soviéticos, após chegarem a Stalingrado em barcas, cruzando o Volga, posicionaram-se no gigantesco silo da cidade, repelindo dez ataques alemães ao longo de um único dia. Na mesma data, depois de almoçar com Hitler em seu quartel-general de Vinnitsa, um ajudante de ordens, Werner Koeppen, escreveu que “a ideia era destruir todas as grandes cidades da Rússia como condição prévia para uma duradoura dominação alemã sobre todo o país”. Também em 18 de setembro, Otto Thierack, o ministro da Justiça alemão e general da SS, chegou a um acordo com Himmler no que se referia à “entrega de elementos ‘insociais’ para o cumprimento das respectivas sentenças”. “Insociais” eram os judeus, os ciganos, os homossexuais, os russos, os ucranianos, os poloneses condenados a mais de três anos de prisão por delitos comuns e os tchecos e alemães condenados a mais de oito anos de prisão por delitos do mesmo tipo. O “cumprimento das respectivas sentenças” consistiria em trabalhos forçados sob condições tão penosas e tão destituídas de apoio médico que seria inevitável a morte de centenas de milhares de condenados. Thierack também disse a Himmler que, a fim de adaptar os territórios orientais recentemente conquistados à instalação de alemães e à colonização, “os judeus, poloneses, ciganos, russos e ucranianos acusados de infração não deveriam ser julgados por tribunais comuns, mas executados...”.



ATRÁS DAS LINHAS NO LESTE. INVERNO DE 1942-1943.

O mês de setembro registrou uma aceleração, se ainda possível, das execuções, assassinatos e gaseamentos de todos aqueles que os nazistas estavam decididos a aniquilar. Ao longo do mês, foram deportados para Auschwitz catorze mil judeus presentes na França, mais de seis mil que estavam na Holanda e outros cinco mil na Bélgica. Mais vinte mil foram deportados da Galícia Oriental, principalmente das cidades de Kolomyja e de Brody, para Belzec. Quando, no dia 19, várias centenas entre os três mil judeus deportados de Brody tentaram, cheios de medo e de desespero, escapar do trem, foram todos, exceto uma dúzia, mortos por rajadas de metralhadora. No mesmo dia, entre cinco mil judeus enviados da cidade de Parczew para Treblinka e aí gaseados, algumas centenas conseguiram fugir e alcançar relativa segurança num “acampamento familiar” instalado nas profundezas da floresta de Parczew. Contudo, a maior parte dos fugitivos morreria um mês depois, quando os alemães montariam duas intensas operações contra os refugiados dessa região.

* * *

Em 20 de setembro, na costa da Noruega, um submarino da França Livre deixou dois comandos britânicos na praia, o capitão G. D. Black e o capitão B. J. Houghton. Seu alvo era a central hidroelétrica de Glomfjord, que fornecia eletricidade à maior instalação de produção de alumínio na Noruega, um componente importante para o esforço de guerra alemão. Atravessando uma difícil região montanhosa, Black e Houghton conseguiram chegar à central e explodi-la. Depois, encontrando-se por acidente com um forte contingente alemão, foram feridos em combate e feitos prisioneiros. Mais tarde, seriam mortos pela Gestapo.

A tirania da ocupação alemã fazia com que cada vez mais homens e mulheres se associassem à resistência. Em 22 de setembro, em Minsk, Wilhelm Kube, assassino de dezenas de milhares de judeus e russos, foi morto por uma bomba colocada debaixo de sua cama por sua criada. A moça, Elena Mazaniuk, trabalhava para guerrilheiros. Após posicionar a bomba, ela conseguiu deixar Minsk e alcançar uma unidade de resistência soviética próxima à cidade.

Nesse dia, as tropas alemãs chegaram ao centro de Stalingrado, mas os russos recusaram-se à rendição. Hitler, irritado por ainda não haver conquistado Stalingrado ou, ao contrário do que esperara que houvesse acontecido algumas semanas antes, a cidade caucasiana de Grozny, demitiu o general Franz Halder, que desde o começo da guerra, havia mais de dois anos, fora chefe do estado-maior do exército, substituindo-o pelo general Kurt Zeitzler. Este, porém, sentia o mesmo mal-estar que Halder quanto à situação dos alemães na Rússia e pediria, como seu antecessor e em vão, autorização para efetuar recuos temporários. Quando o marechal Keitel lhe disse que não irritasse Hitler referindo-se, diante dele, às baixas alemãs, Zeitzler teria replicado: “Quando um homem começa uma guerra, precisa ter nervos que lhe permitam ouvir sobre seus resultados.”

Na manhã do dia 23 de setembro, os russos desencadearam um contra-ataque nos subúrbios do noroeste de Stalingrado. Poucas horas antes, dois mil novos soldados siberianos haviam atravessado o Volga em barcos. Lenta, mas decididamente, entre ferozes combates corpo a corpo, os alemães foram obrigados a recuar. Ainda nesse dia, numa tentativa de retomarem sua progressão no Cáucaso, os alemães lançaram a operação Attica, pretendendo evoluir pelas margens do mar Negro, através de Tuapse, até Sochi, Suchumi e Batum. No entanto, os defensores soviéticos não os deixaram chegar sequer a Tuapse.

Longe dos combates na Rússia ou da luta ininterrupta entre japoneses e americanos em Guadalcanal, acontecia em Washington, em 23 de setembro, uma nomeação que decidiria o destino do Japão. Tratou-se da nomeação do general Leslie R. Groves como supervisor de todos os aspectos ligados à produção da bomba atômica, da construção ao acabamento. O dinheiro, conforme disseram-lhe, não era problema. Podia requisitar ou adquirir tudo o que fosse necessário. A operação, conduzida com o máximo sigilo, precisava de um codinome; recebeu, assim, o nome projeto Manhattan.

Em 24 de setembro, seiscentos guerrilheiros soviéticos, alguns fardados com uniformes alemães e utilizando artilharia pesada, incendiaram a cidade de Ryabchichi, um entreposto inimigo para reforço e

reabastecimento na estrada Smolensk-Briansk. Talvez tenha sido um sentimento de vulnerabilidade que levou Ribbentrop a dar, no mesmo dia, instruções no sentido de “apressar, tanto quanto possível, a evacuação dos judeus de vários países da Europa”. As negociações deveriam começar imediatamente, como explicou o subordinado de Ribbentrop, Martin Luther, com os governos de Bulgária, Hungria e Dinamarca, “com o objetivo de iniciar a evacuação de judeus”. O destino que esperava tais judeus nesse mês de setembro era claro. Entre os seis mil judeus deportados de Theresienstadt para Maly Trostenets em três trens, entre 23 e 29 de setembro, não houvera um único sobrevivente. Cinco campos de extermínio funcionavam em plena capacidade: Chelmno, Belzec, Sobibor, Treblinka e Maly Trostenets. Em Auschwitz, parte dos deportados era assassinada imediatamente e outra, utilizada como mão de obra escrava. Em 26 de setembro, um oficial superior da SS, general August Frank, enviou para a administração dos campos de Auschwitz, de Treblinka, de Sobibor e de Belzec nota relativa ao que devia ser feito com aquilo que chamava de “bens dos judeus evacuados”. Moedas estrangeiras, peças de ourivesaria, pedras preciosas, pérolas e “dentes de ouro” deviam ser tomados pela SS e imediatamente entregues ao banco central do Reich. Os relógios, despertadores, canetas de tinta permanente, máquinas de barbear, canivetes, tesouras, lâmpadas, carteiras e bolsas deviam ser limpos, “avaliados” e “enviados rapidamente” para as tropas na frente de batalha.

Os soldados poderiam comprar esses artigos, mas nenhum soldado ou oficial poderia adquirir mais do que um relógio de pulso. Os relógios de ouro seriam distribuídos entre a SS. Roupas e calçados seriam dados, essencialmente, a pessoas de etnia germânica. Roupas femininas, incluindo calçados e roupas infantis também seriam vendidas a pessoas de etnia germânica. Roupas íntimas de seda deveriam, porém, ser entregues ao Ministério da Economia.

Colchas, cobertores, garrafas térmicas, gorros, pentes, talheres e mochilas, como tudo o mais, deveriam ser devidamente listados. Do mesmo modo, lençóis, almofadas e toalhas de banho e de mesa. Todas essas coisas se destinavam a pessoas de etnia germânica, enquanto, por exemplo, óculos e lentes de contato deveriam ser entregues aos serviços médicos do exército alemão. As armações de ouro pertenciam à SS. As

“peles de valor” teriam o mesmo destino. Seriam estabelecidos preços para cada artigo: “Por exemplo, um par de calças masculinas usadas, três marcos; um cobertor de lã, seis marcos etc.” Era preciso ter o cuidado de verificar que a estrela judaica fosse “removida de todas as roupas”. E todas as peças deviam ser revistadas, pois podiam ter “bens preciosos” escondidos.

Duas semanas após a instrução emitida pelo general August Frank, cinquenta quilos em dentes de ouro foram acumulados e entregues à SS para as necessidades de seus membros. O assassinato em massa levava a lucros em massa, e as coisas continuariam assim por mais dois anos.

A batalha de Stalingrado e a operação Torch

Setembro-outubro de 1942

Em 25 de setembro, durante um comício do Partido Nazista em Oslo, a aviação britânica atravessou o mar do Norte e atacou o quartel-general da Gestapo na cidade, com o objetivo de destruir os arquivos da resistência norueguesa guardados no edifício e de demonstrar o poder dos aliados. O edifício não foi atingido, mas quatro pessoas que o rodeavam morreram. No entanto, os nazistas entraram em pânico; muitos fugiram da cidade e a reunião terminou em caos.

No mesmo dia, em Stalingrado, tanques alemães saídos de Gorodishche chegaram ao limite defensivo ocidental, a fábrica Krasny Oktyabr e a parte sudoeste da fábrica Barrikady, na margem do Volga. O heroísmo dos defensores da cidade seria uma página de glória na história soviética. Lyuba Nesterenko, uma jovem enfermeira, encurralada num porão, cuidou de 28 homens gravemente feridos antes de morrer com um ferimento no peito. Em 27 de setembro, embora a bandeira com a suástica houvesse sido desfraldada na sede do Partido Comunista, em aparente sinal de triunfo, novos reforços atravessaram o Volga, desembarcando sob fogo mortífero e apressando-se em ocupar qualquer armazém ou subsolos de edifícios já destruídos. Nesse dia, Hitler voou de Vinnitsa para Berlim, contando que poderia anunciar a conquista de Stalingrado, onde suas tropas haviam penetrado até as margens do rio – no entanto, não haviam conseguido dominar a cidade. Nos confins ao norte do Volga, 1.094 quilômetros a noroeste de Stalingrado, tropas russas atravessaram o rio junto a Rzhev, reconquistando 25 aldeias. No dia seguinte, em Istambul, um jovem judeu, Chaim Darias, ouviu dois alemães dizerem num restaurante que “Hitler havia perdido a guerra”.

Em 29 de setembro, Hitler, em Berlim, avisou aos seus generais sobre o perigo de uma invasão pelo Ocidente. Numa tentativa de mitigar a fúria dos ataques aéreos anglo-americanos, ordenou a construção de torres maciças de defesa antiaérea em Munique, Viena, Linz e Nuremberg, que eram semelhantes a fortalezas e que passaram a ser conhecidas como torres de artilharia.

Em Praga, no mesmo dia, 255 tchecos foram condenados à morte por ajudarem, abrigarem ou recusarem-se a denunciar os assassinos de Heydrich. Em Auschwitz, nessa última semana de setembro, quatro mil judeus de Eslováquia, França, Holanda e Bélgica foram gaseados, entre eles René Blum, irmão do antigo primeiro-ministro francês Léon Blum. Em 30 de setembro, Hitler declarou em Berlim, num comício de lançamento do Programa de Auxílio para o inverno do Partido Nazista: “Eu havia dito que, se comesçassem essa guerra pretendendo vencer o povo ariano, seriam os judeus, e não os arianos, os exterminados. Os judeus riram de minhas profecias, mas duvido de que continuem a rir.” No Cáucaso, paralelamente, como que para lembrar aos seus homens o que se esperava deles, o comandante alemão voltou a editar a ordem lançada em 20 de novembro de 1941 pelo marechal Manstein, em que se afirmava que o soldado alemão não era “um mero combatente que obedece às regras da prática de guerra, mas o defensor de uma ideologia implacável”. Portanto, tinha de assumir “a necessidade de uma vingança severa, mas justa, contra os judeus sub-humanos”.

Na Grã-Bretanha, as mensagens Enigma eram utilizadas pelo interesse do país e da Rússia. Em 30 de setembro, os decifradores britânicos descobriram a chave utilizada pela organização Todt. Conhecida como Osprey, ela seria utilizada pelos britânicos até o fim da guerra. No mesmo dia, Churchill comunicou a Stálin a informação, decifrada através das mensagens codificadas alemãs, de que Berlim fizera planos para colocar uma força naval no mar Cáspio, tendo como base Makhach-Kala e como comandante um almirante já designado. Os submarinos, torpedeiros e navios-varredores seriam transportados para o mar Cáspio a partir do mar Negro e, em trens, a partir de Mariupol. Churchill

comentou: “Não há dúvida de que vocês estão preparados para um ataque desse gênero.”

Tal plano alemão não se realizaria; em 1º de outubro, as forças russas no Cáucaso conseguiram finalmente conter o avanço alemão. No mesmo dia, em Berlim, Rommel dizia a Hitler que a supremacia aérea britânica e as falhas dos oficiais italianos sob seu comando forçaram-no a desistir de sua marcha sobre o Cairo.

No extremo Oriente, um torpedo atingiu o barco japonês *Lisbon Maru* em 1º de outubro, que começou a afundar. A bordo estavam 1.816 prisioneiros de guerra britânicos, que viajavam de Hong Kong para o Japão. Os japoneses mantiveram as escotilhas fechadas enquanto os prisioneiros tentavam escapar. Somente algumas centenas de homens conseguiram sair. Os japoneses abriram fogo contra eles. Aqueles que conseguiram saltar para a água e tentaram subir em algum dos quatro navios japoneses que ali se encontravam foram repelidos novamente. Mais de 840 prisioneiros foram mortos a tiro ou por afogamento. Os restantes, recolhidos por pequenos barcos de patrulha ou por chineses compadecidos, seriam levados para o Japão.

Na frente oriental, o dia 3 de outubro foi marcado pelo lançamento de uma operação de cinco dias contra guerrilheiros russos localizados na região de Gorki, perto de Smolensk. No dia anterior, junto a Peklina, cinquenta postes telegráficos foram destruídos por guerrilheiros soviéticos. Esse combate contra os resistentes desmoralizava os soldados alemães que continuavam a sentir-se vulneráveis mesmo atrás das próprias linhas.

Porém, em outro combate, a guerra científica, o moral alemão se encontrava em melhor situação. Ainda em 3 de outubro, em Peenemünde, os alemães dispararam, com êxito, um foguete de doze toneladas, capaz de carregar uma ogiva de uma tonelada por 320 quilômetros. Tendo recebido o nome de A4, e mais tarde de V2, esse arma era fruto do cérebro de um entusiasta de foguetes, Wernher von Braun. À vista do sucesso da experiência, Hitler, até o momento cético, autorizou a produção em massa do projétil.

Regressando ao seu quartel-general ucraniano de Vinnitsa no dia seguinte, Hitler recebeu a notícia de um ataque de comandos britânicos à ilha de Sark, no canal da Mancha, durante o qual três técnicos do exército alemão foram mortos. Tratava-se da operação Basalt. Durante seu decurso, cinco alemães que tinham as mãos amarradas nas costas e seguiam como prisioneiros para a Grã-Bretanha, percebendo o reduzido número de captores, tentaram resistir e libertar-se. Dois conseguiram fugir, mas três foram abatidos. Quando os alemães descobriram os três corpos, que tinham as mãos amarradas nas costas, pensaram que os homens haviam sido deliberadamente executados a sangue frio. Hitler ordenou imediatamente que todos os prisioneiros britânicos capturados em Dieppe fossem, como represália, objetos de um regime de restrições especiais. E, em 7 de outubro, difundiu uma ordem do dia que seria observada pelos alemães e teria consequências horríveis. “Os esquadrões de terroristas e de sabotadores dos britânicos e seus cúmplices”, dizia Hitler, “atuam mais como bandidos do que como soldados. Agora, serão tratados como tal pelos soldados alemães e abatidos impiedosamente, como no campo de batalha, onde quer que sejam apanhados”.

Em Stalingrado, dois exércitos combatiam, sobrepondo-se numa mesma cidade. Os alemães, embora houvessem chegado ao Volga, não conseguiam desalojar os defensores russos ou impedir a chegada de reforços que atravessavam o rio; entre 25 de setembro e 5 de outubro, mais de 160 mil soldados russos haviam passado pelo rio. “Stalingrado não pode ser conquistada pelo inimigo”, telegrafou Stálin, a partir de Moscou, acrescentando: “A parte capturada de Stalingrado precisa ser reconquistada.” Em 7 de outubro, respondendo a um apelo do líder soviético por maior apoio aéreo, Churchill conseguiu, como medida de emergência, que treze navios partissem imediatamente para a Rússia, um a um e sem escolta: cinco navios chegariam ao seu destino. No dia seguinte, Churchill pôde dizer a Stálin que, de acordo com suas “últimas informações”, os planos alemães de envio de uma força naval para o mar Cáspio haviam sido suspensos. Embora não o pudesse explicar, as boas notícias de Churchill eram o resultado da decifração de mensagens

Enigma. Os alemães reconheciam, pelo menos em suas comunicações secretas, que os planos daquele ano para o Cáucaso haviam falhado.

Os americanos também contribuíram para as batalhas de Stalingrado e do Cáucaso; nos seis meses que antecederam novembro de 1942, os Estados Unidos entregaram à União Soviética, em grande parte através da Pérsia, 56.445 telefones de campanha, 614 quilômetros de fio para esses aparelhos e 81.287 metralhadoras Thompson, que constituíram, sem dúvida, um acréscimo chegado em boa hora ao arsenal e aos meios de comunicação soviéticos.

Na Rússia ocupada, não haviam sido, porém, interrompidos os massacres de habitantes judeus de aldeias e cidades da Rússia branca. Em 5 de outubro, um engenheiro alemão, Hermann Graebe, testemunhou o assassinato de quinze judeus diante de uma vala, nas imediações da cidade de Dubno. “Olhei para o homem que os matara”, recordou ele mais tarde. “Era um homem da SS, que estava sentado na beira da vala, com as pernas pendentes para dentro. Tinha uma metralhadora apoiada nos joelhos e fumava um cigarro.” Dois dias depois, em Vinnitsa, Himmler discutira com Hitler o trabalho de Odilo Globocnik nos campos de extermínio de Sobibor e de Belzec. Ao que parece, o próprio Hitler teria falado com Globocnik, que, por sua vez, afirmaria obter ouvido do Führer as palavras “Mais depressa; arrume a coisa toda ainda mais depressa!”. Passado um mês, Globocnik era promovido a general da SS. Quando, na presença de Hitler, o Dr. Herbert Linden, diretor de serviços do Ministério do Interior, sugeriu queimar os cadáveres em vez de enterrá-los, porque outra geração talvez “pensasse de modo diferente sobre a questão”, Globocnik replicou:

Meus senhores, se a próxima geração for tão covarde e corrupta que não compreenda nossa obra tão necessária e benéfica, então, meus senhores, todo o Nacional Socialismo terá sido em vão. Pelo contrário, o que deveríamos fazer é colocar placas de bronze assinalando os cadáveres e explicar que fomos nós aqueles que tiveram a coragem de realizar essa tarefa gigantesca!

Segundo Globocnik, Hitler teria declarado então: “Sim, meu caro Globocnik, é verdade. Estou inteiramente de acordo.”

Também em 7 de outubro, enquanto essa estranha discussão prosseguia entre os assassinos, os governos aliados anunciaram a instauração de uma Comissão das Nações Unidas para Crimes de Guerra, encarregada de elaborar a lista de réus a serem julgados no término do conflito. Um nome na lista pertencia ao Dr. Johann Paul Kremer, médico que, estando em Auschwitz, não pôs limite às experiências a que se entregou. “Recolhi e guardei materiais de cadáveres frescos, nomeadamente fígado, baço e pâncreas”, escrevia em seu diário em 10 de outubro. No dia seguinte, sábado, o Dr. Kremer escrevia em seu diário, em contraste: “Hoje, domingo, tivemos para o jantar uma boa peça de carne assada com talharim e couve-roxa...” Mais tarde, Kremer recordou que: “O paciente era colocado ainda com vida na mesa de dissecação. Eu me aproximava e fazia-lhe várias perguntas sobre aspectos que poderiam interessar à minha pesquisa. Por exemplo, perguntava-lhe quanto pesava antes de ser preso, quantos quilos perdera desde então, se costumava tomar medicamentos etc. Depois de recolher minha informação, o ajudante aproximava-se do paciente e matava-o com uma injeção administrada perto do coração.”

Depois da guerra, Kremer passaria dez anos preso na Polônia, seguidos por outros dez anos de confinamento na Alemanha Ocidental.

Em 10 de outubro, a aviação alemã iniciou um ataque de dez dias contra Malta. Seiscentos aviões, com base na Sicília, atacaram a ilha em levadas de centenas de unidades por vez. Alertados pela leitura atenta de mensagens Enigma trocadas pela força aérea alemã, os britânicos interceptaram as ondas de assalto enquanto ainda sobrevoavam o mar. No Pacífico, uma leitura igualmente atenta dos sigilosos códigos japoneses permitiu à marinha americana interceptar ao largo do cabo Esperance, em 11 de outubro, uma força inimiga que levava reforços para Guadalcanal. Numa batalha travada durante a noite não por aviões, mas por navios, foram afundados um cruzador pesado japonês, o *Furutaka* e três contratorpedeiros, contra a perda de um contratorpedeiro americano. Durante a luta, 48 marinheiros do contratorpedeiro americano *Duncan* foram mortos enquanto o navio se encontrava entre fogo cruzado japonês e americano, e outros cem homens morreram quando o cruzador ligeiro

Boise foi atingido pelos japoneses quando tentava iluminar um alvo inimigo.

Para a surpresa dos americanos, muitos dos japoneses cujos navios haviam sido afundados recusaram-se, ao fim da batalha, a ser socorridos pelos inimigos, preferindo morrer devorados pelos tubarões que infestavam as águas.

Em 12 de outubro, um comboio naval de 44 navios mercantes, o SC104, foi atacado por um destacamento de treze submarinos alemães em um ponto preciso do Atlântico, conhecido como “ponto negro”, onde não era possível ser acompanhado por escolta aérea. Enquanto os navios mercantes continuavam sua rota, a escolta combatia. Durante cinco dias de ação ininterrupta, foram afundados oito navios mercantes e três submarinos alemães. Entre os navios de guerra aliados, contavam-se duas corvetas norueguesas cujos capitães, como contaria um oficial inglês, “atacaram como terriers” quando tiveram a oportunidade.

Em 11 de outubro, depois de 51 dias de combates contínuos, nem a infantaria nem os carros de assalto alemães conseguiram ocupar posições seguras em Stalingrado; os alemães preparavam um último e, esperavam, devastador ataque. Entretanto, dois dias mais tarde, na frente de Moscou, guerrilheiros soviéticos abririam 178 brechas na estrada de ferro Bryansk-Lgov; a sabotagem foi realizada por especialistas treinados em Tula e lançados de paraquedas atrás das linhas alemãs. Em 14 de outubro, deu-se o novo assalto alemão contra Stalingrado, destinado a expulsar os defensores da cidade escondidos em todos os recessos e abrigos, em todos os armazéns e ruínas, em todos os redutos fortificados em fábricas e nas margens do rio. Trezentos tanques alemães participaram na ofensiva. Ainda assim, a fábrica de tratores, apesar de completamente cercada, não caiu – entre ela e a fábrica Barrikady, os edifícios foram capturados pelos alemães, recapturados pelos russos e novamente tomados. Lutava-se em cada sótão, em cada andar, nas ruínas de construções e em porões.

Durante a noite, 3.500 soldados soviéticos feridos foram transportados em barcos e chegaram a salvo no outro lado do Volga. Acossados em terra, atacados pelo ar e assaltados por leves e mais leves da infantaria

alemã, os defensores de Stalingrado recusavam-se à rendição e continuavam a defender suas ruínas ainda em 15 de outubro. O assalto alemão, com toda a sua fúria e apesar das vitórias conquistadas, falhara. Porém, recomençaria três dias depois, com igual intensidade, obtendo como resposta uma defesa cuja tenacidade não tinha precedentes.

Enquanto a batalha de Stalingrado entrava em seu terceiro mês, a resistência e o terror cresciam evidentemente atrás das linhas alemãs. Em 14 de outubro, na cidade polonesa de Piotrkow, os alemães iniciaram a deportação de 22 mil judeus para Treblinka, numa operação que durou sete dias. Entre os deportados e mortos nessa semana encontrava-se uma menina, Lusia Miller, que escrevera a um amigo dias antes da deportação: “É realmente terrível, e terrivelmente triste, que jovens precisem morrer, porque tudo em mim quer viver. E, no entanto, nessa idade, aos 13 anos, uma pessoa mal começou a descobrir a vida. Talvez por isso pareça tão prematuro. Não sei. Mas a verdade é que não quero morrer.”

Na Varsóvia ocupada, cinquenta comunistas poloneses, membros de um grupo de resistência, foram publicamente enforcados em 16 de outubro, tendo seus corpos expostos como aviso a todos aqueles que pensassem em revoltar-se. No dia seguinte, mais de dez mil judeus colocados em Buchenwald e vários milhares instalados em Sachsenhausen, alguns presos havia quatro anos, foram deportados para Auschwitz, para onde também foram enviados, primeiro por mar e depois por trens, 209 judeus da Noruega e cinco mil judeus da Holanda. Também em outubro, morreram 49 mil judeus em Belzec, onze mil em Sobibor e mais de cem mil em Treblinka, arrancados das cidades e aldeias da Polônia Central.

Em 18 de outubro, em Auschwitz, enquanto eram gaseados 1.594 judeus holandeses, o Dr. Kremer registrou em seu diário “a cena terrível que se deu quando três mulheres suplicaram que suas vidas fossem poupadas”. Eram “jovens e saudáveis”, lembraria Kremer, “mas sua súplica não poderia ser atendida. Os homens que dirigiam as operações abateram-nas imediatamente”.

Milhares de vidas eram aniquiladas a cada dia em Auschwitz, onde não tinham valor. Em outros lugares, reconhecia-se a importância de cada vida e verificavam-se atos de coragem para salvá-la. Quando, no mesmo

18 de outubro, o capitão da força aérea Tony Hill, piloto de reconhecimento britânico muitas vezes condecorado, foi derrubado sobre Le Creusot, no sudeste da França, partindo a coluna, não apenas foi socorrido e escondido pela resistência francesa como foi solicitado um avião especial para conduzi-lo novamente à Inglaterra. Tony Hill morreu em 12 de novembro, enquanto era transportado para o avião.

Dois dias após a queda de Hill, uma inglesa, Mary Lindell, foi lançada de paraquedas sobre a França e encarregada de montar uma linha de fuga para aviadores aliados caídos em território francês e para prisioneiros de guerra evadidos. Como representante da Cruz Vermelha durante a Primeira Guerra Mundial e assim condecorada, tendo recebido a cruz de Guerra em 1916, Mary Lindell conseguira fugir da França apenas três meses antes. Centenas de pessoas deveriam a ela sua liberdade.

Em Stalingrado, as forças alemãs e russas combatiam sob chuva pesada. A fábrica de tratores já não podia resistir; as tropas soviéticas das fábricas Barrikady e Krasny Ochyabr rechaçavam todas as tentativas de assalto. Em 20 de outubro, contudo, os russos não detinham mais do que 915 metros da margem ocidental. “O Führer está convencido de que os russos estão à beira do fim”, escreveu o marechal Keitel em 21 de outubro, acrescentando: “Ele diz que vinte milhões de pessoas morrerão de fome.” Nesse dia, muito atrás das linhas, uma companhia de polícia alemã descobriu um acampamento de judeus na floresta. Tais recantos representavam uma tentativa maravilhosa num mundo brutalizado. Não apenas homens armados protegiam centenas de mulheres, crianças e idosos na inóspita floresta como conseguiam comida e vigiavam contra aqueles que buscavam destruir o santuário. No ataque de 21 de outubro, porém, os alemães mataram 461 pessoas. Somente uma dúzia conseguiu escapar. Também foram mortas duas famílias camponesas, por “manterem contato” com resistentes locais.

Bastante ao sul, em Elista, no posto mais oriental dos alemães, dois guerrilheiros foram capturados em 22 de outubro, tendo vindo de Astracã e sido largados de paraquedas na região. Durante as semanas seguintes, muitos outros guerrilheiros seriam igualmente lançados nessa região. Um esquadrão da cavalaria cossaca ajudou os alemães a caçá-los, mas,

conforme admitia um relatório alemão: “É muito frequente que esses bandos batam temporariamente em retirada para recomeçarem novos ataques a partir de seus esconderijos.”

No norte da África, os aliados estavam a apenas duas semanas do início da operação Torch, que consistiria no primeiro desembarque anglo-americano anfíbio durante a guerra. Em 22 de outubro, entre os preparativos, o general americano Mark W. Clark, junto com alguns colaboradores, desembarcou secretamente de um submarino em Argel para reunir-se com oficiais superiores franceses que apoiavam os aliados e com chefes da resistência. No dia seguinte, no deserto líbio, o general Montgomery desencadeou um ataque contra as forças alemãs e italianas em El Alamein.

Foi uma batalha corajosa em ambos os lados, mas também desigual. As mensagens Enigma alemãs haviam revelado aos britânicos todas as posições inimigas e seus pontos fracos, especialmente no que dizia respeito à falta de combustível; as mesmas mensagens permitiram, também, interceptar e afundar navios inimigos de reabastecimento, incluindo dois barcos que chegaram ao porto de Tobruk no segundo dia de batalha. Além dessa vantagem, decorrente das atividades dos serviços secretos, Montgomery dispunha de 1.029 tanques – incluindo numerosas unidades Sherman americanas, contra 480 tanques inimigos –, de efetivos superiores e de armamento e aviação melhores. Rommel, cuja presença no campo de batalha talvez não houvesse sido indiferente, estava na Alemanha, em licença por motivos de saúde.

“A batalha no Egito começou hoje, às 20h...” Com essas palavras, Churchill anunciava telegraficamente a Roosevelt, em 23 de outubro, o início da ofensiva no deserto, do que tanta coisa dependia. “Todo o exército está envolvido”, acrescentava Churchill. No mesmo dia, o general Stumme, substituto de Rommel, morreu em consequência de um ataque cardíaco, e Rommel foi novamente colocado no Egito, chegando ao campo de batalha em 25 de outubro.

No primeiro dia da batalha, ao longo de uma frente de 64 quilômetros, o general Montgomery tinha sob suas ordens 150 mil homens – incluindo australianos, neozelandeses, sul-africanos e britânicos –, 2.182 peças de

artilharia, quinhentos caças e duzentos bombardeiros, além de seus mil tanques. A batalha foi iniciada com um ataque de artilharia que envolveu cerca de mil peças, fato sem precedentes se considerada a pequena extensão da frente de batalha.

Houve muitos momentos, na batalha de El Alamein, em que a preciosa vantagem obtida pelos serviços de informações precisou ser complementada no campo de batalha pela perícia e pela coragem de soldados e aviadores. Durante todo o dia 26 de outubro, as forças aliadas estiveram expostas a uma série de contra-ataques alemães inteligentemente planejados. Antes de conseguirem estar operacionais, porém, foram dispersos pelo bombardeamento da força aérea. Nessa noite, diversas progressões aliadas ao longo da frente garantiram a posse dos estratégicos montes de Kudney Ridge, acidente geográfico descrito a Churchill pelo general Alexander como “uma pequena, mas importante, saliência nessa planície sem destaques”. O método de ataque de Montgomery – em que a infantaria avançava para abrir caminho aos tanques – era uma novidade dispendiosa, mas eficaz.

A batalha de El Alamein durou cinco dias. Ao final, as forças alemãs e italianas retiraram-se o mais depressa possível. Suas perdas foram de 2.300 mortos, além de 27.900 homens feitos prisioneiros.

Ainda em 26 de outubro, enquanto Montgomery obtinha a vitória em El Alamein, tropas japonesas comandadas pelo general Kawaguchi lançavam um ataque feroz contra as posições americanas em Guadalcanal. Tendo sido repelidos, suas baixas, desde o desembarque dos americanos, elevaram-se a mais de quatro mil homens. Durante o último ataque, mais de cem aviões japoneses foram abatidos, contra quinze unidades americanas. No mesmo dia, ao largo das ilhas de Santa Cruz, duas pequenas forças navais americanas tentaram interceptar uma esquadra japonesa muito mais forte, que incluía cinco porta-aviões e que levava reforços a Guadalcanal. Mais uma vez, como acontecera no mar de Coral cinco meses antes, a batalha foi obra da aviação de ambos os lados, sem disparos entre os navios. Durante a luta, os americanos perderam o cruzador *Hornet*. Nenhum porta-avião japonês foi afundado, embora cem aviões seus tenham sido abatidos. As perdas da aviação americana, 74 aviões ao todo, também foram pesadas. Contudo, as perdas

japonesas impediram que os reforços chegassem a Guadalcanal, o que foi, por si só, uma vitória para os Estados Unidos.

Em 26 de outubro, os britânicos enviaram um oficial da marinha norueguesa, Leif Larsen, com dois torpedos *chariots* tripulados, numa expedição através do mar do Norte, tentando, por meios não ortodoxos, afundar o *Tirpitz*, localizado num fiorde norueguês. Larsen chegou a determinado ponto junto de Trondheim, onde o ataque poderia ser desencadeado com êxito, mas perdeu seus *chariots* devido a um temporal.

No mesmo dia, ocorria a primeira deportação de judeus do gueto de Theresienstadt. Arrancados de seus lares na Alemanha, na Áustria e na Tchecoslováquia havia um ano, precisavam partir novamente para “destino desconhecido”, que, disseram-lhes, ficava “no Leste”. Seu verdadeiro destino era Auschwitz. Nessa primeira deportação saída de Theresienstadt, 1.866 judeus foram enviados para o Leste; à chegada, 350 homens com menos de cinquenta anos foram escolhidos para realizar trabalhos forçados. Todos os outros deportados, incluindo todos os idosos, mulheres e crianças, foram gaseados. Entre os 350 homens escolhidos, somente 28 sobreviveriam à guerra. Nos dois anos seguintes, outros 25 trens saíam de Theresienstadt para Auschwitz; entre os mais de 44 mil deportados menos de quatro mil estavam vivos quando a guerra terminou.

No dia seguinte à primeira deportação de judeus de Theresienstadt para Auschwitz, um ex-membro da Juventude Hitleriana, Helmuth Günther Hubener, de 17 anos, foi executado na Alemanha, acusado de ouvir emissões radiofônicas estrangeiras e de difundir as notícias ouvidas. A severidade alemã exibia-se por toda a parte. Em 28 de outubro, o comandante das forças alemãs nos Bálcãs, general Lohr, instruiu seus homens a tratarem todos os resistentes feitos prisioneiros com “a dureza mais brutal”. No mesmo dia, uma diretiva ultrassecreta da SS ordenava que todas as meias e luvas infantis armazenadas nos campos de extermínio fossem enviadas para as famílias dos homens da SS.

Numa sessão pública realizada em Londres no dia seguinte, clérigos britânicos e outras figuras públicas destacadas protestaram contra a

perseguição aos judeus e, numa mensagem enviada à reunião, Churchill declarou: “As crueldades sistemáticas a que o povo judeu – homens, mulheres e crianças – tem sido sujeito sob o regime nazista estão entre os eventos mais horríveis da história, marcando com um sinal indelével todos aqueles que as conceberam e que as instigaram. Homens e mulheres livres”, continuava Churchill, “denunciam esses crimes infames e, quando a guerra chegar ao fim, restabelecendo os direitos humanos, a perseguição racial também acabará”.

Diariamente, todas as regiões sob domínio alemão sofriam sua cota de perseguição. Na aldeia polonesa de Suchozébry, um monumento recorda a morte, num campo de concentração para prisioneiros de guerra localizado nas imediações da aldeia, de sessenta mil soldados soviéticos que, ali internados, morreram entre julho de 1941 e outubro de 1942. Grande parte dos homens morreu por fome ou por doença; houve ocasiões em que homens mais doentes eram despojados de suas roupas e atirados ainda vivos em valas onde acabariam de morrer. Em outra aldeia polonesa, Ostrowek, dez mil prisioneiros de guerra soviéticos pereceram igualmente. Ostrowek ficava a menos de 25 quilômetros, por via férrea, de Treblinka e Suchozébry, a menos de 32 quilômetros. Os campos de extermínio pululavam nos mapas.

A resistência crescia na Europa ocupada, mas as represálias eram duras. Em 30 de outubro, um pescador norueguês de vinte anos, surpreendido numa ação de sabotagem e ferido nas pernas por seus captores, foi fuzilado por ordem de Hitler – o mesmo aconteceu a um inglês feito prisioneiro durante uma tentativa de sabotagem à estação de luz de Glomfjord. Em Trondheim, dez destacados cidadãos locais foram executados em “represália por atos de sabotagem”. Mais 24 homens de Vefsn foram mortos “por transporte de armas e por auxílio a sabotadores”.

Atos individuais de bravura também podiam levar ao salvamento de vidas. Em 30 de outubro, a Gestapo aprisionou mais de uma centena de crianças que viviam num orfanato em Bruxelas. Os funcionários recusaram-se a abandonar as crianças e foram internados com elas num campo de deportação em Malines. Houve protestos imediatos, inclusive por L. C. Platteau, secretário-geral do Ministério da Justiça belga. O

protesto foi bem-sucedido: as crianças e os funcionários retornaram ao lar.

* * *

Nesse mesmo outubro, em Hamburgo, um estudante alemão de 17 anos, Helmut Hülmüt, acusado de ouvir emissões radiofônicas britânicas e de distribuir panfletos antinazistas, foi condenado e executado.

No fim de outubro, um comboio de navios mercantes, o SL 125, regressando de uma viagem a Freetown, foi, com seus 37 cargueiros, surpreendido por um grupo de submarinos alemães a nordeste da ilha da Madeira. Durante sete dias, os submarinos atacaram e torpedearam o comboio, afundando treze navios e causando grande número de baixas. O desastre, contudo, teve efeito benéfico à causa aliada – que os alemães não podiam ter previsto –, pois os submarinos que desencadearam o ataque não sabiam que “comboios de assalto”, levando tropas a serem desembarcadas no norte da África, saíam, no mesmo momento, de Scapa Flow para o Atlântico, em sua longa rota para o Sul, a caminho de Gibraltar.

Outro êxito naval britânico também se deu em 30 de outubro, quando, após uma perseguição que durou dezesseis horas, quatro contratorpedeiros capturaram o submarino alemão U-559 a cerca de 110 quilômetros ao norte do delta do Nilo. Enquanto o submarino afundava, o tenente Tony Fasson, o marinheiro Colin Grazier e um jovem cantineiro auxiliar, Tommy Brown, conseguiram extrair seu aparelho Enigma e documentos que permitiriam aos homens em Bletchley quebrar uma chave que se esquivara durante nove meses.

Poucos segundos após entregarem o aparelho a Brown, Fesson e Grazier afundaram junto com o submarino, mas receberam, a título póstumo, a cruz George, enquanto Brown recebeu a medalha George; mais tarde, descobriu-se que esse tinha apenas 16 anos e que mentira sua idade a fim de entrar para a marinha. Ele foi imediatamente licenciado e mandado para casa. Dois anos depois, morreria tentando salvar suas duas irmãs, presas num prédio superpopulado durante um incêndio.

Os primeiros dias de novembro de 1942 assistiram ao desfecho de três batalhas decisivas. Em Stalingrado, os russos continuavam na cidade, resistindo a um assalto alemão maciço; em El Alamein, as forças britânicas e da Commonwealth continuaram a desalojar italianos e alemães de suas conquistas egípcias; e, em Guadalcanal, os americanos obrigavam os japoneses a ceder territórios onde haviam hasteado sua bandeira. As três vitórias eram conseguidas após um alto preço em vidas humanas e em material, mas representavam uma virada decisiva no curso da guerra.

Alemanha, Itália e Japão sofriam os primeiros reveses sérios durante a guerra. Os serviços secretos alemães sabiam que uma misteriosa iniciativa aliada era iminente, mas ignoravam sua localização; em 2 de novembro, a força aérea alemã começou a deslocar bombardeiros de longa distância que estavam em Noruega, Rússia, França, Holanda, Bélgica, Alemanha, Grécia e Creta para se preparar para o que pensavam que seria uma tentativa britânica de reforço de suas posições no Egito ou um desembarque em Córsega ou no sul da França. Através das mensagens Enigma trocadas pela força aérea alemã, esses movimentos foram imediatamente conhecidos pelos serviços secretos britânicos, que puderam confirmar que os alemães ignoravam qualquer informação acerca dos desembarques previstos para a operação Torch no norte da África francês, planejados para 8 de novembro.



A Frente Leste: motociclista alemão atolado na lama na Rússia, 13 de novembro de 1942.

Em 3 de novembro, de seu quartel-general em Vinnitsa, Hitler ordenou que Rommel se “recuperasse rapidamente” no deserto líbio. “Não seria a primeira vez na história”, escreveu Hitler, “em que uma forte vontade conseguiria triunfar sobre batalhões maiores. Quanto às suas tropas, você não pode indicar-lhes outro caminho que não seja o da vitória ou da morte”. A ordem, comentou Rommel mais tarde, pedia o impossível, pois “mesmo o soldado mais dedicado pode ser morto por uma bomba”. A diretiva do Führer foi, de qualquer forma, publicada e, como Rommel escreveria, “teve um poderoso efeito sobre as tropas. Após uma exortação do Führer, todos, até o último homem, estavam prontos para sacrificar-se”. Contudo, não seria exigido às tropas de Rommel sacrifício tão extremo; 24 horas após receber a ordem de que Hitler proibia a retirada, Rommel obteve autorização para fazê-lo. “Até que enfim uma vitória”, escreveu o rei George VI em seu diário: “É ótima para os nervos.”

Havia boas notícias também nas mensagens que chegavam do extremo Oriente, onde australianos, após recuarem para norte pela trilha de Kokoda, negavam aos japoneses qualquer possibilidade de se apoderarem de Port Moresby, acabando, em 3 de novembro, por reconquistar Kokoda. Quatro dias depois, estavam em Gorari, local que os japoneses tentaram defender em vão, utilizando uma carga de baionetas e perdendo 580 homens.



Tropas britânicas avançam no deserto ocidental, 3 de novembro de 1942.

Na noite de 5 de novembro, os britânicos lançaram a operação Leopard, que visava entregar na costa argelina dez toneladas de artigos militares, incluindo um número considerável de metralhadoras Bren, para uso da resistência nacional durante os desembarques aliados que ocorreriam dali a três dias. A força britânica não conseguiu, porém, contatar os homens na costa e a operação precisou ser abandonada. No dia seguinte, na operação Minerva, o general Giraud, que fugira após dois anos em cativeiro alemão, foi salvo na costa sul da França por um submarino britânico, levado a Gibraltar e informado sobre a iminente invasão no norte da África francês.

No Cáucaso, os alemães tentaram pela última vez, em 6 de novembro, se apoderar de Grozny. Contudo, foram detidos na cidade de Ordzhonikidze e forçados a retroceder. Hitler fizera planos alternativos datados de dois dias antes, caso os campos petrolíferos no Cáucaso não fossem conquistados; se ocupar Baku se revelasse impossível, a região seria bombardeada, impedindo que os russos utilizassem aquele petróleo. Churchill teve conhecimento da decisão em 7 de novembro, através das mensagens Enigma alemãs e imediatamente preveniu Stálin. “Muito obrigado por seu aviso relativo a Baku”, replicou Stálin. “Tomaremos as medidas necessárias para afastar o perigo.”

Na tarde do mesmo dia, Hitler, na frente oriental, dirigiu-se para Munique. Às primeiras horas da manhã, um sinal numa pequena estação ferroviária obrigou seu trem a parar. Tratava-se de uma mensagem urgente para o Führer, enviada pelo Ministério das Relações Exteriores de Berlim: segundo a rádio britânica, uma força de invasão americana estava desembarcando em Argel, Oran e Casablanca.

As forças aliadas que tentavam expulsar os alemães instalados no norte da África francês – durante a operação Torch – constituíram a maior invasão anfíbia na história da guerra até então: trezentos navios de guerra, 370 navios mercantes e 107 mil homens. Assim que as praias pareceram seguras, invadiram-nas os oficiais americanos cuja tarefa era utilizar mensagens Enigma da força aérea alemã. “Atiradores emboscados abriram fogo sobre nós”, contou, mais tarde, seu superior, Lewis F. Powell, “e um entre meus homens foi morto na primeira noite que ali passamos”. Com a captura de um oficial superior do Serviço de informações alemão, Powell soube, mais tarde, que seus inimigos

encaravam esse desembarque como um simulacro e que, mesmo depois de 8 de novembro, calculavam que o grande esforço a ser efetuado seria contra Malta ou Sicília ou, talvez, para reforçar Montgomery no deserto líbio. Daí a falha inicial do ataque alemão contra os desembarques em Argel e em Oran.

A invasão no norte da África francês obteve um rápido êxito. Setenta e seis horas depois dos primeiros desembarques, as tropas aliadas assumiam indiscutível controle sobre quase 2.100 quilômetros da costa africana, de Safi a Argel. Nessa noite, quando pronunciou seu discurso anual sobre o Putsch da Cervejaria em Munique, Hitler centrou sua atenção em Stalingrado, declarando: “Era o que eu pretendia obter, e sabem que, modestos como somos, a obtivemos! Restam apenas algumas zonas de resistência!” Hitler falou ainda sobre os judeus e sobre sua profecia de 1939, segundo a qual a guerra levaria ao seu aniquilamento. “Entre os que riram, um sem-número já não ri, e aqueles que ainda riem não o farão por muito tempo mais.”

Da França e da Holanda, milhares de judeus eram deportados para Auschwitz. Da Polônia Central, outros milhares eram deportados para Sobibor, Belzec e Treblinka. Em 2 de novembro, 110 mil judeus foram presos em 65 cidades, vilas e aldeias da região de Bialystok; levados para campos especiais, foram internados por alguns dias antes de serem deportados para Auschwitz e Treblinka. Os 360 judeus da pequena aldeia de Marcinkance resistiram à deportação e foram dominados e abatidos no local.

Em 9 de novembro, centenas de judeus de naturalidade grega, entre os quais uma criança de oito meses de idade, Salvator Cabili, foram deportados para Auschwitz. O bebê, bem como todos os seus companheiros, exceto um pequeno punhado, foram gaseados assim que chegaram ao campo. Também em 9 de novembro, um novo nome entraria para o vocabulário maligno da guerra: Majdanek, um campo junto à cidade polonesa de Lublin, para onde, na data referida, quatro mil judeus dessa cidade foram levados, tendo sido os primeiros de centenas de milhares de judeus presos e assassinados ali. Em Majdanek, como em Auschwitz, pouco mais da metade dos deportados chegados em cada leva tinha a possibilidade de ser conduzida para os alojamentos onde ficavam

os trabalhadores forçados; todos os outros eram imediatamente levados para câmaras de gás.

No norte da África francês, toda a resistência ao desembarque aliado fora rapidamente vencida. Nos casos em que decidiram combater, os soldados da França de Vichy foram tratados como inimigos. Em Casablanca e em Oran, 115 defensores franceses foram mortos. Em Argel, o almirante Darlan, comandante-chefe das forças francesas, que estava na cidade apenas para visitar o filho doente, ordenou que os defensores não resistissem. Hitler, receando uma ofensiva aliada em direção à Tunísia, deslocou tropas alemãs para Bizerta em 9 de novembro. A luta pela Tunísia começara.

Manter a Tunísia sob sua alçada possibilitava a Hitler negar aos aliados o caminho marítimo mais curto para chegar ao Egito e à Índia e obrigava-os a continuar utilizando o longo périplo pelo cabo. Assim prejudicados, os navios não poderiam compensar as perdas previstas com a grande ofensiva submarina alemã a ser lançada no Atlântico em princípios de 1943.

No deserto líbio, Rommel era obrigado a recuar; no dia 9, ocupava-se da defesa de Sidi Barrani, 320 quilômetros a oeste de El Alamein. “Ainda não é o fim”, declarou Churchill no banquete anual oferecido por lorde Mayor em 10 de novembro: “Ainda não é o começo do fim, mas talvez seja o fim do começo.”

Com a leitura diária das mensagens Enigma alemãs, Churchill descobria que suas palavras eram mais do que simples retórica, pois, ao que parecia, tanto a Grã-Bretanha quanto a União Soviética eram beneficiárias dos desembarques no norte da África. Quatrocentos entre os quinhentos aviões deslocados para a Tunísia após a primeira leva de desembarques em 2 de novembro foram trazidos da Rússia, assim como algumas centenas de aviões de transporte que estavam sendo utilizados para o abastecimento das forças alemãs cercadas em Stalingrado. Como resultado da transferência precipitada desses aviões de transporte, precisaram ser substituídos por bombardeiros em Stalingrado. Em relação a essa inesperada mudança, Goering diria, mais tarde: “Terminou ali o núcleo da esquadilha de bombardeiros alemã.”

Ao transferir unidades aéreas do sul da Rússia – a título experimental nos dias que antecederam a operação Torch e em força posteriormente –, os alemães enviaram para o Mediterrâneo seus aviões-torpedeiros estacionados em Banak, no norte da Noruega. Eram os aviões que ameaçavam os comboios que passavam pelo Ártico.

O alívio que a transferência dos aviões alemães para a Tunísia deu às forças russas em Stalingrado seria de curta duração; os aliados esperavam invadir a Tunísia em poucas semanas. Porém, como a resistência alemã no país foi muito mais tenaz do que se esperava, durando seis meses, não seis semanas, os alemães foram obrigados a manter suas unidades aéreas no Mediterrâneo central, escoando forças alocadas na frente russa por muito mais tempo do que se esperaria se os aliados tivessem êxito em seu plano inicial.

Em 11 de novembro, as forças britânicas voltaram a penetrar na Líbia. Os alemães e os italianos estavam em franca retirada. No mesmo dia, Hitler ordenou a ocupação de uma nova zona na França; doravante, todo o país ficaria sob governo alemão, exceto as regiões orientais anexadas pela Itália em julho de 1940. Mesmo entre a desordem e o perigo criados pela operação Torch, Hitler teve tempo para discutir a questão judaica com Arthur Greiser, governador do Warthegau. “Em nossa última conversa sobre os judeus”, diria Greiser a Himmler dez dias mais tarde, “o Führer disse-me que procedesse contra eles como eu julgasse mais eficaz”.

Na frente oriental, os esforços dos soldados de Hitler para confirmarem a declaração dada por seu chefe em Munique, segundo a qual Stalingrado em breve cairia, continuavam; em 11 de novembro, a infantaria e os tanques alemães, avançando sob a proteção de fogo cerrado de artilharia e de bombardeamentos aéreos, ocuparam uma linha de 460 metros junto ao Volga, capturando grande parte da fábrica Krasny Oktybar e, pela segunda vez, praticamente separando-a dos defensores na fábrica Barrikady. Nesse dia, enquanto o Volga começava a congelar, o gelo flutuante quase impossibilitava a evacuação de feridos. Grande parte dos alimentos e da munição lançados pelas aeronaves soviéticas caiu nas linhas alemãs ou no rio. Os defensores da cidade, porém, com seus efetivos partidos ao meio, não se renderam.

No extremo Oriente, os americanos eram confrontados com uma entre suas provas mais difíceis: uma tentativa japonesa para desembarcar mais de dez mil homens em Guadalcanal, destinada a inverter o rumo da batalha e visando instalar uma força total de trinta mil japoneses contra os 23 mil americanos presentes na ilha. A tentativa japonesa, porém, foi repelida. Ao preço de dois cruzadores ligeiros, o *Atlanta* e o *Juneau*, e de sete contratorpedeiros, os americanos afundaram dois navios de guerra japoneses, *Hiei* e *Kirishima*, o cruzador pesado *Kinugasa*, dois contratorpedeiros e, mais importante, sete entre os onze navios que transportavam tropas de reforço para Guadalcanal. Por fim, depois de dois mil japoneses serem mortos enquanto tentavam desembarcar, somente outros dois mil conseguiram juntar-se às suas forças já em ação, com o que a posição americana de domínio da ilha foi claramente confirmada. As baixas americanas na batalha foram grandes: 172 homens da tripulação do *Atlanta* foram mortos quando o navio foi atingido por um torpedo e por tiros de metralhadora, o que destruiu inteiramente a estrutura da ponte e grande parte das torres de tiro. Depois que 470 sobreviventes não feridos haviam sido resgatados sem incidentes, o cruzador deteriorado foi explodido e afundou entre as ondas. Quase todos os que seguiam a bordo do *Juneau* perderam a vida. Quando este afundou, uma centena de sobreviventes ficou na água à espera de salvamento, mas, quando as embarcações de socorro chegaram, somente dez ainda estavam vivos; o restante morrera afogado devido a ferimentos recebidos ou fora devorado por tubarões.

As forças britânicas e da Commonwealth entraram em Tobruk, no deserto líbio, em 13 de novembro. “Há ainda um longo caminho a percorrer”, disse Churchill ao emir da Transjordânia, “mas o fim é certo”. Em 14 de novembro, Rommel era obrigado a recuar para Gazala. “O que acontecerá nessa guerra se perdermos o norte da África? Como terminarão as coisas?”, perguntava-se ele numa carta para a mulher, acrescentando: “Espero conseguir libertar-me desses pensamentos terríveis.”

Em 15 de novembro, os sinos das igrejas tocaram por toda a Inglaterra, celebrando a vitória no Egito. No mesmo dia, na costa do norte da África

francês, forças britânicas ocuparam Tabarka, na Tunísia, seguidas, 24 horas depois, pelos americanos desembarcados de paraquedas em Souk el-Arba enquanto tropas francesas, até então leais a Vichy, entravam em ação contra os alemães em Beja.

Enquanto os alemães se preparavam para defender a Tunísia e tentavam manter suas posições na África, os japoneses, obrigados a recuar para o norte na Nova Guiné, ao longo da trilha de Kokoda, preparavam-se para defender as cidades costeiras de Buna e de Gona, ao norte, contra as forças australianas e americanas. Na Nova Guiné, como na Tunísia, a vitória não era fácil para os aliados; os dois casos começavam a indicar o que seria um traço característico da guerra após a virada que se aproximava: os japoneses e os alemães combateriam por cada cidade e por cada palmo de terra, reforçando suas posições e reconquistando o terreno perdido para contra-atacarem sempre que possível. Em Stalingrado, essa obtinada recusa alemã a ceder terreno mesmo quando era claro que seria impossível desalojar os defensores custou muito ao esforço de guerra em ambos os lados.

Outra característica da guerra pela qual os aliados seriam responsáveis era o bombardeamento ininterrupto de territórios e de forças do Eixo. No auge da operação Torch, foi a cidade portuária de Gênova que mais sofreu. Em 17 de novembro, a base de submarinos alemã de St. Nazaire, na costa francesa, foi atacada, transformando-se no primeiro alvo do 8º Corpo da Força Aérea americana, que tinha base na Grã-Bretanha. A defesa antiaérea de St. Nazaire era tão cerrada que o porto passou a ser conhecido como “fortaleza antiaérea” pelas tripulações dos bombardeiros enviados contra ele.

Os japoneses também começavam a sentir o impacto dos bombardeamentos aéreos às suas cidades, de modo que, em 16 de novembro, os jornais anunciavam que “a tripulação de qualquer avião que fizesse incursões sobre o Japão seria punida com morte”.

No quadro do esforço aliado para enfraquecer os bombardeiros alemães, um agente britânico, Michael Trotobas, foi lançado de paraquedas sobre a França em 17 de novembro, a fim de montar, em sua segunda missão em território ocupado pelos alemães, um circuito de sabotagem com base em Lille. Tendo recebido o codinome Agricultor, o circuito se apoiaria, para funcionar, no ódio aos ocupantes que viviam na

região, uma das áreas conquistadas pelos alemães durante a Primeira Guerra Mundial.

Contudo, os demônios da Nova Ordem não atuavam somente nos territórios ocupados; ainda em 17 de novembro, numa conferência secreta realizada em Munique, o comissário da Baviera para a Saúde, Walter Schultze, explicou aos diretores dos hospitais psiquiátricos de sua região como seria a “dieta especial” fornecida aos “pacientes sem esperança de cura”. Essa alimentação, declarou o Dr. Valentin Falthäuser, diretor do hospital de Kaufbeuren, levaria a “uma morte lenta, no prazo aproximado de três meses”. Outro perito em eutanásia, Dr. Pfannmüller, contou orgulhosamente na conferência “como arrancara, certa vez, a fatia de pão que uma enfermeira queria dar a um paciente”.

Na própria Alemanha, o programa de eutanásia era reavivado por um novo método: não o gaseamento, mas a fome. Esse assassinato de alemães por alemães recebeu sanção oficial numa diretiva lançada por Berlim a todos os hospitais psiquiátricos e datada de 30 de novembro, que determinava que, “considerando a situação alimentar decorrente da guerra e a saúde dos internados em asilos”, não se justificava que todos os pacientes continuassem sendo igualmente alimentados. Aqueles que estivessem a cargo das instituições “sem realizar qualquer trabalho útil digno de registro” deveriam ser postos “imediatamente” em dieta especial.

Nunca se conhecerá ao certo a escala desse tipo de assassinato; os nomes de muitas vítimas ficaram perdidos na história. Até os lugares onde as mortes ocorreram foram esquecidos e não há placas ou sinais que os identifiquem. Porém, por toda a Europa ocupada, onde o assassinato de civis foi incessante, milhares de monumentos foram erguidos para recordar os mortos; em 18 de novembro, por exemplo, duzentos poloneses foram mortos pela Gestapo na prisão de Kazimierz Dolny. Hoje, há um monumento no local, registrando o destino das vítimas.



Feridos alemães sendo evacuados de um aeroporto próximo de Stalingrado.

Um mês antes, em 18 de outubro, os britânicos haviam desencadeado a operação Swallow, lançando quatro paraquedistas noruegueses junto de Vermork, na Noruega, com instruções para prepararem a destruição da fábrica alemã de água pesada em Telemark. Em 19 de novembro, a Swallow transformava-se na operação Grouse, que transportava 34 homens em dois planadores. Ambos os veículos ficaram destruídos na aterrissagem, assim como uma das aeronaves.

Dezessete homens foram mortos na ação. Outros quatro, severamente feridos, foram assassinados pela Gestapo por estarem demasiadamente feridos para serem interrogados. Quinze homens foram capturados pouco após o desembarque e fuzilados no mesmo dia. E, por fim, outros quatro ainda, severamente feridos durante o pouso, foram levados pelos alemães para o hospital de Stavanger. Em estado grave demais para serem interrogados, foram-lhes aplicadas injeções mortais e seus corpos foram lançados ao mar.

Em todas as frentes, o destino dos comandos, dos guerrilheiros e dos resistentes capturados era a execução. No entanto, a tendência da guerra estava mudando. Ao mesmo tempo que os bombardeamentos aliados aumentavam e que as operações de guerrilha e de comando ganhavam ímpeto, crescia a pressão sobre os alemães. O fracasso germânico na conquista de Stalingrado dera esperança a todos os povos cativos.

A mudança da maré a favor dos aliados

Inverno de 1942

Em 19 de novembro de 1942, o Exército Vermelho lançou uma contra-ofensiva ao norte de Stalingrado, precedida por um entre os mais intensos bombardeamentos de artilharia em toda a guerra, quando, ao sinal “Sereia”, mais de 3.500 canhões e morteiros abriram fogo numa frente de 22 quilômetros, acompanhados, num dos setores, por marchas soviéticas executadas por noventa elementos da divisão. Como parte dos planos russos, realizou-se um assalto especialmente violento contra as tropas romenas que defendiam parte da linha de frente e que eram forças sem experiência anterior no campo de batalha. No prazo de 24 horas, haviam sido feitos prisioneiros 65 mil soldados romenos. Graças à insistência de Churchill, os russos receberiam informações obtidas em Londres com a leitura das mensagens Enigma, tratando das intenções do exército e da aviação inimigos.



A bandeira da suástica hasteada num dos edifícios da Universidade de Stalingrado.

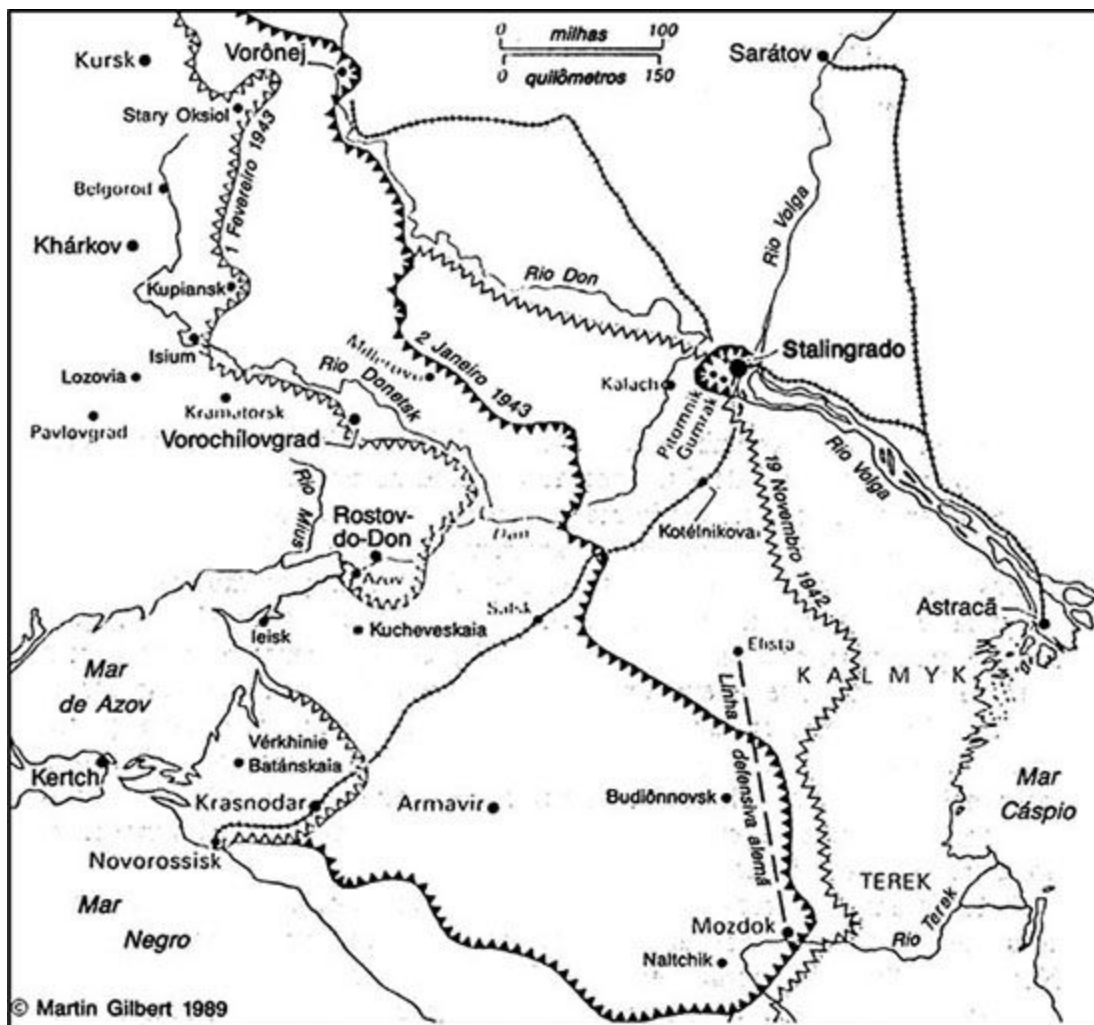
Não apenas forças romenas, mas húngaras e italianas combateram ao lado dos alemães durante o assalto russo de 19 de novembro. Todas foram repelidas. No dia seguinte, os russos atacaram ao sul de Stalingrado. Seu objetivo era audacioso e impressionante: cercar as forças alemãs na cidade que elas próprias sitiaram. Uma alternativa alemã, fundamentada em boas razões militares, era romper o cerco, retirando-se na direção do Don, proposta apresentada pelo general Von Paulus em 21 de novembro. Hitler, no entanto, proibiu qualquer retirada, emitindo, em Berchtesgaden, no mesmo dia, uma ordem para que o 6º exército, de Von Paulus, mantivesse firmemente suas posições “a despeito do perigo apresentado pelo cerco temporário”.

No dia seguinte, o cerco russo fechou-se em Kalach, no Don, encurralando mais de 250 mil homens num círculo, que se estreitava a cada dia. “Aguentem!”, disse Hitler, por rádio, ao 6º exército, mas Von Paulus não via esperanças na resistência e, à noite, solicitou a Hitler autorização para sair da armadilha. Hitler não respondeu; estava em seu trem a caminho de Leipzig, de onde voaria para Rastenburg. Ali, assumiu o comando do exército alemão, e, em 24 de novembro, respondeu ao pedido de Von Paulus com uma recusa categórica. Stalingrado não pode ser abandonada.

No Mediterrâneo, os aliados começavam a experimentar o doce sabor do sucesso; em 20 de novembro, um comboio de navios mercantes, na operação Stone Age, chegou a Malta, vindo do Egito sob proteção da aviação britânica. O cerco à ilha fora quebrado. Quando os barcos chegaram a Valletta, os habitantes da ilha saudaram-nos entusiasticamente enquanto bandas de música da marinha tocavam. No deserto líbio, após a perda de Benghazi em 20 de novembro, Rommel recuou para El Agheila, a mais de 240 quilômetros da fronteira egípcia, que havia tão pouco tempo triunfado. As tropas britânicas, americanas e da França Livre haviam assumido o controle da metade ocidental da Tunísia, e, em 25 de novembro, num ataque contra o aeroporto de Djedeida, os americanos destruíram trinta aviões alemães e italianos estacionados. Os aliados, porém, não ocupariam Túnis, que haviam esperado conquistar no prazo de um mês, antes de maio seguinte. Assim,

Hitler manteria sua tremenda pressão sobre os navios aliados, forçando-os a utilizar a longa e dispendiosa rota do cabo da Boa Esperança.

No porto de Toulon, 58 navios de guerra franceses esperavam a chegada de forças alemãs enviadas para ocupar a França de Vichy. Para os alemães, tratava-se de uma presa de grande importância e a captura dos navios recebera até um codinome, operação Lila. Na manhã de 27 de novembro, porém, quando as tropas da SS começavam a ocupar a base naval, o comandante da esquadra francesa, almirante Jean de Laborde, mandou afundar os navios. Suas ordens foram cumpridas: dois navios de combate, dois cruzadores de guerra, quatro cruzadores pesados, dois cruzadores ligeiros, um porta-aviões, trinta contratorpedeiros e sessenta submarinos foram afundados. Outros três submarinos conseguiram escapar e, evitando os alemães, juntaram-se às forças aliadas em Argel. Um quarto submarino, também fugitivo, foi pego pelos alemães em Cártago.



A RECONQUISTA SOVIÉTICA DO CÁUCASO E DO DON. INVERNO DE 1942-1943.

O afundamento da esquadra francesa em Toulon cumpria a promessa que o almirante Darlan fizera aos britânicos em junho de 1940, quando garantiu que não permitiria que a marinha de guerra francesa caísse nas mãos alemãs. Em 28 de novembro, em Rastenburg, Rommel pressionou Hitler a autorizar o abandono do teatro de operações africano, uma vez que “não se esperava melhoria na situação naval”. Se o exército permanecesse no norte da África, insistia Rommel, “seria destruído”. Hitler recusou-se a aceitar a opinião do comandante ou a sequer discutir o assunto. Era uma “necessidade política”, afirmou, manter uma posição forte e avançada no norte da África.

Hitler propunha-se a não permitir que Von Paulus quebrasse o cerco a Stalingrado para salvar-se, mas a romper esse cerco com forças vindas do exterior. Tratava-se da operação Tempestade de Inverno. Seu planejamento coincidiu com outro contra-ataque russo, desta vez em Terek, região do Cáucaso. Os guerrilheiros soviéticos atuavam nessa região e na zona ao norte de Novorossiisk, onde, em 29 de novembro, os alemães assassinaram 107 aldeões em Verkhna-Bakanskaya por ligação “direta ou indireta” com guerrilheiros. No entanto, estes, por sua vez, escaparam. Muito atrás das linhas alemãs, para ocidente do rio Dnieper, o final de novembro assistiu à implantação de dois grupos de guerrilheiros – um dirigido por Sidor Kovpak e o outro, por Alexander Saburov, que, juntando suas forças e atuando a partir da região dos pântanos de Pripet, começaram a interferir nas linhas alemãs de comunicação que atravessavam a Ucrânia. Os alemães, todavia, reagiram com operações de limpeza contínuas e brutais, entre as quais a operação Munique, lançada em dezembro contra resistentes soviéticos da região de Radoshkovichi, na Rússia branca, pouco ao norte da área onde se escondiam as forças de Kovpak e de Saburov.

No Pacífico, os japoneses tentaram reforçar, nos últimos dez dias de novembro, sua doravante sitiada guarnição da ilha de Guadalcanal. Numa série de encontros violentos com navios de guerra americanos, houve momentos em que os japoneses pareceram prestes a triunfar. Em 22 de novembro, o navio de guerra americano *Juneau* foi afundado, matando mais de seiscentos tripulantes. Outros cem marinheiros tentaram

sobreviver nas águas do mar, porém, à exceção de dez homens, foram devorados pelos tubarões ou enlouqueceram e morreram afogados.

Os japoneses tentariam mais uma vez, em 30 de novembro, consolidar suas posições na ilha de Guadalcanal. Interceptados pelos americanos durante um combate noturno ao largo de Tassafaronga, os transportes que levavam tropas japoneses foram obrigados a recuar. A batalha foi dura para os americanos, danificando seriamente três cruzadores pesados – *Pensacola*, *New Orleans* e *Minneapolis* – e afundando um quarto, o *Northampton*, junto com 58 membros de sua tripulação. Na Nova Guiné, os australianos atingiram as praias do Norte, reconquistando Buna, mas os japoneses, retirando-se para Buna Mission, continuaram ali sua resistência enquanto também os americanos não conseguiam desalojá-los da trilha Soputa-Samamanda. Assim, quinze mil australianos e quinze mil americanos, a despeito de completo domínio dos ares e de virtual domínio marítimo, continuavam envolvidos num combate vicioso contra forças japonesas de número mais ou menos inferior a metade de seu total.

Longe dos pântanos e das selvas da Nova Guiné, o segundo dia de dezembro registrou um momento decisivo da guerra, ocorrido, entre o mais alto sigilo, numa quadra do campus da Universidade de Chicago. Lá, às 10h, o cientista italiano emigrado Enrico Fermi iniciou um processo que, no meio da tarde, produziria a primeira reação nuclear em corrente autossustentada. Tudo estava a postos para a busca e o tratamento do urânio necessário à confecção de uma bomba atômica.

Em 4 de dezembro, em Bruxelas, um grupo de resistentes belgas matou um membro da SS Germânica, força criada pelos alemães e composta por fascistas belgas. No mesmo dia, em Varsóvia, um grupo de poloneses cristãos, conduzidos por duas mulheres, Zofia Kossak e Wanda Filipowicz, organizou um conselho de auxílio aos judeus. Suas tarefas implicavam em perigo; passados apenas dois dias, os homens da SS prenderam treze poloneses – homens, mulheres e crianças – numa casa de campo e outros dez num celeiro, em Stary Ciepielow, queimando-os vivos por suspeita de ajuda aos judeus. No mesmo dia, na floresta de Parezew, os alemães lançaram uma operação de “caça”, que durou quatro

dias, contra mais de mil judeus escondidos na região. “Fugíamos de um lado para o outro, cheios de medo”, lembraria um entre esses foragidos, Ariele Koren, enquanto os alemães, armados com metralhadoras, com quatro pequenos canhões e com veículos blindados penetravam na floresta. “Pensávamos que tínhamos corrido vinte quilômetros, mas havíamos circundado uma área de quinhentos metros.”

Na aldeia de Bialka, os judeus encontraram refúgio entre os camponeses. Contudo, no segundo dia da “caça”, 7 de dezembro, os alemães chegaram ao local e mataram 96 homens por causa do auxílio prestado a judeus. Três dias mais tarde, na aldeia de Wola Przybyslawska, sete poloneses foram executados pelos alemães, também por esconderem judeus.

Sobrevoando a Itália, os bombardeiros britânicos continuavam a atacar instalações portuárias. Num ataque contra Nápoles, em 4 de dezembro, um cruzador ligeiro, *Muzio Attendolo*, foi afundado, matando 159 italianos. No mesmo dia, porém, esperando contribuir com bombardeamentos para o fim da batalha da Tunísia, os alemães destruíram 25 tanques britânicos e fizeram quatrocentos prisioneiros. Dois dias depois, forças blindadas alemãs penetravam nas posições americanas em El Guettar.

Para a defesa da causa do Eixo, os italianos lançaram mão, na batalha da Tunísia, de meios pouco habituais. Na noite de 7 de dezembro, três submarinos anões italianos – também chamados *chariots* – tentaram entrar no porto de Gibraltar. Dos seis homens que compunham sua tripulação, três foram mortos em combate, dois foram feitos prisioneiros e um regressou ao navio de apoio. Não haviam sido feitos estragos ao porto de Gibraltar ou aos barcos que ali se encontravam. Contudo, passados quatro dias, três outros *chariots* penetraram no porto de Argel, afundando quatro navios de abastecimento aliados.

No extremo Oriente, os japoneses fizeram duas tentativas, sem êxito, para reforçar suas tropas em Guadalcanal e na Nova Guiné. As duas ações foram repelidas em 8 de dezembro e, no dia seguinte, os australianos derrotaram as últimas forças japonesas na área de Gona. Ao

término da última batalha, haviam morrido mais de quinhentos japoneses que, como se esperava, recusaram-se a render-se.

Na frente russa, os esforços alemães no sentido de retomar a iniciativa em torno de Stalingrado, no Don ou no Cáucaso frustraram-se; as mensagens Enigma trocadas pela força aérea alemã revelavam claramente que houvera perdas tão pesadas nos aviões enviados, com tropas, para a frente tunisiana que já não havia aparelhos suficientes para satisfazer as necessidades dos combatentes de Stalingrado. Ao ler essas mensagens em Londres, Churchill perguntou ao chefe de seus serviços secretos, Sir Stuart Menzies: “Mandaram essas notícias a Joe?” Sim; Londres mantinha Stálin a par das dificuldades e das deficiências nos reforços alemães enviados para Stalingrado.

No Cáucaso, os alemães retiraram-se, em 11 de dezembro, para a linha Mozdok-Elista, reconhecendo que sua tentativa para chegar ao mar Cáspio fracassara. No dia seguinte, na região de Kotelnikovo, a menos de 160 quilômetros a sudoeste de Stalingrado, os alemães lançaram a operação Tempestade de Inverno, esperando romper o cerco que mantinha o 6º exército encurralado. Durante dois dias, a junção de forças pareceu provável, mas reforços russos acorreram contra a ameaça alemã enquanto outras tropas russas atacavam o noroeste de Stalingrado ao longo do Don, varrendo todo o 8º exército italiano e parte do 3º exército romeno. Os alemães, para reforçarem seu enfraquecido setor da frente, eram obrigados a desviar tropas destinadas à Tempestade de Inverno, operação posta em cheque. A armadilha de Stalingrado permanecia fechada.

Muito longe das batalhas do Volga e do Don, nas águas tranquilas do Gironde, o dia 12 de dezembro registrou o culminar de um audacioso ataque quando doze comandos britânicos, deixados por um submarino no estuário do rio, subiram o curso d'água num barco a remo e, durante cinco dias consecutivos, colocaram minas em oito navios. Todos foram destruídos, para a grande irritação de Hitler e a maior satisfação britânica.

Outro êxito britânico chegaria no dia seguinte, embora tenha sido mantido secreto, exceto para cerca de uma dúzia de pessoas ligadas à condução da guerra. Tratou-se da descoberta da chave Enigma utilizada pela marinha de guerra alemã, que os britânicos chamavam de Tubarão e

que permanecera indecifrável durante mais de um ano. Apenas em novembro de 1942, os aliados haviam perdido mais de 721.700 toneladas de unidades da marinha mercante devido a ataques dos submarinos alemães, quantidade recorde em todos os meses da guerra, portanto esse êxito na leitura das mensagens Enigma trocadas pela marinha inimiga chegava a bom tempo. Enquanto 83 barcos aliados haviam sido torpedeados no mês anterior, em dezembro o número desceu para 44 e em janeiro, para 33. Era um triunfo da criptografia e um testemunho da bravura dos marinheiros britânicos Tony Fasson e Colon Grazier, que, em fins de outubro, perderam a vida para obter um aparelho Enigma e seus códigos no delta do Nilo.

Na Tunísia, os alemães eram confrontados por um aspecto da política italiana que em nada apreciavam. “Os italianos são extremamente frouxos no tratamento que aplicam aos judeus”, escreveu Goebbels em seu diário, na entrada de 13 de dezembro, continuando: “Protegem os judeus italianos na Tunísia e na França ocupada e não permitem que sejam recrutados para trabalhos forçados ou obrigados a usar a estrela de Davi.” Os italianos também não queriam deportar para Auschwitz os judeus da França e da Croácia ocupadas nem aqueles que viviam na própria Itália. Os alemães somente poderiam deportar os judeus desses países se as forças da polícia local estivessem dispostas a cooperar ao menos nas buscas iniciais e na primeira fase do internamento em campos de concentração; foi desse modo que três trens saíram da Holanda ao longo de dezembro, levando um total de 2.500 judeus para Auschwitz. Contudo, as deportações chegavam ao fim na Polônia ocupada, depois de quase três milhões de judeus poloneses terem sido assassinados ao longo dos doze meses anteriores em Chelmno, Belzec, Sobibor e Treblinka.

Ao longo de dezembro, os alemães começaram a “liquidar” diversos campos de trabalho instalados na época das deportações, matando, em cada campo, as poucas centenas de judeus que haviam sido deixados com vida para trabalhar em fábricas ou em propriedades rurais. Num campo perto de Kruszyna, 557 judeus foram mortos em 17 de dezembro; uma semana depois, todos os 218 trabalhadores escravos em Minsk Mazowiecki eram igualmente assassinados e, passada mais uma semana,

o mesmo acontecia aos quatrocentos judeus em Karczew. Contudo, não apenas os judeus continuavam a ser presos e deportados; em 15 de dezembro, Himmler publicou uma ordem para que todos os indivíduos com sangue cigano fossem mandados para Auschwitz, exceto aqueles que aceitassem ser esterilizados. Por uma cruel coincidência, foram efetuadas no dia seguinte, em Auschwitz, noventa experiências de castração em prisioneiros poloneses não judeus, submetidos a experiências tão dolorosas que muitos, conforme recordaria uma testemunha ocular, “caíam no chão de sofrimento”. Após um longo período de tortura, as vítimas dessas experiências foram mandadas para a câmara de gás.

O mesmo dia assistiu ainda à publicação de uma ordem do comandante-chefe alemão, marechal Keitel, instigada por Hitler e destinada a dominar a atividade guerrilheira tanto na Rússia quanto na Iugoslávia. “Se a luta contra os guerrilheiros no Leste e nos Bálcãs não for travada com os meios mais brutais”, dizia a ordem, “chegaremos a um momento, em breve, em que não teremos forças disponíveis para controlar os territórios. Portanto, nossas tropas têm não apenas o direito, mas o dever, de usar sem restrições todos os meios que se revelem eficazes, ainda que contra mulheres e crianças”. Nada de “contemplações”, acrescentava ele, em relação aos guerrilheiros, sob pena de “crime contra o povo alemão”.

Em 17 de dezembro, os três principais aliados – Grã-Bretanha, União Soviética e Estados Unidos – emitiram uma declaração, publicada simultaneamente nas capitais dos três países, afirmando que “as autoridades alemãs, não contentes com negarem a todas as pessoas de raça judaica, em todos os territórios submetidos ao seu governo bárbaro, os direitos humanos mais básicos, estão colocando em prática a intenção muitas vezes repetida por Hitler de exterminar os judeus da Europa”. De todos os países ocupados, continuava a declaração, “os judeus estão sendo transportados, em condições gritantes de brutalidade e de horror, para a Europa Oriental. Os guetos instalados pelos invasores alemães na Polônia, que se transformou no principal matadouro nazista, estão sendo sistematicamente esvaziados, com a exceção de alguns trabalhadores altamente especializados necessários à indústria de guerra. Não se ouve mais nada sobre aqueles que são levados. Os judeus que se encontram em

boas condições físicas são lentamente assassinados nos campos de trabalho. Os doentes são abandonados à morte e à fome ou deliberadamente massacrados em grandes execuções. O número de vítimas dessas atrocidades sangrentas está em centenas de milhares de homens, mulheres e crianças inteiramente inocentes”.

Os governos britânico, soviético e americano, como o general De Gaulle “condenam, nos termos mais veementes”, afirmava a declaração, “esta política bestial de extermínio a sangue frio”.

“Quero associar-me à sua dor”, escreveu, na mesma data, a mulher de Churchill, Clementine Churchill, em mensagem enviada a uma sessão de mulheres sionistas realizada em Londres, “e rezo para que sua sessão possa contribuir para manter a opinião pública britânica atenta aos terríveis acontecimentos ocorridos e que ameaçam prosseguir na Europa sob o domínio nazista”.

No campo de batalha, os aliados conquistavam supremacia por toda parte, exceto na Tunísia, onde o inverno e uma oposição inesperada continham seus movimentos. Em Guadalcanal e na Nova Guiné, os japoneses eram firmemente repelidos. Em torno de Stalingrado, os russos continuavam a alargar o espaço entre as forças alemãs cercadas e aquelas enviadas para juntarem-se a elas, que tentavam romper o cerco. Na Tunísia, o general Eisenhower preparava uma ofensiva decisiva. Na Líbia, as forças italianas e alemãs retiravam-se para oeste. “Estamos travando mais uma luta difícil”, escreveu Rommel à mulher, em 18 de dezembro, “com pouca esperança de êxito, uma vez que nos falta tudo”. Faltava especialmente petróleo, acrescentou Rommel, “e, sem petróleo, nada se pode fazer”.

No dia seguinte, forças alemãs que haviam chegado a 64 quilômetros de Stalingrado tentaram mais uma vez se juntar às tropas encurraladas de Von Paulus. Porém, a despeito de um esforço maciço, foram travadas pelos russos e, no dia seguinte, Hitler reconheceria, em Rastenburg, que não seria possível libertar Von Paulus. Este, ao que parecia, já não podia quebrar o cerco e bater em retirada; seus tanques dispunham de combustível para menos de 25 quilômetros.

No Cáucaso, os russos haviam conseguido, em fins de dezembro, infiltrar cerca de oitocentos guerrilheiros atrás das linhas alemãs, perto de Budyonovsk, que minavam ativamente as linhas férreas e as pontes, apoderando-se de pequenos aglomerados, recrutando novos homens e matando colaboradores. “Matamos cerca de cinquenta alemães e cossacos”, registrou um guerrilheiro em seu diário, na entrada de 21 de dezembro. Quando, seis dias depois, unidades cossacas e kalmycs, trabalhando para os alemães, atacaram a base dos guerrilheiros, estes haviam deslocado-se para outras paragens.

Em 22 de dezembro, um ato de desafio deu-se no centro da Europa ocupada, na cidade polonesa de Cracóvia, onde seis membros da Organização de Combate Judaica, formada na Polônia havia cinco meses, atacaram uma cafeteria frequentada pelos membros da SS e da Gestapo. Armados simplesmente com pistolas, o ataque estava destinado ao fracasso. O objetivo, como escreveu mais tarde um participante, era “salvar o que podia ser salvo e, pelo menos, a honra”. O dirigente do grupo, Adolf Liebeskind, foi morto por uma rajada de metralhadora. “Estamos lutando”, observara ele algumas semanas antes da ação, “por três linhas nos livros de história”.

Na região de Stalingrado, uma coluna blindada alemã conseguiu, em 23 de dezembro, chegar a apenas 48 quilômetros do 6º exército, cercado. Contudo, dispondo de combustível para somente 25 quilômetros, Von Paulus já não podia ter qualquer esperança de sucesso numa tentativa de romper as linhas inimigas. A falta de combustível também era causa para que Rommel não pudesse, ao longo da mesma semana, fazer outra coisa a não ser recuar lentamente para Ocidente. Na véspera de Natal, na festa no quartel-general de sua companhia, Rommel recebeu um barril de petróleo em miniatura, contendo, em vez de petróleo, um pouco de café roubado dos britânicos. “Reconhecia-se da maneira adequada, mesmo num dia de festa, nosso problema mais grave”, observou Rommel.

Na véspera de Natal, Von Paulus, cercado na frente oriental, teve péssimas notícias. Devido a um rápido avanço russo contra forças alemãs já empurradas para o sul do Don, na direção de Millerovo, a 6ª Divisão Panzer fora afastada das unidades blindadas que ainda tentavam romper o cerco a caminho de Stalingrado e transferida para o Don. O único êxito alemão naquele dia ficara em sigilo, consistindo na experiência bem-

sucedida da primeira bomba voadora: um aparelho aéreo de propulsão a jato, sem piloto, que voou por 2,5 quilômetros no local da experiência, em Peenemünde. Seria necessário ao menos mais um ano de experiências e de aperfeiçoamentos, assim como construir as bases de lançamento adequadas no noroeste da França, mas, pelo menos, existia uma arma secreta alemã e muito se esperava de sua utilização. Como no caso das investigações realizadas em Chicago em torno da bomba atômica, as esperanças mais fantasiosas da ciência anterior à guerra tornavam-se realidade, ainda que lentamente, a fim de satisfazer as exigências da guerra total.



O foguete alemão VI; o primeiro desses foguetes foi testado e aprovado em 24 de dezembro de 1942.



Um teleimpressor secreto alemão, *Geheimschreiber*, cujas mensagens de nome de código “fish” eram desde o fim de 1942 destinadas a transmitir comunicações ultrassecretas de alto nível, de Berlim para comandantes alemães no terreno, especialmente na Rússia.

Esta máquina foi decodificada no centro de Bletchley Park, e suas mensagens lidas pelos Serviços Secretos ingleses quase ininterruptamente até o fim da guerra.

Enquanto a ciência continuava em seu lento e hesitante progresso laboratorial ou experimental, o terror avançava sem adiantamentos ou hesitações; em 24 de dezembro, na floresta de Parczew, os alemães iniciaram uma segunda operação de “caça”. Centenas de judeus de um “acampamento familiar” escondido na floresta foram capturados e massacrados. Os sobreviventes, desarmados, com frio e sem alimentos, tiveram sorte: encontraram um protetor para o inverno, Yekhiel Grynszpan, judeu de uma família de negociantes de cavalos, que organizara uma unidade de guerrilha composta por trinta ou quarenta homens. O grupo conseguiu alimentar-se e obter armas junto aos camponeses poloneses que a família de Grynszpan conhecera antes da guerra e combateu os alemães quando voltaram a entrar na floresta. No mesmo 24 de dezembro, enquanto decorria a “limpeza” de Parczew, os alemães entraram na aldeia de Bielowieza e executaram trezentos poloneses por atividades de resistência. Hoje, um monumento presta-lhes silenciosa homenagem junto ao local de sua sepultura coletiva.

Na Tunísia, durante toda a véspera de Natal, os aliados tentaram, em vão, atravessar as linhas de defesa do Eixo. Houve forte emoção no norte da África, no mesmo dia, ao ser difundida a notícia de que o almirante Darlan fora assassinado em Argel por um estudante francês. “O assassinato de Darlan”, escreveu mais tarde, Churchill, “apesar de um ato criminoso, tirou os aliados do embaraço que sentiam ao trabalhar com ele e, ao mesmo tempo, deixou-os em posse de todas as vantagens que, graças a Darlan, haviam conseguido nas horas decisivas do desembarque”. Para o posto de Darlan, como alto-comissário e comandante-chefe das forças francesas no Marrocos e na Argélia, Eisenhower nomeou o general Giraud.

Em 27 de dezembro, Hitler, em Rastenburg, foi avisado pelo general Zeitzler de que as forças alemãs deviam retirar-se do Cáucaso. Caso contrário, prevenia Zeitzler, “teremos uma segunda Stalingrado nas mãos”. Hitler aceitou o conselho. Dois dias mais tarde, os russos reconquistavam Kotelnikovo, onde os alemães haviam iniciado sua tentativa de quebrar a armadilha em que se transformara. “Exteriormente, precisamos nos mostrar otimistas acerca do futuro em

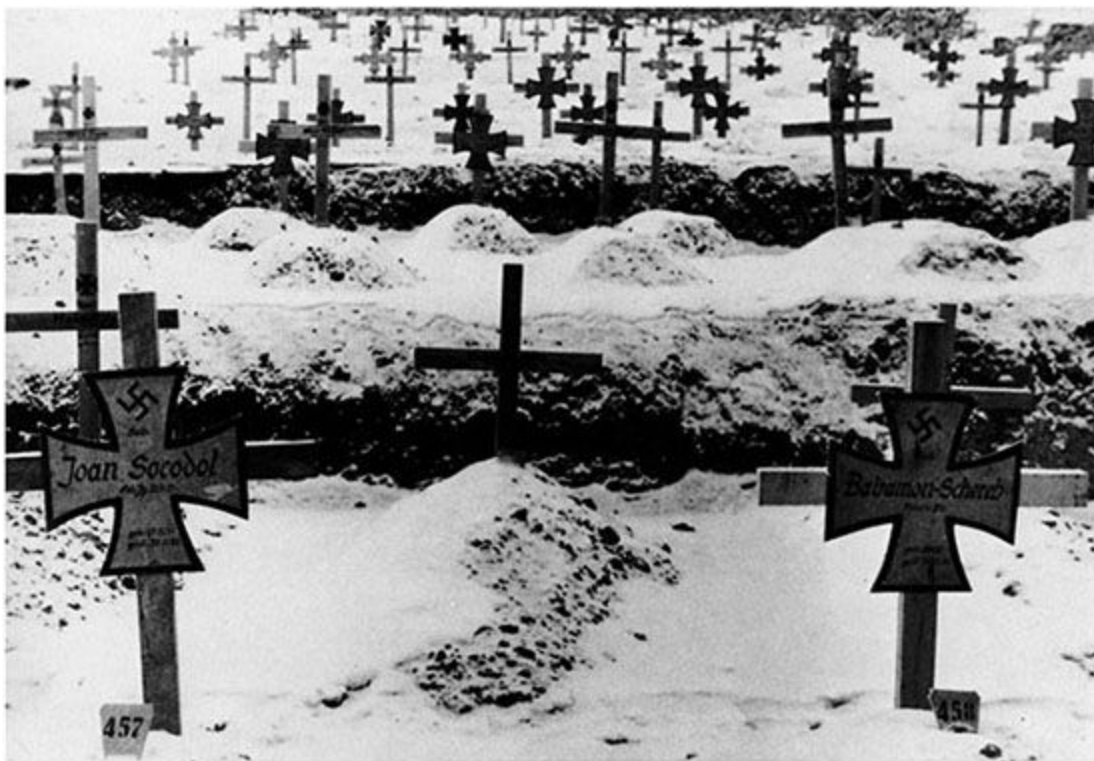
1943”, escreveu o rei George VI em seu diário, “mas sinto-me deprimido com as perspectivas atuais”.

Enquanto 1942 chegava ao fim, as forças do Eixo recuavam na Líbia, em Guadalcanal, na Nova Guiné, em Stalingrado e no Cáucaso. As atividades resistentes, embora cruelmente combatidas, mostravam-se cada vez mais eficazes. No entanto, o Eixo ainda controlava a Tunísia e vastas regiões escravizadas, com milhões de habitantes, na Europa e na Ásia.

No sudeste asiático e no Pacífico, os japoneses dominavam uma área enorme, desde as fronteiras da Índia às ilhas do Alasca. Na Europa, os alemães dominavam, por sua vez, territórios que iam dos Pirineus ao cabo Norte e do cabo Finisterra ao cabo de Matapan. Sua tirania continuava a imperar. Em 29 de dezembro, 69 camponeses da minúscula aldeia de Bialowola, na Polônia Central, foram levados para a escola local e abatidos; na vizinha Poniatowa, contava-se, ao final do ano, dezoito mil prisioneiros de guerra soviéticos mortos por fome. No último dia do ano, foi apresentado a Hitler, em Rastenburg, um relatório assinado por Himmler, que fornecia dados estatísticos precisos sobre o número de judeus “executados” entre agosto e novembro. O total era de 363.211.

No Ártico, próximo à Rússia, o capitão Robert Sherbrooke, no comando de uma força britânica formada por contratorpedeiros, venceu um ataque alemão liderado pelo navio de guerra *Lützow* e pelo cruzador pesado *Admiral Hipper*. Durante a ação, Sherbrooke foi atingido no rosto, perdendo a visão de um olho, mas continuou dirigindo tão bem a defesa que nenhum navio mercante foi perdido ou danificado. Por sua resistência e coragem, Sherbrooke recebeu a cruz Victoria.

Na véspera do Ano-Novo, os bombardeiros britânicos atacaram Düsseldorf. A noite estava enevoadada, mas os aviões dispunham de um novo dispositivo, chamado Oboé, que permitia que as bombas caíssem sobre o alvo, ou muito perto, mesmo que a cidade sequer pudesse ser vista. A ciência, abandonando a neutralidade, acorria em auxílio da destruição deliberada.



A suástica decora duas sepulturas de guerra alemãs: Joan Socodol e Bairamon-Schered foram ambos mortos em 31 de dezembro de 1942.

Casablanca: o ensaio para a vitória

Janeiro de 1943

Para os alemães, 1943 começou mal. Na Tunísia e na Líbia, os aliados estavam claramente a caminho de destruir todas as forças do Eixo. Na frente oriental, em meio aos rigores do inverno, os bandos de guerrilheiros eram tão ativos e numerosos que os alemães tiveram de lançar três operações contra eles – a Urso Polar II, entre Bryansk e Dmitriev, a Inverno Mágico, na Lituânia, e a Bardana, em torno de Kletnya. Na própria frente, a despeito dos reforços trazidos às pressas da França, as forças alemãs que haviam chegado recentemente a 48 quilômetros de seus companheiros encurralados em Stalingrado eram obrigadas a recuar até quase duzentos quilômetros a sudoeste da cidade, enquanto, no setor norte da frente, defendendo-se com persistência, os alemães recuavam e eram expulsos de Velikiye Luki.

Apesar dos reveses sofridos pelos alemães nos campos de batalha, a Solução Final continuava sendo praticada. Em quatro campos de concentração na Iugoslávia – Loborgrad, Jasenovac, Stara Gradiska e Djakovo –, mais de trinta mil judeus foram mortos por fome ou abatidos nos primeiros dias de 1943. Alguns, no entanto, fugiram. Entre os mais de quatro mil fugidos, que depois se reuniram aos resistentes, 1.318 foram mortos em combate.

Em janeiro, o francês Joseph Darnard organizou em seu país uma força policial de 25 mil homens, conhecida pelo nome de Milícia, que trabalhava em estrita colaboração com a Gestapo, ajudando a prender judeus e franceses suspeitos de atividades de resistência.

A repressão era apenas um aspecto da atividade nazista; sua fé na raça ariana era tal que Himmler concebeu um plano que recorria a meios inéditos para reabastecer o contingente germânico. Sete anos antes, em

dezembro de 1935, ele havia criado a organização Lebensborn, que significava literalmente “Fonte de Vida”, para fomentar, na prática, suas teorias raciais. A ideia era reforçar as reservas da SS afetadas pelas baixas sofridas no Leste, o que seria feito mediante planos para a procriação extramatrimonial entre membros da SS e mulheres com características consideradas convenientes. Em janeiro de 1943, havia mais de vinte desses estabelecimentos na Europa ocupada, vários localizados na Noruega, país que Himmler considerava especialmente meritório em termos de cultura da raça ariano-nórdica. Na Europa Oriental, as crianças de origem eslava que apresentassem características germânicas desejáveis eram afastadas à força de seus pais, transportadas para a Alemanha e adotadas por famílias de membros da SS ou do partido nazista que não tivessem filhos. Em resultado, calcula-se que cerca de setenta mil mães e crianças passaram por lares Lebensborn até 1945.

A pureza racial era o ideal nazista; os reveses em Stalingrado e no norte da África eram a realidade alemã. No extremo Oriente, o ano de 1943 começou mal também para os japoneses, que tiveram de evacuar a ilha de Guadalcanal e que perderam toda a esperança de conservar em seu poder as ilhas Salomão e, portanto, de controlar os acessos à Austrália. Na Nova Guiné, saíram de seu último reduto, Buna Mission, onde, no final do combate, muitos defensores preferiram lançar-se ao mar e morrer afogados a serem feitos prisioneiros, e onde o comandante da guarnição, um coronel, cometera suicídio para fugir à humilhante rendição. Mesmo na fronteira de Índia e Birmânia, os britânicos sentiram-se suficientemente fortes para iniciar a reconquista da região, desencadeando a operação Canibal, em 1º de janeiro, a partir de Chittagong e em direção a Donbaik.

Nas Filipinas, um oficial americano, capitão Ralph B. Praeger, que fugira para o interior de Luzon depois da queda de Corregidor, enviou, em 3 de janeiro, uma mensagem por rádio ao general MacArthur. Praeger conseguira reunir cinco mil filipinos e pedia armas, transportadas por via aérea, para desencadear uma intensa campanha de sabotagem.

MacArthur não concordou com o pedido de Praeger, em parte porque seus recursos estavam sendo drenados pela campanha da Nova Guiné e, em parte, por receio das represálias que os japoneses viessem a exercer

sobre civis filipinos. Assim, ordenou a Praeger que limitasse suas atividades à recolha de informações, mas, para muitos filipinos da região onde Praeger se fixara, montar emboscadas aos japoneses transformou-se numa atividade cotidiana, apesar das rebeliões selvagens que se seguiam a cada ação guerrilheira.

Em 4 de janeiro, os alemães foram expulsos de Mozdok, no Cáucaso, a cidade mais importante entre as ocupadas durante a ofensiva em agosto. A cidade montanhesa de Nalchik, a mais de oitenta quilômetros a oeste, foi perdida no dia seguinte. A rápida progressão alemã fora substituída por uma retirada ainda mais ágil.

Na Europa ocupada, o ritmo de deportações e matanças não diminuía, e era muitas vezes marcado por mentiras bizarras e eficazes. Em 5 de janeiro, todos os judeus da cidade polonesa de Opoczno foram informados de que aqueles que tivessem familiares na Palestina seriam autorizados a partir, no contexto de um programa de troca de prisioneiros judeus por prisioneiros de guerra alemães. Quinhentos judeus se inscreveram para a viagem. Foram levados num trem não para a Palestina, mas para Treblinka e para a morte. No dia seguinte, o primeiro entre os quinze trens que chegariam naquele mês a Auschwitz, vindos da Bélgica, começaria sua viagem sendo seguido por trens saídos da Holanda, de Berlim, de Grodno e da região de Bialystok. Entre os 24 mil deportados levados nesses veículos, todos, menos quatro mil, foram gaseados ao chegarem a Auschwitz: não lhes foi dada escolha nem uma mínima possibilidade de sobrevivência.

No dia 8 de janeiro, o comandante da frente russa no Don, general Rokossovsky, enviou ao general Von Paulus um ultimato de rendição. Este, não querendo desobedecer às ordens de Hitler, que proibira qualquer rendição, rejeitou a proposta russa de negociação. Na manhã seguinte, Rokossovsky iniciava a operação Anel, um assalto direto contra forças alemães encurraladas. À medida que os soviéticos renovavam seus ataques, os alemães viam-se obrigados a combater com cada vez menos esperanças de auxílio por via aérea; 490 aparelhos de transporte de tropas e bombardeiros de transporte foram abatidos quando tentavam auxiliar

os sitiados a partir de distantes bases aéreas ainda sob controle alemão. Entre as tropas encurraladas, havia doze mil feridos sem assistência médica.

Enquanto o cerco do Exército Vermelho se fechava em torno de Stalingrado, o cerco a Leningrado chegava dramaticamente ao fim com o lançamento da operação Centelha, que quebraria as linhas alemãs e abriria entre elas, ao sul do lago Ladoga, um estreito corredor de apenas dezesseis quilômetros de largura, pelo qual abastecimentos chegariam à cidade; ao longo de uma semana, homens, armas, munições e gêneros alimentares foram transportados ao longo desse corredor. A passagem era tão estreita e tamanha era a intensidade da artilharia alemã, prolongando-se essa situação por um ano, que a brecha recebeu o nome de “Corredor da Morte”.



Unidades soviéticas unem-se em Volkhov, na frente de Leningrado, em 13 de janeiro de 1943, possibilitando assim a chegada de provisões ao lago Ladoga por via ferroviária e posteriormente através do lago gelado para a cidade cercada.

Em 14 de janeiro, Roosevelt e Churchill se encontravam em Casablanca, no recém-libertado norte da África francês, onde reafirmaram que sua política inalterável era obter a “rendição incondicional” da Alemanha e do Japão. No local, foi firmado também um acordo anglo-americano – resultante de estudo pelos estados-maiores – para que não fosse iniciada qualquer invasão da Europa ocupada até o início do verão de 1944. Até o desembarque na Sicília seria adiado. Um observador americano, o diplomata Averell Harriman, notaria que, durante a conferência, Churchill e Roosevelt, embora “muito satisfeitos com a reunião”, sentiram-se ambos “desapontados com a lentidão dos avanços em perspectiva”.

Conforme continuava o encontro em Casablanca, forças soviéticas, aproximando-se de Stalingrado por noroeste, tomaram o principal aeroporto alemão de aprovisionamento, em Pitomnik. Somente o aeroporto em Gumrak, muito menor, ligava os alemães às forças externas, que já não podiam chegar a Stalingrado por terra.

Atrás das linhas alemãs, era desencadeada, em 15 de janeiro, uma quarta ofensiva contra as forças de Tito. A operação Branco, comandada pelo general Alexander von Löhr, constituiu a maior operação militar desde a invasão da Iugoslávia, em abril de 1941. Apoiavam as forças alemãs numerosos soldados italianos e unidades croatas de Anta Pavdia, que pouco antes visitara Hitler em Vinnitsa.

Forçando os guerrilheiros a deixarem seu quartel-general em Bihac, na fronteira entre Bósnia e Croácia, as forças da operação Branco empurraram os adversários por 320 quilômetros ao sul, para os inóspitos declives do monte Durmitor, de 2.525 metros de altura, em Montenegro. No mesmo dia, no contexto de uma campanha antiguerrilha lançada perto de Kletnya, na Rússia ocupada, eram mortos 441 guerrilheiros. Entretanto, em Paris, Kurt Lishka, de 33 anos, era nomeado comandante da Polícia de Segurança Alemã e responsável pelo planejamento e pela coordenação das deportações ininterruptas de judeus da França para Auschwitz. Também em 15 de janeiro, em Bruxelas, a Gestapo iniciou uma série de prisões, que destruiriam a linha de fuga Cometa, que se prolongava da Bélgica, da Holanda e do norte da França até os Pirineus; através dessa linha de evasão, mais de cem aviadores aliados conseguiram salvar-se, regressando, na maior parte dos casos e algum

tempo depois, às suas missões na força aérea. Várias centenas entre os que haviam ajudado a organizar ou a proteger a linha de evasão foram presos, tendo muitos morrido na prisão ou vítimas de más condições. Alguns, porém, escaparam, atravessando a Espanha e voltando à Grã-Bretanha. Um, entre eles, Jean Greindl, cujo codinome era Nemo, tentou desesperadamente proteger da captura alemã os poucos elementos da rede ainda escondidos, mas ele próprio seria detido ao fim de três semanas e condenado à morte. Antes que a sentença fosse executada, contudo, Greindl foi morto por uma bomba aliada durante um ataque aéreo.

Os ataques aéreos eram tema principal do encontro que continuava em Casablanca, onde Roosevelt e Churchill concordaram em que o bombardeamento à Alemanha dia e noite, a uma escala maciça, deveria ser intensificado, de modo a conseguir não apenas “a destruição e a desagregação progressivas dos sistemas militar, industrial e econômico alemães”, mas, como explicava uma diretiva secreta, “o desânimo do povo alemão até que toda a sua capacidade de resistência armada seja vencida”. Em 16 de janeiro, cinco dias antes de emitida diretiva secreta acordada entre Roosevelt e Churchill, os bombardeiros britânicos realizaram seu primeiro ataque aéreo maciço, em mais de 14 meses, contra Berlim. No dia seguinte, os bombardeiros britânicos voltariam a atacar a cidade.

Na Nova Guiné, o mesmo dia registrou um ataque conjunto americano e australiano contra Sanananda; ao fim de nove dias de combate, as forças japonesas foram destruídas e três mil soldados seus foram mortos. Ainda assim, os japoneses não se renderam, embora ocupassem reduto cada vez menor. Também não se renderam em Guadalcanal, onde, a despeito de uma decisão tomada em Tóquio para a evacuação da ilha em fevereiro, os combates continuavam e onde foi rejeitado um apelo americano que convidou, por alto-falantes, os japoneses a renderem-se.

Havia cerca de quatro meses que os alemães deportavam judeus diariamente de Varsóvia para Treblinka, quando, no dia 18 de janeiro, uma unidade alemã entrou no gueto para recomençar o processo. Durante a brutal captura, foram mortos nas ruas seiscentos judeus, tendo seis mil

peças sido enviadas, em seguida, para a morte em Treblinka. Reagindo ao recomeço das deportações, um grupo de judeus conseguiu arranjar armas e disparar contra os alemães, matando vários entre eles. Os alemães, por sua vez, abriram fogo de metralhadora contra os tiros de pistola judeus. Nove entre os últimos foram mortos. “Pela primeira vez desde a ocupação”, lembraria o jovem judeu Tuvia Borzykowski, “vimos alemães encostados às paredes, abaixados, tentando esconder-se, com medo de serem mortos pelas balas de um judeu”. Os gritos dos alemães feridos, acrescentava Borzykowski, “causavam-nos regozijo e aumentavam nossa determinação em combater”.

A batalha chegaria no dia seguinte e, novamente, em 21 de janeiro, foram lançadas granadas contra os edifícios onde os judeus procuravam resistir. “Durante todo o dia”, lembraria Borzykowski, “ressoaram explosões que mataram centenas de judeus”. A resistência, porém, continuava enquanto quarenta judeus passavam de casa em casa e de telhado em telhado, nem todos armados, roubando armas dos alemães. Por fim, para a grande surpresa dos combatentes judeus, os alemães retiraram-se do gueto. “Nessa altura”, escreveu mais tarde Borzykowski, “tínhamos apenas dez pistolas”. Se os alemães tivessem conhecimento do fato, provavelmente persistiriam em seu ataque e a resistência judaica teria sido “sufocada logo no início reduzindo o episódio a algo insignificante”. Porém, “conseguíramos acreditar”, lembraria mais tarde outro resistente judeu, Yitzhak Zuckerman, “que poderíamos combater; sabíamos como fazê-lo”. Doze alemães haviam sido mortos em combate contra os judeus quando a unidade se retirou, deixando a questão do gueto para mais tarde.

Em 18 de janeiro, a oeste de Ossipovich, a operação Colheita era lançada contra guerrilheiros soviéticos. No mesmo dia, na Noruega, cinco ingleses capturados durante um ataque em novembro foram levados para uma floresta nas imediações de Oslo e fuzilados.

No interior da Alemanha, entretanto, sentiam-se alguns efeitos dos reveses na Rússia e no norte da África. “A situação torna-se muito grave (no Leste também)”, escreveu Rommel à mulher, em 19 de janeiro, continuando: “Haverá uma mobilização de todos os alemães, sem consideração de local de residência, posição social, bens ou idade.” A falta de abastecimentos, acrescentou Rommel em 20 de janeiro, “está

dificultando nossa situação dia a dia”. Durante uma reunião, realizada no mesmo dia entre Rommel e o comandante-chefe italiano, marechal Cavallero, “tivemos a má notícia”, lembraria o primeiro, “de que os torpedeiros britânicos haviam afundado dez entre nossos carregamentos de petróleo a oeste de Trípoli”.

O que Rommel e Cavallero ignoravam era que suas mensagens secretas Enigma e C 38m eram decifradas em Bletchley, permitindo aos britânicos atacar e destruir quase todos os carregamentos de combustível e de munição saídos da Itália.

No extremo Oriente, os britânicos iniciaram, em 19 de janeiro, a operação Bunkum, desembarcando seis homens, transportados por submarino, na costa ocidental da ilha Middle Andaman, ocupada pelos japoneses, cerca de 1.600 quilômetros a sudeste de Calcutá. Abrindo caminho através de selva densa e pântanos, três homens, conduzidos pelo major D. McCarthy, ex-comandante de polícia das ilhas Andaman, chegaram à capital, Port Blair, onde estudaram cuidadosamente suas defesas. Durante 32 dias, deslocaram-se por território inimigo, cobrindo um total de 210 quilômetros. Um entre os homens, Habib Shah, morreu num acidente quando caiu no leito de um rio seco e sua arma disparou. Voltando a Ceilão, o major McCarthy reportou que “a brutalidade japonesa, que consiste em espancamentos e em desmembramentos públicos à menor provocação”, tornava as ilhas Andaman terreno fértil para ações subversivas. Ainda assim, mais de um ano se passaria antes que os esforços iniciados por essa primeira operação pudessem prosseguir e atingir maior envergadura.

Em retaliação por dois bombardeamentos a Berlim, os aviões alemães voltaram a atacar a Grã-Bretanha após quase dois anos. Durante uma semana de bombardeamento, 328 civis britânicos perderam a vida, incluindo 39 crianças, quando, em 20 de janeiro, sua escola em Lewisham, ao sul de Londres, foi atingida. No mesmo dia, Himmler, em Berlim, enviou ao ministro alemão dos Transportes uma mensagem ultrassecreta acerca do “deslocamento dos judeus” na zona do governo-geral, nos territórios orientais e no “Ocidente”. Himmler declarava

precisar “de apoio e de auxílio. Se eu quiser fazer as coisas rapidamente, precisarei de mais trens”. E acrescentava: “Sei perfeitamente como a situação das estradas de ferro absorve-lhe e que são feitas exigências constantes. Seja como for, preciso exigir que me ajude a arranjar mais trens.”

No mesmo dia, recomeçaram as deportações de Theresienstadt para Auschwitz, tendo sido enviadas mais duas mil pessoas “para o Leste”. À chegada a Auschwitz, 1.760 deportados foram mortos por gaseamento.

Num trem que saiu da Holanda no dia seguinte ao envio dessa carta por Himmler, eram deportados centenas de deficientes mentais provenientes do hospital judeu de Apeldoorn. Antes que o comboio partisse, o comandante da Polícia de Segurança Alemã na Holanda, Ferdinand aus der Fünten, pediu que enfermeiras do hospital se voluntariassem para acompanhar os doentes. Vinte enfermeiras ofereceram-se; o chefe da polícia escolheu mais trinta. As “voluntárias” viajaram numa carruagem separada. A todas foi oferecida a escolha entre voltar imediatamente após a viagem ou ficar para trabalhar num “estabelecimento de saúde mental realmente moderno”. À chegada a Auschwitz, tanto as enfermeiras quanto os pacientes foram mandados para a câmara de gás. Ninguém sobreviveu: nem os doentes nem aquelas que se dedicavam a cuidar deles.



Tropas italianas, aliadas à Alemanha na Frente Oriental, retirando-se do Don, em janeiro de 1943.



Vítimas de guerra italianas na Frente Oriental, em janeiro de 1943.

No dia seguinte a essa deportação, trinta órfãos judeus foram tirados de seu orfanato em Marselha, junto com sua educadora, Alice Salomon, que insistiu em acompanhar as crianças; dali, os órfãos foram levados para a morte em Sobibor. Na mesma semana, 130 quilômetros a leste de Marselha, os alemães tentaram prender judeus que viviam em região ocupada pelos italianos, mas, em 23 de janeiro, as autoridades italianas recusaram-se a cooperar e não houve deportações.

Em 22 de janeiro, atrás das linhas alemãs na Rússia, um relatório ultrassecreto dos ocupantes dava detalhes sobre os êxitos obtidos pela operação Hamburgo, contra a guerrilha, realizada na região de Slonin. Haviam sido mortos, ao todo, 1.676 resistentes, além de 1.510 civis, “por pertencerem ao bando”. Os alemães apoderaram-se ainda de quatro blindados e oito metralhadoras pesadas, além de cereais e gado.

Mais tarde, ainda no mesmo mês, no contexto da operação Branco, os guerrilheiros de Tito responderam favoravelmente a um pedido alemão de troca de prisioneiros. Entre os escolhidos, estava Herta, esposa de Tito. Enquanto a retirada de resistentes prosseguia, Tito solicitou o auxílio de Stálin, mas ouviu que existiam “dificuldades técnicas insuperáveis”. Quando, dias depois, Moscou queixou-se da troca de prisioneiros entre iugoslavos e alemães, Tito retorquiu: “Se não conseguem compreender os tempos difíceis que atravessamos e se não podem ajudar, ao menos não repreendam.”

Em 21 de janeiro, enquanto as forças soviéticas avançavam para Stalingrado e capturavam a principal base aérea e centro de abastecimento alemão em Salsk, no Cáucaso, os serviços britânicos em Bletchley decifravam mais uma chave do sistema Enigma, que permitiria, ao longo do decisivo mês seguinte, que os aliados tivessem acesso a todas as mensagens trocadas pela força aérea alemã relativas ao sul da Rússia.

Em 22 de janeiro, um navio que seguia ao largo das ilhas Wessell, no Pacífico, foi atingido por japoneses. A embarcação foi afundada, levando seis tripulantes. Em seguida, o hidroavião japonês atacante pousou no mar, capturando seus homens e um australiano, o missionário Leonard Kentish. Algum tempo depois, ele seria decapitado numa ilha da Nova

Guiné, ocupada pelos japoneses. Por um acaso extraordinário, uma testemunha ocular de sua execução sobreviveria, e, em agosto de 1948, o carrasco de Kentish, tenente Sagejima Mangan, seria julgado em Hong Kong e executado.

Em Guadalcanal e na Nova Guiné, as forças japonesas eram confrontadas pela iminência de uma derrota terrestre que, por fim, chegou em 22 de janeiro, quando tropas americanas e australianas na Nova Guiné tomaram as últimas zonas de resistência japonesa a oeste e ao sul de Sanananda. Cerca de sete mil soldados japoneses foram mortos durante a campanha enquanto as forças americanas e australianas perderam três mil homens. Poucos japoneses se deixaram capturar como prisioneiros; a maior parte entre os 350 homens capturados eram, na verdade, chineses ou coreanos integrados às forças japonesas.

Exatamente no momento em que os japoneses eram desalojados de uma entre suas principais conquistas em terra firme, as forças alemãs e italianas no norte da África viam-se afastadas de Trípoli e obrigadas a recuar para a Tunísia, sob o assédio de Montgomery.

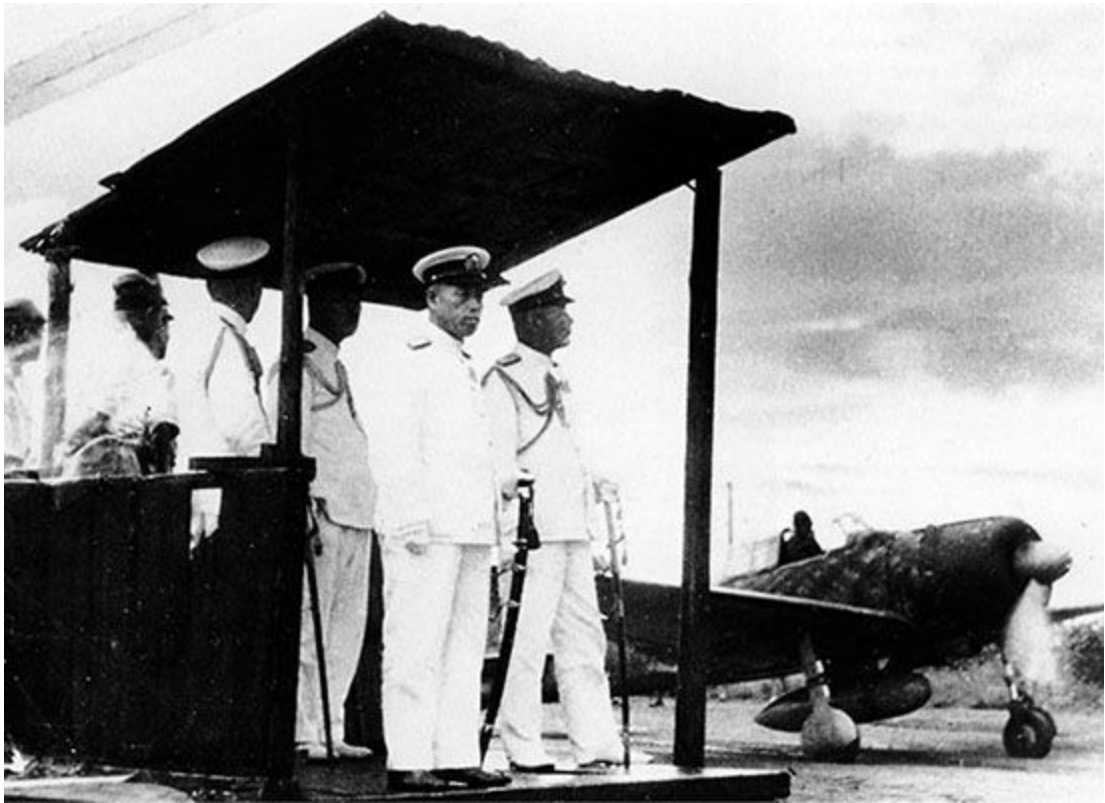
Em Casablanca, Roosevelt e Churchill efetuavam sua última reunião em 23 de janeiro. Referindo-se ao auxílio a prestar à Rússia, Roosevelt sugeriu que os acordos para os abastecimentos seguintes dependessem do parecer emitido pelos estados-maiores anglo-americanos, segundo o que “o auxílio à Rússia não poderá prosseguir a preço proibitivo para os meios das Nações Unidas”. Churchill, porém, replicou que o auxílio à Rússia “precisa ser reforçado e não há outro investimento capaz de trazer maiores dividendos”. As Nações Unidas, insistiu Churchill, “não podem decepcionar a Rússia”.

Na discussão que se seguiu, contudo, dois responsáveis americanos, o almirante King e o general Marshall, sublinharam o grande volume de perdas registradas nos comboios que navegavam no Norte. “Essas perdas”, avisou o general Marshall, “impossibilitam atacar em outras frentes e levar os alemães a retirar forças terrestres e aéreas presentes na frente russa”. Marshall acrescentou que, continuar enviando comboios navais para a Rússia, nos mesmos moldes, poderia comprometer o êxito do desembarque na Sicília.

Churchill explicou, então, que “se a rota pelo Norte tem custos proibitivos para os comboios navais [...], a condição seria levada em

conta”. No entanto, o que quer que se decidisse, Stálin teria de ser informado sobre os “fatos”. Os comboios seriam suspensos, concluiu Churchill, “se os custos fossem excessivos”.

Depois, a conferência analisou o calendário para um possível desembarque na Sicília. Churchill insistia em que a data fosse o mais cedo possível, dizendo a Roosevelt “que temia o intervalo de cerca de quatro meses, durante o verão, em que as forças americanas e britânicas não poderiam entrar em contato com os alemães”. Roosevelt aceitou o argumento, comentando que o intervalo “poderia ter um pesado efeito em escala mundial”.



O almirante Yamamoto e o seu estado-maior em Rabaul, Nova Guiné. Por trás deles está um caça-zero japonês.

Churchill defendeu, então, que a invasão à Sicília fosse marcada para junho, mas, após Marshall explicar que não era recomendável ganhar tempo em detrimento da consistência dos preparativos, concordou-se que o desembarque se realizaria em julho, embora se devessem realizar, ao longo das semanas seguintes, todos os esforços para possibilitar a antecipação da operação para a lua mais favorável de junho.

Os oito dias de reuniões “quase contínuas” em Casablanca, onde foram abordados todos os aspectos da política de guerra anglo-americana, haviam sido uma realização “notável”, conforme telegrafou Churchill ao Gabinete de Guerra. A prioridade dada à “destruição de Hitler” e à derrota do Japão fora reafirmada. O desembarque no Mediterrâneo, via Sicília, recebera prioridade sobre a invasão através do canal da Mancha, sem que isso significasse a contenção de todos os esforços para preparar uma invasão através do canal da Mancha, marcada para 1944.

Em 24 de janeiro, os alemães eram expulsos de Voronezh, na frente oriental, e de Armavir, no Cáucaso. No mesmo dia, Von Paulus pediu a Hitler autorização para se render em Stalingrado. “O 6º Exército”, replicou Hitler, “deve manter suas posições até o último homem e o último assalto”. Entretanto, os russos ocupavam, em Gumrak, a última base aérea de apoio a Von Paulus. No norte da África, as tropas de Rommel, recuando continuamente para oeste, passaram para Ben Gardane, na Tunísia, e começaram a preparar uma linha defensiva a oeste de Médenine.

Na Alemanha, a partir de 26 de janeiro, dada a urgente necessidade de homens na linha da frente, as baterias antiaéreas do território do Reich foram confiadas a membros, maiores de 15 anos, da Juventude Hitleriana. No dia seguinte, a 8ª Divisão aérea dos Estados Unidos, com base na Grã-Bretanha, realizou seu primeiro bombardeamento aéreo à Alemanha, desferido contra armazéns e fábricas em Wilhelmshaven. Na batalha aérea travada sobre o porto, foram abatidos 22 aviões alemães contra três, entre 64, bombardeiros americanos que participaram do ataque.

Após a conferência em Casablanca, Churchill e Roosevelt foram a Marrakech, onde, num telegrama, contaram ao líder soviético sobre suas

decisões, que, acreditavam, junto com a “poderosa” ofensiva soviética, poderiam deixar a Alemanha de joelhos ainda em 1943. Seu principal desejo, disseram a Stálin, era desviar, da frente oriental, forças terrestres e aéreas alemãs e enviar aos soviéticos a maior quantidade de suprimentos. Não seriam poupados esforços para enviar à Rússia, por todas as rotas disponíveis, assistência material.

Quando o Eixo fosse retirado do norte da África, uma operação anfíbia de larga escala seria lançada no Mediterrâneo ao mesmo tempo que – a partir de bases aéreas no norte da África – Inglaterra e Estados Unidos lançariam “um intenso bombardeamento a importantes alvos do Eixo no sul da Europa”. O bombardeio britânico contra a Alemanha aumentaria em rápida progressão.

Churchill e Roosevelt escreveram a Stálin:

Acreditamos que um aumento no ímpeto e na tonelagem dos ataques diurnos e noturnos levará a crescentes danos materiais e morais na Alemanha e esgotará rapidamente sua força. Como sabe, mais do que a metade da força aérea alemã está sendo mantida na Europa Ocidental e no Mediterrâneo. Não temos dúvidas de que nosso bombardeio intensificado e diversificado, junto com outras operações em que estamos envolvidos, forçarão novas retiradas das forças terrestres e aéreas alemãs instaladas na frente oriental.

A aviação britânica estava sendo usada em escala crescente para outra tarefa, que consistia em auxiliar a Resistência Francesa. Em Londres, o ministro do Interior de De Gaulle, o general D’Astier de la Vigerie, avisou ao Churchill e aos seus principais conselheiros, em 27 de janeiro, de que se os maquis, “grupos de patriotas” que atuavam a partir de refúgios nos campos franceses, não recebessem armas, “poderiam desaparecer”. Até agora, explicou o general, para cada dois alemães mortos pela resistência, um homem seu morria: os resistentes, disse La Vigerie, “não podem continuar sem auxílio por muito tempo”, ainda mais sendo atacados “não só pelas forças alemãs ocupantes, mas por elementos franceses que se deixaram seduzir pelos alemães e que trabalhavam para eles”.

Após a conferência de Casablanca confirmar que se realizaria um desembarque através do canal da Mancha no início do verão de 1944,

Churchill quis que a Resistência Francesa fosse uma arma da invasão. Por isso, pediu que a força aérea britânica afetasse tantos aviões quanto possível em auxílio aos maquis, afirmando, perante seus interlocutores na reunião de 27 de janeiro, que “desejava e considerava possível criar, em todo o território entre o Ródano e a fronteira italiana e entre o lago de Genebra e o Mediterrâneo, uma situação comparável à que existia na Iugoslávia”. Churchill acrescentou: “Homens valentes e desesperados podem causar ao inimigo grandes embaraços e é assim que as coisas acontecem, portanto devemos tentar tudo o que estiver ao nosso alcance para apoiar e estimular uma arma tão preciosa na estratégia aliada.”

As atividades dos resistentes em toda a Europa ocupada transformavam-se num grande problema para os alemães; em 28 de janeiro, enquanto a luta recrudesceu a oeste de Voronezh, em Stalingrado e em Armavir, as forças alemãs lançavam a operação Colheita II contra a guerrilha soviética, a oeste da estrada Minsk-Slutsk e a 320 quilômetros da linha de frente.

Mais longe, a morte castigava atos de coragem: em 29 de janeiro, em Wierzbica, perto de Cracóvia, três famílias que deram abrigo e esconderijo a judeus foram executadas; entre os quinze poloneses mortos nessa data, estava uma pequena menina, de dois anos de idade.

A oeste, um corpo de voluntários franceses partia de Paris para a frente oriental, podendo ler-se nos vagões que os transportavam a frase “Morte aos judeus!”. No mesmo dia, em trens, 669 judeus saíam de Westerbork, na Holanda, e outros mil de Berlim, a caminho de Auschwitz.

Para garantir que o processo de destruição fosse conduzido de maneira eficaz, no dia 30 de janeiro, décimo aniversário de sua ascensão ao poder na Alemanha, Hitler nomeou seu amigo austríaco Ernst Kaltenbrunner para a chefia do Gabinete Central de Segurança do Reich, encarregado de coordenar prisões e deportações. Respondendo a Kaltenbrunner, Heinrich Müller assinava as ordens de deportação; uma, entre essas, estipulava que até 31 de janeiro chegassem em Auschwitz 45 mil judeus.

Sobrevoando a Alemanha em 30 de janeiro, os bombardeiros britânicos, cumprindo a diretiva emitida por Roosevelt e Churchill em Casablanca, atacaram Berlim, durante o dia, e Hamburgo, durante a

noite. O ataque a capital fora planejado para coincidir com as mensagens radiofônicas de Goering e de Goebbels, que assinalariam o décimo aniversário do regime nazista. Em sua fala, Goebbels declarou: “Dentro de mil anos, todos os alemães falarão com reverência sobre Stalingrado, lembrando-o como o local que marcou a vitória alemã.”

Em 31 de janeiro, Hitler nomeou Von Paulus marechal, no exato dia em que este se rendeu. O 6º exército alemão, vencedor em maio de 1940 na Holanda e na Bélgica, fora separado em duas zonas de resistência isoladas, alvejadas por assaltos ferozes. Quarenta e oito horas após a rendição de Von Paulus, a segunda zona de resistência alemã rendia-se. Entre os 284 mil soldados alemães inicialmente presos na armadilha em Stalingrado, 160 mil morreram em combate até 31 de janeiro. Trinta e quatro mil foram evacuados por via aérea. Os sobreviventes, noventa mil homens feridos ou ulcerados pelo frio, foram conduzidos a pé em direção à Sibéria. Dezenas de milhares morreram durante a marcha e durante o cativeiro posterior.

A arrogância de Goebbels e a confiança de Hitler tornavam-se motivo de escárnio. A notícia da rendição de uma força alemã tão grande e da libertação de Stalingrado motivaram esperanças entre as tropas que combatiam a Alemanha e entre os povos cativos europeus, que sofriam uma cruel ocupação. Depois de três anos e meio de vitórias, conquistas, avanços e segurança, resultante do medo e da incerteza que inspiravam, os alemães pareciam vulneráveis. A inevitabilidade de sua vitória desaparecera. No mesmo dia, decididos a não perder uma hora sequer perante a vantagem obtida, os bombardeiros aliados atacaram bases aéreas e instalações militares alemãs na Sicília.

No extremo Oriente, as tropas japonesas na Nova Guiné, depois das derrotas em Buna e em Gona, tentaram chegar a Port Moresby, em 28 de janeiro, por meio de um ataque contra a guarnição australiana de Wau, mas foram repelidas. Contudo, perto da ilha de Rennell, enquanto reforços americanos navegavam na direção de Guadalcanal, aviões japoneses atacaram, afundando o cruzador pesado americano *Chicago*, em 30 de janeiro, e causando a morte de 21 homens enquanto mais de mil eram salvos antes da destruição completa do navio.

Em 1º de fevereiro, os japoneses repeliram com êxito um ataque de tropas indianas à sua guarnição de Donbaik, na Birmânia. Sem que os japoneses soubessem, esse foi o dia em que, em Oak Ridge, Tennessee, começava a ser construída a primeira fábrica de Urânio-235, necessário para a fabricação da bomba atômica. Para garantir o sigilo dos trabalhos e o isolamento do local, mil famílias foram deslocadas da região, sendo substituídas por engenheiros, trabalhadores especializados e cientistas em número que se elevaria a 82 mil à medida que sua obra mortífera progredia cada vez mais.

Como presságio da luta que continuaria sendo travada na frente oriental, o governo soviético anunciou em Moscou, em 2 de fevereiro, a criação de uma nova medalha, denominada “Para um Guerrilheiro da Luta pela Pátria”, a ser concedida pelos dirigentes da guerrilha a membros de suas unidades. No dia seguinte, em Berlim, a rádio alemã anunciava um período de dois dias de luto oficial pelo “desastre em Stalingrado”. Aproveitando-se da derrota alemã, o Exército Vermelho, em 3 de fevereiro, entrou em Kushchevskaya, ao sul de Rostov, e em Kupyansk, a sudeste de Kharkov; num assalto ambicioso no dia 4, forças soviéticas desembarcaram perto de Novorossiisk, atrás das linhas alemãs, onde, durante seis dias, uma pequena unidade chefiada pelo major Caesar Kunikov manteve posição na praia até que outras forças soviéticas ao longo da costa conseguissem ligar-se. Mortalmente ferido no sexto dia de combate, Kunikov seria postumamente declarado Herói da União Soviética.

A data que assinalou o desembarque em Novorossiisk foi, para os alemães, um dia de vingança na distante Kovno, onde 45 judeus, homens e mulheres, foram detidos em seus locais de trabalho fora do gueto e assassinados. Os alemães chamaram a matança de Ação Stalingrado.

Em 5 de fevereiro, os alemães eram expulsos de Sary Oksyol e de Izyum enquanto um avanço soviético até Yeisk, no mar de Azov, separava as forças alemãs concentradas em torno de Novorossiisk das tropas que batiam em retirada na direção de Rostov. Enquanto recuavam, os alemães viam-se confrontados por uma intensificação das atividades de resistência em pontos mais distantes da frente, como Gomel. Contra

estes guerrilheiros foi lançada a operação Caça à Lebre, em 6 de fevereiro, quatrocentos quilômetros atrás da linha de frente.

No mesmo dia, Himmler, em Berlim, recebeu um extenso relatório sobre a “quantidade de roupas usadas” recolhidas em Auschwitz e nos campos da região de Lublin. A lista incluía, entre outros itens, 22 mil pares de sapatos infantis, 155 mil casacos femininos e três mil quilos de cabelos de mulher – estes enchiam completamente um grande vagão de trem.

As roupas das vítimas seriam distribuídas na Alemanha, em parte para a Juventude Hitlerista. O problema fora levantado pelo próprio Himmler havia três semanas, depois de uma visita a Varsóvia, quando questionou o destino a ser dado a óculos e relógios, que se encontravam amontoados, “às centenas de milhares – talvez milhões” nos armazéns de Varsóvia.

As roupas de judeus enviadas para o Reich encheram 825 vagões. Além disso, a quantidade de moedas estrangeiras e de ouro e prata também era considerável, incluindo quinhentos mil dólares americanos e 116.420 dólares em ouro.

Roupas, dinheiro e cabelos estavam entre os despojos da guerra movida pelos alemães contra os judeus. Tanto as crianças quanto seus pais eram despojados de seus últimos e patéticos bens à entrada nas câmaras de gás. Em 11 de fevereiro, numa deportação de Paris para Auschwitz, contavam-se 123 crianças com menos de 12 anos, muitas deportadas sem os pais. Todas foram mortas. Passados seis dias, Churchill era informado, em Londres, de que haviam sido lançados na Alemanha panfletos “denunciando as atrocidades” e de que uma nova remessa seria lançada no “próximo ataque aéreo contra Berlim”.

Enquanto os trens que levavam deportados seguiam para o Leste, o Exército Vermelho avançava decididamente para oeste, tomando Azov e Kramstorsk em 7 de fevereiro. Referindo-se a Stalingrado, Hitler disse nesse dia aos seus *Gauleiters* reunidos num conclave secreto em Rastenburg para o escutarem: “Aquilo que vocês estão testemunhando é uma catástrofe de dimensões inauditas. Os russos avançam, os romenos renderam-se, os húngaros não combatem.” Depois, ele acrescentaria: “Se o povo alemão falhar é porque não merece que combatamos por seu futuro e poderemos riscá-lo com equanimidade.”

Para alguns *Gauleiters*, membros devotados e responsáveis pelo Partido Nazista, governadores das províncias da Grande Alemanha, a declaração provocaria certo mal-estar. “Não é o espírito correto”, confiaria um entre eles, Herbert Backe, à mulher.

Em 8 de fevereiro, os alemães foram expulsos de Kursk, um importante centro de comunicações e ponto decisivo da linha de movimentação de inverno. No dia seguinte, eram forçados a abandonar Belgorod. Tratava-se de um período negro para tropas que, meses antes, haviam estado junto ao Volga e atingido, com triunfo, a montanha mais alta do Cáucaso. Além disso, não chegava aos alemães qualquer conforto por parte de seus aliados japoneses. Em 9 de fevereiro, às 16h25, findava, em Guadalcanal, toda a resistência organizada. Mais de nove mil soldados japoneses haviam morrido, contra dois mil soldados americanos.

Stalingrado e Guadalcanal demonstraram aos aliados que o Eixo podia ser combatido, mas ambos ficavam na periferia dos territórios controlados pelo Eixo. Um continente, a Europa, e uma vasta região, o sudeste asiático, ainda estavam sob o comando militar e a administração política daqueles que haviam desencadeado a guerra. Os aliados, com seus triunfos recentes, estavam diante de uma imensa extensão territorial e de uma poderosíssima força ainda por vencer, capaz de esforços prodigiosos de defesa e ataque.

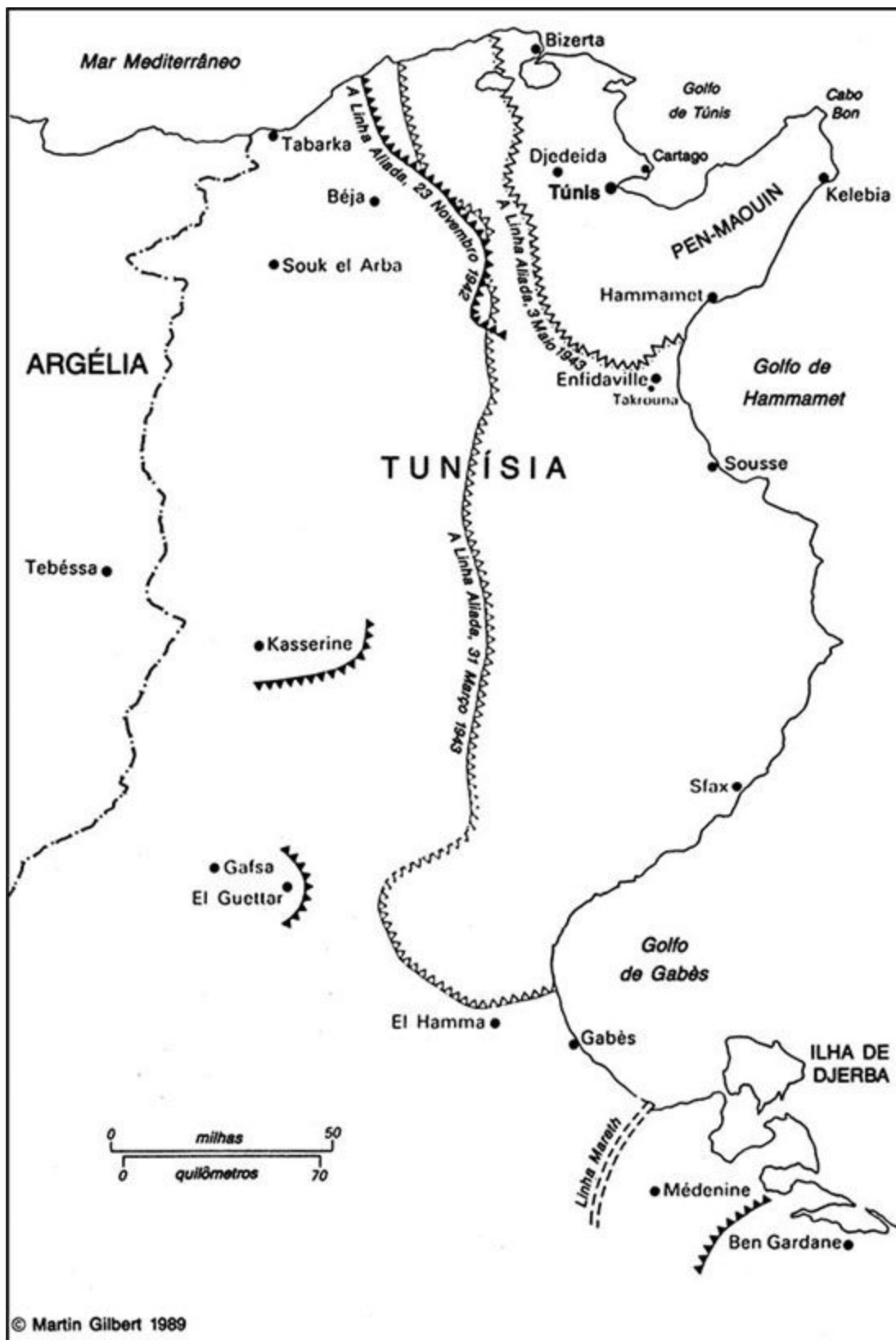
Os exércitos alemães em perigo

Fevereiro de 1943

Em 12 de fevereiro de 1943, as forças britânicas, vindas do Leste, penetraram a Tunísia. Ao longo da parte ocidental do país, as forças americanas e britânicas mantinham uma linha já distante da fronteira. No entanto, o fracasso na conquista de Túnis durante a operação Torch, havia três meses, dificultava o avanço aliado, enquanto Rommel se preparava para enviar tanques e homens experientes contra as forças americanas novatas que ocupavam Kasserine. No mesmo dia, o Exército Vermelho entrou em Lozovaya, importante encruzilhada ao sul de Kharkov. O ímpeto dos guerrilheiros soviéticos também se mantinha; na região de Rogachev, mais de 320 quilômetros atrás da linha da frente, os alemães viram-se, nessa data, obrigados a lançar contra a guerrilha uma operação militar que duraria quatro dias, denominada Ursula. Depois, em 14 de fevereiro, os russos reocuparam Rostov, cidade que haviam tomado duas vezes e que não seria recuperada pelos alemães; o mesmo acontecia na cidade industrial de Voroshilovgrado. Apenas no norte da África se verificava uma súbita sorte a favor da Alemanha, em resultado de um ataque, planejado por Rommel, contra forças britânicas e americanas na Tunísia ocidental. No dia seguinte, porém, as forças britânicas entravam em Ben Gardane. Rommel, nesse momento, começava a fortificar a linha Mareth.

As forças de Rommel tiveram sucesso imediato em 14 de fevereiro, quando empurraram as inexperientes forças americanas, que enfrentavam mais uma vez, através da passagem de Kasserine. Seu objetivo, porém, que era empurrá-las muito mais, através da fronteira algerina, fracassou; suas tropas foram contidas diante de Tébessa e não mais progrediram.

Os exércitos aliados localizados no norte da África ainda precisavam enfrentar uma longa campanha contra dois generais, Rommel e Von Arnim, que, sob ordens de Hitler, se aferrariam à Tunísia com habilidade e tenacidade. Porém, sem que soubessem, o elemento mais importante na habilidade de luta de qualquer general – seu sigiloso sistema de comunicação com o alto-comando – havia sido completamente decifrado. A máquina de transmissão de mensagens Enigma, que dava a Rommel e a Von Arnim informações bem-vindas sobre reforços aéreos a caminho e diretivas táticas, permitiu aos adversários, a partir de seu centro de inteligência na Inglaterra, monitorar as forças e as intenções alemãs, além de reduzi-las e impedi-las até o dia em que nenhum general poderia sonhar em manter uma linha defensiva.



A BATALHA PELA TUNÍSIA. JANEIRO A MAIO DE 1943.

No extremo Oriente, os americanos, vencedores em Guadalcanal, seguiam o exemplo dos russos, que alimentaram com novas ofensivas o ímpeto de seu triunfo em Stalingrado. Em 14 de fevereiro, os fuzileiros americanos desembarcaram nas ilhas Marshall, abrindo caminho nas ilhas de Kwajalgin e de Namu. Os japoneses, embora estivessem a mais de 3.200 quilômetros de sua pátria, combateram como se defendessem o próprio território. Contra 307 fuzileiros mortos, perderam a vida 7.300 soldados japoneses enquanto as duas ilhas eram tomadas. Quatro dias mais tarde, os americanos desembarcaram na ilha de Eniwetok, que também seria defendida com tenacidade desesperada; durante os quatro dias de combate, morreram 333 americanos e 1.700 japoneses.

Também em 14 de fevereiro, três mil soldados britânicos e gurkha da 77a Brigada indiana, conhecidos como Chindits, avançaram de Imphal para as inóspitas selvas da Birmânia numa missão de sabotagem contra a estrada de ferro Myitkina-Mandalay. Entrando na Birmânia por Tamu e avançando por mais de oitocentos quilômetros de território controlado pelos japoneses, essa expedição, que recebera o codinome Loincloth e fora arquitetada pelo general Wingate, explodiu a estrada de ferro entre Wuntho e Indaw; foram cortadas três pontes enquanto era repelida uma força japonesa que tentava impedir as sabotagens. Após quatro semanas de marcha e de contínuos atos de sabotagem, cinco colunas de Wingate cruzaram o rio Irrawaddy. Contudo, tendo atingido o limite da área que o auxílio aéreo podia cobrir, a expedição foi obrigada a recuar. Antes, porém, armou uma emboscada aos japoneses, matando quatro mil inimigos e perdendo um único gurkha. O objetivo da operação, que era “sacudir um vespeiro” na Birmânia ocupada, fora alcançado, de maneira que os japoneses viriam, mais tarde, a lançar por iniciativa própria, um ataque à Índia, na região de Imphal. Wingate também faria uma nova e maior tentativa.

Em 16 de fevereiro, o Exército Vermelho chegou aos subúrbios de Kharkov. No mesmo dia, um avião americano, tenente T. P. Mayo, foi derrubado sobre território francês quando regressava à base após um ataque aéreo a St. Nazaire. Quando chegou ao solo, várias francesas se aproximaram, algumas trazendo roupas que permitiriam ao tenente

disfarçar-se e escapar mais facilmente. Pouco a pouco, as forças de resistência tornavam-se mais poderosas e organizadas. Até um avião aliado que caísse em solo francês podia ter mais esperanças de ser ajudado, escondido, conduzido aos Pirineus e passado à Espanha. Na mesma noite, seis comandos noruegueses especialmente treinados foram lançados de paraquedas sobre um lago congelado de seu país, a 48 quilômetros de Vermork; tratava-se de mais uma tentativa britânica para destruir a fábrica de água pesada fundamental à construção de uma bomba atômica alemã. Dessa vez, a operação, denominada Gunnerside, foi um sucesso; nove dias após a descida de paraquedas e reforçados por quatro participantes da missão anterior Swallow, os noruegueses provocaram uma explosão na fábrica. Nenhum sabotador foi pego; um deles, armado e fardado, alcançou, usando esquis, a neutra Suécia; os outros nove ficaram na Noruega e, a despeito das repetidas buscas alemãs, escaparam à captura.

Os cidadãos de Munique, entretanto, descobriam, atônitos, as palavras “Liberdade” e “Abaixo Hitler” escritas em grandes caracteres num muro de uma das principais ruas da cidade. Dois dias mais tarde, foram espalhados panfletos antinazistas no átrio principal da Universidade de Munique. “O nome da Alemanha será maculado para sempre”, diziam os panfletos, “se a juventude alemã não se levantar imediatamente para a vingança e a reconciliação, esmagando os torturadores e construindo uma nova Europa”.

Os responsáveis por esses panfletos – Hans Scholl, de 24 anos, sua irmã Sophie Scholl, de 21 anos, e seu amigo Christoph Probst –, membros de um grupo que denominaram Rosa Branca, foram presos e levados a tribunal. O juiz do caso foi Roland Freisler, presidente do Tribunal Popular. Os três jovens foram condenados à morte por decapitação e guilhotinados. Antes de morrer, Hans Scholl gritou, sendo ouvido em toda a prisão: “Longa vida à liberdade!”

Na Universidade, a organização Rosa Branca fora encorajada por Kurt Hübner, professor que tinha as mesmas posições antinazistas dos jovens mortos e que seria preso e executado junto com dois outros membros do grupo, Will Graf e Alexander Schmorell, que haviam combatido na frente oriental em 1942 e que chocaram-se com as barbaridades realizadas contra judeus, coisa que acontecera a Hans Scholl – que se

arriscara, como ato de protesto, a apertar a mão de velhos judeus metidos em vagões de transporte de gado nas estações ferroviárias da Polônia Oriental.

Em 18 de fevereiro, data da prisão de Hans e de Sophie Scholl em Munique, Goebbels falou, em Berlim, sobre a necessidade da guerra total. “Querem a guerra total?”, perguntou ele, continuando: “Querem, caso seja necessário, uma guerra mais completa e mais radical do que é possível imaginar hoje?” A multidão rugiu em uníssono – “Sim!” –, fazendo o mesmo após a pergunta seguinte: “Não é sua confiança no Führer maior, mais firme e mais inabalável do que nunca?”

Goebbels também falou sobre os judeus. “São a origem do mal neste mundo, são o Demônio que impele o Ocidente para a decadência, são os agentes da ruína e da destruição no corpo da civilização ocidental, são os instigadores do caos por toda a parte”, declarou ele. Depois, preveniu:

As lágrimas de crocodilo derramadas por causa do tratamento dado aos judeus nos territórios ocupados não impedirão a Alemanha de realizar seus planos e ideias. Pelo contrário, seguiremos no caminho com maior vigor, adotando medidas legais se necessário, para completar o plano de eliminação total dos judeus.

Nesse dia, Hitler estava no quartel-general do marechal Von Mainstein, em Zaporozhe, onde se ouvia os sons da artilharia soviética. No dia seguinte, ele diria aos soldados e aviadores de Manstein, na iminência de uma terceira ofensiva alemã contra os russos: “O desfecho de uma batalha decisiva depende de vocês! Encontra-se em jogo aqui, a mil quilômetros das fronteiras do Reich, o presente e o futuro da Alemanha.” A juventude alemã, disse Hitler ao auditório, estava defendendo as cidades alemãs. “Estão a caminho dessa frente armas de características únicas e até agora desconhecidas.” Seria preciso fazer todo o possível, recorrendo a essas armas no devido momento, para converter a batalha defensiva numa “vitória final”.

Imediatamente após o discurso, Hitler voltou ao seu quartel-general Lobisomem, em Vinnitsa. Suas tropas preparavam-se para lançar a nova ofensiva, mas os russos avançaram, reconquistando Pavlogrado e chegando, em 20 de fevereiro, a menos de cem quilômetros do quartel-general de Zaporozhe.

Para os holandeses que apoiavam a ocupação alemã, foi um dia de execução de vários membros da resistência, ocorrida perto do aeroporto de Schiphol. No mesmo dia, um membro holandês da SS Germânica, Gerardus Mooyman, seria o primeiro voluntário estrangeiro a receber a cruz de Cavaleiro, tendo já a cruz de ferro de Primeira Classe. Dizia-se que, em dois dias, vencera dezessete tanques soviéticos.

Vinte e um de fevereiro era o dia do Exército Vermelho, que comemorava a fundação, em 1918, das forças armadas soviéticas. Nesse dia de 1943, anunciou-se, em Londres, que o rei George VI entregaria uma espada de Honra a Stalingrado. “Foi a resistência inquebrantável da cidade”, declarou o rei, “que inverteu a situação e anunciou o fim dos golpes como que desalentavam os defensores da civilização e da liberdade”.

No dia do Exército Vermelho, contudo, não faltaria drama no campo de batalha, porque era também o dia escolhido por Hitler para desencadear as operações de sua terceira ofensiva na Rússia. O objetivo já não era a ambiciosa tomada de Leningrado, Moscou, Stalingrado ou Baku, mas uma tentativa de reconquistar Kharkov, contando-se que a operação não somente seria capaz de travar os avanços soviéticos ocorridos nos últimos três meses como de permitir aos alemães reassumir a iniciativa e reocupar um território tão vasto quanto fosse possível no sul da Rússia. Sua visita às tropas em Zaporozhe sublinhava a importância atribuída à nova ofensiva.

Vinte e quatro horas depois do renovado assalto alemão ao sul, o Exército Vermelho conseguia desencadear uma contra-ofensiva na direção de Rzhev, no setor central da frente, e contra Sumy, na Ucrânia, que seria recapturada.

Na Tunísia, Rommel era forçado a suspender seus ataques contra as forças aliadas enquanto afluíam reforços britânicos e não chegavam os navios que lhe traziam combustível. Por outro lado, os serviços de informações britânicos continuavam a ouvir as mensagens alemãs, o que tornava sua ação subsequente mais rápida e segura.

* * *

Os reveses da Alemanha no campo de batalha não afetavam seu comportamento como potência ocupante nem a atitude de seus agentes. Em 22 de fevereiro, Vidkun Quisling decretou uma mobilização geral de toda a população civil de Oslo. Quem não se apresentasse poderia perder o direito aos cartões de racionamento. O primeiro projeto em vista – a construção de rodovias, ferrovias e instalações militares controladas pela organização Todt – recrutava 25 mil homens. Quando altos dignitários da Igreja protestaram contra a mobilização, foram detidos e internados no campo de concentração de Grini, onde um entre eles, o bispo Hallesby, ficaria até o fim da guerra.

Também nesse dia, o governo búlgaro concordou com a exigência alemã de deportação dos onze mil judeus que viviam em áreas da Iugoslávia e da Grécia ocupadas pela Bulgária em 1941. Vinte trens foram alocados para as deportações. Passado um mês desde a assinatura do acordo entre búlgaros e alemães, os onze mil judeus eram transportados através da Europa, vindos da costa do Egeu e até de ilhas egeias e passando por Belgrado e Viena, para a morte em Treblinka. Nenhuma comunidade judaica, ainda que com pequeno número de membros, escapou à rede; um monumento, na Grécia, evoca a deportação dos três judeus que viviam na bela e remota ilha de Samotrácia.

Em 23 de fevereiro, um ato de barbárie deu-se na curiosa cidade medieval polonesa de Zamosc, quando 39 rapazes judeus, provavelmente escondidos ou protegidos por instituições beneméritas até então, foram assassinados com injeções de fenol. Outros oito rapazes judeus seriam igualmente mortos uma semana depois.

Entre os judeus, o sentimento de impotência era acompanhado pela determinação em lutar quando encontrassem oportunidade para tal. Ao longo de fevereiro, a 16a Divisão da Lituânia, que lutava pelo Exército Vermelho, preparou-se para entrar em combate. Muitos entre seus doze mil homens eram judeus. Em 23 de fevereiro, a divisão atacou os alemães em Alexseyevka, na Ucrânia, após atiradores e soldados judeus, armados com metralhadoras, atravessarem uma planície coberta de neve. Durante dois dias, a divisão combateu contra um número superior de alemães, até que, esgotadas as munições, receberam ordem de retirada. Centenas de judeus haviam morrido em combate.

Hitler, procurando um bode expiatório para a prolongada guerra, afirmaria, num discurso difundido por rádio em 24 de fevereiro, que: “Temos de esmagar e vencer o poder da coligação judaica mundial, então a humanidade em luta pela liberdade alcançará a vitória final.” Enquanto procuravam retomar a iniciativa no Leste, as forças alemãs tinham novamente esperança na vitória. “Os comunicados vindos da frente oriental voltaram a melhorar um pouco”, escreveu Rommel à mulher em 24 de fevereiro, acrescentando: “É um raio de luz depois de tempos tão sombrios.”

Ainda em 23 de fevereiro, Stálin publicou uma segunda diretiva sobre a guerrilha, insistindo em que “a chama da resistência deve ser protegida e difundida”. Catorze guerrilheiros haviam recebido títulos de Herói da União Soviética, contando-se, entre eles, Ivan Nikitin, que, no decurso de cinquenta missões de reconhecimento, possibilitara ao seu grupo atacar e matar milhares de alemães. O próprio Nikitin explodira diversas pontes e veículos motorizados, matando mais de 350 soldados alemães.

A luta na frente oriental era auxiliada pelos êxitos britânicos na decifração de várias chaves do sistema Enigma; em 25 de fevereiro, a chave Arminho, utilizada por uma entre as principais unidades da aviação alemã no Leste, fora identificada, seguindo-se, quatro dias mais tarde, a decifração da chave Orquídea, usada na região administrativa da força aérea alemã no sul da Ucrânia.

No dia da descoberta da chave Arminho, na sequência das decisões tomadas na conferência de Casablanca, uma ofensiva aérea que duraria 24 horas foi lançada contra a Alemanha. Os bombardeiros britânicos atacaram à noite, e os americanos, durante o dia, seguindo-se a um ataque diurno contra Nuremberg, que assinalara o início dessa intensificação da batalha nos ares. Ao longo de um período de 48 horas, dois mil bombardeiros aliados despejaram suas bombas.

Em 27 de fevereiro, os alemães prenderam os quase oito mil judeus que ainda restavam na capital, sendo a maior parte composta por operários fabris poupados, até então, às deportações, dada a utilidade de seu trabalho; assim, a operação receberia o nome de Ação Fábrica. Passadas 24 horas, todos os judeus capturados foram deportados para o

Leste, incluindo vários entre eles convertidos ao cristianismo e casados com mulheres cristãs. Essa deportação de cristãos levou a um protesto do arcebispo de Breslau, cardeal Bertram. Alguns judeus convertidos foram libertados, mas a maioria continuou com os outros deportados em seu caminho para Auschwitz. Oito deles haviam sido levados de Helsinque para Berlim em resultado das pressões de Himmler sobre o governo finlandês. Destes, somente um sobreviveria à guerra. Verificando-se protestos de eclesiásticos e políticos finlandeses, o gabinete do país recusou-se a deportar novos membros entre os dois mil judeus sob sua alçada, sendo centenas alemães ou austríacos que se refugiaram na Finlândia antes da guerra; doravante estariam, enfim, a salvo.

Houve protestos até em Berlim, mas contra deportações. “Desgraçadamente”, escreveu Goebbels na entrada de 2 de março de seu diário, “nossos melhores círculos, especialmente os intelectuais, mais uma vez não compreendem nossa política relativa aos judeus, tendo, em alguns casos, manifestado sua oposição”. No mesmo dia, entre mil judeus deportados de Paris para Auschwitz, mais de trezentos tinham idade superior a setenta anos. Todos seriam gaseados. Não houve quem os defendesse.

Ainda em 2 de março, na França, a linha Pat de fuga aliada foi destruída após um desertor do exército britânico, Herbert Cole, denunciar o responsável pela rede, o médico belga capitão Guerisse, conhecido em Toulouse como tenente-coronel Pat O’Leary.

* * *

Em 3 de março, o Exército Vermelho reconquistou Rzhev. Nessa noite, os bombardeiros britânicos atacaram Hamburgo. Em Londres, numa área onde não caíam bombas, o pânico apoderou-se das pessoas que se refugiaram numa estação do metrô após ouvirem um alerta; 173 morreram sufocadas quando caíram e foram esmagadas nos degraus que levavam ao abrigo.

No extremo Oriente, a operação Cannibal, ofensiva britânica destinada a reocupar o porto birmanês de Akyab a partir de uma progressão lançada na Índia, fracassou no dia seguinte, 4 de março, quando forças japonesas levaram a melhor sobre os atacantes. Porém, no mar das ilhas Bismarck,

no Pacífico, uma tentativa japonesa de enviar um reforço de sete mil homens, junto com combustível e peças de reserva para a aviação, para Lae e Salamaua, na Nova Guiné, foi derrotada quando 137 bombardeiros americanos, com o apoio de outros aviões seus e australianos destruíram as oito unidades de transporte de tropas japonesas e quatro contratorpedeiros; foram mortos 3.500 soldados japoneses. As peças e o combustível, de que os ocupantes de Lae e Salamaua necessitavam desesperadamente, foram também afundados, tendo sido abatidos 102 entre os 150 aviões japoneses participantes da luta.

O evento ocorria exatamente dez anos depois da primeira conquista por Roosevelt do cargo de presidente dos Estados Unidos. “Aceite minhas calorosas felicitações”, telegrafou-lhe Churchill, “por sua brilhante vitória no Pacífico, que saúda, do melhor modo, o cumprimento de seu mandato nestes dez primeiros anos”.

Na mesma noite, 442 bombardeiros britânicos atacaram Essen, no Ruhr, destruindo uma área de mais de 160 acres de instalações industriais alemãs e continuando o gradual trabalho de erosão da economia de guerra alemã.

Precisamente enquanto os alemães tentavam reconquistar o terreno perdido no Leste, sendo repetidamente vencidos pela tenacidade da defesa russa, o comissário nazista nomeado para a Ucrânia, Erich Koch, falava com desprezo sobre os russos sob seu domínio. Num discurso proferido em Kiev, em 5 de março, ele declarou: “Somos uma raça de senhores e devemos lembrar que o mais humilde trabalhador alemão é mil vezes superior em termos raciais e biológicos a qualquer elemento da população local.” Quanto aos russos, continuou Koch, “teriam de trabalhar, trabalhar e trabalhar”. De fato, os russos não paravam de combater, quer em suas ações dentro do império de Koch, quer nos embates na frente; em 6 de março, o Exército Vermelho conquistava Czhatk, na via férrea entre Moscou e Smolensk, afastando os alemães ainda mais em relação à capital.

A leitura, pelos serviços britânicos, das mensagens mais secretas trocadas por Rommel no norte da África dava alguns interessantes resultados, trazendo à luz, em 28 de fevereiro, um plano, após a

fracassada tentativa ocidental, para atacar a Leste, dirigindo-se para Medenine com três divisões Panzer e cercando as forças britânicas na linha Mareth. Entre essa data e 4 de março, enquanto Rommel deslocava suas tropas e seus tanques, a leitura de novas mensagens permitiu determinar o montante preciso de forças a lançar na batalha. Ciente do que acontecia, graças às suas ligações em Bletchley, Montgomery pôde mover tropas extras, incluindo quatrocentos tanques e 470 canhões antitanque da divisão neozelandesa, para contrabalançar e até exceder as forças reunidas por Rommel.

Na manhã de 6 de março, quando Rommel desencadeou o ataque, as forças alemãs e italianas haviam perdido tanto a vantagem da surpresa como a superioridade numérica. No intervalo de poucas horas, tornou-se óbvio que a artilharia e os tanques britânicos venceriam qualquer força assaltante de que Rommel pudesse dispor. Às sete horas da noite, Rommel ordenou a “interrupção imediata dos combates”.

Em Berlim, Goebbels fora obrigado, na sequência de um pequeno percalço, a adiar a deportação final dos judeus. “Infelizmente”, escreveu em seu diário em 6 de março, “houve algumas cenas lamentáveis num lar para judeus idosos, onde muita gente tomou partido dos judeus”. No mesmo dia, em Zagreb, o arcebispo católico Stepinac protestou junto ao dirigente croata Ante Pavelic contra o assassinato de judeus casados com mulheres cristãs. Como as partes cristãs do casamento poderiam ficar em silêncio, perguntou o arcebispo, “enquanto seres queridos eram violentamente exterminados e filhos eram expostos a destino desconhecido”? Pavelic concordou em suspender o extermínio de judeus casados com cristãos, mas a matança continuava para os outros, aos quais o arcebispo não alargou sua tentativa de proteção.

Na noite de 6 de março, continuando a aplicar as diretivas determinadas por Roosevelt e Churchill em Casablanca, os bombardeiros britânicos voltaram a Essen. “A cidade dos Krupps sofreu bastante”, registrou Goebbels em seu diário no dia seguinte, continuando: “O número de mortos também foi considerável. Se os ingleses continuarem com ataques aéreos nessa escala, tornarão as coisas supremamente difíceis para nós.”

Enquanto Goebbels estava em Berlim, onde recebia relatórios referentes à dureza crescente dos bombardeamentos contra a Alemanha, Hitler encontrava-se em seu quartel-general de Vinnitsa, onde Goebbels o visitou, depois de um trajeto realizado de avião, em 9 de março. Não era impossível, disse-lhe Hitler, que os russos caíssem “mais cedo ou mais tarde”.

Hitler não conseguia desfazer-se de uma imagem da Rússia derrotada.

Na mesma noite, seu quartel-general em Vinnitsa foi informado por telefone de que Nuremberg sofrera um pesado ataque aéreo. “O Führer encontra-se muito preocupado com a desgraça abatida sobre a cidade”, escreveu Goebbels em seu diário. “Telefonei para Nuremberg duas vezes, pedindo informações. Os estragos, afinal, não foram tão grandes como pensáramos.”



AS RETIRADAS ALEMÃS. FEVEREIRO A AGOSTO DE 1943.

Para Rommel, que também chegou a Vinnitsa nesse dia, estava guardada a mais alta cruz de ferro – a medalha com folhas de carvalho, espadas e diamantes – e o conselho de Hitler para que tirasse uma licença por motivos de saúde, a fim de, como lembraria Rommel, “poder reassumir, depois, o comando das operações contra Casablanca”. E Rommel acrescentava: “Simplesmente nunca lhe ocorreu que as coisas pudessem ir mal na Tunísia. Igualmente, Hitler não queria ouvir falar sobre recuos na frente, porque o movimento tornaria uma nova ofensiva impossível.”

Na manhã de 10 de março, as tropas alemãs iniciaram um assalto maciço contra o centro de Kharkov. Enquanto Rommel e Goebbels voavam para a Alemanha, Hitler seguia, em outro avião, para o quartel-general de Manstein, em Zaporozhe. Desde o início da ofensiva alemã, em 21 de fevereiro, haviam sido mortos mais de 23 mil soldados soviéticos e destruídos 634 tanques russos. Naquele momento, Kharkov via-se novamente em mãos alemãs.

Nessa noite, os bombardeiros britânicos atacaram Munique. “Mais uma vez, a mesma pergunta: como continuarão as coisas?”, escreveu Goebbels em 11 de março, acrescentando: “Se os ingleses estiverem em condições de atacar uma cidade alemã todas as noites, não é difícil imaginar o estado em que ficará o país dentro de três meses, a menos que descubramos contramedidas eficazes.” Goebbels sentia-se igualmente irritado porque, como escrevia, “a planejada detenção de todos os judeus num único dia falhou por culpa dos industriais, que avisaram os judeus antecipadamente”. Aqueles que escaparam estavam sendo perseguidos e procurados por toda a parte, de acordo com as instruções do próprio Goebbels.

Para a defesa da cidade de Kharkov, os russos tiveram como aliados mil soldados da Tchecoslováquia. Quatrocentos eram tchecos que, em março de 1939, haviam passado à Polônia em aviões, e daí para a Rússia, em setembro do mesmo ano. Entre esses soldados, seiscentos haviam sido colocados pelas autoridades soviéticas em campos de trabalho em 1940 e, em 1942, libertados e integrados à divisão tchecoslovaca, que entrou em ação entre 8 e 11 de março, em Sokolovo; no fim da batalha, haviam morrido 140 judeus.

Em 12 de março, as forças soviéticas libertaram Vyazma. Na Itália, cem mil operários de Turim e Gênova entraram em greve, interrompendo o trabalho nas indústrias de guerra. “Se mostrarmos a menor fraqueza nesses casos”, disse Hitler aos seus colaboradores, “estamos perdidos”.

Desde a rendição de Stalingrado, o próprio Hitler sentia que sua confiança fora abalada. “Pareceu-me muito deprimido e transtornado por causa do desastre em Stalingrado”, lembraria Rommel, referindo-se ao seu encontro com Hitler em Vinnitsa, em 9 de março. “Ele disse que sempre se tende a ver as coisas pelo lado mais negro após uma derrota e que essa propensão pode levar a conclusões perigosamente errôneas.” Além de Hitler, diversos oficiais superiores ficaram “abalados” na sequência de Stalingrado, mas não tanto pela derrota quanto pela atuação de Hitler, considerando que sua recusa a autorizar uma retirada de Von Paulus fora uma interferência típica nas questões militares, que levaria apenas a fins desastrosos. Alguns militares começavam a olhar criticamente para outros aspectos do regime alemão: a tirania, a ostentação e o domínio dos membros do Partido Nazista e a vontade que Hitler tinha de combater ao mesmo tempo a Rússia, que muitos temiam, e os aliados, que alguns militares gostariam de ver fora do conflito. Para esses oficiais, o apelo de Goebbels à “guerra total” era um apelo ao suicídio. E foi essa a origem de uma conspiração militar.

Em 13 de março, Hitler estava em Vinnitsa, preparando-se para regressar a Rastenburg. Ele havia prevenido alguns colaboradores e militares de que, durante o voo de regresso, faria uma breve parada em Smolensk para visitar o quartel-general aí instalado. Em Smolensk, o general Henning von Tresckow e seu ajudante, tenente Fabian von Schlabrendorff, planejavam matar Hitler, colocando uma bomba a bordo de seu avião, que explodiria durante o voo para Rastenburg. A bomba foi posta nas mãos de um oficial que acompanhava Hitler, que não fazia parte da conspiração e a quem foi dito que o volume continha duas garrafas de licor a serem levadas a um oficial que se encontrava em Rastenburg.

A bomba e Hitler seguiram a bordo para o Ocidente. Em Berlim, outros conspiradores, entre os quais Hans von Dohnanyi e o coronel Hans Oster,

da contra-espionagem, ficaram à espera de que fosse transmitido o código “Relâmpago” para tomarem o poder na capital. A bomba fora programada para explodir na região de Minsk. Porém, duas horas depois de sair de Smolensk, o avião chegou a Rastenburg sem qualquer incidente. Os conspiradores, ao recuperar a bomba, descobriram que o detonador era defeituoso. A operação Relâmpago falhara.

Além dos militares e dos aristocratas, estudantes e liberais também haviam sido impelidos por Stalingrado a tomar uma posição de protesto contra o regime nazista. Numa parede da Universidade de Munique, surgiram as palavras “Abaixo Hitler”, pintadas com uma tinta branca tão persistente que foram precisos vários dias para apagá-las, tarefa confiada às funcionárias ucranianas que faziam a limpeza. Em Düsseldorf, foram presas 71 pessoas por distribuírem panfletos antinazistas. Outras prisões eram feitas em Dortmund, Gorlitz, Chemnitz, Nuremberg, Saarbrücken e Weimar. A população local, queixava-se um relatório da polícia datado de 15 de março, “não reage como antes, quando, por exemplo, destruía rapidamente proclamações subversivas ou jogava fora os panfletos; pelo contrário, lê o conteúdo dos papéis e guarda-os”.

No mesmo 13 de março, o Tesouro dos Estados Unidos concordava com um pedido do coronel Donovan para que um fundo de cinco milhões de dólares fosse dado à resistência polonesa que atuava no interior das linhas alemãs. O dinheiro saiu da Grã-Bretanha por avião, chegando à noite aos resistentes na Polônia e regressando a salvo para sua base. Outros quinze milhões de dólares seriam enviados às mesmas mãos ao longo dos catorze meses seguintes.

Em 14 de março, as tropas alemãs entraram em Kharkov. “Mostramos aos russos que somos capazes de aguentar seu terrível inverno”, escreveu, triunfante, um oficial da SS, que continuava: “Já não temos medo.” Contudo, seria a primavera, não o inverno, que tolheria a progressão alemã, transformando as estepes geladas em pântanos onde os tanques e os homens somente conseguiam deslocar-se com extrema dificuldade.

Atrás das linhas alemãs, apesar dos panfletos de protesto, a perseguição continuava. Em 15 de março, Goebbels registrou em seu diário que dissera a Hitler que “considerava essencial expulsar definitivamente os judeus de todo o território do Reich, o mais depressa possível”. E acrescentou: “Ele concordou comigo e ordenou-me que não parasse nem descansasse enquanto houvesse ao menos um judeu na Alemanha.” No mesmo dia, a mais de 1.600 quilômetros de Berlim, começava a deportação dos judeus de Salônica, uma antiga comunidade sefardita implantada pouco depois de seus membros terem sido expulsos de Espanha em 1492. Dez mil judeus foram deportados no porto do Egeu no final de março, além de outros 25 mil em abril e dez mil em maio. As vítimas não conheciam seu destino, tendo-lhes sido dito que seriam reinstaladas em certa região da Polônia.

Cada deportado de Salônica estava autorizado a levar um embrulho de comida para a viagem e até quinze quilos em roupas a serem utilizadas no local onde seriam reinstalados. Na verdade, seu destino era Auschwitz.

Durante numerosas gerações, os judeus de Salônica haviam sido estivadores e trabalhadores portuários: o funcionamento do porto dependia deles. Os nazistas, porém, não admitiam exceções, argumentos lógicos ou casos particulares. Os judeus das aldeias em torno de Salônica também seriam deportados, com exceção dos instalados em Katerini, onde o chefe da polícia local, assim que recebeu a ordem de deportação, deu-lhes três horas para fugir. Trinta e três judeus fugiram, tendo sido escondidos por camponeses gregos. Três outros, que não puderam partir, foram detidos e mortos pela Gestapo.

Em 18 de março, bombardeiros americanos com base na Grã-Bretanha atacaram uma estação de submarinos alemães em Vegesack, na Noruega. O artilheiro do principal bombardeiro, primeiro-tenente Jack W. Mathis, apesar de gravemente ferido pelo fogo antiaéreo quando se encontrava bem acima do alvo, largou suas bombas a tempo. Seria o primeiro membro da 8ª força aérea a receber a medalha de Honra a título póstumo. Em Varsóvia, três resistentes poloneses travavam combate com os alemães. Um entre eles, Hanka Sawicka, foi gravemente ferido

durante a luta. Depois, os três foram capturados e torturados até a morte na prisão de Pawiak.

Na frente oriental, os alemães tomaram Belgorod em 19 de março, mas ao norte da cidade, os russos haviam aberto uma brecha nas linhas alemãs, situada a ocidente de Kursk, ameaçando todos os pontos ocupados pelos alemães no sul. Hitler deu ordens para que a brecha fosse eliminada. Começaria a operação Cidadela.

Entretanto, no Atlântico, britânicos e americanos confrontavam-se com um brusco recrudescimento da atividade submarina alemã; nas três semanas que terminaram em 20 de março, 107 navios mercantes aliados foram afundados no Atlântico norte, a maior parte no meio do oceano, ponto de maior distância aérea tanto em relação à Grã-Bretanha quanto em relação ao Canadá. Nos dez primeiros dias de março, 41 navios foram afundados e, nos dez dias seguintes, mais 56. O comando naval britânico lembraria, mais tarde, que “os alemães nunca estiveram tão perto de quebrar as comunicações entre o Velho e o Novo Mundo”, a tal ponto que “encaramos a eventualidade de não podermos manter comboios navais como eficaz medida de defesa”.

Em 20 de março, a aviação britânica lançou a operação Enclose, tentando surpreender os submarinos alemães enquanto se encontravam no golfo de Biscaia. Porém, após 28 rondas no prazo de oito dias, apenas um submarino alemão fora afundado. A crise causada pela eficácia dos submarinos alemães, ligada às dificuldades na decifração da nova chave Enigma usada pela marinha de guerra alemã, seria resolvida pelo brilhante trabalho dos serviços de informações em Bletchley, que, por fim, decifrou a nova chave. Após dois meses, o perigo mortal fora afastado.

Em 21 de março, os russos avançaram ainda mais pela saliência de Kursk. No mesmo dia, conseguiram também obrigar os alemães a recuarem ao norte, capturando Durovo, localizada a apenas noventa quilômetros a nordeste de Smolensko. Entretanto, em Berlim, Hitler participava de uma cerimônia pelos mortos na Primeira Guerra Mundial. Ao fim do evento, deveria visitar uma exposição de armas conquistadas aos russos. Os conspiradores militares, apesar de seu fracasso de

Smolensko, decidiram tentar, mais uma vez, matar Hitler. Um entre eles, general Von Gersdorff, estaria oficialmente na exposição de armas russas e propôs-se à realização de uma missão suicida: levaria uma bomba em seu sobretudo, que acionaria quando Hitler passasse junto a ele. Avisado pelo general Von Tresckow, Von Schlabreadorff pôs-se à procura de uma bomba equipada com um detonador que a fizesse atuar em apenas dez minutos, mas não a conseguiu obter, sendo o atentado suspenso. Por ironia, Hitler ficaria apenas durante oito minutos na exposição. Como acontecera no Putsch da Cervejaria em Munique, em novembro de 1939, o Führer teria saído do local a tempo de sobreviver ao atentado.

* * *

Em 22 de março, os alemães retiraram-se de um posto avançado no setor norte da frente oriental, abandonando uma extensão de 160 quilômetros na estrada de ferro Rzhev-Moscou-Smolensk. A retirada, conhecida como operação Búfalo, encurtou consideravelmente a linha de frente, libertando uma área onde os guerrilheiros soviéticos eram particularmente ativos. No mesmo dia, na aldeia de Khatyn, perto de Minsk – a não ser confundida com Katyn perto de Smolensk –, uma unidade da SS integrada por criminosos alemães até então internados no campo de concentração de Oranienburgo, a norte de Berlim, assassinou 149 camponeses e queimou suas casas. O objetivo da ação era dissuadir os camponeses de apoiarem os resistentes, mas, no final daquele ano, os guerrilheiros já controlariam metade da região.

Em 23 de março, um perito em estatística, Dr. Richard Korherr, submeteu a Himmler um relatório sobre o número de judeus vítimas de “evacuação total” e “tratamento especial”. Os números apresentados eram de 1.274.166 na área do governo-geral e de 145.301 em Warthegau.

Embora não houvesse motivo para citá-las, as deportações continuavam, entretanto, nas províncias búlgaras da Trácia e da Macedônia e na cidade grega de Salônica. Essas ações conduziram a um protesto do arcebispo Damaskinos, de Atenas, junto do governo colaboracionista grego, casualmente emitido também em 23 de março.

O protesto do arcebispo não seria atendido. Uma semana antes, contudo, em 17 de março, o Parlamento búlgaro votara unanimemente contra qualquer deportação de judeus no interior das fronteiras originais do país, anteriores à guerra, e o sufrágio teria resultados positivos, tendo sido apoiado não somente pelo rei da Bulgária como também pelo núncio da Santa Sé na Turquia, Angelo Roncalli, padrinho do filho do rei e futuro papa João XXIII.

Em 25 de março, um protesto redigido em alemão contra o tratamento infligido aos judeus foi enviado por Hans Frank, de Cracóvia, para a chancelaria de Hitler, em Berlim. Tratava-se de um documento anônimo em que o autor descrevia sua repulsa pelo que presenciara durante a liquidação de um gueto no Leste, quando viu crianças jogadas ao chão e pisoteadas pelas botas dos soldados. O protesto não era exagerado, mas um ato isolado não podia alterar o processo de destruição em curso. Ainda em 25 de março, dois mil judeus da cidade de Zolkiev, na Galícia Oriental, foram levados para uma floresta vizinha e abatidos. O que restava dos judeus poloneses, em sua maior parte enviados para a morte ao longo dos seis ou doze meses anteriores, estava sendo perseguido por todo o país ou retirado dos campos de trabalho onde se encontrava desde 1942 e assassinado.

* * *

No extremo Oriente, uma força naval japonesa que se destinava a reabastecer as guarnições das ilhas de Kiska e Atta, nas Aleutas, foi interceptada por um número menor de navios americanos, que corajosamente os enfrentaram. Não foram afundados navios importantes, mas, nessa que seria a última grande batalha naval travada entre navios de guerra, o cruzador pesado japonês *Nachi* e o cruzador pesado americano *Salt Lake City* ficariam muito danificados. Contudo, os japoneses não voltaram a quebrar o bloqueio americano nas ilhas Aleutas. A batalha das ilhas Komandorski, como seria conhecida, foi uma vitória estratégica dos Estados Unidos.

Enquanto Rommel continuava a convalescer na Alemanha, seu sucessor no norte da África, o general italiano Messe, resistira durante sete dias a um assalto contínuo do 8º exército britânico contra a linha

Mareth. Porém, em 27 de março, viu-se impossibilitado de manter a defesa de suas posições e preparou-se para retirar-se. “Espero que possa, agora, expulsar e derrotar o inimigo, livrando toda a Tunísia dessa presença”, telegrafou Stálin a Churchill. “Espero igualmente”, dizia ainda, “que a ofensiva aérea contra a Alemanha continue a intensificar-se de modo inexorável”. Nessa noite, a força aérea britânica atacou mais uma vez: 395 bombardeiros, como telegrafaria Churchill a Stálin, “lançaram 1.050 toneladas de bombas sobre Berlim no intervalo de cinquenta minutos. O céu estava limpo no teatro das operações e o ataque foi um sucesso. O maior que Berlim sofreu até hoje. Perdemos apenas nove aviões”. O total de bombas lançadas sobre Berlim durante esse ataque correspondia ao dobro da tonelagem utilizada no maior bombardeamento alemão a Londres, realizado em 18 de abril de 1941.

Em 28 de março, Churchill recebeu de Montgomery, que estava na Tunísia, um primeiro sinal de vitória: “Após sete dias de combates duros e ininterruptos, o 8º exército infligiu uma pesada derrota ao inimigo.” A resistência “desintegrava-se”. O 8º exército apoderara-se de todas as posições de defesa na linha Mareth, ocupando Gabes e El Hamma no dia 29, após uma determinada resistência alemã ser vencida pelas forças neozelandesas.

As intenções de Hitler não apontavam para uma retirada, mas para uma retaliação; em 29 de março, ele aprovou um projeto submetido por Albert Speer, que visava à construção de uma fortificada plataforma de lançamento de mísseis no canal da Mancha, permitindo que Londres fosse bombardeada. Os britânicos não ignoravam tais planos. Em 27 de março, chegou a um perito do Gabinete de Guerra britânico, professor R. V. Jones, a tradução de uma conversa, gravada pelos serviços secretos, entre dois prisioneiros de guerra alemães, general Cruewell e general Von Thoma, capturados em El Alamein. Durante essa conversa, ocorrida em 23 de março, Von Thoma dissera ao seu companheiro de cativeiro que, como a prisão onde estavam era próxima a Londres e não ouviam os sons de grandes explosões, imaginara que houvera uma pausa no programa de mísseis: “Em todo o caso, provavelmente não houve progresso na questão dos mísseis”, disse ele, antes de descrever a visita que fizera a uma base experimental: “O major estava cheio de esperanças e disse: ‘Esperem até o ano que vem e vocês irão ver.’” Porque, como

comentara Thoma, “não havia limites” para os projéteis de longa distância.

A tão prezada arma alemã progredia lentamente, mas, graças a microfones escondidos e a agentes vigilantes, já não era secreta.

“Empurrar o inimigo para o mar” (Montgomery)

Primavera de 1943

Os prisioneiros de guerra aliados continuavam a sofrer nos campos japoneses, sem assistência médica e submetidos a castigos tremendos. Nos campos de trabalho ligados à construção da estrada de ferro da Tailândia, entre os quais Konyu, onde se encontrava o coronel Dunlop, a intenção dos japoneses, conforme este registrou em seu diário em 19 de março, era “quebrar os homens à força de trabalho, sem a mínima consideração por sua vida ou por sua saúde”. Essa atitude, acrescentava Dunlop, “precisa ser considerada como um crime implacável contra a humanidade, a sangue frio e com evidente premeditação”. No campo vizinho de Kinsayok, onde estavam prisioneiros de guerra holandeses, morreram seis homens em seis dias. Para os japoneses, somente a estrada de ferro importava.

Em 29 de março, um tenente da força aérea americana, de 23 anos, cujo avião fora abatido pelo fogo antiaéreo japonês, foi condenado à morte por decapitação em Salamaua, na Nova Guiné. “O comandante da unidade trouxera sua espada favorita”, escreveu um oficial japonês em seu diário. “Ele encosta levemente as costas da lâmina no pescoço do prisioneiro, depois a levanta acima da cabeça, com as duas mãos, e desce a arma rapidamente.” A cabeça foi cortada com um só golpe. “Tudo acabou. Parece a cabeça de uma boneca. A selvageria que senti há pouco desvaneceu e agora sinto apenas uma verdadeira compaixão de Bushido japonês. Um cabo ri ruidosamente: ‘Bem, ele agora está no Nirvana.’ A seguir, um membro da unidade médica pega a espada do médico responsável e, virando o corpo decapitado, abre-lhe o ventre com um golpe.”

Oitenta quilômetros a sudeste de Salamaua, em Morobe, desembarcavam, entretanto, forças de infantaria americanas, preparando uma posição de defesa; as tropas faziam parte da força MacKenzie, nome do militar que as comandava, e estavam encarregadas de avançar ao longo da costa, na direção de Salamaua e de Lae.

No céu da Europa, os bombardeiros aliados eram, dia e noite, uma presença permanente sobre as populações civis. Em 2 de abril, um decreto emitido por Goering tornava o serviço de vigilância contra ataques aéreos dever obrigatório a todos os alemães em bom estado de saúde, tanto homens como mulheres. Em 3 de abril, os britânicos lançaram nove toneladas de bombas sobre a fábrica Krupp, em Essen, e, no dia 5, mais 1.400 bombas sobre Kiel – “um entre os ataques mais pesados que já fizemos”, escreveu Churchill a Stálin. Também em 5 de abril, à luz do sol, os bombardeiros americanos atacaram a linha de montagem de tanques da Renault, perto de Paris; 228 civis franceses foram mortos. Um ataque aéreo às instalações portuárias de Nápoles, em 4 de abril, causou 221 mortes de cidadãos italianos.

Um Liberator, que saíra recentemente dos Estados Unidos para o norte da África e teve como primeira missão de guerra a participação no ataque contra Nápoles. Tendo recebido de sua tripulação de nove homens o nome *Lady Be Good*, levantara voo no aeroporto de Soluch, 48 quilômetros ao sul de Benghazi. No regresso, perdeu-se e voou por 320 quilômetros sobre o deserto líbio enquanto a tripulação pensava encontrar-se sobre o mar, acabando por, nessa convicção e quase sem combustível, saltar do avião com paraquedas. As buscas pelos tripulantes começaram no mar, a 320 quilômetros do local onde a tripulação caíra.

Dois membros do grupo mantiveram um diário no período que se seguiu. Todos os dias, usando os paraquedas e grandes pedras, os náufragos desenhavam enormes setas na areia. “Continuamos a implorar auxílio”, registrou, em seu diário, o copiloto e segundo-tenente Robert F. Toner, em seu quinto dia no deserto. “Nenhum sinal; um par de aves, apenas; ventos fortes vindos do norte. Grande fraqueza; não posso andar; dores por toda a parte; o melhor ainda seria morrer. Noites muito frias, sem sono.” No dia seguinte, cinco tripulantes do avião caído não puderam prosseguir. Somente três continuaram a caminhar. Nessa noite, um, o agente técnico e sargento Harold S. Risplinger, registrou em seu

diário: “Domingo de Ramos. Continuamos tentando sair das dunas e encontrar água.”

Os três sobreviventes andaram por mais de 130 quilômetros através das areias. Um a um, caíram. O último a desistir foi um artilheiro, o sargento Guy E. Shelley, de 26 anos. Percorreu mais onze quilômetros sozinho, tendo caminhado por uma distância total de 145 quilômetros, sem água nos últimos três dias.

Na base aérea de onde *Lady Be Good* partira e à qual não pudera voltar, nada se sabia sobre essa saga. Mencionada, num primeiro momento, como perdida, a tripulação seria considerada “presumivelmente morta”. E era verdade que todos os homens haviam morrido, mas se passariam mais de quinze anos antes que se conhecesse seu real destino.

Em 5 de abril, enquanto a tripulação do *Lady Be Good* caminhava pelo deserto líbio, bombardeiros americanos com base na Grã-Bretanha lançaram um ataque diurno contra a Antuérpia, visando à destruição da fábrica de aviões Minerva na execução de planos que haviam sido enviados para Londres por dois membros da resistência belga. Somente duas bombas atingiram o alvo, causando menos estragos do que o pretendido. Devido a um erro de navegação, grande parte dos aviões largou suas bombas numa zona residencial da cidade, matando 936 civis, entre os quais 209 crianças. Passadas poucas semanas, a fábrica Minerva voltava quase à sua produção anterior. A operação serviu, sobretudo, para regozijo dos nazistas. “Organizou-se um funeral imponente”, escreveu Goebbels, em seu diário, em 11 de abril, acrescentando que o silêncio britânico e americano sobre o ataque aéreo “reforça nossa ideia de transformar o incidente na Antuérpia num caso de propaganda de primeira ordem”.

Em Berlim, a Gestapo começava a perseguir opositores do regime que gozavam de alta posição na sociedade alemã. Em 5 de abril, o pastor e teólogo protestante Dietrich Bonhoeffer, que contatara os britânicos na Suécia, foi detido sob a acusação de “subverter as forças armadas” e aprisionado. Também foi preso, no mesmo dia, em seu gabinete dos serviços militares de contraespionagem da Alemanha, Hans von Dohnanyi, envolvido na tentativa de matar Hitler em Smolensk, no precedente mês de março. Este, sem revelar qualquer informação e sem trair ninguém, foi assassinado após dois anos em Sachsenhausen.

Dois dias depois dessas prisões em Berlim, por uma estranha coincidência, o tenente Claus von Stauffenberg, figura importante na resistência militar alemã contra o regime, foi gravemente ferido por uma mina na frente da Tunísia, perdendo o olho esquerdo, a mão direita, metade da mão esquerda e parte de uma perna. Levado de avião para Munique, foi possível salvar-lhe a vida e a vista do olho direito. Quando estava fora de perigo, o tenente decidiu dedicar todos os seus esforços e recursos ao serviço da resistência, a fim de que Hitler fosse derrubado a qualquer preço.

Em 7 de abril, enquanto Von Stauffenberg era ferido na Tunísia, Hitler encontrava-se com Mussolini em Salzburg. “Garanto-lhe que a África será defendida”, afirmou Hitler ao seu convidado, prosseguindo: “Verdun resistiu aos ataques dos melhores regimentos alemães. Não sei por que não poderíamos nos sustentar na África. Com sua ajuda, Duce, minhas tropas farão de Túnis o Verdun do Mediterrâneo.”

Enquanto Hitler dava tais garantias a Mussolini, os soldados italianos recuavam na Tunísia, sob o pesado assalto do 8º exército; ao longo de uma batalha de dois dias, a maior parte dos homens da divisão italiana Centauro foram mortos ou feitos prisioneiros antes de poderem juntar-se à nova linha de defesa em Enfidaville, a menos de oitenta quilômetros ao sul de Túnis.

No extremo Oriente, paralelamente, os americanos eram confrontados pelo maior ataque aéreo japonês desde Pearl Harbor. A força atacou em Guadalcanal, região que perdera recentemente, sobretudo em Tulagi. Na operação, participaram 188 aviões japoneses, que afundaram o contratorpedeiro americano *Aaron Ward*, a corveta neozelandesa *Moa* e um navio mercante perto daquela que se chamaria Iron Bottom Bay depois de tantos navios japoneses e americanos serem afundados. Quatro dias mais tarde, os japoneses renovaram seu ataque, afundando outros dois navios mercantes aliados, sem, porém, colocar em perigo as forças americanas em Guadalcanal. Um ataque aéreo contra Port Moresby, realizado por 177 aviões em 12 de abril, não causou grandes estragos e não constituiu qualquer ameaça contra os australianos na Nova Guiné.

Na Tunísia, a resistência italiana e alemã mantinha-se, mas reduzida ao desespero. Quando, em 10 de abril, o 8º exército ocupou Sfax, o general Montgomery disse aos seus soldados: “Seguir em frente para Túnis e

empurrar o inimigo para o mar.” Sousse caiu, passados dois dias; Enfidaville, em 13 de abril. As forças do Eixo na Tunísia estavam cercadas numa pequena e vulnerável área, com suas linhas de abastecimento vindas da Sicília e da Itália expostas a ataques devastadores, graças à leitura das mensagens Enigma, com seus apoios aéreos virtualmente destruídos e sem quaisquer esperanças de reforços. Era uma questão de semanas saber em que data se renderiam. Como a ratoeira formada em Stalingrado, em Túnis também não havia esperança, socorro ou futuro.

Esse 13 de abril testemunhou, ainda, um novo desastre para o Eixo, consistindo na decifração, pelas unidades de rádio da frota americana no Pacífico, de uma mensagem japonesa que fornecia o horário e o itinerário exatos de uma visita, a ser realizada em quatro dias, do comandante-chefe da esquadra conjunta, almirante Yamamoto, às bases japonesas de Ballale e Buin, na ilha de Bougainville. O chefe do estado-maior americano decidiu abater o avião de Yamamoto. Foi, assim, lançada a operação Peacock, que causou a morte do mais ilustre guerreiro japonês. A fim de protegerem o código inimigo decifrado que possibilitara essa operação, os americanos não mencionaram a morte de Yamamoto, referindo-se ao seu avião como apenas mais um aparelho inimigo abatido; somente quando os japoneses levaram as cinzas de Yamamoto para Tóquio, em 21 de maio, sua morte foi anunciada nos Estados Unidos.

Durante abril, uma série de conferências dadas por Robert Serber e apresentadas em segredo a um círculo de físicos e químicos reunidos nos Estados Unidos, descreveu, em pormenores, o projeto Manhattan. Seu objetivo seria “produzir uma arma militar eficaz, sob a forma de bomba, em que a energia fosse fornecida por uma rápida reação em cadeia de nêutrons num ou mais dos materiais conhecidos que apresentam fissão nuclear”. A meta, segundo Serber, podia ser alcançada nos dois anos seguintes. O projeto devia, por conseguinte, continuar.

Sem que os americanos soubessem, uma reunião de cientistas japoneses, em Tóquio, realizada um mês antes, chegara à conclusão de que, embora fosse possível a construção de uma bomba atômica, esta não poderia ser produzida por nenhum país beligerante em tempo útil antes do fim da guerra.

As mensagens Enigma alemãs revelavam, entretanto, atividade considerável no norte da saliência de Kursk, tendo uma entre tais mensagens sido decifrada no mesmo 15 de abril em que Hitler indicara aos seus generais planos precisos para a operação Cidadela. O ataque contra a saliência de Kursk, escrevia Hitler, “precisa ter uma vitória rápida e total”, de modo a assegurar aos alemães a iniciativa para a primavera e o verão. “A vitória em Kursk”, insistia Hitler, “deve ser um aviso para todo o mundo”.

Em 16 de abril, Churchill era informado de que a operação alemã incluía um ataque a partir da área de Smolensk-Orel, embora ainda não fosse claro se seria uma ofensiva militar maciça ou apenas um ataque aéreo limitado. Essa incerteza em breve se dissiparia, à medida que novas mensagens alemãs eram decifradas na Grã-Bretanha poucas horas após chegarem a Smolensk.

Em Smolensk, a atividade de guerrilheiros soviéticos atrás das linhas alemãs continuava sendo motivo de preocupação. Em 17 de abril, os alemães lançaram a operação Flauta Mágica, uma ofensiva com duração de uma semana contra guerrilheiros em ação nas proximidades de Minsk. De acordo com o que as mensagens ultrassecretas decifradas pelos britânicos tornavam evidente a cada dia, a operação afetava a movimentação de homens e de abastecimentos destinados ao exército de centro, cuja tarefa era atacar Kursk a partir do norte.



A fuselagem e a cauda do bombardeiro *Betty* do almirante Yamamoto, abatido em 17 de abril de 1943 como resultado de uma informação recolhida pelo Ultra, o escuta aliado das comunicações de rádio secretas alemãs, italianas e japonesas.

Para Hitler, o grande número de judeus na região também era um tema preocupante. Os governos italiano, finlandês e búlgaro haviam se recusado a aceder às exigências alemãs no sentido de deportar “seus” judeus para os campos alemães, e as estatísticas apresentadas na conferência de Wannsee, em janeiro de 1942, evidenciavam que havia ainda milhões de judeus dispersos pelos países da Europa sobre os quais a Alemanha não exercia controle direto. Em 17 de abril, Hitler debateu a questão com o regente húngaro, almirante Horthy, quando se encontraram no castelo de Klessheim, perto de Salzburg.

Os judeus, insistia Hitler, eram “meros parasitas”. Na Polônia, “tal situação foi resolvida”. Se os judeus não querem trabalhar, são abatidos; se querem trabalhar, sucumbem. “Devem ser tratados”, explicou Hitler, “como o bacilo da tuberculose que infecta um corpo saudável. Não se trata de crueldade quando nos lembramos de que até criaturas inocentes, como lebres e veados, são mortas embora não façam mal a ninguém”. As nações, advertia Hitler, “que não se livrarem dos judeus estão condenadas a perecer”.

Horthy resistiu a esses argumentos e pressões, dizendo a Hitler: “Os judeus não podem ser exterminados nem maltratados até a morte.” Dois dias mais tarde, sem que Horthy soubesse, 1.400 judeus foram deportados de Bruxelas para Auschwitz, seguidos, em 20 de abril, por mais 1.166 judeus tirados da Holanda. Os judeus, porém, apesar da tirania, da força bruta e das mentiras, resistiram, no princípio do mês, na cidade de Skalat, na Galícia Oriental, e, em 18 de abril, em Jaworow, onde 3.489 judeus foram mortos numa feroz retaliação alemã. No entanto, seria em 19 de abril que ocorreria a mais prolongada revolta judaica, no gueto de Varsóvia, no momento em que os alemães quiseram recomençar as deportações para Treblinka.

Com uma coragem que impressionou a todos, 1.200 judeus lutaram nas ruas, nos apartamentos, nos sótãos e nos esgotos; contra os judeus, que dispunham de apenas dezessete espingardas, os alemães trouxeram 2.100 homens armados com trinta metralhadoras pesadas, 69 metralhadoras ligeiras, 135 canhões submarinos, diversos morteiros e 1.358 espingardas. Apesar da desproporção, cerca de trezentos soldados alemães foram mortos, muitos por granadas artesanais, antes que a revolta fosse controlada, três semanas mais tarde.

Quando os alemães ocuparam o gueto, rua a rua, houve sete mil judeus mortos, além de outros sete mil deportados para Treblinka. Mais de dez mil judeus fugiram para a zona cristã de Varsóvia, embora uma terça parte deles tenha sido capturada pelos alemães ou denunciada.

Ao longo de abril de 1943, os alemães aceleraram as prisões e deportações de trabalhadores forçados na Europa ocupada. No início do mês, 248 mil pessoas eram obrigadas a trabalhar na construção da “muralha atlântica”. Outros foram deportados para trabalhar na Alemanha, onde eram obrigados a cumprir em média onze horas por dia, chegando a trabalhar doze horas diárias nas fábricas Krupp. Em caso de quebra de disciplina, os deportados podiam ser condenados a passarem quatro semanas sem o cartão de racionamento. No fim de abril, 1,293 milhão trabalhadores vindos do Ocidente trabalhavam em fábricas alemãs. Igualmente deportados para a Alemanha e internados em campos de concentração eram aqueles considerados inimigos atuais ou potenciais dos regimes de ocupação. De 250 mil franceses deportados para esses campos, somente 35 mil sobreviveram à guerra. Do mesmo modo, foram deportados e internados em campos de concentração 37 mil belgas, doze mil holandeses, seis mil luxemburgueses, 5.400 noruegueses e 5.200 dinamarqueses, tendo grande parte morrido em consequência das terríveis condições de cativeiro e devido a maus-tratos.

Na França, a detenção de resistentes ocorria, por vezes, após denúncias feitas por outros franceses. Um combatente da resistência, Olivier Giran, foi executado em 16 de abril. No dia de sua morte, escreveu aos pais:

Os homens são covardes, traidores, corruptos, mas a França é pura, limpa, viva. Sou feliz. Não morro por uma facção nem por um homem; morro por minha ideia de dever com a pátria e também convosco, meus adorados pais. Sou feliz. Amo vocês. Estão abrindo a porta. *Adieu.*

No Atlântico, os aliados colhiam os frutos de sua descoberta de uma nova chave do sistema Enigma usada pela marinha alemã. Em meados de abril, um comboio de navios mercantes escoltado por uma força anglo-americana foi atacado por submarinos alemães. Somente um barco do comboio foi afundado enquanto um submarino, o U-176, era destruído pelos aliados. Em 18 de abril, o diário de guerra do comandante da força

de submarinos registrou: “Magros resultados, conseguidos globalmente ao preço de grandes perdas, tornam desaconselháveis ações nessa área.” A vitória dos serviços de informações britânicos revelava-se decisiva.

Na Tunísia, os serviços secretos dispunham de dados precisos acerca dos planos de defesa italianos e alemães. Ainda assim, faltava conquistar as respectivas posições; em 19 de abril, em Takrouna, uma pequena força neozelandesa, integrada em sua maior parte por maoris, conquistou uma colina fortificada que dominava o campo de batalha. O assalto final contra a colina foi realizado por treze homens; um deles, o soldado H. Grant, fez sessenta prisioneiros italianos. Em outro ponto, um soldado maori, T. Heka, avançando sozinho e tendo dois tanques como “apoio” a grande distância, capturou um canhão antitanque e três metralhadoras, matou vários italianos e fez catorze prisioneiros. Tendo conquistado sua posição, Heka defendeu-a com êxito até a chegada de reforços. Por sua bravura, foi condecorado com a medalha de Serviços Distintos.

Na luta entre estados soberanos, numerosas minorias nacionais eram recrutadas, como os maoris, para combater ou trabalhar. Na Tailândia, os japoneses recorreram aos tamílios não como soldados, mas como trabalhadores. O coronel Dunlop registrou em seu diário, no campo de Konyu, em 22 de abril, que os homens “precisavam ser assistidos e morriam como moscas por pneumonia depois de expostos à umidade”. E acrescentou: “Era um triste espetáculo ver aqueles pobres destroços arrastando-se na lama de nossa estrada”, sob a guarda de soldados japoneses. “Trata-se de mais uma entre as horríveis e desoladoras migrações em massa corridas na guerra, ao longo de uma estrada de doença e de morte.”

Na Europa, a resistência deparava-se com represálias ininterruptas. Em 24 de abril, um organizador da recentemente criada milícia francesa, Paul de Gassovski, foi morto em Marselha. Menos de três semanas antes, em 7 de abril, um jornalista pró-nazista, Paul Colin, fora morto em Bruxelas; o assassino de Colin e seus dois cúmplices foram presos em 3 de maio, julgados no dia 6 e enforcados no dia 12 do mesmo mês; mais tarde, testemunhas da execução recordariam que a agonia dos condenados fora prolongada pelo uso de uma corda muito grossa para o

enforcamento; um homem morreu somente oito minutos após a abertura do alçapão. No teatro da execução, o forte Breendonk, uma fortaleza que rodeia Antuérpia, pelo menos 187 membros da resistência e seus auxiliares foram executados no decurso da guerra, muitos após prolongadas torturas.

Na Holanda e na Noruega, os resistentes também se mostravam ativos, arriscando-se à tortura e à morte caso fossem capturados, tal como acontecia com os comandos aliados. Em 29 de abril, seis comandos britânicos, chefiados por John Godwin, alferes da reserva de voluntários da marinha de guerra, eram levados a bordo de um torpedeiro, cruzando o mar do Norte, até a Noruega, onde, no fiorde de Haugesund, ao norte de Stavanger, puseram minas aderentes em navios alemães. Sendo apanhados, os seis homens foram mandados para o campo de concentração de Grini, perto de Oslo e, daí, pouco depois, para Sachsenhausen, ao norte de Berlim. Um comando, chamado Mayer, foi considerado judeu pelos alemães e separado dos companheiros: nada mais se soube sobre seu destino. Os outros cinco foram obrigados a marchar cinquenta quilômetros por dia, durante sete dias por semana, num recinto fechado, experimentando botas destinadas ao exército alemão. “Trocavam gracejos uns com os outros, desprezavam seus taciturnos guardas, sabiam que ganhariam a guerra e não se queixavam da sorte”, contam os narradores de sua aventura.

Em 26 de abril, no oceano Índico, a sudeste de Madagascar, um submarino alemão transferiu para um submarino japonês o dirigente do Exército Nacional indiano, Subhas Chandra Bose. Hitler não se entusiasmara pela causa de Bose, mas o Japão, sim. Ao fim de um ano, 25 mil prisioneiros de guerra indianos presentes nos campos de concentração japoneses ofereciam-se como voluntários para lutar, ao lado de seus carcereiros, contra os britânicos. “Quando eu aparecer em Bengala”, declarara Bose aos seus protetores japoneses, em novembro, “toda a população se revoltará”.

Em 30 de abril, num plano destinado a ludibriar os alemães, os britânicos iniciaram a operação Mincemeat, lançando, em pleno mar, ao largo da costa espanhola, um cadáver com documentos que indicavam que as

ações em curso contra a Sicília, como os recentemente intensificados ataques aéreos aliados contra as bases na ilha, eram uma manobra de diversão para disfarçar um plano real de desembarque na Grécia. Os alemães, julgando que se tratava de um oficial abatido durante um voo em direção ao norte da África, caíram na armadilha. Apenas duas semanas após o cadáver ter sido posicionado ao largo de Huelva, o alto-comando alemão, em Berlim, enviava suas mensagens “ultrassecetas” ao almirante que comandava as forças presentes nas águas gregas, informando-o, a partir de uma fonte de “absoluta confiança”, de que o “objetivo” dos aliados era um desembarque no Mediterrâneo Oriental, em Kalamata, e no cabo Araxos.

Os dois locais eram, realmente, mencionados nas cartas encontradas junto com o cadáver. O almirante alemão era exortado “a reforçar rapidamente as defesas nas regiões diretamente ameaçadas”, minando, por exemplo, a zona de Kalamata, e soube até mesmo o codinome para o desembarque grego, Husky, quando esse, na realidade, designava a operação de desembarque na Sicília. Até o codinome do plano aliado era usado para enganar os alemães.

A mensagem enviada para o almirante em código, dada sua natureza ultrasseceta, foi, por essa razão, inteiramente lida pelos britânicos em 14 de maio, tendo sido imediatamente enviado para Churchill, então em Washington, o seguinte telegrama: “‘Mincemeat’ engolida pelas pessoas certas, que, segundo as melhores informações, continuam a engoli-la.”

Para responder ao assalto inexistente contra a Grécia, Rommel foi mandado para o local, interrompendo sua licença na Alemanha. Algumas semanas depois, uma divisão armada completa, a 1ª Divisão Panzer, foi transferida da França para a Grécia e um grupo de torpedeiros alemães recebia ordens para deslocar-se da Sicília para o Egeu. As mensagens Enigma que relatavam essas decisões eram lidas na Grã-Bretanha e confirmavam que a mentira fora bem-sucedida.

Uma mensagem Enigma decifrada no fim de abril confirmou, igualmente, que os planos alemães para a frente oriental eram cortar as forças soviéticas na saliência de Kursk através de um movimento tenaz, desencadeado a partir de Orel, no norte, e de Kharkov, no sul, combinado com um terceiro ataque, a partir do leste, diretamente contra Kursk. Essas notícias foram transmitidas para Moscou em 30 de abril,

acompanhadas por estimativas, também baseadas em mensagens secretas alemãs, sobre os efetivos das divisões alemãs implicadas na operação.

No último dia de abril, os alemães deportaram dois mil judeus de Wlodawa para Sobibor. À chegada ao campo, os judeus, alarmados por uma súbita sensação de perigo, atacaram os guardas da SS com armas improvisadas, feitas com pedaços de madeira arrancados dos vagões. A luta era vã; os revoltados foram mortos por fogo de metralhadora ou por explosões de granadas. Como a revolta judaica no gueto de Varsóvia e como algumas outras centenas de resistências em outros guetos, tratou-se de uma luta desesperada, de uma autodefesa sem perspectiva de vitória. O mecanismo de tirania, embuste e assassinato em massa era demasiado forte. Os assassinos estavam fortemente armados e sua determinação destruidora encontrava-se profundamente enraizada em seu íntimo.

De resto, havia os lucros materiais envolvidos nessa enorme dilapidação de vidas humanas. Até 30 de abril, dizia Hans Frank num relatório enviado para Himmler, a partir da Carcóvia, 94 mil relógios de pulso masculinos, 33 mil relógios de pulso femininos, 25 mil canetas de tinta permanente e catorze mil lapiseiras haviam sido enviados para a Alemanha, junto com catorze mil pares de tesouras. Os relógios masculinos eram distribuídos entre os soldados na frente de batalha, as tripulações de submarinos e os guardas dos campos de concentração. Os cinco mil relógios “de fabricação suíça e da melhor qualidade”, assim como os relógios de ouro ou de platina ou incrustados com pedras preciosas, seriam enviados para o banco do Reich, para serem “fundidos” ou reservados para “utilização especial”.

Em 3 de maio, foi desencadeada, na Croácia, uma ação final de caça aos judeus que haviam escapado a prisões anteriores ou sido poupados. Entre os detidos, estava o Dr. Hugo Kohn, presidente da comunidade judaica de Zagreb, e o Dr. Freiburger, principal rabino de Zagreb e amigo pessoal do arcebispo Stepinac. Porém, nem a amizade de um arcebispo servia como salvaguarda; a despeito dos protestos da Igreja, todos os judeus presos foram deportados para Auschwitz. Na vizinha Bósnia, esse maio foi marcado pelo lançamento de uma dupla ofensiva contra guerrilheiros da resistência iugoslava, denominadas Negro I e Negro II;

as ações se prolongariam até meados de junho e levariam à morte centenas de resistentes.

A ofensiva empreendida pelos aliados sobre a Europa combinava ataques maciços, utilizando centenas de bombardeiros, e ataques especializados contra alvos isolados e definidos. Entre estes ataques, um ocorreu em 3 de maio, quando um piloto neozelandês, major Leonard Henry Trent, dirigiu doze aviões de uma unidade neozelandesa numa missão destinada a bombardear uma central elétrica nos arredores de Amsterdã. O avião de Trent foi o único a completar o objetivo: nove bombardeiros foram abatidos e outros dois foram forçados a voltar à Inglaterra. Trent atacou a central elétrica antes de seu avião ser, por sua vez, atingido. Tanto ele quanto seu copiloto sobreviveram e foram feitos prisioneiros, mas a história completa do ataque somente pôde ser reconstituída após o fim da guerra, quando, em 1946, Trent recebeu a cruz Victoria pela maneira determinada como conduziu a operação e por seu sentido de dever.

No Atlântico, a coragem dos marinheiros mercantes aliados e a eficácia de suas escoltas de guerra seriam recompensadas em maio, graças, também, ao êxito britânico na decifração de uma chave Enigma. O comboio ONS-5 começara sua rota transatlântica em 22 de abril, acompanhado por uma escolta de guerra comandada pelo capitão Peter Gretton. Tempestades desviaram os navios da rota estabelecida e, em 30 de abril, ainda navegavam em meio a temporais; mais tarde, em 4 de maio, o submarino alemão U-630, ao tentar um ataque, foi afundado por cargas de profundidade lançadas por um avião da força aérea canadenses. No dia seguinte, o submarino alemão U-192 seria destruído pela corvete *Pink*; mas, quando surgiram mais trinta submarinos prontos para atacar, nem o conhecimento antecipado desse fato pareceu capaz de ajudar as forças aliadas.

Na noite de 6 de maio, onze navios mercantes já haviam sido afundados. Um oficial da escolta, que nada sabia sobre os códigos e mensagens Enigma que permitiam determinar o movimento de submarinos alemães, escreveu em seu livro de bordo: “O comboio parece destinado a uma destruição inevitável.” Porém, a seguir, quatro submarinos alemães foram afundados numa sucessão rápida e, quando

outros 25 se preparavam para atacar, sendo conhecidas sua localização e sua movimentação, foi possível esquivar-se e perder somente mais um navio mercante.

Para o almirante Dönitz, a perda de quatro submarinos numa única operação era um desastre, agravado quando outros dois colidiram e se perderam. No entanto, o pior estava por vir. No comboio seguinte de Gretton, nenhum navio aliado foi afogado, mas cinco submarinos alemães foram destruídos, levando a vida do filho do almirante Dönitz.

A batalha do Atlântico tornara-se um desastre para os alemães. O mesmo acontecia na batalha de Túnis. Em 4 de maio, como resultado da leitura das mensagens Enigma, os contratorpedeiros britânicos conseguiram surpreender e afundar o grande navio mercante italiano *Campobasso*, que transportava combustível e munições para as forças do Eixo. No dia seguinte, também graças à leitura das mensagens Enigma, aviões americanos afundaram um segundo navio mercante a caminho de Túnis, o *San Antonio*, tendo sido estes os dois últimos navios mercantes a tentar abastecer as forças do Eixo já virtualmente cercadas.

Na madrugada de 6 de maio, o 1º exército britânico começou seu assalto final contra Túnis. No sul e no norte, as forças francesas e americanas juntaram-se ao ataque. No mesmo dia, bombardeiros aliados atacaram os principais portos na Sicília e o porto italiano Reggio di Calabria, terminal em terra da linha siciliana de ferry. Ainda no mesmo dia, tentando mostrar aos russos que a Grã-Bretanha também perdera vidas humanas na luta, o estado-maior britânico enviou ao estado-maior russo uma nota relativa a seus mortos entre 3 de setembro de 1939 e 31 de março de 1943. Contavam-se 38.894 soldados, 30.540 marinheiros de guerra, 23.588 homens da força aérea e mais de vinte mil marinheiros mercantes, num total de mais de 103 mil baixas, não contando os militares desaparecidos nem os civis vítimas de bombardeamentos aéreos.

Em 7 de maio, Túnis, capital da Tunísia, e Bizerta, o principal porto do país, eram conquistados. Alguns homens do Eixo conseguiram escapar retirando-se para a península do cabo Bon. Em 8 de maio, três navios italianos, carregando abastecimentos e combustível e tendo partido da Sicília para Hammamet, foram afundados pelos aliados. No mesmo dia, a força aérea alemã abandonou as bases aéreas que ainda dominava no

norte da África e deslocou-se para a Sicília. Em Berlim, ao mesmo tempo, Goebbels escrevia em seu diário:

O Führer afirma sua convicção inabalável de que o Reich governará, um dia, toda a Europa. Teremos de sobreviver a numerosos e grandes conflitos, mas estes conduzirão, sem dúvida, ao mais glorioso triunfo. E daí em diante, o caminho para a dominação do mundo ficará praticamente aberto à nossa frente. Porque quem dominar a Europa estará em condições de liderar o mundo.

Tal era a posição de Hitler em 8 de maio de 1943, dois anos antes de seus exércitos derrotados renderem-se entre as ruínas do Reich.

Em 9 de maio de 1943, as forças alemãs rendiam-se na Tunísia. No mesmo dia, as forças aliadas vitoriosas lançavam a operação Corkscrew, destinada a conquistar a ilha italiana de Pantelleria, marco na luta pela Sicília. Em Berlim, Rommel, obrigado a explicar-se sobre a derrota no norte da África, registrou em seu diário: “Sublinhei, perante o Führer e perante Goebbels, a escassa qualidade bélica italiana e sua relutância em lutar.”

As últimas áreas de resistência do Eixo, entre Hammamet e Kelebia, que ignoravam a rendição incondicional ocorrida dois dias antes, capitularam em 11 e 12 de maio. No total, 238.243 alemães e italianos incólumes foram feitos prisioneiros.

Em 12 de maio, Churchill e Roosevelt encontraram-se em Washington para analisar a futura estratégia dos aliados. No mesmo dia, uma força americana de onze mil homens desembarcou nas ilhas Aleutas, vencendo a decidida defesa de apenas 2.500 japoneses. A luta, como sempre, foi dura, enquanto a operação Landgrab expulsava os japoneses do solo americano. Dois dias depois, em 14 de maio, um submarino japonês torpedeou e afundou, no Pacífico, o *Centaur*, um navio americano claramente iluminado e sinalizado como navio-hospital; 268 homens a bordo, inclusive muitos severamente feridos em batalha, morreram afogados.

Em Washington, Roosevelt e Churchill concordaram sobre as ações aliadas seguintes: primeiro, a invasão à Sicília; segundo, a invasão à Itália; e, terceiro, atendendo à evolução da situação italiana, a invasão,

através do canal da Mancha, ao norte da Europa. Era evidente que muito ainda precisava ser feito, que seriam necessários novos planos e determinação renovada, mas um sentimento de triunfo pairava no ar. “É meu dever comunicar que a campanha em Túnis terminou”, telegrafava o general Alexander a Churchill, em Washington, em 13 de maio. “Toda a resistência inimiga cessou. Dominamos toda a costa do norte da África.”

Na mesma noite, os bombardeiros britânicos lançaram mil toneladas de bombas sobre Bochum, no Ruhr, num ataque aéreo que durou 45 minutos. Esses devastadores ataques aéreos não se depararam com alemães desprovidos de recursos, entre os quais o sistema de trabalho forçado, mobilizando milhares de franceses, holandeses, dinamarqueses, belgas, noruegueses, poloneses, eslovacos e judeus, colocados em fábricas espalhadas por toda a grande Alemanha e obrigados a trabalhar em condições duras e, muitas vezes, sobretudo para os judeus, de crueldade selvagem.

Em 13 de maio, enquanto Hitler, novamente em Rastenburg, esperava o início da operação Cidadela – o ataque alemão à saliência de Kursk –, seu ministro do Armamento, Albert Speer, foi visitá-lo, voando a partir de Berlim para comunicar-lhe que haviam sido registrados aumentos substanciais na produção de armamentos; ao longo dos quatro meses anteriores, a produção de tanques dobrara. “No outono”, disse Speer a Hitler, “recebemos instruções no sentido de produzir certas quantidades de armamento até 12 de maio. Hoje podemos comunicar que atingimos as quantidades pedidas e que, em certos casos, até mais”. Em 13 de maio, foi lançado também outro relatório, a que Goebbels se refere em seu diário. O documento vinha da Croácia, onde, na última ação lançada contra os resistentes, “foram mortos mais de treze mil rebeldes, contando-se, entre eles, grande número de intelectuais”.

Em 14 de maio, os estados-maiores britânico e americano, numa reunião em Washington, aprovaram a operação Pointblank – um bombardeamento anglo-americano a partir das bases britânicas. Seu objetivo era “destruir e desagregar progressivamente o sistema econômico e militar alemão e enfraquecer o moral do povo alemão de modo a diminuir irremediavelmente sua capacidade de resistência armada” para “permitir o lançamento de operações conjuntas no continente”.

Havia seis alvos a atacar na operação Pointblank: instalações de construção e bases de submarinos, fábricas aeronáuticas, fábricas de munições, centros de produção e de armazenamento de petróleo, fábricas de borracha sintética e de pneus e fábricas e armazéns de veículos. Os novos alvos deveriam ser atacados imediatamente, sem esperar o estabelecimento de uma programação complexa; no dia em que a operação foi decidida, os bombardeiros britânicos atacaram, à noite, a fábrica de munições Skoda, nas proximidades de Pilsen, no interior da grande Alemanha. “Entre outros alvos, foi destruída a sala de planejamento”, escreveu Goebbels em seu diário, na manhã seguinte, prosseguindo: “É um dano grave. Contudo, o número de aviões inimigos que abatemos foi enorme. Em 48 horas, os ingleses perderam 78 bombardeiros quadrimotores.”

Para Hitler, o maior perigo era a possibilidade de que a Itália fosse derrotada ou se desligasse do Eixo. “A Europa precisa ser defendida nas fronteiras”, disse Hitler aos seus generais, em 15 de maio, “e não podemos permitir que uma segunda frente seja aberta nas fronteiras do Reich”. Para garantir que os aliados se deparariam com resistência na Itália, tropas da operação Cidadela seriam deslocadas para o país.

Lentamente, de maneira quase imperceptível, a guerra de conquista e agressão dava lugar, para os alemães, a manobras de defesa e retirada. Ao mesmo tempo, não havia tréguas nos bombardeamentos quase diários contra o Reich; em 16 de maio, os britânicos desencadearam a operação Chastise contra as barragens em Möhne, Eder e Sorpe, que controlavam o nível da água na região do Ruhr.



Bombardeiros americanos *Liberator* lançam bombas incendiárias nos estaleiros do porto alemão de Kiel, em 14 de maio de 1943, enquanto, a uma altitude mais elevada, bombardeiros *Boeing* lançam explosivos. Este foi o primeiro dia da operação Pointblank.

Conduzido pelo major Guy Gibson, um entre os mais destacados pilotos da força aérea britânica, e utilizando bombas “saltadoras” especiais concebidas pelo Dr. Barnes Wallis, o ataque conseguiu rebentar duas barragens, causando grandes estragos, embora não a devastação prevista. Dezoito bombardeiros participaram da operação, cruzando o mar do Norte e a Holanda a baixa altitude. Durante o ataque, seis aviões foram abatidos na costa holandesa e outros dois sobre as barragens, tendo morrido 133 membros das tripulações. “Se eu soubesse”, disse Barnes Wallis ao saber sobre o acontecido, “não teria iniciado a operação”.

Na enchente provocada pela ruptura das barragens, morreram 1.268 pessoas, incluindo centenas de prisioneiros russos instalados num campo de trabalhos forçados. Pelo planejamento e condução do ataque, Gibson receberia a cruz Victoria. “O Führer está extremamente impaciente e irritado com a falta de preparação de nossa força aérea”, registrou Goebbels, em seu diário, em 18 de maio, e acrescentou: “Os estragos na produção ficaram acima do normal.” Para remediá-los, cinquenta mil trabalhadores da organização Todt, até então afetados à construção da “muralha atlântica”, foram transportados para o Ruhr enquanto eram trazidas armas antiaéreas para protegerem não apenas as barragens do Ruhr, mas outras existentes na Alemanha, embora nenhuma houvesse sido ameaçada.



A tripulação de um bombardeiro britânico *Lancaster* parte para um ataque aéreo sobre a Alemanha, uma fotografia publicada no *Picture Post*, em 15 de maio de 1943.

Por trás das linhas da frente oriental, na zona de Bryansk, os alemães lançaram, em 16 de maio, a operação Barão Cigano, uma ação antiguerrilheira que mobilizou cinco divisões de infantaria, uma divisão blindada e aviões que jogaram não apenas bombas, mas panfletos que convidavam os guerrilheiros restantes à rendição. Entre os seis mil resistentes presentes da região, 1.584 foram mortos e 1.568 foram capturados. Foram igualmente capturados 21 canhões de longo alcance e três tanques, mas, passadas poucas semanas após o fim da operação, os serviços secretos alemães calculavam que ainda havia pelo menos quatro mil guerrilheiros na região, incluindo quartéis-generais intactos.

O lançamento dessa operação alemã deu-se no dia em que o brigadeiro da SS Jürgen Stroop comunicava aos seus superiores que o gueto de Varsóvia já não existia. A revolta judaica, que começara em 18 de abril, terminara na noite de 16 de maio, como escreveu Stroop, com “a explosão da sinagoga de Varsóvia”. Além de catorze mil judeus mortos em combate ou enviados para Treblinka, outros 42 mil foram internados em campos de trabalho no distrito de Lublin. Graças aos serviços prestados, Stroop recebeu a cruz de ferro de Primeira Classe.

Cerca de seis meses passaram-se desde que um bombardeiro americano com base na Grã-Bretanha, o *Memphis Belle*, efetuara sua primeira incursão sobre a Europa ocupada. Em 15 de maio, partiu para sua terceira missão de bombardeamento contra a Alemanha; passados dois dias, num ataque contra a base de submarinos de Lorient, na costa atlântica da França, seria o primeiro bombardeiro americano com base na Grã-Bretanha a completar 25 missões de guerra. Quando o *Memphis Belle* se preparava para regressar aos Estados Unidos, sua tripulação recebeu condecorações de combate; a cena foi filmada para que as imagens integrassem um filme em cores sobre a vida a bordo de um bombardeiro, a ser exibido nos Estados Unidos. O tema central do filme seria o ataque contra Wilhelmshaven, em 15 de maio, mas haveria também outra sequência dramática, em que outro bombardeiro, atingido por baterias antiaéreas alemãs, caía enquanto os membros da tripulação saltavam, um a um, com paraquedas. Outra sequência do filme mostrava um bombardeiro regressando de uma suposta missão de combate, com parte

da cauda destroçada. Na verdade, os estragos na cauda do avião não haviam sido causados pelo fogo antiaéreo alemão, mas por uma colisão com outro bombardeiro americano sobre o canal da Mancha.

Embora o filme expressasse intensamente os riscos e os perigos enfrentados pelas tripulações de bombardeiros, passariam onze meses antes que o filme *Memphis Belle* estivesse pronto para o lançamento. “Sua mensagem decisiva é que as ameaças e os perigos continuarão, portanto teremos de bombardear o inimigo até o fim.”

Em 17 de maio, dia em que o *Memphis Belle* completava sua vigésima quinta missão, a direção do esforço de guerra aliado viu-se consideravelmente reforçada por um acordo anglo-americano quanto à troca de todas as informações disponíveis em ambos os lados do Atlântico. A decifração padronizada de mensagens Enigma, C 38m e Púrpura recebeu o codinome Ultra.

Progressos rápidos ocorreram em maio de 1943, que prosseguiriam com a quebra de muitos códigos através do Geheimschreiber alemão, um teletipo secreto. Quebrar esses sistemas de comunicação vitais foi, de certa forma, mais formidável do que decodificar o sistema Enigma, porque o teletipo era utilizado pelas maiores autoridades militares alemãs, portanto os resultados alcançados não eram menos importantes. Tendo o código Enigma como primeiro triunfo, o sistema de decifração Ultra era agora uma potente arma aliada para guerrear e antecipar perigos.

Como resultado do acordo firmado em 17 de maio, os criptógrafos americanos foram a Bletchley para estudar os métodos britânicos enquanto os técnicos britânicos eram enviados a Washington, a fim de participarem da leitura das mensagens japonesas. Mais de cinco mil pessoas trabalhavam em Bletchley e nos serviços anexos; a seção naval dos serviços de informações, que antes contava com um quadro de 24 membros, passara a ter um total de mil efetivos.

Outros milhares trabalhavam em estações de interceptação nas ilhas britânicas, onde mensagens altamente sigilosas transmitidas por estações de rádio do Eixo eram interceptadas. Havia também estações de interceptação além-mar, inclusive em Socotra e nas ilhas Maurício, no oceano Índico, em Brisbane, na Austrália, e em Abbottabad, no norte da Índia, que capturavam sinais japoneses.



A bomba “saltadora” britânica num teste de lançamento.



O efeito da bomba “saltadora” em ação: a barragem de Möhne no Rur, em 16 de maio de 1943.

Associados a essa tarefa ultrassecreta trabalhavam professores universitários, linguistas, matemáticos – pessoas de ambos os sexos, naturais da Grã-Bretanha e refugiados alemães –, constituindo um exército clandestino cujas incursões pelos planos de atividades e pelos projetos do Eixo eram comunicadas aos responsáveis pela definição tática e estratégica dos aliados.

Na terceira semana de maio, Hitler deu instruções para a formação de uma legião antibolchevique integrada por prisioneiros de guerra britânicos. “Eles devem participar”, escreveu Goebbels em seu diário, em 18 de maio, “como voluntários, na luta contra a União Soviética”. Buscaram-se interessados nos campos, mas o número de voluntários, a maior parte formada por aqueles que desejavam apenas trocar suas vidas de prisioneiros por uma forma de existência menos dura, foi pequeno: de 1.500 homens previstos, menos de cinquenta chegaram a combater os russos. Não era, contudo, a frente russa, mas o perigo iminente da abertura de uma frente italiana, o que preocupou Hitler ao longo dessa semana. Em 18 de maio, ele deu ordens tão secretas que não chegaria a colocá-las numa diretiva para o lançamento da operação Alarico, referente à ocupação da Itália caso a aliada fosse derrotada ou se rendesse. Para a preparação da operação, nomeou Rommel, ordenando-lhe que reunisse onze divisões que pudessem realizá-la.

Em maio, Churchill encontrava-se novamente nos Estados Unidos, trabalhando na coordenação da política de guerra anglo-americana em vista do momento decisivo que seria a invasão à Europa ocupada através do canal da Mancha. Dirigindo-se aos participantes de uma reunião em Washington, em 19 de maio, Churchill previniu: “O inimigo continua orgulhoso e forte. É difícil vencer. Ainda possui enormes exércitos, vastos recursos e territórios estrategicamente preciosos.” Havia, continuou Churchill, “um grave perigo”, que era o “indevido” prolongamento da guerra, porque, como explicou:

Ninguém pode prever as dificuldades e os perigos que resultarão de mais quatro ou cinco anos de guerra. E é no prolongamento de uma guerra de custos imensos até que as democracias se sintam cansadas, desanimadas e vencidas que residem, atualmente, as maiores esperanças da Alemanha e do Japão.

A fim de tentar evitar a continuação da guerra por mais quatro ou cinco anos, Churchill e Roosevelt estabeleceram, em 19 de maio, uma data para o desembarque através do canal da Mancha, que não deveria ocorrer depois de 1º de maio de 1944, quaisquer que fossem os problemas ou possibilidades criados pela invasão à Itália e que deveria mobilizar 29 divisões, salvaguardando-se ainda a possibilidade de integração de uma divisão francesa às tropas.

Paralelamente a essa deliberação anglo-americana, as forças guerrilheiras de Tito, na Iugoslávia, lutavam contra 34 divisões alemãs e italianas; para encorajá-lo em sua luta e para realizar com suas forças “ações conjuntas de sabotagem” que mantivessem as forças italianas e alemãs presas na região, os britânicos lançaram a operação Typical, em 22 de maio, lançando uma pequena força britânica, com paraquedas, na montanha onde Tito tinha seu quartel-general. A força era chefiada pelos capitães Stuart e Deakin e contava com dois radiotelegrafistas, os sargentos Wroughton e Rosenberg. Deakin fora assistente de Churchill antes da guerra. Rosenberg era um voluntário judeu vindo da Palestina; mais tarde, recordaria como a missão em que participara chegou ao solo durante uma batalha, estando toda a região cercada por forças alemãs que tinham “ordens explícitas para matar todos os resistentes e, além deles, civis e animais – tudo o que aparecesse na região deveria ser aniquilado”.

Essa operação alemã recebera o nome de Negro. Contra os dezesseis mil guerrilheiros, os alemães enviaram 67 mil homens seus, 43 mil italianos e onze mil croatas. “As tropas devem atuar contra as populações hostis”, determinavam as ordens, “sem consideração e com a mais brutal severidade e devem negar ao inimigo todas as possibilidades de sobrevivência, mediante a destruição das aldeias abandonadas e a captura dos recursos existentes”. Apesar de perdas consideráveis, os resistentes iugoslavos suportavam-se com tenacidade; a brutalidade alemã sobre os civis de aldeias que apoiaram a resistência servira apenas para reforçar a resolução não apenas dos próprios guerrilheiros como de todos os habitantes submetidos ao domínio alemão.

A brutalidade dos ocupantes foi, na realidade, medonha. Oito dias depois do início da operação Negro, uma unidade de combate sua emitiu

a seguinte diretiva: “Agora que o cerco está fechado, nenhum homem saudável deverá sair vivo.” Entre os 498 prisioneiros que os alemães fizeram durante certa ação, 411 foram executados. Ao longo dos combates e nas matanças realizadas em centenas de aldeias e lugares próximos, foram mortos dezesseis mil iugoslavos.

Em 22 de maio, enquanto a missão britânica se juntava aos guerrilheiros de Tito que lutavam para escapar à rede formada pela operação Negro, os alemães lançavam, na Rússia branca, a operação Cormorão, destinada a prolongar-se por um mês e a varrer os guerrilheiros soviéticos da zona da estrada de ferro Minsk-Borisov. Os guerrilheiros haviam sido tão eficazes em sua luta e reduzido a tal ponto o volume de abastecimentos que chegavam às formações alemãs na frente que soldados de Hitler foram obrigados a deslocar algumas unidades da frente para tentar garantir a segurança ao longo das estradas e ferrovias.

No Atlântico norte, os ataques de submarinos alemães contra navios mercantes aliados continuavam, embora os aliados detivessem a chave Enigma utilizada pela marinha de guerra inimiga. Durante os primeiros 22 dias de maio, foram destruídos 31 submarinos alemães. Em 23 de maio, os aviões dos porta-aviões americano *Bogue* e britânico *Archer* repeliram um ataque contra o comboio HX 239, afundando mais dois submarinos inimigos. A ação do *Archer* representou o primeiro grande sucesso na utilização de projéteis lançados de ar para mar.

Para o almirante Dönitz, os dois afundamentos garantiam o fim do que pouco antes fora o campo de batalha mais favorável aos alemães e mais perigoso para os aliados. Em 24 de maio, Dönitz ordenou que os submarinos se retirassem da zona dos comboios navais aliados no Atlântico norte. Porém, após os submarinos serem chamados às suas bases francesas, oito ainda foram afundados – seis deles no golfo de Biscaia – enquanto se dirigiam para as docas.

Nenhum revés marítimo alemão parecia poder deter os horrores da Nova Ordem nazista. Foi em 24 de maio, data em que Dönitz reconheceu seu fracasso no Atlântico norte, que um novo médico da SS chegou a Auschwitz. Chamava-se Josef Mengele e havia pouco completara 32

anos. Impelido pelo desejo de avançar em sua carreira graças à publicação de trabalhos científicos, o Dr. Mengele começou a realizar experiências médicas em judeus, que procurava nos alojamentos do campo e levava para seu bloco hospitalar. Em muitos casos, num total de vários milhares em dezoito meses de atividade, Mengele serviu-se do tratamento médico como pretexto para matar prisioneiros, injetando-os fenol, petróleo, clorofórmio ou ar ou ordenando que seus subordinados o fizessem.

Quando chegou a Auschwitz, Mengele reuniu-se aos outros oficiais e médicos da SS, entre os quais o Dr. Clauberg e o Dr. Kremer, para efetuar a “seleção” dos judeus que chegavam de toda a Europa. Com um movimento de mão ou com um chicote, indicavam os “incapazes para o trabalho” e, portanto, condenados à morte nas câmaras de gás, incluindo todas as crianças, velhos, doentes, adultos enfraquecidos ou deficientes e mulheres grávidas.

Entre maio de 1943 e novembro de 1944, Mengele participou de pelo menos 74 seleções como essas e pelo menos 31 seleções na enfermaria do campo, condenando à morte por bala, injeção ou gaseamento judeus cujas forças haviam sido minadas pela fome, pelo trabalho escravo, por doenças não medicadas ou maus-tratos. Sempre vestido com jaleco médico imaculado e usando luvas brancas em suas seleções assassinas, Mengele era conhecido entre os judeus de Auschwitz como “o anjo da morte”.

No dia 25 de maio, mais 2.862 judeus eram deportados da Holanda para o campo polonês; no fim do mês, o total de judeus holandeses em Auschwitz era superior a oito mil, além de mais de dois mil judeus croatas de Zagreb, dez mil judeus gregos de Salônica e 395 judeus vindos de Berlim.

Em 26 de maio, a morte chegou para os ciganos em Auschwitz. Havia sido trazidos do campo de Bialystok dois meses antes, mas declarara-se uma epidemia de tifo em seus alojamentos. Para o Dr. Mengele, tifo não era uma doença a ser tratada, mas um motivo para extermínio; nesse dia, os 1.042 ciganos instalados no campo foram conduzidos às câmaras de gás. Na lista com seus nomes presente no livro de registros do campo foram colocadas as iniciais “SB” para *Sonderbehandlung* ou “tratamento especial”.

As decisões tomadas em Casablanca e Washington relativas aos bombardeamentos contra a Alemanha e à sua intensificação mostraram-se especialmente eficazes na noite de 24 de maio, quando bombas britânicas atingiram Dortmund, “provavelmente no pior ataque contra uma cidade alemã”, como Goebbels escreveria, no dia seguinte, em seu diário, dizendo que as fábricas industriais e de munições “foram duramente atingidas”. E, à laia de comentário, continuou: “Somente podemos repetir acerca da guerra aérea que estamos numa situação de inferioridade quase desesperadora e que teremos de suportá-la até o dia em que pudermos vingar-nos dos americanos e dos ingleses.” Os alemães que viviam em regiões mais ocidentais, acrescentava Goebbels, “começam a perder a coragem. É difícil suportar um inferno assim, especialmente quando se pensa que os habitantes da zona do Reno e do Ruhr não veem quaisquer possibilidades de melhoria”.

No mesmo dia, em Washington, Roosevelt e Churchill falavam à imprensa. Roosevelt disse aos jornalistas que a combinação de ataques diurnos e noturnos contra a Alemanha, realizados pelos americanos e britânicos, dava “resultados cada vez mais satisfatórios”.

As armas aéreas, disse Churchill aos jornalistas, “foram as escolhidas para subjugar o mundo inteiro. Foram as armas com que atacaram em Pearl Harbor. Foram as armas com que [os alemães] se gabaram de aterrorizar todos os países do mundo. E é um belo exemplo da justiça poética que sejam as armas que mais os ferem e que primeiro os feriram no decurso da luta”.

“A primeira quebra no Eixo” (Roosevelt)

Verão de 1943

No que se refere aos aspectos científicos da guerra aérea, o dia 26 de maio constituiu um marco duplo. Em Washington, Roosevelt concordou com o pedido de Churchill no sentido do restabelecimento de um intercâmbio anglo-americano de informações relativas à bomba atômica, que fora interrompido durante mais de um ano, dada a existência de desconfianças recíprocas; de agora em diante, retomada a colaboração entre os dois países, as investigações seriam tarefa comum “para a qual ambos contribuiriam como melhor fossem capazes”. No mesmo dia, em Peenemünde, na costa báltica, Albert Speer, depois de presenciar uma série de experiências, aprovou a continuação de projetos para uma bomba de longa distância não pilotada – mais tarde conhecida como V1 – e para um míssil-bombardeiro – V2.

Tanto as armas secretas anglo-americanas quanto as alemãs estavam em fase de experimentação; em 27 de maio, porém, a guerra nos ares deu um novo passo quando o centro de comando dos bombardeiros britânicos ordenou que aparelhos e pilotos estivessem a postos para a operação Gomorra, visando à total destruição de Hamburgo por meio de um “ataque contínuo”. Entretanto, durante um ataque aéreo noturno britânico contra Wuppertal, em 29 de maio, foram mortos 2.450 civis alemães e 118 mil pessoas ficaram sem teto.

Em 28 de maio de 1943, a tentativa americana de reconquista da ilha de Attu, tomada pelos japoneses, levou a um clímax sangrento quando as forças ocupantes, reduzidas a mil homens, lançaram contra os sitiados um ataque suicida. Quinhentos japoneses foram mortos. Depois, na manhã de 30 de maio, os sobreviventes suicidaram-se em massa, utilizando granadas de mão, deixando aos americanos a posse da ilha e

apenas 28 prisioneiros feridos. Em 31 de maio, os soldados americanos vasculharam a ilha à procura de sobreviventes japoneses. Encontraram apenas cadáveres. Ao longo de três semanas de combates, haviam morrido seiscentos americanos e 2.500 japoneses.

A vitória americana na ilha de Attu chegou enquanto, na França ocupada, desenvolviam-se grandes esforços para reunir todos os grupos da resistência sob um comando unificado. Com esse objetivo, Jean Moulin saltara de paraquedas sobre a França havia mais de um ano. Em 27 de maio, finalmente alcançou seu objetivo. Numa reunião secreta realizada em Paris, catorze líderes da resistência, representando oito movimentos, aceitaram a direção suprema do general De Gaulle. Um mês depois, contudo, Jean Moulin era preso pela Gestapo. Terrivelmente torturado, não denunciou um só nome; morreu, com o corpo desfeito onze ao fim de onze dias quando era transportado, em estado de inconsciência, para um campo de concentração na Alemanha.

A guerra total lançara, por toda a parte, centenas de milhares de pessoas em campos onde guardas e administradores em nada objetavam a morte de prisioneiros. Notáveis, sob esse ponto de vista, foram os campos ligados à construção da estrada de ferro da Tailândia. Ao registrar a primeira morte no campo de Hintok, do soldado E. L. Edwards, em 2 de junho, o coronel Dunlop escreveu em seu diário: “Deus sabe que anjo protegeu-nos, dada a terrível mortalidade em todos os outros campos, de um e de outro lado dessa linha férrea, que parece ser construída com ossadas.” Um camarada dissera a Dunlop: “Esse homem foi morto pelos japoneses tanto quanto se o houvessem fuzilado.” O campo de Konyu, observava Dunlop, era “realmente um campo de extermínio àquela altura – ao menos uma morte por dia e, recentemente, cinco mortes diárias. Os prisioneiros precisam mergulhar em fossos sombrios e úmidos, partindo para o trabalho ao nascer do sol, depois de prepararem o arroz da manhã, e regressando à noite, ao fim de um dia esgotante de chuva e lama”.

Em 2 de junho, a força aérea alemã lançou uma série de ataques contra Kursk; no dia seguinte, a aviação russa atacava as formações alemãs em Orel. Em Argel, assistiu-se no dia seguinte ao fim de uma conferência

entre Churchill e os chefes militares anglo-americanos, tendo sido decidida a operação Tidal Wave, que consistiria no bombardeamento dos campos de petróleo romenos em Ploesti. Foi também aprovado o bombardeamento das estações de trem para transporte de mercadorias em Roma, que, na opinião do general Marshall, deveria “ser realizado por uma poderosa força de aviões”.

Para os alemães, havia cada vez mais dificuldades atrás das linhas; em 3 de junho, lançavam a operação Cottbus contra guerrilheiros soviéticos na região de Polotsk-Lepel-Borisov. Em Clermont-Ferrand, na França, uma força da resistência atacou, também em 3 de junho, a fábrica de pneus Michelin, destruindo mais de trezentas toneladas de pneus.

Os alemães combatiam o inimigo no interior de suas linhas com a mesma energia que batalhavam na frente. Durante a operação Cottbus, cinco mil camponeses russos, incluindo numerosas mulheres e crianças, foram mortos porque guerrilheiros encontraram abrigo na vizinhança de suas aldeias. Paralelamente, foram capturadas 492 espingardas numa área onde se encontravam alguns milhares de resistentes em ação: em 5 de junho, um relatório alemão observava, alarmado, que nas zonas de maior atividade guerrilheira havia pistas onde aviões bimotores podiam aterrissar, trazendo homens e armas, e evacuar entre quinze e vinte feridos por voo.

A Solução Final continuava sendo promovida dia a dia. Em 3 de junho, soldados alemães descobriram 150 judeus escondidos num *bunker* sob os escombros do gueto de Varsóvia; o lugar foi destruído. Na povoação de Michalowice, dois guerrilheiros poloneses, Stefan Kaczmarek e Stanislaw Stojka, foram fuzilados por abrigarem três judeus. Passados dois dias, os 150 prisioneiros judeus foram abatidos a tiros num campo de trabalho, em Minsk Mazowiecki, perto de Varsóvia, que foi, então, encerrado.

Na Europa ocupada, as linhas de evasão para aviadores aliados asseguravam a possibilidade de centenas de homens escaparem às mãos dos alemães, regressando à Grã-Bretanha para, por fim, voltarem à luta, por vezes poucas semanas após serem derrubados. Em 7 de junho, porém, um desastre atingiu uma entre as principais linhas de fuga, a rede Cometa, no momento em que cinco aviadores ingleses e um aviador americano se encontravam em Paris, com dois membros de sua

organização – Frederic de Jongh e Robert Ayle. Denunciados por um jovem francês de 22 anos, Jacques Desoubrie, os seis aviadores foram levados para campos de prisioneiros e os dois membros da rede de evasão, para calabouços da Gestapo, onde seriam abatidos.

No total, Jacques Desoubrie seria responsável pela prisão de cinquenta resistentes franceses e belgas, tendo quase todos sido executados. Além das execuções, a esterilização era outro meio de combate à revolta e à destruição daqueles que não tinham lugar na Nova Ordem. Em 7 de junho, data de denúncia da rede Cometa, o professor Clauberg informou a Himmler de que o método de esterilização de mulheres em grande escala, por meio de raios X, que experimentara em Auschwitz, dera “provas concludentes”. Clauberg escrevia:

Posso agora responder à pergunta que me fez quase um ano atrás acerca do tempo que seria necessário para esterilizar mil mulheres. Não está longe a data em que poderei dizer que um médico, com talvez dez auxiliares, conseguirá efetuar centenas, senão mil, esterilizações por dia.

Não faltavam vítimas que servissem como cobaias nessas experiências: em 8 de junho, mais de oitocentos judeus gregos foram deportados de Salônica para Auschwitz, seguidos, no final do mês, por mil judeus de Paris, dois mil judeus da cidade silesiana de Dabrowa Gornicza e por todos os judeus da residência para idosos da cidade tchecoslovaca de Moravska Ostrava. Os judeus sobreviventes na Alemanha também eram detidos; ao longo de junho, setenta judeus de Nuremberg, 57 judeus de Wurzburg e dezoito judeus de Bamberg foram enviados para Auschwitz.

Em Lyon, o chefe da Gestapo local, Klaus Barbie, iniciou, em 6 de junho, sessões de interrogatório e tortura que se prolongariam por cinco dias a uma moça de 13 anos, Simone Legrange, cuja família fora denunciada por um vizinho, acusada de esconder judeus. Mais tarde, toda a família seria enviada para Auschwitz, onde o pai de Simone Legrange seria abatido a tiro diante da menina, e a mãe, enviada para a câmara de gás ao ser flagrada recolhendo algumas folhas de couve descartadas. “Mortos ou deportados”, disse Klaus Barbie a um dirigente judeu em Lyon sobre os homens que prendera, “não há diferença”. Também não

havia “diferença” quando as vítimas eram membros da Resistência Francesa; em 9 de junho, em Paris, a Gestapo prendeu Alexandre Rochais, então com 56 anos, chefe da 6a Seção da resistência em Paris. Deportado para Buchenwald, seria assassinado três meses mais tarde. Hoje, na rua St. André des Arts, uma lápide assinala a casa onde Rochais foi capturado.



DE TÚNIS À SICÍLIA, MAIO A JULHO DE 1943.

Na Iugoslávia sob ocupação alemã, o capitão Stuart, um entre os oficiais britânicos enviados para reunirem-se aos resistentes iugoslavos, foi morto durante um ataque aéreo ao quartel-general de Tito em 9 de junho. Na noite seguinte, as forças da operação Negro cercaram Tito, seu estado-maior, um batalhão de guarda e os três membros sobreviventes da missão britânica. Ao quebrarem o cerco, Tito e um oficial britânico, Bill Deakin, foram feridos; na operação, morreram mais de cem resistentes. O objetivo alemão, porém, não foi cumprido; as forças de Tito haviam escapado ao cerco e continuariam a combater.

* * *

Em 11 de junho, após dez dias de bombardeamentos aéreos e marítimos, as tropas britânicas baseadas em Túnis lançaram a operação Corkscrew, desembarcando na pequena ilha italiana de Pantelleria. A guarnição italiana rendeu-se imediatamente. Na tarde seguinte, depois de um intenso bombardeamento aéreo e naval, a guarnição italiana na ilha de Lampedusa também apresentava sua rendição incondicional. Uma terceira ilha, Linosa, rendeu-se em 13 de junho enquanto, na mesma data, uma ilha desabitada, Lampione, era ocupada pela marinha britânica. Já não havia qualquer obstáculo militar entre os aliados na Tunísia e a invasão à Sicília, programada para a segunda semana de julho.

Nos campos de trabalho para prisioneiros de guerra ao longo da estrada de ferro Birmânia-Tailândia, a eclosão de uma epidemia de cólera somou-se às dificuldades e aos perigos. “Soube”, escreveu em seu diário o coronel Dunlop, em 13 de junho, “que ontem morreram 130 soldados britânicos instalados no campo do outro lado da estrada. A doença limitou-se a apressar o fim de homens já marcados pela morte”.

A confiança de Hitler na possibilidade de conservar seu domínio sobre a Europa não era inteiramente partilhada por seus subordinados, sequer pelos dirigentes da SS, cujo chefe supremo, Himmler, decidiu, no verão de 1943, iniciar a destruição completa das provas de extermínio em massa de judeus e prisioneiros de guerra soviéticos. O método escolhido foi o envio de destacamentos especiais para cada local de execução de

massa, encarregados de desenterrar e queimar os corpos. A operação, que poderia exigir mais de um ano de atividade intensa, foi atribuída a um coronel da SS, Paul Blobel, que comandara um esquadrão de extermínio na Rússia ocupada. O grupo especial de comando no 1.005, também conhecido como comando de Blobel, começou sua tarefa nas valas de Lvov, em 15 de junho, data em que centenas de trabalhadores judeus do campo de concentração vizinho de Janowska foram levados às valas e obrigados a desenterrar os cadáveres em putrefação. Antes que os corpos fossem queimados, os judeus receberam ordens para retirar os dentes e anéis de ouro que ainda sobrassem. “Todos os dias”, recordou um entre os poucos sobreviventes do comando de Blobel, “recolhíamos cerca de oito quilos de ouro”.

No dia em que o comando de Blobel começava seu macabro trabalho em Lvov, o chefe da Inspeção de Campos de Concentração alemães, general Richard Glueks, visitou Auschwitz. Não ficou inteiramente satisfeito com o que viu, tendo reparado que as câmaras de gás, descritas em seu relatório como “construções especiais”, não se encontravam bem localizadas; assim, ordenou que fossem transferidas para outro ponto, onde não estivessem expostas aos olhares de “qualquer pessoa”. Como resultado da observação de Glueks, plantou-se um “cinturão verde” de árvores de crescimento rápido em volta dos dois crematórios mais próximos à entrada do campo.

No dia do relatório de Glueks, um novo campo de trabalho era inaugurado nas minas de carvão de Jaworzno, próximas a Auschwitz. No dia seguinte, Himmler autorizou que oito judeus de Auschwitz, condenados à morte por atividades de resistência, fossem enviados para o campo de concentração de Pachsenhausen, próximo a Berlim, para servir como cobaias em experiências destinadas ao estudo da icterícia. Cinco dias mais tarde, em benefício daquilo que Himmler chamava de interesse da “ciência médica”, 73 judeus e trinta judias eram enviados de Auschwitz para o campo de concentração de Natzweiler, na Alsácia. Quando chegaram a Natzweiler, suas “estatísticas vitais” foram verificadas. Depois, foram executados, e seus esqueletos, mandados para os mostruários do Museu Anatômico de Strasbourg.

A quatrocentos quilômetros a ocidente de Natzweiler, no triângulo Orléans-Étampes-Chartres, ao sul de Paris, um membro da Resistência

Francesa preparava-se para a sabotagem de alvos telegráficos e ferroviários utilizados pelos alemães. Em 16 de junho, era enviada à França, para unir-se a ele, uma operadora de transmissões sem fio. Chamava-se Noor Inayat e era uma princesa indiana, descendente direta do sultão Tippoo, que falava igualmente francês e inglês. Tendo recebido o codinome Madeleine, realizou um trabalho inestimável até que, presa após uma denúncia, foi morta em Dachau, em setembro de 1944.

Doravante, era um sentimento de urgência, não somente de ódio, que movia a política racial alemã. Ao mesmo tempo em que o comando de Blobel começava sua tarefa de destruição das provas de assassinatos em massa, o ritmo dessas atividades era acelerado. “Em resposta às minhas informações acerca do problema judeu”, registrou Himmler em Obersalzberg, em 19 de junho, “o Führer declarou que a evacuação dos judeus, independentemente das dificuldades que possa provocar nos próximos três ou quatro meses, deve ser implacavelmente mantida e levada até o fim”.

Na Galícia Oriental, mais de vinte mil judeus foram mortos, durante junho de 1943, assassinados em campo aberto ou em valas após as câmaras de gás de Belzec interromperem seu funcionamento para permitir que o comando de Blobel queimasse os cadáveres, esmagasse os ossos com uma máquina especial e dispersasse suas cinzas; quando o grupo de trabalhadores do comando de Blobel, inteiramente constituído por judeus, foi enviado para Sobibor, seus membros, receando serem gaseados, tentaram fugir da estação de trem, mas foram todos abatidos a tiro.

Em 20 de junho, os bombardeiros britânicos lançaram a operação Bellicose, o primeiro ataque aéreo de “ida e volta” durante a guerra. Deixando suas bases na Grã-Bretanha, os bombardeiros atacaram as fundições de aço de Friedrichshafen, no sul da Alemanha, antes de se dirigirem às bases na Argélia; depois, em seu voo de regresso para a Grã-Bretanha, bombardearam a base naval italiana de La Spezia. Sem que os britânicos soubessem, as instalações de Friedrichshafen albergavam também a linha de montagem dos projéteis V2, destinada à produção

média de trezentas unidades por mês. O bombardeamento foi tão eficaz, porém, que a linha de montagem foi abandonada.

Entre Friedrichshafen e La Spezia, outro ataque aéreo foi lançado contra a cidade industrial alemã de Wuppertal; houve não somente danos enormes nas fábricas, interrompendo sua produção por quase dois meses, como foram mortos pelas bombas cerca de três mil civis; os próprios jornais britânicos comparariam o caso com o do ataque aéreo alemão a Coventry, quando haviam sido mortos 568 civis e registrara-se uma interrupção de um mês na atividade produtiva.

Todos os dias assistiam a novos ataques aéreos contra a Alemanha; em 22 de junho, a aviação americana atacou uma fábrica de borracha sintética em Huls, no Ruhr, deixando-a inutilizada por meses.

No Pacífico, os fuzileiros navais americanos alargavam lentamente o raio de suas operações, desembarcando, em 22 desse mês, na ilha de Woodlark, no arquipélago Trobriand, e reforçando, na mesma data, as unidades anteriormente desembarcadas na ilha da Nova Geórgia. Na sequência de seu êxito em Woodlark, forças americanas desembarcaram na ilha de Kirwina, a maior nesse arquipélago, na noite de 23 de junho. Passada uma semana, o general MacArthur desencadeava a operação Cartwheel, com uma série de ambiciosos ataques anfíbios que objetivavam retomar Rabaul. No mesmo dia, as tropas americanas desembarcavam na ilha de Rendova. Praia a praia, ilha a ilha, a reconquista do Pacífico começara. Em quase todos os casos, os japoneses resistiram como se defendessem seu solo natal, e sua força aérea conheceu alguns sucessos, tendo afundado, em 30 de junho, o navio de transporte de tropas americano *McCawley*. Contudo, no final do mês, os aliados haviam consolidado seu domínio no mar das ilhas Salomão.

Na terceira semana de junho, Churchill ordenou que a entrega de abastecimentos aos guerrilheiros de Tito tivesse prioridade “até sobre os bombardeamentos contra a Alemanha”. Os recursos aéreos necessários para enviar cinco toneladas de armas e de equipamentos, no intervalo de um mês, aos resistentes iugoslavos seriam, disse Churchill ao estado-maior britânico em 23 de junho, um “pequeno preço a pagar” pela

fixação de tropas alemãs e italianas promovida pela resistência iugoslava. “É essencial que a luta continue”, insistia Churchill.

Em 23 de junho, enquanto Churchill intervinha com toda a sua autoridade a favor da intensificação do auxílio aos guerrilheiros de Tito na Iugoslávia, Hitler, em Obersalzberg, justificava a deportação dos judeus em resposta a um protesto de Henrich von Schirach, filha de seu fotógrafo, Heinrich Hoffman, e esposa do governador de Viena, Baldur von Schirach, que, numa visita recente a Amsterdã, vira judeus serem colocados em vagões de trem. O espetáculo, dissera ela a Hitler, era “horrível”. Então, ela perguntava ao Führer: “Sabe o que se passa? E autoriza-o?” Como réplica, Hitler disse à mulher do governador Schirach: “Eles são levados para trabalhar e não há razão para lamentarmos enquanto nossos soldados lutam e morrem nos campos de batalha.” Mais tarde, Hitler acrescentaria: “Deixe-me dizer uma coisa. Trata-se de um problema de equilíbrio.” Junto à frase, ele abriu as mãos, uma para cada lado, como se fossem pratos de uma balança. “A Alemanha perdeu quinhentos mil de seus filhos mais perfeitos no campo de batalha. E eu terei de conservar e defender esses outros homens? Quero que alguma coisa de nossa raça sobreviva por mil anos.”

A injunção final de Hitler – “Você precisa aprender a odiar!” – era reveladora. Passados dois dias, mil judeus eram deportados de Czystochowa para Auschwitz. Da melhor maneira possível, os membros da Organização de Combate Judaica, conduzidos por Mordechai Zylberberg e Lutek Glickstein, distribuíram entre seus homens as poucas armas de que dispunham e mandaram-nos ocupar certas posições fixadas em casamatas. Porém, os alemães atacaram os *bunkers* e a maior parte dos judeus foi morta. Seu grupo estava mal armado: os alemães capturaram trinta granadas, dezoito pistolas e duas espingardas. Seis combatentes judeus, comandados por Rivka Glanc, foram isolados pelos alemães, dispondo apenas de duas pistolas e uma granada. Todos os seis foram mortos.

Também em 25 de junho, os alemães lançaram a operação Seydlitz contra os guerrilheiros soviéticos próximos a Dorogobuzh, um centro de comunicações decisivo para o reabastecimento e a chegada de reforços

alemães, situado nas imediações da linha de frente. Nessa noite, na França ocupada, o agente britânico Michael Trotobas, conhecido como capitão Michel, dirigiu um ataque contra uma fábrica alemã de locomotivas em Fives, nos arredores de Lille. “A tarefa precisa ser feita com habilidade, não com força”, disse Trotobas ao pequeno grupo de resistentes sob seu comando. Este, após entrar nas instalações, conseguiu instalar 24 poderosas cargas magnéticas explosivas. Triunfante, Trotobas enviaria uma mensagem para Londres: “Missão cumprida.”

Naquele junho, os bombardeiros britânicos, naquela que seria conhecida como batalha do Ruhr, lançaram quinze mil bombas sobre o inimigo em vinte noites de ataques. Em 27 de junho, o representante australiano no Gabinete de Guerra britânico, Richard Casey, convidado de Churchill naquele fim de semana, escrevia em seu diário que, “durante a exibição de um filme que mostrava o bombardeamento de povoações alemãs [filmagens eram feitas durante os ataques aéreos], numa cena impressionante”, Churchill levantara-se repentinamente, “perguntando: ‘Somos animais? Estamos indo longe demais?’”

Casey não hesitou. “Respondi-lhe que não começáramos aquilo e que as coisas se resumiam a nós ou eles.” Na noite seguinte, os bombardeiros britânicos atacaram Colônia e as cidades italianas de Livorno e Messina. Seriam os ataques à Itália e à Sicília, não ao Ruhr, que teriam impacto mais imediato sobre a estratégia alemã. Receando a derrota ou a rendição da Itália, a força aérea alemã deslocou duas forças operacionais do sul da Rússia para a Itália. Os britânicos souberam da movimentação através de uma mensagem Enigma.

Os próprios russos começavam a explorar o sistema Enigma alemão, após capturarem, em junho, um código utilizado pela força aérea alemã e um aparelho Enigma pertencente à marinha de guerra inimiga. Numa reunião realizada em Murmansk, peritos dos serviços de informações soviéticos e britânicos analisaram a melhor utilização para as mensagens aéreas e navais inimigas decifradas. Pouco depois, os britânicos ofereciam aos russos um aparelho Enigma capturado aos alemães e um livro de instruções relativas à sua utilização, embora sem indicação sobre o modo de funcionamento das chaves.

Numa mensagem difundida por rádio em 30 de junho, Churchill falou sobre o iminente ataque contra a Itália e sobre interrogações italianas acerca dessa data. “Não compete a nós aliviar os italianos de suas ansiedades e incertezas”, disse Churchill, referindo-se também à “aterradora tirania e crueldade” com que os exércitos alemães, “seus *Gauleiters* e torturadores adjuntos” afligiam quase toda a Europa e declarando:

Quando sabemos, todas as semanas, sobre execuções em massa de poloneses, noruegueses, holandeses, tchecoslovacos, franceses, iugoslavos e gregos; quando vemos esses antigos e honrados países, cujas tradições e costumes a Europa herdou, vergados sob o implacável jugo estrangeiro e quando vemos seus patriotas lutarem com maior decisão e desespero a cada semana, ficamos certos de que nossa espada é a espada da justiça e ficamos resolvidos a usá-la com a máxima firmeza até a vitória plena.

Em 1º de julho, Hitler regressou ao seu quartel-general em Rastenburg, e no mesmo dia, numa ordem enviada aos responsáveis pela operação Cidadela, fixou a data de 4 de julho para o início do ataque contra a saliência de Kursk. A grande Alemanha, explicava Hitler, “precisa ser defendida muito além de suas fronteiras”. O princípio era bastante simples: “Onde estivermos, ficaremos”; quer se tratasse da Rússia, da Sicília, da Grécia ou de Creta.

Numa última tentativa antes do ataque a Kursk, no sentido de eliminar a atividade de guerrilheiros atrás de suas linhas, os alemães lançaram, em 2 de julho, a operação Günther, na região de Smolensk. Dois dias depois, Hitler mandou uma mensagem aos soldados na saliência de Kursk: “Hoje, vocês participarão de uma ofensiva tão importante que dela pode depender todo o futuro da guerra. Mais do que tudo, sua vitória demonstrará a todo o mundo que é inútil resistir ao poder do exército alemão. Depois, à 1h10 de 5 de julho, duas horas e vinte minutos antes do começo previsto da ofensiva alemã contra Kursk, os russos abriram fogo de artilharia sobre posições avançadas alemãs e suas linhas de artilharia. A iniciativa causou grandes estragos, enfraqueceu a capacidade de ataque do inimigo e retirou-lhe o fator surpresa. Por fim, às 3h30, conforme o estabelecido, a ofensiva alemã começou.

Ao longo de uma frente de 320 quilômetros, a batalha pela saliência de Kursk absorvia todas as energias militares, força material e esperanças, de ambos os lados, enquanto seis mil tanques – tratava-se da maior batalha entre tanques da história – e quatro mil aviões entravam em combate. Para Hitler, era preciso colmatar uma brecha relativamente pequena na frente. Para Stálin, era preciso resistir e manter sua posição.

O heroísmo individual continuava a manifestar-se na guerra sangrenta e sórdida. Em 6 de julho, um piloto soviético, tenente Aleksei Gorovets, viu-se isolado, no ar, contra vinte aviões alemães. Decidindo atacar, abateu o avião que comandava o grupo inimigo e mais oito aparelhos alemães. Por fim, sem que Gorovets percebesse, quatro caças alemães atacaram-no por cima, abatendo-o juntamente com seu avião. Gorovets recebeu postumamente o título de Herói da União Soviética.



A BATALHA PELA SALIÊNCIA DE KURSK, JULHO DE 1943.

Na madrugada de 10 de julho, cinco dias após o início da batalha em Kursk e enquanto seu desfecho permanecia uma incógnita, as forças aliadas desembarcaram 160 mil homens e seiscentos tanques na costa da Sicília, sob um bombardeamento naval intenso. Mais uma vez, houve atos individuais de heroísmo. Um oficial britânico, major Richard Lonsdale, que saltara de paraquedas, pousou muito para o interior devido ao vento forte e, à frente de seus homens, enfrentou, na posição avançada onde caíra, sucessivos ataques alemães antes de obrigar os atacantes a se retirarem. Por sua tenacidade, receberia uma medalha por Serviços Distintos.

Nessa noite, as forças britânicas entraram em Siracusa, a primeira cidade italiana a ser arrancada ao governo do país. Entretanto, na Europa ocupada, as notícias acerca desse primeiro êxito aliado no continente eram motivo de regozijo e esperança. Em 11 de julho, no gueto de Kovno, Avraham Golub, que fora advogado na Lituânia, escreveu em seu diário:

Ontem à tarde, o ambiente no gueto era excelente. A rádio britânica difundira a notícia da invasão à Sicília pelos exércitos aliados. A novidade, trazida por operários que voltavam da cidade, espalhou-se imediatamente por todo o gueto. A todos parecia que o fim era breve; nossos corações ficaram cheios de alegria. Todos consideravam a invasão à Sicília um acontecimento excepcional, anunciando nossa libertação. Os otimistas falavam numa rendição da Itália num futuro próximo, em desentendimentos entre as forças italianas e os exércitos alemães e no fiasco da nova ofensiva alemã na Rússia.

E Golub continuou: “Os judeus, é claro, ocuparam-se ao máximo com a criação de planos para os exércitos aliados.”

Em 12 de julho, os russos tiveram de enfrentar sua prova mais séria em toda a batalha, quando, em Prokhorovka, opuseram novecentos tanques a um ataque de novecentos tanques alemães; as máquinas alemãs incluíam cem tanques Tigre, muito superiores, sob diversos aspectos, ao modelo T-34 russo. O oficial russo responsável pela defesa da linha, P. A. Rotmistrov, lembraria, mais tarde: “O terreno estava escuro e esquentava devido ao grande número de tanques incendiados como tochas.” Em dado momento da batalha, referiu-se Rotmistrov, “o comandante de um T-34 fora tão ferido por uma granada que penetrara o tanque e o incendiara,

depois teve de ser trazido para fora e deitado no fundo de uma cratera. Nesse momento, um tanque Tigre aproximou-se do T-34 enquanto o condutor deste, Aleksandr Nikolaiev, voltava para seu carro atingido e punha-se em movimento contra o tanque alemão. O T-34 atravessou o terreno como uma bola de fogo; o Tigre deteve-se, mas era tarde demais. O T-34 incendiado esbarrou a toda a velocidade no Tigre alemão e a explosão fez a terra tremer.”

Ao cair da noite, a “carnificina de Prokhorovka” terminou. Trezentos tanques alemães, entre os quais setenta unidades Tigre, ficaram no campo de batalha. Um número ainda maior de tanques russos fora destruído. Contudo, o assalto alemão fora contido. No mesmo dia, a norte do campo de batalha principal, os russos lançaram a operação Kutzov contra Orel, para forçar os alemães a dividirem suas forças e tirarem sua possibilidade de enviar reforços de Orel para Kursk. Embora avançando lentamente, esse novo ataque soviético mostrou como a capacidade de ter iniciativas táticas e estratégicas, ao fim de dois anos de guerra no Leste, passara dos invasores para os defensores da Rússia; doravante, seria o Exército Vermelho quem mais atacaria.

Muito atrás das linhas, os massacres alemães prosseguiram; em 12 de julho, na aldeia de Michniow, a polícia e forças do exército alemão mataram todos os duzentos habitantes, incluindo crianças pequenas e mulheres grávidas, numa nova ação visando ao aniquilamento do sentimento patriótico polonês. No dia seguinte, na aldeia de Sikory Tomkowiet, perto de Bialystok, um destacamento militar alemão executou 48 camponeses, inclusive catorze crianças, por não entregarem os produtos agrícolas que as aldeias eram obrigadas a fornecer aos ocupantes.

No Pacífico, trinta mil soldados americanos enfrentavam, nas ilhas Salomão, o fanatismo dos defensores japoneses. Na Sicília, tropas americanas, britânicas e canadenses avançavam para o norte contra uma vigorosa oposição alemã e italiana. No Atlântico, ações navais e aéreas anglo-americanas levavam ao afundamento de sete submarinos alemães no intervalo de 36 horas, “um recorde em tão curto tempo”, como disse Churchill a Roosevelt em 14 de julho.

Nesse dia, tornou-se evidente que o ataque alemão contra Kursk sairia caro aos seus autores. Mais de três mil soldados alemães haviam sido mortos, e três mil tanques, destruídos. Os russos haviam capturado um surpreendente total de cinco mil veículos motorizados, 1.392 aviões e 844 canhões. Milhares de soldados russos, porém, foram mortos, mas, assegurando a posição de Kursk, os soviéticos mostravam-se em condições de frustrar até uma operação alemã de objetivos relativamente limitados. Chamando seus marechais Von Kluge e Von Manstein a Rastenburg, Hitler comunicou-lhes que a operação Cidadela seria interrompida.

Enquanto o Führer decidia, pela primeira vez, abandonar uma ofensiva após apenas oito dias, os russos tinham mais uma iniciativa, quando o supremo comando soviético proclamou, em 14 de julho, a abertura de uma “guerra das estradas de ferro” contra todo o sistema ferroviário alemão, em ambos os lados da linha de frente. Seis dias mais tarde, na região de Bryansk, Orel e Gomel, centenas de quilômetros de via férrea eram inutilizados pelos russos.

Além da resistência, a retribuição entrava na ordem do dia, com a abertura, em Krasnodar, ainda em 14 de julho, do primeiro julgamento russo contra crimes de guerra; onze alemães foram acusados de assassinato em massa de civis soviéticos durante sua ocupação da região. Oito acusados foram condenados à morte e executados. O julgamento, acompanhado por diversos jornalistas ocidentais, trouxe à tona dados reveladores acerca da escala e da natureza das atrocidades nazistas, pondo em evidência o uso dos “furgões da morte”, nos quais as vítimas eram trancadas e gaseadas. Foi provado, durante o processo, que cerca de sete mil civis foram mortos por esse meio na região de Krasnodar. “Homens, mulheres e crianças”, afirmou-se no tribunal, “foram indistintamente colocados nos furgões”, junto com a maior parte dos doentes internados no hospital local. “Os pacientes gravemente doentes”, declarou uma testemunha, “foram trazidos em macas e os alemães, depois, empurraram-nos para o furgão”. O veículo seguiu a caminho de uma vala antitanque especialmente cavada, situada nos arredores da cidade. Quando o furgão chegou ao local, todos os passageiros estavam mortos. Os cadáveres foram jogados na vala.

Enquanto decorria o julgamento em Krasnodar, operações de extermínio do mesmo tipo, que tanto impressionaram aos observadores ocidentais, continuavam. Em 18 de julho, duzentos judeus transformados em trabalhadores forçados eram mortos na cidade polonesa de Miedzyrzec Podlaski e, dois dias depois, acontecia o mesmo a outros quinhentos, em Czestochowa. Ainda durante julho, dois mil judeus foram deportados de Paris para Auschwitz e outros 1.500 judeus saíram do campo de Malines, onde havia milhares de judeus belgas internados, para encontrá-los. Na luta dos alemães contra os guerrilheiros, em que tantos camponeses morreram vítimas de ações exemplares e represálias, o dia 15 de julho assistiu ao lançamento da operação Hermann, uma ofensiva que duraria um mês e que foi desencadeada entre Vima e Polotsk contra focos de resistência.

Na Sicília, as forças alemãs que defendiam o aeroporto de Biscari infligiram pesadas baixas aos americanos durante três dias até serem obrigadas a retirar-se. Num combate final, em 14 de julho, depois de doze soldados de infantaria americanos serem feridos, um grupo de 36 italianos, alguns à paisana, rendeu-se. Por ordem do comandante da companhia americana, foram obrigados a alinhar-se junto a uma ravina, onde foram fuzilados. No mesmo dia, outra companhia de infantaria americana fez prisioneiros 45 italianos e três alemães, enviando-os, sob escolta, para a retaguarda, a fim de serem interrogados. Após percorrerem cerca de dois quilômetros, o sargento que chefiava a escolta mandou que os prisioneiros parassem. Em seguida, disse que mataria os “filhos da mãe”, pegou uma metralhadora e abateu os prisioneiros.

Quando o general Bradley soube sobre o incidente, comunicou-o ao general Patton; este lhe deu instruções para “dizer ao oficial responsável pelos fuzilamentos que atestasse que os homens mortos eram francoatiradores, que tentaram fugir ou qualquer outra coisa. Seja como for, os prisioneiros estão mortos e não podemos fazer nada”. Bradley recusou-se a seguir as instruções de Patton e, em consequência, os dois militares americanos foram julgados em tribunal marcial – o sargento Horace T. West foi declarado culpado e condenado a prisão perpétua enquanto o capitão John T. Compton foi absolvido. Seguiram-se

protestos que acusavam o tribunal de discriminação contra patentes inferiores, fazendo com que o sargento West fosse libertado ao fim de um ano de prisão e voltasse à ativa. Nessa altura, o capitão Compton havia sido morto em combate.

Sobre a saliência de Kursk, a bravura dos pilotos soviéticos incluía feitos legendários. Um entre esses pilotos, Alexei Maresyev, perdera as duas pernas após ser ferido em combate, quando, após seu avião ser abatido sobre território ocupado pelos alemães, conseguiu, ao longo de dezoito dias, rastejar até as linhas soviéticas e evitar ser capturado. Combateram em Kursk, igualmente, os pilotos franceses do esquadrão Normandia, tendo muitos morrido em combate enquanto seu comandante, major Jean-Louis Tulasne, abatia 33 aviões alemães.

Em 16 de julho, os alemães começaram a retirar-se de Kursk. Na Sicília, as forças alemãs recuavam em direção à Catânia. No mesmo dia, Roosevelt e Churchill endereçaram um apelo ao povo italiano, exortando-o a escolher “se queria morrer por Mussolini e por Hitler ou viver pela Itália e pela civilização”. Três dias depois, em 19 de julho, enquanto bombardeiros americanos atacavam entrepostos para trens de mercadorias em Roma, Hitler deslocava-se pela Itália para encontrar-se com Mussolini em Treviso e explicar-lhe, durante duas horas, como lutar contra os aliados. “O Duce é incapaz de atuar como Hitler deseja”, escreveu Rommel em seu diário após um encontro com o Führer em 20 de julho, continuando: “Comandarei nossas forças na Grécia, incluindo as ilhas, para, no devido momento, estar em condições de avançar sobre a Itália.” Porém, a colocação de Rommel na Grécia não era uma medida destinada apenas a salvar a Itália; a contraespionagem alemã continuava a acreditar que era a Grécia, não a Sicília, o verdadeiro alvo das estratégias aliadas.

Na Sicília, a vitória dos aliados tornou-se sensivelmente mais próxima em 22 de julho, quando tropas americanas entraram em Palermo, principal cidade na costa norte. Dois dias depois, em Roma, o Grande Conselho Fascista, num gesto de desconfiança em relação a Mussolini, pedia ao rei Victor Emanuel que assumisse o “comando efetivo” das

forças armadas italianas, exigindo ainda que as responsabilidades da coroa e do Parlamento fossem “imediatamente restauradas”.

A mais antiga ditadura do Eixo era, assim, minada. No intervalo de 24 horas, Mussolini foi informado pelo rei de que o governo italiano fora depositado nas mãos do marechal Badoglio.

Benito Mussolini, que governava Itália desde 1922, era repentinamente, e ao que parece sem apelo, destituído de seus poderes. E, mais, de forma humilhante, uma ambulância levou-o precipitadamente de Roma para a ilha de Ponze a fim de “salvaguardar sua pessoa contra a hostilidade pública”.

Em 24 de julho, enquanto a Itália conhecia uma revolução brusca e sem derramamento de sangue, Leningrado sofria o bombardeamento de artilharia mais pesado da guerra; 210 pessoas morreram, incluindo dezenas que se encontravam a bordo de um ônibus elétrico na ponte de Liteiny. Na Grã-Bretanha, o número de civis mortos em consequência de bombardeamentos alemães durante julho foi de 167. Na noite do dia 24, por sua vez, os bombardeiros britânicos desencadearam uma primeira fase da operação Gomorra contra Hamburgo, lançando 2.300 toneladas de bombas incendiárias e explosivas num intervalo de poucas horas – um montante que equivalia à soma das bombas lançadas durante os cinco mais pesados ataques aéreos alemães contra Londres. “Toda a cidade de Hamburgo parece em chamas”, anunciou a rádio Berlim na manhã seguinte. Mais de 1.500 civis alemães foram mortos. Esse não era, porém, o fim das dificuldades vividas em Hamburgo durante esse mês; apoiando a operação Gomorra, que continuava a devastar Hamburgo noite após noite, a 8ª Divisão Aérea americana lançou a operação Blitz Week, realizando 1.672 incursões sobre o norte da Alemanha, que incluíram ataques duplos contra Hamburgo, Kassel e Kiel.

No primeiro dos ataques contra Hamburgo, os britânicos utilizaram um dispositivo antirradar até então secreto, chamado Window, que consistia em folhas de alumínio de quase trinta centímetros lançadas de bombardeiros enquanto voavam para seus alvos e enquanto regressavam para confundir os radares alemães por meio de uma verdadeira tempestade de “aviões” em seus mostradores. Em resultado, somente doze entre os 791 bombardeiros participantes no ataque de 24 de julho foram derrubados. De acordo com a média de baixas anteriores, pode

dizer-se que o dispositivo Window salvou, portanto, entre setenta e oitenta aviões britânicos e inúmeras vidas.

Para Hitler, o êxito dos bombardeamentos aliados integrava-se a um quadro mais vasto de condições que pioravam a guerra para os alemães. Em primeiro lugar, fora-lhe negada a vitória em Kursk; em segundo, o ditador de Roma caíra; e, por fim, em terceiro, havia a destruição ininterrupta de cidades alemãs. Em 26 de julho, Hitler era forçado, preparando a transferência de forças para a Itália, a ordenar que o marechal Von Kluge começasse a evacuar as tropas em Orel. “A verdade é que todo o movimento fascista se desfez como uma bola de sabão”, dissera o general Jodl a Hitler nesse dia.

Tanto o rei da Itália quanto o marechal Badoglio, sucessor de Mussolini, haviam declarado que a Itália se manteria com os alemães, mas sua promessa não tranquilizou aqueles em Rastenburg. “A despeito da proclamação do rei e de Badoglio”, escreveu Rommel em seu diário, em 26 de julho, “devemos esperar que a Itália desista da luta ou que, pelo menos, os britânicos ocupem grandes zonas no norte desse país”. Quanto à evolução da guerra, Rommel acrescentou: “Os americanos ocuparam, entretanto, a metade ocidental da Sicília e avançam pela ilha.”

Hitler, em circunstâncias extremamente desfavoráveis e vendo-se obrigado a suspender as ofensivas na frente oriental, com as quais esperara vingar a humilhação sofrida em Stalingrado, precisava, nesse momento, decidir-se sobre as operações militares a empreender na Itália. De repente, o perigo estava na Europa Ocidental, às portas da retaguarda da Alemanha. Em Rastenburg, Hitler aprovou, em 27 de julho, a operação Folha de Carvalho, destinada a libertar Mussolini, e a operação Estudante, destinada a ocupar Roma e a reimplantar o governo do ditador na cidade, com a esperança de contrariar, assim, um desembarque aliado ao norte, de acordo com os receios de Rommel, em Livorno ou até em Gênova.

Para os aliados, os acontecimentos da última semana de julho eram um bom presságio. “As forças conjuntas e em cólera de nossa humanidade”, disse Roosevelt ao povo americano durante sua “Conversa à Lareira” difundida em 28 de julho, “encontram-se a caminho. Avançam – na frente russa, na vasta extensão do Pacífico e na Europa –, convergindo sobre seus alvos finais, Berlim e Tóquio”. Quanto aos acontecimentos na

Itália, Roosevelt observou: “Houve a primeira quebra nas forças do Eixo. O criminoso e corrupto regime fascista italiano está sendo feito em pedaços.”

Na noite de 27 de julho, as últimas forças japonesas na ilha de Kiska, nas Aleutas, retiraram-se; decidiram não batalhar. Na ilha da Nova Geórgia, contudo, os japoneses, decididos a não ceder, continuavam a batalhar por cada posição ocupada, obrigando os americanos a pedir reforços no dia seguinte. Todavia, por toda a parte, os japoneses se retiravam ou eram forçados a recuar.

Nos céus da Alemanha, as primeiras horas de 28 de julho presenciaram o auge da operação Gomorra contra Hamburgo, onde haviam morrido 1.500 civis durante o ataque aéreo britânico quatro dias antes. O ataque em 28 de julho, embora tenha durado apenas 43 minutos, foi diferente de todos os que o precederam ao longo de mais de três anos de bombardeamentos aéreos. “Os incêndios em Hamburgo nessa noite”, lembraria um tenente-aviador britânico, “foram notáveis por não se verem vários fogos, mas apenas um. Em meio à escuridão, erguia-se uma cúpula turbulenta de chamas vermelhas que brilhavam e ardiam como o coração de um braseiro imenso. Não vi chamas nem contornos de edifícios; apenas um fogo brilhante ardendo como uma enorme tocha amarela contra um fundo cinzento e avermelhado. Por cima da cidade, pairava uma espécie de nuvem rubra. Olhei para baixo, fascinado, mas aflito, satisfeito, mas horrorizado. Nunca vira um fogo assim e nunca voltaria a ver algo parecido”.

Uma predominância mortal de bombas incendiárias entre as 2.326 toneladas lançadas numa noite pouco úmida, sobre uma cidade cujo serviço de luta contra incêndios ainda não se recuperara dos esforços que fora obrigado a realizar quatro dias antes, levaram a um fenômeno novo na história da guerra aérea, descrito pelo Departamento de Bombeiros de Hamburgo como uma “tempestade de fogo”. O operário de uma fábrica, que lutou contra o incêndio em seu local de trabalho nessa noite, recordaria:

Então, começou uma tempestade, um uivo estridente na rua. A coisa transformou-se num furacão tão formidável que perdemos toda a esperança de dominar o fogo. Parecia

que nos limitávamos a jogar uma gota de água numa pedra a arder. O pátio, o canal e tudo até onde a vista alcançava eram apenas um mar de chamas imenso e maciço.

No centro da tempestade de fogo, levantou-se um vento que arrancava as árvores pela raiz. As chamas, propagadas nele, queimaram vinte quilômetros quadrados a partir do centro da cidade durante oito horas de inferno. Pela manhã, mais de 42 mil civis alemães estavam mortos. Esse número ultrapassava o total de civis britânicos mortos durante toda a Blitz.

Mais de 35 mil edifícios de habitação, um terço dos existentes em Hamburgo, ficaram totalmente destruídos. Porém, em poucas semanas, a produção da cidade superaria níveis estabelecidos antes das tempestades de fogo.

Às primeiras horas de 29 de julho, Churchill e Roosevelt falaram por telefone acerca das iminentes negociações em vista de um armistício com a Itália, para o que haviam sido encetados contatos secretos. “Não queremos adiantar”, disse Churchill a Roosevelt, “quaisquer termos concretos de um armistício antes que ele nos seja pedido explicitamente”. Ao que Roosevelt replicou: “De acordo.” “Podemos esperar mais um ou dois dias”, continuou Churchill, com o que Roosevelt voltaria a concordar. Os dois dirigentes políticos discutiram, a seguir, o problema dos prisioneiros de guerra britânicos na Itália, tentando impedir sua transferência para aquilo que Churchill chamaria “a terra do Huno”. A esse respeito, contataria o próprio rei, explicou o primeiro-ministro, e Roosevelt aceitou fazer o mesmo.

Essa conversa telefônica, que revela como os aliados estavam a um passo de conseguir que a Itália abandonasse a guerra, foi interceptada pelos serviços secretos alemães e apresentada a Hitler na manhã de 29 de julho. Mais tarde, na manhã seguinte, foi-lhe comunicada uma mensagem do chefe da polícia de segurança alemã em Zagreb, Siegfried Rasche, dizendo que o chefe do estado-maior italiano, general Roatta, confiara a um general croata que “as garantias de Badoglio visavam simplesmente ganhar tempo antes da conclusão das negociações com o inimigo”.

Na mesma manhã, Hitler recebeu outras más notícias. No terceiro ataque da operação Gomorra contra Hamburgo, dirigido principalmente às zonas de subúrbios, morreram oitocentos civis, incluindo 370 pessoas que pereceram asfixiadas num abrigo subterrâneo abaixo de um armazém de carvão que se incendiara durante o ataque. Se mais três ou quatro cidades fossem bombardeadas como acontecera a Hamburgo, disse Albert Speer a Hitler, seria “o fim da guerra”.

O destino do esforço de guerra alemão parecia ser desgraça atrás de desgraça; em 31 de julho, Churchill informou a Roosevelt que 85 submarinos alemães haviam sido destruídos ao longo de 91 dias anteriores. Na Rússia, a “guerra das estradas de ferro” atrás das linhas alemãs intensificou-se nos primeiros dias de agosto de 1943, tendo os guerrilheiros soviéticos colocado 8.600 cargas explosivas ao longo dos trilhos usados pelo exército central. Em 1º de agosto, no contexto da operação Tidal Wave, 177 bombardeiros americanos atacaram, a partir de suas bases do norte da África, a cidade romena de Ploesti, destruindo quarenta por cento das instalações de tratamento de petróleo. Para Hitler, a perda desse petróleo, não muito grave em si mesma, uma vez que bastaram alguns dias para que fosse retomada a produção nas quantidades requeridas pela Alemanha, era, em todo o caso, um prenúncio de desastres futuros. Para os americanos, o resultado pouco consolava a perda de 54 bombardeiros e de 532 homens das respectivas tripulações. Porém, mais vinte ataques aéreos foram realizados e a operação conseguiu, finalmente, parar a produção petrolífera de Ploesti doze meses mais tarde.

Ainda em 1º de agosto, a aviação japonesa atacou a base naval da patrulha ligeira americana na ilha de Rendova do arquipélago Salomão, matando dois homens. O objetivo do ataque era travar as ações dos americanos contra quatro contratorpedeiros que levavam cargas de abastecimento essenciais às forças japonesas em Vila, na ponta sul da ilha Kolombangara. Afrontando o perigo, quinze barcos de patrulha saíram de Rendova na mesma noite, mas não conseguiram deter nem atingir os contratorpedeiros, ainda que tenham disparado várias vezes sobre eles. Durante a operação, um barco americano, PT-109, foi atacado

pelo contratorpedeiro *Amaqiri* e desfeito em duas partes. A explosão causada pelo choque foi tão violenta que os outros barcos americanos julgaram que o PT-109 fora destruído e, voltando a Rendova, suas tripulações prepararam uma cerimônia em memória dos companheiros perdidos.

Contudo, a tripulação do barco sobrevivera e, após cinco horas de provação, que os náufragos passaram agarrados a uma pesada viga do navio destruído, aportaram numa pequena ilha de corais. Durante a noite, um entre os onze sobreviventes da tripulação decidiu avançar a nado no mar, com a esperança de obter socorros de algum barco que passasse por ali durante a noite. O nome desse homem era John Fitzgerald Kennedy. Como nenhum barco apareceu, Kennedy decidiu voltar à ilha, mas a corrente afastou-o do trajeto. De qualquer forma, Kennedy conseguiria regressar, embora adoecendo a seguir. Dois dias mais tarde, ele e seus companheiros decidiram nadar até uma ilha maior, na realidade Cross Island, que pensaram ser a ilha de Nauru. Então, dois naturais das ilhas Salomão concordaram em levar uma mensagem para o sul; Kennedy raspou, então, numa casca de coco, uma mensagem: “Ilha de Nauru. Indígena conhece posição. Sabe pilotar. Onze vivos precisam barco pequeno.”

Kennedy esperava que a mensagem chegasse a um dos vigilantes da costa australiana, que, trabalhando para os serviços de informações aliados e correndo perigo, mantinham sob observação a grande extensão de praias não protegidas nas cadeias de ilhas da Nova Guiné e Salomão e que, ao mesmo tempo, dependiam em grande medida da boa vontade dos nativos. A esperança de Kennedy concretizou-se; o coco foi entregue ao tenente Arthur Evans, vigilante costeiro da ilha não habitada Gomu, próxima à ilha de Wana, então ocupada pelos japoneses. Evans enviou imediatamente a seguinte resposta: “Soube de sua presença na ilha de Nauru e que dois nativos levaram notícias suas para Rendova. Aconselho que regressem para cá imediatamente, nessa mesma canoa, e, quando chegarem, terei entrado em comunicação com as autoridades de Rendova para completarmos os planos a seu respeito.”

Essa mensagem chegou às mãos de Kennedy em 7 de agosto; nessa tarde, um nativo, Benjamin Kevu, levou-o e à sua tripulação até a ilha de Gomu. Daí, um barco levaria todos a Rendova. Mais tarde, o tenente

Kennedy seria condecorado com a medalha da Marinha e dos Fuzileiros Navais por bravura no cumprimento do dever. Mais tarde ainda, como presidente dos Estados Unidos, recebeu Arthur Evans e Benjamin Kevu na Casa Branca, onde o coco com a mensagem inscrita e a resposta de Evans foram colocados entre os troféus e recordações do presidente.

Na Europa ocupada, tornara-se prioridade a destruição das evidências de assassinatos em massa, mas esse trabalho sinistro nem sempre era fácil. No campo de extermínio de Treblinka, testemunhou-se, em 2 de agosto, uma revolta por parte dos judeus obrigados a desenterrar cadáveres e a queimá-los; os homens encarregados da tarefa sabiam que, assim que a terminassem, seriam abatidos. Dos setecentos judeus escravos instalados no campo, mais de quinhentos foram mortos pelos homens da SS e pelos guardas ucranianos, porém mais de 150 conseguiram escapar. Alguns fugitivos foram capturados pelos alemães e pelos ucranianos e executados; outros foram protegidos por famílias polonesas ou esconderam-se.

Paralelamente, o Exército Vermelho lançava uma ofensiva contra as forças alemãs que se retiravam de Orel, entrando na cidade em 4 de agosto. Depois, ao sul, atacando um ponto de onde, um mês antes, os alemães avançaram em direção a Kursk, as forças soviéticas inflectiram em direção a Kharkov, reconquistando Belgorod em 5 de agosto.

Na mesma data, as tropas britânicas entravam em Catânia. No dia seguinte, ao largo da ilha de Kolombangara, os americanos afundaram três contratorpedeiros japoneses que levavam reforços à ilha, matando 1.500 soldados e marinheiros inimigos. Os americanos não sofreram baixas. Ao longo da segunda semana de agosto, os bombardeiros britânicos despejaram mais de seis toneladas de bombas sobre Milão, Turim e Gênova, matando centenas de civis. Na Alemanha, um pequeno grupo de oficiais, universitários, eclesiásticos e profissionais liberais, cerca de vinte ao todo, chocados tanto pelos desastres militares quanto pela baixa moral do regime de Hitler, redigiram, em 9 de agosto, um documento em que se afirmavam decididos a derrubar o regime nazista e a substituí-lo por uma nova ordem política e moral. Dirigido por dois

membros da antiga aristocracia militar alemã, os condes Helmut von Moltke e Peter Yorck von Wartenburg, o grupo reuniu-se na estância de verão da família de Moltke em Kreisau, na Silésia: daí, o nome Círculo de Kreisau que lhe seria atribuído.

“As esperanças de uma vitória da Alemanha estão completamente comprometidas”, comentava o jornal suíço *Neue Züricher Zeitung*, em 10 de agosto. “Foram substituídas por profunda ansiedade, uma vez que as pessoas estão convencidas de que o Partido não desistirá ainda que mais cidades sejam arrasadas à semelhança de Hamburgo.” Não era somente o Partido Nazista que não queria render-se. Em 9 de agosto, Rommel escreveu à mulher: “As destruições em Hamburgo devem ter sido muito elevadas. Isso deverá servir para endurecer-nos.”

A dureza não se manifestava apenas na reação interna aos bombardeamentos aliados, mas na ação exterior contra os esforços contínuos de guerrilheiros e resistentes. Em 10 de agosto, na Iugoslávia, o general Lohr ordenou retaliações “com fuzilamentos ou enforcamentos de reféns” contra qualquer ataque guerrilheiro e “a destruição das imediações”. Contra os resistentes gregos seria aplicada represália semelhante; quando, em 12 de agosto, tropas alemãs descobriram um esconderijo de armas na aldeia de Kuklesi, dez civis foram executados como retaliação e toda a aldeia foi queimada. Dois dias mais tarde, numa operação dita de “limpeza” na região de Paramythia-Parga, foram capturados e mortos oitenta guerrilheiros para vingar a morte de um soldado alemão.

No Pacífico, a propaganda japonesa minava a crença filipina de que os americanos pudessem libertá-los. Em 10 de agosto, o general MacArthur ouviu uma proposta que consistia em enviar aos filipinos pacotes com cigarros, fósforos, chicletes, kits de costura e lápis, individualmente embalados com as bandeiras americana e filipina e acompanhados de uma cópia da assinatura de MacArthur e das palavras “Eu retornarei”.

MacArthur respondeu: “Não me oponho. Eu retornarei *sim!*” Milhares de Embrulhos da Vitória foram preparados e enviados por submarino.

* * *

Em 11 de agosto, o exército alemão começou a evacuar suas forças presentes na Sicília. Ao longo de seis dias, setenta navios, além de cinquenta barcos infláveis, levaram sessenta mil alemães a atravessar o estreito de Messina junto com uma elevada proporção de veículos e armamentos. Os aliados, embora prevenidos pelo sistema Ultra quanto à retirada alemã, não dispunham de reservas que lhes permitissem deter essa movimentação. Assim, a invasão à Itália continental pelos aliados, que ocorreria menos de um mês depois, seria uma tarefa menos fácil.

Na frente oriental, Hitler autorizou o início das obras de construção da linha Pantera, uma formação defensiva desde Narva, no golfo da Finlândia, até o mar de Azov, nas imediações de Melitopol. Não somente engenheiros e unidades do exército alemão foram utilizados no projeto, mas trabalhadores escravos trazidos de toda a Europa. A linha seria construída com grandes escavações, fortificações de cimento, extensões de arame farpado e minas.

Para os alemães, a sensação de que as ações aliadas não poderiam ser contidas tornou-se mais intensa em 13 de agosto, quando os bombardeiros americanos atacaram a cidade industrial de Wiener Neusdadt, a 43 quilômetros de Viena. Tratava-se do primeiro ataque aéreo aliado contra a Áustria. No mesmo dia, em condições de grande sigilo, um físico americano, Norman F. Ramsey, organizou o lançamento de um modelo reduzido da bomba atômica, a ser feito numa zona da marinha de guerra na Virgínia. Conhecida como “bomba dos esgotos”, a experiência foi um fracasso, mas não demoraria muito para que os problemas, relacionados à estabilidade na descida do engenho, fossem resolvidos.

No Pacífico, seis mil americanos desembarcaram, em 15 de agosto, na ilha de Vella Lavella; as tropas japonesas eram insuficientes para impedir o desembarque ou para conter seriamente uma progressão posterior. No mesmo dia, desembarcando na ilha de Kiska, nas Aleutas, 29 mil americanos e 5.300 canadenses, apoiados por uma centena de embarcações especialmente concebidas para o transporte de tanques e veículos blindados, descobriram, ao chegarem a terra, durante a madrugada, que os japoneses haviam desaparecido.

A essa altura, Churchill passava duas noites como convidado de Roosevelt em sua casa em Hyde Park. Em 13 de agosto, utilizando o codinome Boniface para designar o sistema de códigos Enigma, Churchill escreveu a Roosevelt sobre as matanças cotidianas de civis iugoslavos: “Não tenho certeza de que seu povo se deu suficientemente conta do que está acontecendo nos Bálcãs, das esperanças e dos horrores que se sucedem por lá. Poderá achar conveniente guardar essas informações para si. Muito do que se sabe foi recolhido na fonte Boniface e ferve o sangue de qualquer um.” “Devo acrescentar”, continuou Churchill, “que não defendo, de maneira alguma, a utilização de uma força aliada nos Bálcãs, somente a prestação de auxílio através do envio de abastecimentos, agentes e comandos. Após abrirmos caminho no Adriático, poderemos entrar em contato estreito com os povos balcânicos e dar-lhes auxílio suficiente para que decidam optar por nossa liderança”.

Enquanto se encontrava em Hyde Park, Churchill chegou a um acordo com Roosevelt sobre partilharem todos os conhecimentos sobre a bomba atômica, inclusive os trabalhos realizados por cientistas britânicos e americanos. Esse acordo, assinado pelos dois homens e revelado apenas aos seus círculos mais íntimos, colocava o centro de investigações e de fabricação da bomba nos Estados Unidos, mas no contexto de um projeto conjunto e sem segredos. O primeiro artigo desse acordo estabelecia que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos “nunca usariam tal meio um contra o outro”. O segundo e o terceiro artigos determinavam: “Não o usaremos contra terceiros nem comunicaremos a outros informações sobre o projeto Tube Alloys sem consentimento mútuo.” No quarto e último artigo do texto, em vista das perspectivas industriais e comerciais do pós-guerra ligadas à investigação e à produção nuclear, Churchill “afirma expressamente não ter interesse nos aspectos industriais e comerciais além daqueles considerados recomendáveis e justos pelo presidente dos Estados Unidos, que estejam em harmonia com o bem-estar econômico mundial”.

De Hyde Park, Roosevelt e Churchill seguiram para Quebec, onde, com seus colaboradores mais destacados, incluindo chefes dos estados-maiores, concordaram em autorizar o general Eisenhower a negociar uma rendição incondicional com o governo italiano. Depois, em 19 de agosto,

os estados-maiores apresentaram a Roosevelt e a Churchill as conclusões a que haviam chegado quanto ao futuro, aceitas pelos dois líderes. A Alemanha deveria ser derrotada antes do Japão. O desembarque através do canal da Mancha, operação Overlord, deveria ser “o principal objetivo por ar e por terra dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha contra o Eixo na Europa”, tendo o dia D sido marcado para 1º de maio de 1944. Seu escopo não era apenas de um desembarque no norte da França, mas também de ponto de partida para outras operações, a partir do norte da França, “visando atingir o coração da Alemanha e destruir seu poderio militar”.

Duas condições eram impostas à realização da operação Overlord: a presença de menos de doze divisões móveis na França no momento previsto para o desembarque aliado e a certeza de que os alemães não teriam capacidade para formar mais de quinze divisões nos dois meses após o desembarque.

Decidiu-se, ainda em Quebec, que a invasão à Itália ocorreria antes do fim do mês, sendo Nápoles seu objetivo inicial. Nos Bálcãs, a atividade dos aliados seria limitada ao envio de abastecimentos por via aérea e marítima aos resistentes, a alguns pequenos ataques de comandos e ao bombardeamento de alvos estratégicos.



Barcos de guerra americanos ancorados durante a reocupação da ilha de Kiska nas Aleutas, em 16 de agosto de 1943.

Na manhã de 17 de agosto, as forças americanas entraram em Messina. Ao fim de apenas 39 dias de combate, toda a Sicília se encontrava sob controle aliado e a Itália continental, à vista dos soldados que subiam às elevações que dominavam o estreito de Messina. No mesmo dia, os bombardeiros americanos baseados na Grã-Bretanha desencadearam pesados ataques contra uma fábrica de material de guerra em Schweinfurt e contra instalações de produção de aviões Messerschmitt em Regensburg. Nos dois ataques aéreos, sessenta entre os quinhentos aviões atacantes foram abatidos, matando mais de cem aviadores, mas as duas fábricas foram seriamente danificadas. Durante o bombardeamento a Schweinfurt, perderam a vida 565 alemães e 86 trabalhadores forçados de seis nacionalidades diferentes. Em Regensburg, morreram 402 civis, sendo 78 trabalhadores estrangeiros, em sua maioria belgas, mas também franceses, russos, tchecoslovacos e húngaros. O total de baixas aliadas nos dois ataques foi de 112 americanos, um inglês e dois canadenses.

Na mesma noite, cerca de seiscentos bombardeiros britânicos realizaram a operação Hydra, um ataque aéreo contra um centro de produção de foguetes e de bombas voadoras em Peenemünde. Durante o ataque, como resultado de um cálculo deliberado de planejamento, 130 cientistas, engenheiros e técnicos alemães foram mortos na zona residencial onde viviam; entre eles, o Dr. Thiel, responsável pela concepção das bombas de propulsão. Contudo, devido a um erro técnico, boa parte das bombas foi lançada num campo vizinho onde estavam instalados trabalhadores estrangeiros, entre os quais seiscentos perderiam suas vidas. Do ponto de vista técnico, o ataque foi um êxito, atrasando a produção de projéteis em ao menos dois meses, obrigando a transferência dos trabalhos para uma fábrica subterrânea construída por trabalhadores estrangeiros em Nordhausen, a sudoeste de Berlim, e fazendo com que a maior parte das experiências com novas armas fosse doravante realizada em Blizna, na Polônia.

Goebbels ficou especialmente irritado com o ataque aéreo contra Peenemünde, cujo resultado era, como escreveu, a impossibilidade de “lançar nossas represálias até o fim de janeiro”. Na mesma noite, o chefe do estado-maior da aviação alemã, general Hans Jeschonnek, vítima do descontentamento de Hitler na sequência dos ataques a Schweinfurt e a Regensburg, cometeu suicídio.

A despeito da destruição de Peenemünde, foi realizada, no litoral do Báltico, outra experiência com as bombas de propulsão, com um projétil dotado de uma ogiva-simulacro construída em cimento e lançado em 22 de agosto. Caiu, porém, não no mar, onde teria afundado sem deixar rastros, mas na ilha dinamarquesa de Bornholm. O oficial da marinha que tinha a ilha sob sua responsabilidade, tenente-coronel Hasager Christiansen, fotografou imediatamente o projétil e passou as fotografias aos britânicos junto com alguns esboços seus. Passadas duas semanas, Christiansen era detido pelas forças alemãs que ocupavam em Bornholm e tão severamente torturado que precisaria ser internado num hospital. Ao fim de duas semanas de hospitalização, um grupo de resistentes dinamarqueses conseguiu libertá-lo e enviá-lo para a Suécia. Mais tarde, receberia a cruz por Serviços Distintos.

Uma entre as mais insólitas operações de toda a guerra aconteceu em 18 de agosto. Tratou-se do plano Bunbury, consistindo na destruição de uma central elétrica situada em Bury St. Edmonds, em East Anglia. Uma notícia publicada no *Times* descreveu sucintamente o ato de sabotagem, tendo uma rádio alemã anunciado que seu resultado fora a morte de mais de 150 trabalhadores. Na realidade, não houve sabotagem nem mortes; a notícia fora um estratagema dos serviços secretos britânicos para assegurar crédito a dois agentes alemães que, havia muito, concordaram em trabalhar para a Grã-Bretanha e que haviam recebido os codinomes Mutt e Jeff, à imitação de dois famosos comediantes.



A FRENTE ORIENTAL E O AVANÇO DO EXÉRCITO VERMELHO, JULHO A AGOSTO DE 1943.

Em 22 de agosto, após vários dias de combate empenhado, as forças alemãs retiraram-se de Kharkov e, pela quarta vez em dois anos, a cidade ucraniana mudava de mãos. Na noite seguinte, em Moscou, 224 canhões disparavam vinte salvas, saudando as tropas que haviam libertado a cidade.

Numa nova conversa com Churchill em Quebec, em 23 de agosto, Roosevelt mostrou certa preocupação com a mudança verificada no leste da Europa, dizendo ao primeiro-ministro que “desejava” que as forças aliadas “estivessem prontas no momento que as forças russas entrassem em Berlim”. Nessa data, as forças americanas e russas estavam a distâncias quase iguais de Berlim – os americanos, em Messina, a 1.600 quilômetros, e os russos, em Orel, a 1.530 quilômetros; mesmo que distâncias tão grandes não pudessem ser vencidas em menos de um ano, Roosevelt preocupava-se com a possibilidade de um futuro conflito entre os objetivos da União Soviética e ocidentais. Churchill não discordava.

Berlim não se limitava a ser tema de conversa em 23 de agosto; após a destruição de Hamburgo, acompanhada da morte de 42 mil habitantes, ocorrida em fins de julho, os bombardeiros britânicos planejavam uma nova série de ataques, desta vez contra Berlim, que visavam destruir de modo idêntico. O primeiro ataque aéreo, desencadeando aquilo que os britânicos chamariam de batalha de Berlim, ocorreu na noite de 23 de agosto, tendo mobilizado mais de setecentos bombardeiros. No final do bombardeamento, haviam morrido 854 pessoas, sendo 102 trabalhadores estrangeiros e dois prisioneiros de guerra aliados. As perdas dos britânicos também foram pesadas: 298 homens mortos e 117 feitos prisioneiros e enviados para campos de concentração.

Mais afortunado do que os aviadores abatidos sobre Berlim foi o sargento Sharpless, cujo avião seria derrubado sobre Toulouse em 24 de agosto. Mais de trinta franceses acorreram em seu auxílio, tirando-lhe o uniforme e vestindo-o com trajes civis antes de ajudarem-no a esconder-se até, por fim, atravessar os Pirineus, entrar na Espanha e partir daí para um lugar seguro.

Na frente oriental, o Exército Vermelho continuou a avançar após a reconquista de Kharkov, capturando Kotelva, 96 quilômetros a ocidente

de Kharkov, em 27 de agosto, e entrando, a ocidente de Kursk, em Sevsk. Ainda na mesma data, 185 bombardeiros americanos realizaram um ataque cerrado contra uma base de lançamento de projéteis alemã ainda em construção em Éperlecques, no canal da Mancha. O momento escolhido para o ataque foi imediatamente posterior à colocação do cimento, antes que a massa pudesse secar; o resultado chegou ao fim de poucos dias, quando o lugar se transformou numa massa de armações de aço retorcida e inútil. Os alemães viram-se obrigados a recomençar a obra em outro local. Na sequência de uma reunião entre Hitler e Albert Speer realizada um mês após o ataque americano, o engenheiro-chefe da organização Todt, Xavier Dorsch, era autorizado a construir uma cúpula de mil toneladas de cimento nas proximidades de Wizernes. O projeto, decidido quando o esforço de mobilização de recursos da Alemanha atingia seu auge, ilustra as esperanças depositadas por Hitler nas novas armas de longo alcance.

Na Iugoslávia, os guerrilheiros de Tito, deixando Durmitor, estabeleceram seu quartel-general em Jajce, 320 quilômetros ao norte. Aí, na noite de 27 de agosto, realizaram sua primeira assembleia nacional, com a presença de oficiais soviéticos, americanos e britânicos. A sessão noturna visava prevenir a eventualidade de um ataque aéreo alemão.

Na manhã de 28 de agosto, um entre os principais dirigentes da Resistência, Ivo-Lola Ribar, e dois oficiais britânicos, major Robin Weatherley e capitão Donald Knight, preparavam-se para voar da base guerrilheira para o Cairo quando um avião de reconhecimento alemão sobrevoou a pista e lançou duas bombas. Os três homens morreram. Um mês antes, o irmão mais novo de Ribar, Jurica, jovem artista, fora morto em combate contra cetniks em Montenegro; a mãe dos dois homens seria assassinada pelos alemães ao se recusar a trair aqueles que a ajudaram a fugir de Belgrado. Ivo-Lola Ribar era casado com uma judia morta tempos antes pelos alemães, em Belgrado, junto com a irmã, a mãe e a irmã e o irmão da mãe, num furgão convertido em câmara de gás.

Desde a queda de Mussolini na última semana de julho de 1943, o povo da Dinamarca sentia-se animado pela perspectiva do fim da ocupação tirânica de seu país pelos alemães. A resistência, especialmente com greves e atos de sabotagem, que se intensificara após a derrota de Von Paulus em Stalingrado, recrudesceu. Em 28 de agosto, o representante de Hitler na Dinamarca, Dr. Karl Rudolf Werner Best, apresentou um ultimato ao governo dinamarquês, exigindo o fim de greves e reuniões, o decreto de um toque de recolher obrigatório, a censura à imprensa e o estabelecimento de pena de morte por posse de armas e atos de sabotagem. O governo dinamarquês, apoiado pelo rei, recusou as exigências alemãs. Em 29 de agosto, sem novas negociações, o exército alemão voltou a ocupar Copenhague, desarmou o exército dinamarquês e deu ordem de prisão, em seu palácio, ao monarca. Para os dinamarqueses que se empenharam ativamente na resistência, a intervenção alemã foi um final feliz para a existência da Dinamarca na qualidade daquilo que chamavam “o canário de Hitler”. Porém, ao mesmo tempo, surgiam novas dificuldades e males que tinham de ser vencidos.

Em 30 de agosto, o Exército Vermelho, avançando em direção a Smolensk, reocupava Yelnya; ao sul, no mar de Azov, a cidade de Taganrog também foi reconquistada. No dia seguinte, a sul de Bryansk, duzentas aldeias foram libertadas após quatro dias de batalha. Na mesma noite, nos céus da Alemanha, 613 bombardeiros britânicos realizaram o segundo ataque aéreo da batalha de Berlim. Foram mortos 225 tripulantes britânicos e outros 108 foram feitos prisioneiros. Os alemães contaram apenas 87 mortos, um décimo do total de vidas perdidas em Berlim na semana anterior e um terço das baixas britânicas. Essa inversão, todavia, não impediria ou adiaria a continuação do bombardeamento à cidade.

Haviam decorrido quatro anos desde a invasão da Polônia pelos alemães, o primeiro passo militar da Segunda Guerra Mundial. Naquele momento, a guerra ainda era um conflito entre apenas dois estados. Três dias depois, a Grã-Bretanha e a França colocaram-se ao lado da Polônia atacada. Agora, a Polônia entrava no quinto ano de uma terrível ocupação

alemã e a França fora ocupada havia três anos. Também a Itália, que entrara na guerra contra a França apenas após ser evidente a derrota desta, via que era chegada a hora do desastre e da capitulação. Em 1º de setembro, o governo italiano respondia à exigência dos aliados pela aceitação dos termos do armistício proposto: “A resposta é afirmativa; repete-se, afirmativa. Pessoa conhecida chegará quinta-feira pela manhã, 2 de setembro, hora e lugar marcados.”

No Pacífico, após um ano e nove meses de guerra, os Estados Unidos começavam a reconquistar o terreno perdido de forma tão intempestiva e fatal. Em 1º de setembro, unidades americanas desembarcaram na ilha de Baker, visando transformá-la numa base, no centro do Pacífico, de lançamento de novas operações aéreas contra os japoneses. No mesmo dia, num ataque desencadeado a partir de um porta-aviões, os americanos bombardearam a ilha Marcus, atingindo pesadamente as instalações militares japonesas. Tudo era feito apesar da prioridade atribuída pelos americanos à guerra na Europa. No dia seguinte, o Exército Vermelho ocupava o importante nó ferroviário de Sumy, que, embora recapturado aos alemães anteriormente, fora perdido.

Hitler não pretendia ceder no combate contra nenhum de seus inimigos e esperava poder reatar as vitórias alemãs graças à tenacidade de seus soldados, às dissensões entre os aliados e ao impacto de várias armas ainda a experimentar, que incluíam não somente a bomba voadora V1 e o foguete V2, mas também aviões a jato e dois tipos revolucionários de submarinos oceânicos, um concebido para altas velocidades submarinas, mediante a utilização convencional da propulsão do motor diesel, e outro que funcionaria a base de peróxido de hidrogênio, destinando-se, tal como o primeiro, a atacar comboios navais aliados no Atlântico. Réplicas em menores dimensões se destinariam, por outro lado, de acordo com planos alemães, a operações mais próximas das fronteiras e dirigidas contra uma potencial invasão.

Em 2 de setembro, numa tentativa de recuperar as perdas causadas pelos ataques aéreos britânicos e americanos contra alvos industriais na Alemanha, Hitler nomeou Albert Speer para dirigir a produção da indústria alemã, dando ao seu cargo autoridade sobre o ministro da Economia, Walther Funk, que até então controlara todos os assuntos relacionados ao abastecimento de matérias-primas.

Em 3 de setembro, no quarto aniversário da declaração de guerra da Grã-Bretanha à Alemanha, os aliados ocidentais lançaram a operação Baytown, consistindo na invasão da Itália continental. Às 4h30, forças do 8º exército, comandadas pelo general Montgomery, atravessaram o estreito de Messina e desembarcaram em Reggio di Calabria. Perante o desembarque das tropas inglesas e canadenses, o governo italiano cumpriu as condições propostas para a assinatura de um armistício, segundo as quais forças italianas não seriam enviadas contra os invasores. Quanto ao armistício, seria assinado na Sicília, na tarde do mesmo dia, e entraria formalmente em vigor e seria tornado público no prazo de cinco dias. O exército alemão precisaria, agora, defender-se numa segunda frente, em pleno continente europeu.

A Alemanha e o Japão em retirada

Outono de 1943

Agosto de 1943 tinha visto muitos contratempos para a máquina de fazer guerra da Alemanha. Em setembro, veria muito mais. O primeiro desastre de setembro foi obra essencialmente dos alemães, traduzindo-se na revolta dos voluntários muçulmanos da 13a Divisão da SS. Os muçulmanos, habitantes de Sarajevo, aldeias e vales vizinhos, haviam resolvido defender suas aspirações nacionais, colocando-se ao lado dos alemães nos Bálcãs, mas eram desprezados e maltratados por esses oficiais, que lhes infligiam constantes humilhações; assim, durante a revolta muçulmana, vários alemães seriam mortos. De Berlim, o mufti de Jerusalém, Haj Amin el-Husseini, que se aliara aos alemães contra a Grã-Bretanha, correu para Bósnia, onde, com alguma dificuldade, auxiliou o restabelecimento da ordem entre os amotinados.

Descontentamento de natureza análoga manifestou-se com maior intensidade, mas não pôde ser tão facilmente dominado na Ucrânia; numerosos nacionalistas haviam contado com a força da Alemanha para a proclamação de um estado ucraniano independente, que seria defendido contra a ameaça soviética. Centenas de ucranianos apresentaram-se como voluntários para servir na SS e nas forças da polícia, fornecendo, igualmente, uma percentagem elevada de carrascos e de guardas de campos de concentração. Porém, mais uma vez, o desprezo, quando não o ódio, de que os eslavos eram alvo, transformaria potenciais aliados em inimigos dissimulados e silenciosos, mas cheios de raiva.

A situação militar no Leste tornava-se extremamente difícil para a Alemanha; em 3 de setembro, com os oitenta mil soldados alemães do exército do sul em inferioridade numérica de dois para um e em situação ainda pior em termos de tanques e canhões, os marechais Von Manstein e

Von Kluge protestaram junto a Hitler contra o esquecimento em que era deixada a frente oriental enquanto as forças alemãs continuavam a lutar e a recuar a cada dia no sul da Itália. Nessa noite, os britânicos lançaram seu terceiro ataque aéreo no intervalo de onze noites, contra Berlim, em que trezentos bombardeiros despejaram 965 toneladas de bombas sobre a cidade. Morreram 346 alemães e 130 britânicos. As únicas vitórias alemãs pareciam ser algumas emissões radiofônicas; em 4 de setembro, William Joyce, “lorde Haw-Haw”, dirigindo-se aos britânicos a partir de Hamburgo, declarava: “Agora que entramos no quinto ano de guerra, só posso dizer que a vitória alemã é certa. O povo alemão sabe que, por mais golpes que ainda precise sofrer, o último golpe de guerra será dado por Adolf Hitler.”

Em 5 de setembro, cerca de dois mil paraquedistas americanos e australianos apoderaram-se de Nazdab, na Nova Guiné, onde seria rapidamente construído um aeródromo que sustentasse o assalto contra Lae. Entre os homens que tiveram êxito no salto, contavam-se 34 soldados de artilharia ligeira com suas 25 metralhadoras; haviam sido destacados para a operação apenas uma semana antes e não puderam fazer mais do que um primeiro salto como treino.

Os japoneses recuaram na direção de Lae. Na frente oriental, os alemães batiam em retirada; em 6 de setembro, o Exército Vermelho apoderou-se de Konotop, um nó ferroviário importante. Os alemães, obrigados a abandonar a bacia do Don, praticaram uma política de terra queimada, destruindo minas de carvão, fábricas e instalações industriais. No dia seguinte, Stalino foi evacuada e suas minas, deixadas em escombros.

Ainda em 7 de setembro, bombardeiros aliados atacaram alvos militares alemães da zona de Bruxelas. Uma bomba, lançada contra a artilharia inimiga, atingiu a cela onde Jean Greindl, organizador de uma linha de evasão aliada, estava preso, matando-o imediatamente. Ainda em 7 de setembro, mais 987 judeus foram deportados do campo de Westerbork, na Holanda, para o Leste, com “destino desconhecido”. Um entre os deportados, uma adolescente chamada Etty Hilversum, conseguiu escrever uma mensagem para uma amiga, atirando-a para fora do trem enquanto este ainda se encontrava em território holandês. “Deixamos o campo cantando”, escreveu a moça. “Meu pai e minha mãe

estão calmos e decididos; Mischa também. Começamos hoje uma viagem de três dias.” O destino do trem era Auschwitz, onde a maior parte dos deportados foram gaseados à chegada. Etty Hilversum, enviada para os alojamentos femininos, morreu no último dia de novembro seguinte.

Em mais cinco deportações ocorridas em setembro, outros dois mil judeus holandeses, 1.400 judeus belgas e mil judeus franceses seriam enviados para a morte.

Na manhã de 8 de setembro, Hitler voou de Rastenburg para o quartel-general dos exércitos de centro, em Zaporozhe. Aí, o marechal Von Manstein expôs-lhe a superioridade numérica que tinham os soviéticos e o ritmo e a configuração de seu avanço. Pouco depois do meio-dia, Hitler estava novamente num avião, regressando a Rastenburg; nunca mais pisaria em solo russo. Quando chegou a Rastenburg, imitou o hábito de Churchill de dormir no fim da tarde, mas seria acordado para receber a notícia da rendição da Itália, anunciada pela BBC.

Nessa noite, Hitler deu ordens relativas à operação Eixo, ou seja, à ocupação da Itália pelos alemães. Ao mesmo tempo, os aliados finalizavam a preparação da operação Avalanche, que consistia num desembarque na costa italiana a ser realizado em Salerno. Durante a mesma noite, as tropas alemãs entraram em Roma. A essa altura, o marechal Badoglio e a família real fugiam, através do país, para o porto de Pescara no mar Adriático, de onde foram levados, por mar, para Brindisi, onde seria formado um governo antifascista. No entanto, não havia planos no sentido de um levantamento geral contra os alemães; deste modo, os aliados foram obrigados a cancelar a operação Giant, concebida pelo general Eisenhower e que previa um ataque a Roma com forças aerotransportadas – “porque os italianos não – repito, não – prepararam qualquer coisa nesse sentido”, explicaria o general Alexander a Churchill, “e temos razões para pensar que os alemães ocuparam os aeródromos”.

No sul da Europa e no Egeu, os soldados italianos haviam se rendido aos seus ex-aliados alemães na semana anterior. Nos casos em que as tropas italianas resistiram a ser desarmadas pelos alemães, houve

derramamento de sangue; em Cefalônia, na Grécia, 1.646 soldados italianos foram massacrados. Os cinco mil restantes renderam-se; após entregarem as armas em 22 de setembro, foram abatidos. Outros três mil soldados italianos, enviados para um campo de prisioneiros de guerra, morreriam afogados quando os navios que os transportavam fossem afundados pelos aliados, que não conheciam sua carga humana.

Em La Spezia e Gênova, as forças navais italianas sob o comando do almirante Carlo Bergamini, alvos recentes dos ataques aéreos aliados, dirigiram-se, em 8 de setembro, para seus portos no norte da África. Foram, porém, atacadas por bombardeiros alemães, que afundaram o navio de guerra *Roma* com um novo tipo de bomba controlada por rádio; entre dois mil tripulantes, morreram afogados 1.552 homens, entre eles o próprio Bergamini e seus adjuntos. O restante da esquadra, somando ao todo 28 navios, chegou a Malta, onde se juntou aos aliados. “A partir de então”, escreveu um cronista da guerra em Malta, “o núcleo da grande e poderosa esquadra italiana se manteria nas águas da pequena ilha que, havia pouco, tentara dominar. Em outros pontos, uma centena de navios mercantes italianos procurou abrigo em portos aliados enquanto mais 168 embarcações eram afundadas para evitar a captura pelos alemães”.

Com a deserção da Itália, os alemães deslocaram cinquenta mil prisioneiros aliados que estavam no país e levaram para a Alemanha, igualmente, 268 mil soldados italianos como prisioneiros de guerra, internando-os em campos de trabalho. Alguns prisioneiros britânicos e americanos conseguiram fugir para o sul do país enquanto as forças alemãs se deslocavam na Itália. Foi criada, sob o comando do capitão Christopher Soames, uma unidade especial britânica que deveria “utilizar todos os meios disponíveis a fim de montar uma rede de auxílio atrás das linhas inimigas e desencadear ações locais de apoio aos soldados e membros de tripulações aéreas isolados em território inimigo”. Ao menos mil prisioneiros de guerra foram reconduzidos às linhas aliadas graças à organização dessa rede. Várias centenas continuaram na Itália, reunindo-se às unidades de resistência que se formaram rapidamente no norte do país.

Entretanto, na Rússia, os alemães eram obrigados, em 8 de outubro, a retirar ainda mais tropas presentes na frente de batalha para lançar uma nova operação antiguerrilha, denominada Jacob, na zona a norte de Uzda.

Na manhã de 9 de setembro, as tropas alemãs apoderaram-se das docas e instalações ferroviárias de Atenas, controladas pelos italianos. Todas as tropas inimigas estacionadas na Grécia foram aprisionadas, desarmadas e deportadas para a Alemanha. Na mesma manhã, as forças aliadas alocadas na operação Avalanche desembarcaram perto de Salerno enquanto tropas britânicas aerotransportadas colocavam em prática a operação Slapstick, apoderando-se do porto de Taranto, no sul da Itália. Em 10 de setembro, após um breve reencontro com tropas italianas, os alemães ocuparam Roma. Na Alemanha, um grupo de cidadãos conduzido por uma professora protestante, Elizabeth von Thadden, reunia-se para analisar os males provocados pelo regime nazista; os membros do grupo foram denunciados à Gestapo e detidos.

Dentro e fora da Alemanha, o regime continuava tão vigilante quanto antes. Em Kiev, quando 355 prisioneiros de guerra soviéticos e judeus tentaram fugir de um destacamento encarregado de desenterrar os cadáveres das vítimas dos exércitos nazistas e de queimá-los, foram perseguidos e mortos, com a exceção de apenas catorze homens. Na mesma semana, cinco mil judeus alemães, austríacos e tchecoslovacos chegavam a Auschwitz, vindos do gueto de Theresienstadt; mais quinze mil judeus haviam chegado a Auschwitz durante aquele mês, vindos da cidade tcheca de Moravska Ostrava e de várias cidades da Galícia Ocidental.

Em 11 de setembro, enquanto ainda era sentido o impacto da rendição italiana, os franceses lançaram a operação Vesúvio, destinada a reconquistar a Córsega. Hitler, não querendo que suas forças fossem retidas em combates na ilha, ordenou a retirada dos 23.347 soldados alemães que a ocupavam. No entanto, no Mediterrâneo Oriental, o mesmo Hitler assumia a iniciativa, ordenando aos seus sete mil homens presentes na ilha de Rodes que dominassem a guarnição italiana, que tinha um número de soldados muito superior. Os soldados alemães realizaram a incumbência com êxito, retardando um plano britânico, a operação Handcuff, de ocupação de Rodes.

Em 12 de setembro, os alemães estavam suficientemente recompostos na Itália para lançarem seu primeiro ataque contra a posição avançada aliada em Salerno, isolando-a em relação às forças que procuravam juntar-se a ela a partir do sul. Contudo, o êxito alemão seria meramente

temporário. As tropas que ocupavam as ilhas em torno da baía de Nápoles não resistiriam por muito tempo às forças aliadas que visavam desalojá-las. Ainda no dia 12, a guarnição alemã na ilha de Capri rendeu-se sem disparar um tiro; entre os membros da força anglo-americana que ocupou a ilha e que ocupara antes a ilha de Ventotene, estava o tenente americano Douglas Fairbanks Junior, que fora uma destacada estrela de Hollywood. Pelo papel que desempenhou na captura das ilhas receberia a Estrela de Prata.

Para a Alemanha, a perda de Capri foi compensada, ao menos em termos de moral, pelo êxito espetacular da operação Carvalho, consistindo no rapto de Mussolini numa estância montanhosa e isolada, no topo de Grand Sasso, nos Abruzzi, a 2.745 metros de altura, onde o ditador era guardado por soldados italianos leais ao rei. O comando alemão composto por noventa homens, sob a chefia do capitão Otto Skorzeny, aterrisou na montanha, venceu todos os 250 soldados da guarnição italiana e levou consigo um Mussolini espantado, dirigindo-se a um lugarejo na província de Roma, de onde o ditador seria enviado num avião para Viena, Munique e, finalmente, para o quartel-general em Rastenburg.

Quanto à França, assistia, na noite de 12 de setembro, à operação Battering Ram, em que três pilotos britânicos conduziram oito membros da resistência francesa a determinado ponto de encontro entre Saumur e Chinon, trazendo outros oito homens à Grã-Bretanha. Entre os oito passageiros levados à França, estava o coronel Marchal, que seria preso dez dias depois, suicidando-se com uma cápsula de cianeto antes ser interrogado, e o coronel Jarry, que também seria detido, torturado e morto.

Em outra operação clandestina, em 14 de setembro, o major Philip Worrall saltou de paraquedas na zona montanhosa de Pindus, na Grécia, onde estabeleceria contatos com a resistência grega. Worrall viu-se obrigado, ao chegar, a defender os soldados italianos contra os gregos, que queriam vingar-se, e contra os alemães, que queriam fazê-los prisioneiros: no final de setembro, cem mil soldados italianos haviam sido deportados da Grécia para campos de concentração na Alemanha. Em determinado momento, Worrall foi obrigado a abandonar noventa italianos doentes a cuja proteção se dedicara. Colocara-os, por razões de

segurança, num hospital de campanha, supondo que os acordos da Cruz Vermelha seriam mantidos em relação a eles e pondo-os a salvo. Os alemães que ocuparam o hospital, entretanto, prenderam e mataram os noventa italianos.

Havia forças ativas de resistência contra os alemães em Itália, Grécia, Iugoslávia e Rússia. Na zona do governo-geral na Polônia, como Goebbels escreveu em 17 de setembro em seu diário, “aumentaram enormemente os atos de terrorismo e de sabotagem”. Na Iugoslávia, no mesmo dia, o general Fitzroy Maclean saltava de paraquedas para se reunir ao estado-maior de Tito, à frente da missão aliada, e para coordenar o auxílio aliado aos guerrilheiros. Na França, grupos de resistentes começavam a praticar atos de sabotagem, incluindo a execução de colaboracionistas e de membros da milícia, tendo sido abatidos quatro durante setembro.

Na frente oriental, após uma reunião com os marechais Von Manstein e Von Kluge, realizada em 14 de setembro, Hitler concordou com uma retirada vultosa, implicando a perda iminente de Smolensk, Roslavl e Klinty, e com o reforço simultâneo das defesas da linha Pantera, entre Vitebsk e Kiev. A área a ser desocupada correspondia a quase metade do território conquistado pelos exércitos alemães de centro desde julho de 1941. Em 15 de setembro, as forças soviéticas retomaram Nezhin, localizada a menos de cem quilômetros a nordeste de Kiev.

O conjunto de notícias que chegava a Rastenburg todos os dias evidenciava que o sacrifício e o derramamento de sangue das ofensivas de 1941 e 1942 haviam sido em vão; em 16 de setembro, as forças soviéticas entravam no porto de Novorossiisk, no mar Negro, enquanto aquilo que restava das tropas alemãs que hastearam a bandeira com a cruz suástica na montanha mais alta do Cáucaso recuava pelo estreito de Kerch, procurando abrigo na relativa segurança da Crimeia. No mesmo dia, os alemães abandonaram Bryansk.

Somente os projetos de política racial nazista pareciam avançar, irrefreáveis. Na realidade, com a ocupação alemã da Itália, foram abertas novas zonas de deportação, uma vez que, durante o anterior governo de Mussolini, os judeus do país não haviam sido deportados nem mortos. Em 16 de setembro, porém, os primeiros 24 judeus italianos eram enviados da cidade de Merano, no norte do país, diretamente para

Auschwitz, entre eles uma criança de seis anos gaseada assim que chegou ao campo.

No Pacífico, o mesmo dia assistiu ao abandono da cidade de Lae, na Nova Guiné, por sua guarnição japonesa de 7.500 homens que se dirigiram para norte. Ao longo de um ano de combates na Nova Guiné, haviam sido mortos 12.161 australianos – número que se aproximava a dez por cento da população australiana na Nova Guiné. No dia seguinte, decididos a expulsar os japoneses da costa norte, novas tropas australianas prepararam-se para desembarcar em Finschafen. Porto a porto, praia a praia, a Nova Guiné era reconquistada. Enquanto as tropas australianas se reuniam para o assalto, os bombardeiros japoneses atacavam o oeste da Austrália, falhando em destruir a base aérea aliada que era seu alvo, mas acertando a missão de Drysdale River, a menos de dois quilômetros do alvo.

Um caso de cólera foi declarado no campo de Kinsayok, na região da estrada de ferro que era construída entre Tailândia e Birmânia. Os japoneses decidiram enfrentar a situação posicionando-se fora do alojamento onde o doente se encontrava e tentando disparar contra ele, contando que, em algum momento, conseguiriam matá-lo. A fim de poupar ao soldado doente esse fim bárbaro, o tenente britânico Primrose, comandante auxiliar do batalhão, abateu-o com um único tiro.

Na Itália, as forças aliadas que avançavam para o norte juntaram-se, em 19 de setembro, às posições avançadas em Salerno. No mesmo dia, no norte da Itália, os alemães incendiaram a aldeia de Boves numa represália, matando 32 civis italianos. Em Split, no Adriático, os alemães travaram um combate de sete dias, mobilizando bombardeiros até expulsarem do porto as forças resistentes do general Mihailovic, o que aconteceria, finalmente, em 20 de setembro.

Na noite de 20 de setembro, os britânicos lançaram a operação Source, que consistia num ataque submarino contra o couraçado alemão *Tirpitz*, que se encontrava, aparentemente, em segurança nas águas norueguesas de Altafjord. O poderoso navio alemão não apenas comprometia o envio de abastecimentos urgentes para a Rússia através do Ártico como

obrigava a que ficassem na região importantes forças navais britânicas, que o governo gostaria de enviar ao Pacífico.

Na tentativa de destruição do *Tirpitz* foram utilizados seis submarinos anões, cada um com quatro tripulantes, transportados por outros submarinos até o norte da Noruega. Um, entre os seis, desapareceu durante o trajeto e nunca mais foi visto. Outro, após ser inutilizado, foi afundado. Um terceiro foi bastante danificado, perdendo dois tripulantes. O *Tirpitz*, embora não destruído, ficaria seriamente danificado pelas cargas explosivas instaladas abaixo de sua quilha, no fundo do mar, e ficaria parado por ao menos sete meses. Dois comandantes das tripulações, os tenentes Place e Cameron receberiam a cruz Victoria. Ambos foram feitos prisioneiros e, junto com os outros quatro sobreviventes, passariam o resto da guerra em cativeiro. Os alemães recuperaram os corpos de dois tripulantes mortos e enterraram-nos em Tromsø, com todas as honras militares.

Também em 20 de setembro, alguns funcionários superiores do governo alemão receberam dados concretos e pormenorizados sobre as perdas sofridas na frente oriental. Desde o começo da guerra até o último dia de agosto de 1943, haviam morrido 548.480 soldados alemães e sido feridos quase dois milhões. “É curioso”, escreveu Goebbels em seu diário, na mesma data, “que, embora cada soldado alemão que regressa da frente oriental se considere pessoalmente superior ao soldado bolchevique, continuemos a realizar retiradas, sempre retiradas. Os soviéticos podem divulgar todos os dias notícias fundamentadas de suas novas vitórias”. A frente não fora desfeita, acrescentou Goebbels, nem rompida, “mas trata-se de um pequeno consolo quando se pensa no território extremamente valioso, do ponto de vista industrial e agrícola, e nas enormes quantidades de recursos que tivemos de abandonar”.

Em 21 de setembro, o Exército Vermelho entrou em Chernigov, a menos de 65 quilômetros do rio Dnieper e da linha Panthera. No dia seguinte, os alemães evacuaram Poltava, uma entre as principais cidades industriais da Ucrânia. Na Itália, os resistentes preparavam-se para assumir o controle de várias zonas rurais e montanhosas na região norte do país, onde Mussolini proclamara, em 23 de setembro, a República Social Italiana. Era imposta, entretanto, uma administração alemã direta sobre Trieste, Ístria e Trentino.

No litoral francês da Mancha, 58 instalações para o lançamento de bombas voadoras estavam em fase de conclusão. Um agente francês, Michel Hollard, que já transmitira informações relativas a várias construções novas, conseguiu introduzir numa base um engenheiro recém-formado, André Comps, para trabalhar como desenhista; Comps obteve cópias dos planos, que Hollard enviou à Grã-Bretanha após transportá-las para a Suíça numa entre suas 48 passagens clandestinas entre fronteiras realizadas durante a guerra. Quando os planos chegaram ao professor R. V. Jones, na Grã-Bretanha, foi possível chegar a conclusões detalhadas sobre a construção das bases, embora não soubessem, com precisão, quais armamentos abrigariam ou lançariam.

No final da guerra, Hollard recebeu a Ordem de Serviços Distintos, a condecoração militar britânica mais elevada que um estrangeiro podia receber. Durante a Primeira Guerra Mundial, tendo entrado para o exército francês com 16 anos, ele recebera a cruz de Guerra. Nesse momento, seus esforços destinavam-se a auxiliar os cientistas britânicos a descobrirem a natureza da “arma secreta” de Hitler, a fim de possibilitar sua destruição.

Em 24 de setembro, as forças alemãs retiraram-se de Smolensk após duros combates; no dia seguinte, Stálin anunciou a reconquista da cidade. No sul da Rússia, o Exército Vermelho atravessou o rio Dnieper entre Kremenchug e Dnepropetrovsk. Na Itália, as forças aliadas avançavam em direção a Nápoles; em 27 de setembro, após soldados alemães pilharem uma loja no centro de Nápoles, os habitantes da cidade revoltaram-se. Em Paris, no mesmo dia, membros da resistência mataram o Dr. Julius Ritter, alemão responsável pelo envio de franceses como trabalhadores forçados para a Alemanha. “Precisaremos tomar medidas extremamente severas”, escreveu Goebbels em seu diário, dois dias mais tarde, “para que a população francesa gaulista compreenda que há limites para a paciência alemã apesar da gravidade de nossa situação militar”. As medidas adotadas foram, realmente, “severas”: cinquenta habitantes de Paris foram detidos num ato de retaliação, conservados como reféns durante algum tempo e executados.

Os alemães combateram em Nápoles, durante 28 de setembro, tentando manter suas posições. Na costa adriática da Itália, os aliados tomaram Foggia, o aeroporto mais importante na região, o que lhes possibilitou realizar ataques aéreos contra alvos balcânicos, da bacia do Danúbio, do sul da Alemanha e até da Silésia. “Esperam utilizar a base”, registrou Goebbels em seu diário, em 29 de setembro, “como ponto de partida para ataques aéreos contra o sul da Alemanha”.

Na Dinamarca, correu o boato de que os alemães pretendiam prender e deportar os sete mil judeus presentes no país, entre eles o cientista nuclear Niels Bohr, que fugiu com a mulher para a Suécia, por barco, na noite de 29 de setembro. Bohr dirigiu-se imediatamente para Estocolmo, para advogar junto ao governo sueco pela causa dos judeus. Os suecos já haviam decidido intervir; 24 horas antes da operação contra os judeus dinamarqueses ser iniciada, quase todos haviam passado, a bordo de embarcações de pescadores, para a Suécia, disposta a acolhê-los. Do mesmo modo, escaparam à deportação, graças às autoridades suecas, três mil refugiados judeus vindos de Alemanha, Áustria e Tchecoslováquia, que se dirigiram para a Suécia antes que a guerra explodisse.

Em Auschwitz, a tortura prosseguia; em 3 de outubro, um médico da SS, durante uma inspeção dos alojamentos, classificou 139 judeus como demasiado doentes para o trabalho, que foram levados por guardas e mortos em câmaras de gás.

Três de outubro também assinalou, em Atenas, uma ordem da Gestapo que exigia que todos os judeus da cidade se registrassem como tal. Em resposta, um jornal clandestino incitou a população a ridicularizar as medidas alemãs e a oferecer proteção aos judeus. Três mil judeus de Atenas abandonaram seus lares e foram albergados por famílias gregas. Entre os que prestaram auxílio aos judeus estava a princesa Andrew, da Grécia, bisneta da rainha Vitória. O filho da princesa Andrew, príncipe Philip, servia na marinha britânica.

Entre os judeus que se esconderam durante o mês de outubro contava-se o principal rabino de Atenas, Elias Barzalai, que se dirigiu para Tessália, juntando-se aos resistentes, como fizeram outras centenas de judeus gregos. Muitos foram transportados em barcos pelos guerrilheiros, através do Egeu, para a costa da Turquia, onde puderam seguir até a Palestina.

A Grécia foi também foco privilegiado das atenções aliadas durante a primeira semana de outubro, quando as tropas alemãs lançaram a operação Urso Polar. Desde a ruptura da Itália com o Eixo, cerca de um mês antes, as tropas britânicas haviam ocupado várias das ilhas do Dodecaneso. Agora, uma a uma, as ilhas eram atacadas pelos alemães, que largaram suas primeiras unidades de paraquedistas, em 3 de outubro, sobre a ilha de Kos. Ao fim de 24 horas, os britânicos haviam sido vencidos; entre a guarnição de 1.500 homens, somente cem conseguiram salvar-se. Os restantes foram mortos ou feitos prisioneiros. Os alemães, que demonstraram poder ofensivo notável e inesperado, perderam apenas 85 homens. Duas outras ilhas do arquipélago, Samos e Leros, cairiam rapidamente sob idênticos ataques alemães.

Em 2 de outubro, na Nova Guiné, os australianos tomaram Finschhafen. Durante um contra-ataque japonês repellido, os nipônicos perderam mil soldados. Na frente russa, dois dias depois, o comandante dos voluntários espanhóis presentes na divisão Azul, Esteban Infantes, recebeu a cruz de Cavaleiro, que se juntaria à sua cruz de ferro. Ao todo, 4.500 voluntários espanhóis morreriam na frente oriental e milhares seriam feitos prisioneiros. Também em 4 de outubro, Heinrich Himmler discursava ao grupo de dirigentes da SS em Poznam, num momento em que as forças comandadas por eles haviam matado, desde a segunda metade de 1941 ao fim de 1942, mais de um milhão de judeus na Rússia ocupada.

Muitos entre nós sabem o que significa”, disse Himmler, “ver uma centena de corpos, quinhentos ou mil corpos, lado a lado. Fazermos tais coisas e, ao mesmo tempo – com poucas exceções, devidas à fraqueza humana –, continuarmos a ser bons camaradas, foi o que nos temperou. Trata-se de uma página gloriosa em nossa história, que nunca foi escrita e nunca o será.

E Himmler continuava: “Cumprimos essa tarefa difícilíssima por amor ao nosso povo. E nosso espírito, nossa alma e nosso caráter não foram afetados.” Tal corrupção da linguagem – com referências orgulhosas ao “espírito”, à “alma” e ao “caráter” – era uma arma da tirania, fomentando um estado de espírito que possibilitava horrores inimagináveis. No dia seguinte ao discurso de Himmler, 1.260 crianças

foram mandadas do gueto de Bialystok para Theresienstadt, acompanhados por 53 médicos e enfermeiras, e dali para Auschwitz. Disseram-lhes que seu destino era a Palestina ou a Suíça. No discurso em Poznam, Himmler não limitara suas afirmações e exortações ao assassinato em massa de judeus e falara também sobre outras vítimas civis da SS:

O que acontece aos russos e o que acontece aos tchecos é absolutamente indiferente a mim. Todo o bom sangue de nossa espécie encontrado nessas nações deve ser tomado por nós, se necessário apoderando-nos das crianças e criando-as nós mesmos. Saber se os outros povos vivem confortavelmente ou se morrem de fome somente me interessa na medida em que talvez precisemos deles como escravos de nossa *Kultur*. Se me disserem que dez mil mulheres russas caíram, exaustas, ao abrirem um fosso antitanque, a única coisa que me interessará é saber que mais um fosso necessário à Alemanha foi aberto.

Himmler prosseguiu:

Não devemos ser duros ou impiedosos quando não for necessário, é evidente. Nós, alemães, somos o único povo no mundo a ter uma atitude decente em relação aos animais e adotaremos também uma atitude decente em relação a esses animais humanos, mas é um crime contra nosso próprio sangue preocuparmo-nos ou darmos a eles ideais.

Em 6 de outubro, Himmler voltou a falar aos dirigentes da SS em Poznam, aludindo mais uma vez ao assassinato em massa de judeus. “Existe, agora, o problema das mulheres e das crianças.” E explicou-se: “Decidi apresentar uma solução perfeitamente clara também a esse respeito, porque não acho razoável exterminar os homens – isto é, matá-los – e, ao mesmo tempo, autorizar sua descendência, seus filhos, a crescer entre nossos filhos e netos.”

Também em 6 de outubro, os americanos desembarcaram, sem encontrar resistência, na ilha de Kolombangara, no grupo central das ilhas Salomão; mais uma vez, os japoneses decidiram não combater. Porém, continuavam a defender Vella Lavella, prolongando a batalha das ilhas Salomão, em que 1.100 americanos e 2.483 japoneses haviam perdido a

vida. Em 7 de outubro, na ilha de Wake – que os americanos tinham optado por não invadir, deixando à respectiva guarnição japonesa os problemas da falta de recursos e da fome –, todos os 96 prisioneiros aliados foram obrigados a sentar-se alinhadamente na praia, de costas para o mar. Vendados e com as mãos amarradas atrás das costas, foram executados.

Na Noruega, no mesmo dia 7, um grupo comunista da resistência realizava um ato de sabotagem. Dois alemães e alguns noruegueses morreram quando uma entre as principais estradas de ferro do país foi atacada pelos guerrilheiros. Como retaliação, a Gestapo executou cinco reféns. Na Itália, a caça aos judeus ocupou boa parte da atenção da Gestapo na segunda e na terceira semanas de outubro. No dia 9, *Yom Kippur*, data mais sagrada em seu ano religioso, cem judeus foram deportados em trens de Trieste para Auschwitz. Nenhum sobreviveria à guerra. No mesmo dia, contudo, em Ancona, um sacerdote católico, Don Bernardino, avisou o rabino local, Elio Touff, sobre a deportação iminente; os judeus esconderam-se, protegidos, na maior parte dos casos, por famílias cristãs. Somente dez foram presos e deportados, tendo um, entre eles, sobrevivido à guerra. Em Auschwitz, no Dia da Reconciliação, mil homens e mulheres foram considerados demasiado doentes para o trabalho e gaseados. Dois dias mais tarde, nas aldeias polonesas de Sokolka e de Laznie, 56 camponeses, incluindo mulheres e crianças, seriam executados; os aldeãos haviam sido acusados de abrigar guerrilheiros soviéticos.

Aqueles que viviam sob o terror não tinham alternativa, senão a submissão, se quisessem evitar represálias e o assassinato de reféns. Para os grupos de escravos utilizados em vários campos de extermínio na tarefa de desenterrar corpos de judeus e queimá-los, a morte era o passo final. A revolta, embora desesperada, representava uma pequena hipótese de sobrevivência. Foi o que aconteceu no antigo campo de extermínio de Sobibor quando seiscentos trabalhadores forçados judeus, obrigados a desenterrar e queimar cadáveres de judeus mortos em 1942, decidiram, em 13 de outubro, atacar os guardas, armados com os poucos machados e facas que conseguiram obter. Dirigidos por um prisioneiro de guerra soviético, Alexander Pechersky, e por um judeu polonês, Leon Felhendler, atacaram os carcereiros no dia seguinte, matando nove

homens da SS e dois ucranianos e fugindo do campo. Duzentos revoltosos foram abatidos durante a fuga. Trezentos homens, não conseguindo sair do campo, foram mortos por unidades do exército e da polícia alemãs, chamadas às pressas da cidade vizinha de Chelm. Os cem homens que escaparam tentaram a sorte nas florestas e nos pântanos da Polônia Oriental; muitos conseguiriam juntar-se a forças de guerrilheiros soviéticos, colocando-se ao seu lado contra os ex-torturadores. Alguns se integraram ao Exército Vermelho; entre eles, Semyon Rozenfeld, que estaria em Berlim no dia da vitória.

Ainda em 13 de outubro, o governo da Itália, sediado em Brindisi, declarou guerra à Alemanha. Nos campos de batalha, os soldados italianos juntaram-se às forças aliadas que tentavam abrir caminho para Roma, mas Hitler ordenara que suas tropas mantivessem as respectivas posições. Enquanto os alemães tentavam defender suas linhas, 228 bombardeiros americanos, numa formação cerrada e sem o apoio de caças, desencadearam um ataque diurno contra a fábrica de rolamentos alemã em Schweinfurt. O edifício sofreu poucos estragos, mas 62 aviões atacantes foram abatidos, matando mais de cem americanos. Os responsáveis pelo ataque consideraram inadmissível a escala de perdas, em termos materiais e humanos. Não ocorreriam ataques aéreos semelhantes antes que se pudesse dispor de escoltas de caças como força de apoio. Assim, Schweinfurt obteve uma trégua de três meses e a produção de rolamentos alemães, decisiva para diversos tipos de armamento, pôde funcionar plenamente.

Na Itália, as tropas aliadas atacavam diariamente os alemães, tentando impeli-los a recuarem para o norte. Em 16 de outubro, estavam a cerca de apenas 145 quilômetros de Roma. Nesse dia, as forças da SS prenderam mais de mil entre os sete mil judeus romanos. Dois dias mais tarde, os prisioneiros foram enviados para Auschwitz. Oitocentos deportados foram gaseados à chegada; entre eles, um bebê que nascera depois da prisão da mãe. Entre os trezentos deportados que receberam a numeração no braço e foram levados para os alojamentos, somente dezesseis sobreviveriam à guerra. Entretanto, em Roma, mais de quatro mil judeus haviam sido escondidos em casas particulares, mosteiros e conventos enquanto 477 refugiaram-se no próprio Vaticano. Desse modo, os alemães viram-se privados da maior parte de suas potenciais vítimas.

O mesmo aconteceu em Milão, onde duzentos judeus foram detidos pela SS na noite de 16 de outubro e outros seiscentos tiveram o mesmo destino alguns dias depois, sendo deportados para Auschwitz, enquanto mais de seiscentos outros, nascidos na Itália ou refugiados oriundos da Europa Central, eram recolhidos por famílias cristãs que lhes garantiram a sobrevivência.

A noite de 16 de outubro assistiu também à fuga, a bordo de um avião britânico, de sete franceses, que embarcariam num grande prado junto a Mâcon. Tratava-se de um entre os três grupos recolhidos naquela noite durante as operações regulares de salvamento que a força aérea britânica passara a efetuar a partir da base de Tangmere. Entre os sete homens transportados estava o general De Lattre de Tassigny, que fugira, havia seis semanas, de uma prisão alemã de Riom, depois ser condenado a dez anos de encarceramento por resistir à ocupação alemã da França de Vichy em novembro de 1942. Centenas de resistentes, soldados, responsáveis e agentes de toda a espécie se beneficiariam com essas operações de salvamento.

Era o futuro da França que estava em causa em 17 de outubro, quando um exercício de forças terrestres, navais e aéreas britânicas, o exercício Pirata, foi colocado em prática na baía de Studland, no sul da Inglaterra. O objetivo do exercício era contribuir para a preparação, que prosseguia devagar, mas com segurança, da invasão ao continente europeu através do canal da Mancha. Anteriormente, ainda em outubro, fora atribuído o codinome Mulberry à baía artificial de cimento que desempenhava papel essencial nos preparativos para a invasão.

Na frente oriental, os russos voltaram a atacar, a leste de Vitebsk, abrindo uma ampla brecha nas linhas alemãs, atrás das quais, como se lia num relatório do exército alemão publicado em 18 de outubro, os guerrilheiros soviéticos realizavam “atividades intensas e destruidoras”, de modo que a devastação de pontes e de estradas de ferro se registrava autenticamente “em cadeia”. No mesmo dia, mais ao sul, durante o combate pela posse de Melitopol, um tenente de 19 anos pertencente ao Exército Vermelho, Abram Zindels, conduziu seus homens através de uma região da cidade, destruindo 23 posições de metralhadoras pesadas. Quando Zindels estava sem munições, os alemães intimaram-no a render-se. “Um oficial soviético não se deixa aprisionar”, replicou o

jovem, explodindo sobre si e sobre os alemães mais próximos sua última granada. Zindels foi nomeado, a título póstumo, Herói da União Soviética.

Em 18 de outubro, reuniram-se, em Moscou, os três ministros das Relações Exteriores dos principais países aliados – Cordell Hull, Eden e Molotov –, confirmando que não entabulariam negociações de paz separadas com a Alemanha. No dia seguinte, em Washington, chegava-se a um acordo quanto ao auxílio a ser prestado pela América à Rússia ao longo dos oito meses seguintes: 2,7 milhões de toneladas de abastecimentos seriam enviadas para os portos russos no Pacífico e mais 2,4 milhões de toneladas para os portos russos no golfo Pérsico, somando-se a um milhão de toneladas dos carregamentos que seguiriam pela rota ártica. Num encontro final com Cordell Hull, em que assistiram a um filme que incluía imagens da derrota do Japão em Khalkin Gol, em agosto de 1939, Stálin esclareceu que a União Soviética também considerava o Japão uma potência inimiga. “Estou vendo, marechal Stálin”, disse Hull, “que tem contas a ajustar com os japoneses, o que fará no momento certo. Compreendo sua posição e estou confiante na vitória”.

Em 19 de outubro, na prisão Stanley, em Hong Kong, os japoneses executaram, sem julgamento, um prisioneiro de guerra britânico, Douglas Waterman, membro do grupo clandestino de auxílio ao exército britânico que encorajava os prisioneiros à evasão e tentava introduzir medicamentos nos diversos campos de concentração da colônia. No mesmo dia, na capital de Bornéu norte, Jesselton, chineses e suluks nativos revoltaram-se contra a ocupação japonesa, matando 44 inimigos. Como represália, os japoneses arrasaram várias aldeias suluks, prenderam e torturaram milhares de civis e condenaram à morte, sem julgamento, 189 suspeitos. Numa execução posterior, dezenas de mulheres e crianças suluks, com as mãos amarradas atrás das costas, foram presas, por uma corda, aos pilares de uma mesquita. Com uma metralhadora, os prisioneiros foram assassinados a sangue-frio. Aqueles que ainda davam sinais de vida depois do tiroteio foram mortos a tiros de revólver.

O conhecimento de tais atrocidades levou os aliados à criação, em 20 de outubro, de uma Comissão dos Crimes de Guerra das Nações Unidas,

destinada a investigar e a julgar todos os indivíduos responsáveis por “crimes de guerra”. Entre os membros da comissão contavam-se representantes dos governos exilados da Polônia, Tchecoslováquia, Grécia e Iugoslávia, países onde o assassinato de civis e os exercícios de represália se tornaram prática corrente.

Na noite de 22 de outubro, um ataque realizado por bombardeiros britânicos contra a Alemanha destruiu, na cidade industrial de Kassel, instalações decisivas para a produção de artigos para a força aérea e a artilharia alemãs. Na tempestade de fogo que se seguiu, 5.300 habitantes da cidade perderam a vida.

No dia seguinte, seis contratorpedeiros britânicos, acompanhados pelo novo cruzador ligeiro *Charybdis*, empreenderam a operação Tunnel, com a esperança de capturarem um navio mercante alemão durante seu trajeto, a partir de Brest, pelo canal da Mancha. Os navios atacantes foram, contudo, surpreendidos pela escolta do navio mercante. O *Charybdis*, atingido por dois torpedos, foi afundado, levando à perda de 462 homens enquanto um contratorpedeiro, o *Limbourne*, perdia 42 entre seus tripulantes. Muitos corpos, lançados na costa das ilhas do canal, foram enterrados pelos alemães com todas as honras militares. Cinco mil habitantes das ilhas acompanharam os corpos ao cemitério onde foram sepultados, prestando homenagem aos mortos e manifestando sua determinação de resistência passiva.

Um ato de revolta diferente ocorreu em 23 de outubro, em Auschwitz, após a chegada ao campo de 1.750 judeus poloneses, detentores de passaportes sul-americanos, a quem haviam dito que seriam mandados para a América do Sul. Quando chegaram a Auschwitz, as mulheres foram ordenadas a se despirem. Enquanto o faziam, os guardas alemães, como sempre, tiravam-lhes os anéis e os relógios. Enquanto decorria essa operação, um oficial da SS, Josef Schillinger, ordenou que uma mulher se despirasse completamente. Essa mulher, que, de acordo com certas fontes, seria uma ex-bailarina de Varsóvia chamada Horowitz, bateu com o próprio sapato no rosto de Schillinger, apoderou-se do revólver do oficial e feriu-o no estômago. Além disso, feriu outro homem da SS, o sargento Emmerich. Os disparos serviram como sinal, levando as outras

mulheres a atacarem os guardas da SS à entrada da câmara de gás. Um guarda perdeu o nariz e outro foi escalpelado.

Schillinger morreu a caminho do hospital de campanha. Os outros homens da SS fugiram. Pouco depois, o comandante do campo, Rudolf Hess, entrou no edifício da câmara de gás, acompanhado por mais homens da SS armados com metralhadoras e granadas. As mulheres foram retiradas dali, uma a uma, e abatidas a tiro.

A revolta das judias de Auschwitz foi narrada, mais tarde, por dois prisioneiros que trabalhavam no campo. Um entre eles, também judeu, Stanislaw Jankowski, recordaria apenas mais uma tentativa do gênero, quando um prisioneiro de guerra soviético, que estava prestes a ser abatido juntamente com seus companheiros, arrancou a arma de um guarda da SS, “mas não conseguiu usá-la e foi dominado”. O segundo prisioneiro, o estudante de medicina polonês Jerzy Tabau, que escaparia de Auschwitz e daria notícias ao Ocidente sobre o que se passava no campo, observou que, depois de 23 de outubro, “o extermínio dos judeus continuou, sem interrupções”. Em 25 de outubro, morreram 2.500 mulheres e moças judias, oitocentas vindas de Salônica, que foram mantidas sem comida e quase sem água num alojamento, durante três dias e três noites, até serem conduzidas à câmara de gás e assassinadas.

Uma entre tais moças era Lillian Menasché, que tinha 11 anos. Seu pai, que sobreviveria a Auschwitz, lembraria o “dia maldito”, mas a maior parte das vítimas dessa execução não tinha quem chorasse por elas ou guardasse na memória aquele dia de outubro. Grande parte das vítimas de Hitler foi mandada para a morte sob uma espessa nuvem de anonimato, como números, não nomes, como elementos de um quadro estatístico de mortes anônimas e cotidianas.

Em 25 de outubro, os japoneses celebraram a conclusão das obras de construção da estrada de ferro Birmânia-Tailândia. Entre os 46 mil prisioneiros de guerra aliados obrigados a trabalhar em sua construção, dezesseis mil morreram como vítimas da fome, de maus-tratos e de doenças. Também perderam a vida na “estrada de ferro da morte”, em condições ainda piores do que aquelas impostas aos prisioneiros de guerra aliados, mais de cinquenta mil trabalhadores birmaneses, que não tinham, dada sua raça e sua baixa condição social, o que os protegesse contra as ambições imperiais japonesas.

“Sangrando até a morte no Leste” (Goebbels)

Inverno de 1943

Em 25 de outubro de 1943, as forças soviéticas, após cruzarem o baixo Dnieper num ataque de surpresa, entraram em Dnepropetrovsk, uma entre as maiores e mais importantes cidades no sul da Rússia. No mesmo dia, Dneprodzherzhinsk, outra cidades da margem ocidental do Dnieper, caiu em mãos russas. De Berlim, foi emitida uma comunicação via rádio admitindo que a situação militar alemã na Rússia era “extremamente grave”. No dia seguinte, o marechal Von Kleist, por iniciativa própria, ordenou a evacuação da Crimeia. Hitler não havia sido consultado. Nessa noite, por insistência do Führer, a ordem seria cancelada. No Pacífico, os japoneses mostravam-se menos relutantes a aceitar a necessidade das retiradas. Quando tropas neozelandesas desembarcaram na ilha de Stirling, parte do grupo central das ilhas Salomão, em 27 de outubro, descobriram que ninguém defendia o local. Ao desembarcarem na ilha vizinha de Mono, no mesmo dia, os neozelandeses se depararam com uma pequena guarnição japonesa, que, no entanto, seria rapidamente vencida, com a morte de duzentos japoneses contra 52 neozelandeses e americanos.

Na ilha de Choiseul, contudo, uma força americana, apesar de seu desembarque surpresa, deparou-se com uma resistência mais forte. Nem todas as ilhas se entregavam ou eram abandonadas sem luta. Os seis aeroportos de Choiseul seriam defendidos, literalmente, até o fim. Durante um ataque para divergir as atenções na região, o barco-patrolha do tenente John F. Kennedy foi enviado, com outros, para deslocar tropas americanas numa praia; tendo outro barco batido num recife de corais e começado a afundar, Kennedy salvou oito tripulantes, incluindo três feridos, entre os quais um, o cabo Schnell, morreria antes de chegar a

porto seguro. Três dias mais tarde, Kennedy e seu barco estavam novamente em ação contra embarcações japonesas próximas à ilha de Moli.

Em 28 de outubro, o 61º comboio, em menos de dezoito meses, partia de Paris para Auschwitz. Entre os deportados que morreriam no campo estava Arno Klarsfeld, romeno de 39 anos. Em 1939, alistara-se como voluntário no exército francês. Feito prisioneiro pelos alemães, conseguira fugir. Dirigindo-se a Nice, juntara-se ao grupo resistente Combat. Preso pela Gestapo, era enviado para Auschwitz em companhia de mil judeus, entre os quais apenas 42 sobreviveriam à guerra. Entre os 125 passageiros com menos de 17 anos no comboio, incluindo uma menina de cinco meses chamada Michele Nathan, nenhum sobreviveu.

As forças alemãs na frente oriental conseguiram, na última semana de outubro, deter a progressão do Exército Vermelho. Durante um contra-ataque alemão, a norte de Krivoi Rog, foram capturados trezentos tanques e cinco mil soldados soviéticos, tendo os russos sido empurrados para trás, em direção ao Dnieper. Ao norte, uma defesa alemã tenaz continuava a impedir a queda de Vitebsk em mãos soviéticas. Em 28 de outubro, o marechal Von Rundstedt forneceu a Hitler sua apreciação acerca dos perigos que ameaçavam o Reich na Europa Ocidental, indicando a costa da Mancha, a Riviera Francesa e o golfo de Biscaia como pontos possíveis para um desembarque aliado. Hitler, percebendo que a presença das tropas aliadas na Itália assinalava apenas uma primeira fase dos planos anglo-americanos para a Europa, emitiu, em 3 de novembro, sua diretiva no 51, afirmando que a Alemanha corria mais perigos a Ocidente do que a Oriente e que essas forças não deveriam ser reduzidas, mas reforçadas com tanques e peças de artilharia.

Entretanto, os aliados tentavam, sem êxito, avançar sobre Roma. Os alemães cediam posições ínfimas após batalhas furiosas. No Mediterrâneo oriental, a aviação alemã com base em Rhodes confundia as tentativas britânicas de reforçar as ilhas menores de Samos e de Leros, ocupadas após a rendição da Itália. Em 30 de outubro, 43 homens foram mortos durante um ataque aéreo contra o cruzador *Aurora*. Um oficial do

navio, o tenente Kenneth More, ator na vida civil, lembrou, mais tarde: “Nessa noite, era meu turno e entreguei-me à tarefa triste e deprimente de percorrer os conveses bombardeados com uma lanterna, descobrindo pedaços de corpos mutilados pelos cantos e até nos cordames.”

Atrás das linhas alemãs, a força das guerrilhas antinazistas continuava a crescer. Na Polônia ocupada, o dia 1º de novembro assistiu à publicação, por um jornal clandestino, de uma sentença de morte contra Wacław Noworol, agricultor da região de Nowy Sącz acusado de denunciar judeus e poloneses que escaparam aos alemães. No mesmo dia, as forças alemãs que se encontravam ao norte de Vitebsk eram obrigadas a lançar duas operações antiguerrilha numa tentativa de proteger as linhas de abastecimento dos exércitos de centro e do norte. Entretanto, o marechal Von Weichs, comandante-chefe das forças alemãs nos Bálcãs, escrevia em seu diário:

A situação medonha criada pela guerrilha transforma todas as coisas. Sequer se pode falar em ‘guerrilheiros’ propriamente ditos – sob a direção de Tito, formou-se um poderoso exército bolchevique, rigidamente disciplinado, atuando segundo as ordens de Moscou e tornando-se mais forte e mortífero a cada dia.” Para concluir, Weichs acrescentou: “Os britânicos apoiam-no muito.

Ao longo de nove dias do meio de outubro, registrou Goebbels em 2 de novembro em seu diário, mais de nove mil soldados alemães haviam sido mortos na frente oriental. “Não podemos aguentar essas perdas por muito tempo”; se as coisas continuassem assim, concluía ele, “corremos o risco de sangrar lentamente, até a morte, no Leste”.

No dia em que Goebbels escrevia essas palavras, outra espécie de derramamento de sangue se iniciava no campo de concentração de Majdanek, perto de Lublin. No intervalo de uma semana, foram mortos 45 mil sobreviventes do gueto de Varsóvia, executados a tiros de metralhadora em valas abertas atrás da câmara de gaseamento, tendo dezoito mil vítimas sido aniquiladas num único dia. Na mesma semana, foram mortos cinco mil judeus que eram ex-soldados do exército polonês. Esses homens haviam sido mantidos num campo para prisioneiros de guerra, localizado em Lublin, ao longo dos quatro anos

anteriores, desde outubro de 1939. Numa imitação ridícula de uma operação militar, esse extermínio recebeu o codinome Festival da Colheita.

Em 3 de novembro, duzentos judeus de Gênova – e outros cem vindos da Europa Central e refugiados na cidade antes da guerra – foram deportados para Auschwitz. Entre eles, o rabino da cidade, Riccardo Pacifici, que foi morto com sua congregação. No mesmo dia, o sacerdote católico Bernhard Lichtenberg, que passara mais de dois anos preso em Berlim após rezar publicamente pelos judeus, foi transferido para Dachau, mas morreu durante a viagem.

Em 5 de novembro, o Exército Vermelho aproximou-se de Kiev, que era a terceira maior cidade soviética, após Moscou e Leningrado. Enquanto decorria a batalha pela cidade, cargas explosivas foram instaladas em muitos edifícios, tendo sido destruídas numerosas igrejas e outras construções de interesse público. Nessa noite, os soldados tchecoslovacos da 1ª Brigada Tchecoslovaca Independente, após seu comandante, coronel Svoboda, pedir-lhes que lutassem por Kiev como fariam “por Praga e Bratislava”, ocuparam a principal estação ferroviária da cidade. Na manhã seguinte, Kiev estava novamente nas mãos dos russos, após mais de dois anos de ocupação alemã. Para Hitler, a perda da cidade era um golpe duro. O Exército Vermelho não parou em Kiev, mas, continuando a impelir os alemães, avançou 48 quilômetros em 7 de novembro, ocupando a cidade de Fastov, nó ferroviário importante para o abastecimento alemão em direção sudeste, a caminho do Dnieper, em direção oeste e para a segunda linha de defesa Pantera, montada por Hitler havia menos de dois meses.

Para o Exército Vermelho, apesar da devastação que encontrou em Kiev, o sentimento de vitória era crescente; em 8 de novembro, foi criada uma Ordem da Vitória, destinada a premiar os comandantes militares que conseguissem realizar com êxito, numa ou em várias frentes, operações análogas à conquista de Kiev, “resultando numa alteração radical da situação em prejuízo do inimigo”. A medalha de platina da Ordem da Vitória continha 91 diamantes incrustados; uma lista de honra com os nomes dos homens a serem premiados seria exposta no Kremlin. No

mesmo dia, uma Ordem da Glória era criada para os escalões inferiores do exército e para os tenentes da força aérea, a fim de premiar feitos de coragem pessoal; aqueles que fossem agraciados com a medalha teriam direito a uma pensão vitalícia e a que seus filhos fossem educados gratuitamente.

Em 8 de novembro, Hitler fez seu discurso anual na cervejaria de Munique. “Ainda que não possamos chegar à América agora”, disse ele, “agradeçamos a Deus por ao menos outro país estar ao nosso alcance e concentremos contra ele nossos esforços”. Os cientistas de Hitler haviam garantido que a bomba voadora estaria pronta ao fim do ano, mas, nesse mesmo dia, Albert Speer observou que “as investigações não estavam tão avançadas quanto a equipe responsável gostaria de afirmar”. No mesmo dia 8, na Grã-Bretanha, cientistas e peritos militares, após estudarem os desenhos dos centros de instalação alemães obtidos por Michel Hollard, decidiram reexaminar as fotografias aéreas disponíveis que mostrassem o norte da França e obter novas imagens para tentar verificar o que se passava; ainda era necessário comprovar a existência de um míssil ou de uma bomba voadora.

Na mesma data, deu-se o primeiro entre os novos voos de reconhecimento aliados, em que quebrar o segredo das instalações Ski era uma prioridade britânica. No mesmo dia, um trem com “destino desconhecido” partiu de Florença. Os quatrocentos judeus que seguiam no veículo haviam sido presos em Siena, Bolonha e Florença. Nunca se soube se houve sobreviventes.

Em todos os campos de batalha, a destruição aumentara durante a segunda semana de novembro – no Pacífico, onde, em 9 de novembro, os americanos iniciaram seu avanço pelo interior de Bougainville; na Itália, onde as forças aliadas foram obrigadas a reconhecer que Roma ainda não estava ao seu alcance; e na frente oriental, onde os alemães se opunham a um novo avanço soviético a ocidente de Kiev enquanto, ao norte, eram obrigados, porém, a abandonar Zhitomir, a apenas 120 quilômetros da fronteira entre a Polônia e a União Soviética anterior à guerra. No Mediterrâneo oriental, os combates também se intensificaram subitamente: quando dez mil soldados britânicos e italianos se opuseram

a um desembarque alemão na ilha de Leros, em 11 de novembro, foram registradas pesadas baixas em ambos os lados até, após cinco dias de luta, os defensores serem vencidos.

Em 14 de novembro, durante um ataque aéreo americano diurno contra a Alemanha, vinte caças alemães, que até então eram o flagelo dos aviões aliados, foram abatidos. “Os americanos atacam-nos durante o dia com bombardeiros protegidos”, registrou Goebbels em seu diário. Tratava-se, continuou Goebbels, de “uma situação naturalmente muito difícil para nossas defesas antiaéreas”. A frente oriental também era fonte de perigo para Goebbels, apesar da reconquista da cidade ucraniana de Zhitomir, em 15 de novembro, e da morte, durante aquela semana, de cerca de vinte mil soldados russos. “Isso não tem fim!”, escreveu ele. “Os soviéticos dispõem de reservas com as quais nunca sonhamos, nem em nossas estimativas mais pessimistas.”

Himmler determinou que não pararia até que as teorias raciais do nazismo fossem colocadas plenamente em prática. Em 15 de novembro, fora difundida uma ordem estabelecendo que os ciganos nômades e os “semiciganos” deveriam ser “equiparados aos judeus e internados em campos de concentração”. “Em casos de dúvida”, caberia ao chefe da polícia local decidir “quem é cigano”. Após essas instruções, centenas de ciganos, até então prisioneiros em campos de trabalho, foram deportados para Auschwitz: os primeiros vinte saíram de Grodno e de Orel. Também foram deportados para Auschwitz, em 15 de novembro, 1.149 judeus holandeses, seguidos, um dia depois, por outros 995. Deste grupo, 533 deportados foram gaseados à chegada ao campo, inclusive 116 crianças. Ao mesmo tempo, 164 poloneses eram conduzidos para a câmara de gás; doze entre os membros deste grupo eram mulheres pertencentes a um grupo de resistentes.

Os judeus holandeses e as patriotas polonesas pereceram juntos, numa morte testemunhada por um trabalhador escravo judeu, que conseguiu receber e esconder a exortação de uma polonesa no instante de sua morte: “Digam aos nossos irmãos, à nossa nação, que avançamos ao encontro da morte plenamente conscientes e cheias de orgulho.” Passado

algum tempo, o judeu também foi assassinado em Auschwitz, mas a mensagem que escondera sobreviveu.

Outra testemunha ocular do extermínio ocorrido durante novembro foi Josef Reznik, um judeu polonês e prisioneiro de guerra dos alemães desde sua captura no campo de batalha em setembro de 1939. Juntamente com outros trezentos judeus, tivera a vida poupada na ocasião das matanças do “Festival da Colheita”, iniciadas em Majdanek em 2 de novembro, por ter sido escolhido para integrar um novo comando de Blobel, encarregado de desenterrar e de queimar os cadáveres de vítimas dos nazistas. O grupo de Reznik foi mandado para os bosques de Borki, na região de Chelm. Reznik recordaria como ele e seus companheiros desenterraram mais de trinta mil cadáveres ao longo desse inverno. Grande parte dos corpos pertencia a soldados soviéticos aprisionados em 1941. Havia também os cadáveres de milhares de judeus, entre os quais muitas crianças da cidade vizinha de Hrubieszow. Reznik observou que os cadáveres mais “recentes” eram de soldados italianos, transportados para Borki como prisioneiros de guerra após a rendição de Itália e, segundo tudo indicava, imediatamente assassinados.

* * *

Na noite de 15 de novembro, a chefia das Operações Especiais britânicas lançou a operação Conjuror, enviando num avião, a partir de Tangmere, no sul da Inglaterra, seis agentes que seriam desembarcados na França, nas imediações de Angers. Um passageiro era Vitor Gerson, organizador da rede de fuga Vic para prisioneiros de guerra aliados e tripulantes de aviões abatidos. Três entre os seis agentes foram presos à chegada a Paris. No voo de regresso à Grã-Bretanha, havia doze pessoas, entre elas François Mitterrand – que usava o codinome Monier e dirigira, durante mais de um ano, o grupo Morland em suas atividades de auxílio a prisioneiros de guerra franceses e a deportados; em 1940, ele mesmo havia escapado de um campo para prisioneiros de guerra localizado na Alemanha.

Dois meses mais tarde, Mitterrand regressou à França, levado num cargueiro de Dartmouth até uma lancha de guerra no alto-mar e atravessando o canal até ser desembarcado numa pequena praia em Beg-

an-Fry. Uma vez na França, organizou um novo grupo de resistentes, que auxiliava prisioneiros de guerra e trabalhadores deportados. Trinta e oito anos mais tarde, seria eleito presidente da República Francesa.

Enquanto os voos de reconhecimento britânicos continuavam a observar e a fotografar as misteriosas instalações Ski no norte da França, as esperanças postas em outra arma em potencial de Hitler foram finalmente varridas quando, na Noruega, 160 bombardeiros americanos, a partir de bases britânicas, atacaram, em 16 de novembro, a central elétrica e a fábrica de água pesada de Vermok. Vinte civis noruegueses morreram durante o ataque, que, embora não tendo destruído a fábrica, causou estragos tão duros na central de energia elétrica que impossibilitou que se continuasse a produzir água pesada no local. Os estoques de água pesada existentes deveriam ser transportados para a Alemanha, de acordo com as instruções de responsáveis alemães. Alguns agentes secretos noruegueses transmitiram essa informação a Londres, onde foram feitos planos que visavam à destruição desses estoques durante o trajeto.

Em 18 de novembro, dois dias após o ataque aéreo diurno realizado pelos americanos contra Vermok, 440 bombardeiros britânicos atacaram Berlim durante a noite. O ataque, que pretendia destruir zonas industriais, matou 131 berlinenses, mas causou poucos estragos nas fábricas. Nove bombardeiros britânicos foram abatidos e 53 homens perderam a vida, entre os quais o major John White, que desempenhara papel decisivo no ataque contra Peenemünde, alvejando o ponto exato e evitando bombardear o campo de trabalhadores estrangeiros.

Em 20 de novembro, os americanos lançaram a operação Galvanic contra três atóis das ilhas Gilbertas – Makin, Tarawa e Abemama. Em Makin, onde desembarcaram mais de seis mil americanos, havia apenas trezentos soldados japoneses e quinhentos trabalhadores coreanos, mas os japoneses estavam decididos a combater até o fim; 550 ocupantes da ilha foram mortos antes que os restantes, quase todos trabalhadores coreanos, se rendessem. Sessenta e quatro americanos perderam a vida durante o assalto, sendo 35 como baixas “fora de combate”. Porém, um porta-aviões da escolta americana, *Lisome Bay*, foi torpedeado por um

submarino japonês e, numa terrível explosão, 644 entre seus novecentos tripulantes perderam a vida. Mais 43 americanos morreram no couraçado *Mississippi* quando uma torreta explodiu no decurso de um bombardeamento que precedeu o desembarque.

Os nativos de Makin receberam efusivamente os americanos. O tenente Clarence B. Selden, comandante da operação de desembarque, recordaria a forma como um chefe da ilha dissera-lhe num só fôlego: “Estou tão contente por chegarem; esperamos muitos meses por sua vinda; estamos muito felizes; posso trazer cocos para seus homens?”

No atol de Tarawa, mais de cinco mil defensores japoneses enfrentaram um número aproximado de americanos nas praias da ilha de Betio. Ao fim de 76 horas de luta feroz, apenas um oficial japonês e sessenta soldados, junto com 129 trabalhadores coreanos, ainda estavam vivos. Mil americanos – a quinta parte da força de invasão – morreram enfrentando a resistência fanática dos cinco mil japoneses. A batalha impressionou a opinião pública americana ao indicar como seria difícil uma derrota total japonesa. O choque não era causado apenas por números: as fotografias publicadas nos jornais, mostrando cadáveres de soldados americanos boiando ao sabor da maré ou empilhados nas praias junto a materiais de guerra incendiados, impressionaram terrivelmente a opinião pública, até pouco tempo protegida, pela censura, do espetáculo criado por imagens análogas.



Fuzileiros americanos examinam os destroços de aviões japoneses em Tarawa, a principal base aérea japonesa, nas ilhas Gilbert, em 20 de novembro de 1943.

Contra a pequena guarnição japonesa em Abemama, foi decidido, a seguir à morte de um fuzileiro durante uma primeira tentativa de desembarque, utilizar apenas a artilharia naval. O método foi eficaz; um nativo comunicou aos americanos, em 25 de novembro, que todos os japoneses estavam mortos. Catorze japoneses foram abatidos pelo fogo dos navios e os outros restantes, suicidaram-se.

Em 22 de novembro, enquanto os americanos enfrentavam a resistência japonesa em Makin e Tawara, os britânicos operavam um novo ataque aéreo noturno contra Berlim, enviando 764 bombardeiros contra a capital alemã. Para o desgosto de Hitler, os estragos no centro administrativo da cidade foram grandes, tendo sido atingidos o Almirantado, a aeronáutica e o Ministério do Armamento e da Produção de Guerra, entre outros alvos. A própria chancelaria e o trem de Hitler, então estacionado num entreposto, foram afetados; o Führer estava, no momento, em Rastenburg.

Para os berlinenses, o ataque provocou dois desastres civis: cerca de cem pessoas morreram esmagadas ao tentarem descer as escadas para um abrigo subterrâneo enquanto outras quinhentas perderam a vida quando uma bomba de quase duas toneladas explodiu na parte externa de um abrigo público situado nos alicerces de uma escola. Ao todo, morreram 1.737 civis em Berlim. “Parece que o inferno se abate sobre nós”, registrou Goebbels em seu diário. “O centro administrativo encontra-se sob o fogo e a explosão das bombas. Um atrás do outro, ardem os edifícios principais.”

Embora 167 tripulantes dos bombardeiros britânicos houvessem perdido a vida no ataque aéreo contra Berlim em 22 de novembro, um novo ataque ocorreria na noite seguinte, matando mais 127 atacantes. Para os habitantes de Berlim, o segundo ataque foi um pouco menos duro, causando 1.315 mortes comprovadas. “O segundo ataque aéreo igualou-se ao primeiro em intensidade”, escreveu Goebbels em seu diário. “Embora tenhamos pensado que seria mais fraco, essa esperança não se verificou.” A residência oficial de Goebbels foi atingida e o piso superior, destruído. “Pouco a pouco, aprendemos a habituar-nos a condições de vida primitivas”; em sua casa não havia, pela manhã, “aquecimento, luz ou água”. E Goebbels acrescentou: “Não se pode fazer

a barba nem lavar o rosto. Fomos obrigados a nos dirigir ao abrigo à luz de velas.”

Na manhã de 23 de novembro, duzentos soldados alemães cercaram a casa onde estava escondido o agente britânico Michael Trotobas, em Lille. No tiroteio que se seguiu, Trotobas matou o oficial da Gestapo que o prenderia e continuou a disparar sobre os assaltantes até ser morto. A agente que o acompanhava, Denise Gilman, foi ferida no estômago, morrendo. No final da guerra, foi criada uma condecoração para a resistência sob o nome de Michael Trotobas – a Cruz do Capitão Michel –, sendo o único exemplo de uma medalha oferecida pela resistência francesa e dedicada à memória de um oficial britânico. Apesar da morte de Trotobas, seu grupo, denominado Agricultor, manteve-se ativo, dedicando-se ao ataque contra instalações alemãs em todo o nordeste da França.

* * *

No extremo Oriente, os japoneses sofreram um novo golpe contra seu prestígio em 25 de novembro, quando os bombardeiros americanos atacaram o aeródromo de Shinchiku, em Formosa. Ao todo, foram destruídos 42 aviões japoneses, alguns em combate e outros, no solo. Na Nova Guiné, após oito dias de batalha, as forças australianas apoderavam-se do monte Sattelberg, de 730 metros de altura, no trilho de Kokoda; o momento decisivo da vitória foi um ataque conduzido pelo sargento Thomas Derrick. Pela coragem demonstrada em combate, ele receberia a cruz Victoria.

Nos campos de trabalho escravo da estrada de ferro Birmânia-Tailândia, as doenças continuavam a vitimar. No campo de Tarsao, também em 25 de novembro, o coronel Dunlop assinalava a ocorrência de 364 mortes nos quatro meses anteriores, escrevendo em seu diário: “Os ‘capitães da morte’ foram a disenteria, a cólera, a malária, as doenças causadas por privações e as úlceras tropicais. Principalmente, a disenteria.”

Em 26 de novembro, os russos ocuparam Gomel, localizada a apenas 640 quilômetros do quartel-general em Rastenburg. Nessa noite, os bombardeiros britânicos atacaram novamente Berlim, destruindo as principais oficinas da fábrica de tanques Allkett. Hitler, ao saber sobre o ataque aéreo, ordenou que fossem mandadas para Berlim baterias antiaéreas que se encontravam em Potsdam e em Brandenburg, mas os esforços seriam inúteis. Tal como Allkett, outras fábricas de armamento e de munições foram pesadamente atingidas, assim como uma fábrica de aparelhos de radar. Durante o quarto ataque no intervalo de um mês, 196 tripulantes britânicos e canadenses foram mortos pelos alemães ou perderam a vida em quedas e em acidentes; 470 berlinenses também foram mortos, sendo 92 vítimas do choque de um avião num edifício.

Na frente oriental, 6.473 soldados alemães haviam morrido em combate nos dez dias anteriores; no mesmo período, morreram 3.653 civis em Berlim. Acerca das mortes militares, Goebbels escreveu em seu diário, em 27 de novembro: “É suportável. Por outro lado, os casos de doença aumentam e, principalmente, o moral das tropas é afetado, física e espiritualmente por nossas constantes retiradas.”

O dia seguinte assistiu a uma breve mudança de maré na frente oriental, quando os exércitos do sul, liderados pelo marechal Von Manstein, cercaram uma grande força russa na região de Korosten, a noroeste de Kiev, infligindo-lhe pesadas baixas.

Durante esse período de vitórias russas, Stálin não se encontrava na União Soviética, deixando a Rússia pela primeira vez desde a Revolução Bolchevique em 1917 para encontrar-se com Roosevelt e Churchill em Teerã. Aí, em sólidas condições de segurança, Churchill apresentou os planos anglo-americanos para uma invasão à França através do canal da Mancha, que seria realizada na primavera ou no verão seguinte.

Em 29 de novembro, durante a discussão sobre a operação Overlord em Teerã, Churchill informou a Stálin, causando-lhe certo mal-estar, as três condições necessárias à operação Overlord: primeiro, uma “redução satisfatória” do poder de combate das forças alemãs no noroeste da Europa; segundo, as reservas alemãs na França e nos Países Baixos não deveriam, no dia do assalto, ser superiores a “cerca de doze divisões móveis e perfeitamente equipadas”; e, terceiro, não deveria ser possível

que a Alemanha transferisse de outras frentes mais de quinze divisões durante os primeiros sessenta dias da operação.

Em resposta, Stálin perguntou a Churchill se o primeiro-ministro e os estados-maiores britânicos acreditavam realmente na realização da operação Overlord, ao que Churchill replicou que, contanto que as condições referidas fossem reais, “será nosso dever atravessar o canal e combater os alemães com toda a nossa energia”.



Roosevelt, Churchill e Stálin na Conferência de Teerã, em 30 de novembro de 1943. O bolo de aniversário é para comemorar o 68º aniversário de Churchill. A conferência tinha começado no dia anterior.

Também em 29 de novembro, em Teerã, Stálin afirmou a Roosevelt e a Churchill que a União Soviética entraria em guerra contra o Japão “no momento em que a Alemanha fosse derrotada”. Tratava-se, como disse Churchill ao chefe do estado-maior britânico, de “uma decisão enorme”. Era também um dado a ser conservado com o maior sigilo e, assim, não seria sequer registrado nas atas secretas das negociações de Teerã.

Stálin não foi, contudo, informado de que os cientistas americanos que preparavam a bomba atômica haviam chegado, nessa data, ao ponto decisivo de definir as alterações a introduzir num bombardeiro B-29 para capacitá-lo a transportar e lançar a bomba. Quatro dias mais tarde, quinze cientistas nucleares britânicos chegavam aos Estados Unidos a fim de se juntarem à equipe americana; entre eles Klaus Fuchs, espião soviético.

Sem que os três grandes líderes o soubessem, houvera, pouco antes, ainda no mês de novembro, uma tentativa de assassinato contra seu principal inimigo comum, quando um oficial alemão, o barão Axel von dem Bussche, aceitou desenvolver uma nova capa militar a pedido de Hitler. Von dem Bussche colocaria uma bomba num bolso da capa, que detonaria enquanto Hitler estivesse examinando a peça, de tal modo que Hitler e ele não pudessem escapar. Infelizmente para os conspiradores, a apresentação da capa foi repetidamente adiada, até que, ainda mais desgraçadamente, os protótipos foram destruídos durante um ataque aéreo contra Berlim. Von dem Bussche, entretanto, voltaria ao seu posto na frente oriental, onde seria gravemente ferido.

A essa altura, Hitler raramente deixava Rastenburg, mas, em 26 de novembro, percorreu os 72 quilômetros que o separavam da base aérea de Insterburg para ver uma bomba voadora levada expressamente ao local para esse efeito e transferida de Peenemünde. O centro experimental de Peenemünde foi, por sua vez, fotografado por um piloto britânico em 28 de novembro. Dois dias depois, um perito em fotografias de reconhecimento, a tenente Constance Babington Smith, observando fotografias que acompanhavam a diretiva de 8 de novembro, pensou descobrir, em algo que fora interpretado como “equipamento de dragagem”, uma possível rampa para o lançamento de bombas voadoras. A nova fotografia confirmou, em seguida, que realmente podia ser visto um aparelho sem piloto numa rampa de lançamento.

Com a convicção errônea de que a ogiva dessa nova arma secreta alemã poderia atingir o peso de sete toneladas, o governo britânico tomou medidas urgentes para garantir milhões de camas de hospital destinadas às pessoas que pudessem ser atingidas. Ao mesmo tempo, tomavam-se medidas para minimizar ou prevenir o perigo.

Em 4 de dezembro, toda a costa norte da França, onde se encontravam as instalações de lançamento Ski, cujo mistério fora, entretanto, dissipado, voltou a ser objeto de fotografias aéreas que comprovavam que todas as bases de lançamento haviam sido percebidas. No dia seguinte, teve início o bombardeamento sistemático dos centros Ski no decurso da operação Crossbow.

Na noite de 2 de dezembro, houve um novo ataque aéreo contra Berlim. Durante o ataque, 228 tripulantes dos aparelhos britânicos foram mortos, assim como dois correspondentes de guerra aliados. Morreram 150 cidadãos berlinenses. Um bombardeiro, seguindo os outros e falhando o alvo, soltou suas bombas sobre Cottbus, localizado a oitenta quilômetros a sudeste de Berlim. Na noite seguinte, o alvo foi Leipzig. “O centro da cidade foi atingido com particular dureza”, escreveu Goebbels em seu diário. “Quase todos os edifícios públicos, teatros, a universidade, o Supremo Tribunal, átrios de exposições etc. foram completamente destruídos ou gravemente danificados.”

Na Polônia ocupada, a intimidação e o terror sobre a população local mantinham-se. Em 3 de dezembro, a SS e a Gestapo executaram publicamente cem trabalhadores dos transportes municipais de Varsóvia, numa represália contra recentes sabotagens. Seis dias mais tarde, forças clandestinas polonesas anunciaram a condenação à morte por fuzilamento de dois poloneses, Tadeusz Karcz e Antoni Pajor, acusados de denunciar à Gestapo judeus e poloneses que haviam abrigado outros judeus.

Com o auxílio de informações introduzidas nos campos de prisioneiros de guerra na Alemanha, soldados, marinheiros e aviadores aliados realizavam repetidas tentativas de fuga e de regresso ao combate. Uma fuga, empreendida em 9 de dezembro, seria notável pelo traje que um fugitivo, o tenente D. P. James, da marinha britânica, escolheu para se disfarçar durante a travessia do Báltico. “Dado o grande número de uniformes que se viam na Alemanha, resolvi tentar a fuga usando um

uniforme completo da marinha britânica, equipado com um cartão de identificação que me declarava membro da marinha búlgara.” O nome e a inicial escolhidos pelo tenente James continham uma mensagem levemente camuflada: I. Bagerov⁴. Trocando seu disfarce primitivo, no devido momento, por um uniforme de marinheiro sueco, James conseguiu embarcar um barco finlandês em Dantzig, dirigindo-se para a neutra Estocolmo.

Em seu quartel-general em Rastenburg, a 180 quilômetros de Dantzig, Hitler conseguiu tempo, em 10 de dezembro, para desenhar, para seu retiro bávaro em Obersalzberg, o esboço de um túnel de proteção contra bombardeamentos. Hitler estava especialmente empenhado, explicaria um colaborador seu, em conseguir um anteparo ou uma barreira eficaz contra as rajadas causadas pelas explosões.

Não se passava um dia sem que novos crimes fossem cometidos na Europa ocupada; em 14 de dezembro, nove membros do Partido Comunista polonês foram tirados da prisão local em Herby, perto de Czystochowa e fuzilados. Hoje, uma cruz marca o local onde morreram.

No começo de dezembro, a SS concluiu a operação Reinhard e fechou os campos de extermínio localizados em Treblinka, Sobibor e Belzec, onde haviam sido realizados tantos assassinatos em massa. Ao todo, mais de 1,8 milhão de judeus haviam sido mortos nos três campos em menos de oito meses, numa média de mais de duas mil mortes por dia. Durante esse período, a SS havia arrecadado numerosos bens; em 15 de dezembro, Odilo Globocnik informava a Himmler de que a soma total de dinheiro e valores, incluindo relógios e joias extorquidos às vítimas, atingia o montante de 180 milhões de marcos.

À medida que as forças russas avançavam, tornavam-se públicas as atrocidades alemãs cometidas anteriormente em todo o país; em 15 de dezembro, quatro membros da SS foram levados a tribunal, em Kharkov, e acusados de utilizarem furgões alimentados com gás para assassinar civis. Um acusado era um tenente de 24 anos chamado Hans Ritz. Quando as palavras “furgão” e “gás” foram citadas em Kharkov, Ritz declarou ao acusador público: “Lembro-me desse tipo de veículo por causa de minha estada em Varsóvia, quando presenciei a evacuação, em

carros desse gênero, de vários setores pouco seguros da população da cidade.” Ritz acrescentou que, em Varsóvia, soubera que “parte da população era evacuada em trens e outra parte era colocada em furgões e exterminada”.

Hans Ritz forneceu ao tribunal provas da existência de execuções de massa, realizadas em valas e em pedreiras, de dezenas de milhares de pessoas nas cidades soviéticas de Krasnodar, Vitebsk e Taganrog. Durante a execução de cerca de trezentas vítimas numa aldeia próxima a Kharkov, testemunhou Ritz, uma mulher que, tentando salvar o filho, “cobriu-o com o próprio corpo, mas foi em vão, porque a bala atravessou o corpo dela e atingiu a criança”.

Ao fim de três dias de julgamento, o tenente Ritz e seus três companheiros foram considerados culpados e condenados à morte, tendo sido executados publicamente em 19 de dezembro.

A terceira semana de dezembro assistiu a uma intensificação das atividades militares nas frentes de batalha. Na frente oriental, as forças soviéticas lançaram uma ofensiva no setor central, dirigida contra Nevel, no dia 14. Na Itália, as tropas aliadas renovaram seu assalto contra a linha oriental alemã em Cassino; em 15 de dezembro, um batalhão Panzer, ao defender a aldeia de San Pietro Infine, infligiu baixas pesadas aos atacantes americanos antes de ser forçado a retirar-se; durante o combate de artilharia, a aldeia foi quase completamente arrasada. Passado um ano, um filme de John Huston sobre a batalha forneceria uma visão tão crua da terrível realidade que precisou ser resumido, passando de cinco a apenas três bobinas.

No Pacífico, as tropas americanas desembarcaram, em 15 de dezembro, na península Arawe, no extremo ocidental da ilha de Nova Bretanha, cuja capital, Rabaul, apesar de pesadamente bombardeada, continuava tendo uma formidável concentração japonesa. Três dias depois, os japoneses executaram quatro prisioneiros de guerra em Hong Kong, membros da equipe de ajuda do exército britânico, que haviam levado mensagens entre a colônia e as forças aliadas. Depois da guerra, três membros receberam a cruz George. Apesar de torturas terríveis, os quatro recusaram-se a trair seus colegas.

Um novo ataque aéreo contra Berlim, em 16 de dezembro, causou a morte de 294 tripulantes britânicos e canadenses presentes nos bombardeiros, de 438 berlinenses e de 279 trabalhadores forçados estrangeiros, entre os quais 186 mulheres. Setenta trabalhadores estrangeiros eram poloneses ou ucranianos e perderam a vida quando o trem em que se encontravam foi atingido na estação de Halensee. As instalações ferroviárias e policiais eram os principais alvos; consequentemente, cerca de mil vagões carregados com armamentos e munições e destinados à frente oriental ficaram bloqueados na cidade. Ao saber sobre os pormenores relativos a esse bombardeamento, incluindo o não regresso de 25 unidades entre os 482 bombardeiros, Churchill disse ao secretário da Aviação: “Felicite, em meu nome, os pilotos e as tripulações por essa série de grandes ataques.”

Quatro dias depois da incursão contra Berlim, o bispo Wurm, destacado eclesiástico alemão, protestou contra o assassinato em massa dos judeus numa carta dirigida ao Dr. Hans Lammers, secretário da Chancelaria de Hitler. “Nós, cristãos”, escreveu o bispo, “consideramos a política de extermínio dos judeus uma grave injustiça que acarreta consequências fatais para o povo alemão. Nosso povo considera o sofrimento que nos é infligido pelos bombardeamentos aéreos como uma punição pelo que é feito aos judeus”.

Em Varsóvia, dois dias após o protesto do bispo Wurm, a resistência clandestina polonesa comunicou que a Gestapo encontrara 62 judeus escondidos num porão em Varsóvia e matara todos eles.

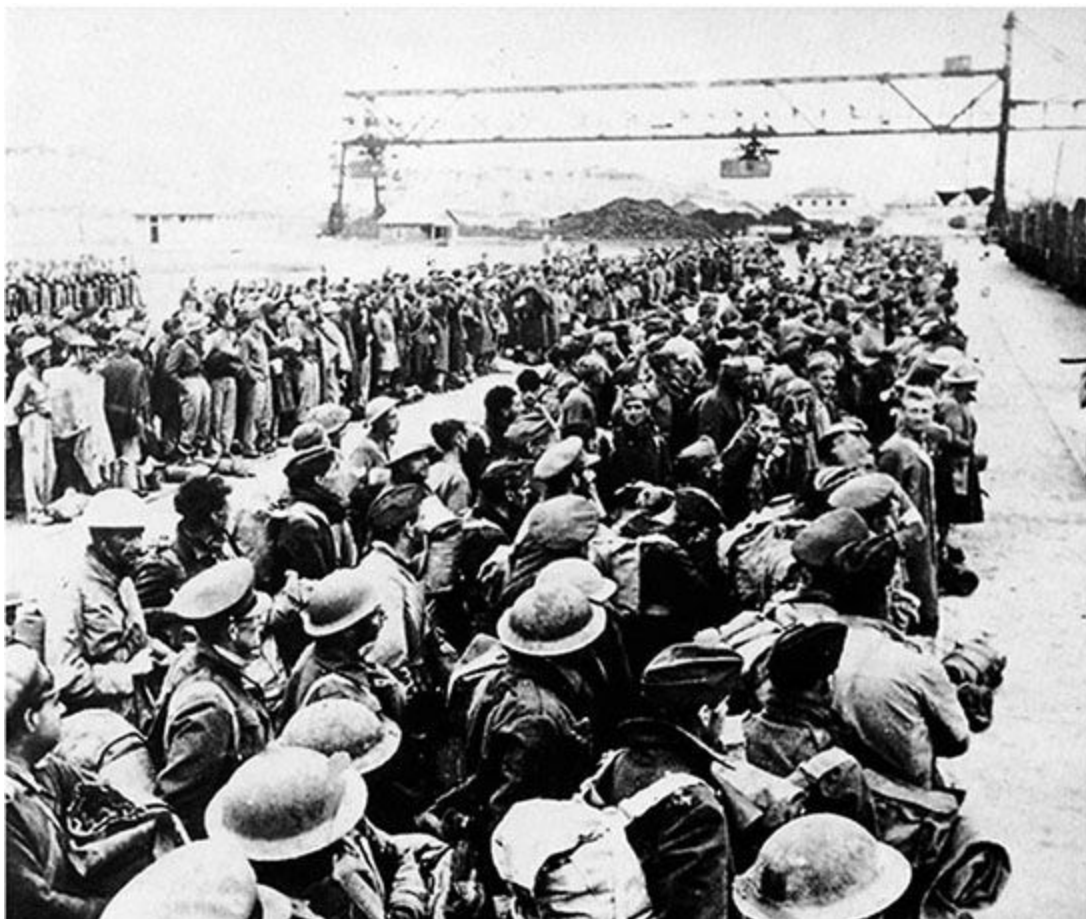
Na véspera de Natal de 1943, os britânicos voltaram a bombardear Berlim. Os estragos mais sérios foram causados pelas bombas que caíram em Erkner, 24 quilômetros a sudeste do ponto central do ataque, atingindo uma fábrica de rolamentos. Nessa noite, 178 habitantes de Berlim foram mortos e 104 tripulantes dos aviões britânicos perderam a vida. Sessenta homens foram feitos prisioneiros. No dia de Natal, numa série de ataques aéreos contra as bases de lançamento das bombas voadoras instaladas no norte da França, bombardeiros americanos atacaram 24 instalações alemãs, destruindo sete completamente. Mais da metade dos tripulantes presentes nos aviões abatidos conseguiram evitar

a captura e esconder-se. Entre eles, muitos conseguiram contatar redes de fuga, atravessar a Espanha e voltar ao combate. Contudo, foram mortos trinta trabalhadores franceses numa instalação bombardeada.

“A guerra entra numa fase”, disse Roosevelt ao povo americano no dia de Natal, “em que precisamos estar preparados para enfrentar grandes perdas – sejam mortos, feridos ou desaparecidos”. E acrescentou: “A guerra implica tais coisas. Não há um caminho fácil para a vitória. E o fim ainda não pode ser visto.”

Naquele domingo, 26 de dezembro, as tropas americanas lançavam a operação Backhander no Pacífico – um desembarque no cabo Gloucester, no extremo oeste da Nova Bretanha. Ao fim de uma semana, os americanos haviam assegurado um importante aeródromo para seus ataques contra a metade ainda não conquistada da Nova Guiné. Porém, mais uma vez, os japoneses lutaram por cada palmo do território inóspito e pantanoso, que os americanos em pouco tempo chamariam de “inferno verde” ou de “esgoto nojento”.

⁴ Em inglês, lê-se “I bugger off” ou “Vou me mandar”. (N. dos T.)



Soldados britânicos capturados pelos alemães na ilha de Cós chegam ao continente, em 28 de dezembro de 1943, no seu caminho para o campo de concentração. Tinham sido capturados quase três meses antes.

No mesmo domingo, navios de guerra alemães, incluindo o couraçado-cruzador *Scharnhorst*, iniciaram a operação Arco-íris, consistindo num ataque contra dois comboios anglo-americanos no Ártico, entre a ilha do Urso e o cabo Norte. Porém, os navios de guerra britânicos, alertados pelas mensagens Enigma decifradas, passaram à ofensiva e o *Scharnhorst* foi afundado. Dois mil oficiais e marinheiros morreram afogados, incluindo quarenta cadetes que seguiam a bordo como iniciantes. Somente 36 tripulantes foram salvos. “Os comboios do Ártico para a Rússia deram-nos sorte”, telegrafou Churchill a Stálin na manhã seguinte. Stálin em breve retribuiria com notícias igualmente felizes: no dia 31 de dezembro, o Exército Vermelho reconquistara Zhitomir.

Na Itália, forças britânicas e canadenses capturaram a aldeia de Ortona em 28 de dezembro, após cinco dias de combates. Na noite seguinte, durante nova incursão britânica contra Berlim, foram mortos 182 habitantes da cidade e 89 tripulantes dos aviões. Um “êxito” foi conseguido, nessa noite, pelo alemão e piloto de caça noturno tenente Schnauffer, que abateu dois bombardeiros – um sobre a Holanda e outro sobre a Alemanha –, conseguindo elevar sua marca de aviões inimigos abatidos para 42; dois dias mais tarde, foi condecorado com a cruz de Cavaleiro. Posteriormente, tendo derrubado 121 aparelhos inimigos, receberia as Folhas de Carvalho com Espadas e Diamantes, tornando-se um entre os únicos dois pilotos de combate noturno a receber esse grau superior da Ordem da Cruz de Ferro.

Nada, entretanto, foi heroico nas ações realizadas pelos alemães na Polônia ocupada enquanto 1943 chegava ao fim. Em 31 de dezembro, em Karpíowka, durante represálias pela participação de camponeses em atividades de resistência, 59 habitantes da aldeia foram fechados num celeiro e queimados.

A morte atingiu, ao longo do ano no território polonês, centenas de milhares de prisioneiros de guerra soviéticos, internados em dezenas de campos e obrigados a manter níveis de trabalho brutais, submetidos deliberadamente à fome e à privação dos cuidados médicos mais elementares. Quem visitar a Polônia atualmente encontrará, por todo o lado, monumentos que recordam as vítimas russas; dez mil em Bukowka, dez mil em Barycz, sete mil em Skrodow, 46 mil em Krzywólka, doze mil em Zambrow e pelo menos dez mil em Tonkiele; nesta aldeia, um

obelisco construído sobre prados tranquilos, que descem suavemente até as margens do rio Bug, é um belo exemplo, entre muitos outros existentes na Polônia, de uma homenagem a vítimas da tirania de Hitler tantas vezes esquecidas.

Na frente de Cassino, na Itália, as forças alemãs continuavam a resistir, a despeito de mais um assalto americano em 31 de dezembro. Tornava-se claro que a batalha seria prolongada e difícil não apenas para os militares: ao longo dos três meses anteriores, mais de seis mil civis italianos haviam perdido a vida durante os ataques aéreos aliados contra a península. No sudoeste da França, sob domínio direto da Alemanha havia mais de um ano, o último dia do ano assistiu à primeira operação de grande envergadura da resistência: uma ação de sabotagem, planejada em Londres e realizada simultaneamente em vários nós ferroviários importantes, incluindo Eymet e Bergerac. Um organizador da sabotagem era “Edgar”, o barão Philippe de Gunzbourg, neto de um importante filantropo judeu da Rússia czarista. Seu controlador era “Hilaire”, o agente britânico George Starr. Ambos desempenhariam papel muito ativo em operações de sabotagem atrás das linhas inimigas por ocasião da travessia do canal da Mancha, seis meses mais tarde.



ALGUNS LOCAIS DE EXECUÇÃO DE PRISIONEIRO DE GUERRA SOVIÉTICOS, POLONESES E JUDEUS, EM 1943.

* * *

Enquanto 1943 chegava ao fim, a Alemanha e o Japão podiam somente prever novos e ininterruptos ataques, tanto por parte das nações não conquistadas e coligadas contra eles quanto por parte de guerrilheiros e resistentes, cujas ações recrudesçam. Os Estados Unidos, por si, dispunham de 1,6 milhões de homens prontos para combater os alemães e 1,8 milhão de homens envolvidos na guerra contra o Japão. Contudo, Alemanha e Japão continuavam decididos a combater, acreditando que seriam capazes de sobrepujar a força daqueles cujos exércitos, navios e aviação se haviam comprometido a obrigá-los à rendição incondicional.

Anzio, Cassino e Kwajalein

Janeiro-fevereiro de 1944

O ano de 1944 começou com a instalação de mais um campo de concentração alemão em território polonês, localizado em Plaszow, subúrbio de Cracóvia. Tendo sido um campo de trabalhos forçados desde março de 1943, dirigido por um notório sádico, Amnon Goeth, juntava-se agora aos lugares onde dezenas de milhares de pessoas eram esgotadas pelo trabalho brutal e torturadas até a morte; o total de vítimas em Plaszow atingiria o número de oitenta mil: poloneses, judeus, ciganos, italianos, húngaros e romenos. Havia um setor especial destinado aos prisioneiros de guerra soviéticos, entre os quais milhares pereceriam.

No entanto, não apenas a morte, mas a resistência, era característica atrás das linhas alemãs no começo de 1944. Na frente oriental, enquanto o Exército Vermelho lutava pela tomada de Vitebsk e Orsha, mais de sessenta mil guerrilheiros atuavam em cinco extensas áreas de intervenção, constituindo uma ameaça permanente às tropas alemãs e aos carregamentos destinados a abastecimento. Em outra zona de ação guerrilheira, na região de Mogilev, no eixo da linha de defesa Pantera edificada por Hitler, seis mil resistentes dispunham de cinco instalações hospitalares clandestinas em *bunkers* e de dois centros médicos destinados a homens atingidos por doenças contagiosas.

Nas Filipinas, um engenheiro de minas americano, Wendell Fertig, que preferira fugir para a selva a entregar-se em maio de 1942, organizou uma força composta por centenas de filipinos que suportariam as grandes privações e difíceis vicissitudes da vida na selva para combater os japoneses, cuja dominação se tornava cada vez mais tirânica. Na Birmânia, foi um inglês, Hugh Seagrim, quem organizou uma força de guerrilha integrada por duzentos karenas nativos, que, durante dois anos,

atacariam as posições e linhas de comunicação japonesas. As represálias dos ocupantes contra as tribos karens eram tão selvagens que Seagrim decidiu poupá-las de novos horrores, entregando-se ao inimigo. Os japoneses executaram-no, mas as represálias continuaram. A resistência karen manteve-se em combate.

Os britânicos haviam planejado um novo bombardeamento aéreo sobre Berlim para a primeira noite do novo ano. O mau tempo obrigou que a ação fosse adiada até as primeiras horas de 2 de janeiro. Mais de quatrocentos bombardeiros participaram do ataque; entre esses, 28 foram abatidos ou caíram, matando 168 tripulantes. Morreram também 79 habitantes de Berlim, sendo 21 como consequência do estado de pânico que se instalou à entrada de um abrigo, embora bombas não houvessem sido lançadas nas imediações. Por não conseguirem controlar o pânico, vários oficiais da polícia foram transferidos para a frente oriental.

Um impressionante avanço soviético nessa frente encheu as primeiras páginas de todos os jornais aliados. “Russos a 43 quilômetros da Polônia” foi o título do *Sunday Express* em 2 de janeiro, acompanhado pelo subtítulo: “Trezentas povoações ocupadas pela grande onda que avança para a fronteira.” Ao longo de uma frente de 320 quilômetros, acrescentava o jornal, o marechal Von Manstein via suas forças “debandarem desordenadamente, abandonando pontes intactas e aldeias por queimar”. No momento em que os leitores ocidentais se regozijavam com essas notícias, as forças russas capturavam Radovel, localizada a apenas 29 quilômetros da fronteira original de 1939.

Os estrategistas aliados, porém, sentiam-se menos exultantes, sabendo, pela leitura secreta de telegramas diplomáticos trocados entre países neutros, que a política de Hitler era ceder territórios a leste, deliberadamente, para reforçar e defender melhor o Ocidente.

Nessa noite, em outro ataque aéreo contra Berlim, 383 bombardeiros britânicos lançaram mais de mil toneladas de bombas explosivas incendiárias. Vinte e seis bombardeiros foram abatidos, em grande parte por caças alemães, que exploravam, em seu proveito, as transmissões por radar realizadas entre os bombardeiros. Morreram 168 aviadores britânicos e 77 habitantes de Berlim.

Os encarregados da realização de tais ataques aéreos regulares começavam a temer a alta percentagem de baixas sofridas. Assim,

quando as tripulações entraram na sala de instruções após o ataque referido e descobriram que Berlim seria seu alvo pela segunda noite consecutiva, verificou-se, como lembraria um comandante da força aérea, “a coisa mais parecida com um levantamento que já vi, uma onda de qualquer coisa a que tanto poderei chamar de incredulidade como de horror ou assombro”.

Porém, realizou-se o ataque; em todas as frentes, a batalha, com seu cortejo de horrores, mantinha-se ininterrupta e insaciável. Em 2 de janeiro, os americanos lançaram uma nova operação de desembarque no Pacífico, denominada Dexterity, contra o bastião fortificado criado pelos japoneses em Saidor, na Nova Guiné. Na conquista do forte, foram mortos 55 americanos e 1.275 japoneses. O êxito do desembarque originou, para os japoneses, um desastre muito maior do que a perda da guarnição. Vinte mil soldados e civis japoneses, que anteriormente se retiraram de Lae e Salamaua, viam-se forçados a iniciar uma longa marcha por terra, de Sio para Madang, num trajeto de mais de 3.200 quilômetros. Famintos, desanimados e atacados pelas tropas australianas de Finschafen, somente dez mil homens sobreviveriam à caminhada.

As forças americanas, embora avançassem decididamente na Nova Guiné e na Nova Bretanha, ainda estavam longe do Japão. O Exército Vermelho, em contrapartida, estava a cada dia mais próximo da Alemanha. Em 3 de janeiro, entrava em Olevsk, a apenas dezesseis quilômetros da fronteira polonesa de 1939 e a 450 quilômetros da fronteira da Prússia Oriental. No dia seguinte, as aviações americana e britânica iniciavam a operação Carpetbagger, que consistia no fornecimento de armas e provisões a grupos de resistentes em ação em França, Bélgica, Holanda e Itália. Hitler, tão apreensivo com a possibilidade de uma invasão através do canal da Mancha quanto com uma derrota a leste, depositava grandes esperanças no avião a jato. As fotografias aéreas obtidas pelos aliados em operações de reconhecimento revelavam, com efeito, que a construção do avião a jato estava mais adiantada na Alemanha do que na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos – a União Soviética não estava, pelo seu lado, em condições de produzir aviões a jato capazes de entrar em ação em 1944 ou em 1945.

“Se tivermos os aviões a jato a tempo, poderei deter a invasão”, disse Hitler a Albert Speer e ao marechal Milch, em 4 de janeiro. Mais do que

isso: “Se dispusermos de algumas centenas de unidades na linha da frente”, diria Hitler alguns dias depois, “afastarei para sempre o espectro da invasão”.

As emissões por rádio realizadas pela propaganda alemã refletiam também o receio quanto a uma eventual invasão através do canal da Mancha. “Como o soldado britânico poderá compreender”, perguntava William Joyce, “lorde Haw-Haw”, em 4 de janeiro, “que tinha sido exigido que morresse, em 1939 ou 1940 ou 1941, para restaurar a antiga Polônia independente e agora esperam que morra para garantir o domínio soviético sobre toda a Europa?”.

Em 6 de janeiro, o Exército Vermelho atravessou a fronteira polonesa original e avançou mais dezenove quilômetros, ocupando a povoação volhyniana de Rokitno. Cinco dias antes, Stálin determinara um Conselho Nacional Polonês como “órgão supremo dos elementos democráticos” na Polônia, instituição que teria forças armadas e administração próprias, num desafio direto ao governo polonês exilado em Londres.

A fim de combater a crescente resistência na Dinamarca, um grupo alemão, chefiado por Otto Schwerdt, dirigiu-se a esse país, onde realizou uma série de assassinatos. O primeiro ocorreu em 4 de janeiro, sendo a vítima o sacerdote e poeta Kaj Munk. Sem intimidar a resistência, a morte de Munk serviu apenas para estimulá-la ainda mais. Durante o funeral, alguns dias depois, em Vederso, realizou-se uma intensa manifestação pela unidade nacional e pela revolta dinamarquesas. Entretanto, os assassinatos continuaram, incluindo a morte de quatro médicos em Odense e de onze membros da resistência, presos e abatidos enquanto eram transportados num veículo.



A FRENTE RUSSA NO INVERNO DE 1943-1944.

Em 9 de janeiro, dois soldados alemães foram mortos a tiros na cidade francesa de Lyon. Como retaliação, 22 prisioneiros franceses foram fuzilados. “Tínhamos o direito de matá-los”, comentaria, muitos anos depois, o chefe da Gestapo em Lyon, Klaus Barbie, “porque nossos soldados haviam sido mortos pelas costas, o que era contra todas as leis”. No dia seguinte, o chefe da milícia francesa em Lyon, Joseph Lecussan, prendeu o antigo presidente francês da Liga dos Direitos Humanos, um velho refugiado judeu alemão chamado Vitor Basch, que tinha 84 anos, e sua mulher, então com 79 anos. Os dois foram fuzilados no dia seguinte. Sobre o cadáver de Basch foi colocado um letreiro com as seguintes palavras: “Terror contra terror: um judeu paga com a vida pela morte de um Nacional.”

Um pagamento de natureza diferente foi extorquido, na mesma semana, de cinco ex-dirigentes fascistas italianos, julgados em Verona pelo que restava do regime fascista, que havia sido transformado, por sua vez, na república mussoliniana de Salò. Os cinco ex-dirigentes foram executados em 11 de janeiro, entre eles o genro de Mussolini e ex-primeiro-ministro conde de Ciano e seu comandante militar, marechal De Bono. No dia seguinte, com a conivência da milícia fascista local, 32 judeus seriam deportados de Trieste para Auschwitz.

Decididas a romper a linha de frente alemã na Itália e a chegarem a Roma, as forças aliadas lançaram um ataque contra monte Cassino em 12 de janeiro, dirigido por um corpo de tropas francesas sob o comando do general Juin. Conseguiu-se algum avanço, embora pouco; a combinação da resoluta defesa alemã e da chuva torrencial de inverno impossibilitava a captura de Cassino. Nessa noite, iniciou-se uma nova ofensiva aérea aliada, visando à destruição completa da indústria aeronáutica alemã. Três fábricas foram atingidas na primeira onda de assalto – em Halberstadt, Brunswick e Oschersleben –, sofrendo estragos consideráveis. Porém, como acontecera com os bombardeamentos sobre Berlim, o preço foi caro: entre os 650 bombardeiros americanos participantes na ofensiva, sessenta foram abatidos.

Em 14 de janeiro, o Exército Vermelho reassumiu a iniciativa na região de Leningrado, decidido a quebrar, de uma vez por todas, o assédio alemão à cidade. No mesmo dia, no setor central da frente, tropas russas impeliram os alemães em Mozyr e em Kalinkovichi, no extremo leste dos pântanos de Pripet, abrindo uma brecha nas linhas alemãs. Hitler, pressionado por seus generais a ordenar uma retirada tática, recusou-se a fazê-lo. Ao contrário, ordenou a realização de uma série de contra-ataques. “Nossos exércitos realmente tiveram vitórias”, escreveu Stálin a Churchill na mesma data, agradecendo-lhe suas felicitações pelos recentes avanços soviéticos, “mas ainda estamos muito longe de Berlim. Além disso, os alemães começam a desencadear contra-ataques sérios”. Era preciso, acrescentava Stálin, que a Grã-Bretanha “não afrouxasse, mas intensificasse tanto quanto possível, os bombardeamentos contra Berlim”.

Na França, o mesmo dia assistiu à detenção, realizada pela Gestapo, do capitão Gustave Bieler, oficial canadense que saltara de paraquedas sobre a região de Mortagis em novembro de 1942. Embora tenha sofrido ferimentos sérios na descida, Bieler conseguira, mais tarde, organizar uma rede de sabotagem junto à fronteira belga, afetando a circulação de trens na região. Uma vez feito prisioneiro, foi brutalmente torturado, mas não denunciou ninguém. Ao fim de três meses na prisão de Fresnes, foi levado para o campo de concentração de Flossenbug, onde foi mantido em isolamento durante mais três meses. Certo dia, foi retirado de sua cela, conduzido ao pátio e executado por um pelotão de fuzilamento.

Por toda a Europa ocupada, a resistência aumentava a cada dia: na França, na Iugoslávia, na Grécia e até na Albânia. Sobre todas essas zonas saltavam de paraquedas agentes britânicos destinados a assegurar a coordenação das atividades de sabotagem. As represálias alemãs eram ferozes, queimando aldeias inteiras e fuzilando, quase diariamente, grupos de camponeses.

Numa nova tentativa de esmagar os resistentes iugoslavos, o exército alemão lançou contra eles, em 15 de janeiro, sua sexta ofensiva em três anos. O quartel-general de Tito em Jajce foi atacado, obrigando-o a transferir-se para Drvar, 64 quilômetros a oeste dali. Contudo, a essa altura, Tito já recebia considerável auxílio aéreo britânico e americano.

Em 15 de janeiro, o Exército Vermelho conseguiu romper, por fim, o cerco alemão a Leningrado, reunindo na aldeia de Ropsha, antigo cenário do assassinato do czar Pedro III, as forças que defendiam a cidade e aquelas que vieram libertá-la. “A ferocidade do combate foi tamanha”, lembraria um soldado soviético, “que não fizemos muitos prisioneiros”. Ao fim de algumas horas, Puchkine, Slutsk e Gatchina, ao sul da cidade, e Mga, ao leste, caíram nas mãos do Exército Vermelho. Quando toda a província de Leningrado foi libertada dos alemães, mais de sessenta mil, entre estes, haviam sido mortos. No mesmo dia, as primeiras bombas aliadas atingiram o mosteiro de monte Cassino.

Aos franceses, entretanto, haviam se reunido às forças britânicas no ataque contra Cassino, no lançamento da operação Panther, na manhã de 17 de janeiro, e na travessia do rio Garigliano entre Cassino e o mar. Porém, um novo assalto contra a própria população seria repellido. Atrás das linhas alemãs, a segunda semana de janeiro não trouxe, no entanto, qualquer abrandamento do terror. No dia 18, houve uma ação de limpeza, com utilização de tanques, na região de Buczacz, Galícia Oriental, onde foram perseguidos judeus que fugiram à deportação realizada nove meses antes e que permaneceram escondidos. Trezentos judeus foram capturados e mortos. No mesmo dia, um oficial dos serviços de informações alemães na Grécia, tenente Kurt Waldheim, referia-se à existência de mais de 25 mil guerrilheiros gregos no norte da Grécia e à presença, no local, de cerca de quatro mil soldados italianos. Operações eram continuamente lançadas contra essas forças, bem como represálias contra as aldeias que lhes davam apoio.

Ainda em 18 de janeiro, a Gestapo prendeu, em Paris, o barão Jean-François de Nothomb, de 23 anos, que por quase um ano dirigira, sob o codinome Franco, uma rede de fuga através da Espanha para tripulantes de aviões caídos em solo francês e para prisioneiros de guerra evadidos. Torturado e preso, Nothomb sobreviveria à guerra. Um dia após essa prisão, dois sabotadores britânicos, o capitão George Hiller e o tenente Cyril Wateny, que saltaram de paraquedas sobre a França tempos antes, organizaram a destruição de uma fábrica de propulsores aéreos em Figeac. A produção seria definitivamente interrompida. No mesmo dia, preparando-se para uma invasão que sabia que ocorreria em breve, o comando supremo das forças armadas alemãs declarou como

“fortalezas” todos os principais portos, quer atlânticos quer no canal da Mancha. Cada fortaleza recebeu um comandante, prestando estes o juramento de defenderem-na até a morte.

Em 20 de janeiro, os exércitos de que o presidente Roosevelt era comandante supremo chegaram ao rio Rapido, na Itália, e entraram em ação a norte de Cassino: decorriam as últimas 48 horas de preparativos para um desembarque marítimo em Anzio, a pouca distância a sul de Roma. Nessa noite, cerca de mil judeus foram deportados de Paris para Auschwitz, atravessando a Alemanha. Ao mesmo tempo, 759 bombardeiros britânicos cruzavam o mar do Norte para atacar Berlim, onde largariam 2.456 toneladas de bombas, a carga mais pesada em todos os meses antecedentes. Foram abatidos 35 bombardeiros e morreram 172 tripulantes. Durante o ataque aéreo, a principal linha ferroviária para Hamburgo foi cortada e uma fábrica que produzia peças de radar para a força aérea foi completamente destruída. Ao todo, morreram 243 berlinenses, além de treze pessoas fora da cidade. Um bombardeiro que largou suas bombas a 48 quilômetros do alvo, provavelmente porque seu piloto não estava em condições de arriscar um voo até o alvo, causou, por engano, estragos consideráveis num armazém e em oficinas da organização Todt.

Em Londres, o general Eisenhower, nomeado comandante-chefe das forças aliadas para a invasão através do canal, realizou sua primeira reunião com seus comandantes em 21 de janeiro. A operação Overlord, esperada havia muito tempo, ocorreria em pouco mais de quatro meses. Enquanto a reunião começava, tropas britânicas e americanas, escoltadas por 28 navios de guerra, seguiam para Anzio, pelo mar de Nápoles, no quadro da operação Shingle, visando contornar as forças alemãs na Itália e abrir caminho sobre Roma. Poucos minutos depois da meia-noite, nas primeiras horas de 22 de janeiro de 1944, os primeiros homens desembarcavam. Não encontraram resistência. Os alemães haviam sido surpreendidos, e 227 soldados, que se encontravam na zona de desembarque, renderam-se. Após 24 horas, mais de 36 mil soldados aliados haviam desembarcado, numa ação que perdera apenas treze homens.

Em 21 de janeiro, o alvo dos bombardeiros britânicos foi Magdeburg. Durante o combate aéreo dois destacados pilotos alemães perderam a

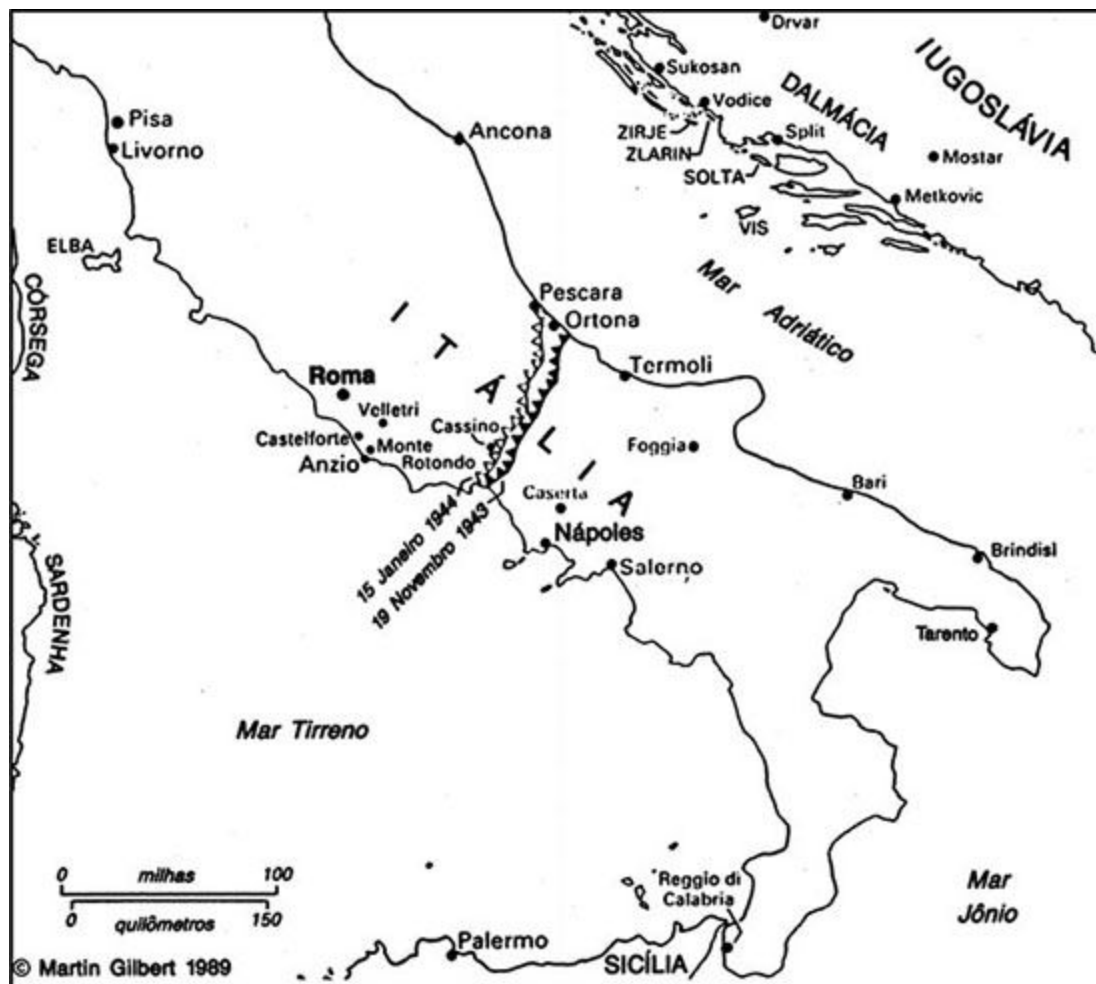
vida, entre eles o major Heinrich Prinz zu Sayn-Wittgenstein, descendente da célebre amante de Franz Liszt, que tinha 83 aviões britânicos, americanos e russos abatidos em sua “lista” – durante o ataque contra Magdeburg, abateu outros quatro bombardeiros, mas foi atingido ao atacar um quinto. Quando morreu, Wittgenstein era uma figura lendária na Alemanha; Hitler reconheceria sua popularidade conferindo-lhe, a título póstumo, as Folhas de Carvalho com Espadas, somando-se à cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho que o piloto conquistara antes. O segundo piloto alemão que perdeu a vida em Magdeburg foi o capitão Manfred Meurer. Sendo o terceiro melhor piloto de guerra alemão em número de aparelhos inimigos abatidos, derrubara 65 aviões aliados. Enquanto atacava o 66º, a máquina explodiu acima dele, causando a queda de seu caça. Na mesma noite, 447 bombardeiros alemães alvejaram Londres numa série de ataques rápidos e incisivos – os únicos que a força aérea alemã tinha condições de realizar – integrados à operação Ibex. Contudo, entre as quinhentas toneladas de bombas trazidas pelos bombardeiros, apenas 32 seriam lançadas sobre a capital.

Em 23 de janeiro, a aviação alemã atacou uma posição avançada aliada e seus apoios em Anzio, afundando o contratorpedeiro britânico *Janus*. No dia seguinte, o navio-hospital *St. David's* também foi afundado. Em terra, o comandante americano, general Lucas, hesitava avançar antes que os tanques e a artilharia pesada fossem desembarcados; enquanto esperava, os alemães conseguiram reunir reforços. Em 24 de janeiro, numa ordem do dia especial, Hitler exigiu que suas tropas defendessem, a todo o custo, a linha Gustav; numa contraofensiva, na mesma data, as tropas alemãs reconquistaram Castelforte e monte Rotondo aos britânicos, sofrendo, porém, pesadas baixas. No mesmo dia, Hitler disse ao embaixador japonês na Alemanha que precisaria conduzir a guerra na Rússia de modo a não arriscar a defesa da Europa Ocidental; fora obrigado, explicou ainda ao embaixador, a reforçar seus exércitos na Itália e nos Bálcãs com 35 divisões alemãs tiradas da frente oriental.

Servindo-se de sua mais secreta forma de comunicação por rádio, o embaixador japonês enviou a Tóquio um relatório completo de seu encontro com Hitler; como aconteceu com quase todas as suas mensagens ultrassecretas, essa também seria interceptada e lida na Grã-

Bretanha e nos Estados Unidos. Igualmente conhecidos pelos aliados eram quase todos os movimentos do exército e da força aérea da Alemanha, tanto no que se referia à posição avançada em Anzio e à linha Gustav quanto aos Bálcãs. Essas informações tornaram-se ainda mais importantes a partir de 25 de janeiro, quando chefes do estado-maior anglo-americano conceberam o plano Jael, destinado a desviar as atenções alemãs para além da Normandia. O plano consistia em fingir que eram feitos preparativos para várias operações terrestres, marítimas e aéreas inteiramente imaginárias, que obrigassem os alemães a dispersar forças e recursos.

Trabalhando na travessia do canal da Mancha havia meses, os especialistas de contrainformação americanos e britânicos procuravam dar aos alemães a impressão de que Pas de Calais, não a Normandia, era o ponto de desembarque. Um plano fictício referia-se à criação de uma enorme força militar, que, na verdade, não existia. Foi-lhe atribuído um comandante – o general Patton –, bases, campos de manobras, redes de comunicações, planos, objetivos de combate e um alvo determinado: a costa francesa entre Calais e Boulogne. A primeira indicação de que a farsa provocava resultados chegou sobre forma de duas mensagens Enigma, em 9 de fevereiro, nas quais os alemães transferiam tropas balcânicas de Split para Skoplje e de Mostar para Sarajevo, a fim de que, como explicava a mensagem, pudessem deslocar-se rapidamente no caso de um desembarque aliado na Grécia. As mensagens decifradas em Bletchley duas semanas mais tarde revelavam aos responsáveis pelos planos britânicos de desembarque na Normandia que os alemães acreditavam na existência do 1º Grupo de Exércitos dos Estados Unidos, liderado por Patton. Essa força-fantasma poderia, por conseguinte, continuar a “ameaçar” Calais.



A FRENTE ITALIANA, 1943-1944.

Não havia apenas um grupo de exércitos americanos fictício, mas um imaginário 12º exército britânico, entre cujas forças estavam a 15a Divisão Motorizada Britânica, a 34a Divisão de Infantaria, a 8a Divisão de Blindados e a 7a Divisão de Infantaria polonesa, todas, de modo igualmente imaginário, equipadas, formadas, deslocadas, treinadas e em comunicação entre si.

Foi através da leitura das mensagens secretas alemãs pelo sistema Ultra que o estado-maior aliado soube que seu inimigo havia acreditado na encenação destinada a provocar a maior dispersão possível das forças de Hitler mediante a preparação não inteiramente secreta de sete desembarques britânicos, anunciados para zonas diferentes e sem qualquer fundamento real: a operação Fortitude North contra o centro da Noruega, tendo Trondheim como alvo; a operação Graffham contra o centro da Suécia; a operação Royal Flush contra o litoral sul da Suécia, Espanha ou Turquia; a operação Zeppelin contra as costas romenas do mar Negro, Creta e a faixa costeira da Grécia e da Albânia; a operação Ironside contra Bordeaux e a operação Fortitude South contra Calais.

Um cuidadoso exame das mensagens Ultra realizado em Bletchley mostrou que os alemães levavam essas ações imaginárias extremamente a sério. Chegaram relatórios, dizia Churchill ao general Wilson, comandante-chefe das forças britânicas do Mediterrâneo, afirmando “que as ilhas na costa da Dalmácia estão sendo equipadas com artilharia naval”. O telegrama de Churchill era datado de 13 de fevereiro e sua fonte eram as mensagens Ultra. No mesmo dia, os aliados concluíram a operação Fortitude, a parte do plano Jael destinada a persuadir o exército alemão “a realizar uma disposição estratégica errada de suas forças no noroeste da Europa” antes da invasão através do canal da Mancha e visando que incorressem “em erros táticos” antes, durante e após os desembarques na Normandia.

Em 26 de janeiro, Heinrich Himmler discursou perante trezentos generais, almirantes e oficiais do estado-maior alemão em Poznan. Entre os presentes, o conde Von Gersdorff, recordaria que Himmler declarara que, quando Hitler ordenara que “colocasse em prática a solução total do problema judeu”, hesitara, “sem saber se poderia pedir aos [seus] fiéis

homens da SS a execução de tão terrível tarefa”. Contudo, acrescentou Himmler, “tratava-se de uma ordem do Führer e, por isso, não havia desculpas. Entretanto, a tarefa foi realizada e o problema judeu foi solucionado”. A afirmação era verdadeira no que se referia à Polônia, uma vez que quase três milhões de judeus poloneses haviam sido assassinados. Quanto à Europa Ocidental, no entanto, o problema continuava a existir, assim como as deportações regulares para Auschwitz. Da França foram deportados quase mil judeus por semana em janeiro de 1944. Na Itália, 563 judeus seriam deportados de Milão em 30 de janeiro e outros 462 de Fossoli, três semanas depois. Também 75% de um milhão de judeus húngaros, os seis mil judeus da Grécia central e os judeus de Corfu, Rodes e Kos não estavam entre os deportados pelos nazistas. No entanto, o fato não diminui o horror na mensagem de Himmler; suas próprias anotações para seu discurso continham as palavras: “Luta racial. Solução total. É preciso impedir que os descendentes se vinguem em nossos filhos.”



OS PLANOS DE INVASÃO À NORMANDIA E AO SUL DA FRANÇA.

No campo de batalha, os aliados mantinham-se em movimento constante. Em 26 de janeiro, as tropas alemãs eram atacadas em todos os pontos que ainda ocupavam ao longo da estrada de ferro Moscou-Leningrado, no trecho entre Tosno e Lyuban. Na Itália, as tropas americanas atravessaram o rio Rapido, montando uma pequena posição avançada a norte de Cassino. No Pacífico, mais de duzentos bombardeiros e aviões de combate americanos atacaram tão intensamente as bases aéreas japonesas em Rabaul que o inimigo se viu impedido de realizar qualquer contra-ataque aéreo eficaz sobre as forças do general MacArthur instaladas nas ilhas Salomão ou na Nova Guiné.

Em 27 de janeiro, a estrada de ferro Moscou-Leningrado foi desimpedida. O cerco a Leningrado, que durara 880 dias, chegara ao fim. Nessa noite, os navios de guerra soviéticos ancorados no Neva dispararam uma salva de 324 foguetes.

Decidido a esmagar a crescente resistência na Europa ocupada, Hitler disse aos seus generais no mesmo dia 27: “Não se pode esmagar o terror com filosofia; o terror precisa ser esmagado por um terror maior.” Vinte e quatro horas mais tarde, 102 poloneses eram publicamente executados na avenida de Jerusalém, em Varsóvia.

Em Anzio, os aliados haviam sido isolados pelos alemães numa posição avançada que jamais poderia reunir suas forças às principais unidades do sul nem avançar sobre Roma. Em 27 de janeiro, diante dessa posição avançada, bombardeiros alemães afundaram o contratorpedeiro britânico *Spartan* e o cargueiro *Samuel Huntington*, tendo-se registrado, em ambos os casos, pesadas baixas. Na mesma noite, foram abatidos 33 bombardeiros britânicos e mortos 182 homens das respectivas tripulações durante um ataque a Berlim. Entre as 474 pessoas mortas em Berlim, 132 eram trabalhadores estrangeiros. Num ataque aéreo realizado no dia seguinte, morreram 254 atacantes. Em 29 de janeiro, os bombardeiros alemães atacaram Londres, no segundo passo da operação Ibex. Enquanto haviam sido lançadas 1.887 toneladas de bombas sobre Berlim na noite anterior, as bombas alemãs não somaram quarenta toneladas. Nesse dia, oitocentos bombardeiros americanos atacaram também alvos industriais em Frankfurt. Cinquenta aparelhos foram abatidos.

Centenas de tripulantes aliados da força aérea, ao conseguirem sobreviver à queda de seus aparelhos ou ao saltarem de paraquedas, conseguiam evitar a captura e ser apoiados pelas diferentes linhas de evasão que funcionavam na Europa ocupada. Os aviadores tinham tamanha confiança nessas redes de apoio que, em 25 de janeiro, quando foi derrubado sobre a França pela segunda vez em cinco meses, o tenente H. Furniss Roe enviou uma mensagem da cabine do avião atingido, endereçada à sua base na Inglaterra: “Volto em dois meses.” De fato, estaria na Inglaterra apenas três semanas mais tarde do que previra.

Em 29 de janeiro, foi montada uma nova rede de fuga para aliados, que recebeu o codinome Sherburne, assegurando uma ligação, por barco a motor, entre o porto de Dartmouth e a praia francesa de Plouha, através do canal da Mancha. Durante cinco meses, antes que a rede fosse descoberta pelos alemães, 135 aviadores aliados foram reconduzidos à Grã-Bretanha; os primeiros dezenove, regressando à Grã-Bretanha em 29 de janeiro, foram treze aviadores americanos, quatro homens da força aérea britânica e dois civis franceses, que pretendiam juntar-se às forças aliadas.

Outra linha de evasão particularmente bem-sucedida situava-se no Egeu, onde A. C. “Tony” Simonds organizou um grande número de viagens clandestinas em pequenos barcos até a Turquia, através das ilhas gregas, permitindo a fuga de mais de setecentas pessoas entre dezembro de 1943 e janeiro de 1944. Entre os evadidos contaram-se 425 gregos, 121 britânicos, 41 judeus e 39 americanos, além de centenas de soldados aliados feridos, salvos nas ilhas de Kos, Leros e Samos ocupadas pelos alemães.

No entanto, muito mais soldados aliados morriam; durante o bombardeamento aéreo britânico contra Berlim em 30 de janeiro, morreram 193 membros da força atacante enquanto 43 foram feitos prisioneiros de guerra. Durante o ataque, mais de 2.400 habitantes de Berlim morreriam – cerca de metade foi tão profundamente sepultada pelos escombros que não foi possível desenterrá-la naquela noite nem nos dias seguintes. Entre os edifícios atingidos pelo bombardeamento estava o Ministério da Propaganda, liderado por Goebbels. No entanto, os centros industriais atingidos pouco sofreram.



Anzio, 30 de janeiro de 1944, três assistentes de registro de óbitos colocam o corpo de um soldado americano numa maca. Uma fila dupla de outros soldados mortos estende-se atrás deles.

No dia dos desembarques em Anzio, um soldado britânico, Christopher Hayes, encontrou uma menina italiana, de seis anos, vagueando por um campo de minas atrás da praia. A menina, segundo declarou, chamava-se Angelita. Não se sabendo o que acontecera à sua mãe, a menina foi mantida junto à unidade de Hayes durante dez dias. Em 1º de fevereiro, quando subia num caminhão, com os soldados, foi atingida por uma granada e atirada pelos ares com todos os ocupantes. “Minha espingarda explodiu”, lembraria Hayes. “Peguei Angelita e levantei-a. Ela havia morrido e abandonei-a à beira da estrada.”

Três novas ofensivas aliadas foram lançadas no primeiro dia de fevereiro. A primeira, consistindo numa série de desembarques americanos nas ilhas Marshall – Kwajalein, Roi e Namu –, no Pacífico, teve rápido êxito quando, após quatro dias de combate, 3.742 japoneses foram mortos e 99 foram feitos prisioneiros em Roi e Namu contra menos de duzentos americanos mortos. Em Kwajalein, foram mortos 7.870 entre os oito mil japoneses ocupantes contra 372 americanos. Embora os oito mil japoneses em Kwajalein e os 3.841 japoneses em Roi e Namu estivessem em pesada desvantagem numérica desde o início – as forças americanas em Kwajalein contavam com mais de quarenta mil homens –, haviam decidido, mais uma vez, lutar literalmente até o fim.

A segunda ofensiva aliada em 1º de fevereiro, na frente oriental, garantiria a entrada do Exército Vermelho no povoado de Kingisepp, a passagem pelo rio Luga e a penetração nas fronteiras da Estônia originais de 1940. A terceira ofensiva, na Itália, levou as forças aliadas a aproximarem-se mais do que nunca de Cassino, embora não conseguissem ocupar a cidade.

Atrás das linhas alemãs, o extermínio mantinha os mesmos moldes; em 1º de fevereiro, três ciganos perderam a vida ao tentarem fugir de um grupo de trabalho em Auschwitz. Em Dachau, um grupo de prisioneiros de guerra soviéticos composto apenas por oficiais foi executado por um pelotão. Em Varsóvia, em 2 de fevereiro, resistentes poloneses mataram o general Franz Kutschera, comandante local da SS e das forças policiais no distrito; como retaliação, trezentos poloneses foram executados no dia seguinte.

A Polônia foi motivo de preocupação para Churchill ao longo daquela semana, após chegar a Londres a notícia de que duas cidades polonesas, Rovno e Lutsk, haviam sido libertadas pelas tropas soviéticas. “Agora que os russos avançam pela Polônia”, disse Churchill aos seus conselheiros militares, “precisamos que a Polônia se mostre forte e seja apoiada por nós. Caso se mostre fraca e seja ocupada pelo Exército Vermelho, poderá haver grandes ameaças para os povos de língua inglesa”.

Desenhava-se o panorama dos conflitos do pós-guerra, entre a União Soviética e a aliança anglo-americana, ambos apoiados em suas ideologias contraditórias e nos territórios sob seu controle. No dia da queda de Rovno e Lutsk, Churchill defendeu que parte da força aérea britânica fosse desligada de suas outras “responsabilidades” para ajudar o movimento polonês de resistência dirigido pelo governo exilado em Londres. Ao mesmo tempo, Churchill gastava horas e horas tentando, pacientemente, persuadir os poloneses “londrinos” a desistir de suas reivindicações de soberania sobre o leste do país. Esse amplo território fora atribuído à Polônia em 1921, pelo Tratado de Riga, após uma vitória nacional sobre a Rússia, que resultara no alargamento das fronteiras polonesas de acordo com a linha Curzon, ao longo do rio Bug, até os pântanos do Pripet e a Rússia Branca.

Stálin aprovava essa pressão, no sentido de que a Polônia desistisse de uma terça parte de seu território anterior à guerra, onde se encontravam as cidades e aldeias das quais seus exércitos expulsavam os alemães. Ao longo da primeira semana de fevereiro, várias unidades do Exército Vermelho chegaram a oitenta quilômetros de Brest-Litovsk e da linha Curzon estabelecida após a Primeira Guerra Mundial, que Stálin pretendia transformar numa nova fronteira entre a Polônia e a União Soviética. Contudo, Stálin não confiava em Churchill para persuadir os poloneses estabelecidos em Londres a aceitarem essa redução de seu território nacional e, por isso, apoiava as reivindicações do Conselho Nacional Polonês, grupo de predominância comunista e com base na Rússia, para que ele mesmo formasse o governo polonês do pós-guerra. O Conselho Nacional Polonês já aceitara que a fronteira fosse definida pela linha Curzon.

Churchill, entretanto, advogava pela legitimidade dos poloneses estabelecidos em Londres como líderes do governo pós-guerra polonês, informando a Stálin, num telegrama datado de 5 de fevereiro, que uma divisão formada pelos poloneses de Londres “entrou em combate contra os alemães na Itália” e que uma segunda divisão polonesa era para participar, ao lado das forças aliadas, da invasão através do canal da Mancha.

A futura travessia do canal da Mancha era responsável por um esforço maciço de organização e mobilização de recursos e energias, utilizando os serviços conjuntos de soldados, marinheiros, aviadores, cientistas e técnicos de todas as espécies, e por um enorme trabalho dos serviços secretos em curso desde 1941. O desembarque era uma preocupação cotidiana também para quem acompanhava os preparativos. “Quanto mais sabemos”, escreveu o rei George VI em seu diário, em 3 de fevereiro, “mais alarmante se torna a dimensão do que faremos”. Na mesma data, os alemães mostravam, na Itália, que ainda dispunham de reservas consideráveis de força e resolução, lançando a operação Rede de Pesca contra as forças aliadas estacionadas em Anzio, que a faria recuar os limites de sua posição avançada e garantiria que o desembarque, inicialmente destinado a derrotar os alemães, tivesse poucas consequências sérias. Na frente principal, a tenacidade alemã continuava a negar aos aliados a entrada em Cassino, embora as tropas americanas tenham chegado, no dia 4, a menos de um quilômetro do mosteiro que dominava a cidade.

Em 5 de fevereiro, a Gestapo prendeu, na França, Michel Hollard, o homem que tanto fizera para prevenir os britânicos sobre os perigos e até sobre a existência da bomba voadora alemã. Terrivelmente torturado, Hollard não sucumbiu e foi enviado para um campo de concentração. Sobrevivendo à guerra, foi-lhe atribuída, mais tarde, uma medalha britânica por Serviços Distintos.

Na Polônia ocupada, a resistência levava a represálias rápidas e brutais; em 9 de fevereiro, sessenta mulheres que trabalhavam nas estradas de ferro foram assassinadas em Lesno como retaliação a uma ação de sabotagem, enquanto, no dia seguinte, 140 poloneses seriam

executados em Ochota, no subúrbio de Varsóvia, em represálias pelo assassinato do general da SS Franz Kutschera, ocorrido nove dias antes.

Para os alemães, as ações de sabotagem evidenciavam que não somente os exércitos aliados, mas os povos cativos, progrediam e obtinham novas forças. Em 10 de fevereiro, combatentes da resistência francesa danificaram tão pesadamente uma fábrica da Peugeot a serviço da aviação alemã em Sochaux-Montbéliard que a produção foi interrompida por cinco semanas; as novas máquinas foram destruídas assim que chegaram da Alemanha. O moral da população alemã foi objeto de estudo num relatório dos Serviços de Segurança apresentado em 10 de fevereiro. “Apesar de toda a sua estupidez e imbecilidade”, dizia o relatório, “o inimigo lança as garras contra nós e ninguém consegue prever quando poderemos afastá-lo, por mais que o acertemos ou venhamos a acertá-lo na cabeça”.

Essa situação, porém, não causava qualquer abrandamento do terror; em 11 de fevereiro, a Gestapo prendeu Charles Machen, fundador de um boletim de notícias clandestino, na ilha de Guernsey, no canal da Mancha, ocupada pelos alemães. Deportado para o continente, Machen morreria na prisão, oito meses mais tarde, em Naumburg, na Alemanha; ele havia sido traído.

A segunda semana de fevereiro não viu quaisquer progressos na batalha por Cassino, sendo certo que, sem a conquista do lugar, não se poderia organizar qualquer avanço aliado sobre Roma nem se realizar a junção com tropas então encurraladas em Anzio. Em 12 de fevereiro, foram lançados panfletos sobre Cassino, dirigidos aos “amigos italianos”, prevenindo que o mosteiro de monte Cassino, até então não bombardeado, seria alvo dos próximos ataques. “Chegou o momento”, diziam os panfletos, “em que nossos canhões precisarão disparar contra o mosteiro. Este aviso destina-se a permitir que sejam salvas as vidas dos interessados. Pedimos, com insistência, que saiam do mosteiro. Saiam imediatamente. Respeitem este aviso. Ele é para o seu bem”.

Em 13 de fevereiro, houve um revés para os aliados no norte da Itália, quando os alemães atacaram uma entre as principais forças de resistentes, que contava com cerca de quinhentos homens sob o comando

de Filippo Beltrami, que morreria durante a luta. Foram necessárias mais de seis semanas para reagrupar as unidades dispersas. Dois dias depois da morte de Beltrami, os bombardeiros aliados atacavam monte Cassino. Durante quatro horas, mais de quatro toneladas de bombas foram jogadas sobre um entre os mais belos exemplos arquitetônicos da civilização cristã, matando o bispo, que continuara no mosteiro após os avisos recebidos, e cerca de 250 refugiados civis que buscaram proteção na zona elevada. O mosteiro foi reduzido a escombros. No entanto, um assalto de infantaria, realizado horas mais tarde, durante o qual tropas maori, indianas e gorkha combateram à baioneta os defensores alemães instalados na encosta, foi novamente repellido; além disso, após resistirem ao assalto, os alemães tiveram força para contra-atacar, expulsando duas companhias maori para o outro lado do rio Rapido.

Nessa noite, 875 bombardeiros britânicos atacaram Berlim. Na ação, foram mortos 265 aviadores aliados, quinhentos berlinenses e oitenta trabalhadores estrangeiros. Como acontecia com os trabalhadores coreanos no Pacífico, também na Europa os homens que os alemães haviam arrancado de suas pátrias e trazido para o Reich morriam como “vítimas” dos aliados após sofrerem nas mãos dos alemães.

Em 16 de fevereiro, os alemães contra-atacaram em Anzio, mobilizando forças consideradas suficientes para repelir os aliados para o mar. No entanto, os planos da operação foram descobertos na decifração de mensagens Enigma pelos serviços de informações aliados, permitindo que os defensores da posição avançada pudessem não apenas deter a ofensiva como obrigar os alemães a recuar.

No mesmo dia 16, os aliados obtiveram vitórias em muitos outros lados. Na frente oriental, pelo menos vinte mil soldados alemães haviam sido mortos – 55 mil segundo as estimativas soviéticas – enquanto, em Korsun, as forças russas esmagavam as últimas unidades alemãs na margem do Dnieper. Na ilha de Truk, no arquipélago das Carolinas, os aviões americanos, durante a operação Hailstorm, destruíram quinze navios de guerra japoneses, 25 navios mercantes e 265 aviões – entre os quais 220 ainda estavam no solo – ao custo de apenas 25 aviões. Ao mesmo tempo, na ilha de Eniwetok, no arquipélago Marshall, durante a operação Catchpole, os fuzileiros americanos destroçavam 2.677

japoneses que compunham a guarnição, entre os quais sobreviveriam apenas 64, contra 195 baixas americanas.

Na frente oriental, dois dias depois, as forças soviéticas expulsaram os alemães de Staraya Russa, ao sul do lago Ilmen. No mesmo dia, o almirante Canaris foi demitido da chefia dos Serviços de Contraespionagem alemães – suas responsabilidades foram transferidas para Ernst Kaltenbrunner, responsável pela Gestapo e pelo sistema dos campos de concentração. Canaris foi colocado numa licença indefinida. Ainda no mesmo dia, véspera da data marcada para a execução, na prisão de Amiens, de doze membros da resistência francesa, os serviços de informações alemães sofreram mais um golpe em seu prestígio quando dezenove bombardeiros britânicos realizaram a operação Jericó, derrubando os muros da prisão e possibilitando a fuga de cinquenta membros da resistência. Contudo, 96 prisioneiros seriam mortos, entre eles 56 membros da resistência. Baixas pesadas.

O piloto que comandou o ataque aéreo, capitão Charles Pickard, dirigira, dois dias antes, um ataque contra as instalações de radar em Bruneval, mas foi morto durante a ação em Amiens, junto com seu navegador, tenente Alan Broadley. O tenente Sammy Sampson, da força aérea neozelandesa também foi morto durante o ataque. Por outro lado, Louis Vivant, dirigente da resistência no departamento do Somme, conseguiu fugir da prisão; os alemães não conseguiriam prendê-lo novamente.

Na noite seguinte, mais de oitocentos bombardeiros britânicos atacaram Leipzig, substituídos, doze horas mais tarde, por uma incursão diurna americana; durante esse duplo assalto, ação cada vez mais frequente, foram mortos 969 civis alemães e cinquenta mil habitantes foram desalojados. No entanto, 78 bombardeiros atacantes foram abatidos e perderam a vida cerca de quatrocentos tripulantes, na mais elevada taxa de mortalidade em ataques aéreos contra a Alemanha.

No Pacífico, o número de baixas americanas subiu consideravelmente em 21 de fevereiro, quando, ao largo de Hiroshima, dois navios de guerra foram vítimas de um ataque aéreo japonês. Foram mortos 119 homens que estavam no *Bismarck Sea* e 123 tripulantes do *Saratoga*.



AS INCURSÕES AÉREAS DA GRANDE SEMANA, ENTRE 20 E 26 DE FEVEREIRO DE 1944.

Os japoneses foram implacáveis perante os sobreviventes: em 22 de fevereiro, dois barcos e quatro jangadas ocupados por sobreviventes de um navio mercante britânico, o *British Chivalry*, torpedeado no oceano Índico, foram metralhados pelo submarino que torpedeara o navio; quatro dias mais tarde, os sobreviventes do *Sutlej* foram metralhados enquanto se agarravam às jangadas e aos destroços de seu navio.

Passados três dias, outro navio mercante britânico, o *Ascot*, foi torpedeado no oceano Índico enquanto viajava de Colombo para Diego Suarez. Quatro tripulantes morreram quando o navio foi atingido, mas os 52 restantes conseguiram escapar em dois salva-vidas. O submarino japonês que afundara o *Ascot* emergiu e, repetindo o que acontecera na mesma semana, metralhou os sobreviventes. Dez marinheiros foram abatidos. O submarino desapareceu em seguida e retornou trinta minutos depois, abrindo fogo sobre os náufragos. Somente oito sobreviveriam.

Em 20 de fevereiro, sabotadores noruegueses, seguindo instruções vindas de Londres, explodiram o *Hydro*, uma barça que transportava todas as reservas de água pesada alemãs através do lago Tinnsjø numa etapa de seu transporte até a Alemanha. O naufrágio do barco, que causou a morte de quatro soldados alemães e de catorze civis noruegueses, era um novo golpe nos planos alemães para a produção da bomba atômica. No mesmo dia, os bombardeiros americanos realizaram a operação Argument sobre a Alemanha, consistindo numa série de ataques ao longo de uma semana, a Grande Semana, contra fábricas de rolamentos e de material aeronáutico e instalações portuárias no triângulo Bruxelas-Rostok-Pola.

Na primeira noite da Grande Semana anglo-americana, os alemães, por sua vez, bombardeavam Londres; quatro pessoas morreram diante da casa do primeiro-ministro, o no 10 da Downing Street, mas Churchill não estava na capital. Ao regressar, dois dias depois, revelaria à Câmara dos Comuns que, desde o início da guerra, 38.300 pilotos e tripulantes da força aérea britânica haviam sido mortos e dez mil aviões haviam sido perdidos. Os quatro ataques mais recentes, incluindo o bombardeamento a Leipzig, “constituem”, disse Churchill, “os mais violentos ataques contra a Alemanha, provando também a saturação, em todos os aspectos, da batalha dos ares”. A ofensiva aérea, explicava Churchill, “é o alicerce

em que assentam nossos planos de invasão por mar”. E concluiu sua fala com palavras que resumiam os sentimentos de milhões de adeptos dos aliados perante os contínuos ataques diurnos e noturnos contra a Alemanha:

A força aérea foi a arma em que os dois estados agressores confiaram como principal instrumento de conquista. No mesmo campo serão submetidos de acordo com sua própria escolha. Não quero moralizar e apenas direi que se manifesta aqui uma estranha e inflexível justiça a longo prazo.

Enquanto Churchill discursava, 248 bombardeiros americanos, protegidos por 185 caças, atacavam a fábrica alemã de aviação em Regensburg, no Alto Danúbio, e outros 288 bombardeiros, auxiliados por 596 caças, atacavam fábricas aeronáuticas em Furth, o aeroporto alemão de Graz, as estradas de ferro de Zell-am-See e instalações portuárias, armazéns e depósitos nos portos adriáticos de Fiume, Pola e Zara. Durante essas ações aéreas, enquanto atacavam seus alvos, mais de 170 aviões americanos foram abatidos. No dia seguinte, dois outros ataques, à mesma escala, foram realizados contra as fábricas de rolamentos e aeronáuticas de Steyr, Gotha e Schweinfurt. O “principal instrumento de conquista” virava-se contra o ex-conquistador. Contudo, os estragos consideráveis causados pela Grande Semana foram prontamente reparados em muitas instalações bombardeadas. Em Augsburg, a principal fábrica aeronáutica voltaria à produção plena em menos de um mês. Em Aschersleben, pelo contrário, a produção de motores para aviação ficaria reduzida a metade durante todo o mês de março e a primeira quinzena de abril. Em todo o caso, enquanto a produção alemã mensal de monomotores de combate era de 851 unidades na segunda metade de 1943, a mesma taxa chegou a 1.581 na primeira metade de 1944. Apesar das destruições maciças causadas pelos ataques aéreos, as fábricas de aeronáutica alemãs ainda produziam grandes quantidades de aparelhos, embora essa produtividade industrial não correspondesse ao nível de formação de novos pilotos.

Para os americanos, as baixas sofridas durante a Grande Semana foram consideráveis, com 2.600 homens mortos em combate, gravemente feridos ou feitos prisioneiros.

Bombardeamentos, deportações, assassinatos em massa

Fevereiro-março de 1944

Os alemães se retiravam em todas as partes da frente oriental. No norte, unidades da SS recrutadas fora da Alemanha haviam sido lançadas na batalha; em 20 de fevereiro, o comandante da legião belga de voluntários da SS, Léon Degrelle, recebeu a cruz de Cavaleiro, a somar-se à sua cruz de ferro, quando a legião estava em ação nas imediações de Narva. Porém, no dia seguinte, os alemães seriam expulsos de Kholm, a cerca de 320 quilômetros ao sul de Leningrado. Passadas 24 horas, seriam varridos de Dno. Ao sul e a oeste, o Exército Vermelho consolidava suas posições além das fronteiras polonesas originais de 1939, mas encontrava-se ainda a 480 quilômetros da Alta Silésia Oriental; ou seja, longe demais para socorrer as centenas de milhares de trabalhadores escravos explorados no sul da Polônia. Um registro alemão de 22 de fevereiro afirma que havia 73.669 trabalhadores escravos judeus apenas na região de Auschwitz, entre os quais 24.637 mulheres, trabalhando em dez indústrias diferentes – mais de seis mil trabalhavam na fábrica petroquímica IG Farben, em Monowitz, Buna, apenas a dez quilômetros das câmaras de gás de Auschwitz. Também trabalhavam em Monowitz centenas de prisioneiros de guerra britânicos, mantidos em campos especiais, separados dos judeus. Pela coragem excepcional que demonstrou numa tentativa de salvar a vida de judeus em Monowitz, um prisioneiro de guerra britânico, sargento Charles Coward, receberia uma alta condecoração dada pelo estado de Israel.

Em Dachau, 31 prisioneiros de guerra soviéticos, todos oficiais, foram tirados de seus alojamentos e executados em 22 de fevereiro. Os dois

homens mais jovens tinham apenas 21 anos: Anatoly Dunov e Konstantin Atamasov. Seus nomes, e os nomes das outras 29 vítimas, são conhecidos porque um sacerdote polonês, que trabalhava nos escritórios do campo, apoderou-se, mais tarde, de centenas de listas de condenados à morte para garantir que tais fatos fossem preservados.

Na noite de 25 de fevereiro, catorze submarinos alemães atacaram, no mar de Barents, um comboio naval aliado composto por 43 navios mercantes que se dirigiam para a Rússia; um submarino torpedeou o contratorpedeiro britânico *Mahratta*; entre os mais de duzentos tripulantes do barco, somente dezessete puderam ser salvos das águas geladas por outro contratorpedeiro, o *Impulsive*. Durante a batalha, foram afundados também dois submarinos alemães. O comboio seguiu, incólume, seu caminho.

Na Alemanha, surgiam ideias estranhas relativas à guerra estar em vias de ser perdida. Em 28 de fevereiro, quando a piloto Hanna Reitsch visitou Hitler em Berchtesgaden, para receber a cruz de Guerra de Primeira Classe, sugeriu ao seu anfitrião que criasse um “grupo de pilotos suicidas”, que conduziria aviões destinados a explodir sobre o inimigo. O primeiro instinto de Hitler, lembraria Hanna Reitsch, foi rejeitar “completamente” a ideia; em seguida, porém, aprovou o pedido de sua interlocutora, propondo-se a investigar que avião-bomba seria mais adequado e eficaz para tal efeito. Pouco depois, quando se formou um primeiro grupo suicida, Hanna Reitsch estava entre os primeiros que assinariam a seguinte declaração: “Solicito, por livre vontade, minha integração ao grupo suicida na qualidade de piloto de uma bomba humana. Estou perfeitamente consciente de que minha participação no grupo terá como resultado minha morte.”

No entanto, durante o mês de fevereiro em curso, Hitler precisou enfrentar um problema de natureza mais pessoal. Havia cerca de um ano que suas refeições eram preparadas pela Sra. Marlene von Exner, uma nutricionista de Viena recomendada pelo ditador romeno marechal Antonescu. A Sra. Von Exner tornara-se noiva de um membro da SS pertencente ao quartel-general de Hitler e descobriu-se que tivera uma

avó judia. “Compreenderá que preciso despedi-la. Não posso fazer uma lei para mim e outra para os restantes”, disse-lhe Hitler.

A Sra. Von Exner deixou seu posto no quartel-general de Hitler e seus parentes foram obrigados a sair do Partido Nazista, mas não tiveram problemas posteriores. Em 23 de fevereiro, pelo contrário, 26 judeus escondidos em Varsóvia foram descobertos, presos e deportados para Auschwitz, seguidos, dois dias mais tarde, por 37 judeus vindos de Viena, terra natal da Sra. Von Exner. As deportações não estavam prestes a terminar: em 3 de março, 732 judeus holandeses foram deportados, seguidos, no dia 7 do mesmo mês, por 1.501 judeus capturados na França. Quase dois mil, entre eles, foram gaseados.

Em 1º de março, a força aérea alemã retomou os bombardeamentos contra a Grã-Bretanha; durante seis ataques realizados ao longo de março, foram mortos 279 civis britânicos. As incursões se concentraram em Londres e Hull, no nordeste da Inglaterra e no sul do País de Gales, mas foram pequenas se comparadas aos bombardeios britânicos sobre a Alemanha naquele mês, quando seis mil bombardeiros lançaram 27 mil toneladas de bombas sobre Stuttgart, Frankfurt, Essen, Nuremberg e Berlim. Durante essas incursões, os ingleses usaram, pela primeira vez, sua bomba de quatro toneladas.



Hitler cumprimenta a aviadora alemã, Hanna Reitsch, em 28 de fevereiro de 1944, sob o olhar do marechal Goering, comandante da força aérea alemã.

Enquanto os prisioneiros de guerra britânicos tentavam escapar aos alemães, agentes compatriotas continuavam a ser lançados sobre a Europa ocupada; em 2 de março, Alec Rabinovitch, sob o codinome Arnaud, saltou de paraquedas e pousou perto de Nancy, em sua segunda missão na França ocupada, encarregado de montar mais uma rede de sabotagem. Com Rabinovitch, vinha um franco-canadense, Roger Sabourin. Por azar, a região em que foram lançados encontrava-se sob controle dos alemães e ambos foram presos. Rabinovitch foi mandado para o campo de concentração de Rawicz, na Polônia; Sabourin, para Buchenwald, onde, após passar seis meses preso, seria enforcado. Outros dois membros da resistência francesa foram igualmente capturados em março e executados mais tarde: Robert Benoist, ex-campeão antes da guerra, enforcado em Buchenwald, e Denise Bloch, que usava o codinome Ambroise e foi executada em Ravensbrück.

Dois de março assinalou também a primeira ação de bombardeamento lançada a partir da Itália para apoiar os resistentes iugoslavos. Num ataque contra o nó ferroviário e entrepostos em Knin, as linhas foram destruídas. No mesmo dia, uma operação punitiva ao longo da costa da Dalmácia atingiu os depósitos alemães de petróleo em Vodice, atacou as ilhas de Zlarin e Zirje e destruiu cinco veículos em Sukosan. Na mesma noite, de um campo perto de Châteauroux, na França, um agente da Grã-Bretanha, o advogado francês Jean Savy, foi aerotransportado à Inglaterra, levando informações acerca do depósito alemão de munições situado junto à vila de Creil, que continha duas mil bombas voadoras em fase de preparação para serem lançadas sobre Londres. Localizado, o depósito seria bombardeado e destruído. Entretanto, em 3 de março, era lançada uma bomba atômica simulada na base aérea de Muroc, na Califórnia. Era o primeiro de uma série de testes, que culminariam, cinco meses mais tarde, na constituição de uma unidade especial da força aérea, o 393º Esquadrão de Bombardeamento, que teria a tarefa de lançar as verdadeiras bombas quando estivessem prontas.



As forças soviéticas renovam a sua ofensiva para oeste, na Ucrânia, em 2 de março de 1944.

Enquanto a bomba atômica entrava nessa nova fase de preparação, outros dois julgamentos de guerra ocorriam em 3 de março, um na África e o outro, na Europa. Na África, o processo aconteceu em Argel, tendo como réus dois alemães acusados de assassinatos brutais em 1941 num campo penitenciário instalado no Saara, matando nove prisioneiros judeus e não judeus. O campo, situado em Hajjerat M'Guil, albergava numerosos alemães e austríacos fugidos ao nazismo, que se refugiaram na França, entraram para a Legião Estrangeira em 1939, combateram Hitler em 1940 e foram detidos no Saara após o armistício franco-alemão. Os dois réus foram condenados à morte.

O segundo processo aconteceu na Polônia ocupada, sendo a ré, a polonesa Anna Zwarycz, julgada, pela segunda vez, por dar abrigo a uma criança judia. Havia oito meses, fora absolvida por um tribunal ordinário, dado que “cuidara da criança abertamente, sem esconder sua raça”. A absolvição foi contestada pelo Dr. Josef Ganser, funcionário superior do Ministério da Justiça do governo-geral. Em sua opinião, seria “de extrema injustiça que fique impune quem auxilia aberta e audaciosamente os judeus enquanto quem o faz em segredo incorre em pena de morte”. O recurso do Dr. Ganser foi bem-sucedido. Em 3 de março, Anna Zwarycz foi condenada à morte. Passados vinte anos, seu acusador seria presidente de um tribunal da República Federativa da Alemanha.

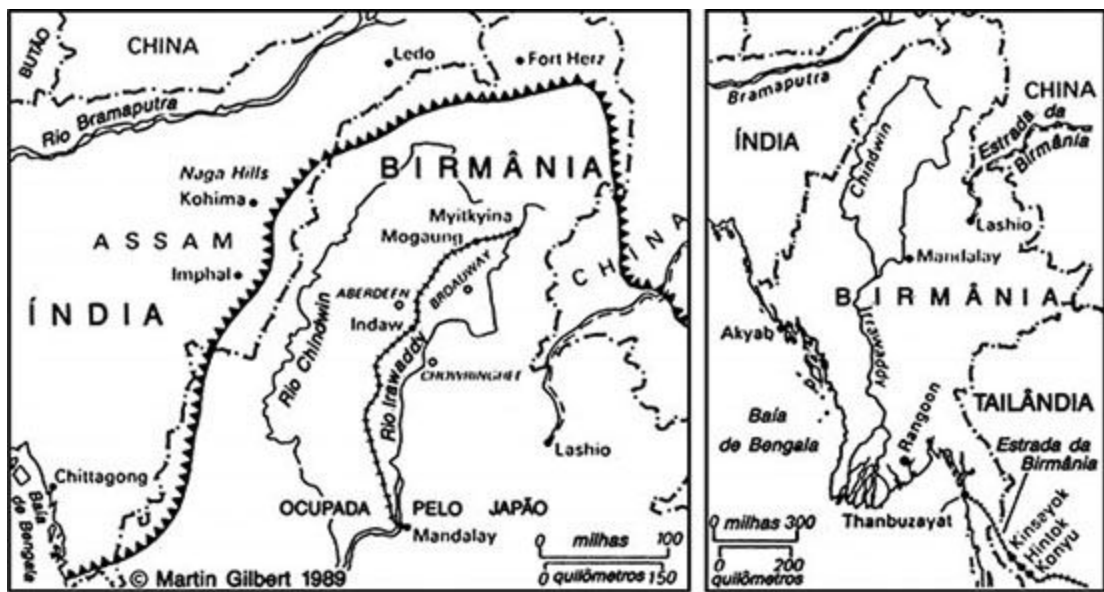
“A raça judaica deve ser eliminada”, declarou Hans Frank numa reunião do Partido Nazista realizada em 4 de março, em Cracóvia. “Onde quer que encontremos alguém”, advertiu, “devemos exterminá-lo”. No mesmo dia, quatro judias detidas em Varsóvia foram abatidas entre as ruínas do gueto com oitenta habitantes não judeus. Os corpos dos fuzilados, alguns ainda vivos, foram sepultados nos alicerces de uma casa destruída. A seguir, as ruínas foram regadas com um líquido inflamável e incendiadas. “Durante um tempo de quatro a seis horas”, descreveu alguém, “ouviam-se os gritos de algumas vítimas que, apenas feridas, foram queimadas vivas”.

Os nomes das quatro judias assassinadas são desconhecidos, como aconteceu a milhões de vítimas da guerra, de todas as raças, credos e nacionalidades. Algumas vítimas dessa época terrível, seus nomes e suas biografias fazem parte da história de seus respectivos povos, das lutas

nacionais, da cultura e das aspirações de cada país. Em 5 de março, no centro de deportação de Drancy, em Paris, enquanto esperava sua leva, o poeta judeu Max Jacob, então com sessenta anos, morreu vítima de pneumonia. Jacob convertera-se ao catolicismo pouco antes de completar quarenta anos. Picasso foi seu padrinho. Mesmo sendo um católico fervoroso havia muitos anos, Max Jacob fora obrigado a usar a estrela amarela e foi enviado para o centro de deportação de Drancy.

Em 4 de março, os serviços secretos e os peritos militares soviéticos aprovaram os planos anglo-americanos destinados a confundir os alemães acerca dos desembarques na Normandia. As fictícias atividades militares soviéticas contribuíram para o falso plano aliado de desembarque na Noruega. Por uma coincidência de datas, um documento secreto alemão, dedicado à análise dos planos dos aliados de criação de uma “frente atlântica decisiva”, registrava, em 14 de março, que os estrategistas aliados tiveram êxito na criação de uma “frente subsidiária” ativa na Itália, encaminhando-se para “decisão semelhante na Escandinávia”.

Enquanto os britânicos e os americanos preparavam o que seria, através do canal, o mais ambicioso desembarque anfíbio na história militar moderna, as batalhas na frente oriental, na Itália, na Birmânia e no Pacífico mantinham sua intensidade. Em 5 de março, forças britânicas, indianas e gurkhas foram aerotransportadas para um ponto atrás das linhas japonesas na Birmânia durante a segunda expedição chindit comandada por Wingate. O primeiro ponto de descida foi “Broadway”, uma clareira a mais de 160 quilômetros adentro da Birmânia ocupada pelos japoneses e a cerca de 480 quilômetros da base de apoio mais próxima. Durante a chegada dos primeiros homens, 23 atacantes foram mortos, porém mais de quatrocentos chegaram a salvo à zona prevista. No dia seguinte, à medida que outros grupos chegavam a “Broadway”, novos destacamentos eram enviados para “Chowringhee”, cruzando o rio Irrawaddy, e um terceiro grupo de forças seguiria para “Aberdeen” duas semanas e meia mais tarde.



BIRMÂNIA, 1944.

Mais de nove mil oficiais e soldados atacantes estavam, assim, no interior das linhas inimigas no princípio de abril. A essas forças juntou-se uma quarta brigada, que entrara em ação em fevereiro e cruzara os montes Naga, atravessando precipícios, montanhas de 180 metros de altura e o rio Chindwin. Outras duas forças aliadas, uma americana e uma chinesa, e outra de gurkhas e kachins, avançavam, ao mesmo tempo, sobre a Birmânia, vindas respectivamente de Ledo e de Fort Herz e dirigindo-se para Mogaung e Myitkyna. “Surpreendemos completamente o inimigo”, disse Wingate aos seus homens, ao reuni-los no território sob controle. “Todas as nossas colunas já penetraram no ventre do inimigo. Chegou o momento de colhermos os frutos dessa vantagem conquistada.”

Wingate morreria na queda de um avião antes que março chegasse ao fim.

Na frente oriental, quatro exércitos soviéticos haviam avançado contra os alemães ao longo de todo o setor sul, dos pântanos de Pripet ao baixo Dnieper, a partir de 2 de março. Enquanto as linhas se mantinham estacionárias a norte dos pântanos de Pripet, os alemães eram decididamente repelidos no sul, a tal ponto que, ao fim de um mês, eram forçados a recuar para além das margens do Bug, do Dniester e do Pruth. A ex-cidade romena de Czernowitz – outrora parte do império austro-húngaro – estava sob o controle do Exército Vermelho, após os alemães serem empurrados para sul. Entre todas as conquistas alemãs do verão de 1941 no sul da Rússia, do Pruth ao Don, somente Odessa e a Crimeia continuavam sob seu domínio. O sonho de Hitler sobre manter um império colonial de escravos russos, com estradas e estabelecimentos alemães em seu interior, chegara ao fim; restava apenas o pesadelo da batalha contínua, da devastação, da retirada e da vingança.

Na noite de 6 de março, no contexto dos preparativos para o desembarque na Normandia, a apenas três meses de seu início, 263 bombardeiros britânicos lançaram mais de mil toneladas de bombas sobre o centro ferroviário de Trappes, a sudoeste de Paris. Os trilhos, as construções, as máquinas e os vagões foram tão duramente atingidos que o centro não pôde funcionar durante mais de um mês. Ao longo desse

período, outros oito centros ferroviários foram atacados, com resultados comparáveis.

A perspectiva de um terceiro campo de batalha na Europa não detinha a matança de judeus; em 7 de março, 3.860 judeus tchecos e eslovacos, incluindo centenas de crianças, vindos de Theresienstadt e colocados num alojamento especial de Auschwitz alguns meses antes, foram conduzidos para o vestiário contíguo a uma câmara de gás. Compreendendo que estavam prestes a ser assassinados, aqueles que ainda tinham forças após as terríveis privações sofridas em Theresienstadt e Auschwitz, tentaram resistir, atacando os guardas da SS com mãos vazias. À exceção de 37 pessoas, todos foram mortos; entre os sobreviventes imediatos, contavam-se onze pares de gêmeos, mantidos com vida por ordem do Dr. Mengele a fim de serem submetidos a experiências médicas.

Também em 7 de março, Hitler recebeu um relatório vindo de Poznan e enviado por Artur Greiser, *gauleiter* do Warthegau, informando-o de que não apenas um milhão de alemães haviam sido instalados na região e que sete mil poloneses haviam sido obrigados a abandonar a zona, como que o número de judeus do Warthegau “chegara a uma quantidade insignificante”. Em Varsóvia, 38 judeus, que viviam escondidos desde a destruição do gueto um ano antes, eram denunciados aos alemães; capturados em seu esconderijo na Varsóvia “ariana”, foram feitos prisioneiros e fuzilados. Entre eles, estava o historiador Emanuel Ringelblum, sua mulher e seu filho.

No Pacífico, o dia seguinte assinalou o início de uma maciça contraofensiva japonesa sobre Bougainville, nas ilhas Salomão, destinada a expulsar os americanos de suas posições em torno da baía Imperatriz Augusta, que ocupavam havia quatro meses. Ao fim de três dias de violentos combates, os americanos conseguiram repelir os atacantes. Uma nova tentativa japonesa seria vencida no dia seguinte. Em quatro dias, haviam sido mortos cinco mil japoneses contra menos de trezentos americanos. Mais uma vez, o fanatismo do assalto serviu apenas para prolongar e intensificar o conflito, tornando evidente que, onde quer que se defrontassem as forças inimigas, milhares de homens morreriam, em ilhas remotas e longe de suas terras.

Nos territórios dominados pelos alemães, a perfídia e as matanças não paravam. Em 9 de março, o professor Hallervorden, neurologista alemão, escreveu ao professor Nitsche, que cuidava do programa de eutanásia: “Caro colega, recebi, ao todo, 697 cérebros, incluindo aqueles que eu próprio trouxe de Brandenburg e aqueles que vieram de Dosen [hospital psiquiátrico próximo de Leipzig]. Grande parte foi observada, mas somente o tempo dirá quando poderei analisá-los histologicamente.” O professor Hallervorden removia os cérebros das vítimas a seguir ao seu assassinato. “Havia material maravilhoso naqueles cérebros”, diria ele ao ser interrogado pelos americanos, com “belos casos de atraso mental, má-formação e doenças infantis precoces”.

O professor Hallervorden continuou a utilizar os cérebros obtidos em suas intervenções mesmo após a guerra, tendo, em 1949, publicado o estudo de um caso. Parte dessa coleção seria enviada para a Universidade de Frankfurt.

Ao longo da mesma semana eram discutidos projetos relativos a novos extermínios, no contexto dos preparativos para a operação Margarida, que consistia na ocupação militar alemã da Hungria. Em 10 de março, Adolf Eichmann e seus principais colaboradores reuniram-se no campo de concentração de Mauthausen para definirem um programa de deportação de 750 mil judeus húngaros para Auschwitz.

O plano alemão para a ocupação da Hungria era consequência da aproximação, pelo Exército Vermelho, da fronteira leste desse país. Ao mesmo tempo, estava em preparação um plano britânico, a operação Chicken, destinado a montar uma rede de evasão para os membros da aviação aliada que caíssem no interior da Europa, agora que os bombardeamentos chegavam cada vez mais longe no território do continente. Para a organização da rede de evasão e apoio, levando homens da Hungria à Iugoslávia, foram lançados, neste país, 25 agentes aliados – o primeiro grupo chegou em Metlika, em 15 de março, avançando ao longo da fronteira húngara. Muitos agentes eram voluntários judeus vindos da Palestina, entre eles Hannah Szenes, de 22 anos, uma jovem que emigrara da Hungria para a Palestina em setembro de 1939. Usando o codinome Minnie, chegou à fronteira húngara, por uma trágica coincidência, quatro dias após deixar Metlika, na data da

ocupação alemã. Ao passar pela fronteira, foi imediatamente presa e, mais tarde, depois de um período numa prisão de Budapeste, executada.

Na Itália, os aliados tentaram mais uma vez, em 15 de março, conquistar monte Cassino. O ataque foi precedido por um entre os mais pesados bombardeamentos aéreos realizados durante toda a guerra, contra um único edifício – 992 toneladas de bombas foram lançadas num intervalo de três horas e meia, mas, devido a um erro, muitas bombas caíram não no mosteiro, mas a alguns quilômetros do alvo, matando 96 soldados aliados e 140 civis italianos. O ataque aéreo foi seguido por um bombardeamento de artilharia que usou 195 mil cargas – novamente, um entre os mais pesados ataques realizados contra um único edifício. No violento combate corpo a corpo que se seguiu, quando tropas britânicas, maoris e gurkhas desempenharam o principal papel por parte dos aliados, os alemães não foram desalojados. Sua tenacidade na defesa espantou os adversários. “Duvido que outros soldados”, disse o general Alexander a Churchill, “aguentassem aquilo [ou seja, os disparos da artilharia] e combatessem com aquela bravura”.

No fim do assalto, com monte Cassino ainda em mãos alemãs, haviam sido mortos 863 neozelandeses e mais de mil indianos. Anzio e Roma ainda estavam fora do alcance do exército de Alexander.

Uma operação conjunta foi lançada contra as forças alemãs na Dalmácia, agrupando britânicos, americanos, sul-africanos e resistentes iugoslavos em 17 de março, consistindo num assalto contra a ilha Solta. Ao mesmo tempo, eram atacadas, pela aviação, unidades alemãs no porto de Split e na estrada Metkovic-Mostar. Também em 17 de março, o Exército Vermelho entrava em Dubno, uma encruzilhada rodoviária e ferroviária quarenta quilômetros adentro da fronteira polonesa anterior à guerra, a apenas 270 quilômetros da fronteira da Hungria. No dia seguinte, Hitler convocou o regente húngaro, almirante Horthy, ao castelo de Klessheim, ao sul de Salzburg. Aí, Horthy foi obrigado a aceitar os termos impostos pelo Führer: um novo governo chefiado por Dome Sztojaj, antigo representante húngaro em Berlim, a entrada das tropas alemãs na Hungria, o controle alemão sobre o petróleo e outras matérias-primas húngaras – incluindo os poços de petróleo em

Nagykanizsa – e a deportação, para Auschwitz, de 750 mil judeus húngaros – que haviam sobrevivido a quatro anos e meio de guerra, após a deportação de cerca de vinte mil compatriotas como trabalhadores forçados, posteriormente abatidos, no outono de 1941, e de uma segunda deportação de mais dez mil pessoas, realizada por insistência de Hitler, para as minas de cobre em Bor, uma fonte de matéria-prima da maior importância para a Alemanha.

Nas primeiras horas de 19 de março, as tropas alemãs entravam na Hungria. Horthy regressou a Budapeste algumas horas depois, sendo recebido por uma guarda de honra alemã em sua residência oficial.

Em Anzio, mais de cinquenta soldados aliados morreram, em 17 de março, quando o navio em que se encontravam foi atingido pela artilharia alemã. No dia seguinte, um submarino japonês afundou o cargueiro britânico *Nancy Moller*, no oceano Índico. A tripulação salvou-se em botes. Alguns minutos mais tarde, o submarino atacou os botes, desfazendo-os em pedaços. Os sobreviventes foram metralhados enquanto nadavam ou agarravam-se a destroços flutuantes. Entre os 69 tripulantes do cargueiro, somente dezesseis sobreviveram.

Também em 18 de março, um avião japonês afundou o navio de guerra americano *Franklin*, em Okinawa, matando 724 tripulantes.

Na Rússia, à medida que o Exército Vermelho continuava em sua progressão para o sul, conquistando Vinnitsa, no sul do Bug, em 20 de março, e atravessando o Dniester a norte de Kishinev, houve motivo para regozijo público quando, nessa mesma data, o comboio expresso Flecha Vermelha retomou seu percurso habitual entre Moscou e Leningrado. Dois dias mais tarde, no Báltico, um major da força aérea soviética, Vitor Kashtankin, ao atacar uma força naval alemã, teve seu avião em chamas e mergulhou contra o convés de um navio inimigo. Suas últimas palavras ao microfone do avião incendiado, dirigidas ao seu quartel-general, foram: “Morrer é simples. Precisamos vencer...” Em virtude dessa atitude em combate, Kashtankin foi declarado, a título póstumo, Herói da União Soviética.

O dia que presenciou o feito heroico de Kashtankin viu, também, explodir uma revolta num campo de trabalho escravo em Koldyczewo, na Rússia branca ocupada. A revolta foi encabeçada por um judeu, Shlomo Kushnir. Durante a revolta, foram mortos dez guardas nazistas enquanto centenas de trabalhadores escravos procuravam refúgio nas florestas junto aos guerrilheiros. Kushnir e 25 fugitivos foram capturados: Kushnir suicidou-se antes que o inimigo pudesse torturá-lo ou abatê-lo. No dia seguinte, um grupo de resistentes soviéticos, também chefiado por um judeu, sargento Andrei Tsymbal, e contando numerosos judeus entre seus efetivos, destruiu, na região de Bialystok, um comboio militar alemão que levava carros blindados a caminho da frente oriental.

Em 23 de março, as autoridades alemãs na Grécia iniciaram a deportação, para Auschwitz, de mais de quatro mil judeus gregos, feitos prisioneiros nas pequenas cidades e aldeias do país. Porém, por cada judeu capturado, outro fugia e era ajudado por camponeses locais ou juntava-se aos resistentes gregos. O número mais elevado de prisioneiros enviados para a morte foi registrado em Yannina, sendo de 1.687. Em Roma, no mesmo dia, resistentes italianos atacaram, à bomba, uma unidade da SS; 33 alemães foram mortos na ação. Como retaliação, 335 italianos foram levados, no dia seguinte, às grutas Ardeatinas e executados; 253 eram católicos e setenta eram judeus. As outras doze vítimas nunca chegaram a ser identificadas.



Churchill e Eisenhower em visita às tropas americanas na Inglaterra, 23 de março de 1944. As tropas treinavam para as operações de desembarque na Normandia, em 6 de junho de 1944.

Na noite de 24 de março, no âmbito dos ataques aéreos a Berlim, 811 bombardeiros britânicos atacaram a capital; 72 foram abatidos ou caíram, matando 392 homens, número máximo de mortos sofrido pelos britânicos durante um ataque aéreo contra Berlim. Nessa noite, menos de oitenta habitantes da cidade morreram, embora os estragos causados tenham sido grandes: foram atingidos alvos como a embaixada da Suécia, três cervejarias, um armazém de manteiga, cinco hospitais, reservas de gás e o *bunker* de Himmler. No entanto, este se manteria incólume.

No momento que os bombardeiros britânicos sobrevoavam Berlim, 79 prisioneiros de guerra aliados fugiam por um túnel do campo onde haviam sido detidos em Sagan. Três evadidos, um piloto holandês, o tenente Van der Stok, dois noruegueses, o sargento Bergsland e o segundo-tenente Miller conseguiram chegar a Stettin, seguindo viagem num barco até a Suécia e dirigindo-se daí para a Grã-Bretanha. Todos os fugitivos restantes foram recapturados, três estando muito próximos à saída do túnel, e outro, Roger Bushell, a certa distância a oeste, em Saarbrücken.

Hitler soube da fuga na manhã seguinte à incursão contra Berlim. Irritou-se com a ideia de tantos tripulantes da força aérea regressarem à Grã-Bretanha e aos seus bombardeiros, dizendo a Himmler: “Não deixe que esses aviadores escapem ao seu controle depois da captura!”

Cinquenta fugitivos, confiados à SS após sua recaptura, e não à força aérea alemã, foram fuzilados sem julgamento.

A ira alemã também ficou evidente em 25 de março, quando oito mil soldados alemães, apoiados por duas esquadrilhas aéreas, lançaram um ataque contra 450 membros da resistência francesa no Plateau des Glières, por cima de Annecy; mais de quatrocentos resistentes foram mortos.

Na frente oriental, os alemães foram expulsos de Proskurov, a menos de oitenta quilômetros da Galícia Oriental, em 25 de março; no mesmo dia, o marechal Von Manstein pediu autorização a Hitler para recuar para oeste, sendo imediatamente demitido do comando dos exércitos do sul e afastando-se da vida militar ativa. No dia seguinte, as tropas russas

chegavam ao rio Pruth, numa frente de noventa quilômetros. Esses avanços, disse Churchill numa comunicação em 26 de março, eram “a principal causa da incapacidade de Hitler”.

Em 27 de março, encontravam-se, em Paris, dois oficiais alemães contrariados pelo modo como Hitler conduzia as coisas e dispostos, apesar de todos os riscos, a derrubá-lo. Um entre eles, Ernst Junger, registrou em seu diário que o outro, Caesar von Hofacker, “não se sentia à vontade em meu gabinete e pediu-me que o acompanhasse até a *avenue Kléber*, de modo que pudesse falar livremente. Enquanto andávamos de um lado para o outro entre o Trocadero e a Étoile, revelou-me uma série de pormenores que soubera por gente de confiança”.

As conversas entre conspiradores, porém, não alteravam as derrotas militares nem a tirania política. Na frente, no mesmo 27 de março, o Exército Vermelho entrou em Kamenets-Podolsk, na fronteira com a Galícia Oriental. Para proteger o flanco sul da Grande Alemanha, o exército alemão, que já ocupava a Hungria, avançava, entrando na Romênia. Todas as energias militares precisavam se concentrar na defesa das fronteiras da Grande Alemanha, mas, no momento em que as tropas soviéticas ocupavam as zonas onde haviam sido localizados os estabelecimentos de extermínio, as matanças prosseguiram. Ainda em 27 de março, todas as crianças judias com menos de 14 anos ainda sobreviventes no gueto de Kovno, 320 quilômetros além das linhas alemãs, foram capturadas por homens da SS e mandadas para a morte. Trinta e sete polícias judeus, entre os quais o chefe da polícia do gueto e dois ajudantes seus, recusaram-se a participar na prisão das crianças e foram imediatamente executados.

A “ação das crianças” em Kovno realizou-se em dois dias. Milhares de crianças foram embarcadas nos vagões da morte. Apenas pequena parte sobreviveria, como Zahar Kaplanas, então com cinco anos. O menino foi salvo por um lituano não judeu, que o tirou do gueto dentro de um saco.

O Exército Vermelho atacava, entretanto, ao sul, na fronteira da Grande Alemanha, e ocupava Kolomyja em 29 de março. No dia seguinte, as forças soviéticas penetraram a fronteira húngara e avançaram por mais de 25 quilômetros. Nessa noite, Churchill dirigiu-se de Londres para Yorkshire, num trem, para visitar tropas britânicas que se preparavam para participar do desembarque na Normandia. Enquanto esse trem

viajava para norte, oitocentos bombardeiros britânicos colocavam em prática a operação Grayling, um ataque aéreo noturno contra Nuremberg; porém 95 aviões foram abatidos ou caíram quando desciam e 545 tripulantes morreram, sendo o número mais elevado de mortes registrado em qualquer incursão contra a Alemanha. Os alemães perderam 110 civis e dezenove aviadores, além de 59 trabalhadores forçados estrangeiros, registrando-se a proporção de três aviadores mortos por cada perda no solo. Poucos estragos foram causados às indústrias de guerra de Nuremberg, embora 256 instalações tenham sido atingidas e onze mil civis tenham sido desalojados.

No voo de regresso, o piloto Cyril Barton procurou, em vão, voltar à base com seu Halifax seriamente atingido. Ao sobrevoar, em Ryhope, a costa de Durham, Barton evitou, com grande perícia, bater nos telhados de quatro casas de mineiros. Seu avião caiu no pátio de uma mina de carvão, matando um trabalhador. Barton morreu na queda. Por sua excepcional perícia e pela coragem demonstrada ao evitar destruir as casas dos mineiros, receberia, a título póstumo, a cruz Victoria, tendo sido o único membro da tripulação de um Halifax a ter essa honra durante a guerra.

Enquanto decorria o ataque aéreo contra Nuremberg, e usando-o como cobertura, um bombardeiro britânico voou à Bélgica numa missão de resistência. Durante o voo, porém, foi abatido, tendo morrido cinco entre os dez ocupantes, inclusive o dirigente da resistência belga, Robert Deprez. Três sobreviventes foram capturados e mandados para um campo de prisioneiros de guerra. Dois, o piloto e o navegador, foram acolhidos por famílias belgas da aldeia de Zelzate, na fronteira holandesa, onde estavam escondidos outros 47 aviadores aliados à espera de oportunidade para contatarem alguma rede de evasão. Alguns judeus também eram salvos através de redes de fuga, sendo uma dirigida pelo holandês adventista do sétimo dia John Weidner, que conduzia os evadidos da Holanda para a Suíça. Cerca de 150 pessoas trabalhavam para a rede de Weidner; quarenta seriam presas e abatidas, inclusive a irmã de Weidner, Gabrielle.

No extremo Oriente, os japoneses, atravessando a fronteira indiana em 30 de março, iniciaram o cerco a Imphal. A guarnição, abastecida por via aérea, resistiu; quando o cerco foi levantado, três meses depois, treze mil soldados japoneses haviam morrido. Um número ainda mais elevado de soldados alemães perdeu a vida num lapso de tempo muito mais curto, quando, em 1º de abril, suas tropas foram cercadas na cidade de Skala, na Galícia Oriental; no decurso de uma batalha de nove dias, 26 mil alemães foram mortos.

No mesmo 1º de abril, dezesseis membros de diversos grupos de resistência poloneses foram enforcados em Suwalki, entre eles um rapaz de 14 anos. No dia seguinte, em represálias pelo descarrilhamento de um trem militar na aldeia de Ascq, perto de Lille, provocado por uma sabotagem e sem vítimas, 86 aldeões foram tirados de suas casas pelos alemães e assassinados. Uma vítima, Lucien Albert, era um ex-prisioneiro de guerra que os alemães haviam libertado um mês antes por motivo de doença. Outra vítima foi o padre Henri Gilleron, abatido diante da sua igreja; seu coadjutor, padre Maurice Cousin, foi espancado até a morte na rua.

Três semanas depois do massacre em Ascq, um informante, que nunca foi identificado, denunciou oito civis da aldeia à Gestapo; seis foram declarados culpados pela sabotagem da via férrea e fuzilados.

Na operação Tungsten, os aviões de um porta-aviões britânico atacaram o couraçado alemão *Tirpitz* – que se recompusera dos estragos causados seis meses antes por submarinos-anões britânicos –, em Kaafjord, seu porto norueguês, em 3 de abril; morreram 128 marinheiros alemães, mas o *Tirpitz* não foi afundado. No entanto, foi demasiado danificado para navegar sozinho.

Em 4 de abril, um avião de reconhecimento da força aérea sul-africana sobrevoou, a quase oito mil metros, a fábrica de petróleo e de borracha sintética da IG Farben, em Monowitz. A fábrica era conhecida como importante peça do esforço de guerra alemão e constituía um alvo potencial para os bombardeamentos aliados na Alta Silésia Oriental. A técnica de fotografia aérea então utilizada exigia que o piloto ligasse a

câmara pouco antes de chegar ao local que pretendia fotografar e que a desligasse ao deixar para trás seu objetivo.

Monowitz fica a quatro quilômetros a leste de Auschwitz. O piloto acionou a câmara quando se aproximava do alvo e desligou-a depois de percorridos seis quilômetros. Resultado: vinte fotografias; em três, via-se Auschwitz pela primeira vez.

A equipe dos serviços de informações que revelou e estudou as fotografias, em 4 de abril, no centro da força aérea em Medmenham, no vale do Tâmis, a oeste de Londres, pretendia identificar instalações industriais alemãs, rapidamente assinaladas como “uma central produtora de energia, uma fábrica de carbureto, uma fábrica de borracha sintética e uma fábrica de petróleo sintético (Bergius)”. Cada edifício foi analisado em pormenor. O método de produção de petróleo parecia semelhante ao utilizado em Blechhammer-Sul, um entre os alvos prioritários visados pelos aliados.

Os centros de produção de borracha e de petróleo sintético em Monowitz estavam claramente em fase de “produção parcial” e, embora a construção não estivesse concluída, forneciam petróleo e borracha, produtos de que os alemães sentiam maior falta, dado que o avanço russo os privara das fontes naturais de petróleo das quais seu esforço de guerra dependia; por outro lado, considerava-se que Monowitz, em pouco tempo, poderia fornecer seus produtos numa escala comparável às maiores unidades produtivas existentes em outros pontos.

A interpretação das fotografias tiradas em Monowitz foi enviada para os serviços de informações das aviações britânica e americana. Depois de tantos dados claramente identificáveis na zona fabril, os intérpretes não consideraram necessário comentar os telhados e mais telhados dos alojamentos em Auschwitz, que se assemelhavam a centenas de outros alojamentos de campos militares, de campos de prisioneiros de guerra e de campos de trabalhos forçados localizados na região silesiana. Essas primeiras fotografias não haviam abrangido as câmaras de gás e os crematórios nem a área mais extensa da seção de Birkenau, onde, na época, estavam presos 52 mil judeus, a somar-se aos quinze mil judeus presos nos alojamentos de Monowitz. Somente sete semanas mais tarde, em 31 de maio, Birkenau seria objeto de fotografias aéreas.

Em Birkenau, o processo de gaseamento das vítimas prosseguia sem tréguas. Em 4 de abril, data em que os alojamentos vizinhos foram fotografados pela primeira vez, chegou ao campo um trem vindo de Trieste. Entre os 132 deportados, em sua maioria judeus italianos, 29 foram enviados para os alojamentos, registrados e tatuados, enquanto os restantes foram mortos em câmaras de gás.

Na Índia, o mesmo dia assinalou o inesperado ataque de paraquedistas japoneses contra Kohima, cuja guarnição de 150 homens resistiu decididamente, protegendo a maior parte possível da cidade, antes que recebessem reforços, duas semanas e meia mais tarde. Para auxiliar os defensores, os bombardeiros britânicos com base em Assam efetuaram mais de duas mil investidas contra os sitiados japoneses, que perderam milhares de homens.

Enquanto a batalha de Kohima começava, o povo britânico tomava conhecimento da escala das baixas sofridas até então. Foi Churchill quem apresentou os números à Câmara dos Comuns: 120.958 soldados, marinheiros e membros da força aérea haviam sido mortos, além de 49.730 civis atingidos pelos bombardeamentos alemães e de 26.317 marinheiros mercantes. Ao mesmo tempo, eram comunicados os números relativos à Commonwealth: 12.298 soldados australianos, 9.209 canadenses, 5.912 indianos, 5.622 neozelandeses e 3.107 sul-africanos. O total de mortes, em pouco mais de quatro anos e meio de guerra, ultrapassava 232 mil.

Em 5 de abril, a morte atacou soldados e judeus ao mesmo tempo. Seis oficiais britânicos, interceptados por um barco de patrulha alemão junto à ilha Alimnia no Egeu, foram feitos prisioneiros e interrogados, recebendo “tratamento especial”. Todos os 559 judeus deportados do norte da Itália para Auschwitz receberam tratamento idêntico, dado inclusive a muitas crianças pequenas, como Rosetta Scaramella, de Veneza, de cinco anos, e Roberto Zarfatti, de Roma, de três anos.

Na França, até crianças protegidas em aldeias recônditas eram perseguidas e presas pelo ocupante. Em 6 de abril, soldados alemães e milicianos franceses partiram de Lyon para a pequena e remota aldeia de Izieu, onde parecia haver crianças judias escondidas, frequentando uma

escola dirigida por um judeu, Miron Zlatin. Havia, realmente, 43 crianças judias na aldeia; todas foram presas e levadas, junto com os dez adultos responsáveis – cinco homens e cinco mulheres. Zlatin e duas crianças foram deportados para a cidade de Talin, na Estônia, onde seriam mortos; os restantes do grupo foram mandados para Auschwitz, onde todos, menos uma jovem adulta, Lea Feldbaum, seriam gaseados.

Paralelamente, Hitler, em Berchtesgaden, concordava em enviar 2.500 homens da 2ª Divisão Panzer em ação na frente oriental para o sul da França. “Nesse difícil período de expectativas de invasão, ataques retaliadores”, lia-se num relatório dos serviços de segurança alemães relativo ao próprio Reich, “e mudança dos ventos da sorte no Leste, muita gente se interroga sobre o que acontecerá se não conseguirmos resistir. As pessoas se interrogam, sem saber se os sacrifícios penosos e as dificuldades da guerra terão valido a pena”. O relatório concluía que o povo alemão “começava gradualmente a ansiar pela paz”.

O esforço britânico para apoiar e estimular a resistência francesa não diminuía; em 6 de abril, Jean-Paul Archambault, franco-canadense de Montreal, saltou de paraquedas sobre a França, junto a Lyon. Em sua qualidade de agente do Departamento de Operações Especiais (SOE) britânico, ajudou a organizar três grupos de sabotadores locais, sendo um na região de Bourges, formado por 250 homens.

No Pacífico, os japoneses lançaram um ataque aéreo maciço, na mesma data, contra os navios de guerra americanos que se encontravam próximos a Okinawa. No total, foram atingidos dezessete navios e morreram 367 marinheiros americanos, mas a determinação americana não foi afetada.

* * *

No dia seguinte, uma nova operação contra a resistência foi desencadeada pelos alemães na França, especificamente nos montes em torno de Gex e Oyannax, na cadeia Jura. A ação, que recebeu o codinome Primavera, mobilizou seis regimentos alemães e um regimento de cossacos, composto por soviéticos que, feitos prisioneiros de guerra no sul da Rússia em 1941 e 1942, ofereceram-se como voluntários para combater ao lado da Alemanha. No primeiro dia da operação, cinco

membros da resistência foram mortos e outros treze, aprisionados. Na mesma semana, no norte da França, perto de Angers, os alemães prenderam vinte franceses que, havia um mês, passaram para os britânicos um mapa pormenorizado das defesas alemãs da península de Cotentin, no extremo leste do país, onde ocorreria parte do desembarque através do canal da Mancha. Os vinte prisioneiros foram fuzilados assim que a invasão começou.

Na frente oriental, os russos preparavam-se para expulsar o exército alemão presente na Crimeia, o último território russo ainda sob domínio alemão. O ataque, sob o comando supremo do marechal Tolbukhin, começou na manhã de 8 de abril. Ao fim de quatro dias, haviam sido quebradas duas linhas de defesa alemãs. As tropas alemãs e romenas fugiram rapidamente; somente Sebastopol, a fortaleza que os russos haviam defendido com tanta tenacidade em 1942, ainda resistia. Oito de abril, data do início da ofensiva na Crimeia, foi o primeiro dia da operação Gardening, em que três bombardeiros americanos e dezenove aparelhos ingleses voaram baixo ao longo do Danúbio, até junto de Belgrado, onde lançaram quarenta minas nas águas do rio. Ao fim de dez dias, o total dessas minas elevava-se para 177, visando impedir o tráfico de petróleo romeno, que seguia dos poços em Ploesti para a Alemanha. Os resultados obtidos pela operação foram notáveis.

Em 10 de abril, os bombardeiros americanos iniciaram uma série de ataques contra baterias costeiras alemãs na Normandia, no contexto dos preparativos para a travessia do canal da Mancha. Bombardearam igualmente outras baterias, situadas entre o rio Sena e Dunquerque, a fim de alimentarem a ideia de um desembarque aliado em Pas de Calais. De fato, para manter o engano inimigo, determinou-se que seriam bombardeadas duas baterias em outras regiões por cada bateria bombardeada na zona prevista para o desembarque. Num ataque aéreo de alvo preciso, em 11 de abril, foi também bombardeado, em Haia, um edifício de cinco andares que continha os principais arquivos da Gestapo sobre os prisioneiros holandeses; seis aviões britânicos do esquadrão no 613, conduzidos pelo major R. N. Bateson, colocaram-se a quinze metros do edifício e destruíram quase todo o material nele guardado. Durante o ataque, foram mortos 61 oficiais holandeses, mas teria sido impossível poupá-los sem comprometer o plano. As vidas de um número muito

superior de compatriotas holandeses, porém, foram salvas pela destruição dos arquivos em que eram o assunto principal e que permitiriam sua identificação.

No dia do ataque britânico em Haia, uma moça judia de 14 anos, Anne Frank, refugiada alemã e escondida com os pais nos arredores de Amsterdã, escrevia em seu diário: “Quem nos inflige tudo isso? Quem tornou os judeus diferentes de todos os outros povos? Quem permite que soframos tão terrivelmente?” E respondia às suas próprias perguntas com as seguintes palavras: “Foi Deus quem nos fez como somos, mas também será Deus quem nos fará levantar.”

Quatro meses depois, Anne Frank e seus familiares foram denunciados e deportados; a moça morreria no campo de concentração de Belsen, junto com sua irmã Margot, no início de 1945, enquanto, na mesma época, a mãe morria em Auschwitz. Somente seu pai sobreviveria à guerra.



Forças soviéticas desembarcam na península de Kerch, em 11 de abril de 1944, para iniciar a reconquista da Crimeia.

Atrás das linhas alemãs na frente oriental, foi desencadeada, em meados de abril, outra operação alemã contra os guerrilheiros, entre Lepel e Borisov e entre Lepel e Polotsk; as tropas da SS invadiam aldeia a aldeia, destruindo tudo o que encontravam em seu caminho. De acordo com as estimativas alemãs, foram mortos sete mil guerrilheiros, mas a maior parte era, provavelmente, de camponeses comuns.

Essa operação antiguerrilha não passou sem resposta; enquanto decorria, a aviação soviética sobrevoava a região, atacando os perseguidores dos resistentes. Decorridas poucas semanas após essa grande operação alemã, recomeçaram, com a intensidade anterior, as ações guerrilheiras contra as estradas de ferro. Mais ao norte, em 15 de abril, sessenta trabalhadores forçados judeus, que durante meses haviam sido obrigados a desenterrar e queimar os cadáveres das vítimas abatidas em Ponar, junto a Vilna, no verão e no outono de 1941, desencadearam uma revolta desesperada; apenas quinze conseguiram se esconder nos bosques e reunir-se aos resistentes russos; os restantes foram mortos. Ao sul, entretanto, do outro lado da antiga fronteira polonesa, o mesmo dia assistiu à tomada de Tarnopol pelo Exército Vermelho, uma entre as principais cidades da Galícia Oriental.

No Pacífico, os Estados Unidos iniciaram, no mesmo dia, a fase preliminar da operação Wedlock contra as ilhas Kurilhas, no norte do Japão. Tal como as operações Jael e Fortaleza da Europa, tratava-se de um plano para iludir os japoneses, obrigando-os a retirar material e homens do verdadeiro alvo, as ilhas Marianas.

A operação Wedlock mobilizava forças americanas e canadenses imaginárias, dispondo de seus próprios serviços de abastecimento, sinalização e centro de preparação. Ao mesmo tempo em que o centro de comunicações realmente existente no Havaí era apresentado como peça de um ataque contra as ilhas Kurilhas, uma 9a Esquadra inexistente era também criada, enviando e recebendo mensagens das muito reais 3a e 5a Esquadras e efetuando manobras inteiramente fictícias. Para aumentar a verossimilhança da farsa, os bombardeiros americanos receberam instruções para atacar as instalações japonesas das ilhas Kurilhas, “todos os dias, contanto que o tempo o permita”.

Em 16 de abril, as forças soviéticas entraram em Yalta, no mar Negro. No dia seguinte, para garantir o sigilo dos preparativos para os desembarques através do canal da Mancha, todos os diplomatas estrangeiros na Grã-Bretanha foram proibidos de enviar ou receber mensagens não censuradas ou de sair do país. No mesmo dia, o almirante Dönitz dirigiu uma proclamação às forças armadas alemãs, prevenindo-as quanto a um desembarque de grandes dimensões a começar a qualquer momento: “Lancem-se, sem medida, na batalha”, dizia Dönitz, avisando: “Quem não o fizer, será destruído na vergonha e na ignomínia.” Muito pior do que “vergonha e ignomínia” foi o que sofreu, em 17 de abril, na Alemanha, o sacerdote católico Max Josef Metzger, que escrevera numa carta particular a um colega que era necessário um governo diferente para seu país. Declarado culpado por “apoio ao inimigo”, foi fuzilado em Brandenburg.

No Pacífico, o dia seguinte assinalou o começo da operação Stamina, apoiando, por via aérea, as tropas britânicas e indianas cercadas em Imphal. No final do mês, 1.479 homens e 1.929 toneladas de fornecimentos haviam sido aerotransportados. No final de junho, esses números chegavam a 12.561 homens e a 18.824 toneladas enquanto, nos voos de regresso, treze mil homens feridos e 43 mil não combatentes haviam sido afastados do assédio japonês. Em 19 de abril, navios de guerra britânicos, americanos e franceses atacaram posições japonesas em Sabang, nas Índias Orientais Holandesas – era um aviso que prevenia os japoneses de que já não controlavam o oceano Índico.

Hitler recebeu uma notícia desagradável na mesma semana, quando o governo turco declarou, em 20 de abril – data de seu 55º aniversário –, que não mais enviaria cromo para a Alemanha. A reconquista soviética da Crimeia dificultava que a Turquia mantivesse sua absoluta neutralidade; agora, mais de um ano depois da visita de Churchill a Adana, no sul da Turquia, quando tentou persuadir os turcos a entrarem na guerra, era anunciado que o país apoiava os aliados, embora não fosse beligerante.

Assim, em abril de 1944, os estoques alemães de cromo não ultrapassavam as quantidades requeridas para mais dezoito meses de

produção do aço necessário à fabricação de tanques. Porém, Hitler esperava que os novos tanques de que dispunha, mais rápidos e poderosos, que vira em 20 de abril, em Klessheim, permitissem deter a ameaça soviética na frente oriental e opor-se a qualquer tentativa de invasão aliada através do canal da Mancha. Talvez Hitler nunca tenha conhecido o relatório relativo à situação interna do Reich em termos de segurança, que, em 20 de abril, afirmou que “a evolução a leste e a frustração repetida das esperanças num ‘milagre’ que invertesse a situação provocam o aumento gradual de sinais de desalento entre as pessoas”. E Hitler certamente nunca sonhou que suas mensagens Ultra permitissem que os comandantes das unidades Panzer estivessem a postos para a visita do general Guderian, inspetor-geral, ou fornecessem aos serviços secretos britânicos um mapa perfeito da localização e da distribuição das forças blindadas alemãs, estando a menos de dois meses dos desembarques na Normandia.

A primeira etapa do itinerário de Guderian terminava no centro de comando das forças blindadas em Mailly-le-Camp, perto de Reims; quando Guderian seguia para seu destino seguinte, Amiens, os bombardeiros britânicos atacaram Mailly-le-Camp, matando cem soldados alemães e ferindo muitos outros. Contudo, nem sempre eram os alemães que sofriam com a intensificação dos bombardeamentos aliados sobre a França; em 21 de abril, um pesado ataque aéreo noturno contra Paris, que visava destruir as instalações ferroviárias de St. Denis de La Chapelle, matou 640 civis.

O número crescente de divisões alemãs desviadas para o noroeste da França, conhecidas pelos aliados através de mensagens Ultra, começava a causar alarme entre os responsáveis. Os serviços secretos, porém, conseguiram apurar que a força real de alemães não era excessiva e não atingia a escala que obrigaria o Dia D a ser adiado.

Em 22 de abril, os americanos lançaram a operação Persecution no Pacífico, desembarcando 84 mil homens em assaltos iguais contra Hollandia e Aitape, na costa norte da Nova Guiné. Os japoneses, cujos efetivos não excediam quinze mil homens, muitos pertencentes aos serviços administrativos, deveriam, segundo a lógica, abandonar o combate, mas prolongaram a batalha por mais de três meses, a custos

terríveis segundo critérios europeus: 12.811 japoneses mortos contra 527 baixas americanas.

Na Europa Ocidental, os civis franceses sofriam os efeitos do plano Transporte realizado pelos bombardeiros aliados, visando à destruição de instalações e de nós ferroviários a serviço dos alemães em toda a Normandia, Sena e Pas de Calais; em 24 de abril, quatrocentas pessoas foram mortas durante uma incursão americana diurna contra as instalações ferroviárias de Rouen, quando numerosas bombas foram lançadas sobre o centro da cidade. No mesmo dia, dois pilotos sul-africanos, tenentes Charles Barry e I. McIntyre, num voo de reconhecimento desde o sul da Itália até o leste da Romênia, fotografaram defesas alemãs e romenas na garganta de Galatz, entre Focsani e Galatz. As fotografias revelaram com tal nitidez a natureza e a escala das defesas que o Exército Vermelho se preparava para enfrentar que foram enviadas à Rússia por correio especial.

Em 25 de abril, um bombardeiro americano foi abatido no norte da Itália. Um tripulante, tenente Charles F. Kingsman, feriu-se ao descer de paraquedas. Foi albergado e escondido por uma família italiana; nesse período, ensinou, protegido pela clandestinidade, resistentes italianos a usar e a conservar as metralhadoras que haviam recolhido após a queda de outro avião aliado. Também atrás das linhas, na ilha de Creta ocupada pelos alemães, o Serviço de Ações Especiais da Inglaterra planejava raptar o general alemão comandante da ilha, Heinrich Kreipe. Um agente britânico, major Patrick Leigh-Fermor, saltou de paraquedas sobre a ilha, e outro, capitão Stanley Moss, junto com dois resistentes gregos, foi trazido num barco até a praia. Com o auxílio de três resistentes gregos, os agentes britânicos esconderam-se e capturaram o general na manhã seguinte, quando se dirigia do quartel-general em Arhanes para sua moradia na estrada de Heraklion. Os raptadores do general Kreipe atravessaram a ilha a pé, com seu prisioneiro, e, após avançarem 120 quilômetros em dezessete dias, levaram-no para uma praia remota próxima a Rodakino. O general Kreipe foi levado até Mersa, através do Mediterrâneo, e dali seguiu num avião para o Cairo, Gibraltar e Londres. Depois de interrogado, foi enviado, por barco e por trem, para um campo de prisioneiros de guerra no Canadá, perto de Calgary. Por sua proeza, o

major Leigh-Fermor e o capitão Moss receberam a Ordem de Serviços Distintos.

Não houve represálias imediatas à captura do general Kreipe, pois os britânicos esclareceram que a segurança do general estava em risco. Porém, quatro meses depois, unidades militares alemãs em Creta destruíram a torre de Anoya e a aldeia de Kedrous, matando mais de quinhentos habitantes.

* * *

Na Grã-Bretanha, ao longo de março e abril de 1944, manobras de desembarque eram realizadas em diversas praias do sul da Inglaterra como preparativo para a invasão através do canal da Mancha. Um exercício, denominado Tigre, deu-se em Slapton Sands, perto de Dartmouth, entre 26 e 28 de abril. O conjunto de barcos aliados reunidos ali para a simulação do assalto foi observado por sete torpedeiros alemães, que efetuavam uma patrulha rotineira, vindos de Cherbourg; dois navios de desembarque de tanques foram torpedeados e afundados e um terceiro, seriamente atingido, tendo sido mortos 639 americanos, sendo muitos mecânicos especializados que não podiam ser facilmente substituídos.

Graças à condução do ataque contra as forças em Splatton Sands, o capitão Peterson recebeu as Folhas de Carvalho, que se juntariam à cruz de Cavaleiro que recebera em 1940.

Dez oficiais americanos mortos no ataque traziam informações secretas de grande importância para a invasão através do canal; tratavam-se de instruções designadas pelo codinome Bigot e transmitidas apenas às partes fundamentais à ação. Para comprovar que nenhum entre tais homens fora salvo pelos alemães e feito prisioneiro, realizou-se uma ampla busca pelos corpos, em que todos os cadáveres foram recolhidos e cuidadosamente examinados. Embora mais de cem corpos nunca tenham sido recuperados, os dez oficiais em causa foram encontrados. As informações secretas sobre o desembarque não haviam sido violadas.

No Pacífico, também em 28 de abril, em seu segundo ataque contra a ilha de Truk nas últimas dez semanas, foram abatidos alguns aviões americanos, tendo 25 pilotos conseguido salvar-se. Com a destruição quase total dos depósitos de combustível e de munições aponeses no atol, afastava-se o perigo de qualquer ataque contra as forças americanas na Nova Guiné.

No último dia de abril de 1944, mais de duzentos judeus foram gaseados em Auschwitz; as vítimas eram de origem polonesa, mas haviam sido

enviadas para Vittel, na França, no que pensavam ser a primeira etapa de uma viagem para Lisboa, considerando seus passaportes sul-americanos. Depois de passarem meses em Vittel, foram deportados para leste e assassinados; entre os judeus estava o poeta Yitzak Katzenelson, autor de canções e poemas que, versando os prazeres juvenis e as alegrias da vida, haviam sido muito populares entre as crianças judias polonesas antes da guerra. Sua mulher e seus dois filhos pequenos haviam sido deportados de Varsóvia para Treblinka havia mais de dezoito meses. Assim pereceu, na separação, no desengano e no horror, mais uma família entre as milhões de vítimas da Segunda Guerra Mundial.

Resistência, sabotagem e farsa

Primavera de 1944

Ao longo de maio de 1944, os alemães intensificaram seus esforços contra as atividades de resistência na Europa. Na França, a operação Sangue e Cinzas contra os resistentes, realizada em Auvergne, terminou com o enforcamento público de 99 franceses aprisionados. Porém, cerca de 35 mil membros ativos da resistência mantinham, nas regiões onde atuavam, contato com os serviços secretos britânicos, que lhes garantiam fornecimentos especiais de provisões e de armas, prevendo-se um levantamento generalizado que apoiasse o desembarque na Normandia. Na Iugoslávia, os guerrilheiros de Tito lançaram uma ofensiva em maio, a operação Pele de Urso, atacando as estradas e ferrovias no norte da Eslovênia para dificultar o transporte de tropas alemãs dos Bálcãs para a França quando começasse a invasão.

Em 2 de maio, apesar do desastre em Slapton Sands quatro dias antes, aconteceu o último exercício de manobras preliminares, a operação Fabius, na zona de treino a que pertencia Slapton.

No mesmo dia, o jornalista alemão Erich Knauf – que não apenas declarara publicamente que “uma vitória alemã seria a pior desgraça”, mas que Himmler “somente conserva seu lugar porque ordena entre oitenta e cem condenações à morte por dia” – foi executado pelos nazistas. No dia anterior, em Londres, um tribunal britânico condenara à morte um súdito belga, Pierre-Richard Neukermans, que voara de Lisboa à Grã-Bretanha como espião a serviço dos alemães; foi executado no final de junho.

Os aliados continuavam a usar as mensagens Ultra alemãs para estabelecer seus planos de invasão. Em 3 de maio, uma divisão alemã recentemente constituída chegou à França; quatro dias mais tarde, como

resultado da leitura de mensagens Ultra trocadas pelo exército alemão, os responsáveis anglo-americanos pelos planos de invasão souberam não apenas de sua existência como da quantidade de seus efetivos e sua localização, na base da península de Cotentin.

Assim, o mais secreto triunfo da inteligência britânica e o trabalho duro, e muitas vezes laborioso, de mais de cinco mil criptógrafos e ajudantes – tarefa que, quatro anos antes, estivera repleta de incertezas e de dificuldades – atingiu um ponto decisivo, eliminando todos os perigos de um desembarque às cegas na França. Uma a uma, todas as formações militares alemãs eram localizadas.

No Pacífico, ao largo de Okinawa, a aviação japonesa continuava a atacar a marinha americana, causando estragos consideráveis. No dia 4 de maio, foram atingidos quatro navios e mortos 446 marinheiros. Sete dias depois, no dia 11 de maio, perderam a vida mais 461 homens, dos quais 396 do Bunker Hill.

Em 5 de maio, num êxito excepcional de seus serviços secretos, os alemães tiveram acesso a uma conversa telefônica entre Churchill e Roosevelt. Havia qualquer coisa em preparação, mas o que, quando e onde foram elementos que os alemães nunca conseguiram deduzir. Particularmente irritantes foram as palavras finais de Roosevelt: “Bem, vamos fazer o melhor que pudermos. E agora vou pescar.”

A “pesca” aliada era de ordem elevada; também em 5 de maio, em consequência de pistas fornecidas por mensagens Enigma, pilotos sul-africanos, saindo da Itália, efetuaram uma missão de reconhecimento, penetrando profundamente além das fronteiras polonesas, até Blizna, onde fotografaram um centro de montagem e de experimentação de bombas voadoras. Tanto o míssil quanto a plataforma de disparo foram identificados pela unidade de reconhecimento fotográfico de Medmenham, na Grã-Bretanha. Para acelerar a produção da bomba voadora, cientistas alemães ligados à concepção de projéteis, entre os quais Wernher von Braun e alguns oficiais da SS, decidiram, em 6 de maio, que 1.800 operários especializados seriam trazidos da França para trabalhar na abertura de túneis subterrâneos e em outras obras acessórias. Seriam alojados no campo de concentração de Dora, nas imediações, e tratados como prisioneiros do campo. Poucos sobreviveriam à guerra.

Em 7 de maio, contra os desejos de Hitler, o general Schörner, comandante dos exércitos alemães no sul da Ucrânia, compreendendo que suas tropas não conseguiriam assegurar a defesa de Sebastopol, na Crimeia, mandou que a cidade fosse evacuada por via aérea e marítima. Mais de trinta mil soldados foram retirados antes que, em 11 de maio, os alemães que ocupavam os últimos redutos se rendessem. Porém, em 10 de maio, a cidade estava praticamente nas mãos dos russos, podendo o marechal Tolbukhin enviar a Stálin a notícia de sua reconquista. No mesmo dia, num comunicado infeliz, o supremo comando alemão anunciava: “As ruínas de Sebastopol foram evacuadas no decurso de uma ação de desimpedimento.” A derrota transformava-se em “desimpedimento”.

Na Europa Ocidental, o planejamento e as farsas ligadas à travessia do canal da Mancha pelos aliados entravam em seu último mês. Em 9 de maio, bombardeiros americanos atacaram os oito principais aeródromos alemães do ocidente da França, enquanto, em Estocolmo, os britânicos manipulavam deliberadamente os câmbios suecos e noruegueses, fazendo a bolsa de valores norueguesa subir quase vinte por cento, no contexto do plano Graffham, para dar a impressão de que a libertação da Noruega ocorreria em breve e que era a Noruega, não a França, o alvo das forças de invasão sediadas na Grã-Bretanha.

Até a iminência do desembarque era escondida; em 9 de maio, o almirante Dönitz disse ao conde Oshima, embaixador japonês em Berlim, que os aliados não estariam, “por algum tempo”, em condições de proceder a uma invasão. O relatório que Oshima enviou a Tóquio sobre sua conversa com Dönitz foi decifrado em Bletchley em 13 de maio, aliviando os responsáveis anglo-americanos.

Às 23h de 11 de maio, cerca de dois mil canhões aliados abriram fogo simultaneamente, de Cassino para o mar. Passados 45 minutos, a infantaria iniciou o assalto, utilizando forças indianas, britânicas, francesas, polonesas e marroquinas. Nessa quarta batalha pela posse de Cassino, o general Alexander contava com superioridade numérica de três para um, mas seriam precisos mais sete dias para finalmente vencer a defesa alemã. Entretanto, em 12 de maio, a aviação americana lançava

seu primeiro ataque contra as fábricas alemãs de petróleo sintético. As sete unidades bombardeadas nesse dia eram responsáveis por mais de um terço da produção alemã desse líquido, do qual a Alemanha se encontrava quase absolutamente dependente para manter-se na guerra.

Apenas oitenta aviões de combate alemães estavam disponíveis para enfrentar os oitocentos bombardeiros; desde o começo do ano, os alemães haviam perdido mais de três mil pilotos, mortos em combate ou feitos prisioneiros após seus aparelhos serem abatidos. Contudo, os pilotos alemães combateram com habilidade e determinação, abatendo 46 bombardeiros contra a perda de trinta caças. Os sete alvos fixados foram atingidos; três tão pesadamente que precisaram fechá-los por algum tempo. As próprias mensagens Ultra revelaram aos aliados as proporções do alarme alemão.

Os atos de sabotagem recrudesciam à medida que a invasão através do canal se aproximava; em 13 de maio, em Bagnères-de-Bigorre, nos Pirineus, uma fábrica que produzia transportadores para os canhões de autopropulsão manteve-se fechada durante seis meses após um ataque de uma equipe de agentes britânicos e resistentes franceses. No mesmo dia, ao longo da costa da Mancha, Rommel completou a colocação de duas, entre quatro, cinturas de obstáculos submarinos, destinadas à defesa costeira; ao todo, 517 mil obstáculos haviam sido colocados a quase dois metros de profundidade, para a maré alta e a meia maré, sendo 31 mil armadilhados com minas. Ainda faltava compor outras duas linhas de obstáculos para 1,8m e 3,6m de profundidade na maré baixa.

Em 8 de maio, Rommel prevenira o alto-comando alemão de que a destruição aliada sistemática das estradas de ferro no norte da França começara a afetar seus serviços de abastecimentos e movimentos de tropas; essa mensagem ultrassecreta foi decifrada na Grã-Bretanha em 14 de maio e constituiu um encorajamento à continuação dos ataques aéreos americanos. O bombardeamento das bases aéreas alemãs fora igualmente eficaz, a tal ponto que Gøering ordenou que a organização Todt fizesse obras visíveis nas bases não utilizadas ou pouco utilizadas, a fim de iludir os aliados e fazê-los desperdiçar forças. Infelizmente para Gøering, sua ordem, enviada numa mensagem Ultra por rádio, foi decifrada pelos serviços de informações britânicos em 14 de maio.



Rommel inspecionando as defesas de praias alemãs ao longo de costa do Canal da Mancha.

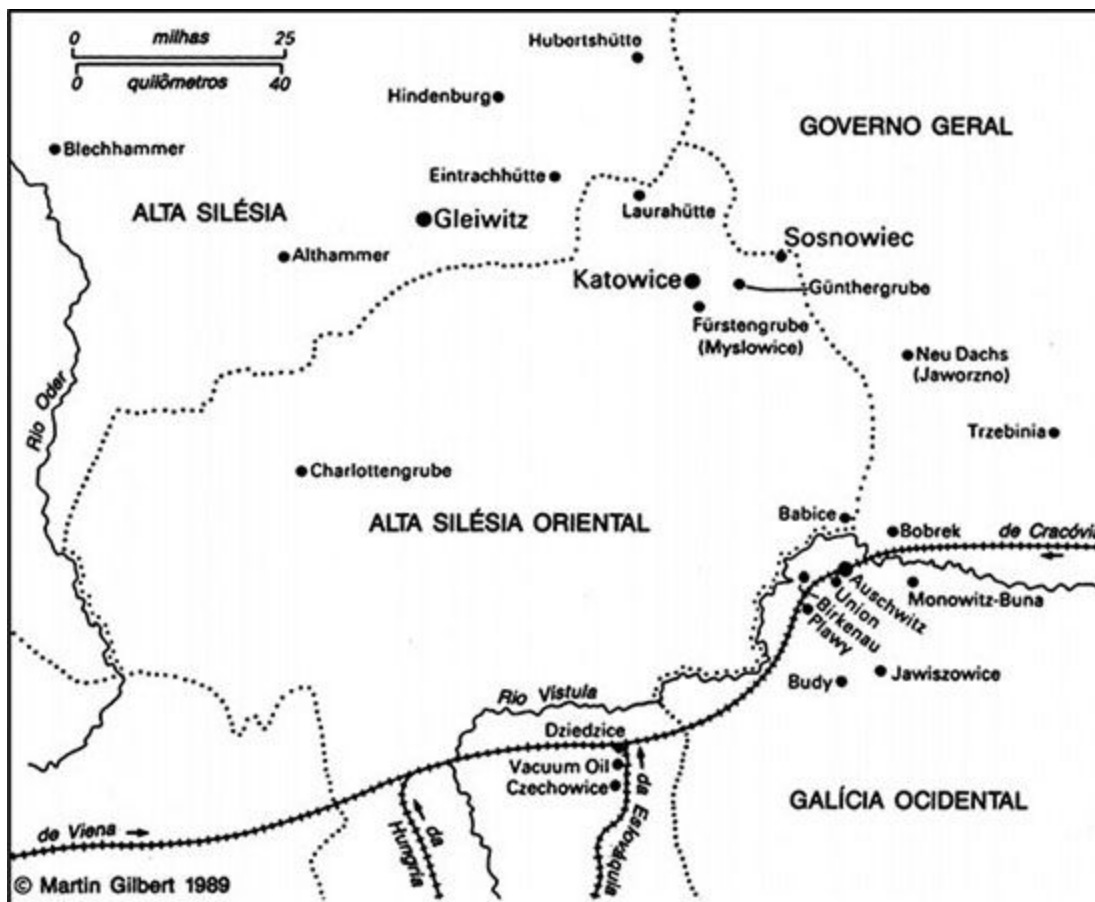
Os alemães eram mais vulneráveis às farsas; em 15 de maio, o alto-comando alemão era informado de que “uma fonte confiável dos serviços secretos do exército” se referira à presença de unidades do 1º Grupo de Exércitos dos Estados Unidos em Yorkshire e Norfolk. A fonte “confiável” em causa era um ex-agente alemão que, havia muito tempo, passara a trabalhar para a Grã-Bretanha; o grupo de exércitos a cuja presença se referira tão conscienciosamente existia somente para os responsáveis britânicos pelas farsas destinadas ao inimigo. Yorkshire e Norfolk eram os pontos de partida para os ataques imaginários contra a Noruega e Pas de Calais.

Também em 15 de maio, após dois meses de preparativos cautelosos e de farsas eficazes, os alemães iniciaram a deportação de centenas de milhares de judeus húngaros para Auschwitz. Eram deportados quatro mil judeus por dia; à chegada a Auschwitz, metade ou dois terços dos deportados eram mandados para as câmaras de gás. Os outros eram enviados para os alojamentos, engrossando as fileiras de trabalhadores escravos que incluíam prisioneiros de guerra poloneses, britânicos, iugoslavos, franceses e soviéticos, explorados sem piedade e submetidos a todas as privações nas numerosas fábricas construídas junto a Auschwitz ou já existentes nas imediações.

Na cidade industrial de Gleiwitz, na Alta Silésia, quatro fábricas utilizavam o trabalho escravo oriundo de Auschwitz – uma destinava-se à produção e ao engarrafamento de fumo destinado às cortinas de fumo, funcionando desde 3 de maio. As outras se dedicavam à reparação de vagões de trem, à fabricação de vagões especiais ou armados com metralhadoras e à reparação e adaptação de motores de veículos militares.

Na central de produção de energia e minas de carvão de Neu Dachs, na Alta Silésia Oriental, também conhecida pelo nome polonês Jaworzno, trabalhavam, em maio de 1944, mais de dezesseis mil prisioneiros. Na fábrica de petróleo sintético de Blechhammer, que abrira em 1º de abril, quatro mil prisioneiros eram utilizados. Em Bobrek, a partir de 22 de abril, os 250 prisioneiros que trabalhavam para as oficinas da Siemens

incluíam cinquenta crianças: todos os prisioneiros eram usados na fabricação de aparelhagem elétrica para aviões e submarinos.



CAMPOS DE TRABALHOS FORÇADOS NA ALTA SILÉSIA ORIENTAL, 1944.

Um campo de trabalhos forçados mais recente, instalado em Myslowice, fornecia treze mil trabalhadores para as minas de carvão de Fürstengrube, que exploravam a antiga mina enquanto abriam mais uma. Outros mil prisioneiros eram utilizados nas fábricas de aço de Laurahutte, produzindo canhões antiaéreos. Nas minas de carvão de Günthergrube, havia seiscentos prisioneiros, principalmente judeus de Auschwitz, explorando a mina já existente e construindo outra. Em maio de 1944, no auge da deportação dos judeus da Hungria, um novo campo de trabalho foi aberto em Sosnowiec, o segundo existente no local, albergando os novecentos prisioneiros que trabalhariam na fábrica de canhões e granadas da Ost-Maschinenbau Gesellschaft.

Entre os alojamentos e o principal campo de Auschwitz e as câmaras de gás em Birkenau, eram fabricados detonadores de granadas. Em Monowitz, a fábrica de borracha e de petróleo sintético de Buna ocupava dezenas de milhares de trabalhadores judeus e alguns prisioneiros de guerra britânicos, todos não judeus. Alguns judeus húngaros foram enviados de Auschwitz para o campo de trabalho instalado no antigo gueto de Varsóvia, para limparem os escombros e procurarem bens abandonados.

Não apenas na região de Auschwitz o trabalho escravo de prisioneiros servia ao esforço de guerra da Alemanha. Em 15 de maio, data da primeira deportação de judeus húngaros, mil judeus prisioneiros em Auschwitz foram mandados para uma fábrica em Wüstegiersdorf; outros seriam enviados para fábricas em Brünnlitz, Schwarzheide e Hamburgo ou destinados à construção de um centro de recreamento e repouso para a SS em Ullersdorf, a sudeste de Berlim.

No mesmo predestinado dia 15 de maio, enquanto os trens da morte rolavam pelas cidades e aldeias húngaras para Auschwitz, um judeu palestino, Enzo Sereni, que nascera na Itália, saltou de paraquedas, numa ação para os serviços secretos britânicos, sobre território italiano ocupado pelos alemães. Sua missão era contatar grupos de resistentes italianos nas proximidades de Florença, recolher mapas e informações militares úteis à progressão aliada na Toscana e ajudar prisioneiros de guerra britânicos a evadirem. Ao tocar a terra, Sereni foi capturado; ao fim de quatro dias de interrogatórios e torturas em Verona, foi mandado

para o campo de Gries e para Dachau. Então, passados seis meses, seria levado do alojamento onde se encontrava detido e nunca mais seria visto.

Da cidade italiana de Fossoli, 575 judeus foram deportados para Auschwitz em 16 de maio. Quando chegaram ao campo, sete dias depois, 518 foram gaseados; apenas 57 foram escolhidos para o trabalho. Entre os gaseados, contava-se um bebê, Gigliola Finzl, que nascera em Roccastrada havia apenas dois meses e meio. Também foram gaseados, no mesmo dia, Carolina Calò e seus quatro filhos pequenos – o mais novo, um menino, nascera no primeiro dia da viagem para a morte. O marido de Carolina, Eugenio Calò, destacado dirigente da resistência italiana, nesse momento, prendia soldados alemães presentes na Toscana e preparava-se para levá-los até as linhas aliadas ao sul antes de voltar à zona da ocupação alemã e continuar seu combate de guerrilha.



Sepulturas de guerra alemãs em Cassino.

Na manhã de 18 de maio, após quase uma semana de combates ininterruptos, as tropas polonesas conseguiram hastear sua bandeira nas ruínas do mosteiro de monte Cassino. Seis meses de batalha chegavam ao fim. No assalto final, morreram 4.267 soldados aliados e houve 4.068 desaparecidos: seus corpos foram tão destruídos pelas explosões que nunca se pôde encontrá-los. No dia seguinte, o comandante das forças polonesas, general Wladyslaw Anders, visitou o campo de batalha. “Cadáveres de soldados poloneses e alemães”, escreveu ele, “por vezes enlaçados num abraço mortal, jaziam por toda a parte, e o ar estava empestado pelo cheiro dos mortos em decomposição”. Enquanto caminhava pelo campo de batalha, Anders observou: “Havia crateras e crateras nos montes e, espalhados por toda a parte, pedaços de fardas e capacetes desfeitos, metralhadoras ligeiras, Spandaus, Schmeissers e granadas de mão.”

No mesmo dia, chegou a notícia, vinda de Washington, de que na última campanha para a bem-sucedida conquista das ilhas do Almirantado 326 soldados americanos haviam sido mortos, contra 3.820 japoneses. Somente 75 japoneses haviam sido feitos prisioneiros, a maior parte ferida demais para conseguir suicidar-se. Dois dias mais tarde, em 20 de maio, uma força especial americana completava a conquista da ilha Wadke, matando todos os seus oitocentos defensores japoneses e perdendo 53 soldados americanos.



A vila italiana de Cassino após a queda do mosteiro próximo nas mãos dos aliados, em 18 de maio de 1944.

Em 20 de maio, a apenas dezessete dias do desembarque na Normandia, os alemães ainda não sabiam onde aconteceria a invasão. A marinha de guerra alemã minava o golfo de Biscaya. Quando Rommel pediu autorização para minar a baía do Sena, seu requerimento foi indeferido. Foram-lhe igualmente recusadas tropas que pudessem, ao mesmo tempo, cobrir a Normandia e a Bretanha, recusa que se devia, como escreveu mais tarde, “ao receio de um possível ataque de tropas inimigas aerotransportadas à região de Paris”.

Os preparativos aliados evoluíam com grande rapidez. Em 21 de maio, os britânicos e americanos lançaram a operação Chattanooga Choo-Choo, consistindo num ataque sistemático contra veículos e instalações ferroviárias do norte da Europa, incluindo a Alemanha. Esses ataques foram tão eficazes que, no intervalo de 24 horas, os municípios alemães recrutavam às pressas trabalhadores escravos e até judeus presos nos campos de concentração para repararem os estragos causados pelos bombardeamentos.

Para os aliados, o sigilo continuava a ser a chave da possibilidade de sucesso do desembarque na Normandia, o Dia D, como era conhecido no linguajar militar. Em 23 de maio, em Sutton Coldfield, na Grã-Bretanha, um oficial americano de uma unidade postal do exército, que conhecia alguns segredos reunidos sob o codinome Bigot, revelou a um membro do quartel-general a tarefa programada para o 1º Exército dos Estados Unidos. Por tê-lo feito, foi condenado a um ano de prisão e de trabalhos forçados no regimento disciplinar de Greenhaven, em Nova York, sendo destituído de seu posto.

A tomada de monte Cassino em 18 de maio abria caminho para um rápido avanço aliado para norte, permitindo a junção às forças avançadas em Anzio e a progressão no sentido de Roma. Em Anzio, em 23 de maio, mais de 150 mil soldados aliados conseguiram sair do perímetro em que estavam presos havia quatro meses. A partir da costa da região ocupada pelos alemães, os barcos-patrolha britânicos e americanos procuravam prisioneiros de guerra evadidos que pudessem salvar e trazer aos efetivos de seus exércitos. Na noite seguinte, numa dessas operações, denominada Darlington II, dois barcos, navegando de Termoli para a embocadura do

rio Tenna, salvaram 153 prisioneiros de guerra e tripulantes de aviões foragidos; até o final de novembro, 2.156 evadidos ou fugitivos haviam sido salvos por esse meio.

Na Grécia, as forças alemãs eram cada vez mais atacadas pela guerrilha. Em 24 de maio, toda a tripulação da aldeia de Pogonion foi deportada, como refém, para um campo próximo a Yanina. Quando, pouco depois, uma divisão alemã foi atacada pela guerrilha, todos os 325 habitantes da aldeia foram fuzilados. Na Iugoslávia ocupada, o dia seguinte foi assinalado pelo lançamento da operação Salto de Cavalo, uma tentativa alemã para, por meio da intervenção de forças lançadas de paraquedas ou aerotransportadas, capturar o dirigente da resistência Iosip Broz Tito, no momento em que se encontrava na aldeia de Drvar. Durante a operação, um resistente iugoslavo, atingido na cabeça, morreria aos pés de Tito. O líder escaparia, mas os camponeses entre os quais vivera foram quase todos assassinados – tanto mulheres e crianças quanto homens adultos.

Na Itália, as tropas que haviam quebrado o cerco a Anzio conseguiram reunir suas forças às tropas aliadas que acorriam em seu auxílio. Nesse dia, 25 de maio, as tropas americanas entraram em Velletri, a menos de quarenta quilômetros do centro de Roma. Na Grécia ocupada, um jovem oficial dos serviços de informações, Kurt Waldheim, escrevia ao seu superior, general Schmidt-Richberg, criticando as últimas operações desencadeadas contra os grupos de resistentes e suas represálias. “As medidas de retaliação após emboscadas e sabotagens não conseguiram, apesar de sua severidade, qualquer resultado digno de nota, uma vez que nossas medidas têm caráter transitório, sendo as comunidades ou os territórios castigados abandonados aos bandos de guerrilheiros ao fim de pouco tempo.” E Waldheim acrescentava: “As medidas de represálias desproporcionais, assumidas sem análise rigorosa da situação objetiva, causam amargura nas populações, tornando-se úteis aos guerrilheiros. Sabe-se que a população apoia ativamente os bandos de guerrilha, fornecendo-lhes informações preciosas.”

Através da leitura de relatórios alemães, podemos avaliar a extensão do terror e da resistência. No dia em que o tenente Waldheim enviava sua

mensagem a partir da Grécia, o general da SS Edmund Veessenmayer comunicava ao Ministério das Relações Exteriores, em Berlim, que 138.870 judeus haviam sido enviados para seu devido “destino” nos últimos dez dias, Auschwitz, onde, na data do relatório de Veessenmayer, centenas de judeus húngaros eram conduzidos a uma entre as duas câmaras de gás de Birkenau. Durante o trajeto para o edifício, pressentindo que havia algo errado, os prisioneiros fugiram, tentando esconder-se nos bosques vizinhos. Projetores especiais foram imediatamente acesos e instalados ao redor das câmaras de gás, permitindo aos guardas da SS abrir fogo sobre os fugitivos, matando-os a todos. Outro ato semelhante de revolta, suprimido do mesmo modo, ocorreria três dias mais tarde.

“Hungria!”, foi o brado de exortação de Hitler para seus generais, em 26 de maio, em Obersalzberg.

Todo o país estava sendo subvertido e corrompido; judeus por toda a parte, judeus e mais judeus, instalados até os mais altos níveis, com o país inteiro coberto por uma rede de agentes e espiões em atividade constante, à espera do momento para atacar, mas receando que um movimento prematuro precipitasse nossa intervenção. Foi o que fiz, intervir, e o problema começa a encaminhar-se para uma solução.

À medida que os alemães eram obrigados a recuos sucessivos na zona de guerra – Hungria, outras regiões da Europa Central, Itália, Holanda, França e Grécia –, Hitler e seus subordinados tinham pressa para “solucionar” o problema judeu, o que faziam deportando diariamente milhares de judeus para Auschwitz e não deixando escapar nenhum em quem conseguissem pôr as mãos. Entretanto, os aliados estavam às vésperas de iniciar sua invasão ao norte da Europa através do canal da Mancha, encontravam-se às portas de Roma e bombardeavam os centros industriais e as fábricas de guerra alemães sem que houvesse um dia de trégua. Enquanto o desfecho da guerra se mostrava, duas vitórias pareciam competir: para a Alemanha, a vitória sobre os judeus; para os aliados, a vitória sobre a Alemanha. Tornara-se evidente que uma vitória alemã sobre os aliados era impossível. Goebbels declarou num editorial jornalístico, datado de 24 de maio: “A Alemanha deverá ficar mais

desolada do que o Saara.” Nada deve ser deixado para os aliados – e, em especial, para os temidos bolcheviques.

Em 25 de maio, os serviços secretos britânicos decifravam uma mensagem enviada para Berlim havia seis dias, na qual Rommel revelava que uma divisão Panzer não tinha tanques nem esperava recebê-los; entre outras carências, faltavam oficiais, transportes e veículos adequados. À falta de outros meios, estavam sendo utilizados cavalos e bicicletas. Mais tarde, uma mensagem Enigma da força aérea alemã, decifrada pelos serviços secretos britânicos, revelaria que, segundo os alemães, o desembarque da invasão aliada provavelmente teria lugar na região de Dieppe. O ataque contínuo contra as pontes do Sena levava-os a semelhante conclusão.

Em 26 de maio, numa incursão diurna contra Lyon, destinada a bloquear as vias alemãs de reforços a partir do sul, instalações ferroviárias e militares e centrais de energia foram pesadamente bombardeadas, tendo morrido, por outro lado, 717 civis.

Apesar de um protesto do dirigente regional da resistência francesa, Alban Vistel, referindo-se à “dolorosa indignação” dos habitantes da região, a luta de guerrilha continuou; no dia seguinte ao bombardeamento a Lyon, doze membros da militância colaboracionista foram mortos numa emboscada preparada pelos resistentes. Houve numerosos atos de sabotagem. Em Ambérieu, um entreposto ferroviário foi destruído e 52 locomotivas foram inutilizadas. Em Bar, Corrèze, uma central hidroelétrica foi tão seriamente atingida por uma ação de sabotagem que não funcionaria durante quatro meses. No mesmo dia, os serviços secretos britânicos decifravam outra mensagem enviada por Rommel a Berlim, havia dezesseis dias, na qual prevenia que os problemas ferroviários eram tão grandes que seria necessário utilizar trabalhadores forçados e até prisioneiros de guerra nas reparações necessárias; a força de trabalho francesa, civil, não “respondia”.

As mensagens decifradas pelo sistema Ultra não revelavam aos dirigentes anglo-americanos apenas as fraquezas e os problemas sofridos pelas forças alemãs na França e os efetivos de cada unidade, mas indicavam, com precisão, a localização e os movimentos previstos de

cada unidade inimiga. Assim, uma série de mensagens, entre 24 e 27 de maio, indicava um súbito e considerável deslocamento de tropas para a península de Cotentin, justamente para a zona em torno de La Haye-du-Puits, onde se previa que forças americanas aterrissariam com paraquedas, destinadas a proteger as praias de um ataque alemão a partir da península de Cherbourg. Na noite de 27 de maio, apenas uma semana antes da data marcada para a invasão, os americanos foram obrigados, assim, a abandonar o plano de lançar seus paraquedistas em La Haye-du-Puits; foi igualmente forçoso adiar, por sete dias, a data da captura de Cherbourg. Desse modo, as mensagens Ultra evitaram um potencial desastre aliado resultante do envio de forças para pontos fortemente defendidos.

Em 28 de maio, os bombardeiros americanos realizaram seu segundo ataque contra as fábricas alemãs de petróleo sintético que haviam alvejado em 12 de maio. Na mesma noite, os bombardeiros britânicos atacaram as fortificações de St. Martin de Varreville, que protegiam as praias onde ocorreriam os desembarques da Mancha; foram destruídos um pequeno forte e diversos equipamentos alemães. Prosseguiram igualmente os bombardeamentos contra instalações ferroviárias, tendo como resultado não apenas complicações aos movimentos de tropas do inimigo, mas a morte de três mil civis franceses num intervalo de 48 horas. “Estão sendo feitas coisas terríveis”, escreveu Churchill a Eden ainda em 28 de maio. No dia seguinte, após ler os relatórios referentes aos ataques da véspera, Churchill escreveu, dessa vez ao marechal da força aérea, Tedder, do supremo comando da força expedicionária aliada: “Você está semeando uma terrível quantidade de ódio.”

Com ódio ou não, os bombardeamentos eram eficazes. No mesmo dia 28, a destruição da estação de comunicação sem fio da marinha alemã em Château Terlinden, perto de Bruges, dificultou muito que os serviços secretos alemães “ouvissem” o volume “extra” de comunicações sem fio aliadas que poderia sugerir a iminência de um assalto por ar, mar e terra.

No dia 29 de maio, os alemães levaram a cabo o seu último ataque aéreo no quadro da operação Ibex, bombardeando Falmouth e Portsmouth. Daí em diante, a força aérea alemã, tão forte sob o comando de Goering e capaz de ataques prolongados e devastadores, já não tinha meios para bombardear a Grã-Bretanha e, ao mesmo tempo, preparar-se

para as inevitáveis batalhas aéreas de uma invasão através da Mancha. Por sua vez, os aliados persistiam, dessa vez com a operação Crossbow, atacando instalações destinadas à bomba voadora Ski, entre Pas de Calais e Dieppe. No final de maio, essas instalações estavam protegidas por 520 peças de artilharia pesada e por 73 canhões de menor calibre. Durante os ataques da operação Crossbow, 154 aviões aliados foram abatidos até o fim do mês e 771 tripulantes morreram ou desapareceram. Contudo, dois terços das instalações Ski foram inutilizados.

Um ataque aéreo aliado, realizado em 31 de maio contra o norte da França, seria eficaz de maneira particular; tendo cortado o cabo telefônico da força aérea alemã num ponto entre Paris e Rouen, a operação interrompeu as comunicações entre o quartel-general de Paris e as bases alemãs de aviação em torno de Rennes e Caen por três dias decisivos.

Em 31 de maio, um avião de reconhecimento sul-africano sobrevoou Auschwitz pela primeira vez desde o começo do mês de abril anterior, fotografando mais uma vez a fábrica de petróleo sintético em Monowitz. Duas fotografias mostravam, pela primeira vez, não apenas o campo principal de Auschwitz, mas as câmaras de gás, os crematórios e os alojamentos de Birkenau, onde se encontravam presos dezenas de milhares de judeus, depois de mais de 1,5 milhão deles terem sido assassinados. Os alojamentos e as instalações de Birkenau, no entanto, não foram examinados pela unidade de reconhecimento fotográfico da Grã-Bretanha, cuja tarefa era exclusivamente identificar, tão precisamente quanto possível, a fábrica de petróleo sintético em Monowitz, em vista de um bombardeamento eficaz. Em Auschwitz, no mesmo dia, a administração do campo registrava que foram extraídos quarenta quilos de ouro dos cadáveres de judeus húngaros gaseados nos quinze dias posteriores a 17 de maio. Entre os mortos, incluíam-se os assassinados em 31 de maio, provenientes de dois trens, dos quais mil homens e mil mulheres haviam sido selecionados para os alojamentos enquanto mais de seis mil foram gaseados à chegada, caso, por exemplo, de todos os dois mil deportados da cidade húngara de Baja. Durante sua viagem de três dias e meio em vagões selados, sem comida nem água

além do que puderam levar consigo para o trem, 55 deportados morreram e duzentos enlouqueceram.

Em 1º de junho, os responsáveis anglo-americanos pelo planejamento do desembarque na Normandia, marcado para 4 de junho, tomaram conhecimento do conteúdo de um telegrama cifrado enviado a Tóquio pelo embaixador japonês em Berlim, conde Oshima. O texto relatava uma conversa que tivera com Hitler, quatro dias antes, em que ouvira que os aliados haviam terminado os preparativos para a invasão, que haviam reunido oitenta divisões – oito com experiência de combate e compostas por “tropas muito boas” –, que fixariam uma posição avançada na Normandia ou na Bretanha, depois de manobras de diversão na Noruega, na Dinamarca, no sudoeste da França e França mediterrânica, e que estavam prontos para, de acordo com os resultados obtidos, abrir uma segunda frente europeia no estreito de Dover.

As afirmações de Hitler esclareciam certos pontos: os alemães consideravam que haveria uma invasão à Normandia ou à Bretanha, mas não sabiam como seria feita nem que ocorreria em breve, contando com uma série de ataques de diversão preliminares. De resto, supunha-se, em Berlim, que Pas de Calais seria o ponto do ataque contra a Europa.

Na noite de 2 de junho, os bombardeiros britânicos voltaram a atacar as estradas de ferro francesas em Trappes. O ataque assinalou o auge do plano Transportation, iniciado em 6 de março, em que mais de oito mil bombardeiros britânicos lançariam 42 mil toneladas de bombas em instalações ferroviárias da França e da Bélgica. Somente durante maio, os bombardeiros americanos, por sua vez, haviam lançado mais onze mil toneladas de bombas. Dois de junho assistiu igualmente à primeira numa nova série de operações de bombardeamento contra a Europa Central, quando os aviões americanos, a partir de Foggia e de outras bases no sul da Itália, atacaram regiões industriais no interior da Silésia, da Hungria e da Romênia, dirigindo-se, depois, para as bases aéreas soviéticas em Poltava ou nas imediações. A possibilidade de voarem a Poltava permitia que os bombardeiros evitassem o regresso ao ponto de partida, que seria impossível, dado seu consumo de combustível.

Concebidos para auxiliar a ofensiva do Exército Vermelho contra a Romênia, após um pedido urgente de Stálin, esses voos receberam o codinome Frantic Joe.⁵ Para evitar que Stálin se ofendesse, o nome da operação passou a ser simplesmente Frantic. Durante a primeira onda de ataques, as instalações ferroviárias de Debrecen foram atingidas na ida e a base de Focasnó, na volta.

Ainda em 2 de junho, os desembarques na Normandia foram adiados para o dia 5, mas o mau tempo parecia garantir um novo atraso. Numa mensagem ultrassecreta para Berlim, enviada por rádio, o marechal Von Rundstedt declarou que os aliados precisariam de quatro dias consecutivos de bom tempo para empreenderem um assalto através do canal da Mancha. Nenhum período com essas características era previsível a breve prazo. Por isso, Rundstedt tinha certeza de que a invasão não ocorreria durante a primeira semana de junho.

O código secreto utilizado pelo marechal fora decifrado pelos serviços de informações britânicos. Bletchley, onde agora trabalhavam mais de seis mil pessoas, teve imediatamente acesso ao conteúdo da mensagem, transmitindo-o a Eisenhower. A partir desse momento, na sequência não apenas da leitura da mensagem como do conhecimento do estado de espírito do comando alemão, Eisenhower compreendeu que, se pudesse começar a invasão em condições que Von Rundstedt não esperava, surpreenderia os alemães.

O mau tempo na Mancha piorou ao princípio da tarde do dia 3. Os meteorologistas alemães previam a continuação do mau tempo durante os três ou quatro dias seguintes, o que excluía 5 e 6 de junho como datas possíveis para a invasão. O aumento do volume de comunicações sem fio entre os aliados poderia levar os alemães a reverem suas confiantes previsões, mas, em 3 de junho, a principal estação de comunicações sem fios da península de Cherbourg, em Urville-Hague, fora destruída por um ataque aéreo aliado. Por ironia do destino, o centro destruído ainda não fora identificado pelos aliados como estação interceptora, apenas como “instalação importante de natureza especial”. Bastava, porém, para ser designada como alvo. Consequentemente, as duas principais estações de

intercepção de comunicações sem fios – Château Terlinden e Urville-Hague – estavam fora de ação.

Eisenhower sabia que o mau tempo impossibilitaria o avanço das forças invasoras em 5 de junho, mas a justaposição das posições da lua e o conhecimento da atitude alemã recomendavam que se evitassem grandes adiamentos a partir do dia 5.

Na manhã de 4 de junho, surgiu a previsão de um breve período de bom tempo, mas não se tratava do intervalo de quatro dias de céu limpo que os alemães consideravam como condição mínima para o início da invasão; por isso, não era provável que o inimigo estivesse especialmente vigilante ou alarmado. Graças a informações recebidas através das mensagens decifradas pelo sistema Ultra, os riscos de lançamento da operação nas precárias condições atmosféricas do momento seriam mais do que compensados.

Na noite de 4 de junho, as tropas americanas chegavam ao centro de Roma. “Suas tropas lutaram de maneira magnífica!”, telegrafou Churchill para Roosevelt. No dia seguinte, depois de uma entrada solene e triunfal na capital italiana, as tropas aliadas continuaram em sua marcha para o norte, perseguindo os alemães em retirada. Contudo, para os responsáveis pela sorte dos aliados, o êxito da queda da primeira capital do Eixo era obscurecido pela preocupação em saberem que, na manhã de 6 de junho, seria lançada a maior operação anfíbia de todos os tempos, pondo em jogo as vidas de centenas de milhares de homens. “Partilho profundamente contigo”, escreveu a mulher de Churchill ao marido, no dia 5, “esse momento doloroso e tão cheio de incertezas que nos impede de festejar a queda de Roma!”.

Ao acordar na manhã de 5 de junho, Eisenhower soube que, em 24 horas, os dados estariam lançados. Na mesma manhã, confiante na continuação do mau tempo e em que não haveria invasão iminente, Rommel deixou seu quartel-general em La Roche Guyon, seguindo, de automóvel, na primeira etapa de sua viagem para a Alemanha. Seu objetivo era falar pessoalmente com Hitler, alertando-o para “a inferioridade de homens e de material que sofreremos no caso de um

desembarque” e pedindo-lhe mais duas divisões Panzer, um corpo antiaéreo e outros reforços.

O mau tempo no dia 5 manteve, por outro lado, quase todos os aviões alemães de reconhecimento imobilizados em suas bases. Embora houvessem sido realizados cinco voos de reconhecimento, esses não registraram qualquer atividade inusitada nos portos do sul da Inglaterra. Às 21h30, uma mensagem britânica transmitida em código, enviada através da BBC, indicava à resistência francesa que atacasse as linhas férreas em todo o país. Os alemães, que haviam decifrado parcialmente o código, preveniram o quartel-general de Rommel em La Roche Guyon, mas, na ausência de Rommel, parecem não ter dado grande importância ao aviso. Dos 1.050 cortes de trilhos previstos, 950 foram realizados com sucesso.

Uma mensagem enviada pelo alto-comando da aviação alemã pouco antes da meia-noite de 5 de junho revelava a medida da fraqueza alemã no ar em resultado de sua crescente escassez de combustível. A mensagem enviava instruções ao 1º Exército de Paraquedistas, com base em Nancy, no sentido de pouparem todo o combustível que pudessem. “Dada a redução do combustível para aviões em virtude de ataques aliados”, dizia a mensagem, “as necessidades essenciais de treino e a realização de planos produtivos mal podem ser cumpridas com as reservas de combustível disponíveis”. Sempre que possível, explicava o alto-comando, os abastecimentos e “outras necessidades em geral” deveriam ser feitos por via férrea.

Na noite de 5 de junho, mais de mil bombardeiros britânicos atacaram as dez baterias alemãs mais importantes na região do assalto, lançando cinco mil toneladas de bombas. Na mesma noite, mais de três mil navios – britânicos, americanos, poloneses, holandeses, noruegueses, franceses e gregos, no contexto da operação Netuno – começavam a atravessar o canal da Mancha. À medida que a grande armada se aproximava das praias da Normandia, uma série de manobras de diversão era realizada, sugerindo outros pontos de desembarque; a maior entre tais operações, a Taxable, acarretou o lançamento de paraquedistas-fantasmas perto de Boulogne e a utilização de meios antirradar que faziam surgir nas telas alemãs imagens que pareciam indicar um grande comboio naval avançando lentamente em direção a Pas de Calais. Outro ataque falso,

realizado com lanchas motorizadas e servindo-se de meios eletrônicos destinados a sugerir a presença de mais um grande comboio naval, ocorreu nas praias entre Le Havre e Dieppe. Uma terceira operação ainda seria lançada, de modo a produzir a ilusão de uma ameaça similar ao largo de Harfleur, na península de Cherbourg. Uma entre essas operações, denominada Titanic e ocorrida em Marigny, teve tanto êxito que fez um regimento alemão de infantaria deslocar-se de sua posição em Bayeux, a apenas dez quilômetros do local efetivo dos desembarques, para muito mais longe, até a região de Carentan-Isigny, a oeste. Essas farsas funcionaram até o fim; as mensagens Ultra haviam revelado quem precisava ser escondido e, agora, revelavam que a farsa fora bem-sucedida.

Às 23h55 de 5 de junho, os primeiros soldados britânicos da 6a Divisão Aerotransportada pisavam em terra na aldeia de Benouville, dez quilômetros a norte de Caen. A operação Overlord começara.

[5](#) Joe Enlouquecido. “Joe” era o modo coloquial que os aliados usavam para designar Stálin, de acordo com seu primeiro nome. (N. dos T.).

O Dia D

Junho de 1944

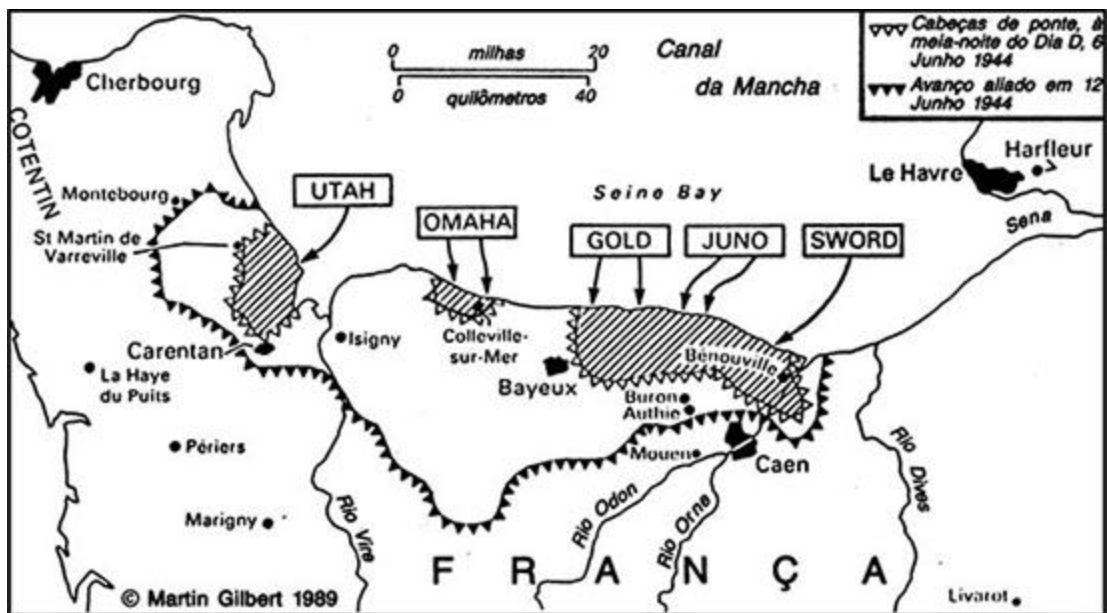
Na madrugada de 6 de junho, dezoito mil paraquedistas britânicos e americanos saltavam sobre a Normandia, ocupando pontes importantes e destruindo linhas de comunicação alemãs. Às 6h30, desembarcaram as primeiras tropas – forças americanas, que desceram na praia de Utah com seus tanques anfíbios. Menos de uma hora depois, às 7h25, os primeiros soldados britânicos chegavam às praias Gold e Sword, seguidos, na praia Juno, por 2.400 canadenses apoiados por 76 tanques anfíbios. Às 10h15, a notícia desses desembarques era levada a Rommel, que se encontrava na Alemanha. Rommel voou imediatamente para a França, recebendo instruções de Hitler para, até a meia-noite, “devolver ao mar” os invasores.

Porém, à meia-noite 155 mil homens das tropas aliadas haviam desembarcado. Na praia de Omaha, unicamente, os defensores alemães conseguiram conter os 35 mil assaltantes americanos no interior de um círculo que não tinha mais do que dois quilômetros de perímetro. Em todos os outros locais de desembarque, os avanços continuavam e eram consideráveis. Hitler, convicto de que o desembarque na Normandia não correspondia à “verdadeira” segunda frente, hesitava em empenhar todas as suas forças no combate. As unidades da marinha alemã receberam instruções no sentido de estarem a postos para enfrentar ataques surpresa em outros pontos; essa mensagem foi decifrada pelos serviços britânicos na mesma noite, fornecendo aos comandantes aliados a garantia de que, mesmo em 7 de junho, o Dia D mais um, os alemães não lançariam contra os invasores todas as forças de que dispunham.

As baixas aliadas no Dia D foram relativamente reduzidas; 355 canadenses morreram em combate ou vítimas de ferimentos, contra os

mais de novecentos que haviam perdido a vida em Dieppe, em 1942. Os americanos e britânicos perderam menos de mil homens durante o primeiro dia de combate. No Mediterrâneo, os alemães que ocupavam Creta tomaram como reféns quatrocentos gregos, trezentos prisioneiros de guerra italianos e 260 judeus, colocando-os num barco que avançou 160 quilômetros pelo mar, sendo, depois, afundado. Nenhum refém sobreviveu.

Em 7 de junho, enquanto os aliados consolidavam suas posições na Normandia e tentavam aumentar o terreno conquistado, o alto-comando da força aérea alemã prevenia suas forças na Europa Ocidental contra a possibilidade de novos desembarques na Bélgica, na Noruega, na costa atlântica da França, perto de Lorient, ou na costa ocidental da península de Cotentin. Durante os combates nesse dia, uma força da SS capturou 34 soldados canadenses nas proximidades das aldeias de Buron e Authie. Grande parte estava ferida, alguns com bastante gravidade. Os homens foram abatidos a tiro ou a golpes de baioneta. Um construtor da região, Constance Raymond Guilbert, recordaria ter visto um canadense ferido, deitado debaixo de uma árvore, mexer levemente um braço e uma perna. “Um soldado alemão atacou-o com a baioneta, abrindo-lhe a cabeça...” Outros 43 prisioneiros de guerra canadenses também foram mortos nas 48 horas seguintes, entre eles o maqueiro D. S. Gould, da Cruz Vermelha. “O que faremos com esses prisioneiros?”, perguntara o comandante, tenente-coronel Kurt Meyer. “Só servem para comer nossas provisões.”



OS DESEMBARQUES NA NORMANDIA, 6 DE JUNHO DE 1944.

No dia 7, os serviços secretos britânicos decifram uma mensagem Enigma enviada pela força aérea alemã para a força de paraquedistas estacionada em Nancy, aludindo à falta de combustível. No dia seguinte, o chefe do estado-maior da aviação, Sir Charles Portal, informava Churchill de que considerava o conteúdo dessa mensagem “um entre os mais importantes dados que já recebemos”. À luz daquele conteúdo, restavam poucas dúvidas, na opinião de Portal e dos serviços de informações do Gabinete de Guerra, de que a ofensiva dos bombardeiros britânicos devia concentrar-se “contra as fábricas de petróleo sintético, assim que o desenvolvimento da operação Overlord permitir”.

Churchill escreveu sobre a sugestão de Portal: “Muito bem.” No mesmo dia, o comandante das forças de bombardeiros americanos, general Spaatz, determinava que as fábricas de petróleo alemãs seriam os alvos prioritários da força aérea dos Estados Unidos.

Doravante, as instalações industriais mais decisivas para a continuação do esforço de guerra alemão seriam atacadas com força e eficácia crescentes, numa série de bombardeamentos aéreos ininterruptos que se revelariam tão importantes para a derrota da Alemanha quanto o desembarque anfíbio da Normandia. Quatro dias depois de Portal enviar a informação a Churchill, um ataque noturno realizado por bombardeiros britânicos contra instalações de fabricação de petróleo em Gelsenskirchen foi tão eficiente que a fábrica precisou manter-se fechada por vários meses, tendo sido destruídas cinco mil toneladas de petróleo armazenado.



O porto artificial de Mulberry, construído para o desembarque na Normandia, em 6 de junho de 1944, aqui visto um mês depois, após a cabeça de ponte ter sido estabilizada.

Em 8 de junho, as tropas britânicas desembarcadas na praia Gold juntaram-se, em Colleville-sur-Mer, às forças americanas que entraram no país pela praia Omaha. Os alemães tinham menos de cem aviões em ação na zona de batalha. Entretanto, em terra, eram decifradas ordens de grande importância; uma entre tais mensagens permitiu, em 8 de junho, que os britânicos soubessem a localização exata do quartel-general das forças Panzer no Ocidente. Dois dias mais tarde, o local, em La Caine, era bombardeado tão duramente, matando tantos oficiais comandantes – dezessete ao todo –, que o pesado contra-ataque alemão planejado para o dia seguinte precisou ser adiado por 24 horas.

Overlord é motivo de júbilo para todos nós, telegrafou Stálin a Churchill no dia 8, prometendo lançar em breve uma nova ofensiva russa, de acordo com o pacto de Teerã, estabelecido no final de 1943, quando ficara estipulado que a União Soviética poria suas forças em ação por toda a frente oriental no momento do desembarque aliado.

Para os russos, o custo em vidas humanas tornara-se quase insuportável, calculando-se que cerca de noventa por cento de todos os jovens entre 18 e 20 anos houvessem morrido em combate. Em atenção ao futuro, ainda em 8 de junho, o poder supremo soviético adotou o decreto “Sobre mães de famílias numerosas e a proteção à maternidade”. As mães que tivessem mais de dez filhos receberiam o título recém-criado de Mãe Heroica e seriam atribuídos, ao mesmo tempo, subsídios especiais às famílias numerosas – mesmo as mães solteiras seriam subsidiadas pelos filhos que tivessem.

Em 9 de junho, na cidade de Tulle, em Corrèze, a divisão da SS Das Reich empreendeu amplas represálias contra a população civil após atos de sabotagem praticados por resistentes locais. Uma mulher de Tulle recordaria, mais tarde:

Em 9 de junho de 1944, após fazer compras, encontrei meu marido e meu filho enforcados na varanda de nossa casa. Duzentos homens haviam sido presos ao acaso e assassinados a sangue-frio pelos alemães. Os filhos e as mulheres das vítimas eram obrigados a assistir ao enforcamento nos postes das ruas ou nas varandas. O que mais posso dizer?

Em 9 de junho, Stálin informava a Churchill: “Amanhã, 10 de junho, lançaremos o primeiro assalto na frente de Leningrado.” Os disparos preliminares da artilharia haviam começado, tendo 240 canhões soviéticos bombardeado os defensores finlandeses a noroeste da cidade. Os alemães também enfrentavam os russos na Romênia e os aliados na Itália e na Normandia, mas continuavam convencidos de que um novo assalto era iminente no Ocidente e que a invasão pela Normandia era apenas uma manobra de diversão. Às 22h30 de 9 de junho, os chefes dos serviços secretos alemães receberam e mostraram imediatamente a Hitler uma mensagem de Juan Pujol Garcia, vinda da Grã-Bretanha, onde o insuspeito agente Arabel afirmava que, depois de “conferenciar em Londres com meus agentes Donny, Dick e Dorick, em 8 de junho”, acreditava que os desembarques na Normandia eram apenas “uma manobra de diversão destinada a encobrir um ataque decisivo em outro lugar”.

Os serviços secretos alemães indicavam a Hitler que esse relatório confirmava “nossa opinião já declarada de que se deve esperar novo ataque em outro lugar”. Esse lugar, pensavam os serviços secretos, seria possivelmente a Bélgica. Assim, o agente britânico Garbo conseguia, três dias após a invasão à Normandia, manter a farsa iniciada pela imaginária operação Fortitude; por outro lado, haviam se passado três anos desde que ele montara sua rede Arabel, convencendo os alemães de que chegava a ter, em certas ocasiões, 27 agentes trabalhando sob suas ordens. Os três agentes mencionados haviam sido dotados de biografias cuidadosamente escolhidas: Donny, recrutado em dezembro de 1943, era ex-marinheiro e dirigente da Ordem Mundial Ariana; Dick, recrutado em fevereiro de 1944, um “indiano fanático”, e Dorick, também recrutado em fevereiro de 1944, um homem que vivia em Harwich, porto do mar do Norte.

No quartel-general alemão em Zossen, o desembarque na Normandia também era considerado uma manobra de diversão. “A verdadeira ameaça”, informava o comandante do serviço de informações do estado-maior do exército, coronel Alexis von Roenne, numa mensagem para o general Jodl, em 9 de junho, “deve chegar, a qualquer momento, em Pas de Calais”. No mesmo dia, o almirante alemão da região atlântica sugeria ao almirante Dönitz que o “hesitante e lento” avanço dos desembarques

aliados na Normandia poderia indicar a existência de planos de desembarque “em outro lugar”. Essa mensagem foi decifrada na Grã-Bretanha em 10 de junho. As falsas operações não apenas forneciam um escudo protetor aos exércitos aliados como seus responsáveis sabiam que as farsas tinham bons resultados.

Em 10 de junho, seis frentes de batalha encontravam-se em atividade: na Normandia, na Itália, na frente finlandesa de Leningrado, na Nova Guiné, na Birmânia e na China, onde os japoneses haviam lançado uma ofensiva terrestre ao longo do rio Liuyang, na direção de Changsha. Assim, dezenas de milhares de soldados combatiam não apenas longe de suas terras como em nome de diferentes causas; entre os soldados que lutavam ao lado dos alemães na Normandia, havia cossacos e indianos leais a Subhas Chandra Bose, empenhados em derrubar violentamente a presença britânica na Índia. Milhares de soldados morriam diariamente, isolados e sofrendo seus próprios perigos e tormentos.

Na Europa, as dificuldades adicionais que a guerra causara atrás das linhas não conheciam tréguas. Em 10 de junho, mais de quarenta camponeses foram mortos na aldeia de Pikule, na Polônia ocupada, em represálias por abrigarem resistentes poloneses, entre os quais três mil tentavam fugir de uma força alemã composta por trinta mil homens, no contexto da operação Vendaval. No mesmo dia, na pequena aldeia francesa de Oradour-sur-Glane, em represálias a um ataque da resistência francesa contra uma formação militar alemã a caminho da Normandia, tropas da SS assassinaram 642 camponeses, incluindo 190 crianças. Somente dois aldeões conseguiram escapar: uma mulher, madame Rouffanche, e um menino de oito anos, Roger Godfrin. Entre os assassinados, contavam-se vários judeus a quem os camponeses haviam dado abrigo, como Maria Goldman, de 45 anos, natural de Varsóvia, e Serge Bergman, de oito anos, natural de Strasbourg.

No mesmo dia, em Salon-la-Tour, uma agente britânica, Violette Szabo, que saltara de paraquedas sobre a França ocupada durante o Dia D, foi detida pela Gestapo. Interrogada e torturada, foi internada no campo de concentração de Ravensbrück.

Entretanto, os aliados haviam consolidado suas posições na Normandia e continuavam a avançar, a despeito de Hitler utilizar como nova arma secreta uma mina indetectável a que os aliados davam o nome de Ostra, tecnologicamente muito mais avançada do que as minas aliadas. As “ostras” haviam sido lançadas nas praias da Normandia depois do Dia D, causando grandes transtornos, pois obrigavam os navios a limitar sua velocidade a menos de dois quilômetros por hora. A nova arma somente foi vencida pela absoluta superioridade numérica e técnica dos aliados, permitindo-lhes conter as perdas.

As forças invasoras mais adiantadas se depararam com forte oposição, mas o responsável alemão sabia que suas possibilidades eram limitadas. “Durante o dia”, escreveu Rommel em 10 de junho, “praticamente todo o nosso tráfego – nas estradas, vias férreas e a campo aberto – é travado por poderosas formações de aviões de combate e bombardeiros, quase paralisando o movimento de nossas tropas no campo de batalha, enquanto o inimigo pode mover-se livremente. Todos os movimentos na retaguarda se expõem a ataques ininterruptos e torna-se muito difícil efetuar os abastecimentos essenciais de munições e de combustível às tropas em ação”.

Rommel pretendia concentrar suas forças na posição avançada americana na região de Carentan-Montebourg, numa manobra destinada a impedir o isolamento das forças alemãs da península de Cotentin. Contudo, Hitler interveio, vetando o plano, e ordenou que Rommel atacasse Caen e a posição avançada britânica. Porém, as tropas britânicas receberam reforços antes de Rommel e conseguiram avançar contra ele antes que preparasse sua própria ofensiva.

Em todo o caso, o objetivo aliado para o Dia D – a ocupação do vital centro de comunicações em Caen, por onde podiam ser enviados reforços para os alemães em combate – não foi atingido na data marcada nem o seria ao longo dos dois meses seguintes. Os alemães continuavam a receber reforços e a enfrentar os aliados em combates sangrentos numa região que estes esperaram conquistar pouco após os desembarques, a fim de continuarem depois sua progressão.

Na noite de 10 de junho, mais uma força de 325 mil soldados aliados desembarcou nas praias da Normandia. Nas duas noites seguintes, numa tentativa desesperada para travar o fluxo de homens e de materiais

aliados, torpedeiros alemães atacaram, na praia de Utah, afundando o contratorpedeiro americano *Nelson*. No canal da Mancha, por outro lado, vários componentes do porto artificial Mulberry foram igualmente afundados, antes que pudessem se abrigar. Contudo, entre os quinze torpedeiros alemães operacionais existentes em 6 de junho, nove haviam sido tirados de ação uma semana mais tarde, fato conhecido pelos serviços de informações britânicos graças à leitura de mensagens pelo sistema Ultra.

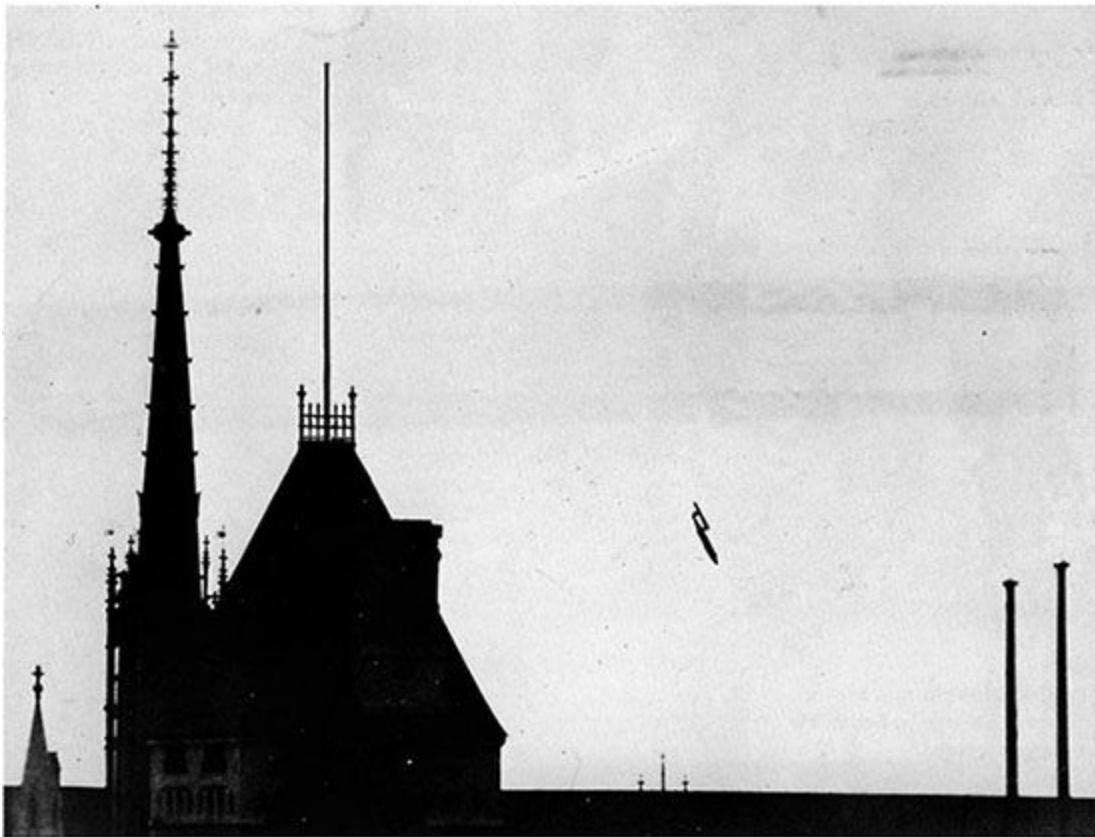
Igualmente conhecido pelos serviços britânicos, através do mesmo meio, era o plano alemão de lançar um ataque de torpedeiros a partir de Le Havre contra a esquadra invasora; prevenidos, 344 bombardeiros britânicos prepararam-se para uma operação diurna contra o inimigo, com o maior número de bombardeiros jamais enviado para uma missão diurna que atacou o porto do Havre, destruindo nove dos torpedeiros motorizados mais adequados para o ataque contra a esquadra invasora, danificando outros três e deixando apenas um em condições de entrar em ação. Mas a ação já não era possível.

Em 11 de junho, outro episódio digno de nota ocorreu na Normandia, quando soldados britânicos feitos prisioneiros foram encostados a uma parede e fuzilados por seus captores. Um homem, fingindo-se morto, conseguiu escapar; através dele, as circunstâncias do massacre se tornaram conhecidas. Em 12 de junho, prisioneiros de guerra canadenses a caminho de Rennes foram casualmente atingidos por caças americanos; quinze prisioneiros perderam a vida.

Na fronteira indiana, paralelamente, um soldado gurkha, filho de um sacerdote, enviado numa missão de assalto contra os tanques japoneses que cercavam Imphal, abateu dois veículos blindados com sua metralhadora antitanque. Ferido em ambos os braços e numa perna, mas ainda em condições de lançar granadas, Ganju Lama gritou “Deem-me mais granadas” e conseguiu matar os japoneses que ainda ocupavam os tanques. Recebeu, por seu feito, a cruz Victoria.

Nas primeiras horas de 13 de junho, os alemães lançaram finalmente sua muito esperada e – por aqueles que conheciam os preparativos – muito

temida “arma secreta”, consistindo num pequeno avião a jato, sem piloto, portador de uma tonelada de cargas explosivas que detonariam no momento em que o aparelho colidisse com algum obstáculo. Batizado pelos alemães como V1, Vergeltung ou Represália 1 e pelos britânicos como “bomba voadora”, sua entrada em cena foi um fracasso. Entre as dez bombas voadoras disparadas de Watten, junto à costa do canal da Mancha, cinco caíram quase após o lançamento, nas imediações da base. Uma perdeu-se, tendo provavelmente caído no canal da Mancha. Quatro chegaram à Inglaterra. E somente uma causaria baixas: a morte de seis pessoas em Bethnal Green.



Uma bomba voadora alemã cai no centro de Londres. A primeira dessas bombas VI foi lançada do outro lado do Canal da Mancha, em 13 de junho de 1944. A primeira bomba foguete, ou V2, foi lançada em 8 de setembro de 1944.

Os alemães haviam planejado o lançamento de uma ofensiva de bombardeiros simultânea à expedição das bombas voadoras, de modo a aumentar o alarme e o terror. Por coincidência, a força de aviões encarregada da operação foi destruída, no solo, na tarde de 12 de junho, quando bombardeiros aliados, num de seus ataques sistemáticos contra as bases aéreas alemãs, alvejaram Beauvais-Tille.

Por mais um acaso, um foguete V2, lançado no dia seguinte do centro experimental em Peenemünde, caiu não no Báltico, onde afundaria sem deixar rastro, mas em Backebo, na Suécia. O projétil foi examinado em Estocolmo por dois oficiais britânicos. Era um modelo avançado, que respondia a um controle remoto e equipado com um aparato que preveniria qualquer interferência externa. Felizmente para os aliados, o foguete nunca foi usado.

Na Itália, no mesmo dia 13, os resistentes explodiam pontes rodoviárias utilizadas pelos alemães entre La Spezia e Reggio Emilia; a informação chegou a Londres após quatro dias, graças à leitura de uma mensagem secreta alemã. Em Tessália, os resistentes gregos lutavam contra os alemães, tentando impedir que se apoderassem das colheitas do país; entre os guerrilheiros gregos estava Leon Sakkis, judeu grego abatido pelo fogo de uma metralhadora quando tentava auxiliar um companheiro ferido.

Enquanto a batalha da Normandia entrava em seu 11º dia, duas divisões blindadas alemãs continuavam estacionadas no sul da França. Os leitores de mensagens secretas em Bletchley examinaram o material de que dispunham, tentando descobrir se as duas divisões receberiam ou não ordens para se deslocarem para norte. Porém, seus esforços evidenciaram, de acordo com o referido pela comissão de serviços secretos do Gabinete de Guerra em 14 de junho, que os alemães temiam “ações subsidiárias” não apenas no sul da França como na região de Pas de Calais, no sudoeste da França, na Noruega e na costa belgo-holandesa, a leste de Pas de Calais, considerado o principal teatro do iminente desembarque aliado.

Tentando diminuir os ataques contínuos de torpedeiros alemães contra navios de abastecimento aliados que cruzavam o canal da Mancha, foi

realizado, em 14 de junho, um pesado ataque aéreo contra a base de Le Havre. O ataque foi dirigido por Leonard Cheshire, que conquistara a cruz Victoria pela maneira como comandara anteriores operações. Cheshire e seus companheiros não somente destruíram a base como deixaram apenas um torpedeiro, entre os dezesseis originais, em condições de combater.

No Pacífico, o mesmo dia assistiu ao primeiro ataque aéreo americano com aparelhos Super-Fortress contra o território japonês, quando sessenta novos bombardeiros pesados, com base na cidade chinesa de Chengtu, atacaram as fábricas de ferro e de aço em Yawata, na ilha Kyushu. Os estragos materiais causados não foram grandes, mas a notícia do ataque, recebida em Washington, funcionou como estímulo moral para os americanos.

Na Itália, a luta dos resistentes persistia. Dois deles, ajudando dois soldados britânicos a explodirem uma ponte em Norcia, foram surpreendidos por uma patrulha alemã. Os soldados britânicos conseguiram fugir. Um resistente, Sergio Forti, judeu de Trieste, com 22 anos, conseguiu persuadir os alemães a deixarem seu companheiro buscar os dois soldados fugidos. De acordo com o combinado, nem o companheiro de Forti nem os soldados voltaram. Forti foi torturado e assassinado no mesmo dia; recebeu, a título póstumo, a Medalha de Ouro da Resistência.

Não a resistência, mas a confusão, dominava o estado de espírito dos 1.800 judeus de Corfu naquele 14 de junho, quando foram deportados para a Grécia, num barco, levados num caminhão através de Tessália até Larissa, e, a seguir, num trem, com os vagões selados, via Salônica, para o norte, percorrendo mais de 1.125 quilômetros até chegarem a Auschwitz. Foram informados de que seriam “reinstalados” na Polônia. À chegada a Auschwitz, 1.600 foram imediatamente enviados para as câmaras de gás e os restantes, para os alojamentos de trabalhadores forçados.

A guerra de Hitler contra os judeus continuava mesmo nesse momento em que o combate contra os aliados atingia sua fase mais crítica. Três grupos de exércitos ocupavam territórios antes controlados pela

Alemanha – na Galícia Oriental, onde o Exército Vermelho esperava ordens para retomar a ofensiva, na Itália, onde os americanos haviam chegado ao rio Ombrone, e na Normandia, onde a península de Cotentin em breve seria tomada. Contudo, Hitler não perdera completamente a capacidade de reassumir a iniciativa. Em 15 de junho, o comandante da base alemã Ski, coronel Wachtel, lançou um segundo ataque de bombas voadoras contra a Grã-Bretanha, com resultados muito melhores. Ao todo, 244 mísseis foram disparados nesse dia. Quarenta e cinco caíram após o lançamento, destruindo nove instalações de lançamento e matando dez civis franceses. Entre os mísseis que chegaram à Grã-Bretanha, doze foram destruídos pela artilharia antiaérea e oito, por aviões de combate. Setenta e três bombas voadoras, contudo, atingiram Londres, matando mais de cinquenta civis. Para evitar o pânico, o governo britânico ordenou que o número noticiado pela imprensa se limitasse a três civis por distrito e por dia.



O cruzador pesado americano *Indianapolis* levaria a bomba atômica para Tinian: três dias depois seria torpedeado por um submarino japonês, com a subsequente perda de 883 vidas.

* * *

Em 15 de junho, os americanos iniciaram a operação Forager, contra as ilhas Marianas. Na ilha de Saipan, vinte mil soldados americanos se depararam com a mesma conhecida e temida recusa à rendição por parte dos japoneses. Robert Sherrod, correspondente da revista *Time*, descreveu um episódio típico: um atirador japonês, desalojado entre as árvores, saiu de seu abrigo brandindo a baioneta. “Um soldado americano lançou uma granada, cuja explosão nocauteou o japonês”, escreveu Sherrod.

O japonês esforçou-se para levantar-se e apontou a baioneta para o próprio estômago, tentando ferir-se segundo as regras do harakiri, mas não conseguiu matar-se antes que alguém o atingisse com um tiro de espingarda. Como é costume entre os japoneses, morreu com dificuldade. Mesmo tendo quatro balas no corpo, mantinha-se ainda erguido, apoiando-se num joelho. Um soldado americano atingiu-o, por fim, na cabeça, matando-o.

Na batalha de três semanas pela posse de Saipan, morreram vinte mil japoneses e 3.426 americanos. Mais tarde, em 9 de julho, três dias depois do suicídio do comandante japonês, general Yoshitsugu Saito, sete mil japoneses cometeram suicídio. Em Guam, foram mortos 1.023 americanos e em Tinian, 327; poucos japoneses sobreviveram em cada ilha, tendo milhares morrido em combate, perdido deliberadamente a vida em ataques *banzai* ou cometido suicídio.

Métodos japoneses similares eram utilizados em Imphal e em Kohima, dentro das fronteiras da Índia; ali, ao longo de três meses e meio, 2.700 soldados britânicos e indianos foram mortos enquanto trinta mil japoneses perderam a vida.

Atrás das linhas alemãs, os judeus do gueto de Lodz, utilizados como trabalhadores forçados pela produção de guerra alemã, foram exortados, em 16 de junho, a oferecer-se como voluntários para “trabalhar fora do gueto”. Seu trabalho era necessário, segundo os alemães, para “a limpeza de destroços em cidades bombardeadas”. Os primeiros três mil judeus seguiriam para Munique. Aqueles que se oferecessem como voluntários

poderiam “receber suas rações imediatamente, sem esperarem sua vez”. Três mil judeus saíram do gueto, mas Munique era um engano. Foram levados para Chelmno, onde, nas câmaras de gás construídas no local do antigo campo de extermínio, todos seriam gaseados.

Na França ocupada, dois judeus foram mortos em 16 de junho: Marc Bloch, historiador e membro ativo da resistência, e Jean Zay, ex-ministro da Educação na França. As mortes ocorreram enquanto os aliados lançavam a operação Gain, consistindo em desembarques de paraquedistas perto de Orléans, realizados por uma força especial da aviação britânica e visando à destruição de estradas de ferro através das quais os alemães enviavam reforços para a Normandia. Vendo-se obrigado a apoiar a defesa da região, o supremo comando alemão, porém, ainda estava convencido de que os desembarques na Normandia eram uma manobra de diversão. No início da semana, receara-se, em Berlim, uma invasão à costa ocidental da Dinamarca, e, no dia 16, as forças ocidentais da marinha de guerra alemã se referiam a fortes indícios de uma invasão aliada através da Holanda e da Bélgica. Esses indícios, do mesmo modo que os enganos aos sistemas de radares e as manobras aéreas, eram deliberadamente fornecidos pelos aliados no brilhante final da imaginária operação Fortitude. Em 17 de junho, enquanto Hitler se dirigia para Soissons, onde se encontraria com seus generais, Juan Pujol Garcia, seu melhor agente na Grã-Bretanha, de codinome Arabel, recebia a cruz de ferro - em sua qualidade de Garbo seria declarado membro honorário do Império Britânico seis meses mais tarde.

A visita de Hitler a Soissons, seu primeiro regresso à França desde a viagem triunfal quatro anos antes, teve ordens precisas como resultado: “A fortaleza de Cherbourg precisa ser defendida a todo custo.” Ao mesmo tempo, o 15º exército alemão, que se encontrava em Pas de Calais, não seria deslocado para a Normandia, permanecendo onde se encontrava, a fim de resistir ao que se esperava que fosse a “principal” invasão dos aliados.

Em 17 de junho, forças da França Livre lançaram a operação Brassard, apoderando-se da ilha italiana de Elba. No mesmo dia, o general De Gaulle visitou as posições avançadas na Normandia, em sua primeira

viagem à França durante os quatro anos anteriores. Na aldeia de Mouen, zona de combates da Normandia, sete soldados canadenses capturados pela SS foram interrogados por horas a fio, levados para as imediações da povoação e fuzilados.

No dia 17, foi lançado um terceiro ataque de bombas voadoras contra a Grã-Bretanha. Em St. John's Hill, perto da Clapham Junction, morreram 24 pedestres. No hospital de St. Mary, em Kensington, treze internados, especialmente crianças, e cinco membros do corpo clínico também foram mortos. Esses números foram mantidos em segredo ao longo dos três meses seguintes. Uma bomba voadora, saindo estranhamente do rumo previsto, caiu perto do quartel-general de Hitler, em Soissons.

Rommel via grandes vantagens na utilização das bombas voadoras. “Os ataques a longa distância proporcionaram-nos grande alívio”, escreveu à mulher em 18 de junho, um domingo. Nesse domingo, uma bomba voadora atingiu Guards Chapel, em Wellington Barracks, matando 121 membros da organização: 58 civis e 63 soldados. Uma segunda bomba voadora, caindo em Battersea naquela manhã, matou dezenove civis, enquanto uma terceira, detonando em Putney, fez 28 mortos. Os mortos durante os três ataques das bombas voadoras elevavam-se, assim, a mais de 250.

Atrás das linhas alemãs, na Polônia, os ocupantes lançavam uma segunda operação Vendaval, em 18 de junho, contra a resistência polonesa, matando setecentos homens durante uma ação de seis dias na região de Osuchy, perto de Lublin. Na China, o mesmo dia foi assinalado pela conquista de Changsha, no primeiro êxito registrado pela operação japonesa Ichigo contra as cidades que os americanos usavam como bases de lançamento de seus ataques contra o Japão.

Em 19 de junho, o general Eichelberger desencadeou uma ofensiva americana contra os defensores da ilha Biak, na costa noroeste da Nova Guiné, os quais, desde o desembarque americano três semanas antes, haviam resistido a todas as tentativas de desalojá-los. Os japoneses, vencidos em campo aberto, refugiaram-se em abrigos onde somente era possível atingi-los por meio de lança-chamas. No fim do combate, haviam morrido 5.093 japoneses contra 524 americanos.

Enquanto as tropas de Eichelberger realizavam seu ataque contra Biak, dois novos tipos de aviões japoneses, apelidados como Jill e Judy e transportados em porta-aviões, eram lançados num ataque contra as forças navais americanas que protegiam as unidades desembarcadas em Saipan, nas ilhas Marianas. Porém, a despeito do ampliado raio de ação de Jill e da grande velocidade de Judy, 346 aparelhos japoneses seriam abatidos contra apenas trinta aviões americanos. Na batalha naval que se seguiu, três entre os nove porta-aviões japoneses participantes, *Taiho*, *Shokaku* e *Hiyo*, foram afundados, causando a morte de cerca de quatro mil tripulantes.

Na tarde de 6 de junho, a 2a Divisão Panzer, equipada com os tanques alemães mais pesados, recebeu ordens para se deslocar de sua base em Toulouse para a Normandia. O que deveria ser uma viagem de três dias, entrando em ação contra as forças aliadas em combate em 9 ou 10 de junho, demorou dezessete dias para completar-se. As duas semanas extras, que aliviaram as posições avançadas na Normandia de um perigo maior, foram impostas à divisão alemã pelo êxito dos aliados na destruição de todas as pontes do Loire entre Orléans e o mar. No entanto, a divisão Panzer, como veterana da frente russa, dispunha de meios para construir suas próprias pontes, que lhe permitiriam atravessar todos os rios em seu caminho sem grandes atrasos. Seus esforços seriam frustrados, todavia, pelos repetidos atos de sabotagem que marcaram o trajeto. Em primeiro lugar, o agente britânico George Starr, respondendo ao codinome Hilaire, conseguiu tão eficazmente destruir as reservas de combustível de que os tanques dependiam para efetuar sua viagem que a divisão foi obrigada a abandonar a estrada e seguir por trem. Depois, entrou em cena outro agente britânico, barão Philippe de Gunzburg – ou “Edgar” –, e, sob o seu comando, foram destruídas as pontes das estradas de ferro entre Bergerac e Perigueux, forçando a divisão de tanques a seguir por leste, onde outro grupo de operações especiais, dirigido por Jacques Poitier – ou “Nestor” –, preparou uma série de emboscadas entre Brive e Tulle. Todos esses esforços, combinados com os ataques aéreos ininterruptos infligidos pelos aliados à divisão Panzer, eram facilitados pela leitura de mensagens pelo sistema “Ultra”, muitas sobre a falta de

combustível dos alemães e com informações acerca da localização e dos movimentos inimigos. Em 15 de junho, a divisão Panzer chegava a Champsecret, ainda a 32 quilômetros das posições avançadas na Normandia. Em 18 de junho, ainda não atingira sua posição de reserva na área de Torigni, Canisy e Tessy.

No dia seguinte, um ataque aéreo britânico contra Watten destruiu grande número de bombas voadoras em preparação para o lançamento. Três dias depois, os bombardeiros americanos atacavam, com igual eficácia, instalações suspeitas de ligação com bombas voadoras, situadas em Nucourt, 24 quilômetros a noroeste de Paris. As bombas voadoras, porém, atingiam a Grã-Bretanha cotidianamente; durante as 24 horas anteriores às 6h de 20 de junho, 26 mísseis caíram em Londres enquanto 27 foram destruídos durante o trajeto. Havia duas semanas, as forças aéreas aliadas patrulhavam o canal e atacavam os locais de lançamento dos foguetes V1, evitando a aproximação de submarinos alemães à Normandia e o bombardeamento de embarcações aliadas por bombas voadoras.

Por volta da meia-noite de 20 de junho, quinhentos mil soldados aliados desembarcavam na Normandia; quatro mil homens haviam morrido durante as duas primeiras semanas de combate. Chegavam a Londres, da França ocupada, notícias de que a resistência havia declarado um “levantamento geral”; Churchill deu instruções imediatas para que o Departamento de Operações Especiais socorresse os resistentes com as armas e munições necessárias, “para impedir a derrota do movimento e garantir sua extensão”.

Na noite de 19 de junho, mais de dez mil cargas explosivas colocadas pelos guerrilheiros soviéticos atrás das linhas alemãs causaram estragos permanentes em toda a rede ferroviária alemã a ocidente de Minsk. Nas duas noites seguintes, mais quarenta mil cargas explosivas destruíram as ferrovias entre Vitebsk e Orsha e entre Polotsk e Molodechno. As linhas essenciais para o transporte de reforços alemães, ligando Minsk a Brest-Litovsk e Pinsk, foram igualmente atacadas enquanto 140 mil resistentes soviéticos, a ocidente de Vitebsk e ao sul de Polotsk, atacavam formações militares alemãs.

Tudo seria apenas um prelúdio para os acontecimentos da manhã de 22 de junho, momento em que o Exército Vermelho iniciou sua ofensiva de verão. Com o codinome Bagration, em memória do célebre general czarista, a ofensiva começou na data do terceiro aniversário da invasão alemã à Rússia, mobilizando forças superiores às utilizadas pelo invasor em 1941. Ao todo, 1,7 milhão de soldados soviéticos participaram da ofensiva, apoiados por 2.715 tanques, 1.355 canhões de autotração, 24 mil peças de artilharia, 2.306 canhões de foguetes, seis mil aviões, setenta mil caminhões e até cem trens diários de abastecimentos. Ao longo de uma semana, a frente alemã de 3.200 quilômetros foi quebrada e os alemães, expulsos de Bobruisk, Stolbtsy, Minsk e Grodno, viram seu domínio sobre a Rússia Ocidental para sempre desfeito. No intervalo de uma semana, morreram 38 mil soldados alemães e 116 mil homens foram feitos prisioneiros. Os alemães perderam dois mil tanques, dez mil canhões de artilharia pesada e 57 mil veículos. Os exércitos do norte alemães, dos quais dependia o desfecho da luta, foram separados em dois corpos, que se retiraram em direção aos estados bálticos e em direção ao leste da Prússia.

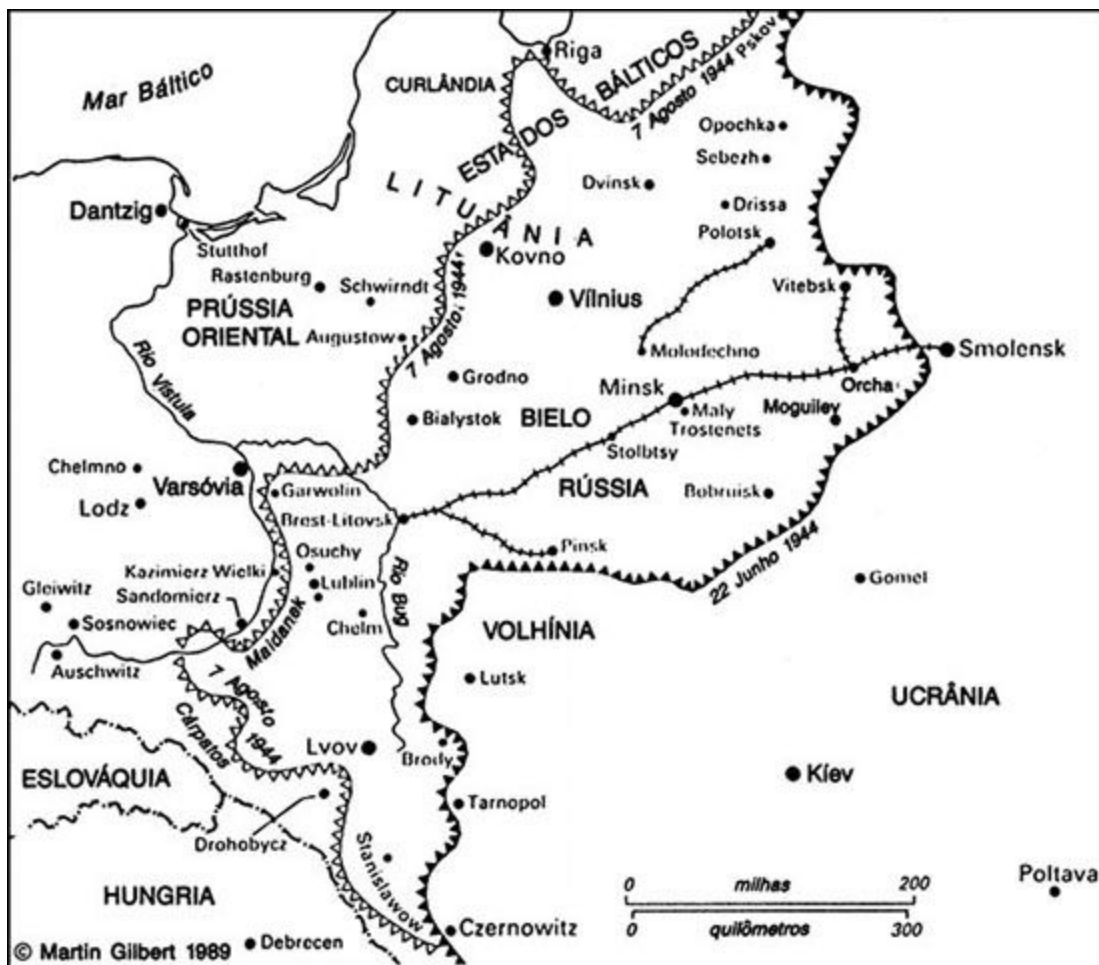
No primeiro dia da ofensiva, um grupo de socialistas e oficiais do exército alemães, membros do círculo clandestino de Kreisau, decidiram contatar os comunistas alemães, dos quais haviam mantido distância até então. O conde Claus von Stauffenberg aprovou os contatos, realizados pelo professor social-democrata Adolf Reichwein e pelo dirigente social-democrata Julius Leber. Na sequência da discussão, parecia evidente que as “massas” alemãs não estavam em condições de agir contra Hitler; qualquer ação deveria ser conduzida por oficiais de alta patente das forças armadas do país. O conde Von Stauffenberg concordou com esse ponto de vista. Passados nove dias, seria nomeado membro do corpo de comando do general Fromm e comandante-chefe do exército de reserva e considerado elemento próximo pelos conjurados. O novo cargo de Von Stauffenberg dava-lhe acesso aos quartéis-generais de Hitler em Rastenburg e em Berchtesgaden, mas Reichwein e Leber, denunciados por um entre os três comunistas com quem se reuniram em 22 de junho, foram presos.

Atrás das linhas alemãs na Itália, perto de Arezzo, os resistentes atacaram forças alemãs quando se encaminhavam para a frente de

combate, em direção sul, em 24 de junho. Nas ferozes represálias consecutivas, mais de cem resistentes italianos foram mortos. Na Grã-Bretanha, as bombas voadoras ressuscitavam os horrores da blitz; no dia 24, 51 soldados perderam a vida quando uma bomba voadora, derrubada em Newlands, Kent, durante seu trajeto para Londres, caiu em seu quartel, explodindo.

Na França, as tropas americanas chegaram aos subúrbios de Cherbourg em 25 de junho. O comandante alemão da fortaleza, general Karl Wilhelm von Schlieben, solicitou, a Rommel, autorização para se render. “Entre os homens que defendem a cidade há dois mil feridos que não podem ser tratados”, explicou ele, perguntando: “O sacrifício de outros ainda é necessário?” Rommel replicou: “De acordo com as ordens do Führer, devem resistir até o final.” Nesse dia, mais de cem aviões de combate alemães saíram de suas bases francesas para apoiar a defesa de Von Schlieben e foram repelidos enquanto os navios aliados, senhores do canal da Mancha, começavam a bombardear as posições de Von Schlieben.

O marechal Von Rundstedt ainda não se convencera de que a operação na Normandia era algo mais do que uma manobra de diversão. Em 25 de junho, referiu-se, em seu relatório semanal, ao inexistente 1º Grupo de Exército dos Estados Unidos, que considerava pronto para desencadear a invasão. Tratava-se, na opinião de Von Rundstedt, de uma força ainda superior ao 21º Grupo de Exército de Montgomery, e poderia ser utilizada a qualquer momento num desembarque entre a margem direita do Somme e a embocadura do Sena para cercar e conquistar Le Havre. Com esse receio, Von Rundstedt mantinha milhares de soldados alemães na zona de Pas de Calais, sem tentar alterar as relações de força na Normandia.



A OFENSIVA DO EXÉRCITO VERMELHO, JUNHO A AGOSTO DE 1944.

Em 26 de junho, o comandante naval alemão em Cherbourg, almirante Hennecke, ordenou a destruição de todos os equipamentos portuários; em virtude de seu ato, Hitler concedeu-lhe a cruz de Cavaleiro, somando-se à cruz de ferro já conquistada pelo almirante. No mesmo dia, na frente oriental, após um ataque aéreo realizado por setecentos bombardeiros, o Exército Vermelho entrou em Vitebsk; foram descobertos, nas ruas, os cadáveres de seis mil soldados alemães. As forças alemãs em Vitebsk, como em Cherbourg, haviam recebido a ordem de lutarem até o fim, mas, terminada a luta, era a vez da derrota. Na Alemanha, ainda no mesmo dia, foi executado o professor Walther Arndt, médico e zoólogo; seu crime foi ter observado, depois de um ataque aliado particularmente violento: “É o fim do Terceiro Reich e os culpados poderão ser castigados.”

Os “culpados”, porém, continuavam ocupados; em 26 de junho, de Fossoli e Verona, 485 judeus eram enviados para Auschwitz; quatro dias mais tarde, 1.153 judeus eram deportados de Paris para o mesmo destino. No começo do mês, 496 haviam sido deportados da Holanda enquanto 381 mil judeus húngaros haviam chegado a Auschwitz no intervalo de seis semanas, tendo mais de 250 mil sido gaseados.

Para alertarem o mundo a respeito dos gaseamentos ocorridos, quatro judeus conseguiram escapar de Auschwitz, com muita sorte e extrema coragem, e prevenir os judeus da Eslováquia quanto à existência de câmaras de gás. Esses, por sua vez, conseguiram que as informações chegassem à Suíça neutra, de onde os terríveis detalhes seriam transmitidos, em 24 de junho, para Washington e Londres, juntamente com um apelo para que os aliados bombardeassem as estradas de ferro que conduziam a Auschwitz. O apelo indicava o nome de vinte estações nessas linhas.

Em 26 de junho, os dados referentes ao terrível assassinato em massa dos judeus eram estudados em Londres e Washington. No dia seguinte, Churchill leu o relatório sobre os prisioneiros evadidos de Auschwitz e escreveu a Anthony Eden: “O que podemos fazer? O que podemos dizer?” Eden respondeu o que lhe disseram dois dirigentes sionistas, Chaim Weizman e Moshe Shertok, que pediram que as estradas de ferro fossem bombardeadas, de acordo com o pedido presente nos telegramas chegados da Suíça dois dias antes. A resposta de Churchill foi rápida e

cheia de compreensão. “Arranje uma maneira para que a força aérea faça alguma coisa”, escreveu a Eden, “invocando minha autoridade, caso seja necessário”.

A segunda operação de bombardeamento americana Frantic entrava na etapa do regresso de Poltava, no Sul da Rússia, à base de Foggia, na Itália. Na viagem de regresso, os aviões bombardearam a fábrica de petróleo sintético de Drohobycz. Ao todo, 61 aviões Flying Fortress e 51 Mustang tomaram parte no voo de volta. Nessa rota cruzaram várias das principais ferrovias que serviam às deportações. Também a 26 de junho, o terceiro voo de reconhecimento sobre Auschwitz registrava fotograficamente os contornos do campo principal de Auschwitz e de Birkenau. Como nos dois voos anteriores, o objetivo da missão era localizar e fotografar a fábrica da IG Farben de Monowitz. Mas, tal como antes, foram tiradas várias fotografias em toda a zona, a fim de garantir a melhor identificação no material recolhido. O resultado foi que entre as imagens obtidas surgia nitidamente o conjunto dos campos de Auschwitz e de Birkenau.

A primeira análise das fotografias de Monowitz foi empreendida dois dias mais tarde. “Embora as fábricas estejam em atividade”, notava o relatório correspondente, “não há quaisquer provas concludentes da produção de petróleo sintético”. Um dos geradores das instalações mostrava, contudo, uma “chaminé fumegante” e cinco reservatórios de gás cheios. Quanto à seção de borracha sintética, foram obtidos “progressos consideráveis”. Parecia provável que a produção de borracha sintética estivesse “funcionando com 50% da sua capacidade prevista”.

Essas fotografias seriam analisadas com mais pormenor ainda, passados três dias. As obras de construção na fábrica de petróleo sintético estavam a “avançar rapidamente”, desde o primeiro voo de reconhecimento realizado a 4 de abril: “Um dos três conjuntos de instalações de hidrogenação está completo; os outros dois, quase completos.” Quanto ao pessoal de Monowitz, viam-se elementos “dispersos na zona”, bem como numerosos caminhões, “alguns em movimento”. Os analistas das fotografias não tinham dados que os levassem a interpretar as fotografias em que as câmaras de gás e os crematórios de Birkenau eram claramente visíveis.

A reação ao apelo de Churchill, porém, foi negativa. A Aeronáutica britânica mostrava-se cética e pouco disposta a perder pilotos e soldados “sem sentido” – de acordo com as palavras utilizadas por um oficial num documento secreto da correspondência ministerial. O bombardeamento precisaria, de qualquer forma, ser feito à luz do dia, o que significava que teria de ser cumprido pelos americanos. Em Washington, John J. McCloy, secretário de Estado adjunto, recusou quatro apelos para bombardear as ferrovias; suas instruções, ao rejeitar os apelos, foram, como notou seu subordinado, “deixar o assunto ‘morrer’”. As deportações continuavam, mas não havia planos de bombardeamentos das ferrovias.

Na Birmânia, tropas britânicas, indianas, gurkhas e americanas tomaram Mogaung em 26 de junho. Era a primeira cidade birmanesa recuperada pelos aliados. Oito dias mais tarde, Myitkyina era conquistada. Em todas as frentes – na Birmânia, no Pacífico, na Itália, na Normandia e, de modo extremamente dramático, na Rússia branca –, as potências do Eixo eram obrigadas a recuar.

A Alemanha cercada

Julho de 1944

Em 27 de junho de 1944, a base naval de Cherbourg rendeu-se e os alemães mantiveram apenas alguns redutos isolados ao redor do porto. No entanto, o poder de retaliação alemão ainda não fora vencido em outros lugares. Na Grã-Bretanha, 1.600 civis foram vítimas fatais dos ataques de bombas voadoras. “Após cinco anos de guerra”, escreveu o ministro de Segurança Interna, Herbert Morrison, ao Gabinete de Guerra, “a população civil não pode aguentar os ataques aéreos da mesma maneira que fez em 1940-1941”. No mesmo dia, uma bomba voadora atingia a estação Victoria, em Londres, matando catorze pessoas.

Na Rússia, o mesmo dia presenciou a produção da primeira tonelada de aço na fábrica reconstruída de Izhorsky, em Leningrado, enquanto Mogilev era libertada na Rússia branca e as tropas soviéticas da frente da Carélia entravam em Petrozavodsk, libertando milhares de cidadãos soviéticos do campo de concentração local.

Em 28 de junho, enquanto prosseguia a batalha na Normandia, com os últimos alemães em Cherbourg prestes a caírem, mas com Caen ainda em suas mãos, o número de mortes sofridas pelos aliados desde 6 de junho era calculado: 4.868 americanos, 2.443 britânicos e 393 canadenses.

Em Paris, numa ação de represálias exercida pela resistência, o dirigente da milícia colaboracionista Philippe Henriot era abatido a tiro. Na Frente Oriental, ainda em 28 de junho, as tropas soviéticas aproximavam-se do campo de concentração de Maly Trostenets, perto de Minsk. A aviação russa atacou o campo. Os guardas ucranianos, russos brancos, húngaros e romenos dos serviços auxiliares da SS foram, entretanto, substituídos por um destacamento especial, composto apenas

por alemães. O novo destacamento trancou todos os prisioneiros sobreviventes – civis russos, judeus do gueto de Minsk e judeus de Viena, transferidos do gueto de Theresienstadt – em seus alojamentos e incendiou-os.

Aqueles que conseguiam escapar eram alvejados a tiro. Cerca de vinte judeus de Theresienstadt conseguiram, contudo, fugir, salvando-se e escondendo-se nas florestas, onde aguardaram, por seis dias, a chegada dos soviéticos.

Ainda em 28 de junho, o Exército Vermelho entrou em Bobruisk, matando dezesseis mil soldados alemães e fazendo dezoito mil prisioneiros. “É o momento”, telegrafou Churchill a Stálin, passados três dias, “de dizer como estamos impressionados com os magníficos avanços dos exércitos russos, que parecem, com força crescente, pulverizar as forças alemãs que se interpõem entre eles e Varsóvia e, depois, entre Varsóvia e Berlim. Cada vitória sua é acompanhada com a máxima atenção”.

Churchill ainda acrescentou: “Compreendo perfeitamente que é a segunda ofensiva de seu país desde o encontro em Teerã, após reconquistar Sebastopol, Odessa e a Crimeia, levando a vanguarda de seus exércitos até os Cárpatos, Sereth e Pruth.”

Na mesma data, o general Alexander continuava a obrigar as forças alemãs a recuarem para norte na Itália. Na Normandia, mais de 750 mil britânicos e americanos haviam desembarcado e cinquenta mil alemães foram feitos prisioneiros. “O inimigo arde e sangra em todas as frentes”, telegrafou Churchill a Stálin, “e concordo que devemos ir até o fim”.

Em 29 de junho, os últimos redutos alemães de Cherbourg rendiam-se. Paralelamente, Rommel e Von Rundstedt visitavam Hitler em Berchtesgaden, pedindo reforços maciços, particularmente aviões e baterias antiaéreas. Ambos perguntaram-lhe “como imaginava que a guerra ainda pudesse ser ganha”. Passados três dias, Von Rundstedt era destituído de seu posto e substituído pelo marechal Von Kluge.

Na frente oriental, mais de 130 mil alemães haviam morrido na última semana de combates e 66 mil compatriotas haviam sido feitos prisioneiros. Em Berlim, Heinz Bello, de 25 anos, tenente dos serviços médicos do exército alemão e detentor da cruz de ferro de Segunda Classe, da medalha do Leste e do distintivo de soldados feridos em

combate, manifestou, durante o serviço por ocasião de um bombardeamento, sua hostilidade ao nazismo e ao militarismo; denunciado por dois “amigos”, foi declarado culpado por “minar o moral” do país, condenado à morte e executado a tiros de metralhadora.

No extremo Oriente, o mesmo dia assistiu à execução de um destacado combatente da resistência malaia, o general Lim Bo Seng.

As bombas voadoras continuavam a atacar Londres; em 30 de junho, morreram 198 pessoas em Strand enquanto, em Westerham, Kent, 24 bebês com menos de um ano e oito membros da instituição que os recebera perdiam a vida quando uma bomba voadora abatida nos ares atingiu seu refúgio rural. Cinco bebês tinham apenas um mês de vida. Na maior parte dos casos, as crianças haviam sido evacuadas para Kent por razões de segurança. Em dezesseis dias, as bombas voadoras haviam matado 1.935 civis.

No último dia de junho, 1.795 judeus deportados de Corfu chegaram a Auschwitz. Um médico judeu da Hungria, Miklos Nyiszli, foi testemunha da chegada. Mais tarde, recordaria que esses judeus haviam viajado 27 dias em vagões fechados, dispondo apenas dos alimentos e da água que trouxeram consigo. “Quando chegaram à plataforma de Auschwitz”, escreveu Nyiszli, “e as portas foram abertas, ninguém saiu para alinhar-se para a seleção. Metade dos deportados estava morta; a outra metade, em coma. Todo o trem, sem exceção, foi enviado para o crematório no 2”.

* * *

Na Dinamarca, também no último dia de junho de 1944, teve início uma greve contra o toque de recolher obrigatório e outras medidas adotadas pelos ocupantes; no final da ação, que durou quatro dias, havia morrido cerca de cem dinamarqueses. Contudo, a ausência de represálias dos ocupantes após protestos análogos levou à destituição do governador militar alemão na Bélgica, representado pelo general Von Falkenhausen; acusado de complacência excessiva, foi preso e enviado para Dachau.

Na Itália, uma operação antirresistência foi lançada em 1º de julho. Nesse dia, o marechal Kesserling, comandante-chefe das forças alemãs no país, emitiu uma ordem em que declarava que seu anúncio de “medidas severas” contra os resistentes não fora uma ameaça vã. Duzentos resistentes foram mortos durante a operação de limpeza entre Parma e Piacenza – 43, sendo capturados com vida, foram brutalmente torturados e abatidos a tiros.

Na noite de 1º de julho, 64 bombardeiros britânicos e americanos retomaram a operação Gardening – codinome atribuído ao lançamento aéreo de minas em geral –, colocando 192 minas no rio Danúbio, perto de Belgrado, e outras sessenta na noite seguinte. Ao norte, em Budapeste, o almirante Horthy pedia que a deportação de judeus húngaros para Auschwitz fosse contida. Na manhã de 2 de julho, Budapeste encontrava-se sob ataque aéreo de bombardeiros americanos vindos de bases no sul da Itália, que alvejaram refinarias e reservatórios de petróleo. O bombardeamento de instalações petrolíferas causou incêndios enquanto centenas de bombas caíam em zonas residenciais; muitos civis perderam a vida, entre eles cem judeus de nacionalidade britânica ou americana, quando a casa onde estavam presos foi diretamente atingida.

Junto com as bombas, os americanos lançaram panfletos, informando “às autoridades da Hungria” de que o governo dos Estados Unidos acompanhava a perseguição de “extrema gravidade” movida contra os judeus e avisando que “todos os responsáveis” pelo cumprimento de ordens contra os judeus seriam punidos.

Passadas 48 horas desde o ataque americano e o lançamento de panfletos, o almirante Horthy preveniu os alemães de que as deportações precisariam acabar. Após o relatório dado pelos quatro judeus evadidos de Auschwitz, chegaram-lhe protestos da Comissão Internacional da Cruz Vermelha, do rei da Suécia e do papa. Os alemães, cujos planos de deportação dependiam do apoio dos policiais húngaros e dos operários ferroviários do país, não tiveram alternativa a não ser interromper as deportações. Um total de 437 mil judeus húngaros havia sido deportado das províncias e dos campos, contudo mais de 170 mil ainda estavam em Budapeste e viram-se salvos da deportação às vésperas da partida.

Na Hungria, a deportação de judeus cessou em 8 de julho. No dia seguinte, um diplomata sueco, Raoul Wallenberg, chegava a Budapeste,

trazendo consigo uma lista de 630 judeus que receberiam vistos de seu governo. Embora não estivessem na iminência de uma deportação para Auschwitz, precisavam desesperadamente de toda a proteção que pudessem receber.

Raoul Wallenberg, o homem que tentava proteger os judeus de Budapeste de novos desastres, era trineto de Michael Benedics, um entre os primeiros judeus a fixar-se na Suécia, no final do século XVIII, e a adotar o credo luterano.

Na Alemanha, oficiais ligados ao conde Von Stauffenberg estavam prestes a desencadear a operação Valquíria, destinada a assassinar Hitler. Seu primeiro plano fora matar Hitler, Gøring e Himmler com uma única bomba, quando estivessem em Berchtesgaden, em 2 de julho. Porém, como Hitler esteve sozinho no local na data marcada, o atentado fora adiado. Paralelamente, a instalação das forças aliadas na Normandia seguia em frente; em 2 de julho, já haviam desembarcado um milhão de homens e 171.532 veículos. No estreito perímetro sob controle aliado, 41 mil alemães tornaram-se prisioneiros de guerra.

Na frente oriental, a situação alemã tornara-se ainda pior; em 2 de julho, 28 divisões estavam cercadas e mais de quarenta mil soldados haviam sido mortos em combate em sua ratoeira ou em tentativas de fuga. Em 3 de julho, forças soviéticas entravam em Minsk, a capital da Rússia branca. Mais de 150 mil soldados alemães foram feitos prisioneiros e dois mil tanques foram capturados. No mesmo dia, o conde Von Stauffenberg dirigiu-se a Berchtesgaden. Ali, em pleno quartel-general de Hitler, recebeu do general Helmuth Stieff, membro do Supremo Comando do Exército, uma bomba de detonador silencioso, que cabia numa pasta. Stauffenberg levou a bomba, decidido a usá-la em 11 de julho, quando voltaria a Berchtesgaden.

Desde o Dia D, um grupo de ações especiais da força aérea britânica, dirigido por J. E. Tonkin, saltou de paraquedas sobre a região de Poitiers. Durante cerca de um mês, seus membros, cerca de cinquenta, sabotariam, no contexto da operação Bulbasket, o tráfego ferroviário entre Poitiers e Tours e recolheriam dados a fornecer à força aérea britânica, inclusive

sobre o “melhor fogo de petróleo” da campanha, em Châtellerault. Porém, em 3 de julho, o grupo caiu numa emboscada montada por um batalhão de infantaria da SS, tendo um terço de seus homens sido capturado e abatido a tiros. O próprio Tonkin foi feito prisioneiro, mas sobreviveria à tortura e à prisão. Outros sobreviventes da operação Bulbasket foram tirados da França pelo Departamento de Ações Especiais britânico. Graças ao êxito de seus atos de sabotagem, Tonkin receberia a cruz Militar.

Ao longo da primeira semana de julho, as bombas voadoras continuaram a provocar estragos e mortes em Londres. Na manhã de 3 de julho, um míssil caiu em Lambeth. Do outro lado do rio, 29 soldados americanos que se encontravam na parte central de sua base em Turk's Row, Chelsea, subiram num caminhão para socorrerem os feridos enquanto mais setenta homens esperavam novos caminhões que lhes permitissem também acorrer ao local. Nessa altura, outra bomba voadora caiu em Chelsea, atingindo o caminhão já cheio e derrubando fachadas de edifícios em ambos os lados da estrada. Morreram 74 americanos e dez civis britânicos.

O estado-maior britânico, alarmado com o número de mortos causado pela bomba voadora e por seus possíveis efeitos sobre o moral da população de Londres, autorizou que parte dos bombardeiros de apoio às unidades na Normandia fosse desviada para atacar as bases de lançamento da nova arma alemã. Em 4 de julho, num ataque preciso, utilizando bombas de penetração profunda, um depósito foi atingido em St. Leu, sepultando duas mil bombas voadoras no subterrâneo destruído. Uma mensagem ultrassecreta alemã, decifrada na Grã-Bretanha, indicava que as bombas voadoras destinadas a St. Leu seriam desviadas para Nucourt, dada a destruição do local de armazenamento; seis dias depois da incursão sobre St. Leu, Nucourt seria alvo de um ataque aéreo similar. Ao fim de dois ataques, as bombas guardadas em Nucourt também foram soterradas e inutilizadas. Entretanto, a lista de mortos continuava a crescer; até as 6h de 6 de julho, como Churchill diria à Câmara dos Comuns na mesma data, 2.754 bombas voadoras haviam sido lançadas pelos alemães, matando 2.752 pessoas – “quase uma pessoa por bomba”. A penicilina, declarou Churchill, que até então fora reservada aos militares, seria utilizada no tratamento dos feridos pelas bombas.

Por sua vez, os alemães também tomavam medidas especiais para enfrentar os efeitos dos bombardeamentos. Em 4 de julho, mil judias instaladas nos alojamentos de Auschwitz foram transportadas por trem para Hamburgo, onde trabalhariam na demolição de edifícios demasiado danificados para serem reconstruídos. Em toda a Europa ocupada, trabalhadores escravos eram usados para limpar escombros e reparar estradas e ferrovias. Ainda em 4 de julho, mais de duzentos prisioneiros de um campo de concentração na ilha de Alderney, no canal da Mancha, em sua maioria judeus deportados da França, eram embarcados para realizarem obras no continente. O navio em que seguiam foi atacado por navios de guerra britânicos e afundado. Todos os prisioneiros perderam a vida.

Porém, na mesma data, de acordo com o que revelavam mensagens decifradas pelo sistema Ultra, os alemães continuavam preocupados com novos desembarques aliados, que consideravam iminentes, entre o Sena e o Somme, em portos da Bretanha ou na costa mediterrânea da França. A última opção havia realmente sido planejada, devendo ser realizada por forças vindas da Itália. Contudo, no norte da França, a única atividade além das posições na Normandia consistia em operações de sabotagem; na operação Gain, um grupo do Departamento de Ações Especiais da força aérea britânica, dirigido por Ian Fenwick, cartunista muito popular, atacou colunas de abastecimento alemãs entre o Loire e o Sena, cerca de oitenta quilômetros ao sul de Paris. Contudo, na noite de 4 de julho, um grupo de reforços vindo de Londres encontrou sua zona de lançamento de paraquedistas tomada pelo fogo. Fenwick perdeu a vida durante o combate. Doze homens seus, que não conseguiram escapar, foram presos pelos alemães, interrogados ao longo de um mês por Josef Kieffer, dos serviços de segurança alemães, e executados. Um, porém, conseguiu fugir. Seu testemunho seria fatal ao seu carcereiro.

Num bosque nos arredores de Paris, o ex-ministro francês das Colônias, Georges Mandel, judeu e destacado adversário da capitulação em 1940, era executado em 6 de julho. “Morrer não é nada”, declarou quando foi entregue à milícia francesa pelos serviços de segurança alemães. “O triste é morrer antes de assistir à libertação do país e à restauração da República.”

Soldados franceses já estavam em combate pela libertação do país no momento em que o patriota Mandel foi executado por outros franceses. Os assassinos seriam, por seu turno, levados a tribunal, considerados culpados e fuzilados.

Na ilha de Saipan, os 4.300 soldados japoneses sobreviventes empreenderam um ataque “banzai” contra os americanos em 7 de julho; no corpo a corpo que se seguiu, quase todos os japoneses morreram, em oposição a 406 baixas americanas. Alguns japoneses conseguiram nadar até a cintura de corais da ilha. Uma pequena força naval foi enviada até eles, tentando persuadi-los a renderem-se, mas os japoneses abriram fogo contra os americanos, que responderam com efeitos devastadores. Num recife de coral, os americanos puderam ver um oficial japonês decapitando seus homens com uma espada. O homem foi abatido pelos americanos antes que pudesse suicidar-se.

Quando percorreram a ilha em busca de sobreviventes inimigos, sem encontrarem nenhum, os americanos descobriram os restos mortais de dois oficiais de alta patente, que preferiram suicidar-se a render-se. O general Saito rasgara as próprias veias com uma espada e, depois, seu ajudante de ordens deu-lhe um tiro na cabeça. O almirante Nagumo, ex-comandante da força de ataque contra Pearl Harbor, suicidara-se com um tiro de revólver.

No mesmo dia, os bombardeiros britânicos lançaram 2.500 toneladas de bombas sobre Caen, no norte da França, numa ação destinada a conquistar a cidade. No dia seguinte, enquanto Caen era bombardeada pela artilharia pesada do couraçado *Rodney*, ancorado em segurança no canal da Mancha, Hitler emitia uma nova diretiva, ordenando que não se podia permitir que as unidades na Normandia expandissem seu raio de ação, porque, “de outro modo, nossas forças serão incapazes de conter o inimigo, que penetrará no interior da França, onde não disporemos da mesma mobilidade tática para detê-lo”.

“Qualquer quilômetro quadrado precisará ser defendido até o fim”, concluía a diretiva. Suas ordens seriam cumpridas, como os americanos verificaram, no dia seguinte, ao tentarem avançar de La Haye-du-Puits em direção a Periers. Ao fim de um mês de combates, as posições

avançadas ainda não haviam se estabelecido. Porém, para os alemães, o espectro não apenas da retirada, mas da derrota, tornava-se cada vez mais presente. A diretiva de Hitler mal chegara às mãos dos comandantes alemães aos quais se destinava e o general Kurt Meyer já mandava que seus homens recuassem das posições que haviam ocupado para os subúrbios de Caen. Ao longo do mês anterior, todos os comandantes de batalhão submetidos a Meyer haviam sido mortos. “Os oficiais e os homens sabem que a luta é inútil”, escreveu Meyer, acrescentando: “Silenciosos, mas decididos a levar o cumprimento do dever até o amargo fim, esperam por ordens.”

Em 9 de julho, data da ordem de retirada lançada por Meyer, os conspiradores militares alemães, a apenas três dias do término de seu prazo para o assassinato de Hitler, contataram Rommel em seu quartel-general em La Roche-Guyon. O emissário foi o coronel Caesar von Hofacker, membro do alto-comando militar alemão em Paris. Outro conspirador do grupo centrado em Paris era o major Von Falkenhausen, sobrinho do governador militar de Bruxelas, que, havia pouco, fora destituído e preso por negligência.

Na frente oriental, a noite de 10 de julho assinalou o início da ofensiva soviética contra os exércitos do norte alemães. Ao fim de 48 horas de luta, o comandante das forças soviéticas, general Yeremenko, abriu uma brecha de oitenta quilômetros nas linhas alemãs e avançava pelo território anteriormente ocupado pelo inimigo. Um a um, os redutos alemães caíam: Drissa, OPOCHKA, Sebezh. A última linha de defesa alemã em território russo fora quebrada.

Em 11 de julho, o conde Von Stauffenberg foi convocado a Berchtesgaden, a fim de informar Hitler sobre a situação militar. Levou consigo a bomba, mas não a utilizou; Hitler preparava-se para seguir para seu quartel-general em Rastenburg, na Prússia Oriental, e o conde também fora convocado. No mesmo dia, Churchill, em Londres, tomava conhecimento, baseando-se nas informações dadas pelos judeus evadidos de Auschwitz, sobre o extermínio de 1,7 milhão de judeus nos últimos dois anos, que foram gaseados, fuzilados ou enterrados vivos. “Não há dúvida”, escreveu a Anthony Eden, “de que provavelmente se trata do

maior e do mais horrível crime cometido na história da humanidade, sendo praticado, além disso, por meios científicos e por homens considerados civilizados, em nome de um estado eminente e de um entre os povos mais destacados da Europa. É evidente”, continuava Churchill, “que todos os implicados neste crime, inclusive aqueles que se limitaram a obedecer ordens na realização das matanças, serão condenados à morte sempre que se provar sua ligação aos assassinatos”.

A brutalidade alemã continuava a ferir todos os resistentes feitos prisioneiros. Em 8 de julho, trinta resistentes poloneses foram fuzilados publicamente em Garwolin, na zona de Varsóvia. No mesmo dia, o dirigente da resistência, tenente Joly, usando o codinome Valentin, foi morto numa operação de limpeza realizada na região de Ecot, na França. Em 12 de julho, 48 resistentes italianos, liderados por Eugenio Calò, foram capturados nas imediações de Arezzo. Após serem barbaramente torturados durante dois dias, sem prestarem quaisquer declarações aos seus guardas, foram obrigados a abrir uma vala, onde foram enterrados até o pescoço. Em seguida, os alemães colocaram cargas de dinamite junto às suas cabeças. Nenhum homem falou. Os cartuchos de dinamite foram ativados.

Eugenio Calò recebeu, a título póstumo, a Medalha de Ouro por Coragem em Combate.

Em 12 de julho, um espião alemão foi enforcado na prisão de Pentonville, em Londres. Joseph Jan Vanhove era um garçom belga e declarara ter fugido da Europa ocupada para a Suécia a fim de alistar-se junto aos exércitos aliados. Porém, enquanto esteve no norte da França, sua verdadeira tarefa foi denunciar trabalhadores forçados franceses e belgas que simpatizassem com a resistência. Fora preso ao chegar à Escócia, em fevereiro de 1944. Julgado em Old Bailey, em maio, Vanhove foi considerado culpado de tentativa de espionagem. O recurso que interpôs foi indeferido em junho. Foi o 16º, e último, espião alemão a ser executado durante a guerra na Grã-Bretanha.

Em 13 de julho, o general russo Koniev iniciou uma ofensiva em duas frentes, destinada a cruzar o rio Bug e a conquistar a cidade de Lvov, na

Galícia Oriental. Enquanto avançava em direção à cidade de Brody, o Exército Vermelho cercou quarenta mil soldados alemães, entre os quais trinta mil foram mortos ao fim de sete dias de batalha. O rio Bug marcava a linha Curzon, que Stálin, com o apoio de Churchill, pretendia utilizar como nova fronteira ocidental da União Soviética. Lvov, uma entre as principais cidades da Polônia anterior à guerra, ficava no setor soviético, de acordo com a nova linha. Na frente norte da ofensiva liderada por Koniev, assistiu-se, em 13 de julho, à queda de Vilna, outra antiga cidade polonesa que, agora, pertencia à esfera soviética. Após cada avanço militar, delineava-se com mais precisão o mapa da futura Europa.

Em 14 de julho, as forças soviéticas entravam em Pinsk, a menos de 320 quilômetros da Prússia Oriental. No mesmo dia, Hitler trocava Berchtesgaden por seu quartel-general em Rastenburg. Em Kovno, a apenas 210 quilômetros de Rastenburg, mais de cem judeus foram descobertos pela Gestapo, que os fechou na casa onde estiveram escondidos e queimou-a. Não houve sobreviventes. Na mesma data, dia da Bastilha, também não houve sobreviventes entre os franceses que se revoltaram na prisão de La Santé, comemorando a efeméride; foram encostados a um muro da prisão e fuzilados.

Ao mesmo tempo, quatro agentes britânicas, Vera Leigh, Diana Rowden, Andrée Borrel e Sonia Olschanesky, que estavam detidas em Karlsruhe desde sua captura, foram transportadas para Natzweiler, campo de concentração na Alsácia. Dois agentes britânicos que se encontravam no campo – entre eles o coronel médico Guérisse – viram-nas chegar; na mesma noite, as quatro foram conduzidas ao crematório, mortas por injeção e queimadas.

Em 15 de julho, numa estranha coincidência que Churchill assinalou no Gabinete de Guerra, o total de bombas voadoras caídas na Grã-Bretanha elevava-se a 3.582 enquanto 3583 civis haviam sido mortos por elas. Contudo, o número de vítimas em Londres não auxiliava os alemães em combate na França. No mesmo dia 15, Rommel escrevia a Hitler, referindo-se às enormes baixas e perdas de material, à carência de meios para a substituição das forças e ao perigo de que a superioridade dos

aliados na aviação e na artilharia fizesse com que “mesmo o exército mais bravo fosse esmagado, perdendo homens, armas e território ao longo do processo”.

Rommel também dizia que não era possível transportar novas forças para a frente na Normandia, “a não ser enfraquecendo a frente ocupada pelo 15º exército, no canal da Mancha, ou a frente mediterrânica, no sul da França”. O 15º exército continuava em sua posição para prevenir a ameaça do inexistente 1º Grupo de Exércitos dos Estados Unidos, revelando que a farsa montada pelos aliados continuava a influir na estratégia alemã, passadas mais de cinco semanas desde os desembarques na Normandia. Um telegrama do embaixador japonês em Berlim, decifrado em Bletchley em 15 de julho, mostrava que os alemães continuavam acreditando que essa força fictícia seria enviada pelo estreito de Dover para isolar as forças alemãs na Normandia. Ao enviar-lhe o telegrama do embaixador japonês, Churchill escreveu a Eisenhower: “A incerteza é um terror para os alemães. As forças que se encontram na Grã-Bretanha são uma preocupação dominante para os hunos.”

Sem que Churchill soubesse, 15 de julho foi escolhido como data, pelo conde Von Stauffenberg e por seus companheiros de conspiração na operação Valquíria, para o assassinato de Hitler. Em Berlim, um entre os conspiradores, o chefe do estado-maior do exército de reserva, general Friedrich Olbricht, confiante na realização do atentado de acordo com os planos, ordenou, duas horas antes do “assassinato”, que suas tropas marchassem sobre Berlim. No último momento, uma vez que Hitler encurtou a duração da conferência, Stauffenberg decidiu adiar o atentado para sua visita seguinte a Rastenburg, dali a cinco dias. Entretanto, as tropas do general Olbricht continuavam a avançar sobre Berlim. Detendo-as pouco tempo depois, Olbricht explicou ao seu superior, general Fromm, que se tratava de um “exercício surpresa”.

Em 16 de julho, um canhão alemão, conhecido pelo nome Inglaterra e posicionado na costa do canal da Mancha, estava quase pronto para atirar e atingir as cidades costeiras no sul da ilha. Nesse dia, porém, num ataque aéreo prolongado, a base da arma, em Marquise Mimoyecques,

foi destruída. Ainda no mesmo dia, um piloto francês, Maurice de Seynes, membro da França Livre que combatia na frente oriental havia nove meses, foi atingido quando se encontrava em ação contra as linhas alemãs. Recusou-se a saltar porque seu copiloto russo, Vladimir Belozub, ficara preso em seu assento. “Ninguém”, escreveria o general da força aérea soviética Georgi Zakharov, “poderia forçar Maurice de Seynes a salvar-se”. O avião explodiu no ar. Se De Seynes agisse de outro modo, escreveu sua mãe, “teria sido uma vergonha para toda a nossa família. Meu filho agiu com nobreza”.

Quarenta e dois pilotos franceses perderam a vida na frente oriental; quatro, entre eles, foram agraciados com o título de Herói da União Soviética. O feito heroico de De Seynes, em 16 de julho, faz parte da história soviética.

No mesmo dia, estando em Berlim, o coronel Caesar von Hofacker dirigiu-se à casa do conde Von Stauffenberg, nos subúrbios de Wannsee. Concordaram, nesse momento, em proceder ao assassinato de Hitler dentro de quatro dias. Durante o encontro, Hofacker falou aos conspiradores sobre a queda iminente das linhas de defesa alemãs na Normandia e sobre a inevitável derrota dos exércitos alemães no Ocidente. Com efeito, Rommel, de quem Hofacker era porta-voz, até certo ponto, afirmara cruamente a Hitler, numa carta enviada na véspera: “Nossas tropas estão resistindo por toda a parte, com heroísmo, mas a luta é desigual e aproxima-se do fim.” Rommel também pedia a Hitler autorização para retirar a maior parte dos 28 mil soldados alemães que se encontravam nas ilhas da Mancha e que faziam grande falta na França, mas Hitler não a concedeu.

Os conspiradores precisavam do apoio e do prestígio de Rommel para garantirem a adesão aos seus planos dos oficiais alemães da zona ocidental. Porém, ao chegar a Livarot, enquanto seguia do sul de Caen para seu quartel-general em La Roche-Guyon, em 17 de julho, Rommel foi gravemente ferido pela metralha de um caça-bombardeiro que voava a baixa altitude, pilotado pelo capitão sul-africano J. J. Le Roux. Os ferimentos de Rommel foram tratados por um farmacêutico francês de Livarot. Mais tarde, foi transportado para um hospital da força aérea alemã, na cidade vizinha de Bernay, enquanto seu papel – quer como chefe militar, quer como conspirador – chegava prematuramente ao fim.

Para o capitão Le Roux que, com 23 aviões abatidos desde o Dia D, era o ás da aviação aliada na Normandia, a identidade da vítima era desconhecida. O próprio Le Roux desapareceria ao atravessar o canal da Mancha, rumo à Inglaterra, oito semanas depois.

Em Moscou, mais de 57 mil prisioneiros de guerra alemães desfilaram pelas ruas em 17 de julho. Eram alguns entre os homens capturados na ofensiva pela Rússia branca, desencadeada em 22 de junho. Abriam o cortejo dezenove generais alemães, exibindo, cada um, sua cruz de ferro; em primeiro lugar, com sua cruz de Cavaleiro, vinha o general Friedrich Gollwitzer, comandante de um corpo de exército e feito prisioneiro em Vítensk.

No dia seguinte, forças soviéticas chegaram a Augustow, além da fronteira entre Polônia e Prússia Oriental, e a apenas 130 quilômetros de Rastenburg. Nesse ponto, foram travadas por um contra-ataque feroz. Atrás das linhas alemãs, o mesmo dia assistiu ao início de uma operação em grande escala, reunindo dez mil soldados alemães contra as forças da resistência francesa em Vercors. Quinhentos resistentes e duzentos civis foram mortos. “Quando os alemães tomaram o planalto”, escreveu um historiador, “comportaram-se com a brutalidade habitual, queimando, torturando e matando toda a gente em quem encostavam, com a máxima maldade possível”.

Em Londres, a evacuação de civis ultrapassava o número de evacuados durante a blitz, em 1940. Em 17 de julho, mais de quinhentos mil londrinos haviam abandonado a capital e, ao longo dos dois meses seguintes, esse total estaria acima de um milhão. Entre aqueles que conheciam a produção das bombas voadoras alemãs, parecia mais um ato de prudência do que levado pelo pânico. Entre os cientistas responsáveis e os peritos dos serviços de informações que trabalhavam para o governo, manifestou-se, em 18 de junho, receio de que os alemães lançassem um sucessor à bomba voadora ainda mais letal. O estopim para a suspeita foi o momento em que o Dr. R. V. Jones avisou à comissão da operação Crossbow no Gabinete de Guerra que já havia mais de mil mísseis V2, pesando cada um mais de onze toneladas e sendo capazes de atingir uma velocidade de cerca de 6.400 quilômetros por

hora. Essa bomba demoraria apenas três ou quatro minutos a percorrer o trajeto entre sua base de lançamento no norte da Europa e Londres, seu alvo final.

Se ocorressem tais ataques, disse Churchill à comissão, “estaria disposto, após consultar os Estados Unidos e a URSS, a ameaçar o inimigo com o lançamento de gás em grande escala, se parecesse proveitoso”.

Apenas em 18 de julho os aliados lançaram a primeira fase da operação Goodwood, visando à conquista de Caen num ataque de cem bombardeiros contra as defesas alemãs. Grande parte da cidade foi destruída e cerca de três mil civis franceses perderam a vida. Depois, a artilharia atacou, numa bateria de quatrocentos canhões, reforçados pelo fogo de dois cruzadores e do navio costeiro *Roberts*, pertencente à marinha britânica, cujas peças de combate haviam sido utilizadas pela última vez na batalha da Jutlândia em 1916. Em seguida, as forças blindadas canadenses e britânicas avançaram. No mesmo dia, mas demasiado tarde para salvar Caen, Hitler autorizou o deslocamento de unidades do 15º exército, que estavam na região de Pas de Calais, para a zona de combates na Normandia. Fora desmascarada a farsa representada pela operação Fortitude, mas a operação Goodwood era um êxito.

Enquanto as tropas britânicas e canadenses lutavam, em 20 de julho, para conquistar Caen e obrigar os alemães a recuarem, Hitler encontrava-se em Rastenburg, num entre seus abrigos de madeira, recebendo notícias sobre a deterioração da situação na frente oriental. Enquanto observava um mapa, houve uma violenta explosão. A bomba, deixada numa pasta pelo conde Von Stauffenberg, explodira, destruindo a sala em que Hitler estava com seus generais. Hitler, porém, sobreviveu à explosão, salvando-se porque o general Brandt, querendo observar melhor o mapa aberto em cima da mesa, afastara a pasta, que estava na parte inferior da mesa, para a outra extremidade.



Hitler imediatamente após o atentado à sua vida, em 20 de julho de 1944, segurando o braço direito ferido.

Quando a bomba explodiu, às 12h42, Von Stauffenberg estava a quase duzentos metros dali; olhando para trás, viu pedaços de madeira lançados pelos ares. Pensando que Hitler morrera, correu da Toca do Lobo para o aeroporto de Rastenburg e, dali, para Berlim. Tudo parecia pronto para que a operação Valquíria terminasse bem, derrubando militarmente um regime nazista decapitado. Às 16h30, o avião de Von Stauffenberg chegou a Berlim; na capital, soube que, embora quatro oficiais presentes na reunião houvessem morrido, Hitler sobrevivera. Mesmo assim, os conspiradores mantiveram as esperanças de realizar seus planos e, dentro de uma hora, Von Stauffenberg e o general Olbricht prenderam o general Fromm. Os conspiradores resolveram cercar os edifícios dos ministérios em Wilhelmstrasse e foram enviadas ordens ao general Von Hase, comandante da fortaleza de Berlim, para que a ação fosse realizada. O oficial escolhido para levar as instruções foi o major Otto Ernst Remer, mas, de seu gabinete na Wilhelmstrasse, Goebbels falou por telefone com Remer e persuadiu-o a contatar Hitler. Depois de falar com o Führer, o major recusou-se a continuar em sua missão. Às 6h45, Goebbels comunicava à Alemanha, por rádio, que Hitler estava vivo e saudável.

Tarde demais, às 20h10, era enviado um telegrama em nome do marechal Von Witzleben, começando com os seguintes termos: “O Führer morreu. Fui nomeado comandante supremo das forças armadas e também...” Nesse ponto, a mensagem fora interrompida. A conspiração falhara.

Julgando que Hitler fora morto, os conspiradores em Paris ordenaram a prisão de todos os oficiais superiores da Gestapo e dos serviços de segurança. Ao anoitecer, contudo, chegou a notícia de que Hitler estava vivo. O general Von Stuelpnagel, comandante da guarnição de Paris, recebeu ordens para voltar para Berlim. Dirigindo-se até Verdun, campo de batalha onde lutara durante a Primeira Guerra Mundial, tentou suicidar-se, mas conseguiu apenas tornar-se cego.

Uma vingança terrível abateu-se, imediatamente, sobre os conspiradores e todos aos quais se ligaram. O general Fromm, que fora prontamente libertado por Olbricht e Stauffenberg, por ambos acreditarem que apoiaria a causa, virou-se brutalmente contra eles; nessa noite, os dois oficiais foram fuzilados no pátio do Ministério da Guerra, em Berlim, à luz dos faróis de um caminhão.

Mais de cinco mil alemães foram executados nos meses seguintes. Outros, como o general Henning von Treschkow, suicidaram-se. Antes de matar-se, o general declarou: “Deus prometeu poupar Sodoma se houvesse dez justos na cidade. Assim, espero que Ele poupe a Alemanha graças ao que fizemos e não a destrua.”

Outro suicida foi o general Ludwig Beck, que os conspiradores haviam designado como futuro chefe de Estado, em substituição a Hitler. Beck resignara ao seu lugar de chefe do estado-maior em 1938, protestando contra os planos de Hitler sobre invadir a Tchecoslováquia. Em 20 de julho, o general Fromm permitiu-lhe matar-se. Beck tentou duas vezes, sem êxito, suicidar-se com um tiro na cabeça; por fim, gravemente ferido, recebeu o golpe de misericórdia das mãos de um sargento do exército.

Na explosão de Rastenburg, Hitler sofrera somente um choque violento e alguns arranhões. No momento da explosão, debruçara-se sobre a mesa para observar Kurland, na extremidade nordeste do mapa. O tampo e os pés da mesa salvaram-lhe a vida. Na mesma tarde, Hitler mostraria a sala destruída a Mussolini, que o visitava.



Hitler em visita ao almirante Von Puttkamer, um dos gravemente feridos com a explosão da bomba, em 20 de julho de 1944.

À meia-noite, o Führer dirigiu-se ao povo alemão. Estava vivo e tinha boa saúde; a guerra continuaria. Ao mesmo tempo, o almirante Dönitz telegrafava uma mensagem a todos os comandantes da marinha de guerra, determinando que somente deveriam ser cumpridas as ordens dadas por Himmler. Mensagens análogas foram enviadas a todos os comandantes do exército e da força aérea. Hitler, Himmler e Goebbels controlariam, de modo direto, o aparelho militar alemão. Um a um, seus inimigos, ainda que pertencentes às partes mais remotas da conspiração, foram eliminados; entre os executados, estava o ex-secretário particular do Kaiser, Freiherr von Sell, que, após a morte de seu senhor na Holanda, em 1941, regressara à Alemanha e juntara-se àqueles que temiam que os excessos de Hitler destruíssem a Alemanha; outra das vítimas foi Erwin Planck, filho do físico Max Planck e ex-subsecretário da Chancelaria do Reich, antes da subida de Hitler ao poder.

O atentado também daria lugar a distinções e honrarias; o major Remer, que se recusara a auxiliar os conspiradores, recebeu a cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho.

* * *

Em 21 de julho, enquanto o exército alemão aceitava continuar a ser dirigido por Hitler, as forças americanas desembarcavam em Guam. Na conquista japonesa da ilha, em dezembro de 1941, apenas um soldado japonês perdera a vida; em julho de 1944, ao longo de uma batalha de vinte dias, 18.500 defensores japoneses haviam morrido, contra 2.124 soldados americanos. Três dias depois dos desembarques em Guam, outras forças americanas desembarcavam na ilha Tinian. Outra vez, os japoneses recusaram a ideia da derrota; 6.050 homens morreram contra 290 americanos antes que Tinian passasse ao controle dos Estados Unidos.

O ritmo da progressão aliada aumentava em todas as frentes. Em 22 de julho, as tropas soviéticas cruzaram o Bug, capturando a cidade de Chelm, localizada em território que a Rússia aceitara que fizesse, após a guerra, parte da Polônia. No mesmo dia, a rádio Moscou anunciava a instauração, em território polonês, de uma Comissão Polonesa pela Libertação Nacional.

Na frente báltica, Pskov caiu nas mãos dos russos em 23 de julho. No mesmo dia, Hitler nomeava Gøring comissário do Reich para a Mobilização pela Guerra Total.

Ao chegarem aos arredores de Lublin, as tropas soviéticas ocuparam o campo de concentração de Majdanek, descobrindo centenas de cadáveres desenterrados e sete câmaras de gás. Tratava-se do primeiro campo de extermínio a ser penetrado pelos aliados. Mais de 1,5 milhão de pessoas haviam sido assassinadas em Majdanek ao longo dos dois anos anteriores, entre elas numerosos adversários do regime de ocupação da Polônia, prisioneiros de guerra soviéticos e judeus. Fotografias dos cadáveres em Majdanek mostraram ao Ocidente a primeira imagem dos horrores do sistema de campos de concentração. Hitler, a quem disseram que todas as provas dos assassinatos em massa haviam sido destruídas, referiu-se, furiosamente, “ao desleixo repugnante e covarde dos serviços de segurança”, que não haviam apagado “as marcas” em tempo.

Enquanto as atrocidades ocorridas em Majdanek eram conhecidas por todo o mundo, os 1.700 judeus que habitavam na ilha de Rodes, no Mediterrâneo Oriental, e os 120 judeus que viviam na ilha vizinha de Kos, eram transportados para Salônica e dali, num trem, para Auschwitz. As tropas soviéticas estavam a apenas 270 quilômetros do campo. Contudo, com as câmaras de gás em Majdanek, Treblinka, Sobibor e Belzec paradas, Auschwitz precisava trabalhar mais depressa e intensamente. Em 24 de julho, a despeito das ordens do almirante Horthy sobre a interrupção das deportações de judeus, dadas duas semanas antes, 1.500 judeus da cidade húngara de Sarvar eram feitos prisioneiros e deportados para Auschwitz; foram os últimos judeus húngaros a ter esse destino, enquanto Adolf Eichmann, completando seu trabalho com eles tão rapidamente quanto possível, recebia a cruz de ferro de Segunda Classe.

As batalhas da Polônia e da França

Verão de 1944

Em 25 de julho de 1944, os americanos lançaram a operação Cobra, na Normandia. Ao fim de poucos dias, suas tropas conseguiam entrar na península de Cherbourg, auxiliadas por um poderoso assalto britânico contra posições alemãs bem defendidas entre Caen e Falaise. Na mesma semana, atrás das linhas alemãs, na Polônia, um projétil V2 experimental não explodiu ao ser lançado, tendo sido recolhido e escondido num rio por membros da resistência polonesa. Mais tarde, desarmado e desmontado, o míssil foi transportado para a Grã-Bretanha num avião Dakota da força aérea britânica, atravessando com grande perigo toda a Hungria ocupada, a partir da base no sul da Itália, acompanhado por um engenheiro polonês especialmente designado. As peças revelaram dados essenciais sobre o novo engenho de guerra, embora os britânicos nada pudessem fazer para se defender. O engenheiro polonês regressou ao seu país. Mais tarde, foi preso pela Gestapo e fuzilado.

A presença das tropas soviéticas a oeste do rio Bug levou poloneses de Varsóvia, fiéis ao governo exilado em Londres, a tentarem libertar-se do jugo alemão antes que os russos chegassem. “Estamos prontos para combater pela libertação de Varsóvia a qualquer momento”, telegrafou, para Londres, o comandante-chefe do exército nacional polonês, general Tadeusz Bor-Komorowski, em 25 de julho. E acrescentou: “Estejam a postos para bombardear os aeroportos circundantes quando pedirmos. Anunciarei o início do combate.” No dia seguinte, um polonês de alta patente, natural de Varsóvia, general Tadeusz Pelczynski, telegrafou às forças que esperavam instruções: “A batalha de Varsóvia pode começar a qualquer momento.”

Em 26 de julho, onze resistentes soviéticos, conduzidos pelo capitão P. A. Velichko, saltaram sobre a Eslováquia ocupada, perto de Ruzomberok, equipados com armamentos e radiotransmissores. Sua missão era abrir caminho para a chegada de numerosos guerrilheiros e de material, criando uma base de atividades antialemãs no território. No mesmo dia, uma bomba era lançada num restaurante de Lyon, frequentado por elementos da Gestapo. Não houve feridos graves. Contudo, no dia seguinte, cinco prisioneiros da Gestapo, entre eles o dirigente da resistência, Albert Chambonnet, eram fuzilados e seus corpos eram expostos nas ruas como aviso. Em 27 de julho, enquanto tropas americanas avançavam na Normandia, uma força especial era lançada em Mazingen, atrás das linhas alemãs, com a missão de atacar as comunicações rodoviárias alemãs, que operavam a ligação com o campo de batalha. No mesmo dia, caiu Periers, por fim, após um assalto americano. Na Itália, os alemães eram obrigados a recuar até Florença. Na frente oriental, o Exército Vermelho tomou Dvinsk, Bialystok, Lvov e Stanyslawow, obrigando os alemães a recuarem ao longo de uma frente de oitocentos quilômetros.

Duas bombas voadoras atingiram Londres em 28 de julho, causando grandes danos: a primeira caiu numa zona comercial de grande movimento em Lewisham, matando 51 pessoas; a segunda, numa casa de chá na esquina de Earls Court Road e Knightsbridge, matando 55 civis.

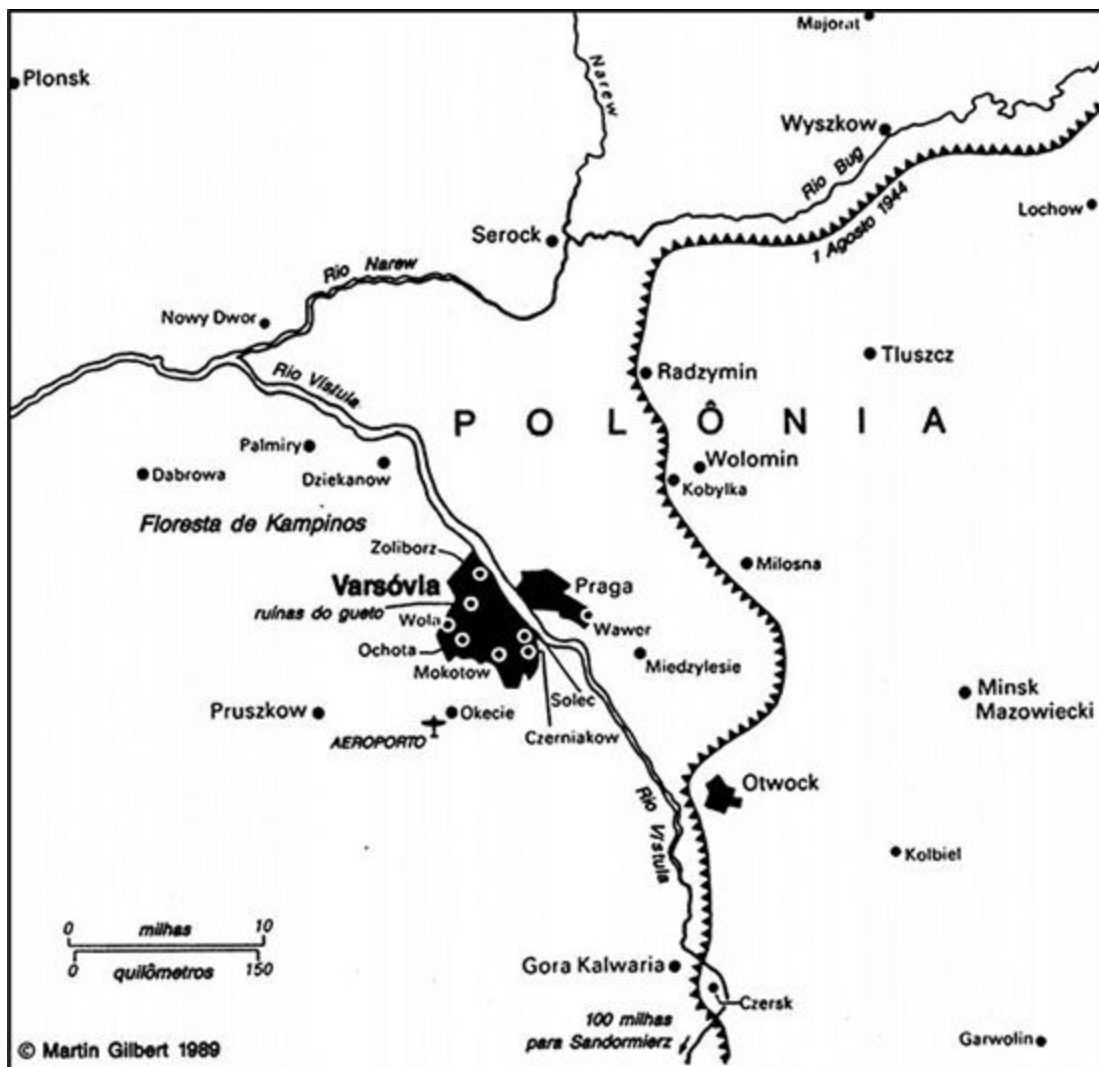
No Pacífico, os Estados Unidos completavam sua campanha na Nova Guiné com a operação Globetrotter, conduzindo a conquista da cidade de Sansapor, em 30 de julho, ao preço de apenas vinte baixas americanas; tentando mais uma vez defender sua posição indefensável, 374 soldados japoneses perderam a vida.

Enquanto forças anglo-americanas avançavam na Normandia, abrindo caminho para o centro do país, um novo trem deixava a capital, levando 1.300 deportados, entre os quais trezentas crianças e adolescentes com menos de dezoito anos e um bebê de quinze dias, deportado num caixote de madeira que servia como berço. Em Auschwitz, destino do trem, assistiu-se, em 31 de julho, ao gaseamento de 750 ciganos, cujos alojamentos haviam sido indicados ao Dr. Mengele como infectados de

piolhos. Ao longo dos três dias seguintes, mais dois mil ciganos foram mortos. Os restantes, 1.408 ao todo, foram enviados em trens para Buchenwald ou Ravensbrück, onde sofreriam espancamentos e seriam obrigados à dureza dos trabalhos forçados. Alguns foram utilizados em experiências com água do mar. Outros foram mandados para Mittlebau-Dora e Flossenbürg, para trabalhar nas últimas indústrias do Reich em desintegração.

Em 29 de julho, algumas unidades do Exército Vermelho atravessavam o Vístula, no centro da Polônia, conquistando Sandomierz. Nesse dia, com os tanques soviéticos em Wolomin, menos de vinte quilômetros a leste de Varsóvia, a rádio Moscou dirigiu-se à população da capital: “Chegou a hora da ação.” Em 31 de julho, as forças soviéticas entraram em Radzymin, a noroeste de Varsóvia, e em Otwock, a sudeste. Os combates podiam ser ouvidos pelos habitantes da capital. Como os reforços alemães chegaram rapidamente, em 1º de agosto, atravessando o rio, o comandante das tropas soviéticas, general Radzievskii, percebendo que tinha menos blindados, ordenou a instalação de uma linha defensiva entre Kobylka e Milosna. Nesse dia, membros do exército nacional polonês e do Exército Popular, estes conduzidos pelo Partido Comunista, e civis armados, num total de 42.500 homens e mulheres, apoderaram-se de dois terços de Varsóvia. Durante três dias, esperaram uma contraofensiva alemã, confiantes que poderiam resistir e libertar completamente a capital antes da chegada do Exército Vermelho através do Vístula.

Enquanto Varsóvia se revoltava, os alemães retiravam-se na Normandia, onde os americanos capturaram Vire em 1º de agosto, e na frente oriental, onde os russos entraram em Kovno. Porém, os alemães estavam decididos a esmagar os insurretos de Varsóvia. “Destruam-nos às dezenas de milhares”, ordenou Himmler ao general Geibel no mesmo dia. A ordem foi cumprida com brutalidade selvagem. Ao entrarem num hospital na rua Plocka, os alemães mataram o médico-chefe e ordenaram que os doentes abandonassem o edifício. Na rua, foram abatidos a tiro.



A INSURGÊNCIA EM VARSÓVIA. JULHO A OUTUBRO DE 1944.

Do outro lado do mundo, na ilha Tinian, o mesmo dia assistiu a um ato de destruição coletiva. Como escreveria um soldado americano, os fuzileiros viram, ao término do combate e “cheios de espanto”, um soldado japonês “saltar para o mar de uma altura de mais de trinta metros. Após alguns minutos, outro soldado pulou. Durante cerca de trinta minutos, os saltos suicidas continuaram”. O soldado americano prosseguiu em seu relato:

Nos abrigos mais altos, nuvens intermitentes de fumaça cinza, vindas do uso de granadas de mão, informaram-nos de que outros soldados japoneses haviam preferido uma forma alternativa de suicídio. O drama chegava a um desfecho devastador. Alguns soldados haviam reunido um grupo de 35 ou quarenta civis à sua volta. Os fuzileiros viram, sem que pudessem fazer qualquer coisa, dois soldados amarrarem os membros desse grupo uns aos outros, usando uma grande corda. Subitamente, a nuvem de fumaça de uma granada surgiu acima do grupo amarrado. Era apenas o começo. A granada fora utilizada para detonar uma carga de poderosos explosivos. Um abalo sacudiu o solo. Os corpos das vítimas foram lançados pelos ares a uma altura de quase oito metros. Braços, pernas e mãos ficaram espalhados pelo chão. Os japoneses restantes suicidaram-se usando granadas de mão.

Somente após esse episódio, os civis sobreviventes puderam aproximar-se das linhas americanas. Ao longo de duas semanas, 13.262 civis entregaram-se aos americanos. “Havíamos, literalmente, salvado aquelas pessoas de seus protetores”, comentou o soldado.

Em 2 de agosto, enquanto os aliados avançavam para o norte da Itália, os alemães deportavam para Auschwitz 222 judeus italianos de Verona. No mesmo dia, em Londres, Churchill disse, na Câmara dos Comuns, que o número total das vítimas das bombas voadoras elevava-se a 4.735. Em Varsóvia, o comandante da resistência polonesa, o general Bor-Komorowski, enviou um grupo de assalto para tomar o aeroporto de Okęcie, onde pretendia receber armas vindas do Ocidente. Os atacantes foram repelidos a tiros de metralhadora. Dois dias mais tarde, as forças alemãs desencadearam uma ofensiva. Além de tropas da SS, comandadas pelo mais impiedoso general de Hitler no que dizia respeito ao combate contra resistentes, Bach von dem Zelewski, as forças alemãs incluíam a

brigada de Kaminski, formada por prisioneiros de guerra soviéticos que escolheram combater ao lado do Reich, e a brigada de Dirlewanger, constituída por criminosos alemães aos quais fora oferecida liberdade em troca de seu alistamento nas forças armadas. Os combates foram ferozes desde os primeiros dias e durariam mais de dois meses.

Em 4 de agosto, os insurretos solicitaram auxílio aliado. “Depois de um pedido urgente apresentado pelo exército clandestino polonês”, telegrafou Churchill a Stálin, “tentaremos lançar, se o tempo o permitir, cerca de sessenta toneladas de equipamentos e de munições sobre a zona sudoeste de Varsóvia, onde consta que a revolta dos poloneses contra os alemães criou um campo de batalha violento. Os insurretos dizem apelar também para os russos, que parecem estar muito perto. São atacados por mais de uma divisão de tropas alemãs. Esses fatos poderão ajudar sua operação”.

Stálin respondeu imediatamente, em termos que Churchill descreveria como “prontos e inflexíveis”. A União Soviética não auxiliaria os revoltosos. “Penso que as informações que lhe foram transmitidas pelos poloneses são muito exageradas e não merecem crédito”, declarava Stálin, acrescentando:

O exército nacional polonês consiste em meia dúzia de destacamentos a que dão o nome abusivo de divisões. Não têm artilharia, aviação ou tanques. Não consigo ver como esses elementos poderão conquistar Varsóvia, que os alemães defendem com quatro divisões blindadas, entre elas a divisão Hermann Göring.

Nessa noite, treze bombardeiros britânicos partiram de Foggia, no sul da Itália, para a zona central da Polônia, no limite extremo de seu raio de ação. Cinco entre os treze aviões não conseguiram regressar. Dois chegaram a Varsóvia, onde lançaram 24 containers de armas e munições. Doze cargas caíram nas mãos dos insurretos; a outra metade, em partes da cidade controladas pelos alemães.

No mesmo dia 4, Anne Frank e sua família, depois de viverem escondidos durante mais de dois anos em Amsterdã, como judeus alemães refugiados, foram denunciados à Gestapo, presos e deportados. Na Austrália, mil prisioneiros de guerra japoneses instalados no campo de Cowra, a oeste de Sidney, revoltaram-se na manhã seguinte. Dois

soldados australianos, Benjamin Hardy e Ralph Jones, que tentaram detê-los com suas metralhadoras, foram dominados e mortos; ambos receberam, a título póstumo, a cruz George. Na sequência da fuga dos prisioneiros, 183 japoneses foram mortos e 29 suicidaram-se.

Em 5 de agosto, pouco depois do crepúsculo, bombardeiros alemães sobrevoaram o subúrbio de Wola, em Varsóvia, lançando bombas explosivas e incendiárias. No mesmo dia, os insurretos poloneses libertaram um campo de trabalhos forçados localizado na rua Gesiowka, junto às ruínas do antigo gueto, poupando 348 judeus que trabalhavam para limpar os escombros no local. Entre os judeus libertados, havia gregos, belgas, franceses, romenos, húngaros e poloneses. Um prisioneiro de Gesiowka, Hans Robert Martin Korn, fora um entre os oito judeus deportados, no verão de 1942, da Finlândia para Auschwitz. Nascido na Alemanha, combatera como voluntário na Guerra de Inverno entre Finlândia e União Soviética, em 1939, mas não sobreviveria aos acontecimentos de 1944.

Todos os judeus libertados do campo de Gesiowka se associaram ao levantamento de Varsóvia. Aqueles que possuíam habilitações técnicas, como Korn, formaram uma equipe especial que reparava os blindados alemães capturados. O primeiro a cair em combate foi David Edelman, que havia sido deportado da França para Auschwitz.

Em 5 de agosto, mais de quinze mil civis poloneses haviam sido mortos pelas tropas alemãs. Às 17h30, o general Von dem Bach Zelewski ordenou que as execuções de mulheres e de crianças fossem interrompidas, mas manteve a matança de todos os poloneses homens feitos prisioneiros, independentemente de serem ou não revoltosos. Nem os cossacos da brigada de Kaminski nem os criminosos da brigada de Dirlewanger deram ouvidos à ordem de Von dem Bach Zelewski e abriram caminho, entre violações, assassinatos, torturas e disparos, até os subúrbios de Wola e Ochota, matando, em três dias de carnificina, mais de trinta mil civis, incluindo centenas de pacientes internados em todos os hospitais que encontraram.



Judeus húngaros chegam em Auschwitz no verão de 1944 e são divididos em dois grupos: mulheres e crianças a enviar para as câmaras de gás, e os que (junto ao trem) se destinam a trabalhos forçados. À esquerda, veem-se presos de uniforme listrado.

Em 6 de agosto, a menos de 130 quilômetros a sudoeste de Varsóvia, os alemães iniciaram a deportação dos últimos setenta mil judeus presentes no gueto de Lodz; todos foram enviados para Auschwitz, onde grande parte foi gaseada assim que chegou.

No mesmo dia, Hitler ordenou uma contraofensiva que tinha como alvo a base da península de Cherbourg, no norte da França, com o fim de chegar a Avranches e conter os exércitos americanos que avançavam para o sul além da Normandia. Porém, uma empenhada resistência americana em Mortain quebrou o ímpeto do ataque, que seria interrompido ao fim de 48 horas, estando a mais de dezesseis quilômetros de seu objetivo. Nos ares, trezentos aviões de combate alemães estiveram em ação no primeiro dia do contra-ataque, enfrentando mais de mil aviões aliados; em 8 de agosto, somente 110 aparelhos alemães continuavam em ação.

Para Hitler, 8 de agosto de 1944 assinalou o primeiro ato de vingança em relação ao atentado que sofrera, quando oito oficiais alemães foram enforcados na prisão de Plötzensee, em Berlim. A forma de execução fora deliberadamente escolhida para causar choque e medo: os condenados foram posicionados sob um gancho fixado no teto e, com um nó apertado – não com corda, mas com arame – à volta do pescoço, lentamente içados e estrangulados. Entre os sentenciados estavam o general Erich Hoepner, demitido de suas funções em 1941 por ordenar uma retirada parcial na frente russa, contra instruções de Hitler, e o conde Peter Yorck Von Wartenburg, primo do conde Von Stauffenberg e membro fundador do Círculo de Kreisau. Também foi enforcado o marechal Erwin von Witzleben, de 63 anos, que os conspiradores haviam escolhido para ocupar o cargo de chefe das forças armadas após a queda de Hitler. “Creio ter feito alguma coisa para diminuir a culpa que é nossa herança”, escreveu ele à mulher, numa derradeira carta.

Enquanto os insurretos lutavam na Polônia, cinco divisões blindadas alemãs bloqueavam as forças soviéticas próximas à capital – três localizadas em Praga, subúrbio de Varsóvia, na margem leste do Vístula, e duas em torno das tropas russas que haviam atravessado o Vístula, 48 quilômetros ao sul da capital, perto de Gora Kalwaria. No mesmo dia, o estado-maior anglo-americano rejeitava um apelo chegado de Varsóvia, que solicitava o envio de uma brigada de paraquedistas poloneses.

Ainda em 8 de agosto, poloneses em combate na Normandia, tripulando com soldados canadenses os tanques da operação Totalize, atacaram, ao longo da estrada Caen-Falaise, as forças blindadas da SS que tão determinadamente se opuseram à extensão da posição avançada aliada. Na mesma data, o comandante da divisão blindada da SS, major Max Wünsche, que recebera recentemente as Folhas de Carvalho para sua cruz de Cavaleiro, foi feito prisioneiro enquanto o capitão Michael Wittman foi morto. Este, que recebera a mais alta condecoração das Folhas de Carvalho com Espadas, destruíra 138 tanques e 132 baterias antitanque num intervalo inferior a dois anos.

Enquanto as forças alemãs começavam a retirar-se, os serviços secretos britânicos acompanhavam seus planos e ordens através das mensagens decifradas pelo sistema Ultra, que lhes davam acesso aos assuntos mais secretos tratados pelo inimigo, permitindo, depois, a interceptação dos movimentos. Eram, evidentemente, os soldados e os aviadores aliados que colhiam, nos campos de batalha, os frutos da leitura das mensagens; em 9 de agosto, num ataque contra uma bateria antiaérea alemã perto de Ste. Marguerite-de-Viette, o alferes Reginald Thursby foi abatido atrás das linhas inimigas. Tornara-se piloto depois dos desembarques na Normandia e estava em sua 16ª operação. Na Grã-Bretanha, sua noiva, Doreen Young, foi informada apenas de que o noivo estava “desaparecido”. Como milhares de mulheres que receberam mensagens semelhantes sobre seus filhos, maridos ou amigos, Doreen Young teve esperança de que o noivo estivesse vivo, como prisioneiro de guerra evadido, mas não era o caso.

Às 18h de 9 de agosto, Hitler ordenou que o ataque alemão contra Mortain fosse retomado. Suas ordens foram conhecidas em Bletchley pouco antes das 4h do dia seguinte, que alertou para o ataque em preparação com mais de 24 horas de antecedência. Os alemães, contudo, retiraram-se não em segredo, mas entre uma enorme carnificina – o trajeto que percorreram ao recuar popularizou-se, entre os canadenses que os perseguiram, com o nome de “avenida do Cavalo Morto”. No auge da batalha, um oficial canadense, major David Currie, descobrindo que todos os oficiais sob suas ordens haviam sido mortos ou feridos, assumiu

o comando de todos os blindados e de seus 150 tripulantes. Em três dias de combate em St. Lambert-sur-Dives, Currie e sua pequena força mataram ou feriram oitocentos alemães e fizeram mais de mil prisioneiros. “Quando sua força finalmente recebeu ajuda”, diz o documento para sua nomeação para a cruz Victoria, “o major David Currie pôde dar-se por satisfeito, adormeceu em pé e caiu”.

A sul e a oeste da bolsa em Falaise, os americanos haviam varrido os alemães da costa atlântica enquanto avançavam em direção ao Loire. Em 10 de agosto, em Paris, que estava a menos de 230 quilômetros das forças aliadas mais próximas, uma greve de ferroviários paralisou o movimento de tropas e de abastecimentos alemães dentro e fora da capital.

Em 12 de agosto, as forças americanas ocuparam Mortain; a tentativa alemã de obrigar as forças aliadas a recuarem para a Normandia fora derrotada. No mesmo dia, uma unidade militar francesa chegava a Alençon, a 180 quilômetros de Paris. Nessa manhã, Churchill, em Londres, recebia a cópia de um apelo dirigido pelos poloneses de Varsóvia aos aliados. Estavam no décimo dia de combate contra os alemães. “Estamos travando um combate sangrento”, dizia a mensagem. “A cidade é cortada por três estradas.” Todas se encontravam “fortemente protegidas” por tanques alemães e os edifícios que as ladeavam haviam sido “destruídos pelo fogo”. Dois trens blindados parados na periferia da cidade e uma força de artilharia em Praga, subúrbio da capital polonesa, na margem leste do Vístula, “disparam continuamente contra a cidade, com o apoio da força aérea”.

A mensagem polonesa lembrava que apenas um pequeno auxílio fora oferecido, até então, pelos aliados. “Na frente germano-russa, silêncio desde o terceiro dia. Assim, encontramos-nos sem qualquer apoio material ou moral...” E o texto ainda dizia: “Os soldados e a população da capital olham desesperadamente para o céu, em busca de sinais de auxílio por parte dos aliados. Entre a fumaça, veem apenas aviões alemães. Todos se sentem espantados e profundamente entristecidos e proferem impropérios.”

Churchill enviou a Stálin, imediatamente, uma cópia da mensagem recebida, uma vez que o líder soviético dispunha de diversas bases aéreas a apenas a dez ou doze minutos de voo de Varsóvia. “Imploram-nos

metralhadoras e munições”, telegrafou Churchill. “Não poderá auxiliá-los de algum modo, uma vez que a Itália é tão longe?”

Decidido a ajudar os insurretos poloneses, Churchill autorizou o envio, dali a duas noites, de vinte bombardeiros estacionados na base de Foggia, no sul da Itália, carregando cada aparelho doze containers com armas e munições. De fato, 28 aviões seriam enviados, mas catorze chegaram a Varsóvia. Desses, três foram abatidos pelas baterias antiaéreas alemãs. Entre mais de 25 toneladas de armas e munições, menos de cinco chegaram aos revoltosos; mas cada tonelada recebida significava novos meios de resistência para o dia seguinte.

Os exércitos alemães em combate em Varsóvia, na frente oriental, na Itália e na Normandia precisavam enfrentar também uma guerra cada vez mais ativa em suas linhas. Seus métodos mantinham-se brutais; em 12 de agosto, na aldeia montanhosa de Sospel, na França, quinze membros da resistência, capturados durante uma ação da SS, foram torturados e mortos. Na ilha de Creta, em 13 de agosto, durante ações antiguerrilheiras ao sul de Heraklion, duas aldeias foram destruídas e vinte reféns civis foram executados.

Na Normandia, o vaivém da batalha dera lugar a um avanço aliado; também em 13 de agosto, as forças americanas chegaram às margens do Loire, em Nantes. No mesmo dia, uma força de paraquedistas franceses, participante da operação Barker, chegava a Salornay, atacando os alemães em retirada.

Quando os alemães se viram obrigados, entre o caos, a abandonar a bolsa em Falaise, Hitler ordenou-lhes que continuassem a combater. Suas ordens foram cumpridas, dia após dia, quilômetro após quilômetro, até o fim inevitável.

Em 14 de agosto, os aliados lançaram a operação Tractable, penetrando em Falaise e, ao mesmo tempo, ameaçando avançar a oeste, em direção a Paris. Na noite anterior, um oficial canadense, perdido, entrara em linhas alemãs, onde fora capturado e morto. Os alemães, ao revistarem o cadáver, descobriram planos relativos ao ataque da operação Tractable, podendo ordenar melhor suas defesas. Os aliados sofreram também um acidente durante a operação, quando, num ataque aéreo preliminar, foram

bombardeadas as linhas aliadas, matando 65 canadenses e poloneses. Contudo, uma vez lançada a ofensiva, os alemães não conseguiram contê-la. Ao fim de quatro dias, os soldados aliados chegavam às margens do Sena, em Nantes, a 48 quilômetros do centro de Paris. Entretanto, na bolsa em Falaise, os defensores alemães continuavam a lutar contra o assédio implacável a que eram sujeitos.



A BATALHA NA FRANÇA. VERÃO E OUTONO DE 1944.

Enquanto começava o avanço em direção a Paris, as forças aliadas desencadeavam a operação Dragoon por terra, mar e ar, desembarcando 94 mil homens e onze mil veículos entre Toulon e Cannes, na costa mediterrânea francesa, num único dia. Ao fim de 42 horas, estas tropas haviam avançado mais de trinta quilômetros por terra firme. No mesmo dia, em Paris, graças à emoção causada pela notícia do recente desembarque, a polícia, até então arma relutante do controle ocupante, decidiu despir os uniformes, guardar as armas e juntar-se às atividades de resistência nas ruas. A vingança dos alemães, porém, ainda não chegara ao fim. Na mesma data, cinco prisioneiros franceses, entre os quais o representante militar clandestino do general De Gaulle em Paris, coronel André Rondenay, foram conduzidos pela Gestapo à aldeia de Domont, quase vinte quilômetros ao norte de Paris, e executados. Os assassinos voltaram a Paris por ocasião de um banquete regado a champanhe, que os homenagearia em sua qualidade de “executores”.

Verificou-se ainda outra execução em 15 de agosto, quando o conde Von Helder, ex-chefe da polícia da capital alemã foi enforcado, em Berlim, por suas ligações à conspiração contra Hitler.

Para os poloneses que continuavam a lutar em Varsóvia, o desembarque americano no sul da França foi um novo golpe. “Dada a impraticabilidade de operações diurnas em Varsóvia”, explicava a Londres a missão conjunta do estado-maior de Washington, em 15 de agosto, “e o empenho de todos os recursos disponíveis da 15a divisão aérea na operação Dragoon”, o estado-maior americano acreditava que “a responsabilidade pelo auxílio aos poloneses da capital” cabia a Stálin. Quanto aos esforços aliados, o estado-maior americano recomendava que se reduzissem a um “mínimo de ações noturnas”, realizadas pelo departamento de operações especiais da força aérea anglo-americana.

Desse modo, a operação Dragoon, que os britânicos consideravam que poderia enfraquecer a campanha militar em curso contra os alemães na Itália, prosseguia à custa também de Varsóvia.

Em Moscou, os embaixadores da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos encontraram-se com o ministro das Relações Exteriores, Andrei Vishinsky, procurando obter apoio russo para os insurretos de Varsóvia. Vishinsky, porém, como o embaixador americano Averell Harriman comunicou a Washington, agarrou-se à tese de que a revolta em Varsóvia

“era um caso de falta de tino e pouca seriedade, que não influenciaria o futuro da guerra”.

Na noite de 15 de agosto, uma nova força de bombardeiros partiu do sul da Itália para Varsóvia. Eram dez aviões, mas seis não voltaram. Entre os tripulantes mortos, contaram-se vinte sul-africanos. Um tripulante, tenente J. J. C. Groenwald, conseguiu saltar perto de Kazimierz Wielka e salvar-se, mantendo-se na região por cinco meses, recebendo documentos falsos providenciados pelos poloneses e vivendo como um operário comum sob os olhares de guardas alemães que não suspeitavam da farsa.

Em 16 de agosto, Hitler, embora relutante, reconheceu que a Normandia estava perdida; furioso, substituiu o marechal Von Kluge pelo marechal Model. No entanto, o ritmo da progressão aliada já não podia ser contido. Em 17 de agosto, Falaise era ocupada pelos canadenses enquanto forças americanas entravam em St. Malo, na Bretanha. O comandante alemão de St. Malo, coronel Aulock, dera ordens para que o porto fosse defendido até o último homem. Quem desertasse ou se rendesse, declarara o coronel, não passaria de “um cão vadio!”. Hitler, extremamente impressionado com a determinação de Von Aulock, concedeu-lhe as Folhas de Carvalho que faltavam à sua cruz de Cavaleiro, mas a batalha foi tão rápida que a atribuição da medalha, em 18 de agosto, deu-se um dia após a rendição de Aulock.

A despeito da queda de St. Malo, um jovem tenente alemão, Richard Seuss, à frente de 320 homens, sustentou a defesa da ilha fortificada de Cézembre, a apenas novecentos metros da praia. Seuss recusou-se a render-se, apesar de um apelo americano. A ilha seria bombardeada com napalm, na primeira utilização dessa arma na Europa. Somente após a destruição da instalação para a destilação de água, ao fim de duas semanas, Seuss hasteou a bandeira branca.

As rendições e retiradas a que eram obrigados na França não impediram os alemães de prosseguir em seus esforços para abater o moral do país aliado à França, a Grã-Bretanha. Ao meio-dia de 17 de agosto, uma bomba voadora caiu em Lavender Hill, no subúrbio londrino de Battersea, matando catorze pessoas que seguiam num ônibus e outras

catorze, que estavam nas ruas e nos edifícios vizinhos. Tratava-se de uma entre as mais de quarenta bombas voadoras que causaram sérios estragos em Londres durante agosto de 1944. Em Morden Hill, a sudeste de Londres, uma bomba voadora, caindo quase no mesmo ponto em que se dera a queda de outra, oito horas antes, matou vários membros das equipes de socorro, que procuravam eventuais vítimas nos escombros.

Em 17 de agosto, Hitler ordenou a evacuação do sul da França. Duas mensagens ultrassecretas a esse respeito foram lidas em Bletchley, o que facilitou o trabalho das tropas aliadas que já se encontravam perto de Toulon e foram informadas sobre a linha exata da retirada alemã – de Sens a Dijon e à fronteira suíça.

Em Lyon, área que Hitler decidira abandonar, a Gestapo e a milícia francesa transportaram, em 17 de agosto, 109 prisioneiros da prisão de Montluc para o aeroporto de Bron, nos arredores da cidade. No aeroporto, todos foram mortos. Em Paris, as forças alemãs retiravam-se: “a grande debandada dos Fritz”, como disse um parisiense. Enquanto os alemães deixavam a cidade, por estradas e ferrovias, a Gestapo requisitava três vagões, nos quais deportaria 51 judeus para Auschwitz. Um entre os deportados, Marcel Bloch-Dassault, sobreviveria à ação e seria um destacado industrial da aeronáutica de seu país. Também foram deportados Armand Kohn, diretor do hospital Rotschild, seu filho, Georges-André Kohn, de doze anos, e uma menina que tinha a mesma idade, Jacqueline Morgenstern. Ambas as crianças seriam enviadas de Auschwitz para o campo de concentração de Neuengamme, nas imediações de Hamburgo, onde serviriam como cobaias para experiências médicas sádicas.

Quando os vagões com os deportados chegavam a Morcourt, perto de St. Quentin, quinze prisioneiros conseguiram fugir.

Na manhã de 17 de agosto, enquanto o exército alemão e a Gestapo deixavam Paris, os dois primeiros batalhões de infantaria soviéticos, comandados pelos capitães Georgi Gubkin e Pavel Yurgin, chegavam à fronteira da Prússia Oriental. À sua frente, viam-se os telhados de uma pequena cidade alemã, Schirwindt. Um grupo de soldados atravessou a estreita ponte sobre o rio que assinalava a fronteira; na outra margem, o sargento Alexander Belov hasteou a bandeira vermelha. “Maldita seja essa terra de malfeitores!”, escreveu o autor soviético Ilya Ehrenburg

num artigo de jornal quando as tropas russas chegaram à fronteira alemã.
“É o que dizemos ao penetrar a Alemanha: maldita seja a Alemanha!”

O agridoce caminho da libertação

Outono de 1944

Em 18 de agosto, o Conselho Nacional da Polônia, controlado por comunistas, declarou Lublin como capital provisória do país. Em Varsóvia, os insurretos lutavam, com desespero crescente e sem auxílio soviético, contra tropas alemãs consideravelmente reforçadas. No mesmo dia, Churchill telegrafou a Roosevelt:

A recusa dos soviéticos em permitirem que a aviação americana auxilie os heroicos insurretos de Varsóvia, junto com o fato de que, estando a apenas alguns quilômetros, os soviéticos não apoiam minimamente os revoltosos, constitui um episódio da mais extrema gravidade. Se o quase certo triunfo alemão em Varsóvia for seguido por um massacre, as consequências podem ser inimagináveis.

O auxílio anglo-americano à Varsóvia foi mantido, em aviões enviados do sul da Itália, mas, entre os 182 aviões expedidos, 35 não conseguiram regressar. Stálin recusou pedidos repetidos para que os aviões anglo-americanos aterrissassem nas bases sob controle soviético situadas a leste de Varsóvia. Furioso, Churchill escreveu à sua mulher, em 18 de agosto, referindo-se aos “vários telegramas relativos à recusa russa em ajudar ou em permitir que os americanos ajudem os insurretos de Varsóvia, que serão massacrados e liquidados a curto prazo se nada conseguirmos fazer”.

Os alemães, por sua vez, não tinham dúvidas sobre o modo como combatiam os inimigos. Em 18 de agosto, um trem saiu da estação de Nancy, transportando 2.453 presos políticos franceses, trancados nos vagões. Os presos estavam em prisões da Gestapo em Paris e encaminhavam-se para os campos de concentração de Ravensbrück e

Buchenwald. Menos de trezentos homens sobreviveriam à passagem pelos campos de concentração alemães.

Em 19 de agosto, chegou a Metz, localizada a 48 quilômetros ao norte de Nancy, um trem proveniente de Paris, que trazia o corpo do marechal Von Kluge. Suicidara-se ingerindo uma cápsula de cianeto. Em sua carta de despedida para Hitler, escreveu: “Se as novas armas, nas quais temos uma fé tão ardente, não trouxeram a vitória, então, meu Führer, acabe com a guerra.” E acrescentou: “O povo alemão sofre males tão inauditos que já é tempo de pôr termo a eles.”

No dia do suicídio de Von Kluge, tropas canadenses, polonesas e americanas lançaram um assalto final na bolsa em Falaise. Em 19 de agosto, a polícia de Paris, que passara para o lado da resistência, cercou a sede de sua instituição. A bandeira foi hasteada e a Marselhesa, entoada. Depois, um carro blindado alemão surgiu e abriu fogo, ao que a polícia reagiu. A batalha de Paris começara. As forças de ocupação alemãs restantes eram assediadas por ataques crescentes da resistência, já em melhores condições de organização. Ao anoitecer, mais de seiscentos soldados alemães haviam sido feitos prisioneiros. Na manhã seguinte, em 20 de agosto, sessenta membros da resistência ocuparam o Hôtel de Ville, onde atacaram a tiros de espingarda e de revólver todos os veículos alemães que tentaram aproximar-se. Depois de dois caminhões alemães se chocarem por acidente em Clichy, nos subúrbios do norte da capital, as forças da resistência conseguiram apoderar-se de nove metralhadoras pesadas e de vinte metralhadoras ligeiras; passadas 48 horas, mais de sete mil membros da resistência estavam armados, à espera da chegada dos aliados.

No mesmo dia, uma força de ações especiais da aviação britânica, formada por sessenta homens e por vinte jipes, deixou Rennes, abrindo caminho entre as linhas alemãs ao leste, com o objetivo de realizar uma série de ações especiais no território sob ocupação inimiga. Na operação Wallace, o grupo, comandado pelo major Roy Farran, veterano desse tipo de ação na Itália, seguiu através das florestas da França ocupada, desde a região a norte de Orléans a Belfort. “Fiquei muito impressionado com a atitude belicosa dos resistentes franceses”, lembraria o major Farran – e também com a atmosfera de pré-libertação que se sentia por toda parte. Durante uma escaramuça ao sul de Montbard, Farran viu “uma bela

menina, com cabelos pretos e compridos, num vestido vermelho, colocando a cabeça para fora de uma janela alta para me saudar com o ‘V’”. Seu sorriso ridicularizava as balas”.

Em diversas ocasiões, os homens que participavam da operação Wallace uniram forças à resistência francesa contra os alemães em retirada. Em Châtillon-Sur-Seine, o paraquedista Holland foi morto durante um ataque aos alemães; atualmente, um monumento marca seu sacrifício. Dois outros homens que serviam a Farran foram mortos perto de Villaines.

Em 20 de agosto, cem homens e mulheres detidos pela Gestapo foram transportados de uma prisão em Lyon para um forte desativado em St. Genis Laval, onde foram fuzilados. Os corpos, regados com gasolina, foram incendiados. “Enquanto o fogo se espalhava”, lembraria um membro da milícia francesa, Max Payot, “percebemos que uma vítima sobrevivera, não se sabia como, ao tiroteio. A mulher apareceu numa janela, no lado sul do forte, e implorou piedade aos seus executores, que responderam ao pedido com uma rápida rajada de metralhadora. Atingida pelas balas e pela alta temperatura, a mulher contorceu o rosto numa máscara fixa, formando uma imagem de horror. O calor aumentava e o rosto parecia derreter como cera, até vermos os ossos. Nesse momento, o corpo foi sacudido por um movimento nervoso e a mulher começou a virar a cabeça disforme – o que restava dela – da esquerda para a direita, como que num gesto de condenação perante seus executores. Num último movimento, endireitou-se completamente e caiu para trás”.

* * *

Em Paris, a população esperava a chegada dos aliados. Na bolsa em Falaise, unidades alemãs isoladas ainda combatiam, realizando séries de ataques suicidas contra as forças polonesas. Em Varsóvia, outros poloneses lutavam, cada vez mais desesperadamente, contra a força e a brutalidade esmagadoras dos alemães. Na frente oriental, as forças soviéticas começavam uma ofensiva contra a Romênia, numa linha de 480 quilômetros. Ao fim do primeiro dia de ataque, cinco divisões alemãs haviam sido desfeitas e três mil homens foram feitos prisioneiros. As forças romenas na frente de batalha, comandadas pelo

general Abramescu, pediram autorização para retirar-se para uma posição que permitisse melhor defesa, mas o ditador romeno, marechal Antonescu, insistiu em que permanecessem na frente. Como resultado, a defesa romena seria esmagada. Após seis dias de avanços ininterruptos, o Exército Vermelho chegara ao rio Siret e preparava-se para entrar em Focsani.

Em 21 de agosto, os alemães cercados em Falaise tentaram, pela última vez, romper o assédio inimigo. Num derradeiro assalto contra as forças polonesas, mataram mais de trezentos inimigos, mas a posição foi mantida e mil soldados alemães foram feitos prisioneiros. Durante os combates em Falaise, mais de cinquenta mil soldados alemães foram aprisionados e cerca de dez mil foram mortos. Visitando o campo de batalha dois dias depois dos últimos combates, o general Eisenhower lembraria: “As estradas, os caminhos e os campos estavam atulhados de equipamentos destruídos e de homens e animais mortos, a tal ponto que a passagem era extremamente difícil.” Era, acrescentaria Eisenhower, “possível percorrer centenas de metros sem pisar em outra coisa a não ser carne morta e em decomposição”.

Também em 21 de agosto, os ministros das Relações Exteriores das potências aliadas reuniram-se em Dumbarton Oaks, nos arredores de Washington, para estabelecerem um sistema de segurança coletivo para o pós-guerra, destinado a evitar futuros conflitos. O organismo se chamaria Organização das Nações Unidas e contaria com um Conselho de Segurança, cujos cinco membros – Grã-Bretanha, União Soviética, Estados Unidos, França e China – poderiam vetar qualquer medida a que se opusessem.

No entanto, não eram as futuras possibilidades de discórdia entre os aliados, mas as vitórias em curso, que influenciavam os acontecimentos a cada dia. Em 22 de agosto, enquanto as tropas soviéticas atravessavam a fronteira romena, tomando Jassy e cercando Kishinev na Bessarábia, o rei romeno Miguel convocava o marechal Antonescu ao palácio real e ordenava-lhe que celebrasse um armistício com os aliados.

Antonescu recusou-se e foi preso. Foram igualmente presos o embaixador alemão e o principal oficial de ligação alemão instalado em Bucareste. Em seguida, o rei ordenou às suas tropas que não disparassem contra os russos. Hitler, surpreendido e incapaz de colocar em prática um plano rápido para a ocupação da Romênia em caso de deserção, ordenou às suas unidades de aviação com base em Ploesti que bombardeassem Bucareste. O avanço das forças soviéticas, porém, era imparável e, ao fim de uma semana, mais de 105 mil soldados alemães haviam sido mortos e muitos outros, feitos prisioneiros.

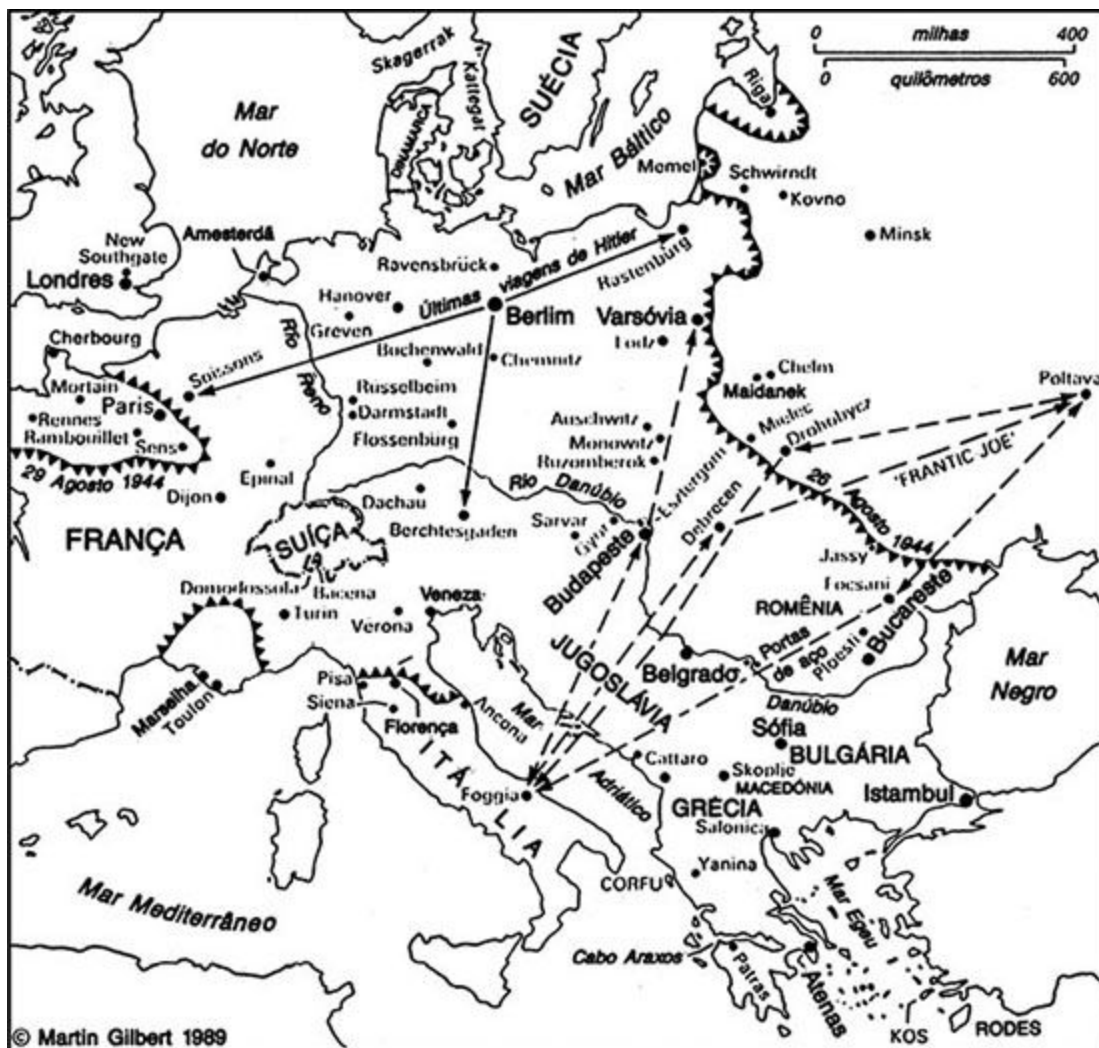
Enquanto a Romênia assinava um armistício com a Rússia, o governo finlandês, que ajudara os alemães no cerco de Leningrado, em outubro de 1941, anunciava que estava pronto para assinar a paz com os aliados. A Alemanha perdera seus companheiros do Eixo tanto no extremo sul quanto no extremo norte da frente oriental. Nos Bálcãs, os resistentes gregos e iugoslavos intensificavam seus ataques contra as linhas de comunicações alemãs; as forças alemãs que se encontravam na Grécia e no sul da Iugoslávia, vulneráveis a uma ofensiva soviética conduzida a partir da Romênia, tentavam recuar de Atenas, Salônica e Skoplje e estabelecer uma linha defensiva entre Scutari, no Adriático, e as portas de ferro do Danúbio.

Na Itália, o movimento de resistência também era bastante forte para arrancar grandes vales sob controle alemão ou fascista; depois de uma luta de três dias, o reduto fascista na aldeia montanhesa de Bacena caiu nas mãos dos resistentes em 23 de agosto. No intervalo de uma semana, os quatro vales entre Domodossola e a fronteira suíça foram ocupados pelos resistentes.

Em Londres, o mesmo dia seria marcado por uma nova catástrofe, provocada por uma bomba voadora que caiu numa fábrica de material de guerra em New Southgate. “Deitem-se!”, gritou Reg Smith, vigia, pelos alto-falantes da fábrica. “Pelo amor de Deus, deitem-se!” Porém, era tarde demais; 211 operários perderam a vida.

Churchill encontrava-se na Itália nessa data, perto de Siena, onde visitava tropas que, mesmo sofrendo uma considerável dispersão de forças e de armamentos provocada pelas operações no sul da França, planejavam uma nova ofensiva no prazo de três dias. No mesmo dia, o Gabinete de Guerra concordava que soldados judeus dos exércitos

aliados e da Palestina tivessem direito a combater em unidades judaicas, as chamadas brigadas judaicas. Essas forças, explicou Churchill num telegrama para Roosevelt, constituiriam, por assim dizer, “uma equipe de combate regimental”, continuando: “O fato trará grande satisfação aos judeus e é evidente que têm, como os outros povos, o direito de combater os alemães em corpos dotados de identidade própria. Querem ter sua própria bandeira, com a estrela de Davi sobre um fundo branco com duas tarjas azuis. Não vejo motivo para que a não tenham. A verdade é que penso que desfraldar essa bandeira à frente de uma unidade de combate constituirá uma mensagem que chegará a todo o mundo.”



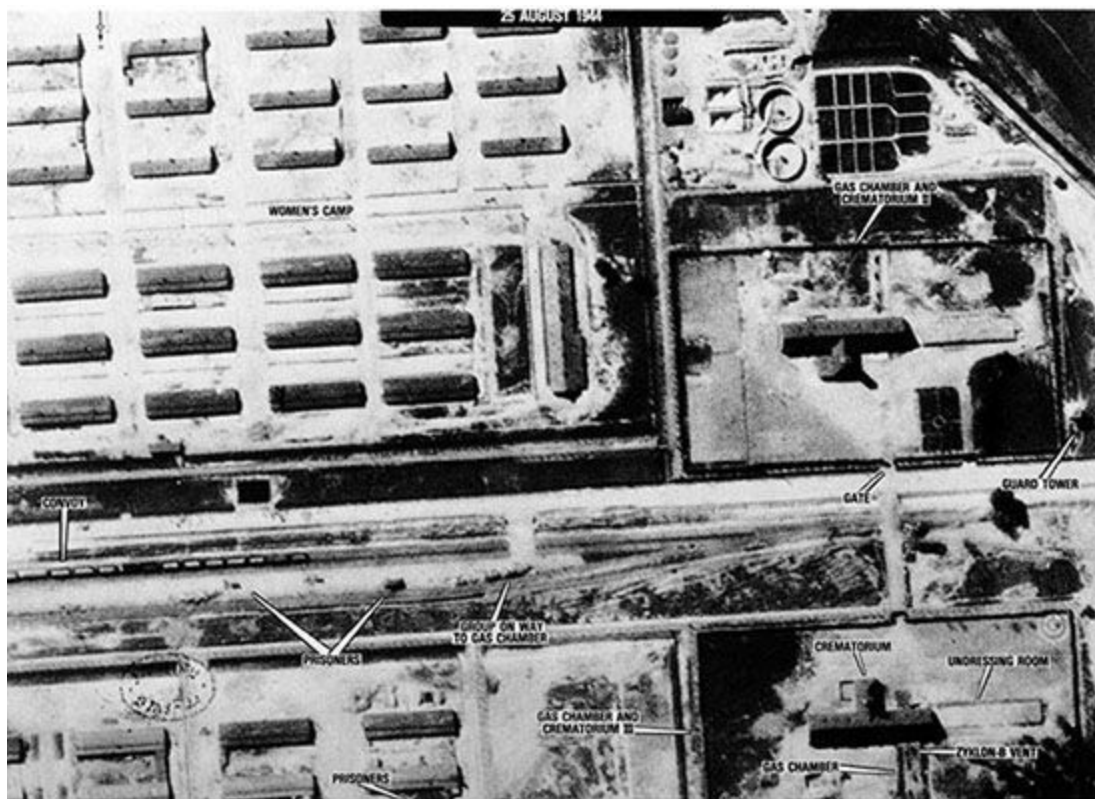
EUROPA EM GUERRA, SETEMBRO DE 1944.

Manter-se na guerra dependia não apenas da tenacidade dos soldados alemães, mas de conseguir combustível para seus tanques e para outros veículos e produtos do mesmo gênero, como lubrificantes para as baterias antiaéreas e petróleo para a produção de armas e munições. Desde 8 de junho, o bombardeamento das instalações produtoras de combustíveis alemãs era uma prioridade anglo-americana. No fim de julho, os serviços secretos britânicos descobriram que a produção de guerra alemã recuperava-se; tratava-se de mais um motivo para a intensificação da campanha aliada. Outra razão residia em saberem que fora criada uma organização alemã de emergência para a reparação das instalações petrolíferas. Uma ofensiva renovada lançada em 7 de agosto realizou sessenta bombardeamentos aéreos contra alvos petrolíferos situados na Alemanha e no sudeste da Europa. Metade dos ataques foi empreendida contra instalações de armazenamento e a outra metade, em igual proporção, contra fábricas e refinarias de petróleo sintético.

Em 12 de agosto, quando os serviços secretos britânicos decifraram uma mensagem Enigma enviada dois dias antes pelo estado-maior para a força aérea, ordenando uma redução das atividades correntes dadas as perdas de combustível sofridas pela Alemanha na sequência dos bombardeamentos aliados, tornou-se claro que os aliados haviam escolhido a estratégia correta. Os voos de reconhecimento alemães deviam ser reduzidos ao estritamente necessário. Os aviões quadrimotores somente poderiam ser utilizados com autorização superior. Os outros aparelhos deviam intervir apenas quando a ação pudesse ser decisiva ou quando as probabilidades de êxito fossem favoráveis. Essas primeiras restrições foram seguidas, alguns dias mais tarde, em 16 de agosto, por um apelo do marechal Von Kluge, que pediu autorização para retirar-se de Falaise, dadas as carências em matéria de combustível, que eram, em suas palavras, “fator decisivo”. Essa declaração dramática foi, graças à sua natureza de extremo sigilo, quase imediatamente decifrada pelos serviços vigilantes de Bletchley.



O soldado William J. Cook, de Pine Bluff, Arkansas, guarda mais de seiscentos soldados alemães, após a sua rendição em St. Malo, na costa francesa do Canal da Mancha.



Uma fotografia aérea britânica de reconhecimento, tirada sobre Auschwitz em 25 de agosto de 1944, na qual se pode ver parte das instalações daquele campo de morte.

Em 20 de agosto, bombardeiros americanos atacaram a fábrica de petróleo sintético de Monowitz. Durante a incursão, centenas de prisioneiros de guerra britânicos e dezenas de milhares de trabalhadores escravos judeus viram as bombas caírem nas instalações da fábrica. Durante o ataque, 38 prisioneiros de guerra britânicos morreram.

Num bombardeamento americano posterior, em 22 de agosto, a fábrica de petróleo sintético de Blechhammer serviu como alvo; três dias depois, seria a vez de uma fábrica similar em Pölitz. Na mesma semana, no dia 27, bombardeiros britânicos desferiram um ataque diurno contra a fábrica de petróleo sintético de Holmberg, na primeira ocasião em que os bombardeiros britânicos penetraram além do Reno à luz do dia. No mesmo dia, os serviços de informações britânicos decifraram uma mensagem Enigma transmitida pela força aérea alemã, em que o alto-comando avisava a principal esquadra na frente ocidental de que suas atividades de combate teriam de sofrer novas restrições, poupando a quantidade de combustível necessária para a preparação de 120 novos aviadores por mês, a lutarem na frente ocidental. A alternativa, conforme advertia o alto-comando, era contar apenas com a quantidade de combustível existente para o treino e a formação de novas tripulações, de forma que somente um terço das exigências de novos homens para a força aérea alemã pudesse ser garantido.

Em 23 de agosto, uma divisão blindada francesa avançava em direção a Paris, chegando a Rambouillet, 48 quilômetros a sudoeste da capital, ao anoitecer. Durante o dia, as forças da resistência, transformadas em Forças Francesas do Interior e sob o comando do general Koenig, libertaram todos os civis franceses presos na capital.



ALVOS DA CAMPANHA DO PETRÓLEO EM AGOSTO DE 1944.

Os alemães, num último esforço para demonstrar sua capacidade de resposta, atacaram os resistentes que haviam ocupado o Grand Palais, atirando contra eles. No centro da cidade, patrulhas alemãs fortemente armadas atacavam grupos de resistentes, matando muitos membros e expulsando outros das ruas, mas essa demonstração de força chegava tarde demais para mudar o destino de Paris.

Na manhã de 24 de agosto, uma força blindada francesa, comandada pelo coronel Pierre Billotte, entrou em Paris pelo lado sul, atravessando Porte d'Orléans. Dezenas de milhares de parisienses saíram às ruas para saudar os libertadores com bandeiras, alimentos, flores, vinho e beijos. No entanto, ainda existiam redutos alemães e barricadas fortemente defendidas; houve mortos em ambos os lados do combate. Civis também perderam a vida, apanhados pelo fogo dos combatentes, mas o delírio da libertação iminente afastava os últimos obstáculos enquanto os sinos da cidade repicavam, regozijando-se com a vitória.

Enquanto os alemães recuavam em todas as frentes, a SS assassinava três mil prisioneiros judeus do campo de trabalhos forçados de Mielec, no sul da Polônia, antes de evacuarem o local. Três semanas antes, dois mil judeus haviam sido assassinados no campo de trabalhos de Ostrowiec. Ainda em 24 de agosto, a tripulação de um bombardeiro americano, derrubado sobre Greven enquanto regressava de um ataque aéreo contra Hanover, foi aprisionada e transportada em direção sul, num trem, para que seus membros fossem submetidos a um interrogatório. Quando chegaram a Russelsheim, onde a linha férrea fora bloqueada após um bombardeamento britânico registrado havia algumas horas e onde as ruas estavam cheias de pessoas que eram afastadas da zona atingida, os americanos foram atacados pela multidão em fúria, espancados e apedrejados. Seis morreram durante o incidente. Dois sobreviveram.

As bombas aliadas lançadas sobre a Alemanha proporcionaram vários episódios semelhantes. No mesmo dia 24, num ataque contra a fábrica de armamentos de Gustloff, nas redondezas do campo de concentração de Buchenwald, as bombas atingiram tanto a fábrica quanto alojamentos da SS, matando quatrocentos prisioneiros e oitenta alemães. Como retaliação, o comandante do campo, major Pfister, ordenou a execução, duas semanas mais tarde, de dezesseis oficiais britânicos e franceses,

todos eles membros do Departamento de Operações Especiais (SOE), que haviam sido capturados na França durante suas missões. Os dezesseis oficiais foram enforcados. Onze dias após essas execuções, outros doze prisioneiros de guerra tiveram a mesma morte.

Em 25 de agosto, os aviões de reconhecimento aliados, com base no sul da Itália, voltaram a sobrevoar Auschwitz. Sua missão era, mais uma vez, fotografar as instalações da fábrica de petróleo sintético de Monowitz, tão importante para o esforço de guerra alemão. Novamente, a câmara obteve imagens do principal campo de Auschwitz, de Birkenau, das linhas férreas, das câmaras de gás e dos crematórios. Uma dessas fotografias, na realidade, mostrava um grupo de judeus caminhando da estação de trem para a câmara de gás e o crematório, cujas portas estavam abertas para recebê-los.

Não foram feitos esforços para identificar os prédios e as atividades de Birkenau, tais como apareciam na fotografia, embora uma planta do campo e uma descrição completa do que acontecia no local houvessem chegado ao Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, em 22 de agosto. Os dados foram enviados por um oficial sionista, Joseph Linton, que os recebera de Jerusalém, onde haviam sido reunidos a partir dos relatos dos quatro judeus evadidos de Auschwitz.

Não eram as instalações de extermínio em Birkenau, mas o centro petrolífero em Monowitz, o objetivo dos aliados, que faziam planos visando ao bombardeamento contínuo dos respectivos edifícios e à destruição da capacidade alemã de produção de petróleo. O primeiro bombardeamento contra a fábrica fora, de qualquer forma, efetuado em 20 de agosto.

O único propósito do voo de reconhecimento sobre Auschwitz em 25 de agosto era observar os estragos causados durante o ataque anterior e verificar quais reparos haviam sido feitos. O resultado foi decepcionante. “Os estragos causados não são suficientes para interferir seriamente na produção de combustível sintético e não atrasaram muito a finalização da parte do edifício em fase de acabamento”, concluiu o relatório.

Em 25 de agosto, pouco depois das 7h, o general Jacques Philippe Leclerc, comandante da 2ª Divisão Blindada da França, entrou em Paris.

Foi mais um dia de confusão; francoatiradores abrindo fogo, pequenos grupos de resistência alemã, cinquenta soldados alemães mortos enquanto tentavam defender o Ministério das Relações Exteriores, no Quai d'Orsay, e dezenas de prisioneiros alemães atacados depois da rendição, incluindo uma coluna de homens metralhados enquanto eram obrigados a desfilar em torno do Arco do Triunfo.

Às 14h30, o comandante alemão de Paris, general Von Choltitz, rendeu-se. E, às 16h, o general De Gaulle chegava à cidade, abrindo caminho entre uma densa multidão até o Hôtel de Ville. O dia de triunfo cobrou seu preço: mais de quinhentos combatentes da resistência haviam sido mortos durante a libertação de Paris e 127 civis perderam suas vidas. Na exaltação da liberdade recuperada, muitos entre os que colaboraram com os alemães foram mortos sem julgamento ou possibilidade de defesa.

Ao sul de Paris, enquanto a capital festejava, os resistentes lutavam em Lyon, tentando libertar a cidade. Em Vernon, 64 quilômetros a noroeste de Paris, tropas britânicas atravessavam o Sena. No sul da França, os americanos entravam em Avignon. Quase 1.300 quilômetros ao leste, na Eslováquia ocupada, guerrilheiros soviéticos, comandados pelo capitão Velichko, apoderaram-se da cidade de Turciansky, integrando-se num amplo levantamento eslovaco contra a dominação alemã; dois dias mais tarde, o general alemão que comandava militarmente a região foi feito prisioneiro e executado. Na Estônia, as forças soviéticas tomaram Tartu, quebrando a linha de fortificações alemã. No mesmo dia, a Romênia declarava guerra à Alemanha. O Eixo desmantelava-se. Em Varsóvia, porém, onde os insurretos lutavam havia 25 dias, Stálin continuava a recusar à aviação anglo-americana a utilização das bases aéreas soviéticas. Quase desesperado, Churchill telegrafou a Stálin em 25 de agosto:

Não pretendemos julgar as pessoas que instigaram o levantamento, o que a Rádio Moscou fez repetidamente. Nossas simpatias, contudo, dirigem-se a “pessoas quase desarmadas” cuja fê levou-as a atacar os canhões, os tanques e os aviões alemães. Não podemos pensar que as crueldades de Hitler chegarão ao fim com a resistência dos revoltosos. Pelo contrário, parece provável que, nesse momento, manifestem-se, pela primeira vez, com toda a sua força. O massacre da população de Varsóvia será um

enorme peso quando nos reunirmos no fim da guerra. A menos que proíba expressamente, propomo-nos a enviar nossos aviões.

Se Stálin não respondesse ao apelo, disse Churchill a Roosevelt, “sinto que devemos avançar e ver o que acontece”. Os aviões britânicos e americanos deveriam avançar mesmo sem a aprovação de Stálin. “Não posso conceber que ele maltrate ou detenha nossos homens”, continuou Churchill.

Contudo, Roosevelt rejeitou a sugestão de Churchill. Uma de suas razões, apresentada a Churchill em 26 de agosto, era a “clara recusa” de Stálin em autorizar que as bases aéreas soviéticas fossem utilizadas pelos aliados para o transporte de auxílios até os insurretos de Varsóvia. Outra razão residia nas “negociações” entre americanos e soviéticos sobre o uso posterior das bases soviéticas na Sibéria para o ataque de bombardeiros americanos contra o Japão. “Não considero vantajoso na perspectiva da guerra a longo prazo”, explicava Roosevelt, “associar-me a você nessa diligência junto do Tio J.”

Desse modo, a unidade anglo-americana quebrava-se quanto ao problema em Varsóvia, deixando a Grã-Bretanha prestes a dar, sozinha, um passo que irritaria muito a União Soviética.

Em 28 de agosto, soube-se, em Londres e em Washington, que, à medida que o Exército Vermelho avançava pelo interior da Polônia, prendia os dirigentes do exército nacional polonês. No dia seguinte, os governos britânico e americano emitiram uma declaração pública afirmando que o exército nacional polonês era uma “força beligerante responsável”. O futuro da Polônia transformara-se no principal motivo de retraimento entre os aliados.

Em 26 de agosto, o general De Gaulle realizou uma marcha de triunfo pela avenida Champs-Élysées. No mesmo dia, atravessando o Sena sobre as posições avançadas em Vernon, tropas canadenses e britânicas marcharam em direção a Calais e Bruxelas. Na Itália, o 8º exército britânico atacava as defesas alemãs na linha Gótica, mas, a despeito da captura de Pisa, uma contraofensiva alemã levou ao restabelecimento da linha, que permaneceria intacta durante o resto do ano.

Em Berlim, o mesmo dia assistiu a mais uma execução na prisão de Plötzensee: o enforcamento de Adam von Trott zu Solz, funcionário do Ministério das Relações Exteriores que negociara secretamente com diplomatas britânicos e americanos na Suíça, no início do ano, e que, patriota alemão convicto, era simultaneamente antinazista; pelo lado materno, descendia de John Jay, primeiro presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos.

Em 27 de agosto, foram executados não conspiradores alemães, mas civis franceses aprisionados pelas tropas alemãs quando se retiravam na aldeia de Chalaudre-la-Petite, 85 quilômetros a sudeste de Paris. No mesmo dia, tropas americanas chegaram às imediações de Provins enquanto um destacamento avançado entrava temporariamente em Chalaudre, fazendo dois prisioneiros e retirando-se. Depois, os alemães voltaram a entrar em Chalaudre em busca de “resistentes”. Nenhum foi encontrado e os americanos afastaram-se. Porém, prenderam 22 aldeões e levaram-nos para fora da aldeia; alguns conseguiram fugir, mas treze pessoas foram mortas. Quatro dias mais tarde, após os americanos libertarem a aldeia, seis prisioneiros alemães, “oferecidos” pelos americanos que os capturaram, foram fuzilados em retaliação não pelos habitantes locais, mas por gente da vizinhança.

Em seu quartel-general Toca do Lobo, na Prússia Oriental, Hitler entregou pessoalmente as Folhas de Carvalho para a cruz de Cavaleiro do dirigente fascista flamengo e comandante da brigada de assalto da Valônia, Léon Degrelle, em 27 de agosto. Tratava-se de uma recompensa e de uma honra raras, sobretudo para um voluntário estrangeiro. Somente 632 entre dois mil voluntários dirigidos por Degrelle sobreviveriam à guerra.

No dia seguinte, o ex-dirigente comunista alemão Ernst Thaelmann, que disputara a presidência do Reich com Hitler em 1932, era fuzilado em Buchenwald, após mais de dez anos de cativo. Tinha 58 anos. Também perderam a vida em Buchenwald, na mesma data, vítimas de bombas aliadas caídas acidentalmente no campo, a princesa Mafalda, filha do rei da Itália e Marcel Michelin, conhecido produtor de pneus francês.

Em Auschwitz, enquanto muitos judeus continuavam a ser exterminados, outros eram enviados para trabalhar fora do campo. Ao

mesmo tempo que trens traziam judeus do gueto de Lodz e de Rodes, Kos e Eslováquia, muitos gaseados à chegada, outros trens levavam judeus de Auschwitz para fábricas e campos de trabalho na Alemanha. Em 29 de agosto, enquanto 72 judeus doentes, jovens e adultos, e mulheres grávidas de um campo de trabalho em Leipzig eram transportados para Auschwitz e gaseados, 807 outros judeus eram enviados do famoso campo para Sachsenhausen, ao norte de Berlim, e obrigados a trabalhar em diversas fábricas. Em 30 de agosto, mais quinhentos judeus húngaros foram enviados, num trem, de Auschwitz para Buchenwald, para trabalharem numa fábrica aeronáutica da Junkers, em Markkleeberg. Alguns judeus ficaram em Buchenwald, onde, como um jovem judeu do gueto de Lodz, Michael Etkind, lembraria, “Ninguém fugia e ninguém desaparecia – exceto os mortos”.

Em 28 de agosto, as defesas britânicas do sul da Inglaterra opuseram-se, com considerável êxito, às bombas voadoras. Nesse dia, 97 bombas foram lançadas através do canal da Mancha. Treze foram destruídas por aviões britânicos ainda sobre o mar; 75, pelas baterias antiaéreas de terra; dez, por aviões de combate atuando sobre a ilha. Nove chegaram às imediações de Londres, onde duas colidiram com balões de barragem e três caíram. Somente quatro atingiram Londres.



A INSURGÊNCIA ESLOVACA ENTRE AGOSTO E OUTUBRO DE 1944.

No mesmo dia, no sul da França, forças aliadas entraram em Toulon e Marselha, fazendo 47 mil prisioneiros. No dia seguinte, Reims e Châlons-sur-Marne, ao norte, caíram nas mãos dos americanos, que se encontravam a menos de 180 quilômetros da fronteira com a Alemanha. Também em 29 de agosto, bombardeiros britânicos cruzaram todo o norte da Alemanha, até a cidade prussiana de Königsberg. Contra apenas quatro baixas entre 175 atacantes, 134 mil habitantes da cidade ficaram desalojados. Königsberg ficava a apenas noventa quilômetros do quartel-general de Hitler em Rastenburg.

Nesse mesmo dia, um piloto americano, major J. Myers, derrubou um novo caça alemão sobre a Bélgica; era uma arma inédita, mas atrasada demais para alterar o curso da guerra. A única iniciativa aparentemente possível para os alemães era lutar no interior de suas próprias linhas. Em 29 de agosto, reforços alemães chegaram à Eslováquia, onde desencadearam uma operação contra os resistentes em Zilina, Cadca, Povazska Bystrica e Trencin. Os resistentes reagiram, declarando uma República Tchecoslovaca e assumindo controle sobre a cidade de Banska Bystrica, além de ocuparem grandes zonas entre essa cidade e Brezno, Zvolen e Ruzomberok.

Em 30 de agosto, as forças soviéticas ocuparam a cidade romena de Ploesti, única fonte de petróleo bruto que restava aos alemães. Nesse dia, Kurt von Stuepnagel, ex-governador militar de Paris – que tentara suicidar-se após a conspiração contra Hitler, apenas cegando-se –, foi conduzido à força em Berlim e executado na prisão de Plötzensee.

Paralelamente, William Joyce, que seria recompensado com a cruz de Mérito Militar, acusava os conspiradores de manterem tropas decisivas afastadas da frente de batalha; assim, os conspiradores tinham o que mereciam “e eram justamente punidos”. Doravante, continuava William Joyce, “a Alemanha pode não apenas defender-se, mas, com a ajuda do tempo, ganhar a guerra”. O principal objetivo da estratégia alemã, “naquele momento”, era, portanto, ganhar tempo.

O avanço dos aliados, porém, não dava aos alemães o tempo de que precisavam: em 31 de agosto, tropas americanas cruzaram o Meuse, em Commercy, a menos de cem quilômetros da Alemanha; na Itália, tropas britânicas e canadenses atravessavam a linha Gótica enquanto os americanos atravessavam o Arno; nos Bálcãs, Bucareste caía nas mãos

do Exército Vermelho. No Pacífico, o mesmo dia assistiu à conquista americana da ilha de Numfoor, ao largo da costa norte da Nova Guiné; durante a batalha, morreram 1.730 japoneses contra 63 americanos.

Na marcha para a vitória, o êxito e a tragédia andavam juntos; ainda em 31 de agosto, enquanto as forças americanas se aproximavam, no sul da França, da aldeia montanhosa de Peira Cava, na região de Nice, doze jovens e adolescentes eram assassinados pela SS. Um monumento marca o massacre.



O LEVANTAMENTO ESLOVACO, AGOSTO A OUTUBRO DE 1944.

Em 1º de setembro, a força aérea britânica e os guerrilheiros de Tito lançaram a operação Ratweek, composta por um ataque conjunto, ao longo de sete dias, contra estradas e ferrovias controladas pelos alemães na Iugoslávia, destinado a impedir a evacuação das tropas alemãs na Grécia e nos Bálcãs. Várias conexões entre ferrovias ficaram totalmente destruídas, assim como muitos quilômetros do trajeto para a evacuação das tropas. Ao mesmo tempo, um avanço inesperadamente rápido do Exército Vermelho sobre o Danúbio, em Turnu Severin, garantiu que, dado o sucesso simultâneo da operação Ratweek, os alemães não conseguissem deslocar quaisquer efetivos substanciais dos Bálcãs para os campos de batalha da Itália ou da Europa Central.

Enquanto a operação Ratweek atingia toda a rede viária e ferroviária no norte da Iugoslávia, a resistência grega lançava a operação Arca de Noé, que visava atacar 315 mil soldados alemães que tentavam regressar à Iugoslávia – especialmente aqueles que seguiam pela região de Yannina. Os alemães, que procuraram retirar-se por uma linha mais ocidental, atravessando a Albânia, não tiveram mais sorte; os guerrilheiros albaneses estavam em ação por todas as estradas montanhosas que conduziam a Scutari e a Cattaro. Mais de trinta mil soldados alemães ficaram presos nas ilhas gregas, que não podiam ser evacuadas porque as patrulhas navais e aéreas dos aliados mantinham as águas do Egeu sob seu controle.

* * *

Em 2 de setembro, aviões americanos com base no porta-aviões ligeiro *San Jacinto*, no Pacífico, desencadearam um bombardeamento contra uma estação radiofônica japonesa em Chichijima. Um entre os pilotos americanos, George Bush, de 22 anos, realizava sua 58ª missão. Quando se achava a 960 quilômetros do Japão, seu avião foi abatido e ele caiu no mar. Quarenta e quatro anos mais tarde, Bush seria eleito presidente dos Estados Unidos.

Ainda em 2 de setembro, forças britânicas cruzaram a fronteira belga. Em Varsóvia, os insurretos, após um mês de combate, eram forçados a

abandonar suas posições na Cidade Velha e a esconderem-se nos esgotos. Na aldeia de Majorat, a nordeste da capital, os alemães matavam mais de quinhentos camponeses, incluindo velhos, mulheres e crianças.

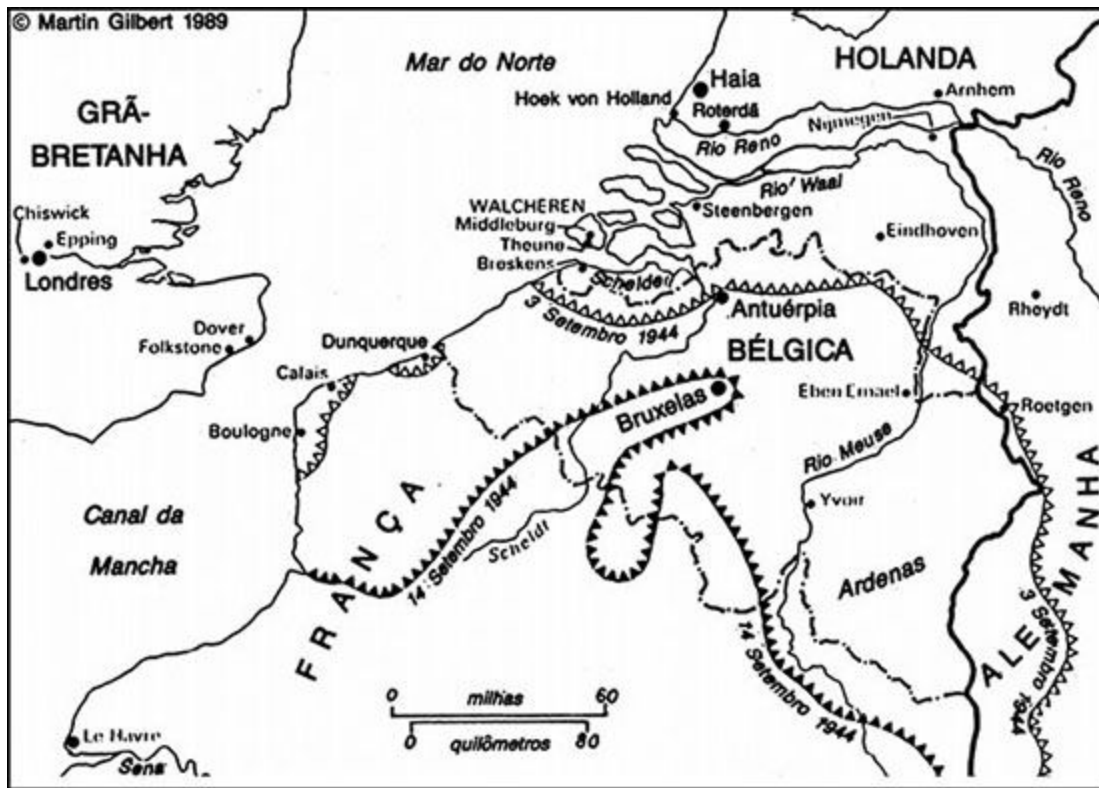
Em 3 de setembro, mil judeus foram deportados da Holanda para Auschwitz enquanto, no dia seguinte, outros 2.087 tiveram o mesmo destino. Ainda em 3 de setembro, as forças britânicas, a 320 quilômetros do campo de concentração holandês de Westerbork, entraram em Bruxelas, comemorando o quinto aniversário da declaração de guerra à Alemanha. No dia seguinte, a Antuérpia foi libertada. Nessa semana, em resultado de uma sugestão apresentada pelo filho de Churchill, Randolph, iniciou-se a evacuação aérea de 650 judeus alemães, austríacos e tchecoslovacos, retirados das regiões da Iugoslávia sob controle da resistência e levados para a Itália controlada pelos aliados. Na Itália, no porto de Fiume ocupado pelos alemães, a Gestapo prendeu um oficial superior da polícia italiana, Giovanni Palatucci, que ajudara mais de quinhentos refugiados judeus vindos da Croácia, fornecendo-lhes documentos “arianos” e garantindo que chegassem a salvo ao sul do país. Palatucci foi mandado para Dachau, onde morreria.

Em 4 de setembro, noventa oficiais do Exército Vermelho eram executados em Dachau; entre eles, Vassily Borisienko, de cinquenta anos, e Vassily Gajduk, de vinte anos. No mesmo dia, houve uma nova execução na prisão de Plötzensee, em Berlim: o enforcamento do general Erich Fritz Fellgiebel. Sua missão na conspiração de junho fora desligar os circuitos de sinalização de Rastenburg, onde trabalhava como comandante dos serviços de comunicações das forças armadas.

Hitler nomeara o marechal Von Rundstedt como comandante das forças alemãs em retirada no Ocidente, o mesmo que, em maio de 1940, conduzira as principais forças alemãs contra a França. Hitler destituíra-o do cargo em 2 de julho de 1944, por não conseguir impedir a invasão aliada à Normandia; no entanto, passados dois meses, reconduzia-o às suas funções anteriores. Von Rundstedt, porém, percebeu imediatamente que pouco se poderia fazer para deter o avanço aliado. Ao ver uma divisão jovem especialmente criada por Hitler retirar-se através do Meuse, perto da cidade belga de Yvoir, em 4 de setembro, o marechal comentaria: “É uma pena ver essa juventude cheia de fé ser sacrificada numa situação sem esperança.”

Contudo, Hitler não pretendia abandonar a França sem uma luta dura. Numa diretiva datada de 3 de setembro, entregue aos comandantes militares no dia seguinte, ordenava a defesa de Boulogne, Dunquerque e Calais. Além disso, deviam ser defendidos Bresken e a ilha Walcheren, no estuário do rio Escalda, inutilizando o porto de Antuérpia, nas mãos dos aliados, para o desembarque de tropas ou de abastecimentos. “Precisamos garantir que os aliados não possam utilizar o porto por muito tempo”, dizia Hitler. O objetivo era obrigar os aliados a usarem linhas de comunicação a distância, ligadas às unidades na Normandia.

As decisões de Hitler eram conhecidas pelos aliados graças à decifração regular de mensagens pelo sistema Ultra. Quarenta e oito horas após o Führer dar suas ordens, seus inimigos estavam informados de que não poderiam contar com uma retirada alemã acelerada nem com uma marcha rápida para a vitória. Contudo, os aliados haviam progredido tão depressa desde Falaise, havia menos de duas semanas, que a inteligência britânica previa, em 5 de setembro, que a resistência alemã terminaria em 1º de dezembro ou até mais cedo. Churchill mostrou-se cético. “É pelo menos tão provável que Hitler esteja em combate em 1º de janeiro quanto que seja derrotado”, comentou ele ao ouvir a previsão.



A BATALHA PELO NOROESTE DA EUROPA EM SETEMBRO DE 1944.

Embora os insurretos poloneses houvessem sido obrigados a abandonar a cidade velha, Churchill ainda esperava enviar algum auxílio aéreo aos subúrbios sob controle dos revoltosos: Zoliborz, Solec e Czerniakow. Para tal, expediu dois telegramas em 4 de setembro, para Roosevelt e para Stálin. Ao primeiro, dizia que a “única maneira” para auxiliar os poloneses era que os aviões americanos assegurassem o transporte de abastecimentos, “utilizando os aeródromos russos”; Churchill pedia ao presidente que, por conseguinte, autorizasse seus aviões “a realizarem a operação, aterrissando nas bases russas sem consentimento soviético, se necessário”. No telegrama enviado a Stálin, em nome do Gabinete de Guerra, dizia-se que a atitude do governo soviético em impedir a prestação de auxílio aos poloneses “parecia contrariar o espírito da cooperação aliada, à qual damos tanta importância, quer no presente quer no futuro”.

No entanto, Roosevelt recusou o pedido. “Fui informado pelos serviços de informações do exército americano”, escreveu ele, “de que os combatentes poloneses deixaram Varsóvia e de que os alemães controlam a cidade”. E acrescentou: “O problema do auxílio aos poloneses em Varsóvia parece, infelizmente, resolvido pelos adiamentos e pela ação alemã, e não vejo o que possamos fazer para ajudá-los.”

Em 5 de setembro, a rádio Bruxelas, na euforia da libertação, anunciou que a Alemanha se rendera. A notícia chegou rapidamente à Grã-Bretanha. “As pessoas saíram de suas casas, nos arredores”, noticiaria o *Daily Herald*, “e foram à cidade para comemorar. Os soldados enchiam carros e cantavam”.

Contudo, não era a rendição, mas um esforço de guerra maior, o real desígnio alemão em 5 de setembro, quando os bombardeiros Heinkel cruzaram o mar do Norte, transportando as primeiras 1.200 bombas voadoras que seriam lançadas por aviões. Em quatro meses, 66 bombas voadoras transportadas por bombardeiros caíam em Londres, mas à custa de vinte bombardeiros alemães abatidos e de outros vinte caídos no mar do Norte enquanto procuravam suas posições de lançamento de mísseis à baixa altitude, a fim de não serem identificados pelos radares costeiros britânicos.

Cinco de setembro assinalou igualmente duas iniciativas da Grã-Bretanha: o bombardeamento intensivo das docas e dos redutos militares

alemães em Le Havre, tendo o ataque causado uma tempestade de fogo que custaria a vida a 2.500 civis franceses, e a operação Brutus, que lançaria uma companhia especial de paraquedistas belgas dentro das linhas alemãs, perto de Mulet, para auxiliar a resistência da região.

A resistência italiana também era auxiliada por forças especiais britânicas e crescia em potência e em raio de ação. Em 6 de setembro, a embaixada do Japão na Itália comunicava a Tóquio, em mensagem enviada em Veneza, que, embora os alemães houvessem tido sucessos consideráveis em amplas ações punitivas contra a resistência italiana, a atividade guerrilheira continuava a crescer, especialmente em torno de Turim e da fronteira franco-italiana. A informação, decifrada pelos serviços secretos britânicos, alegrou os combatentes das unidades britânicas em ação atrás das linhas alemãs na Itália.

Em Buchenwald, quinze ingleses e franceses que haviam sido surpreendidos a auxiliar a resistência foram executados em 6 de setembro. Três dias depois, mais dezesseis eram convocados pelas autoridades do campo e fuzilados. Embora cada dia trouxesse a libertação de várias cidades e aldeias, a execução e o massacre de prisioneiros continuariam até o final da guerra.

Na tarde de 6 de setembro, forças soviéticas, cruzando o Danúbio diante de Kladovo, entraram na primeira aldeia iugoslava de sua marcha. Para Tito e seus guerrilheiros, que já eram dezenas de milhares, chegara a hora de libertar o país e de combater com os soldados soviéticos e contra os alemães. Hitler, percebendo que não demoraria muito para que um ou outro aliado entrasse em território alemão, publicou no jornal nazista *Völkischer Beobachter*, em 7 de setembro, um editorial em que declarava:

Nem mesmo uma espiga de trigo alemão deve alimentar o inimigo, nenhuma boca alemã dará a ele a mínima informação, nenhuma mão alemã o ajudará. O inimigo encontrará todas as pontes destruídas e todas as estradas bloqueadas e verá apenas morte, destruição e ódio.

Os adeptos de Hitler não duvidavam da necessidade de lutar até o fim e de aterrorizar quem atravessasse seu caminho. Em 7 de setembro,

soldados alemães revistaram uma propriedade rural perto da cidade holandesa de Middleburg, onde quatro prisioneiros britânicos evadidos estiveram escondidos durante mais de quatro meses. Três evadidos conseguiram escapar. Então, os alemães prenderam quatro belgas que ali habitavam e um quinto, de fazenda vizinha, levaram-nos para dunas próximas, obrigaram-nos a escavar suas covas na areia e fuzilaram-nos. Um entre os executados era o adolescente Yvon Colvenaer. Quando lhe propuseram poupar-lhe a vida caso falasse, ele respondeu que não queria ser um traidor – ao morrer, gritou “Viva a Bélgica!”.

No mesmo 7 de setembro, diante da ilha filipina de Mindanao, um submarino americano afundou o grande cargueiro japonês *Shinyo Maru*. Sem que a tripulação do submarino soubesse, havia 675 americanos a bordo do cargueiro, prisioneiros de guerra desde a queda das Filipinas em 1942, que seguiam a caminho do Japão. Somente 85 sobreviveram, após conseguirem nadar até a praia, onde foram recolhidos e auxiliados por guerrilheiros filipinos.

No interior da Alemanha e rumo às Filipinas

Setembro de 1944

Em 7 de setembro de 1944, o governo britânico anunciou que a ameaça criada pela bomba voadora fora vencida. O último míssil atravessara o canal da Mancha sete dias antes. Na manhã de 8 de setembro, as primeiras páginas dos jornais britânicos anunciavam o fim do ataque. Na mesma noite, os dois primeiros mísseis V2 atingiram a Grã-Bretanha, caindo nos arredores de Londres, em Epping e em Chiswick, e matando três pessoas. Os V2 haviam sido lançados a partir da Holanda, a 320 quilômetros de Londres e a menos de cem quilômetros da linha da frente aliada. Para não dar a satisfação aos alemães e não sugerir correções ao lançamento de outros V2, não foram dadas notícias acerca dos mísseis durante cerca de um mês, quando o *New York Times* relatou o sucedido.

Enquanto Londres enfrentava a ameaça da nova arma alemã, o governo belga exilado na capital regressava a Bruxelas. No mesmo dia, os russos completavam a ocupação da Bulgária; o governo formado em Sófia, em 9 de setembro, assumiu o compromisso de ruptura definitiva com a Alemanha e de amizade com a União Soviética. Mais tarde, ainda no mesmo dia, todos os “membros pró-alemães” do governo anterior foram detidos.

Várias execuções ocorreram em Berlim, em 8 de setembro, em consequência da conspiração de julho. Entre os enforcados estava Elizabeth von Thadden, cuja casa abrigara uma reunião, em 10 de setembro de 1943, para discutir a queda do regime nazista. Também foram enforcados o diplomata Ulrich von Hassell, o capitão do exército conde Ulrich von Schwerin-Schwanefeld e o advogado Joseph Wirmer.

A vingança alemã abatia-se, entretanto, sobre aqueles que combatiam pelos aliados no interior das linhas alemãs. Em 9 de setembro, um grupo

de 39 holandeses, um americano e sete ingleses, todos responsáveis por atividades clandestinas antinazistas e por atos de sabotagem, foram transportados para o campo de concentração de Mauthausen, na Áustria. Após passarem a noite num *bunker*, foram levados descalços e vestindo apenas roupas íntimas até a pedreira do campo, onde, como um narrador escreveu, os 186 degraus na rocha estavam ladeados por homens da SS e por guardas “agitando seus bastões e antecipando o espetáculo”. Os 47 prisioneiros foram “carregados com blocos de pedra que pesavam quase trinta quilos e forçados a subir os degraus. A subida foi repetida diversas vezes, e as pancadas chegavam cada vez mais depressa, à medida que os prisioneiros exaustos caíam”. Um entre os prisioneiros era o judeu britânico Marcus Bloom, que trabalhara numa estação de rádio clandestina na Europa ocupada. Foi abatido com um tiro na cabeça, à queima-roupa. Depois, os outros foram mortos.

Em 9 de setembro, 320 quilômetros além das linhas aliadas no norte da Itália, o exército alemão e as forças fascistas assinaram um acordo com os resistentes, determinando que se retirariam imediatamente de Domodossola e dos vales circundantes.

No dia seguinte, entrava na Alemanha, pela aldeia de Roetgen, o primeiro soldado aliado; era o americano Charles D. Hiller, acompanhado em seu jipe por um belga, Henri Souvée. Foi um momento histórico. Os aliados ocidentais encontravam-se mais perto de Berlim do que as tropas soviéticas, mas continuavam, por outro lado, a bombardear o coração da Alemanha. Uma fábrica de armamento em Chemnitz foi alvejada por 132 aviões americanos durante um ataque diurno em 11 de setembro. Nessa noite, mais de duzentos bombardeiros britânicos atacaram Darmstadt. Na tempestade de fogo, morreram cerca de 12.300 pessoas, sendo vinte por cento desse número composto por crianças. Perderam-se somente doze bombardeiros britânicos.

À meia-noite de 10 de setembro, as tropas americanas passaram a controlar o forte de Eben-Emael que, em maio de 1940, fora o mais terrível obstáculo na linha de defesa belga contra a ofensiva alemã. Na época, fora defendido com o máximo esforço; agora, rendia-se sem luta. Em 12 de setembro, rendeu-se a guarnição alemã em Le Havre. No

mesmo dia, a Romênia assinou um armistício com União Soviética, Grã-Bretanha e Estados Unidos; seus deveres seriam participar da guerra contra a Alemanha e a Hungria e pagar trezentos milhões de dólares em mercadorias e matérias-primas à União Soviética em troca de retomar as fronteiras que possuía em junho de 1940. Os romenos foram obrigados a pagar, deste modo, o preço da derrota; para a União Soviética, o preço da vitória havia sido 46.783 mortos.

O preço das ações clandestinas era também a morte; em 12 de setembro, os alemães mataram quatro agentes britânicos em Dachau: Noor Inayat Khan, Yvonne Beekman, Elaine Plewman e Madeleine Damerment.

Em 9 de setembro, Stálin finalmente concordou em enviar auxílio aéreo aos insurretos de Varsóvia e em permitir que os aliados ocidentais utilizassem as bases soviéticas. Na noite de 13 de setembro, os primeiros lançamentos soviéticos – carregamentos de comida – chegaram a Varsóvia. O piloto do primeiro avião soviético presente na operação era o polonês Alexander Danielak.

A menos de 280 quilômetros a sudoeste de Varsóvia, no mesmo 13 de setembro, bombardeiros americanos atacaram instalações alemãs de produção de petróleo sintético em Oderthal e Monowitz, onde os aviões se depararam com fogo antiaéreo cerrado, mas conseguiram atingir seu alvo, a apenas oito quilômetros das câmaras de gás que continuavam a funcionar em Auschwitz-Birkenau.

Os aviões atacantes, erroneamente, lançaram algumas bombas no campo principal de Auschwitz, destruindo os edifícios da SS, matando quinze homens e deixando outros 28 gravemente feridos. A oficina de alfaiataria do campo também foi atingida e destruída, matando quarenta prisioneiros que ali trabalhavam, entre os quais 23 judeus. Outros 65 prisioneiros foram gravemente feridos.

No mesmo ataque, algumas bombas foram lançadas por engano em Birkenau. Um projétil danificou a estrada de ferro que levava ao campo e os acessos aos crematórios. Uma segunda bomba caiu num abrigo perto dos crematórios, matando trinta trabalhadores civis.

Para os judeus que trabalhavam como escravos em Monowitz, o bombardeamento foi considerável. Entre aqueles que o presenciaram estava Shalom Lindenbaum, que chegara a Monowitz, vindo de Birkenau, apenas alguns dias antes. Mais tarde, Lindenbaum descreveria a chegada dos aviões americanos:

Paramos de trabalhar, e os alemães, soldados ou civis, correram para os abrigos. Nós, em grande parte, não o fizemos. Era uma maneira de exprimirmos um sentimento de superioridade e uma espécie de desforra. Nada tínhamos a perder e esperávamos apenas assistir à destruição da grande fábrica que construíamos para a IG Farben. Foi o que, sem dúvida, impediu que fugíssemos. O sentimento de alegria não se modificou quando os americanos começaram o bombardeamento e também sofremos nossas baixas – mortos e feridos. Era belíssimo ver os grupos de bombardeiros que se sucediam, lançando bombas, destruindo edifícios e matando membros do Herrenvolk.

Lindenbaum acrescentou ainda, sobre o ataque de 13 de setembro e aqueles que o seguiram:

Esses bombardeamentos reanimaram-nos e, paradoxalmente, talvez tenham despertado algumas esperanças de sobrevivência e de libertação do inferno. Em nossa imaginação enlouquecida, queríamos ver uma coordenação entre os ataques aliados e o muito pequeno movimento clandestino no campo, com o qual eu estava em contato. Começamos a pensar numa destruição coordenada e na fuga: a destruição viria dos bombardeiros e de nossas mãos quando fugíssemos, ainda que precisássemos nos transformar em bombas vivas...

No dia do ataque contra Monowitz, os aliados souberam que tiveram êxito em sua campanha de destruição do petróleo inimigo. Uma mensagem enviada a Tóquio pela missão naval japonesa e decifrada em Bletchley comunicava que, apesar do bombardeamento, a produção de aviões e de bombas alemãs continuava a progredir, tendo sido a falta de combustível, devida aos bombardeamentos, uma entre as razões da derrota na França e o motivo que impedia a força aérea alemã de “reconquistar o domínio dos ares”.

Em Hanford, nos Estados Unidos, a 370 quilômetros do oceano Pacífico, o mesmo dia assistiu ao fim de uma série de experiências

decisivas para a ativação de uma pilha atômica, fase preliminar essencial para a fabricação da bomba atômica. Sob a supervisão do cientista de origem italiana Enrico Fermi, a experiência teria sucesso, pela primeira vez, duas semanas depois.

Em 14 de setembro, o Exército Vermelho, já na aldeia de Miedzylesie, avançou para norte sobre Praga, subúrbio de Varsóvia, enquanto, do outro lado do rio, os insurretos continuavam a combater na zona para onde Churchill, havia dez dias, quisera mandar auxílio aerotransportado. No mesmo dia, um avião soviético sobrevoou um entre os subúrbios onde se dava a revolta, Zoliborz, soltando uma carga de fornecimentos acompanhada de uma carta que informava os nomes dos locais onde seriam largados novos materiais para os insurretos. No intervalo de 48 horas, os soviéticos haviam fornecido aos poloneses duas metralhadoras pesadas, cinquenta pistolas metralhadoras e cinquenta mil cargas de munições.

Enquanto os revoltosos travavam a sua heroica, mas desesperada, batalha final contra o exército alemão, Churchill encontrava-se com o presidente Roosevelt em Quebec. Tinham uma proposta do secretário de Estado do Tesouro dos Estados Unidos, Henry Morgenthau, sugerindo que, quando a Alemanha fosse derrotada, as indústrias do Ruhr e do Sarre fossem “completamente desmanteladas”. Os russos, explicava Churchill num telegrama ultrassecreto enviado ao Gabinete de Guerra britânico, reclamariam “grande parte” da maquinaria presente nas duas regiões industriais “para reparar suas próprias fábricas”, devastadas pela guerra. Em seguida, continuava Churchill, “um organismo internacional eficaz deverá manter esses potenciais centros de rearmamento completamente fora de ação por muitos e longos anos”. As consequências, observava Churchill, “serão acentuar o caráter rústico da vida alemã enquanto os bens até agora produzidos por eles em seus centros industriais passem a ser, em larga escala, fornecidos pela Grã-Bretanha. O montante pode atingir três ou quatro milhões de libras por ano”. Churchill ainda dizia: “Fui surpreendido, mas considero que o argumento relativo ao desarmamento é decisivo e que suas consequências benéficas decorrerão naturalmente.”

O plano Morgenthau, como tornou-se conhecido pouco depois, foi aprovado por Churchill e Roosevelt em 15 de setembro, quando os dois estadistas assinaram um programa “para a eliminação das indústrias de guerra presentes no Ruhr e no Sarre” e “destinado a converter a Alemanha num país essencialmente agrícola e rural”. Eden, mais tarde, disse a Churchill que ele próprio e o secretário de Estado dos Estados Unidos, Cordell Hull, sentiram-se “horrorizados” ao tomarem conhecimento do acordo e acrescentou que o Gabinete de Guerra britânico nunca aceitaria proposta semelhante. Mais tarde, seria o Departamento de Estado a rejeitá-la.

Em 14 de setembro, as tropas americanas desembarcaram na ilha de Morotai, nas Molucas, cujas bases eram necessárias para desencadear prolongadas operações de bombardeamento contra as Filipinas e o Japão. Na batalha pela posse da ilha, morreram 325 japoneses e 45 americanos. Custaram mais vidas a ambos os lados, no mesmo dia, os desembarques americanos nas ilhas Palau, nas Carolinas Ocidentais. O número de mortes registrado na conquista da ilha Peleliu seria o mais elevado em qualquer ataque anfíbio da história dos Estados Unidos, tendo sido mortos, em onze dias, 9.171 americanos contra 13.600 japoneses.

Em 16 de setembro, Dunquerque, que os alemães haviam vencido em 1940, via-se atacada pelos aliados e eficazmente cercada. No mesmo dia, em Beaugency, no Loire, 754 oficiais e 18.850 soldados alemães rendiam-se aos americanos. Mais trinta mil alemães, no entanto, evitaram um cerco americano ao fugir para leste. Hitler, a despeito do colapso de suas forças na França e na Bélgica e da violação das fronteiras da Alemanha, tencionava, decididamente, retomar a iniciativa das operações; ainda no dia 16, data da rendição de Beaugency, informou aos seus generais com maiores responsabilidades, entre os quais Jodl e Guderian, que pretendia desencadear uma ofensiva contra os aliados antes do fim do ano, que aconteceria, explicou, através das Ardenas, sendo seu objetivo o porto da Antuérpia.

Nessa noite, na frente oriental, um general polonês sob comando dos russos, Berling, autorizou dois batalhões do regimento de infantaria

polonesa a atravessarem o Vístula, a oeste de Miedzylesie, e a entrarem em Czerniakow, subúrbio de Varsóvia. Contudo, após passarem pelo rio, os soldados atacantes foram repelidos pela artilharia pesada alemã e obrigados a voltar à margem de onde haviam partido na sequência de repetidos ataques alemães de forças blindadas e de infantaria.

Igualmente sem êxito, mas muito mais pesada em perdas, foi a operação Market Garden, consistindo, no dia seguinte, 17 de setembro, numa tentativa aliada de colocar três divisões aerotransportadas atrás das linhas alemãs na Holanda, em Nijmegen, Eindhoven e Arnhem, visando conquistar uma ponte sobre o Reno, situada em Arnhem. Após oito dias de combates e de, no quinto dia, uma brigada de paraquedistas polonesa tentar reunir-se à força anglo-americana inicial, a ponte foi retomada pelos alemães.

Ao todo, mais de seis mil, entre os dez mil homens da força aliada, foram feitos prisioneiros e pouco mais de dois mil conseguiram atravessar novamente o Reno, salvando-se. Os aliados haviam sofrido 1.130 perdas, que poderiam ser ainda mais pesadas, mas os esforços do major Richard Lonsdale, à frente de um pequeno destacamento de soldados de várias nacionalidades, isolados em suas unidades, garantiram a posse de uma região, permitindo a retirada de muitos sobreviventes através do Reno. Quando o último grupo se retirou, Lonsdale foi o último a partir.

No norte da Itália, soldados alemães e da Itália fascista atacaram, em 17 de setembro, um grupo de quinze resistentes, cujo esconderijo em Verona fora denunciado. A comandante do grupo, a judia Rita Rosani, de Trieste, com 24 anos, participara de diversas operações na região de Verona, mas, ferida durante a luta, caiu e seria descoberta por um oficial fascista, que a abateu.

Em 18 de setembro, dois voos raros aconteceram sobre a Europa ocupada. O primeiro incluiu 107 bombardeiros americanos que, a partir de bases na Grã-Bretanha, dirigiram-se a Varsóvia, largaram seus carregamentos de auxílio aos insurretos poloneses e seguiram para a base aérea soviética em Poltava, com o conhecimento e a autorização de Stálin. A zona controlada pelos revoltosos de Varsóvia era tão reduzida

que, entre os 1.284 contentores com armas e mantimentos lançados pelos americanos, cerca de mil caíram em mãos alemãs. Somente dois bombardeiros aliados foram, no entanto, abatidos.

O segundo voo deu-se no contexto da operação Amsterdã e de uma linha de evasão aliada, utilizando uma pequena aeropista gramada em Tri Duby, na Eslováquia central, entre Zvolen e Banska Bystrica, então sob controle de guerrilheiros eslovacos. No dia 18, dois B-17 Flying Fortress, vindos de Bari, no sul da Itália, aterrissaram na pista eslovaca, acompanhados por uma escolta de 41 aviões Mustang, que permaneceram no ar, sobrevoando a pista, durante os 25 minutos em que os bombardeiros estiveram no solo. À data, a operação Amsterdã já levava 4,5 toneladas de artigos militares para os resistentes eslovacos e soviéticos na região e permitira a fuga de doze aviadores americanos, três britânicos e um tchecoslovaco.

Um terceiro voo notável, realizado também em 18 de setembro, envolveu o transporte aéreo de abastecimentos para tropas britânicas em Arnhem; o tenente D. S. A. Lord, pilotando um avião Dakota, foi atingido duas vezes ao aproximar-se de seu alvo, perdendo um motor do aparelho no fogo. Ainda assim, Lord manteve-se em sua missão e conseguiu lançar a maior parte do carregamento que trazia, ordenando, a seguir, que seus homens saltassem de paraquedas. Pouco depois, o avião caía, em chamas, e Lord perdia a vida. Recebeu, a título póstumo, a cruz Victoria, uma entre as cinco condecorações desse tipo – sendo quatro a título póstumo – conquistadas em Arnhem.

Ainda em 18 de setembro, um míssil V2, caindo no subúrbio londrino de Southgate, matou dezessete civis; ao todo, 56 civis foram mortos durante essa semana em Londres. Bombardeamentos alemães através do canal, contra Dover e Folkestone, operados com peças instaladas na região de Calais, causaram mais 22 mortes entre a população civil da Grã-Bretanha.

Entretanto, Hitler autorizava a retirada de tropas estabelecidas na Estônia. No mesmo dia, concordou que o governo britânico fosse contatado para auxiliar com gêneros alimentícios os civis presos nas ilhas da Mancha sob ocupação alemã. No dia seguinte, os americanos ocuparam o porto atlântico de Brest, aprisionando seu comandante, o general Hermann Ramcke.

Com menos sucesso, dois batalhões poloneses atravessaram o Vístula em 19 de setembro, tentando estabelecer ligação com os insurretos, que ainda resistiam, no subúrbio de Czerniakow, contra um furioso assalto alemão. Não houve como alcançar ou proteger os revoltosos. A ação do general Berling em sua tentativa, segundo Stálin disse ao embaixador americano em Moscou, Averell Harriman, quatro dias depois, ocorrera apesar “da fundamentada opinião contrária dada pelo Exército Vermelho”.

Quase a seguir, Berling foi destituído do comando de suas tropas e seria o general Galicki quem comandaria os batalhões que atravessariam o Vístula.

Em 19 de setembro, Churchill estava na residência de Roosevelt em Hyde Park, à beira do Hudson. Haviam sido prevenidos por seus conselheiros científicos de que uma bomba atômica, equivalendo a cerca de vinte mil ou trinta mil toneladas de TNT, estaria “quase certamente” pronta até agosto de 1945. Na realidade, a bomba poderia alcançar um poder explosivo três ou quatro vezes superior. Churchill fora informado de que cientistas e técnicos britânicos estavam “cooperando com os planos e a construção das instalações de produção americanas”.

Churchill e Roosevelt concordaram no seguinte ponto, que se tornou objeto de uma ata: “Quando uma ‘bomba’ estiver finalmente disponível, talvez possa, após cuidadosa ponderação, ser utilizada contra os japoneses, sendo avisados de que o bombardeamento será repetido se persistirem em não se render.”

A natureza da bomba a ser utilizada contra os japoneses era clara pelo menos no que se referia à sua potência explosiva. Tratava-se, verdadeiramente, de uma bomba equivalente a, no mínimo, vinte mil toneladas de explosivos; na semana em curso, 2.600 ataques de bombardeiros britânicos e americanos haviam lançado 9.360 toneladas de bombas.

Também em 19 de setembro, dois membros da força aérea americana, recebendo instruções para trocarem o emblema da aviação pelo brasão do corpo de engenharia, foram levados a Los Alamos, em Novo México, e informados sobre os efeitos da bomba atômica e sobre os perigos para a

tripulação que a lançasse. “As ondas do choque provocado pela explosão podem destruir o avião”, explicou um entre os responsáveis pelo projeto, Robert Oppenheimer, ao coronel Paul Tibbets, acrescentando: “Receio não poder dar-lhe qualquer garantia de sobrevivência.”

Entre as pessoas a quem o segundo aviador americano, tenente Beser, foi apresentado em Los Alamos, encontrava-se um jovem técnico, David Greenglass. Sem que ninguém ligado ao projeto ultrassecreto em fase de conclusão soubesse, Greenglass roubara os primeiros entre muitos planos que, a troco de algumas centenas de dólares, dispusera-se a entregar aos russos.

Ainda em 19 de setembro, morreu o patriota Guy Gibson, que recebera a cruz Victoria por comandar o ataque aéreo de Möhne, em 1943; a seu pedido, deixara o trabalho nos serviços para participar num bombardeamento contra o centro de comunicações de Rheydt, na Holanda, sob controle alemão. No regresso, seu aparelho foi abatido sobre a aldeia de Steenberg; ele e seu navegador, capitão J. B. Warwick, perderam a vida. Foram sepultados, num único caixão, no cemitério católico romano local.

No mesmo dia, enquanto os alemães iniciavam a evacuação da Estônia, três mil judeus, presos no campo de trabalho escravo de Klooga, foram retirados dos alojamentos, como que para serem evacuados, e abatidos. Mais 426 judeus foram igualmente mortos no campo vizinho de Lagedi. No dia seguinte, começou mais uma deportação para Auschwitz, de quatro mil judeus instalados no gueto de Theresienstadt. Antes, foram obrigados a aparecer num filme concebido para exibição na Alemanha, sob o título: *O Führer doa uma cidade aos judeus*.

No filme, prisioneiros apareciam na biblioteca, numa piscina, num salão de dança, num banco e em oficinas de alfaiataria, sapataria e costura. Crianças eram apresentadas num parquinho, num campeonato de futebol e numa cantina, onde abundavam pão, queijo e tomates. Havia também imagens de soldados alemães feridos no campo de batalha, com a seguinte legenda: “Enquanto os judeus de Theresienstadt bebem café, comem bolos e dançam, nossos soldados enfrentam essa guerra terrível, sofrendo todas as privações para defender a pátria.”

Quase todos os judeus que apareceram no filme foram deportados para Auschwitz; poucos sobreviveram. Kurt Gerron, que os alemães indicavam como diretor e roteirista do filme, morreu em Auschwitz em novembro seguinte.

Em 20 de setembro, era desencadeada em Foggia, no sul da Itália, a última tentativa de abastecer Varsóvia por via aérea, tendo em vista os grupos de combatentes que ainda lutavam contra os alemães nos bosques situados a cerca de dezesseis quilômetros da cidade. Vinte aviões, pilotados por voluntários poloneses, cruzaram o Adriático, a Hungria, a Eslováquia e o sul da Polônia. Cinco entre os vinte aviões foram abatidos. Somente a via Frantic, da Europa até as bases na União Soviética, permanecia utilizável, mas, em 2 de outubro, Stálin vetaria a utilização de Poltava para voos britânicos ou americanos com destino a Varsóvia.

Em 21 de setembro, enganando os membros da força de segurança britânica que o guardavam na ilha adriática de Vis, o dirigente da guerrilha iugoslava, marechal Tito, voou num Dakota até uma base soviética na Romênia. Dali, seguiu para Moscou, onde assinou um acordo, autorizando a “entrada temporária de tropas soviéticas no território da Iugoslávia”. Tito garantiu que houvesse, no acordo, uma cláusula estabelecendo que o Exército Vermelho abandonaria a Iugoslávia assim que sua “missão operacional” chegasse ao fim. Os russos também não desfrutariam de qualquer autoridade sobre os resistentes uma vez que as duas forças estivessem lutando no interior da Iugoslávia.

Em Roma, ocorria, em 20 de setembro, o julgamento de Pietro Caruso, ex-chefe da polícia italiana que fornecera à Gestapo nomes suplementares a serem incluídos numa lista de execução alemã para a zona do Adriático. Considerado culpado, foi executado por um pelotão de fuzilamento na manhã seguinte.

No Pacífico, o mesmo 21 de setembro assistiu ao primeiro ataque aéreo americano contra as Filipinas, nos momentos preliminares de uma ação destinada a retomar a mais importante entre as conquistas japonesas em

território americano. Os aviões partiram de porta-aviões situados a mais de 230 quilômetros de seus alvos, em torno de Manila. Em dois dias, 405 aviões japoneses foram destruídos ou danificados e 103 navios foram afundados ou atingidos. Apenas quinze aviões americanos foram derrubados. Era o início do cumprimento da promessa do general MacArthur, proferida mais de dois anos antes: “Eu voltarei.”

Na Europa setentrional, a libertação da França estava quase completa na terceira semana de setembro; no dia 22, a guarnição alemã em Boulogne rendia-se às tropas canadenses. Na Itália, as forças aliadas atravessavam a linha Gótica e, em 25 de setembro, estabeleciam uma nova linha, cruzando a península de Pisa a Rimini. Na frente oriental, o Exército Vermelho entrou na capital da Estônia, Talin, ao longo da mesma semana. Na Grécia, os alemães eram expulsos do Peloponeso; assim, quando um grupo de comando britânico foi lançado em paraquedas sobre Araxos, em 23 de setembro, descobriu-se que os alemães haviam partido.

Apenas em Varsóvia a guerra continuava favorável aos alemães. Em 23 de setembro, suas tropas controlavam toda a margem ocidental do Vístula e, no dia seguinte, avançavam sobre os últimos bolsões de resistência relevantes, nos subúrbios de Mokotow e Zoliborz. O mesmo dia assistiu a um entre os últimos voos aliados que transportavam auxílio aos poloneses, que, por sua vez, recuavam para porões e esgotos e já não dispunham de espaço aberto suficiente para serem abastecidos. O último voo de auxílio seria realizado três dias mais tarde, quando um piloto polonês, abatido sobre Dabrowa e gravemente ferido, foi capturado pelos alemães, interrogado e fuzilado. Perto da aldeia de Dziekanow, um tripulante de um avião americano capturado foi espancado até a morte pelos alemães. Ao todo, 306 aviões aliados haviam sobrevoado Varsóvia, com tripulações polonesas, britânicas, americanas e sul-africanas; 41 aparelhos foram abatidos, matando pelo menos duzentos aviadores.

No campo de prisioneiros de guerra em Colditz, alguns oficiais aliados, impelidos pela esperança e pelo desespero, tentaram fugir, mas se depararam com terríveis obstáculos. Um entre eles, Michael Sinclair, conhecido pelos alemães como Raposa Vermelha, tentou a fuga três

vezes. Durante a primeira tentativa, foi atingido por uma bala que atravessou seu peito a cinco centímetros do coração. Depois de uma estada no hospital, tentou novamente, mas foi capturado quando se encontrava a dois dias da fronteira holandesa. Em 25 de setembro, procedeu à terceira tentativa; ao correr e tentar passar pelo arame farpado que cercava o parque diante do castelo, com outros prisioneiros, foi abatido pelos tiros da forte escolta de guardas.

Em 6 de setembro, as tropas aliadas encurraladas em Arnhem renderam-se aos alemães. Nesse dia, em Rastenburg, Hitler criou, por meio de um decreto, um exército popular de defesa do território alemão, mobilizando todos os homens entre dezesseis e sessenta anos. Sua determinação inabalável em defender palmo a palmo a terra alemã contrastava agudamente com sua aparência física. Um general que o visitou nessa data, Nikolaus von Vormann, notou que “foi um homem quebrado e cansado quem me saudou, apoiando-se numa cadeira, com os ombros caídos, e pedindo-me que me sentasse”. Vormann acrescentou: “Falava tão baixinho e com tanta hesitação que era difícil entender o que ele dizia. As mãos tremiam tanto que precisava prendê-las entre os joelhos.”

Hitler teria motivos para tremer quando, um pouco mais tarde naquele dia, Himmler o visitou, levando-lhe uma pasta, com 160 páginas de documentos, que a Gestapo descobrira no quartel-general alemão em Zossen, que revelavam o comprometimento do almirante Canaris, ex-dirigente da contraespionagem do Reich, com conspirações contra Hitler desde os primeiros dias da guerra. Entre os documentos, estavam provas do aviso enviado ao Ocidente sobre as intenções de Hitler em 1940. Também eram incriminados pelos papéis trazidos por Himmler dois entre os mais altos responsáveis da equipe de Canaris, o general Oster e Hans von Dohnanyi, além do ex-prefeito de Leipzig, Karl Goerdeler. As ramificações da rede contra Hitler pareciam não ter fim.

Em 26 de setembro, numa operação sob o codinome Mongoose, três americanos foram lançados de paraquedas atrás das linhas alemãs na Itália, perto de Stresa. Na sequência da ação, seria rapidamente organizada uma rede de inteligência entre os resistentes italianos, dirigida pelo major William V. Holohan. Mais ao sul, no entanto, em Marzabotto, perto de Bolonha, as forças alemãs comandadas pelo major

da SS Walter Reder desencadeavam uma operação antirresistência que levaria à morte quatrocentos guerrilheiros.

No subúrbio de Mokotow, em Varsóvia, os últimos insurretos ainda em combate renderam-se aos alemães na tarde de 27 de setembro. Nessa noite, Himmler telefonava ao comandante das forças alemãs, general Von dem Bach Zelewski, para dar-lhe a notícia de que Hitler lhe concedia, e ao general Dirlwanger, a cruz de Cavaleiro. Ao longo dos cinco dias seguintes, uma terrível vingança recaiu sobre todos os insurretos capturados. Durante a batalha, quinze mil resistentes poloneses haviam sido mortos, contra menos de dez mil homens alemães. Calcula-se que duzentos mil civis poloneses tenham sido assassinados em represálias selvagens durante a batalha ou após.

Ainda em 27 de setembro, o navio de transporte japonês *Ural Maru* foi torpedeado diante de Okinawa por um submarino americano enquanto se encaminhava para casa, saindo de Cingapura. Mais de dois mil passageiros, entre 2.350, morreram afogados. Entre eles, Bishan Singh, jovem indiano que se oferecera como voluntário ao Japão para combater o império britânico e que, havia quase um ano, em 24 de outubro de 1943, recebera a aprovação do fundador do Exército Nacional indiano, Subhas Chandra Bose. Nove companheiros de Bishan Singh, também voluntários, foram salvos no mar. Por fim, chegariam ao Japão e conseguiriam realizar seu objetivo de combater os britânicos, fazendo-o, ao lado dos japoneses, na Birmânia.

Em 28 de setembro, duzentos ciganos, que haviam sido enviados de Auschwitz para Buchenwald, regressavam ao primeiro campo, sendo gaseados imediatamente. No mesmo dia, em Theresienstadt, o general da SS Heinrich Müller convocava voluntários que quisessem livrar-se das privações do gueto e trabalhar em fábricas na Alemanha. Cerca de 2.300 judeus optaram pelo que pensaram ser uma via de esforço e sobrevivência, mas foram enviados a Auschwitz, onde novecentos seriam gaseados poucas horas após a chegada.

Muitos entre os deportados de Theresienstadt eram judeus alemães, removidos, havia dois anos, de Berlim e de outras cidades para o gueto.

Wilhelm Leuschner, ex-dirigente sindical envolvido na conspiração de julho, foi assassinado na mesma semana, em 29 de setembro. Dois dias mais tarde, Rudolf Schmundt, principal assessor militar de Hitler, gravemente ferido durante o atentado, morreria, vítima dos ferimentos recebidos.

Na Alemanha, todos aqueles que haviam sido declarados “inimigos do povo” em consequência de atos relativamente menores corriam riscos mais graves do que a simples prisão. Em Viena, dezessete empregados dos correios, declarados culpados pelo roubo de chocolate e de sabão entre encomendas mal acondicionadas destinadas ao exército alemão, foram conduzidos a uma praça pública e executados.

Em outubro, duas séries de experiências médicas foram realizadas sobre homossexuais em Buchenwald; a primeira, usando sete homens como cobaias, teve lugar no dia 1º; a segunda, com onze vítimas, aconteceu nove dias mais tarde. As experiências envolviam a castração dos detidos; vários homens morreram após a operação.

Em 3 de outubro, num prelúdio do avanço aliado pela Holanda, 247 aviões britânicos atacaram os diques que protegiam a ilha de Walcheren. Utilizando bombas semelhantes às aquelas que anteriormente destruíram a barragem de Möhne, no Ruhr, o ataque demoliu mais de cem metros do dique, fazendo com que o mar avançasse sobre a ilha. Durante a incursão, foram mortos 125 habitantes – 47 abrigaram-se num moinho, em Theune, que se abateria sobre eles. Durante um mês, os ataques aéreos contra as posições alemãs em Walcheren prosseguiram; somente após mais de oito mil toneladas de bombas serem lançadas contra estações de radar, depósitos de munições e baterias de artilharia, as forças britânicas e canadenses atravessaram o rio Escalda, vindas de Breskens, para ocupar a ilha.

Em 4 de outubro, tropas paraquedistas britânicas desciam em Patras, na Grécia, no contexto da operação Manna, destinada a libertar todo o Peloponeso e, no devido momento, Atenas. No mesmo dia, o Exército Vermelho expulsava os alemães da cidade iugoslava de Pancevo, na margem oriental do Danúbio, a menos de dezesseis quilômetros de

Belgrado. Nessa noite, 22 bombardeiros britânicos e americanos voaram do sul da Itália até o Danúbio, onde lançaram 58 minas, a norte de Győr e a leste de Esztergom, para impedir abastecimentos alemães por via fluvial através da Hungria.

Os britânicos estavam em guerra contra a Alemanha havia mais de cinco anos; os russos, havia mais de três anos; e os americanos, havia quase três anos. O desgaste provocado por um conflito tão longo era evidente para os comandantes de todos os exércitos. Em 4 de outubro, o general Eisenhower distribuiu um relatório entre todas as suas unidades de combate na Europa, referindo-se claramente a certo tipo de dificuldade. “A chave para a compreensão do problema psiquiátrico”, dizia o relatório, “está simplesmente em que o perigo de morrer ou ser mutilado provoca uma tensão tão grande nos soldados que os leva ao colapso. A imagem dos rostos retraídos e apáticos dos pacientes que chegam, cambaleantes, ao centro médico, chorando, tremendo, referindo-se queixosamente às ‘granadas’ e aos amigos mutilados ou mortos, basta para convencer a maior parte dos observadores dessa verdade”.

Não havia, continuava o relatório, “habituação ao combate”:

Cada homem sabe que pode ser morto a qualquer momento, fato em que é obrigado a pensar constantemente ao ver os amigos mortos e mutilados que o rodeiam. Cada instante do combate implica uma tensão tão grande que os soldados tenderão a esmorecer em relação direta à intensidade e ao período de exposição. As baixas psiquiátricas em tempos de guerra são tão inevitáveis quanto as mortes causadas por canhões e granadas.

As forças americanas calculavam que um soldado de infantaria poderia “durar” cerca de duzentos dias de combate regular na Itália. Os comandantes britânicos, que retiravam seus homens da frente a cada doze dias de combate, para um período de descanso de quatro dias, calculavam que os soldados permaneceriam em forma por mais de quatrocentos dias de combate. O relatório americano, que apresentava esses números, continuava:

Um ferimento ou um golpe é considerado não uma desgraça, mas uma bênção. Um maqueiro declarou: ‘Uma coisa engraçada é que os soldados que transportamos, depois de feridos, estão sempre felizes... Sentem-se, com certeza, satisfeitos por saírem dali.’ Sob essas circunstâncias, é fácil um soldado convencer-se de que está doente ou de que é incapaz de lutar. Isso, por sua vez, conduz ao desenvolvimento precoce de verdadeiras afecções psiquiátricas e a perdas de recursos humanos e também origina ferimentos autoinfligidos e mau comportamento diante do inimigo.

Em 6 de outubro, sobre Nijmegen, na fronteira germano-holandesa, uma força canadense deparou-se com um novo adversário: um avião a jato alemão. Tratava-se de mais uma entre as armas secretas de Hitler. No entanto, como o jato voava 150 metros abaixo da formação canadense, tornou-se um alvo perfeito e foi destruído.

Mais uma vitória aliada na batalha dos ares deu-se no dia seguinte, quando, no contexto da operação Amsterdã, aviadores aliados, em grande parte americanos, foram trazidos da Eslováquia central por um avião enviado especialmente para buscá-los.

Em Auschwitz, cerca de 450 judeus, que foram obrigados a transportar corpos de vítimas das câmaras de gás para os fornos dos crematórios, organizaram uma revolta em 7 de outubro. Utilizando explosivos conseguidos com judias que trabalhavam numa fábrica de armamentos vizinha, explodiram uma entre as quatro câmaras de gás e incendiaram outra antes de uma tentativa de fuga. Duzentos e cinquenta conseguiram atravessar a vedação de arame farpado, mas foram perseguidos e abatidos. Os duzentos homens que não conseguiram sair do campo também foram metralhados. Os oficiais da SS prenderam, depois, cinco judias que trabalhavam na fábrica de armamentos. Embora terrivelmente torturadas, não denunciaram ninguém. Uma entre essas mulheres, Roza Robota, conseguiu enviar uma mensagem a partir da cela onde estava presa: “Não tenham medo. Eu não falo.” Três meses depois da revolta, as cinco mulheres foram enforcadas; todas as mulheres alojadas em Auschwitz foram obrigadas a comparecer à execução. As condenadas, nas palavras de uma testemunha ocular, “avançaram serenamente para a morte”.

No norte da Itália, os alemães, auxiliados por dois mil cossacos, mantinham suas operações de antirresistência ao longo da segunda e da terceira semanas de outubro, libertando 336 fascistas italianos e alemães em mãos dos guerrilheiros, capturando grandes quantidades de rifles e munições e matando, perto de Tolmezzo, 3.633 resistentes que haviam proclamado uma república de Carnia.

Ao reunirem-se em Moscou, em 9 de outubro, Churchill e Stálin conversaram não apenas sobre as fases finais da guerra contra a Alemanha, mas sobre as posições de seus países na Europa libertada após vencida a guerra. Por sugestão de Churchill, discutiram a futura influência da União Soviética nos países dos quais o Exército Vermelho expulsava os alemães. Churchill disse a Stálin que não tinha “grandes preocupações quanto à Romênia”, sendo o país, “em grande medida, um problema russo”. Quanto à Grécia, onde, segundo Churchill, “a Grã-Bretanha precisa ser a potência mediterrânea dominante”, esperava-se que Stálin deixasse aos britânicos a “primeira palavra”, como deixavam aos russos na Romênia.

Churchill procurava obter influência britânica determinante apenas sobre a Grécia. Quanto à Iugoslávia, propunha uma partilha “por igual” entre Ocidente e Oriente. Também disse igualmente a Stálin que considerava a possibilidade de deslocar a população alemã estabelecida na Silésia e na Prússia Oriental para o centro da Alemanha; a Prússia Oriental poderia, então, ser dividida entre Rússia e Polônia, e a Silésia, oferecida à Polônia para compensar a perda das regiões orientais que possuía entre as duas guerras e que a Rússia ocupara e pretendia manter anexadas após o conflito.

Churchill ainda disse a Stálin, numa segunda reunião, no dia seguinte, que os aliados queriam que cada país tivesse “a forma de governo que seu povo desejasse”. Não deveria existir imposições ideológicas em relação aos pequenos estados: “Deixemos que cuidem de seus próprios destinos nos anos que estão por vir.” Depois explicou a Stálin que havia receios, em todos os países da Europa Ocidental, em relação a um eventual “proselitismo comunista agressivo” após a derrocada do nazismo.

Enquanto Churchill e Stálin conversavam em Moscou, as forças americanas cercavam a cidade alemã de Aachen, nas portas ocidentais da Alemanha. No Pacífico, uma força operacional americana destruía mais de cem aviões japoneses diante da ilha japonesa de Okinawa. Na frente oriental, o Exército Vermelho chegara à costa báltica da Lituânia e atacava Memel, cidade que Hitler anexara à Alemanha em março de 1939.

Em 10 de outubro, chegaram a Auschwitz oitocentas crianças ciganas até então internadas em Buchenwald – entre elas, mais de cem rapazes, entre nove e catorze anos, que haviam sido enviados de Auschwitz para Buchenwald, onde foram considerados inaptos para o trabalho. Todos foram gaseados numa entre as câmaras que não foram destruídas ou afetadas pela revolta dos judeus três dias antes.

Na Itália, tropas neozelandesas atravessavam o Rubicão em 11 de outubro, ecoando as palavras de Júlio César, que atravessou o rio em sentido contrário: “Os dados estão lançados.” No mesmo dia, forças soviéticas atravessavam o rio Tisza, em Szeged, a cidade mais ao sul da Hungria. Ao leste, entretanto, os russos cercavam Debrecen e Cluj, onde uma defesa húngaro-alemã conjunta opôs-se a uma ofensiva soviético-romena. No dia seguinte, o Exército Vermelho entrou na cidade transilvaniana de Oradea; a Hungria era, agora, objeto da ofensiva soviética ao longo de quase toda a sua fronteira sul e sudeste. Desesperados, os alemães tentavam pedir reforços às suas forças vindas do norte da Grécia e do sul da Iugoslávia, que se deparavam, no trajeto, com ações de resistência gregas e iugoslavas. Em 12 de outubro, um relatório dos serviços de informações alemães, enviado a partir de Salônica pelo tenente Waldheim, referia-se à crescente atividade guerrilheira em torno da estrada entre Stip e Kocani. Dois dias mais tarde, as tropas alemãs abandonavam Salônica; enquanto se apressavam para o norte, incendiaram três aldeias próximas da estrada ameaçada, matando 114 civis. Ao todo, de acordo com o relatório final de Waldheim, de 7 de novembro, 739 resistentes e civis haviam sido mortos na Macedônia durante a retirada alemã.

No Pacífico, os preparativos para a retomada das Filipinas prosseguiram, em 12 de outubro, com um ataque aéreo maciço contra Formosa, ao longo de três dias consecutivos, destruindo quinhentos aviões japoneses e quarenta navios de guerra, contra 89 aviões americanos. Muitos japoneses abatidos eram jovens pilotos, o que constituiu uma séria perda para o Japão.

Berlim vivia uma nova execução na mesma data: a morte de Carl Langbehn, advogado que, havia mais de um ano, tentara associar Himmler à conspiração contra Hitler e que, em setembro de 1943, na Suíça, fizera contatos acerca das possibilidades de uma paz negociada com os aliados, tendo sido preso pouco depois.

Na manhã de 13 de outubro, um míssil V2 caiu na Antuérpia, matando 22 civis. Nessa tarde, uma bomba V1 atingiu o matadouro municipal, matando mais catorze civis – em sua maior parte, carnicheiros que recolham a carne da semana. Passados seis dias, 44 civis eram mortos por uma segunda bomba voadora. A agonia da Antuérpia começara.

Em 13 de outubro, Stálin comunicou a Churchill, em Moscou, que a União Soviética entraria em guerra contra o Japão assim que a Alemanha estivesse derrotada. No mesmo dia, tropas britânicas entraram em Atenas, após os alemães evacuarem a cidade durante a noite. Ainda em 13 de outubro, depois de uma violenta batalha de três dias, as tropas soviéticas entraram em Riga. Os combates na região dos estados bálticos haviam chegado ao fim. “Riga e Atenas são como ameixas maduras”, escreveu Clementine Churchill, ao marido que se encontrava em Moscou, acrescentando: “Estou ansiosa para que chegue a vez de Roterdã e de Colônia.”

Cidade a cidade, o domínio alemão sobre a Europa chegava ao fim. Porém, o caminho para a vitória final seria lento. Em 13 de outubro, os americanos desencadeavam um assalto intensivo contra Aachen, sitiada havia três dias.

No dia seguinte, dois generais alemães procuravam o marechal Rommel em sua casa em Herrlingen, onde convalescia dos ferimentos recebidos na Normandia. Em nome de Hitler, deram-lhe duas opções: suicídio ou um julgamento público. Rommel escolheu o suicídio,

tomando o cianeto que os generais trouxeram-lhe. Duas semanas mais tarde, receberia um funeral de Estado. A opinião pública alemã era impedida, assim, de conhecer toda a extensão da oposição a Hitler e a vingança do Führer.

Lutando palmo a palmo

Inverno de 1944

Em 14 de outubro de 1944, forças soviéticas e iugoslavas iniciaram um assalto contra as tropas alemãs que ocupavam Belgrado, capital iugoslava. Num combate corpo a corpo que se prolongou por quase uma semana, os atacantes avançaram rumo ao centro da cidade. Os alemães, mais uma vez decididos a não ceder facilmente, rejeitaram o ultimato soviético que os intimava à rendição; passadas 48 horas, foram esmagados.

No Ártico, os soviéticos expulsavam os alemães de Petsamo em 15 de outubro. No mesmo dia, a cidade de Cluj, na Transilvânia, era conquistada após quatro dias de cerco. Hitler tomava, entretanto, medidas para reforçar o controle alemão sobre a Hungria, lançando a operação Mickey, destinada a afastar do poder o almirante Horthy, que foi capturado nesse dia por tropas alemãs comandadas por dois generais da SS, Otto Skorzeny e Von dem Bach Zelewski – o último chegara havia pouco de Varsóvia, após o esmagamento da insurreição polonesa. Horthy, detido em seu palácio em Budapeste, foi levado, como prisioneiro, para Weilheim, na Baviera. No dia seguinte, 16 de outubro, um governo pró-alemão era instalado, sob a presidência do major Szalasi, chefe da organização militar fascista Arrow Cross.

Vinte e quatro horas após o exército alemão entrar na Hungria, Adolf Eichmann voltava a Budapeste, onde exigiu que cinquenta mil judeus fossem enviados imediatamente à Alemanha, a pé, onde serviriam como mão de obra escrava. Eichmann também pretendia que os judeus restantes em Budapeste fossem reunidos em guetos semelhantes a campos de concentração nas imediações da capital. “Veja”, disse ao dirigente húngaro judeu, Rudolf Kastner, “que voltei. Você esqueceu que

a Hungria continuava na órbita do Reich. Tenho braços muito compridos e alcanço facilmente os judeus de Budapeste”. Estes, acrescentou Eichmann, “serão retirados daqui a pé”.

As deportações começaram em 20 de outubro. Enquanto os soviéticos se aproximavam da capital húngara por sudeste, os judeus eram encaminhados para oeste, sendo afastados das forças em progressão e utilizados para a abertura de fossos antitanque. Ao longo de quatro dias, a partir de 22 de outubro, 25 mil homens e rapazes e dez mil mulheres e moças foram alocados nessa tarefa; milhares foram mortos durante a marcha ou abandonados ao caírem.

Em 16 de outubro, o Exército Vermelho irrompeu pela Prússia Oriental, avançando sobre Gumbinnen e Goldap. As estradas que passavam ao largo do quartel-general de Hitler em Rastenburg viram-se, subitamente, cheias de refugiados que tentavam dirigir-se para oeste. Em Gumbinnen, as forças soviéticas eram quatro vezes superiores ao poderio alemão, varrendo-o. O Exército Vermelho estava a apenas 25 quilômetros da Toca do Lobo.

Em 18 de outubro, os americanos bombardearam as defesas costeiras da ilha de Leyte, no Pacífico, na primeira etapa de seu ambicioso plano de reconquista das Filipinas. Na Europa, as tropas alemãs tentavam esmagar a revolta eslovaca, expulsando os guerrilheiros dos vales que haviam ocupado durante mais de um mês e capturando Banska Bystrica, autoproclamada capital da Eslováquia Livre. Houve carnificinas enormes, conduzidas pela brigada Dirlewanger, que, menos de três semanas antes, ajudara a esmagar a revolta de Varsóvia. A 193 quilômetros desses vales, tropas soviéticas e tchecoslovacas lutavam para abrir uma brecha nas defesas alemãs nos Cárpatos; ao longo de um mês de combates, morreram vinte mil soldados soviéticos e 6.500 membros do corpo tchecoslovaco do general Ludwik Svoboda. Outro comandante tchecoslovaco, o general Vedral, estava a apenas alguns metros da fronteira de sua terra natal quando foi morto por uma mina alemã.

Em 19 de outubro, as forças soviéticas e iugoslavas entravam em Belgrado. A batalha custara aos alemães quinze mil mortos. O Exército

Vermelho e os resistentes iugoslavos também haviam sofrido pesadas baixas. No dia seguinte, o porto adriático de Dubrovnik era tomado pelos guerrilheiros de Tito, enquanto, no interior das fronteiras húngaras, uma força composta por soviéticos, romenos e búlgaros, numa aliança insólita, expulsava os alemães de Debrecen. Na Alemanha, invadida por Ocidente e Oriente, o Exército Vermelho ocupava a cidade fronteiriça de Eydtkuhnen, na Prússia Oriental, enquanto, a oeste, Aachen entregava-se, após sete dias de assédio. Mais de três mil soldados alemães foram feitos prisioneiros no interior da cidade e, fora dela, outros oito mil. Tratava-se da primeira cidade alemã relevante a cair nas mãos dos aliados, 1.875 dias após os primeiros soldados do Reich cruzarem suas fronteiras e iniciarem uma guerra que os dirigentes alemães tinham certeza de que venceriam.

Em 20 de outubro, Adolf Reichwein era julgado em Berlim após sua participação na conspiração de julho. Professor de história antes da ascensão de Hitler ao poder, Reichwein servira como elo entre o círculo de Kreisau e alguns grupos de resistência dos meios operários. Considerado culpado, foi enforcado no mesmo dia.

Às 22h05, na mesma data, mais de cem mil soldados americanos começaram a desembarcar em duas posições avançadas na costa leste da ilha Leyte, perto de Tacloban. Houve atos de heroísmo notáveis: por exemplo, que o soldado Harold Moon, sendo o único sobrevivente de seu grupo, tenha disparado sua metralhadora durante quatro horas, matando pelo menos oitenta japoneses, antes de ser, por sua vez, abatido. Moon receberia, a título póstumo, a medalha de honra da congregação.



O PACÍFICO LESTE. OUTUBRO DE 1944 A MARÇO DE 1945.

Os americanos lutaram durante 67 dias pela conquista de Leyte – a guarnição japonesa de oitenta mil homens, em virtude de sua prolongada resistência, obrigaria o general MacArthur a adiar, em uma semana, seu plano de invasão a Luzon. No total, 55.344 japoneses morreram em Leyte. Mesmo após a ilha ser conquistada, algumas unidades japonesas continuavam a deixar os pontos onde estavam escondidas, preferindo lutar contra todas as chances a render-se. Ao longo dos primeiros quatro meses de 1945, naquilo que receberia o nome eufemístico de “operações de limpeza”, mais 24.294 soldados japoneses seriam mortos, elevando o total de baixas na ilha para quase oitenta mil, a quase toda a guarnição. Os americanos haviam perdido 3.508 homens em combate. Uma testemunha desta batalha tão desigual comentaria que “os japoneses combatem para morrer e os americanos, para viver”.

Em 21 de outubro, a guarnição japonesa era vencida após um mês de combates na ilha de Anguar, em Palaus. Ao todo, 1.300 japoneses haviam morrido, contra apenas 265 americanos. A partir desse momento, os americanos deixaram as outras ilhas de Palaus entregues a si próprias – impossibilitadas de receberem reforços ou abastecimentos por via aérea ou marítima, não representavam qualquer perigo às forças americanas agora empenhadas em ocupar as Filipinas e em avançar contra as ilhas do próprio Japão.

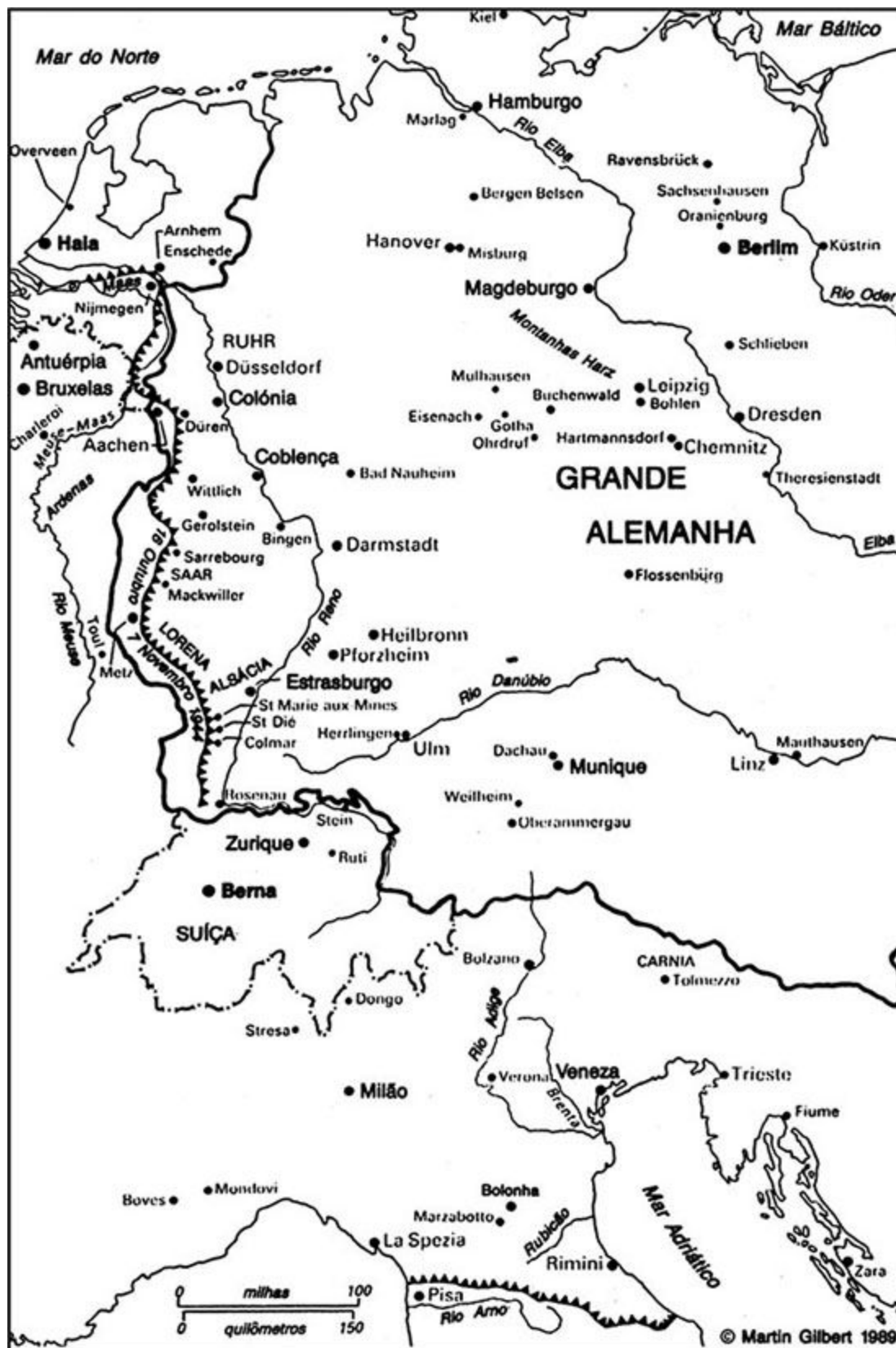
Três dias depois dos desembarques em Leyte, três forças navais japonesas, reunindo quase toda a esquadra do país, tentaram anular o desembarque americano e atacar os navios que o apoiavam. Dois entre os três primeiros cruzadores japoneses enviados desde a baía de Brunei foram torpedeados na costa norte de Bornéu; 582 marinheiros perderam a vida, mas o resto da força naval continuou em seu caminho.

Começara a maior batalha naval da história e um combate cheio de mortes. Quando o porta-aviões americano *Princeton* foi atingido e afundado por uma única bomba, mais de quinhentos tripulantes perderam a vida; no cruzador *Birmingham*, outros 229 marinheiros morriam. Porém, os aviões de combate americanos, não encontrando oposição, fizeram rapidamente a balança de destruição pender a seu favor. Quando o couraçado gigante japonês *Musashi*, com as suas 72.800 toneladas, foi afundado por um ataque intensivo que o feriu com treze torpedos aéreos e sete bombas, mais de mil tripulantes foram mortos, inclusive o

comandante do navio, Toshihei Inoguchi, que, na ponte de seu barco, optou afundar junto com ele.

Ao fim de três dias de batalha, haviam sido afundados 36 navios de guerra japoneses, num total de trezentas mil toneladas. Os americanos perderam seis navios, equivalentes a 37 mil toneladas. Tratava-se, como Churchill telegrafaria a Roosevelt, de uma “vitória brilhante e esmagadora”. A batalha assinalaria igualmente uma transformação da natureza da guerra no Pacífico, dado o aparecimento, no último dia de combate, de uma força suicida japonesa, os camicazes ou “ventos divinos”. Em seu primeiro dia de ação, 25 de outubro de 1944, um piloto camicaze lançou seu avião contra a pista do porta-aviões americano *St. Lo*, explodindo as bombas e os torpedos que se encontravam a bordo. Após trinta minutos, o *St. Lo* afundava.

Ao fim da guerra, mais de cinco mil pilotos camicaze haviam morrido, afundando 34 navios americanos, mas não havia heroísmo, tenacidade, perícia ou decisão suicida que pudesse superar o desastre naval na baía de Leyte quando quatro porta-aviões e três couraçados japoneses foram afundados, praticamente eliminando a marinha de guerra imperial.



AS FRENTES OCIDENTAL E ITALIANA, OUTUBRO DE 1944.

Em 25 de outubro, o mais experiente piloto japonês, Hiroyoshi Nishizawa, que abatera 87 aviões americanos, morria não em combate, mas a bordo de um avião de transporte japonês interceptado e derrubado por caças americanos.

Na Europa Ocidental, após a destruição quase completa das ruas e edifícios de Aachen, houve quem pensasse que os alemães se disporiam a reconhecer-se vencidos, mas a autoridade de Hitler, que continuava a exercer-se desde o distante quartel-general de Rastenburg, ainda era absoluta. Em 22 de outubro, o Exército Vermelho era detido em Insterburg, a apenas 72 quilômetros da Toca do Lobo, por um esforço decidido dos alemães, enquanto, no dia seguinte, na frente ocidental, as forças alemãs resistiam a um prolongado assalto americano em St. Dié.

Em 24 de outubro, as tropas alemãs reconquistaram Gumbinnen, na Prússia Oriental. No mesmo dia, trezentos judeus italianos foram deportados de Bolzano a Auschwitz; 137 foram gaseados assim que chegaram. No dia seguinte, enquanto as forças francesas se aproximavam de Strasbourg, Hitler ordenou a destruição da coleção de esqueletos do instituto anatômico da cidade – obtida em resultado do extermínio dos judeus de Auschwitz.

No momento em que essas provas de muitos crimes eram destruídas, novas experiências, envolvendo o míssil V2, prosseguiram. Dado o avanço aliado na Holanda, a base de lançamento do projétil foi deslocada para Overveen, no mar do Norte; em 27 de outubro, foi testado um novo míssil, que subiu a novecentos metros antes de cair sobre os autores do lançamento, matando doze pessoas. A base de lançamento foi abandonada e, depois, transferida para Haia. No dia seguinte, uma bomba voadora matava, na Antuérpia, 71 civis.

Nesse 28 de outubro, ocorreu a última deportação do gueto de Theresienstadt para Auschwitz, reunindo um grupo de dois mil judeus; entre esses, 1.689 foram gaseados após a seleção à chegada. Mantinha-se, entretanto, a destruição sistemática das provas de extermínio de massa, em que os registros relativos aos prisioneiros e os certificados de morte de centenas de milhares de seres humanos, judeus e não judeus, eram transportados para os dois crematórios subsistentes e queimados. A ideia

era apagar todos os documentos, vestígios dos cadáveres e até as próprias instalações assassinas. Assim, quando chegou a Auschwitz, em 3 de novembro, um trem que trazia quinhentos judeus do campo de trabalho de Sered, na Eslováquia, os serviços administrativos telefonaram para Mauthausen: “Temos um carregamento. Podem cuidar dele aí, em suas câmaras de gás?” A resposta foi: “Seria um desperdício de carvão trazê-los até aqui. O problema é de vocês.”

Porém, Auschwitz já não possuía o aparato necessário aos assassinatos em massa habituais, e, em 6 de novembro, os homens de Sered eram numerados com tatuagem; no dia seguinte, o mesmo aconteceu às mulheres e às crianças. Os homens foram mandados para as fábricas em Gleiwitz; as mulheres e as crianças, para os alojamentos do campo. Uma menina de doze anos, que sobreviveu, lembraria que haviam sido deportadas com ela cerca de 150 crianças.



A FRENTE ORIENTAL, OUTUBRO DE 1944.

Em 31 de outubro, o Exército Vermelho atravessou o rio Tisza e chegou aos arredores de Kecskemet, a oitenta quilômetros de Budapeste, mas na Eslováquia, 260 quilômetros ao norte, os últimos bolsões de resistência eram esmagados; durante a batalha de Kremnica, uma judia da Palestina, Haviva Reik, foi capturada pelos alemães. Haviva fora lançada em paraquedas sobre a Eslováquia tempos antes, por um avião britânico, para auxiliar os insurretos. Foi fuzilada após duas semanas. Entre os 2.100 guerrilheiros eslovacos mortos em combate, 269 eram judeus.

O levantamento na Eslováquia, como em Varsóvia, dera-se cedo demais para ter o apoio do Exército Vermelho; ambas as revoltas eram indícios de um sentimento nacional intenso e de um forte desejo por independência para o pós-guerra. Como o levantamento polonês, a ação eslovaca foi esmagada sem piedade, sob direção do general da SS Gotlob Berger, especialista na opressão dos povos vencidos e na promoção de governos fantoches.

Na Dinamarca, a resistência apelou para Londres em meados de outubro, solicitando o bombardeamento do quartel-general da Gestapo em Aarhus, com o intuito de destruir os arquivos que seriam utilizados pelos alemães para eliminar toda a resistência dinamarquesa. O ataque implicava uma viagem de 1.450 quilômetros sobre o mar do Norte. A ação foi empreendida, em 31 de outubro, por 24 aviões britânicos comandados pelo capitão Wykeham-Barnes, que voaram tão baixo quanto a altura dos telhados. O quartel-general da Gestapo foi atingido e mais de 150 alemães foram mortos. Também perderam a vida vinte dinamarqueses, em sua maior parte informantes que trabalhavam para os ocupantes. Os arquivos da Gestapo foram destruídos. Uma bomba, caindo numa casa vizinha, matou um civil dinamarquês.

Durante a confusão suscitada pelo ataque, alguns dinamarqueses foram libertados da prisão no quartel-general da Gestapo. Entre esses prisioneiros, o pastor Harald Sandbaek. Repetidamente torturado, chegava ao fim de suas forças. O bombardeamento deu-se durante o que seria, possivelmente, seu último interrogatório. Mal seus inquiridores fugiram, aterrorizados pelo estrondo das bombas, Sandbaek foi sepultado

pelos escombros. Desenterrado pelos trabalhadores forçados dinamarqueses, conseguiu fugir e refugiar-se na Suécia.

Em 1º de novembro, tropas britânicas e canadenses atravessaram o Escalda durante a operação Infatuate, numa tentativa de conquistar as ilhas de Walcheren, libertar as margens do rio e abrir o porto da Antuérpia aos navios militares aliados. Durante oito dias, desde o início do desembarque, dez mil incursões aéreas haviam ocorrido contra as posições alemãs subsistentes na ilha, anteriormente submetidas a um bombardeamento prolongado. Durante o ataque aéreo final, 51 aviões britânicos foram abatidos e 31 pilotos foram mortos, mas, em 4 de novembro, os primeiros navios-varredores navegavam o Escalda a partir da Antuérpia e, ao fim do mês, o primeiro comboio naval aliado chegava ao porto.

Na Iugoslávia, os guerrilheiros de Tito expulsaram os alemães do porto adriático de Zara em 2 de novembro. Nesse dia, mais de cinquenta mil judeus de Budapeste eram enviados para oeste, em direção à Áustria. Maltratados e frequentemente atingidos por tiros da SS, cerca de dez mil deportados morreram durante a viagem de seis dias. Outros mil, contudo, foram salvos por uma decidida intervenção pessoal, enquanto a marcha seguia seu caminho, realizada pelo diplomata sueco Raoul Wallenberg, que colocara sob sua proteção milhares de judeus de Budapeste.

Em 4 de novembro, o Exército Vermelho tomava Cegled, a apenas 64 quilômetros da capital húngara. Porém, a partir desse ponto, a estrada para Budapeste encontrava-se fortemente defendida. Na frente ocidental, também, as coisas nem sempre avançavam tão depressa quanto os aliados desejariam. Na Bélgica e na Holanda, como Churchill telegrafou a Stálin em 5 de novembro, houvera “combates muito duros”, causando mais de quarenta mil mortos e feridos. Na Itália, acrescentava Churchill, “tremendas chuvas torrenciais” levaram à destruição de um “grande número” de pontes, de tal modo que todos os movimentos de tropas e abastecimentos se encontravam extremamente dificultados.

O inverno iminente, o fanatismo de Hitler e a tenacidade alemã conjugavam-se para impedir que a guerra fosse vencida antes do fim de 1944. No entanto, os serviços secretos britânicos sabiam que o esforço de

guerra alemão vivia condições desesperadoras. Em 2 de novembro, uma diretiva ultrassecreta, emitida em Berlim, indicava que deveriam ser utilizados, em toda a medida possível, os canais e cursos de água alemães navegáveis, de modo a aliviar as estradas de ferro. A diretiva foi decifrada em Bletchley após seis dias. Igualmente em novembro, soube-se, na Grã-Bretanha, através da leitura de outra mensagem Ultra, que a destruição das estradas de ferro alemãs fora tão eficazmente alcançada que Berlim decretara uma mobilização emergencial dos caminhões, a fim de que pudessem ajudar a levar abastecimentos às tropas alemãs na frente ocidental.

Os aliados podiam ser considerados senhores dos ares por toda a Europa, mas os ataques aéreos continuavam a envolver riscos. Em 6 de novembro de 1944, num ataque de aviões de combate sul-africanos contra trens de transporte militar alemães na linha iugoslava entre Brod e Sarajevo, um entre os dez aparelhos atacantes foi abatido, tendo seu piloto, R. R. Linsley, perdido a vida. No mesmo dia, num bombardeamento americano contra Hamburgo, um piloto diversas vezes condecorado, Jay McDonough, nascido em Chicago, era ferido em combate. Detentor da medalha da força aérea com quatro Folhas de Carvalho, foi condecorado, após seu ferimento, com o Coração Púrpura. Passadas seis semanas, estava novamente em combate.

Em 7 de novembro, Franklin Roosevelt era eleito, pela quarta vez, presidente dos Estados Unidos da América. No mesmo dia, o espião russo Richard Sorge era executado em Tóquio, após mais de dois anos de prisão. Vinte anos mais tarde, receberia o título de Herói da União Soviética. Em Budapeste, a paraquedista Hanna Szenes era executada pelos alemães, sem completar a missão que a levara ali, desde a Palestina, mas tornando seu nome lendário entre a juventude judaica dos anos seguintes. Entre seus companheiros e compatriotas paraquedistas, Enzo Sereni seria assassinado em Dachau onze dias depois, seguido, em 20 de novembro, em Kremnica, por Haviva Reik, Raffi Reiss e Zvi Ben Ya'acov. Outro paraquedista judeu da Palestina, Peretz Goldstein, morreria em Sachsenhausen.

Em 8 de novembro, forças canadenses concluíram a conquista da ilha de Walcheren. No mesmo dia, no norte da Europa, Walther Nowotny, que ocupava o quinto lugar entre os pilotos alemães mais destacados em número de aparelhos inimigos abatidos, era atingido durante o voo e morto. Foi um entre os oito aviadores alemães a conquistar a cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho, Espadas e Diamantes. Tão pouco conhecido quanto Nowotny era célebre, um médico alemão de 38 anos, Dr. Kurt Heissenmeyer, realizava, na mesma data, em Neuengamme, experiências sobre os cadáveres de quatro prisioneiros recém-enforcados. Três homens assassinados para auxiliar suas experiências eram poloneses; o último era um russo, Ivan Tschurkin, de 22 anos, antigo ferreiro em Kalinin.

Em 9 de novembro, Churchill afirmaria, num discurso em Londres, que o governador de Paris e o burgomestre de Bruxelas, ambos presentes, eram “símbolos vivos” dos “esplêndidos acontecimentos recentemente verificados”. Os aliados estavam “entrando na Alemanha”, mas a guerra ainda não fora ganha: seriam necessários “esforços supremos”. “É sempre na última parte”, prevenia Churchill, “que se ganham ou se perdem as corridas. O esforço precisa ser intensificado. Não é momento para afrouxarmos”.

Chegando à Antuérpia em 10 de novembro, vindo de Paris, o general americano Clare H. Armstrong organizou um comando antibomba voadora, integrado por 22 mil soldados americanos, britânicos e poloneses, com seiscentos canhões antiaéreos e um sistema de comunicações, que teriam a missão de evitar, conforme possível, que as bombas atingissem a cidade. Pelo menos metade – e por vezes 75 por cento – das bombas voadoras que visavam a Antuérpia foi assim abatida, contudo, contra o V2, dotado de velocidade superior ao som, não havia defesa antiaérea eficaz. Trinta e dois homens do comando aliado encarregado da defesa de Antuérpia foram mortos em seus postos.

Ao longo de várias semanas, o exército alemão infiltrara espiões nas linhas americanas, tentando informar-se melhor acerca das forças e das posições aliadas. Todas essas infiltrações, porém, foram anuladas. Entre os espiões a serviço da Alemanha estavam dois poloneses, Josef Wende e

Stefan Kotas, que o exército alemão obrigara a essa tarefa. Wende e Kotas cruzaram a linha de frente em trajes civis, identificando-se como trabalhadores forçados servindo nas minas de carvão. Sua missão era verificar as forças de certas unidades, regressando no mesmo dia às linhas alemãs, com os respectivos relatórios. Descobertos, os dois homens foram julgados, condenados à morte e executados por um pelotão de fuzilamento americano em 11 de novembro, em Toul.

No mesmo dia, aniversário do armistício da Primeira Guerra Mundial, Winston Churchill e Charles de Gaulle percorreram as ruas de Paris a caminho do Arco do Triunfo, onde prestaram homenagem ao Soldado Desconhecido da primeira grande guerra do século. No dia seguinte, no distante porto de Tromsø Fjord, na Noruega, além do círculo ártico, 32 bombardeiros britânicos, operando a partir da base escocesa de Lossiemouth, encontraram e afundaram o *Tirpitz*, último couraçado alemão.

Com esse afundamento, os grandes navios britânicos estavam finalmente livres para se dirigir para o Pacífico.

Cada um entre os aviões atacantes transportava uma única bomba Tallboy, de 5.440 quilogramas. Pelo menos duas bombas atingiram o navio, que se virou. Entre os 1.800 tripulantes, pouco mais de oitocentos foram salvos – 82 após ser feita uma abertura no casco do navio, trinta horas depois de emborcado; no total, morreram cerca de mil marinheiros alemães.

Enquanto o *Tirpitz* virava, ouvia-se muitos tripulantes entoarem o hino alemão “Deutschland über Alles”. “Era uma tragédia”, comentou o cientista britânico R. V. Jones, “que homens assim tivessem servido à causa nazista”.

Um alemão que se recusara a servir à causa nazista, Bernard Letterhaus, ex-dirigente católico, foi condenado à morte em 13 de novembro, após sua participação na conspiração de julho, e seria enforcado no dia seguinte.

Em 14 de novembro, o contratorpedeiro japonês *Ushio*, último sobrevivente entre os navios de guerra que participaram no ataque contra Pearl Harbor, encontrava-se entre os alvos da aviação americana na baía

de Manila. Pesadamente atingido por uma bomba, não entraria novamente em combate. Também em 14 de novembro, tropas búlgaras e iugoslavas entravam em Skoplje, nos Bálcãs. Terminava, ao fim de três anos e meio, o controle alemão sobre a região. Na Escandinávia, o domínio nazista estava igualmente ameaçado, e um oficial norueguês, o coronel Arne Dahl, desembarcou ao norte do círculo ártico para reunir-se às forças soviéticas que lutavam contra os alemães na Carélia, tendo-os forçado a abandonar o porto de Kirkenes e a retirar-se para Ocidente.

No norte da Itália, uma operação alemã contra mais de mil guerrilheiros fracassava nas imediações de Mondovi; os resistentes escaparam à armadilha, embora o oficial de ligação britânico que trabalhava com eles, capitão Neville Temple, viesse a morrer num acidente durante a fuga, em 15 de novembro. Temple saltara sobre a região havia três meses, como chefe da missão Flap destinada a atacar as forças alemãs e seus respectivos comboios de abastecimentos.

Na frente italiana, os alemães sustentavam firmemente sua linha entre La Spezia e Bolonha; esforços aliados, ainda que diversas vezes repetidos, não conseguiram desalojá-los. Na frente ocidental, lentos, mas seguros avanços seguiam ocorrendo ao norte e a leste de Aachen e contra Alsácia e Lorena. Atrás de suas linhas cada vez mais retraídas, os alemães mantinham-se, continuavam a enviar suas bombas voadoras contra a Antuérpia; em 16 de novembro, 63 civis foram mortos quando dez mísseis atingiram a cidade, sendo que 32 mortes registradas aconteceram num orfanato transformado em hospital. No dia seguinte, morreram 32 freiras de um convento atingido por bombas voadoras.

Em 17 de novembro, o extremo Oriente assistiu a um avanço japonês em território chinês, na direção de Kweiyang. Porém, no mesmo dia, no mar Amarelo, um submarino americano afundou um entre os poucos porta-aviões japoneses remanescentes, o *Jinvo*, enquanto, sem que os americanos o soubessem, uma reunião secreta de cientistas nucleares ocorria em Tóquio e discutia um relatório que afirmava que “desde fevereiro deste ano não se verificaram grandes progressos”. Tornava-se evidente que o Japão não conseguiria obter uma bomba atômica a tempo de influenciar o desfecho da guerra.

A partir das fronteiras orientais da Índia, os britânicos, senhores de Imphal e de Kohima, lançaram a operação Extended Capital em 19 de novembro, visando entrar na Birmânia e abrindo uma ampla frente; no intervalo de duas semanas, o rio Chindwin fora atravessado em três pontos diferentes. Na Europa Ocidental, as forças francesas alcançavam o Reno também em 19 de novembro, em Rosenau, perto da fronteira franco-suíça. Ao norte, os alemães eram rapidamente expulsos da Alsácia-Lorena, perdendo Sarrebourg em 20 de novembro. No mesmo dia, Hitler dirigia-se para Berlim a partir de Rastenburg, mas não voltaria à Prússia Oriental.

Na data em que Hitler regressou à sua capital, começava a ser julgado um homem que ajudara a impor os piores males do nazismo aos povos da Europa; tratava-se do colaboracionista belga Fernand Daumeries. Julgado em Charleroi por comportamento desumano no campo de Breendonk, nos arredores da Antuérpia, Daumeries foi condenado à morte.

Em 22 de novembro, as tropas americanas entravam em St. Dié, nos Vosges, encontrando uma cidade incendiada pelos alemães enquanto fugiam. “Pela segunda vez em 25 anos”, disse o prefeito Evrat, emocionado, aos libertadores, “nossos bons amigos americanos acorrem em auxílio de sua idosa avó Europa e de sua madrinha St. Dié”.

Durante a Primeira Guerra Mundial, St. Dié estivera a menos de dezesseis quilômetros da linha da frente alemã.

Em 23 de novembro, tropas francesas e americanas penetraram em Strasbourg, que os alemães haviam transformado, em 1940, em capital da Alsácia anexada. Ao entrarem no instituto anatômico do Reich, dirigido pelo amigo de Himmler professor Auguste Hirt, os americanos descobriram uma quantidade de corpos decapitados. O professor Hirt, por sua vez, desaparecera e nunca seria descoberto. Tinha 46 anos.

Em 25 de novembro, a cidade de Metz era conquistada pelo 3º exército, liderado pelo general Patton. Nesse dia, os alemães iniciaram a demolição das câmaras de gás que ainda restavam em Auschwitz. No dia seguinte, os duzentos judeus compelidos a introduzir os cadáveres nos crematórios eram, por sua vez, executados. “Despeço-me serenamente”, escrevera um entre eles, Chaim Herman, três semanas antes, numa carta

para a mulher e a filha, que se encontravam na França, “pois sei que vocês estão vivas e que o inimigo foi derrotado”.

No extremo Oriente, os exércitos aliados ainda estavam longe da vitória. Em 24 de novembro, tropas japonesas entraram na cidade chinesa de Nanning, a apenas 190 quilômetros, por via férrea, de suas forças na Indochina francesa. No dia seguinte, toda a aviação japonesa disponível foi lançada contra os americanos na baía de Leyte, havendo numerosas missões suicidas nessa primeira série de ataques desesperados e devastadores. No primeiro ataque, três porta-aviões foram danificados; a bordo do *Intrepid*, 65 homens morreram.

Em Londres, um míssil V2 atingiu um armazém da Woolworth em New Cross Road, Deptford, matando 160 pessoas que aproveitavam o horário de almoço para fazer compras. “Lembro-me de ver uma cabeça de cavalo caída na sarjeta”, diria June Gaida, que então tinha treze anos. “Mais adiante, havia um carrinho de bebê retorcido e dobrado e uma pequena mão da criança caída, ainda na manga do casaquinho de lã. Diante de um pub, via-se um ônibus destruído, com filas de pessoas sentadas nos bancos, cobertas com pó e mortas.”

No mesmo dia, um submarino britânico, HMS *Sturdy*, navegando da Austrália para a Indonésia, interceptou um cargueiro japonês, abrindo fogo contra ele. Os tripulantes abandonaram o barco, deixando a bordo apenas cinquenta mulheres e crianças, todas indonésias. Para impedir que os japoneses pudessem recuperar o navio, o comandante do submarino ordenou que fosse afundado. O navio foi explodido, a despeito dos protestos do oficial encarregado de instalar as cargas. “Faça o que lhe digo”, respondeu o comandante. O cargueiro e seus passageiros afundaram juntamente com o material transportado.

Em 26 de novembro, o primeiro comboio naval aliado percorreu o Escalda até a Antuérpia. No mesmo dia, Hitler atribuiu a Heinrich Himmler o comando militar supremo de todas as forças de terra e de ar alemãs na região do alto Reno. No dia seguinte, cerca de seiscentos homens de Himmler, guardas de Auschwitz, recebiam a cruz de ferro

pela “bravura” demonstrada na supressão da revolta liderada pelos trabalhadores no mês anterior, quando morreram quatro homens da SS.

Na Antuérpia, a força destruidora dos mísseis V2 era sentida violentamente; em 27 de novembro, quando uma bomba atingiu um cruzamento movimentado perto da estação central, no momento em que se encontrava no local um comboio militar, 157 pessoas morreram, incluindo 29 soldados aliados. No mesmo dia, em Fauld, Staffordshire, Grã-Bretanha, uma explosão acidental num armazém subterrâneo para bombas, trinta metros abaixo do solo, matou 68 civis nas unidades agrícolas e industriais vizinhas. A propaganda alemã declarou imediatamente que a explosão se devia a uma ação de sabotagem. Pelo papel desempenhado durante as operações de socorro às vítimas, três soldados receberiam a medalha George.

Em 29 de novembro, as tropas alemãs abandonaram o porto de Scutari, na Albânia, recuando para uma nova linha defensiva, entre Mostar e Visegrad até o rio Drina. O Exército Vermelho entrou nas cidades de Pecs e Mohacs, ao sul da Hungria. Atravessando o Atlântico, dois agentes alemães, Eric Gimpel e William Colepough, foram desembarcados por um submarino na costa de Maine, em Crabtree Neck. Colepough, antigo marinheiro, trazia consigo sessenta mil dólares destinados ao pagamento de ações de espionagem. Os dois homens foram detidos, contudo, antes do fim do mês; sua missão fora descoberta pelos aliados através de mensagens Ultra mesmo que houvessem desembarcado.

Em 30 de novembro, novas execuções eram registradas em Berlim em consequência da conspiração de julho; nessa data, Lilo Gloeden, uma dona de casa de 41 anos que abrigara um conspirador, o general Fritz Lindemann, durante seis semanas, foi decapitada com um golpe de machado, assim como seu marido e sua mãe após um intervalo de dois minutos. A execução foi amplamente noticiada, num aviso público a quem estivesse disposto a abrigar ou apoiar inimigos do Terceiro Reich.

No entanto, o destino do Reich era claramente previsível. Na data da execução de Lilo Gloeden, tropas americanas expulsavam os alemães de Mackwiller, no Sarre, no interior das fronteiras alemãs anteriores à guerra. Na Hungria, o Exército Vermelho entrava em Eger, a menos de

quarenta quilômetros da fronteira da Eslováquia Central. Mesmo assim, não havia território que os alemães cedessem sem duros combates, muitas vezes de rua em rua e de casa em casa.

Em 1º de dezembro, enquanto os trabalhadores escravos de Auschwitz-Birkenau eram evacuados a pé ou em trens para fábricas e campos na Alemanha Ocidental e Central, Josef Kramer, comandante de Birkenau, era, por sua vez, transferido para Belsen, a oeste. Embora não existissem câmaras de gás neste campo, Kramer estava decidido a não prolongar, por um dia que fosse, as vidas dos prisioneiros, os quais, à sua guarda, morriam de fome ou por doenças.

O campo ficava a menos de 320 quilômetros da fronteira ocidental da Alemanha e do rio Maas, em cuja margem oeste se encontravam as tropas aliadas. Os comandantes americanos acreditavam que poderiam prosseguir em seu avanço sobre a Alemanha; em 2 de dezembro, o general Eisenhower notou que as forças americanas, nos combates da linha de frente, destruíam 75 por cento de uma divisão alemã por dia. “O resultado”, continuou, “é cerca de vinte divisões por mês”. Mas Hitler pretendia reassumir a iniciativa, avançando a oeste através das Ardenas, na direção da Antuérpia, que se tornara, entretanto, o principal posto de abastecimento dos aliados.

Os serviços secretos britânicos, geralmente tão expeditos na descoberta dos planos alemães, não conseguiram prever a ofensiva nas Ardenas. Contudo, mensagens Enigma enviadas desde meados de novembro sugeriam preparativos alemães não usuais no norte europeu em guerra. Por exemplo, algumas mensagens indicavam um movimento de tropas alemãs através do Reno, seguido por uma concentração de forças na margem ocidental do rio. Outras indicações sugeriam a iminência de ataques aéreos em grande escala.

Esses dados, contudo, sucedendo-se ao longo de um grande período, não eram satisfatoriamente decifrados, em parte porque os movimentos alemães que revelavam eram vistos como uma tentativa de oposição a um ataque aliado iminente e em parte porque os intérpretes pensavam que o inimigo não estava em condições de desencadear qualquer contraofensiva séria. Churchill, porém, estava preocupado, tendo

perguntado à comissão dos serviços secretos, em 3 de dezembro, se não havia “novidades”. A resposta foi negativa. No mesmo dia, o chefe dos serviços de informações do quartel-general de Montgomery, general Williams, comentava, acerca das últimas mensagens decifradas, que “o comentado avanço sobre a Antuérpia está além das forças alemãs”.

O principal esforço para a destruição da força militar alemã continuava a traduzir-se em ataques aéreos persistentes e repetidos contra fábricas e depósitos de petróleo. Em 3 de dezembro, o adido naval japonês em Berlim comunicava a Tóquio que a transferência de instalações petrolíferas alemãs para centros subterrâneos estava muito aquém do desejável, a despeito de esforços imensos nesse sentido, acrescentando que, embora a produção de aviões continuasse boa, as tripulações de combate eram obrigadas a reduzir suas ações por causa da falta de combustível.

Os serviços britânicos decifraram essa mensagem cinco dias depois de sua transmissão. Foi igualmente decifrado, em meados de dezembro, um telegrama ultrassecreto enviado a Tóquio pelo embaixador japonês em Berlim, datado de 6 de novembro, contendo a informação de que as equipes de reparação das instalações de petróleo incluíam 72 mil trabalhadores, que a produção subterrânea de petróleo provavelmente não começaria antes de março de 1945 e que a produção total da Alemanha era de apenas trezentas mil toneladas, em média, por mês. “O petróleo era sem dúvida o maior problema da Alemanha”, acrescentava o embaixador.

Embora a tônica incidisse, por parte dos aliados, em ataques contra alvos ligados ao petróleo, o dia 4 de dezembro assistiu, por insistência de Sir Arthur Harris, do comando de bombardeiros, a um retorno das incursões incendiárias contra cidades alemãs, quando mais de duas mil toneladas de bombas foram lançadas contra Heilbronn. “Calculamos que fossem cerca de duzentos aviões”, recordaria um prisioneiro de guerra britânico, que se encontrava num campo de concentração vizinho. “Os aviões aproximavam-se em círculos, leva após leva, como sombras negras pairando à luz dos holofotes, lançando suas bombas, que assobiavam e afastavam-se devagar. As chamas recrudesciam em intervalos, e todos os campos, em muitos quilômetros em redor, foram inundados por uma luz amarela. Ouvia-se tinir os vidros de todas as

janelas do campo. Eu estava nas trincheiras. Um avião caiu no solo, a leste.”

Durante a tempestade de fogo em Heilbronn, morreram 7.147 civis alemães.

Na frente oriental, evitando a região densamente fortificada em torno de Budapeste, as forças soviéticas isolaram a cidade a norte e, pouco antes da meia-noite, em 4 de dezembro, começaram a atravessar o Danúbio, em Vac, a apenas 24 quilômetros da fronteira original entre Hungria e Tchecoslováquia. Três dias mais tarde, forças soviéticas vindas do sul chegavam ao lago Balaton, ocupando a cidade de Adony, quarenta quilômetros ao sul de Budapeste. A capital húngara, transformada em reduto alemão, encontrava-se quase inteiramente isolada do restante do país. Hitler, decidido a não entregar a ex-cidade real do império austro-húngaro, período em que nascera, ordenou o envio de reforços, transferidos da Itália e da frente ocidental.

No Pacífico, a esquadra americana continuava a ser atacada por pilotos suicidas japoneses em Leyte. Em 7 de dezembro, terceiro aniversário do ataque a Pearl Harbor e da entrada dos Estados Unidos na guerra, um piloto camicaze, voando quase ao nível da água, atingiu o contratorpedeiro de transporte *Ward*, que, durante a primeira ação americana na guerra, havia três anos, afundado um submarino anão japonês. O navio foi tão gravemente danificado que precisou ser afundado pelos canhões da artilharia naval. O comandante do barco americano que afundou o *Ward* era, por uma estranha coincidência, o homem que o comandara em dezembro de 1941. Não houve perdas de vidas, mas, a bordo do contratorpedeiro *Mahan*, também atacado por um piloto camicaze, dez homens morreram antes que o barco fosse, por seu turno, afundado.

Em ataques suicidas posteriores, os pilotos japoneses mataram 36 americanos no *Cabot*, 31 homens no couraçado *Maryland* e outros 32 no contratorpedeiro *Aulick*. Essas baixas sucediam-se de modo tão contínuo que o general MacArthur e o almirante Nimitz determinaram uma interrupção do envio de notícias de mortes para os Estados Unidos, com o duplo objetivo de evitar o pânico no país e de negar aos responsáveis

japoneses quaisquer dados acerca dos estragos e baixas causados pelos pilotos suicidas.

Em 10 de dezembro, Hitler deixou Berlim rumo ao *bunker* Ninho da Águia, em Bad Nauheim, na frente oriental, de que se servira pela última vez durante os dias de triunfo em 1940. Na tarde de sua chegada, falou aos principais chefes militares sobre a futura ofensiva nas Ardenas. Na mesma semana, discursou aos dirigentes da Juventude Hitleriana, que, atravessando a zona de guerra, deslocaram-se expressamente para ouvi-lo. “Nunca, desde as guerras napoleônicas”, disse Hitler, “o inimigo devastou nosso país, e é nosso dever dizimar esse inimigo às portas da pátria”. Será na frente ocidental, continuou Hitler, que “mudaremos o rumo dos acontecimentos e repeliremos os aliados anglo-americanos de uma vez por todas”.

Hitler tinha, nessa data, um humor reflexivo. Em outro discurso endereçado aos seus generais, em 12 de dezembro, diria:

Não podemos recolher o entusiasmo e o espírito de sacrifício como algo tangível, guardando-os e preservando-os. Ambos são gerados no decurso de uma revolução, morrendo depois, pouco a pouco. O cinza do dia e as conveniências da vida atacam os homens e transformam-nos em cidadãos circunspectos, vestidos em flanela parda.

No mesmo dia, as forças americanas entraram na cidade alemã de Düren, 32 quilômetros a leste de Aachen e a menos de quarenta quilômetros de Colônia.

Em 12 de dezembro, uma esquadra de combate e uma força de invasão americanas deixaram a baía de Leyte, iniciando uma viagem de 560 quilômetros em direção à ilha de Mindoro. No dia seguinte, pilotos suicidas japoneses atacaram. Seu primeiro alvo foi o cruzador *Nashville*, onde morreram 131 marinheiros. Duas horas mais tarde, era atingido o contratorpedeiro *Haraden*, matando catorze tripulantes. O desembarque em Mindoro foi, por sua vez, uma vitória, mas, no dia seguinte, durante um violento temporal, com ventos a 118 quilômetros por hora e ondas de 25 metros de altura, três contratorpedeiros naufragaram. No *Spence*,

morreram 280 homens; no *Hull*, 195; e no *Monaghan*, 244 – chegando a um total de 719 vítimas da fúria da natureza.

Enquanto as forças americanas abriam caminho em Mindoro, milhares de prisioneiros de guerra americanos, holandeses e britânicos eram transportados, pelo mar, das Filipinas para o Japão. As condições às quais eram submetidos nos navios de transporte de prisioneiros eram assustadoras. A bordo do *Oryoku Maru*, quarenta entre 1.650 prisioneiros morreram ao fim de 48 horas de viagem. Fechados nos porões e dispendo de um balde com água para cada 35 homens, alguns deportados bebiam urina para tentar suavizar a sede e outros feriam-se para umedecerem os lábios com o próprio sangue. Centenas enlouqueceram. Depois, quando o navio foi atacado por um avião americano – que o afundou em 15 de dezembro –, mais de mil prisioneiros de guerra ficaram à deriva, tentando sobreviver e ser recolhidos. Porém, os japoneses abriram fogo contra eles. Duzentos foram mortos durante o ataque ao navio ou na água. Mais de mil sobreviventes morreram mais tarde, quando o barco ao qual haviam sido transferidos, o *Enoura Maru*, foi atingido em Takao, Formosa. Entre os 1.650 prisioneiros iniciais, somente 450 chegariam ao Japão.

Na ilha de Palawan, nas Filipinas, 150 prisioneiros de guerra americanos, instalados num campo em Puerto Princesa, foram alocados em abrigos antiaéreos de grande profundidade em 14 de dezembro, após os japoneses os prevenirem de que um ataque aéreo de seus compatriotas era iminente. Tratava-se de uma armadilha. Assim que entraram nos abrigos, os homens foram atacados por mais de cinquenta soldados japoneses, que lançaram contra eles grandes quantidades de gasolina e fogo. Enquanto tentavam fugir dos abrigos, em chamas, os americanos eram abatidos a tiro, feridos à baioneta e assassinados. Alguns homens gravemente feridos, gemendo as dores da agonia, foram enterrados vivos. Apenas cinco sobreviveram.

Em 16 de dezembro, o exército alemão lançou sua contraofensiva, a operação Nevoeiro de Outono, contra as forças aliadas nas Ardenas, tentando recuar suas linhas, através da Bélgica, até a Antuérpia e o mar do Norte. Uma ação alemã, que lançaria paraquedistas que atacassem as

comunicações aliadas junto a Belle Croix, foi um fracasso. Ao fim de 24 horas, a maior parte dos soldados alemães havia sido aprisionada, sem conseguir causar grandes estragos.

Duzentos e cinquenta mil soldados alemães foram mobilizados para a ofensiva nas Ardenas. Contra eles, lutariam oitenta mil homens despreparados para qualquer ataque, ainda mais com tal dimensão. Por sugestão de Hitler, 33 comandos alemães que falavam inglês, dirigidos por Otto Skorzeny, penetraram as linhas aliadas, envergando uniformes americanos e usando jipes e caminhões americanos. Os grupos de comandos conseguiram, assim, criar uma grande confusão e, desmascarado o golpe, um frenesi de desconfiança. “Fui três vezes intimado a provar minha identidade perante soldados escrupulosos”, lembraria o general Bradley. “Na primeira vez, tive de identificar Springfield como capital do Illinois (meu inquiridor sustentava que a capital era Chicago); na segunda vez, tive de indicar o jogador entre o centro e a extremidade da linha de *scrimmage* num jogo de futebol americano; na terceira vez, fui interrogado sobre o nome do marido de certa loura chamada Betty Grable; Grable me conteve, mas a sentinela, não. O homem, satisfeito com meu tropeço, autorizou-me a seguir em frente.”



A CONTRAOFENSIVA ALEMÃ NAS ARDENAS, DEZEMBRO DE 1944.

Durante dez dias, os alemães avançaram. Em certa zona da batalha, Schnee Eifel, cerca de nove mil soldados americanos, cercados e em inferioridade de efetivos e de armamento, renderam-se ao inimigo; com exceção de Bataan, foi a maior rendição em massa de sua história militar. Mais de dezenove mil soldados americanos perderam a vida durante a batalha, assim como quarenta mil alemães.



A ofensiva das Ardenas, 16 de dezembro de 1944. Uma coluna de soldados alemães passa por um tanque de guerra americano em chamas.

No primeiro dia da ofensiva nas Ardenas, um desastre afligiu a Antuérpia: um míssil V2 caiu num cinema, matando 567 pessoas – 296 vítimas eram soldados aliados. Uma carnificina de natureza diferente ocorreu no dia seguinte, 17 de dezembro, quando 72 soldados americanos capturados por uma força da SS na cidade de Malmédy, no sul das Ardenas, foram levados para um campo aberto próximo, alinhados e metralhados. Doze prisioneiros conseguiram escapar ao massacre e refugiar-se numa cafeteria local. Os alemães cercaram o estabelecimento, lançaram-lhe fogo e abateram a tiro os homens que tentavam fugir.



Três espões alemães, capturados por dirigir um jipe americano e vestir uniforme americano, executados por pelotão de fuzilamento americano. Os alemães eram (da esquerda para a direita) o cabo Wilhelm Schmidt, o oficial cadete Guenther Billings e o sargento Manfred Parnass.

As notícias relativas ao massacre em Malmédy difundiram-se rapidamente por toda a região de combates. Depois da surpresa e do pânico causados pelo ataque alemão, os americanos recompuseram-se rapidamente, adotando como grito de guerra as palavras: “Vamos vingar Malmédy.” Outros massacres foram praticados pela mesma força da SS. Em dez lugares ao longo de seu trajeto, foram mortos pelo menos 308 soldados americanos e 111 civis belgas capturados ou detidos.

O comandante dessa unidade da SS era o tenente-coronel Joachim Peiper, que, pelo trabalho realizado em novembro de 1943 contra guerrilheiros soviéticos na região de Zhitomir, recebeu Folhas de Carvalho para sua cruz de Cavaleiro. Durante a operação antirresistência, cerca de 2.500 russos haviam sido mortos e somente três foram feitos prisioneiros.

Os assassinos alemães nas Ardenas eram, em sua maioria, soldados de vinte e poucos anos. Havia sido formados e educados nas fileiras da Juventude Hitleriana e estavam imbuídos da ideia da SS de que a complacência era um crime. Em 19 de dezembro, perto de Stavelot, mataram 130 belgas, sendo 47 mulheres, 23 crianças e sessenta homens, acusados de abrigarem soldados americanos. Quando um camponês suplicou a Peiper que suspendesse a matança, ele replicou: “Todos vocês são terroristas.”

As atrocidades cometidas nas Ardenas eram imitadas e excedidas pelas ações nas Filipinas, onde soldados japoneses usavam a mais extrema brutalidade contra a população. “Aproveitando a escuridão”, escreveu um soldado japonês em seu diário, em 19 de dezembro, “saímos para matar nativos. Tive dificuldade em fazê-lo, porque me pareciam boas pessoas. Os gritos de pavor das mulheres e das crianças eram horríveis”. E o soldado acrescentou: “Matei vários deles.”

Em 20 de dezembro, as forças alemãs nas Ardenas cercaram a cidade de Bastogne, fechando, numa ratoeira, milhares de soldados americanos. No mesmo dia, em Berlim, o industrial Caesar von Hofacker era executado como cúmplice dos conspiradores de julho: fora um entre aqueles que, em 16 de julho, quatro dias antes da tentativa, decidiram matar Hitler.



Corpos de 72 soldados americanos massacrados perto de Malmédy, em 17 de dezembro de 1944, e descobertos pelos americanos alguns dias mais tarde.

Enquanto a batalha das Ardenas prosseguia, o massacre de Malmédy repercutia. Em 21 de dezembro, um grupo de soldados alemães foi metralhado quando abandonou, portando uma bandeira da Cruz Vermelha, um edifício em chamas em Chenogne, tendo morrido 21 entre eles.

No mesmo dia 21, dezesseis pessoas morriam na Antuérpia, quando uma bomba voadora V2 atingiu um hospital; no dia seguinte, três operários belgas eram mortos por uma segunda bomba, idêntica à primeira, enquanto limpavam os escombros.

No total, 3.752 civis belgas seriam mortos pelos mísseis V2 durante o inverno na Antuérpia. As mesmas bombas matariam 731 soldados aliados presentes na cidade. Já não era a ocupação, mas a libertação, o que semeava a morte nas ruas da Antuérpia.

Em 18 de dezembro, os bombardeiros americanos atacaram novamente a fábrica de petróleo sintético em Monowitz. Três dias depois, um avião de reconhecimento sul-africano sobrevoou a fábrica, tirando fotografias que permitissem determinar os estragos infligidos ao sistema de produção de petróleo. Mais uma vez, uma fotografia revelou que muitos dispositivos eletrificados e torres de vigia em Auschwitz-Birkenau haviam sido desmantelados.

Os gaseamentos foram definitivamente interrompidos em Auschwitz, mas os trabalhos forçados continuavam, tanto no campo principal quanto no campo feminino em Birkenau; em dezembro, mais de vinte mil mulheres encontravam-se nessas instalações.

Em grande segredo, Jean Pujol Garcia, chefe dos espões alemães na Grã-Bretanha, mas a serviço desta, recebia a distinção de Membro do Império Britânico em 21 de dezembro. O agente alemão Arabel trabalhava, sob o codinome Garbo, para os serviços secretos britânicos havia mais de dois anos e desempenhara um papel relevante nos planos aliados para o desembarque na Normandia. A distinção não foi atribuída no palácio de Buckingham, onde não seria fácil garantir o sigilo, mas no quartel-general dos serviços de segurança, cujo responsável pronunciou um breve discurso em louvor do agente “Garbo”.

Em 22 de dezembro, apesar dos êxitos obtidos nas Ardenas, o marechal Von Rundstedt pediu que Hitler autorizasse uma retirada para as montanhas Eifel. Hitler recusou o pedido. Atrás das linhas americanas, o coronel Skorzeny continuava, à frente de seus comandos fluentes em inglês, a causar grandes estragos ao redor da cidade de Malmédy – ainda nas mãos dos americanos –, dedicando-se a destruir pontes e ligações viárias e a aumentar o mal-estar entre os soldados aliados. Hitler mantinha sua fé na ofensiva, mas quando os alemães exortaram o general Anthony McAuliffe, comandante das forças americanas cercadas em Bastogne, à rendição, ainda em 22 de dezembro, obtiveram como resposta uma simples palavra: “Loucos!” Ao perguntarem o que significava essa palavra, os alemães foram respondidos com uma brevidade igualmente exemplar: “Vão para o inferno!”

No mesmo dia, o general Eisenhower emitiu uma ordem destinada a todas as tropas aliadas nas Ardenas. “Todos devem nortear-se por uma única ideia: destruir o inimigo em terra, nos ares e por toda a parte.” Realmente, as operações aéreas aliadas estavam praticamente impossibilitadas desde o início da ofensiva nas Ardenas, dado o espesso nevoeiro que cobria a região e que somente começaria a dissipar-se em 23 de dezembro. Contudo, assim que se dissipou, a superioridade aliada manifestou-se com toda a clareza e dificilmente um trem, veículo ou grupo de soldados alemães podia mover-se sem ser visto e atacado. Bastogne também pôde ser abastecida por via aérea, o que, se não punha fim ao cerco, minorava consideravelmente seus perigos.

Com o desaparecimento do nevoeiro, os bombardeiros aliados atacavam os centros ferroviários de abastecimentos inimigos: as instalações em Klobenz, Gerolstein e Bingen foram bombardeadas até tornarem-se inutilizáveis. Ao mesmo tempo, os aviões aliados podiam acompanhar claramente a progressão dos tanques alemães mais adiantados assim que chegavam a oito quilômetros do rio Meuse. As formações viam-se, doravante, não apenas expostas a ataques aéreos, mas, o que era ainda pior, sofriam com a falta de combustível. Os bombardeiros britânicos uniram-se às máquinas americanas na ofensiva contra o petróleo da Alemanha, que não tinha combustível suficiente para sustentar uma ofensiva prolongada. Seu sistema de aviação também se revelava, nessas condições, pouco prestativo; em 23 de dezembro, o

comandante da ofensiva aérea alemã, general Peltz, queixava-se de que seus pilotos eram obrigados a suspender os ataques por qualquer motivo e regressar à Alemanha. Nesse dia, vinte por cento dos aviões alemães viram-se obrigados a retroceder.

Ainda em 23 de dezembro, as forças americanas lançaram seu primeiro contra-ataque contra o flanco sul da “saliência” alemã. Na mesma data, três grupos de Skorzeny, capturados em seus uniformes militares americanos, foram fuzilados por um pelotão dessa nacionalidade. Quinze comandos sofreriam o mesmo destino mais tarde. Quinze comandos restantes conseguiram regressar à Alemanha.

Ao meio-dia de 24 de dezembro, dezesseis jatos alemães, conhecidos como bombardeiros Blitz, atacaram uma fábrica de rolamentos em Liège. Depois, alvejaram entrepostos ferroviários que funcionavam como apoio às forças aliadas nas Ardenas. Tratava-se da primeira operação de bombardeiros a jato em toda a história.

Na véspera de Natal, a ofensiva alemã contra a Antuérpia foi travada; após um avanço de menos de cem quilômetros, os alemães estavam a menos de 27 quilômetros de seu alvo quando alcançaram as imediações do Meuse. Nesse dia, uma unidade da Gestapo, cujos membros se designavam “soldados especiais de Himmler”, fuzilou 32 belgas na aldeia de Bande: trinta como represálias por três alemães abatidos três meses antes pela resistência belga e dois como retaliação pela morte de um colaboracionista de mesma nacionalidade.

Houve outros assassinatos nessa véspera de Natal. Um prisioneiro de guerra britânico, cabo Rowley, recordaria o que aconteceu no campo de concentração de Hartmannsdorf: “Eu estava no recinto quando vi dois guardas alemães carregarem o corpo de um prisioneiro de guerra russo para o campo, deixando o cadáver no chão da lavanderia. Perguntei ao intérprete russo o que faria com o corpo, e ele respondeu-me: ‘Vou deixá-lo sozinho.’ Entrei na lavanderia e examinei o corpo. Fora atingido no peito por uma bala. Havia outra bala alojada no braço do cadáver; ao que parecia, o prisioneiro fora alvejado por um guarda bêbado.”

Ainda em 24 de dezembro, os alemães lançaram um último ataque de bombas voadoras contra a Inglaterra. As bombas continham, além da carga explosiva, cartas de prisioneiros de guerra britânicos, que se espalharam pelo ar como confete quando as bombas explodiram.

“Querida, aqui vai uma carta extra, que inesperadamente fomos autorizados a escrever, mandando nossos votos de Natal”, dizia uma entre elas.

Uma bomba voadora atingiu um alojamento de trabalhadores nas proximidades de Gravesend, matando seus doze ocupantes. Em Oldham, 28 pessoas foram mortas, inclusive uma mulher de 79 anos e um bebê de apenas seis meses de idade. Essas foram as últimas mortes em larga escala causadas por bombas voadoras na Inglaterra.

No Natal de 1944, as primeiras balas de urânio irradiadas estavam prontas num reator do centro de investigações atômicas de Hanford, nos Estados Unidos, e, um mês mais tarde, o primeiro plutônio de acondicionamento estava pronto. A bomba atômica nunca estivera tão perto da realidade.

O acordo celebrado dois meses antes entre Churchill e Stálin parecia em perigo de ser violado no que dizia respeito à Grécia não estar na esfera de influência soviética. As forças comunistas gregas, ativas na guerrilha antigermânica, haviam conquistado, durante o Natal, o domínio de parte de Atenas. Churchill, numa iniciativa dramática, voou à capital grega, onde, em 25 de dezembro, entre tiroteios e uma ameaça de ocupação comunista, insistiu que os dirigentes do Partido Comunista se integrassem no governo do regente, arcebispo Damaskinos. O representante soviético no encontro, coronel Popov, encorajou os comunistas gregos a aceitarem a proposta de Churchill. “Se eu não interviesse, haveria um massacre”, disse o primeiro-ministro ao Gabinete de Guerra, ao regressar a Londres. Haveria também uma presença comunista no mar Egeu.

Em 26 de dezembro, no contexto da ofensiva contra os recursos petrolíferos alemães, os bombardeiros americanos voltaram a atacar a fábrica de petróleo sintético em Monowitz. Por acidente, algumas bombas caíram nas instalações médicas de Auschwitz-Birkenau, matando cinco oficiais da SS. O ataque foi considerado um sucesso quando algumas fotografias, obtidas num voo de reconhecimento

empreendido dias mais tarde, revelaram um “bom número de acertos”. Porém, várias seções importantes das instalações produtoras de petróleo sintético, embora bastante afetadas, continuaram a funcionar após o ataque; do mesmo modo, o campo de trabalho escravo em Monowitz, como em outras dezenas de instalações industriais na região de Auschwitz, ainda utilizava o trabalho de milhares de judeus, homens e mulheres, alojados nos campos de prisioneiros.

Ao longo de dezembro, 2.093 mulheres morreram em Auschwitz, restando, em 27 de dezembro, 18.751 nomes na lista do campo. Passados três dias, uma nova lista indicava que 2.036 mulheres trabalhavam nas fábricas em Monowitz e 1.088, numa fábrica de explosivos próxima. Entre os prisioneiros do sexo masculino em Auschwitz, 35 mil trabalhavam em Monowitz e outros 31 mil, em outras fábricas da região.

Não era ainda previsível até quando os alemães controlariam essas regiões, situadas além das fronteiras originais de 1939. Em 26 de dezembro, forças soviéticas, após uma batalha de três dias, conseguiram cercar Budapeste, isolando a guarnição alemã em relação à sua última via de abastecimentos, vinda da Áustria. No interior da cidade, a perseguição contra os judeus continuava, assim como as tentativas de Raoul Wallenberg e de outros no sentido de defendê-los. No dia seguinte, duas húngaras cristãs, a irmã Sara Salkhazi e a professora Vilma Bernovits, foram executadas pela Arrow Cross por abrigarem judeus.

A 28 de dezembro, a aviação alemã lançou uma série de bombas voadoras contra o Centro e o Norte da Inglaterra. Em Oldham, morreram 28 pessoas, entre as quais uma mulher de 79 anos e uma criança de seis meses. Tratou-se do último desastre sério causado pelas bombas voadoras na Grã-Bretanha.

Enquanto os combates prosseguiram nos subúrbios de Budapeste, dois oficiais soviéticos avançavam, com uma bandeira branca, em direção ao inimigo, a fim de negociarem a rendição da cidade aos alemães. O primeiro oficial, capitão Miklos Shteinmetz, húngaro, foi abatido quando se aproximava das linhas alemãs. O segundo oficial, capitão Ostapenko, foi morto, com um tiro nas costas, quando regressava às linhas russas. Os

alemães recusavam-se a render-se ou a negociar. Dois dias depois, a Hungria declarava guerra à Alemanha. O Eixo europeu fora quebrado.

Os bombardeamentos anglo-americanos contra o Reich, entretanto, continuavam. “Fomos sobrevoados por um grande número de aviões aliados”, escreveu o marinheiro Walker, no último dia do ano, em seu diário de prisioneiro de guerra num campo de concentração nas margens do Elba, perto de Hamburgo. E continuou: “Mais tarde, vi-os voltar, provavelmente depois de atacarem Hanover ou Hamburgo. Quatro foram atingidos e caíram, em chamas. O paraquedas de um americano não abriu quando ele saltou e vimo-lo cair perto do arame de vedação do campo.”

Esses ataques revelavam-se desastrosos para a máquina de guerra alemã. Em 29 de dezembro, uma mensagem ultrassecreta enviada pela força aérea alemã dizia que os ataques de caças-bombardeiros aliados à região do Sarre haviam causado grandes destruições na rede de transportes, inutilizando instalações telefônicas e impossibilitando abastecimentos militares. Outra mensagem, decifrada pelo sistema Ultra três dias mais tarde, dava aos aliados conhecimento – e, para eles, um conhecimento reconfortante – sobre a situação.

No último dia de 1944, passados mais de dois anos desde a primeira tentativa nesse sentido, os bombardeiros britânicos atacaram novamente o quartel-general da Gestapo em Oslo. Embora a parte oriental do edifício tenha sido destruída, os estragos causados nas casas vizinhas foram consideráveis e vários civis foram mortos; durante a incursão, um bonde cheio de passageiros foi atingido. Somente quatro ocupantes do veículo sobreviveram.

Um voo rápido sobre as zonas de guerra na Europa e na Ásia, em finais de 1944, bastava para confirmar os resultados desastrosos que o conflito teria sobre a Alemanha e o Japão. Na Europa, quase todos os quilômetros quadrados conquistados pela Alemanha entre 1939 e 1942 haviam sido libertados. No Pacífico, o vasto império de ilhas conquistado pelo Japão em 1942 era lenta, mas seguramente, desmantelado. Somente o Japão e a Alemanha, por outro lado, continuavam sendo potências militares importantes no que fora outrora o diversificado Eixo; Romênia, Bulgária e, no último dia de 1944, Hungria uniram-se aos aliados. Era, porém,

igualmente evidente que nem a Alemanha nem o Japão estavam preparados para se render. Os dois países mostravam-se decididos a combater não apenas pelos territórios anteriormente conquistados, mas dentro de suas próprias fronteiras, numa luta sem quartel, até o fim dos fins, cidade a cidade e palmo a palmo. Os aliados não podiam, por conseguinte, fazer outra coisa a não ser aceitar o prolongamento da guerra nas condições reais, cientes de que o preço em vidas humanas, já muito elevado, provavelmente continuaria a aumentar. Mesmo as armas secretas das quais Hitler se vangloriara, brandindo-as no passado como ameaças mortais, embora capazes de matar milhares de civis, não podiam alterar o desfecho da guerra. Em contrapartida, a arma ainda secreta dos aliados, a bomba atômica, concedia àqueles a par dos preparativos para seu lançamento uma sensação de triunfo iminente.

Contudo, havia outra arma secreta alemã, que entrava em fase de acabamento em finais de 1944 e em que Hitler depositava grande fé. Ao falar sobre “armas secretas” em 1939, Hitler pensara simplesmente na força aérea alemã, que era, em si, um terrível instrumento de guerra. Daí em diante, o Führer conseguira causar breves períodos de incertezas nas linhas inimigas, graças a diversos inventos bélicos – desde a mina magnética de 1939 aos mísseis e bombas voadoras de 1944. Porém, agora, Hitler tinha um instrumento contra o qual os aliados não tinham resposta. Tratava-se do tubo Schnorchel de respiração para submarinos – a que os aliados deram o nome de Schnorkel – que, combinando-se com baterias eletrônicas sofisticadas, com um rápido sistema de montagem de submarinos usando peças pré-fabricadas e com canhões de torpedos capazes de lançar várias bombas simultaneamente, permitia a construção de um engenho que poderia afundar oito navios ao mesmo tempo; por outro lado, não seria fácil afundar esses submarinos, uma vez que, após entrarem em águas atlânticas, seria problemático localizá-los. Mesmo que as mensagens Enigma fornecessem sua localização, os aviões da defesa costeira não conseguiriam descobri-los à superfície nem, conseqüentemente, afundá-los: seu revolucionário sistema de respiração tornava-os quase invulneráveis.

Assim, o momento que, em terra, assinalava boas perspectivas para os aliados coincidia com um período de aflição no mar enquanto os novos submarinos pré-fabricados, concentrando-se nas bases de Kiel,

Hamburgo e Danzig, começavam seus exercícios no Báltico. Porém, tais exercícios, comprovando a eficácia da nova arma alemã, permitiram que os aliados, através de mensagens Enigma decifradas pelos serviços secretos britânicos, descobrissem a localização dos aparelhos e desferissem contra eles uma ofensiva aérea a partir das bases de East Anglia, atingindo-os no Báltico. Desse modo, a perícia dos serviços de informações e dos bombardeiros aliados, bem como alguns ataques afortunados contra instalações portuárias em Kiel, garantiu que o perigo fosse praticamente esconjurado. Na verdade, a última arma secreta de Hitler somente poderia entrar plenamente em ação em maio. Mas, à essa altura, seria tarde demais.

Bombas voadoras, pilotos suicidas, marchas da morte

Janeiro de 1945

Doze minutos após a meia-noite, em 1º de janeiro de 1945, uma bomba voadora alemã atingiu a Antuérpia, matando 37 civis. Mais tarde, quase mil aviões alemães atacaram as bases aéreas aliadas no norte da França, na Bélgica e na zona ocidental da Holanda. Foram destruídos 156 aviões aliados, muitos ainda no solo, mas seriam abatidos 277 aparelhos alemães, o que era uma perda enorme. Os alemães planejaram desencadear seu ataque aéreo no início da ofensiva nas Ardenas, mas o mau tempo obrigara-os a adiá-lo.

Porém, nem a bomba voadora nem os ataques da aviação alemã conseguiram enfraquecer a supremacia aliada. Ainda no primeiro dia de 1945, os americanos atacaram decididamente a saliência das forças inimigas nas Ardenas, expulsando, a partir do sul, os alemães estabelecidos em Moiricy, Tenneville e Chenogne. Na Alsácia, a ofensiva do 9º exército alemão foi repelida e essa força, quase totalmente destruída. Na frente oriental, entre Memel, no Báltico, e lago Balaton, na planície húngara, mais de três milhões de soldados alemães eram obrigados a enfrentar seis milhões de russos; contra os 2,5 milhões de homens das forças de reserva alemãs, os russos podiam, por sua vez, lançar 5,5 milhões de combatentes. Contra os quatro mil blindados alemães, os russos dispunham de 12.900 unidades. A disparidade era ainda maior nos ares: 1.690 aviões alemães contra 15.540 aparelhos russos. Hitler, consciente, em 1º de janeiro de 1945, dessa enorme disparidade de forças, decidiu, após quatro dias de hesitação, deslocar suas mais experientes divisões da SS das montanhas de Eifel, ao sul de

Aachen, para a frente oriental, dando fim, assim, a qualquer possibilidade de manter a ofensiva nas Ardenas, ainda que em medida limitada.

Na mesma data, os jatos Blitz alemães lançaram seu primeiro ataque noturno, contra alvos militares situados na região de Bruxelas. A despeito da vantagem considerável dos novos bombardeiros em termos de velocidade, eram poucos para conseguirem desequilibrar a maciça e consolidada supremacia aérea aliada.

No extremo Oriente, o Ano-Novo testemunhou uma tragédia humana sobre os aliados ao longo da estrada de ferro da Birmânia, quando, durante um ataque aéreo contra Nong Pladuk, 95 prisioneiros de guerra foram mortos por bombardeiros que alvejavam trens japoneses carregados com petróleo, munições e outros abastecimentos. Sem que os atacantes soubessem, os prisioneiros de guerra haviam sido enviados a Nong Pladuk para realizarem reparos na via férrea.

Ao largo de Formosa e das ilhas Ryukyu, os aviões de uma força americana a bordo de um porta-aviões comandado pelo vice-almirante Mitscher iniciava, em 3 de janeiro, um ataque contínuo, com duração de dois dias, contra aviões e navios japoneses; foram afundados doze navios e abatidos 110 aviões contra a perda de dezoito aviões americanos. Contudo, após mais um ataque suicida japonês, dessa vez ao largo de Luzon, no mesmo dia, foi afundado o *Ommaney Bay*, pertencente à escolta americana, matando 93 marinheiros. Ao longo de dez dias de batalha, um cruzador pesado australiano, *Austrália*, foi atingido em dois momentos por pilotos suicidas japoneses; embora o navio não tenha sido afundado, 44 tripulantes morreram. Os pilotos camicazes mataram também 22 marinheiros americanos da tripulação do porta-aviões *Manila Bay*, 45 homens do couraçado *Califórnia* e trinta presentes no couraçado *New Mexico*, contando-se, entre estes, o general Lumsden, oficial de ligação de Churchill junto ao general MacArthur.

Ao fim de dez dias de ataques camicazes contínuos, haviam sido atingidos 53 entre os 164 navios americanos e perderam a vida 625 respectivos tripulantes.

Nas Ardenas, as forças alemãs eram obrigadas a recuar. A decisão tomada por Hitler, em 4 de janeiro, sobre enviar a 6ª Divisão Panzer para a frente oriental enfraqueceu ainda mais as posições alemãs a Ocidente. Mas, para os americanos, a batalha continuava dura: “A 11ª Divisão blindada é pouco experiente”, escreveu o general Patton em seu diário, também em 4 de janeiro, “e sofre perdas pesadas demais em relação aos ganhos obtidos”. E acrescentou: “Foram registrados também alguns incidentes tristes, envolvendo o massacre de prisioneiros. (Espero que consigamos esconder esses fatos.)”

Na Alemanha, as execuções dos adversários de Hitler continuavam. Em 4 de janeiro, em Sachsenhausen, oficiais da SS executaram Fritz Elsas, que fora presidente da Câmara de Berlim em 1931 e amigo de Karl Goerdeler. No dia seguinte, Julius Leber era executado na prisão de Plötzensee, em Berlim; Leber era um social-democrata destacado, que os conspiradores de julho escolheram para ocupar o cargo de ministro do Interior após a queda de Hitler.

Desde 16 de dezembro, a linha da frente polonesa permanecia estável, mantendo Varsóvia nas linhas alemãs. Em 5 de janeiro, antecipando uma ofensiva iminente, o governo soviético anunciou que reconhecia a comissão pró-soviética instalada em Lublin como governo provisório da Polônia. Esse reconhecimento excluía deliberadamente a atuação de dirigentes poloneses refugiados em Londres – onde mantinham um governo polonês exilado desde outubro de 1939 – no governo pós-guerra do país. “Naturalmente”, telegrafou Churchill a Stálin nesse dia, “meu Gabinete de Guerra e eu sentimo-nos afligidos pelo rumo dos acontecimentos”. No entanto, Churchill pouco ou nada podia fazer para modificar a realidade que Stálin e seus exércitos criavam na Polônia. No mesmo dia, o presidente Roosevelt emitia, em Washington, uma diretiva que reconhecia os aspectos fundamentais da nova realidade. “A Rússia continua sendo um fator decisivo no que se refere à derrota da Alemanha. Por isso, devemos apoiá-la, levando até seus portos o máximo possível de abastecimentos necessários. Considero que esse ponto tem importância fundamental, abaixo, somente, das operações em curso no Pacífico e no Atlântico”, escreveu o líder americano.

Em 6 de janeiro, tropas da SS lançaram um assalto contra as forças americanas ainda cercadas em Bastogne, mas não tiveram êxito. No Pacífico, embora mais de 150 homens houvessem morrido ao largo de Luzon na sequência de ataques suicidas japoneses, não houve navios americanos afundados. A bordo do navio *Callaway*, que transportava tropas, havia 1.188 soldados desarmados, entre os quais 29 foram mortos por um piloto camicaze. A bordo de um navio pertencente à escolta, o contratorpedeiro *Walke*, o comandante George F. Davis continuou a coordenar as operações mesmo após, coberto em petróleo por um ataque camicaze, ser transformado num archote vivo. Entre dores pavorosas, dava instruções aos homens que combatiam o incêndio e aos artilheiros, que conseguiram, assim, abater um segundo piloto camicaze antes que atingisse o navio. Davis morreu algumas horas mais tarde. Receberia, a título póstumo, a medalha de honra. Na mesma data, a bordo do cruzador *Louisville*, 31 marinheiros foram mortos por um ataque camicaze. Também nesse caso, o comandante do navio, almirante Ted Chandler, embora terrivelmente queimado, dirigiu as operações de combate ao fogo. Morreria no dia seguinte.

Nos Estados Unidos, James B. Conant, homem a quem Roosevelt encarregara o projeto Manhattan, em 1942, assinalava que seria possível lançar uma bomba atômica ao longo do ano em curso, interrogando-se apenas sobre o mês: julho, agosto ou setembro.

Pouco depois das 9h, em 9 de janeiro, mais de sessenta mil soldados americanos começaram a desembarcar em Luzon. Enquanto a ação se desenrolava, os japoneses lançaram uma nova ofensiva suicida: um barco carregado com explosivos e pilotado por um equivalente a um camicaze era enviado contra o inimigo. No primeiro ataque, foi atingido o cruzador ligeiro *Columbia*, tendo morrido 24 tripulantes. Um segundo piloto camicaze conseguiu, em seguida, atingir o couraçado *Mississippi*, matando 25 marinheiros. No couraçado *Colorado*, dezoito homens foram mortos quando o navio foi erroneamente considerado alvo por outro navio americano. Esses incidentes, porém, ainda que trágicos em termos individuais, tiveram pouco peso em termos de guerra, e, ao cair da noite, os americanos haviam instalado uma posição avançada, com 27 quilômetros de largura e seis quilômetros de profundidade. No dia seguinte, os soldados desembarcados eram saudados por mensageiros de

um oficial americano, capitão Ray Hunt, que, havia mais de dois anos, escapara de uma marcha para a morte em Bataan e criara, no interior das linhas japonesas, uma importante força guerrilheira filipina. Doravante, Hunt e seus homens informariam regularmente os assaltantes acerca dos movimentos e preparativos japoneses.

Em 12 de janeiro, o Exército Vermelho, que lutava nas ruas de Budapeste, reatou sua ofensiva no centro da Polônia. Ao todo, 180 divisões soviéticas participaram da ação. Hitler contava apenas com 75 divisões para defrontá-las; outras trinta divisões encontravam-se encurraladas nos bolsões de Memel e de Kurland enquanto 28 unidades ainda lutavam na Hungria. Numa tentativa de inverter, na medida do possível, a marcha dos acontecimentos, Hitler ordenou a transferência de dezesseis divisões e grandes quantidades de artilharia da frente ocidental para a frente oriental.

Enquanto Hitler, assim, esperava notícias acerca da ofensiva soviética seguinte, seus juízes, em Berlim, julgavam Gertrud Seele, de 27 anos, enfermeira e trabalhadora no sistema de saúde pública que expressara sua oposição ao nazismo durante uma reunião particular. Descobriu-se, em seguida, que Gertrud Seele ajudara alguns judeus a fugirem às perseguições. Declarada “inimiga do Estado”, Gertrud Seele seria executada na prisão de Plötzensee em 12 de janeiro.

Foi também nesse dia que o serviço de informações dos Estados Unidos anunciou o número de americanos mortos em todas as frentes desde o ataque japonês contra Pearl Harbor e a declaração de guerra de Hitler, três anos antes. Sabia-se que 138.393 americanos haviam sido mortos nas frentes de combate, em terra, ar e mar. Eram dados como desaparecidos e considerados presumivelmente mortos 73.594 homens. O total de baixas, contado dessa forma, ultrapassava duzentos mil. Passados quatro dias, Churchill anunciou os números relativos às baixas britânicas ao longo de cinco anos e um mês de guerra, até o fim de novembro de 1944. Havia 199.497 mortos nas forças de terra, ar e mar do Reino Unido. Perderam-se igualmente as vidas de 28.040 canadenses, 18.015 australianos, 17.415 indianos, 8.919 neozelandeses e 5.783 sul-africanos. No total, mais de 250 mil mortos na Commonwealth.

No dia em que esses números foram divulgados, revelando a perda de quase quinhentos mil soldados aliados, 129 marinheiros americanos eram mortos nas Filipinas após um ataque camicaze contra o navio de tropas *Kyle V. Johnson*.

Apesar do elevado preço que pagavam em vidas humanas, os aliados permaneciam empenhados em obter uma rendição incondicional da Alemanha e do Japão, mas os dois estados em causa não davam sinais de que abandonariam o combate antes da derrota total. Contudo, o desfecho tornava-se cada vez mais previsível quando os aliados, em 14 de janeiro, desencadearam duas iniciativas. Nas Ardenas, os americanos chegaram a Bastogne, libertando seus compatriotas cercados e eliminando as esperanças alemãs de manter ocupada qualquer região recuperada no início da contraofensiva, um mês antes. No mesmo dia, na frente oriental, o marechal Zhukov começava o ataque que arrancaria aos alemães a primeira entre suas conquistas desde o início da guerra, o oeste da Polônia. O avanço russo foi tão rápido que, quando Hitler ordenou, em 15 de janeiro, que uma força Panzer se deslocasse da Prússia Oriental para Lodz, a fim de defender Kielce, a cidade já estava nas mãos dos russos.

Enquanto os combates recrudesçam, as brutalidades continuavam no interior das linhas alemãs. Em Cracóvia, em 15 de janeiro, enquanto o Exército Vermelho se aproximava, a Gestapo fuzilou, num ato de puro terror, 75 poloneses. Em Budapeste, estando a cidade cercada pelos russos na segunda semana de fevereiro, fascistas húngaros atacaram judeus escondidos, hospitalizados ou internados em lares para idosos; durante a operação, 92 judeus foram fuzilados. Outros duzentos judeus seriam mortos em outra iniciativa do mesmo gênero.

Na noite de 15 de janeiro, Hitler regressou, por trem, de seu quartel-general no Ocidente para a chancelaria do Reich, em Berlim. Enquanto o veículo avançava em direção à Alemanha, um coronel de seu estado-maior observou, de maneira a ser ouvido por Hitler: “Berlim será o quartel-general mais prático para nós; em breve, bastará um ônibus para irmos da frente ocidental à frente oriental!” Hitler riu.

Na mesma noite, outro trem iniciava uma viagem igualmente histórica: era um comboio que, saindo da estação Victoria, em Londres, cruzaria o canal da Mancha num ferry e atravessaria a França em direção a Paris. Tratava-se da primeira ligação civil regular entre as duas capitais desde maio de 1940.

Mais uma capital europeia estava às vésperas da libertação na terceira semana de janeiro: Varsóvia. A cidade, porém, cuja revolta fora esmagada havia três meses e meio, encontrava-se em ruínas. Nenhuma outra cidade no continente sofrera destruição física e humana semelhante ou estivera sob o jugo do ocupante por tanto tempo, mais de cinco anos. Nas povoações a norte e a oeste de Varsóvia, as carnificinas continuaram até o último minuto. Em Mława, 320 poloneses foram fuzilados em 17 de janeiro, em sua maioria resistentes e prisioneiros de guerra soviéticos transferidos de um campo de concentração vizinho à cidade. No mesmo dia, oficiais da SS preparavam-se para assassinar, em Chelmno, os membros sobreviventes da equipe de trabalhadores judeus que, ao longo dos dez meses anteriores, fora obrigada a demolir os crematórios e a remover todos os indícios de que existira um campo de extermínio no local. A equipe inicial era formada por cem judeus. Em meados de janeiro, somente 41 estavam vivos. Não houve trabalho no último dia, lembraria um entre os prisioneiros do grupo, Mordechai Zurawski, “e fomos dispostos em fila, cada um com uma garrafa apoiada no alto da cabeça, enquanto eles se divertiam, disparando contra elas. Se acertassem a garrafa, o prisioneiro sobrevivia, mas, se errassem o alvo, estávamos mortos”.

Nessa noite de 17 de janeiro, homens da SS dirigiram-se aos alojamentos dos prisioneiros em Chelmno. Um, acendendo a lanterna, gritou: “Quero que cinco homens venham comigo!” Cinco prisioneiros foram levados, ouvindo-se, pouco depois, segundo o relato de Zurawski, cinco disparos. Outro oficial da SS entrou no alojamento, gritando: “Mais cinco homens: para fora!” Seguiram-se novos disparos e um terceiro grupo de prisioneiros foi levado. Novos tiros e outra convocação de mais cinco homens, que, dessa vez, pertenciam ao destacamento de Zurawski. “O homem da SS entrou”, lembraria o ex-prisioneiro. “Escondi-me atrás da porta. Tinha uma faca na mão. Saltei em cima dele

e apunhalei-o. Quebrei a lanterna que ele trazia, golpeei-o às cegas e fugi.”

Enquanto corria através do campo, Zurawski foi ferido por uma bala, num dos pés, mas conseguiu esconder-se nos bosques vizinhos.

Outro judeu também conseguiu sobreviver. Sem que Zurawski soubesse, um entre os membros do primeiro grupo de convocados para a morte ficara gravemente ferido, mas não morrera. Chamava-se Shimon Srebnik. Mais tarde, daria seu testemunho acerca dos horrores em Chelmno, primeiro durante o julgamento de Eichmann em Jerusalém, em 1961, depois, passados 25 anos, no filme *Shoa*, em que, durante as filmagens, regressou a Chelmno para encontrar-se com os poloneses da região que lhe deram abrigo quando escapou à morte.

Em 18 de janeiro, após cinco dias de combates ininterruptos nas ruas, as forças alemãs cercadas em Budapeste não puderam resistir por mais tempo. Haviam perdido 35.840 homens; os 62 mil restantes renderam-se. Seis entre as capitais europeias que os exércitos de Hitler percorreram em triunfo desde setembro de 1939 haviam sido libertadas do domínio alemão: Varsóvia, Paris, Bruxelas, Belgrado, Atenas e Budapeste. Somente Haia, Copenhague e Oslo continuavam à espera da liberdade, assim como Praga, onde as tropas alemãs entraram em março de 1939.

Em Auschwitz, os prisioneiros sobreviventes também esperavam a chegada iminente do Exército Vermelho, mas os oficiais da SS estavam decididos a não permitir a libertação de tantos milhares de seres humanos, todos esqueléticos, doentes e quase não sobrevivendo. Em 17 de janeiro, ainda havia, nos alojamentos de Birkenau, 15.058 prisioneiros, em sua maioria judeus; no principal campo de Auschwitz, havia 16.226 pessoas, em sua maioria poloneses ali internados após o levantamento em Varsóvia em agosto anterior; em Monowitz, havia 10.233 prisioneiros, judeus, poloneses e trabalhadores de uma dúzia de nacionalidades, incluindo prisioneiros de guerra britânicos; em outras fábricas na região de Auschwitz, encontravam-se cerca de dezesseis mil trabalhadores escravos, judeus ou não judeus. Em 18 de janeiro, a seguinte ordem foi dada: evacuação imediata, a pé, por vezes até uma estação ferroviária vizinha, de onde os prisioneiros seriam enviados para

uma centena de campos e subcampos situados na parte oeste da Alemanha, mas, por vezes, até pontos situados a centenas de quilômetros dali.

Durante 18 e 19 de janeiro, infindáveis colunas de prisioneiros, algumas com mais de 2.500 membros, partiram a pé, sob a gélida temperatura ambiente, a caminho das cidades da Silésia. Aqueles que caíssem ou não pudessem continuar a marcha seriam abatidos a tiro. O menor protesto desencadeava reações ferozes por parte dos guardas. Havia começado as marchas da morte. Numa coluna de prisioneiros, que tinha inicialmente oitocentos homens, somente duzentos sobreviveram a dezoito dias de marcha e de maus-tratos. Em outra coluna, com 2.500 membros, 71 foram abatidos a tiro no primeiro dia de marcha.

Enquanto os prisioneiros avançavam para oeste, os bombardeiros aliados, determinados a encontrar e destruir as reservas de petróleo da Alemanha, atacaram mais uma vez, em 19 de janeiro, a fábrica em Monowitz. Na sequência do bombardeamento, 850 trabalhadores escravos deixados na região ficaram sem água e sem luz. Ao longo da semana seguinte, duzentas pessoas morreram.

Os judeus eram retirados não apenas de Auschwitz, mas de todos os campos de trabalhos forçados na Alta Silésia, iniciando longas marchas a pé. Ao mesmo tempo, os bombardeiros atacavam toda a região. Em 20 de janeiro, alvejaram, com êxito, as instalações para a produção de petróleo sintético em Blechhammer, onde quatro mil judeus trabalhavam como escravos; todos haviam estado em Auschwitz. Durante o bombardeamento, os oficiais da SS abandonaram as torres de vigia, permitindo que 42 judeus conseguissem fugir através da brecha aberta numa parede pelas bombas. Um entre os evadidos foi morto, mas os restantes esconderam-se numa floresta vizinha e, mais tarde, entraram em contato com um destacamento avançado das forças soviéticas.

Havia prisioneiros de guerra britânicos entre aqueles arrancados dos campos de concentração e lançados em marchas pelas estradas. Ao longo de trajetos de cerca de trinta quilômetros diários, muitos caíram pelo caminho enquanto colunas de prisioneiros de outros campos – e, num novo fenômeno, de refugiados alemães – atravessavam as mesmas estradas e procuravam igualmente lugares onde se abrigar. “Marcha

durante toda a noite, tentando cruzar o Oder antes que as pontes sejam destruídas”, escreveu o sargento Webster em seu diário, em 20 de janeiro. “Frio intenso; seis crianças refugiadas morreram na estrada; muita gente cai nas fileiras, exausta; as frieiras atacam com força.”

Em Birkenau, na mesma data, os homens da SS explodiam dois entre os três crematórios ainda existentes no local. No mesmo dia, mataram duzentas mulheres demasiado doentes para serem obrigadas a abandonar o campo quando suas companheiras foram evacuadas dois dias antes – mas ainda restavam quatro mil companheiras igualmente doentes ali.

Entretanto, as marchas da morte continuavam através da Silésia, abatendo a tiros centenas de vítimas todos os dias, destino que encontrava também aqueles excessivamente exaustos para prosseguirem na marcha ao romper da manhã. Quando chegavam às cidades, os deportados eram metidos em trens e enviados para campos de concentração como Gross Rosen, Ravensbrück, Sachsenhausen, Nordhausen, Buchenwald e Bergen-Belsen. Muitas vezes, eram obrigados a viajar em vagões descobertos, destinados a mercadorias. Todas as noites, a temperatura descia abaixo de zero grau. Entre quatro mil homens enviados de Gleiwitz para Nordhausen, por trem, em 2 de janeiro, seiscentos morreram durante o trajeto. No mesmo dia, sessenta homens e mulheres, entre o grupo de judeus doentes deixados em Birkenau, partiram do campo, a pé, em busca de auxílio ou de abrigo. Passada uma hora, um destacamento da Gestapo partia em sua perseguição, abrindo fogo contra eles. Dez conseguiram regressar a Birkenau. Os restantes foram mortos.

Enquanto as marchas continuavam, escoltadas por homens da SS, o Exército Vermelho avançava decididamente em direção a Auschwitz e a Chelmno. Na noite de 19 de janeiro, as tropas soviéticas entraram em Cracóvia. No mesmo dia, Lodz caía nas mãos do exército liderado pelo general Chuikov. Na frente ocidental, os exércitos alemães eram obrigados a voltar, em 20 de janeiro, ao ponto onde lançaram sua ofensiva nas Ardenas. Havia morrido 15.600 soldados americanos e 25 mil soldados alemães. Por outro lado, 75 mil alemães foram feitos prisioneiros.

Também em 20 de janeiro, o Exército Vermelho entrou firmemente na Prússia Oriental. Na Tchecoslováquia, as tropas soviéticas haviam

atravessado os Cárpatos, avançando para o norte, a partir de território húngaro, e conquistando Bardejov, Presov e Kosice. Em 21 de janeiro, as tropas alemãs evacuavam Tannenberg, na Prússia Oriental, onde se dera a maior vitória alemã sobre a Rússia durante a Primeira Guerra Mundial; antes da retirada, os alemães desenterraram os despojos mortais de Hindenburg e de sua mulher, sepultados ali, levando-os para Berlim.

Enquanto o Exército Vermelho varria tudo à sua frente na Prússia Oriental, mais de dois milhões de civis alemães caminhavam pelas estradas, fugindo em direção oeste. À medida que a guerra entre os exércitos prosseguia, a fuga de refugiados aumentava.

Ainda em 20 de janeiro, Hitler ordenou a evacuação, por mar, em Memel. Não haveria, dessa vez, instruções para que a cidade sitiada combatesse até o fim. No mesmo dia, a noroeste de Oppeln, o Exército Vermelho atravessava o rio Oder, fixando uma posição avançada na margem ocidental. As forças soviéticas na Silésia estavam a menos de quatrocentos quilômetros de Berlim. Durante a noite, ao norte, alguns destacamentos do Exército Vermelho, avançando além da cidade fronteira de Rawicz, nos limites poloneses originais de 1939, chegavam a Göben, na margem oriental do Oder, a apenas 240 quilômetros de Berlim.

Em Berlim, continuavam os julgamentos e as execuções daqueles detidos na sequência da conspiração de julho; em 23 de janeiro, o conde Helmuth von Moltke, ex-conselheiro jurídico do supremo comando alemão, era enforcado na prisão de Plötzensee. O fundador e dirigente do Círculo de Kreisau tinha 37 anos quando foi executado. Uma testemunha ocular descreveu-o, nessa ocasião, como “determinado e tranquilo”.

Registraram-se mais duas execuções em Plötzensee naquele dia: de Nikolaus Gross, ativo opositor antinazista dos sindicatos e associações laborais católicas, e de Erwin Planck, filho do físico e prêmio Nobel Max Planck, ex-subsecretário da chancelaria do Reich antes da ascensão de Hitler ao poder. Tinha, à data de sua morte, 51 anos.

No campo de batalha, ainda em 23 de janeiro, o 4º exército alemão, que guardava as fronteiras da Prússia Oriental, retirou-se da fortaleza de Lötzen. Hitler, furioso, demitiu o comandante desse exército, general Hossbach e todo o seu estado-maior, assim como o comandante do grupo de exércitos respectivo, general Hans Reinhardt. As demissões, porém,

não conseguiriam conter o avanço do Exército Vermelho. Tomando Lötzen aos alemães, as tropas soviéticas seguiram até as proximidades de Rastenburg, ocupando a Toca do Lobo, testemunha do júbilo de Hitler durante as espetaculares ofensivas de julho de 1941 e a sobrevivência ao atentado em julho de 1944. Agora, o antigo quartel-general não passava de ruínas em territórios abandonados e perdidos, que os alemães haviam ocupado durante séculos. Em 26 de janeiro, quando o Exército Vermelho chegou ao litoral da Prússia, em Elbing, mais de quinhentos mil soldados alemães estavam cercados e a Prússia Oriental, separada da Alemanha.

No Pacífico, enquanto a batalha de Luzon continuava, a aviação britânica lançava a operação Meridian, em 24 de janeiro, contra as refinarias de petróleo japonesas em Palembang, Sumatra, que produziam 75 por cento do combustível necessário à aviação japonesa. Passados cinco dias, um segundo ataque completou a devastação causada pelo anterior, reduzindo amplamente a produção das refinarias. No norte da Birmânia, uma força conjunta americano-chinesa acatava as últimas posições japonesas na estrada da Birmânia.

À medida que os alemães se retiravam na frente oriental, novos campos de concentração ou de trabalhos forçados eram evacuados. Por vezes, os prisioneiros que se encontravam fracos demais para andar ou que tropeçavam e caíam durante as marchas eram abatidos a tiro. Em 25 de janeiro, oficiais da SS ordenaram a evacuação de Stutthof, onde haviam sido assassinados setenta mil prisioneiros desde setembro de 1939. No dia da evacuação, havia 25 mil pessoas no campo e pelo menos doze mil foram mortas quando a retirada começou. Durante a marcha, todos aqueles que não puderam aguentar as provações foram igualmente assassinados sem piedade; em Nawcz, 538 prisioneiros atacados pelo tifo foram mortos.

Uma moça, Sara Matuson, que sobrevivera a essa marcha da morte, foi salva perto de Marienburg por um prisioneiro de guerra britânico, Stan Wells, que a descobriu, com fome e frio, no celeiro onde trabalhava. Com nove camaradas, também prisioneiros de guerra, revezaram-se para alimentá-la e protegê-la. Entretanto, a mãe e a irmã da moça estiveram

entre os milhares de mortos na marcha que prosseguia. Seu pai fora assassinado no gueto de Siauliai, pouco depois da invasão alemã à Rússia.

“Deus está castigando a Alemanha”, escreveu Wells em seu diário, em 26 de janeiro, continuando:

Nunca mais ajudarei um alemão, nunca mais falarei bem sobre eles ou os defenderei por palavras! Hoje, assisti à cena mais repugnante, vil e cruel de minha vida. Que Deus devaste a Alemanha como castigo. Às 9h, uma coluna arrastava-se pela estrada em direção a Danzigue – uma coluna de deportados que palavras não podem descrever. Fui tomado por uma raiva terrível, por uma cegueira fria que por pouco não causou minha morte. Nunca, em minha vida, senti tão pouco medo de abrir a boca. Eram cerca de trezentos seres humanos, no frio intenso, arrastando os pés, coxeando, tropeçando e caindo enquanto as pancadas dos guardas – os porcos da SS – os obrigavam a levantar-se. Pedindo pão aos gritos, chorando e implorando por comida, eram trezentas silhuetas com os cabelos raspados, sujas como nunca vi – trezentas judias! Quando algumas mulheres tentaram obter pão numa casa vizinha, uma, entre elas, foi derrubada por uma coronhada, mas, ainda assim, enquanto caía, conseguiu, num movimento desesperado, esconder sob a blusa o pão de que se apoderara.

Em 25 de janeiro, homens da SS mataram 350 judeus na enfermaria de Auschwitz: 150 homens e duzentas mulheres. No dia seguinte, a última entre as cinco câmaras de gás do campo e o último crematório foram destruídos. Depois, os oficiais partiram. Deixavam para trás um punhado de doentes e moribundos, entre os quais o judeu italiano Primo Levi, mais tarde prêmio Nobel, que recordou o episódio: “Jazemos num mundo de morte e de fantasmas. Os últimos vestígios de civilização perderam-se dentro e fora de nós. A obra de degradação bestial iniciada pelos alemães vitoriosos foi rematada pelos alemães derrotados.”

Em 26 de janeiro, oficiais da SS mataram, em Ravensbrück, Violette Szabo, agente britânica feita prisioneira após descer em paraquedas sobre a França. No mesmo dia, em território francês perto de Colmar, a derradeira resistência alemã era vencida; entre os soldados americanos envolvidos e feridos na batalha estava o tenente Audie Murphy, de vinte anos, que conquistaria a medalha de honra da congregação. Murphy, mais tarde, repetiria seu papel no filme *Ida e volta para o inferno* e apareceria

na capa da revista *Life* com o título de “o mais condecorado entre os soldados”.

Sem condecorações ou louvores, um amigo de Primo Levi, o judeu húngaro Somogyi, morria em Auschwitz na noite de 26 de janeiro. Na manhã seguinte, Levi e outro amigo transportaram o corpo para fora do campo, usando uma padiola. “Era muito leve”, lembraria Levi. “Depusemos a padiola sobre a neve acinzentada.” E, enquanto o faziam, chegaram os russos.

Quando entraram em Auschwitz, as tropas soviéticas descobriram 648 cadáveres e mais de sete mil sobreviventes, esqueléticos e famintos: 5.800 judeus em Auschwitz-Birkenau, 1.200 poloneses no campo principal de Auschwitz e 650 trabalhadores escravos de diversas nacionalidades em Monowitz. Os soldados soviéticos descobriram também as ruínas de 29 enormes armazéns incendiados pela SS antes de sua retirada. No entanto, seis depósitos haviam escapado à destruição; em seu interior, havia 836.255 vestidos de mulher, 348 mil paletós e 38 mil pares de sapatos masculinos.

Embora praticamente derrotado, o exército alemão resistia ferozmente e até contra-atacava; em 27 de janeiro, oito divisões alemãs detiveram a progressão das tropas soviéticas perto de Marienburg, na Prússia Oriental. Na Hungria, igualmente, uma contraofensiva alemã reconquistava Szekesfehervar. O Exército Vermelho, porém, estava preparado para cercar as cidades, encurralando os alemães, e continuar a avançar. Poznan e Torun foram cercadas nesse dia 27 enquanto os russos avançavam em direção à fronteira germano-polonesa original de 1939. Dois dias mais tarde, atravessaram a fronteira e tomaram duas pequenas cidades da Pomerânia, Schönlanke e Woldenberg. Küstrin, junto ao Oder, teria o mesmo destino, estando a apenas 77 quilômetros de Berlim.

Numa tentativa desesperada para defender sua fronteira leste, Hitler designou Himmler comandante de um recém-criado grupo de exércitos do Vístula. O nome era pouco apropriado, uma vez que o Vístula fora arrancado às mãos dos alemães. De qualquer maneira, procedia-se a instalação de um plano maciço de defesa em torno de Breslau.

Na frente ocidental, três divisões americanas lançaram um ataque contra a linha Siegfried em 30 de janeiro. No mesmo dia, um submarino soviético afundou o navio de transporte alemão *Wilhelm Gustloff*, no porto de Kiel, que trazia a bordo oito mil soldados e refugiados alemães tirados da Prússia Oriental. Mais de seis mil passageiros perderam a vida no maior desastre marítimo de toda a Segunda Guerra Mundial.

Não foram os desastres, mas os casos de heroísmo, o tema do filme alemão *Kolberg*, cuja estreia aconteceu no mesmo 30 de janeiro. Filmado a cores, a produção mais cara jamais realizada na Alemanha nazista punha em cena 187 mil soldados, que interromperam suas outras tarefas em tempo de guerra; o roteiro narra a história do miraculoso triunfo dos defensores do porto de Kolberg, no Báltico, em 1807. Cópias da produção foram enviadas para todas as guarnições alemãs. A guarnição sitiada em La Rochelle, ao receber o filme por via aérea, prometeu “emular o combate histórico em defesa da pátria e não o desmerecer em determinação e ousadia”. Pouco depois, contudo, La Rochelle caía. O mesmo acontecia em Kolberg, conquistada pelo Exército Vermelho, mas, enquanto o filme esteve em exibição, o fato não foi revelado aos alemães.

Na área de guerra de Luzon, 120 quilômetros além das linhas japonesas, uma incursão dramática, em 30 de janeiro, tentou libertar mais de quinhentos prisioneiros de guerra americanos, internados havia três anos num campo de concentração em Cabanatuan. O ataque foi empreendido por cem homens do 6º Batalhão de comando de infantaria, auxiliados por mais de quatrocentos guerrilheiros filipinos; num combate de vinte minutos, todos os 225 soldados japoneses no campo foram mortos e 531 prisioneiros foram libertados. No regresso às linhas americanas, um soldado americano e 26 guerrilheiros foram mortos. Nos Estados Unidos, as notícias sobre o salvamento dos prisioneiros de guerra entusiasmaram a população. A Sra. Caryl Picotte, de Oakland, Califórnia, que recebera, dois dias antes, a notícia da morte de um irmão em Leyte durante os combates, recebia, dessa vez, a notícia animadora de que o marido estava entre os prisioneiros salvos do campo de concentração em Cabanatuan.

Em Bornéu, os prisioneiros de guerra aliados tiveram menos sorte do que aqueles em Luzon; entre os dois mil australianos e quinhentos britânicos, apenas seis sobreviveriam às marchas da morte e às execuções em massa empreendidas por seus carcereiros na iminência da invasão aliada.

As condições dos prisioneiros de guerra e civis nos campos de concentração nas ilhas sob ocupação japonesa das Índias Orientais Holandesas pioraram ao longo de janeiro de 1945, uma vez que os ocupantes, confrontados com a realidade de constantes derrotas militares e desastres navais, endureceriam sua atitude em relação aos detidos. No final de janeiro, no campo de Muntok, Sumatra, 77 holandesas, australianas e britânicas morreram por fome e doença. Esse quadro de morte induzida repetiu-se em centenas de campos semelhantes.

Na frente oriental, blindados soviéticos cruzaram o Oder em 31 de janeiro, estabelecendo uma posição avançada em Kienitz, a menos de oitenta quilômetros de Berlim. A travessia do rio pelos russos dera-se de maneira tão inesperada que os invasores descobriram soldados alemães passeando nas ruas e trens da linha Kienitz-Berlim em funcionamento normal. Contudo, o avanço russo era tão rápido e extenso que várias entre suas brigadas experimentavam falta de combustível e até de munições.

No mesmo dia, numa reunião entre os chefes dos estados-maiores britânicos, o líder da força aérea, Sir Charles Portal, disse aos seus colegas do exército e da marinha que sua instituição em breve emitiria um parecer acerca “da assistência à progressão russa, realizável através de uma força estratégica de bombardeiros”. A iniciativa era possível, uma vez que os exércitos aliados haviam consolidado suas posições após a ofensiva nas Ardenas. Portal também falou sobre a possibilidade de redefinição das prioridades em termos dos alvos dos bombardeiros anglo-americanos, de forma a serem atacadas, ao mesmo tempo, a cidade de Berlim e as fábricas de tanques alemãs, “no contexto da atual ofensiva russa”. Se as forças utilizadas para o bombardeamento das linhas de comunicação alemãs fossem reduzidas, acrescentou Portal, seria possível, em paralelo, atacar as fábricas de blindados alemãs “e, também,

efetuar ataques pesados contra as quatro cidades: Berlim, Dresden, Leipzig e Chemnitz”, onde a “confusão resultante” afetaria, de modo mais eficaz, “os esforços do inimigo para movimentar suas forças entre as frentes ocidental e oriental”.

Os bombardeiros britânicos seriam, doravante, utilizados para auxiliar o Exército Vermelho.

No mesmo 31 de janeiro, em Ste. Marie-aux-Mines, um soldado americano, Eddie E. Slovik, era fuzilado por deserção, sendo o primeiro americano a sofrer semelhante castigo desde a Guerra Civil e o único desertor americano a ser fuzilado na Segunda Guerra Mundial. Cinco meses antes, Slovik deixara sua unidade, mesmo estando em período de serviço. Mais tarde, seria preso em Bruxelas e julgado em tribunal militar. Quase analfabeto, Slovik escreveu em sua confissão: “Fugia outra vez se fosse obrigado a voltar para lá.” Declarar que fugiria mais uma vez selou seu destino.

Em todos os exércitos, havia homens para os quais a tensão dos combates era insuportável. Centenas – ou milhares –, entre eles, foram executados no próprio campo de batalha, sem julgamento. Também foram vítimas da guerra.

Berlim, Manila, Dresden, Tóquio

Fevereiro-março de 1945

Em 1º de fevereiro, com o Exército Vermelho a menos de oitenta quilômetros da cidade, Berlim era declarada cidade fortaleza. Jovens e velhos eram recrutados para a construção de fortificações, trincheiras, redutos e valas antitanque. Nas paredes e nos muros das casas e das ruas, a antiga palavra de ordem – “A caminho da vitória” – era substituída por “Vitória ou Sibéria”. Na prisão de Plötzensee, as execuções de antinazistas continuavam; entre aqueles que seriam enforcados em 2 de fevereiro estava o padre jesuíta e membro do Círculo de Kreisau Alfred Delp. Enforcados na mesma data foram Johannes Popitz, comissário do Reich para a Prússia e detentor da faixa dourada de honra do Partido Nazista, que tentara persuadir seus companheiros a restaurarem a monarquia após o derrubamento de Hitler, e Karl Goerdeler, ex-presidente da Câmara de Leipzig, principal figura civil na conspiração e escolhido pelos generais para o cargo de chanceler.

Em Sachsenhausen, um dos prisioneiros de guerra de Hitler praticava um ato de heroísmo em 2 de fevereiro. O alferes John Godwin, da marinha britânica – que fora capturado com seis outros marinheiros durante uma operação clandestina na Noruega, em abril de 1943 –, ao voltar do trabalho forçado nessa noite de fevereiro, foi conduzido juntamente com seus seis camaradas para um local de execução; então, apoderando-se da pistola do comandante do pelotão de fuzilamento, disparou contra ele, matando-o antes de ser, por sua vez, morto pelos guardas.

Em 3 de fevereiro, o tribunal popular de Berlim reuniu-se mais uma vez para julgar novos acusados de participação na conspiração contra Hitler. O implacável presidente do grupo, Roland Freisler, não recuava

perante quaisquer irregularidades ou abusos. Enquanto decorria o julgamento de Fabian von Schlabrendorff, da viúva de Wilhelm Solf e de sua filha, Elizabeth von Thadden, em cuja casa vários conspiradores reuniram-se em 10 de setembro de 1943, verificou-se um ataque aéreo americano. O julgamento foi adiado e os prisioneiros, conduzidos, algemados, para suas celas. Freisler, portando os documentos relativos aos casos prestes a serem resolvidos com três sentenças de morte, refugiou-se no porão do tribunal. O edifício foi atingido por uma bomba americana e o juiz morreu, esmagado por uma viga.

Von Schlabrendorff, a Sra. Solf e Elizabeth von Thadden sobreviveram ao ataque. Mais tarde, tendo o dossiê do caso sido destruído na ocasião da morte de Freisler, o processo seria interrompido e os acusados, após a revisão do processo, postos em liberdade.



Carl Goerdeler, antigo presidente da Câmara de Leipzig, durante o julgamento em Berlim. Seria mais tarde executado.



O juiz Roland Freisler dirigindo-se a um dos acusados durante o julgamento do atentado à bomba. Morreu quando uma bomba dos aliados caiu no tribunal.



Ulrich Von Harsel, diplomata alemão, um dos acusados no julgamento do atentado à bomba. Seria mais tarde executado.



Julius Leber durante o julgamento em Berlim. Seria mais tarde executado.

* * *

Em 4 de fevereiro, as forças americanas romperam as defesas avançadas da linha Siegfried, perto de Brandschied. No mesmo dia, Stálin, Roosevelt e Churchill reuniam-se em Yalta para discutir as questões políticas relativas à Europa do pós-guerra e, em particular, à Polônia. Muito pressionado pelos dois dirigentes ocidentais, Stálin apresentou uma série de garantias, como a realização de eleições livres com a participação de todos os partidos políticos, que se revelariam vãs.

Os Três Grandes ouviram, na mesma data, um apelo do representante do estado-maior do Exército Vermelho, general Antonov, solicitando o auxílio de bombardeiros britânicos e americanos, “para impedir que o inimigo desloque para a frente oriental tropas no Ocidente, na Noruega ou na Itália”. O pedido de Antonov era que as linhas de comunicação fossem consideradas alvo prioritário. Durante essa tarde, Antonov declarou que os alemães estavam transferindo para a frente oriental um total de oito divisões do interior da Alemanha, oito divisões da Itália, três divisões da Noruega e doze divisões da frente ocidental, além de outras seis já transferidas. Os números francamente exagerados – por exemplo, apenas quatro divisões seriam transferidas da Itália – serviram para que Stálin pudesse perguntar a Churchill e a Roosevelt quais eram seus desejos “em relação ao Exército Vermelho”, ao que o primeiro-ministro britânico replicou que a vontade de ambos era que a ofensiva russa prosseguisse.

A urgência de ações anglo-americanas em apoio à ofensiva soviética foi claramente afirmada por uma decisão do Gabinete de Guerra britânico, que indicou, na mesma data, que “entre a margem do Oder, a noroeste de Glogau, e os Cárpatos, todos os ataques russos fracassaram em virtude da resistência alemã reforçada”. No dia seguinte, em memorando dirigido aos estados-maiores combinados, os chefes militares britânicos assentiam em “fazer o possível para apoiar o avanço do exército soviético”. No mesmo dia, numa reunião dos estados-maiores britânico, americano e russo, o general Antonov chegou a avisar aos generais do Ocidente que, se “não fossem capazes de tirar pleno partido

de sua superioridade aérea, os Aliados não teriam supremacia suficiente em terra para derrotar as oposições inimigas”.

Os representantes dos estados-maiores britânico e americano concordaram em desviar algumas de suas forças de bombardeiros em uso nos ataques contra as reservas e os abastecimentos petrolíferos alemães, que eram considerados alvos prioritários, para alvejar as linhas de comunicação inimigas na região Berlim-Dresden-Leipzig. Concordaram também com a sugestão de Antonov de que os aliados se ocupassem das três cidades referidas enquanto os russos atacariam alvos situados mais ao leste.

Desse modo, com o objetivo de deter o movimento de tropas alemãs através de cidades da frente oriental, decidiu-se o destino de Dresden – que ainda era uma entre as poucas cidades principais não bombardeadas. A decisão condizia com a vontade do “bombardeiro” Harris, que, em sua qualidade de comandante de sua força, resistira ao apelo de concentrá-las contra o petróleo alemão, pondo toda a sua fé, contra a opinião dos serviços secretos e das pistas obtidas através da decodificação de mensagens Ultra, na realização de ataques incendiários e devastadores contra grandes cidades.

Enquanto se discutia o equilíbrio de forças na guerra, Stálin informou a Roosevelt e a Churchill, em 5 de fevereiro, que o Exército Vermelho lançara 180 divisões contra as oitenta divisões alemãs em ação. Depois, Stálin perguntou: “De que superioridade gozamos no Ocidente?” Churchill, em resposta, explicou que as forças anglo-americanas não dispunham de “relevante superioridade numérica” no solo, nem na França nem na Itália, embora tivessem “supremacia esmagadora nos ares e, em matéria de blindados, nos pontos onde decidimos concentrar nossas forças”. Na frente ocidental, segundo declarou o general Marshall aos Três Grandes, os alemães tinham 79 divisões, embora bastante enfraquecidas, e os Aliados, 78 unidades.

Nessa noite, mais uma parte do Exército Vermelho atravessou o Oder, agora em Brieg, quarenta quilômetros abaixo de Breslau. Ao norte, passados dois dias, as tropas soviéticas cruzaram o rio uma vez mais, em Fürstenberg, a 96 quilômetros de Berlim. Os alemães estavam desalentados. “As tropas estão cansadas”, comentaria no mesmo dia, em conversa privada, Von Rundstedt. O fanatismo da resistência alemã,

contudo, continuava a surpreender os autores da ofensiva após obterem suas vitórias e percorrerem seus longos trajetos. Em Poznan e Glogau, as guarnições alemãs recusaram-se à rendição, enquanto em Breslau, ainda por sitiar, mais de quarenta mil soldados estavam a postos para enfrentar o assalto russo.

Na frente ocidental, em 8 de fevereiro, as forças canadenses lançaram a operação Veritable, a partir de Nijmegen, para ocupar a região entre os rios Maas e Reno e afastar os alemães da margem ocidental do Alto Reno. No dia seguinte, o general Lattre de Tassigny concluía, com êxito, a operação Cheerful, derrotando os alemães encurralados num bolsão em Colmar. Durante a batalha, que se arrastara por vinte dias, morreram 1.600 soldados franceses e 540 americanos; ao final do combate, após os alemães serem obrigados a recuar, atravessando o Alto Reno, 22 mil soldados seus haviam sido feitos prisioneiros.

Nessa noite, era mostrada a Hitler, em Berlim, uma maquete para a reconstrução de Linz quando a Alemanha vencesse a guerra. Dirigindo-se ao general da SS Kaltenbrunner, que se referira à quebra do moral dos alemães, Hitler comentou: “Acha que eu falaria assim sobre meus planos se não acreditasse, no fundo de mim mesmo, que venceremos a guerra?”

Em 9 de fevereiro, os soldados japoneses prenderam mais de vinte moças em Manila, dedicando-se a violentá-las ao longo dos três dias seguintes. Algumas foram estupradas mais de trinta vezes. Somente quando o edifício onde haviam sido alojadas foi atingido por uma granada americana, algumas prisioneiras conseguiram escapar. Uma, Esther Gracia Moras, narraria a atrocidade japonesa ao Tribunal de Julgamento de Crimes de Guerra em Tóquio.

Em Yalta, Roosevelt, Churchill e Stálin decidiram, em 10 de fevereiro, que a Alemanha seria obrigada a pagar indenizações pelos estragos causados nos países ocupados. A pedido de Stálin, todos os russos que houvessem sido capturados a combater ao lado dos alemães deveriam ser repatriados – “enviados para a Rússia o mais depressa possível”, de acordo com suas palavras. Muitos desses soldados haviam combatido os aliados durante os desembarques na Normandia. Também ficou

determinado que a União Soviética entraria em guerra contra o Japão dois ou três meses após a derrota da Alemanha, recebendo como recompensa a parte sul de Sakhalin, anexado pelo Japão em 1905, e as ilhas Curilas – que pertenciam à Rússia e à China e que foram tomadas pelo Japão em 1875.

No dia em que foram tomadas essas decisões, uma renovada ofensiva soviética era lançada na Pomerânia Oriental, onde o exército de Himmler ainda resistia nas imediações do rio, acima de Danzig. Em Budapeste, uma força composta por dezesseis mil soldados alemães tentava deixar a cidade; cercada em Ferbal, foi destruída, escapando apenas algumas centenas de homens. Em Buda, parte da capital à margem ocidental do Danúbio, toda a resistência alemã se desfazia. Renderam-se trinta mil soldados alemães, sem munições, força física ou ânimo que lhes permitissem continuar na luta.

Ao longo dos dois primeiros meses de 1945, os ataques com bombas voadoras continuaram a atingir a Grã-Bretanha, matando 585 civis em janeiro e 483 pessoas em fevereiro. Entre os mortos por uma bomba voadora que caiu em Londres em 13 de fevereiro estava Tommy Brown, marinheiro que, havia dois anos, recebera a medalha George por bravura em combate e que perdeu a vida ao tentar salvar sua irmã, presa num edifício incendiado e em ruínas.

Na noite de 13 de fevereiro, no contexto do plano anglo-americano acertado na conferência de Yalta, visando atrasar tanto quanto possível os deslocamentos de forças alemãs da Noruega, da Itália e da Holanda para a zona de guerra em Breslau, 245 bombardeiros britânicos atacaram Dresden, seguidos, três horas e meia depois, por outros 529 aviões. Seu objetivo era destruir as instalações ferroviárias da cidade. Durante o primeiro bombardeamento, uma tempestade de fogo, gerada após uma hora de ataques, alastrou-se por 28 quilômetros quadrados da cidade.

O ataque contra Dresden recomeçou na manhã seguinte, com um ataque americano em que participaram 450 bombardeiros. A cidade, cujo antigo centro histórico fora até então poupado pela guerra, estava em chamas; alguns incêndios se manteriam por sete dias e noites. Entre os

mais de 1.200 bombardeiros que atacaram a cidade, apenas oito foram abatidos. Para os aviões britânicos, era a taxa mais baixa paga em ataques semelhantes e sua mais profunda incursão no interior da Alemanha. A maior parte da artilharia antiaérea de Dresden fora transferida para a frente ocidental, a fim de defender o Ruhr e de proteger as instalações de produção de petróleo sintético.

Na mesma manhã de 14 de fevereiro, os bombardeiros americanos largaram 642 toneladas de bombas sobre Chemnitz e 725 toneladas sobre Magdeburg. Churchill, que regressava da Crimeia para a Grã-Bretanha, recebeu um telegrama escrito por seu Gabinete de Guerra, resumindo em onze pontos os acontecimentos militares do dia anterior. Soube assim que seis mil soldados alemães haviam sido capturados na frente ocidental. No norte da Rússia, um comboio naval britânico, com 28 navios, chegava ao seu destino sem sofrer perdas. Na Birmânia Central, haviam sido repelidos diversos assaltos japoneses. No centro da Europa, Budapeste fora ocupada pelas tropas russas, tendo sido mortos dezenas de milhares de soldados alemães. Quanto à guerra aérea – décimo entre os onze pontos enumerados pelo Gabinete de Guerra –, haviam sido enviados 1.252 aviões contra a Alemanha – 805 a Dresden, 368 contra a fábrica de petróleo sintético em Böhlen, 71 sobre Magdeburg e oito contra uma refinaria petrolífera em Misburg.

O décimo primeiro e último ponto citado no telegrama dizia respeito aos permanentes ataques de mísseis V2 contra a Grã-Bretanha. Nas quinze horas antes do nascer do sol em 14 de fevereiro, catorze mísseis atingiram a região de Londres, matando doze civis em Wood Green, doze civis em Romford, 28 pessoas em West Ham e outras três em Bexley. O total das mortes causadas pelos mísseis, ao final da semana que terminava em 15 de fevereiro, era de 180 cidadãos, o mais elevado desde que os ataques começaram.

No mesmo dia, foi elaborado o primeiro relatório sobre o bombardeamento a Dresden, com base na análise de fotografias aéreas. Embora não fornecesse o número de mortos, o relatório sublinhava a “grande devastação material” que as fotografias revelavam, dizendo ser “evidente, através dos muitos blocos de edifícios desfeitos, que as chamas destruíram parte da cidade”. A interpretação de novas fotografias, obtidas em 15 de fevereiro, era “dificultada”, segundo a

comissão de estado-maior seria informada uma semana depois, “pela fumaça que se desprende dos incêndios, que se mantêm vivos mais de 36 horas depois do último ataque”.

Na manhã de 15 de fevereiro, uma segunda leva, com duzentos bombardeiros americanos, atacou Dresden, já em chamas, por considerarem que causariam maior confusão se uma ação fosse empreendida enquanto o equipamento e o pessoal de operações antifogo ainda estivessem nas ruas, podendo ser alvejados.

O número de mortos em Dresden nunca pôde ser calculado com precisão. Ao todo, foram descobertos na cidade 39.773 mortos “oficialmente identificados”, na maioria vítimas de incêndios. Outros vinte mil corpos, ao menos, ficaram soterrados entre as ruínas ou foram queimados de modo que não fosse possível identificá-los sequer como cadáveres individuais. No principal cemitério da cidade, uma inscrição num túmulo coletivo perguntava: “Quantos morreram? Quem sabe seu número?” E não arriscava resposta.

Até muitos quilômetros ao redor, o clarão do incêndio em Dresden era visível no céu noturno, constituindo um espetáculo sem precedentes no coração da Alemanha. Num campo de trabalho em Schlieben, um prisioneiro judeu, Ben Helfgott, que, em setembro de 1939, assistira ao incêndio de Sulejow, na Polônia, lembraria o céu vermelho sobre Dresden:

Não só víamos aquilo como sentíamos a terra tremer. Apenas olhávamos. Para nós, era o paraíso. Como que uma dádiva. Não tínhamos de trabalhar. Os alemães fugiam, tentando abrigar-se. Sabíamos que o dia da libertação se aproximava. Para todos nós, o fogo era a esperança de salvação. Descobríamos que o fim estava próximo.

Prisioneiros de guerra britânicos e americanos foram transportados para desenterrar cadáveres em Dresden. Entre eles, Kurt Vonnegut, que seria, mais tarde, um conhecido escritor americano e que recordou o episódio:

Todos os dias, andávamos pela cidade e entrávamos em porões e abrigos para retirar os cadáveres, como medida de prevenção sanitária. Quando entrávamos, um abrigo típico

ou um porão habitual parecia um ônibus cheio de pessoas que sofreram, ao mesmo tempo, um ataque cardíaco. Pessoas sentadas ali, em suas cadeiras, mortas.

Essas imagens haviam sido vistas em diversas cidades alemãs bombardeadas desde a tempestade de fogo em Hamburgo, havia dois anos e meio, quando morreram 42 mil pessoas.

Nas Filipinas, as forças americanas, após dividirem as forças japonesas, tentavam avançar sobre Manila. Em 15 de fevereiro, aviões deixaram um porta-aviões para atacar, pela primeira vez, ilhas do território japonês enquanto a mais poderosa força naval marítima em toda a história – vinte porta-aviões escoltados por noventa couraçados – partia de Honshu.

Em 16 de fevereiro, um regimento de paraquedistas americanos desceu em Corregidor. No mesmo dia, enquanto os aviões americanos começavam a bombardear as instalações japonesas na ilha de Iwo Jima, uma força expedicionária de mesma nacionalidade saía de Saipan para Iwo Jima.

Na batalha de Manila, decididos a não se render, os japoneses transformaram cada rua e cada casa em um feroz terreno de combate, reduzindo a outrora bela cidade a ruínas e a um depósito de cadáveres. Numa orgia assassina, cerca de cem mil civis filipinos foram mortos pelos japoneses; em alguns casos, foram incendiados hospitais, após os doentes serem amarrados às camas. A matança dos civis da cidade prosseguia a um ritmo de loucura. “Em vários pontos”, registrou um soldado japonês em seu diário, em 17 de fevereiro, “matamos milhares de pessoas, velhos e novos, homens e mulheres, filipinos e chineses”.

Ainda em 17 de fevereiro, dois mil soldados japoneses ocuparam parte da antiga cidade cercada por muros. Tinham, como reféns, cinco mil filipinos. Por meio de um alto-falante, o comandante das forças americanas, general Oscar Griswold, intimou os japoneses a se renderem. A intimação foi recusada e, ao fim de seis dias e seis noites, com a antiga cidade fortificada em ruínas e quase todos os japoneses e filipinos mortos, mais uma vitória aliada se consumava.

Na madrugada de 19 de fevereiro, os fuzileiros americanos desembarcaram em Iwo Jima, uma ilha estéril, com vinte metros quadrados, mas uma base aérea indispensável para o bombardeamento ao Japão. Após três dias de violentos combates, durante os quais centenas de americanos foram literalmente explodidos em pedaços pela artilharia japonesa, a bandeira americana era hasteada no monte Suribachi, ponto mais elevado da ilha, às 10h20. Dos doze homens que transportavam a bandeira, dois – o tenente-coronel Chandler W. Johnson e o sargento Ernest T. Thomas – seriam mortos em combate na data em que o segundo celebrava seu vigésimo primeiro aniversário.

Um fotógrafo do grupo americano, o sargento Louis R. Lowery, fotografou a cena, mas sua fotografia, enviada por correio militar, demoraria mais de um mês para chegar ao quartel-general nos Estados Unidos. Entretanto, o segundo hastear de bandeira, uma hora após o primeiro, foi registrado por um fotógrafo da Associated Press, Joe Rosenthal. Sua fotografia foi enviada para Guam e, daí, por via radiofotográfica, para os Estados Unidos, onde foi objeto de admiração extraordinária, a tal ponto que o presidente Roosevelt ordenou que os seis homens que haviam hasteado a bandeira regressassem à pátria para serem saudados por seus compatriotas.

Quando a ordem de Roosevelt chegou a Iwo Jima, três dos seis homens – o capitão Harlon Block, o sargento Michael Strank e o soldado Franklin R. Sousley – estavam mortos. Joe Rosenthal ganhou, com sua fotografia, o prêmio Pulitzer, e, enquanto a batalha contra o Japão prosseguia, os correios americanos emitiram um selo comemorativo do hastear da bandeira em Iwo Jima, sendo o primeiro selo emitido durante a guerra a documentar um episódio do conflito. A fotografia de outro hastear de bandeira, ocorrido pouco depois, seria a imagem mais reproduzida da guerra do Pacífico.

Embora a bandeira americana houvesse sido hasteada, a batalha de Iwo Jima continuava, nos cumes e ravinas que receberam nomes tão eloquentes quanto “Goela Sangrenta”, “Faca de Cortar” e “Moedor de Carne”. A vitória americana não chegaria até o fim de março, depois de morrerem em combate 6.821 fuzileiros americanos e vinte mil defensores japoneses. Somente 1.083 japoneses se deixaram capturar pelos invasores.

Cerca de novecentos marinheiros americanos perderiam a vida durante a batalha de Iwo Jima, entre os quais 218 homens quando o porta-aviões *Bismark Sea* foi afundado por um piloto suicida japonês.

Na sequência da conquista, os bombardeiros americanos com base na ilha iniciaram um ataque regular e prolongado contra outras ilhas japonesas. Em Luzon, com Manila já sob controle americano, a luta continuava e, com ela, as operações destinadas ao salvamento de prisioneiros de guerra americanos. Num ataque de americanos e filipinos ao campo de aprisionamento de Los Banos, ao sul de Manila, toda a guarnição japonesa foi morta, tendo sido libertados 2.100 prisioneiros de guerra, com apenas duas mortes entre os americanos.

Na Alemanha, o barulho da artilharia era audível em Peenemünde, berço do míssil V2. Em 17 de fevereiro, os especialistas alemães abandonavam o centro experimental, num trem, enquanto o material e o equipamento seguiam para Ocidente em barcaças. Ao final do mês, instalavam-se em Oberammergau, na Baviera, região para onde se previa que Hitler se retiraria antes da batalha final. Na Silésia, Breslau estava cercada.

Em 19 de fevereiro, momento de crise para o exército alemão no Leste, Heinrich Himmler, agindo às escondidas, encontrou-se com um oficial da Cruz Vermelha sueca, conde Folke Bernadotte, para pedir que seu país patrocinasse a abertura de negociações com os aliados. Bernadotte, hábil negociador, sugeriu que talvez fosse oportuno, num primeiro momento, que os campos de concentração alemães fossem colocados sob controle de uma comissão internacional da Cruz Vermelha. Himmler concordou em autorizar que os prisioneiros recebessem alimentos da Cruz Vermelha – mas apenas prisioneiros “nórdicos”, com exclusão de eslavos e judeus. Os dois homens, ao final da reunião, combinaram um novo encontro.

Em 21 de fevereiro, os conselheiros militares de Hitler sugeriram que retirasse todas as tropas alemãs presentes na Pomerânia. Hitler recusou-se, insistindo em que a linha da estrada de ferro entre Stettin e Danzigue deveria ser defendida a todo o custo. No dia seguinte, a guarnição alemã em Poznan rendia-se, após o suicídio de seu comandante. Não havia possibilidade de conservar a Pomerânia.

Os aliados realizavam um novo bombardeamento, visando destruir as comunicações no interior do Reich no contexto da operação Clarion. Em 22 de fevereiro, os bombardeiros atingiram, por acidente, duas povoações fronteiriças suíças, Stein am Rhein e Rafz, causando a morte de dezessete civis.

Ao todo, nove mil aviões participaram da operação Clarion, atacando estradas de ferro, diques de canais, pontes e meios de transporte em geral ao longo de 24 horas ininterruptas. Num ataque a Pforzheim, na noite de 23 de fevereiro, o capitão E. Swales manteve seu bombardeiro atingido no ar, permitindo que toda a sua tripulação saltasse em paraquedas; Swales, porém, morreu na queda do avião, depois de cumprida a tarefa a que se propusera, tendo recebido, a título póstumo, a cruz Victoria. Foi um entre os 2.227 membros da força aérea sul-africana a perderem a vida em combate durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 24 de fevereiro, enquanto prosseguiram as incursões aéreas da operação Clarion, Hitler reunia-se com seus *Gauleiters* em Berlim. “Podem ver que minhas mãos, por vezes, tremem”, disse Hitler, “e talvez a cabeça também trema ocasionalmente, mas meu coração: nunca!”. Na frente ocidental, os soldados aliados ainda não haviam cruzado o Reno. Na frente oriental, o Oder, apesar de atravessado em diversos locais, continuava funcionando como uma barreira eficaz contra o avanço russo sobre Berlim.

Em 26 de fevereiro, os americanos preparavam-se para celebrar a vitória na batalha da ilha Corregidor. Combateram durante duas semanas contra os japoneses que ocupavam a fortaleza da ilha havia três anos. Durante os combates, mais de três mil soldados japoneses morreram, tendo escapado apenas alguns defensores da guarnição. Por fim, num ato de desespero suicida, os japoneses, escondidos nos túneis de Monkey Point, explodiram o principal paiol da ilha. Cinquenta e dois soldados americanos foram mortos pela explosão, que feriu outros 96 homens. Os duzentos japoneses que se encontravam no túnel morreram. “Após verificar a extensão das baixas”, escreveu o capitão Bill McLain, médico militar, “sentei-me numa pedra e chorei. Não poderia nem queria conter-

me. Vira mais do que um homem pode ver e permanecer em seu estado normal”.

Ao cair da noite em 27 de fevereiro, quando a resistência organizada em Corregidor chegou ao fim, cerca de seis mil japoneses haviam sido mortos. Anteriormente, no mesmo dia, enquanto ainda havia combates na antiga área fortificada de Manila, o general MacArthur dirigira-se ao palácio Malacanan, dizendo aos filipinos que seu país se encontrava “novamente em liberdade, podendo continuar seu caminho em condições honrosas ao lado das nações livres”. Referindo-se a Manila, MacArthur continuou: “Sua capital, embora cruelmente ferida, voltou à sua qualidade de cidadela da democracia no Oriente.” Depois, cedeu à emoção e chorou. Mais tarde, escreveria: “Para outros, poderia parecer meu momento de glória e de triunfo pessoal, mas, para mim, foi apenas o culminar de um quadro de destruição física e espiritual. Assistir à morte de tantos dos meus homens matara alguma coisa dentro de mim.”

Em 28 de fevereiro, as forças americanas desembarcavam em Puerto Princesa, na ilha Palawan, imediatamente tentando salvar os prisioneiros de guerra que lá haviam sido internados ao longo dos últimos três anos. Todavia, encontraram apenas alguns documentos e objetos pessoais. Passadas duas semanas, descobririam 79 esqueletos, estando 26 corpos na mesma cova. Os despojos mortais mostravam sinais de balas e de contusões produzidas por objetos cortantes.

O desembarque em Puerto Princesa foi o primeiro entre os 38 assaltos realizados contra 450 mil soldados japoneses dispersos pelas ilhas do sul das Filipinas. Seis ilhas maiores foram invadidas num intervalo de duas semanas, que culminaria em 10 de julho, tendo a reconquista custado mais de treze mil vidas aos americanos.

Em 28 de fevereiro, os serviços secretos britânicos informavam à missão militar soviética em Londres sobre a ordem de batalha do exército alemão na frente oriental. Os dados haviam sido recolhidos através da leitura de mensagens pelo sistema Ultra. No mesmo dia, após alguns documentos alemães apreendidos em Strasburg confirmarem que a fábrica Auer, em Oranienburg, a norte de Berlim, ocupava-se do

tratamento de urânio para a produção de energia nuclear, foi decidido, pelos aliados, que o bombardeamento da fábrica era tarefa prioritária.

Na frente ocidental, as forças americanas chegavam ao Reno, diante de Düsseldorf, em 2 de março, deparando-se, porém, com todas as pontes destruídas. No mesmo dia, enquanto os alemães continuavam a defender Breslau contra os russos, os bombardeiros americanos atacavam Dresden, sendo seu alvo as instalações da estrada de ferro que levava reforços e abastecimentos à frente em Breslau. Durante o ataque, foi destruído, no Elba, um navio-hospital carregado de homens feridos durante os ataques aéreos anteriores.

Em 3 de março, a Finlândia declarou guerra à Alemanha. A Turquia fizera o mesmo havia dez dias. Com esse gesto, os dois países garantiam seus lugares na mesa das potências vencedoras. Entretanto, Churchill chegava à Alemanha, encontrando-se nesse dia em Jülich, após visitar a frente ocidental. Era a primeira vez que um primeiro-ministro britânico pisava em solo alemão desde que Neville Chamberlain estivera em Munique, em setembro de 1938, para reconhecer a ocupação alemã dos Sudetos.

Em Berlim, que alguns anos antes celebrara com entusiasmo essas primeiras anexações do Reich, o dia seria assinalado pela execução de mais um adversário do regime nazista. A vítima era Ernst von Harnack, social-democrata prussiano e ex-funcionário público, que, quando Hitler subiu ao poder, denunciara o novo governo como um poder “implacável e desumano”.

No mesmo 3 de março, os alemães lançaram, contra Londres, o primeiro ataque de bombas voadoras V1 desde setembro anterior. Foram largadas, por aviões, 21 bombas voadoras. Sete mísseis atingiram a região de Londres. Receando bombardeamentos de mísseis V2, que afetariam o moral da Grã-Bretanha, os responsáveis militares britânicos decidiram lançar um ataque aéreo contra a base de lançamento dos mísseis, perto de Haia. Por acidente, muitas bombas atingiram áreas residenciais, matando 520 civis.

No dia seguinte, 4 de março, algumas bombas americanas, caindo por acidente em Zurique, mataram cinco civis. Os bombardeiros implicados no acidente dirigiam-se de suas bases na Grã-Bretanha para um ataque à cidade industrial alemã de Pforzheim.

No mesmo dia, outros bombardeiros americanos atingiram uma fábrica da aeronáutica em Musashino, em Tóquio. Tratou-se do último bombardeamento contra um alvo preciso no Japão; daí em diante, os bombardeamentos seriam maciços, assemelhando-se àqueles que devastaram Dresden em fevereiro anterior. Na Birmânia, tropas britânicas e indianas avançavam ao longo da costa Arakan, expulsando os japoneses de Tamandu enquanto progrediam em direção a Mandalay.

Em 5 de março, o exército alemão começou a recrutar todos os jovens nascidos em 1929, mesmo que ainda não houvessem completado dezesseis anos. Nesse dia, as forças alemãs lançaram a operação Despertar da Primavera, no norte da Hungria, tentando impedir que o Exército Vermelho se aproximasse de Viena. Apesar do ceticismo de seus generais, Hitler estava convencido de que Budapeste poderia ser reconquistada, assim como os campos de petróleo húngaros, que, apenas alguns meses antes, depois da perda dos campos de petróleo romenos em Ploesti, haviam fornecido aos alemães mais de 75 por cento do combustível que utilizavam.

Por ironia, a falta de combustível foi uma entre as razões pelas quais a ofensiva alemã destinada a obter petróleo falhou. A operação coincidiu também com o período de degelo, tornando o terreno excepcionalmente enlameado e dificultando o movimento das tropas.

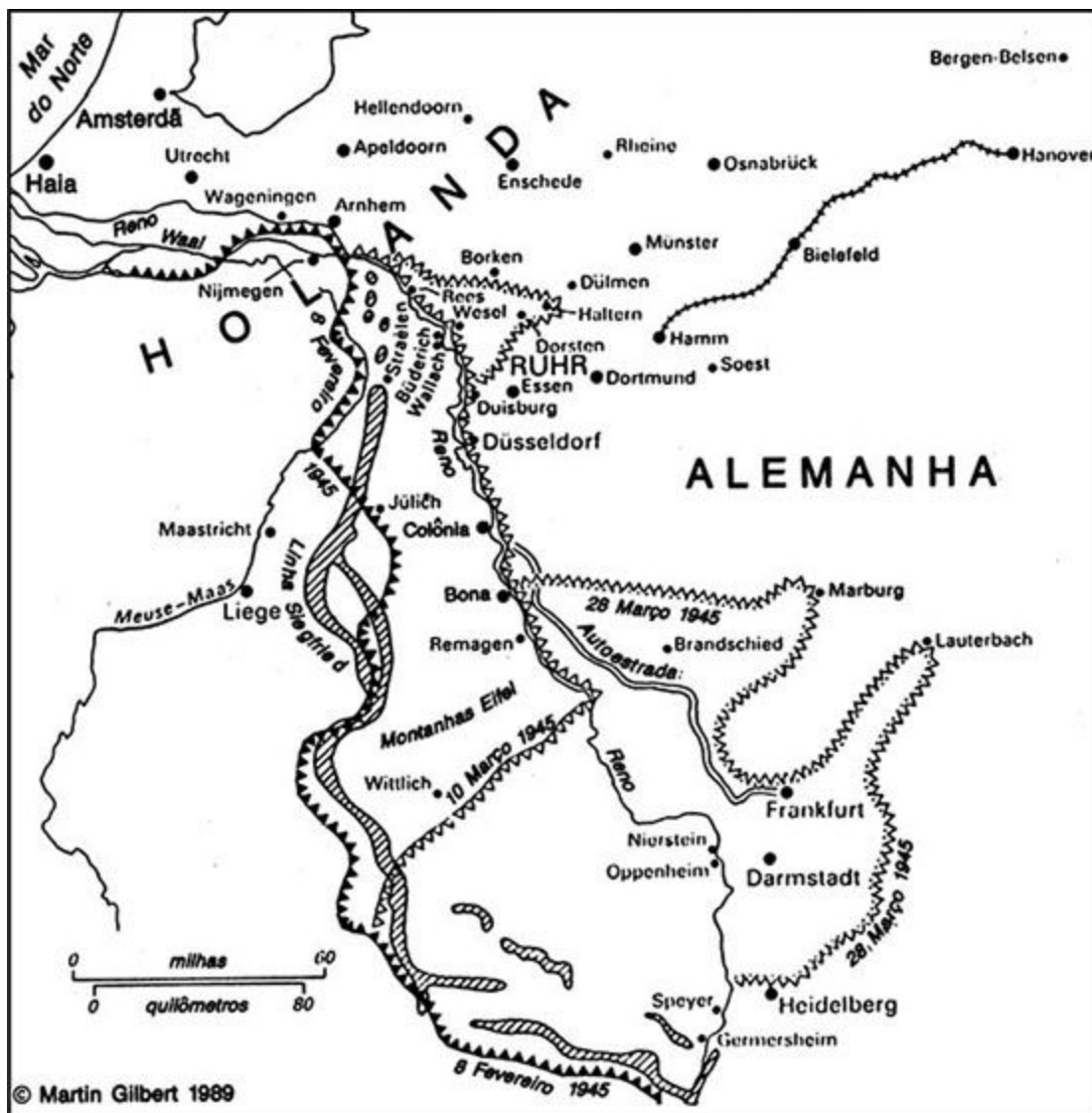
Na Holanda, um oficial da SS, general Rauter, foi acidentalmente morto em 6 de março, durante uma ação liderada por jovens resistentes que tentavam assaltar um caminhão nas imediações de Apeldoorn. Mesmo não resultando de uma ação deliberada, a morte de Rauter não evitou represálias; ao longo da semana seguinte, foram mortos 263 holandeses. Muitos, entre estes, eram os chamados “Candidatos à Morte” – resistentes e outros cidadãos detidos em Amsterdã e em Utrecht. Antes das execuções, um membro do pelotão de fuzilamento da polícia alemã, Helmuth Seijffards, recusou-se a cumprir a tarefa, sendo preso e, mais tarde, fuzilado. Durante a execução, um prisioneiro tentou escapar; tratava-se de Jan Thijssen, dirigente do Conselho da Resistência, que foi capturado e fuzilado juntamente com seus camaradas.

Ainda em 6 de março, chegaram a Londres informações relativas a outras mortes. Eram notícias da execução, pelos russos, de cidadãos poloneses leais ao governo exilado. De acordo com os relatórios, houve “detenções de massa” na região de Cracóvia, em busca de poloneses fiéis ao governo de Londres e de membros de seu exército nacional clandestino. Dois trens, com dois mil deportados cada um, haviam saído da Polônia para campos de trabalho na União Soviética. Cerca de seis mil membros do exército nacional polonês estavam detidos num campo de concentração perto de Lublin, sob guarda de oficiais soviéticos. “Os prisioneiros são maltratados”, afirmavam as notícias, “e muitos são enviados, em poucos dias, para destino desconhecido”. Quanto aos homens do exército nacional detidos em Bialystok, estavam “famintos, sendo espancados, torturados e acusados de colaboração com os alemães e de espionagem a favor da Grã-Bretanha e do governo polonês exilado. Contam-se numerosos mortos”. Entretanto, os refugiados tentavam voltar às suas terras ao saírem de regiões e campos libertados. Algumas semanas antes, vinte judeus voltaram à pequena aldeia de Sokoly, perto de Bialystok, libertada do terror nazista. Contudo, os poloneses da terra não queriam tê-los por lá, matando a vários, entre eles Tokele, uma menina órfã de quatro anos.

Na manhã de 7 de março, tropas americanas chegavam ao Reno, entrando em Remagen, cujos habitantes hastearam, a toda pressa, bandeiras brancas para evitar quaisquer hostilidades. Cruzando o rio, encontraram uma ponte ferroviária intacta. Tratava-se da ponte de Ludendorff, uma entre as grandes pontes para ferrovias construídas pela Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial. Quando os americanos se aproximaram, alguns alemães, na outra margem, acionaram um detonador para as cargas explosivas que haviam instalado na construção, mas a ponte manteve-se de pé. Por sorte, a carga principal não explodira.



Uma ponte flutuante americana no Reno. A primeira passagem do Reno foi em Remagen, em 7 de março de 1945. A fotografia foi tirada perto da aldeia de Wallach.



CRUZANDO O RENO, MARÇO DE 1945.

Removendo os explosivos, os soldados americanos atravessaram o rio. “Corremos pela ponte”, lembraria o sargento Alexander A. Drabik, de Ohio, “gritando enquanto avançávamos. Não parei durante todo o trajeto, pensando que não me atingiriam enquanto estivesse em movimento. Meus homens avançavam em colunas e nenhum foi ferido. Depois, abrigamo-nos em crateras feitas pelas bombas. Sentamo-nos e esperamos que os outros chegassem”. Ao anoitecer, uma centena de soldados americanos havia atravessado o Reno.

Os aliados, portanto, progrediam pelo interior da Alemanha, além da margem oriental do rio. Nenhum exército inimigo cruzara o Reno desde Napoleão, em 1805.

Na mesma noite, enquanto os americanos consolidavam sua posição avançada, Hitler demitia o marechal Von Rundstedt de seu posto de comandante-chefe das forças armadas alemãs no Ocidente. “Está acabado”, declararia Hitler. “Não quero ouvir falar sobre ele.”

Na Itália, um oficial superior da SS, general Karl Wolff, decidira negociar a rendição de todas as forças alemãs estacionadas no país. Em 25 de fevereiro, enviara à Suíça um emissário que iniciaria as conversações com o chefe dos serviços secretos americanos em Berna, Allan Dulles. Como garantia, Wolff concordou, em 8 de março, em libertar dois homens que os alemães mantinham como prisioneiros na Itália – o dirigente da resistência Ferruccio Parri e um agente americano, major Antonio Usmiani. Ambos foram conduzidos até a fronteira suíça, acompanhados pelo próprio general Wolff e por três outros oficiais alemães. Dali, o grupo dirigiu-se para Zurique, cenário do recente bombardeamento acidental pelos aviões americanos, iniciando as negociações. “Controlo todas as forças da SS na Itália”, disse Wolff a Dulles, “e quero colocá-las ao dispor dos aliados, a fim de conter as hostilidades”. Precisaria, no entanto, conforme explicou a Dulles, persuadir os comandantes do exército alemão a renderem-se. Com a promessa de tentar convencê-los, Wolff regressou à Itália.

No mesmo 8 de março, 110 pessoas morreram no mercado de Smithfield, em Londres, atingido por um míssil V2. Na Alemanha, os aliados completavam, entretanto, sua conquista da margem ocidental do Reno. No dia seguinte, os soldados americanos entraram em Bonn. No ocidente, a oitocentos quilômetros da frente de batalha, as tropas alemãs

sitiadas nas ilhas do canal da Mancha atacaram o porto francês de Granville. As mensagens decifradas pelo sistema Ultra haviam revelado aos aliados o planejamento dessa incursão, mas os responsáveis consideraram a ação extremamente improvável. Durante o ataque, com apenas quatro baixas em suas forças, os alemães explodiram diversas instalações portuárias e libertaram 77 prisioneiros de guerra detidos pelos americanos em Granville. Também foi morto o comandante de um navio mercante britânico, enquanto um civil de mesma nacionalidade era feito prisioneiro: tratava-se de John Alexander, que ocupava um alto cargo numa organização de assistência das Nações Unidas e que coordenava, a partir de Granville, o envio de membros de seu serviço para todas as zonas libertadas da Europa, no contexto de um plano de auxílio às vítimas da guerra e de alojamento de habitantes sem casa. Alexander ficaria preso nas ilhas do canal da Mancha até o fim da guerra, na companhia de cinco soldados americanos feitos prisioneiros no mesmo dia. Ao todo, foram mortos quinze soldados americanos e oito soldados britânicos durante a incursão alemã, além de seis civis franceses – entre eles, o tenente Frederick Lightoller, oficial de ligação do porto, cujo irmão, o piloto Herbert Brian Lightoller, foi um entre os primeiros ingleses a morrer em virtude da guerra, durante um ataque aéreo contra Wilhelmshaven, em setembro de 1939.

Os americanos ficaram impressionados com o ataque a Granville; durante a operação, de acordo com o relatório oficial das forças americanas, o inimigo “controlou completamente a área de Granville, assumindo o papel de conquistador”.

No Pacífico, porém, os conquistadores eram os americanos, quando, em 9 de março, durante o primeiro passo de uma nova ofensiva de bombardeamento, num ataque que se prolongou por cerca de três horas, 334 bombardeiros, com base na ilha Tinian, lançaram duas mil toneladas de bombas incendiárias sobre Tóquio. A tempestade de fogo resultante foi ainda maior do que aquela causada em Dresden três semanas antes, queimando mais de quarenta quilômetros quadrados da cidade e matando 83.793 civis. Esses números oficiais seriam corrigidos mais tarde,

confirmando-se, então, por parte das autoridades japonesas, um montante de 130 mil mortos.



Soldados nipo-americanos a serviço do exército americano na Itália.

O ataque contra Tóquio fora o mais destruidor em toda a história, mas seria apenas o primeiro ataque de bombas incendiárias a afligir assim o Japão. Ao longo de três meses, as cidades de Nagoya, Osaka, Kobe, Yokohama e Kawasaki seriam bombardeadas e destruídas, causando mais de 250 mil mortes de civis japoneses contra apenas 243 baixas entre os aviadores americanos – sendo esse número idêntico à quantidade de vidas perdidas pela força aérea britânica, dezoito meses antes, num único ataque contra Berlim.

Em 11 de março, Hitler dirigiu-se, de Berlim, à margem ocidental do Oder, a fim de examinar os preparativos de defesa da região entre o rio e a capital do Reich. Foi a última vez que deixou Berlim. No dia seguinte, enquanto os americanos concluía a ocupação da margem ocidental do Reno, fazendo 343 mil prisioneiros alemães, o Exército Vermelho entrava em Küstrin, desfazendo uma entre as últimas posições avançadas alemãs da margem oriental do Oder e chegando a oitenta quilômetros da capital.

Antes que toda a força cruzasse o Reno, os americanos e britânicos tentaram desfazer as linhas de comunicação alemãs que conduziam ao rio. Em 14 de março, foi destruído um ramal de estrada de ferro de Bielefeld que ligava Hamm e Hanover. Um novo tipo de bomba foi utilizado na operação, cujo peso excedia todos os projéteis anteriormente utilizados. Ao longo dos três dias precedentes, ataques maciços de bombardeiros britânicos e americanos haviam sido realizados contra instalações ferroviárias e pontes em Essen, Dortmund, Münster, Soest, Osnabrück e Hanover, assim como contra cidades do Ruhr – Rheine, Borken, Dorsten e Dülmen.

Desde a ocupação, pelos americanos, da ponte em Remagem, os alemães tentavam, por todos os meios, destruir a pequena posição avançada estabelecida pelos invasores. Realizaram, igualmente, sucessivos ataques aéreos, visando à destruição da ponte sobre o Reno e lançando contra ela dois mísseis V2, a partir da base de Hellendoorn, na Holanda. Um míssil caiu a apenas trezentos metros da ponte; outro, a quarenta quilômetros, em Colônia. Em 15 de março, durante um entre os

ataques aéreos diários alemães contra a ponte em Remagen, foram abatidos dezesseis entre 21 aviões alemães, sendo muitos aviões a jato.

Também em 15 de março, os bombardeiros americanos, após pedido urgente do general Leslie R. Groves, chefe do projeto Manhattan que criava a bomba atômica americana, lançaram cerca de 1.300 toneladas de bombas explosivas e incendiárias sobre a fábrica de tratamento de tório em Oranienburg. Toda a parte acima da superfície foi completamente destruída, contendo as pesquisas alemãs relativas à bomba atômica.

Em 16 de março, forças americanas alargaram a posição avançada em Remagen, cortando a estrada entre Colônia e Frankfurt. Depois, em 17 de março, atingida por unidades da artilharia americana instaladas nas redondezas, a ponte caiu, matando, nesse acidente, 25 técnicos americanos. Contudo, haviam sido lançadas sobre o rio duas pontes provisórias e alguns milhares de homens a haviam atravessado. Informados sobre a queda da ponte na noite de 17 de março, seis mergulhadores alemães, utilizando barris de petróleo, tentaram transportar cargas explosivas até a ponte. No entanto, todo o grupo foi descoberto e capturado.

Hitler ainda acreditava que poderia evitar a derrota. No mesmo 17 de março, um novo modelo de submarino partia em direção à costa leste dos Estados Unidos. Graças ao tubo de ventilação Schnorchel, o submarino podia permanecer quase indefinidamente debaixo d'água. Ao mesmo tempo, os aparelhos a jato tornavam-se parte integrante dos ataques da força aérea alemã. As linhas do Oder e do Reno, embora os rios houvessem sido transpostos, continuavam a funcionar como barreiras eficazes. Até Churchill mostrava-se preocupado com a capacidade de Hitler em prolongar a guerra. “Gostaria que a comissão dos serviços secretos”, disse o primeiro-ministro aos chefes do estado-maior, ainda em 17 de março, “considerasse a possibilidade de Hitler, após perder Berlim e o norte da Alemanha, retirar-se para as regiões montanhosas e cheias de florestas no sul da Alemanha, prolongando a guerra nesse novo teatro”. A “estranha resistência” dos alemães em Budapeste e, depois, no lago Balaton, assim como a manutenção, “durante tanto tempo”, do exército de Kesselring na Itália, pareciam, a Churchill, “concordar com essas intenções”. “No entanto, é claro que ele é tão obstinado acerca de todos os problemas que também é possível que esses movimentos não

tenham qualquer significado. Seja como for, a possibilidade deve ser estudada”, concluiu Churchill.

No Pacífico, enquanto aparelhos transportados por porta-aviões americanos atacavam a esquadra japonesa na região entre Kure e Kobe, em 18 de março, os japoneses colocavam em cena uma nova arma suicida: uma bomba voadora conduzida por um piloto até o alvo, que então a explodiria, provocando sua própria morte. Durante o primeiro desses ataques, o porta-aviões *Enterprise* foi seriamente atingido, tendo morrido 101 homens a bordo de outro porta-aviões, o *Wasp*. No entanto, as perdas japonesas eram formidáveis: entre os 193 aviões empenhados na batalha, o Japão perderia 161 aparelhos. Dois dias mais tarde, forças britânicas e indianas entravam em Mandalay, na Birmânia.

Na Alemanha, a terceira semana de março assistiu à execução, em Berlim, de mais um oficial superior do exército alemão, o general Friedrich Fromm, morto por um pelotão de fuzilamento em 19 de março. Durante a conspiração de julho, Fromm mostrara sua fidelidade a Hitler, prendendo o conde Von Stauffenberg, mas, tempos antes, comprometera-se a apoiar a conspiração se as possibilidades de êxito fossem comprovadas.

No mesmo dia, uma lista de prisioneiros revelava a presença de sessenta mil indivíduos internados no campo de Belsen. Sem alimentos nem cuidados médicos, vítimas de doenças, atacados por piolhos e pela disenteria, com mortos e vivos misturados e atacados pelos ratos, centenas de prisioneiros, em sua maioria judeus, morriam todos os dias, ficando seus cadáveres a apodrecer onde caíam.

Na Polônia libertada, as comissões de inquérito recolhiam provas das atrocidades e dos assassinatos em massa cometidos em todas as povoações e em centenas de campos de concentração. Em 19 de março, Chaim Hirszman, um entre os dois únicos sobreviventes do campo de extermínio de Belzec, apresentava seu testemunho em Lublin. Tinha tanto para contar que precisou terminar o depoimento no dia seguinte, perante a mesma comissão. Porém, enquanto voltava para casa, foi atacado por um grupo de poloneses e assassinado por ser judeu.

No dia seguinte, um agente de operações especiais britânico, Francis Suttill, era enforcado no campo de concentração de Sachsenhausen, no interior da Alemanha. Antes de ser detido na França, havia dois anos, fora responsável pela linha de evasão denominada Próspero.



Um acidente de guerra: O porta-aviões americano *Enterprise*, após ter sido atingido no dia 18 de março de 1945 por uma granada de outro navio americano, durante um ataque suicida japonês. Em três anos e meio, os caças do *Enterprise* afundaram 71 barcos e abateram 911 aviões japoneses.

Num ataque aéreo de alvo preciso, efetuado a baixa altitude, dezoito aviões britânicos e 28 aviões americano, atacaram, em 21 de março, a antiga sede da Shell em Copenhague, onde a Gestapo arquivara, em três andares, documentos relativos à resistência dinamarquesa. No último andar, a Gestapo mantinha presos 32 resistentes. Nos porões, havia cidadãos dinamarqueses sob prisão, que eram interrogados e torturados. Em tais condições, os aviões atacantes precisariam alvejar apenas os três andares intermédios do edifício, o que fizeram. Perto de cem alemães e seus auxiliares foram mortos enquanto apenas seis prisioneiros, no último andar, perderam a vida. Os restantes conseguiram sair de Copenhague e fugir, num barco, para a Suécia.

Perderam-se nove aviões e dez aviadores durante o ataque. Na zona alvejada, um aparelho chocou-se com uma via de transmissão elétrica e caiu numa escola vizinha, explodindo e incendiando as instalações. Outro avião, julgando que o edifício da escola era o alvo do ataque, lançou ali suas bombas. Ao todo, 112 civis morreram em virtude desse engano. Entre os mortos, contaram-se onze freiras e 86 crianças.

Também em 21 de março, um ataque aéreo aliado era lançado contra todas as principais bases de jatos alemãs, inutilizando muitas. No mesmo dia, após pedir a Hitler que concluísse imediatamente um armistício no Ocidente, o general Guderian foi demitido. Em 1940 e 1941, haviam sido suas técnicas da Blitzkrieg que asseguraram a Hitler as consecutivas vitórias graças às quais o nazismo se alastrara por toda a Europa.

Hitler não queria ouvir falar sobre Guderian. Em 22 de março, as forças americanas instalavam mais duas posições avançadas na margem leste do Reno; a primeira, em Nierstein, 112 quilômetros ao sul de Remagem, e a segunda, em Oppenheim, a apenas 32 quilômetros de Frankfurt.

Contra as duas novas posições, os alemães enviaram quase todos os seus aviões a jato, atacando-os com cinquenta aparelhos em 23 de março. Passadas 24 horas, contudo, a escassez de combustível e a perda das bases bombardeadas reduziram esse número à metade. Na Hungria, o Exército Vermelho quebrava as linhas de defesa alemãs em Szekesfehervar, contendo qualquer perspectiva de reconquista, pela Alemanha, dos campos de petróleo húngaros. Na mesma noite, forças britânicas e canadenses lançaram a operação Plunder, atravessando o

Reno em Rees e Wesel, iluminando os pontos de travessia e ofuscando os alemães com foguetes especiais, lançados por blindados, com uma intensidade luminosa de treze mil velas, e que, em homenagem ao comandante do exército, haviam recebido o nome Luar de Monty.

A operação conduzida por Montgomery foi um sucesso em ambos os casos; às suas travessias do Reno, ao longo das 48 horas seguintes, somaram-se seis, um pouco ao norte, e outras sete ao sul, na zona de operação dos americanos. Enquanto os alemães recuavam, os serviços secretos britânicos, que continuavam a decifrar as mensagens inimigas codificadas, descobriam a localização exata das posições de defesa que os alemães pretendiam instalar e o plano acalentado por Hitler sobre lançar um contra-ataque em Haltern e em Dülmen para tentar desfazer as posições avançadas aliadas ao norte do Ruhr. As informações recebidas dos serviços secretos britânicos permitiram aos aliados tomar medidas contra o planejado contra-ataque alemão.

Em 24 de março, durante a batalha pela posse de Wesel, na margem oriental do Reno, um ordenança dos serviços médicos das tropas canadenses, o cabo F. G. Topham, viu dois camaradas serem mortos enquanto tentavam socorrer um ferido, que caíra em terreno descoberto. Topham conseguiu aproximar-se do ferido e, embora houvesse sido atingido no rosto e sofresse dores intensas, trouxe-o para a retaguarda, ao abrigo do fogo. Quando o encaminharam para tratamento, Topham pediu que o autorizassem a voltar à frente, onde, em campo aberto e sob o fogo inimigo, distinguiu-se ao socorrer três homens gravemente feridos, tripulantes de um veículo blindado. Por sua “dedicação superior”, Topham receberia a cruz Victoria.

As forças aliadas lutavam para fechar o cerco do Ruhr. Enquanto o faziam, todas as possibilidades alemães de utilização eficaz de seus jatos eram destruídas, em 25 de março, quando forças americanas ocuparam as principais bases nas zonas de Darmstadt e Frankfurt. No mesmo dia, Churchill, em visita ao 21º exército, voou durante mais de uma hora ao longo do Reno e a leste do Meuse, num trajeto de cerca de 225 quilômetros a partir de Straelen, a apenas a 150 metros de altitude, sem escolta para proteger o pequeno Messenger. O piloto, tenente Trevor Martin, lembraria como viu “as explosões de nossa própria artilharia a oeste” enquanto, no avião oscilante e sem rádio, o primeiro-ministro

observava as posições defensivas dos alemães a leste do Meuse e as áreas das ofensivas britânicas e americanas, a leste do Reno. “Meu receio”, explicaria Martin, “era, sobretudo, que os americanos não soubessem reconhecer em nosso aparelho um avião britânico”.

Voltando são e salvo a Straelen, Churchill seria transportado para Büberich, na margem ocidental do Reno, cruzando o rio, posteriormente, a bordo de uma lancha americana e ficando, por algum tempo, na margem oriental. Mais tarde, regressando à margem ocidental, Churchill andaria entre as vigas torcidas e a alvenaria destroçada da ponte de Büberich enquanto granadas alemãs caíam a apenas cem metros dali. No dia seguinte, Churchill voltou a cruzar o Reno, passando mais de uma hora na margem oriental, num momento de profunda satisfação após cinco anos e meio de lutas, dificuldades, perigos e preocupações incessantes. “O Reno e todas as suas linhas de fortificação estão em posse do 21º exército”, escreveu no livro de autógrafos de Montgomery, em 26 de março, acrescentando: “Um exército derrotado, que há muito não é senhor da Europa, retira-se diante de seus perseguidores. A meta não tardará a ser alcançada por aqueles que avançaram tanto e tão bem sob um comando seguro e decidido. Todos em frente, com asas de fogo, até a vitória final.”

Em 27 de março, a Argentina declarou guerra à Alemanha e ao Japão, tornando-se a quinquagésima terceira nação beligerante. No mesmo dia, os alemães lançaram os últimos V2, de sua única base restante, em Haia. Um projétil, atingindo Londres às 7h, matou 134 pessoas num prédio residencial em Vallence Road, Stepney. Outro, atingindo a Antuérpia, matou 27 pessoas. À tarde, em Orpington, Kent, um inglês seria morto por uma terceira bomba; foi a última baixa civil britânica. Dois dias mais tarde, a unidade alemã em Haia, encarregada dos mísseis V2, retirou-se para leste, transportando consigo sessenta bombas. Na Inglaterra, a “arma secreta” matara, desde setembro, 2.855 pessoas e na Bélgica, 4.483 civis. Hitler depusera grandes esperanças nesse míssil, como também em outras novas armas e nos progressos científicos aplicados à guerra, mas, ao longo do mesmo período, seu domínio sobre a Europa fora destruído.

O Eixo desbaratado; os aliados em conflito

Março-abril de 1945

Ao longo de março de 1945, o Exército Vermelho continuou a combater, na Prússia Oriental e na Hungria, as forças alemãs que, embora derrotadas e enfraquecidas, mostravam-se decididas a não se render antes da destruição completa. Na costa do Báltico, em 27 de março, Gdynia, Danzigue e Königsberg foram sitiadas. Na Hungria, dezenas de milhares de soldados alemães eram cercados em Esztergom, na margem oriental do Danúbio, ao norte de Budapeste; em 28 de março, na margem ocidental, o Exército Vermelho entrava em Győr, apenas 120 quilômetros a sudeste de Viena.

Os mais fanáticos seguidores de Hitler ainda falavam em vitória. Em 28 de março, enquanto as tropas americanas entravam em Marburg e Lauterbach – a apenas 320 quilômetros de Berlim –, o dirigente da Juventude Hitleriana, Arthur Axmann, então com 21 anos, disse aos membros da organização, agora armados: “É nosso dever vigiar quando os outros estão cansados e resistir quando os outros fraquejam, mas nossa maior honra é nossa fé inabalável em Adolf Hitler.”

Abusou-se muito da palavra “fé” na primavera de 1945. Ainda em 28 de março, um grupo de dirigentes políticos poloneses não comunistas compareceu, sob salvo-conduto, a uma reunião de negociações com oficiais superiores do exército soviético, em Pruszkow, perto de Varsóvia. Chegando ao local, foram imediatamente detidos e enviados, sob prisão, para Moscou. Também foi feito prisioneiro Raoul Wallenberg, que tanto se esforçara para ajudar os judeus em Budapeste. Wallenberg fora encontrar-se com os russos quando chegaram à cidade, tendo sido detido na mesma ocasião. De acordo com um relatório soviético, morreria anos mais tarde, numa prisão em Moscou.

Em 29 de março, as tropas soviéticas capturaram a cidade húngara de Kapuvar e avançaram pela Áustria, chegando a oitenta quilômetros de Viena. Na Alemanha, as tropas americanas ocuparam Frankfurt. No mesmo dia, dezenas de agentes aliados – entre os quais ingleses e franceses – eram executados no campo de concentração de Flossenbürg. Muitos cantavam a Marselhesa ao caminharem para a morte, gritando “Vive la France!” ou “Vive l’Angleterre!”. Entre os agentes britânicos mortos, estava o capitão Isadore Newman que, nas semanas seguintes ao desembarque na Normandia, no interior das linhas alemãs, transmitira e recebera centenas de mensagens a serviço do estado-maior aliado e dos resistentes franceses em atividade no norte da França. Depois de preso, apesar de torturas abomináveis, Newman não entregou nenhum dos dados secretos vitais de que era detentor.

Outro agente britânico, o canadense Gustave Bieler, severamente ferido quando saltou de paraquedas sobre a França, foi executado no mesmo dia. Segundo uma testemunha ocular alemã, impressionou tanto os carrascos que o tinham sob seu poder que foi acompanhado por uma guarda de honra ao ser enviado para a morte.

Em Buchenwald, no mesmo dia, o capitão Maurice Pertschuk recebia ordens de se dirigir ao gabinete do campo. Pertschuk fora internado em Buchenwald havia três anos, depois de ser detido em França durante uma operação especial dos Serviços Secretos britânicos. Quando um amigo tentou impedi-lo de responder à convocatória, Pertschuk replicou: “Você bem sabe o que acontece nesses casos; eles pegam uma centena de reféns e os matam.” Tendo respondido à chamada, Pertschuk seria enforcado. Em Buchenwald, onde 82 mil pessoas viviam presas, 5.479 morreram nesse março, por doenças, fome ou maus-tratos, elevando o número de mortes no campo para 17.570 em três meses.

Em Ravensbrück, em 30 de março, um grupo de judias atacou os guardas que as conduziam para o local onde seriam executadas. Nove mulheres conseguiram fugir, mas seriam recapturadas e abatidas pouco depois.

Sobre a Alemanha, os bombardeiros aliados cumpriam, quase sem oposição, seus trajetos e operações. Em 30 de março, num ataque americano diurno contra a base de submarinos alemães em Wilhelmshaven, o U-96, último representante desse tipo de barco, foi

afundado. Entre aqueles que morreram a bordo, contava-se o comandante, Heinrich Lehmann-Willenbrock, que, ao longo de sua carreira, afundara 25 navios mercantes aliados, somando-se em 183.253 toneladas. Também um destacado piloto alemão, Hans-Ulrich Rudel foi derrubado, com seu avião de combate, sendo gravemente ferido e perdendo a perna direita. Era o militar mais condecorado do Terceiro Reich e o único detentor da cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho de ouro, recebidas em janeiro de 1945. Rudel tinha, a seu crédito, a destruição de 532 tanques russos no decurso de 2.530 operações. Em março de 1944, seu avião fora derrubado pelos russos, e Rudel fora feito prisioneiro, mas conseguira fugir pouco depois.

No último dia de março, forças francesas atravessavam o Reno em Speyer e Germersheim. Nesse dia, os americanos completavam sua conquista, ao longo de cinco dias, do grupo de ilhas Kerama, na cadeia de Ryukyu; em Kerama Retto, morreram 530 japoneses – contra 31 americanos. Durante a batalha, 350 barcos suicidas japoneses foram interceptados e capturados. No dia seguinte, 1º de abril, também nas ilhas Ryukyu, os americanos iniciaram a maior batalha em terra firme da guerra do Pacífico – a operação Iceberg, consistindo na invasão de Okinawa.

Cinquenta mil americanos desembarcaram em Okinawa na manhã de 1º de abril, domingo de Páscoa, ao longo de um litoral de quase treze quilômetros. Na ilha, estavam entrincheirados cerca de cem mil japoneses. No entanto, o desembarque não encontrou oposição, o que fez os americanos mudarem seu slogan de “Portão dourado em 48” para “Vivos e de volta em 45”. Porém, mais tarde, os ocupantes da ilha assaltaram a posição avançada estabelecida pelos invasores e, com a bravura de homens que defendem sua terra natal, iniciaram a batalha. Ao longo de doze dias de combates implacáveis, os americanos não avançaram mais do que quatro quilômetros. Ainda assim, a conquista de Okinawa era decisiva para a invasão ao Japão, a apenas 580 quilômetros nordeste.

A batalha de Okinawa duraria 82 dias, mobilizando 180 mil efetivos em tropas de combate, além de 368 mil soldados de apoio pelo lado

americano. A luta foi feroz – corpo a corpo, baioneta contra baioneta. Mais uma vez, os japoneses lutaram até a morte, mas, nos últimos dias de combates, mais de sete mil deles aceitariam a condição de prisioneiros. Quase todos os soldados americanos capturados pelos japoneses foram mortos depois de aprisionados. No mar, 34 navios de guerra americanos foram afundados, em grande parte em resultado de ataques de pilotos suicidas. Ao todo, verificaram-se 1.900 ataques camicase e mais 5.900 aviões japoneses abatidos em combate contra 763 aviões americanos.

No total, morreram 107.500 japoneses em Okinawa – em média de mais de treze mil por dia. Considera-se que mais vinte mil japoneses morreram em abrigos, atacados por grupos americanos com lança-chamas e explosivos. Calcula-se também que cerca de 150 mil civis de Okinawa tenham perdido a vida. As perdas americanas foram de 7.613 homens em terra e 4.900 homens no mar.

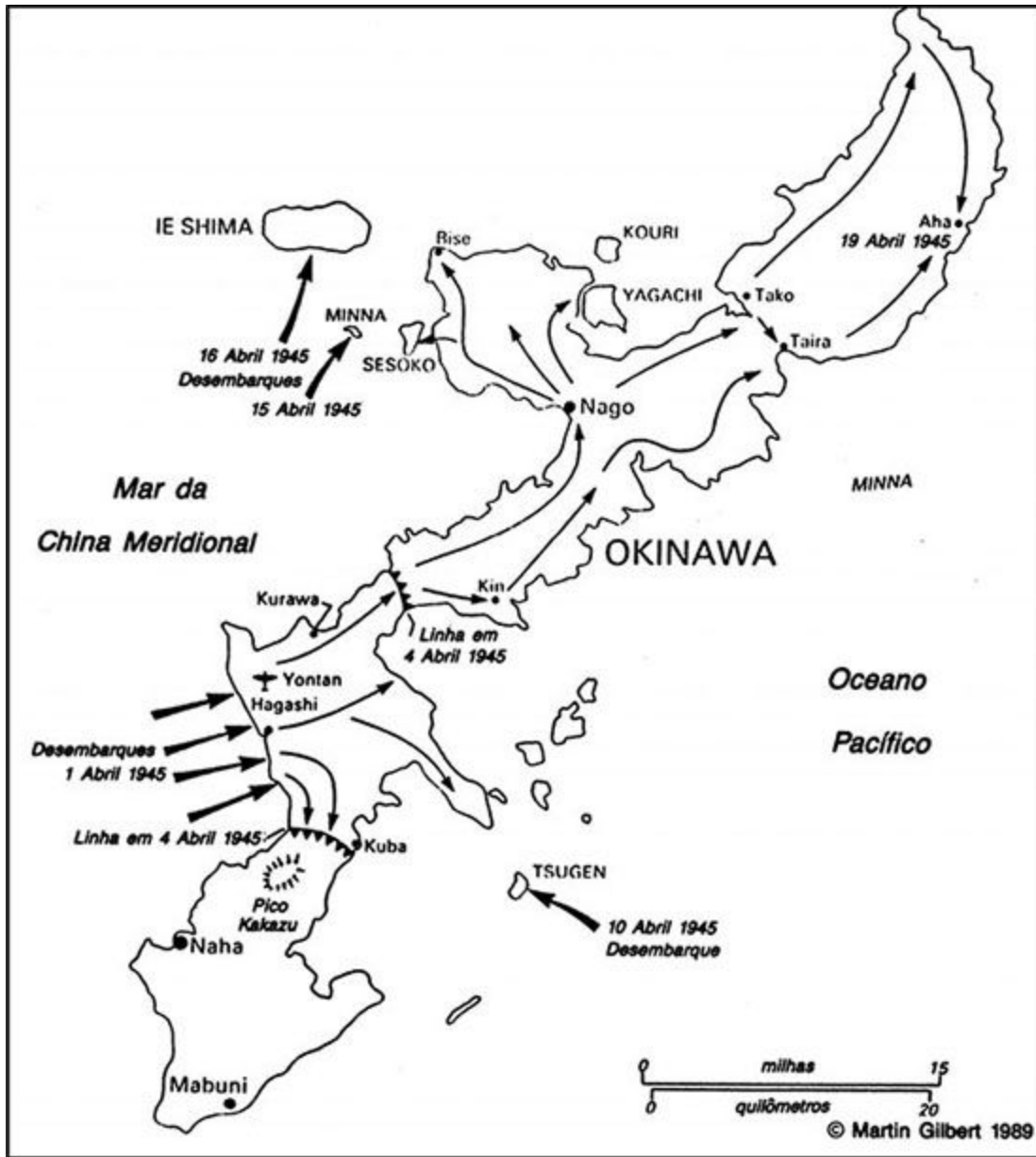
Ao final, mais de 250 mil pessoas morreram em Okinawa ou à volta da ilha durante a primavera e o princípio do verão de 1945.

Em 1º de abril, Hitler mudou seu quartel-general, que ficava no edifício da chancelaria, para um *bunker* situado atrás desta e profundamente enterrado. No mesmo dia, Stálin perguntava aos seus chefes militares em Moscou: “Bom, então quem tomará Berlim? Nós ou os aliados?” Dessa forma, fixou para 16 de abril o início da campanha soviética contra a capital alemã. Ainda em 1º de abril, em Hamburgo, Himmler declarava ao conselho municipal que os desacordos entre os aliados, assim como a iminente entrada em combate de grande número de jatos alemães, permitiriam que a Alemanha recobrasse o fôlego.

Contudo, a Alemanha não teria tempo para recobrar o fôlego; os aliados, embora relutantes, aceitaram transformar o centro da Alemanha e a Tchecoslováquia em seus alvos principais, permitindo que o Exército Vermelho chegasse antes em Berlim. Quanto aos aviões a jato alemães, em breve desapareceriam dos céus da guerra.

Enquanto o Exército Vermelho preparava a ofensiva contra Berlim, as forças soviéticas, em frente ao Danúbio, atingiam a fronteira austríaca em Hegyeshalom, a 112 quilômetros de Viena. No mesmo dia, forças soviéticas e búlgaras conquistaram Nagykanizsa, centro dos campos de petróleo húngaros. A última esperança da Alemanha em matéria de

abastecimento petrolífero chegara ao fim. Uma contraofensiva no Ruhr, marcada para esse dia, sob a direção do general Student, precisou ser adiada devido à falta de combustível. O fato foi conhecido pelos aliados graças à decifração de mensagens pelo sistema Ultra.



OS DESEMBARQUES EM OKINAWA, 1º A 23 DE ABRIL DE 1945.

Não apenas o petróleo faltava, mas também os medicamentos, extremamente escassos no interior do Reich, já assolado pela guerra; em 2 de abril, o responsável máximo pelos serviços médicos alemães, Dr. Karl Brandt, avisaria pessoalmente a Hitler que vinte por cento de todos os medicamentos necessários já não existiam e que, no prazo de dois meses, mais quarenta por cento sumiriam. Hitler, porém, recusava-se a admitir sequer a possibilidade de rendição e, numa mensagem enviada na mesma data para o marechal Kesselring, ordenou que todos os comandantes com atuação menos firme na Itália fossem substituídos.

Em Londres, Churchill via com apreensão o avanço soviético e, sobretudo, a situação polonesa, onde se tornara evidente que as eleições livres, prometidas por Stálin em Yalta havia menos de três meses, nunca aconteceriam. Antes, em 23 de março, após ler os relatórios enviados por Averell Harriman, que estava em Moscou, Roosevelt dissera a um amigo próximo: “Averell tem razão. Não podemos negociar com Stálin. Ele quebrou todas as promessas que nos fez em Yalta.” Em 2 de abril, Churchill enviou um telegrama ao general Eisenhower, sugerindo que talvez fosse possível, aos aliados ocidentais, avançar mais em direção a Berlim. “Acho muito importante que apertemos a mão dos russos no ponto mais a leste possível”, escreveu Churchill.

Em 3 de abril, as forças anglo-americanas completavam o cerco à região do Ruhr. Quinze a vinte mil soldados alemães eram feitos prisioneiros todos os dias. A conquista da Alemanha seria possível em, no máximo, dois meses. No mesmo dia, Churchill indicava 31 de maio como “a data a ter em mente” para a vitória, mas acrescentava que “é possível que tudo se resolva antes”, talvez até em “30 de abril”. As questões políticas e ideológicas relacionadas à Polônia levantavam, porém, uma nuvem negra que encobria o brilho da vitória. “As mudanças de atitude e tom dos russos desde Yalta são graves”, escreveu o primeiro-ministro à comissão dos chefes de estado-maior em 3 de abril. Aos representantes da Commonwealth reunidos com o Gabinete de Guerra, em Londres, no mesmo dia, Churchill disse:

As relações com a Rússia, que pareciam encaminhar-se tão bem durante a conferência da Crimeia, tornaram-se menos cordiais nas semanas seguintes. Surgiram grandes dificuldades em torno da questão polonesa e, agora, parece possível que a Rússia não queira cooperar plenamente com a conferência de São Francisco no que se refere a uma nova organização internacional. Não é certo que possamos contar com uma influência russa benéfica sobre a Europa ou com sua boa vontade para a manutenção da paz. Contudo, ao fim da guerra, a Rússia terá uma posição de preponderância, em matéria de poder e de influência, relativamente à Europa.

Os receios perante uma eventual preponderância soviética sobre a Europa não impediram a assinatura, ainda em 3 de abril, de um último acordo de auxílio anglo-americano à Rússia, que teria o codinome Milepost. A Rússia receberia, nos termos do acordo – e efetivamente recebeu – mais de mil aviões de combate e 240 mil toneladas de combustível, bem como 24 mil toneladas de borracha, tudo oferecido pela Grã-Bretanha; dos Estados Unidos, receberia mais de três mil aviões, três mil tanques, nove mil jipes, sessenta mil veículos de armamento e 41.436 caminhões, além de máquinas e de outros equipamentos no valor de cerca de dois bilhões de dólares.

Ainda em 3 de abril, uma divisão blindada americana estava a caminho da cidade de Gotha. Entre os correspondentes de guerra que acompanhavam a divisão, encontrava-se o romancista judeu Meyer Levin, que lembraria como ele e seus companheiros descobriram alguns “refugiados cadavéricos” ao longo da estrada. “Não se pareciam com nada que eu houvesse visto antes”, escreveu Levin, continuando: “Esqueléticos, com olhos encovados e febris, crânios rapados.” Os refugiados identificaram-se como poloneses e pediram que Levin e os outros jornalistas visitassem o local onde estiveram presos. Falavam em “gente enterrada num grande buraco” e em “comando da morte”.

Na manhã seguinte, as tropas americanas entravam no local a que os refugiados se referiam. O nome do lugar era Ohrdruf e, à entrada do campo, havia centenas de cadáveres, todos nos mesmos uniformes listrados e com um ferimento de bala na nuca. Num alojamento, havia mais cadáveres, nus, rígidos e, segundo Levin, “magros e amarelos como tábuas”.

Tornou-se rapidamente evidente que Ohrdruf não era um campo de trabalho nem um campo de prisioneiros de guerra, mas algo bastante diferente: um lugar em que quatro mil prisioneiros haviam morrido ou sido assassinados ao longo dos três meses anteriores. Centenas de prisioneiros foram mortos na véspera da chegada dos americanos. Algumas vítimas eram judeus; outras, prisioneiros de guerra poloneses e russos. Os prisioneiros haviam sido obrigados a construir um grande centro subterrâneo de instalações telefônicas e de rádio, destinado ao exército alemão caso abandonasse Berlim.

Entre os prisioneiros em Ohrdruf, contava-se um jovem judeu polonês, Leo Laufer. Quatro dias antes da libertação, quando começara a evacuação do campo, fugira em companhia de três camaradas. Durante quatro dias, esconderam-se nos montes que dominam Ohrdruf. Quando as forças e os correspondentes de guerra americanos chegaram, Laufer conduziu-os numa visita ao campo. Muitos cadáveres encontrados eram de prisioneiros que, quatro dias antes, estavam na enfermaria do campo.

A imagem dos corpos esqueléticos em Ohrdruf criou uma onda de repulsa que se alastrou pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos. Eisenhower, que visitou o local, impressionou-se tanto que telefonou a Churchill para descrever o que vira, enviando-lhe fotografias de prisioneiros. Churchill, chocado, garantiu que as fotografias circulassem por todos os membros do gabinete britânico.

Paralelamente, o general Student era forçado, pela falta de petróleo, a cancelar mais uma vez o contra-ataque, adiado havia dois dias, às forças aliadas no Ruhr. Na frente, já não havia setor que os aliados ocidentais não pudessem destroçar. Ao mesmo tempo, através de um exame cuidadoso de mensagens alemãs decifradas pelo sistema Ultra, os aliados podiam antecipar todas as alterações nos planos alemães e todos os projetos de contraofensiva; dados ultrassecretos relativos a uma contraofensiva especialmente vigorosa, de Mühlhausen sobre Eisenach, marcada para 6 de abril, foram decifrados a tempo para colocar os aliados em sobreaviso e impedir a operação.

O Exército Vermelho combatia nos subúrbios de Viena e planejava seu assalto final contra Berlim. Nos ares, os restos da outrora dominante força aérea alemã tentavam, em vão, opor-se aos ataques em massa e cotidianos dos bombardeiros e caças aliados. Em 4 de abril, na frente

oriental, era abatido o avião de Hermann Graf, piloto que abatera duzentos aviões soviéticos, pelo que recebera a cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho, Espadas e Diamantes. Feito prisioneiro após a queda de seu avião, foi conduzido para leste, presenciando aí a destruição do poderio militar alemão.

Churchill considerara 30 de abril uma data possível para o fim da guerra na Europa. A guerra no Pacífico ainda se prolongaria por bastante tempo. Em 5 de abril, os americanos começaram a preparar a operação Olympic, consistindo na invasão da ilha mais ao sul do Japão, Kyushu, planejada para 1º de novembro de 1945, seguida pela operação Coronet de invasão à fundamental ilha de Honshu, em 1º de março de 1946, utilizando tropas que chegariam da Europa após a derrota da Alemanha. Imaginava-se que as duas operações seriam excepcionalmente violentas e sangrentas, expectativa que se reforçaria quando, em 6 de abril, diante de Okinawa, a força aérea japonesa lançou sua operação Crisântemo Flutuante, utilizando 355 pilotos suicidas num único ataque. O ataque teve tanto êxito que dois contratorpedeiros, dois barcos carregados com munições e um navio de desembarque de tanques foram afundados – embora a um alto custo.

Em 7 de abril, verificou-se outro ataque suicida em Okinawa, realizado pelo maior couraçado do mundo, o *Yamamoto*, de 72.800 toneladas, que, dispondo apenas do combustível necessário para chegar a Okinawa, empreendeu uma missão suicida contra a esquadra de transporte americana. Seus canhões de 45 centímetros não conseguiram realizar o objetivo previsto, e, alvejado por dezenove torpedos americanos, o *Yamamoto* foi afundado, levando 2.498 tripulantes. No mesmo ataque suicida, o cruzador *Yahagi* e quatro contratorpedeiros foram igualmente afundados, tendo perdido a vida 446 japoneses presentes no cruzador e 721 homens que estavam nos contratorpedeiros. Entre os 376 aviões americanos que tomaram parte na operação, somente dez foram abatidos.

Na Alemanha, uma operação quase suicida também teve lugar, levando à perda de 133 aviões alemães e de 77 pilotos, num ataque em massa contra bombardeiros americanos que abateu apenas 23 aparelhos. Na Iugoslávia, ainda em 7 de abril, as forças alemãs evacuavam Sarajevo e começavam a retirar-se da costa da Dalmácia. Na Tchecoslováquia, Bratislava caiu nas mãos do Exército Vermelho. Na Áustria, a batalha de

Viena continuava; na Silésia, os alemães que resistiam em Breslau eram sistematicamente eliminados.

Mesmo na derrota, Hitler estava decidido a não deixar que seus inimigos sobrevivessem. Em 8 de abril, Hans von Dohnanyi era assassinado em Sachsenhausen, e, no dia seguinte, o almirante Canaris, o general Oster e Dietrich Bonhoeffer eram enforcados em Flossenbürg, a menos de 160 quilômetros das posições avançadas americanas que progrediam a partir de Gotha. Também em 9 de abril, na prisão de Plötzensee, em Berlim, era decapitado Ewald von Kleist-Schmenzin, que, desde 1932, denunciara o nazismo como uma “demência” e um “inimigo mortal de nosso modo de vida”. Em 1944, convidara vários grupos de resistentes alemães a reunirem-se em sua estância de veraneio em Schmenzin.

Em Dachau, entre dezenas de milhares de prisioneiros que esperavam a libertação, estava Johann Elser, carpinteiro que tentara assassinar Hitler em novembro de 1939 e que seria morto antes da libertação do campo, por ordem de Himmler, em 9 de abril.

Na Itália, a mesma data assistiu a um renovado ataque aliado contra as defesas da linha gótica. Forças britânicas, americanas, polonesas, indianas, neozelandesas, sul-africanas, brasileiras e judaicas participaram da ação. Na mesma noite, no Báltico, o comandante da fortaleza de Königsberg, general Otto Lasch, ordenava que seus homens se rendessem; entre eles 42 mil estavam mortos e 92 mil haviam sido aprisionados durante a batalha pela posse da cidade. Haviam morrido também 25 mil civis alemães, o que representava a quarta parte da população da cidade, após as autoridades nazistas proibirem a evacuação dos habitantes. Na noite seguinte, Hitler telegrafou às poucas unidades equipadas com rádios ainda em ação na Prússia Oriental: “O general Lasch deve ser imediatamente fuzilado por traição.” No entanto, Lasch era já prisioneiro de guerra dos aliados.

Na Alemanha Ocidental, os exércitos aliados viam-se confrontados por uma força alemã comandada pelo general Wenck, que se instalara numa forte posição defensiva nas montanhas de Harz. Hitler, em Berlim, depositava grandes esperanças no general, tanto para travar o avanço

aliado como para, caso fosse necessário, acorrer em defesa de Berlim, impedindo que os russos entrassem na cidade. Ao fim de nove dias, contudo, as forças de Wenck estavam cercadas, e os exércitos aliados, mantendo o cerco, prosseguiram em direção a Halle e ao rio Elba.

Ao norte de Berlim, os pilotos americanos iniciaram, em 10 de abril, o que seria conhecido como “grande massacre dos jatos”, abatendo catorze jatos alemães acima de Oranienburg. No mesmo dia, os cidadãos britânicos tomavam conhecimento, através de seu primeiro-ministro, do número de mortes que a guerra causara ao país entre setembro de 1939 e fevereiro de 1945: 216.287 soldados em terra, no mar e nos ares, 59.793 baixas civis após bombardeamentos, lançamento de bombas voadoras e mísseis, e 30.179 marinheiros mercantes, num total de mais de trezentas mil mortes.

* * *

Em 11 de abril, a União Soviética assinou um tratado de amizade, assistência mútua e cooperação para o pós-guerra com a Iugoslávia. O Exército Vermelho era, agora, senhor da Hungria e do leste da Tchecoslováquia. Em Viena, as tropas soviéticas haviam penetrado o centro da cidade. Os aliados ocidentais, porém, não estavam com as mãos vazias; na mesma data, forças americanas chegavam ao Elba, ao sul de Wittenberge, a menos de 220 quilômetros do centro de Berlim. Contudo, Eisenhower decidira, depois de conversações com o supremo comando das forças soviéticas, que as tropas americanas não avançariam sobre a capital da Alemanha, dirigindo-se para sul e para leste.

Ainda em 11 de abril, houve um telefonema do quartel-general da Gestapo em Weimar para a administração do campo de Buchenwald, anunciando que seriam enviados explosivos destinados a destruir o campo e, com ele, seus prisioneiros. O administrador do campo e seus auxiliares, porém, haviam fugido, deixando as instalações nas mãos dos prisioneiros; esses, em resposta ao telefonema da Gestapo, disseram: “Não tem importância. O campo já foi pelos ares.”

Foi assim que os prisioneiros em Buchenwald foram salvos; à última hora, a sorte protegeu aqueles que a desgraça quis destruir. Poucas horas mais tarde, as tropas americanas entravam em campo, deparando-se com

um espetáculo de terrível miséria: cadáveres esqueléticos e sobreviventes esfaimados. Um prisioneiro libertado na ocasião, Elie Wiesel, escreveria mais tarde: “Vocês foram nossos libertadores, mas nós, os sobreviventes, feridos pela doença, esqueléticos, quase inumanos, fomos seus mestres. Ensinamos a compreender o Reino da Noite.”

As mortes de Roosevelt, Mussolini e Hitler

Abril de 1945

Em 12 de abril, o presidente Roosevelt morreu em sua casa em Warm Springs, Geórgia. Alguns entre os mais experientes soldados americanos choraram ao ouvir a notícia. Os dirigentes nazistas regozijaram-se: “É o ponto de virada”, disse Goebbels. Seu ponto de vista era partilhado pelo dirigente da Juventude Hitleriana, Alfons Heck, que, em Wittlich, encontrava-se no interior das linhas americanas e soube da morte de Roosevelt através do rádio de um soldado americano. “Partilhei a ilusão breve de Josef Goebbels”, escreveria ele, “de que o falecimento de Roosevelt persuadiria seu sucessor, Harry Truman, a firmar um armistício ou até a juntar-se a nós contra os soviéticos”.

Em Okinawa, os japoneses viram a morte de Roosevelt como um sinal que confirmava a eficácia de suas expedições suicidas. “Morte súbita do presidente Roosevelt”, anunciava um panfleto japonês, que, depois, interrogava: “‘Suicídio’ perante a derrota em Okinawa? ‘Assassinato’ como punição pela derrota?”

Porém, a derrota não estava, de modo algum, no horizonte dos americanos, apesar da ferocidade da batalha em terra firme e dos ataques camicazes no mar. Por coincidência, 12 de abril foi também a data em que as primeiras notícias acerca da existência de pilotos suicidas, inicialmente retidas como segredos militares, chegaram ao conhecimento da população dos Estados Unidos.

Nessa noite, em Okinawa, o sargento Beaufort T. Anderson, tentando deter um contra-ataque japonês no cume de Kakazu, avançou contra eles, arremessando granadas. Quando as armas se esgotaram, serviu-se de balas de morteiro, mas não tendo como lançá-las, bateu-as contra uma rocha a fim de espoletá-las, lançando em seguida catorze projéteis contra

os inimigos. Por seu êxito contra o ataque japonês, Anderson receberia a medalha de honra da congregação.

Medalha igual foi atribuída a uma ordenança dos serviços médicos, Desmond T. Doss, por seu comportamento durante a batalha pela linha de Kakazu. Doss, como adventista do Sétimo Dia, recusava-se a usar armas. Sendo o único homem ileso na região alta em que se encontrava, Doss transportou, um a um, cinquenta feridos até a beira de uma plataforma de mais de dez metros de altura, descendo-os e colocando-os a salvo com o auxílio de uma corda.

Na Alemanha, paralelamente, os americanos apoderaram-se de uma entre as duas baterias de água pesada dos alemães, em Stadtilm, perto de Erfurt. Era evidente que não haveria bomba atômica alemã num futuro próximo. No dia seguinte, 13 de abril, em seu *bunker* subterrâneo de Berlim, Hitler dirigiu uma proclamação às tropas que lutavam na frente oriental. A libertação era iminente. Berlim devia continuar nas mãos dos alemães. “Uma artilharia condigna saudará o inimigo”, prometeu Hitler e acrescentou, mentindo: “Nossas baixas de infantaria foram substituídas por um grande número de novas unidades.”

Mesmo nessa hora desesperadora para as forças armadas alemãs, numerosas unidades militares eram utilizadas para guarda, deportação e execução de judeus. “Certa noite, paramos perto da cidade de Gardelegen”, lembraria Menachem Weinryb, sobrevivente de uma marcha da morte saída de Auschwitz.

Estávamos deitados num campo e alguns alemães discutiam o que fariam conosco. Afastaram-se e voltaram algum tempo depois, trazendo rapazes das Juventude Hitleriana e membros da força policial da cidade. Mandaram-nos entrar num grande celeiro. Como éramos cerca de cinco ou seis mil pessoas, as paredes do celeiro cederam sob a pressão dos corpos comprimidos em seu interior, permitindo que muitos fugissem. Os alemães regaram o edifício com gasolina e incendiaram-no. Milhares de pessoas foram queimadas vivas.

Aqueles que conseguiram escapar, continuava Weinryb, ficaram deitados no solo de uma floresta vizinha “ouvindo os gritos dilacerantes das vítimas”.

Os judeus que ficaram no celeiro tentaram escapar, escavando os alicerces, mas assim que suas cabeças apareciam, eram alvejados pelos alemães.

“Mais do que pôr fim à guerra, queremos pôr fim à origem de todas as guerras – sim, pôr fim a esse método brutal, desumano e ineficaz, de lidar com as diferenças entre os governos”, era o que Roosevelt pretendia dizer no jantar comemorativo do Dia de Jefferson, em Washington, em 13 de abril. Não haviam sido somente diferenças de regime, mas ódios raciais, o que alimentou os dois mil dias de guerra decorridos entre a invasão à Polônia e a morte de Roosevelt. O fato tornava-se ainda mais evidente na terceira semana de abril, à medida que os campos de concentração eram libertados. Num, em Gardelegen, os americanos descobriram os despojos mortais dos judeus queimados no celeiro em 13 de abril; em Belsen, seu sádico comandante Josef Kramer conduziu os soldados britânicos que libertaram o campo num “trajeto de inspeção”, mantendo-se imperturbável perante as cenas de horror que apresentava.

Os primeiros blindados britânicos entraram em Belsen em 15 de abril. Por acaso, três soldados dentro dos tanques eram judeus. Os sobreviventes, no entanto, não compreendiam o que acontecia: “Nós, os prisioneiros amedrontados e esqueléticos do campo, não acreditávamos que estivéssemos livres”, lembraria um prisioneiro judeu de Belsen, Josef Rosensaft. “Parecia-nos um sonho que em breve daria lugar a uma realidade muito mais cruel.”

A “realidade cruel” chegou rapidamente a Belsen, assim que os primeiros tanques britânicos partiram em perseguição às forças alemãs. Durante as 48 horas seguintes, o campo ficou apenas nominalmente sob controle britânico, e 1.500 soldados húngaros, que trabalhavam nos campos como guardas, mantiveram, em parte, seus postos de comando. Durante o breve intervalo referido, 72 judeus e onze não judeus foram abatidos pelos húngaros após delitos como roubar cascas de batata nas cozinhas.

Na ocasião dessa primeira libertação interrompida, havia trinta mil prisioneiros em Belsen, sendo 1.500 judeus, sobreviventes de Auschwitz, cerca de mil alemães presos por atividades antinazistas, centenas de ciganos, 160 civis luxemburgueses que se opuseram à ocupação alemã, 120 antifascistas holandeses e iugoslavos, franceses, belgas,

tchecoslovacos, gregos e, mais numerosos do que todos os outros, russos e poloneses; o campo era, desse modo, uma verdadeira amostra caleidoscópica das vítimas de Hitler.

Quando, ao fim das 48 horas referidas, as tropas britânicas voltaram, ocupando definitivamente Belsen, compreenderam imediatamente estar perante um cenário de extermínio em massa. Entre os dez mil corpos insepultos que encontraram, muitos eram vítimas da fome. Na primeira semana após a libertação, trezentos prisioneiros morriam por dia, vítimas de carências alimentares e do tifo. Mesmo depois da instalação, pelos britânicos, de cuidados médicos, pessoais e alimentares, a taxa de morte continuou a ser, ao longo de mais de duas semanas, de sessenta pessoas por dia.

“Por todo lado, as pessoas caem mortas”, escreveu um oficial britânico, Patrick Gordon-Walker, referindo-se à cena que encontrou ao entrar no campo, “e outras, são esqueletos em movimento”. Depois, Gordon-Walker narrou o que lhe contou um soldado britânico, testemunha da seguinte cena:

Uma mulher dirigiu-se a um soldado que guardava o depósito do leite e distribuía leite para as crianças, pedindo-lhe leite para seu bebê. O homem pegou o bebê e verificou que estava morto havia dias, com o rosto escuro e encarquilhado, mas a mulher continuava a pedir leite. O soldado, então, derramou um pouco do líquido nos lábios mortos da criança. A mãe começou a murmurar uma música qualquer, alegre, e levou o bebê em triunfo. Após poucos metros, caiu, morta.

Os soldados britânicos contaram aproximadamente 35 mil cadáveres em Belsen, contra trinta mil prisioneiros vivos. Entre estes, muitos estavam demasiado debilitados para mexerem-se, levantarem ou saudarem os libertadores. Um entre os homens nessa situação era Harold Le Druillenec, natural de uma ilha do canal da Mancha e internado no campo por abrigar dois prisioneiros de guerra russos. A irmã de Le Druillenec, Louisa Gould, que também fora presa por ajudar os mesmos russos, havia sido internada em Ravensbrück, onde morreu.

No dia em que os britânicos entraram em Belsen, dezessete mil mulheres e quarenta mil homens eram evacuados de Ravensbrück e de

Sachsenhausen, a pé, e encaminhados para oeste. Um oficial da Cruz Vermelha, que por acaso assistiu à marcha dos deportados de Ravensbrück, escreveu em seu relatório:

Quando me aproximei, vi que tinham as faces encovadas, os ventres distendidos e os tornozelos inchados. A pele encontrava-se amarelecida. Depois, surgiu uma coluna de desgraçados famintos. Em cada fila, uma mulher doente era apoiada ou arrastada por suas companheiras de cativeiro. Uma jovem da SS, com um cão policial preso à coleira, conduzia a coluna, seguida por duas moças que, a todo o momento, gritavam insultos contra as pobres mulheres.

Centenas de prisioneiras morreram, exaustas, durante a marcha de Ravensbrück. Outras centenas foram abatidas a tiros à beira do caminho. Outras, ainda, foram mortas pelas bombas aliadas dirigidas contra o sistema de comunicação da Alemanha. Entre essas vítimas, conta-se Mila Racine, francesa de 21 anos que, em outubro de 1943, fora capturada pela Gestapo durante uma ação clandestina de transporte de um grupo de crianças em direção à fronteira suíça. Mais tarde, fora deportada para Auschwitz. Finalmente, após sobreviver por tanto tempo, caiu, morta, numa estrada alemã.

Em 15 de abril, forças canadenses tomaram Arnheim, local onde um ataque de paraquedistas falhara poucos meses antes. No mesmo dia, a companheira de Hitler, Eva Braun, chegava a Berlim para reunir-se ao Führer no *bunker*, após dizer a uma amiga, quando deixava a relativa segurança de Munique: “Não vale a pena viver numa Alemanha sem Adolf Hitler.”

No mesmo dia, iniciou-se um contra-ataque alemão contra os americanos, ao sul de Uelzen, destinado a tentar abrir caminho para as tropas cercadas do general Wenck ou ao que restava delas, permitindo-lhes sair das montanhas de Harz e acorrer em defesa de Berlim. Porém, a tentativa falhou, interceptada e repelida pelos americanos, que utilizaram contra o inimigo não apenas artilharia e blindados, mas bombas de fósforo, eliminando as esperanças que os alemães ainda pudessem ter sobre manter algumas linhas de defesa. Conscientes de que se tratava, provavelmente, de sua última batalha na Europa, os americanos deram à operação o nome Kaput.

Quase todas as fábricas e os depósitos de munições na Alemanha estavam nas mãos dos aliados. “Em breve, sofreremos consequências terríveis, comprometendo todo o nosso esforço de guerra”, disse Alfred Toppe, chefe do estado-maior do exército, prevenindo Hitler em 15 de abril.

Às 5h de 16 de abril, com o lançamento de quinhentas mil granadas de artilharia, obuses e morteiros, o Exército Vermelho iniciou sua ofensiva contra Berlim enquanto três mil tanques de alta qualidade e grande potência de tiro avançavam sobre a capital a partir das posições avançadas soviéticas nas margens do Oder. Sessenta aviões suicidas alemães foram lançados contra as pontes do Oder ou caíram em suas imediações, mas não puderam deter o avanço maciço dos soldados e dos tanques russos. Na frente sul, as forças soviéticas, senhoras de Viena, seguiram para oeste, em direção a Pölten e Fürstenfeld. Sobre Berlim, caças americanos abatiam 22 jatos alemães, praticamente os últimos ainda em ação. De seu *bunker*, Hitler dirigiu uma proclamação aos comandantes que lutavam contra o Exército Vermelho: “Aquele que der ordem de retirada deverá ser imediatamente abatido por seus homens.”

Pressionando os últimos bolsões de resistência alemã no Ruhr, os americanos haviam feito, até 16 de abril, cerca de vinte mil prisioneiros de guerra. No mesmo dia, as forças americanas libertavam Fallingbommel e Colditz, dois campos cujos prisioneiros de guerra aliados se juntariam aos mais de 250 mil libertados de cativos ao longo de abril. Em Berlim, ainda no dia 16, Hitler demitia seu médico pessoal, Karl Brandt, que ocupava o cargo de ministro da Saúde na Alemanha, após ser informado de que Brandt enviara sua mulher e seu filho para a Turíngia, onde se entregariam aos americanos.

No Pacífico, também em 16 de abril, os americanos desembarcaram na pequena ilha de Ie Shima, no arquipélago Ryukyu. Os pilotos suicidas japoneses continuavam sendo uma permanente ameaça contra todos os movimentos da marinha americana; no mesmo dia, um piloto camicaze matou oito tripulantes do porta-aviões *Intrepid*, que havia perdido cerca de uma centena de homens em ataques anteriores. Ainda na mesma data,

na ilha de Leyte, nas Filipinas, onde algumas forças japonesas continuavam combatendo apesar da conquista americana havia mais de três meses, o general Suzuki foi morto e a resistência japonesa, destroçada. No sul das Filipinas, e mesmo na ilha central de Luzon, os japoneses ainda lutavam; em 17 de abril, porém, as forças americanas ocupavam Mindanao.

Na Alemanha, o mesmo dia testemunhava o colapso das esperanças de Hitler nas frentes ocidental e oriental. A ocidente, as tropas americanas chegavam aos subúrbios de Nuremberg, teatro dos maiores triunfos do nazismo no período anterior à guerra; agora, a cidade estava sob um ininterrupto fogo de artilharia.

A leste, o Exército Vermelho cruzara o Oder e encaminhava-se para Berlim, tendo chegado a Seelow. Na mesma altura, 572 bombardeiros americanos atacavam as instalações ferroviárias em Dresden pela sexta vez. De seu *bunker* junto à chancelaria, Hitler ordenava a destruição de todas as pontes rodoviárias na região de Berlim, declarando numa conferência com seus chefes militares: “Os russos sofrerão a mais sangrenta derrota antes de entrarem em Berlim.”

Não eram os russos, contudo, e sim os alemães, que estavam à beira de uma derrota sangrenta; em 17 de abril, os bombardeiros americanos destruíam 752 aviões alemães em suas bases, aniquilando praticamente tudo o que restava da força aérea do Reich. No mesmo dia, Hitler recusou-se a autorizar o general Von Vietinghoff, na Itália, a retirar-se para o norte e ordenou que seus exércitos a ocidente atacassem os pontos mais fracos nos flancos e linhas de abastecimento anglo-americanas; no dia seguinte, o marechal Kesselring incitava as tropas alemãs a resistirem firmemente nas montanhas de Harz.



DO RENO PARA O ELBA, ABRIL DE 1945.

Em 18 de abril, cerca de mil bombardeiros britânicos atacaram as fortificações alemãs na ilha de Heligoland, no mar do Norte. No mesmo dia, Churchill dava instruções ao general Montgomery para que não avançasse sobre Berlim, mas sobre o porto báltico de Lübeck. “Nossa chegada a Lübeck”, disse Churchill a Eden, “antes que nossos amigos russos vindos de Stettin cheguem, poupará muito trabalho. Não há razão para que os russos ocupem a Dinamarca, país que deve ser libertado, e ver restaurada sua soberania. Nossa chegada a Lübeck em primeiro lugar, se conseguirmos esse objetivo, será decisiva”.

Sobre o mesmo tema, Churchill disse a Eden que seria “bom”, para os aliados ocidentais, “avançar sobre Linz para encontrar, aí, os russos”. Ao mesmo tempo, sugeriu que os americanos descrevessem um movimento circular “de modo a conseguirem o controle sobre a região ao sul de Stuttgart antes que fosse ocupada pelos franceses”. Nessa zona, conforme acentuava Churchill, estavam as principais instalações alemãs de pesquisa sobre a bomba atômica – “Tube Alloys”, na expressão do primeiro-ministro britânico – “e seria bom, dado o sigilo que rodeia o assunto, que nos apoderássemos desses locais”. Todas essas sugestões, segundo Churchill, “são apenas para sua informação e devem ser mantidas o mais reservadas possível”.

Na Birmânia, no contexto do plano da reconquista de Rangun, uma importante força de comandos, conduzida pelo major Tulloch e por um grupo de oficiais britânicos, atacou posições japonesas no interior de suas linhas, em 18 de abril. A ação, que recebera o codinome Character, forneceu também informações aos bombardeiros da ofensiva em Rangun e apoiou grupos de ações especiais que saltaram sobre a região, tendo assim, numa série de ataques contra trens que levavam tropas, colunas militares e bases isoladas, matado cerca de dez mil soldados japoneses, contra a perda de menos de sessenta comandos.

Em Ie Shima, ao largo de Okinawa, morria, no mesmo dia, um entre os mais populares correspondentes de guerra americanos, Ernie Pyle, atingido por uma metralhadora japonesa. Seu corpo foi recuperado, sob fogo inimigo, por alguns dos soldados de infantaria cujas dificuldades cotidianas Pyle descrevera ao público americano. Num de seus bolsos,

foi descoberto o esboço de um comentário que Pyle publicaria quando a guerra terminasse na Europa. O artigo dizia que “na alegria entusiástica” da vitória “é fácil esquecer os mortos. Aqueles que partiram não gostariam de ser uma pedra de luto pendurada em nossos pescoços, mas, entre os vivos, muitos carregarão para sempre a imagem, gravada a fogo em seus cérebros, de cadáveres frios, disseminados pelas encostas e valas, ao longo das ravinas de todo o mundo. Homens mortos em massa – país após país, mês após mês e ano após ano. Homens que morreram no inverno e homens que morreram no verão. Homens mortos numa promiscuidade tornada tão familiar que chega a ser monótona. Homens mortos numa sequência tão monstruosamente prolongada que quase chegamos a odiá-los”.

E Pyle continuava:

São coisas que, na pátria, é difícil sequer tentar compreender. Para quem está em sua casa, há apenas colunas de números ou alguém próximo que partiu e não voltou. Não se vê o homem que jaz, grotesco e macilento, à beira de uma estrada na França. Mas nós o vemos por toda a parte, aos milhares. É essa a diferença...

Ernie Pyle morreu seis dias após Roosevelt. “De novo, a nação está enlutada”, declarou o presidente Truman, “dessa vez, pela morte de Ernie Pyle”.

Em 19 de abril, as forças americanas entraram em Aha, completando sua conquista do centro e do norte de Okinawa. Ao sul, porém, ao redor de Naha, os japoneses preparavam-se para defender palmo a palmo o território ocupado, tal como fizeram em Iwo Jima.

Ainda em 19 de abril, os soldados americanos entraram em Leipzig. No mesmo dia, o Exército Vermelho penetrou as defesas alemãs em Forst, sobre o rio Neisse, 120 quilômetros a sudeste de Berlim. Em Bayreuth, o *Gauleiter* da Baviera, Fritz Waechter, era executado pela SS sob a acusação de derrotismo. Paralelamente, em Dachau, oficiais da SS executavam quatro oficiais franceses e onze tchecoslovacos feitos prisioneiros alguns anos antes durante missões clandestinas na França e na Tchecoslováquia então ocupadas pela Alemanha.

Nuremberg, a cidade dos ajuntamentos nazistas anteriores à guerra, caiu nas mãos dos americanos em 20 de abril, quando dezessete mil soldados alemães foram feitos prisioneiros, enquanto, na frente oriental, as forças soviéticas entravam em Kalau, a apenas 96 quilômetros de Berlim. Nesse dia, Hitler festejava seu quinquagésimo sexto aniversário, numa capital que subitamente vibrava ao som da artilharia soviética, que desencadeou seu ataque contra a cidade às 11h.

Enquanto os festejos pelo aniversário de Hitler prosseguiam, os bombardeiros aliados realizavam seu último ataque maciço contra a capital do Reich. À tarde, durante uma pausa nos bombardeamentos, Hitler deixou o *bunker* para passar em revista os soldados adolescentes da Juventude Hitleriana e os homens mais velhos de uma divisão da SS recém-formada, que tinham como missão a defesa de Berlim. Desejando-lhes o bem, Hitler voltou ao seu subterrâneo para uma festa de aniversário, em que seus convidados tiveram a impressão de que ele ponderava a possibilidade de trocar Berlim por Berchtesgaden, onde poderia continuar a dirigir a luta nos maciços redutos alpinos ao sul de Munique. Hitler falou aos seus convidados sobre sua decisão de conservar, ao mesmo tempo, as posições alemãs na Boêmia-Morávia e na Noruega. Recebera recentemente, de comissários alemães na Noruega e na Dinamarca, um telegrama de felicitações: “A Noruega será defendida!”

Hitler mantinha-se, assim, em seu *bunker*, a quinze metros de profundidade, com seus colaboradores mais próximos e suas secretárias, enquanto Berlim era pesadamente atacada, todos os dias, pela artilharia soviética e enquanto o Exército Vermelho se encontrava cada vez mais próximo. Himmler, um entre os convidados presentes na festa de aniversário, contatou mais tarde, no mesmo dia, a Cruz Vermelha sueca e, esperando impressionar favoravelmente os aliados, concordou em enviar sete mil mulheres presas em Ravensbrück, das quais metade eram judias para a Suécia.

Na Itália, numa tentativa de cortar as linhas de retirada das tropas alemãs, os bombardeiros aliados lançaram a operação Cornicob, em 20 de abril, que consistiu num ataque de três dias contra as pontes dos rios Adige e Brenta. Na Iugoslávia, as últimas forças alemãs deslocavam-se através da Croácia, em direção a Zagreb e à Áustria; entre as medalhas

distribuídas por Hitler no dia de seu aniversário, havia uma cruz de Mérito em Combate de Primeira Classe, com Espadas, para o tenente Waldheim, por seu trabalho como adjunto do general Löhr.



Hitler se despede dos soldados mais jovens no seu 56º aniversário, no dia 20 de abril de 1945, no pátio da chancelaria de Berlim.

O aniversário de Hitler assistiu igualmente à continuação do terror que tornara seu regime odiado em toda Europa. Em Bullenhuser Damm, perto de Neuengamme, a Gestapo enforcou o holandês Anton Holzel, preso anteriormente enquanto distribuía jornais comunistas. Também foram enforcados vinte prisioneiros de guerra russos e vinte crianças judias, levados de Auschwitz para Neuengamme a fim de servirem como cobaias em experiências médicas. As forças britânicas estavam a 32 quilômetros do lugar de execução, Harburg. Antes, porém, que pudessem chegar a Bullenhuser Damm, os cadáveres, tanto dos adultos quanto das crianças, foram levados para Neuengamme e cremados.

Sete entre as vinte crianças nunca foram identificadas; as treze cujos nomes se conhecem eram Mania Altman e Eleonora Witonska, de cinco anos, Roman Witonska, irmão de Eleonora, e Rywka Herszberg, de sete anos – todos poloneses –, Sergio de Simone, italiano, de sete anos, Alexander Hornemunn, com oito anos, e seu irmão Eduard Hornemunn, com doze anos, ambos holandeses, e mais dois franceses de doze anos – Jacqueline Morgenstern e Georges André Kohn –, que haviam sido vítimas das últimas deportações realizadas a partir de Paris, em agosto de 1944.

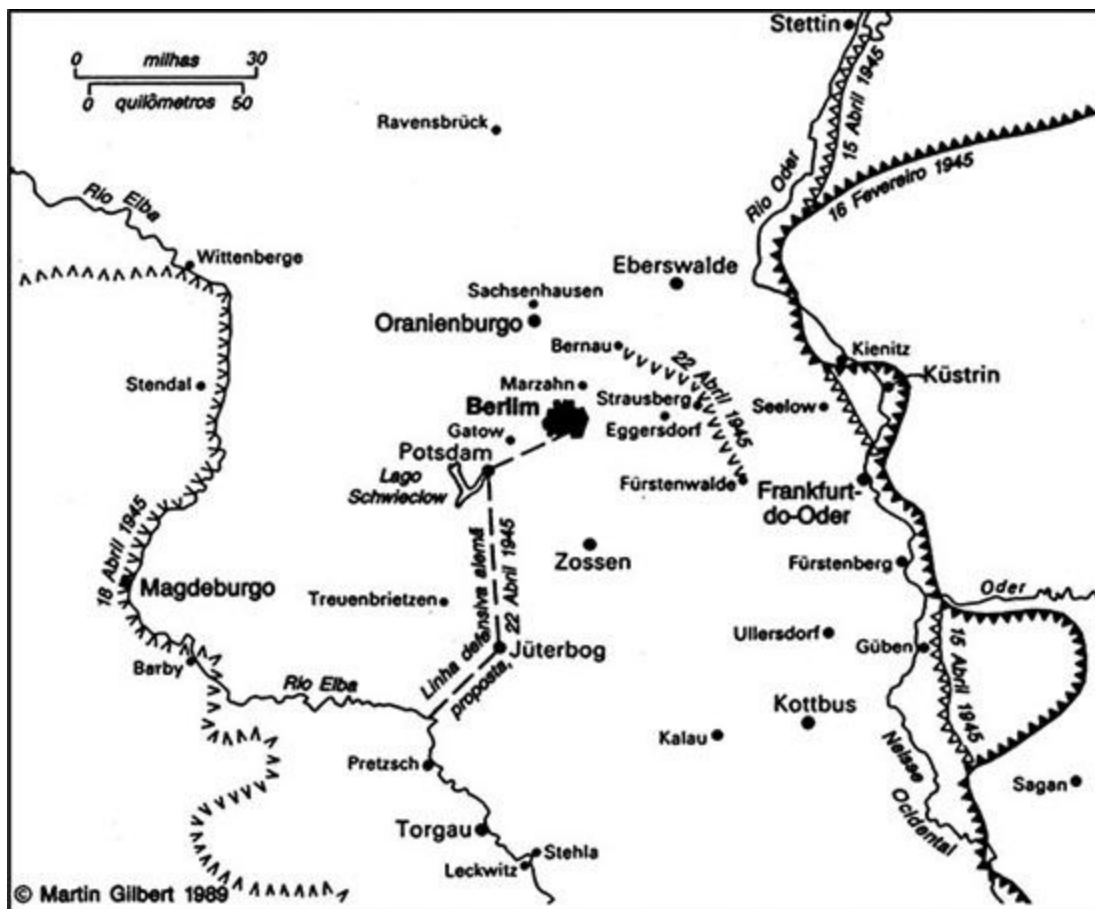
Em 21 de abril, as forças francesas entravam em Stuttgart enquanto, na Itália, unidades polonesas ocupavam Bolonha. No mesmo dia, os alemães lançaram uma operação antirresistência na região de Gorizia, matando mais de 170 italianos. Em Berlim, onde as tropas soviéticas ocupavam os subúrbios do sul e do leste, Hitler ordenou que o general Steiner se deslocasse para Eberswalde, ao sul, quebrando as linhas soviéticas e reinstalando a defesa nos limites de sudeste da cidade. “Verá que os russos sofrerão a maior derrota de sua história às portas de Berlim”, disse Hitler a Steiner, mas, ao mesmo tempo, avisava o general: “É expressamente proibido recuar para oeste. Os oficiais que não cumprirem essa ordem devem ser imediatamente presos e fuzilados. E você, Steiner, responderá com sua cabeça pelo cumprimento dessas instruções.”

Na região dos antigos bolsões de resistência do Ruhr, 325 mil alemães, contando-se entre eles trinta generais, renderam-se aos aliados em 21 de

abril; no mesmo dia, o comandante da região, marechal Model, suicidou-se com um tiro numa floresta entre Düsseldorf e Duisburg.

Na aldeia de Wistedt, entre Bremen e Hamburgo, zona de ação das forças britânicas, o soldado da guarda Edward Colquhoun Charlton, de 24 anos, ganharia a última cruz Victoria oferecida durante a guerra na Europa, após salvar a vida de vários homens presos num blindado. Charlton estava tão ferido que morreu poucas horas após ser feito prisioneiro. O principal adversário de Charlton durante a ação, tenente Hans-Jürgen von Bulow receberia a cruz de ferro de Primeira Classe.

Nos subúrbios de Berlim, o Exército Vermelho entrava em Zossen, em 21 de abril, onde estava instalado o supremo comando do exército alemão. A principal resistência aos soviéticos era composta por “grupos de combate” da Juventude Hitleriana, integrados por adolescentes armados com canhões antitanque e colocados nos parques, edifícios mais altos e vias de acesso aos subúrbios. Em Eggersdorf, setenta combatentes, com três canhões antitanque, ilustraram a natureza dos últimos esforços pela defesa de Berlim, antes de serem suprimidos pelos blindados e pela infantaria soviéticos.



A BATALHA POR BERLIM, MARÇO A ABRIL DE 1945.

Heinrich Himmler tinha sob seu comando os exércitos do Reno e do Vístula. Em 22 de abril, após novo encontro com o conde Folke Bernadotte, dessa vez em Lübeck, ele ofereceu-se para render-se aos aliados ocidentais, mas não aos russos. A Alemanha, explicou Himmler, continuaria a resistir aos russos “até que a frente aliada substitua a frente alemã”. As potências ocidentais, porém, não tinham a menor intenção de atacar os russos; portanto, não haveria negociações de paz e a rendição alemã teria de ser incondicional. Até a rendição do Reich, garantiu Churchill a Stálin, ao dar-lhe notícias sobre a diligência de Himmler, “o ataque dos aliados contra todos os pontos e bolsões de resistência manterá seu vigor”.

No interior da Grande Alemanha, a iminência da derrota causava, pela primeira vez, algum afrouxamento no sistema de segurança dos campos de concentração. Em 22 de abril, quando dois representantes suíços da comissão internacional da Cruz Vermelha chegaram a Mauthausen, trazendo caminhões e alimentos, foram autorizados a tirar do campo 817 franceses, belgas e holandeses.

Em seu *bunker*, Hitler soube que o general Steiner não conseguira fazer um único homem avançar contra os russos em Eberswalde. Então, declarou aos companheiros no *bunker* que a guerra estava perdida. As ideias relativas a um bolsão de resistência nos Alpes, ao sul de Munique, não o interessavam. Hitler ficaria em Berlim e cometeria suicídio quando o desfecho estivesse iminente. O séquito de Hitler foi convocado; o general Jodl, num acesso de otimismo bastante contrário à realidade, falou sobre novas movimentações das tropas destinadas a defender Berlim. O exército do Elba, que enfrentava os britânicos e os americanos, podia ser deslocado para Jüterborg e Potsdam.

No mesmo dia, uma força motorizada soviética chegava a Treuenbrietzen, 64 quilômetros a sudoeste de Berlim e 24 quilômetros a oeste da linha defensiva proposta por Jodl; os russos depararam-se com um campo de prisioneiros de guerra e, durante a libertação do local, foi morto o tenente Zharchinski, que se lançara contra a linha de defesa do campo. Entre os prisioneiros libertados, contava-se o general Otto Ruge, ex-comandante-chefe da marinha norueguesa, capturado pelos alemães havia cinco anos.

De Treuenbrietzen, a força motorizada dirigiu-se para leste, em direção a Jüterborg, ocupando o respectivo aeródromo, onde encontrou 144 aviões danificados, 36 motores de avião soltos e três mil bombas. Muito antes que o plano de Jodl para o reagrupamento das forças alemãs em Jüterborg pudesse ser colocado em ação, a cidade caía nas mãos dos soviéticos, que formavam um cerco em torno da capital, a partir de sul e sudoeste.

A nordeste e leste de Berlim, as tropas soviéticas encontravam-se na linha Fürstenwalde-Strausberg-Bernau. Nessa noite, na prisão da Prinz Albrechtstrasse, em Berlim, foi fuzilado, por um destacamento da SS, Rüdiger Schleicher, cujo gabinete no Instituto de Direito da Universidade de Berlim servira como local de reunião para alguns membros da resistência antinazista, entre os quais os cunhados de Rüdiger, Dietrich Bonhoeffer e Hans von Dohnanyi, ambos já executados.

Na Iugoslávia, as tropas alemãs recuavam em direção a Zagreb: em 22 de abril, ainda controlavam a região de Jasenovac e o campo de concentração local, onde dezenas de milhares de sérvios e de judeus haviam sido assassinados. Havia apenas cerca de mil prisioneiros no campo; receando que os guardas os assassinassem antes de sua fuga, revoltaram-se contra eles. Cerca de seiscentos prisioneiros atacaram os guardas do campo e quase quinhentos foram abatidos. Porém, sessenta sérvios e vinte judeus conseguiram escapar, passando a constituir outras entre tantas testemunhas oculares das barbaridades que ainda se revelariam a um mundo que seria obrigado a ter consciência de atos de crueldade inéditos na história.

Em 23 de abril, Hitler assumiu o comando da defesa de Berlim. Policiais, membros da Juventude Hitleriana, velhos e mulheres de todas as idades eram recrutados para impedir a entrada dos russos na capital. No mesmo dia, Gøring enviava um telegrama a Hitler, propondo-lhe, como seu representante, assumir todas as responsabilidades do governo da Alemanha. “Se não houver resposta até as 22h”, explicava Gøring, “considerarei que o Führer perdeu sua liberdade de ação”.

Hitler imediatamente demitiu Gøring de todos os seus cargos e ordenou sua detenção. Para a liderança da força aérea alemã, decidiu

nomear Robert Ritter von Greim, um entre os pilotos mais condecorados da Alemanha, e, desde fevereiro de 1943, comandante da força aérea alemã na frente oriental. Greim, que se encontrava em Munique, foi convocado a Berlim.

Na capital, ao longo de 23 de abril, mais dois conspiradores detidos eram executados: o irmão de Dietrich Bonhoeffer, Klaus Bonhoeffer e o escritor e geógrafo Albrecht Haushofer, que advogara pela restauração da monarquia após o derrubamento de Hitler.

Em Belsen, passados oito dias desde a libertação do campo, morria, entre os ex-prisioneiros, a francesa Yvonne Rudellat, que, como agente britânica sob o codinome Jacqueline, introduzira-se em seu país de origem em julho de 1942, tendo sido presa pelos alemães após onze meses de ações clandestinas.

Na Itália, as forças aliadas atravessaram o rio Pó, e, em 24 de abril, a Comissão Italiana de Libertação Nacional apelava por um levantamento generalizado em todas as regiões ainda sob controle alemão. As colunas alemãs em retirada eram atacadas por toda a parte, enquanto, em 25 de abril, os resistentes libertavam Milão. Nessa manhã, mais de trezentos bombardeiros britânicos atacaram o quartel-general de Hitler em Berchtesgaden; Goering, em regime de prisão domiciliar em sua casa nas montanhas, sobreviveu, ileso, ao ataque, mas muitos edifícios foram atingidos e seis pessoas morreram.

Enquanto as bombas britânicas caíam em Berchtesgaden, o general Ritter von Greim voava para Berlim. Acompanhava-o Hanna Reitsch, mulher que estava entre os pilotos mais destacados da Alemanha e que, tempos antes, defendera a criação de uma força de pilotos suicidas. Quase no fim do trajeto, Von Greim mudou para um pequeno avião, para o trajeto entre Gatow e a Chancelaria, colocando Hanna Reitsch na cauda do aparelho. Durante o voo, Von Greim foi ferido num pé pelo fogo antiaéreo russo, mas Hanna, curvando-se por cima dele, assumiu o comando do aparelho e conseguiu aterrissar a poucas centenas de metros do *bunker* de Hitler.

Na enfermaria do *bunker*, enquanto o ferimento de Von Greim era tratado, Hitler disse ao espantado aviador: “Chamei-o porque Hermann Goering traiu a mim e à pátria. Às minhas costas, entrou em contato com o inimigo. Prendi-o como traidor, destituí-o de todos os cargos e afastei-o de todas as organizações. E, por isso, chamei você.”

Em seguida, Hitler informou a Von Greim que ele era o novo comandante supremo da força aérea alemã, recebendo a patente de marechal.

No mesmo 25 de abril, Hitler ordenou a prisão do general Karl Weidling, comandante de uma divisão Panzer, após o acusar de deserção. Weidling, cujas tropas, na realidade, ainda defendiam os arredores de Berlim, correu para o *bunker*, protestando sua inocência; Hitler nomeou-o “comandante de guerra” da batalha de Berlim. Oito exércitos soviéticos entravam na cidade, mas o episódio mais dramático daquele dia ocorreria pouco depois do meio-dia, quando um oficial americano, tenente Albert Kotzebue, perto da aldeia de Leckwitz, na margem ocidental do Elba, encontrou um soldado soviético. Depois de atravessar o rio, o tenente Kotzebue deparou-se com outros soldados soviéticos, acampados junto à aldeia de Stehla. As forças soviéticas e americanas se encontraram. A Alemanha estava cortada em duas. Quatro horas mais tarde, dezesseis quilômetros ao norte de Stehla, outra patrulha americana, comandada pelo tenente William D. Robinson, encontrava soldados soviéticos na aldeia de Torgau.

Os aliados regozijaram-se com essa junção de forças. As últimas esperanças de Himmler sobre lançar as forças inimigas umas contra as outras estavam destruídas. Em Moscou, 324 canhões dispararam uma salva de 24 tiros, celebrando a junção de forças em Torgau. Em Nova York, uma multidão encheu, dançando e a cantando, a Times Square.

Enquanto os americanos e russos uniam suas forças nas margens do Elba, o exército francês avançava rapidamente em Württemberg. Em 25 de abril, os franceses chegavam à aldeia de Tuttlingen, no alto Danúbio, onde descobriram a sepultura coletiva de 86 judeus, deslocados, havia seis meses, dos guetos do Leste e assassinados. Em quatro outras aldeias da região, entre as quais Schomberg e Schörzingen, foram descobertos mais 2.440 cadáveres. No mesmo dia, na aldeia italiana de Cuneo, a Gestapo fuzilava seis judeus. Em Ravensbrück, era executada Anna

Rizzo, que, juntamente com o marido, ajudara a organizar uma entre as mais importantes redes de evasão dos aliados na França, a linha Troy. Em Johanngeorgestadt, por fim, a Gestapo executava Paul d'Ortoli, eclesiástico da pequena cidade francesa de Contes, que havia sido preso em outubro de 1943.

* * *

No Pacífico, a batalha pela posse de Okinawa continuava. Ao mesmo tempo, os bombardeiros americanos intensificavam seus ataques contra as ilhas japonesas, esperando criar condições para uma invasão decisiva, planejada para novembro. Ainda em 25 de abril, porém, o secretário de Guerra, Henry L. Stimson, encontrou-se com o presidente Truman, levando-lhe notícias que poderiam alterar o calendário do assalto final contra o Japão. “Em quatro meses”, disse Stimson a Truman, “teremos, com toda a probabilidade, a mais terrível arma criada na história humana, uma bomba capaz de destruir uma cidade inteira”.

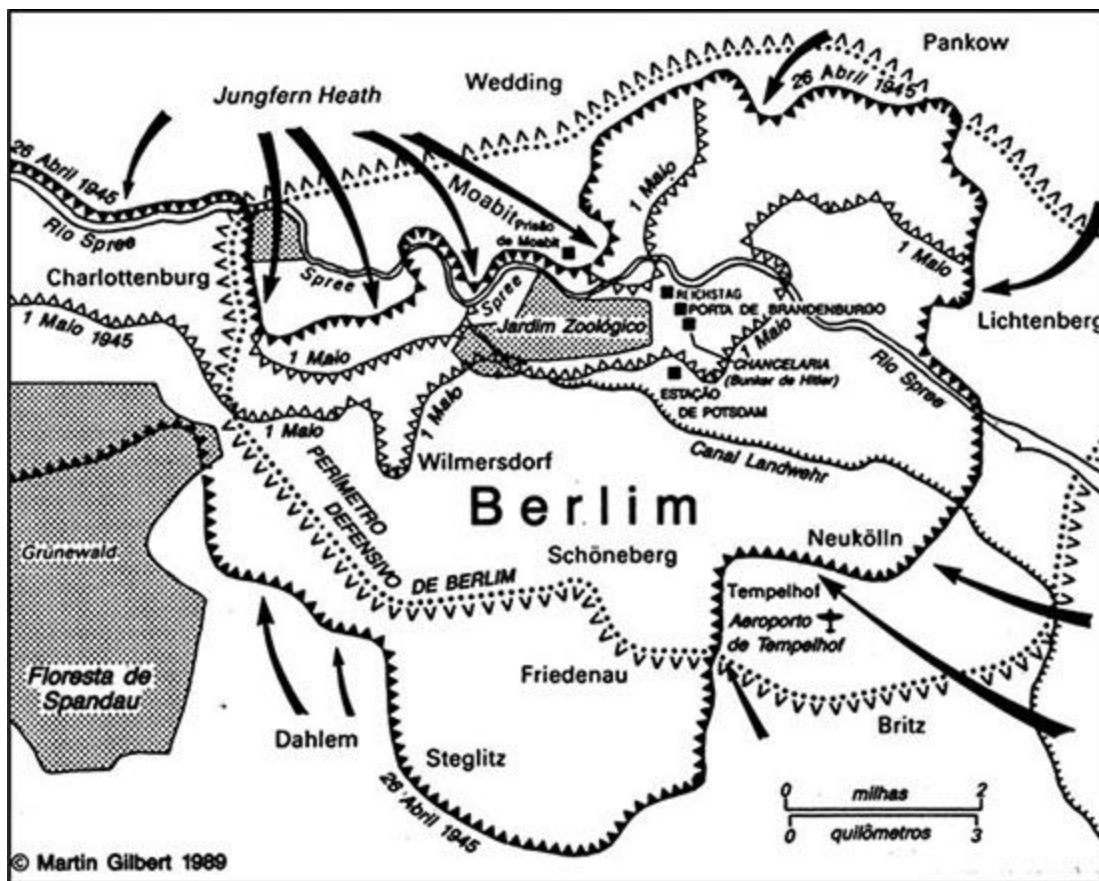
O perímetro de defesa de Berlim, que Hitler ordenara que fosse mantido a todo o preço, fora quebrado a norte, a leste e a sudeste. Os subúrbios de Moabit e Neukölln estavam nas mãos dos russos ao anoitecer de 26 de abril. No mesmo dia, os serviços secretos britânicos decifravam uma mensagem ultrassecreta, enviada a Himmler pela SS, prevenindo-o de que os abastecimentos alimentares destinados à população civil das zonas ainda sob controle alemão se esgotariam até 10 de maio. No dia em que a mensagem foi enviada, as forças russas, entrando em Potsdam, completavam o cerco a Berlim. As forças alemãs na cidade estavam reduzidas a uma área com menos de dezesseis quilômetros de comprimento e apenas cinco quilômetros de largura. No mesmo dia, ignorando que Hitler decidira manter-se em Berlim, algumas unidades do Exército Vermelho tomaram a última possibilidade de fuga, o aeródromo de Tempelhof.

Os campos de prisioneiros eram libertados em sequência; não longe de Berlim, as forças soviéticas punham em liberdade Edouard Herriot, ex-primeiro-ministro da França. Em Landsberg, onde Hitler estivera preso

durante um ano, em 1923 e 1924, um oficial alemão, coronel Yevell, apoderou-se de um entre os mais insólitos troféus da guerra: a placa que se encontrava acima da porta da cela que Hitler ocupou. “Aqui”, dizia a inscrição, “um sistema desonroso manteve preso o mais ilustre filho da Alemanha, entre 11 de novembro de 1923 e 20 de dezembro de 1924. Durante esse tempo, Adolf Hitler escreveu o livro da revolução Nacional-Socialista, *Mein Kampf*”. Atualmente, a placa encontra-se no museu militar de Frankfurt, Kentucky.

Na região de Landsberg, os americanos descobriram seis campos de concentração; os civis alemães que viviam nas redondezas foram obrigados a enterrar as centenas de corpos esqueléticos que jaziam no chão estéril e imundo dos campos. Também foram libertos milhares de trabalhadores escravos presos nas imediações de Landsberg, contando-se, entre eles, russos, poloneses, iugoslavos e franceses.

Os dias de libertação tiveram baixas pesadas, uma vez que as unidades alemãs, especialmente aquelas que combatiam o Exército Vermelho, recusavam-se a abandonar a luta. Em 26 de abril, após uma prolongada batalha, as forças soviéticas ocupavam Brno, na Morávia, e avançavam para norte em direção a Olomouc; 38.400 soldados do Exército Vermelho haviam sido mortos na campanha da Tchecoslováquia. Setenta e cinco por cento de Berlim estava nas mãos dos soviéticos ao fim de 27 de abril. Em Zossen, tropas do Exército Vermelho anularam uma tentativa do 9º exército alemão de marchar em socorro da capital.



BERLIM CERCADA, ABRIL DE 1945.

Em Marienbad, na parte ocidental da Tchecoslováquia, no mesmo dia, mil judeus vindos de Buchenwald, que se encontravam nas estradas havia cerca de duas semanas, foram assassinados com granadas e metralhadoras; os guardas abriram fogo contra eles na estação de trem da cidade. No mesmo dia, o representante de Himmler em Mauthausen, Kurt Becher, era informado pelo comandante do campo de que Ernst Kaltenbrunner, chefe dos serviços de segurança, dera-lhe instruções para que pelo menos mil homens continuassem a ser diariamente eliminados em Mauthausen.

Ainda em 27 de abril, os resistentes pegaram em armas contra os alemães em Turim, à semelhança do que fizeram, dois dias antes, em Milão. Entre os resistentes que perderam a vida em Turim, contava-se um jovem judeu, Giorgio Latis, cuja mãe, pai e irmã haviam sido deportados para Auschwitz em setembro passado, sobre os quais não se teve notícias. No mesmo dia, ao largo de Rostock, no mar Báltico, milhares de judias, vindas do campo de concentração de Stutthof, por mar, uma semana antes, foram atingidas por um bombardeamento aéreo aliado que matou cinco delas. Os oficiais da SS e os guardas ucranianos que as acompanhavam a bordo haviam lançado ao mar centenas de prisioneiras doentes ou feridas, em sua maior parte oriundas dos guetos de Kovno e de Lodz. Em 28 de abril, vítimas de um segundo ataque aéreo, outras centenas de mulheres foram mortas.

O presidente Truman e seus conselheiros discutiam qual cidade deveria ser atingida pela bomba atômica. Uma comissão especial procurava indicar um alvo entre as cidades japonesas que ainda não houvessem sido pesadamente bombardeadas. Embora Tóquio fosse uma “possibilidade”, escreveu a comissão em 27 de abril, “encontra-se atualmente quase destruída e queimada pelas bombas, não passando, para efeitos práticos, de ruínas, restando apenas a zona do palácio ainda de pé”. A comissão concluía: “Hiroshima é o maior alvo não bombardeado, que não consta na lista do 21º Comando de Bombardeiros. Deve considerar-se essa hipótese.”

Em Berlim, uma massa heterogênea de defensores tentava impedir que os russos chegassem ao centro da cidade. Um dos defensores, Reginald Leslie Cornford, pertencia ao Corpo de Voluntários Britânico. Escondendo-se numa igreja, destruiu um tanque russo com seu canhão, em 27 de abril; depois, defendeu-se contra os atacantes durante outros trinta minutos até ser abatido. No dia seguinte, um voluntário francês da SS, Eugene Vaultot, destruiu seis tanques russos, pelo que receberia a cruz de Cavaleiro.

Durante esse dia, um regimento de atiradores do Exército Vermelho, comandado pelo coronel Zinchenko, apoderou-se da prisão de Moabit, na orla do Tiergarten; foram libertos sete mil detidos, entre os quais numerosos prisioneiros de guerra aliados. Ao fim de poucas horas, as tropas soviéticas lutavam no Tiergarten. Não apenas os ruídos da batalha, mas a fumaça das explosões chegava ao *bunker* de Hitler. Daí, porém, continuavam sendo emitidas ordens, inclusive uma diretiva para que o general Wenck, à frente de alguns poucos homens de várias unidades, que conseguira tirar das montanhas de Harz, avançasse sobre Berlim. Porém, havia cada vez menos soldados que podiam ou queriam obedecer às ordens. No mesmo dia, o general Siegfried Henrici, que sucedera Himmler no posto de comandante do grupo de exércitos do Vístula, era demitido por não realizar uma “política de terra queimada” perante o avanço russo. Quando o general Weidling propôs que todos aqueles que se encontravam na zona central da cidade e no *bunker* tentassem avançar para a parte ocidental de Berlim, Hitler recusou-se. Somente foi autorizado a partir o recém-nomeado marechal Von Greim, a quem Hitler ordenou não que tentasse reorganizar o que restava da força aérea alemã, mas que prendesse Himmler, cujas tentativas de negociação com os aliados haviam sido descobertas, durante a tarde, no *bunker*. “É preciso garantir que um traidor jamais me suceda no posto de Führer”, afirmou Hitler.

Doravante, todos os oficiais próximos a Himmler eram suspeitos. Em 26 de abril, o cunhado de Eva Braun, Hermann Fegelein, representante de Himmler no *bunker*, fugiu sem que ninguém percebesse e dirigiu-se para sua casa em Charlottenburg, distrito de Berlim já parcialmente sob controle russo. Contudo, Hitler notou a ausência de Fegelein em 28 de abril, enviando homens da SS para prendê-lo. Reconduzido ao *bunker*, foi

destituído de sua patente de general da SS, levado ao pátio da chancelaria e fuzilado.

Na Itália, o mesmo dia presenciou o ignominioso fim do regime fascista, instaurado havia 23 anos no país; nessa data, na aldeia de Dongo, junto ao lago de mesmo nome, Mussolini foi fuzilado por um grupo de resistentes. Igualmente fuzilados, em represália pela morte de quinze resistentes em Milão nove meses antes, foram quinze companheiros de Mussolini, entre eles Alessandro Pavolini, secretário do Partido Fascista, quatro ministros e alguns amigos do ditador. A amante do Duce, Clara Petacci, também foi fuzilada. Seu corpo e o de Mussolini foram levados para Milão e expostos publicamente, pendurados de cabeça para baixo, na manhã de 29 de abril. Na manhã do mesmo dia, em Caserta, delegados do general Von Vietinghoff haviam assinado a rendição incondicional das forças alemãs na Itália.

Enquanto o corpo de Mussolini era levado para Milão, Hitler, em seu *bunker* berlinense, escrevia um testamento político e planejava seu casamento com Eva Braun. No testamento, explicava como a lealdade e a decisão de Eva sobre permanecer no *bunker* até o fim foram importantes para ele e afirmava que Goering e Himmler estavam expulsos do Partido Nazista, anunciando a formação de um novo governo, tendo o almirante Dönitz como presidente e o Dr. Goebbels como chanceler.

Grande parte do testamento de Hitler consiste em reflexões sobre as origens da guerra. Nem ele, dizia, “nem qualquer alemão” quis uma segunda guerra contra a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. “Os séculos passarão, mas, das ruínas de nossas cidades e de nossos monumentos, brotará sempre um ódio renovado contra os grandes responsáveis por tudo o que se passou: o judaísmo internacional e seus agentes.”

Hitler afirmava que a guerra devera-se exclusivamente aos homens de Estado “de origem judaica ou que trabalhavam em favor desses interesses”. Os judeus eram “a parte realmente culpada nessa luta assassina” e deviam ser “responsabilizados” por tal fato. Hitler prosseguia:

Não deixei dúvidas de que, desta vez, não só morreriam de fome milhões de crianças europeias de raça ariana, não só perderiam suas vidas milhões de homens e não só morreriam, vítimas dos incêndios e das bombas, centenas de milhares de mulheres e crianças, como também que os reais responsáveis pagariam suas culpas, ainda que por meios mais humanos do que a guerra.

Os “meios mais humanos” haviam sido as câmaras de gás.

Declarando que não podia “abandonar” Berlim e que a resistência fora comprometida “por criaturas tão cegas quanto desprovidas de caráter”, Hitler explicava que desejava partilhar o destino que “outros milhões escolheram, ficando na cidade” para aí “morrer voluntariamente quando considerar que a posição do Führer e da chancelaria não possam ser defendidas. Morro com a alegria de conhecer as realizações e os esforços imensos de nossos camponeses e operários e as contribuições, únicas na história, de nossa juventude, que usa meu nome”.

E, mais adiante:

Graças aos sacrifícios de nossos soldados e à minha solidariedade até a morte em relação a eles, uma semente ficará na história da Alemanha e um dia desabrochará num novo e glorioso nascimento do movimento nacional-socialista numa nação verdadeiramente unida.

Após indicar os nomes dos membros do novo governo, Hitler denunciou os judeus outra vez. “Principalmente”, concluiu, “intimo o governo e o povo a manterem até o extremo limite as leis raciais e a resistirem, sem piedade, aos envenenadores de todas as nações, o judaísmo internacional”.

No mesmo dia, o resultado brutal a que essas leis raciais conduziram ainda se manifestaria. Pouco depois das 15h, tropas americanas entraram em Dachau. Um prisioneiro do campo, o médico belga e agente britânico Albert Guérisset, descreveria, mais tarde, como, quando o primeiro oficial americano desceu de seu tanque, “o teutônico jovem tenente Heinrich Skodzensky deixou seu posto de guarda e dirigiu-se ao oficial americano. O alemão é louro, bonito, perfumado e usa botas reluzentes e um uniforme perfeitamente costurado. Fala como se estivessem num desfile em Unter den Linden, durante um exercício, levantando o braço

com toda a correção, emitindo um respeitoso ‘Heil Hitler’ e batendo os calcanhares: ‘Transmito-lhe o comando do campo de concentração de Dachau, com trinta mil residentes, 2.340 doentes, 27 mil membros colocados no exterior e uma guarnição de 560 homens.’”

O major americano não retribuiu a saudação do tenente alemão. “Hesita por um momento”, escreveu Albert Guérisse, “como se quisesse certificar-se da exatidão do que dirá. Depois, cospe no rosto do alemão: ‘*Du Schweinhund!*’ E, a seguir: ‘Sente-se aí!’, indicando a traseira de um jipe que se aproximara. O major vira-se para mim e entrega-me uma arma automática. ‘Venha comigo.’ Mas não tenho forças para me mover. ‘Não, fico aqui...’ O major deu uma ordem, e o jipe, com o jovem oficial alemão, saiu do campo. Poucos minutos depois, meus companheiros ainda não se atreviam a sair dos alojamentos, uma vez que ignoravam o desfecho das negociações entre o oficial americano e os homens da SS. Então, ouço tiros”.

O tenente Skodzensky estava morto. Em uma hora, quinhentos homens de sua guarnição teriam o mesmo destino – alguns abatidos pelos prisioneiros, mas a maioria por soldados americanos transtornados pelos cadáveres putrefatos e pela imagem dos presos famintos e desesperados. Um tenente americano abriu fogo contra 346 guardas que se renderam e que estavam alinhados contra um muro. O tenente, que entrara no campo momentos antes, vira os cadáveres empilhados junto aos fornos dos crematórios e na estação de trem.

Ninguém que houvesse visto Dachau nos dias seguintes à libertação esqueceria seus horrores. Como aconteceu em Belsen duas semanas antes, os jornalistas que acompanhavam as tropas aliadas ficaram impressionados com o que viram. Sam Goldsmith, jornalista judeu da Lituânia, que se instalara na Grã-Bretanha antes da guerra e estivera em Belsen, escreveu, após visitar Dachau:

Numa plataforma da estrada de ferro, há um trem com cinquenta vagões, todos cheios de corpos mortos e terrivelmente magros, empilhados como galhos torcidos de árvores abatidas. Perto do crematório, nova pilha de corpos, como um monte de cepos à espera de sua infernal fogueira. O cheiro é como em Belsen e fica em nossas narinas mesmo após voltarmos ao centro reservado à imprensa.

Havia 2.539 judeus entre 33 mil sobreviventes em Dachau. Entre eles, 2.466 morreriam ao longo das seis semanas seguintes, demasiado subalimentados e doentes para se recompor.

Por toda a parte, as tropas da SS ainda lutavam, com o medo da captura a contrabalançar seu desejo por sobrevivência. Em Dachau, trinta guardas haviam sido mortos após abrirem fogo contra os americanos a partir de suas torres de vigia. No mesmo dia, a menos de oito quilômetros dali, em Webling, depois de um soldado americano ser morto por um francoatirador da SS, outros setenta oficiais se renderam, foram alinhados contra um aterro e fuzilados.

O único gesto de misericórdia surgiu nos ares, em 29 de abril, quando mil bombardeiros britânicos puseram em prática a operação Manna, lançando em paraquedas cargas de gêneros alimentícios sobre Roterdã e Haia, atrás das linhas alemãs na Holanda, onde a fome era causada por uma falta de abastecimentos cada vez mais grave. No total, dezesseis mil holandeses haviam morrido de fome.

Em Berlim, o general Weidling comunicou a Hitler, na mesma data, que os russos haviam chegado à estação vizinha de Potsdam. Além disso, não havia baterias antiaéreas disponíveis para a defesa da área da chancelaria. Weidling perguntou a Hitler o que seus homens deveriam fazer depois de esgotadas as munições. “Não posso autorizar a rendição de Berlim”, respondeu Hitler. “Seus homens devem dividir-se em pequenos grupos.”

Na mesma tarde, o comandante de Cidadela do *bunker* de Hitler, general Mohnke – que, em 1940, fora responsável pelo massacre de prisioneiros de guerra britânicos em Paradis, perto de Dunquerque – ofereceu as últimas duas atribuições da cruz de Cavaleiro: uma para o voluntário francês da SS Eugene Vaultot, que destruíra seis tanques russos na véspera, e outra para o comandante das forças blindadas que defendiam a chancelaria, major Herzig. Nessa noite, às 23h, Hitler enviou um telegrama a partir do *bunker*: “Onde estão as forças de Wenck? Quando avançarão? Onde está o 9º exército?” Os serviços secretos britânicos, sempre atentos, captaram essas últimas perguntas desesperadas graças aos seus aparelhos de recepção de mensagens Enigma.



Após tomarem Munique, no dia 29 de abril de 1945, os americanos marcham à entrada da cervejaria Hofbräuhaus, em Munique, o “berço do nazismo”, onde, em 1925, Hitler tinha reorganizado o movimento nazi.

No dia da tomada de Munique, Hitler estava no seu *bunker* em Berlim, escrevendo o seu testamento político.

À 1h de 30 de abril, o marechal Keitel informava Hitler de que as forças do general Wenck se encontravam junto ao distante lago Schwiechlow, não podendo avançar sobre a capital, enquanto o 9º exército estava completamente cercado.



Um soldado soviético hasteia a bandeira soviética com a foice e o martelo no telhado do Reichstag, em Berlim, no dia 30 de abril de 1945.

Enquanto Hitler assistia à iminente destruição de sua capital e da obra de sua vida, Churchill, em Londres, via, com angústia, Stálin impor um controle absoluto sobre a Polônia. “Sinto-me muito descontente”, telegrafou-lhe o primeiro-ministro em 29 de abril, “com os desentendimentos que crescem entre nós a propósito do acordo da Crimeia relativo à Polônia”. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos haviam decidido permitir que o governo de Lublin se transformasse no “novo” governo polonês, “assentado numa ampla base democrática e incluindo dirigentes presentes na Polônia e cidadãos que se encontravam fora de seu país”. Com esse fim, formara-se uma comissão em Moscou, “para escolher os poloneses participantes nas negociações”. Os britânicos e os americanos haviam excluído as personalidades consideradas “muito hostis à Rússia”. Assim, não incluíram “quaisquer membros do governo exilado” e designaram “três homens sérios”, que se opuseram ao governo em Londres “porque não lhes agradava sua atitude em relação à Rússia e, em especial, sua recusa a reconhecer da fronteira oriental”, a linha Curzon. Churchill continuou, entrando em detalhes sobre a mesma linha, “aceita por você e por mim, há tanto tempo, tendo sido eu o primeiro homem, fora do governo soviético, a declará-la, perante o mundo, como justa”, junto com as compensações a fornecer à Polônia a ocidente e a norte.

Churchill ainda apontou que nenhum dos três homens indicados pelos britânicos e americanos fora convidado a comparecer perante a comissão de Moscou e que nenhum ponto do plano de Yalta relativo à instalação de um regime baseado “no sufrágio secreto e universal”, em que poderiam participar nas eleições todos os partidos democráticos e antinazistas, fora garantido pelos russos. O governo soviético assinara um tratado por vinte anos com a anterior comissão de Lublin, a que Stálin chamava de “o novo governo da Polônia”, “embora não seja novo nem reorganizado”.

“Temos a impressão”, continuou Churchill, “de que somos nós as vítimas de uma ditadura e de esbarrarmos numa parede de pedra acerca dessas questões que julgávamos sinceramente resolvidas, num espírito de confiança e solidariedade, desde a Crimeia”. Depois de referir-se à predominância de comunistas no governo iugoslavo, com quem Stálin também assinara um tratado, Churchill prevenia o dirigente soviético:

Não é muito consolador antever um tempo em que vocês, os países aos quais dominam e os partidos comunistas de alguns outros países estarão num lado enquanto aqueles que se juntarem às nações de língua inglesa e aos seus parceiros ou domínios estarão do outro lado. É bastante evidente que as dissensões entre uns e outros dividirão o mundo e que todos nós, responsáveis por um ou pelo outro campo, implicados a situação, ficaremos cobertos de vergonha aos olhos da história.

Esse telegrama para Stálin acrescentava ainda:

Dar início a um longo período de suspeitas, abusos e contra-abusos e conflitos políticos será um desastre que colocará em risco os progressos da prosperidade mundial em benefício das massas, que apenas nós, os três, poderemos garantir. Espero que não haja palavra ou afirmação neste desabafo que, contra minha vontade, faça-o sentir-se ofendido. Se assim for, peço-lhe que me previna, mas peço-lhe encarecidamente, meu amigo Stálin, que não subestime as divergências acerca de questões que poderá pensar serem de pouca importância para nós, mas que simbolizam o modo como as democracias de língua inglesa veem o mundo.

Na manhã de 30 de abril, tropas americanas entraram em Munique; na Itália, os americanos chegavam a Turim. No mesmo dia, o general Eisenhower informou o representante do estado-maior soviético, general Antonov, de que as forças americanas não avançariam, na Áustria, além “da região em torno de Linz” e do rio Enns. Em Ístria, forças britânicas e americanas precipitavam-se para entrar em Fiume, Pola e Trieste antes que Tito o fizesse. Churchill, irritado pela promessa de Eisenhower a Antonov e receoso quanto a um avanço comunista para ocidente, em direção ao Adriático, telegrafou a Truman em 30 de abril:

Não há dúvida de que a libertação de Praga e da maior área possível de territórios ocidentais da Tchecoslováquia por nossas forças será decisiva para a situação do país no pós-guerra, podendo também influenciar a evolução dos países vizinhos. Por outro lado, se os aliados ocidentais não desempenharem um papel importante na libertação da Tchecoslováquia, o país seguirá pelo mesmo caminho que a Iugoslávia.

Para a grande decepção de Churchill, Truman respondeu que os movimentos de tropas eram decididos pelos militares, e, ignorando o pedido britânico para que Praga fosse libertada pelos americanos, o

general Marshall disse a Eisenhower: “Pessoalmente, e esquecendo os aspectos logísticos, táticos e estratégicos, sou contra que vidas americanas sejam arriscadas em nome de objetivos meramente políticos.”

Praga seria libertada pelo Exército Vermelho e Ístria, por guerrilheiros de Tito; Churchill nada pôde fazer para impedir que assim fosse. Ainda em 30 de abril, às 14h30, um homem do Exército Vermelho, sargento Kantariya, hasteava a bandeira vermelha no segundo piso do Reichstag. Ainda havia soldados alemães no andar superior. A menos de dois quilômetros dali, Hitler estava em seu *bunker*, onde perdera todas as esperanças numa eventual contraofensiva. Às 15h30, ao fim do almoço, pediu aos companheiros – Goebbels, Bormann e outros colaboradores pessoais – que saíssem para o corredor. Enquanto o esperavam, os companheiros de Hitler ouviram um tiro. Hitler disparara dentro da própria boca.

Depois de alguns instantes, Goebbels, Bormann e os outros entraram nos aposentos de Hitler. O Führer estava morto. Eva Braun também estava morta, após envenenar-se.

Com um único tiro, o Reich de mil anos chegava ignominiosamente ao fim, doze anos após ser triunfantemente proclamado. Haviam sido anos de sangue e de guerra numa escala que desafia a imaginação. Enquanto os projéteis da artilharia soviética caíam em torno da chancelaria, os corpos de Hitler e Eva Braun eram transportados para o pátio, regados com petróleo e queimados.

Às 22h50, a bandeira vermelha era colocada no topo do Reichstag.

O fim da guerra na Europa

Maio de 1945

Hitler morrera, mas a guerra na Europa ainda se prolongaria por oito dias de batalhas, morte, confusão, medo, alegria e cansaço. Em 1º de maio de 1945, a guarnição alemã em Rodes rendia-se. No mesmo dia, começavam as negociações entre os generais Krebs e Zhukov em Berlim. Krebs pediu uma trégua. Zhukov insistiu numa rendição incondicional. Krebs voltou ao *bunker*, onde se encontrou com Martin Bormann, chefe da chancelaria e do Partido Nazista, e Goebbels, ambos decididos a não assinar a rendição. O general Weidling, contudo, achava que não havia outra escolha, a não ser capitular, e, por iniciativa própria, ordenou às tropas da guarnição e ao povo de Berlim que cessasse toda a resistência.

No *bunker*, Goebbels conseguiu que um médico da SS injetasse veneno em seus seis filhos; depois, ordenou a um subordinado que disparasse contra ele e sua mulher, Magda. O general Krebs suicidou-se. Bormann tentou escapar, mas é provável que tenha sido morto a cerca de dois quilômetros do *bunker*.

Outro suicida de 1º de maio de 1945 foi o professor Max de Crinis, um dos chefes do programa de eutanásia no começo da guerra, que, acreditasse, forneceu a Hitler os termos para a redação do decreto sobre a eutanásia, datado de setembro de 1939.

No extremo Oriente, o mesmo 1º de maio assistiu ao lançamento da operação Drácula, numa tentativa britânica de reconquista de Rangum. Durante uma escaramuça, opondo trinta japoneses a uma unidade gurkha que saltara sobre o local, apenas um japonês, ferido, sobreviveria. Porém, os japoneses haviam decidido não combater diretamente em Rangum; um piloto britânico, sobrevoando a cidade durante a manhã, viu as

seguintes palavras, escritas em grandes caracteres, sobre o campo de prisioneiros de guerra da força aérea britânica: “Os japoneses sumiram. Estendam as mãos.” As forças britânicas “estenderam as mãos” e, após 72 horas, Rangum era libertada.

Durante a operação Drácula, uma força de bombardeiros britânicos partiu de sua base de Salboni, a leste de Calcutá, para atacar alvos militares japoneses ao redor de Rangum, interrompendo seu trajeto de cerca de 1.600 quilômetros na ilha de Baranga. A bordo de um bombardeiro, seguia o coronel James Nicolson, que fora o único piloto a ganhar a cruz Victoria durante a batalha da Inglaterra. Encarregado dos treinos e da formação da força aérea britânica no sudeste, fora designado como possível candidato para as próximas eleições britânicas. Contudo, no trajeto para Baranga, seu bombardeiro caiu no mar; Nicolson e onze outros membros da tripulação perderam a vida.

Ainda em 1º de maio, tropas australianas desembarcaram na ilha de Tarakan, em Bornéu; ao fim de dezoito dias de combate, os japoneses seriam derrotados. Porém, em Luzon e em Mindanao, nas Filipinas, e em Okinawa, os bolsões de resistência japonesa obrigavam os adversários a lutar por cada quilômetro.

Às 6h45 de 2 de maio, o marechal Zhukov aceitou a rendição de Berlim; o cessar-fogo entrou em vigor às 15h. No mesmo dia, o Exército Vermelho fez prisioneiros 134 mil soldados alemães enquanto a cidade de Hamburgo iniciava negociações preparatórias para sua rendição incondicional. Nessa noite, Churchill declarou, na Câmara dos Comuns, que mais de um milhão de soldados alemães depuseram suas armas no norte da Itália e no sul da Áustria.

Na aldeia de Biella, no norte da Itália, os alemães espantaram-se ao ver que os tripulantes dos tanques americanos que entraram ali após a rendição dos ocupantes eram japoneses: tratavam-se de membros de uma força especial nipônico-americana que estivera no campo de batalha ao longo de toda a campanha na Itália. Na mesma data, o Dr. Herbert Wagner, especialista em mísseis, entregou-se aos aliados, em Oberammergau, sul da Alemanha. Com ele, estavam dois altos responsáveis da equipe de investigação de mísseis instalada em

Peenemünde, Wernher von Braun e o general Walter Dornberger. Os três seguiram para Paris e Estados Unidos. “Estamos interessados em continuar nosso trabalho”, escreveria, mais tarde, Von Braun, “e não em sermos espremidos como um limão que, a seguir, joga-se fora”.

Ainda em 2 de maio, um bombardeiro alemão, pilotado pelo tenente Rolf Kunze, saiu da base em Trondheim, no norte da Noruega, dirigindo-se ostensivamente ainda mais ao norte, a caminho da base em Bardufoss. Durante o voo, o piloto mudou o trajeto, dirigindo-se, sobre o mar do Norte, para a Grã-Bretanha, onde Kunze e seus companheiros de equipagem procuraram asilo. Por coincidência, aterrissaram a poucos quilômetros de Fraserburgh, na Escócia, não muito longe do lugar onde o primeiro avião alemão fora abatido sobre a Grã-Bretanha, em outubro de 1939. Tratou-se da primeira deserção, durante a guerra, de um bombardeiro alemão armado.

Em Dublin, no mesmo dia, o presidente do Eire, Eamon de Valera, convocou o principal representante diplomático da Alemanha para expressar-lhe suas condolências pela morte de Hitler. O Eire mantivera uma teimosa neutralidade ao longo de mais de cinco anos e meio de guerra.

No porto de Lübeck, ainda controlado pelos alemães, o mesmo dia assistiu à tentativa de transferir 850 judias, evacuadas de Stutthof por mar, para três grandes navios que se encontravam no porto: *Cap Arcona*, *Athena* e *Thielbeck*. Os comandantes dos navios recusaram-se a recebê-las; a bordo, tinham mais de nove mil judeus, presos políticos e prisioneiros de guerra. Os botes que transportavam as judias foram mandados para terra. Porém, quando se aproximavam da terra, nas primeiras horas de 3 de maio, as mulheres famintas foram metralhadas por membros da SS, da Juventude Hitleriana e da marinha alemã enquanto tentavam desembarcar. Morreram mais de quinhentas prisioneiras e apenas trezentas mulheres sobreviveram.

Enquanto os britânicos bombardeavam Lübeck, os dois mil prisioneiros a bordo do *Athena* conseguiram voltar para terra. Entre os 2.800 passageiros a bordo do *Thielbeck*, contudo, somente cinquenta salvaram-se. Entre os cinco mil homens a bordo do *Cap Arcona*, atingido pelos bombardeamentos e, mais tarde, afundado pelos aviões britânicos, salvaram-se apenas 350. No convés inferior, setecentos indivíduos

gravemente feridos ou moribundos morreram durante um incêndio. Centenas de prisioneiros de guerra russos haviam sido colocados nas câmaras refrigeradas do navio, reservadas ao transporte de bananas; em sua grande maioria, perderam a vida.

Uma moça judia, de Lodz, que sobrevivera a todos os episódios da guerra de Hitler contra os judeus, foi uma das cinquenta pessoas a bordo do *Thielbeck* salvas nesse dia, tendo sido recolhida por outro navio alemão. Mais tarde, descreveria a última etapa da jornada dos sobreviventes entre Lübeck e Kiel. “Ouvimos bombardeamentos ensurdecedores durante o caminho e vimos explosões fantásticas rasgarem o horizonte. Vimos um sem-fim de navios incendiados e barcos cheios de gente por toda a parte. Os comboios militares queimavam e os alemães saltavam nas águas em chamas. Tudo aquilo não passava de uma enorme explosão.”

Em 4 de maio, os refugiados chegaram a Kiel. Três horas depois, os tanques britânicos chegavam ao porto da cidade. “Os ingleses trataram-nos realmente bem”, lembraria a moça de Lodz. “Beijaram-nos, tentaram nos animar e nos disseram ‘Esperem só uns minutos. Vamos arranjar comida para vocês!’”

Às 11h30 de 3 de maio, nas imediações da aldeia de Wendisch Even, o almirante Hans Georg von Friedeburg, sucessor de Dönitz no supremo comando da marinha de guerra, e o general Hans Kinzel, representante do estado-maior dos exércitos alemães do norte, dirigiram-se ao quartel-general do marechal Montgomery. “Quem são esses homens?”, perguntou Montgomery. “O que querem?”

Os dois oficiais alemães queriam apresentar-lhe a rendição de três exércitos que combatiam os russos. Montgomery rejeitou a proposta. A rendição de forças em luta contra os russos deve ser apresentada aos russos, disse ele, e somente aos russos. A Montgomery poderia apenas ser apresentada a rendição de forças que se opunham aos soldados britânicos, ou seja, as forças alemãs na Holanda, no noroeste da Alemanha e na Dinamarca. Caso os alemães não concordem, afirmou-lhes Montgomery, “continuarei na luta, com todo o gosto, como já estou”. E acrescentou: “Todos os seus soldados serão mortos.”



EUROPA: DA GUERRA À PAZ. MAIO DE 1945.

Os oficiais alemães voltaram a cruzar as linhas e regressaram a Flensburg, apresentando a Dönitz as condições do marechal. Às 17h30 do dia seguinte, voltaram a procurar Montgomery e, ao fim de uma hora, assinavam os termos da rendição. Na Áustria Ocidental, as cidades de Innsbruck e Salzburg renderam-se, no mesmo dia, aos americanos, que também entraram no antigo retiro de montanha de Hitler, em Berchtesgaden, onde fizeram dois mil prisioneiros.

Em 4 de maio, os americanos entraram no campo de concentração de Flossenbürg. Entre os prisioneiros libertados, contava-se o ex-primeiro-ministro da França, Léon Blum, cujo irmão René Blum fora deportado para Auschwitz, em setembro de 1942, onde morreria. Libertados no mesmo dia foram o ex-chanceler da Áustria, Kurt von Schuschnigg, cujo desafio a Hitler, em março de 1938, manifestara a força da democracia austríaca, e o pastor Martin Niemöller, uma das figuras mais destacadas da honestidade alemã, outrora dirigente da Igreja Confessional da Alemanha, que estivera internado em Sachsenhausen, em Dachau e, por fim, em Flossenbürg, ao longo de mais de sete anos.

Os exércitos alemães ainda lutavam, a norte de Berlim e na Tchecoslováquia, enquanto eram desferidos contra eles ataques aéreos aliados. Em 4 de maio, por exemplo, uma bomba matava o marechal Von Bock, que comandou os exércitos de centro durante a invasão à União Soviética, em junho de 1941, e que fora demitido por Hitler após a interrupção da ofensiva contra Moscou. No mesmo dia, em Zagreb, o dirigente croata e antigo aliado de Hitler Dr. Ante Pavelić aparecia pela última vez nas ruas da capital. “Se precisamos morrer”, declarou Pavelić, “morramos como heróis, não como covardes que imploram piedade”. Pouco depois, porém, deixando para trás a maior parte de seus seguidores, Pavelić precipitou-se para norte, buscando a relativa segurança da fronteira austríaca.

Também em 4 de maio, na conferência das Nações Unidas, recentemente iniciada em São Francisco, o ministro das Relações Exteriores soviético, Vyacheslav Molotov, revelava a um estupefato secretário de Estado americano, Edward R. Stettinius, que os dezesseis negociadores poloneses que procuraram o coronel soviético Pimenov, em Pruszkow,

perto de Varsóvia, no último 27 de março, haviam sido “presos pelo Exército Vermelho”, acusados da “morte de duzentos oficiais soviéticos”. Esse número, telegrafou Eden para Churchill, a partir de São Francisco, “parece-me o mesmo que Stálin citou em Yalta”. Os efeitos do evento sobre a opinião pública americana, acrescentava Eden, “provavelmente serão sérios e não tenho dúvidas de que o mesmo se passará em nosso país”.

Churchill respondeu imediatamente:

A perfídia com que esses poloneses foram atraídos para uma reunião com os russos e, depois, presos por eles é a mesma que revelam outros casos que chegam aos nossos ouvidos e não há dúvida de que a publicação pormenorizada daquilo que sabemos, por iniciativa e sob a responsabilidade dos principais aliados do Ocidente, produzirá uma alteração importante em toda a estrutura das relações de força internacionais.

No momento da vitória sobre a Alemanha, o destino da Polônia oferecia aos dirigentes ocidentais graves motivos para alarme. Era provável, afirmou Churchill, por telegrama, a Truman, em 4 de maio, que os territórios sob controle russo, após a rendição alemã, “incluam as províncias bálticas, a Alemanha até a linha de ocupação, toda Tchecoslováquia, boa parte da Áustria, toda Iugoslávia, Hungria, Romênia e Bulgária, não estando sequer a Grécia, em sua atual situação periclitante, a salvo. Esse território inclui o controle de todas as grandes capitais da Europa Central: Berlim, Viena, Budapeste, Belgrado, Bucareste e Sófia”. Tudo, alertava Churchill, “constitui um acontecimento sem paralelo na história da Europa, que os aliados não previram durante sua luta prolongada e incerta. As exigências de reparações de guerra russas serão suficientes para permitir à União Soviética prolongar sua ocupação da Alemanha quase indefinidamente, por muitos anos, e, durante esse tempo, a Polônia, com vários outros países, estará afundada na vasta zona da Europa controlada pela Rússia, que, não sendo necessariamente uma zona soviética em termos econômicos, será em termos policiais”.

Churchill pretendia, conforme fosse possível, prevenir esses efeitos da progressão militar soviética. Em 5 de maio, explicou a Anthony Eden que, além de enviar Montgomery a Lübeck, a fim de impedir qualquer

avanço soviético do Báltico para a Dinamarca, “enviaremos uma pequena força para Copenhague, por via aérea, enquanto o resto da Dinamarca está sendo rapidamente ocupado por nossas colunas de blindados. Portanto, tendo em conta os sentimentos de alegria dos dinamarqueses e a submissão abjeta e solidariedade dos hunos que se renderam, penso que conseguiremos antecipar-nos aos nossos amigos soviéticos”.

O Exército Vermelho ainda estava envolvido em duros combates no norte da Alemanha, entre Wismar e Schwerin, na Prússia Oriental, na estreita faixa costeira entre Danzigue e Königsberg, na Tchecoslováquia, perto de Olomouc, na Áustria, junto a St. Pölten, e na Silésia, em torno de Breslau. Perto de Wansen, 32 quilômetros ao sul de Breslau, um monumento recorda a morte de 469 soldados russos ocorrida em 5 de maio de 1945, quando o 7º exército alemão lançou um último e desesperado contra-ataque.

Várias outras rendições alemãs foram assinadas na mesma data, inclusive em Wageningen, nos Países Baixos, eliminando as forças alemãs em luta na Holanda. A rendição foi assinada pouco depois das 16h, na presença de um oficial superior canadense, general Charles Foulkes; também presente, como comandante supremo das forças norueguesas do Interior, estava o príncipe Bernhard, dos Países Baixos, em relação a quem o comandante das forças alemãs na Holanda, general Blaskowitz, mostrou inesperada deferência. O príncipe ignorou-o.

Em Baldham, no sul da Alemanha, mais uma rendição incondicional foi assinada às 14h30. Dessa vez, a rendição dizia respeito a todas as forças alemãs entre as montanhas da Boêmia e a parte superior do rio Inn. O general Hermann Foertsch apresentou a rendição, a quem o general americano Jacob L. Devers explicou que não aceitaria um armistício, mas apenas uma rendição incondicional. “Percebe?”, perguntou Devers. “Posso garantir-lhe, Sir”, respondeu Foertsch, “que não tenho qualquer meio para impedi-lo”.

Embora a guerra estivesse virtualmente ganha, oficiais da SS preparavam-se para matar alguns milhares de judeus em Ebensee, perto de Mauthausen, 160 quilômetros a leste de Baldham, sendo a maior parte das vítimas sobreviventes de Auschwitz, que, tirados de Mauthausen, foram levados para Ebensee. Os prisioneiros foram ordenados a entrar

num túnel das minas de Ebensee. Segundo as informações dos guardas, estariam protegidos contra bombardeamentos.

Entre os prisioneiros em Ebensee, contavam-se o judeu russo Lev Manevich, de 46 anos, que se encontrava preso na Alemanha desde 1936, após ser acusado de espionagem a favor da União Soviética. Em setembro de 1943, voltara, por um curto período, à liberdade, após os americanos entrarem na prisão de San Stefano, na Itália; Manevich, porém, estava extremamente debilitado e seria recapturado pelos alemães passadas 48 horas. Ao ouvir, em Ebensee, a ordem dos alemães para entrarem na mina, Manevich, esquelético e ao abrigo do anonimato, gritou, em várias línguas, intimando seus companheiros: “Não entrem. Eles querem nos matar.”

A previsão era correta. Como se fossem um único homem, os prisioneiros recusaram-se a mover-se. Os guardas da SS, como narra a cronista dessa última revolta, Evelyn le Chêne, “foram paralisados pela indecisão. As hordas de presos agitavam-se e murmuravam. Pela primeira vez desde sua detenção, os prisioneiros que ainda não estavam moribundos entreviam a possibilidade de sobreviver à guerra. Naturalmente, não queriam morrer soterrados pela implosão do túnel nem sob as metralhadoras dos homens da SS devido à recusa de obediência. Os prisioneiros, porém, sabiam que, ao longo dos últimos dias, muitos guardas da SS haviam sido substituídos por membros de etnias germânicas”.

Depois de uma breve consulta aos oficiais sob suas ordens, o comandante alemão compreendeu que “também estavam relutantes em forçar os homens a entrar no túnel ou em abatê-los a tiros. Com a guerra chegando ao fim, pensavam no futuro e no castigo que poderiam sofrer se matassem todos aqueles prisioneiros. E esse castigo, os guardas – embora tivessem as mãos manchadas de sangue – prefeririam evitar. Os prisioneiros seriam poupados”.

Entre os prisioneiros, contava-se Meir Pesker, judeu polonês de Bielsk Podlaski, deportado para Majdanek, Plaszow e, finalmente, para Mauthausen. “Vimos que os americanos estavam chegando”, escreveu, mais tarde, “e os alemães também o sabiam”. E, adiante:

De repente, apareceu um guarda alemão, uma fera primitiva e arrogante que matara dezenas de judeus com as próprias mãos. De um momento para outro, mostrava-se fraco e medroso, pedindo-nos que o defendêssemos, porque ele fizera, segundo dizia, muitos favores aos judeus que, Hitler, o louco que era, quisera eliminar. Mas, assim que terminou seu discurso, três rapazes de nosso grupo atiraram-se contra ele e mataram-no ali, naquele campo onde ele impusera sua lei.

Meir Pesker escreveria ainda: “Matamos todos os opressores alemães que nos caíram nas mãos antes que os americanos entrassem no campo. Era nossa vingança pelos seres queridos que sofreram nas mãos dos bárbaros. Eu próprio só por sorte, embora uma sorte ambígua, pude sobreviver.”

Em Ebensee, enquanto os alemães se preparavam para fugir nesse 5 de maio, estava o Dr. Miklos Nyiszli, testemunha ocular das brutalidades realizadas pelo Dr. Mengele em Auschwitz. Como todos os seus companheiros de cativeiro, sobrevivera a várias marchas da morte, inclusive uma em que, entre três mil prisioneiros que saíram da Alemanha Central para Mauthausen, mil morreram pelo caminho. “Em 5 de maio”, lembraria Nyiszli, “foi desfraldada uma bandeira branca sobre a torre de vigia em Ebensee. Tudo estava acabado. Os alemães haviam deposto as armas. O sol brilhava quando, às nove horas, um blindado ligeiro americano, com três soldados a bordo, entrou no campo e tomou posse. Estávamos livres”.

Mais uma vez, a libertação de prisioneiros seria um momento de choque profundo para os libertadores. Quando chegaram a Mauthausen, as tropas americanas descobriram cerca de dez mil cadáveres numa grande sepultura coletiva. Entre os 110 mil sobreviventes, 28 mil eram judeus. Alguns outros corpos esqueléticos ainda com vida e alguns sobreviventes debilitados foram libertados em Ebensee, entre eles Lev Manevich. Como centenas de outros prisioneiros libertados no final da guerra, Manevich estava demasiado enfraquecido para sobreviver e morreu quatro dias depois.

Em 6 de maio, foram atribuídas, em Berlim, as derradeiras e muito cobiçadas Espadas para a cruz de Cavaleiro da cruz de ferro. A última condecoração seria atribuída a um dos mais galardoados e conhecidos oficiais das unidades de combate da SS, Otto Weidinger. É provável que

tenha sido a defesa de Viena, pelo menos em parte, o que deu a condecoração a Weidinger, mas, nos dias confusos e catastróficos do final da guerra, a mensagem que lhe atribuía a medalha perdeu-se. E, na realidade, apenas seis anos mais tarde, depois de regressar à Alemanha, deixando seu cativo francês, Weidinger teve conhecimento dessa honra. A condecoração galardoara-o três semanas após suas forças serem obrigadas a deixar Viena.

Eram os últimos momentos da guerra na Europa. Às 18h de 6 de maio, o comandante das forças alemãs em Breslau, general Nickhoff, aceitava os termos impostos pelos soviéticos para render-se e entregar a cidade. Trinta minutos depois, a ocidente, o general Jodl voava de Flensburg para Reims a fim de assinar a capitulação de todas as forças alemãs ainda em combate contra os aliados ocidentais. Jodl pretendia apresentar apenas a rendição das forças empenhadas na guerra contra as potências do Ocidente, mas o general Eisenhower comunicou-lhe que os alemães deveriam assinar uma rendição completa de todas as suas forças ou ele suspenderia as negociações e fecharia a frente ocidental de modo a impedir que as tropas alemãs apresentassem sua rendição aos aliados ocidentais. O general Jodl transmitiu o ultimato de Eisenhower ao almirante Dönitz, via rádio, que autorizou a rendição completa e incondicional de todas as frentes. À 1h41 de 7 de maio, na presença do general Ivan Susloparov, da Rússia, e do general François Sevez, da França, o general Jodl assinou a rendição. O documento foi assinado também pelo general Bedell Smith, em nome da força expedicionária aliada e pelo general Susloparov, em nome do supremo comando militar soviético. Finalmente, assinou-o o general Sevez, como testemunha. A rendição entraria em vigor 59 minutos antes da meia-noite de 8 de maio. A guerra na Europa ainda continuaria por 21 horas e dezoito minutos.

Na Tchecoslováquia, durante 7 de maio, as forças alemãs continuaram a combater o Exército Vermelho a norte de Olomouc e no interior da própria cidade. Na faixa entre Danzig e Königsberg, nas proximidades de Vogelsang, os alemães lutavam contra os russos. Ao largo da costa escocesa, quase dois quilômetros ao sul da ilha de May, o submarino alemão U-2336, comandado pelo capitão Emil Klusmeier, afundou dois navios mercantes, o norueguês *Sneland I* e o britânico *Avondale Park*. No *Sneland I*, sete marinheiros mercantes perderam a vida; no *Avondale*

Park, dois. Esses nove homens representaram as últimas baixas navais aliadas durante a guerra na Europa.

Ao longo de cinco anos e oito meses de guerra submarina, 27.491 oficiais e marinheiros alemães perderam a vida. Entre os 863 submarinos que efetuaram missões de patrulha, 754 foram afundados ou inutilizados enquanto ainda nas docas. Seus êxitos foram, contudo, consideráveis: 2.800 navios mercantes aliados e 148 navios de guerra foram afundados. O fim dos submarinos alemães foi, contudo, humilhante: no decurso da operação Arco-íris, lançada na primeira semana de maio de 1945, 231 barcos causaram o próprio naufrágio para não caírem nas mãos dos aliados. Alguns navios destruídos nunca chegaram a entrar em ação, contando-se, entre esses, uma série de submarinos de um novo tipo, utilizando peróxido de hidrogênio como fonte de energia, que se encontravam em Lübeck. Um dos inventores do modelo, Helmuth Walter, feito prisioneiro pelos britânicos em 5 de maio, concordou, dois dias mais tarde, em fornecer aos aliados os pormenores relativos aos novos submarinos e aos torpedos em construção num centro vizinho, em Eckernförde. Um dos novos submarinos foi levado à América para a realização de algumas experiências; outro, da mesma série, seria transportado para a Grã-Bretanha.

Em Praga, os resistentes tchecoslovacos pegavam em armas contra os alemães que ocupavam a cidade; no mesmo 7 de maio, chegaram a Praga três veículos do exército americano. Porém, os russos também haviam chegado a Praga, conseguindo, num acordo entre Eisenhower e o supremo comando soviético, que os americanos recuassem para Pilsen.

Ao longo do dia 7, os combates em Praga continuaram. Depois, às 5h04 de 8 de maio, as forças alemãs renderam-se incondicionalmente. Na batalha de Praga, perderam a vida mais de oito mil soldados soviéticos e um número bastante superior de soldados alemães, no último episódio sangrento da guerra na Europa.

* * *

Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, 8 de maio foi comemorado como o Dia V – Dia da Vitória na Europa. Os dois países festejaram o acontecimento e enfeitaram suas cidades com faixas e bandeiras. Nas capitais outrora cativas da Europa Ocidental – Haia, Bruxelas e Paris –, revivia-se o alívio e o entusiasmo dos dias de libertação. Em Copenhague e Oslo, os alemães depunham as armas. No mesmo dia, as últimas forças alemãs em ação no leste da Alemanha assinavam a rendição aos russos, em Karlshorst, perto de Berlim. No mesmo dia, as tropas alemãs que se encontravam, havia vários meses, isoladas no norte da Letônia renderam-se também, assim como na região de Dresden-Görlitz. Os alemães somente continuavam a combater em torno de Olomouc, mas tratava-se de uma resistência desesperada e curta; Olomouc caiu durante o dia 8, tal como Sternbeck, ao norte.

Às 14h do mesmo dia, a guarnição alemã em St. Nazaire, no Atlântico, rendia-se aos americanos. Uma hora depois, o forte da pequena ilha de Sark, no canal da Mancha, desfraldava, em sua torre, as bandeiras da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Havia ainda 275 alemães na ilha e sequer um soldado aliado. O exército britânico, representado por três oficiais e por vinte homens, chegaria dois dias mais tarde.



O marechal de campo Keitel (à direita, com o bastão), o general Stumpf (ao centro) e o grande almirante Von Friedeburg (por trás de Keitel) deixam o quartel-general russo em Berlim, depois de terem assinado os termos ratificados da rendição incondicional.

Em Berlim, trinta minutos antes de meia-noite, um novo termo de rendição substituiu o documento assinado em Reims; pelo lado alemão, assinaram o almirante Von Friedeburg, que punha seu nome num terceiro termo de rendição em apenas quatro dias, o general Hans-Jürgen Stümpff, comandante da força aérea alemã, e o marechal Keitel. Quatro representantes aliados puseram seus nomes no documento: o marechal da força aérea Sir Arthur Tedder, representando a força expedicionária aliada, o marechal Zhukov, pelo estado-maior supremo do Exército Vermelho, o general de Lattre de Tassigny, comandante-chefe do 1º Exército da França, e o general Carl Spaatz, comandante da força aérea dos Estados Unidos.

Enquanto as cerimônias de rendição decorriam em Berlim, as forças alemãs no oeste da Tchecoslováquia recebiam um apelo, emitido pelo marechal Koniev às 20h, intimando-as a renderem-se. Por volta das 23h, não tendo resposta, Koniev ordenou que sua artilharia voltasse a entrar em ação e retomou as operações militares que havia pouco interrompera. Nesse momento, os guardas alemães encarregados de um entre os numerosos grupos de judeus que ainda eram deslocados em trens através dos Sudetos, na direção de Theresienstadt, debandaram subitamente. “Não podíamos acreditar que tudo estava acabado!”, lembraria Alfred Kantor, referindo-se ao momento, por volta das 23h, em que ele e seus companheiros se viram livres dos guardas. Entre os cerca de mil homens que haviam partido para essa terrível última viagem de deportação, iniciada duas semanas antes, apenas 175 haviam sobrevivido. “Apareceram os caminhões da Cruz Vermelha”, continuou Kantor, “mas não podiam levar todos os 175 homens. Passamos a noite na estrada, mas como que num sonho. Tudo acabara”.

A Alemanha derrotada, o Japão insubmisso

Maio-julho de 1945

Ao longo de 9 de maio, houve várias outras rendições alemãs: de trinta mil soldados nas ilhas do canal da Mancha, das guarnições nas ilhas egeias de Milos, Leros, Kos, Piskopi e Simi, da guarnição na ilha báltica de Bornholm, pertencente à Dinamarca, das tropas alemãs que ainda se encontravam na Prússia Oriental e em torno de Danzigue, dos alemães que ainda combateram os russos naquele dia na Tchecoslováquia Ocidental e Central, dos alemães que continuavam a resistir na Silésia – onde, no mesmo dia, morreram mais de seiscentos soldados soviéticos – e da guarnição alemã que se encontrava cercada em Dunquerque, havia mais de seis meses, sendo o cerco assegurado nos últimos tempos por tropas tchecoslovacas sob o comando do general Alois Liska. Para a surpresa dos oficiais tchecoslovacos, britânicos e franceses que aceitaram a rendição, o comandante alemão, contra-almirante Friedrich Frisius, chegou ao quartel do general Liska levando um termo de rendição já assinado.

Em Moscou, o Dia da Vitória foi declarado em 9 de maio, quando uma salva de artilharia de mil canhões foi disparada. “A longa luta das nações eslavas pelo direito à existência e à independência”, declarou Stálin numa mensagem radiofônica emitida naquela noite, “terminou em vitória. Nossa coragem derrotou os nazistas. Vencemos a guerra”.

Através da Europa, ex-prisioneiros de guerra voltavam aos seus países. Em 8 de maio, mais de treze mil ex-prisioneiros britânicos eram conduzidos da Europa para a Grã-Bretanha, em aviões; em 9 de maio, quando um avião caiu durante a travessia do canal da Mancha, 25 ex-prisioneiros perderam a vida.

No Pacífico, a guerra não acabava nem abrandava. Em Okinawa, sessenta soldados japoneses que penetraram as linhas americanas foram mortos num combate corpo a corpo em 9 de maio. Centenas de americanos morriam todos os dias em assaltos contra as posições japonesas; outras centenas de soldados tornavam-se vítimas da fadiga dos combates e não conseguiam lutar. Em Luzon, mais de mil soldados japoneses formaram barricadas e protegeram-se em subterrâneos. Atacados com lança-chamas e explosivos após se recusarem à rendição, seriam mortos ao fim de alguns dias. Na Indochina, os japoneses ainda estavam em vantagem; em Lang Son, sessenta soldados franceses e da Legião Estrangeira, que resistiam desde o começo da ocupação japonesa, foram mortos e o forte onde se protegiam, conquistado; os poucos sobreviventes foram encostados contra um muro e metralhados enquanto, numa atitude de desafio, cantavam a Marselhesa. No final, os japoneses trespassaram com suas baionetas todos os soldados que deram o menor sinal de vida. Ainda assim, um punhado de homens conseguiu escapar ao massacre, entre eles um legionário grego conhecido como Tsakiropoulos, que seria recapturado ao fim de alguns dias e decapitado juntamente com dois franceses – o representante da França em Lang Son e o comandante das forças locais, general Lemonnier.

Na Europa, os primeiros dias que se seguiram à derrota da Alemanha assistiram ao suicídio de muitos entre aqueles que receavam os anunciados julgamentos por crimes de guerra, temendo serem presos ou reconhecidos após a detenção. Em 10 de maio, Konrad Henlein, que fora governador da Boêmia e da Morávia desde maio de 1939, suicidou-se num campo aliado para prisioneiros de guerra. No mesmo dia, num hospital da marinha, em Flensburg, o general da SS Richard Gluecks foi encontrado morto: não se sabe se cometeu suicídio ou se foi assassinado por algum grupo, talvez por judeus que buscavam vingar os atos de ferocidade que Gluecks presidira durante mais de cinco anos.

Da Grã-Bretanha eram enviados soldados, por via aérea, atravessando o mar do Norte, para, em Oslo, assegurarem o desarmamento das forças alemãs que haviam ocupado a Noruega. Num avião, que caiu perto de Oslo em 10 de maio, morreram todos os 24 homens a bordo.

Ao largo de Okinawa, no Pacífico, sete navios americanos haviam sido atingidos por pilotos suicidas japoneses em 4 de maio, matando 446 marinheiros. Em 11 de maio, mais 369 homens foram mortos no porta-aviões *Bunker Hill*, o que representava três vezes o número de vidas americanas perdidas na batalha que o nome do porta-aviões celebrava, ocorrida em 1775.

Em 11 de maio, ainda se combatia na Europa; as tropas soviéticas venciam os bolsões de resistência alemã na região de Pilsen. Ao sul, forças alemãs continuavam a lutar contra Tito, na Eslovênia, a leste de Maribor. Na Prússia Oriental e no norte da Letônia, centenas de milhares de soldados alemães recusavam-se a entregar-se. O problema dos alemães, porém, já não era evitar a derrota militar, mas fugir às eventuais punições; em Oslo, ainda em 11 de maio, o ex-governador alemão da Noruega, Josef Terboven, suicidou-se usando uma carga de dinamite.

Todos os campos de concentração alemães estavam nas mãos dos aliados, mas milhares dos antigos prisioneiros encontravam-se demasiado fracos ou doentes para sobreviverem apesar dos alimentos e cuidados médicos que recebiam. Em 12 de maio, morreu de febre tifoide o advogado Adolf von Harnier, de 42 anos, em Straubing, na Baviera. Denunciado em 1939 como ativista antinazista, por um informador da Gestapo, Von Harnier estivera preso desde então. A libertação chegou tarde demais para salvá-lo.

No mesmo dia, em pleno Atlântico, o submarino alemão U-234, que partira da Noruega cerca de um mês antes para levar ao Japão o general Kessler, que fora nomeado adido militar alemão em Tóquio, entregou-se aos americanos. No mar do Norte, alguns torpedeiros alemães partiram de Roterdã para Felixstowe, onde se entregariam aos aliados. Peter Scott, filho do explorador polar Robert Falcon Scott, foi um dos oficiais britânicos que escoltaram os alemães. “Com alguma dificuldade”, lembraria, “conseguimos convencer os alemães a alinhar seus homens nos barcos enquanto entravam no porto, onde uma grande multidão enchia todos os cais e acessos. A seguir, guardas armados entraram nos barcos e levaram os alemães. Era o fim!”

Em Okinawa, assistiu-se, em 12 de maio, a um renovado ataque americano contra a linha fortificada de Shuri, ao longo do sul da ilha.

Morreram centenas de homens de ambos os lados. Ao mesmo tempo, ao largo de Okinawa, um piloto suicida japonês atacava o couraçado *New Mexico*, causando grandes estragos ao navio. Diante da maior ilha do Japão, Honshu, o porta-aviões *Enterprise* foi atingido por um piloto suicida em 13 de maio. O “monte cônico”, em Okinawa, caiu nas mãos dos americanos em 13 de maio, e os japoneses não conseguiriam recuperá-lo. No dia seguinte, cientistas nucleares e especialistas em questões militares analisaram os possíveis alvos para o lançamento de uma bomba atômica. Um relatório, discutido numa reunião de uma comissão ultrassecreta em Los Alamos, observava que os montes em torno de Hiroshima, um dos alvos mais favoráveis, “produziriam um efeito que aumentaria consideravelmente o poder devastador da explosão”. Segundo o mesmo documento, o principal inconveniente de Hiroshima como “alvo de um ataque incendiário” consistia na presença de cursos de água na cidade. Outro entre os alvos ponderados, dessa vez em 14 de maio, foi o palácio de Hirohito, em Tóquio, mas o edifício acabaria por não ser incluído entre os quatro alvos possíveis: Kyoto – cidade santa para o Japão –, Hiroshima, Yokohama e o arsenal de Kokura.

Passados seis dias desde a rendição oficial de seu país, 150 mil soldados alemães depunham suas armas perante o Exército Vermelho na Prússia Oriental e outros 180 mil faziam o mesmo no norte da Letônia. Apenas cerca de 150 mil soldados alemães, ainda na Iugoslávia, continuavam armados. Mas, em 15 de maio, essa força também se renderia aos russos e aos iugoslavos em Slovenski Gradec. Para os iugoslavos, esse passou a ser o dia da Vitória. Nos últimos dois meses de guerra no país, os alemães haviam perdido 99.907 soldados. Os iugoslavos perderam somente trinta mil homens no mesmo período, o que era uma pequena fração comparada com os 1,7 milhão de iugoslavos mortos desde abril de 1941 – em combate, nos campos de concentração ou em cativeiro na Alemanha.

Na Birmânia, o dirigente nacionalista Aung San, que colaborara com os japoneses, ofereceu, ainda em 15 de maio, seus serviços às forças

britânicas. A proposta foi aceita. “Se os britânicos sugavam nosso sangue”, disse um dos mais destacados seguidores de San ao general Slim, “os japoneses roem nossos ossos!”. Tal fora o motivo para a mudança de posição dos nacionalistas birmaneses. Após a libertação de seu país, Aung San seria assassinado por adversários políticos. Passados dois dias, um membro canadense de uma força dos serviços de operações especiais da Grã-Bretanha, Jean-Paul Archambault, morreu atrás das linhas japonesas na Birmânia depois de acionar por acidente uma carga explosiva. Havia apenas um ano, Archambault realizava operações especiais semelhantes no interior das linhas inimigas, mas, dessa vez, na França ocupada pelos alemães.

Em Okinawa, a intensidade da batalha atingia o auge durante os combates pelo “Pão de Açúcar”, que se prolongariam por dez dias, matando ou ferindo quase três mil fuzileiros americanos. Entre os mortos, contava-se o major Henry A. Courtney, que encabeçou um assalto contra o topo do morro e foi abatido ao fim de horas de lutas corpo a corpo. Courtney receberia, a título póstumo, a medalha de honra. Durante um ataque suicida contra as posições americanas, em 19 de maio, mais de quinhentos japoneses perderam a vida.

Enquanto a batalha pelo “Pão de Açúcar” recrudesceu, os fuzileiros americanos eram atacados pelo fogo cerrado de granadas e morteiros. Após a morte de um popular comandante de companhia, Bob Fowler, em consequência de ferimentos recebidos, sua ordenança – “que o adorava”, como recordaria outro fuzileiro, William Manchester – “pegou em metralhadoras e massacrou imperdoavelmente um grupo de soldados japoneses desarmados e rendidos”. Manchester acrescentou:

Pior foi o destino trágico de 85 alunas de enfermagem, que, aterrorizadas pelos combates, refugiaram-se num abrigo subterrâneo. Os fuzileiros, à entrada do lugar, ouviram vozes que falavam em japonês. Não souberam reconhecer vozes femininas – nem mesmo o intérprete que intimou quem estivesse no interior do esconderijo a sair. Como as moças não obedeceram, foram mortas com lança-chamas. Até hoje, os japoneses continuam a chorar o acontecimento naquilo a que chamam de “abrigo subterrâneo das virgens”.

Em Luzon e em Mindanao, nas Filipinas, como em Okinawa, a terceira semana de maio registrou batalhas sangrentas, durante as quais a utilização maciça de lança-chamas, pelos americanos, não conseguiria obrigar os japoneses a recuar, embora os destruísse passo a passo em seus abrigos subterrâneos. Ao largo de Okinawa, pilotos suicidas japoneses afundaram uma lancha de transporte de tropas e danificaram seis navios de guerra americanos em 24 de maio. Dez outros pilotos japoneses, também em missão suicida, destruíram, na base de Yontan, sete aviões americanos, danificando outros 26 e incendiando mais de trezentos mil litros de combustível.

Na Alemanha, o último entre as centenas de alojamentos de madeira de Belsen foi incendiado, usando-se lança-chamas, em 21 de maio. “Naquele alojamento, havia um retrato de Hitler e uma suástica”, lembraria Anita Lasker, sobrevivente de Auschwitz, “e houve uma breve cerimônia. Ficamos todos ali, em pé, vendo o fogo devorar os últimos sinais do campo de concentração”.

Em 22 de maio, o funcionário mais elevado entre os sobreviventes dos serviços secretos de Hitler, Reinhard Gehlen, entregou-se aos americanos em Oberursel, ao norte de Darmstadt. Mais tarde, no pós-guerra, voltaria a atuar nos serviços de informações alemães, contra os russos. Também em 22 de maio, um major americano, William Bromley, que pouco antes fora enviado a Nordhausen exclusivamente para recolher elementos que pudessem ser utilizados nas pesquisas sobre mísseis nos Estados Unidos, iniciou o despacho das primeiras remessas de quatro toneladas de equipamentos alemães para Antuérpia, de onde seguiriam, por via marítima, para White Sands, no Novo México. Requisitando vagões de pontos tão distantes quanto Cherbourg, Bromley realizou integralmente sua tarefa antes de 1º de junho, momento em que – de acordo com as negociações sobre as zonas britânica, americana, russa e francesa de ocupação – os russos entrariam em Nordhausen.

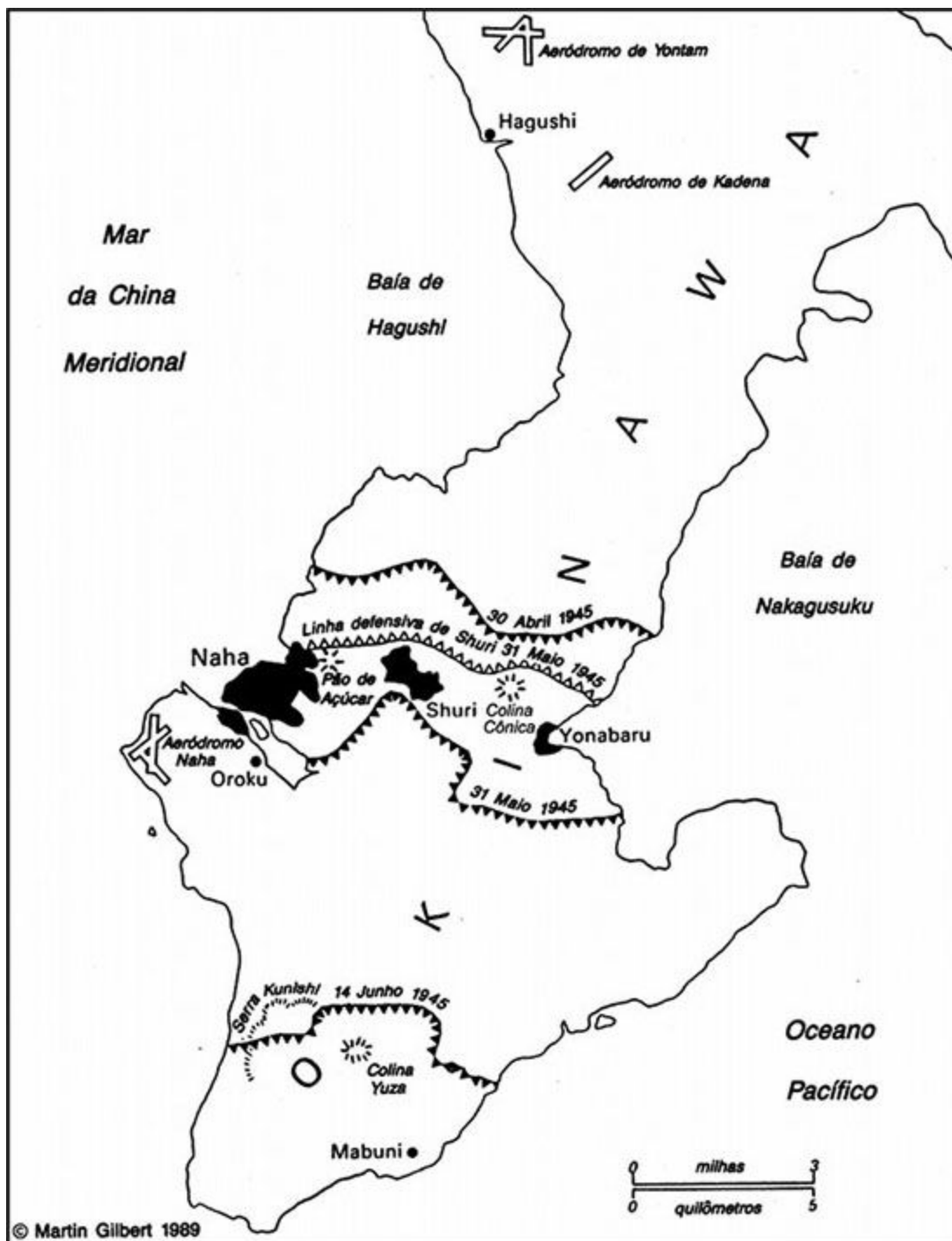
Em 23 de maio, os russos decretavam a prisão de todos os membros do gabinete de governo do almirante Dönitz. No mesmo dia, o almirante Von Friedeburg, que havia duas semanas assinara três termos de rendição

das forças armadas alemãs, suicidava-se em Mürwik. Na mesma noite, Heinrich Himmler, que fora preso na véspera pelos britânicos, também suicidava-se, mordendo uma cápsula de cianeto enquanto era objeto de um exame médico em Lüneburg. Himmler somente revelara sua identidade quatro horas antes. “O filho da mãe antecipou-se!”, foi o comentário de um sargento britânico.

No dia seguinte, o marechal Von Greim, que Hitler nomeara comandante-chefe da força aérea alemã nos últimos dias de abril, suicidou-se, por sua vez, na prisão de Salzburg.

Ainda em 24 de maio, mais de quatrocentos bombardeiros americanos largaram 3.646 toneladas de bombas sobre o centro de Tóquio e as regiões industriais no sul da cidade. Morreram mais de mil japoneses e 62 aviadores aliados, prisioneiros de guerra; mais tarde, disse-se que as vítimas haviam sido deliberadamente mantidas, durante o ataque, numa construção de madeira, enquanto os 464 prisioneiros japoneses que estavam no mesmo estabelecimento foram levados para um abrigo mais seguro.

No dia seguinte, o conjunto dos estados-maiores americanos confirmou 1º de novembro como data para o início da operação Olympic: a invasão a mais meridional ilha do Japão, Kyushu.



A QUEDA DE OKINAWA, 30 DE ABRIL A 21 DE JUNHO DE 1945.

Em 26 de maio, os japoneses evacuaram a cidade chinesa de Nanning, abandonando, assim, sua ligação por terra com a Indochina. Tropas chinesas reconquistaram rapidamente a cidade. Dois dias depois, ao largo de Okinawa, os japoneses organizavam sua maior ofensiva aérea contra os navios de guerra americanos, perdendo mais de cem aviões sem conseguirem afundar um único navio inimigo.

Em 28 de maio, em Flensburg, perto da fronteira da Alemanha com a Dinamarca, dois oficiais britânicos prenderam William Joyce, o locutor conhecido pelos aliados como lorde Haw-Haw. William Joyce trazia consigo uma identificação civil, emitida pelas autoridades alemãs, em nome de Wilhelm Hansen, e um passaporte militar alemão que o identificava por seu verdadeiro nome. Foi enviado, sob prisão, para a Grã-Bretanha. Passados três dias, uma patrulha britânica prendia um homem em Weissensee, na Caríntia, que se descobriria ser o responsável pela organização de um campo de extermínio: Odilo Globocnik; poucos minutos depois de preso, Globocnik suicidava-se, usando uma cápsula de cianeto.

Em 31 de maio, o grupo que decidia quando e onde seria lançada a bomba atômica, e se o seria, reuniu-se no Pentágono. Em nome dos cientistas ligados ao projeto, Robert Oppenheimer afirmou, conforme registram as atas da reunião, “que o efeito visual de uma bomba atômica seria assombroso. Seria acompanhado por um clarão luminoso que poderia subir a uma altura de três ou seis mil metros. O efeito criado por nêutrons na explosão poria em perigo toda a vida existente num raio de pelo menos um quilômetro”. Houve uma discussão prolongada sobre a natureza do alvo a escolher e sobre o efeito da bomba. Quando a reunião terminou, o secretário de Guerra, Henry Stimson, “concluiu”, de acordo com o que se lê nas atas, que havia “acordo acerca de que os japoneses não deviam ser avisados e de que não se deveria visar uma zona civil, mas procurar o maior choque psicológico sobre o maior número de habitantes possível”. Por sugestão do Dr. Conant, Stimson concordou que “o melhor alvo seria uma fábrica de material bélico de grande importância, que empregasse grande número de operários e que tivesse, à sua volta, bairros de trabalhadores”.

Foi o secretário de Estado americano, James Byrnes, quem, no mesmo dia, levou as decisões da reunião ao presidente Truman, a fim de que fossem aprovadas. Byrnes observou a propósito da conversa entre ambos:

Truman disse-me que pensara seriamente sobre o assunto, durante vários dias, após ser informado acerca das investigações da comissão e da existência de planos alternativos, tendo chegado, embora relutante, à conclusão de que não havia outra escolha e aceitando, nos termos em que apresentei, as recomendações da comissão.

O plano alternativo – que consistia em invadir a ilha de Kyushu em novembro e a ilha de Honshu, muito mais vasta, na primavera seguinte – foi considerado tão caro em termos de vidas que a solução envolvendo a bomba atômica pareceu preferível. Se a bomba levasse à rendição do Japão antes da invasão em novembro, cerca de um milhão de vidas americanas seriam poupadas e a guerra seria encurtada em mais de um ano.

Entretanto, tanto em Luzon quanto em Okinawa, consideráveis forças japonesas eram vencidas ao longo dos primeiros três dias de junho. Em Okinawa, a escassez de provisões disponíveis para as tropas japonesas fomentara um descontentamento considerável entre os soldados, dando lugar a protestos, um fenômeno até então desconhecido. Em 3 de junho, os fuzileiros americanos apoderaram-se das ilhas Iheya, a norte de Okinawa; depois, na própria ilha de Okinawa, procederam, em 4 de junho, a um desembarque na península de Oroku, onde uma base naval japonesa com cerca de cinco mil homens defendia o aeródromo de Naha. Durante dez dias, os fuzileiros, com lança-chamas, blindados armados com projéteis incendiários e cargas explosivas, combateram uma defesa japonesa fanática e determinada, cujos homens preferiam morrer às centenas, queimados, a ceder qualquer terreno. No décimo dia da batalha, haviam sido mortos quatro mil japoneses, contra 1.608 soldados americanos. Quando os americanos penetraram finalmente no quartel-general subterrâneo do inimigo, que também funcionara como hospital, descobriram que mais de duzentos soldados e membros dos órgãos de comando haviam cometido suicídio, inclusive o comandante da base naval, almirante Minoru Ota.

Em 5 de junho, um tufão danificou numerosos navios de guerra americanos nas águas de Okinawa, entre os quais quatro couraçados e oito porta-aviões. Agravando o caso, o couraçado *Mississippi* e o cruzador pesado *Louisville* haviam sido pesadamente atingidos por pilotos suicidas japoneses. Porém, após cada leva de ataques suicidas, diminuía a capacidade japonesa de repetição desse tipo de ofensiva.

Em Tóquio, numa reunião do governo realizada na presença de Hirohito, em 8 de junho, o gabinete japonês decidiu “continuar na guerra até o fim”. No mesmo dia, os americanos continuaram a avançar em Okinawa, pelo extremo sul da ilha, contra as posições fortificadas em Yuza Hill e os cumes de Kunishi, mas depararam-se novamente com uma resistência empenhada, cuja força ainda era formidável. Apesar do bombardeamento maciço da artilharia, os japoneses conservavam-se em suas posições, escondidos nas encostas do monte, sendo a bomba de napalm o único meio para desalojá-los, ou melhor, aniquilá-los. A decisão dos defensores japoneses causou um enorme número de baixas entre os fuzileiros. Em média, um atirador americano combateria por apenas três semanas antes de se transformar numa baixa. Em numerosas companhias das linhas da frente, todos os soldados acabavam sendo feridos e temporariamente substituídos por outros, feridos por seu turno. Alguns reforços eram mortos antes que pudessem disparar um único tiro.

Em 10 de junho, o assalto contra as posições defensivas dos japoneses no sul da ilha foi reiniciado. Um fuzileiro, Charles J. Leonard, lembraria um incidente característico durante a luta pela Colina 69, a mais forte posição japonesa no caminho para os montes Kunishi.

Eu só tinha uma granada de fósforo branco. Lancei-a e recuei. Uma densa nuvem de fumaça e de fósforo incendiado saiu do abrigo, que era pouco profundo. Um fragmento da granada caiu em meu braço e, atravessando rapidamente a farda, queimou-me. Tirei a baioneta de minha arma e tentei remover o fósforo. O cheiro de carne queimada era nauseante.

O relato de Leonard continua:

Estava tão ocupado com esse problema que não reparei que um soldado japonês passava pela abertura do subterrâneo. Ele viu-me e avançou, com a baioneta apontada

para meu estômago. Larguei minha baioneta e peguei a arma. Disparei quatro vezes antes que ele me atingisse. Quando fui ferido, o japonês já estava morto, mas sua baioneta prendera-se acima de meu ombro direito, à alça da mochila. A lâmina arranhara meu peito. Como minhas balas haviam tirado sua força, a baioneta não me atingiu com muita força nem penetrou meu corpo. O japonês perdeu o equilíbrio e caiu ao meu lado. Dei-lhe outros quatro tiros e continuei a apertar gatilho mesmo após o pente de balas ter sido expelido da arma.

Trinta e nove anos depois, Leonard descreveu o modo como olhou nos olhos escuros do soldado japonês enquanto as balas o atingiam: “Trago comigo essa imagem, como uma fotografia na cabeça. Não tenho remorso. Éramos dois soldados cuja missão era matar. Eu cumpri minha missão. Ele falhou. Pelo menos, contra mim. Talvez houvesse matado alguns de meus amigos. Se assim foi, eles estavam vingados.”

Em 10 de junho, enquanto os americanos tentavam derrotar os japoneses na área montanhosa do sul de Okinawa, forças australianas desembarcavam na ilha de Labuan, na primeira etapa da derrota japonesa no norte de Bornéu. Na Birmânia, os guerrilheiros nativos, conduzidos por oficiais britânicos, expulsaram os japoneses de Loilem, nas montanhas Shan. Na China, as tropas chinesas libertavam I-Shan e perseguiram os japoneses na direção de Liuchow.

Na Europa, a vitória militar fora obtida, mas o movimento de refugiados e populações deslocadas mal começara. Por insistência soviética, dezenas de milhares de russos que haviam combatido nas unidades alemãs ou que foram feitos prisioneiros pelos aliados ocidentais, eram repatriados à força. Ao mesmo tempo, milhões de alemães eram expulsos, para Ocidente, das regiões sob controle soviético enquanto suas cidades e explorações agrícolas passavam a outros proprietários e soberanos. Em 11 de junho, começou a expulsão em massa de mais de setecentos mil alemães naturais da região montanhosa dos Sudetos, na Tchecoslováquia, que foram literalmente despejados através da fronteira. Esses homens, mulheres e crianças haviam sido a justificativa utilizada por Hitler, em outubro de 1938, para o desmembramento da Tchecoslováquia; agora, era o novo estado tchecoslovaco que queria ver-

se livre deles. Milhares de pessoas haviam partido numa migração que começara nos últimos dias da guerra. Centenas foram mortas pelo caminho, durante a fuga, ou lançadas nos rios de suas terras ancestrais. O que começara como uma grande aventura para os povos de língua alemã na Europa, na euforia das primeiras vitórias de Hitler, transformava-se em mais um episódio trágico numa guerra cheia de desastres e tragédias de todas as espécies.

Na Alemanha, a perseguição movida pelos aliados contra os dirigentes do país durante os tempos de guerra continuava; em 14 de junho, o ex-ministro das Relações Exteriores, Joachim von Ribbentrop, foi detido numa pensão em Hamburgo por soldados britânicos. Com muitos outros destacados colegas do Terceiro Reich, foi metido na prisão enquanto esperava o julgamento.

Sob a supervisão do exército americano, continuavam os preparativos para deslocar das áreas futuramente controladas pelos soviéticos, mas ainda sob o controle provisório dos americanos, todo o equipamento científico possível e, juntamente, os cientistas e técnicos especializados. Poucas horas antes da chegada dos russos a Nordhausen e a Bleichrode, em 20 de junho, os últimos cientistas alemães e suas famílias foram levados, em trens, para a zona sob controle americano. Ao fim de três semanas, em 6 de julho, os chefes dos estados-maiores americanos autorizavam o início da operação Overcast, destinada a procurar entre os cientistas alemães “cérebros excepcionais, cuja produtividade intelectual queiramos usar”. No contexto da operação, 350 cientistas alemães e austríacos foram transportados, nos meses seguintes, para os Estados Unidos.

Em 13 de junho, durante a operação Oboé III, os australianos libertaram Brunei, no extremo Oriente. Na ilha filipina de Mindanao, a resistência organizada foi suprimida em 18 de junho; durante algum tempo, os defensores japoneses viram-se reduzidos a comer raízes e cascas de árvore. Também em 18 de junho, os bombardeiros americanos iniciaram uma série de ataques contra 23 cidades japonesas.

Em Okinawa, as últimas forças nos montes Kunishi eram lentamente esmagadas. Ainda em 18 de junho, o comandante das forças americanas

na ilha, general Simon Buckner, saiu de seu quartel-general no norte para presenciar o fim da batalha no sul. Enquanto assistia ao combate, foi morto por uma granada antitanque japonesa. Dois outros oficiais superiores seriam igualmente mortos ao longo das 24 horas seguintes, o coronel e comandante dos fuzileiros, Harold C. Roberts, atingido por um francoatirador, e o brigadeiro Claudius M. Easley. Ao cair da noite de 21 de junho, porém, os fuzileiros haviam chegado à entrada do posto de comando inimigo, num abrigo subterrâneo em Mabuni. Nessa noite, os dois generais japoneses que se encontravam no reduto, Ushijima e Sho, organizaram um banquete; depois, antes do romper do dia, fardaram-se, usando suas espadas e medalhas, viraram-se para o norte, na direção do palácio de Hirohito, em Tóquio, e suicidaram-se com sabres. Numa mensagem final, o general Sho escrevera: “Parto sem pena, sem vergonha, sem deveres por cumprir.”

Mais de 127 mil soldados japoneses haviam sido mortos em Okinawa, junto com oitenta mil civis habitantes da ilha. Os americanos também sofreram baixas pesadas durante a guerra: 7.613 americanos foram mortos em terra firme e outros 4.907 em ataques de pilotos suicidas e no mar – além de 36 navios de guerra afundados. Os japoneses perderam enormes forças de aviação em Okinawa: 7.800 aviões contra 763 aparelhos americanos.

Nas outras partes da zona de guerra do Pacífico, a taxa de mortes era mais baixa. Quando, em 20 de julho, as tropas australianas desembarcaram em Miri, Sarawak, durante as operações de reconquista da parte norte de Bornéu, conseguiram vencer rapidamente uma guarnição japonesa reduzida e desmoralizada. Durante a reconquista da região, morreram 1.234 japoneses contra 114 australianos e quatro americanos.

Por meio de banhos de sangue, como em Okinawa, por meio de grandes carnificinas, como em Luzon e em Mindanao, ou com mais facilidade, como no norte de Bornéu, os japoneses eram lenta, mas ininterruptamente, expulsos de territórios conquistados. Era evidente, para o governo japonês, que a perspectiva de pesadas baixas não impediria o avanço americano nem evitaria novos desembarques, incluindo aqueles claramente em preparação contra as ilhas japonesas. Em 20 de junho, Hirohito convocou seu primeiro-ministro, o ministro

das Relações Exteriores e seus chefes militares para uma conferência, assumindo uma iniciativa insólita e exortando-os a fazerem todos os esforços possíveis para terminar a guerra por meios diplomáticos. Mesmo o ministro da Guerra e o chefe do estado-maior do exército reconheceriam a lógica no apelo do imperador.

Interessado numa paz negociada, o governo japonês decidiu abordar o governo soviético, pedindo-lhe que atuasse como intermediário. Os contatos foram estabelecidos pelo ministro das Relações Exteriores, Tojo, através do embaixador do Japão em Moscou, Sato Naotake; sem que Tojo o soubesse, suas mensagens ultrassecretas, enviadas por rádio no aparentemente “indecifrável” código Magia, foram lidas pelos serviços especiais americanos. Infelizmente, a leitura das mensagens tornou evidente que, embora os japoneses estivessem dispostos a negociações de paz com os Estados Unidos, não aceitariam a rendição incondicional. Assim, os americanos decidiram, ainda mais resolutamente, obrigar o inimigo a ajoelhar-se.

Em 24 de junho, na Tailândia, bombardeiros britânicos destruíam as duas pontes ferroviárias sobre o célebre rio Kwai, que haviam sido construídas em aterradoras condições de servidão por prisioneiros de guerra aliados, obrigados a trabalhar na ferrovia Birmânia-Tailândia.

No mesmo dia, registrou-se, em Moscou, um desfile de vitória, em que duzentos soldados soviéticos atravessaram a praça Vermelha transportando duzentos estandartes de guerra alemães e depondo-os solenemente, ao som de tambores, na base do mausoléu de Lênin. Dois dias mais tarde, em São Francisco, a conferência das Nações Unidas terminava com a assinatura de uma carta. A manutenção da paz seria responsabilidade de um conselho de segurança composto pelas cinco grandes potências – Grã-Bretanha, União Soviética, Estados Unidos, China e França –, todas com direito a veto.

Em Praga, Emil Hacha, presidente da Tchecoslováquia em 1938, a quem Hitler nomeara chefe de estado da Boêmia e da Morávia, morria na prisão em 27 de junho. Passados dois dias, o novo governo tchecoslovaco assinava um tratado com a União Soviética, cedendo-lhe sua província mais oriental, a Rutênia. Tratava-se da primeira transferência de

territórios oficialmente resultante da Segunda Guerra Mundial; as fronteiras polonesas ainda esperavam a decisão de Stálin, Truman e Churchill, que se preparavam para uma nova reunião dos Três Grandes em Potsdam.

No extremo Oriente, os japoneses continuavam a deslocar prisioneiros de guerra aliados das zonas onde pensavam que desembarques inimigos eram prováveis. Entre os dois mil prisioneiros de guerra australianos que haviam sido transferidos do campo de Sandakan, no norte de Bornéu, ao longo de fevereiro, apenas seis estavam vivos no final de junho, quando a marcha chegou a Ranau, após 160 quilômetros em direção ao interior. No primeiro dia de julho, forças australianas, após um intenso bombardeamento aéreo americano, desembarcaram perto de Balikpapan, que, juntamente com suas instalações petrolíferas, conquistariam ao fim de dois dias; contudo, os japoneses haviam estabelecido fortes posições defensivas no interior e estavam decididos a não ceder Bornéu facilmente.

Um novo desembarque americano em Mindanao, perto do porto de Davao, no sul das Filipinas, em 4 de julho, restringiria ainda mais a zona sob controle japonês. No dia seguinte, o general MacArthur anunciou que fora concluída a libertação das Filipinas. Na mesma semana de vitórias aliadas sobre os japoneses, ocorreria, porém, o trágico fim da ação de uma força especial britânica composta por 23 homens e chefiada pelo tenente-coronel Ivan Lyon, que iniciara suas operações atrás das linhas japonesas na ilha de Merapas, perto de Cingapura, em setembro anterior. Numa série de combates contra os japoneses, doze membros do grupo, incluindo Lyon, foram mortos e os outros onze, capturados. Um deles morreria em consequência de ferimentos recebidos. Ao fim de seis meses de cativeiro, os dez sobreviventes seriam decapitados em 7 de julho.

No Canadá, o físico britânico e autor de investigações sobre a fissão nuclear Dr. Alan Nunn May entregou ao coronel Zabotin, membro da embaixada soviética no Canadá, em 9 de julho, “162 microgramas de urânio 233, sob a forma de ácido e incorporado numa fina lâmina”, de acordo com a descrição do coronel num telegrama enviado a Moscou.

Através de Klaus Fuchs, os cientistas nucleares soviéticos já conheciam as experiências americanas para a construção de uma bomba atômica.

Outra arma recentemente construída, a bomba de napalm, era utilizada contra o Japão; em 11 e 12 de julho, várias toneladas de bombas de napalm foram lançadas contra as forças japonesas ainda na ilha filipina de Luzon – estando quarenta mil homens na região em torno de Kiangnan.

Em 12 de julho, no decurso da operação Maçã, uma força de comandos nacionalistas atacava o território continental chinês, perto de Kaiping, visando cortar linhas de comunicação japonesas. Em todas as fronteiras, mesmo naquelas que pareciam mais seguras, a Nova Ordem dos japoneses, na Ásia e no Pacífico, era arrasada.

Em Berlim, o marechal Montgomery condecorou quatro comandantes soviéticos em 12 de junho, entre os quais os marechais Zhukov e Rokossovsky, com medalhas de ordens britânicas. No mesmo dia, em Londres, a aeronáutica lançava a operação Surgeon, um plano destinado a “arrancar pela raiz” a capacidade aeronáutica da Alemanha. Junto com o equipamento alemão tirado do centro de investigações de Volkenrode, agora na área de ocupação britânica, e enviado para Londres, seguiriam diversos especialistas alemães; dois entre eles, Wernher Pinsche e Dietrich Kuchemann, fariam parte de um grupo de mais de vinte especialistas aeronáuticos alemães que, mais tarde, seriam membros do centro de investigações da força aérea britânica, em Farnborough. Outro cientista, Adolf Busemann, deixaria posteriormente a Grã-Bretanha, continuando suas investigações nos Estados Unidos.

Os destacados responsáveis nazistas que haviam sido presos pelos aliados estavam à espera de julgamento. Em 14 de julho, o *Chicago Daily News* revelava que esses responsáveis não se encontravam detidos numa prisão, mas instalados num hotel em Luxemburgo, o Palace Mondorf. O jornal criticava as condições excessivamente agradáveis proporcionadas a seres comprometidos com males tão terríveis. A rádio Moscou, reproduzindo a notícia, transformou o hotel de Luxemburgo num “palácio”, onde os dirigentes nazistas tornavam-se “cada vez mais gordos e insolentes”. Na verdade, os detidos eram alimentados com as

provisões normalmente distribuídas aos prisioneiros de guerra e viviam sob alta vigilância, rodeados por cercas, holofotes e guardas armados.

Enquanto os ex-dirigentes nazistas esperavam julgamento, uma ex-aliada da Alemanha, a Itália, declarava guerra ao Japão, num dos episódios finais da desagregação do Eixo, outrora um bloco militar tão poderoso.

A data marcada para a invasão ao território japonês propriamente dito continuava a ser 1º de novembro, quando, três meses e meio antes, em 14 de julho, alguns navios de guerra americanos, entre os quais o *Massachusetts*, iniciaram o bombardeamento de certos alvos específicos nas ilhas japonesas. O objetivo, durante o primeiro dia, foram as fábricas de aço imperiais em Kamaishi. No dia seguinte, partindo de Nápoles, um primeiro navio americano iniciava a transferência de tropas da Europa para o Pacífico. A medida enquadrava-se nos preparativos para a invasão em 1º de novembro.

Os japoneses, que sabiam apenas que a data dos desembarques americanos em Kyushu e Honshu não estaria longe, começavam a preparar-se para o confronto, mobilizando não somente as tenazes defesas que haviam utilizado no Pacífico, mas intensificando os ataques suicidas. Milhares de homens eram treinados para atuar como tripulantes de aviões e torpedeiros suicidas. Além disso, uma nova arma suicida, no formato de mina, entrava em cena: um mergulhador colocaria uma mina no casco de um navio inimigo e a explodiria, sendo destruído juntamente com seu alvo.

Os mergulhadores suicidas eram conhecidos como “fukuryu” – ou seja, dragões rastejantes. Sua principal missão seria atacar os navios de desembarque e de abastecimentos junto às praias que os americanos tinham como alvo. Em novembro, *fukuryu* começaram a ser treinados, entrando no mar, com suas minas, e mergulhando a até quinze metros de profundidade. Ao mesmo tempo, eram feitas experiências em abrigos submarinos de cimento, onde unidades de seis mergulhadores poderiam aguardar, durante um período de dez horas, a aproximação de forças invasoras.

Alamogordo, Potsdam e Hiroshima

Julho-agosto de 1945

Às 17h30 de 16 de julho de 1945, a primeira bomba atômica era testada, com êxito, em Alamogordo, Novo México, nos Estados Unidos. “O sol é uma vela comparado à bomba!”, comentou um físico que observou o clarão produzido pela explosão e o seu reflexo nas colinas circundantes. No ponto zero, a temperatura no momento da explosão fora três vezes superior ao calor no centro do Sol e dez mil vezes superior ao calor em sua superfície. Como nunca antes, a armação de aço onde a bomba fora colocada desintegrou-se em gás em consequência do intenso calor. Num raio de 1,6 quilômetro, toda a vida animal e vegetal fora destruída.

Tornou-se evidente que aquilo era algo excepcional. No raio de 320 quilômetros, os vidros das janelas foram estilhaçados. A 240 quilômetros, alguns habitantes, espantados, contavam que o sol havia subido e descido ao lugar original. Muitos instrumentos de medida instalados no deserto foram destruídos pela bomba. Grande parte dos filmes nas câmaras montadas pelos cientistas foi inutilizada pelas radiações. No mesmo dia, em Berlim, os dirigentes aliados reuniam-se para um encontro definitivo acerca do futuro da Alemanha; no mesmo dia, Churchill visitou as ruínas da chancelaria de Hitler.

A conferência dos Três Grandes iniciou-se em 17 de julho, em Potsdam, para discutir a continuação da guerra contra o Japão e as condições da Europa no pós-guerra. Enquanto as negociações começavam, os bombardeiros aliados, a partir de navios americanos e britânicos, atacavam instalações militares e bases aéreas na região de Tóquio e outros aviões americanos atingiam as cidades industriais de Mito e Hitachi, na ilha de Honshu. Contudo, a informação mais dramática a chegar a Potsdam nesse dia foi a notícia relativa ao bem-

sucedido teste da bomba atômica. “Executado nessa manhã”, informava um telegrama ultrassecreto enviado ao secretário de Guerra americano, Henry Stimson. “Avaliação por concluir, mas os resultados parecem satisfatórios, tendo excedido todas as expectativas.”

Stimson também fora informado sobre a necessidade de distribuir uma nota oficial à imprensa, dada a “grande distância” em que se fizera sentir a explosão. A nota oficial afirmava que um paiol de munições explodira, “causando um clarão intenso e uma nuvem de poeira” observáveis a mais de 320 quilômetros dali.

No mesmo dia, à mesa com Churchill, Stimson passou-lhe uma folha de papel em que estava escrito: “Bebês nascidos em condições satisfatórias.” Churchill não sabia o que a mensagem poderia significar. “A experiência realizada no deserto mexicano deu certo. A bomba atômica é uma realidade”, explicou-lhe Stimson.

No mesmo dia, Churchill e Stálin tiveram uma conversa particular, quando o chefe soviético disse ao primeiro-ministro que, estando prestes a sair de Moscou a caminho de Berlim, recebeu uma mensagem do embaixador japonês. “A mensagem vinha do imperador e afirmava que o Japão não podia aceitar uma ‘rendição incondicional’, mas que, de qualquer maneira, ‘poderia considerar a negociação de outros termos.’” De acordo com a mensagem, o imperador apresentava sua sugestão considerando “o interesse de todas as partes”.

Churchill, então, explicou a Stálin que, embora a Grã-Bretanha partilhasse o objetivo americano de uma vitória completa sobre o Japão, havia gente nos Estados Unidos que “começava a duvidar da necessidade de uma ‘rendição incondicional’”. Eram pessoas que perguntavam se valeria a pena, pelo prazer de matar dez milhões de japoneses, perder as vidas de um milhão de soldados americanos e britânicos”.

Os japoneses haviam percebido a força dos aliados, comentou Stálin, ficando “muito assustados”. Viam, agora, o que uma rendição incondicional significava – “aqui, em Berlim, e no resto da Alemanha”.

Na frente de batalha, os japoneses tentavam limitar os pontos de combate. Porém, em 20 de julho, enquanto tropas japonesas tentavam sair da Birmânia através de Moulmein, os bombardeiros britânicos realizaram contra elas 3.045 ataques ao longo de nove dias, tendo, como resultado, mais de dez mil mortos japoneses. Desde que os britânicos

havam iniciado a reconquista da Birmânia, um ano antes, mais de cem mil soldados japoneses haviam perdido a vida em combate; muitos outros morreram de doenças e carências variadas devido a hostilidade da selva.

Em Berlim, durante uma breve pausa da conferência de Potsdam em 21 de julho, Churchill foi saudado pelas forças britânicas presentes na cidade. A parada matinal, disse o primeiro-ministro aos soldados, “lembra-me um grande número de acontecimentos nesses últimos longos e difíceis anos. Hoje, vejo-vos instalados neste grande centro, de onde, como num vulcão, foram lançados sobre a Europa, por duas vezes no período de uma geração, fogo, fumaça e gases venenosos. No passado recente, a fúria alemã abateu-se sobre as regiões vizinhas e é por isso que temos, agora, nosso lugar na ocupação desse país”.

Em Potsdam, vários pontos de conflito surgiram entre aqueles, até então, aliados. Na tarde de 21 de julho, durante as discussões dos Três Grandes, Churchill disse a Stálin que a situação em Viena e na Áustria era “pouco satisfatória”; a Grã-Bretanha ainda não fora autorizada a instalar sua zona de controle nem sobre a capital nem sobre o país, embora houvessem passado três ou quatro meses desde o início das negociações. Em resposta, Stálin informou à conferência que aceitara “na véspera” as recomendações da Comissão Consultiva Europeia, de modo que estava “aberto o caminho” para marcar as datas de entrada das forças britânicas e americanas em suas respectivas zonas; Stálin acrescentou que, “por ele, podiam começar imediatamente”.

Em seguida, a discussão ocupou-se da Polônia. Num memorando apresentado à conferência, a delegação soviética defendeu que a fronteira ocidental do país deveria passar a oeste de Swinemünde, até o rio Oder, deixando a cidade de Stettin em território polonês; depois, a divisão seguiria até a confluência entre o Oder e o Neisse Ocidental e, a partir daí, ao longo do rio até a fronteira norte da Tchecoslováquia.



EUROPA PÓS-GUERRA.

Truman protestou, declarando que semelhante deslocamento da fronteira polonesa equivalia a atribuir à Polônia uma zona de ocupação dentro da Alemanha. Enquanto o acordo sobre a divisão da Alemanha em quatro zonas de ocupação – britânica, americana, francesa e soviética – baseava-se nas fronteiras de 1937, a fronteira polonesa proposta avançaria muito mais para ocidente.

Truman declarou que desejava que fosse “muito claro” que “a Alemanha deveria ser ocupada de acordo com as zonas fixadas em Yalta”. Porém, Stálin replicou que os alemães haviam abandonado, durante a fuga, as regiões orientais que a Polônia queria ocupar.

Em 22 de julho, Henry Stimson apresentou a Churchill, em Potsdam, um relatório pormenorizado sobre os efeitos da bomba atômica verificados após a experiência em Alamogordo. A devastação fora absoluta dentro de um raio de 1,6 quilômetro. Churchill, ao receber as informações, quis falar com Truman imediatamente. “Até o momento”, diria ele, “definimos nossas ideias de assalto contra o território japonês com base em maciços bombardeamentos aéreos e em invasões de grandes exércitos. Observamos a desesperada resistência dos japoneses, lutando até a morte com a devoção de samurais não apenas nas batalhas, mas em cada abrigo subterrâneo e em cada casamata isolada. Estou pensando na ilha de Okinawa, onde milhares e milhares de japoneses, para não se renderem, dispuseram-se em fileiras e destruíram-se com granadas de mão após seus comandantes praticarem o rito solene do harakiri. Vencer a resistência japonesa, homem a homem, e conquistar o país, palmo a palmo, poderia implicar a perda de um milhão de vidas americanas e de quinhentas mil vidas britânicas – ou, se pudéssemos transportá-los até lá, um número ainda superior, pois estávamos resolvidos a assumir nossa parte no sacrifício”.

Agora, argumentou Churchill, “todo esse pesadelo se desvanece. Em seu lugar, surge a imagem – ao que parece clara e animadora – do fim completo da guerra após um ou dois embates violentos. Pensei imediatamente que o povo japonês, cuja coragem sempre admirei, pode ver na irrupção da nova arma quase sobrenatural uma desculpa que salve

sua honra e o absolve da obrigação de deixar-se matar até o último homem”.

Em 24 de julho, ainda em Potsdam, Churchill, Truman e representantes da China concordaram em enviar ao Japão uma mensagem, oferecendo-lhe “uma oportunidade para terminar a guerra”. O que acontecera na Alemanha, dizia a mensagem, “é um exemplo assustadoramente claro para o povo japonês”. A “plena aplicação” do poderio militar aliado, “sustentado por nossa resolução, significaria a destruição completa e inevitável das forças japonesas e a devastação radical da pátria japonesa”. Cabia, pois, ao Japão decidir “se queria continuar sendo controlado” por aqueles que o haviam conduzido “ao limiar do aniquilamento” ou se escolheria “a via da razão”.

Os Três Grandes definiam os “termos” da rendição, acrescentando que não haveria alternativas ou adiamentos. A influência e a autoridade daqueles que “enganaram e desencaminharam” o povo japonês precisaria ser “eliminada para sempre”. As forças armadas japonesas deveriam ser “completamente desarmadas”. Sua soberania seria limitada às quatro principais ilhas e “às ilhas menores que indicarmos”. Seria instaurada a liberdade de expressão, religiosa e de consciência, “assim como o respeito pelos direitos humanos fundamentais”. Em compensação, o Japão seria autorizado a conservar as “indústrias que sustentam sua economia” e, mais tarde, “a participar em relações de comércio internacionais”. A mensagem concluía: “Exortamos o governo do Japão a declarar a rendição incondicional de todas as suas forças armadas e a apresentar garantias seguras e adequadas de sua boa-fé. A alternativa é a destruição completa do país.”

A tentativa japonesa de utilizar os russos como mediadores falhara. Os japoneses também não conseguiriam quebrar o compromisso russo, datado de Yalta, de entrar em guerra contra o Japão dois ou três meses depois de terminada a guerra na Europa.

Mal o apelo a essa rendição incondicional fora elaborado, num acordo entre Estados Unidos, Grã-Bretanha e China, Truman abordou Stálin para comunicar-lhe, em conversa particular, que os Estados Unidos haviam testado uma bomba dotada de extraordinário poder destruidor. No mesmo dia, Truman discutiu com Stimson o problema relativo à data de lançamento da bomba e o tipo de alvo. “A arma deverá ser usada contra o

Japão entre a presente data e 10 de agosto”, escreveu Truman em seu diário, em 24 de julho, acrescentando que dera instruções a Stimson para que a bomba fosse usada contra “objetivos militares, soldados e marinheiros, não contra mulheres e crianças. Ainda que os japoneses sejam selvagens, impiedosos, implacáveis e fanáticos, nós, como promotores do bem-estar comum da humanidade, não podemos lançar essa bomba terrível contra a antiga capital nem contra a nova”.

Truman confiou ao seu diário que ele próprio e Stimson estavam “de acordo” sobre a utilização da bomba atômica contra um alvo militar, explicando:

O alvo deve ser especificamente militar e daremos um aviso, exortando os japoneses a renderem-se e salvarem suas vidas. Tenho certeza de que não se renderão, mas daremos essa oportunidade. É certamente um ganho para a humanidade que não tenham sido os submissos a Hitler ou a Stálin a descobrirem a bomba atômica. Parece ser a coisa mais terrível jamais descoberta, embora possa tornar-se um instrumento útil.

Em 24 de julho, enquanto decisões eram tomadas em Potsdam, bombardeiros americanos, com base em porta-aviões, atacaram a base naval de Kure, em território japonês, e os aeródromos de Nagoya, Osaka e Mito. Repetiram o ataque no dia seguinte enquanto 22 navios de guerra britânicos, incluindo dois porta-aviões e aparelhos de voo, lançavam a operação Cockpit contra as instalações portuárias e petrolíferas japonesas na ilha de Sabang, na faixa norte de Sumatra. Os estragos causados aos japoneses foram consideráveis. Também em 25 de julho, os americanos anunciaram que cessara toda a resistência japonesa organizada na ilha filipina de Mindanao.

No mesmo dia, um julgamento por crimes de guerra começou em Darmstadt, na parte da Alemanha ocupada pelos americanos. Os onze acusados, sendo nove homens e duas mulheres, eram acusados de participação no assassinato de seis aviadores americanos, em Rüsselheim, em agosto de 1944. As vítimas, após terem seus aviões abatidos, seguiam para um campo de concentração de prisioneiros de guerra. Sete acusados, entre os quais as duas mulheres, foram declarados culpados. Os cinco homens foram enforcados, sendo a execução das

sentenças determinada pelo carrasco militar dos Estados Unidos, sargento John C. Wood.

Enquanto decorria o segundo dia do julgamento em Darmstadt, o governo britânico criava um Serviço de Inquirição e Busca de Desaparecidos, tentando localizar 42 mil membros da força aérea que não haviam regressado de missões de guerra na Europa e cujo destino era desconhecido.

Em 26 de julho, às 19h, a equipe do presidente Truman enviava aos jornais a Declaração de Potsdam com a proposta de rendição para o Japão. No mesmo dia, o cruzador americano *Indianapolis* chegava à ilha de Tinian, levando a bomba atômica. Alguns cientistas que montariam o dispositivo, assim como a tripulação aérea encarregada de lançar a bomba estavam à espera da carga. Até o avião que largaria a bomba foi especialmente escolhido e preparado: tratava-se do bombardeiro *Enola Gay*.

Numa coletiva de imprensa especialmente convocada para a tarde daquele dia 26, o primeiro-ministro japonês, almirante Kantaro Suzuki rejeitou a proposta aliada contida na declaração. “O governo não encontra qualquer valor aqui e não tem escolha a não ser ignorar inteiramente os termos da declaração, continuando a combater, com todo ânimo, em vista de um desfecho vitorioso”, declarou Suzuki.

Em 28 de julho, aviões americanos, com base em porta-aviões, atacaram a base naval japonesa em Kure. Foram afundados cinco navios de guerra, entre os quais o porta-aviões *Amagi* e o cruzador pesado *Tone*; entre os 25 navios de guerra japoneses que haviam participado no ataque contra Pearl Harbor, o *Tone* era o vigésimo quarto a ser afundado. Apenas o contratorpedeiro *Ushio* sobreviveria à guerra.

Os bombardeamentos aéreos ou os ataques da artilharia naval contra as ilhas japonesas eram agora banais e quase cotidianos. Em 29 de julho, uma força naval americana bombardeou uma fábrica aeronáutica em Hamamatsu, na ilha de Honshu. No mesmo dia, um desastre vitimou o *Indianapolis*, torpedeado pouco antes da meia-noite, entre Tinian e Guam, enquanto seguia, sem escolta, em direção a Guam, devendo daí partir para Okinawa no contexto dos preparativos ainda em curso para a

invasão ao Japão em 1º de novembro. Entre o fogo e a escuridão, mais de 350 membros de seus 1.196 tripulantes foram mortos pela explosão ou afundados com seu navio. Mais de oitocentos homens caíram ou foram atirados ao mar. Cinquenta entre estes, sobretudo aqueles feridos no ataque, morreriam durante a noite. Na manhã seguinte, os tubarões atacaram os sobreviventes. Não havia, por perto, embarcações que pudessem salvar os homens desesperados, que não tiveram tempo para lançar qualquer pedido de socorro. O sol cegava-os; a água do mar, que muitos haviam bebido nos momentos de desespero, enlouquecia-os. Até a manhã de 2 de agosto, os sobreviventes não foram auxiliados por via aérea. A essa altura, o navio sequer era considerado desaparecido. Por fim, quando os tripulantes sobreviventes estavam na água havia mais de 84 horas, iniciou-se uma operação de salvamento. Somente 318 marinheiros estavam vivos; 484 haviam morrido afogados ou devorados pelos tubarões.

Ao todo, 883 homens morreram no desastre do *Indianapolis*, considerado a maior perda da história da marinha de guerra americana, levando o último entre os grandes navios de guerra utilizados na Segunda Guerra Mundial. Para os japoneses, o desastre era um êxito no quadro de uma batalha perdida. O oficial que comandava o submarino japonês, Mochitsura Hashimoto, que estivera na ofensiva contra Pearl Harbor, lembraria que, no dia seguinte ao afundamento do *Indianapolis*, “celebramos o feito com nossos pratos favoritos: arroz com feijão, enguias cozidas e carne bovina (tudo em enlatados)”.

O comandante Hashimoto enviou, por rádio, uma mensagem para Tóquio, comunicando que afundara “um couraçado da classe *Idaho*” e fornecendo a latitude e a longitude exatas do local do acontecimento. Embora os americanos não tenham recebido qualquer mensagem emitida pelo *Indianapolis*, a mensagem do comandante Hashimoto foi interceptada nas atividades rotineiras dos serviços de informações americanos, que a decifraram. Na manhã de 30 de julho, uma cópia da mensagem decifrada foi expedida para o quartel-general americano em Guam. A 7ª Esquadra também recebeu uma cópia. Porém, como as afirmações dos japoneses sobre navios americanos afundados eram muitas vezes exageradas, ninguém pensou em confirmar a mensagem, observando a zona que ela indicava por meio de um voo de controle. Se

qualquer dessas medidas houvesse sido tomada, as operações de salvamento começariam três dias mais cedo.

Em 30 de julho, no âmbito dos planos de lançamento da bomba atômica sobre as quatro cidades-alvo anteriormente fixadas, o general Carl Spaatz telegrafou a Washington para informar que Hiroshima, “de acordo com relatórios acerca dos prisioneiros de guerra”, era a única entre as cidades em causa “que não tem campos de concentração para prisioneiros de guerra aliados”. Na resposta, o general era informado de que era tarde demais para fixar novos alvos, “contudo, se considerar fidedignas essas informações, Hiroshima deve receber a prioridade sobre todos os alvos possíveis”.

Os japoneses continuavam a esforçar-se para que os soviéticos atuassem como seus intermediários numa paz negociada, com a esperança de contornarem o apelo à rendição incondicional lançado pela Grã-Bretanha, pelos Estados Unidos e pela China. Em 2 de agosto, uma análise dos serviços secretos americanos, baseada na leitura de mensagens Magia japonesas, observara que o Japão continuava “a recusar uma rendição incondicional” e estava “determinado a explorar até o fim as vantagens decorrentes de uma paz apenas com a Rússia”. Depois de ler tais mensagens, o secretário da Marinha, James R. Forrestal, comentou que o governo japonês parecia decidido de que “a guerra deve ser conduzida com todo o vigor e tenacidade de que a nação é capaz enquanto a única alternativa for a rendição incondicional”.

Nas primeiras horas de 31 de julho, dois submarinos anões britânicos, transportados em outro submarino desde as Filipinas, entraram no porto de Cingapura. Desembarcando com grande dificuldade e trabalhando debaixo de água durante mais de trinta minutos, sob grande perigo, o marinheiro Mick Magennis, irlandês natural de Belfast, limpou algas e cracas presas no casco do cruzador japonês *Takao*, armando-o com seis minas aderentes. Pela excepcional coragem demonstrada, Magennis e o comandante do submarino anão, tenente Ian Fraser, receberiam a cruz Victoria.

As minas abriram uma grande brecha no casco do *Takao*, mas, estando o navio em águas pouco profundas, apenas encalharia no fundo do porto. Era indubitável que, em águas mais profundas, afundaria. Para diminuir um pouco o orgulho britânico, soube-se, mais tarde, que um submarino americano danificara o *Takao* em alto-mar.

Em 2 de agosto, a conferência de Potsdam chegava ao fim. Entre os acordos estabelecidos contavam-se os referentes “à retirada dos alemães da Polônia, Tchecoslováquia e Hungria”. Muitos desses alemães já estavam a caminho. A conferência também deslocava a fronteira alemã, atribuindo à Polônia toda a parte oriental do país, compreendida entre a fronteira utilizada em 1937 e a linha Oder-Neisse. Churchill manifestou seu desagrado por os russos insistirem em ter a parte ocidental do Neisse, e não apenas a oriental, mas, durante a conferência, fora obrigado a regressar a Londres, onde seu Partido Conservador fora derrotado nas eleições gerais. Seria o novo primeiro-ministro trabalhista, Clement Attlee, quem conduziria as negociações finais em Potsdam.

Além de receber a Pomerânia e a Silésia, a Polônia também dividia a província da Prússia Oriental com a União Soviética. A Toca do Lobo, em Rastenburg, encontrava-se agora em território polonês. Sob a alçada da soberania soviética caíam, entretanto, as regiões orientais da Polônia anteriores à guerra, inclusive cidades outrora predominantemente polonesas como Vilna e Lvov. Enquanto milhões de alemães se deslocavam para ocidente, deixando os novos territórios poloneses, milhões de poloneses deslocavam-se no mesmo sentido, deixando os novos territórios russos; muitos se estabeleceriam em zonas arrancadas à Alemanha, dando novos nomes às cidades ex-alemãs: Stettin tornou-se Szczecin; Breslau, Wroclaw; Kolberg; Kolobrzeg; Allenstein, Olsztyn; e Rastenburg, Ketrzyn.

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, quando, no lugar de uma rendição incondicional, foi permitido aos alemães e aos seus aliados simplesmente aceitarem um armistício, os termos da paz foram negociados. Durante essas conversas, os vitoriosos impuseram seus desejos sobre os estados derrotados. Territórios foram tomados, reparações foram asseguradas e exércitos foram dispersados sob uma

aparente paz negociada. Porém, essa paz foi, em pouco tempo, denunciada como “ditatorial”, permitindo que agitadores políticos como Hitler alimentassem nacionalismos extremos através dessas denúncias. Os aliados estavam determinados a não permitir que a situação se repetisse – daí sua insistência por uma rendição incondicional. Os limites e as condições a serem estabelecidos no mundo pós-guerra não seriam submetidos a negociações ou a discussões com os derrotados. Através desse método, os aliados pretendiam que os erros cometidos em Versalhes não fossem repetidos em Potsdam. Os alemães não sentiriam que seus líderes os decepcionaram na mesa de negociações porque elas seriam conduzidas sem qualquer representação alemã.

Truman parou em Plymouth durante sua volta aos Estados Unidos, onde almoçou com o rei George VI a bordo do couraçado *Renown*. Grande parte da conversa girou em torno da bomba atômica. Um dos convidados de Truman, o almirante Leahy, mostrou-se cético quanto aos efeitos da bomba. “Acho que tudo não passa de um sonho de cientistas”, foi seu comentário. Ao ouvi-lo, o rei perguntou-lhe: “Quer apostar alguma coisa, almirante?”

Os japoneses preocuparam-se ao perceber que a Rússia não queria iniciar negociações com eles e que se juntava ao ataque lançado contra seus territórios. Contudo, em 4 de agosto, a seção operacional do exército japonês na Manchúria, com setecentos mil homens, concluía que não seria possível qualquer ofensiva soviética até setembro nem, provavelmente, antes da primavera de 1946.

No mesmo dia, numa base naval em Cingapura, os japoneses executaram sete prisioneiros da força aérea americana. Um cozinheiro japonês da base, Oka Harumitsu, lembraria que, ainda antes, catorze ou quinze prisioneiros de guerra haviam sido executados similarmente.

Preparando-se contra um desembarque anfíbio americano em Kyushu, os japoneses haviam treinado um grande número de pilotos camicazes, de torpedos humanos e mergulhadores suicidas. Em agosto de 1945, 1.200 mergulhadores suicidas haviam sido instruídos e outros 2.800 estavam em fase de formação. Sua tarefa seria esconder-se diante das praias onde

ocorreriam os desembarques, em abrigos submarinos de cimento com escotilhas de aço, prontos para entrar em ação quando as forças inimigas se aproximassem, fixando minas nos cascos dos navios. Os navios, soldados e tanques, assim como os mergulhadores, seriam vítimas da mesma explosão.

Na noite de 5 de agosto, vários grupos de bombardeiros americanos empreenderam uma série de missões contra o Japão. Trinta aparelhos estavam incumbidos de lançar minas no mar, 75 dirigiam-se para um ataque aéreo contra Saga, 102 desencadeavam uma incursão incendiária contra Maebashi, 261 atacavam a zona Nishinomiya-Mikage, 111 dirigiam-se para Ube, 66 voavam contra Imabari e um, com dois aviões de apoio à retaguarda, encaminhava-se para Hiroshima.

Essa sétima missão aérea era a operação Centreboard, que começou nas primeiras horas de 6 de agosto, às 2h45, quando o *Enola Gay*, um bombardeiro B-29 especialmente preparado para o transporte e o lançamento de uma bomba atômica, levantou voo na ilha de Tinian, nas Marianas. Cinco horas e meia depois, às 8h15 – no horário japonês –, o avião largava a bomba atômica sobre Hiroshima. Entre as mensagens escritas no invólucro da bomba, uma dizia: “Os homens do *Indianapolis* agradecem ao imperador.”

O capitão Robert A. Lewis, comandante a bordo do *Enola Gay*, viu a enorme e ofuscante explosão, exclamando para seus companheiros de missão: “Meu Deus, olhem para essa filha da mãe!” Nesse instante, morriam oitenta mil pessoas em Hiroshima e outras 35 mil ficavam feridas.

Entre os noventa mil edifícios em Hiroshima, 62 mil ficaram destruídos quando a bomba foi lançada. Entre os duzentos médicos da cidade, 180 morreram ou ficaram gravemente feridos. Entre os 55 hospitais e postos de primeiros socorros, somente três ainda podiam ser utilizados. Entre as 1.780 enfermeiras de Hiroshima, menos de 150 poderiam socorrer os necessitados. Vários prisioneiros de guerra americanos, detidos na fortaleza de Hiroshima havia oito dias, após serem abatidos sobre a cidade em seus aparelhos, também perderam a vida. A cidade ardia. “Vou começar a contar os incêndios”, disse o sargento Caron, olhando para trás após a explosão. “Um, dois, três,

quatro, cinco, seis... catorze, quinze... É impossível. São mais do que se pode contar.”

“É terrível”, comentou outro tripulante, Jacob Beser, acrescentando: “Que alívio a bomba ter funcionado bem!”

Com o tempo, a escala e a natureza da destruição de vidas humanas em Hiroshima alteraria completamente o modo tradicional como se via a guerra, o poder, a diplomacia e as relações entre países. Ao longo dos dias em que a nova realidade começava a manifestar-se, a tônica incidia sobre os assustadores aspectos humanos, que os sobreviventes não conseguiam esquecer nem durante o sono. “Minha mãe foi completamente desfeita”, recordaria uma testemunha, que, na época, tinha apenas nove anos.

Quase todo o cabelo caiu, tinha o peito ulcerado e, no corte de cinco centímetros formado em suas costas, entravam e saíam vermes. O lugar estava cheio de mosquitos, moscas e pulgas, coberto por um cheiro medonho. Por toda a parte, viam-se muitas pessoas no mesmo estado, que não podiam mexer-se. Desde a noite em que chegamos, o estado de minha mãe ficou cada vez pior, e ela parecia definhando diante de nossos olhos a cada instante. Como teve dificuldade para respirar durante a noite, fizemos tudo o que pudemos, tentando aliviá-la. Na manhã seguinte, minha avó e eu arranhamos um pouco de mingau de aveia. Quando o levamos à minha mãe, ela parecia prestes a expirar. Quando julgávamos que estava morta, soltou um último e profundo suspiro e não deu outros sinais de vida.



AS MISSÕES DAS SETE BOMBAS, 5 A 6 DE AGOSTO DE 1945.

O episódio decorreu treze dias após a bomba explodir em Hiroshima; a essa altura, o número de mortos aumentara em mais doze mil, atingindo um total de 92.233 vítimas, que continuaria a crescer ao longo dos anos seguintes, devido às doenças causadas pela radiação. Em 1986, o número de vítimas identificadas indicado pelo cenotáfio de Hiroshima era 138.890. Cerca de cinquenta anos após a bomba ser largada, ainda havia vítimas das radiações.



Hiroshima: cenário no centro da explosão da bomba atômica em 6 de agosto de 1945.

A derrota do Japão

Agosto de 1945

Em 7 de agosto, antes que a destruição causada em Hiroshima pudesse ser devidamente avaliada, oficiais americanos reuniram-se em Luzon para preparar a primeira etapa da invasão ao Japão, marcada para 1º de novembro. No dia seguinte, Grã-Bretanha, Estados Unidos, União Soviética e França assinavam um acordo, em Londres, criando um tribunal militar internacional para o julgamento e a punição de “crimes contra a Humanidade”. No mesmo dia, a União Soviética declarava guerra ao Japão, lançando seus exércitos contra a Manchúria ocupada, onde mais de um milhão de soldados russos lutariam contra os setecentos mil homens do exército de Kwantung.

Os americanos haviam planejado lançar uma segunda bomba atômica no Japão, em 11 de agosto, caso o inimigo não apresentasse sua rendição incondicional. Dadas as previsões de mau tempo, contudo, a data seria antecipada em dois dias. Foi assim que, à 1h56 de 9 de agosto, enquanto numerosos bombardeiros americanos partiam para um ataque aéreo maciço contra alvos militares na ilha de Honshu, um segundo bombardeiro especial, o *Bock's Car*, levantou voo na ilha de Tinian, transportando outra bomba atômica. O nome homenageava o comandante do bombardeiro naval, Frederick Bock, mas, nesse voo, o aparelho foi pilotado pelo major Charles W. Sweeney. Seu alvo deveria ser Kokura, mas, se a cidade estivesse encoberta pelas nuvens, havia um alvo alternativo: Nagasaki. Ao aproximar-se de Kokura, o bombardeiro deparou-se com uma cidade coberta por nuvens de vapores industriais. Como as instruções de Sweeney permitiam-lhe apenas largar a bomba contra um alvo visível, ele inflectiu o voo em direção a Nagasaki. Às

11h02, nove horas após a decolagem em Tinian, uma segunda bomba atômica explodia, quinhentos metros acima da cidade.

Em poucos instantes, mais de quarenta mil pessoas morreram. Outras cinco mil morreriam até o fim do ano; passados trinta anos, o número de mortos de Nagasaki era calculado em 48.857.

Entre aqueles que viram a explosão da bomba sobre Nagasaki, contava-se o piloto britânico Leonard Cheshire, a bordo como observador. Mais tarde, recordaria a nuvem contorcida, “obscena em sua avidez devoradora da terra, transbordando como se vomitasse toda a vida que consumira”.

No momento em que a bomba explodiu sobre Nagasaki, o Supremo Conselho de Guerra do Japão estava reunido em Tóquio. A notícia reacendeu a discussão acerca da rendição incondicional do país. O conselho estava fortemente dividido: três generais eram partidários da rendição; outros três defendiam a continuação da guerra. O ministro das Relações Exteriores, Shigenori Tojo, votara a favor da rendição, tal como o primeiro-ministro, almirante Suzuki. Contudo, o ministro da Guerra, general Anami, fora categórico em sua recusa:

É muito cedo para termos certeza de que perdemos a guerra. É evidente que infligiremos pesadas baixas ao inimigo quando tentar invadir o Japão e não é impossível invertermos a situação, transformando a derrota em vitória. Além disso, nossos soldados não aceitarão ser desmobilizados. E como sabem que não podem render-se, como sabem que um combatente que se rende poderá receber os castigos mais duros, não há realmente alternativa a não ser continuarmos na guerra.

O impasse era completo, mas Tojo e Suzuki estavam decididos a conter a guerra imediatamente e, durante uma reunião secreta com Hirohito, convenceram-no a convocar uma nova reunião e a presidir pessoalmente os trabalhos.

A reunião aconteceu pouco depois de meia-noite, no abrigo subterrâneo do imperador. Na abertura, Suzuki leu a Declaração de Potsdam. Depois, Tojo advogou pela aceitação da proposta aliada, contanto que a posição do imperador e do trono fossem respeitadas. Suzuki defendeu a ideia de Tojo, mas o general Anami se opôs. A discussão prolongou-se por cerca de duas horas. Por fim, Hirohito falou:

“Continuar na guerra levará somente ao aniquilamento do povo japonês e ao prolongar dos sofrimentos de toda a humanidade. Parece evidente que a nação não tem condições de vencer a guerra e é duvidoso que possa sequer defender suas praias.”

Chegara o momento, explicou Hirohito ao conselho, de “suportar o insuportável”. Por isso, o imperador aprovava a proposta de Tojo, defendendo que o Japão aceitasse a rendição incondicional. A mensagem resultante dessa decisão, aceitando formalmente a Declaração de Potsdam, foi enviada para os embaixadores japoneses na Suíça e na Suécia na manhã de 10 de agosto, a fim de ser comunicada, em seguida, aos aliados. “O governo japonês”, dizia a mensagem, “está pronto a aceitar os termos da declaração conjunta emitida em Potsdam, em 26 de julho de 1945, pelos chefes de governo dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da China e, mais tarde, subscrita pelo governo soviético, na convicção de que os termos em causa não incluem qualquer exigência que prejudique as prerrogativas de Sua Majestade como autoridade soberana”.

Na manhã de 10 de agosto, o presidente Truman e seus conselheiros debateram se a nota referente ao imperador do Japão cabia ou não no quadro da “rendição incondicional”. Uma fórmula, concebida pelo secretário de Estado Byrnes, estabeleceu que o Japão precisaria aceitar, a partir do momento em que se rendesse, que “a autoridade do imperador e do governo na direção do estado ficaria subordinada ao supremo comando das potências aliadas”. Na mesma manhã, enquanto começavam os contatos diplomáticos, Truman deu ordens para que não fossem lançadas novas bombas atômicas. O presidente declarou, segundo escreveu o secretário de Comércio em seu diário, que “a ideia de matar mais cem mil pessoas era terrível demais. Não lhe agradava a ideia de matar ‘todos esses rapazes’”.

Na Manchúria, o Exército Vermelho avançava contra os japoneses; num duro combate em Pingyanchen, em 10 de agosto, 650 soldados japoneses, entre os 850 em ação, foram mortos ou feridos. No dia seguinte, as forças da marinha soviética iniciavam um bombardeamento à região sul da ilha de Sakhalin.

Os contatos diplomáticos entre Tóquio e Washington, feitos ainda através de potências neutras, continuaram em 11 e 12 de agosto. Na noite desse segundo dia, a leste de Okinawa, um submarino japonês afundou o navio de desembarque americano *Oak Hill* e o contratorpedeiro *Thomas F. Nickel*. No mesmo dia, as forças soviéticas, depois de ferozes e prolongados combates, venceram os defensores japoneses da fortaleza de Hutou, regando com petróleo os respiradouros da construção e atando-lhes fogo, de modo a asfixiar os soldados japoneses escondidos nos redutos subterrâneos.

Ao longo de 12 de agosto, os japoneses utilizaram soldados de infantaria suicidas para tentar deter os tanques soviéticos. No dia seguinte, porém, os tanques conseguiram atingir os reforços de infantaria, em Hualin, enquanto ainda se encontravam a bordo de seu trem, matando novecentos homens antes que pudessem escapar dos vagões.

Na manhã de 14 de agosto, mais de oitocentos bombardeiros americanos atacaram instalações militares japonesas na ilha de Honshu. Durante a tarde, a agência de notícias oficial do Japão expediu uma nota internacional, declarando que, em breve, o imperador emitiria uma comunicação “aceitando a Declaração de Potsdam”. Sem que os ouvintes soubessem, o imperador já gravara sua proclamação. Nessa noite, mais de mil militares japoneses atacaram o palácio imperial, na esperança de descobrir a gravação e impedir que fosse transmitida. Tudo o que conseguiram, porém, foi assassinar o comandante da guarda imperial, que, leal ao imperador, encabeçou suas tropas, vencendo os assaltantes. Pouco depois, o general Anami, que se opunha à rendição, mas se recusou a participar da revolta, suicidava-se, para, segundo explicara, poupar-se de ouvir a proclamação e de “expiar” a derrota do Japão.

Por volta de meia-noite de 14 de agosto, as forças soviéticas haviam avançado mais de quatrocentos quilômetros pelo interior da Manchúria, ocupando Mukden; ao mesmo tempo, haviam desembarcado em Sakhalin e nas ilhas Curilas, tornando ainda mais urgente que os americanos e os britânicos forçassem os japoneses à rendição.

* * *

Ao meio-dia de 15 de agosto, um locutor japonês pediu aos ouvintes que ficassem em pé “com todo o respeito” junto de seus aparelhos de rádio. Seguiu-se a transmissão do hino nacional e, depois, pela primeira vez através do rádio, ouviu-se a voz do imperador, lendo a mensagem gravada na véspera. O inimigo, dizia a proclamação, “utiliza agora uma nova bomba, extremamente cruel, cujo poder destruidor é incalculável, ceifando grande número de vidas inocentes”. Por essa razão, “ordenamos ao nosso governo que comunicasse aos Estados Unidos, à Grã-Bretanha, à China e à União Soviética que o império aceita as medidas de sua declaração conjunta...”.

Nos Estados Unidos, escreveu o historiador Samuel Eliot Morison, “uma nota amarga juntou-se às boas notícias”, nesse dia, quando a marinha de guerra publicou a notícia do afundamento do *Indianapolis*, ocorrido havia duas semanas, que acarretara a morte de 883 homens.



Depois da rendição japonesa, no dia 15 de agosto de 1945, antigos prisioneiros de guerra ingleses continuam a trabalhar nas cruzes funerárias dos seus companheiros que morreram no cativeiro ou que, como o tenente Godward (cruz à esquerda, falecido em 27 de agosto de 1945), sobreviveram poucos dias após a libertação.

* * *

A Segunda Guerra Mundial terminava, embora nem todos os participantes tivessem, no próprio dia, conhecimento desse fato. O comandante Hashimoto, que afundara o *Indianapolis*, chegou à sua base naval, no mar Interior, em 16 de agosto, esperando ser recebido com triunfo. Porém, foi-lhe entregue uma mensagem, contendo o cessar-fogo proclamado pelo imperador. Em Tóquio, alguns bombardeiros americanos, com base num porta-aviões que não recebera as últimas notícias, atacaram alvos militares enquanto, no campo de Nakom Paton, perto de Bangcoc, o médico australiano e coronel Dunlop escrevia em seu diário: “Há boatos não confirmados, mas insistentes, sobre o fim da guerra.”

Contudo, os boatos esperariam confirmação durante as 48 horas seguintes. Por fim, pouco depois das 18h de 17 de agosto, Dunlop, com algumas centenas de outros prisioneiros, foi convocado a comparecer perante os responsáveis japoneses, sendo comunicado a todos, por meio de um intérprete, que “foi assinado um armistício entre as nações beligerantes. Todas as frentes se encontram em paz e recebemos instruções de que vocês já não são prisioneiros de guerra. Portanto, nossa custódia termina aqui. A manutenção da disciplina passa a ser responsabilidade sua. Em breve, todos os prisioneiros serão repatriados. Aconselho que cuidem de sua saúde e que cultivem papaias!”.

Dunlop comentou: “Morreram e sofreram aqui tantos homens – e mesmo agora, muitos não voltarão a ver a pátria – mas o dia decisivo chegou.”

O “dia decisivo” chegara, na realidade, para centenas de milhares de prisioneiros de guerra, dispersos e detidos por todo o inconquistado império. Kenneth Harrison, um soldado australiano que fora aprisionado em Cingapura e trabalhara na estrada de ferro da morte na Tailândia, encontrava-se, na data da rendição, num campo de prisioneiros no próprio Japão. Mais tarde, recordaria que “a tremenda exaltação de nossa primeira noite como homens livres foi seguida por uma semana de

dificuldades e incertezas, numa espécie de anticlímax. Os japoneses não reconheciam oficialmente sua rendição e continuavam a controlar o campo ‘para afastar civis encolerizados’. Por essa razão, fomos avisados de que não podíamos cantar nem dançar, embora essa admoestação tenha chegado tarde e sido completamente ignorada. Foi um estranho período crepuscular, em que não éramos cativos nem homens livres e em que a relação de forças entre os japoneses e nós se tornava extremamente delicada”. Somente em 22 de agosto, observou Harrison, “quando os pessimistas voltavam a cair no desânimo e na dúvida, recebemos a confirmação oficial de que chegara ao fim o conflito mais intenso que o mundo conheceria. Um comandante de campo japonês, com o rosto transtornado e lívido, dirigiu-se aos prisioneiros de guerra reunidos e comunicou-lhes que as hostilidades haviam terminado em 18 de agosto. Pediu-nos que ficássemos no campo até que nosso regresso à pátria fosse possível, mas quebraríamos suas esperanças, uma vez que os ocupantes do campo de concentração de Nakamura seriam os únicos a percorrer o Japão com todo o zelo de turistas entusiásticos”.

Entre as cidades visitadas por Harrison e por muitos de seus companheiros, estava Hiroshima. “A realidade”, escreveria Harrison, “era a moça com o rosto cheio de cicatrizes que passou por nós, baixando o olhar. E o sem-fim de pessoas que se cruzavam conosco, desanimadas e inertes; pessoas feridas, pessoas queimadas, pessoas apáticas. Pessoas que nunca nos mostraram o menor sinal de hostilidade ou ressentimento. Perante aquela tragédia enorme que nos deprimia e assombrava além do que as palavras podem dizer, decidimos partir naquele mesmo dia. Pouco nos retinha ali; nada para ver, nenhum lugar onde ficar, nada para comer, nada para beber”. Harrison acrescentou:

Para a nossa tranquilidade de espírito, nada sabíamos sobre os requintes da idade nuclear, sobre as doenças devidas às radiações e assim por diante, e, embora ocasionalmente reparássemos numa estátua ou numa peça de metal estranhamente fundidas, que nos suscitavam um segundo olhar, não trouxemos qualquer recordação. Não se saqueia um túmulo.

Retribuição e memória

1945-1952

No período imediatamente posterior à guerra, registraram-se numerosas tentativas de apagar seus vestígios. Perto de Cingapura, onde sete prisioneiros de guerra americanos haviam sido executados onze dias antes da rendição do Japão, Oka Harumitsu ouviu que, assim que um dos oficiais responsáveis pelas execuções fora informado da rendição, em 15 de agosto de 1945, ele e os outros algozes dirigiram-se imediatamente ao aeroporto de Niyusun, desenterraram os cadáveres das vítimas, levaram-nos para o campo, queimaram-nos numa grande fogueira e lançaram as cinzas ao mar. “As chamas não atraíram as atenções”, recordaria Harumitsu, “porque havia incêndio por todos os lados, em todas as instalações do exército e da marinha, destinado a queimar todos os registros e documentos militares das forças aliadas”.

Na Manchúria, e especialmente ao redor de Mutanchiang, as forças japonesas continuaram a lutar ao longo dos dias 16, 17, 18 e 19 de agosto contra os atacantes soviéticos. No fim das batalhas, haviam morrido 8.219 soldados soviéticos. Os japoneses haviam perdido mais de quarenta mil homens. Na noite de 19 de agosto, após novos avanços soviéticos em Hutou, centenas de japoneses se suicidaram com granadas para evitar a desonra da captura.

Também em 19 de agosto, o dirigente da guerrilha comunista vietnamita, Ho Chi-minh, tomava o poder no Vietnã do Norte; três dias mais tarde, uma força militar da França Livre saltava sobre o Vietnã do Sul, transportada pela aviação britânica. Um novo conflito começara.

Em 23 de agosto, os russos ocuparam Port Arthur; a derrota perante os japoneses, quarenta anos antes, fora vingada. A conquista russa do sul de

Sakhalin completava-se passados dois dias. A Rússia, como os Estados Unidos, era agora uma potência vitoriosa no Pacífico.

Por toda a parte, entretanto, eclodiam novos conflitos. Em 25 de agosto, um grupo dos serviços especiais americanos, composto por quatro homens e comandado pelo capitão John Birch, foi interceptado por uma patrulha das forças comunistas chinesas; seguiu-se uma discussão, foram trocados insultos e Birch foi morto. Nos Estados Unidos, houve quem, orgulhosamente, designasse Birch como “a primeira baixa da Terceira Guerra Mundial, entre os comunistas e o cada vez menor Mundo Livre”. A sociedade direitista que receberia o nome de John Birch seria uma destacada organização anticomunista, atuando tanto nos Estados Unidos quanto no exterior.

No quadro da operação Birdcage, 33 mil folhetos foram lançados sobre noventa campos de concentração de prisioneiros de guerra e em 150 outras localidades do norte da Malásia, Birmânia e Tailândia, explicando que a guerra terminara e que os socorros não tardariam; na última semana de agosto, essas medidas seriam continuadas pela operação Mastiff, com o lançamento de medicamentos para os prisioneiros; o remédio oferecido em maior quantidade – um milhão de embalagens numa semana – foi Atabrine, uma droga preventiva da malária. A aviação aliada também iniciara a remoção de prisioneiros que se encontravam no extremo Oriente; na última semana de agosto, foram transportados quatro mil homens. Na Grã-Bretanha, continuavam presos 394 mil alemães, estando mais da metade empregada em trabalhos agrícolas; a propriedade rural de Churchill em Kent estava entre as unidades agrícolas onde prisioneiros de guerra alemães trabalhavam.

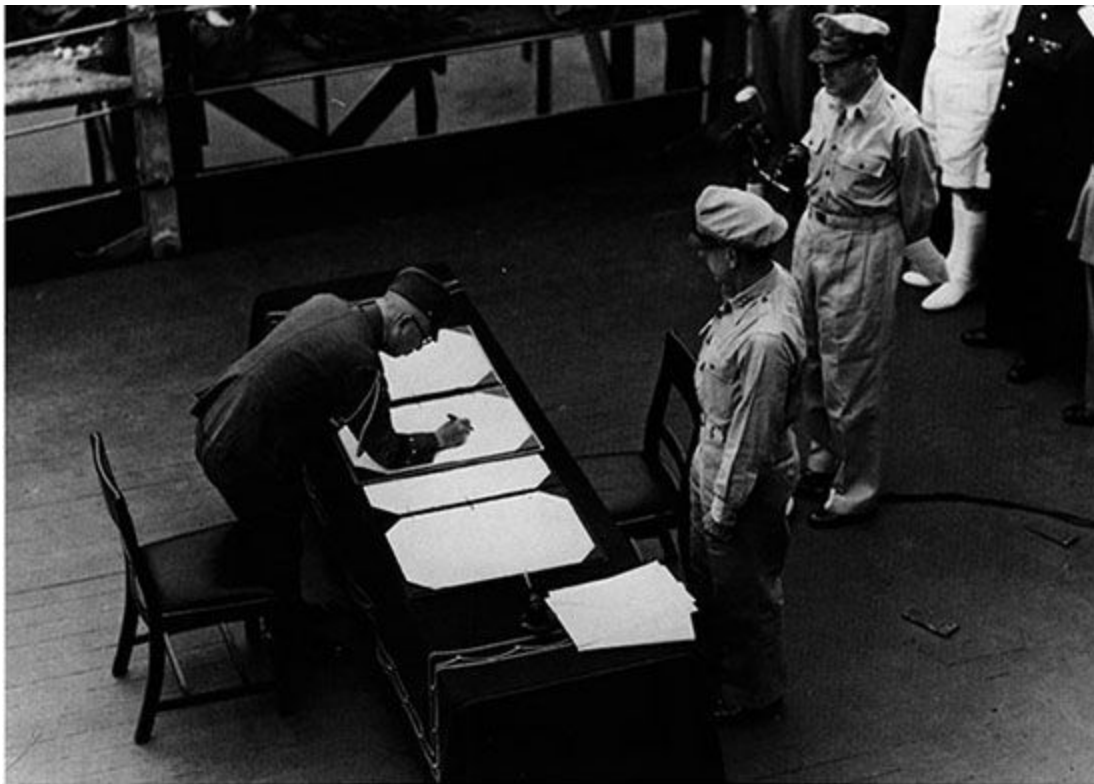
Em 25 de agosto, as tropas americanas entraram num campo de concentração em Haichow, na ilha de Hainan. Entre os 273 prisioneiros de guerra australianos presentes na abertura do campo, somente 130 ainda estavam vivos. Entre estes, somente oito estavam em condições de participar das últimas cerimônias fúnebres.

Contudo, nenhum soldado aliado, à exceção dos prisioneiros, pisara em território japonês propriamente dito. Em 28 de agosto, um americano seria o primeiro a fazê-lo. Tratava-se do coronel Charles Trench, membro do estado-maior do general MacArthur, que, após desembarcar, à frente de uma pequena força de 150 homens, no aeródromo de Atsugi, perto de

Yokohama, telegrafou para o quartel-general de seu superior em Manila: “Não encontramos quaisquer ações hostis.” No dia seguinte, uma divisão americana aerotransportada desembarcou na base naval de Yokosuka. A ocupação do Japão começava. Na baía de Tóquio, diante de Yokohama, entravam os navios de guerra aliados, entre eles, em 29 de agosto, o couraçado americano *Missouri* e o couraçado britânico *Duke of York*.

Em 30 de agosto, uma força naval britânica reocupava Hong Kong. No mesmo dia, alguns oficiais médicos britânicos eram enviados, em paraquedas, para o campo de prisioneiros de guerra de Changi, em Cingapura; as tropas ainda estavam a caminho, por mar. Enquanto os médicos cumpriam sua missão junto aos prisioneiros, os ex-guardas japoneses continuaram a trabalhar, agora a serviço de seus antigos cativos. Na mesma data, o general MacArthur chegou ao Japão; numa cena extraordinária, que alarmou muitos americanos que acompanhavam o general, mais de trinta mil soldados japoneses formaram filas nas laterais da estrada, mantendo as baionetas erguidas enquanto MacArthur percorria os 24 quilômetros que levam do aeroporto de Atsugi a Yokohama.

No segundo dia de sua estada em Yokohama, o general impressionou-se com a imagem esquelética do general Jonathan M. Wainwright, a quem entregara o comando de Bataan e de Corregidor em 1942, quando Roosevelt ordenou-lhe que deslocasse seu quartel-general para a Austrália. O general Wainwright fora descoberto pelos russos num campo de concentração na Manchúria; depois, seguira num trem para Mukden e, daí, a bordo de um bombardeiro, até Chungking, Manila e, finalmente, através do Pacífico, alcançara Atsugi e Yokohama. Os quatro anos de cativeiro deixaram Wainwright esquelético e confuso, com cabelos brancos como neve e uma pele enrugada como pergaminho. Profundamente chocado, MacArthur não conseguiu comer nem dormir naquela noite.



A bordo do couraçado *Missouri*, na baía de Tóquio, em 2 de setembro de 1945, o general Umezu assina os termos da rendição do Japão. O general MacArthur está junto do microfone.

Em 31 de agosto, a longínqua guarnição japonesa na ilha de Marcus rendeu-se aos americanos. Em 1º de setembro, as tropas soviéticas concluíram a ocupação das Curilas, que se situam entre a ilha mais ao norte do Japão e a península de Kamchatka, no extremo Oriente soviético. Em 2 de setembro, as guarnições japonesas na ilha de Truk, nas Carolinas, de Pagan e de Rota, nas Marianas, e nas ilhas Palau entregavam-se aos americanos. No mesmo dia, a bordo do couraçado americano *Missouri*, na baía de Tóquio, o novo ministro das Relações Exteriores japonês, Mamoru Shigemitsu, e o chefe do exército do Japão, general Yoshijiro Umezo, assinavam a rendição de seu país na presença do general MacArthur, que também assinou o documento em nome dos aliados. A pedido de MacArthur, o ato foi presenciado pelo general Wainright e pelo general britânico Percival, que estivera em Cingapura como prisioneiro de guerra. “Estamos aqui reunidos”, disse MacArthur, “na qualidade de representantes das principais potências beligerantes, para firmar um acordo solene que restabeleça a paz. As questões, ligadas a ideias e ideologias divergentes, foram decididas nos campos de batalha de todo o mundo e, por isso, não nos compete analisá-las nem debatê-las agora...”.

Entre 250 navios de guerra aliados que se encontravam na baía de Tóquio em 2 de setembro contava-se o contratorpedeiro britânico *Whelp*; a bordo, seu primeiro-tenente, príncipe Philip, da Grécia, tinha a missão de reunir prisioneiros de guerra e transportá-los à Grã-Bretanha. Três dias mais tarde, tropas indianas chegavam ao campo de Changi, em Cingapura, colocando os guardas japoneses sob sua custódia.



O general MacArthur assina nos termos de rendição, em 2 de setembro de 1945. Por trás dele (à esquerda) está o general Wainwright, que fora prisioneiro dos japoneses desde a queda de Batran, e (à direita) o general Percival, que estava cativo desde a queda de Cingapura.

Em 4 de setembro, outra rendição aconteceu no Pacífico, quando os 2.200 soldados japoneses na ilha de Wake depuseram suas armas. Durante o período de cerca de dois anos em que a guarnição não fora atacada, 1.300 membros cercados haviam morrido de fome e outros seiscentos, vítimas de ataques aéreos americanos ocasionais. Três dias depois dessa rendição, todas as forças japonesas nas ilhas Ryukyu também se rendiam.

A evacuação de prisioneiros de guerra atingia seu ritmo máximo. Em 7 de setembro, navios de guerra aliados entravam no porto de Kiirun, em Formosa, para embarcarem 1.200 ex-prisioneiros. Oitenta e nove, entre estes, eram sobreviventes da marcha da morte de Bataan, que ocorrera em 1942. Na costa sul da Birmânia, perto de Moulmein, soldados japoneses continuavam a combater as forças especiais britânicas colocadas em ação durante o lançamento da operação Character. Os combates prolongaram-se até 8 de setembro, tendo perdido a vida, ao longo desse primeiro mês de paz, centenas de soldados japoneses.

Enquanto a operação Character chegava ao fim na Birmânia, a operação Controle começava na Indochina, numa tentativa das forças francesas, britânicas e indianas de, a partir de 8 de setembro, vencerem as guerrilhas comunistas locais e restaurarem a administração colonial francesa. Nessa primeira luta claramente anticomunista no pós-guerra, o comandante das forças francesas, coronel Cedile, utilizou como soldados 1.400 ex-prisioneiros de guerra recentemente libertados, enquanto o comandante britânico, general D. D. Gracey, recorreu a fortes tropas japonesas, que, até três semanas antes, faziam parte das forças ocupantes. Duas semanas depois, os soldados franceses derrubavam o governo provisório vietnamita, em Saigon; a retaliação dos vietnamitas não demorou, matando mais de cem ocidentais, entre os quais o comandante das forças clandestinas americanas. Quando, por fim, as forças britânicas saíram da Indochina, em maio de 1946, a guerra civil eclodia no território.

Em 12 de setembro, lorde Louis Mountbatten foi o representante máximo dos aliados na assinatura da rendição japonesa em Cingapura, apresentada pelo general Seishiro Itagaki. “Estou aqui”, declarou

Mountbatten, “para aceitar a rendição oficial de todas as forças japonesas no sudeste asiático. Quero deixar claro que esta não é uma rendição negociada. Os japoneses serão submetidos às forças superiores aqui reunidas”.

Enquanto Mountbatten falava, o general Slim, cujas forças garantiram a prolongada, árdua e dura reconquista da Birmânia, olhava, como recordaria, “para as máscaras sombrias e impassíveis que eram os rostos dos generais e almirantes japoneses sentados à nossa frente. Sua submissão não me comovia de maneira alguma. Perante eles, não senti a simpatia que um soldado tem por outros soldados e que sentira perante os alemães, os turcos, os italianos ou os franceses, a cujas rendições, dadas as vicissitudes da guerra, eu assistira. Sabia bem demais o que aqueles homens e seus subordinados haviam feito aos prisioneiros. Estavam ali sentados, separados de todo o resto da humanidade”.

O relato do general Slim continua:

Se eu não tinha sentimentos, eles, ao que parecia, também não sentiam coisa alguma, até o momento em que Itagaki, que substituíra o marechal Tarauchi, atingido por uma apoplexia, inclinou-se a fim de assinar o documento de rendição. Enquanto pressionava o papel com força, um espasmo de raiva e desespero contorceu-lhe o rosto. Foi apenas um instante; depois, tudo passou e sua máscara voltou a mostrar-se tão impassível quanto a expressão de seus companheiros. Lá fora, a mesma bandeira que fora descida na rendição de 1942 desfraldava-se no mastro. Havíamos vencido.

Em 18 de setembro, MacArthur transferia seu quartel-general para Tóquio, instalando, no antigo quartel-general japonês da região, o comando supremo das forças aliadas. Nove dias mais tarde, recebia a visita do imperador Hirohito. “Seja muito bem-vindo, Sir!” foram as palavras de MacArthur. “Foi a primeira vez que o ouvi chamar alguém de ‘Sir’”, recordaria o intérprete do general, Faubion Bowers.

Hirohito, embora não mais divino, continuaria a ser imperador do Japão. Seu país, escolhendo a democracia e a modernidade, gradualmente ultrapassou, no campo da indústria e da riqueza, seus adversários dos tempos de guerra. Na Alemanha Ocidental, também foram escolhidos novos dirigentes políticos, que restaurariam a democracia, a economia e a posição internacional do estado. A Alemanha Oriental, assim como

Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária e Albânia, seriam partes integrantes do bloco soviético; somente a Iugoslávia romperia com Moscou, em 1948, desenvolvendo um modelo comunista próprio.

Após as grandes destruições da guerra, surgiam numerosas exigências de reparações e restituições. Em 20 de setembro, um destacado membro da Organização Judaica da Palestina, Dr. Chaim Weizmann, enviou uma carta às potências vitoriosas, pedindo “restituições, indenizações e compensações”, a serem prestadas pela Alemanha, pelos crimes cometidos contra os judeus. Nove dias depois, o *New York Times* noticiava o desembarque de dezesseis “técnicos do Reich”, que haviam chegado ao porto de Boston a bordo de um navio para transporte de tropas. Um dos membros do grupo era o perito em mísseis Dr. Wernher von Braun.

Os britânicos, como os americanos, estavam interessados nas técnicas de guerra alemãs. Em 2 de outubro, na operação Backfire, um míssil V2 alemão foi lançado, sob direção dos britânicos, em Altenwalde, região sob seu controle. Porém, seriam os Estados Unidos, não a Grã-Bretanha, quem ofereceria aos cientistas e técnicos ligados aos mísseis melhores condições de pesquisa e trabalho. No total, 457 cientistas alemães seguiriam para os Estados Unidos nos dois anos e meio subsequentes ao fim da guerra na Europa.

Contudo, a questão dominante durante o outono e o inverno de 1945 foi a retribuição de golpes recebidos. Em 6 de outubro, na prisão de Pentonville, em Londres, cinco alemães, considerados culpados pelo assassinato de um companheiro de prisão após uma tentativa de fuga malograda em 1944, foram enforcados. Os assassinos acreditavam que a vítima atuava como informante dos britânicos. No mesmo dia, numa cela em Nuremberg, o Dr. Leonardo Conti, um dos médicos alemães que realizaram experiências em cobaias humanas nos campos de concentração, suicidou-se. O ex-primeiro-ministro francês, Pierre Laval, declarado culpado de traição por um tribunal de Paris, tentou também suicidar-se em outubro, mas a tentativa falhou e ele seria fuzilado no dia 15.

Três dias depois de sua execução, o tribunal militar internacional reuniu-se em Berlim, onde os representantes americanos, britânicos,

franceses e russos determinaram que os dirigentes nazistas deveriam ser julgados segundo quatro acusações principais:

1. Plano comum ou conspiração em vista da tomada de poder e da instauração de um regime totalitário, destinado a preparar e a desencadear uma guerra de agressão.
2. Início de uma guerra de agressão.
3. Violação das leis de guerra.
4. Crimes contra a humanidade, perseguições e extermínio.

Em 20 de outubro, 22 nazistas foram acusados desses crimes. Como não existia, em Berlim, um edifício suficientemente grande e não danificado que pudesse funcionar como tribunal, foi decidido que os principais julgamentos por crimes de guerra decorreriam em Nuremberg, enquanto outros julgamentos se realizariam em certos campos de concentração. Entretanto, os processos a cargo de sistemas de justiça nacionais, como aquele referente a Pierre Laval, na França, prosseguiram. Em 24 de outubro, Vidkun Quisling, declarado culpado por “colaboração criminosa” com a Alemanha, era executado por um pelotão de fuzilamento norueguês, em Oslo. No mesmo dia, em sua cela em Nuremberg, Robert Ley, um dos mais antigos apoiadores de Hitler, suicidava-se.

Na Índia, os britânicos estavam decididos a julgar os principais membros do exército nacional indiano. Subhas Chandra Bose não poderia responder perante a justiça: morrera durante a queda de um avião, em Formosa, nos últimos dias da guerra. Para os nacionalistas indianos, o julgamento iminente de tais homens, embora houvessem lutado ao lado dos japoneses, criava um grande mal-estar. “A Índia adora esses homens”, escreveu Gandhi, enquanto Nehru, que, em 1942, opusera-se vigorosamente à aliança entre o exército nacional indiano e o Japão, qualificava o que os membros dessa organização fizeram como uma “corajosa aventura” resultante de “apaixonado desejo de servir à causa da liberdade da Índia”.

O primeiro processo de membros do exército nacional indiano começou em 5 de novembro, no forte Vermelho, em Délhi. Três acusados, Shah Nawaz Khan, Singhara Singh e Fateh Khan, foram considerados culpados por atos de guerra contra o rei e de incitamentos a assassinatos e a atos de violência, sendo condenados à morte. As

sentenças de morte foram, depois, comutadas em penas de “encarceramento rigoroso”. Em protesto contra as decisões do tribunal, registraram-se numerosos atos de violência em Calcutá, Bombaim e Délhi, onde hindus e muçulmanos reuniram forças para incendiar bondes e ônibus em vias públicas. Durante os motins em Calcutá, morreram 45 civis e a lei marcial foi imposta à cidade. Ao fim de três meses, onze mil soldados do exército nacional indiano eram postos em liberdade. Voltaram para suas terras como heróis nacionais. “O poder hipnótico do ENI – Exército Nacional Indiano – exerce sua atração sobre nós”, comentou Gandhi.

Ao longo de outubro e até em novembro de 1945, alguns grupos de japoneses, em ilhas isoladas ou enclaves costeiros, apresentaram, finalmente, suas rendições. Em 6 de outubro, a guarnição de Jesselton, em Bornéu, rendia-se; em 9 de outubro, a guarnição nas ilhas Andaman e Nicobar; em 19 de outubro, as forças da marinha em Mergui, na Birmânia; em 21 de outubro, as forças em Pedang, Sumatra; em 25 de outubro, as forças em Thaton, na Birmânia. Havia ainda algumas unidades isoladas na selva; somente ao longo de fevereiro e março de 1946, os últimos soldados japoneses encontrariam um oficial aliado a quem oferecer suas espadas e sua capitulação.

Em 30 de outubro, numa instalação americana, em Portland, Maine, o *Albert H. Boe* estava pronto para lançar-se ao mar. Tratava-se do último entre os 2.742 navios Liberty construídos em série. Mais de duzentos navios Liberty haviam sido afundados pelas ações inimigas. Agora, esses barcos estavam destinados a trazer à pátria os prisioneiros de guerra ainda no extremo Oriente; no período de nove meses, 96.575 prisioneiros militares e civis regressaram ao Ocidente.

A data prevista para a invasão ao Japão, a partir da ilha de Kyushu, fora 1º de novembro, que marcava o 78º dia desde a rendição japonesa. No Japão, pessoas ainda morriam em consequência das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. Havia também, embora em número muito menor, ex-prisioneiros de guerra aliados que morriam após terríveis maus-tratos sofridos durante o cativeiro, vítimas de crueldades deliberadas, prolongadas e sádicas. Esses atos começavam,

agora, a ser conhecidos. Em 5 de novembro, dezesseis oficiais e soldados japoneses, suspeitos da execução de prisioneiros de guerra americanos na ilha de Wake, foram levados a Kwajalein, onde seriam julgados. Durante a viagem, dois réus suicidaram-se. Um terceiro oficial, contudo, o comandante adjunto Torashi Ito, escreveu, na prisão, um relato pormenorizado das execuções. Depois, suicidou-se.

As atrocidades praticadas na Europa também eram postas em evidência durante os processos por crimes de guerra. No dia 15 de novembro, começou, na Alemanha, o julgamento do comandante, de quarenta guardas e de um médico civil presentes no campo de Dachau. O julgamento aconteceu no local dos crimes. Durante o julgamento, o médico, Klaus Karl Schilling, antigo professor de parasitologia da Universidade de Berlim e membro da Comissão de Combate à Malária da Liga das Nações, pediu autorização para registrar por escrito os resultados de suas experiências, em benefício da ciência médica. As experiências em questão haviam sido feitas em seres humanos. O Dr. Schilling foi condenado à morte.

Dos campos de concentração libertados e dos recém-criados campos de acolhimento para desalojados, espalhados por toda a Europa Central, os judeus punham-se em movimento – alguns para cidades que já não existiam ou para povoações onde seriam considerados indesejáveis; outros à procura de novos portos na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. No entanto, a maior parte desejava fixar-se na Palestina. Em 13 de novembro, porém, o secretário das Relações Exteriores britânico, Ernest Bevin, anunciou que se mantinham em vigor as restrições anteriores à guerra sobre a imigração para a Palestina: seriam autorizados a entrar na Palestina, ao longo do ano, treze mil judeus, não mais. Ainda assim, pelo menos cem mil sobreviventes judeus, decididos a não ficarem na Europa, que consideravam um cemitério, percorriam o continente, atravessando fronteiras, rios e cadeias de montanhas. O êxodo, conhecido como operação Retirada, foi organizado por judeus que sobreviveram à ocupação alemã na Europa e por judeus na Palestina, em serviço nas fileiras do exército britânico. “Púnhamos nossos homens em uniformes”, recordaria Abba Geffen, um dos participantes da ação, “com a insígnia CAJR costurada na manga esquerda. Nem os austríacos nem os americanos sabiam exatamente o que queriam dizer as iniciais. Também

forneçíamos a eles documentos, mostrando-os fotografados em seus uniformes e com um carimbo oficial. Depois, começava o transporte. Nas fronteiras, alguns podiam ser barrados, devido à falta deste ou daquele carimbo. Não discutíamos. Pedíamos aos guardas para nos explicarem, com toda a precisão, que carimbo faltava e, se possível, que nos dessem um documento autêntico, com o carimbo necessário, como exemplo. Recuávamos, chamávamos nossos dois especialistas em carimbos e garantíamos que, na ocasião seguinte, não faltassem os timbres necessários. E o truque dava certo!”

Enquanto os judeus tentavam fugir da Europa, seus perseguidores – ao menos aqueles que não haviam conseguido escapar – respondiam em tribunal. Em Lüneberg, um tribunal militar britânico julgava o comandante do campo de Belsen, Josef Kramer, de 38 anos, que anteriormente prestara serviço em Auschwitz, Mauthausen e Dachau. Durante o processo, Kramer descreveu como, em Auschwitz, participara do assassinato, em câmaras de gás, de um grupo de oitenta mulheres, em agosto de 1943. Interrogado sobre o que sentira na ocasião, respondeu: “Não tive sentimentos pessoais; tratava-se de uma ordem. Acontece que fui ensinado assim.”

Kramer foi condenado à morte e enforcado. Também julgados, e mais tarde condenados à morte, seriam treze entre 22 dirigentes nazistas, cujo processo se iniciara em Nuremberg, em 20 de novembro, e continuaria durante quase um ano, revelando ao tribunal e ao mundo provas sólidas do extermínio de massa e das atrocidades cometidas. Mais de cem mil documentos recolhidos pelos aliados foram estudados antes da abertura do processo; desses documentos, quatro mil foram traduzidos do alemão para os idiomas inglês, russo e francês, sendo utilizados como provas nos julgamentos.

Em 25 de novembro, as autoridades da marinha de guerra britânica desencadearam a operação Deadlight, reunindo e afundando os submarinos capturados aos alemães. Oitenta e seis submarinos foram concentrados nas águas da Escócia Ocidental, em Loch Ryan, e outros 24, ao largo de Lisahally, na Irlanda do Norte, e afundados por meio de um bombardeamento aéreo. Na Grã-Bretanha e por toda Europa, peritos

em minas e explosivos arriscavam suas vidas para desarmar milhares de bombas e granadas que a guerra deixara para trás; em 27 de novembro, técnicos britânicos extraíram a última bomba alojada no paiol subterrâneo de Fauld, que explodira um ano antes.

Não se passava um dia, durante o inverno de 1945, sem que os jornais publicassem notícias acerca dos julgamentos dos crimes de guerra; em 10 de dezembro, em Aurich, na Alemanha, o general da SS Kurt Meyer foi acusado, perante um tribunal marcial canadense, do massacre de pelo menos 41 prisioneiros de guerra dessa nacionalidade, ocorrido em junho de 1944. No mesmo dia, num campo americano para prisioneiros de guerra, em Bad Tölz, um dos oficiais nazistas responsáveis por deportações de judeus da França e da Grécia conseguiu suicidar-se. Em Londres, um jovem inglês, John Amery, era levado a julgamento. Seu pai, Leo Amery, fora parte do corpo administrativo de Churchill nos anos de guerra. Seu irmão, Julian Amery, saltara no interior das linhas alemãs, na Albânia, desempenhando um papel na organização das forças de guerrilha e nos ataques contra as linhas de comunicação alemãs. John Amery era acusado de persuadir prisioneiros de guerra britânicos a alistarem-se junto ao Corpo de Voluntários Britânicos, a serviço do inimigo. Declarado culpado, foi enforcado em 19 de dezembro.

Junto com a desforra, chegava a reconstrução. Em 27 de dezembro, era criado um Banco Internacional para a Recuperação e o Desenvolvimento (BIRD), com o objetivo de assegurar financiamentos públicos e privados para “a restauração das economias destruídas ou afetadas pela guerra, a reconversão das unidades produtivas segundo as necessidades dos tempos de paz e o apoio ao desenvolvimento dos recursos e da capacidade produtiva dos países menos desenvolvidos”.

O emprego dos cientistas alemães, tanto a serviço do Leste quanto do Ocidente, foi outro aspecto da reconstrução. Oito dias depois da criação do banco internacional, um grupo de oito especialistas alemães em construção de submarinos, dirigido por Helmuth Walter, chegava ao centro de pesquisa naval em Barrow-in-Furness, na Inglaterra; os técnicos haviam sido precedidos por um submarino alemão que utilizava peróxido de hidrogênio como energia e que fora afundado no período da rendição e, depois, recuperado.

Em 1º de janeiro de 1946, em Corregidor, um soldado da Companhia Americana de Registro de Sepulturas surpreendeu-se ao ver uma fila formada por cerca de vinte soldados japoneses caminhando em sua direção e agitando algumas peças de roupa como bandeiras de rendição: desde o fim da guerra, quatro meses e meio antes, os soldados viveram num dos profundos túneis subterrâneos da ilha, desconhecendo o fim do conflito. Somente certa noite, ao sair para procurar água, um soldado encontrara um jornal, cuja leitura tornava evidente que o Japão se rendera muito tempo antes.

O ritmo de retribuição dos golpes recebidos não diminuiu com o começo do primeiro ano de paz. Em 3 de janeiro, o comentarista William Joyce, lorde Haw-Haw, era enforcado em Londres, assim como um antigo membro da União dos Fascistas Britânicos, o soldado Church, que desertara para juntar-se aos italianos no norte da África, oferecendo seus préstimos aos serviços de espionagem inimigos. Seu protesto de que, sendo cidadão suíço, não podia ser condenado na Grã-Bretanha, não foi atendido. Church seria enforcado em 5 de janeiro. Enforcado também, do outro lado do canal da Mancha, em Lille, era Jacques Desoubrie, que denunciara vários compatriotas franceses à Gestapo durante o verão de 1943. Em 9 de janeiro, em Paris, dois policiais franceses procuravam Harold Cole, homem que denunciara aos alemães a rede de evasão Pat e que deveria ser interrogado. Cole abriu fogo contra os policiais, ferindo um; o outro atingiu-o mortalmente com um tiro.

Também chegavam compensações, terminada a guerra, para aqueles cujo sofrimento e coragem somente agora, graças a testemunhas oculares disponíveis, podiam ser conhecidos. Em 16 de janeiro de 1946, a cruz de Guerra com Estrela de Ouro foi atribuída, a título póstumo, à agente britânica Noor Inayat Khan, que, embora denunciada à Gestapo pouco após sua entrada na França, em 1943, recusara-se a colaborar com os alemães, tendo sido fuzilada um ano mais tarde. Passados três anos, também receberia a cruz George.

Em Tóquio, o general MacArthur criava, em 19 de janeiro, um tribunal militar internacional para o extremo Oriente; onze nações participaram dos julgamentos. No mesmo dia, quinhentos soldados americanos e poloneses eram obrigados a utilizar gases lacrimogêneos para, no contexto da operação Keelhaul, repatriar à força 339 cidadãos soviéticos,

que, tendo lutado ao lado dos alemães durante a guerra, encontravam-se internados em Dachau. Os prisioneiros russos opuseram-se à medida de repatriamento, lutando contra os guardas, mas foram dominados.

Em Los Banos, nas Filipinas, o general Tomoyuki Yamashita era enforcado em 23 de fevereiro, após ser considerado culpado, por um tribunal militar americano, de cometer brutalidades contra americanos e filipinos. Uma semana depois, o mesmo tribunal condenava à morte por fuzilamento o general Masaharu Homma, declarado responsável pela marcha da morte de Bataan.

As maiores preocupações dos Estados Unidos, após quatro anos voltadas para a Alemanha e o Japão, concentravam-se na União Soviética. Em 28 de fevereiro, James F. Byrnes, secretário de Estado americano, declarou num discurso em Nova York: “Se somos uma grande potência, temos de agir como uma grande potência, não somente em vista de nossa própria segurança, mas em vista da manutenção da paz mundial.” Seis dias depois, no Westminster College, em Fulton, Missouri, Winston Churchill assinalava o perigo da pressão soviética contra a Turquia e o Irã, prevenindo:

De Stettin, no Báltico, a Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro desceu sobre o continente. Por trás dessa cortina, estão as capitais de todos os antigos estados da Europa Central e Oriental. Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado, Bucareste e Sófia: todas essas cidades e suas populações estão no âmbito daquilo que chamarei de esfera soviética e encontram-se submetidas, de uma forma ou de outra, não apenas à influência soviética, mas a um elevado e, em muitos casos, crescente controle por parte de Moscou. Somente Atenas – na Grécia imortalmente gloriosa – tem a liberdade de decidir seu futuro por meio de eleições, na presença de observadores britânicos, americanos e franceses.

Churchill continuou, defendendo a necessidade de “uma nova unidade na Europa”, em que nação ficasse “permanentemente excluída”; tratava-se de uma “grande pacificação da Europa”, como identificou Churchill, “no contexto da organização das Nações Unidas e de acordo com sua carta”. Tal necessidade revestia-se da maior urgência, na opinião do estadista britânico. Mesmo “fora da cortina de ferro”, na Itália e na

França, em lugares muito distantes das fronteiras russas e “por todo o mundo”, inclusive no extremo Oriente, os partidos comunistas e suas quintas colunas “constituem um perigo e um desafio crescentes para a civilização cristã”. Quanto ao objetivo soviético, Churchill dizia não acreditar “que a Rússia deseje a guerra. O que os soviéticos desejam são os frutos da guerra e a expansão indefinida de seu poder e suas doutrinas. Mas aquilo com o que precisamos nos ocupar, enquanto ainda é tempo, é a prevenção, em termos permanentes, da possibilidade da guerra e a garantia de condições de liberdade e democracia em todos os países em que tal seja possível”.

Começavam a definir-se novas alianças e novos grupos de estados em confronto, dominados pelo bloco do Leste ou pelo bloco Ocidental, criando este um sistema de defesa baseado na Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN), instaurado em 1949, em que os Estados Unidos eram o membro mais forte, e organizando o Leste, seis anos mais tarde, o Pacto de Varsóvia, sob a influência preponderante da União Soviética.

Entretanto, a desforra, parte integrante da vitória e da derrota, continuava a exercer-se: em 27 de abril, em Cingapura, o general Shempei Fukuei, considerado culpado do assassinato de prisioneiros de guerra aliados, foi conduzido, em Cingapura, ao local de uma das execuções que ordenara e fuzilado. Sua última palavra, como fizeram centenas de milhares de soldados japoneses ao avançarem sobre o inimigo, foi “Banzai!” – o que significa “Dez mil anos!” e designa a longevidade do imperador. O imperador, contudo, já não era divino, e, tal como o Reich de Mil Anos de Hitler, que não vingara, a Nova Ordem asiática, com todas as suas violências, transformara-se num pesadelo do passado.

As nações vencedoras e os povos atacados obtinham uma pequena compensação através dos julgamentos e das condenações realizados nos primeiros anos do pós-guerra, uma vez que era impossível ressuscitar aqueles que haviam sido assassinados em atos que contradiziam todas as leis da guerra. Em 7 de maio de 1946, Anton Mussert, fundador do Movimento Nacional-Socialista holandês e decidido apoiante da dominação nazista sobre seu país, foi enforcado em Haia. Duas semanas

mais tarde, em 22 de maio, Karl Hermann Frank, ex-chefe da polícia de Hitler na Boêmia e na Morávia, foi declarado culpado por um sem-fim de assassinatos e enforcado em Praga, tendo sua execução sido presenciada por cinco mil pessoas. Em Poznan, Artur Greiser, antigo *Gauleiter* da província alemã de Warthegau, foi condenado à morte em 20 de junho, transportado numa cela móvel através da cidade e, finalmente, enforcado na praça diante de seu antigo palácio.

Além dos processos, celebrações assinalavam a transição da guerra para a paz; em 2 de junho, realizou-se um desfile da vitória em Londres. Os representantes soviéticos, poloneses e iugoslavos convidados a participar da cerimônia recusaram-se a comparecer.

A arma que derrotou o Japão não seria enterrada com os estragos que causara. Em 1º de julho de 1946, os Estados Unidos explodiram sua primeira bomba atômica no pós-guerra, no atol de Bikini, nas ilhas Marshall. Entre os navios contra os quais a força da bomba foi testada, contava-se o outrora temido couraçado alemão *Prinz Eugen*. O navio sobreviveu à explosão, ao contrário dos outros cinco navios participantes da experiência. Cinco meses depois, seria afundado.

Em 4 de julho de 1946, dia da Independência dos Estados Unidos, era proclamada a República das Filipinas, que se tornava um estado independente após mais de cinquenta anos sob administração americana, sendo o primeiro país vítima da ofensiva japonesa de 1941 a alcançar a liberdade em relação à sua potência colonizadora. As dependências britânicas – Birmânia, Malásia e Cingapura –, as holandesas – Indonésia e Bornéu – e a Indochina francesa declarariam sua independência ao longo das décadas seguintes.



O marechal Goering,
durante o julgamento de
Nuremberg, em 13 de março
de 1946.
Condenado à morte,
suicidou-se em 15 de
outubro de 1946.



O general Tojo em julgamento em Tóquio, em 24
de dezembro de 1947. Condenado à morte, foi
executado em 23 de novembro de 1948.

Ao lado das independências – muitas vezes conseguidas ao término de violentas guerras civis –, o pós-guerra produziu imediatamente muitas “horríveis criaturas”, de acordo com a expressão que Churchill usara após a Primeira Guerra Mundial. Quatro de julho, como exemplo, constituiu uma tragédia para 42 judeus da cidade polonesa de Kielce; os judeus, todos sobreviventes das perseguições nazistas, foram assassinados por um motim antissemita. Um dos assassinados não tinha quaisquer documentos que o identificassem. O único indício relativo ao seu passado era um número tatuado no braço: B 2969. Os números entre B 2903 e B 3449 haviam sido atribuídos aos judeus que chegaram a Auschwitz em 2 de agosto de 1944, vindos da cidade polonesa de Radom, a oitenta quilômetros de Kielce. Pelo menos quinhentos judeus dessa leva, em sua maioria mulheres, crianças e velhos, haviam sido gaseados à chegada ao campo. Agora, um sobrevivente da deportação transformava-se em vítima, catorze meses após o fim da guerra na Europa e cerca de dois anos após os alemães serem expulsos de Kielce.

Em 1º de agosto de 1946, em Washington, a fim de estabelecer uma utilização construtiva para os excedentes da produção de guerra norte-americana, foi introduzida uma emenda no Surplus Property Act, de

1944, autorizando a venda de material de guerra e afins americanos e a aplicação das receitas num programa de apoio à educação destinado a todo o mundo. Esse desvio de recursos de guerra para fins de educação fora uma ideia do senador J. William Fulbright, cujo nome seria atribuído às bolsas instituídas pelo programa. Posteriormente, acordos de intercâmbio foram assinados pelos Estados Unidos com mais de sessenta países, tendo sido os primeiros a China, as Filipinas e a Grécia.

Ao longo de 1946, prosseguiram os julgamentos e as execuções de criminosos de guerra nos territórios anteriormente ocupados pela Alemanha. Em 14 de agosto, Robert Wagner, ex-chefe da administração civil alemã na Alsácia, que, em outubro de 1940, organizara a deportação de judeus alemães para campos de concentração nos Pirineus, foi condenado à morte e executado por um tribunal militar francês.

Em setembro, os aliados começaram a repatriar os prisioneiros de guerra alemães; somente na Grã-Bretanha, seriam repatriados 394 mil alemães. Em Chipre, onde estavam presos mais de cinco mil soldados alemães, sua última tarefa foi a construção de uma estrada de ferro entre Nicósia e o campo de concentração de Caraolos, onde se encontravam presos, por trás de uma vedação de arame farpado, milhares de sobreviventes judeus detidos pelas autoridades britânicas quando tentavam entrar ilegalmente na Palestina.

Enquanto os prisioneiros de guerra alemães regressavam à pátria, o tribunal militar internacional, em Nuremberg, condenava à morte doze dirigentes políticos alemães atuantes nos anos de guerra. Em 3 de outubro, após julgamentos individuais, quatro assassinos de crianças judias que agiram em Bullenhuser Damm foram enforcados na prisão de Hameln pelo algoz britânico Albert Pierrepoint. Em Nuremberg, Herman Goering escapou à forca, suicidando-se em 15 de outubro. Os outros condenados à morte foram enforcados no dia seguinte, entre eles Ernst Kaltenbrunner, que, em 1943 e 1944, fora responsável pelo conjunto de campos de concentração nazistas, o marechal de campo Keitel que, em 1941 e 1942, autorizara a execução de comissários soviéticos e o extermínio em massa de mulheres e crianças na Rússia ocupada, Hans Frank, o “matador de poloneses” e assassino de judeus, Julius Streicher,

cujo jornal violentamente antissemita, *Der Stürmer*, alimentara o ódio racial, o general Jodl, responsável operacional do supremo comando das forças armadas da Alemanha entre 1939 e 1945, e Joachim von Ribbentrop, ministro das Relações Exteriores do Reich entre 1938 e 1945. O carrasco foi o sargento americano John C. Wood. Na manhã seguinte, os corpos foram transportados para Dachau e cremados; à noite, as cinzas seriam lançadas num rio, nos arredores de Munique.

Em 26 de outubro, Otto Thierack, ministro da Justiça do Reich entre 1942 e 1945, enforcava-se no campo prisional de Neumunster, a fim de evitar julgamento. Seis semanas depois, em 9 de dezembro, começou, em Nuremberg, o julgamento de 23 médicos e cientistas da SS, acusados de realizar experiências em prisioneiros dos campos de concentração – em geral, judeus, ciganos e soldados russos. Sete entre os 23 réus foram condenados à morte, entre eles Viktor Brack, funcionário superior da chancelaria de Hitler e detentor da patente de coronel da SS, Karl Brandt, médico de Hitler e ministro da Saúde, além de general da SS, Karl Gebhardt, médico de Himmler, médico responsável da SS e presidente da Cruz Vermelha alemã.



O esqueleto de um dos membros da tripulação do bombardeiro americano *Lady Be Good*, que caiu no deserto líbio, em 5 de abril de 1943. Os restos do avião e da sua tripulação foram encontrados por acaso em 9 de novembro de 1958.

“Isso não passa de vingança política”, declarou o Dr. Brandt ao subir ao cadafalso. “Limitei-me a servir à minha pátria, como outros antes de mim...”. Contudo, enquanto Brandt dizia essas palavras, o capuz negro cobriu-lhe cabeça e seguiu-se o enforcamento.

Os julgamentos de Nuremberg seriam motivo de grande controvérsia. Em especial, seria objeto de críticas a acusação de “preparação de uma guerra de agressão”, que poderia ser igualmente aplicada ao ataque da União Soviética contra a Finlândia. Também irritou a alguns círculos ocidentais que o massacre de prisioneiros de guerra poloneses na floresta de Katyn houvesse sido excluído das investigações graças à insistência soviética. Havia também quem argumentasse que a Grã-Bretanha e a França, tendo apoiado, embora com relutância, a anexação da Áustria e dos Sudetos por Hitler, em 1938, e da Boêmia e da Morávia, em 1939, haviam sido cúmplices das etapas iniciais da guerra de agressão. Porém, apesar das reservas, era evidente que os condenados haviam praticado crimes de guerra e atos de terror mais do que suficientemente documentados. Homens como o Dr. Brandt, que estivera implicado, ao nível máximo de responsabilidade, no programa de eutanásia dos nazistas, podiam falar em “vingança política”, mas, para as milhões de pessoas que sofreram e sobreviveram e para os libertadores que começavam a entrever os resultados da política racial nazista, tais protestos eram hipócritas e absurdos.

Em 11 de dezembro de 1946, com o intuito de minorar os efeitos das carências provocadas pela guerra, em escala mundial, entre 1939 e 1945, as Nações Unidas criavam um fundo emergencial de apoio a crianças e mães necessitadas, a UNICEF. Ainda assim, os julgamentos continuavam. Entre os executados em 1947, estavam Karel Curda, tchecoslovaco cuja traição levava à morte de compatriotas responsáveis pelo assassinato de Heydrich, em 1942, Max Knipping, dirigente da milícia francesa no norte da França e responsável pelo assassinato do ex-ministro das Colônias, Georges Mandel, e o general Helmuth von Pannwitz, enforcado em Moscou, em 16 de janeiro de 1947, por sua participação no assassinato de dezenas de milhares de civis russos atrás das linhas da frente oriental.

Em 7 de abril, Rudolf Höess, ex-comandante em Auschwitz, foi enforcado perto da casa onde vivera com a mulher e seus cinco filhos, dentro do campo, enquanto ali trabalhou. Em 12 de abril, na Bélgica, dezesseis cidadãos que haviam participado de torturas sádicas sobre os prisioneiros do campo de Breedonck, perto da Antuérpia, também foram executados; dada a natureza de seus crimes, seriam fuzilados pelas costas. Em Praga, Paul Rafaelson, ex-prisioneiro no campo de trabalho de Sozen, foi condenado à morte, em 4 de maio, e enforcado por crueldades cometidas em seus companheiros de cativeiro. “É o primeiro criminoso judeu enforcado pela prática de atrocidades”, registrava uma agência de notícias local.

Também em 4 de maio, os primeiros entre os 82 mil prisioneiros de guerra alemães internados em diversos campos no Egito regressaram à Alemanha. “Aqueles que continuam a ser nazistas e fascistas convictos”, escreveu o *Palestine Post* na data, “num total de cinco mil, serão os últimos a ser repatriados”.

Nem todos os condenados à morte por crimes de guerra foram executados. O marechal Kesselring, condenado à morte por um tribunal marcial britânico, em 6 de maio, por autorizar o fuzilamento de 335 civis italianos como represália a atividades de resistentes, veria sua pena comutada em prisão perpétua; mais tarde, cinco anos após a condenação, seria perdoado e posto em liberdade. Menos sorte teve o general Friedrich-Wilhelm Müller, detentor da cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho e Espadas, considerado, por um tribunal grego, culpado de brutalidades cometidas sobre civis e executado, em Atenas, em 20 de maio. O mesmo dia foi assinalado, também na capital grega, pela execução de Bruno Bauer, ex-governador de Creta, que encabeçara uma luta implacável contra os resistentes atuantes na ilha.

No esforço de reconstrução da segurança e das ruínas em que se transformara a Europa, sucediam-se medidas de defesa e auxílio material. Em 4 de março de 1947, os governos francês e britânico assinavam, em Dunquerque, um tratado obrigando as duas partes a auxílio mútuo no caso de um ataque alemão. Ao mesmo tempo, o ex-responsável pela defesa americana, e então secretário de Estado, general

George C. Marshall, definia um plano de auxílio econômico americano aos países europeus. Em 5 de junho, o plano era proposto a todas as nações ex-beligerantes. A União Soviética não apenas recusou o auxílio americano como convenceu todos os países do bloco comunista, incluindo a Tchecoslováquia, que até então agira com certa independência, a fazerem o mesmo. Na realidade, o gabinete tchecoslovaco decidira, por unanimidade, em 7 de julho, aceitar o Plano Marshall, mas seus membros, chamados imediatamente a Moscou, voltaram atrás na decisão, evidenciando a natureza da liderança soviética sobre o bloco do Leste aos olhos dos observadores ocidentais.

No extremo Oriente, surgiam novas provas de força, cada vez mais sangrentas. Em 29 de julho, a autodenominada Força Aérea Republicana da Indonésia realizava suas primeiras ações de guerra contra os holandeses, bombardeando duas cidades de Java – Semarang, na costa norte, e Salatiga, na parte leste. Durante o ataque contra Semarang, morreram sete indonésios.

Os holandeses, que, exceto durante um breve período das guerras napoleônicas, administravam as Índias Orientais Holandesas desde o início do século XVII, inicialmente combateram o movimento nacionalista, entrando, por fim, em negociações com ele. Três anos após essas primeiras operações aéreas, eram proclamados os Estados Unidos da Indonésia; mais um entre os territórios coloniais do Ocidente, ocupados pelo Japão durante a Segunda Guerra Mundial, conquistava a independência. A Birmânia proclamaria sua independência em relação à Grã-Bretanha em 4 de janeiro de 1948; a Malásia faria o mesmo em 31 de maio de 1957.

Em 25 de outubro de 1947, os primeiros mortos americanos eram transferidos de suas sepulturas na França para os Estados Unidos, chegando a Nova York uma primeira remessa de 6.300 soldados. Cinco dias depois, um segundo navio, transportando milhares de caixões, partia, da Antuérpia, para os Estados Unidos. Porém, os corpos de muitos soldados caídos nunca seriam encontrados; entre os 42 mil soldados britânicos da força aérea perdidos na Europa entre 1939 e 1945, cerca de vinte mil continuavam desaparecidos passados quatro anos desde o fim

da guerra, apesar das buscas efetuadas pelo Serviço de Inquirição e Buscas, criado especialmente para localizar os desaparecidos e que empregava 118 investigadores.

Na Europa, houve novos julgamentos e novas fugas à justiça em 1948. Em 5 de fevereiro, em sua cela na prisão de Nuremberg, o comandante das forças alemãs de ocupação da Holanda durante a rendição, o general Blaskowitz – que, no final de 1939, protestara a Hitler contra as atrocidades cometidas pelos nazistas na Polônia –, suicidava-se pouco antes da data marcada para o início de seu julgamento. No dia seguinte, na prisão de Cherche-Midi, em Paris, o primeiro governador militar da capital, Otto von Stuelpnagel preferia suicidar-se a responder pelos atos que cometeu na época em que administrara a cidade.

Em 12 de novembro de 1948, no edifício onde estivera instalado o Ministério da Guerra, em Tóquio, sete dirigentes japoneses atuantes nos tempos de guerra, entre eles o general Tojo, eram condenados à morte pelo tribunal militar internacional do extremo Oriente. Dezesseis outros responsáveis foram condenados à prisão perpétua. Todas as sentenças, submetidas duas semanas mais tarde à apreciação do general MacArthur, seriam confirmadas, e as execuções correspondentes foram realizadas, por enforcamento, em 23 de novembro de 1948.

Em 28 de janeiro de 1949, após ser condenado por um tribunal militar britânico reunido em Hamburgo, Fritz Knoechlein, responsável pelo frio assassinato de prisioneiros de guerra britânicos em Paradis, em 1940, era enforcado na prisão da cidade. O apelo da defesa – “Poupem a vida do acusado. Sua mulher e quatro filhos dependem dele. Lembrem-se de que o réu é um soldado e de que o tribunal é integrado por membros do exército britânico” – fora em vão.

Executado no mesmo dia foi Hans Kieffer, representante de Knoechlein junto ao quartel-general da Gestapo em Paris nos anos de 1943 e 1944; Kieffer foi considerado responsável pela execução de prisioneiros de guerra britânicos na Normandia, em 1944. Fora também quem interrogara Noor Inayat Khan, a agente britânica capturada na França em 1943; após o interrogatório, ela foi mandada para Dachau e fuzilada.

Um julgamento de outra natureza ocorreu no início de 1950: tratou-se do processo de Klaus Fuchs, cientista alemão refugiado que, durante a

guerra, trabalhara no programa nuclear anglo-americano. Em 1º de março de 1950, foi condenado a catorze anos de prisão, devido ao trabalho de espionagem que realizara em benefício dos russos. Após cumprir a sentença, estabeleceu-se na Alemanha Oriental, tornando-se membro do Partido Comunista governante.

No tocante às reparações às vítimas dos nazistas, o governo alemão recusou-se a reconhecer qualquer direito cigano. “Deve-se considerar”, escreveu, em 9 de maio de 1950, o ministro do Interior da província alemã ocidental de Württemberg, “que os ciganos foram perseguidos pelo governo nazista não por motivos raciais, mas como elementos insociáveis e criminosos”.

Ao longo das décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, assistiu-se a uma descoberta contínua de documentos relativos à guerra e à redação e publicação de numerosos testemunhos. Em 1º de dezembro de 1950, alguns trabalhadores poloneses do setor de construção civil descobriram parte de um relato de uma testemunha ocular dos assassinatos em massa em Treblinka; o relato fora escondido pelo historiador judeu polonês Emanuel Ringelblum, em 1943.

Embora cada vez mais autores ou instigadores de crimes fossem levados a tribunal, muitos outros escapavam às malhas da lei. Em 19 de dezembro, o principal organizador do massacre de judeus em Kovno, Helmut Rauca, partia do porto alemão de Bremerhaven a caminho de St. John, New Brunswick, obtendo cidadania canadense. Outros assassinos da mesma espécie, que na maior parte fugiram para países do mundo ocidental, nunca foram julgados. Rauca seria extraditado para a Alemanha ao fim de 33 anos, morrendo no hospital de uma prisão enquanto aguardava julgamento.

Em 15 de janeiro de 1951, Ilse Koch era, pela segunda vez, condenada a prisão na Alemanha Ocidental. Em 1947, fora condenada a quatro anos de detenção por suas atividades em Buchenwald enquanto esposa sádica do comandante do campo, Karl Koch, que os próprios homens da SS executariam por corrupção em 1944. Ilse Koch fora libertada pouco depois. Em seu segundo julgamento, porém, foi condenada a prisão perpétua; dezesseis anos mais tarde, cometera suicídio em sua cela.

Três semanas após a segunda condenação de Ilse Koch, o alto comissário americano para a Alemanha, John J. McCloy, decretava a anistia de todos os industriais culpados pela utilização de trabalho escravo e de todos os generais. Entre os que foram libertados em resultado do ato, contava-se Alfred Krupp von Bohlen, cujas fábricas, pertencentes à empresa Krupp, haviam utilizado o trabalho escravo dos prisioneiros em grande escala, maltratando-os extremamente. Passados dois anos e meio desde sua condenação em Nuremberg, em julho de 1948, a doze anos de prisão, Alfred Krupp von Bohlen era novamente um homem livre.

Em 7 de março de 1951, o general Alexander von Falkenhausen, ex-governador militar alemão em Bruxelas, era considerado culpado pela execução de centenas de reféns belgas e pela deportação de 25 mil judeus belgas para Auschwitz. Foi condenado a doze anos de prisão, tendo sido libertado ao fim de três semanas, num ato de clemência motivado por, muitas vezes, no exercício de suas funções, ter protegido os belgas contra ações da SS. Em julho de 1944, fora destituído por Hitler e preso por “brandura” no desempenho de sua missão. Em maio de 1945, fora libertado pelos americanos quando estava prestes a ser executado pela SS, em Dachau, dadas suas simpatias em relação aos organizadores da conspiração de julho. Entre sua entrada na prisão por ordem de Hitler e a sua libertação pelos belgas, Alexander von Falkenhausen passara por 43 estabelecimentos prisionais.

Oswald Pohl, a quem coubera a responsabilidade por todos os bens e pertences das vítimas assassinadas nos campos de concentração nazistas e quem dirigira a recolha do ouro nos dentes dos cadáveres de Auschwitz, foi julgado por um tribunal militar americano e enforcado na prisão de Landsberg, em 8 de julho de 1951; no mesmo dia, foi enforcado Otto Ohlendorf, considerado responsável pelo comando de várias forças de extermínio na Rússia ocupada e pela morte de noventa mil pessoas, principalmente judeus. Ao apresentar sua defesa, Ohlendorf citou o precedente histórico de matança de ciganos durante a Guerra dos Trinta Anos. Igualmente executado pelos americanos, no mesmo dia, foi outro comandante de destacamentos de extermínio, Wernher Braune. Depois da execução, as autoridades da Baviera o considerariam “vítima de guerra”, o que dava à sua viúva, automaticamente, uma pensão oficial.

A vingança e a reconciliação ainda caminhavam juntas. Em 8 de setembro, o comandante das forças que haviam esmagado o levantamento no gueto de Varsóvia, Jürgen Stroop, era executado no local onde ficara o gueto. Antes de ser extraditado da Alemanha para a Polônia, Stroop fora condenado à morte por um tribunal militar americano, que o declarou culpado pelo fuzilamento de pilotos e reféns americanos na Grécia.

A partir de 28 de agosto de 1951, o Japão passou a beneficiar de um acordo bilateral com os Estados Unidos, celebrado no contexto do programa Fulbright. Onze dias mais tarde, em São Francisco, era assinado um tratado de paz entre o Japão e a maior parte das nações contra as quais esteve em guerra. No entanto, a União Soviética não assinaria o tratado. No documento, o governo japonês declarava que “o povo japonês renuncia para sempre à guerra como direito soberano da nação, assim como à ameaça ou à utilização de atos de força como meio para a resolução de questões internacionais”. No mesmo dia, um tratado de segurança era assinado entre o Japão e os Estados Unidos, autorizando estes a manterem suas forças armadas “no Japão e nas proximidades de seu território”.

As reclamações dos judeus seriam atendidas no mesmo ano, após, numa reunião secreta num hotel em Londres, o chanceler da Alemanha Ocidental, Konrad Adenauer, ter admitido ao dirigente do Congresso Mundial Judaico, Nahum Goldmann, a obrigação de seu governo de prestar vultosas reparações aos judeus. O governo da Alemanha Oriental recusou-se a qualquer compromisso semelhante.

Na primavera de 1952, a Alemanha Ocidental, sob ocupação aliada, passou a dispor de um aparelho de estado próprio. O Acordo de Transição, datado de 26 de maio de 1952, incluiu uma cláusula em que a Alemanha Ocidental reconhecia a obrigação do pagamento de indenizações. Mais tarde, em 1º de agosto de 1952, durante a integração da Alemanha Ocidental na Europa, a Grã-Bretanha e a Alemanha assinaram um acordo sobre a dívida de guerra alemã referente à Primeira Guerra Mundial e fixada em 1930, às vésperas da subida de Hitler ao poder. Em 1935, Hitler decretara uma moratória no pagamento da dívida.

Agora, o governo da Alemanha Ocidental aceitava saldar a dívida simbolicamente, abrindo caminho para obtenção de empréstimos que permitissem a revitalização da economia do país.

Em 10 de setembro de 1952, câmara de Luxemburgo, uma cerimônia silenciosa, que duraria apenas treze minutos, marcaria a assinatura de um acordo entre Israel e a Alemanha Ocidental, conhecido como Tratado de Luxemburgo. Segundo o documento, o governo alemão ocidental se comprometia a pagar três bilhões de marcos ao recém-criado estado de Israel e 450 milhões de marcos a organizações judaicas como reparação pelos “danos materiais” que os nazistas causaram aos judeus. Os três signatários do documento foram Adenauer, Moshe Sharett, ministro das Finanças de Israel, e Nahum Goldmann, em nome do Congresso Judaico Mundial.

Havia muitas opções em que aplicar o dinheiro das indenizações. No verão de 1952, ainda havia 1.845 desalojados, contando-se, entre eles, quinhentas crianças que haviam passado por Dachau.

“Negócios inacabados”

1953-

Em 1953, treze anos desde o início da Segunda Guerra Mundial e mais de sete anos desde seu término, a guerra continuava a ser um “negócio inacabado”, como designou Hugo Gryn, sobrevivente de Auschwitz. Seus efeitos ainda eram sentidos, abrindo feridas antigas ou agravando outras, que nunca fecharam. Por vezes, o choque resultava de um simples ato burocrático, como a extensão patente, em 5 de janeiro de 1953, de fornos crematórios para cadáveres humanos, atribuída a J. A. Topf and Son, em Wiesbaden. Tratava-se do forno que queimara milhares e milhares de corpos em Auschwitz. Outras vezes, o choque resultava de exonerações em série de acusados de crimes de guerra, como aconteceu com o general Jodl, entre outros, após uma decisão de um tribunal de “desnazificação” da Alemanha Ocidental, em 28 de fevereiro de 1953, apenas seis anos depois de Jodl ser declarado um criminoso de guerra em Nuremberg.

Para outros, os negócios inacabados relacionavam-se a acusações de incompetência militar. Em 20 de julho de 1953, o almirante Halsey, comandante de uma força naval com vários porta-aviões em 1941, escreveu ao almirante Kimmel, contestando a alegada incompetência deste perante o ataque dos japoneses contra Pearl Harbor, num momento em que era comandante-chefe da Esquadra do Pacífico:

Certamente não descartáramos a possibilidade de um ataque contra Pearl, mas, com os dados que tínhamos, a conclusão mais lógica era que o ataque acontecesse contra as Filipinas e ao sul. Com as informações de que dispunha, senti-me tão responsável quanto o almirante Kimmel ou qualquer outro em posição no alto comando.

O almirante Halsey continuava, em defesa de seu superior:

Se tivéssemos acesso às mensagens Magia que revelavam claramente as intenções japonesas, em consequência de sua busca ansiosa por informações acerca dos navios atacados, sobre atacar Pearl, indicando 7 de dezembro como data prevista, o *Enterprise* e o *Lexington* nunca partiriam em suas missões rumo a Wake e a Midway. Além disso, a esquadra não se encontraria, nessa data, em Pearl Harbor.

O almirante Kimmel manteve-se ofendido por sua defesa não ser escutada, apesar do apoio do almirante Halsey, e por se ver considerado o principal responsável pelo desastre. Em suas memórias, expressou seus sentimentos com palavras amargas:

Não posso desculpar aqueles que dispunham de toda a autoridade em Washington. E não creio que os milhares de mães e pais cujos filhos morreram nesse trágico 7 de dezembro de 1941 os desculpem. Serão julgados pela história. Para mim, responderão, no Dia do Juízo, como quaisquer outros criminosos.

Na Europa, muitos entre aqueles considerados criminosos de guerra nos julgamentos imediatamente posteriores ao conflito seriam, mais tarde, postos em liberdade. No início de 1954, o general Kurt Meyer viu sua pena de prisão perpétua reduzida, pelo governo canadense, para catorze anos, e, depois, novamente encurtada por bom comportamento; na verdade, Meyer voltou para sua casa de campo em Niederkrüchten em 7 de setembro. Um mês mais tarde, Helmut Knochen, que pertencia à muito temida e odiada Gestapo de Paris, era condenado à morte, mas, três anos e meio depois, sua condenação fora transformada numa pena de trabalhos forçados para toda a vida; passado dezoito meses, houve uma nova redução da pena, para vinte anos de encarceramento. Finalmente, em 1963, decorridos nove anos sobre desde sua condenação à morte, Knochen seria libertado, regressando a Baden Baden.

Em 5 de maio de 1955, a República Federal da Alemanha tornou-se um estado independente e soberano. Quatro meses depois, em 9 de setembro de 1955, o chanceler alemão, Konrad Adenauer, visitava Moscou como convidado. Durante um banquete oficial, na noite de 12 de setembro, concordou com o marechal Bulganin, que todos os prisioneiros de guerra alemães ainda internados na Rússia deveriam ser repatriados. No fim do

mês, a União Soviética decretava que fossem repatriados 8.872 soldados alemães. Entre aqueles que, assim, foram libertados em outubro de 1955, contava-se o general Friedrich Gollwitzer, que encabeçara o grupo de dezenove generais alemães obrigados a desfilar pelas ruas de Moscou em julho de 1944.

As incriminações e os julgamentos continuavam, sendo o governo alemão ocidental a tomar a maior parte das iniciativas. Em 22 de novembro de 1955, a polícia prendeu, em Kiel, o Dr. Karl Clauberg, médico que, entre outros, esterilizou mulheres judias e ciganas em Auschwitz. Como livre cidadão da Alemanha Ocidental, Clauberg gabara-se abertamente de suas realizações científicas nos tempos de guerra. Dois anos depois de preso, na véspera do julgamento, morreu num hospital em Kiel.

Os anos 1950 assistiram igualmente à construção de monumentos comemorativos; em 11 de setembro de 1956, representantes religiosos de 21 países inauguraram um monumento evocativo em Dachau. Em 30 de maio de 1958, no cemitério de Arlington, na Virgínia, celebrou-se o Soldado Desconhecido da Segunda Guerra Mundial. O monumento demorara tanto para ser concluído que um segundo caixão seria depositado no mesmo local, representando o Soldado Desconhecido da guerra da Coreia, que começara no verão de 1950, entre americanos e norte-coreanos, causando mais 33.629 mortes para os Estados Unidos.

Mais de uma década passara-se desde o término da Segunda Guerra Mundial. A memória do conflito era absorvida e coberta por novos tempos e pela normalidade da vida cotidiana. Em 1º de julho de 1957, um trecho de 160 quilômetros da outrora famosa estrada de ferro da Birmânia, edificada à custa de tantas vidas de prisioneiros de guerra aliados, era reaberto ao tráfego civil. A estrada de ferro seria uma via de peregrinação para viúvas e filhos dos prisioneiros de guerra que visitavam o cemitério aliado de Kanchanaburi; passados trinta anos, um trem turístico passou a sair de Bangcoc todas as manhãs, trilhando o referido trajeto de 160 quilômetros. O resto da via férrea, através das montanhas do interior da Birmânia, fora, havia muito, devorado silenciosamente pela selva.

Relíquias e restos da guerra ficaram por toda a parte; bombas por explodir em todos os campos de batalha e nas cidades e povoações

submetidas a repetidos ataques e a bombardeamentos aéreos. Em 4 de fevereiro de 1989, os jornais britânicos relataram a descoberta de uma bomba não explodida em Whitechapel, no East End, em Londres, e milhares de pessoas precisaram ser evacuadas durante a remoção da bomba.

Despojos de seres humanos também eram encontrados muito após o final da guerra, em campos e terrenos que haviam sido áreas de combate, nas praias e nas zonas de desembarque, nas instalações utilizadas para extermínio em massa na Europa Oriental, nas selvas e nos desertos. Em 9 de novembro de 1958, um piloto, sobrevoando o Saara ao sul de Tobruk, descobriu a carcaça de um avião nas areias. Tratava-se do bombardeiro americano *Lady Be Good*, que desaparecera quando regressava à sua base na Líbia depois de um ataque aéreo contra o sul da Itália. O rádio, as metralhadoras e as munições do aparelho ainda estavam em bom estado. Mais tarde, foram descobertos, nas areias do deserto, os esqueletos de cinco tripulantes, entre os quais o tenente Robert Toner, cujo diário descrevia seus últimos dias de tormento no deserto.

Nos anos 1960, a Alemanha Ocidental começou a pagar indenizações aos estados que ocupou durante a Segunda Guerra Mundial, após assinar acordos globais com onze países europeus. Em 18 de março de 1960, a Grécia recebia 115 milhões de marcos em respeito a um desses acordos, e a França, quatrocentos milhões de marcos, em julho do mesmo ano. Também receberam indenizações Polônia, recolhendo cem milhões de marcos, Rússia, com 7,5 milhões, e a Iugoslávia, com oito milhões.

No que se refere à Alemanha Ocidental, foi a existência de uma Europa dividida, com medos e incertezas, que ofereceu a oportunidade para um novo sistema de alianças em oposição ao Leste; em 11 de setembro de 1960, oficiais, soldados e tanques de um batalhão Panzer alemão ocidental começaram um exercício de manobras, com duração de três semanas, em Castlemartin, no sul de Gales. Nove dias mais tarde, os jornalistas foram convidados a assistir aos exercícios enquanto os tanques lançavam projéteis contra as carcaças de cinco blindados Churchill usados nos tempos de guerra.

Além de medidas de desforra e reconciliação, a União Soviética assistiu, no período que se seguiu ao fim da guerra, à reabilitação de diversas personalidades. Em 1962, dez anos após a morte de Stálin, o tribunal militar de Leningrado reabilitou o capitão Vyacheslav Kaliteyev, comandante do navio para transporte de tropas *Kazakhstan* durante a evacuação de Talin, em agosto de 1941. De acordo com a decisão do tribunal, a viúva de Kaliteyev, a atriz Vera Tutcheva, foi informada de que as acusações dirigidas contra seu marido, dando-o como desertor do navio no momento de perigo – acusações que o levaram ao fuzilamento – não possuíam qualquer fundamento.

No dia 31 de maio de 1962, Adolf Eichmann, o principal organizador das deportações de judeus da Europa para os campos de extermínio, foi enforcado na prisão de Ramla, em Israel. Dois anos antes, fora capturado em Buenos Aires, levado a Israel e obrigado a responder em tribunal. Durante o julgamento, que se prolongou por mais de quatro meses, diversas testemunhas oculares descreveram não apenas a participação de Eichmann no processo das deportações, mas as próprias deportações, desde os momentos iniciais de detenção até o limiar das câmaras de gás. Passados cinco meses desde a execução de Eichmann, novos dados relativos aos momentos finais dos judeus assassinados em câmaras de gás seriam descobertos a poucos metros de uma das câmaras utilizadas pelos nazistas: em 17 de outubro de 1962, um operário descobriu as anotações escondidas por um judeu, Salmen Lewental, que fora obrigado a remover os corpos de vítimas das câmaras de gás e levá-los aos crematórios. As anotações de Lewental, que foram escondidas num vaso, referiam-se, entre outras coisas, às últimas palavras de algumas judias, ditas pouco antes de serem mortas em janeiro de 1942. Uma mulher perguntara a Lewental: “Ainda sou tão nova. A verdade é que ainda não vivi minha vida. Por que tenho de morrer agora? Por quê?”

Ninguém tinha resposta para essa pergunta em 1942 e ninguém tem resposta para ela hoje, passados tantos anos. Porém, a pergunta continuaria a ser feita nos julgamentos por crimes de guerra. Em 30 de dezembro de 1963, 22 ex-guardas do campo de concentração de Auschwitz foram levados a tribunal em Frankfurt. “Eu só conhecia uma

maneira de me comportar”, disse um deles, Wilhelm Boger, ao tribunal: “Cumprir escrupulosamente as ordens de meus superiores.” Declarado culpado por 144 assassinatos e por cumplicidade em milhares de mortes, Boger foi condenado à prisão perpétua. Outro réu, Hans Stark, explicaria aos juízes: “Eu acreditava no Führer e queria servir ao meu povo.” Declarado culpado por 41 participações em assassinatos coletivos, chegando a envolver duzentas vítimas, Stark foi condenado a dez anos de prisão.

Em 30 de setembro de 1964, o general da SS Wolff, que, numa carta de agosto de 1941, declarou sentir-se “especialmente feliz por saber que todos os dias uma leva de cinco mil membros do ‘povo eleito’ é mandada para Treblinka num trem”, foi condenado a quinze anos de prisão. Porém, considerando o que o tribunal chamaria “a vida, sob todos os demais aspectos, irrepreensível” de Wolff e o papel que desempenhara nas negociações que precederam a rendição das forças alemãs na Itália, foi posto em liberdade ao fim de sete anos.

Paralelamente às condenações, houve gestos de homenagem àqueles que viveram as dificuldades e os combates da Segunda Guerra Mundial; em 19 de dezembro de 1964, os presumíveis restos mortais do herói da resistência francesa Jean Moulin foram depositados no panteão de Paris, por ocasião das comemorações do vigésimo aniversário da libertação da França. Trata-se de apenas um caso entre milhares de outros registrados em monumentos comemorativos por toda Europa e na Ásia. Em 26 de outubro de 1968, foi inaugurado, na cidade britânica de Leamington Spa, um monumento homenageando todos os tchecos e eslovacos que morreram durante a guerra e, em especial, os sete patriotas que realizaram, com êxito, o atentado contra o general Reinhard Heydrich, representante do Reich na Boêmia e na Morávia.

Além dos monumentos, memórias resultantes da guerra surgiam nas páginas dos jornais e revistas e nas telas de televisão; em 7 de fevereiro de 1972, a revista americana *Newsweek* noticiou a descoberta, na selva de Guam, de um sargento japonês, Shoichi Yokoi, que fugira havia 28 anos para se refugiar na floresta, a fim de evitar a vergonha da rendição. Com dois outros soldados, o sargento Yokoi escondeu-se num abrigo subterrâneo, onde passava os dias, saindo apenas à noite para buscar mangas, cocos, caracóis, pombos e ratos. Seus dois companheiros de

fuga haviam morrido em consequência da subnutrição em 1964, ano em que descobriram, por meio de uma velha folha de jornal, que a guerra terminara. Yokoi, contudo, estava decidido a não se entregar, pensando: “Estou vivendo pelo imperador e pela alma do Japão.”

Despojos e relíquias não faltavam no pós-guerra; em 1975, no contexto da operação Harvest, técnicos britânicos e holandeses descobriram os despojos de oito aviões abatidos sobre o Zuider Zee, na Holanda. Descobertas e recuperações análogas de aviões, blindados e até navios verificaram-se por todas as regiões atingidas pela guerra, incluindo os recantos mais remotos de Bornéu e da Nova Guiné.

O surgimento de filmes, peças e até concursos consagrados aos anos de guerra não eclipsou os julgamentos por crimes de guerra, que, a seguir à reconstrução das cidades, foi um dos legados mais visíveis do conflito, apesar da relutância generalizada da opinião pública nesse sentido. As condenações registradas referiam-se, muitas vezes, apenas a uma pequena parte dos crimes, que ainda poderia ser provada tantos anos depois dos acontecimentos. Em 26 de novembro de 1975, começou, em Düsseldorf, o julgamento de catorze oficiais da SS, acusados pela autoria de assassinatos em massa no campo de concentração de Majdanek, perto de Lublin, na Polônia: o processo se arrastaria por mais de cinco anos. Um acusado, o tenente Arnold Strippel, considerado culpado de participação no assassinato de 41 prisioneiros de guerra russos, foi condenado a três anos e meio de prisão. Devido a ter mais de setenta anos, não seria obrigado a cumprir a pena. Anteriormente, Strippel passara seis anos na prisão, por cumplicidade em assassinatos de prisioneiros em Buchenwald e Neuengamme. Receberia 121 mil marcos alemães como compensação pelo tempo que passou na prisão – soma sete vezes superior ao que receberiam os prisioneiros dos campos de concentração, para o mesmo período de tempo, caso estivessem vivos. Porém, os processos contra Strippel não haviam terminado; em 12 de dezembro de 1983, foi acusado pela morte de vinte crianças judias em Bullenhuser Damm e de 22 adultos em Neuengamme.

Na França, uma lei aprovada em 1964, permitindo a acusação de “crimes contra a humanidade”, seria aplicada pela primeira vez em março de 1979, para julgar Jean Leguay, participante ativo na detenção e na deportação de judeus enviados de Paris para Auschwitz. Sete meses

mais tarde, em outubro de 1979, três alemães eram levados a tribunal, em Colônia, acusados de organizar as mesmas deportações. Foram condenados a doze, dez e seis anos de prisão, respectivamente. Como observou um espectador do julgamento, David Pryce-Jones, historiador da Paris dos anos de guerra, “a opinião pública quase não foi tocada pelo caso”.

À medida que o tempo passa, muitos “negócios inacabados” persistem, alimentando discussões e polêmicas. Em 1971, o imperador Hirohito visitou a Europa. Tinha 77 anos. Sua visita provocou grandes protestos por parte de alguns ex-prisioneiros dos tristemente célebres campos de concentração japoneses no sudeste asiático. Em 5 de outubro, Hirohito estava em Londres, onde a rainha e o duque de Edimburgo – que, em 1945, presenciara a rendição japonesa na baía de Tóquio – esperavam-no na estação Victoria. Durante a visita a Londres, Hirohito recebeu a Ordem da Jarreteira. Indignado, um ex-prisioneiro que trabalhou na estrada de ferro da morte, John Marsh, diretor-geral do Instituto Britânico de Gestão, devolveu às autoridades seu certificado por mérito e bravura durante a guerra. “Não se pode dizer”, disse a rainha ao convidado imperial, num banquete realizado no palácio de Buckingham, “que as relações entre os nossos povos tenham sido sempre pacíficas e amigáveis. Contudo, esse fato deverá resolver-nos, ainda mais firmemente, a evitar a repetição da experiência”.

Os “negócios inacabados” da Segunda Guerra Mundial continuaram sendo fontes de controvérsia nos anos 1980. Em 15 de junho de 1981, os sobreviventes do evento que ficara conhecido como Holocausto – o assassinato, pelos alemães, de seis milhões de judeus – realizaram seu primeiro encontro internacional, no topo de uma colina nos arredores de Jerusalém. Centenas de pessoas que não se viam desde 1945 encontraram-se, partilhando recordações não apenas dos tormentos sofridos, mas dos entes queridos e amigos assassinados.

Outros ecos da guerra, ligados a diferentes aspectos do conflito, eram percebidos. Quando, em 2 de maio de 1982, durante a Guerra das Malvinas, o cruzador ligeiro argentino *General Belgrano* foi afundado por um submarino britânico, poucos sabiam ou lembravam-se que o

navio era, na realidade, o cruzador ligeiro americano *Phoenix*, que sobrevivera ao ataque japonês contra Pearl Harbor, tendo sido atingido, sem gravidade, por um projétil inimigo. Veterano do Pacífico, o navio encontraria seu túmulo no Atlântico, juntamente com 368 tripulantes.

Três meses depois do afundamento do *General Belgrano*, outro navio da Segunda Guerra Mundial, o porta-aviões americano *Intrepid*, chegaria a um final de carreira muito diferente, ancorado no rio Hudson, em Nova York, e aberto ao público como museu Aéreo, Marítimo e Espacial.

Novas repercussões da guerra terminada quatro décadas antes foram sentidas em meados dos anos 1980. Em fevereiro de 1985, a viúva do juiz Roland Freisler, que condenara à morte os alemães envolvidos na conspiração de julho de 1944 contra Hitler, recebia uma pensão do governo da Baviera, que considerou que, se Freisler não houvesse morrido, vítima da bomba aliada que atingiu seu tribunal, poderia aceder a altos cargos na Alemanha Ocidental do pós-guerra, o que valeria à sua viúva uma pensão melhor. Não foi uma viúva, mas uma ex-noiva, Doreen Young, quem compareceu às proximidades de Caen, em 5 de novembro de 1985, para o enterro de Reginald Thursby, abatido enquanto sobrevoava a Normandia, em agosto de 1944, e cujos despojos haviam sido descobertos meses antes em St. Marguerite-de-Viette.

Quarenta anos após o término da Segunda Guerra Mundial, houve uma súbita preocupação com o número de criminosos de guerra nazistas que, não identificados, estabeleceram-se nos países ocidentais. Os Estados Unidos decidiram expatriar as pessoas que, vivendo em seu território, houvessem documentadamente sido nazistas. Na Grã-Bretanha, na Austrália e no Canadá, comissões de inquérito oficiais investigaram o modo como esses indivíduos entraram nos países e os eventuais motivos para novos julgamentos. Em 30 de dezembro de 1986, a Comissão de Inquérito Deschenes, sobre criminosos de guerra, emitia o parecer de que, desde 1948, “o Canadá não mostrou nenhum empenho na perseguição e detenção de criminosos de guerra”.

No início da quinta década após o término da guerra, feridas antigas voltaram a ser rasgadas, como aconteceu em 24 de abril de 1988, quando o jornal britânico *Sunday Times* revelou que Wilhelm Mohnke, oficial responsável pelo massacre de prisioneiros de guerra britânicos em Wormhout, perto de Dunquerque, em maio de 1940, vivia como um novo

homem de negócios nas proximidades de Hamburgo. Um relatório oficial britânico, redigido no pós-guerra e estabelecendo que Mohnke “deu a ordem de fuzilamento dos prisioneiros”, não seria publicado, no entanto, antes de 2011 – ou seja, 71 anos após os atos a que se refere.

As relíquias da guerra continuaram sendo motivo de curiosidade e até objeto de pilhagem ao longo das últimas décadas. Em 3 de setembro de 1988, no quadragésimo nono aniversário do início da guerra, três mergulhadores britânicos foram detidos pela polícia alemã, suspeitos de tentar saquear os despojos do *Wilhelm Gustloff*, afundado em águas alemãs do Báltico. Milhares de soldados e refugiados foram sepultados no mar com o navio, nos últimos meses da guerra, num afundamento que constituiu o maior desastre marítimo em perda de vidas humanas.

A busca por reconciliação entre os ex-adversários continuou sendo, entretanto, uma preocupação de dirigentes políticos de todo o mundo. “Você e eu temos aproximadamente a mesma idade”, disse o chanceler alemão ocidental Helmut Kohl ao dirigente soviético Mikhail Gorbachev, em 26 de outubro de 1988, durante um banquete no Kremlin, acrescentando: “Em nossa juventude, conhecemos o horror da guerra. Seu pai foi gravemente ferido em combate; um irmão meu perdeu a vida no campo de batalha. Vimos muitas mulheres à espera dos maridos, muitas mães à espera dos filhos – tantas vezes em vão.” Então, segundo Kohl, depois de removidos os escombros da guerra e reconstruídas as cidades e povoados, era tempo “de aproximar os povos em alma e coração”. Nesse processo, “identifico um dever humano profundo e comum a todos nós, apesar de vivermos em sistemas políticos e sociais diferentes”.

Porém, mais de quatro décadas passadas depois do fim da Segunda Guerra Mundial, essas palavras lúcidas e sensatas ainda estavam longe de serem universalmente aceitas. Um mês após o discurso do chanceler Kohl, na própria Alemanha Ocidental, alguns moradores do povoado de Xanten ficaram tão irritados com a visita de dezesseis antigos habitantes judeus, que agora viviam na Holanda, na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e em Israel, que encheram os muros de duas escolas e de um museu com palavras de ordem. Uma frase dizia “esse é o caminho para as câmaras de gás”; outra, “Auschwitz é pequena demais”.

Na mesma semana, em Bonn, o presidente do parlamento federal da Alemanha, Philipp Jenninger, evocando os anos anteriores à guerra e o início das perseguições nazistas, perguntou, durante um encontro destinado a recordar o *pogrom* antijudaico alemão e austríaco de novembro de 1938:

E, no que se referia aos judeus, não teriam aspirado, no passado, a papéis que não lhe convinham? Não acabaram por aceitar as restrições impostas? Não terão merecido serem postos em seu lugar? E, principalmente, ultrapassando os exageros que nunca foram levados a sério, alguns pontos fundamentais da propaganda antisemita não refletiam nossas próprias ideias e convicções?

E Jenninger ainda perguntou: “Não terá sido Hitler escolhido pela Providência? Um dirigente que só surge a cada mil anos?”

Quarenta e oito horas depois, Philipp Jenninger demitia-se de suas funções. As interrogações que fizera, por boa-fé, destinavam-se simplesmente a caracterizar o clima dos anos que precederam a guerra na Alemanha, mas as emoções ligadas ao passado continuavam extremamente vivas em muitos espíritos. Embora as feridas físicas estivessem fechadas, outras ainda cicatrizavam. Ainda que a Segunda Guerra Mundial esteja distante no tempo, suas sombras prolongam-se até hoje e seus pesados ecos ainda são ouvidos. Como as coisas poderiam ser de outro modo perante um episódio que durou cerca de seis anos e em que se misturaram tão profundamente coragem e crueldade, esperança e horror, violência e dedicação, massacre e sobrevivência?

A presença dessas sombras e desses ecos fez-se sentir, no começo de 1988, quando o governo dos Estados Unidos decidiu diminuir o número de países cujos cidadãos precisariam de visto para entrar na América. Em 26 de maio de 1988, um programa-piloto de eliminação dos vistos substituíu-os por um questionário que os candidatos a entrar nos Estados Unidos teriam de responder. As perguntas abordavam nove entre os 36 motivos que justificavam a proibição de entrada nos Estados Unidos, inclusive “ter estado de algum modo associado à perseguição de terceiros em colaboração com o governo nazista”.

Dessa forma, os “negócios inacabados” da guerra continuavam na ordem do dia no que se refere às leis dos países vencedores, mesmo

cinquenta anos após a deflagração do conflito.

Os dirigentes políticos da Alemanha Ocidental esforçavam-se para enfrentar o passado de modo corajoso e persistente. Em 12 de outubro de 1988, na abertura de um congresso de historiadores alemães em Bamberg, o presidente alemão Richard von Weizsäcker – cujo pai fora um destacado membro do corpo diplomático alemão na época nazista – declarou que a nação “não pode responsabilizar outros por aquilo que ela e os países vizinhos sofreram sob o regime nacional-socialista. A nação consentiu ser dirigida por criminosos. E hoje sabemos que é essa a verdade”.

Os negócios inacabados da guerra dizem respeito a todas as nações ex-beligerantes e a todas as regiões por onde se estendeu o conflito. Em 25 de janeiro de 1989, a Austrália oficializou uma lei relacionada a crimes de guerra, proposta por seu parlamento e que, no preâmbulo, declarava um “crescimento da preocupação com o fato de que um número significativo de pessoas que cometeram sérios crimes de guerra na Europa havia entrado no país desde o fim do conflito como cidadãos ou residentes australianos”. De acordo com a lei, um procedimento era estabelecido para encontrar essas pessoas tão rápido quanto possível e para acusá-las legalmente. Dois dias depois, em 27 de janeiro de 1989, o parlamento holandês discutiu uma proposta pela libertação de dois criminosos de guerra alemães, Ferdinand aus der Fünten e Franz Fischer, detidos na prisão de Breda. Os homens haviam sido condenados à morte em 1945 – tendo a sentença comutada em prisão perpétua –, em virtude do papel que desempenharam na deportação de judeus holandeses para Auschwitz. Fischer tinha, em 1989, 87 anos, e Ferdinand aus der Fünten, 66 anos. Entre muitos protestos e notícias divulgadas por todo o mundo, o parlamento holandês aprovou, por 85 votos contra 55, que ambos os detidos fossem autorizados a regressar à Alemanha.

A discussão sobre a soltura dos homens deu-se num momento em que a opinião pública holandesa, tal como a britânica, examinava o problema de quem representaria seus respectivos países no funeral do imperador Hirohito, que falecera naquele janeiro. O governo britânico seria muito criticado por optar pelo príncipe Philip, que assistira, quando ainda jovem oficial da marinha, à cerimônia formal de rendição do Japão. O governo holandês demorou mais tempo para decidir e, enquanto

examinava o problema, ouvindo ex-prisioneiros de campos de concentração japoneses que se opunham ao envio de qualquer emissário real aos funerais, outro holandês, que colaborara com os japoneses durante a guerra, Jan Olij, era detido na Argentina, passando a aguardar sua extradição para a Holanda. Mais tarde, foi liberado pelas autoridades argentinas.

Os negócios inacabados seriam sentidos mais uma vez em 29 de janeiro de 1989, ano do quinquagésimo aniversário do início da guerra, quando, nas eleições parlamentares de Berlim Ocidental, um novo partido de extrema-direita, os Republicanos, obteve 138 lugares. O dirigente do partido, Franz Schönhuber, com 65 anos na época, entrara para a Waffen SS em 1942, quando tinha apenas 19 anos, tendo combatido na frente oriental e, em 1944, na Normandia. Reagindo à vitória de Schönhuber, dez mil habitantes de Berlim desfilaram pelas ruas da cidade, em manifestação, empunhando cartazes que diziam “Não queremos mais fascistas!” e gritando a frase: “Fora com os nazistas.”

Contudo, a polêmica em torno do funeral de Hirohito foi o principal assunto nos primeiros meses desse ano. “Tenho à minha frente”, escreveu ao *Times*, em carta publicada em 4 de fevereiro de 1989, John Hart, ex-prisioneiro de guerra dos japoneses, “uma lista com trezentos nomes de prisioneiros de guerra que morreram na pequena ilha de Haroekoe, na extremidade oeste da Indonésia. Andrajosos e esqueléticos, arrastavam-se todos os dias durante os trabalhos de construção de uma pista de aterrissagem, até que a perda da esperança ou uma doença os libertassem. Morreram em condições inimaginavelmente degradantes”. John Hart acrescentava:

Os pedidos de concessão de auxílio por parte da Cruz Vermelha, alegadamente patrocinada pela família imperial, eram ignorados, e bastava mencionar a convenção de Genebra para desencadear reações histéricas. É que, rendidos, de acordo com a tradição japonesa, perdêramos todos os direitos. Enterrávamos nossos mortos sem a menor cerimônia, exceto algumas orações ditas às pressas, ameaçados pelas baionetas de guardas impacientes. E, agora, príncipes e reis se reunirão, clarins ressoarão e soldados desfilarão em memória do homem que somos obrigados a considerar como o responsável máximo por tanta desumanidade.

A amargura evocada por essas reflexões chamou novamente a atenção da opinião pública para a escala de massacres registrada durante a Segunda Guerra Mundial, no Pacífico e na Europa. Duzentos e cinquenta mil trabalhadores escravos – fossem javaneses, birmaneses, malaaios, chineses ou indianos – morreram enquanto trabalhavam para os japoneses na construção da estrada de ferro da morte que unia Tailândia e Birmânia, obrigados, por brutalidades ininterruptas e à beira da morte por inanição, a removerem a terra e as rochas que encontravam no trajeto. Mais cinquenta mil prisioneiros de guerra aliados – australianos, holandeses, ingleses e americanos – morreram igualmente durante a construção da mesma estrada de ferro, vítimas de doença, fome ou assassinatos deliberados. Nos campos de concentração japoneses, 10.500 civis e 8.500 prisioneiros de guerra, todos holandeses, sucumbiram aos maus-tratos, à fome e às doenças.

Nunca será conhecido, com precisão, o número de vítimas da Segunda Guerra Mundial. Dezenas de milhões de homens, mulheres e crianças pereceram sem que seus nomes houvessem sido registrados e sem notícia sobre o modo e a data de suas mortes. Milhões de soldados morreram em combate sem que ninguém saiba exatamente onde.

Numerosos cálculos acerca do número de mortos da guerra foram feitos. Na guerra entre a China e o Japão, iniciada dois anos antes do conflito na Europa, calcula-se que morreram seis milhões de civis chineses. A União Soviética sofreu dez milhões de mortes em combate – em terra, nos ares e no mar. Mais 3,3 milhões de soldados soviéticos morreram como prisioneiros de guerra. Também perderam a vida sete milhões de civis soviéticos, o que eleva o total a mais de vinte milhões de mortos. Os alemães calculam ter perdido 3,6 milhões de civis e 3,25 milhões de soldados. Para os japoneses, calculam-se dois milhões de civis e um milhão de militares mortos, tendo Hiroshima como caso isolado mais impressionante, onde se registraram 138.890 mortes subsequentes ao lançamento da primeira bomba atômica. Na Polônia ocupada, morreram seis milhões de cidadãos, entre os quais três milhões eram judeus. Mais três milhões de judeus, de muitos outros pontos da Europa, também foram mortos, o que eleva o total de assassinatos de

judeus, durante a guerra, para seis milhões. Foram mortos mais de 1,5 milhão de iugoslavos após a conquista alemã. Nessa lista, incluem-se apenas os grupos nacionais que sofreram um milhão de mortes ou mais, cujo total chega a mais de 46 milhões de indivíduos.

Em todas as regiões atingidas pela guerra e por trás de todas as linhas de combate, as perdas humanas foram enormes. Os britânicos, que entraram na guerra em setembro de 1939, sofreram 264.433 mortes em seu exército, marinha e aeronáutica, 60.595 mortes de civis em consequência de bombardeamentos e 30.248 mortes de marinheiros mercantes. Em ação, a Commonwealth perdeu 129.196 homens, elevando o total conjunto a 448.472 mortes.

Na Grécia, atacada inicialmente pela Itália, em outubro de 1940, e então, em abril de 1941, pela Alemanha, 260 mil civis morreram como resultado de privações e fome entre 1940 e 1945, tendo 70.600 sido executados pelas forças de ocupação durante represálias e cinquenta mil mortos enquanto apoiavam a resistência. O número de mortes civis no país – sem contar sessenta mil judeus deportados – alcança 380.600. Outros 79.743 soldados foram mortos em ação em 1940 e 1941. No total, 420.343 gregos perderam a vida.

Os Estados Unidos, que entraram na guerra em dezembro de 1941, sofreram 362.561 mortes entre membros do exército, da marinha, da força aérea e dos fuzileiros navais.

Na Holanda, 185 mil civis pereceram por fome e doenças na parte norte do país durante uma escassez de recursos provocada pelo domínio alemão, que isolou a região no final de 1944.

O número de indianos mortos em combates no extremo Oriente, no norte da África e na Itália chegou a 36.092. Os australianos mortos nos mesmos campos de batalha e na Nova Guiné somam 27.073.

Todos os países envolvidos no conflito sofreram perdas; mesmo países pequenos, nas periferias ou longe das zonas de combate, não puderam evitar baixas pesadas. A Finlândia, por exemplo, perdeu 27 mil soldados nos combates do inverno de 1940. A Legião Espanhola, por sua vez, perdeu 4,5 mil homens durante sua ação no cerco de Leningrado, quando

lutou ao lado dos alemães. A força aérea sul-africana perdeu 2.227 pilotos em ação sobre a Europa.

Também houve mortes entre os soldados trazidos da África negra, incluindo 1.105 basutos que se voluntariaram para lutar pela Grã-Bretanha na Síria, na Sicília e na Itália, e 448 askaris, do sul da Rodésia (atual Zimbábue), que lutaram no Mediterrâneo, na Europa e na Birmânia.

Com o retorno dos soldados, marinheiros e aviadores que estavam em zonas de combate e dos prisioneiros de guerra detidos em campos, tornou-se claro que o legado da guerra era muito maior do que heroísmos, estatísticas e vitórias. Sobre os australianos que retornaram à pátria, entre eles seu pai, Germaine Greer escreveu: “Milhares de homens voltaram para suas vidas feridos para sempre, cumprindo suas tarefas masculinas numa espécie de sonho, tentando não ouvir as crianças que perguntavam: ‘Mamãe, por que aquele homem precisa dormir em nossas camas?’”

Ninguém pode calcular o número de feridos, elevando-se, provavelmente, a vários milhões, cujas vidas ficaram definitivamente lesadas em resultado da guerra. Lesões físicas, acarretando deficiências graves ou desfigurando as vítimas, e lesões mentais marcaram, para sempre, milhões de pessoas. Muitos foram aqueles que morreram em resultado de tais lesões. Outros passariam a viver como presas da dor, do mal-estar, do medo ou do remorso. Centenas de milhares de civis, que sobreviveram a privações, deportações e massacres, também ficariam marcados por lesões de natureza análoga, tanto físicas quanto mentais, chagas que, em muitos casos, ainda atormentam suas vítimas. O maior negócio inacabado da Segunda Guerra Mundial é a dor humana.

Bibliografia

No decurso de minhas investigações para a biografia de Churchill durante os anos da guerra – *Finest Hour 1939-1941* (Londres, 1983) e *Road to Victory 1941-1945* (Londres, 1989) – e para minha história dos judeus da Europa ao longo da Segunda Guerra Mundial – *The Holocaust: The Jewish Tragedy* (Londres, 1986) –, reuni uma grande massa de documentos e informações, que utilizei na composição deste livro. Além disso, consultei e utilizei dados contidos nas seguintes publicações:

- Abrahamsen, professor Samuel. “The Role of the Norwegian Lutheran Church During World War II”. *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.
- Abyzov, Vladimir. *The Final Assault: Memoirs of a Veteran Who Fought in the Battle of Berlin*. Moscou, 1980.
- Ainsztein, Reuben. *Jewish Resistance in Nazi-Occupied Eastern Europe*. Londres, 1974.
- Air Ministry. *The Rise and Fall of the German Air Force (1933 to 1945)*. Londres, 1948.
- Allen, Louis. “The Indian National Army, Renegades or Liberators?”. *World War II Investigador*, vol. 1, no 4. Londres, julho de 1988.
- Amery, Julian. *Sons of the Eagle: A Study in Guerrilla War*. Londres, 1948.
- Amipaz-Silber, Gitta. *La résistance juive en Algérie 1940-1942*. Jerusalém, 1986.
- Antosyak, Alexei. *Operations in the Balkans 1944*. Moscou, 1980.
- Apenszlak, Jacob (org.). *The Black Book of Polish Jewry*. Nova York, 1943.
- Appleman, Roy E.; Burns, James M.; Gugeler, Russel A.; Stevens, John. *United States Army in World War II: The War in the Pacific – Okinawa, The Last Battle*. Washington D.C., 1948.
- Arad, Yitzhak. *Ghetto in Flames: The Struggle and Destruction of the Jews in Vilna in the Holocaust*. Jerusalém, 1980.
- _____. *Belzec, Sobibor, Treblinka – The Operation Reinhard Death Camps*. Bloomington e Indianápolis, 1987.
- Archer Clark (org.). *Paratroopers’ Odyssey: A History of the 517th Parachute Combat Team*. Hudson, Flórida, 1985.
- Armstrong, John A. (org.). *Soviet Partisans in World War II*. Madison, Wisconsin, 1964.
- Aron, Robert. *The Vichy Regime 1940-44*. Londres, 1958.
- Arseyenko, Oleg. *An Attempt on Culture*. Kiev, 1987.
- Ash, Bernard. *Norway 1940*. Londres, 1964.

- Auty, Phyllis; Clogg, Richard (org.). *British Policy Towards Wartime Resistance in Yugoslavia and Greece*. Londres, 1975.
- Bader, Douglas. *Fight for the Sky: The Story of the Spitfire and the Hurricane*. Londres, 1973.
- Balabkins, Nicholas. *West German Reparations to Israel*. New Brunswick, Nova Jersey, 1971.
- Baldwin, Hanson. *Battles Lost and Won – Great Campaigns of World War II*. Londres, 1967.
- Bankier, David. "Hitler and the Policymaking Process on the Jewish Question". *Holocaust and Genocide Studies*, vol. 3, no 1. Oxford, 1988.
- Bar-Adon, Dorothy; Bar-Adon, Pesach. *Seven Who Fell*. Tel Aviv, 1947.
- Barker A. J. *Waffen S.S. at War*. Londres, 1982.
- Barker, Ralph. *Children of the "Benares": A War Crime and its Victims*. Londres, 1987.
- Barkley, Alben W. *Atrocities and Other Conditions in Concentration Camps in Germany*. Washington D.C., 1945.
- Bartoszewski, Wladyslaw; Lewin, Zofia. *Righteous among Nations: How Poles Helped the Jews 1939-45*. Londres, 1969.
- Bartov, Omer. *The Eastern Front, 1941-45: German Troops and the Barbarisation of Warfare*. Londres, 1985.
- Bartz, Karl. *The Downfall of the German Secret Service*. Londres, 1956.
- Baudouin, Paul. *The Private Diaries – March 1940 to January 1941 – of Paul Baudouin*. Londres, 1948.
- Bauer, Yehuda. *Flight and Rescue: Brichah, The Organized Escape of the Jewish Survivors of Eastern Europe, 1944-1948*. Nova York, 1970.
- Baukh, Efrem (org.). *Babi Yar: Kiev 1941-61*. Jerusalém, 1981.
- Baumbach, Werner. *Broken Swastika, The defeat of the Luftwaffe*, Londres, 1960.
- Bauminger, Arie L. *Roll of Honour*, Tel Aviv, 1971.
- _____. *The Fighters of the Cracow Ghetto*. Jerusalém. 1986.
- Beaumont, Joan. *Comrades in Arms: British Aid to Russia 1941-1945*. Londres, 1980.
- Belgian Ministry of Foreign Affairs, The. *Belgium: The Official Account of what Happened 1939-1940*. Londres, 1941.
- BenGershôm, Ezra. *David: The Testimony of a Holocaust Survivor*. Londres, 1988.
- Bennett, Ralph. *Ultra in the West: The Normandy Campaign 1944-45*. Londres, 1979.
- BenTov, Arie. *Facing the Holocaust in Budapest. The International Committee of the Red Cross and the Jews in Hungary, 1943-45*. Genebra, 1988.
- Best, capitão S. Payne. *The Venlo Incident*. Londres, 1950.
- Bezwinska, Tadwige; Czech, Danuta (org.). *Amidst a Nightmare of Crime: Manuscripts of Members of Sonderkommando*. Oswiecim, 1973.
- Bhargava, doutor M. L.. *Indian National Army – Tokyo Cadets*. Nova Délhi, 1986.
- Bieganski, Stanislaw (org.). *Documents on Polish-Soviet Relations 1939-1945*. 2 vols. Londres, 1967.
- Birn, Ruth Bettina. "Guilty Conscience, Antisemitism and the Personal Development of some SS Leaders". *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.

- Blumenson, Martin. *Rommel's Last Victory: The Battle of Kasserine Pass*. Londres, 1968.
- Boelcke, Willi A. *The Secret Conferences of Dr. Goebbels – October 1939-March 1943*. Londres, 1970.
- Bois, Elie J. *Truth on the Tragedy of France*. Londres, 1940.
- Bond, Brian. *France and Belgium 1939-1940*. Londres, 1975.
- Boothroyd, Basil. *Philip (an approved biography of HRH the Duke of Edinburgh)*. Londres, 1971.
- Boozer, Jack S. "The Political, Moral, and Professional Implications of the 'Justifications' by German Doctors for Lethal Medical Actions 1938-1945", *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.
- Borkin, Joseph. *The Crime and Punishment of I. G. Farben*. Nova York, 1978.
- Bower, Tom. *Klaus Barbie: Butcher of Lyons*. Londres, 1984.
- _____. *The Paperclip Conspiracy: The Battle for the Spoils and Secrets of Nazi Germany*. Londres, 1987.
- Bowman, Steven. "Greek Jews and Christians During World War II", *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.
- Brackman, Arnold C. *The Other Nuremberg: The Untold Story of the Tokyo War Crimes Trials*. Nova York, 1987.
- Braddon, Russell. *Cheshire K. C.: A Story of War and Peace*. Londres, 1945.
- Braham, Randolph L. *The Politics of Genocide: The Holocaust in Hungary*. 2 vols. Nova York, 1981.
- Breuer, William B. *Hitler's Fortress Cherbourg: The Conquest of a Bastion*. Nova York, 1984.
- _____. *Retaking the Philippines: America's Return to Corregidor and Bataan, October 1944-March 1945*. Nova York, 1986.
- Browning, Christopher R. "Genocide and Public Health; German doctors and Polish Jews 1939-41". *Holocaust and Genocide Studies*, vol. 3, no 1. Oxford, 1988.
- Bruce, George. *The Warsaw Uprising, 1st August-2nd October 1944*. Londres, 1972.
- Bruce Lockhart, Sir Robert. *The Marines Were There: The Story of the Royal Marines in the Second World War*. Londres, 1950.
- Buechner, coronel Howard A. *Dachau, the Hour of the Avenger: An Eyewitness Account*. Metairie, Louisiana, 1987.
- Bullock, Alan. *Hitler: A Study in Tyranny*. Londres, 1952.
- Butcher, capitão Harry C. *Three Years with Eisenhower: The Personal Diary of Captain Harry C. Butcher*. Londres, 1946.
- Butler, J. R. M. *Grand Strategy, Volume II, September 1939-June 1941*. Londres, 1957.
- Calder, Angus. *The People's War: Britain 1939-45*. Londres, 1969.
- Calvocoressi, Peter; Wint, Guy. *Total War: The Causes and Courses of the Second World War*. Londres, 1972.
- Cammaerts, Emile. *The Prisoner at Laeken. King Leopold, Legend and Fact*. Londres, 1941.
- Campbell, vice-almirante Sir Ian; Macintyre, capitão Donald. *The Kola Run: A Record of Arctic Convoys 1941-45*. Londres, 1958.

- Campion, Joan. *In the Lion's Mouth: Gisi Fleishmann and the Jewish Fight for Survival*. Londres, 1987.
- Carsten, professor F. L. (org.). *The German Resistance to Hitler*. Londres, 1970.
- Cartland, Barbara. *Ronald Cartland*. Londres, 1945.
- Casey, Lord. *Personal Experience 1939-1946*. Londres, 1962.
- Chant, Christopher. *Kursk*. Londres, 1975.
- _____. *The Encyclopedia of Codenames of World War II*. Londres, 1986.
- Chary, Frederick B. *The Bulgarian Jews and the Final Solution 1940-44*. Pittsburgh, 1972.
- Churchill, Winston S. *The Second World War*. 6 vols. Londres, 1948-1954.
- Ciechanowski, Jan M. *The Warsaw Rising of 1944*. Londres, 1974.
- Clark, Alan. *Barbarossa: The Russian-German Conflict 1941-1945*. Londres, 1965.
- Clissold, Stephen. *Whirlwind: An Account of Marshal Tito's Rise to Power*. Londres, 1949.
- Clive, Nigel. *A Greek Experience 1943-1948*. Salisbury, Wiltshire, 1985.
- Coates, W. P.; Coates, Zelda K. *A History of Anglo-Soviet Relations*. Londres, 1943.
- Cole, Hugh M. *United States Army in World War II: The European Theater of Operations, The Ardennes, The Battle of the Bulge*. Washington D.C., 1965.
- Collier, Basil. *The Defence of the United Kingdom*. Londres, 1957.
- Collier, Richard. *1940: The World in Flames*. Londres 1979.
- _____. *1941: Armageddon*. Londres, 1981.
- Collins, Larry; Lapierre, Dominique. *Is Paris Burning?* Londres, 1965.
- Commission de Crimes de Guerre. *Bande*. Liège, 1945.
- Connell, John. *Wavell, Scholar and Soldier To June 1941*. Londres, 1964.
- Cooper, Alan W. *Bombers over Berlin: The RAF Offensive November 1943-March 1944*. Londres, 1985.
- Cooper, R. W. *The Nuremberg Trial*. Londres, 1947.
- Costello, John. *The Pacific War*. Londres, 1985.
- Council for the Preservation of Monuments to Resistance and Martyrdom. *Scenes of Fighting and Martyrdom Guide – War Years in Poland 1939-1945*. Varsóvia, 1968.
- Cox, Geoffrey. *The Red Arms Moves*. Londres, 1941.
- Craven, Wesley Frank; Cate, James Lea (org.). *The Army Air Force in World War II*. 7 vols. Chicago, 1953-65.
- Cruickshank, Charles. *The German Occupation of the Channel Islands*. Londres, 1975.
- _____. *Deception in World War II*. Oxford, 1979.
- _____. *SOE in the Far East*. Oxford, 1983.
- Czarnomski, F. B. (org.). *They Fight for Poland: The War in the First Person*. Londres, 1941.
- Czech, Danuta (org.). “Kalendarium der Ereignisse im Konzentrationslager Auschwitz-Birkenau”. *Hefte von Auschwitz*. Oswiecim, 1960-64.
- Dalleck, Robert. *Franklin D. Roosevelt and American Foreign Policy, 1932-1945*. Nova York, 1979.
- Dallin, Alexander. *German Rule in Russia 1941-45*. Nova York, 1957.
- Dalton, Hugh. *The Fateful Years – Memoirs 1931-1945*. Londres, 1957.

- Dawidowich, Lucy S. (org.). *A Holocaust Reader*. Nova York, 1976.
- Deacon, Richard. *The Silent War: A History of Western Naval Intelligence*. Londres, 1988.
- Deakin, F. W. *The Brutal Friendship: Mussolini, Hitler, and the Fall of Italian Fascism*. Nova York, 1966.
- Deakin, F. W.; Storry, G. R. *The case of Richard Sorge*. Londres, 1966.
- Dedijer, Vladimir. *Tito speaks – His self portrait and struggle with Stálin*. Londres, 1953.
- De Gaulle, Charles. *War Memoirs – Volume One: The Call to Honour, 1940-1942, Documents*. Londres, 1955.
- _____. *War Memoirs – The Call to Honour, 1940-1942*. Nova York, 1955.
- De Jong, L. *Holland Fights the Nazis*. Londres, 1941.
- Delmer, Sefton. *The Counterfeit Spy*. Londres, 1973.
- Denfield, D. Colt. "The Air Raid on Dutch Harbour". *After the Battle*, no 62. Londres, 1988.
- Derry, T. K. *The Campaign in Norway*. Londres, 1952.
- Deschner, Günther. *Heydrich: The Pursuit of Total Power*. Londres, 1981.
- D'Este, Carlo. *Bitter Victory: The Battle for Sicily, July-August 1943*. Londres, 1988.
- Distel, Barbara. "29th April 1945: The Liberation of the Concentration Camp at Dachau". *Dachau Review*, vol. 1. Dachau, 1988.
- Divine, A. D. *Dunkirk*. Londres, 1945.
- Djilas, Milovan. *Wartime*. Londres, 1977.
- Djurovic, Gradimir. *The Central Tracing Agency of the International Committee of The Red Cross*. Genebra, 1986.
- Dodds-Parker, Douglas. *Setting Europe Ablaze: Some Account of Ungentlemanly Warfare*. Londres, 1984.
- Donnison, F. S. V. *British Military Administration in the Far East 1943-46*. Londres, 1956.
- Douglas-Hamilton, James. *Motive for a Mission: The Story Behind Hess's Flight to Britain*. Londres, 1971.
- _____. *The Air Battle for Malta: The Diaries of a Fighter Pilot*. Edimburgo, 1981.
- Drozdov, Georgi; Ryabko, Evgenii. *Russia at War, 1941-45*. Londres, 1987.
- Dulles, Allen. *The Secret Surrender*. Nova York, 1966.
- Dunand, Georges. *Ne perdez pas leur trace!*. Neuchâtel, 1951.
- Dunin-Wasowicz, Krysztof. *Resistance in the Nazi Concentration Camps 1933-1945*. Varsóvia, 1982.
- Dunlop, E. E. *The War Diaries of Weary Dunlop, Java and the Burma-Thailand Railway 1942-1945*. Wheathampstead, Hertfordshire, 1987.
- Eckman, Lester; Lazar, Chaim. *The Jewish Resistance: The history of the Jewish Partisans in Lithuania and White Russia during the Nazi Occupation, 1940-1945*. Nova York, 1977.
- Egbert, tenente-coronel Lawrence D. (org.). *Trial of The Major War Criminails Before the International Military Tribunal, Nuremberg 14th November 1945-1st October 1946*. 42 vols. Nuremberg, 1947-1949.
- Ehrman, John. *Grand Strategy, Volume V, August 1943-September 1944*. Londres, 1956.
- _____. *Grand Strategy, Volume VI, October 1944-August 1945*. Londres, 1956.

- Eiler, Keith E. (org.). *Wedemeyer on War and Peace*. Stanford, California, 1987.
- Eisenhower, Dwight D. *Crusade in Europe*. Londres, 1948.
- Ellis, Major L. F. *The War in France and Flanders, 1939-1940*. Londres, 1953.
- Erez, Tsvi. "Hungary, Six Days in July 1944". *Holocaust and Genocide Studies*, vol. 3, no 1. Oxford, 1988.
- Erickson, John. *The Road to Stalingrad: Stálin's War with Germany*. Vol. 1. Londres, 1975.
- _____. *The Road to Berlin: Stalin's War with Germany*. Vol. 2. Londres, 1983.
- _____. *Main Front: Soviet Leaders Look Back on World War II*. Londres, 1987.
- Farago, Ladislás. *The Game of the Foxes: British and German Intelligence Operations and Personalities which Changed the Course of the Second World War*. Londres, 1971.
- Farran, Roy. *Winged Dagger: Adventures on Special Service*. Londres, 1948.
- Favez, Jean-Claude. *Une mission impossible: Le Comité International de la Croix-Rouge, les déportations et les camps de concentrations nazis*. Lausanne, 1988.
- Federation of Jewish Communities in Yugoslavia. *Studies, Archival and Memorial Materials about the Jews in Yugoslavia*. Belgrado, 1979.
- Ferrell, Robert H. (org.). *The Eisenhower Diaries*. Nova York, 1981.
- Fest, Joachim C. *Hitler*. Londres, 1974.
- Fleischner, Eva. "Can the Few become the Many? Some Catholics in France who saved Jews during the Holocaust". *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.
- Fleming, Gerald. *Hitler and the Final Solution*. Londres, 1985.
- Foot, M. R. D. *SOE in France: An Account of the Work of the British Special Operations Executive in France 1940-1944*. Londres, 1966.
- Footitt, Hilary; Simmonds, John. *France, 1943-1945*. Leicester, 1988.
- Foster, Tony. *Meetings of Generals*. Toronto, 1986.
- Franco, Hizkia M. *Les martyrs juifs de Rhodes et de Cos*. Elizabethville, 1952.
- Frank, Anne. *The Diary of Anne Frank*. Londres, 1954.
- Frank, Hans. *Hans Frank Diary*. Varsóvia, 1961.
- Freeman, Julie D. "German Views of the Holocaust as Reflected in Memories", *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.
- Freeman, Michael. *Atlas of Nazi Germany*. Beckenham, Kent, 1987.
- Friedhoff, Herman. *Requiem for the Resistance: The Civilian Struggle Against Nazism in Holland and Germany*. Londres, 1988.
- Friedlander, Saul. *Pius XII and the Third Reich*. Nova York, 1966.
- Friedman, Philip. *Roads to Extinction: Essays on the Holocaust*. Nova York e Filadélfia, 1980.
- Fuller, Jean Overton. *Noor-un-nisa Inayat Khan (Madeleine), George Cross, MBE, Croix de Guerre with Gold Star*. Londres 1988.
- Fursdon, major-general Edward. "The Japanese Surrender". *After the Battle*, no 50. Londres, 1985.
- Gadja, Stan. "Air-raid on Broome". *After the Battle*, no 28. Londres, 1980.

- Gander T. J. "The Fukuryu, Japanese Suicide Divers and the Defence of Japan, 1945". *World War II Investigator*, vol. 1, no 4. Londres, julho de 1988.
- Gaon, Solomon; Sereis, M. Mitchell. *Sephardim and the Holocaust*. Nova York, 1987.
- Georg, Enno. *Die Wirtschaftlichen Unternehmungen Der SS*. Stuttgart, 1963.
- Geraghty, Tony. *March or Die: France and the Foreign Legion*. Londres, 1986.
- Ghosh, K. K. *Indian National Army*. Meerut, 1969.
- Gilbert, Martin. *Auschwitz and the Allies*. Londres, 1981.
- _____. *The Holocaust: The Jewish Tragedy*. Londres, 1986.
- _____. *Surviving the Holocaust: The Kovno Ghetto Diary*. Cambridge, Massachusetts, 1989.
- Gill, Anton. *The Journey Back From Hell: Conversations with Concentration Camp Survivors*. Londres, 1988.
- Ginns, Michael. "The Granville Raid". *After the Battle*, no 47. Londres, 1985.
- Gjelsvik, Torge. *Norwegian Resistance 1940-1945*. Londres, 1979.
- Gladkov, Teodor. *Operation Bragation, 1944*. Moscou, 1980.
- Glantz, David M. "August Storm, Soviet Tactical and Operational Combat in Manchuria, 1945", *Leavenworth Papers*, no 8. Combat Studies Institute. Fort Leavenworth, Kansas, junho de 1983.
- _____. "The Soviet Airborne Experience". *Research Survey* no 4. Combat Studies Institute. Fort Leavenworth, Kansas, novembro de 1984.
- Goldberg, Anatol. *Ilya Ehrenburg, Writing, Politics and the Art of Survival*. Londres, 1984.
- Goldberger, Leo (org.). *The Rescue of the Danish Jews: Moral Courage Under Stress*. Nova York, 1987.
- Gorlitz, Walter (org.). *The Memoirs of Field-Marshal Keitel*. Londres, 1965.
- Graham, Dominick. "For you the war is over". *World War II Investigator*, vol. 1, no 9. Londres, dezembro de 1988.
- Gray, Brian. *Basuto Soldiers in Hitler's War*. Maseru, Basutoland, 1953.
- Green, coronel John H. "The Battles for Cassino". *After the Battle*, no 13. Londres, 1976.
- _____. "Anzio". *After the Battle*, no 52. Londres, 1986.
- Grenville, J. A. S. *The Major International Treaties 1914-1973. A History and Guide with Texts*. Londres, 1974.
- Gretton, vice-almirante Sir Peter. *Convoy Escort Commander*. Londres, 1964.
- Griess, Thomas E. (org.). *The Second World War: Asia and the Pacific*. Wayne, Nova Jersey, 1984.
- _____. *The Second World War: Europe and the Mediterranean*. Wayne, Nova Jersey, 1984.
- Griffith, Hubert. *RAF In Russia*. Londres, 1942.
- Gross, Jan Tomasz. *Polish Society Under German Occupation: The General Gouvernement 1939-1944*. Princeton, Nova Jersey, 1979.
- Groves, Leslie R. *Now It Can Be Told: The Story of the Manhattan Project*. Nova York, 1962.
- Guedalla, Philip. *Middle East 1940-1942: A Study in Air Power*. Londres, 1944.
- Guillain, Robert. *I Saw Tokyo Burning: An Eyewitness Narrative from Pearl Harbour to Hiroshima*. Londres, 1981.

- Gurdus, Luba Krugman. *The Death Train: A Personal Account of a Holocaust Survivor*. Nova York, 1978.
- Gutman, Yisrael. *The Warsaw Ghetto, 1939-1943*. Bloomington, Indiana, 1985.
- Gutman, Yisrael; Krakowski, Shmuel. *Unequal Victims, Poles and Jews During World War Two*. Nova York, 1986.
- Gwyer, J. M. A.; Butler, J. R. M. *Grand Strategy, Volume III, July 1941-August 1942*. Londres, 1964.
- Hachiya, Michihiko. *Hiroshima Diary: The Journal of a Japanese Physician, August 6th – September 30th, 1945*. Londres, 1955.
- Hall, J. W. (org.). *Trial of William Joyce*. Londres, 1946.
- Hamilton, Charles. *Leaders and Personalities of the Third Reich, Their Biographies, Portraits and Autographs*. San José, California, 1984.
- Handel, Michael I. (org.). *Strategic and Operational Deception in the Second World War*. Londres, 1987.
- Hansell, major-general Haywood S. *Strategic Air War Against Japan*. Washington D.C., 1980.
- Hanson, Joanna K. M. *The Civilian Population and the Warsaw Uprising of 1944*. Cambridge, 1982.
- Harriman, W. Averell; Abel, Elie. *Special Envoy to Churchill and Stalin 1941-46*. Londres, 1976.
- Harris, Roger. *Islanders Deported*. Channel Islands, 1980.
- Harrison, D. I. *These Men are Dangerous: The Special Air Service at War*. Londres, 1957.
- Harrison, Kenneth. *The Brave Japanese*. Adelaide, 1966.
- Harrison-Ford, Carl (org.). *Fighting Words: Australian War Writing*. Melbourne, 1986.
- Hashimoto, Mochitsura. *Sunk The Story of the Japanese Submarine Fleet 1942-1945*. Londres, 1954.
- Hastings, Max. *Das Reich, Resistance and the March of the 2nd SS Panzer Division through France, June 1944*. Londres, 1981.
- Haswell, Jock. *The Intelligence and Deception of the D-Day Landings*. Londres, 1979.
- Hawkins, Desmond; Boyd, Donald (org.). *War Report: A Record of Dispatches Broadcast by the BBC's War Correspondents with the Allied Expeditionary Force, 6th June 1944-5th May 1945*. Londres, 1946.
- Herzstein, Robert Edwin. *Waldheim: The Missing Years*. Londres, 1988.
- Hilberg, Raul. *The Destruction of the European Jews*. Nova York, 1981.
- _____. *Documents of Destruction, Germany and Jewry 1933-1945*. Londres, 1972.
- Hillesum, Etty. *Letters from Westerbork*. Londres, 1987.
- Hinsley, F. H.; Thomas, E. E.; Simkins, C. A. G; Ransom, C. F. G.. *British Intelligence in the Second World War, its Influence on Strategy and Operations*. 3 vols. Londres, 1979-1988.
- His Majesty's Stationery Office. *Indictment presented to the International Military Tribunal sitting at Berlin on 18th October 1945*. Londres, 1945.
- _____. *British Merchant Vessels Lost or Damaged by Enemy Action During Second World War, 3rd September 1939 to 2nd September 1945*. Londres, 1947.

- _____. *Ships of the Royal Navy: Statement of Losses During the Second World War, 3rd September 1939 to 2nd September, 1945*. Londres, 1947.
- Hoffenberg, Sam. *Le camp de Poniatowa: la liquidation des derniers juifs de Varsovie*. Paris, 1988.
- Höhne, Heinz. *The Order of the Death's Head: The Story of Hitler's SS*. Londres, 1969.
- Hosking, Geoffrey. *A History of the Soviet Union*. Londres, 1985.
- Howard, Michael. *Grand Strategy, Volume IV, August 1942-September 1943*. Londres, 1972.
- Hughes, John Craven. *Getting Hitler into Heaven – Based on the Previously Untranslated Memoirs of Heinz Linge, Hitler's Valet and Confidant*. Londres, 1987.
- Hunt, Ray C.; Norling, Bernard. *Behind Japanese Lines: An American Guerrilla in the Philippines*. Lexington, Kentucky, 1986.
- Hyde, A. R. "Pearl Harbor, Then and Now". *After the Battle*, no 38. Londres, 1982.
- Hyde, H. Montgomery. *The Quiet Canadian: The Secret Service Story of Sir William Stephenson*. Londres, 1962.
- _____. *Stalin: The History of a Dictator*. Londres, 1971.
- _____. *The Atom Bomb Spies*. Londres, 1980.
- Hymoff, Edward. *The OSS in World War II*. Nova York, 1986.
- Inber, Vera. *Leningrad Diary*. Londres, 1971.
- International Committee of the Red Cross. *Documents Relating to the Work of the International Committee of the Red Cross for the Benefit of Civilian Detainees in German Concentration Camps between 1939 and 1945*. Genebra, 1975.
- International Military Tribunal. *The Trial of the War Criminals*. 42 vols. Nuremberg, 1947-9.
- Iranek-Osmecki, Kazimierz. *He Who Saves One Life*. Nova York, 1971.
- Irving, David. *Hitler's War*. Londres, 1977.
- Isely, Jeter A.; Crowl, Philip A. *The U. S. Marines and Amphibious War, its Theory, and its Practice in the Pacific*. Princeton, Nova Jersey, 1951.
- Jacobsen, Dr. Hans-Adolf; Rohwer, Dr. Jürgen (org.); *Decisive Battles of World War II: The German View*. Londres, 1965.
- Jaksch, Wenzel. *Europe's Road to Potsdam*. Londres, 1963.
- Jankowski, T.; Weese, E. (org.). *Documents on Polish-Soviet Relations, 1939-1945*. Vol. 1. Londres, 1961.
- Johnson, Brigadier G. D. "The Battle of Hong Kong". *After the Battle*, no 46, Londres, 1984.
- Jones, Robert Hunn. *The Roads to Russia: United States Lend-Lease To The Soviet Union*. Norman, Oklahoma, 1969.
- Jones, R. V. *Most Secret War: British Scientific Intelligence 1939-1945*. Londres, 1978.
- Jones, Vincent C. *Manhattan: The Army and the Atomic Bomb*. Washington D.C., 1985.
- Joseph, Francis. "Flying the World's First Jet Bomber". *World War II Investigator*, vol. 1, no 8. Londres, Novembro de 1988.
- Jurado, Carlos Caballero. *Resistance Warfare 1940-45*. Londres, 1985.
- Kagan, Lord. *Knight of the Ghetto*. Londres, 1975.
- Kahn, David. *Hitler's Spies: German Military Intelligence in World War II*. Londres, 1978.

- Katz, Robert. *Death in Rome*. Londres, 1967.
- Kedward, H. R. *Resistance in Vichy France: A Study of Ideas and Motivation in the Southern Zone 1940-1942*. Oxford, 1978.
- Keegan, John. *Who Was Who in World War II*. Londres, 1978.
- _____. *Six Armies in Normandy: From D-Day to the Liberation of Paris*. Londres, 1982.
- Kennedy, Ludovic. *Menace: The Life and Death of the Tirpitz*. Londres, 1979.
- Kennett, Lee. G. I.: *The American Soldier in World War II*. Nova York, 1987.
- Kenrick, Donald; Puxon, Grattan. *The Destiny of Europe's Gypsies*. Londres, 1972.
- Kermish, Joseph. *The Destruction of the Jewish Community of Piotrkow by the Nazis During World War II*. Tel Aviv, 1965.
- _____. *To Live with Honor and Die with Honor! Selected Documents from the Warsaw Ghetto Underground Archives*. Jerusalém, 1986.
- Kersaudy, François. *Churchill and De Gaulle*. Londres, 1981.
- Kimmel, contra-almirante Husband E. *Admiral Kimmel's Story*. Chicago, 1955.
- King George's Jubilee Trust. *The Royal Family in Wartime*. Londres, 1945.
- Kitroeff, Alexandros. "Greek Wartime Attitudes Towards the Jews in Athens". *Forum*, no 60. Jerusalém, verão de 1987.
- Klarsfeld, Serge. *Memorial to the Jews Deported from France, 1942-1944*. Nova York, 1983.
- _____. *The Children of Izieu: A Human Tragedy*. Nova York, 1985.
- _____. *The Struthof Album: Study of the Gassing at Natzweiler-Stuthof of 86 Jews whose Bodies were to Constitute a Collection of Skeletons. A Photographic Document*. Nova York, 1985.
- _____. "The Upper Echelons of the Clergy and Public Opinion Force Vichy France to put an end, in September 1942, to its Broad Participation in the Hunt for Jews". *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.
- Klarsfeld, Serge; Steinberg, Maxime. *Mémorial de la déportation des juifs de Belgique*. Mechelen, Bélgica, 1982.
- Klenfeld, Gerald R.; Tambs, Lewis A. *Hitler's Spanish Legion: The Blue Division in Russia*. Carbondale e Edwardsville, Illinois, 1979.
- Kless, Shlomo. "The Rescue of Jewish Children in Belgium During the Holocaust". *Holocaust and Genocide Studies*, vol. 3, no 3. Oxford, 1988.
- Knightley, Phillip. *The Second Oldest Profession: The Spy as Bureaucrat, Patriot, Fantasist and Whore*. Londres, 1986.
- Knott, Richard C. *Black Cat Raiders of WWII*. Nova York, 1981.
- Knox, MacGregor. *Mussolini Unleashed, 1939-1941. Politics and Strategy in Fascist Italy's Last War*. Cambridge, 1982.
- Koch, H. W. *The Hitler Youth, Origins and Development 1922-45*. Nova York, 1976.
- Kochan, Miriam. *Britain's Internees in the Second World War*. Londres, 1983.
- Koliopoulos, John S. *Greece and the British Connection 1935-1941*. Oxford, 1977.
- Konev, I. *Year of Victory*. Moscou, 1969.

- Krakowski, Shmuel. *The War of the Doomed: Jewish Armed Resistance in Poland, 1942-1944*. Nova York, 1984.
- Kulka, Erich. *Escape from Auschwitz*. South Hadley, Massachusetts, 1986.
- Laffin, John. *Brassey's Battles: 3,500 Years of Conflict, Campaigns and Wars from A-Z*. Londres, 1986.
- Lanzmann, Claude. *Shoah: An Oral History of the Holocaust*. Nova York, 1985.
- Laqueur, Walter; Breitman, Richard. *Breaking the Silence*. Nova York, 1986.
- Le Chêne, Evelyn. *Mauthausen: The History of a Death Camp*. Londres, 1971.
- Le Tissier, Tony. *The Battle of Berlin*. Londres, 1988.
- Leach, Barry A. *German Strategy Against Russia 1939-1941*. Oxford, 1973.
- Leiser, Erwin. *Nazi Cinema*. Londres, 1974.
- Leonard, Charles J. "Okinawa". *After the Battle*, no 43. Londres, 1984.
- Levi, Primo. *Survival in Auschwitz*. Nova York, 1959.
- Levin, Nora. *The Holocaust: The Destruction of European Jewry 1933-1945*, Nova York, 1968.
- Lewis, Laurence. *Echoes of Resistance: British Involvement with the Italian Partisans*. Tunbridge Wells, Kent, 1985.
- Liddell Hart, B. H. (org.). *The Rommel Papers*. Londres, 1953.
- Lifton, Robert Jay. *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*. Nova York, 1986.
- Lindsay, capitão Martin; Johnston, capitão M. E. *History of 7th Armoured Division, June 1943-July 1945*. Alemanha, setembro de 1945.
- Littlejohn, David. *Foreign Legions of the Third Reich – Volume 2: Belgium, Great Britain, Holland, Italy and Spain*. San José, Califórnia, 1981.
- Littman, Sol. *War Criminal on Trial: The Rauca Case*. Toronto, 1983.
- Lochner, Louis P. (org.). *The Goebbels Diaries*. Londres, 1948.
- Lockwood, Douglas. *Australia's Pearl Harbor: Darwin 1942*. Melbourne, 1966.
- Longhurst, Henry. *Adventure in Oil: The Story of British Petroleum*. Londres, 1959.
- Longmate, Norman. *The Doodle-Bugs: The Story of the Flying Bombs*. Londres, 1981.
- _____. *The Bombers: The RAF Offensive Against Germany 1939-1945*. Londres, 1983.
- _____. *Hitler's Rockets: The Story of the V-2*. Londres, 1985.
- Lucas Phillips, C. E., *Victoria Cross Battles of the Second World War*. Londres, 1973.
- Lund, Paul; Ludlam, Harry. *PQ 17, Convoy to Hell: The Survivors' Story*. Londres, 1968.
- Macdonald, J. F. *The War History of Southern Rhodesia*. 2 vols. Salisbury, Rodésia do Sul, 1947 e 1950.
- Macdonald, John. *Great Battles of World War II*. Londres, 1986.
- Macintyre, Donald. *The Battle of the Atlantic*. Londres, 1961.
- _____. *The Battle of the Pacific*. Londres, 1966.
- Mack, Joanna; Humphries, Steve. *The Making of Modern London 1939-1945: London at War*. Londres, 1985.
- Mackenzie, Compton. *Mr. Roosevelt*. Londres, 1943.
- MacLaren, Roy. *Canadians Behind Enemy Lines 1939-1945*. Vancouver, 1981.

- Maclean, Fitzroy. *Disputed Barricade: The Life and Times of Josip Broz-Tito, Marshal of Yugoslavia*. Londres, 1957.
- Madeja, W. Victor. *The Russo-German War, Summer-Autumn 1943*. Allentown, Pensilvânia, 1987.
- Manchester, William. *The Arms of Krupp, 1587-1968*. Boston, 1964.
- _____. *American Caesar Douglas MacArthur, 1880-1964*. Londres, 1979.
- _____. *Goodbye, Darkness: A Memoir of the Pacific War*. Nova York, 1979.
- Manning, Paul. *Hirohito: The War Years*. Nova York, 1986.
- Manstein, marechal de campo Erich von. *Lost Victories*. Londres, 1958.
- Manus, Ukachukwu Chris. "Roman Catholicism and the Nazis. A Review of the Attitude of the Church during the Persecutions of the Jews in Hitler's Europe". *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.
- Manvell, Roger; Fraenkel, Heinrich. *The Canaris Conspiracy: The Secret Resistance to Hitler in the German Army*. Londres, 1969.
- Maresch, Boguslaw (org.). *Stutthof Historie Guide*. Gdansk, 1980.
- Margry, Karel. "The Ambushing of SS-General Hanns Rauter". *After the Battle*, no 56. Londres, 1987.
- Marrus, Michael R.; Paxton, Robert O. *Vichy France and the Jews*. Nova York, 1981.
- Martin, tenente-general H. J.; Orpen, coronel Neil D. *Eagles Victorious: The Operations of the South African Forces over the Mediterranean and Europe, in Italy, the Balkans and the Aegean, and from Gibraltar and West Africa*. Cidade do Cabo, 1977.
- Martin, Ralph. *World War II, A Photographic Record of the War in the Pacific From Pearl Harbor to V-J Day*. Greenwich, Connecticut, 1955.
- _____. *The G. I. War 1941-1945*. Boston, 1967.
- Maser, Werner (org.). *Hitler's Letters and Notes*. Londres, 1974.
- Mason, John T., Jr. (org.). *The Pacific War Remembered: An Oral History Collection*. Annapolis, Maryland, 1986.
- Masterman, J. C. *The Double-Cross System In the War of 1939 to 1945*. Londres, 1972.
- Matsas, Joseph. *The Participation of the Greek Jews in the National Resistance (1940-1944)*. Janina, 1982.
- Mayer, S. L. (org.). *The Japanese War Machine*. Londres, 1976.
- McKee, Alexander. *Caen, Anvil of Victory*. Londres, 1984.
- Mead, Peter. *Order Wingate and the Historians*. Branton, Devon, 1987.
- Messenger, Charles. *The Commandos, 1940-1946*. Londres, 1985.
- _____. *Hitler's Gladiator: The Life and Times of Oberstgruppenführer and Panzergeneral-Oberst der Waffen-SS Sepp Dietrich*. Londres, 1988.
- Michelis, Meir. *Mussolini and the Jews, German-Italian Relations and the Jewish Question in Italy*. Oxford, 1978.
- Middlebrook, Martin. *The Nuremberg Raid 30th-31st March 1944*. Londres, 1973.
- _____. *The Peenemünde Raid: The Night of 17th-18th August 1943*. Londres, 1982.

- _____. *The Schweinfurt-Regensburg Mission. American Raids on 17th August 1943*. Londres, 1983.
- _____. *The Berlin Raids and RAF Bomber Command: Winter 1943-44*. Londres, 1988.
- Milazzo, Matteo J. *The Chetnik Movement and the Yugoslav Resistance*. Baltimore, 1975.
- Military Intelligence Division, US War Department. *German Military Intelligence 1939-1945*. Frederick, Maryland, 1984.
- Millar, George. *The Bruneval Raid: Flashpoint of the Radar War*. Londres, 1974.
- Miller, John, Jr. *United States Army in World War II. The War in the Pacific. Guadalcanal: The First Offensive*. Washington D.C., 1949.
- Mills, Walter. *This Is Pearl! The United States and Japan, 1941*. Nova York, 1947.
- Ministry of Information. *Front Line, 1940-41. The Official Story of the Civil Defense of Britain*. Londres, 1942.
- _____. *The Campaign in Greece and Crete*. Londres, 1942.
- Ministry of National Defence. *The Canadians in Britain 1939-1944*. Ottawa, 1945.
- Mitcham, Samuel W. Jr. *Hitler's Field Marshals and their Battles*. Londres, 1988.
- Mocq, dr. Jean-Marie. *Ascg 1944: la nuit la plus longue*. Lille, 1984.
- Modelski, Tadeusz. *The Polish Contribution to the Ultimate Allied Victory in the Second World War*. Worthing, Sussex, 1986.
- Molho, Michael. *In Memoriam: Hommage aux Victimes Juives des Nazis en Grèce*. Salônica, 1973.
- Mollo, Andrew. "Dachau". *After the Battle*, no 27. Londres, 1980.
- Molony, brigadeiro C. J. C. *The Mediterranean and Middle East. Volume V: The Campaign in Sicily 1943 and the Campaign in Italy, 3rd September 1943 to 31st March 1944*. Londres, 1973.
- _____. *The Mediterranean and Middle East. Volume VI: Victory in the Mediterranean*. Londres, 1984.
- Morgan-Witts, Max; Thomas, Gordon. *Ruin from the Air: The Atomic Mission to Hiroshima*. Londres, 1977.
- Morison, Samuel Eliot. *History of United States Naval Operations in World War II*. 15 vols. Londres, 1948-1962.
- Morton, Louis. *United States Army in World War II. The War in the Pacific: The Fall of the Philippines*. Washington D.C., 1968.
- Moss, Norman. *Klaus Fuchs: The Man Who Stole the Atom Bomb*. Londres, 1987.
- Mrazek, James E. *The Fall of Eben Emael: Prelude to Dunkirk*. Londres, 1972.
- Mueller, Ralph; Turk, Jerry. *Report After Action: The Story of the 103 D Infantry Division*. Innsbruck, 1945.
- Muggeridge, Malcolm (org.). *Ciano's Diary 1939-1945*. Londres, 1947.
- Müller-Hill, Benno. *Murderous Science, Elimination by Scientific Selection of Jews, Gypsies, and others. Germany 1933-1945*. Oxford, 1988.
- Neave, Airey. *Saturday at M.I.9: A history of Underground Escape Lines in North-West Europe in 1940-5 by a Leading Organiser at M.I.9*. Londres, 1969.

- Nichols, David (org.). *Ernie's War: The Best of Ernie Pyle's World War II Dispatches*. Nova York, 1986.
- North, John. *N-W Europe 1944-5: The Achievement of 2nd Army Group*. Londres, 1953.
- Novitch, Miriam. *Sobibor: Martyrdom and Revolt, Documents and Testimonies*. Nova York, 1980.
- Nussbaum, Chaim. *Chaplain on the River Kwai: Story of a Prisoner of War*. Nova York, 1988.
- Pabst, Helmut. *The Outermost Frontier: A German Soldier in the Russian Campaign*. Londres, 1986.
- Padfield, Peter. *Dönitz: The Last Führer*. Londres, 1984.
- Pallud, Jean Paul. "SDE Operation Pimento". *After the Battle*, no 26. Londres, 1979.
- _____. "Budapest". *After the Battle*, no 40. Londres, 1983.
- _____. "Operation Merkur: The German Invasion Of Crete". *After the Battle*, no 47. Londres, 1985.
- Papagos, general Alexander. *The Battle of Greece 1940-1941*. Atenas, 1949.
- Parton, James. *"Air Force Spoken Here": General Ira Eaker and the Command of the Air*. Bethesda, Maryland, 1986.
- Pavlov, Dmitri, V. *Leningrad 1941: The Blockade*. Chicago, 1965.
- Pedersen, Bent. "The Aarhus Attack". *After the Battle*, no 54. Londres, 1986.
- Perrault, Gilles. *The Red Orchestra*. Londres, 1968.
- Phayer, Michael. "Margarete Sommer, Berlin Catholics, and Germany's Jews 1939-1945". *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.
- Plant, Richard. *The Pink Triangle: The Nazi War Against Homosexuals*. Nova York, 1986.
- Playfair, major-general I. S. O. *The Mediterranean and Middle East. Volume I: The Early Successes against Italy (to May 1941)*. Londres, 1954.
- _____. *The Mediterranean and Middle East. Volume II: The Germans come to the Help of their Ally (1941)*. Londres, 1956.
- Pogue, Forrest C. *George C. Marshall, Ordeal and Hope, 1939-1942*. Londres, 1968.
- Polish Air Force Association. *Destiny Can Wait: The Polish Air Force in the Second World War*. Londres, 1949.
- Polish Doctor, A. *I Saw Poland Suffer*. Londres, 1941.
- Polish Ministry of Information. *The German New Order in Poland*. Londres, 1941.
- Porter, Cathy; Jones, Mark. *Moscow in World War II*. Londres, 1987.
- Posner, Gerald L.; Ware, John. *Mengele: The Complete Story*. Londres, 1986.
- Presser, Jacob. *The Destruction of the Dutch Jews*. Nova York, 1969.
- Price, Billy F. *Adolf Hitler: The Unknown Artist*. Houston, Texas, 1984.
- Prittie, T. C. F.; Edwards, capitão W. Earle. *South to Freedom: A Record of Escape*. Londres, 1946.
- Pryce-Jones, David. *Paris in the Third Reich: A History of the German Occupation, 1940-1944*. Nova York, 1981.

- Putney, Diane T. (org.). *ULTRA and the Army Air Forces in World War II*. Washington D.C., 1987.
- Puvogel, Ulrike. *Gedenkstätten für die Opfer des Nationalsozialismus. Eine Dokumentation*. Bonn, 1987.
- Quigley, Harold S. *Far Eastern War 1937-1941*. Boston, 1942.
- Raiber, dr. R. "The Führerhauptquartiere". *After the Battle*, no 19. Londres, 1977.
- Ramsey, Winston G. "Normandy 1944-1973". *After the Battle*, no 1. Londres, 1973.
- _____. "Arnheim". *After the Battle*, no 2. Londres, 1973.
- _____. "The Battle of the Bulge". *After the Battle*, no 4. Londres, 1973.
- _____. "Eben-Emael". *After the Battle*, no 5. Londres, 1974.
- _____. "German spies in Britain". *After the Battle*, no 11. Londres, 1976.
- _____. "Crossing the Rhine". *After the Battle*, no 16. Londres, 1977.
- _____. "The Assassination of Reinhard Heydrich". *After the Battle*, no 24. Londres, 1979.
- _____. "The Lady be Good". *After the Battle*, no 25. Londres, 1979.
- _____. "Christmas Eve 1944, Massacre at Bande". *After the Battle*, no 30. Londres, 1980.
- _____. "The Execution of Eddie Slovik". *After the Battle*, no 32. Londres, 1981.
- _____. "St Malo 1944". *After the Battle*, no 33. Londres, 1981.
- _____. "Germany Surrenders". *After the Battle*, no 48. Londres, 1985.
- _____. "Europe's Last VC". *After the Battle*, no 49. Londres, 1985.
- _____. "The Rüsselheim Death March". *After the Battle*, no 57. Londres, 1987.
- Rashke, Richard. *Escape from Sobibor*. Boston, 1982.
- Rautkallio, Hannu. *Finland and the Holocaust: The Rescue of Finland's Jews*. Nova York, 1987.
- Ready, J. Lee. *The Forgotten Axis, Germany's Partners and Foreign Volunteers in World War II*. Jefferson, Carolina do Norte, 1987.
- Reed, John. "Operation Jericho, The Amiens Raid". *After the Battle*, no 28. Londres, 1980.
- _____. "The Cross-Channel Guns". *After the Battle*, no 29. Londres, 1980.
- _____. "Assault on Walcheren: Operation Infatuate". *After the Battle*, no 36. Londres, 1982.
- Reitlinger, Gerald. *The Final Solution: The Attempt to Exterminate the Jews of Europe 1939-45*. Londres, 1953.
- Rely, Achiel. "Disaster at Antwerp, April 5th 1943". *After the Battle*, no 42. Londres, 1983.
- _____. "The Notorious Fort Breendonk". *After the Battle*, no 51. Londres, 1986.
- Reynaud, Paul. *In the Thick of the Fight 1930-1945*. Londres, 1955.
- Rhodes, Richard. *The Making of the Atomic Bomb*. Nova York, 1988.
- Richards, Denis. *Royal Air Force 1939-1945: The Fight at Odds 1939-1941*. Londres, 1953.
- Richards, Denis; Saunders, Hilary St. George. *Royal Air Force 1939-1945: The Fight Avails 1941-1943*. Londres, 1954.
- Rings, Werner. *Life with the Enemy: Collaboration and Resistance in Hitler's Europe 1939-1945*. Nova York, 1982.
- Robertson, John. *Australia at War 1939-1945*. Melbourne, 1981.
- Robinson, Nehemiah. *Indemnification and Reparations: Jewish Aspects*. Nova York, 1944.

Rohwer, Jürgen. *Axis Submarine Successes 1939-1945*. Cambridge, 1983.

Rolf, David. *Prisoners of the Reich: Germany's Captives 1939-1945*. Londres, 1988.

Romanus, Charles F.; Sunderland, Riley. *United States Army in World War II, China-Burma-India Theater, Stillwell's Mission to China*. Washington D.C., 1966.

Roskill, capitão S. W. *The War at Sea 1939-1945*. 3 vols. Londres, 1959-61.

Rowe, Vivian. *The Great Wall of France: The Triumph of the Maginot Line*. Londres, 1959.

Royal Institute of International Affairs. *Chronology of the Second World War*. Londres, 1947.

Rubenstein, Philip (org.). *Report on the Entry of Nazi War Criminals and Collaborators into the UK 1945-1950*. Londres, 1988.

Ruby, Mareei. *F Section SOE. The Buckmaster Networks*. Londres, 1988.

Russell of Liverpool, lorde. *The Scourge of the Swastika: A Short History of Nazi War Crimes*. Londres, 1954.

_____. *The Knights of the Bushido: A Short History of Japanese War Crimes*. Londres, 1958.

Salisbury, Harrison E. *The 900 Days: The Siege of Leningrad*. Londres, 1986.

Salmaggi, Cesare; Pallavisini, Alfred. *2.194 Days of War: An Illustrated Chronology of the Second World War*. Londres, 1979.

Saunders, Andy. "The Last Flight of the only Battle of Britain VC". *After the Battle*, no 30. Londres, 1980.

Saunders, Hilary St George. *Combined Operations: The Official Story of the Commandos*. Nova York, 1943.

_____. *Royal Air Force 1939-1945: The Fight is Won*. Londres, 1954.

Sawyers, L. A.; Mitchell, W. H. *The Liberty Ships: The History of the "Emergency" Type Cargo Ships Constructed in the United States during the Second World War*. Londres, 1980.

Schäfer, Ernst (org.). *Ravensbrück*. Berlim, 1960.

Schmidt, Maria. "Margit Slachta's Activities in Support of Slovakian Jewry 1942-43". *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.

Schneider, Gertrude. *Journey into Terror: Story of the Riga Ghetto*. Nova York, 1979.

_____. *Muted Voices: Jewish Survivors of Latvia Remember*. Nova York, 1987.

Schofield B. B. *The Russian Convoys*. Londres, 1964.

Schwarberg, Günther. *The Murders at Bullenhuser Damm: The SS Doctors and the Children*. Bloomington, Indiana, 1984.

Scutts, Jerry. *Lion in the Sky: US 8th Air Force Fighter Operations 1942-45*. Wellingborough, Northamptonshire, 1987.

Selwyn, Francis. *Hitler's Englishman: The Crime of Lord Haw-Haw*. Londres, 1987.

Seth, Ronald. *Jackals of the Reich: The Story of the British Free Corps*. Londres, 1982.

Sevillias, Errikos. *Athens-Auschwitz*. Atenas, 1983.

Sharipov, Akram. *War Heroes: Stories about the Heroism of Soviet Soldiers 1941-1945*. Moscou, 1984.

Sharp, Tony. *The Wartime Alliance and the Zonal Division of Germany*. Oxford, 1975.

- Shelah, M. "The Catholic Church in Croatia, the Vatican and the Murder of the Croatian Jews". *Remembering for the Future. Jews and Christians During and After the Holocaust*. Oxford, 1988.
- Sherwood, John M. *Georges Mandel and the Third Republic*. Stanford, California, 1970.
- Sherwood, Robert E. *The White House Papers of Harry L. Hopkins*. 2 vols. Londres, 1948 e 1949.
- Shirer, William L. *Berlin Diary: The Journal of a Foreign Correspondent 1934-1941*. Londres, 1941.
- _____. *The Rise and Fall of the Third Reich. A History of Nazi Germany*. Londres, 1960.
- Shores, Christopher; Cull, Brian; Malizia, Nicola. *Air War for Yugoslavia, Greece and Crete 1940-41*. Londres, 1987.
- Shortal, John R. *Forged by Fire: General Robert L. Eichelberger and the Pacific War*. Columbia, Carolina do Sul, 1987.
- Simpson, Christopher. *Blowback: U. S. Recruitment of Nazis and its Effects on the Cold War*. Nova York, 1988.
- Slim, marechal de campo Sir William. *Defeat into Victory*. Londres, 1956.
- Sloan, Jacob (org.). *Notes from the Warsaw Ghetto: The Journal of Emanuel Ringelblum*. Nova York, 1958.
- Slowe, Peter; Woods, Richard. *Battlefield Berlin, Siege, Surrender and Occupation, 1945*. Londres, 1988.
- Smolen, Kazimierz (org.). *From the History of K. L. Auschwitz*. Oswiecim, 1967.
- _____. *K. L. Auschwitz seen by the SS*. Oswiecim, 1978.
- Snyder, Louis L. *Encyclopedia of the Third Reich*. Londres, 1976.
- Snydor, Charles W. Jr. *Soldiers of Destruction: The SS Death's Head Division 1933-1945*. Princeton, Nova Jersey, 1977.
- Solovyov, Boris. *The Battle on the Kursk Salient (The Crushing of Operation Citadel)*. Moscou, 1979.
- Spaight, J. M. *The Battle of Britain, 1940*. Londres, 1941.
- Spector, Ronald H. *Eagle Against the Sun: The American War with Japan*. Nova York, 1984.
- Speer, Albert. *Inside the Third Reich*. Londres, 1970.
- Stacey, coronel C. P. *The Canadian Army 1939-1945: An Official Historical Summary*. Ottawa, 1948.
- Stein, George H. *The Waffen SS: Hitler's Elite Guard at War 1939-1945*. Londres, 1966.
- Steinberg, Lucien. *Not as a Lamb: The Jews against Hitler*. Glasgow, 1974.
- Stewart, Adrian. *Guadalcanal: World War II's Fiercest Naval Campaign*. Londres, 1985.
- Stewart, I. McD. G. *The Struggle for Crete 20th May-1st June 1941: A Story of Lost Opportunity*. Londres, 1966.
- Strong, major-general Sir Kenneth. *Intelligence at the Top: The Recollections of an Intelligence Officer*. Londres, 1968.
- Swinson, Arthur. *Kohima*, Londres, 1966.
- Szajkowski, Zosa (org.). *Analytical Franco-Jewish Gazeteer 1939-1945*. Nova York, 1966.

- Taylor, Fred (org.). *The Goebbels Diaries 1939-1941*. Londres, 1982.
- Taylor, James; Shaw, Warren (org.). *A Dictionary of the Third Reich*. Londres, 1987.
- Taylor, Telford. *The Breaking Wave: The German Defeat in the Summer of 1940*. Londres, 1967.
- Tec, Nechama. *When Light Pierced the Darkness: Christian Rescue of Jews in Nazi-Occupied Poland*. Nova York, 1986.
- Tennyson Jesse F.; Harwood, H. M. *London Front: Letters written to America, August 1939-July 1940*. Londres, 1940.
- Terraine, John. *The Right of the Line: The Royal Air Force in the European War 1939-1945*. Londres, 1985.
- Thomas, David A. *Battle of the Java Sea*. Londres, 1968.
- _____. *Nazi Victory in Crete 1941*. Nova York, 1973.
- Thomas, Nigel; Abbott, Peter. *Partisan Warfare 1940-1945*. Londres, 1985.
- Thorne, Christopher. *The Far Eastern War, States and Societies, 1941-1945*. Londres, 1986.
- Tillion, Germaine. *Ravensbrück*. Garden City, Nova York, 1975.
- Toland, John. *Adolf Hitler*. Nova York, 1976.
- Toynbee, Arnold; Toynbee, Veronica M. (org.). *The Initial Triumph of the Axis*. Londres, 1958.
- Tregenza, Michael. "Belzec Death Camp". *The Wiener Library Bulletin*, vol. 30. Londres, 1977.
- Tremlett, P. E. (org.). *Thomas Cook Overseas Timetable*. Londres, novembro-dezembro de 1988.
- Trepper, Leopold. *The Great Game: The Story of the Red Orchestra*. Londres, 1977.
- Trevor-Roper, H. R. (org.). *The Last Days of Hitler*. Londres, 1947.
- _____. *Hitler's Table-Talk 1941-1944*. Londres, 1953.
- _____. *Hitler's War Directives 1939-1945*. Londres, 1964.
- Trunk, Isaiah. *Jewish Responses to Nazi Persecution: Collective and Individual Behavior in Extremis*. Nova York, 1979.
- Tusa, Ann; Tusa, John. *The Nuremberg Trial*. Londres, 1983.
- Tyrnauer, Gabrielle. *Gypsies and the Holocaust: A Bibliography and Introductory Essay*. Montreal, 1989.
- United Nations Relief and Rehabilitation Administration. *Death Marches (Marches de la mort), Routes and Distances*. Central Tracing Bureau, 28 de maio de 1946.
- United States Strategic Bombing Survey. *The Effects of the Atomic Bomb on Hiroshima, Japan*. Washington D.C., 1947.
- Verity, Hugh. *We Landed by Moonlight: Secret RAF Landings in France 1940-1944*. Shepperton, Surrey, 1978.
- Voronkov, Nikolai. *900 Days: The Siege of Leningrad*. Moscou, 1982.
- Vrba, Rudolf; Bestic, Alan. *I Cannot Forgive*. Londres, 1963.
- Warhaftig, Zorach. *Uprooted, Jewish Refugees and Displaced Persons After Liberation*. Nova York, 1946.
- Warlimont, Walter. *Inside Hitler's Headquarters 1939-45*. Londres, 1964.

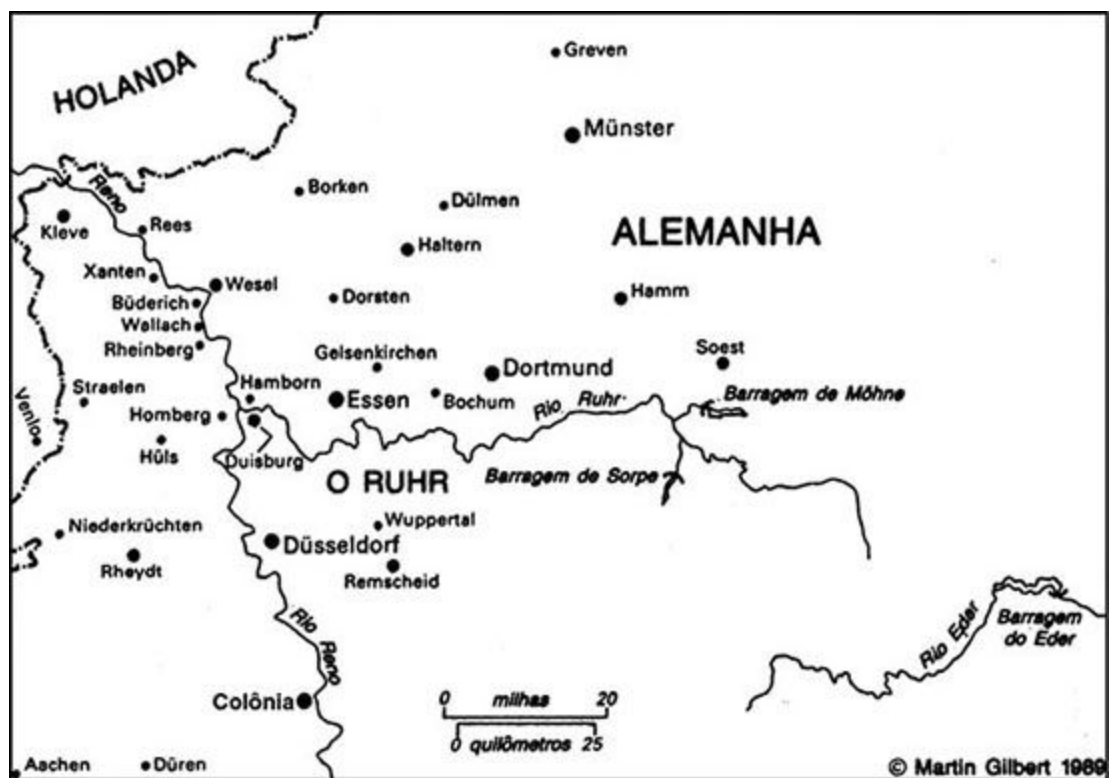
- Warmbrunn, Werner. *The Dutch under German Occupation 1940-1945*. Stanford, California, 1963.
- Warner, Geoffrey. *Iraq and Syria 1941*. Londres, 1974.
- Warner, Philip. *The Secret Forces of World War II*. Londres, 1985.
- Warner, Lavinia; Sandilands, John. *Women Beyond the Wire: A Story of Prisoners of the Japanese 1942-45*. Londres, 1982.
- Watson, Betty. *Miracle in Hellas: The Greeks Fight On*. Londres, 1943.
- Watts, Franklin (org.). *Voices of 1942-43: Speeches and Papers of Roosevelt, Churchill, Stalin, Chiang, Hitler and other leaders, Delivered During 1942*. Nova York, 1943.
- Webster, Sir Charles; Frankland, Noble, *The Strategic Air Offensive Against Germany, 1939-1945*. 4 vols. Londres, 1961.
- Werth, Alexander. *The Last Days of Paris: A Journalist's Diary*. Londres, 1940.
- _____. *Moscow '41*. Londres, 1942.
- _____. *Leningrad*. Londres, 1944.
- _____. *The Year of Stalingrad: An Historical Record and a Study of Russian Mentality, Methods and Policies*. Londres, 1946.
- _____. *Russia at War 1941-1945*. Londres, 1964.
- West, Nigel. *MI5: British Security Service Operations 1909-1945*. Londres, 1981.
- _____. *MI6: British Secret Intelligence Service Operations 1909-45*. Londres, 1983.
- _____. *GCHQ: The Secret Wireless War 1900-86*. Londres, 1987.
- Wheeler, Harold. *The People's History of the Second World War September 1939-December 1940*. Londres, 1941.
- Wheeler, Richard. *Iwo*. Nova York, 1980.
- Wheeler-Bennett, John W. *King George VI, His Life and Reign*. Londres, 1958.
- Whiting, Charles. *Massacre at Malmédy: The Story of Jochen Peiper's Battle Group Ardennes, December 1944*. Londres, 1971.
- Willis, John. *Churchill's Few: The Battle of Britain Remembered*. Nova York, 1987.
- Willoughby, major-general Charles A. *Sorge: Soviet Master Spy*. Londres, 1952.
- Willoughby, major-general Charles A.; Chamberlain, John. *MacArthur 1941-1951: Victory in the Pacific*. Londres, 1956.
- Wills, Henry. "British Invasion Defences". *After the Battle*, no 14. Londres, 1976.
- Wilmot, Chester. *The Struggle for Europe*. Londres, 1952.
- Winant, John G. *A Letter from Grosvenor Square: An Account of a Stewardship*. Londres, 1947.
- Winn, Godfrey. *P.Q.17*. Londres, 1947.
- Winton, John. *Ultra at Sea*. Londres, 1988.
- Wiskemann, Elizabeth. *Europe of the Dictators 1919-1945*. Londres, 1966.
- Wistrich, Robert. *Who's Who in Nazi Germany*. Londres, 1982.
- Woodward, Sir Llewellyn. *British Foreign Policy in the Second World War*. Londres, 1962.
- Worm-Muller, professor Jacob. *Norway's Revolt Against Nazism*. Londres, 1941.

- Yeremyev, Leonid. *USSR in World War II Through the Eyes of Friends and Foes*. Moscou, 1985.
- Yerger, Mark C. *Otto Weidinger: Knights Cross With Oak Leaves and Swords*. Winnipeg, Manitoba, 1987.
- Zawodny, J. K. *Nothing but Honour: The Story of the Warsaw Uprising, 1944*. Londres, 1978.
- Zee, Henri A. van der. *The Hunger Winter: Occupied Holland 1944-5*. Londres, 1982.
- Zevin, B. D. (org.). *Nothing to Fear: The Selected Addresses of Franklin Delano Roosevelt 1932-1945*. Londres, 1947.
- Zhukov, marechal da União Soviética G. *Reminiscences and Reflections*. 2 vols. Moscou, 1985.
- Ziegler, Philip. *Mountbatten*. Londres, 1985.
- Zuccotti, Susan. *The Italians and the Holocaust: Persecution, Rescue and Survival*. Londres, 1987.

Mapas regionais



ALEMANHA



O RUR



A ALEMANHA DO ELBA AO ODER



A ALEMANHA ORIENTAL, A PRÚSSIA ORIENTAL, A POLÔNIA E OS ESTADOS
BÁLTICOS



A RÚSSIA OCIDENTAL



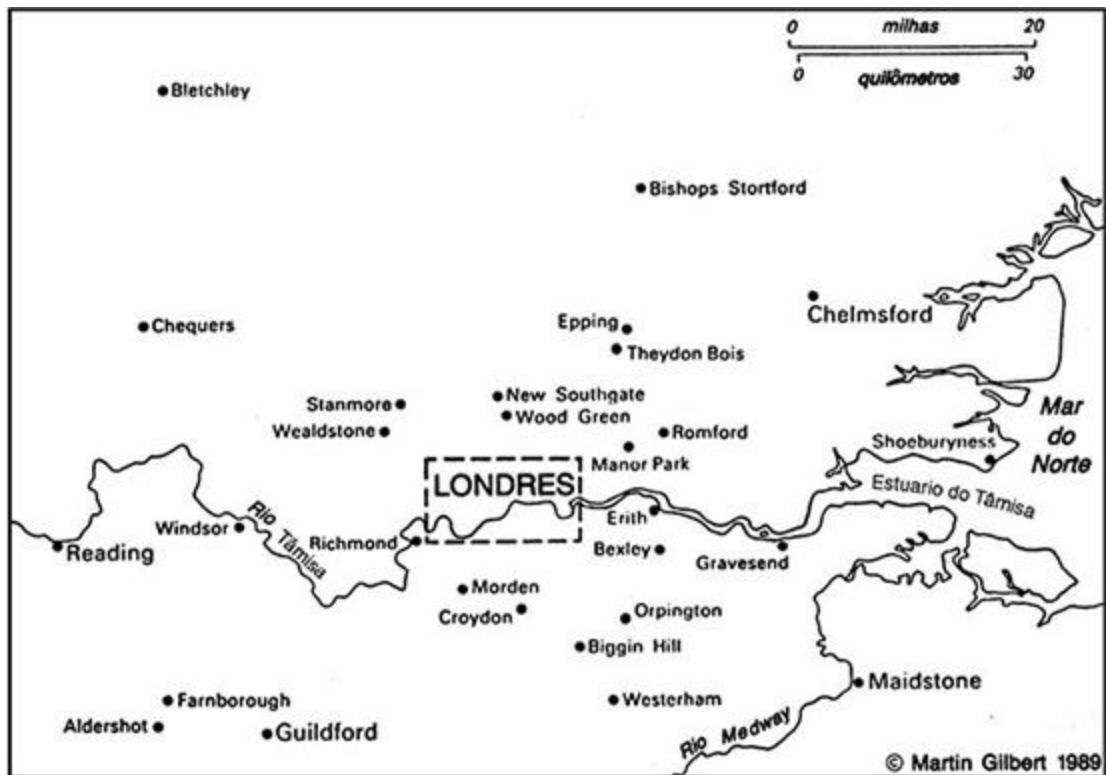
FRANÇA



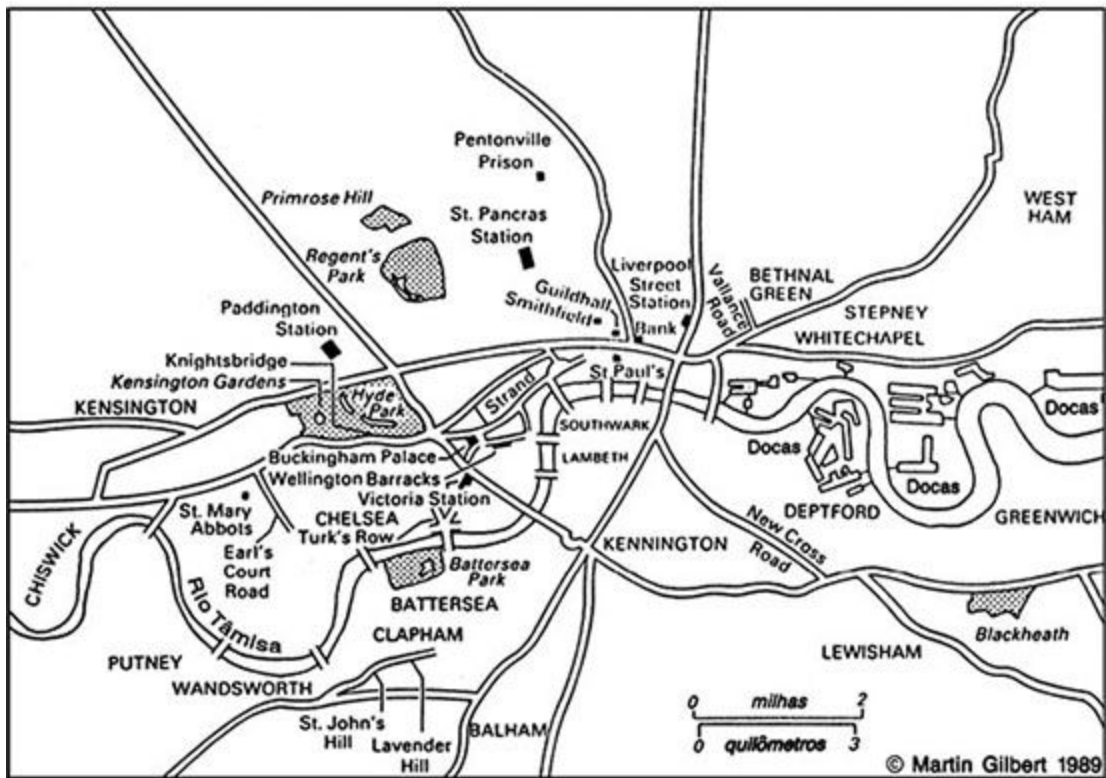
HOLANDA



GRÃ-BRETANHA



O VALE DO TÂMISA



LONDRES



O NORTE DE ITÁLIA



ÁUSTRIA, ESLOVÁQUIA, HUNGRIA E IUGOSLÁVIA



O MEDITERRÂNEO



A FRONTEIRA EGÍPCIO-LIBANESA



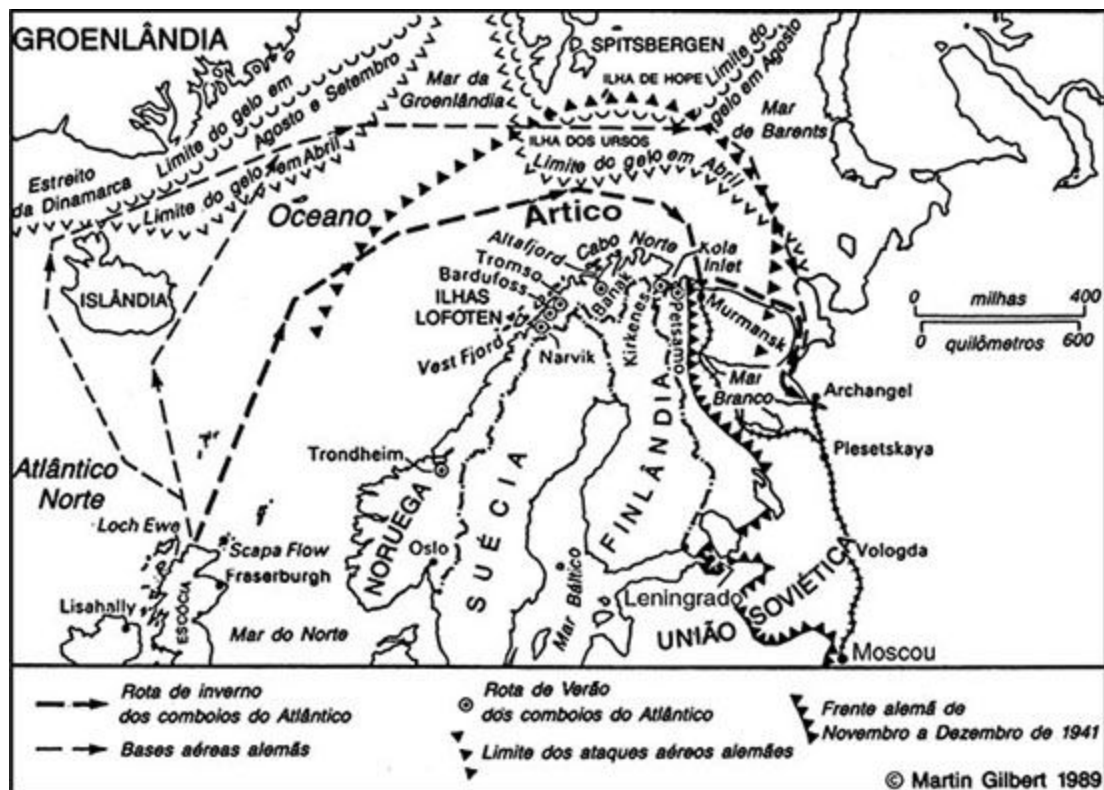
AS ILHAS DO DODECANESO



SUL DA IUGOSLÁVIA, BULGÁRIA, GRÉCIA E CRETA



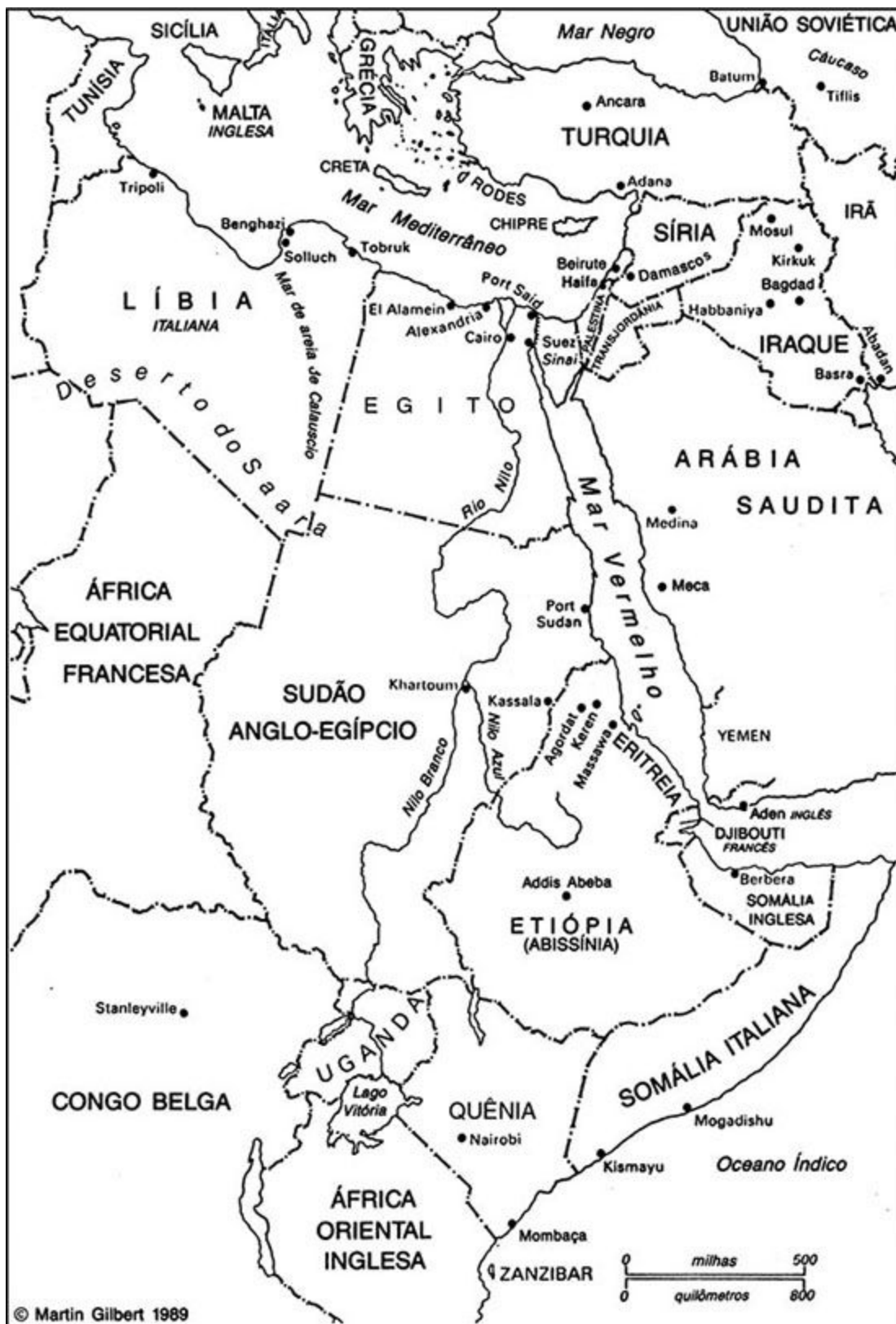
A ESCANDINÁVIA E O BÁLTICO



OS COMBOIOS DO ÁRTICO



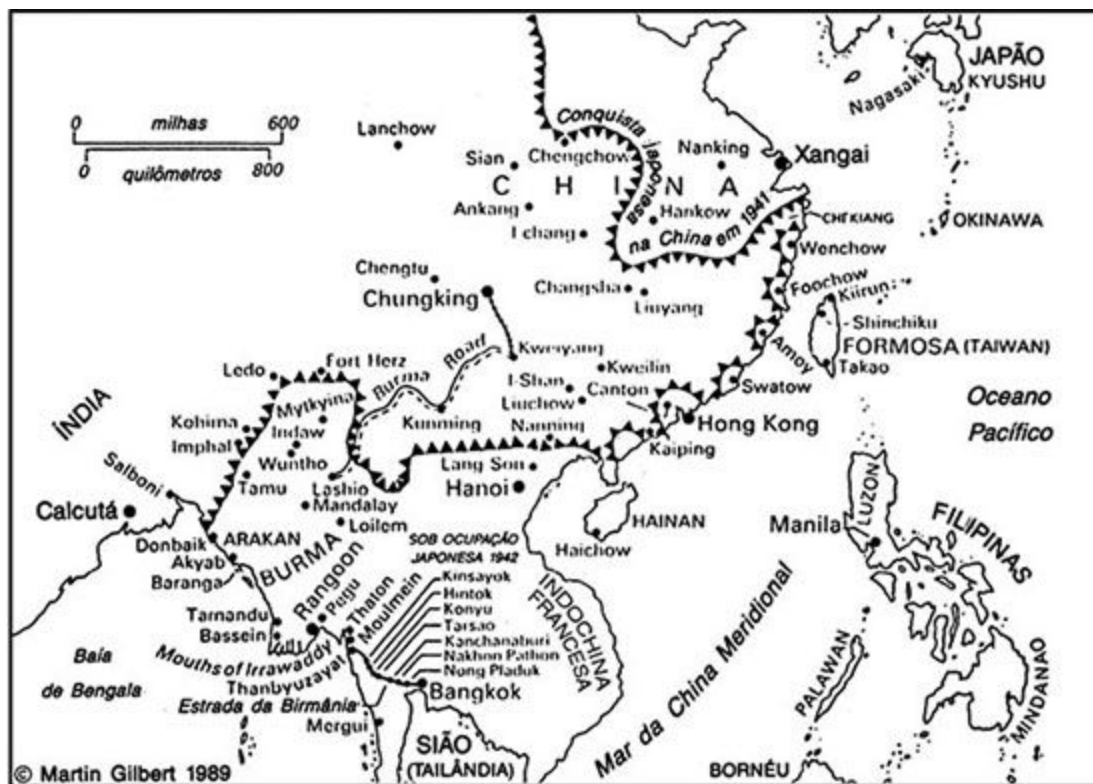
O OCEANO ATLÂNTICO



ÁFRICA ORIENTAL E O MÉDIO ORIENTE

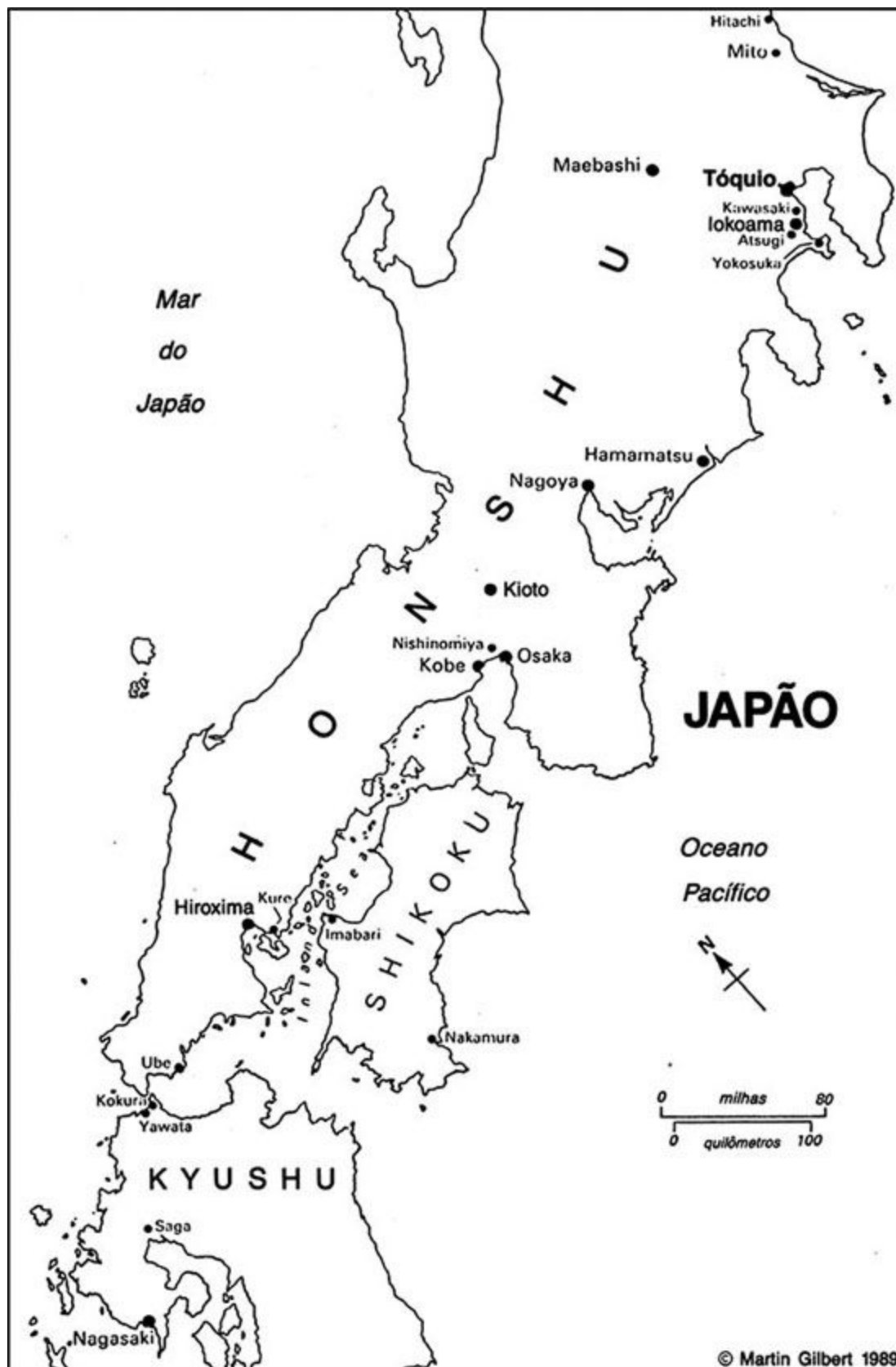


O OCEANO ÍNDICO



BIRMÂNIA, INDOCHINA E CHINA

AS FILIPINAS E AS ÍNDIAS ORIENTAIS HOLANDESAS



JAPÃO



ESTADOS UNIDOS



A COSTA ORIENTAL DOS ESTADOS UNIDOS



NOVA GUINÉ E AS ILHAS SALOMÃO

Agradecimentos

Na preparação deste livro, fui auxiliado por muitas pessoas, que me forneceram material histórico, responderam às minhas variadas solicitações ou me encaminharam a fontes documentais. Pela ajuda em várias questões envolvendo detalhes históricos, agradeço a Olivier Everett, bibliotecário dos Royal Archives, e a Pamela Clark, arquivista. Ao longo de muitos anos, fui particularmente ajudado pelo Dr. Christopher Dowling, do Departamento de Serviços do Museu Imperial da Guerra em Londres, e, em tudo o que diz respeito aos serviços de rastreio de emissões e a muitos aspectos da história militar, naval e aérea, por Edward Thomas, cuja boa vontade em guiar meus passos muito apreciei.

Numa vasta gama de assuntos históricos, recebi também ajuda considerável de Winston G. Ramsey, fundador e editor da revista *After the Battle* e pioneiro do retorno aos locais onde ocorreram episódios da guerra e de sua exploração.

Fico em dívida com Larry Arnn, presidente do Instituto Claremont para o Estudo de Estadismo e Filosofia Política, e com seus colegas Steven Lenzer e Daniel C. Palm pelos numerosos esclarecimentos sobre os Estados Unidos.

Por responderem aos meus pedidos de informação e de material, devo agradecer a Rupert Allason (ou Nigel West); Ralph Amelan, dos arquivos do *Jerusalem Post*; F. Bartlett Watt; Mikhail Beizer; Jeremy Carver; Alan Clark; Reuven Dafni, vice-presidente do centro de estudos sobre o Holocausto Yad Vashem, em Jerusalém; Kingston Derry; Barbara Distei, do museu, arquivo e biblioteca KZ-Gedenkstätte Dachau; John Doble; professor John Erickson, do departamento de Defense Studies da Universidade de Edimburgo; professor M. R. D. Foot; Birthe N. Fraser, da embaixada da Dinamarca em Londres; Nechama Gal, do centro de estudos Yad Vashem; professor Yoav Gelber, da Universidade de Haifa;

Katherine Hafner; Peter Halban; Lizzie Haugbyrd, da embaixada da Dinamarca em Londres; Dr. Cameron Hazlehurst; Dr. Hugo Hungerbuhler, arquivista municipal em Zurique; Barbara Jones, do Registo de Embarques da Lloyd's; Alexander Kitroeff, do Centro de Estudos de Bizantino e Grego Moderno no Queen College em Nova York; Serge Klarsfeld; George Klein, da comissão do Memorial do Holocausto em Nova York; Igor Kotler; Dr. Samuel Krakowski, do centro de estudos Yad Vashem; Anita Lasker-Wallfisch; Wim van Leer; Norman Longmate; Lorraine Macknight, curadora do Memorial de Guerra da Austrália, em Camberra; H. V. S. Manral, do The High Commission of India em Londres; Sra. M. Milosavljevic, da embaixada da Iugoslávia em Londres; Kenneth Murphy, arquivista do *The Guardian*; G. W. Peters, da embaixada da França em Londres; Heidi Potter, do Centro de Informações da embaixada do Japão em Londres; David Pryce-Jones; Giorgio Guglielmino, do consulado-geral da Itália em Londres; F. de Rochemont, do Instituto Estatal Holandês para a Documentação de Guerra, em Amsterdã; Mikhail Salman; Eileen Schlesinger; monsenhor C. Sepe, da Secretaria de Estado do Vaticano; Michael Sherbourn; professor Shoji, do Escritório de Arquivos de Guerra em Tóquio; major H. Støvern, da embaixada da Noruega em Londres; Sra. C. Laken, da embaixada da Holanda em Londres; Jean Ring; tenente-coronel George Sunderland, do Royal Army Medical College em Londres; W. Tobies, da embaixada da República Federal da Alemanha; A. Vanhaecke, arquivista do Serviço de Arquivos em Le Havre; e Kurt Vonnegut.

Pela ajuda na seleção entre as milhares de folhas de material, estou em dívida com Jessica Wyma. Tim Aspden transformou meus esboços de mapas em representações da mais alta qualidade. A datilografia do manuscrito deste livro, assim como daqueles que o precederam durante mais de uma década, foi feita por Sue Rampton. Toda a correspondência e outras datilografias ficaram sob responsabilidade de Kay Thomson. A versão final do livro teve a revisão especializada de Peter James.

Em todas as fases, desde a concepção, fui encorajado por meu editor, David Roberts, e por Ben Helfgott, um sobrevivente do Holocausto, que me apoiou com sua notável sabedoria e seus conhecimentos.

Como em todos os meus livros, é à minha mulher Susie que devo a revisão meticulosa do texto e a determinação para chegar ao fim deste

projeto de uma história da Segunda Guerra Mundial que cobrisse todas as zonas de conflito e o sofrimento, heroísmo e sucesso de seus soldados e civis.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

- 1 A invasão da Polônia pela Alemanha Setembro de 1939
- 2 A Polónia derrotada Outubro de 1939
- 3 Guerra na Finlândia Novembro de 1939
- 4 O campo de batalha escandinavo Inverno de 1939-1940
- 5 A ofensiva alemã no Ocidente Maio de 1940
- 6 Dunquerque Maio de 1940
- 7 A batalha da França Junho de 1940
- 8 A agonia francesa e a determinação inglesa Junho-julho de 1940
- 9 A batalha da Inglaterra Agosto-setembro de 1940
- 10 “A guerra está ganha!” (Hitler) Outubro de 1940
- 11 A “nova ordem da tirania” (Roosevelt) Inverno de 1940-1941
- 12 A guerra se alastra Janeiro-março de 1941
- 13 A conquista alemã da Iugoslávia e da Grécia Abril de 1941
- 14 A queda de Creta e a guerra na África Abril-maio de 1941
- 15 A invasão da União Soviética pela Alemanha Junho de 1941
- 16 Terror no Leste Julho-agosto de 1941
- 17 Em direção a Leningrado, Moscou e Kiev Setembro de 1941
- 18 A União Soviética contra a parede Setembro-outubro de 1941
- 19 “Decidindo o destino da Europa” (Hitler) Novembro de 1941
- 20 Os limites da conquista alemã Dezembro de 1941
- 21 O Japão ataca Dezembro de 1941
- 22 “Já não estamos sós” (Churchill) Ano-Novo de 1942
- 23 Guerra total Fevereiro-abril de 1942
- 24 A expansão da resistência e do terror Verão de 1942
- 25 Vitórias do Eixo Julho de 1942
- 26 Guadalcanal, Dieppe e El Alamein Agosto-setembro de 1942
- 27 A batalha de Stalingrado e a operação Torch Setembro-outubro de 1942
- 28 A mudança da maré a favor dos aliados Inverno de 1942
- 29 Casablanca: o ensaio para a vitória Janeiro de 1943
- 30 Os exércitos alemães em perigo Fevereiro de 1943
- 31 “Empurrar o inimigo para o mar” (Montgomery) Primavera de 1943

[32 “A primeira quebra no Eixo” \(Roosevelt\) Verão de 1943](#)
[33 A Alemanha e o Japão em retirada Outono de 1943](#)
[34 “Sangrando até a morte no Leste” \(Goebbels\) Inverno de 1943](#)
[35 Anzio, Cassino e Kwajalein Janeiro-fevereiro de 1944](#)
[36 Bombardeamentos, deportações, assassinatos em massa Fevereiro-março de 1944](#)
[37 Resistência, sabotagem e farsa Primavera de 1944](#)
[38 O Dia D Junho de 1944](#)
[39 A Alemanha cercada Julho de 1944](#)
[40 As batalhas da Polônia e da França Verão de 1944](#)
[41 O agri-doce caminho da libertação Outono de 1944](#)
[42 No interior da Alemanha e rumo às Filipinas Setembro de 1944](#)
[43 Lutando palmo a palmo Inverno de 1944](#)
[44 Bombas voadoras, pilotos suicidas, marchas da morte Janeiro de 1945](#)
[45 Berlim, Manila, Dresden, Tóquio Fevereiro-março de 1945](#)
[46 O Eixo desbaratado; os aliados em conflito Março-abril de 1945](#)
[47 As mortes de Roosevelt, Mussolini e Hitler Abril de 1945](#)
[48 O fim da guerra na Europa Maio de 1945](#)
[49 A Alemanha derrotada, o Japão insubmisso Maio-julho de 1945](#)
[50 Alamogordo, Potsdam e Hiroshima Julho-agosto de 1945](#)
[51 A derrota do Japão Agosto de 1945](#)
[52 Retribuição e memória 1945-1952](#)
[53 “Negócios inacabados” 1953-](#)
[Bibliografia](#)
[Mapas regionais](#)
[Agradecimentos](#)